A Evolução Mística

Pe. Juan González Arintero, O.P.

PE. JUAN GONZÁLEZ ARINTERO, OP

A EVOLUÇÃO MÍSTICA

A EVOLUÇÃO MÍSTICA

PADRE JUAN GONZÁLEZ ARINTERO, O.P.

A EVOLUÇÃO MÍSTICA

E o desenvolvimento e vitalidade da Igreja

EDITORA CDB

A EVOLUÇÃO MÍSTICA

E o desenvolvimento e vitalidade da Igreja

Pe. Juan González Arintero, O.P.

EDITOR E COORDENADOR EDITORIAL Erisberto Filho
TRADUÇÃO José Eduardo Câmara
REVISÃO Erisberto Filho
APRESENTAÇÃO José Eduardo Câmara
CAPA Franklin William
DIAGRAMAÇÃO Audrey O.

G643e

Gonzalez Arintero, Juan, 1860-1928

A evolução mística e o desenvolvimento e vitalidade da Igreja / Padre Juan González Arintero ; [tradução: José Eduardo Câmara]. – Rio de Janeiro : Ed. CDB, 2019.

820 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-94424-17-4

1. Misticismo – Igreja Católica. I. Câmara, José Eduardo

II. Título.

CDD - 248.22

Roberta Maria de O.V. da Costa – Bibliotecária CRB-7 5587

Os direitos desta edição pertencem à EDITORA CDB
Rua México 3, 2º andar – Centro – Rio de Janeiro – RJ
CEP: 20031-144 – Telefone: (21) 98335-1236
E-mail: contato@centrodombosco.org



Pe. Juan González Arintero, O.P.
(1860-1928)

ORAÇÃO (USO PRIVADO) PARA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS PADRE JUAN GONZÁLEZ ARINTERO, RELIGIOSO DOMINICANO, GRANDE DIRETOR ESPIRITUAL, RESTAURADOR DOS ESTUDOS MÍSTICOS NA ESPANHA DO SÉCULO XX, APÓSTOLO DO AMOR MISERICORDIOSO.

Pai, cheio de amor e Deus de infinita misericórdia, lembra-te do zelo ardente que abrasava teu filho Juan González Arintero, frade dominicano, para dar a conhecer o Amor Misericordioso de teu Divino Coração, e concede-me por sua intercessão a graça que humildemente te peço como sinal de tua vontade de glorificar aquele que tanto trabalhou para que em todo o mundo fosse conhecido, amado, imitado e oferecido teu amado Filho Jesus como Amor Misericordioso. Por Jesus Cristo, Senhor Nosso. Amém.

Pede-se a graça que se deseja alcançar.

Pai Nosso, Ave Maria e Glória.

SUMÁRIO

ADVERTÊNCIAS DO AUTOR

1. Todas as nossas opiniões estão submetidas à correção e ao infalível ditame da Santa Mãe Igreja Católica, cujo sentido é o nosso, e em cujo seio queremos viver e morrer.
2. Em conformidade com os decretos pontifícios, as qualificações de santo ou venerável e outras análogas não têm mais valor que o de uma piedosa apreciação privada, sem ânimo de prevenir a irremediável autoridade da mesma Igreja.

ADVERTÊNCIAS DO EDITOR DESTA EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

1. Os livros I, II, III e IV Reis tiveram suas nomenclaturas alteradas. Nesta edição, alteramos conforme essa mudança para I e II Samuel e I e II Reis, respectivamente. Da mesma forma, as referências dos livros I e II Paralipômenos foram alteradas para I e II Livro das Crônicas, respectivamente.
2. Quando a obra original foi escrita, alguns santos não haviam ainda sido canonizados, como Santa Ângela de Foligno. Da mesma forma que ela, muitos outros nesta edição, ao invés de Servos de Deus ou Beatos, foram designados por Santos.

AGRADECIMENTO AOS COLABORADORES DA CAMPANHA "ESPIRITUALIDADE"

Por intermédio de uma campanha no site *editora.centrodombosco.org*, 695 pessoas contribuíram para vir à luz três livros sobre a espiritualidade católica, a saber: *Preparação para Morte*, de Santo Afonso; *Obras Seletas*, de Hugo e Ricardo de São Vítor, e, por fim, *A Evolução Mística*, do Padre Arintero. Listamos, abaixo, o nome destes beneméritos colaboradores:

Adilson Mafra Junior
Adriana Aparecida Vaz Marcon
Adriana Baêta Chaves Correia
Adriana Galloni
Adriane Melo
Adriel Marques
Adriel Tavares Salomão
Adroaldo Zaffamelli Pereira
Aglaia Paiva
Alair Pereira Magalhães
Alan Ébano De Oliveira
Alane Torres De Araújo Martins
Alaor Rabelo
Alcleir Chagas Silva
Aldo Gomes De Moraes
Alécio Davi Pereira
Alecio Rampazzo Neto
Alenucio Victor Da S. Campina
Alessandra Minicucci
Alessandro Demoner Ramos
Alessandro Júnior De Carvalho
Alessandro Pinto Inacio
Alessandro Taddei De C. Melo
Alessandro Teixeira Da Silva
Alex De Oliveira Nogueira
Alex Dias
Alex Gomes Tereza
Alex Peruzatto
Alexandre Cleverton De M. Silva
Alexandre Guimaraes Botelho
Alexandre Melo
Alexandre Altair De Melo
Alexandre Dantas C. Santos
Alexandre Krügner Constantino
Alexandre Ribas
Alisson Emiliano
Allan Maciel Lima De Athayde
Aloysio De Dias Filho
Altair Cardoso
Aluisio Dantas
Alvaro Dutra Henriques
Amaro De Aguiar
Ana Carolina Pimentel Delgado
Ana Claudia Silva
Ana Lucia Silva
Ana Luiza Gazzola Castro

Ana Paula De Oliveira Da Silva
Ana Paula De Prates
Ana Rita De Luna Freire Peixoto
Ana Roberta Mores
Anderson Cleiton Sales Rocha
Anderson De Oliviera
Anderson Affonso Palhares
Anderson Da Silva Bueno
André Barreto Alves
Andre Luis Porto Zacaron
André Bez
André Leite Monteiro
Andre Zaros
Andréa Barcelos Ferreira C. Faria
Andressa Francisca R. De Souza
Andrey Ivanov
Angela Aparecida Costa Petinatti
Angela Do Socorro V. S. Araujo
Angélica Lopes
Angelina Kuchnir
Angelo Antônio Macedo Leite
Angelo Jose De Negreiros Neto
Anisia Rodrigues Olivier Mundim
Anne Camila Cesar Silva
Antônio Carlos Soares
Antonio Celso A.Domingues
Antonio Francisco G. Da Fonseca
Antonio Sergio Viviani Vivinai
Antonio Dottori
Antônio Gomes V. Macedo Júnior
Antonio Morales
Antonio Oliveira
Arnaldo Da Silva P. Cavalcanti
Arthur Anderson Jácome Lopes
Arthur Danzi
Arthur Silva
Augusto Kranz
Aurelio Aranha Rodrigues Santos
Ayran Bogoni
Bárbara Louize Pinto
Belson Antonio Ribeiro
Bernardo Sampaio M. Machado
Bernardo Vieira Emerick
Bráulio Mendes
Brehnno Galgane Ivo Ferreira
Brendo Pagani
Bruna Carvalho
Bruna Seguenka
Bruno Carneiro
Bruno De Lima Schönhofen
Bruno Linhares
Bruno Mariani
Bruno Morhy
Bruno Tadeu Alvares
Caio Augusto Limongi Gasparini
Caio Gracco Fonseca Do Val
Caius Silva
Camilo Soares Leite De Lima
Carla Bianca Fagundes Mendonça
Carla Eidt
Carla Wagner
Carlos Alberto Pereira
Carlos Alexander De S. Castro
Carlos Cesar Fabris
Carlos Eduardo Santos Da Silva
Carlos Eduardo Ramos Rodrigues
Carlos Felipe Dos Santos E Silva
Carlos Fernandes
Carlos Nazareth Neves
Carlos Roberto S. Da Rocha
Carlos Nigro
Carlos Silva De Jesus
Carolina Ferreira Cordaro
Cássia Jeveaux
Cassiano Russo
Celina Maria Marques P. Pinheiro

Célio Antonio Pereira Junior
Célio Oda Moretti
Cesar De Oliveira.
Cesar Fischer Junior
Charles Bonemer Junior
Charles Chaves
Cíntia Germana M. Da Costa
Clarissa Peres Sanchez
Claudemiro Favareti
Claudia Bugarin
Cláudia Lima
Claudia Pereira
Claudia Ragassi
Claudiane De Carvalho Matos
Claudinei De Camargo
Claudio Oliveira
Claudio Titericz
Cleiton Oliveira
Cleuza Giustti
Cristiano Holtz Peixoto
Cristiano Vilanova
Cristina Botelho
Dafne De Souza
Dalva Milare Arruda Lodi
Daniel Antônio Jorge Rodrigues
Daniel Boneges Antoniolli
Daniel Renan Barbosa
Daniel Barbara
Daniel Becker
Daniel Carlos
Daniel Francisco De Morais
Daniel Gomes Rodrigues
Daniel Nunes Pecego
Daniel Oliveira
Daniel Tosi Torres
Daniela De Paula Moraes
Daniela Marques Mesquita
Daniela Sarzenski
Danilo Badaró Mendonça
Danilo Tavares De Freitas
Danilo Xavier
Davi Maia
David Vilela
Deborah Almeida Lucena
Denise A. G. dos Santos Almeida
Denise Torezan
Diácono Wellington Vilar Viana
Diego Rocha Silva
Diego Baltz
Diego Oliveira De Souza
Diogo Vieira Santos
Diogo Mendes
Diogo Njaine Borges
Djair Dias
Edesio Vieira Da Silva Filho
Edgar Da Silva Pereira Júnior
Edilberto Barreira Pinheiro Neto
Edna Ferreira Da Silva Siena
Edson Jose Gaedke
Edson Pereira Lo0pes
Eduardo Chaves Bueno
Eduardo Cirne Moreira
Eduardo Clementino
Eduardo Do Carmo
Eduardo Eliezer Figueiredo
Eduardo Fernandes
Eduardo Maciel Ribeiro
Elaine Cristina Dos S. Miranda
Eliana Fátima Matos Romanini
Eliana Atolini Costa
Elias José Portes Biral
Elizabeth Ferreira Dias
Emerson Varjão
Emilio Mariotto
Emmanuel Santana
Ércia Larisse Da Silva F. Dorn

Eric Augusto Moreira Da Silva
Erick Sodré
Ernani Lages
Ettore Nicolau Jose Da Rocha
Eudes José De Morais
Evanilde Aparecida Batista Vieira
Éverth Queiroz Oliveira
Fabiana Alves Teixeira Leite
Fabiano Santos Admiral
Fabio Leandro Santos Fenner
Fábio Vivan Pampado
Fábio De Carvalho
Fábio Fonseca De Oliveira
Fabio Paula Duboc De Araujo
Fabio Teixeira Da Silva
Fábio Velôzo
Fabiola Andressa M. Da Costa
Fabrício César Silva Freitas
Fabricio Esmeraldino De Jesus
Fatima E F Alves
Fátima Brunetto Leal
Fausto Alberto A. Gallina Gallina
Felipe Augusto Candido Sales
Felipe Almeida
Felipe Alves Longo
Felipe Costa Silva
Felipe Oliveira Vasallo
Felipe Pitote Da Silva Martins
Felipe Salvador
Fernanda Aguiar De A. Cunha
Fernanda Mascarin Passoni
Fernando Cardoso Oliveira
Fernando Cesar A. De Almeida
Fernando Gomes Dos S. Gomes
Fernando Cabral
Fernando Colonna Rosman
Fernando De Oliveira
Fernando Fermino
Fernando Hilário
Fernando Jacob
Fernando Morés
Fernando Muniz
Fernando Pereira De Araújo
Fernando Pereira Gomes Neto
Fernando Santos
Filipe Catapan
Filipe Melo
Flavia Ghelardi
Flavia Sobral Moura Falcão
Fortunato Baía Junior Baía
Fr. Wilter Gleiton C. Malveira
Frances Rossi
Francis De Souza
Francisco Hielton De Sou-
sa Castro Francisco Hielton
Francisco Jaeckson De Oliveira
Francisco Oliveira Lima
Francisco Queirolo
Frei Leandro Lima Barbosa O.P.
Gabriel Henrique Leite Marcelo
Gabriel Zavitoski Medeiros
Gabriel Carvalho
Gabriel Maciel Vieira
Gabriel Serpa Mendonça
Genésio Saraiva
Genilson Medeiros
George Luiz Da Silva Pinto
Georgetown Scardini
Geraldo Benites Moura
Geraldo Da Silva Côrtes
Geraldo Isaia
Geraldo Santos Silva
Gilberto C. De Oliveira Júnior
Gilberto Levulis
Gilmar Dias De Oliveira Santos
Gilson Cesar

Gilson Pires Santana
Giovanni Brolo
Gisele Sulsbach
Giselle Marques De Godoi Velasco
Glauco Marcelo Do Carmo
Glauquer Sávio Alves Da Silva
Graziele Nogueira Da Silva
Guilherme Augusto G.Manteiga
Guilherme Acurcio Barbosa
Guilherme Cunha De Carvalho
Guilherme Cunha Mello
Guilherme Gonçalves Pereira
Guilherme Tadeu A. De Soares
Guilhermo Bergamaschi
Gustavo Caldas
Gustavo Maria Vieira Da Costa
Gustavo Bertoche
Heide O. Reis
Heitor Carrulo
Helder Bito
Helenildo Mendes Dos Santos
Hemerson Felipe Bastos
Henrique Trad
Herado Pimenta Borges Filho
Herbeth Luiz Reis
Hernandes Corrêa Moreira
Heverton Rodrigues
Hugo Marcelo Barbosa
Hugo Zierth
Ian Sampaio De Freitas
Iara Faria
Ícaro Francisco
Ikaro Cavalcante De Araujo
Inácio Antônio De M. F. Antônio
Ines Elizabeth Morais Guedes
Iraci Dias Soares De Azevedo
Isaac Ramos
Ítalo César Alves De Oliveira
Italo Wilrison De Oliveira
Ítalo De Araújo
Ivan Arantes Junqueira D. Filho
Izabel Gomes Ribeiro
Jadilson Borges Moreira
Jailton Da Silva Soares
Jair Soares De Oliveira Segundo
Jairo De Farias Pavão
Janaina Casotti
Jander Pissinate
Janeclecio Araujo Dos Santos
Jardel Welson Alves Silva
Javier Duran
Jean Carlos Comandolli
Jeferson Freitas
Jefferson Andrade De Sousa
Jefferson Evaristo Do Nascimento Silva
Jefferson Fernandes Barbosa
Jefferson Silva Mello
Jhony Willian Nery De Souza
João Carlos Da Silva Ramos
João Gabriel De M. Guimarães
João Gonçalves Junior
João Henrique Corrêa
João Paulo De Carvalho Gavidia
Joao Paulo Caxile Barbosa
João Paulo Silva Ladeira
João Spencer Ferreira Da Costa Jr
João Victor Campos Da Silva
João Victor Leite Marchini
João Victor Nola Borges
João Hercides Hugen Miers
João Koehler
Joel Campos Maciel
Jorge Aguinaldo
Jorge Alves Feitoza Filho
José Anselmo Morais Leite
José Augusto Rento Cardoso

José Bertino Da Mota Filho Mota
Jose Charles B. Do Nascimento
José Cláudio Aguiar
Jose Euclides Feijão Neto
José Geraldo Vasconcelos Costa
Jose Henrique Perenne Fonseca
José Marciano De Souza Souza
José Moacyr Doretto Nascimento
José Tadeu De Barros Nóbrega
Jose Verginio Missão
José William Barbosa Costa
Jose Carlos
José Da Costa Neto
José Fernandes Júnior
Josefa Pereira Leite
Josemilton Fontes Cruz
Juarez Júnior
Julia Fernanda Mendes
Juliana Maria C. De Rodrigues
Juliana Dourado
Juliana Parente
Juliano Antonio Da Silva
Juliano De Souza
Juliano Serafim
Julio Cesar Andrade De Souza
Kacilene Assis Rocha
Kássia Maria Guimarães
Katiuce Mariano
Kellyton Sá Leite Sousa
Kenia Karine C. M. Gusmao
Kleber Eduardo Marigo
Klênia Maria Maia Dos S. Vieira
Lacton Lucas Carvalho
Laerte Lucas Zanetti
Lair França De Almeida
Larissa Dias
Larissa Lanna
Leandro Lara
Leandro Mello Ferreira
Lenita Schimitt
Leonardo Andrade Almeida
Leonardo Barbosa Sousa
Leonardo Dos Santos E Silva
Leonardo Gomes
Leonardo Rocha
Letícia Fernandes De Azevedo
Liara Bohn
Lilia Andreia Cardoso Bohn
Lilian Nunes De Lacerda
Lilian Teixeira Da Silveira
Lincoln O De Almeida
Lorena Wanderley Da N. De Sousa
Lori Olenik
Luã Lança
Luana Mourato Rocha
Lucas Dos Santos Rocha
Lucas Henrique F. De Mattos
Lucas Ricardo Spada
Lucas Zampieri Nuzda
Lucas Cassiano
Lucas Corrêa Mendes
Lucas Edson Lopes Vieira
Lucas Prieto
Lucas Ribeiro Pereira
Lucas Santos Martins
Lucas Torres
Lucas Valentim Binati
Lucca Santos
Luci Aparecida F. Da Silva Pillati
Luciana Barella
Luciana Bastos Pereira Dos Santos
Luís Augusto Cândido Garcia
Luís Carlos Rollsing
Luís Fernando Cardoso Dias
Luís Flávio Souza De Oliveira
Luís Ricardo Merten

Luis Cobo Pimentel
Luiz Antonio De Paula
Luiz Carlos Mendes De Oliveira
Luiz Eduardo Flores Ulrich
Luiz Eduardo Silva Parreira
Luiz Fernando Cunha Duarte
Luiz Mauricio Prado
Luiz Otávio Inácio Silva
Luzia Aparecida Caitano
Luzitânia Sena Dos Santos
Lya Ferreira
Lysandro Sandoval
Magno Almeida Nogueira
Mahatma Matri Sadan
Maira Beatriz Coutinho
Maíra Nogueira
Marcello Dantas
Marcelo A Peres
Marcelo Franscisco Matteussi
Marcelo Lira Santos
Marcelo Assiz Ricci
Marcelo Baggioto Pires
Marcelo Baruque
Marcelo Buracof
Marcelo Correia Pereira
Marcelo Freiman De S. Ramos
Marcelo Mostardeiro
Marcelo Oliveira Kacazu
Marcelo Santos Pinto
Marcia Moreira
Marcio André Bogéa
Márcio Cazarin Perdigão
Marcio Cesar Monteiro
Márcio Strapação
Márcio Valverde Martin
Marco A S Maia
Marco Antonio Costa
Marco Antonio Ferrão
Marco Antonio Gomez Benito
Marco Aurelio Pellens
Marco De Mattos
Marco Stollar
Marcos Antonio Sobral Silva
Marcos Aurélio G. Rabello
Marcos Bailo
Marcos Dias
Marelo Ferreira
Maria Berenice Rosa Vieira Sobral
Maria Carmina Di Petta
Maria Cecilia Machado De Barros
Maria Claudia Foggetti Martins
Maria Cristina Albe Olivato
Maria Da Paz Jesus
Maria Das Dores Vianez Tassinari
Maria Das Graças Leite Ferrão
Maria De Fátima Marão Santos
Maria De Fátima Ferreira
Maria De Fátima O. Remígio
Maria Eliani Nahid Soares
Maria Elizabeth De Faria Kindle
Maria Emilia Gondim Briand
Maria Geralda Faria
Maria Girlene Romão
Maria Lilia Paterno Castello
Maria Lúcia Maia Muribeca
Maria Paula Fernandes De Sá Reis
Maria Raquel Almeida Silveira
Maria Roza De Barros Barros
Maria Solange Brainer
Maria Amélia
Maria De Assis
Maria Macilene
Maria Slaviero
Mariana Guimarães Gómez
Mariane Sanches E L. Siqueira
Mariangela Francisco

Marilia Pinto
Mario Antonio Sesso Junior
Maristela Prado Dos Santos
Marli Cardoso Perazza
Marya Olímpia Pacheco
Mateus José De Lima Wesp
Mateus Carvalho
Matheus Melo Wiermann E Silva
Matteus Rogério De Souza
Maurício Freire De C. Galvão
Mauricio Lara
Maykom Florencio
Michelle De Oliveira Marques
Miguel Augusto Rios
Miguel Luis Souza
Milane Tavares
Mirian Alcântara Carvalho
Mirna Prudêncio
Mônica Crispim
Monique Ferreira De Almeida
Murilo Moritz
Nádia Da Silva Barros
Natália Cavalcanti
Natan Takeo Noda Lima
Nathalia Pinheiro Muller
Nelder De Gontijo
Nelzi Pires Do Nascimento
Neusa Oliveira
Nilton Cosme De Castro
Orlando Morais Júnior
Otacilio Leoncio Silva Jr
Pablo Gustavo Ribeiro Furtado
Padre André Viana
Padre Carlos Alberto
Patrícia Mello Artuzi
Patricia Teixeira De Lima
Paulo César De Lima Rosa Corrêa
Paulo Eduardo Da Silva Sousa
Paulo Matheus Mendes Lopes
Paulo Sergio V. De Matos Junior
Paulo Caetano Da Silva
Paulo Fonseca
Paulo Goncalves De Arruda
Paulo Hudson
Pe. Braulio Maria Pereira, Cssr
Pe. Jozifran Campos
Pe. Pedro Alexandre
Pedro E Raquel Campos
Pedro Henrique Ribeiro Valadão
Pedro Jorge De Oliveira Neto
Pedro Lucas Teixeira
Pedro Luiz Oliveira De Affonseca
Pedro Rafael Oliveira Aguiar
Pedro Barreto Vinhas Abreu
Pedro Ferreira Do Nascimento
Pedro Gravina
Pericles Nunes Da Silva
Peterson Figueiredo
Priscila Boscariol
Priscilla Azoury
Rafael Antônio De Menezes Júnior
Rafael Elias Ferreria
Rafael Greghi Losano
Rafael Gurgel Nóbrega
Rafael Leite Da Silva
Rafael Lucas Da Silva
Rafael Mingoti
Rafael Parga Nina
Rafael Plácido
Rafael Rizzi
Rafael Tobias
Rafael Vitola Brodbeck
Raimundo Felipe De Aguiar
Raquel Martins Ferreira Diniz
Raul Felipe Da Cruz Berto
Reginaldo Aparecido Pereira

Regis Camurça Rabelo Camurça
Reinaldo Vaz
Rejane Cavalcante
Renan Melo Camila De S. Milano
Renata Petrucci
Renato José M. De Figueiredo
Renato Colonna Rosman
Renato Da Costa Santos Muniz
Renato Guimarães
Renato Magalhaes
Renato Marques
Renato Polido Pereira
Rhilder Rêis
Ricardo Felipe Alves
Ricardo Luis Kummer
Ricardo Rost Rossoni
Ricardo Bomfim Cardoso
Ricardo Borges Trindade
Ricardo Buarque De G. Funari
Ricardo C. T. De Castro Ramos
Ricardo Chiminazzo
Ricardo Furuta
Ricardo Gomes Da Silva
Ricardo Lima Oliveira
Ricardo Tavares De Souza
Rita Denise Sameitat
Rita Maria Moss
Roberto Flavio Machado Freire
Roberto Kasuo Takayanagi
Roberto Machado Santos
Rodrigo Fernandez Peret Diniz
Rodrigo De Menezes
Rodrigo Galante
Rodrigo Marques
Rodrigo Selestrim
Roger Campanhari
Rogério Frank Bras
Rogerio Alves De Almeida
Rogério Gayer M. De Araújo
Rogério Nascimento Santos
Ronaldo Aparecido Alves Corrêa
Ronaldo Costa
Ronildo D. Oliveira Malaquias
Ronildo Malaquias
Rosana H. Gracioli Dias Vitachi
Rosangela Vegini
Rosiania Andrade
Ruben Paulo Martins Trancoso
Rutiléa Araújo
Sandra De Fátima Zanette
Sandro Zamian
Sara Costa
Saul Botelho Dos Santos
Sebastião De Andrade Loureiro
Sérgio Battaglin Brum Júnior
Sergio Cavalcante Guerreiro
Sergio Martins Monteiro
Sérgio Salles
Sergio Viana Da Silva
Servas Da Sagrada Face Ir Sofia
Shirley Delian De Vasconcelos
Sidney José Silva Sena
Silas Luiz De Carvalho
Silvia Maria Dario Freitas
Silvio Aantonio
Silvio M. Silveira Neto
Simone Maria Barbosa Gomes
Sonia Corrêa
Sonia Maria H. Leite
Sônia Regina Ayres Benavides
Stella Maria Costa De Magalhaes
Sueli Maria Da Silva Ribeiro
Suzana Maria Machado Jacome
Tacy Cleide Araujo Rios
Talita Lima
Tania Maria Szimanski

Tarcisio Moura
Temístocles Marcelos Neto
Teresa Cristina Silva C. Rubio
Thelmo De Araujo
Thiago Eduardo Dos Santos
Thiago Herit Chagas G. De Deus
Thiago Siqueira Serra
Thiago Amorim Carvalho
Thiago Costantin Sandoval
Thiago Luz
Tiago Bana Franco
Tiago Biasi De Andrade
Tiago Stefanon
Urlan Salgado De Barros
Ursula Marcondes Shun
Vágner Ferreira De Oliveira
Valeria Mendes
Valmiro Araujo Dos Santos
Valmor Lay Junior
Valmor Rother
Vanessa Terezinha Euzebio
Vera Lucia Alves Dos Santos
Victor Augusto
Victor Peres
Vincenzo Inglese
Vinicius Da Silva Carvalho
Vinicius Manfio
Virgilio Delgado
Vitor C. P. Mercier Rod. De Aguiar
Vitor Dutra
Wagner Cerqueira
Wandeir Carneiro De Souza
Wanderson Pereira N. Feliciano
Welington Tadeu
Werbeth Harry Bezerra Jorge
Weslei Vaz Esteves
Wexcirley Gavassoni
Willian Guimaraes
Wilma Ruggeri
Wilson Fernando Da Silva
Wladimir Neto

APRESENTAÇÃO

Por *José Eduardo Câmara*

Devo admitir que, em certa medida, escrevo a apresentação deste livro comovido. Como escrever sobre um irmão, um pai, um mestre? Há tanto o que dizer, mas as palavras me escapam...

Nos últimos quinze anos, o Padre Arintero foi, além de tudo, um inseparável amigo. Ter a honra de traduzir *A Evolução Mística* para o português é uma graça imerecida da Infinita Misericórdia de Deus. Só posso cantar com São Vicente Pallotti: *Misericordias Domini in aeternum cantabo; misericordias Mariae In aeternum cantabo.*

Padre Arintero, o teólogo

Como é sabido, o Padre Arintero foi o Restaurador dos Estudos místicos na Espanha. Mas sua influência como teólogo vai bem além do mundo hispânico. Pode-se dizer, sem medo de exagerar, que sua obra foi central para os estudos místicos em toda Igreja na primeira metade do Século XX. Para isso, bastaria nos fixarmos no testemunho do Padre Garrigou-Lagrange, falando da influência arinteriana em sua obra.

O Padre Arintero é um estudioso. Incansável aluno e estudioso de fibra. Parecia nunca se saciar nesta obra de pesquisa. O verdadeiro arsenal de citações e notas de rodapé, em toda sua obra, mostram-nos seu conhecimento abismal de Teologia, de Patrística, de Mística, de Hagiografia. Poucos teólogos na história tiveram seu conhecimento de escritores místicos, particularmente espanhóis.

Para tornar o texto mais fluído, os muitíssimos apêndices, nesta tradução brasileira, foram colocados nos locais apropriados do texto,

como notas de rodapé. Entre esses, destacamos alguns mais relevantes e imprescindíveis para entender a obra arinteriana, como os relativos à Madre Maria da Rainha dos Apóstolos ou à Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos, O.P., únicas citações que sempre aparecem datadas. Tais apêndices foram traduzidos na íntegra. Os demais foram colocados com suas devidas referências.

Padre Arintero, o Pai

Aqui devemos notar a importância que tem em toda a obra do Padre Arintero seu ministério como Diretor espiritual. Bastaria citarmos duas de suas filhas espirituais que já estão a caminho dos Altares, a clarissa Venerável Madre Maria Amparo do Sagrado Coração, a "estigmatizada de Cantalapiedra" (1889-1941), e a passionista Venerável Madre Madalena de Jesus Sacramentado (1888-1960), "apóstola do Amor".

Entre as almas por ele dirigidas, uma merece menção especial, já que citada inúmeras vezes nesta obra: a **Madre Maria da Rainha dos Apóstolos** (1880-1905), da Sociedade Maria Reparadora. Sua morte com apenas 25 anos teve um grande impacto no Padre Arintero. Ele mesmo escreve, nesta obra:

"*Da nossa parte, nunca poderemos esquecer a indelével impressão que nos causou ver já como transfigurada no leito mortal a bendita Serva de Deus Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, falecida em grande odor de santidade em 13 de agosto de 1905, aos vinte e cinco anos de idade*".

O Padre a conhecia desde sua juventude, sendo seu diretor desde os seus 15 anos. A morte desta jovem religiosa teve um impacto enorme na obra do Padre Arintero, pois ele pôde acompanhá-la nos últimos anos de sua vida. E exatamente nestes anos, ele se dedicava a escrever "A Evolução Mística", que viria a ser publicado em 1908. Assim, pôde constatar atônito a obra do Espírito Santo em sua alma, e contemplar a generosidade de uma alma vítima. Também pôde ver, em primeira mão, como a Teologia Mística e os ensinamentos dos santos não eram contos piedosos do passado – como tantos em nosso tempo tentam difundir –,

mas uma realidade palpitante na vida das almas. O Santificador continua e continuará agindo na Santa Igreja!

Padre Arintero, o Mestre

Sua obra nunca foi tão atual, ou melhor, nunca foi tão urgente. Hoje precisamos de Mestres, de verdadeiros Mestres. Particularmente na Terra da Santa Cruz.

Durante os últimos decênios, através de lobos vestidos de cordeiro, a ideologia entrou em nossas Paróquias, solapando a Fé, e trabalhando para perdição das almas.

Podemos constatar, com lágrimas, uma geração inteira não catequizada, que nada conhece de Cristo e de sua Igreja. E, sem as bases da Fé católica, como poderia haver vida sobrenatural? E como, sem raízes, poderíamos dar frutos de vida eterna?

E as almas perdidas, sedentas e famintas, saíram à procura... mas, que tristeza!, quantas não encontraram travestido de alimento nada além de veneno? Quantos caíram nas mãos do esoterismo mais grotesco, na apostasia mais vergonhosa ou na mais total apatia?

Mesmo em ambientes ditos católicos, instalou-se uma total confusão, especialmente sobre o que é a Mística. Palavra usada para tudo e para todos, sem nenhum sentido. Hoje, mais do que nunca, precisamos que o Padre Arintero nos mostre a Verdadeira Mística Tradicional, como ele a chama. Uma Teologia Mística fundamentada na Doutrina e Tradição da Igreja, erguida sobre o edifício construído pelos Santos Padres, e cujo vigor aparece resplandecente na vida dos santos...

Precisamos que ele nos mostre a beleza da Igreja, os esplendores de sua doutrina, a vida abundante que ela transborda. Por tempo demais buscamos água nas fontes da perdição. Não, basta!

É tempo de irmos à Santa Igreja, com humildade, como pequeninos, para que Ela nos dê o Pão da Vida Eterna. Só nela podemos encontrar o verdadeiro alimento para nossa vida eterna; e, assim, enraizados em Cristo, iremos dar frutos de vida eterna...

Sim, precisamos do Padre Arintero, de sua mão paterna, de sua condução enérgica, que nos indica o caminho da Vida. Ouçamos, portanto, seu clamor:

"Santifiquemo-nos, pois, na Verdade, seguindo fielmente as moções e inspirações do amoroso Espírito de adoção e santificação. Assim contribuiremos eficazmente para edificação da Santa Igreja, crescendo em todo tipo de perfeições, segundo Jesus Cristo, nossa Cabeça, de quem todo o corpo recebe, por suas junturas e articulações, as influências necessárias para crescer em aumento de Deus".

INTRODUÇÃO

O Padre Arintero

I. O HOMEM

O Pe. Arintero nasceu em Lugueros, cidadezinha das montanhas de Leão, em 1860. Sentiu desde muito pequeno a vocação religiosa, e a realizou na Ordem de Santo Domingos. Em Corias (Astúrias) vestiu o santo hábito em 1875, e ali fez o noviciado, os estudos de Filosofia e parte dos de Teologia; parte, porque da outra parte tiveram que dispensá-lo para que seguisse a carreira de Ciências na Universidade. Na de Salamanca cursou, com notável aproveitamento, de 1881 a 1886. A Universidade deixou uma profunda impressão no espírito do Pe. Arintero. Também deixou a comunidade de dominicanos franceses, que, expulsos da França, no famosíssimo convento de Santo Estevão, de Salamanca, encontraram refúgio. Do superior maior, mais tarde geral de toda a Ordem, o Rev.^mo^ Cormier, está já aberto o processo de beatificação[1].

De 1886 a 1898 foi professor e escritor de Ciências, primeiro no colégio de segundo grau de Bergara (Guipúscoa) e depois em uma casa de estudos da Ordem, em Corias. Naquela época o Pe. Arintero cria que nas ciências, falando humanamente, estava a salvação da religião e das almas.

Em 1898 o mandam deixar as Ciências naturais e ir a Salamanca ensinar Teologia. Em 1890 é levado a Valladolid para fundar um colégio superior apologético, todavia baseado nas Ciências.

Porém, já no espírito desse homem haviam se iniciado grandes evoluções. Em Corias foi confessor de uma comunidade de religiosas que ali ao

1 O Padre Hyacinthe-Marie Cormier (1832 – 1916) foi beatificado em 20 de novembro de 1994.

lado tem a Ordem, e uma delas se encarregou de mostrar para ele que havia outros fenômenos mais interessantes que aqueles das Ciências naturais. Nesta época começou a ter contato com "la santina", como ele dizia: Maria da Rainha dos Apóstolos, Reparadora. Mas em Valladolid, sobretudo, foi onde fermentou misticamente o espírito do Pe. Arintero.

Quando em 1903 voltou a ensinar em Salamanca, seu espírito era uma caldeira em alta tensão de coisas espirituais. Então concebeu sua grande obra *Vitalidade e desenvolvimento da Igreja*, da que esta – EVOLUÇÃO MÍSTICA – forma parte. Havia encontrado seu caminho, e por ele seguiu fidelissimamente.

Todos os anos, de 1903 a 1928, no qual morreu, doutrinal e praticamente entrega-se com toda a sua alma às coisas de Deus, importando-lhe as outras cada vez menos, até os últimos anos, que pode se dizer que não importam a ele absolutamente nada.

Que labor tão profundo de livros, de revistas, de folhetos de propaganda, de direção de almas, que de todas as partes do mundo acodem a ele! Não cremos que tenha havido homem mais santamente tenaz e aproveitador de tempo para o bem de muitos.

E enquanto isso (e, o que é bom, sem que ele o notasse), sua alma ia amadurecendo. Todo esse mundo sobrenatural de almas de oração, algumas verdadeiramente extraordinárias, que ele movia para Deus, por sua vez o moviam para Ele. A vida interior do Pe. Arintero pode se dizer que foi uma vida comum com suas dirigidas. Ele as impulsionava e as dirigia, e elas o *dirigiam* e o impulsionavam.

Um senhor Bispo, o Dr. Frutos Valiente, que o viu na Assembléia Mariana de Covadonga, em 1926, disse: "Esse homem pouco pode viver". Tão cheio de Deus o encontrava!

Um religioso, de sua própria Ordem, muito conhecido na república das letras, quando o via por Madri, costumava dizer: "Se vivesse São Domingos, nosso Pai, de que outra maneira poderia viver senão como vive o Pe. Arintero?".

Morreu santamente nesse convento de Santo Estevão, de Salamanca, em 20 de fevereiro de 1928.

Nestes dias – primeiros de 1952 – abriu-se nessa diocese de Salamanca o processo informativo para sua beatificação.

2. HOMEM PROVIDENCIAL[2].

"Não é nada ordinário o caso de homens cedo enquadrados em sua individual vocação e que com avara mão queimaram os melhores terços da sua vida em exaltação e triunfo de sua única missão. O usual e corrente, pelo contrário, é que, ou não se acerte totalmente, ou se acerte muito tarde com esse muito pessoal destino de cada um, seguindo-se daí o grave prejuízo que tampouco o assuma senão com grandes demoras, intervalos e reservas. Isso nos revela até que ponto é verdade que quase todos passamos ao eterno quase inéditos, ou seja, com a tremenda responsabilidade dos talentos desaproveitados.

Quando, no entanto, Deus se propõe a concretizar uma idéia para com seus frutos beneficiar designadas épocas da História, não costuma conceder tanto à cega concorrência das coisas nem à livre determinação dos sujeitos; antes com suavidade, que consiste em não violentar nem irritar o modo de ser e agir dos agentes naturais, Ele mesmo os guia e os empurra fortemente na direção única de seus adoráveis desígnios. Daqui nascem, justamente, os chamados "homens providenciais", de que está cheia a História; como eles, em verdade, foram sempre os grandes propulsores do progresso humano, assim constituem uma prova claríssima de que Deus, desde seu invisível trono, toma palpavelmente o volante do governo mundano sempre que ameaçam perigos sérios ou quando se digna nos outorgar algum benefício sobrenaturalmente grande. Pela boa memória de quem foi para mim por longo tempo Pai muito querido e Mestre insigne, me foi pedido uma contribuição – modesta por ser minha –, a qual quero fazer consistir em apresentar o Rev. Pe. Arintero como o homem providencial que Deus nos enviou para o atual reflorescimento da Teologia espiritual na Espanha.

---

2 Copiamos o artigo que com esse mesmo título publicou em *La Vida Sobrenatural*, de Salamanca (janeiro-fevereiro de 1947), o Pe. Tomás Echevarría, C. M. F.

Minhas recordações mais notáveis acerca desse venerável religioso se remontam à época em que, entretido ainda com o que mais tarde chamará "bobagens de criança", regia em Bergara a cátedra e o museu de História Natural. Após inúmeros dias, e depois de sua famosa *volta* – não sem o claro som de certa obra imortal –, voltamos a nos ver na capital de Biscaia, aonde lhe trazia, faz agora vinte e seis anos, a realização de algumas conferências espirituais de portas abertas.

Terei que revelar aqui que suas primeiras tarefas no município de Bilbao (que sempre o teve por devoto e até místico) causaram estranheza e estupor mesmo em pessoas experientes na piedade e inclusive em pessoas familiarizadas com o magistério das consciências? Aquela impetuosa entrada no assunto de suas palestras; aquele confraternizar subitamente com seus desconhecidos ouvintes; aquela apresentação para eles dos mistérios de nossa fé como ramos vivos nascidos do tronco da cruz e sobre nós curvados para nos alimentar de seus frutos; aquela idéia, confina com o trêmulo sentimento, de que Deus, antes de tudo, é amantíssimo Pai das almas redimidas; aquele conceito incitante e reconfortante de que nós, por nossa vez, podemos nos chamar de boca cheia verdadeiros filhos adotivos de tão grande Pai; aquela insistência alegre de que cada alma em posse da graça não é menos que o verdadeiro céu em que a Trindade inhabita; aquele elogio e louvor da amizade divina que implica a graça santificante – participação física da natureza de Deus no homem; aquele saborosíssimo falar do Espírito Santo como Hóspede dulcíssimo de nossas almas; aquela exposição sublime do fato de nossa invisceração com Cristo, seja ao recebê-Lo eucaristicamente, seja ao estarmos incorporados a Ele, como membros à Cabeça; aquele enaltecer à excelsa Mãe do Verbo e Mãe nossa *iluminando-A* de forma zenital, isto é, de cima para baixo, deduzindo o valor do estojo pelo bem e preciosidade da jóia ali trancada..., e mais, tudo isso transmitido pela via direta e sem fio de um discurso sem oratória – porque assim sobressai mais o valor brilhante das idéias puras –, penetrava nos ânimos com tal delícia de frescor e tamanha força cativante, que, seguindo-o os ouvintes com perda de noção de tempo e espaço, sentiam-se transportados que por encantamento ao feitiço auroreal de uma religião nova.

Com dobrada razão, se cabe, acontecia o mesmo quando da soletração de tais escritos teológicos era visto passar para temas mais estreitamente unidos com a especialidade do *gênero* que o bom Padre *percorria*. Que maneira de iluminar o escondido tesouro da oração mental, pintando-a mais fácil e deleitosa, por ser conversação amorosa do alma com Deus! Como se esforçava em fazer ver que a santidade – desenvolvimento normal último da vida cristã – tem que resultar possível e obrigatória para todos! Quem não ficava convencido quando acrescentava que a dita santidade se reduzia, no fim das contas, a um limpo, elevado e perseverante amor a Deus e ao próximo? Especialmente porque o princípio de tal amor de santidade estava na própria entranha da virtude teologal da caridade; que, como nadando se aprende a nadar, e escrevendo, a bem escrever, assim o divino amor que acaba em *flamma carburens montes* se inicia nas faíscas que o Espírito Santo desperta em nosso coração, as quais bem conservadas e aumentadas pelo exercício, terminam por se converterem em inflamado forno. Mas onde a si mesmo se excedia o bendito pai era em exibir a caixa dos bens celestiais encerrados na contemplação infusa. Não conhecia cansaço nem dava paz à alma tratando-se dela. Se era visto *palestrando* em algum convento, seminário ou simples reunião de pessoas piedosas, podia se dar por certo que falava sobre sua habitual idéia fixa... Argüirá alguém, porventura, que assuntos tão freqüentes como os ditos poderiam ser as partes a causar o interesse, nem seriam de se estranhar, em um auditório ilustrado. Mas quem não sabe que isso de "ilustrado" é qualificação muito elástica e imprecisa onde cabem graus e nuances sumamente variados ou progressivos? Assim, os estudos ascético-místicos nos dias de hoje marcham prosperamente e com toda propriedade, como se a bizarrice das mentes sagazes tivesse se conclamado para fazê-los florescer, brilhar e aumentar de modo extraordinário. Por seu impulso, a terra com tanta solicitude por eles arada, não só começou a reflorescer e vestir-se de beleza, mas deu variedade e doçura de frutos, isto é, novos e grandes acréscimos de ensinamento espiritual para as almas... Tudo, na verdade, reviveu, floresceu e se enriqueceu ao romper dessa primavera esplendorosa; as mesmas pessoas que, tempos atrás, contentavam-se em rezar uma quantidade de devotas preces, a ler, quando muito, em algum

manual de piedosas meditações, ostentam hoje um razoável equipamento ou provisões ascético-místicos; por onde tem se dificultado, para ganhar mais alto nível público a Teologia espiritual, tanto a ciência da direção quanto a oratória sagrada, mas, sobretudo, a arte de bem escrever sobre tais matérias. A alegada observação, pois, teria agora positivo valor e seria muito apropriada; assim como, tirado desse tempo e referido ao de então, carece absolutamente de força probatória, convertendo-se o argumento em mera argúcia.

Como ignorar o estado de prostração e abatimento em que se encontravam os estudos ascético-místicos na Espanha há trinta ou quarenta anos? Nos centros docentes não havia cátedra criada para eles; no movimento científico nacional mal se registrava publicação dessa índole; revistas de Teologia espiritual não se conhecia nem uma; congressos destinados a depurar e incrementar a dita ciência não entravam no propósito de ninguém; a direção espiritual tampouco inquietava os espíritos nem mesmo no claustro; a oratória sagrada alimentava-se em floreios de questões sociais, com perigosos escapes ao campo político; nas próprias conferências espirituais, quão pouco se mencionava a graça, a filiação divina, a inhabitação da Beatíssima Trindade, a contemplação infusa...!

Essas e outras deficiências maiores em ordem à perfeição dos estudos ascético-místicos entre nós eram denunciadas e deploradas dia após dia por aquele homem privado de tudo o que não fosse a glória divina e a santificação das almas. Talvez houvesse algum exagero ou algo de exaltação em sua língua e pena ao pregá-las em alta voz; mas o que não cabe duvidar é que havia também muito da triste realidade na pintura a pinceladas que ele nos brindava para despertar os seus daquele marasmo.

É notório que se consagrou a missão tão ilustre por particular moção do alto; mas o certo é que, avisado ou não por vozes celestiais, ele se decidiu um bom dia a turbar e agitar as águas calmas, metendo em tal demanda todas as velas de sua constância e laboriosidade proverbiais. Não lhe faltava disposição pessoal para tão alto empenho. Preparação teológica extraordinária, prática cuidadosa da oração mental, exercício contínuo do interior recolhimento, ocupação assídua na direção das consciências,

curiosidade nunca saciada de leituras espirituais, conhecimento e trato com pessoas doutas e virtuosas, viagens instrutivas pela diversidade de províncias e reinos; a formação de uma enorme livraria de obras ascético-místicas; o conselho, aprovação e encorajamento por parte de superiores e prelados; vagar e desapego de ocupações impeditivas de seu principal anseio... Aqui estão os afluentes circunstanciais que um após outro foram desembocando no grande rio de sua capacidade de trabalho, se bem que sua própria turbina não era movida senão pelos impulsos puramente sobrenaturais.

Assim quanto mais recebia o clássico reconhecimento, sempre mais se cria o bendito Padre o cavaleiro andante e o apóstolo nato para quem o céu tinha reservado a generosa missão acima dita. Assusta conhecer como que ele suou, falou, escreveu, peregrinou, saboreou e padeceu pelos caminhos infinitamente variados de sua propaganda, às vezes semeados de flores, mas muito mais de cardo que fere e de espinhos afiados... Ruim de audição, de fala insegura, com exígua voz, muito pouco cavalheiro..., acreditou que Deus o desprendia totalmente a fim de que se visse mais claramente o duplo milagre do socorro do céu e de sua laboriosidade invencível; e certo é que não contou jamais com outros recursos para fixar, firmemente estabelecido no alto do monte, o enorme penhasco de Sísifo... com que se atreveu. Digamo-lo pela verdade: o labor distinto do ilustre dominicano de Santo Estevão poderá ser melhor ou pior enfocado; caberá discussão, embora não fácil, sobre seus métodos e idéias; admitirão ampliação e melhoras de determinados pontos de vistas seus; até terá que limar a ferrugem de alguns desabafos seus, que ele próprio reconheceu e desautorizou em vida...

Quanto a nós – legião numerosa e bem unida –, com a mão posta sobre o número de livros que escreveu o insigne Mestre e com os olhos fixos na transformação gloriosa que a eles se seguiu depois de alguns anos, permitimo-nos premiá-lo com o *Nulli secundus* das tarefas heráldicas; que, traduzido ao caso presente, equivale a dizer que, na história contemporânea da Teologia espiritual, em Espanha ele forma, certamente, o cume da montanha granítica que a divide em duas vertentes bem diferenciadas: a prostração de ontem e o florescimento de hoje".

3. O GRANDE ORIENTADOR[3]

"Um aspecto muito importante da grande figura do Pe. Arintero foi seu grande labor de orientação; labor necessário e urgente, que ele soube iniciar com valente gesto e levar adiante com força e feliz êxito como valoroso arauto e intrépido chefe... Empresa delicada, ariscada e difícil, capaz de fazer desmaiar o homem mais esforçado, se não contasse com o auxílio do alto, sentindo-se movido por um superior impulso.

São hoje já inumeráveis as almas que se sentem beneficiadas por tão saudáveis doutrinas, que lhes serviram de orientação e guia nos escarpados caminhos da perfeição cristã; e essas almas com seus diretores bendizem a Deus por haver lhes dado como um astro de primeira magnitude que guia seus passos, para que não andem em trevas e tateando, mas que brilhe nelas a luz da vida.

E não é que seja ele a luz, mas veio, como outro precursor, "para dar testemunho da luz" e dizer-nos onde está a verdade.

Todos os grandes homens trazem ao mundo alguma missão especial, e o Pe. Arintero foi um desses enviados de Deus que o céu nos dá de tarde em tarde com um encargo, com uma mensagem, com uma grande missão para o bem de nossa decaída sociedade. Essa missão que Deus o encomendou foi a de desvanecer erros e preconceitos muito correntes a respeito da vida espiritual, esclarecendo os caminhos da perfeição cristã e restaurando assim a verdadeira mística tradicional.

NECESSIDADE DESSA RESTAURAÇÃO. – Para compreender a grande obra do Pe. Arintero, é preciso dar-se de conta do estado de decadência da doutrina espiritual em nossos últimos tempos. O jansenismo, o quietismo, o iluminismo, com suas reações contrárias, retirando a doutrina tradicional de seus verdadeiros canais, infundiam suspeitas, temores e preconceitos acerca de tudo o que cheirasse a sobrenaturalismo ou misticismo. *Quoniam defecit sanctus, diminutae sunt veritates a filiis hominum*. Mesmo entre as almas

3 Artigo publicado em *La Vida Sobrenatural* (fevereiro de 1930) por Dom Francisco Arnau, Pbro. U. A.

boas reinava a maior desorientação, para qual muitas vezes contribuíam os diretores, enganados também e cheios de temor diante de tudo o que transcendesse a uma virtude puramente humana.

Daqui que muitas almas chamadas a serem águias não passassem nunca de sapos, temendo levantar vôo e deixar de se arrastar sobre a terra. *Viae Sion lugent, eo quod non sit qui veniat ad solemnitatem*. Por todas as partes reinava grande obscuridade à respeito dos caminhos de Deus, tão claros em si mesmos; de onde procedia certo pessimismo e depressão de ânimo, porque se apresentava a piedade como coisa sombria e demasiadamente austera, sem encantos nem atrativos, sem nada que falasse intimamente ao coração e lhe mostrasse quão bom e "quão suave é o Senhor". Desse modo, a piedade resultava repulsiva, e as pessoas que a ela se davam eram consideradas como seres excêntricos, fechados e insociáveis.

E nada tem isso de estranho, pois se contava demasiado com o esforço próprio e muito pouco com o Espírito Santo, Consolador, Santificador e Vivificador das almas. Com esse sistema, o jugo do Senhor, que em si mesmo é suave, tornava-se áspero e pesado, e, às vezes, insuportável; as purgações se prolongavam extraordinariamente; os escrúpulos, os temores excessivos, as desconfianças, retardavam a marcha, e se aumentavam sem motivo os sofrimentos; razão pela qual muitas almas desanimavam na metade do caminho, sendo pouquíssimas as que passavam adiante, pois grande parte delas, sem luz e direção, davam algum passo em falso, distorciam o caminho ou se assustavam e voltavam atrás.

Santo otimismo. – Mas tudo isso, afortunadamente, já passou. Com os escritos do Pe. Arintero, os caminhos de Deus apareceram claramente; os ensinamentos dos antigos místicos (em má hora abandonados), diáfanos e luminosos; o caminho íngreme da mais alta perfeição, nada fatigoso, e a santidade, possível, fácil, ao alcance da menor fortuna, pois nessa travessia não se há de usar tanto a força de remos quanto voltar as velas de nosso navio ao perene sopro do Espírito Santo.

Os gênios, ou melhor, os santos, arrastam atrás de si falanges numerosas. Colocados na altura, descobrem mais amplo horizonte e, vendo os ventos de suas ascensões, compadecem-se do vulgo que permanece no vale escuro,

abaixam-se até os mais débeis e lhes animam dizendo: "Subi, subi, e vereis o que eu vejo e gozareis de um ambiente mais puro e reconfortante. Esse é o caminho; não desmaieis, embora vos pareça áspero e íngreme; um pouquinho de esforço, e logo sentireis que uma mão invisível vos sustenta, empurra, e aplana diante de vós os asperezas do caminho; querer é poder, e, se quereis verdadeiramente, nenhuma coisa vos cortará o passo e logo chegareis..."

Assim, nosso bom Pe. Arintero, ao ver o bom resultado de suas reflexões em busca da verdade sobrenatural, e mais ainda, de seus esforços por praticá-la e *vivê-la, chegando a essas alturas, volta seus olhares compassivos a tantas* almas boas, bem dispostas e ávidas pela perfeição, mas desorientadas por falta de luz, descuidadas por falta de alentos, que em vão buscam em seus rasteiros métodos e inutilmente mendigam a guias mais cegos que elas... A todas essas almas se dirige para mostrar-lhes o único e verdadeiro caminho, que ele descobriu com seu prolongado e profundo estudo da tradição cristã e com a experiência própria e alheia, isto é, das muitas almas por ele dirigidas que escalavam os cumes da santidade. "*Venite*, diz a todos, *et ascendamus in montem Dei, et docebit nos vias suas, et ambulabimus in semitis eius.* Não temais pôr alta a pontaria; aspirai às coisas grandes, embora sejais muito pequenos: *Aemulamini carismata meliora*, porque essa obra não tanto há de ser vossa quanto do Espírito Santo. Sede perfeitos..., sede santos, porque assim Deus nos manda... Entregai-vos à oração..., vivei em recolhimento..., levai uma vida séria e mortificada..., e vereis como o Senhor em vós infunde seus preciosos dons, sua celestial sabedoria, com a qual a vós virão todos os bens: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa...*".

É uma idéia dominante em todos os escritos do Pe. Arintero e norma constante em sua direção das almas, que o Espírito Santo é o verdadeiro Santificador, Aquele que realiza em nós essa grande obra de *divinização*, incorporando-nos a Cristo; para o qual não temos mais que nos colocar sob seu influxo divino, tirar os estorvos, romper os laços de criaturas, escutar atentamente suas vozes silenciosas, apagando o ruído das coisas de fora e nos encerrando em nosso interior, e, finalmente, seguir com docilidade essas vozes e impulsos do divino Espírito, que tão amorosamente nos *recria*. Dessa grandiosa concepção da santidade brotam luzes esplendorosas, que

iluminam mil questões difíceis e intrincadas, que não podem se resolver senão desde essa altura; emanam grandes alentos para salvar as almas débeis, bem penetradas de sua própria miséria e do seu próprio *nada*; pois, longe de serem um obstáculo para a santidade, é a precisa disposição para que o Senhor lhe confira, se permanecem em seu *nada* e abrem plenamente seu coração ao Espírito Santo. Assim pôde ele colocar muito bem como legenda em sua grande obra *Cuestiones místicas*: *As alturas da contemplação, acessíveis a todos*; porque, como diz o Angélico Mestre, "o que podemos pelo amigo, em certo modo por nós o podemos", e o Espírito Santo é o Amigo fiel que está disposto a abrir, sempre que batemos à sua porta: "Batei e vos será aberto".

Assim, as palavras do Pe. Arintero, saídas da abundância de seu coração, aquecidas no fogo de sua caridade, abrasam e elevam mais as almas já adiantadas, animam os débeis e tímidos, despertam e estimulam os tíbios e preguiçosos, pois seu coração generoso não lhe permitia guardar encerrado o tesouro que encontrou nem esconder sob o alqueire as luzes que o Espírito Santo lhe comunicou; antes, como o Sábio, diz-nos com sua peculiar simplicidade: *Quae sine fictione didici, et sine invidia communico, et honestatem illius non abscondo*. Ele era como uma terna mãe que se abaixa e estende sua mão à criança para que não tropece; assim, ensinava as almas a permanecerem humildes e pequenas, mas ao mesmo tempo confiantes n'Aquele que disse: "Aquele que se fizer como uma criança, dele é o reino dos céus".

A ASCÉTICA E A MÍSTICA. – Uma confusão de idéias havia entre acreditados autores dos últimos séculos à respeito da ascética e da mística: aquela abarcava todo o ordinário, normal, simples e prático; essa se reduzia somente ao extraordinário, sobrenatural e quase milagroso, tendo em conta que por *ordinário* não entendiam senão o que se realiza ao *modo humano* e corrente.

Segundo tais autores, deveria se limitar ao *ordinário* tanto nas aspirações das almas como na conduta de seus diretores. Pretender outra coisa seria temerário, exposto às ilusões, fruto de presunção e soberba. Assim se cortavam as asas e se sufocava o Espírito sob pretexto de humildade, fazendo que se resistisse às moções urgentes da graça e se desistisse de toda tendência superior, contentando-se com uma mediocridade rotineira.

Não é que se renunciasse totalmente ao ideal de perfeição, mas esse ficava tão rebaixado ao limitá-lo ao modo humano próprio da ascética, que se incorria necessariamente no absurdo de uma perfeição demasiado humana, *uma perfeição cheia de imperfeições*, pois todo o humano necessariamente é imperfeito. O homem com o auxílio da graça, sim, mas ele, ao fim e ao cabo, era quem havia de *se fazer santo* como à força de punhos, sendo a graça somente como uma ajudante extrínseca. E o que se passava então era que, ou bem se incorria em uma vã presunção e confiança própria, ou se caía no extremo contrário do desalento, ao ver a inutilidade ou escassos resultados dos próprios esforços. Isso gerava também uma espécie de farisaísmo, fazendo que alguns se tivessem por perfeitos porque cumpriam exteriormente toda a lei, à maneira humana e puramente ascética, quando na realidade não haviam saído ainda dos princípios que correspondem à via purgativa, e esquecendo o que diz o divino Mestre: "Depois que houveres cumprido toda a lei, dizei: somos servos inúteis".

Como conseqüência disso, chegavam a admitir um duplo caminho para a santidade: o caminho que chamavam ordinário ou ascético, que era pelo que todos deviam caminhar, e o místico, muito mais raro, temível e cheio de perigos, que estava reservado somente para alguns santos...

O Pe. Arintero, com seu profundo estudo da tradição, desvaneceu completamente esse dualismo enervante e demolidor, mostrando que a santidade é uma e um também o caminho que a ela conduz.

Isso não quer dizer que da noite para o dia quer ele introduzir as almas nas regiões da mística, prescindindo da ascética ou concedendo-lhe escassa importância; senão que soube muito bem unir esses dois ramos da ciência dos santos, pondo cada coisa em seu lugar: a ascética nos princípios, como base do edifício, e a mística em seu desenvolvimento e coroamento. Não são dois caminhos distintos e paralelos senão duas fases do único caminho, e assim a ascética precede a mística como a infância e a juventude a idade adulta.

Mais ainda: para o Pe. Arintero essas duas boas irmãs, que alguns supõem tão divorciadas, não podem se separar, senão que se compenetram uma com a outra, coexistindo as duas em ambos os estados, se bem que em

diferente proporção; sendo principalmente ascética aquela etapa da vida espiritual em que predomina o elemento ativo na prática das virtudes ao modo humano, o que é próprio de principiantes e ainda de proficientes, e mística aquela em que predomina o elemento passivo, quando ao impulso do Espírito Santo se pratica a virtude de um modo inteiramente sobrenatural ou divino, que é próprio dos perfeitos ou dos que estão já a ponto de sê-lo. Somente assim se explica o heroísmo dos santos...

As virtudes e os dons. – As orientações do Pe. Arintero são lógicas, racionais, e, sobretudo, teológicas. Ele embasa todo seu sistema de santificação nesse grande princípio: "Sem o Espírito Santo não há santidade possível". A santidade é a comunicação da própria vida divina à criatura racional. Essa vida é a graça santificante, com a caridade que é infundida no batismo, mas que está na alma como em embrião, esperando que se desenvolva, atue e cresça. Ao Espírito Santo corresponde essa comunicação, esse desenvolvimento, com a cooperação humana no exercício das virtudes. Mas seu aperfeiçoamento e sua total expansão exige energias muito superiores... Daí a necessidade dos *dons*, em cujo exercício normal se apoia *a vida mística*, ou seja, a dos que em tudo se deixam mover pelo divino Espírito, que são os verdadeiros filhos de Deus: *Qui Spiritu Dei aguntur, hi sunt filii Dei...*

Essa teoria dos dons, tão desconhecida por muitos, joga uma imensa luz sobre todas as questões da vida interior. Tomada do Angélico Doutor e de seus melhores intérpretes, a nós a apresenta o Pe. Arintero como a chave de todas as grandezas do cristão, como o elevador até às puras regiões do espírito, como a causa eficiente de perfeição sobrenatural e ao mesmo tempo como remédio e auxiliar da humana fraqueza. Quanta verdade é que o Espírito é o que vivifica...!

Se com somente nossos esforços, mesmo ajudados por uma graça ordinária, tivéssemos que subir a agitada ladeira da perfeição cristã, certamente desfaleceríamos ainda antes da metade do caminho. Se com somente o exercício das virtudes *ao modo humano* tivéssemos que transferir para nós a cópia do divino modelo Cristo Jesus, que imagem tão imperfeita resultaria! Se somente com a força de remadas tivéssemos que navegar sempre, não sei quando chegaríamos àquelas regiões da *vida divina* em que desapareceu

já todo o natural e humano e a alma vive toda em Jesus, ou melhor, Jesus nela: *Vivo, iam non ego...*

E não é esse o ideal cristão? *Instaurare omnia in Christo... Mihi vivere Christus est... Donec formetur Christus in nobis...*

E quem pode formar a Cristo na alma senão o mesmo que O formou no seio da Virgem? *Spiritus Sanctus descendet in te et virtus Altissimi obumbrabit tibi...*

Que consolo e que esperança nos dá essa doutrina, para nossa miséria e debilidade, pois apesar delas podemos nos elevar a essas alturas onde chegaram nossos irmãos, os santos! Como? Não por nossos esforços, não por nossos exercícios, feitos ou méritos, senão nos próprios braços do Onipotente, sob a sombra de suas asas: *Sicut aquila provocans... ad volandum...*

Quem me dará essas asas como de pomba? Voarei e descansarei? Enquanto isso e sempre, *sub umbra alarum tuarum sperabo...*

A CONTEMPLAÇÃO. – Era esse um ponto bem ignorado, ou pelo menos, desentendido... A contemplação cristã, que é ciência divina, que é conhecimento saboroso de Deus, que é luz e amor infusos, emanados do foco e da fogueira da própria Trindade Beatíssima, comunicados à alma graciosamente pelo Espírito Santo, que nos foi dado no Batismo e na Confirmação...

A essa contemplação nos guia magistralmente o Pe. Arintero, dirigidos e diretores, como ao alvo de nossos desejos, aspirações e súplicas, pois ela é a celestial sabedoria "com a que nos vêm todos os bens". Ele nos descobre seus encantos, suas vantagens, suas preciosidades, pois por ela se chega à familiaridade íntima com Deus, à união com ele e à nossa verdadeira deificação. Ele a apresenta a nós como acessível a todos, porque não é outra coisa senão a atuação dos dons de sabedoria e inteligência que já temos; a qual, sendo totalmente infusa e gratuita, a podemos de algum modo merecer e alcançar pela fidelidade no serviço de Deus e pela generosidade e constância no exercício da oração e mortificação.

Que consolo tão grande experimentam as almas ao saber: 1º, que é lícito desejar a contemplação; 2º, que a todos se oferece; 3º, que todos a podemos alcançar e que Deus mesmo a quer infundir em nós se a isso nos dispomos cuidadosamente!

Quem poderá calcular as torrentes de luz e consolação divina que muitíssimas almas receberam com essa tão alentadora doutrina e os progressos enormes que realizaram no caminho da santidade?

Oração e mortificação. – Com esses olhares e diante de tão nobre perspectiva, como se facilita o caminho árduo da oração e mortificação, "vencendo-se para orar e orando para vencer"! A alma fiel, com efeito, facilmente compreende que para encontrar essa preciosa pérola é preciso vender tudo, a fim de comprar o campo da vida interior e do santo recolhimento onde ela se encontra.

Compreende que o reino de Deus sofre violência, e deve fazê-la para conquistá-lo. Mas para isso se anima e se lança generoso a uma vida toda de sacrifício, pois sabe quanta conta lhe traz e os grandes bens que se prometem aos que virilmente lutam.

Deve ler com dedicação a questão terceira: "Por que há hoje tão poucos contemplativos?", para ver como o Pe. Arintero guia as almas pelo caminho de todos os santos, que é e será sempre o da cruz, pois "pela cruz se vai ao reino" (Kempis).

Mas convém fazer uma observação, o de que na vida espiritual há dois elementos distintos: um positivo e outro negativo. O *positivo* é constituído pela *vida divina*, ou seja, a graça, junto com todas as realidades divinas que a acompanham ou são efeito seu, com as virtudes, os dons, filiação divina, amor, união, transformação, deificação...

O *negativo* é constituído pela mortificação, pelo sacrifício, pelo desprendimento...; em uma palavra, a morte ao homem velho. Muitos autores deram capitalíssima importância ao segundo, que não é fim, senão meio tão somente, e, ao contrário, mal dão a conhecer os encantos do primeiro.

E aqui vemos quanto lhes superam as orientações do Pe. Arintero.

É preciso mostrar mais às almas as grandezas de nossos destinos..., a altíssima dignidade do cristão..., as maravilhas da vida da graça, que é como uma glória iniciada...; as divinas bondades para com as almas fiéis..., os encantos de Jesus para com os que a amam intimamente... É preciso falar mais de perfeição, santidade, união divina...; é preciso descobrir para elas a suavidade do relacionamento com Deus: *gustate et videte*...

E o Pe. Arintero escreve, fala, e aconselha sempre, sempre, que se tenham olhares elevados, ideais nobres, esperanças que não confundem, desejos de Deus, ânsias de amor... Por isso seu sistema, sem excluir a cruz e o *abneget semetipsum*, antes estabelecendo nele muito bem as almas, e sobretudo em humildade e desconfiança própria, as dilata e anima a esperar de Deus grandes coisas e a contar com auxílios sobrenaturais que temos ao nosso alcance talvez sem nos darmos conta ou sem saber os explorar.

A Tradição. – Isso não quer dizer que o Pe. Arintero tenha sido o criador de uma nova escola, nem mesmo que seja o único que tenha trabalhado em nossos dias nesse feliz e consolador renascimento espiritual que presenciamos. Seu trabalho não é uma criação, uma inovação, senão, melhor que isso, *uma restauração* do que já existia, mas que, através de mil vicissitudes, ia se desfigurando. O que ele fez foi retornar ao seu primitivo estado o velho edifício que ia se desmoronando. E essa é a grande glória que compete ao nosso amado Padre e mestre: ser *o primeiro*, sem dúvida, que no terreno doutrinal, depois daquela primeira chamada de Sua Santidade Leão XIII, *Divinum illud munus*, levantou a bandeira da verdadeira, genuína e antiga tradição.

E, digamos em boa hora, graças a ele vemos se iluminar cada dia mais os conceitos *da vida interior*, tão descuidada em nossos séculos passados, com grande prejuízo para as almas. Ele foi quem tirou do pó das bibliotecas riquíssimos tesouros da ciência espiritual relegados ao esquecimento; quem despertou o gosto por essas leituras tão saudáveis dos grandes mestres; quem pôs os estudos místicos sobre o tapete; quem devolveu a honra a essa dama humilde, mas de nobilíssima estirpe, que chamamos *mística*, tão *desacreditada* antes, que mal se atrevia alguém a mencioná-la, e se outro a estimava e cultivava, era algo como de contrabando e em segredo.

Hoje, entretanto, a ela se olha com veneração e respeito, como a flor e a nata da ciência sagrada, como o mais sublime coroamento do progresso científico moral.

Bem podemos dizer do Pe. Arintero o que diziam de José os servos do faraó: *Num invenire poterimus talem virum qui Spiritu Dei plenus sit?*

Ao Pe. Arintero muito têm que lhe agradecer a geração presente e as futuras.

O Espírito Santo e a Santíssima Virgem. – Ele que tão cheio estava do Espírito Santo, não podia menos que expressar uma especialíssima devoção Àquela que é sua Esposa, a Santíssima Virgem Maria; que, se como Mãe de Jesus é com Ele associada à obra da redenção, pelo que recebe o título de Corredentora, como esposa do Espírito Santificador é também associada à grande obra de santificação das almas, e como tal merece o título de Cosantificadora.

Para completar, pois, seu sistema de formação espiritual, conta o Pe. Arintero com o auxílio dessa Mãe benditíssima dos predestinados; a que, sendo trono e sede da Sabedoria encarnada e Mãe da divina graça, é e será sempre a que formará em seu seio virginal a porção escolhida do Crucificado, que são os santos, e ostentará no céu o honroso título de *Regina sanctorum omnium*.

Veja-se com que delicadeza e unção lúcida esse interessante aspecto da devoção mariana na interessantíssima *Memória* que apresentou ao Congresso Mariano Monfortino, celebrado em Barcelona, em 1918, sobre a *Missão cosantificadora de Maria* como Esposa do Espírito Santo.

E o que dizer do apreço e estima em que tinha a santa Escravidão Mariana e quão identificado estava com o espírito de seu irmão de vida religiosa, o Santo Grignion de Montfort?

Também se encontram verdadeiras preciosidades sobre a delicada ação de Maria nas almas em sua obra *Evolução orgânica*.

Como sabe facilitar o prudente mestre as difíceis ascensões ao divino para nós que, como pequeninos e débeis, necessitamos de uma Mãe, com toda a ternura, solicitude e cuidados, como é a incomparável Mãe de Cristo e nossa!

Conclusão. – Se quando o Pe. Arintero publicou seu primeiro livro de mística foi considerado como iludido, suspeito e pernicioso às almas, bem podemos dizer que hoje assistimos já seu triunfo. Muito se lêem já suas obras de mística, e todos que as lêem com boa vontade e devida atenção,

logo sentem o proveito. Mas era desejável que fossem lidas e estudadas muito mais, principalmente por parte dos sacerdotes.

Ó, se os sacerdotes bebessem nessas fontes cristalinas!... Se os pregadores se inspirassem nessas doutrinas tão substanciosas e que tanto chegam à alma... Se, em especial, os diretores consultassem e estudassem esse *diretório* do oculto e misterioso caminho..., que bem imenso fariam às almas que o céu lhes confiou!...

Pobres almas! Lástima me dais se não tendes a sorte de encontrar um douto e experimentado guia como os queria a Santa Madre Teresa de Jesus.

Pedi-o a Jesus. Pedi muito que envie diretores, *bons diretores*, à Igreja, que não apaguem o espírito, senão que saibam e entendam, pratiquem e vivam o que ensinam às almas, como o foi aquele que tantas almas choram, o bendito Padre Juan... Com razão se lamentava Santa Teresinha do Menino Jesus quando dizia: "Ó, quantas almas chegariam à perfeição se fossem bem dirigidas desde o começo!". Pedi para que nos seminários se difundam e ensinem tão proveitosas doutrinas e se preparem entre os jovens seminaristas os diretores de amanhã.

E Vós, ó dulcíssimo Jesus, que tanto amais as almas e os que as formarão, educarão e dirigirão, fazei que saibamos todos apreciar a mensagem de vosso misericordioso Amor que a nós dirigis ao nos enviar semelhantes luzes para remédio de nossa debilidade e ignorância. Fazei que saibamos seguir tão felizes orientações e que o movimento espiritual que se despertou em toda a cristandade produza, pela infusão do Espírito Santo, um verdadeiro Pentecostes de luz, de caridade, de união, no amor misericordioso de vosso Coração divino".

4. O Pe. Arintero como escritor[4]

"Na verdadeiramente poliédrica personalidade do Pe. Arintero – professor de Ciências, apologista, teólogo, diretor de almas – cabe considerar, como um dos mais interessantes aspectos, a faceta de *escritor*.

---

4 Publicado em *La Vida Sobrenatural* (janeiro-fevereiro de 1949) pelo Frei Luis de Fátima Luque, O. P.

Trata-se de valorizar, mais que a quantidade, a qualidade de produção; que escreveu muito é evidente e ninguém o nega, mas que apreço de nós merece sua maneira literária?

Com demasiada rapidez alguns asseguraram – e outros concederam sem reflexão ou repetiram com inconsistência – que ao Pe. Arintero faltava ter escrito melhor. E na paixão de uma polêmica jogou-se em seu rosto sua prosa carregada".

O que dizer disso?

Sem propósito de defender nem justificar o Pe. Arintero, cremos sinceramente que é errônea tal afirmação. É verdade que nisso, como em tudo, *evoluiu* visivelmente o Pe. Arintero. Apreciáveis qualidades deram muito fruto às custas de trabalho, de paciência e de tempo. E sua intuição, como em matérias teológicas, completou o resto. Conservaram-se muitos escritos seus. Uma curiosa miscelânea: artigos, dissertações, anotações, rascunhos de livros, sermões de seus tempos de Padre jovem. Esses, com grande variedade temática: panegíricos a São José e a Santo Domingos, a Santo Tomás e a Santo Antônio, a Santo Estevão e a São Francisco de Assis, a São José de Calasanz e a São Pompilio Pirrotti; sermões para a Quaresma – as Dores da Virgem, domingo da Paixão – e para a Semana Santa – o *Mandato*, a Solidão, a Ressurreição; exposições dogmáticas sobre o purgatório e o juízo final; exortações morais a propósito "das lágrimas de São Pedro" ou "da vida infeliz do pecador"; conversas sobre o rosário e sobre a milícia angélica ou a profissão de uma monja... Tudo isso escrito quando tinha pouco mais de vinte anos.

São de forma – e mesmo de fundo – essas peças literárias, bem podemos dizê-lo sem injúria, medíocres. Podem passar. O autor, correto e ortodoxo, até retórico e seguro, não diz absurdos nem erra. Mas não se revela nelas ainda seu gênio.

Tentou escrever poesia e compôs apenas alguns versos. Um longo drama sobre Santo Tomás, em hendecassílabos de corte clássico, prova-o. Versos corretos, bem medidos, mas sem que brilhe neles a flor da poesia, sem fulgor sagrado de idéias peregrinas, sem resplendor de metáforas. Prosa rimada. Esse manuscrito vale como curiosidade bibliográfica hoje – ou

como relíquia do Servo de Deus – e para demonstrar que sua inquietude e curiosidade intelectual o fizeram tentar de tudo.

Não era um predestinado à poesia. Não parecia sequer literato. Bom estudante. Talento, constância, nada mais. Mas se aprende a escrever escrevendo. E ele, com a pena de escrever pronta, não deu paz à sua mão. E evoluiu sensivelmente como escritor. Que diferença daqueles escritos para as últimas obras! Sua maturidade de fruto último se dá em sua obra, por todos os altos conceitos – resumo de sua doutrina, suma de sua sabedoria, síntese de sua experiência, mostra de seu bom estilo –, EVOLUÇÃO MÍSTICA.

Sem ser um ouvires da linguagem, um preciosista – não estava ele *para fazer arte* –, escreveu nela, abrasado pelo amor de Deus, páginas muito belas, verdadeiras peças antológicas. Como prova, aí vai uma das melhores que, *sentida* por ele no calor da inspiração, saiu de sua veterana pena quando era já um escritor completamente formado.

Está descrevendo o processo doloroso e transformador da alma na "noite do espírito" e maravilhosamente diz:

> Mas antes deve mergulhar na misteriosa *treva* onde Ele está como escondido. Deve subir nas asas do Espírito acima de todo o imaginável, acima de todo o cognoscível, acima de todo o criado, acima de todo o condicionado; elevando-se em contemplação audacíssima acima das vicissitudes e das próprias sucessões do tempo; deve ficar totalmente às cegas, totalmente privada das luzes conaturais que antes possuía, sem outra mais que a de uma obscura e sutilíssima fé para poder penetrar nas serenas regiões da eternidade, receber os resplendores da Luz incriada, descobrir o incognoscível, o eterno, o absoluto, e ver com um simplíssimo olhar, no Ser necessário e infinito, a eterna razão de todas as contingências, mudanças e limitações... Deve, em suma, esquecer-se por completo de todas as criaturas para poder ver o Criador totalmente naquele prodigioso abismo da *grande treva*, onde se ocultam os sacrossantos mistérios que desde a eternidade tem Ele em seu seio encerrados. E ao ser ali introduzida pela poderosa virtude daquele Espírito que perscruta tudo até o mais profundo de Deus, mergulhando naquele mar sem fundo de luz e beleza não conhecidas nem sonhadas por nenhum mortal, desfalece,

> abisma-se e se aniquila, esquece de tudo e perde a si mesma; e, perdendo-se tão felizmente, encontra reunidos em um todos os bens, todos os deleites e todos os conhecimentos que pode desejar. Encontra seu Deus e seu Tudo, o *Deus de seu coração, que será sempre sua herança*; e com a *sábia ignorância* que tal visão produz, de um só golpe, aprende toda a ciência da salvação.
>
> Naquela divina treva, cujo brilho cresce à medida da aparente obscuridade, vão se manifestando a ela por graus as portentosas grandezas do *Deus escondido*, recebendo continuamente as mais gratas e indizíveis surpresas... Ali o próprio Deus a ela vai manifestando ordenadamente seus inefáveis atributos, fazendo-a ver em cada momento novos e inconcebíveis encantos; e ali, por fim, a ela mostra o abismo sem fundo de sua *Essência* incompreensível, onde parece que não se vê nada e se vê tudo junto ao mesmo tempo. Ali, entre os dois abismos do seu *nada* e do *Tudo* que a inunda, tem a alma sua glória e suas delícias. E reduzida à impotência para amar e conhecer quanto deseja, lutando, por assim dizer, contra aquele mar de luz e de fogo em que está abismada, acaba por descobrir, em seu supremo brilho, o encanto dos encantos divinos, o augusto mistério da Trindade de Pessoas na absoluta Unidade de natureza. Então é quando se consuma a *transformação* da alma em Deus; então é quando pode já celebrar-se aquele inefável *matrimônio eterno*, em que a criatura fica para sempre feita *uma só coisa* com seu próprio Criador!" (EVOLUÇÃO MÍSTICA, 5ª ed., p. 397).

"Ela e o campo fizeram-me poeta", confessava Gabriel e Galán em sua poesia *El ama*. O amor humano e o ambiente de Castela, das "profundas raças solitárias", excitaram, como estímulos estéticos, aquele homem bom que era um poeta dos puros..., preparando nele o clima psicológico capaz de produzir o fenômeno lírico...

Assim, no divino, o Espírito Santo – que faz *amigos de Deus e profetas* – *inspirou* o Pe. Arintero, dando-lhe aquele verbo inflamado, aquele sacro entusiasmo que lhe fez ser até eloqüente... A tese do próprio Pe. Arintero é

que as almas em certos estados místicos, lutando por comunicar o inefável de suas experiências íntimas, tendem à expressão poética[5].

E diante de páginas como a que acabamos de transcrever, e que tanto abundam em sua *Evolução mística*, luminosas e vivas, dignas de figurar nas mais requintadas antologias de escritos espirituais, redigidas, acima de toda retórica, por um escritor não literato – entenda-se bem o paradoxo –, pensa-se, como explicação do fenômeno, que só um sentir muito profundo – muito de Deus – a ele pôde fazer fácil e gozosa a tarefa de expressar conceitos tão altos de uma maneira tão clara, tão rotunda e tão bela.

Se isso não prova que o Pe. Arintero era um grande escritor, daremos como argumento de autoridade o testemunho laudatório de um admirador seu que bem sabia o ofício:

"Sem dúvida era um santo (o Pe. Arintero); mas, ademais, um sábio e um artista" (Ramiro de Maeztu, de Buenos Aires, 1-9-1929, em carta ao Pe. Adriano Suarez, O. P.).

"Realmente o Pe. Arintero é maravilhoso e tudo indica que foi um santo. Minhas melhores horas na América foram as que passei lendo-o" (23-12-1929, de Buenos Aires, Ramiro de Maeztu, em carta ao Pe. Adriano Suarez, O. P.).

Um artista! E "maravilhoso"... O Pe. Arintero escrevia bem ou não?

Reconheçamos, no entanto, imparcial e desapaixonadamente, as observações que como escritor se podem pôr ao Pe. Arintero. Esses "mas", mais *materiais* que *formais*, são, no meu parecer, os seguintes:

1) Traz em seus livros demasiadas citações, o que faz, segundo alguns, desagradável, quando é continuada, sua leitura. Digo "segundo alguns", porque outros, ao contrário, encontram gosto na própria abundância de citações e tiram delas luz, fervor, orientação, proveito. Ao menos, a legítima curiosidade do leitor sempre goza diante desse cintilar de jóias que se oferecem aos milhares: doutrinas espirituais, descrições de estados místicos,

5 *Fenômenos místicos*, 2ª ed., p. 24.

dados biográficos ou bibliográficos, notícias de vida interior, reflexões de sábios, experiências de almas, palavras de santos, pensamentos de Deus...

Em última análise, é possível não ler as citações.

O que não está bem é se queixar porque nos tenham dado muito lanche para a viagem...

Se disse também que essa sua erudição, profusa, copiosíssima, nem sempre é seleta. E é certa a objeção. No tesouro imenso feito de grande quantidade de moedas soltas, ao lado de reluzentes e maciças peças de ouro, vê-se alguma outra menor e desprezível peça de cobre...

É que tudo o que possa favorecer a opinião que ele sustenta, humilde e gozoso, aproveita-o. Contanto que sirva para corroborar um acerto próprio, cita o testemunho de Santo Tomás, como a experiência de uma monja, como o fragmento da carta de um amigo...

Explica-se isso por aquele seu temor, nascido da humildade: "Se é o Pe. Juan quem diz, não creiam nele...!".

2) Usa da Sagrada Escritura com um critério – muito de seu tempo – acomodatício. Foi professor de Exegese; mas o interessava mais o sentido espiritual soterrado na Bíblia que os problemas de filologia ou história que pudessem levantar os livros inspirados. Sua interpretação do Cântico dos Cânticos é boa prova disso, que, por outra parte, é peculiar de todos os místicos.

Verifique-se no próprio São João da Cruz, por exemplo. É que a mística, que luta, sem conseguir, para expressar realidades inefáveis, rebaixa necessariamente toda fórmula verbal e tem que se valer de símbolos, hipérboles, metáforas, não por defeito ou imperícia do escritor, mas por dificuldade da própria matéria a tratar.

3) Como homem de sistema, repete. Aproveita qualquer conjuntura para insistir *opportune* e *importune* – essas digressões tão suas! – sobre sua tese. É quase uma santa mania. Se faz, assim, sagrada obsessão seu zelo ardente por Deus e pelas almas. Aquele que se familiariza um pouco com suas obras, ao ler um pensamento seu, adivinha que, por associação de idéias, dirá ou

voltará a dizer tais e tais conceitos, repetidas outras muitas vezes desde o prólogo até a recapitulação. E é raro que alguém se equivoque. Mas não cansam essas repetições, pela unção que emana sempre e pela beleza com que estão formuladas. Como não fatigam o refrão de um verso, nem causa tédio o barulho de um rio, nem desagrada a música antiga e nova do amor, nem cansa nunca de falar com Deus ou de Deus...

Acima desses "defeitos" – desses excessos –, o Pe. Arintero, como compensação,

a) possui abundante vocabulário. Um vocabulário escolhido, científico, sem tecnicismos pedantes, quando é preciso. Tem força expressiva. Sabe dizer e diz sem esforço o que quer. É exato. Difuso no livro, mas ajustado no parágrafo. Não se contradiz. EVOLUÇÃO MÍSTICA poderia formar, sem perder suas essências, um volume cinco vezes menor. E, no entanto, não se pode riscar uma só frase de um parágrafo sem estragá-lo. O Pe. Arintero não dilui. É escritor com força. Repete, é verdade; mas insistir não é a mesma coisa que diluir. Seu estilo será obstinado se se quiser, mas não frouxo...

b) domina a técnica gramatical. Não se dão nele falhas de sintaxe, nem negligências de pontuação – tão freqüentes em outros escritores! –, nem esse desalinho – ruídos gramaticais, assonâncias, mal emprego do gerúndio, profusão desajeitada de partículas de ligação, sinônimos seguidos, "frases prontas" etc. – em que caem com freqüência escritores científicos que não são, se assim pode se dizer, *profissionalmente* literatos...

Seus parágrafos têm, ao menos, a harmonia de uma espontânea correção. E, às vezes, dir-se-ia que conhece instintivamente certos segredos da técnica estilística de hoje. Já em 1908, ao escrever EVOLUÇÃO MÍSTICA, emprega esses modernos parênteses entre traços, que às vezes têm o sentido de comentários ou definições-sínteses.

c) tem, se consideramos sua prosa por um aspecto moral e já transcendendo a letra, muito espírito, isto é, muita unção. Ilumina e faz arder. Há em seus escritos, como um óleo derramado, muita graça de Deus.

Em resumo: o Pe. Juan G. Arintero é, *simpliciter*, um ótimo escritor.

CARTAS DO PE. GARRIGOU-LAGRANGE, O.P. SOBRE O PE. ARINTERO, O.P.

Colégio Angélico. Roma, 1 Salita del Grillo

Reverendíssimo Padre,

Peço-lhe que perdoe minha demora em responder-lhe, causada por um encargo de trabalho. Guardo uma profunda recordação do querido e venerado Pe. Arintero, de santa memória. Conheci-o aqui em Roma, durante o primeiro ano escolar do Angelicum, 1909-1910, aonde ele ensinava *De Ecclesia*. Admirava-me sua grande piedade e quanto unida estava sua alma a Deus durante a oração; então já não estava nesse mundo. Muito raramente encontrei uma alma tão contemplativa, tão unida a Deus, tão abandonada nas provas de todos os tipos, que não faltaram para ele. Era, ademais, muito bom, muito caritativo para todos e amigo da pobreza e dos pobres.

Deu-me o conselho de destinar uma hora à ação de graças depois da celebração da Santa Missa, como ele mesmo fazia, seguindo o conselho de uma religiosa de oração.

Ajudou-me também a determinar o plano de um retiro para religiosas, que freqüentemente preguei depois. Aconselhava-me a consagrar sermões especiais à cruz, à oração, à docilidade ao Espírito Santo.

Lia nessa época sua EVOLUÇÃO MÍSTICA, que teve em mim grande influência e me esclareceu importantes pontos, que tratei de expor em seguida segundo a doutrina de Santo Tomás. Por essa obra devo considerar o Pe. Arintero como um mestre que muito me ensinou.

Como ele, eu sempre ensinei que a contemplação infusa, procedente da fé viva iluminada pelos dons do Espírito Santo, é a via normal da santidade.

Na França, a doutrina do Pe. Arintero foi bem acolhida, em particular por *La Vie Spirituelle*, que desde 1909 freqüentemente se inspirou nela. Uma parte das obras místicas do Pe. Arintero foi traduzida para o francês pelo Pe. Paul Gonin, pároco de Avoise, Sarthe; mas essa tradução não pôde ser editada devido, sobretudo, às dificuldades econômicas da crise atual.

Devo acrescentar que, quando na direção das almas provadas, encontrei-me com casos extraordinários, difíceis, dirigi-me ao Pe. Arintero pedindo a ajuda de seu conselho e de suas orações. Também nisso me iluminou: roguei-lhe que ele próprio escrevesse a uma alma muito provada que eu já não sabia como sustentar; fê-lo com grande prudência e bondade, e essa alma, que lhe ficou muito agradecida, encontrou-se mais forte para levar sua cruz até o fim.

Essas são, querido Padre, minhas recordações. Agregaria para terminar que, longe de pensar que o tempo consagrado à oração é perdido para o estudo, o Pe. Arintero cria, com Santo Tomás, que é sobretudo na oração onde aparecem, em toda sua elevação e claridade, os princípios superiores que iluminam tratados inteiros de dogma e moral. A oração era para ele o ponto de onde se goza da mais alta perspectiva espiritual. Esse homem, tão laborioso não somente em princípio, mas também na prática, *colocava a oração acima do estudo*, o exercício das virtudes teologais, da virtude da religião e dos dons acima da atividade natural do espírito no trabalho teológico. E assim nunca perdia um minuto: uma longa viagem, por exemplo, era para ele ocasião de longas horas de oração, na que via melhor e de mais alto tudo aquilo que devia fazer. Era verdadeiramente um homem de Deus com toda a força da palavra.

Rogo-lhe que aceite, meu reverendo Padre, todos os meus desejos pelo trabalho que empreendi a esse respeito, como expressão de meu religioso e fraternal afeto em Nosso Senhor e Santo Domingos.

Fr. Reg. Garrigou-Lagrange, O. P.

Roma. Angélico, 14 de maio de 1951.

Reverendíssimo Padre,

Tu me perguntas quais são minhas recordações sobre o venerado Pe. Arintero, a quem tive a graça e o prazer de conhecer durante um ano em Roma quando da fundação do Angelicum, de novembro de 1909 a julho de 1910. Ensinou aqui o *Tratado da Igreja*, e tive a ocasião de falar freqüentemente com ele de questões espirituais, que eram para ele as mais interessantes.

Ouvindo-lhe falar dessas coisas compreendi que era uma alma de oração profunda; era então mestre dos noviços estudantes, que diziam dele que "quando orava, já não estava nesse mundo, mas como absorto em Deus".

Explicou-me que, tendo perdido em uma viagem o manuscrito de um de seus livros sobre a evolução das espécies animais, havia renunciado a esse gênero de estudos para consagrar-se ao estudo da espiritualidade, que lhe era necessário para dirigir as almas espiritualmente adiantadas que a Providência lhe enviava.

Acrescentava que uma dessas almas o havia feito notar que, segundo o desejo do Senhor, convinha, aparentemente, que desse mais tempo à oração e ação de graças depois da Missa, e que receberia assim a luz que o estudo não lhe podia oferecer. Fez isso rapidamente, e guardou sempre o costume de empregar longo tempo na oração, o que lhe permitia depois guardar a união atual com o Senhor durante todo o dia.

Tinha no Angelicum a reputação de excelente religioso: aceitava muito humildemente os acontecimentos penosos, por exemplo, o seu regresso à Espanha depois de um ano de ensino no Angelicum, ensino que deixava a desejar à causa de certo defeito de pronúncia.

Depois o consultei por escrito sobre a direção de almas que se dirigiam a mim, e me deu muita luz, particularmente no que se referia à Madre Francisca de Jesus, morta em 1932, fundadora da Companhia da Virgem em Petrópolis, Brasil. Na vida dessa religiosa, que escrevi em 1936 (Paris, Desclée de Brouwer), lê-se na página 14: "Em um período de grande obscuridade, em 1927, aconselhamos a Madre Francisca escrever ao Pe.

Arintero, dominicano, que escreveu excelentes obras de Teologia mística e que era experimentado nesses assuntos". Ele lhe respondeu: "Li com atenção sua carta, e devo dizer-lhe que pode estar muito segura e tranqüila. Tudo o que vós experimentais é a obra do amor, que a dispõe à consumação das núpcias espirituais. É preciso experimentar esse vazio absoluto para poder se encher da plenitude de Deus. E só Deus pode consolar quem sofre essa prova... É necessário configurar-se com Jesus Cristo em seu desamparo do Getsêmani e do Calvário para encontrar uma nova vida gloriosa n'Ele. Isso não é "o prelúdio de uma morte eterna", como temeis, senão a verdadeira *morte mística* a tudo e a si mesma, e o prelúdio da vida eterna. Ore por mim; eu a abençôo em nome de Jesus. – Fr. Juan G. Arintero, O. P. Salamanca, 17 de julho de 1927".

Essa carta foi uma verdadeira ajuda nas provas dessa alma, e quando mais tarde, em 20 de fevereiro de 1928, o Pe. Arintero morreu em odor de santidade em Salamanca, a Madre fundadora soube de sua morte antes que lhe fosse comunicada.

Devo acrescentar que o Pe. Arintero me escreveu a respeito da devoção do *Amor misericordioso*, que me pareceu sempre muito verdadeira e apta para fazer as almas entrarem nas profundezas do mistério da redenção.

Devo muito aos livros do Pe. Arintero sobre a unidade da vida espiritual, sobre a contemplação infusa, e tratei de demonstrar pelos princípios mais certos da teologia que essa contemplação infusa, que procede da fé viva iluminada pelos dons do entendimento, da ciência e da sabedoria, está na via normal da santidade.

Não me surpreendeu em absoluto que o santo Pe. Arintero tenha concedido muitas graças às almas que lhe pedem.

Essas são, mui reverendo Padre, minhas principais recordações. Peço ao venerado Pe. Arintero que me ilumine e fortifique, e rogo a ti que aceite meu religioso afeto.

Fr. Reg. Garrigou-Lagrange, O. P.

Os comentários a nós parecem que sobram. Só nos permitimos fazer notar que essas impressões do Pe. Garrigou-Lagrange são do ano de 1910, e que o Pe. Arintero ainda viveria até 1928. O que diria se tivesse falado dele no último de sua vida? Porque na vida do Pe. Arintero não houve ruptura, mas constante progresso.

Tampouco será demais chamar a atenção sobre a maneira de pensar desse grande teólogo romano no tocante à devoção ao *Amor misericordioso*. *Pareceu-me*, diz, *sempre muito verdadeira e apta para entrar nas profundezas do mistério da redenção.*

PADRE JUAN GONZÁLEZ ARINTERO, O.P.

A EVOLUÇÃO MÍSTICA

PRÓLOGO

Tendo estudado o desenvolvimento da Igreja em sua organização exterior e nas mais visíveis manifestações de sua vitalidade – que são os crescentes progressos de sua disciplina, de sua liturgia, de suas santas práticas e de toda sua doutrina maravilhosa –, resta-nos agora examinar e considerar cuidadosamente o interno e misterioso desenvolvimento de sua vida íntima. Esse aspecto é o fundamental e o mais importante de todos; posto que da vida, ou das exigências do processo vital, se derivam ao mesmo tempo o desenvolvimento da doutrina e o da organização; sendo essa uma condição necessária para que se manifeste a interna virtualidade, e expressando aquela a lei das relações orgânicas e vitais. Assim, o progresso exterior – seja orgânico ou doutrinal, disciplinar ou litúrgico – revela um progresso interior, um incremento de vida; e esse é o essencial e fundamental, do qual os outros dependem e ao qual se ordenam e se subordinam, tanto que sem ele seriam vãos; sendo como é a íntima vida da Igreja causa final e motriz de todos os seus desenvolvimentos.

Sem o ardor da caridade – que é como a propriedade característica e o índice seguro dessa vida – todo o demais de nada serve (I Cor 13). A ciência incha e não edifica (I Cor 8, 1); a letra mata (II Cor 3, 6); quem acrescenta a ciência vã, acrescenta trabalho e dor (Ecle 1, 18); e o simples aumento de órgãos, sem a correspondente energia vital, não faria mais que aumentar as necessidades e doenças: *Multiplicasti gentem, non magnificasti laetitiam* (Is 9, 3). Mas se "a carne de nada aproveita", o Espírito de Jesus Cristo "tudo *vivifica*"; e todas as palavras de nosso Salvador são *espírito e vida* (Jo 6, 64).

O Filho de Deus veio ao mundo para nos incorporar consigo e nos fazer viver d'Ele como Ele mesmo vive do Pai, a fim de que tenhamos vida eterna e de que essa se manifeste em nós cada vez mais plenamente: *Ut vitam habeant, et abundantius habeant* (Jo 10, 10; cf. Jo 6, 55-58). Essa mis-

teriosa vida é a de sua *graça*, verdadeira *vida eterna*, na qual nos manda São Pedro *crescer*, dizendo (II Pd 3, 18): "Cresçamos na graça e conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo".

Mas esse progresso ou incremento da vida da graça é o que constitui a EVOLUÇÃO MÍSTICA.

Essa misteriosa evolução, pela qual *se forma em nós o próprio Cristo* (Gal 4, 19), é, pois, o fim principal da divina Revelação, e a razão capital de todas as evoluções e de todos os progressos. A ela se ordena a luz divina da fé, a ela todo o Evangelho, a ela a fundação da Igreja e mesmo a própria Encarnação do Verbo divino. Pois a fé se ordena à caridade, que é vínculo de *perfeição*; e assim os dogmas de nossa santa fé, como diz muito bem um moderno apologista, não são tanto para encontrar satisfações intelectuais, quanto para nos mover a buscar o *dom de Deus*, a *água viva* do Espírito e a virtude de sua graça vivificante. O Evangelho foi escrito "para que, crendo em Jesus, tenhamos vida em seu nome" (Jo 20, 31). O fim da Igreja é a santificação das almas. E o Verbo veio a este mundo e se fez filho do homem para fazer os homens filhos de Deus e enchê-los de sua própria vida, restaurando e recapitulando desse modo todas as coisas ao atraí-las todas a Si (Jo 1, 12; 3, 16; 12, 32). – Por isso nos disse que "vinha trazer fogo à terra, e não queria senão incendiá-la" (Lc 12, 49). E esse fogo é o do Espírito Santo, que há de nos animar, inflamar, purificar, renovar e aperfeiçoar, transformando-nos até o ponto de DEIFICAR-NOS...

Daqui se deduz a soberana importância destes estudos, em que se trata de buscar a pérola preciosa e desenterrar o tesouro escondido do Evangelho, de levantar de algum modo o véu dos grandes mistérios do Reino de Deus nas almas e descobrir a razão suficiente das variadíssimas e esplendentes manifestações da vida e virtualidades infinitas da Santa Igreja Católica; dessa inefável vida sobrenatural que a anima e a sustenta e que, apesar da malícia ou do descuido dos homens, das hostilidades de fora e das negligências, inércias e obstinações de dentro, dá-lhe um ser imperecível e autônomo, e a enche de indizíveis encantos, levando-a com segurança infalível pelas sendas divinas da verdade e do bem, enquanto as sociedades humanas parecem obstinadas em mover-se no mesmo ciclo de erros e vícios.

Se algum estudo há que seja edificante e instrutivo em sumo grau, ao mesmo tempo que apologético, é certamente o da *evolução mística*, a dessa portentosa expansão da graça, como princípio vital de uma ordem divina, e a de suas múltiplas manifestações e gloriosos efeitos na Igreja, como organismo biológico-social, e em cada um dos verdadeiros fiéis, como membros deste corpo místico[6]. Até o mais humilde cristão aprenderá a ter no devido apreço sua imponderável dignidade de filho de Deus, e a proceder em tudo conforme a ela, desprezando as enganosas grandezas do mundo[7]; aprenderá a estimar o dom divino, a amá-lo com toda a sua alma e cultivá-lo, com todo esmero possível; e portanto, a detestar de todo coração, não só o pecado grave, que o despoja dessa dignidade e o faz cair miseravelmente no poder das trevas, mas também o leve, que põe obstáculos à amizade de Deus e aos contínuos eflúvios de sua graça, dispondo-o para uma irreparável queda. Assim se animará ao sacrifício para desenraizar até o último gérmen do mal e adquirir as divinas virtudes e se deixar invadir e transformar pelo místico *fermento* evangélico; e até se resolverá generosamente ao passar *per ignem et aquam*, para acabar de se purgar de toda escória terrena, e se abandonar totalmente nas mãos de Deus para se converter como maravilhosamente diz São Gregório Nazianzeno[8], em afinadíssimo instrumento musical, de onde o próprio Espírito Santo arranca melodias divinas: *Instrumentum musicum a Spiritu pulsatum, divinamque gloriam et potentiam canens.*

O sacerdote que, seja do púlpito, seja do santo tribunal da Penitência, deve doutrinar e dirigir as almas, aprenderá a informá-las no verdadeiro espírito de Jesus Cristo, a preservá-las dos extravios do espírito privado e dos inumeráveis laços que o mundo, o demônio e a carne as tendem, e a orientá-las, estimulá-las e animá-las quando, impulsionadas pelo divino Hóspede, empreendem a via dolorosa e gloriosa da configuração com o

6 Veja-se o interessante artigo *Deificación* (em *Ideales*, jul. e ag. 07), pelo Pe. Fr. José Cuervo; a quem, por essa razão, devo manifestar minha gratidão pelo muito que nesta obra me ajudou.

7 *Disce sanctam superbiam: scito te illis maiorem* (S. Jerônimo, *Epist.* 9).

8 *Orat. ad Popul.* 43, n. 67.

Salvador. Assim poderiam os ministros de Deus confortá-las e dirigi-las, em vez de paralisá-las nesciamente, desconcertá-las ou precipitá-las como, por desgraça, acontece tantíssimas vezes; sendo certo que a ignorância e falta de espírito dos diretores é causa da ruína de muitíssimas almas: de que umas estacionem ou se extraviem, de que outras não acertem no caminho da vida mística, e de que as mais generosas padeçam com escasso proveito indizíveis angústias e torturas interiores, vendo-se incapacitadas para *andar*, porque Deus quer levá-las de outro modo, e não se atrevendo a *voar* ao sopro do Espírito, porque a imprudência dos cegos diretores lhes ata as asas. Quantas vezes não acontece que *os pequeninos pedem o pão* da palavra divina, e *não há quem o reparta* (Lam 4, 4); buscam *nos lábios do sacerdote a ciência* dos caminhos de Deus, e só encontram as enganosas luzes da prudência carnal; e, crendo-se nas mãos de um guia experimentado, se deixam conduzir por um cego, que as leva ao precipício! (Mt 15, 14). Assim é como se resfria a piedade e se perde a própria fé pela falta de mestres que saibam *falar com graça* (Col 4, 6) e *exortar na sã doutrina* (Tit 1, 9).

De onde procede que nossa santa Religião tenha cada vez menos arraigo no povo, e que de *espírito e vida* que é, venha tantas vezes a reduzir-se a vãs exterioridades, a práticas rotineiras e a um simbolismo morto? De onde esta glacial indiferença com que a generalidade dos que se dizem cristãos vêem as coisas sagradas?... É indubitável que uma das causas mais poderosas é o ser hoje tão escassos os que sentem vivamente, conhecem a fundo e buscam dar a conhecer na forma conveniente os grandes mistérios do reino de Deus nas almas e as maravilhas que nelas opera o *Espírito vivificante*[9]. Observa-se com desdém os estudos da *vida mística*, e chega-se a ignorar ou desfigurar totalmente o próprio fundo da *vida cristã*: e sendo pouquíssimos os que falam ao povo com uma linguagem clara, simples, sentida e não artificial, que sai do coração abrasando e iluminando – como aquele falar vivo, ani-

9 Por mais alta que seja a doutrina, adverte São João da Cruz (*Monte Carmelo, L. III Cap. XLV*), "o fruto será proporcional, ordinariamente, ao espírito que o anima".

mado e palpitante dos Apóstolos e dos Padres –, não é de se estranhar que tantos fiéis, à semelhança dos famosos discípulos de Éfeso (At 19, 2), mal tenham ouvido nem saibam que existe o Espírito Santo santificando as almas... [10]

Assim mal poderão "estar preparados", como nos manda a todos São Pedro – e como a todos nós é hoje tão indispensável –, "para dar razão de nossa fé a quantos por ela nos perguntem"; e mal poderão "proceder com celestial sabedoria diante dos de fora", como deseja São Paulo (Col 4, 5; Ef 5, 15-16). E não sabendo responder, em vez de atraí-los, repelem-nos, e a si mesmos se põem em grande perigo; e não procedendo com essa sabedoria que "não é vencida pela malícia", facilmente são arrastados pelos

---

10 Se os nobres, segundo o mundo, tanto se interessam em revolver os pergaminhos de sua ilustre ascendência, como é possível, pergunta o Padre Terrien, S.J. (*La grâce et la gloire*, intr.) que os cristãos, sendo pelo batismo da própria linhagem de Deus, filhos seus de adoção e irmãos de Jesus Cristo, ignoremos ou conheçamos tão mal as grandezas e glórias que nesses títulos se encerram? "Perguntai não já aos cristãos só de nome, senão a muitos dos que se gloriam de professar sua fé e mesmo de praticá-la, como entendem sua *filiação divina* e o *estado de graça*, o mais estimável depois da glória; e ao ouvir suas respostas, vereis com quanta razão poderia Jesus Cristo repetir-lhes: *Se conhecêsseis o dom de Deus!* O máximo que costumam pensar é que vivem em paz com Ele, que têm perdoados os pecados e que, se não cometem outros novos, irão um dia gozar da felicidade eterna. Mas enquanto a esta tão maravilhosa e divina *renovação* que se verifica dentro dos corações; a esta *regeneração* que transforma até no mais íntimo a natureza e as faculdades dos filhos adotivos; a esta *deificação* que faz do homem um Deus...; essas coisas, quão poucos são os que conhecem e meditam! E o que daí resulta é que estimem muito pouco o que tão mal conhecem, e que não se esforcem por adquirir, conservar e acrescentar esse tesouro ignorado...

"Se o povo fiel vive em tanta ignorância dos tesouros com que tão liberalmente foi enriquecido pelo Pai das misericórdias, a culpa recai em grande parte sobre aqueles que, por sua vocação, estão encarregados de instruí-lo... Mal falam desses mistérios, e quando o fazem costuma ser de uma maneira tão vaga e com uns termos tão ambíguos, que o auditório mais bem pode ficar encantado pela linguagem que penetrado pelos pensamentos. E não se diga, como às vezes acontece, que essas matérias são demasiado elevadas para que possam colocar-se ao alcance dos simples fiéis... Não procederam assim os Apóstolos. As Epístolas de São Paulo – mesmo prescindido das outras – que são senão uma constante pregação dos mistérios da graça e da filiação divina? E, no entanto, foram dirigidas a todos os cristãos... Dizer que os de hoje carecem da cultura necessária para entender essas coisas, é esquecer a ação do divino Espírito, que interiormente abre a inteligência dos fiéis para que compreendam as verdades que se lhes anunciam, e "conheçam os dons que Deus fez para nós" (I Cor 2,12).

caminhos da perdição. Antes, a quase generalidade dos fiéis, profundamente penetrados pelos divinos mistérios, ao serem interrogados acerca deles, respondiam *divinamente*; porque na realidade "não eram eles os que falavam, mas o Espírito do Pai, que respondia pela boca deles" (Mt 10, 20). Nada estranho que com sua encantadora linguagem cativassem os inimigos.

Hoje, por desgraça, trocaram-se os papéis, e são muitíssimos os cristãos que, em vez de cativar, ficam seduzidos *per philosophiam, et inanem fallatiam secundum traditionem hominum, secundum elementa mundi* (Col 2, 8); porque em seus corações falta a verdadeira *luz da vida*, e de seus lábios, a palavra da sabedoria salutar[11]. Se o coração do sábio conhece o tempo e suas exigências (Ecle 8, 5), os ignorantes das coisas de Deus, não conhecendo sequer o que são, mal se cansarão de estudar a mentalidade de seus adversários, para adaptar-se a ela quando é preciso; e não sacrificando-se em "fazer-se tudo para todos, para ganhá-los para Jesus Cristo...", é como vêm a se perderem eles mesmos, por falta da discrição e de zelo *secundum scientiam*.

É indubitável que com o crescente prestígio das ciências naturais, que tão rápidos progressos fizeram, com os profundos prejuízos acerca da suficiência e completa autonomia da razão humana, e mesmo com os próprios estragos que à essa causa o criticismo, vai perdendo para muitos seu divino encanto, e até apareceu como repulsiva a maravilhosíssima ordem sobrenatural, quando tantos a pensam, por uma parte, como destrutora ou perturbadora da própria razão, como uma imposição estranha e violenta que paralisaria todas as nossas atividades; e por outra, como impossível de comprovar com os raciocínios *extrinsicistas* que costumam estar mais em voga. Daí que não poucos sábios sinceros chegam a vê-la com aversão ou com desdém, pela

---

11 "Vós, ó divino Verbo, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (*Obras*, trad. francesa de Bruniaux, 3ª p., c. 5), dais a quem vos segue uma *luz vivificante*, glorificante e eterna, que dá vida à alma que a possui e vivifica todos os seus pensamentos, suas palavras e suas ações. Assim, uma palavra dessa alma é como uma flecha de fogo que atravessa os corações das criaturas".

falsíssima idéia que dela formaram; a qual, por desgraça, contribuíram não poucos apologistas ignorantes, que falam do que não entendem.

Como poderemos abrir uma brecha nestas e em outras muitíssimas almas que, por ignorância ou por malícia, fecham seus ouvidos à palavra de Deus e seus corações aos influxos da graça, temerosas de receber a morte precisamente onde está a vida que necessitam?... De que método poderemos nos valer para conduzir os sábios arrogantes com sua "autonomia inalienável" e com sua ciência aparatosa ao humilde serviço de Cristo e à santa *loucura da Cruz*?

O método apologético mais universal, mais eficaz, mais suave e mais em harmonia com as atuais condições do pensamento, é a exposição *positiva*, viva e palpitante dos mistérios da vida cristã e de todo o processo da deificação das almas: é mostrar praticamente que o sobrenatural não vem a nós como uma imposição exterior e violenta, que nos oprime ou nos desnaturaliza, mas como um *aumento de vida*, livremente aceito, que nos liberta e engrandece. Não nos priva de ser homens e nos faz *sobre-humanos*, filhos de Deus e *deuses* por participação. "Assim amou Deus o mundo, que chegou a dar-lhe seu Unigênito Filho, para que todos que n'Ele crêem não pereçam, mas que tenham a *vida eterna*" (Jo 3, 16). O Deus vivo e verdadeiro, o Deus de infinita bondade não vem, pois, a nós para nos matar nem paralisar, mas para nos deificar, fazendo-nos participantes de sua própria vida, virtude, dignidade, felicidade, potestade e soberania absolutas. Comunicando-nos seu Espírito, nós da a única autonomia e liberdade verdadeiras, a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. *Ubi Spiritus Domini, ibi libertas* (II Cor 3, 17).

Ó, se pudéssemos dar a conhecer bem essas sublimes verdades! Quantas almas não seriam cativadas! A quantos se poderia dizer o que o Salvador disse à Samaritana (Jo 4, 10): *Se conhecesses o dom de Deus*!... Certamente muitíssimos dos que tanta aversão mostram ter à vida espiritual, se soubessem os indizíveis encantos e as inefáveis delícias que, em meio de suas aparências tristes e de suas amarguras, encerra, desejariam-na com toda sua alma e procurariam muito sinceramente consagrar-se totalmente a ela, correspondendo à graça com que Deus os convida. – "Vinde, pois, às águas da vida todos vós que estais sedentos; experimentai-as, e vereis quão deliciosas são!

Ouvi o convite divino; e viverão vossas almas!" (Is 55, 1-3)[12]. "Com quanto gozo recebereis as águas que emanam das fontes do Salvador!" (Is 12, 3).

Se o que em nós não pode ser assimilado e vivido, parece-nos coisa violenta e odiosa, ou pelo menos inútil, ao contrário, o que cede em aumento de verdadeira vida para todos é proveitoso, amável e desejável. Exposta assim nossa santa Religião, *positivamente*, segundo o gosto moderno, como um foco de luz infinita e como uma fonte inesgotável de vida, quantos de seus inimigos não a estimariam e se interessariam por ela, apesar de que, vendo-a apresentada de outro modo, nem mesmo ouvi-la mencionar queiram! Quantos sábios há hoje que, com permanecer inalteráveis diante dos argumentos da apologética extrinsicista – embora esses sejam forjados com a dialética do melhor tipo –, abririam, no entanto, com efusão seus famintos corações ao sobrenatural, se o vissem apresentado como é em si, como uma irradiação da vida e do amor infinito de um Deus enamorado de nossas pobres almas! Quantos nobres gênios, amantes do bom e do grandioso, que se sacrificam buscando a verdade e a virtude, mas demasiado tocados pelo criticismo – e exacerbados talvez pelas agressões dos apologistas improvisados que se movem em planos mui distintos dos da mentalidade contemporânea – com resistir obstinadamente a razões hoje mal entendidas nem atendidas, prestariam, no entanto, ouvidos atentos se vissem que se lhes falava francamente, com aquele acento de amor e de sinceridade dos Apóstolos e dos Santos Padres, essa linguagem viva e palpitante, com a qual, dizendo o que *sentiam* – o que lhes saía do fundo da alma –, pareciam infundir nos corações o espírito

12 *Mas se não credes, não podereis entender* (Is 7, 9); e *se não experimentais* a verdade, não chegareis a vê-la. – "As coisas espirituais, diz Santo Tomás (*in Ps*. 33), há que experimentá-las antes de vê-las, pois ninguém as conhece se antes não as experimenta. Por isso se diz: *Provai e vede*".
"Segui, diz o Beato Palafox (*Varón de deseos*, Exhort.), a vida de Deus, que está cheia da verdadeira vida, de uns deleites seguros, de uma alegria permanente... Provai e vereis a doçura do trato interior de Deus, aquelas secretas influências, aquelas suaves inspirações, aqueles doces impulsos, aquelas admiráveis luzes, aquela paciência em Deus ao sofrer, aquele amor ao guiar, aquela liberalidade ao socorrer, aquela generosidade ao premiar. Vede com que ternura ama, com que suavidade enamora, com que fortaleza defende, com que finura obriga". – Fora de Deus, "não encontrareis alegria nem mesmo boa correspondência... São laços as que parecem prendas, e as afeições, ficções".

de que eles estavam cheios! Essa linguagem divina, essas palavras de vida, confirmadas com o exemplo, com as obras de luz que glorificam ao Pai celestial, faria-lhes compreender que não podemos ser homens cabais, sem ser perfeitos cristãos; já que, segundo a linda frase de Santo Agostinho, "não há mais homens perfeitos que os verdadeiros filhos de Deus".

Quando assim chegassem a conhecer de algum modo o *dom divino*, e descobrir o *tesouro escondido*, logo trocariam por ele tudo que têm. E queixando-se de nós, porque tardamos tanto em manifestar-lhes tão incomparável bem, entre inefáveis consolos mesclados com doces lágrimas, exclamariam com aquele grande convertido[13]: Ó Beleza tão antiga e tão nova, quão tarde te conheci, quão tarde te amei!". E como se lamentariam então de *se terem dispersado em seus pensamentos*, envergonhando-se por terem colocado em dúvida a verdade objetiva de nossos sacrossantos dogmas!... E se isso poderia acontecer a muitos dos que passam por inimigos, com mais razão acontecerá com muitíssimos cristãos que vivem em completa ignorância dessas verdades. Quantos pecadores se converteriam e quantos tíbios se tornariam fervorosos e se resolveriam a seguir com valor os caminhos da virtude se conhecessem bem a incomparável dignidade do cristão, como filho de Deus, irmão de Jesus Cristo e templo vivo da Trindade, que em tantos corações mora sem que eles o advirtam nem lhe façam caso! Certamente que muitos dos que andam tão ocupados em busca dos fugazes bens do mundo, procurariam viver santamente se compreendessem bem quanto lhes importa cuidar e cultivar o tesouro divino, e quão obrigados estão a desenvolver o místico gérmen de vida eterna, que em seus corações têm enterrado sem deixá-lo frutificar! Mas, desgraçadamente, são muito poucos os que conhecer a rica e gloriosa herança que Jesus Cristo tem depositada em seus santos (Ef 1, 18), e o rigoroso dever que nós todos, pelo simples fato de sermos batizados n'Ele, temos de nos revestir d'Ele mesmo e nos configurar à sua imagem, aspirando verdadeiramente, como ao único fim, *a nos santificar na Verdade* (cf. Rom 8, 29; Ef 1, 4; Jo 3, 3; 17, 17-26, etc.).

---

13 Santo Agostinho, *Confissões*, l. 10, cp. 27.

"Jesus Cristo, observa o Padre Weiss[14], não fundou sua Igreja senão para que fosse santa (Ef 5, 26). A verdadeira sociedade dos fiéis deve ser um povo santo (I Pd 2, 9). Todos que aceitam a fé cristã são chamados à santidade (Rom 1, 7; I Cor 1, 2). Ou se deve aspirar a ela, ou se deve renunciar ao nome de cristão, ao título de *santo*. Pois o que Deus quer é a nossa santificação" (I Tes 4, 3).

As próprias almas espirituais poderiam achar nesses estudos muitas luzes que em parte supririam a escassez de diretores, de que tanto se lamentam, estímulos poderosíssimos que as confortarão para subir seu Calvário, solução para muitas dificuldades, tranquilidade e gozo inexplicáveis quando vissem que são completamente certos seus tímidos pressentimentos acerca da inefável obra da deificação que nelas se realiza, da íntima ação vivificadora do Espírito santificante, da adorável presença de toda a Trindade e das amorosas e dulcíssimas relações com que se sentem ligadas com cada uma das três divinas Pessoas. Como se animam, com efeito, quando reconhecem as fases sucessivas pelas quais é preciso passar para chegar à íntima união e transformação, à perfeita configuração com Cristo, ao momento solene em que, totalmente já impressas de seu divino selo, possam dizer com o Apóstolo: *Mihi vivere, Christus est!...*[15]

A todos, pois, se dirigem estas humildes páginas; a todos desejamos servir nelas, dizendo-lhes com o Salmista (Sl 33, 13): *Qual é o homem que deseja a verdadeira vida e anseia por ver dias felizes?* Ele achará aqui, senão tudo o que deseja sobre a matéria, nem menos o que poderia se dizer – que é interminável –, ao menos algumas indicações do caminho que deve tomar para satisfazer sua fome e sede de justiça, de vida, de verdade e de amor. Essa é, por outra parte, a melhor apologia que podemos fazer da Igreja e o melhor meio de precaver todos os extravios e de evitar e remediar os

---

14 *Apología del Cristianismo*, t. 9, conf. 4.

15 As almas contemplativas, diz Alvarez de Paz *(De inquisitione pacis*, l. 5, p. 3, introd.), "egent aliqua hujus sapientiae cognitione, ne timeant, ne se illusas, cum non sint, aut deceptas defleant, vel e contra aliquo dolo adversarii innexae, ac si non essent, illusae gaudeant: et ut dona quae accipiunt, agnoscant, et pro illis gratias agant, et se ad vitae puritatem his donis correspondentem accingant".

danos destas tendências exageradas do *especulativismo* e do *sentimentalismo*, do *tradicionalismo* e do *modernismo*, que hoje tantas agitações, confusões, discussões e lamentáveis deserções ocasionam.

Sem uma exposição, pelo menos breve, do fundo da vida sobrenatural e do desenvolvimento da perfeição cristã, a defesa de nossa Religião seria sempre incompleta e defeituosa[16]. Para fazer amável a Igreja de Deus, não há senão que mostrar os inefáveis atrativos de sua vida íntima. Apresentá-la só em seu aspecto rígido exterior, é quase desfigurá-la, fazendo-a desagradável; é como despojá-la de sua glória e de seus principais encantos. *Omnis gloria eius, ab intus*. Hoje mais que nunca, segundo nota Blondel, para atrair os homens à Igreja, há que manifestar-lhes os celestiais resplendores de sua alma divina.

Apresentada tal como é, sem disfarces nem atenuações, e sem rebaixá-la nem desfigurá-la com baixas e estreitas apreciações humanas, ela mesma – como cheia de graça e de verdade, à imitação de seu Esposo – dá perpétuo testemunho de sua divina missão, e é sua melhor apologia. A verdade divina não necessita se defender: a ela basta ser apresentada com seu nativo esplendor e sua força irresistível.

Estudando no livro I a divina constituição da Santa Igreja, vimos os numerosos e variados símbolos com que essa é figurada e representada, que bem merece chamar-se "primogênita das criaturas" e "obra mestra da eterna Sabedoria". – Segundo um desses símbolos, aparece como *casa e cidade de Deus*, porta do céu e templo vivo do Espírito Santo. – Segundo outro, como uma família divina, "uma razão escolhida, sacerdócio régio, que é gente santa e povo adquirido para anunciar as divinas grandezas" (I Pd 2, 9); povo onde reina o próprio Deus, tratando familiarmente com todos os seus vassalos, que são outros tantos filhos. – Outras vezes figura como o

---

16 "Em uma apologia do cristianismo, enquanto é espírito e vida, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 9, intr., 3), deve aparecer a todo momento a doutrina da perfeição". "As principais causas, ele acrescenta (n. 6-9), da frieza espiritual e paralisia destes tempos, é a falta de inteligência desta salutar doutrina e a indiferença com respeito à santidade. O que nossa época necessita mais que nada são os verdadeiros santos, os homens novos e completos, os verdadeiros cristãos, interiores, perfeitos".

jardim das divinas delícias, onde floresce toda virtude e santidade; ou como um campo, onde cresce e frutifica a divina palavra; ou como um rebanho, cujas ovelhas conhecem ao seu pastor e o seguem, e ele as chama por seu nome e lhes dá a vida eterna.

Aparte desses três símbolos – que chamamos *arquitetônico, sociológico e agrícola* – há outros dois ainda mais apropriados, que nos permitem penetrar mais fundo e nos remontar mais acima na consideração dos divinos mistérios; e esses são o *sacramental* e o *orgânico-antropológico*, segundo os quais a Igreja aparece, respectivamente, como *Esposa* do Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, e como *Corpo místico de Jesus Cristo*. E a esses dois buscaremos aqui nos atermos com preferência, embora sem excluir os outros quando vierem ao caso.

Esses símbolos, segundo foi dito em seu lugar, são tão diversos e tantos, para que vejamos que nenhum deles, nem todos reunidos, são capazes de representar adequadamente uma realidade tão soberana, que excede sobre todas as formas de nossa pobre linguagem e sobre todos os moldes de nosso limitado pensamento, transcendendo sobre as mais altas apreciações e intuições de nossa razão vacilante e débil. Cada um indica só algum aspecto dessa realidade inefável que de algum modo se adivinha, mas que de nenhuma maneira se precisa nem se pode definir convenientemente. E todos juntos se completam para nos dar uma idéia mais cabal, obrigando-nos a prescindir em grande parte das formas que mutuamente parecem se excluir como incompatíveis, e a superar nossas tímidas reflexões e apreciações para sentir com o *sentido de Cristo*, admirar em silêncio, contemplar com a luz e a graça do Espírito Santo e apreciar assim *divinamente* o que não se pode proferir com palavras nem mesmo conceber com pensamentos humanos.

E se nenhum símbolo pode esgotar a imensa virtualidade da Igreja, se essa admirável realidade não pode caber em sistema nenhum, querer precisá-la demasiado com tecnicismos, próprios de uma época ou de uma filosofia, quando tão indubitavelmente transcende todos os sistemas e conceitos humanos, é rebaixá-la e mesmo desnaturalizá-la como de propósito. Mas vale, pois, deixar flutuantes os conceitos para admirar sua plasticidade e riqueza, que reduzi-los à estreiteza de nossos olhares; mais vale contemplar

em silêncio os tesouros de vida e de ciência divina encerrados no corpo místico de Jesus Cristo, e ponderá-los com estas atrevidas e inspiradas frases das divinas Escrituras e dos grandes santos, que sentiam essas coisas muito sensivelmente, que *sistematizá-los* com exagero, querendo encaixá-los à força nos reduzidos moldes de nosso pensamento; os quais, se nos permitissem *compreender*, chegariam, por esse fato mesmo, a *desfigurar* o que de *per se* é *incompreensível*. Se é loucura medir com uma concha a capacidade do Oceano, muito maior é medir com uma cabeça humana os inesgotáveis tesouros da divina Sabedoria.

O prestígio da ordem sobrenatural só se restabelecerá apresentando-a, não tal como supõem tão mal os que a denigrem nem como nós mesmos do nosso modo a pensamos, senão tal como é em si, como aprouve a Deus encarná-la em sua Santa Igreja. E conhecendo bem o que esta é, se reconhecerá quais devem ser seus membros. E estes aprenderão melhor a apreciar o dom de Deus, a corresponder à divina graça, buscando viver em tudo como filhos da luz, desenvolvendo o gérmen da vida divina e da glória perdurável em que em si mesmos contêm. Quanto não se elevaria o nível ordinário da vida cristã, e quão excelente apologia da Religião constituiriam as obras da generalidade dos fiéis, se todos nós buscássemos verdadeiramente conhecer e apreciar "a via nova e vivente que Jesus Cristo iniciou para nós mediante o véu de sua carne" (Heb 10, 20), e o divino *corpo místico* a que pertencemos e de cuja Cabeça estamos incessantemente recebendo maravilhosos influxos!...

As coisas que agora vamos tratar, não é possível explicá-las completamente: a beleza, a sublimidade, o sabor celestial que em si têm excedem os moldes da palavra humana. A natureza íntima da vida sobrenatural, sua excelência sobre todo o criado, o modo como se vive, as fases pelas quais sucessivamente vão passando as almas sofrendo e gozando o incrível até "despojar-se por completo do homem velho e vestir-se do novo"; tudo isso é verdadeiramente "inefável": *de quo nobis gradis sermo, et ininterpretabilis ad dicendum* (Heb 5, 11).

Esta tarefa não só é difícil, mas quase parece temerária; porque se os grandes místicos, cheios do Espírito Santo – como "mortos que estavam para o mundo, e com uma vida escondida com Cristo em Deus" –, com tudo isso

mal conseguem dizer algo, que poderemos dizer nós, os profanos?... Essas são coisas tão sublimes, tão indizíveis, tão incompreensíveis, tão inexplicáveis que, mesmo sentindo-as, mal se consegue concebê-las, muito menos compreendê-las, e, mesmo compreendo-as de algum modo, é impossível dizê-las por falta de termos.

Mas não por isso devemos deixar de dizer o que se possa, já que o progresso místico é o fim principal da divina Revelação e a razão de todos os outros progressos da Santa Igreja; e, por isso mesmo, o que mais devemos todos buscar[17]. Preciso é, pois, recordar ao menos algo do ensinado pelos grandes teólogos místicos que tiveram a sorte de sentir e experimentar os mistérios dessa portentosa vida e de poder notar e descrever de algum modo seus maravilhosos progressos[18], embora devamos nos ater a extrair, ordenar ou traduzir numa linguagem humana o que eles – e muito particularmente os autores inspirados – nos disseram com a sua, verdadeiramente divina.

---

17 "O desejo da indivisível Trindade, que é fonte de vida, diz São Dionísio, o Pseudo-Aeropagita *(Hier. Eccles.* c. 1, n. 3), é a salvação de todas as criaturas intelectuais. E a salvação se encontra na *deificação*: isto é, na perfeitíssima assimilação e união com Deus".
"Não pude deixar de lastimar-me muito, diz Santa Teresa (*Moradas* 6, c. 4), ao ver o que perdemos por nossa culpa. Porque ainda que seja verdade que são coisas que o Senhor dá a quem quer, se quiséssemos a Sua Majestade como Ele nos quer, *a todos a daria*: não está desejando outra coisa senão ter a quem dar, que não por isso se diminuem suas riquezas". – "Minha filha, disse-lhe uma vez Nosso Senhor (*Vida*, c. 40), quão poucos me amam de verdade! Pois, se me amassem, não lhes encobriria eu meus segredos". – "Assim que, filhas, diz ela (*Caminho de perfeição*, c. 16), se quereis que vos diga *o caminho para chegar a contemplação*, suportai que eu seja... um pouco demorada..., que *eu asseguro a vós e a todas as pessoas que pretenderem esse bem, que chegareis à verdadeira contemplação*". – "*Disponha-se* para se Deus lhe quiser levar por esse caminho; quando não, para isso recorra à humildade, para ter-se por ditosa em servir as servas do Senhor (*ib.* c. 17). – "É minha intenção, acrescenta em outro lugar (*Vida*, c. 18), *engulosinar* as almas de um bem tão alto".

18 Sem alguma manifestação, por imperfeita que seja, dos inefáveis mistérios da vida divina nas almas, diz Santa Catarina de Gênova (*Diálogos espir.* 1, 3, 12), "não haveria na terra senão confusão e mentira. Por isso, a alma iluminada com a luz do alto não pode se calar. O amor a abrasa até o ponto de a fazer superar todos os obstáculos para poder derramar ao seu redor os frutos de paz inefável que nela produz o Deus de toda consolação (II Cor 1). E fará muito mais ao ver os homens loucamente perdidos em busca dos prazeres terrenos, incompatíveis com sua futura e imortal glorificação".

E para confirmar nossas apreciações particulares, procuraremos expor, em apêndices ou notas, alguns textos comprobatórios, tomados dos grandes mestres do espírito e das almas que melhor souberam ou sabem referir as inefáveis impressões da Realidade infinita. E como são tão variados os toques do Espírito – e cada qual os experimenta e os traduz a seu modo e segundo um aspecto especial – buscaremos que esses textos sejam também muito variados para que, à vista deles, possa formar-se uma idéia mais cabal deste fundo inenarrável, e para que cada alma que comece a sentir essas coisas possa notar e reconhecer algo do que nela se passa. Embora não fosse mais que para uma só a quem pudesse servir de verdadeiro proveito espiritual, daríamos por muito bem empregados nossos esforços e suores. Se, pois, alguém, apesar de nossa incompetência, encontra aqui luz e alento, dê graças ao Pai de todas as luzes, que de tão inúteis instrumentos sabe se valer; e ofereça uma oração para que se converta em "concha" – segundo a frase de São Bernardo[19] – o pobre autor, que até agora não é mais que um simples *canal.*

Trataremos, pois, com o auxílio divino: 1.º, da *vida sobrenatural* e de seus principais elementos; 2.º, do desenvolvimento dessa vida nos particulares, ou seja, da *evolução mística individual*; e 3.º, da *evolução mística de toda a Igreja.*

19 *Serm.* 18 *in Cant.*

PRIMEIRA PARTE

A VIDA SOBRENATURAL EM SI MESMA, EM SUAS OPERAÇÕES E EM SEU CRESCIMENTO

CAPÍTULO I

IDÉIA GERAL DA VIDA MÍSTICA

§ I. – A MÍSTICA E A ASCÉTICA. – BREVE IDÉIA DAS VIAS CHAMADAS "ORDINÁRIAS" E "EXTRAORDINÁRIAS"; A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA ESPIRITUAL; A RENOVAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO PERFEITA.

Místico é o mesmo que *recôndito*. *Vida mística* é a misteriosa vida da graça de Jesus Cristo nas almas fiéis que, morrendo para si mesmas, com Ele vivem *escondidas em Deus* (Col 3, 3); ou mais propriamente: "é a íntima vida que experimentam as almas justas, como animadas e possuídas pelo Espírito de Jesus Cristo, recebendo cada vez melhor e sentindo às vezes claramente seus divinos influxos – saborosos e dolorosos – e com eles crescendo e progredindo em união e conformidade com Aquele que é sua Cabeça, até ficarem n'Ele transformadas".

Por EVOLUÇÃO MÍSTICA entendemos todo o processo de formação, desenvolvimento e expansão dessa vida prodigiosa, "até que se forme Cristo em nós" (Gal 4, 19), e "nos transformemos em sua divina imagem" (II Cor 3, 18).

Essa vida pode viver-se *inconscientemente*, como vive uma criança a vida racional, ou propriamente humana; e assim a vivem os principiantes e em geral todos os que se chamam simples *ascetas*, ou seja, os que caminham para a perfeição pelos "caminhos ordinários" da consideração laboriosa dos divinos mistérios, a mortificação das paixões e o exercício metódico das virtudes e das práticas piedosas. E pode viver-se também *conscientemente*, com certa experiência íntima dos misteriosos toques e influxos divinos, e da real presença vivificadora do Espírito Santo; e assim a costumam viver a generalidade das almas muito aproveitadas que já chegaram ao perfeito

exercício das virtudes, e também outras almas privilegiadas a quem Deus livremente escolhe desde muito antes para levá-las mais rapidamente, como em seus braços, pelas *vias extraordinárias* da *contemplação* infusa. As almas que assim vivem, mais ou menos conscientemente da vida divina, costumam chamar-se *místicas ou contemplativas*; *místicas*, por razão da íntima *experiência* que têm dos ocultos mistérios de Deus; *contemplativas*, porque seu modo de oração habitual costuma ser esta *contemplação* que o próprio Deus amorosamente infunde em quem quer, quando quer e como quer, sem que faça parte o engenho humano para alcançá-la, nem aperfeiçoá-la, nem mesmo para prolongá-la; enquanto que o dos *ascetas* é a *meditação discursiva* que, com a graça ordinária que a ninguém se nega, nós todos a podemos conseguir e mesmo aperfeiçoá-la até vê-la convertida insensivelmente na chamada *oração de simplicidade*, que já é um tipo de *contemplação* meio infusa e meio *adquirida*, e que costuma ir acompanhada de certa *presença amorosa* de Deus, causada por um singular influxo do Espírito Consolador, para realizar a transição gradual do *estado ascético* ao *místico*.

A ciência que ensina os chamados *caminhos ordinários* – ou seja, os rudimentos, os primeiro graus – da perfeição cristã – e muito particularmente o modo de fazer bem a meditação para adquirir e desarraigar os vícios, e *exercitar-se* em todas as práticas da *via purgativa* com algumas da *iluminativa* e da *unitiva* – costuma chamar-se *Ascética* (de ἄσκησις = *exercitante*), reservando-se o nome de *Mística* propriamente dita – embora essa em geral abarque toda a vida espiritual – para a "ciência experimental da vida divina nas almas elevadas à contemplação[20]".

---

20 "A teologia mística, diz Gerson, tem por objeto um conhecimento *experimental* das coisas de Deus, produzido na íntima união do amor". Esse conhecimento se alcança principalmente com *o dom da sabedoria*, o qual, como adverte Sauvé (*Etats mystiques* p. 120), "tem por caráter fazer *saborear* as coisas da fé. Então, com efeito, parece que a alma as *prova* e as *sente*, *toca-as* e as *experimenta*, em vez de entrevê-las de longe ou de conhecê-las como ouviram dizer". – Conforme o que Santo Tomás ensina (*In I Sent.* dist. 14, q. 2, a. 2 ad 3) que "ex dono... efficitur in nobis coniunctio ad Deum, secundum modum proprium illius personae, sc. por amorem, quando Spiritus Sanctus datur. Unde *cognitio* ista est quasi *experimentalis*". Assim vem a ser como um prelúdio da glória. «Internus *gustus divinae sapientiae* est quase quaedam praelibatio futurae beatitudinis" (*Opusc.* 60, c. 24).

Essa ciência é essencialmente *esotérica*, como a ótica o é para os cegos: ninguém a pode compreender nem a apreciar bem sem estar *iniciado* com a própria experiência. Mas ainda assim, aquilo que os grandes místicos conseguiram traduzir em linguagem *exotérica* – ainda que pareça a nós profanos tão enigmático como é para o cego o relativo às cores – vale ainda mais, ou nos dá a conhecer melhor os inefáveis mistérios da vida espiritual, do que quanto pode nos ensinar uma teologia especulativa, que os olha como que de fora e somente através dos enigmas da razão[21]. "As coisas de Deus ninguém as conhece senão o Espírito do próprio Deus" (I Cor 2, 11); "e aquele a quem o Filho as quiser *revelar*" (Mt 11,27). Assim essas misteriosas noções que podem ser alcançadas sem experiência própria, e constituem a parte *exotérica* da *Mística*, por incompletas que sejam, oferecem grandíssimo interesse para poder reconhecer no possível os inefáveis mistérios da vida espiritual e ver essa maravilhosa evolução da graça que termina na glória[22]. Ademais são indispensáveis a todo diretor espiritual, se quer cumprir seu dever guiando e não extraviando as almas. Quem, com verdadeiro espírito de piedade, vá tendo algo de *sentido cristão*, embora por falta de experiência não compreenda bem essas coisas, certamente não as terá por incríveis nem se espantará delas, como fazem os de pouco espírito, imitando os incrédulos.

---

21 A *Teologia Mística*, escreve o Ven. Fr. Bartolomeu dos Mártires, O.P. (*Compendium mysticae doctrinae* c. 26), «consistit in excelsa contemplatione, in ardenti affectione, in raptibus, mentalibusque excessibus; quibus omnibus ad cognitionem Dei facilius venire possimus quam per humana studia. Versatur igitur haec arcana Theologia in *experimentalibus de Deo notitiis*, quae variis nominibus a sanctis nuncupantur, sicut reipsa variae sunt. Videlicet: *Contemplatio, extasis, raptus, liquefactio, transformatio, unio, exultatio, iubilus, ingressus in divinam caliginem, gustatio Dei, amplexus*, sive *osculum Sponsi*. Quae omnia ab his qui ea numquam experti sunt, dignosci nequeunt, sicut numquam efficere poteris ut caecus colorem concipiat... De his enim dixit Dominus (Mt 11): *Abscondisti haec a sapientibus, et revelasti ea parvulis*".

22 "O que os místicos dizem de nossa transformação em Deus é aplicável a toda a vida sobrenatural. Pois a *vida mística* não é outra coisa senão a *vida da graça, feita consciente, e conhecida experimentalmente*, assim como a vida do céu é a mesma da graça, desenvolvida, perfeita, chegada ao término de sua lenta e obscura *evolução*" (Bainvel, *Nature et surnaturel* [Paris 1903], p. 76).

Animalis homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei... Spiritualis autem iudicat omnia: et ipse a nemine iudicatur (I Cor 2, 14-15)[23].

Os simples ascetas – como ainda crianças na virtude – embora às vezes *sintam* ou percebam de algum modo as manifestações sobrenaturais, ainda não *advertem* claro o que são, não têm bastante consciência delas para saber discerni-las das naturais. Seus ordinários princípios de operação, com que se exercita e manifesta neles a vida espiritual, são as virtudes infusas; e essas, por serem sobrenaturais, agem de *um modo conatural*, ou seja, humano. Os dons do Espírito Santo – com que se opera *supra modum humanum*, exercitando os misteriosos *sentidos espirituais* – ainda não influenciam senão raras vezes ou num grau muito remisso; e por isso mal se pode distinguir e reconhecer o sobrenatural senão em seus efeitos, nesses que se chamam "milagres da graça", nas mudanças que às vezes quase repentinamente uma alma experimenta quando, de tíbia que era, frágil, propensa ao mal e dificultosa para o bem, sem saber como, encontra-se fervorosa, firme, cheia de coragem e de santos desejos.

Agindo assim, *humanamente*, têm que se esforçar em caminhar como por seu pés, em excitar as próprias iniciativas para exercer bem a virtude e superar as dificuldades, guiando-se pela obscura luz da fé e segundo as normas da prudência cristã, sem mal notar os contínuos influxos do divino Consolador, que ocultamente os move, sustenta e conforta. Mas quando, consolidados na virtude, vencendo-se a si mesmos, vão conformando mais e mais sua vontade com a de Deus, logo começam a *sentir* e *notar* certos desejos, impulsos ou instintos completamente novos e verdadeiramente *divinos*, que não provêm nem podem prover deles mesmos – pois os levam a algo desconhecido, a um novo gênero de vida e de perfeição muito superior – e que não os deixa repousar até o empreenderem fielmente e até incendiarem-se com esses mesmos e em outros ainda mais altos e ardentes desejos. E conforme vão as almas seguindo com docilidade esses impulsos do Espírito, assim vão sentindo cada vez mais claramente seus toques,

23 Cf. S. Th., *in h. l.*

notando sua amorosa presença e reconhecendo a vida e virtudes que lhes infunde. Daí que pouco a pouco venham a agir principalmente por meio dos dons, que se manifestam já em alto grau e como algo *sobre-humano*; e desse modo, vêm a ter verdadeira *experiência íntima* do sobrenatural em si, e entram de cheio no *estado místico*. Nesse venturoso estado, a oração habitual costuma produzi-la notoriamente o divino Consolador, que "pede por nós com gemidos inenarráveis", e nos faz orar como convém; influenciam aqui já frequentemente e muito claramente todos os seus dons, especialmente o da *sabedoria* – com que se *saboreia* e *experimenta* o divino – e do *entendimento*, com que se *penetra* nos profundos arcanos de Deus: embora às vezes predominem o do temor, o da piedade, o da fortaleza, o da ciência ou o do conselho.

Pelo mesmo motivo que "o Espírito inspira onde quer, e deixa ouvir sua voz, sem que saibamos de onde vem e para onde vai" (Jo 3, 8), certas almas *privilegiadas* começam a sentir muito cedo seus delicados toques; mas o comum é não senti-los claramente como *sobrenaturais* até acharem-se já muito adiantadas no caminho da virtude e tão unidas com a vontade divina, que já não apaguem nem abafem a voz do Espírito, nem resistam a seus impulsos, mas o sigam com docilidade, deixando-o agir livremente nelas.

Assim, pois, esta misteriosa vida divina a vivemos primeiro *inconscientemente*, à maneira de crianças, sem nos dar conta do novo *princípio vital*, que é o próprio Espírito Santo; o qual, *vivificando* nossas almas e renovando nossos corações, faz-nos ser verdadeiramente *espirituais* e viver como dignos filhos de Deus. Grande multidão de cristãos, e mesmo de religiosos – embora comprometidos a caminhar muito verdadeiramente para a perfeição evangélica – nunca saem dessa fase de *infância espiritual*, que é a própria dos *ascetas* e principiantes. E oxalá que muitos deles entrassem pelo menos aí, "convertendo-se e fazendo-se como crianças para poder ser admitidos no reino dos céus!". A essas *crianças* que ainda não advertem que são filhas de Deus – e que, com viver d'Ele, agem segundo suas próprias visões e caprichos, tendo ao Espírito como aprisionado – há que tratá-las "como *carnais* e não como a homens *espirituais*" (I Cor 3, 1); pois ainda se deixam mover mais segundo as visões *da prudência humana* – que costuma

participar muito da *prudentia carnis* – que segundo as *da cristã* que, unida ao dom do conselho, constitui a *prudentia spiritus*.

Mas se, exercitando-se verdadeiramente na virtude, vão entrando na maturidade de "homens perfeitos", logo começarão a luzir em suas frontes a luz e discrição do Espírito de Jesus Cristo, segundo a sentença do Após-tolo: *Surge qui dormis, et illuminabit te Christus* (Ef 5, 14). E submetendo verdadeiramente a prudência da carne – que "é morte" – à do espírito – que é "vida e paz" – começarão a viver como "spirituales" = *pneumáticos*, que se movem por impulsos do divino Consolador e *sentem* mais ou menos seus influxos vivificantes. E então, vendo-se movidos pelo Espírito de Cristo, já reconhecem que são filhos de Deus, pois esse mesmo Espírito de adoção que os anima, dá-lhes disso claro testemunho quando assim os move a chamar PAI ao Deus Onipotente (Rom 8, 6-16). Essa moção confiante a produz desde muito cedo o dom da *piedade*: chamamos a Deus com esse amoroso nome sem advertir que seu próprio Espírito de amor é quem nos move a isso.

Quantos são assim inconscientemente movidos pelo Espírito, por se-rem, por isso mesmo, verdadeiros filhos de Deus, todavia não são mais que simples *ascetas* – pois ainda não têm clara *experiência íntima* do divino. Essa lhes dão os dons da *ciência, conselho e entendimento*, que nos fazem entrar na idade da *discrição espiritual* e ter consciência do que somos; e muito parti-cularmente o da *sabedoria* que, com ajuda dos diversos *sentidos espirituais*, permite-nos reconhecer os toques do Espírito, e *sentir, saborear e ver* quão suave é o Senhor[24]. – Então é quando plenamente se entra na *vida mística*, sem prejuízo de ter que voltar aos exercícios ordinários da *ascética*, sempre que cessa o sopro e a suave moção desse Espírito que inspira onde quer e quando quer, sem que ordinariamente saibamos aonde vai; por mais que, ainda assim, soprando suavemente nos leva com a vela cheia até o porto seguro. Quando cessa esse sopro há que navegar à força de remos, sob pena de sermos arrastados pelas ondas. Mas, segundo se vai entrando em alto

---

24 S. Agostinho., *Conf.* 10, 27.

mar, vão se notando cada vez melhor as perenes e tranquilas correntes do Oceano de água viva e vão sendo mais contínuas as moções e inspirações. Então "o ímpeto do rio da graça alegra a cidade de Deus", e o sopro do Espírito Santo costuma já mostrar de onde vem e para onde nos leva.

Daí a portentosa elaboração da graça que se realiza em grande parte durante a noite do sentido, para o submeter à reta razão ilustrada pela prudência cristã, e assim praticar bem as virtudes sobrenaturais, unindo-se a alma a Deus com perfeita conformidade de quereres, disposta a secundar suas moções, que vão se fazendo cada vez mais contínuas; mas se realiza ainda melhor na *noite do espírito*, que submete a própria razão sobrenaturalizada à suprema e única norma infalível da direção quase absoluta do divino Consolador. Então é quando "às escuras e segura, pela secreta escada disfarçada", experimenta essa misteriosa renovação ou *metamorfose* que a faz passar da simples *união conformativa*, em que ainda persistia mais ou menos a iniciativa própria e a própria direção, à *transformativa*, onde já faz Deus *omnia in omnibus*, único diretor e regulador ordinário de nossa vida. Ali está a alma como a crisálida encerrada em seu casulo, inerte, aprisionada, no escuro, para sair outra, com órgãos a propósito para uma vida aérea, e não rasteira como a de antes, devendo apascentar-se já sempre do néctar das flores, e não das coisas grosseiras. Tal é a linda imagem de que se valeu Santa Teresa[25] para expressar o que então passa na alma, que sai totalmente *renovada e transformada* e como com novos órgãos espirituais, para não viver já senão segundo o Espírito. Assim parece outra, com desejos, instintos, sentimentos e pensamentos que não têm já nada de terreno nem mesmo de humano, e que são em todo rigor *divinos*, pois o próprio Espírito de Deus é quem os provoca e ordena. E então a alma nota e compreende que não só *age* com a virtude de Cristo senão que o próprio Jesus Cristo, com quem está já totalmente configurada (tendo *morrido* e *ressuscitado* com Ele, e recebendo a perfeita impressão de seu *Selo* vivo), é quem *age* e *vive* nela, por ela e com ela; e assim com plena verdade diz: *Vivo, mas já não sou eu, senão*

25 Moradas, 5,2; 7,3.

é Cristo quem vive em mim, pois seu viver é o próprio Cristo, cujo Espírito lhe anima em tudo, reinando em seu coração com senhorio absoluto.

§ II – A VIVIFICAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A DEIFICAÇÃO. – VALOR INFINITO DA GRAÇA; EXCELÊNCIA DA JUSTIFICAÇÃO; REALIDADE DA ADOÇÃO E FILIAÇÃO DIVINAS; REGENERAÇÃO E CRESCIMENTO ESPIRITUAL; PROGRESSO INCOMPARÁVEL; DIGNIDADE DO CRISTÃO.

Pelo que foi dito se compreenderá já a suma importância dessa evolução misteriosa que, de virtude em virtude, nos leva até a mística união com Deus e até a transformação deificante. Jesus Cristo disse que veio trazer fogo à terra, e não queria senão vê-la incendiada. E este fogo é o do Espírito Santo, que há de nos animar, inflamar, purificar e aperfeiçoar, transformando-nos até o pondo de nos *deificar*.

Essa *deificação*, ou *theopoiesis* (θεοποίησις) tão celebrada pelos Padres – embora hoje, desgraçadamente, muito lançada no esquecimento – é o ponto capital da vida cristã, que deve ser toda ela um contínuo progresso, e tão portentoso, que tenha por término uma perfeição verdadeiramente divina; já que devemos chegar a nos assemelhar a Deus como um filho a seu pai: "Sede perfeitos como vosso Pai celestial"(Mt 5, 48). Isso se diz aos filhos do reino, que, por isso mesmo, já o são de Deus; porque "sem renascer para Ele da água e do Espírito Santo ninguém pode entrar em seu Reino". Mas o próprio Verbo Encarnado, "a todos que o receberam e creram em seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, renascendo d'Ele", pela graça santificante (Jo 1, 12-13; 3, 5).

Essa graça, com efeito, não é, como alguns pensam, uma simples perfeição acidental que, à semelhança das virtudes infusas, se recebe em nossas potências em ordem à operação; se recebe na própria substância da alma, e é, portanto, uma perfeição substancial, ou melhor dizendo, *sobresubstancial*, uma segunda natureza que nos faz ser uma *nova criatura*, e assim nos transforma e nos *diviniza*; pois nos dá uma maneira de *vida* verdadeiramente *divina*, de onde emanam certas faculdades e energias também divinas, com

que realmente participamos da vida, virtude e méritos de Jesus Cristo; e assim podemos praticar suas próprias obras, prosseguir sua divina missão, completar em certo modo a obra da Redenção e a edificação da Igreja e nos fazer, portanto, como verdadeiros irmãos e membros seus, seus legítimos co-herdeiros, merecedores de sua glória e vida eterna[26]. Esta – que, como São João ensina (I Jo 3, 2), consiste em "*ser* semelhantes a Deus e vê-lo tal como é" – não vem a ser outra coisa senão a simples expansão ou desenvolvimento da própria vida da graça, não diferindo dela senão só como difere o adulto do embrião, pois "a graça, diz Santo Tomás[27], é o gérmen que, desenvolvido, se converte na vida eterna". É a mesma vida eterna começada, e por isso, já merece levar seu nome: *Gratia Dei, vita aeterna* (Rom 6, 23).

Na graça se resumem e são *um* os três que dão testemunho sobre a terra (I Jo 5, 8): o *Espírito* que nos vivifica e nos move e dirige para a Pátria; o *sangue* que nos redimiu e nos mereceu ter vida; e a água que nos regenera em Jesus Cristo, sepultando-nos com Ele para com Ele ressuscitar para uma vida nova. Por isso, sem Ele não podemos absolutamente nada no que diz respeito à vida sobrenatural, e com Ele tudo podemos. Ele mesmo, pela comunicação de seu Espírito vivificante, é nossa verdadeira *vida*, que nos dá o *ser* de filhos de Deus e o *poder* de nos portar como tais: "Pois os que são movidos pelo Espírito de Deus, esses são os filhos de Deus". Este divino "Espírito de adoção que recebemos e que em nós mora – que segundo Deus

---

26 Cf. S. Tomás., *De verit.* q. 27, aa. 5 e 6; *De virt. in comm.* q. un., a. 10; 1-2, q. 110, a. 4.

27 "Gratia, escribe (2-2, q. 24, a. 3), nihil est aliud quam quaedam inchoatio gloriae in nobis". E em outro lugar (1-2, q. 114, a. 3 ad 3) acrescenta: "Gratia... etsi non sit aequalis gloriae in actu, est tamen aequalis in virtute, sicut semen arboris, in quo est virtus ad totam arborem". — Portanto, com a vida da graça "somos já filhos de Deus, participamos da vida divina, temos o Espírito Santo em nosso coração. São João nos fala da vida eterna que mora nós (I Jo 3, 14). A glória não é mais que a graça tornada exterior e sensível e manifestada por de fora". — Por isso diz São Paulo (Rom 8, 18): "Os sofrimentos presentes não são comparáveis com a glória futura que *se manifestará em nós*". — Assim, "quanto mais intenso é o sentimento do sobrenatural e mais desenvolvida está essa vida divina, tanto mais tem já a alma a vida da outra vida e habita de antemão no céu. — Essa vida nos faz passar quase sem sacudidas dessa existência para a futura. *Nostra enim conversatio in caelis est* (Fil 3, 20). — Broglie, *Le Surnaturel* (Paris 07) 1, p. 38-40.

pede pelos santos, ajudando nossa fraqueza e ensinando-nos a orar como convém, já que nós não o sabemos, e que está pedindo por nós com gemidos inexplicáveis – é quem nos faz exclamar: *Abba* (Pai). Porque o próprio Espírito atesta à nossa consciência que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros: herdeiros certamente de Deus, e co-herdeiros de Cristo[28]; mas se padecemos com Ele, é para sermos também com Ele glorificados". Assim, "não estamos na carne, mas no espírito; se é que o Espírito de Deus habita em nós. Mas quem não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é d'Ele" (Rom 8, 9-27). Pois, sem a comunicação do Espírito vivificante, está morto para a vida sobrenatural, e não pode ter parte com Cristo.

Assim, a perda da graça é a maior calamidade que pode acontecer a um homem, e sua aquisição a maior ventura. Com ela nos vêm todos os bens, pois vem o próprio Autor de todos eles; sem ela tudo está perdido, já que da excelsa e incomparável dignidade de filhos de Deus, desce-se à vil e abominável condição de filhos da morte, da perdição e da ira[29]. Por isso ensinam os santos que a justificação – pelo qual, recebendo o divino ser da graça, fica a alma *criada em Jesus Cristo* – é uma obra maior que a própria criação do céu e da terra[30].

"Quando a alma está privada da graça santificante, diz Bellamy[31], encontra-se em um estado análogo ao da primitiva matéria: pode dizer-se dela em verdade que é um abismo onde não há mais que trevas e confusão.

---

28 "Effudit Filius Spiritum suum in nos..., in ipso clamamus: *Abba, Pater*. Quare pueros Dei et Patris nos vocat, utpote *regenerationem per Spiritum* habentes, ut et *fratres* eius qui natura vere est Filius nancupemur. Dixit enim voce Psalmistae: *Anunciabo nomen tuum fratribus meis*" (S. Cirilo de Alexandria, *in Is.* 1. 1, 5).

29 "Costuma Deus mostrar-me muitas vezes, dizia a Ven. Madre Francisca do Santíssimo Sacramento (*Vida*, por Lanuza, I. c., 1), como está uma alma em pecado mortal. É uma coisa terrível a feiura e horribilidade que tem: não há monstro no mundo a que compará-la. Também costuma mostrar-me o que é estar uma alma em graça: isso é coisa muito deleitável; e sua formosura e beleza, nem com o sol nem com tudo que há criado tem comparação".

30 "Maius opus est iustificatio impii, quae terminatur ab *bonum aeternum divinae participationis*, quam creatio caeli et terrae, quae terminatur ad bonum naturae mutabilis" (S. Th., 1-2, q. 113, a. 9).

31 *La vie surnaturelle*, 2ª ed. (1895), p. 72.

Morta à vida sobrenatural, necessita que o Espírito de Deus venha a depositar em seu seio os gérmens de ressurreição e fecundá-los com sua ação onipotente. Somente então poderá a alma encontrar a ordem, a beleza e a vida, frutos da organização divina. Mas a graça nos constitui filhos de Deus, e essa filiação divina não é outra coisa senão uma reprodução, ao menos distante, da filiação eterna do Verbo. É, pois, conseqüente que nossa vida sobrenatural seja imagem e representação d'Aquele que é "*esplendor do Pai e figura de sua substância*". *N'Ele habita a plenitude da Divindade, e de sua plenitude todos recebemos.*

Assim essa filiação divina não é imprópria, metafórica ou simplesmente *moral*, como se fosse devida à uma pura *adoção* análoga às humanas; é muito *verdadeira* e *real* em um sentido inexplicável, mas mais próprio e mais elevado do que se pensa, já que se assemelha – ainda mais fielmente que a filiação natural com que um homem procede de outro – à eterna com que o Verbo nasce do Pai, *ex quo omnis paternitas in caelo et in terra nominatur*. Na adoção moral, o filho não renasce do pai adotivo, nem, portanto, participa do seu ser, de sua vida ou de seu espírito, nem é interiormente movido por ele; mas o "Espírito de adoção que recebemos" nos dá não somente o honroso *título*, a inconcebível *dignidade* e os inestimáveis *direitos*, mas também a misteriosa e inefável *realidade de filhos de Deus*, como renascidos d'Ele à imagem de seu Verbo eterno, por obra do seu próprio Espírito de amor[32]. Pois tal caridade nos mostrou o Pai, e tal poder e misericórdia exercitou conosco, que não se contentou em levantar-nos de nossa pobre e servil condição à de filhos adotivos, mas que, ao nos adotar, soube e quis fazer que fossemos seus filhos *verdadeiros*, renascendo realmente d'Ele (Jo 1, 13) pela graça e comunicação de seu Espírito, e ficando assim *incorporados* com seu Unigênito, do qual tudo redunda a nós, como da cabeça aos membros. Somos, pois, verdadeiramente *filhos de Deus – participantes de sua divina natureza, e animados de*

32 "Filiatio adoptiva, diz Santo Tomás (3.a p., q. 23, a. 2 ad 3), est quaedam *similitudo filiationis aeternae*... Adoptio appropiatur Patri ut auctori, Filio ut exemplari, Spiritui Sancto ut *imprimenti in nobis huius exemplaris similitudinem*".

seu próprio Espírito – se é que o Espírito de Deus habita em nós. Portanto, ao comunicar-nos este seu Espírito de adoção, e nos incorporar com seu Verbo, *tal caridade nos mostrou o Pai, que fez que nos chamemos filhos seus, e que realmente o sejamos* (I Jo 3, 1). Porque, como observa Santo Agostinho[33], *renascemos do mesmo Espírito de que nasceu Jesus Cristo*[34].

Por Jesus Cristo, em quem está a plenitude da Divindade, diz muito bem a este propósito Lesio[35]: "a todos os que a Ele aderem, como os sarmentos à videira, Deus os adota e os faz filhos seus. Pois assim que alguém adere a Cristo e é enxertado n'Ele pelo batismo, fica animado e vivificado pelo Espírito de Cristo, que é sua Divindade, e, portanto, torna-se filho de Deus. Já que vive com o mesmo espírito com que vive Deus e com que vive Cristo, Filho natural de Deus, embora se lhe comunique de diverso modo. Somos, pois, filhos de Deus, *proprie et formaliter*, não tanto por algum dom criado, quanto pela inhabitação e posse do divino Espírito que vivifica e rege nossas almas"[36]. Assim é como, segundo acrescenta Bacuez[37], "este título de filhos de Deus, não é um nome vão nem uma simples hipérbole... Indica uma dignidade real, sobrenatural, *essencial* a todos os justos, que é fruto da redenção e penhor da salvação. Ao recebê-la com a graça santificante, por adoção chegamos a ser em certo modo para com Deus o que seu Filho é por essência. Sem nos identificar ou confundir com Ele, sem suprimir nossa natureza, Deus nos associa à sua, faz-nos participar do seu Espírito, de suas luzes pela fé, de seu amor pela caridade, de suas operações pela virtude de sua graça; pondo em nossa alma um novo princípio de atividade, o gérmen de uma *vida superior*, sobrenatural, *divina*, destinada a *crescer e desenvolver-se*

---

33 "Ea Gratia fit quicumque christianus, qua Gratia factus est Christus. De ipso Spiritu est hic renatus, de quo est ille natus» (S. Agostinho, *De Praedest.* 31).

34 «Nec alio modo possunt filii fieri cum ex natura sua sint creati, nisi Spiritum eius, qui est naturalis et verus Filius, acceperint" (S. Atanásio, *Orat. 2 contra Arian.*).

35 *De perfect. divin.* 12, 74, 75.

36 "Ipso dono gratiae gratum facientis, observa Santo Tomás (Iª p., q. 43, a. 3), Spiritus Sanctus *habetur*, et inhabitat hominem».

37 *Manuel Biblique* t. 4, 8ª ed., p. 216, n. 587.

no tempo para manifestar-se plenamente na eternidade, onde participamos de sua glória e seu reino".

Por aqui se verá quão maravilhosa é essa *mística evolução* que há de se realizar em nós em conseqüência de nossa regeneração e do impulso da nova vida que Deus nos infunde, e que nos faz *crescer* espiritualmente *em graça e em conhecimento* e em toda perfeição, até nos assemelhar por completo ao próprio Unigênito do Pai, que para ser nossa *vida*, nossa *luz* e nosso *modelo* "apareceu entre nós cheio de graça e de verdade". À vista desse progresso que assim tende a nos engolfar no mar infinito da Divindade e nos enriquecer com os tesouros das perfeições divinas, todos os progressos humanos, por cintilantes que sejam, são ouropel e sombra. O bom cristão, por mais que o acusem de "obscurantista e retrógado" – porque justamente desprezam os falsos progressos que, sacrificando o moral pelo material e o divino pelo humano, pervertem e degradam –, de tal maneira ama o progresso legítimo, que não se sacia com todas as perfeições possíveis, se são limitadas; pois com todo o ardor de sua alma deve tender a uma perfeição infinita e divina, a *ser perfeito como seu Pai celestial*[38].

O cristão é, pois, uma nova e celestial raça de homens, uma estirpe divina, um *divinum genus,* um homem *divinizado*, filho de Deus Pai, incorporado com o Verbo feito homem, animado pelo próprio Espírito Santo, e cuja vida e conversação deve ser toda celestial e divina[39]. "Se Deus se humilhou até fazer-se homem, adverte Santo Agostinho[40], foi para engrandecer os homens até fazê-los deuses". E os faz "deificando-os com sua graça; pois, ao justificá-los, *deifica-os*, fazendo-os filhos de Deus, e por isso mesmo, *deuses*"[41].

38 "É possível, pregunta Fonsegrive (*Le catholicisme et la relig. de l'esprit*, p. 19), propor ao homem uma vida mais elevada, mais estável, mais ativa que a do próprio Deus? – Não há perigo de que o ideal católico nos atrofie..."

39 "Qui ergo se tanti Patris filium esse credit et confitetur, respondeat vita generi, moribus Patri, et mente atque actu asserat quod caelestem consecutus est per naturam" (S. Pedro Crisólogo, *Serm.* 72).

40 *Serm.* 166.

41 "Homines Deus dicit *deos,* ex gratia sua deificatos... Qui enim iustificat, ipse deificat; quia iustificando filios Dei facit... Si filii Dei facti sumus, *et dii facti sumus*" (S. Agostinho, *In Ps.* 49, 2).

"Reconhece, pois, ó cristão, tua dignidade!, exclama São Leão[42], e, feito participante da natureza divina, não queiras degradar-te com uma conversação indigna e voltar à antiga vileza. Recorda quem é tua cabeça e de que corpo és membro!".

§ III. – SUBLIMES IDÉIAS DOS ANTIGOS PADRES ACERCA DA DEIFICAÇÃO. A IMPRESSÃO DA IMAGEM DIVINA; O SELO, A UNÇÃO E AS ARRAS DO ESPÍRITO; O FOGO DIVINO QUE TRANSFORMA, O HÓSPEDE QUE SANTIFICA E DEIFICA: AMIZADE, SOCIEDADE E PARENTESCO COM DEUS. ANIQUILAMENTO DO VERBO E ENGRANDECIMENTO DO HOMEM. – RESUMO: DEUS, VIDA REAL DA ALMA. – A UNIÃO COM O PARÁCLITO E A FILIAÇÃO VERDADEIRA. – FUNESTO ESQUECIMENTO E FELIZ RENASCIMENTO DESTA DOUTRINA.

Tão correntes eram essas idéias acerca da *deificação*, que nem os próprios hereges dos primeiros séculos se atreviam a negá-las; e assim os Santos Padres tiraram delas um admirável partido para provar, contra os arianos e macedonianos, a divindade do Filho e do Espírito Santo. As Escrituras, diziam, apresentam-nos a nós como Aqueles que estão vivificando, santificando e *divinizando* por si mesmos as almas em que habitam e a quem se comunicam, imprimindo-lhes a divina imagem, e fazendo-as participantes da própria natureza divina; e somente Deus, que é Vida, Santidade e Deidade por natureza, pode por Si mesmo, por sua própria comunicação, vivificar, santificar e deificar.

Para habitar na alma, vivificá-la e reformá-la, é preciso penetrá-la substancialmente; o que é próprio e exclusivo de Deus[43]. Nenhuma criatura,

---

42 *Serm. 1 de Nativ.*

43 "Nulla enim creatura, ensina Santo Tomás (*Contra Gent.* 1. 4, c. 17), spirituali creaturae infunditur, cum creatura non sit participabilis, sed magis participans; Spiritus autem Sanctus infunditur sanctorum mentibus, quasi ab eis participatus". Por isso, como acrescenta (*Ib.* c. 18), "cum diabolus creatura sit, non implet aliquem participatione sui, neque, potest mentem inhabitare sua participatione, vel per suam substantiam, sed dicitur aliquos implere per effectum suae malitiae... Spiritus autem Sanctus, cum Deus sit, per *suam substantiam mentem inhabitat*, et *sui participatione* bonos facit,

observa Dídimo, pode penetrar na própria essência do alma: as ciências e virtudes que a adornam não são substâncias, senão acidentes que aperfeiçoam suas potências. Mas o Espírito Santo habita substancialmente nela, com o Pai e com o Filho[44].

O Espírito Santo, adverte São Cirilo, é quem imprime em nós a imagem divina; e se não fosse mais que um puro dispensador da graça, então resultaríamos feitos à imagem da própria graça, e não à imagem de Deus[45]. Mas não: Ele mesmo é o selo que imprime em nós essa divina imagem, e assim nos reforma, fazendo-nos participar da própria natureza divina[46]. Esse selo divino ou caráter que se imprime em nós, diz São Basílio, é vivo: nos molda por fora e por dentro, penetrando até o mais íntimo do coração e da

---

ipse est enim sua bonitas, cum sit Deus; quod de nulla creatura verum esse potest. Nec tamen per hoc removetur quin per effectum suae virtutis sanctorum impleat mentes". Mas não se contenta em nos comunicar seus dons, mas com eles vem Ele mesmo em pessoa. O santo doutor, tão moderado sempre em suas apreciações, tem por manifesto erro dizer o contrário: "*Error* dicentium Spiritum Sanctum non dari, sed eius dona"; acrescentando em seguida (1ª p., q. 43, a. 3): "In ipso dono gratiae gratum facientis Spiritus Sanctus *habetur, et inhabitat hominem*".—O que explica por estas significativas palavras: "Illud solum *habere* dicimur, quo libere possumus uti, vel frui... Per donum gratiae perficitur creatura rationalis ad hoc quod libere non solum ipso dono creato utatur, sed *ut ipsa divina persona fruatur*». "*Solus Deus*—acrescenta em outro lugar (3ª p., q. 64, a. 1) falando da virtude dos sacramentos – operatur interiorem effectum sacramenti, quia *solus Deus illabitur animae*, in qua sacramenti effectus existit".

44 "Disciplinas quippe, virtutes dico et artes..., in animabus habitare possibile est; non tamen ut substantivas, sed ut accidentes. Creatam vero naturam in sensu habitare impossibile est... Cum ergo Spiritus Sanctus, similiter ut Pater et Filius, mentem et interiorem hominem inhabitare doceatur..., impium est eum dicere creaturam» (Dídimo, *De Spiritu Sancto* n. 25).

45 «A. Quod divinam nobis imprimit imaginem et signaculi instar supramundanam pulchritudinem inserit, nonne Spiritus est?—B. At. non tanquam Deus, sed tanquam divinae gratiae subministrator. A. Non ipse itaque in nobis, sed per ipsum gratia imprimitur?... Oportet igitur imaginem gratiae, non imaginem Dei vocari hominem» (S. Cirilo de Alexandria, *De Trin.* diál. 7).

46 "Signati estis Spiritu promissionis Sancto, qui est pignus (*arras*) haereditatis nostrae" (Eph. 1, 13-14). "Si Spiritu Sancto signati ad Deum reformamur, quomodo erit creatum id per quod divinae essentiae imago et increatae naturae signa nobis imprimuntur? Neque enim Spiritus Sanctus, pictoris instar, in nobis divinam essentiam depingit...; sed quod ipse sit Deus... in cordibus eorum qui ipsum suscipiunt velut in cera invisibiliter instar sigilli imprimitur, et naturam suam per communicationem et similitudinem sui ad archetypi pulchritudinem depingit, Deique imaginem homini restituit" (S. Cirilo, *Thesaurus*, ass. 34).

alma; e é assim como nos reforma e até nos faz *vivas imagens* de Deus[47]. E assim nos *unge*, ao mesmo tempo que nos *sela*, e constitui em nós um *penhor vivo* da herança celestial, conforme dizia o Apóstolo[48].

É como um bálsamo divino que, com sua *unção*, compenetra-nos e nos transforma (*spirituales unctio*), e nos faz exalar o bom cheiro de Cristo, quando com o mesmo Apóstolo podemos dizer: *Christi bonus odor sumus* (II Cor 2, 15); e assim o que recebemos é a sua própria divina substância, e não o simples odor do bálsamo[49].

É um fogo que nos compenetra até o mais íntimo, e, sem destruir nossa natureza, fá-la ígnea e lhe dá todas as propriedades do fogo[50]. É uma luz que, ilustrando as almas, torna-as luminosas e resplandecentes, radiantes de graça e caridade, como verdadeiros sóis divinos; pois as faz semelhantes ao próprio Deus, e, o que é ainda mais, fá-las *deuses*[51]. É um dulcíssimo

---

47 "Quomodo ad Dei similitudinem ascendat creatura, nisi divini characteris sit particeps? Divinus porro character non talis est, cuiusmodi est humanus, sed *vivens* et vere existens imago, imaginis effectrix,

qua omnia quae participant, imagines Dei constituuntur" (S. Basílio, l. 5, *Contra Eunom.*).

48 "*Unxit* nos Deus, qui et *signavit* nos, et *dedit pignus* Spiritus in *cordibus nostris*" (II Cor 1, 21-22).

49 "Si aromatum fragantia propriam vim in vestes exprimit, et ad se quodammodo transformat ea in quibus inest; quomodo non possit Spiritus Sanctus, quandoquidem ex Deo naturaliter existit, divinae naturae participes illos facere per se ipsum in quibus insit? (S. Cirilo de Alexandria, l. 11 *In Ioan.* c. 2).—"Affluit fidelibus suis, non iam per gratiam visitationis et operationis, sed per praesentiam maiestatis, atque in vasa *non iam odor balsami, sed ipsa substantia* sacri defluxit unguenti" (S. Agostinho, *Sermo 185 de Temp.*).

50 "Si ignis per ferri crassitudinem interius penetrans, totum illud ignem efficit..., quid miraris si Spiritus Sanctus in intimos animae recessus ingrediatur?" (S. Cirilo de Jerusalém, *Cathec.* 17).—"Sicut ferrum quod in medio igne iacet, ferri naturam non amisit, vehementi tamen cum igne coniunctione ignitum, quum universam ignis naturam acceperit, et colore, et calore, et actione ad ignem transit; sic sanctae virtutes ex communione quam cum illo habent, qui natura sanctus est, per *totam suam substantiam* acceptam et quasi innatam sanctificationem habent. Diversilas vero ipsis a Spiritu Sancto haec est, quod Spiritus natura sanctitas est, illi vero participatione inest sanctificatio" (S. Basílio, *op. cit.* l. 3).

51 "Spiritus cum anima coniunctio non fit appropinquando secundum locum. Eis qui ab omni sorde purgati sunt illuscescens per communionem cum ipso *spirituales* reddit; et quemadmodum corpora nitida, ac perlucida, incidente eis radio, fiunt et ipsa splendida, et alium fulgorem ex sese profundunt; ita animae quae Spiritum in se habent illustranturque a Spiritu, *fiunt et ipsae spirituales,*

hóspede – *dulcis hospes animae* – que vem para conversar familiarmente conosco e nos alegrar com sua presença, e nos consolar em nossos trabalhos, alentar-nos nas dificuldades, aconselhar-nos e nos inclinar ao bem e nos enriquecer com seus preciosos dons e frutos. Habitando em nós nos faz santos e vivos templos de Deus; e, tratando-nos familiarmente, faz-nos amigos seus e, portanto, seus iguais de certo modo[52] e dignos do nome de deuses[53]. E se por morar em nós o Espírito Santo – advertem São Epifânio e São Cirilo – somos templos de Deus e o próprio Deus habita em nós, como pode Ele ser menos Deus?[54]

"Preciso é que seja Deus, diz São Gregório Nazianzeno[55], para que possa *nos deificar*".

"Não se concebe, com efeito, observa São Cirilo[56], que alguma criatura *deifique*; isso é próprio do próprio Deus que, comunicando seu Espírito às

---

et in alios gratiam emittunt... Hinc cum Deo similitudo, et, quo nihil sublimius expeti potest, *ut Deus fias*" (S. Basílio, *De Spiritu Sancto*, c. 9, n. 23).

52 "Amicitia, aut pares invenit, aut facit" (Sêneca).

53 "Eam ob rem *dii* nuncupamur, non gratia solum ad supernaturalem gloriam evecti, sed quod Deum iam in nobis habitantem atque diversantem habeamus... Alioqui quomodo templa Dei sumus, iuxta Paulum, inhabitantem in nobis Spiritum habentes, nisi Spiritus sit natura Deus?" (S. Cirilo, *In Ev. Ioan.* 1, 9).

54 "Si templum Dei ob illam Sancti Spiritus habitationem, vocemur, quid Spiritum repudiare audeat, et a Dei substantia reiicere, cum diserte hoc Apostolus asserat, templum nos esse Dei, propter Spiritum Sanctum, qui in dignis habitat?" (S. Epifânio, *Haeres.* 74, n. 13).

"Sola inhabitatio Dei, templum Dei facit" (S. Tomás, *In. 1 Cor* 3, 16, lec. 3).

55 *Orat.* 34: "Si non est Deus Spiritus Sanctus, prius Deus efficiatur; atque ita demum me deificet".— Mas não basta estar deificados para poder deificar: só quem é Deus por natureza pode comunicar uma participação da Divindade. "Necesse est, diz Santo Tomás (1-2, q. 112, a. 1), quod solus Deus *deificet*, communicando *consortium divinae naturae*".

56 *De Trin.*, dial 7: "Nunquam concipietur creatura deifica; verum id soli Deo tribuendum est qui sanctorum animabus immittit suae proprietatis illam per Spiritum participationem, per quam conformes facti naturali Filio, *dii* secundum ipsum et *filii* vocati sumus Dei... *Spiritus enim est qui nos coniungit, atque, ut ita dicam, unit cum Deo, quo suscepto, participes et consortes naturae divinae reddimur...* Si nos forsan expertes Spiritus essemus, filii Dei omnino non essemus. Quomodo igitur assumpti sumus, aut quomodo naturae divinae consortes redditi sumus, si neque Deus in nobis est, neque nos illi adhaeremus per hoc quod vocati sumus ad participationem Spiritus? Atqui participes et consortes cuncta exsuperantis substantiae, et templa Dei nuncupatur".

almas dos justos, fá-los conformes ao Filho natural, e, portanto, dignos de chamarem-se *filhos* e mesmo *deuses*... Pois o Espírito é quem nos une com Deus, e ao comunicar-se a nós nos faz participantes da natureza divina... Se não temos o Espírito Santo, de nenhum modo podemos ser filhos de Deus. Como poderíamos, pois, sê-lo e participar do consórcio divino se não estivesse Deus em nós e nós não estivéssemos unidos a Ele pelo mero fato de receber seu Espírito?" – Para deificar-nos, com efeito, não basta a conformidade de vontades; requer-se a de natureza; e a teremos se nos revestimos do Filho, cuja viva imagem imprime em nós o Espírito Santo[57].

Revestindo-nos de Jesus Cristo, e feitos à sua imagem, chegamos a formar verdadeira sociedade com Ele (I Cor 1, 9); somos seus amigos, conhecedores de seus divinos segredos (Jo 15, 15), seus irmãos (Jo 20, 17) e, o que é ainda mais, membros seus: tão estreita é a união desta divina sociedade! Deste modo é como nos dá o poder de nos tornarmos filhos de Deus (Jo 1, 12) e deuses por participação. Mas quem por si mesmo pode nos dar tão excelso poder tem que ser o próprio Deus em pessoa, que, abaixando-se até nós, associa-nos à sua vida divina, e assim nos eleva de nossa condição servil de puras criaturas à incomparável dignidade de deuses, e nos permite chamar de boca cheia ao Eterno e Onipotente, ante quem se estremecem os céus, não já com o terrível nome de *Senhor*, mas com o dulcíssimo de *Pai*[58].

O que as mais excelsas criaturas não teriam jamais podido sonhar, exclama São Pedro Crisólogo, o que encheria de assombro e de espanto as mais elevadas virtudes celestes, nós o dizemos confiantes todos os dias: *Pai*

---

57 *Ib.* dial. 5: "Neque enim nos eadem solum cum Patre voluntas ad imaginem et similitudinem eius naturalem efformarit, sed hoc praestiterit etiam sola naturae similitudo et ex ipsa substantia prodiens per omnia conformitas... Quod inhabitantem Filium habemus, et characterem divinum in nobis suscepimus, eoque ditati sumus; per ipsum enim conformati sumus ad Deum. Species autem illa omnium suprema, nimirum Filius, *per Spiritum nostris animabus imprimitur*".

58 "Creatura serva est, Creator dominus; sed creatura quoque Domino suo coniuncta a propria conditione liberatur et in meliorem traducitur... Si ergo nos per gratiam dii et filii sumus, erit Verbum Dei, cuius gratia dii et filii Dei facti sumus, reipsa vere Filius Dei. Non enim potuisset, si per gratiam quoque Deus esset, ad similem gratiam nos exaltare. Non enim potest creatura quod a se non habet, sed a Deo, aliis propria potestate donare" (S. Cirilo, *In Ioan.* 1. 12, c. 15).

Nosso, que estás nos céus! Assim se estabelece entre o Criador e a criatura um maravilhoso comércio, fazendo-se Ele igual a nós, para que nós subamos a ser em certo modo iguais a Ele[59]. Quem teria podido jamais suspeitar tal dignidade e tal excesso de amor, que Deus se fizesse homem para que o homem se fizesse Deus, e o Senhor se convertesse em servo, para que o servo fosse filho, estabelecendo-se assim entre a Divindade e a humanidade um inefável e sempiterno *parentesco!* Por certo que não sabe alguém o que admirar mais, que Deus se rebaixasse até nossa servidão, ou que se dignasse a nos elevar à sua dignidade[60].

Mais difícil parece ainda, observa São João Crisóstomo, que Deus se fizesse homem, que o homem chegue a ser filho de Deus; mas não se abaixou Ele tanto senão para nos engrandecer. Nasceu segundo a carne, para que nós nascêssemos no Espírito; nasceu de mulher para nos fazer filhos

---

59 "O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum Corpus sumens... *largitus est nobis suam Deitatem*" (Offic. Purif. B. V.) "Ut Dominus induto corpore factus est homo, ita et nos homines ex Verbo Dei deificamur" (S. Atanásio, *Serm. 4 contra Arianos*).—"Descendit ergo ille ut nos ascenderemus, et manens in natura sua factus est particeps naturae nostrae, ut nos manentes in natura nostra efficeremur participes naturae ipsius. Non tamen sic; nan illum naturae nostrae participatio non fecit deteriorem; nos autem fecit naturae illius participatio meliores" (S. Agostinho, *Epist.* 140, *ad Honorat.* c. 4).

60 "Stupent Angeli, pavescunt Virtutes, supernum caelum non capit... *Pater noster, qui est in caelis!* Hoc est quod pavebant dicere...; hoc est quod neque caelestium neque terrestrium quemque sinebat servitutis propriae conditio suspicari: caeli et terrae, carnis et Dei tantum repente posse provenire commercium, ut Deus in hominem, homo in Deum, Dominus in servum, servus verteretur in filium, fieretque Divinitatis, et humanitatis ineffabili modo una et sempiterna cognatio. Et quidem deitatis erga nos dignatio tanta est ut scire nequeat quid potissimum mirari debeat creatura: utrum quod se Deus ad nostram deposuit servitutem, an quod nos ad divinitatis suae rapuit dignitatem" (S. Pedro Crisólogo, *Serm.* 72).

de Deus[61]. Quer, pois, que nos portemos como tais, diz Santo Agostinho, que deixemos de ser homens, já que deseja nos fazer deuses[62].

Essas admiráveis e inconcebíveis relações que Deus se dignou estabelecer e estreitar conosco, não são, pois, puramente *morais*, mas muito *reais* e *ontológicas*, em um sentido mais alto e mais verdadeiro do que se pensa, e mesmo do que se pode dizer e supor. Os santos o *sentem* em certo modo; mas não acham fórmulas capazes de traduzir pensamentos tão altos: as mais atrevidas lhes perecem ainda puras sombras de tão excelsa realidade; e, no entanto, não cessam de nos falar da "participação da própria natureza divina", da "transformação em Deus" e da "deificação!"[63].

Animados realmente pelo Espírito de Jesus, que em nós mora como em seu templo vivo, vivendo por Jesus como Ele vive pelo Pai (Jo 6, 58), e feitos assim participantes da própria natureza divina, somos realmente filhos de Deus e irmãos e co-herdeiros de Jesus Cristo. O próprio Espírito

---

61 "Quantum ad cogitationes hominum pertinet, multo est difficilius Deum hominem fieri, quam hominem Dei filium consecrari. Cum ergo audieris quod Filius Dei filius sit et David et Abrahae, dubitare iam desine quod et tu qui filius est Adae, futurus sis filius Dei. Non enim frustra nec vane ad tantam humilitatem ipse descendit, sed ut nos ex humili sublimaret. Natus est enim secundum carnem, ut tu nasceres spiritu; natus est ex muliere, ut desineres esse filius mulieris... ut te faceret filium Dei" (S. João Crisóstomo, *In Math.* hom. 2).

62 "Hoc iubet Deus ut non simus homines... Ad hoc vocatus es ab illo qui propter te factus est homo: *Deus enim deum te vult facere*" (S. Agostinho, *Serm.* 166).— "Factus est Deus homo, ut homo fierit Deus» (*Serm.* 13 *de temp.*).

63 São Cirilo (*De Trin.* diál. 4) declara energicamente que uma simples união moral resultaria ilusória, e que realmente, participando pelo Espírito Santo da natureza divina, estamos no Filho *como Ele está no Pai*: "Agnoscamus autem quomodo sit Filius in Patre, naturaliter nimirum, non autem iuxta fictam illam ab adversariis ex eo quod diligit ac diligitur relationem. *Similiter* et nos *eodem modo* in ipso et ipse in nobis... Divinae naturae participes habitudine ad Filium per Spiritum *non sola opinione, sed veritate sumus*... Numquid mysterium illud quod sit in nobis fraus erit et spes inanis, nudamque, ut videtur, vocabulo tenus opinionem habens et impostura profecto atque apparentia?" – "Templa autem Dei, pergunta depois (diál. 7), adeoque dii quamobrem vocamur et sumus? Interroga adversarios, utrum simus reipsa nudae et subsistentia carentis gratiae participes. At ita res non est: nullo modo. Templa enim sumus existentis et subsistentis Spiritus; vocati autem sumus propter ipsum etiam dii, praesertim cum divinae eius et ineffabilis naturae coniunctione cum ipso simus participes... Spiritus nos per seipsum deificat... Quod enim Deus non est, quomodo deitatem aliis indat?".

de adoção que recebemos, ao mesmo tempo que nos anima com a vida da graça, purifica-nos, reforma-nos e nos aperfeiçoa, produzindo em nós e conosco a obra de nossa santificação: assim, fazendo-nos viver uma vida divina, deifica-nos, sendo Ele mesmo "vida de nossa alma, como a alma é a vida do corpo", segundo as enérgicas frases de São Basílio e de Santo Agostinho, para não dizer de todos os Padres[64].

"Assim, para eles, como adverte o Pe. Froget, O. P.[65], o Espírito Santo é o grande dom de Deus, o Hóspede interior que, dando-se a si mesmo a nós, comunica-nos ao mesmo tempo uma participação da natureza divina, e nos faz filhos de Deus, seres divinos, homens espirituais e santos. Por isso se comprazem em designá-lo como *Espírito santificador, princípio da vida celeste e divina*. Alguns chegam até a chamá-lo *forma* de nossa santidade, *alma* de nossa alma, laço que nos une com o Pai e com o Filho e por quem essas divinas Pessoas habitam em nós. Semelhante insistência em atribuir a inhabitação pela graça, assim como a obra de nossa santificação e de nossa filiação adotiva à terceira Pessoa da augusta Trindade, não será uma prova

64 "O Espírito Santo não se separa da vida que comunica às almas: assim da própria vida divina, que Ele tem por natureza, gozam elas por participação: *Vitam quam ad alterius productionem Spiritus emittit, ab ipso minime separatur... El ipse in seipso vitam habet, et qui participes ipsius sunt, divinam caelestenique possident vitam*" (São Basílio, *Adv. Eunom.* 1. 5). E em outro lugar (*De Spiritu Sancto* c. 26, n. 61) chega até a dizer que o próprio Espírito faz de *princípio formal* nessa vida divina, sendo para a alma o que a virtude visual é para os olhos: "Quatenus Spiritus Sanctus vim habet perficiendi rationales creaturas absolvens fastigium earum perfectionis, *formae* rationem habet. Nam qui iam non vivit secundum carnem, sed *Spiritu Dei agitur*, et filius Dei nominatur, et conformis imagini Filii Dei factus est, *spiritualis* dicitur. *Et sicut vis videndi in sano oculo, ita est operatio Spiritus in anima munda*". Santo Agostinho está ainda mais rigoroso ao afirmar que Deus é *formalmente* a vida da alma: "Dicam *audacter*, fratres, sed tamen *verum*. Duae vitae sunt, una corporis, altera animae: *sicut vita, corporis anima, sic vita animae Deus*: quomodo si anima deserat, moritur corpus, sic anima moritur si deserat Deus" (*Enarrat. in Ps. 70*, serm. 2). "Unde vivit caro tua?—pergunta em outra ocasião (*Serm.* 156, c. 6, n. 6)—. De anima tua. Unde vivit anima tua? De Deo tuo. Unaquaeque harum secundum vitam suam vivat: caro enim sibi non est vita, sed anima carnis est vita; anima sibi non est vita, sed *Deus est animae vita*".— Quase idêntica é a sentença de São Macário (*De libert. mentis* 12): "Qui bus divini Spiritus supervenit gratia, his sane *Dominus vice animae est*. O bonitatem et dignationem indultam depressae malitia hominum naturae!".

65 *De l'habitation du Saint Esprit dans les* âmes *justes* 2ª ed., p. 197-8.

de que o Espírito Santo tem com nossas almas relações especiais e um modo de união próprio que não se estende às outras Pessoas?".

Assim o supõem – de acordo com Petau – Scheeben, Tomassin, Ramière e vários outros teólogos modernos; os quais, apoiados na tradição patrística, sustentam com razões muito sólidas que essa obra não é – como afirma a opinião corrente – de todo *comum* às três divinas Pessoas, e só *apropriada* ao Espírito Santo, senão que lhe é verdadeiramente *própria*; que Ele é quem diretamente se une com as almas para vivificá-las e santificá-las, e que se as outras duas Pessoas moram e agem nelas ao mesmo tempo, é por *concomitância, imanência ou circunsessão*, enquanto Ele se lhes *comunica* de um modo imediato e pessoal, embora não hipostaticamente[66].

Mas disso seja o que for, sempre resultará inquestionável a interessantíssima verdade da *deificação* das almas, e que todos os Padres a ensinam ou reconhecem a verdadeira *filiação real*, como fundada numa participação ontológica da própria natureza divina. "Patres igitur, diremos com Passaglia[67], confirmant *divinae naturae consortium*, quod inter *maxima et pretiosa promissa*

66 "In homine iusto, diz Petau (*De Trin.* 1. 8, c. 6, n. 8), tres utique personae habitant. Sed solus Spiritus S. quasi *forma est sanctificans*, et adoptivum redens *sui communicatione* filium... Relegantur Patrum testimonia et Scripturae loca:... inveniemus eorum pleraque testari per Spiritum S. hoc fieri, velut *proximam causam*, et, ut ita dixerim *formalem*".— Assim parecem indicá-lo, com efeito, muitos dos já citados testemunhos. E em particular os de Santo Agostinho, São Cirilo de Alexandria, São Macário e São Basílio. – Esse ensina expressa como "*per hunc* Spiritum *quilibet sanctorum Deus est*; dictum est enim ad eos: *Ego dixi, dii estis, et filii Excelsi omnes*. Necesse est autem *eum qui* diis *causa est ut dii sint*, Spiritum esse divinum et ex Deo" (S. Basílio, *Contra Eunom.* 1. 5).— S. Irineu (*Adv. Haer.* 5, 6) chega até a afirmar que o homem perfeito segundo Deus, consta de *corpo e alma e do Espírito* vivificante; e que quando esse estiver todo perfeitamente conforme à imagem do Filho, então se glorificará a Deus em sua obra: "Glorificabitur Deus in suo plasmate, conforme illud et consequens suo Puero adaptans. Per manus enim Patris, id est per Filium et Spiritum, fit homo secundum similitudinem Dei, sed non pars hominis... *Perfectus* autem *homo commixtio est et adunatio animae assumentis Spiritum Patris, et admixta ei carni* quae est plasmata secundum imaginem Dei... Neque enim plasmatio carnis ipsa secundum se homo perfectus est... Neque et anima ipsa... neque Spiritus, homo... Commixtio autem et *unitio horum omnium perfectum hominem efficit*".

67 *Comment.* 5, p. 43.

Petrus recenset, consortium esse *non affectus* dumtaxat atque *morale*, sed *ontologicum* et *substantiae*. Imo contendere non dubitaverim, ne unum quidem allegari posse veterem Ecclesiae doctorem, qui participationem divinae naturae intra fines limitesque unionis societatisque moralis circumscripserit".

"As *grandes e preciosas promessas* de que aqui se trata, observa Bellamy[68], obrigam-nos a entender esta participação da natureza divina no sentido mais rigoroso que cabe, suposta a diferença essencial de Deus e da criatura... Nada há que possa dar ao cristão mais alta idéia de sua grandeza, nem que tão eloqüentemente lhe recorde seus deveres".

Mas por desgraça, segundo adverte Cornélio a Lápide[69], essas sublimes e consoladoras doutrinas estão muito jogadas no esquecimento; pois "pauci illud beneficium tantae dignitatis esse sciunt; pauciores illud ponderant eo pondere quod meretur. Sane quisque in se illud venerabundus admirari deberet, ac doctores et praedicatores illud populo explicare et inculcare, ut fideles et sancti sciant se esse *templa animata Dei, seque Deum ipsum in corde portare, ac proinde divine cum Deo ambulent, et digne cum tanto hospile conversentur*".

No entanto, o eco da voz unânime dos Padres ainda repercute nos teólogos modernos. Em meio ao comum esquecimento ou das freqüentes e – por que não dizê-lo? – vergonhosas atenuações, ainda se deixam ouvir algumas vozes imponentes e autorizadas. Sobretudo depois das sábias admoestações de Leão XIII sobre a devoção ao divino Paráclito, consola ver os muitos escritores que começam já a empregar de novo quase a mesma linguagem animada, sentida, viva e palpitante dos Padres e dos grandes místicos; o que augura um feliz renascimento dessas fundamentais doutrinas, que são como a alma e o alento da vida *cristã.*

"Parece já chegado o tempo, escrevia o Pe. Ramière[70], em que o grande dogma da incorporação dos cristãos a Cristo voltará a ter no ensino comum

68 *O. c.* p. 166.
69 *In Os* 1, 10.
70 *Esperances de l'Eglise* 3ª p., c. 4.

dos fiéis a mesma importância que oferece na doutrina apostólica; em que não se terá por acessório um ponto em que São Paulo fundava todos os seus ensinamentos; em que se compreenda que essa união, representada pelo divino Salvador sob a figura dos ramos unidos à videira, não é uma vã metáfora, mas uma *realidade*; que pelo batismo nos fazemos realmente participantes da vida de Jesus Cristo; que recebemos em nós, não em figura, mas em realidade, o divino Espírito, que é o *princípio desta vida*, e que, sem nos despojar de nossa personalidade humana, fazemo-nos membros de um corpo divino, adquirindo por isso mesmo forças divinas".

Com efeito, essas vitalíssimas e consoladoras verdades, que tanto amavam, incendiavam e fortaleciam os primeiros cristãos[71], começam já, felizmente, a chamar profundamente a atenção de muitos apologistas e

---

71 As atas dos mártires e os costumes dos primeiros séculos nos oferecem disso interessantes testemunhos. Os cristãos de então apreciavam, sentiam e viviam de tal modo a vida sobrenatural, que gostavam de se chamarem Teóforos ou *Cristóforos*, como o fazia Santo Inácio. Por isso, quando Trajano lhe perguntou: "Quem é esse Téoforo?", respondeu: "É aquele que leva a Cristo *em seu coração*". "Logo, tu levas a Cristo?"; "Sem a menor dúvida, porque está escrito: *Farei neles minha morada*". – "Santo Inácio, diz Tixeront *(Hist. Dogm.* 1, pp. 144-146), apresenta-nos a vida cristã como ele mesmo, no ardor de seu amor, procurava vivê-la. Jesus Cristo é o princípio e o centro dela: Ele é a nossa vida, não só porque nos trouxe a vida eterna, senão também porque mora pessoalmente em nós, e em nós é verdadeiro e indefectível princípio de vida (*Eph* 3, 2; 11,1; *Mag.* 1, 2; *Smyrn.* 4, 1; *Trall.* 9, 1). Habita em nós e somos templos seus; é nosso Deus em nós (*Eph* 15, 3; *Rom* 6, 3). Daí o nome de *teóforos* que o Santo se dá a si mesmo no título de suas cartas, e os epítetos de θεοφόροι ναοφόροι, χριστοφόροι, ἁγιοφόροι (portadores de Deus, portadores do templo, portadores de Cristo, portadores do santo), que dá aos Efésios (9, 2); daí a união que deseja às igrejas com a carne e o espírito de Jesus Cristo (*Mag.* 1. 2). "A fé e a caridade, diz (*Eph* 14, 1), são o princípio e o fim desta vida...; todo o demais daí deriva para a boa conduta". Esta ardente caridade o leva ao amor aos sofrimentos e à sede do martírio, e lhe inspira estes acentos apaixonados: "Meu amor está crucificado, e não há fogo que me consuma; mas há uma água viva que fala e me diz interiormente: Vem ao Pai. *Amor meus crucifixus est, et non est in me ignis. Aqua autem quaedam in me manet, dicens mihi: Vade ad Patrem*" (Rom 7, 2). – Santo Andrônico respondeu ao juiz que o ameaçava: "Habeo Christum in me"; e Santa Felicidade: "Habeo Spiritum Sanctum, qui me non permittit vinci a diabolo, et ideo secura sum". – Do mesmo modo Santa Luzia, ao juiz que lhe perguntava: "Estne in te Spiritus Sanctus?", respondeu-lhe com simplicidade: "Caste, et pie viventes, templum sunt Spiritus Sancti".

teólogos, que conhecem a fundo as necessidades e exigências da época, e desejam buscar o oportuno remédio para tantos males que afligem e ameaçam a Religião. Em vista desta chaga geral do indiferentismo dominante, deste descuido e frieza cética – que a tantas almas conduzem à deserção, à ruína e mesmo à traição e a rude e feroz oposição à verdade – e atendidas também as condições do criticismo subjetivista, que parece oprimir o pensamento moderno, o remédio das necessidades e a satisfação legítima das exigências de nossos tempos estão precisamente em despertar a consciência e o sentimento dos fiéis para que saibam apreciar, sentir, viver e ponderar como convém a vida que Jesus trouxe a nós do céu. De estar adormecido em tantos cristãos o sentimento de sua dignidade sublime, provém essa tibieza ou frieza com que vivem e o pouco apreço em que a têm, chegando até a envergonhar-se dela, com o qual fazem que nosso nome resulte como repulsivo para os estranhos; sendo que a íntima vida da Igreja Católica está cheia de encantos para os de dentro e de atrativos para os que de fora a olhem com sinceridade. A esses, manifestando-lhes e descobrindo-lhes, como diz Blondel, a alma, e falando-lhes, como ordena o Apóstolo (Col 4, 5-6), com uma linguagem cheia de graça e sabedoria, mostrando-lhes a beleza, a felicidade, as delícias e grandezas dessa *vida divina*, iríamos os atraindo e ganhando ao invés de repeli-los. E aos que tanto nos chamam de "obscurantistas e retrógados" bastaria, para calar sua boca, e mesmo fazê-los mudar de opinião, falar-lhes um pouco, oportunamente e a estilo dos Santos Padres, da portentosa *deificação* das almas cristãs, onde tudo é harmonia, continuidade e lógica vital sem que haja a menor desconexão, incoerência nem heteronomia. Por isso, cremos oportuno expor algo mais detalhadamente – segundo permitam nossas forças – doutrinas de tanta importância, tão mal propagadas e conhecidas mesmo entre nós e tão essenciais para uma obra sobre a *vida e a evolução* da Santa Igreja. O Senhor nos ilumine para proceder com acerto!

Buscaremos, pois, indicar agora: 1°, a natureza, elementos e condições da vida sobrenatural; 2°, seus princípios de operação, ou seja, as energias e faculdades divinas; e 3°, os principais meios de crescimento espiritual. Logo, na segunda parte, examinaremos as disposições e preparações que exige, os

obstáculos que tem que superar, as vias que segue em seu desenvolvimento, os meios de fomentá-la e purificar-nos para não impedi-la, os principais graus que recorre e as fases que apresenta, os fenômenos que nelas normalmente oferece e os epifenômenos que costumam acompanhá-la. E depois de fazer patente suas inapreciáveis riquezas e mostrar a perfeita continuidade que existe entre a *vida ascética* e a *mística*, poderemos indicar por último, na terceira parte, como se desenvolve, manifesta e aperfeiçoa essa vida divina em todo o corpo místico da Igreja.

CAPÍTULO II

A VIDA DIVINA DA GRAÇA

Considerando agora e sintetizando, no possível, os admiráveis dados da Escritura, da tradição patrística e da contínua experiência das almas espirituais que sentem esses mistérios, vejamos quais são os principais elementos da vida sobrenatural, para que, conhecendo mais a fundo a grandeza dos dons recebidos, possamos melhor apreciá-los, cultivá-los e buscar desenvolvê-los.

Esse maior conhecimento, em nosso humilde sentir, não se alcança analisando e *sistematizando* essa misteriosa doutrina de modo que queiramos fazê-la caber em nossas pobres cabeças, reduzindo-a completamente à ordem de nossos habituais conceitos para que assim encaixe nos sistemas humanos. Isso seria como desfigurá-la de propósito, esvaziando-a desse inefável sentido que se admira em sua plenitude viva, transbordando sobre todas as fórmulas, sobre todas as expressões e sobre todos os sistemas que existiram e existirão. Esses, bem empregados, servem para nos dar alguma representação *analógica*; mas querer *precisar e sistematizar* com rigor o que é em si mesmo absoluto e indefinível, e sutilizar o que com sua imponderável grandeza nos esmaga e reduz ao silêncio, é tirar-lhe seus divinos encantos, e dar às almas, em vez da inefável verdade que as embeleza, mesquinhas apreciações humanas que deixam frios os corações e quase chegam a fazer desprezíveis os divinos mistérios. Daí o escasso interesse que suscita o sobrenatural quando assim é apresentado em frias e abstratas fórmulas; enquanto que as animadas e palpitantes expressões da Escritura e dos santos que sentiam essas coisas muito vivamente, com carecer de precisão, ferem todas as fibras da alma; e quanto mais vacilantes e ambíguas parecem, tanto mais alta idéia nos dão das incompreensíveis realidades que transcendem toda fórmula e nossas mais sublimes apreciações. Por isso não queremos

precisar nem menos *sistematizar* demasiado, mas só apresentar com certa ordem, às almas sedentas de luz e verdade, os maravilhosos dados da Tradição católica acerca da vida divina nas almas. E reconhecendo nossa cegueira, de todo coração rogamos ao Pai das luzes que nos ilumine, dizendo-lhe com o Salmista (42, 3): *Emitte lucem tuam, et veritatem tuam: ipsa me deduxerunt et adduxerunt ad montem sanctum tuum et in tabernacula tua.*

Segundo as Escritura e os Santos Padres, na vida sobrenatural ou *cristã* aparecem de imediato esses elementos: *Adoção, regeneração, justificação, renovação, deificação, filiação divina, novo viver e novas energias, desenvolvimento* e expansão do gérmen divino da graça, *inhabitação do Espírito Santo* e de toda a Trindade, *relação amistosa* e íntima com as três divinas Pessoas, etc., etc.[72] Vamos considerar esses elementos primeiramente reunidos globalmente, e logo cada um em particular, fixando-nos nele com preferência, embora sem excluir os outros; porque a separação – ou seja, a excessiva abstração – seria como uma dissecção *in vivo*, que destrói a própria vida que se busca investigar.

ARTIGO I

Conceito da Vida Sobrenatural

§ 1. – A ORDEM SOBRENATURAL COMO PARTICIPAÇÃO DA VIDA DIVINA. – REALIDADES INEFÁVEIS. – A INCORPORAÇÃO COM CRISTO.

Pela divina Revelação e pela íntima experiência das almas santas sabemos que recebemos o Espírito de adoção com que piedosamente nos atrevemos a chamar nosso Criador com o dulcíssimo nome de PAI. O Eterno Pai, com efeito, chamou-nos a participar da condição de seu Filho, transladando-nos da morte à vida e das trevas à sua luz admirável, para que entremos em íntimas relações de vida e sociedade com Ele mesmo, de modo

72 Cf. Broglie, *Le Surnaturel* 1, p.14 ss.; 2, p. 7.

que nossa conversação esteja nos céus, vivendo em amoroso trato familiar com as divinas Pessoas.

Tal é a verdadeira ordem sobrenatural, totalmente inconcebível mesmo para as mais elevadas inteligências, se o próprio Deus não tivesse se dignado revelá-la e manifestá-la como um fato; tal é na realidade, e não como a poderíamos rastrear ou suspeitar por analogia com o natural existente; pois, como calcado por necessidade nesse, qualquer outra que fingíssemos, ainda que parecesse ou fosse em rigor *mais elevada*, resultaria no fim *natural* do seu gênero, não podendo fundar-se senão em simples relações de criatura a Criador.

Esse, em sua vida íntima e inescrutável, é algo mais que o Incognoscível, transcendente e solitário, cuja existência rastreia a própria razão natural; é o inefável *Yavé*, o verdadeiro *Deus Forte e Vivo*, Uno e Trino, inacessível mesmo aos olhares mais penetrantes e aos sentimentos e desejos mais profundos e atrevidos[73]; e que, no entanto, por um inconcebível excesso de amor e bondade, pôde e quis como adaptar-se ao nível de suas pobres criaturas racionais para fazê-las participar de sua vida e de sua felicidade infinitas, abaixando-se em certo modo para elevá-las e fazê-las como suas iguais, a fim de que assim possam viver eternamente com Ele em íntimas relações de estreita e cordial amizade. A verdadeira ordem sobrenatural consiste, pois, em abaixar-se Deus ao nível da criatura e elevar-se esta o quanto é possível ao nível de seu Criador; consiste, em suma, na *encarnação* ou *humanização* de Deus, e na *deificação* do homem. Tal é a ordem sublime a que, pela divina liberalidade, fomos elevados!

Por nascimento éramos filhos da ira; já não simples criaturas, que não têm nenhum direito diante de seu excelso Criador e Senhor absoluto, e que são completamente incapazes de vê-lo e tratá-lo, senão criaturas culpáveis que levam o estigma de sua degradação, de sua ingratidão e deslealdade, e que não mereciam ser vistas por Ele senão com abominação. Mas, por um portento de sua infinita misericórdia, não só nos tira o estigma que

73 *Qui lucem inhabitat inaccessibilem, quem nullus hominum vidit, sed nec videre potest* (I Tim. 6, 16).

nos fazia abomináveis, mas nos enobrece até o ponto de nos fazer objetos dignos de suas complacências. Para isso, infunde em nós uma participação de seu próprio ser, e nos configura à imagem de seu Unigênito, a fim de que sejamos um vivo esplendor do Verbo divino, assim como este é o *eterno esplendor de sua glória e imagem de sua substância* (Heb 1, 3). Deste modo, vendo resplandecer em nós seu próprio Filho, vê-se a si mesmo em nós e pode olhar-nos com aquela infinita complacência que eternamente tem e não pode ter menos em suas adoráveis e absolutas perfeições. Tal é o mistério da vida sobrenatural, traslado e participação da íntima vida de Deus, Uno e Trino. O augusto mistério da Trindade de pessoas na Unidade da natureza divina é a própria *vida sobrenatural* por essência; a *deificação* – e mesmo poderíamos acrescentar, a *trinificação* – da criatura racional é a vida sobrenatural participada em nós[74]. Tal é a vida eterna que estava no Pai e que se manifestou a nós no Verbo Encarnado, para que dela gozemos, entrando em íntimo trato amoroso com as três adoráveis Pessoas (I Jo 1, 2-3).

Para isso nos deu o seu Unigênito, para isso infundiu em nós o seu Espírito de adoção, *para que tenhamos vida, e cada vez em mais abundância.* Por isso também sua adoção é *real* e não puramente *jurídica*, dando a nós junto com os direitos e honras a realidade de verdadeiros filhos; pois tal foi sua dignidade, que queria que não somente nos chamássemos, mas que verdadeiramente fôssemos filhos seus, à imagem de seu Unigênito, de quem viemos a ser co-herdeiros e irmãos; posto que o próprio Verbo, encarnando-se, mereceu a nós o *poder fazer-nos filhos de Deus* (Jo 1, 12).

Para que sejamos tais, o Pai Eterno realmente nos *regenera*, comunicando-nos uma *nova vida,* e uma vida *divina* e *eterna*, fazendo que participemos de um modo inefável da própria eterna geração de seu Verbo de

---

74 A vida da graça, diz Mons. Gay (*Vida y virt. crist.*, trad. G. Tejado, 2ª ed., t. 1, p. 67), é "a vida santa, radiante, beatífica, que é a inefável circulação da Divindade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quer dizer, cristãos, que o homem pode e mesmo deve ser um deus, e viver, mesmo aqui em baixo, a vida de um deus, sem que para isso seja preciso outra coisa que viver unido a Cristo..., embora nada fosse e nada fizesse para ser nem parecer o que o mundo chama de *grande homem*".

vida; e ambos juntamente nos infundem seu *Espírito vivificante*, de modo que penetre até o mais profundo de nossas almas, para animá-las, renová-las, transformá-las e deificá-las, fazendo-as gozar da eterna aspiração de seu mútuo amor, que é o próprio Espírito Santo, término substancial e pessoal das operações *ab intra*, e laço de união da Tríade adorável.

É assim como a alma regenerada e deificada entra em íntima *comunicação* vital com todas e cada uma das três divinas Pessoas, e nela repercute o mistério das operações *ad intra*, encerrado desde os séculos no seio impenetrável da Divindade: mistério de luz e de amor, que nenhuma criatura teria podido reconhecer, nem suspeitar, nem sonhar ou desejar nunca, se não fosse por esta maravilhosa efusão da própria luz e caridade divinas[75]. Daí que, conforme a alma se purifica e cessa de pôr obstáculos a essa deificadora influência – e procura ir crescendo em Deus, *enchendo-se de sua plenitude* –, assim vai completando sua regeneração e reproduzindo mais vivamente a encantadora imagem do divino Verbo; assim se enche mais e mais do Espírito de amor, unindo-se a Deus de tal modo, que n'Ele mesmo vem a ficar "transformada e absorvida"[76], como *feita um só Espírito com Ele* (I Cor 6, 17).

A razão humana desfalece diante de tão incompreensíveis mistérios; mas os corações iluminados *sentem* e *experimentam*, desde esta mesma vida, essa realidade inefável que não pode caber em palavras, nem em conceitos, nem menos em sistemas humanos. O que essas almas conseguem balbuciar desconcerta nossas débeis apreciações: elas multiplicam os termos que parecem mais exagerados, sem ficar nem mesmo com isso satisfeitas; pois sempre vêem que ficam muito curtas e que a realidade é incomparavelmente maior do que se poderia dizer. Mas o que dizem é tal, que se não fosse pelo vivo sentimento que mostram de seu próprio *nada* e da completa distinção de naturezas e de *eus*, creríamos que afirmavam uma identidade panteísta ou uma união verdadeiramente hipostática, como a da sagrada humanida-

---

75 O bem que Deus nos tem prometido, diz Santo Tomás (*De verit.* q. 16, a. 11), de tal maneira excede a nossa natureza, que, longe de poder consegui-lo, nossas faculdades naturais não o chegariam a suspeitar nem o desejar.

76 Beato Nicolás Factor.

de de Jesus com o Verbo... Por isso os acostumados a ver e medir as coisas mais altas pelo nível de sua capacidade, facilmente se escandalizam dessa linguagem semidivina, que confunde sua soberba; e assim não deixam de acusar de exageradas e mesmo de panteístas essas palpitantes afirmações de um coração abrasado e iluminado, que não faz senão expressar o melhor que pode o que tão ao vivo experimenta[77].

Ficando a salvo as ditas distinções de *naturezas* e de *pessoas*, a transformação que essas almas deificadas sofrem e a plenitude de vida divina que recebem são incrivelmente maiores do quanto se poderia suspeitar. Profundamente submersas naquele mar de luz, de amor e de vida, de tal modo ficam marcadas com os caracteres e propriedades das divinas Pessoas, que nelas mesmas se reproduz e resplandece o mistério adorável da Trindade[78]. Por isso dizia Santa Catarina de Sena que se tivéssemos olhos para ver a beleza de uma alma em graça, mesmo quando fosse ínfima, adoraríamos a ela crendo que era o próprio Deus, incapazes de conceber maior nobreza e glória...

No entanto, a deificadora graça aumenta com cada obra boa animada pela caridade divina; e a glória correspondente a cada aumento de graça é tal, que para alcançá-la deveriam dar-se por bem empregados todos os trabalhos do mundo[79]: quantos bens se perdem os que passam a vida com

77 "Acontece com freqüência, adverte o Cardeal Bona (*Principia et doct. vitae christ.*, p. 2ª, c. 48), que um homem do povo, que não sabe ler, fala mais doutamente de Deus e das coisas divinas que um doutor célebre que passa toda a sua vida entre os livros. Isso provém de que a experiência ultrapassa a especulação, e o amor, a ciência, e de que nos unimos com Deus mais intimamente com os afetos do coração que com as meditações do espírito".

78 Se alguém pudesse ver claramente todo o interior de uma alma *deificada*, veria nela não já um verdadeiro céu, senão também os mais augustos mistérios divinos. Assim diz Blósio (*Institutio spirit.*, append. c. 2) — repetindo a sentença de Tauler — sobre o que acontecia na Santíssima Virgem: "O fundo de sua alma e todo o seu interior eram tão *deiformes*, que se alguém tivesse podido olhar seu coração, veria ali Deus com toda a sua clareza, e veria a mesma procissão do Filho e do Espírito Santo. Pois jamais seu coração, nem pelo mais breve momento, esteve fora de Deus".

79 "Se me dissessem o que quero mais, declara Santa Teresa (*Vida*, c. 37), se estar com todos os trabalhos do mundo até o fim dele, e depois subir um pouquinho mais na glória, ou sem nenhum ir a um pouco de glória mais baixa, de mui boa gana tomaria todos os trabalhos por um tantinho

ninharias, podendo em cada momento configurar-se mais e mais com nosso Salvador, acumulando tesouros de graça e glória perduráveis!

A adoção divina nos *deifica*, pois, realmente, dá a nós um *ser divino*, *regenera-nos*, *cria-nos* de novo em Jesus Cristo, faz-nos participar de seu próprio Espírito, e desse modo nos comunica uma nova e misteriosa *vida*, com toda uma longa série de potências e energias proporcionais para que possamos viver, crescer e agir como verdadeiros filhos de Deus, chamados do império das trevas à participação de sua eterna luz, com a qual conhecemos os caminhos da vida, e podemos chegar a gozar de sua deleitosa presença[80].

Em que consiste essa vida e essas potências?... Se com toda precisão pudéssemos defini-las, não seriam *sobrenaturais*, nem menos *inefáveis*. Se à força de as sutilizar, viessem a caber nos moldes do pensamento humano, seriam tão humanas como eles. E se sabendo que são inefáveis e divinas, contudo, nos empenhamos em amoldá-las à nossa capacidade, reduzindo-as a um sistema qualquer, deformando-as em vez de esclarecê-las; e, com pretexto de fazê-las mais compreensíveis, contentamo-nos com estéreis fórmulas, quase vazias da realidade e de sentido, e que por isso mesmo, deixam frio o coração, por mais que agradem e satisfaçam a inteligência. A vida da graça é tal como a nós comunicou e, segundo o permite nossa pobre capacidade, deu-nos a conhecer o divino Verbo, que apareceu entre nós *cheio de graça e de verdade*, e não tal como nossa curiosa razão gostaria de representá-la. Para apreciá-la, pois, devidamente, atenhamo-nos às misteriosas imagens e

---

de gozar mais, de entender mais as grandezas de Deus; pois vejo que quem mais o entende, mais o ama e o louva".

80 *Notas mihi fecisti vias vitae, adimplebis me laetitia cum vulto tuo: delectationes in dextera tua usque in finem* (Sl 15, 11). Para a eternidade há dois caminhos: um que leva à eterna morte pelo desprezo da virtude e pela ignorância da Divindade; outro que leva à eterna vida pelo conhecimento frutuoso do Altíssimo... Ao caminho da morte seguem infinitos néscios (Ecle 1, 15), que ignoram sua própria ignorância, presunção e soberba... Aos que chamou sua misericórdia à sua admirável luz (I Pd 2, 9), e os regenerou em filhos da luz lhes deu nesta geração o novo ser que têm..., que os faz seus e herdeiros da divina e eterna fruição; e, reduzidos ao ser de filhos, deu-lhes as virtudes que se infundem na primeira justificação para que, como filhos da luz, operem com proporção operações de luz, e junto a elas, têm providos os dons do Espírito Santo" (Agreda, *Mística Ciudad de Dios* 1ª p., l. 2, c. 13).

maravilhosas expressões com que a nós representam e explicam as Sagradas Escrituras e as grandes almas que mais divinamente puderam senti-la e expressar os vitais influxos que de Jesus Cristo recebem; e, sobretudo, a voz da Santa Igreja, sua Esposa e órgão autêntico de sua infalível verdade. E tendo sempre em vista as definições solenes que nos marcam o caminho luminoso e nos preservam de extravios, estejamos certos de que esses admiráveis símbolos e essas atrevidas expressões em que a própria Igreja com todos os seus dignos membros aparece divinizada e feita uma só coisa com Jesus Cristo, longe de exageros, são pálidos reflexos – já que não cabe outra representação – da realidade inefável.

Por isso no Livro I[81] quisemos expor amplamente os principais símbolos com que ela é figurada na Escritura e na Tradição, para que, através de todos eles, possamos melhor adivinhar, pressentir e admirar suas divinas excelências. E por isso os Santos Padres e os grandes místicos, em vez de ater-se a simples fórmulas especulativas e abstratas – a não ser que a necessidade de excluir algum erro lhes aconselhe outra coisa –, comprazem-se, como já advertia São Basílio e como fez notar Bossuet, em multiplicar essas expressões concretas e palpitantes, tão cheias de vida, que fazem vibrar todos os corações capazes de sentir esses mistérios; por mais que às vezes nos encham de estupor e deixem frustrada a curiosidade da *razão raciocinante*[82].

---

81 C. 1.

82 "Há que adorar, diz Bossuet (*Lettre à une dem. de Metz*), a sagrada economia com que o Espírito Santo nos mostra a simples unidade da verdade com a diversidade de expressões e figuras... Assim em cada uma dessas há que notar seu traço particular, para logo refundi-las numa consideração integral da verdade revelada. Logo devemos nos remontar acima de todas as figuras para reconhecer que nela há algo ainda mais íntimo, que todos essas figuras, unidas ou separadas, não podiam nos mostrar; e deste modo, chegamos a nos perder na profundidade dos segredos de Deus, onde não se vê outra coisa senão que a realidade é mui outra da que pensávamos". Quase o mesmo tinha dito São Basílio (*De Spiritu Sancto*, ad Amphil., c. 8). Cf. Beato Henrique Suso, *La unión divina*, c. 7; Santa Teresa, *Moradas* 7, 1.

"Se as fórmulas que expressam o mistério de nossa deificação, observa Terrien (*a. c.* 1, p. 56), são tão numerosas e variam até o infinito, é porque os dons de Deus são tão inestimáveis e suas munificências tão superiores aos nossos direitos e aos nossos conceitos, que todas as formas da linguagem humana não bastam para nos dar delas uma idéia que corresponda à sua sublimidade".

Desses símbolos vimos que os mais adequados eram, por uma parte, o *sacramental*, que representa a Igreja como casta *Esposa* de Jesus Cristo, feita um só coração e um só espírito com Ele, para criar-lhe novos filhos de Deus; e por outra, e muito particularmente, o *orgânico*, que a representa como um grandioso *corpo vivo*, cuja cabeça é o Salvador, cuja alma é seu divino Espírito e cujos membros são todas as criaturas intelectuais que participam da *vida* – ou ao menos da *moção vital* – que esse Espírito de amor comunica. E essa vida divina que assim cada membro animado recebe é a *graça santificante*, ser divino que nos faz viver da própria vida de Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, reproduzir sua divina imagem, participar de seus méritos e agir com sua virtude e sob seu impulso, como membros seus, para perpetuar sua própria missão na terra; e as misteriosas faculdades ou energias que o divino Espírito, junto com essa vida, infunde em nós, são como as *potências* de nosso *ser sobrenatural*, com as quais podemos agir como filhos de Deus, *criados em Jesus Cristo em obras boas* (Ef 2, 10). As moções transitórias do divino Consolador são suas *graças* que se dizem *atuais*. Certas faculdades ou energias permanecem habitualmente mesmo nos membros mortos, para mantê-los ainda assim unidos ao organismo, orientá-los para a vida eterna, e dispô-los para recuperá-la de novo, ressuscitando da morte à vida; e tais são a fé e a *esperança informes*. As funções orgânicas que conservam e acrescentam a vida em todo o organismo, reparam as perdas e reanimam os órgãos danificados, são as sacramentais, que com efeito fazem circular por todo este místico corpo o sangue do Cordeiro divino, que tira os pecados do mundo.

Deste modo, o Eterno Pai nos adora e regenera em Jesus Cristo, seu Unigênito, e nos *co-vivifica, co-ressuscita e co-glorifica* pela virtude de seu Espírito (Rom 6, 4-5; 8, 11; Ef 2, 5-6, etc.), fazendo-nos participar de sua própria natureza, renovando-nos e transformando-nos de modo que sejamos semelhantes a Ele – como verdadeiros filhos – e assim possamos entrar em íntima amizade e familiaridade com Ele, vê-lo tal qual é e ser legítimos herdeiros de sua eterna glória.

Por isso o Verbo encarnado, como diz admiravelmente Santa Maria Madalena de Pazzi, é a chave de toda a ordem sobrenatural; porque aprouve

ao Eterno Pai *restaurar*, ou como diz o texto grego, *recapitular* todas as coisas em Cristo, Cabeça dos homens e dos anjos, e de toda a Igreja terrestre e celeste, pacificando pelo sangue de sua cruz tanto as do céu como as da terra (Col 1, 18-20; Ef 1, 10. 22, etc.). E por isso o próprio Salvador disse que, ao ser levantado na cruz, atrairia a Si *todas as coisas*. E, atraindo-nos com os laços de seu amor, conduz-nos à vida eterna, ilumina-nos e nos fortalece para caminhar, sendo ao mesmo tempo *caminho, verdade e vida*; de tal modo que, *se não é por Ele, ninguém pode ir ao Eterno Pai* (Jo 14, 6).

Deste modo, e não do que, segundo nossas grosseiras apreciações, pensamos, é como fomos elevados à ordem sobrenatural e à participação da própria natureza divina, podendo viver da vida que amorosamente nos infunde o Espírito de Jesus Cristo. Assim é como esse dulcíssimo Consolador, sendo *Espírito da Verdade*, dá-nos a conhecê-la verdadeiramente[83] e nos faz chamar a Deus com o nome de PAI: assim nos imprime o *selo* divino e nos configura à imagem do Unigênito de Deus, e Ele mesmo nos *unge*, fazendo-nos verdadeiros *Cristos-ungidos* à semelhança de Jesus Cristo; e morando em nós – embora seja muito ocultamente – como *princípio vivificador*, constitui as *arras* da vida eterna[84]. Deste modo, sem destruir nossa natureza nem nossa personalidade, senão realçando-as, renova-nos, transforma-nos e nos deifica, fazendo-nos uma coisa com Jesus Cristo nosso Salvador, como membros de seu Corpo místico, que vivem uma mesma vida.

---

83 "Quia enim Spiritus Sanctus est Spiritus Veritatis utpote a Filio procedens, qui est Veritas Patris, his quibus mittitur inspirat veritatem, sicut et Filius a Patre missus notificat Patrem, secundum illud (Mt 11): *Nemo novit Patrem nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare*. Deinde... probat (Apostolus) quod per Spiritum Sanctum sit Sapientia hominibus revelata" (S. Thom., *In I Cor* 2, lect. 2).

84 "*Unxit* nos Deus, qui et *signavit* nos, et dedit *pignus* Spiritus in cordibus nostris" (II Cor 1, 21-22). "*Signati* estis Spiritu promissionis Sancto, qui es *pignus* (arras) haereditatis nostrae» (Ef 1, 13-14). As *arras*, à diferença do simples *penhor*, são da mesma natureza ou substância que a coisa prometida. "Qualis res est, si pignus tale est! Nec *pignus*, sed *arrha* dicendus est. Pignus enim quando ponitur, quum fuerit res ipsa reddita, pignus aufertur. Arrha aulem de ipsa re datur quae danda promittitur, ut res, quando redditur, impleatur quod datum est, non mutetur" (S. Agostinho, *De verb. apost.* serm. 13).

Esta reside plenamente n'Ele como Cabeça, e dali, segundo a medida de sua doação e as disposições em que se acham os distintos membros, deriva-se e redunda em todos eles. E quando esses, tirados todos os obstáculos, recebem-na em grande abundância, o próprio Espírito que os anima lhes dá claro testemunho de que são filhos de Deus e, como tais, co-herdeiros de Jesus Cristo (Rom 8, 16-17).

E, com efeito, "renascem, como observa Santo Agostinho[85], do mesmo Espírito de que Jesus Cristo nasceu"; sendo para nós, conforme acrescenta São Leão, "o seio da Igreja o que para Ele foi o da Santíssima Virgem". Daí que Santo Irineu se atrevesse a chamar o Espírito Santo semente de Deus: *semen Patris*; porque na realidade nascemos para a vida eterna, *não de semente corruptível, mas de uma incorruptível pela Palavra de Deus* (I Pd 1, 23); o qual *voluntariamente nos gerou pelo Verbo da Verdade* para que sejamos um embrião, um começo de criatura sua: *initium aliquod creaturae eius*. E assim é como o Verbo encarnado *nos deu o poder de nos tornarmos filhos de Deus, nascendo, não da carne e do sangue, por vontade humana, mas do próprio Deus* (Jo 1, 12-13).

Sabemos, com efeito, que, pelo batismo da regeneração, morremos para o mundo para viver em Jesus Cristo: somos com Ele sepultados para sair daquelas águas, fecundadas com a virtude de seu Espírito, ressuscitados com a nova e gloriosa vida que Ele nos mereceu; somos enxertados n'Ele para produzir frutos gloriosos e não terrenos; somos incorporados com Ele em sua Santa Igreja para viver como dignos membros seus, carne de sua carne e osso de seus ossos; para viver, em suma, nós d'Ele e Ele em nós, continuando, por meio de todos os seus fiéis como por verdadeiros órgãos seus, as místicas funções da vida com que segue vivendo e agindo em sua Igreja, completando a obra da reparação humana e da salvação do mundo. Assim, vivendo de sua seiva divina, podemos produzir frutos que não são humanos; recebemos incessantemente os influxos de seu Espírito, que nos põem em íntima união com o Pai e que estreitam a real solidariedade que

85 *De praedest.* 31.

nos liga com os demais membros da Igreja; e por meio das funções sacramentais faz Ele circular por nossas veias seu preciosíssimo Sangue, que nos purifica, reanima e robustece[86].

Incorporados, pois, em Jesus Cristo, animados por seu Espírito vivificador, alimentados por sua Carne e seu Sangue e lavados com a água de seu precioso lado, que estranho é que – sendo fiéis à sua graça e procurando ter nossa conversação nos céus e nossa vida escondida com a sua em Deus – vivamos por Ele como Ele mesmo vive pelo Pai (Jo 6, 58), e que ambos estejam em nós para que sejamos consumados na unidade e amados com o mesmo amor com que mutuamente se amam as divinas Pessoas? (Jo 17, 23). Assim, pois, à medida que possuímos esse amor substancial do Pai, e que nos configuramos com Cristo – conforme o divino Consolador derrama sua caridade em nossos corações –, chegamos a formar os órgãos mais *sensíveis* e mais *vitais* do Corpo místico de Jesus Cristo e, portanto, os que mais luz e energias divinas recebem e os que com elas mais podem influenciar na saúde, bem-estar, prosperidade e acréscimo geral. As almas cheias do Espírito Santo, que sentem vivamente os divinos mistérios e os misteriosos influxos de Jesus Cristo em seus fiéis e de uns fiéis nos outros, essas constituem como o *coração* da Santa Igreja, de onde o Espírito Santo exerce uma oculta, porém salubérrima influência sobre todos os outros órgãos, mesmo sobre os mais elevados, para que desempenhem dignamente suas importantes funções; sobre os doentes e débeis, para que se curem e reanimem, e mesmo sobre os que estão completamente mortos, para que melhor possam recobrar a vida da graça. Por isso, o divino Espírito, por ser *alma*, é às vezes considerado como *coração* da Igreja; porque, com efeito,

---

86 Desde que podemos nos considerar como membros de Jesus Cristo, observa o Pe. Weis (*Apol.* 10, conf. 16), "deixamos de ser homens naturais e nos elevamos acima de nossa debilidade; porque então nos revestimos d'Ele, e são nossos seus bens e suas forças. Ele vive em nós e nós n'Ele, que é nossa própria vida (Jo 15, 5; Gal 2, 30; 3, 27; Rom 13, 14; Col 3, 4; Fil 1, 21). Nossas ações são ações de Jesus Cristo, cuja vida se manifesta em nós (II Cor 4, 10-11); nossa debilidade se faz vitoriosa e invencível: achamos fácil o difícil, leve o jugo mais pesado (Mt 11, 30), e produzimos frutos em abundância (Jo 15, 5), não só para o tempo, senão para a eternidade".

embora Ele próprio não seja órgão desse *corpo*, nesses verdadeiros órgãos onde com mãos tão cheias derrama sua caridade, é onde ocultamente acumula mais energias vitais para o bem de todos[87].

Nessas almas assim deificadas, verdadeiramente repercutem todos os sentimentos do adorável Coração de Jesus Cristo, assim como também seus pensamentos irradiam e luzem com luz de vida nos *iluminados olhos do coração* que, com o Espírito de inteligência, penetram nos mistérios mais augustos (Ef 1, 18; 1 Cor 2, 10). Se estivéssemos cheios do Espírito Santo, "sentiríamos em nós o que sentia Jesus Cristo, que, sendo Deus, aniquilou-se tomando forma de servo, obedecendo até a morte, e morte de cruz, por nosso amor" (Fil 2, 5-8). Assim devemos também nós nos humilhar e aniquilar, fazendo-nos tudo para todos e sacrificando-nos por nossos irmãos, até derramar, se preciso for, nosso sangue por eles (I Jo 3, 16). Tal é o mistério de nossa vida sobrenatural, que os Padres souberam sintetizar nesta inaudita palavra: DEIFICAÇÃO!

§ II – A DEIFICAÇÃO E A UNIÃO COM DEUS. – PRODÍGIOS DE NOSSA ELEVAÇÃO: DISTINÇÃO E HARMONIA DO SOBRENATURAL E DO NATURAL: A VIDA DIVINA EM SI E EM NÓS. – A IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS: RESTAURAÇÃO E RE-ELEVAÇÃO: PROGRESSO EM AMBAS. – O CAMINHO DO CALVÁRIO E A TRANSFIGURAÇÃO. – AS PALAVRAS DE VIDA E SUA INCOMPREENSIBILIDADE.

Considerada apenas humanamente, a obra de nossa deificação pareceria não mais um exagero, próprio de sonhadores ou iludidos, mas uma verdadeira loucura. Quem poderia conceber, com efeito, essa portentosa elevação do homem, que assim vem como a se identificar com a Divindade, e esse inconcebível abaixamento do próprio Deus a se comunicar por via de

---

87 "Caput, diz Santo Tomás (3ª p., q. 8, a. 1 ad 3), habet manifestam eminentiam respectu exteriorum membrorum; sed *cor* habet quamdam influentiam occultam. Et ideo cordi comparatur Spiritus Sanctus, qui invisibiliter Ecclesiam *vivificat* et *unit*; capiti comparatur ipse Christus *secundum visibilem naturam*".

igualdade e mesmo de *identidade* com suas criaturas, e ter suas delícias entre elas, fazendo-se homem – e mesmo o desprezo dos homens – para fazer os homens *deuses*?... O maior prodígio da infinita Bondade e Sabedoria não podia menos que parecer insensatez à egoísta razão presunçosa. Mas toda a sanidade mundana é insensatez diante de Deus. E ninguém pode conhecer a profundidade destes mistérios de um amor infinito, escondidos mesmo às inteligências mais sagazes, senão os corações puros e simples, a quem os revela e faz sentir o próprio Espírito de Amor (Mt 11, 25-27; I Cor 2, 1-2). E quando vêem esses prodígios de luz e bondade ficam arrebatados diante de tão soberana harmonia; e, percebendo as razões da suprema Verdade, compreendem quão estreitas e mesquinhas são todos os olhares humanos, e que o que nos parecia insensatez é um portento de sabedoria.

"Os Apóstolos, diz Bainvel[88], falam-nos da vocação cristã como de um grande mistério escondido em Deus, superior a toda inteligência, onde só pode penetrar o Espírito divino que penetra as profundidades do próprio Deus: se trata, pois, de algo *divino* (I Cor 2; Ef 1, 3; Col 1). Eles a representam como uma *adoção* e uma *filiação* divina. Deus não só nos perdoa, mas *nos faz* filhos seus e quer que o chamemos *Pai*. Ao espírito de temor, que convinha ao escravo, sucede o de amor filial. Pela natureza éramos escravos; pela graça *somos filhos* de casa, herdeiros do céu, co-herdeiros de Jesus Cristo, com quem viemos a formar uma só coisa... (Ef 1 e 2; Gal 4; Rom 8). Eles o mostram como o novo Adão, cabeça sobrenatural da humanidade regenerada, como tipo ideal de todo predestinado, como nossa paz com Deus, como nosso irmão primogênito e como nossa própria vida... Jesus é a cabeça, a Igreja seu corpo místico, e nós os membros desse corpo, vivendo da vida da cabeça e formando com ela um todo somente. Jesus é o Esposo, e a Igreja a Esposa, e mesmo cada alma fiel". Sob essas imagens se descobrem sublimes e admiráveis realidades. Toda essa vida sobrenatural se ordena ao bem supremo, à visão e posse do próprio Deus, que "habita numa luz inacessível, e a quem nenhum homem viu nem poderia ver jamais" (I

---

88 *Nature et surnat.* p. 66-69.

Tim 6, 16). São Pedro nos diz a última palavra, a mais profunda que poderíamos ouvir: *Divinae consortes naturae.* Isso é o que "explica nossa filiação divina e nossa comunidade com Jesus e por Ele com o Pai, e nossa vida que em certo modo vem a formar uma só com a de Jesus, e nosso destino a participar da glória de que goza o Filho único que está no seio do Pai, a ver a Deus face a face e conhecê-lo como Ele mesmo se conhece. Que tem de estranho tudo isso, se participamos da natureza divina?".

Mas, como não participamos dela ainda plenamente, todos os nossos esforços devem se ordenar a participar dela cada vez melhor, a nos unir e configurar cada vez mais com Jesus, vivendo em tudo segundo seu Espírito. Por essa razão, este não sei o que de divino que há em nós e que costumamos chamar *graça santificante*, São João o apresenta a nós como um gérmen divino (I Jo 3, 9). É o mesmo pensamento de São Pedro, mas com uma idéia acessória, a de uma vida que começa, que não está ainda desenvolvida. Desde agora, diz-nos o discípulo amado, somos filhos de Deus, mas nosso desenvolvimento futuro não se conhece ainda: *Nondum apparuit quid erimus.* Quando aparecer, seremos semelhantes a Ele vendo-o como é (I Jo 1-3). Assim a graça não é ainda a glória, é só o gérmen dela; temos em nós a vida divina, mas essa não terá até o céu seu pleno *desenvolvimento*[89]. Agora é a transformação do *homem velho* no *novo*, o esforço para formar

89 "Esta vida divina, diz Lejeune (*Man. de Theol. myst.* p. 175), habita em nossas almas sem que nós tenhamos diretamente consciência dela. Sua presença se descobre a nós, às vezes, pela energia supra-humana que nos comunica, pelas vitórias que nos faz alcançar. Mas, enquanto dura nossa existência terrena, não percebemos (geralmente) direta nem indiretamente essas realidades divinas. O véu não se abrirá por completo até a glória. Somente então, segundo a expressão de Bossuet, reconheceremos que "a vida da graça e a da glória são uma mesma, porque não há entre elas outra diferença que a que existe entre a adolescência e a idade madura. A glória não é outra coisa senão uma maneira de descobrimento que se faz de nossa vida escondida neste mundo, mas que deve mostrar-se plenamente no outro". "Deus, diz o Pe. Froget (*L'habitation du St. Esprit*, p. 159), está real, física e substancialmente presente no cristão que está em graça; e isso não é uma simples presença material, é uma verdadeira *posse*, acompanhada por um começo de *fruição*; é uma união incomparavelmente superior a que têm com seu Criador as outras criaturas, e que não é ultrapassada senão pela união das duas naturezas, divina e humana, na pessoa do Verbo Encarnado; uma união que, chegando a certo grau, é já um gosto antecipado dos gozos eternos, um início ou prelúdio da bem-aventurança.

Jesus em nós, para pôr nossa ação ao uníssono do princípio divino que deve animá-la, para *viver* conforme o que *somos*. Tal é o fundo da moral cristã, e o que essencialmente a distingue da natural. Por isso, os Apóstolos, depois de tais testemunhos, encaminham suas exortações a que fujamos do mundo, evitemos a conversação terrena, purguemo-nos de toda falta e imperfeição e procuremos em tudo viver como *cristãos*, isto é, como *homens divinos*, vivas imagens, irmãos e mesmo membros do próprio Cristo, animados por seu Espírito[90].

São Paulo, falando dos escolhidos, diz, com efeito, que Deus "os predestinou para serem *conformes à imagem de seu Filho*, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos *irmãos*" (Rom 8, 29). Assim é como, sendo fiéis, "vamos nos transformando em sua própria imagem, subindo de claridade em claridade, como animados por seu Espírito" (II Cor 3, 18). Por isso devemos buscar sempre *nos revestir de Jesus Cristo*, e de tal modo, que cheguemos a ser *uma mesma coisa com Ele*. Desse modo, como diz São João Crisóstomo[91], "participamos do mesmo *parentesco* do Filho de Deus e nos fazemos da mesma *linhagem*; posto que possuímos a Ele e estamos transformados em sua semelhança. Ainda mais: o Apóstolo não se contenta com dizer que *fomos revestidos de Jesus Cristo*, mas acrescenta que *somos uma só coisa n'Ele*; isto é, que temos a mesma forma, o mesmo tipo: pode haver coisa mais estupenda e mais digna de ponderação? Aquele que antes era um pagão, um judeu ou um escravo, leva agora a imagem, não de um anjo ou de um arcanjo, mas do Senhor de todas as coisas, representando Cristo".

Assim Santo Tomas não duvida afirmar que há desde esta vida nos santos um começo imperfeito da futura felicidade, comparável aos frutos que vão aparecendo": *per quamdam inchoationem imperfectam futurae beatitudinis in viris sanctis etiam in hac vita... cum iam primordia fructuum incipiunt apparere* (S. Th., 1-2, q. 69, a. 2).

90 "Haec autem mira coniuctio, quae suo nomine *inhabitatio* dicitur, conditione tantum seu statu ab ea discrepat qua caelites Deus beando complectitur" (Leão XIII, Encíclica *Divinum illud Munus*). Por isso, a vida da graça já é um verdadeiro começo daquela da glória. "*Gratia* nihil aliud est quam *inchoatio gloriae in nobis*" (S. Th., 2-2, q. 24, a. 3 ad 2).

91 *In Gal* 3.

Esta prodigiosa união do Deus infinito com os seres finitos não é como a absurda derivação gnóstica, ou como a repugnante confusão panteísta: é uma inefável comunicação amorosa e livre, mas íntima e inconcebível, da vida divina às criaturas racionais, onde o sobrenatural e o natural, o divino e o humano, juntam-se, harmonizam-se e se compenetram, sem que por isso se confundam. Deus permanece sendo o mesmo, o Deus imutável; mas o homem, sem deixar de ser homem, fica *deificado*... Permanece sua natureza íntegra, mas em outra forma; pois não só é purificada e reintegrada em sua nativa beleza, mas reforçada e exaltada até a altura da Divindade, irradiando com verdadeiro esplendor divino, à semelhança do ferro que, metido no forno, perde toda sua escória, e sem deixar de *ser ferro*, fica *feito fogo*. A razão humana seria incapaz de sequer suspeitar essa maravilha de amor; e por isso, ao ter já dela certa idéia vaga, e querer explicá-la do seu modo, incorreu em tantas aberrações.

Mas a divina Revelação harmoniza os extremos sem os confundir, nem menos destruir; e assim estende e esclarece imensamente nossos horizontes. Faz-nos ver como a vida íntima de Deus não é a de um Deus *uno* e *solitário*, como aparenta ser o *deus absoluto* dos filósofos, conhecido tão somente pelo reflexo da unidade da natureza divina nas obras da criação, mas a do verdadeiro *Deus vivo* que, sendo *uno* em natureza, é *trino* em Pessoas... Esse admirável mistério da vida divina em si, a que jamais teria podida chegar a filosofia – pelo mesmo motivo que as obras *ad extra* por ela estudadas, sendo comuns a toda a Trindade, só podem nos indicar de algum modo a unidade de Poder e de Essência –, é a base de toda a ordem sobrenatural, fundada, não nas simples relações de *causalidade* – como são as que ligam a criatura ao Criador soberano –, senão nas de uma *amizade* cordial e íntima, que pressupõe verdadeira *semelhança*. Tudo que se refere a essa ordem de *relações amistosas*, embora sejam as obras mais insignificantes – como, por exemplo, esfregar um prato, servir a um enfermo ou lavar os pés de um pobre por amor a Jesus Cristo –, pertence por completo à *ordem sobrenatural*; enquanto que as mais altas especulações de um filósofo sobre as maravilhosas e infinitas perfeições do "Ser Supremo, do Ser Absoluto e Incognoscível, que transcende *sobre toda a natureza*", se não vão iluminadas

pela divina luz da fé, são puramente *naturais*, sem o menor valor meritório para a vida eterna.

Assim é como se distinguem as duas ordens, apesar de compenetrarem-se; e assim vemos como o sobrenatural não é uma *imposição violenta* nem uma *interrupção* do natural, destrutora de sua continuidade e harmonia; mas é uma elevação da própria natureza que, sem perder nada de suas verdadeiras perfeições, fica em todos os seus aspectos revestida de maravilhosos encantos e virtudes, como realmente *deificada*, ou seja, elevada a uma *ordem divina*. O sobrenatural não é, pois, nenhum *transtorno* do natural, mas uma *sobreordenação*; não é uma coisa estranha e violenta, mas uma realidade íntima, reconfortante e harmônica, um novo modo de vida que tudo compenetra, reintegra, enobrece e realça, assim como a vida racional enobrece e realça a sensitiva, e essa a simplesmente orgânica.

A *participação* que tenhamos da *vida íntima de Deus*, essa é nossa *vida sobrenatural*. As novas relações que por ela nos ligam com Ele e com nossos próximos são como um reflexo daquelas entre as três adoráveis Pessoas[92]. A Trindade divina – dissemos – é a vida sobrenatural por essência; a graça santificante que nos faz filhos de Deus, co-herdeiros de Cristo e templos vivos do Espírito Santo, é a vida sobrenatural redundando em nós por participação. Deus é a própria *Vida*, e essa vida é *luz dos homens* (Jo 1). Nosso Deus não é uma abstração filosófica: é o *Deus vivo*, o *Vivente* por excelência: *Vivens Pater*. Mas seu viver é conhecer e amar; o conhecimento e amor são sua própria vida; e o termo adequado de suas ações é sua própria Divindade. N'Ele há uma simplicidade absoluta, com perfeita identidade entre o ser e o agir, entre o princípio e o termo da ação, e entre uns atributos e outros, o ser é viver, e viver é agir, e suas ações não só são *vitais*, mas são *Vida*. E, no entanto, há n'Ele distinção pessoal: Deus Pai, vivendo a plenitude da vida, conhece a Si eterna e infinitamente, e conhecendo-se produz ou profere *ab aeterno* o *Verbo* de sua sabedoria, fiel representação viva e pessoal de seu ser infinito; e essa dimanação do Verbo, assim proferido por via de inteligência e *semelhança*, é

---

92 Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 4ª p., c. 9.

sua eterna *geração*: o Verbo é verdadeirissimamente *Filho* de Deus Pai, *ex quo omnis paternitas in caelo et in terra nominatur*, e, pelo mesmo motivo, é por sua vez exemplar de toda *filiação*. Mas o Pai e o Filho se contemplam e se amam infinitamente na plena comunicação da própria Essência; e ao termo desse ímpeto ou *aspiração* com que se amam, o eterno abraço com que estreitam é um *Amor* infinito, pessoal ao mesmo tempo que consubstancial... Mistério de vida inefável, que a razão humana nunca poderia descobrir, nem mesmo manifestado poderá compreendê-lo; mas cuja realidade a nós testemunha infalivelmente a fé, e a *sentem* com plena certeza, mesmo neste mundo, as almas iluminadas[93].

Pois Deus nos faz participar desta portentosa vida ao sobrenaturalizar a nossa, *deificando-nos*! Por sua complacência, entramos em sociedade com as próprias Pessoas divinas, de tal modo que sempre esteja repercutindo em nós esse inefável mistério, reproduzindo o Pai seu Verbo em nossos corações, e infundindo-nos e aspirando-nos ambos juntamente seu Espírito de Amor[94]. Assim cada Pessoa imprime em nós sua propriedade e nos faz participar de algo seu: o Pai, dando-nos seu *ser divino*; o Espírito Santo, *vivificando-nos e santificando-nos* ao derramar sua caridade em nossos corações; e muito particularmente o Verbo, diretamente *desposado* com nossa natureza pela Encarnação, e com toda a Igreja e cada uma das almas justas, pela graça de sua Paixão sacratíssima, fazendo que com Ele nos *configuremos*; já que o Pai nos *predestinou para ser conformes imagem de seu Filho* (Rom 8, 29), e para esse fim nos chama e nos justifica, dando-nos o Espírito de adoção e de promissão. Assim, morando em nós a *Caridade* do Pai, vêm também morar o Pai e o Filho (Jo 14, 23; I Jo 4, 13 e 16); e somos templos vivos de toda a Trindade, e um pequeno céu onde Deus reina e é glorificado e se glorifica ao mesmo tempo em nós, deixando irradiar sobre nossas almas os resplendores íntimos de sua claridade eterna (Jo 17, 22) para que sejamos uma coisa com Ele mesmo; e assim cada Pessoa divina influencia segundo sua propriedade

93 Cf. Santa Teresa, *Moradas* 7, 1.
94 Cf. Tauler, *Div. Inst.* c. 33-34.

especial na obra de nossa deificação. Quem tem o Espírito de Amor, tem a vida eterna imanente em si mesmo; e essa é a própria vida que estava no Pai e se manifestou a nós no Verbo (I Jo 1, 2-7; 3, 15; 4, 12-13; 5, 11-12).

Se tantos cristãos que buscam viver na graça não se dão conta de sua própria dignidade e dessa gloriosa *herança dos servos de Deus*, é porque vivem muito tibiamente e não estudam continuamente no *livro da vida*, que é Jesus Cristo nosso Salvador, modelo e verdadeira luz dos homens (cf. Is 54, 17; 55, 1-6). Se o estudassem e o imitassem, seguramente, através de sua santa Humanidade, iriam descobrindo os inefáveis mistérios da Divindade e de toda a Trindade (Jo 14, 9-21; I Jo 5, 20); chegariam a saber os *tesouros de ciência e de amor que n'Ele estão encerrados*, e viriam a ficar *cheios da própria plenitude de Deus* (Col 2, 2-3; Ef 3, 17-19).

Se em nós não pode existir a absoluta simplicidade e identidade entre o ser, o agir e o termo da ação – porque Deus respeita e não destrói a natureza por Ele formada para que seja sujeito da graça –, não por isso deixa de existir *real* e *fisicamente* uma participação de sua própria vida, que reproduzindo-se em nós, o quanto é possível, em harmonia com a nossa, sem nos privar de ser homens, antes fazendo-nos *homens perfeitos*, deixa-nos ao mesmo tempo *deificados*. Essa deificação é tão profunda, que penetra até o íntimo de nossa substância, e tão intensa e extensa que eleva à ordem do divino nosso ser com nossas faculdades e ações.

Já por natureza éramos de algum modo – embora só analógica e remotamente – imagens de Deus. Nossa alma é espiritual, e conhece e ama a verdade e o bem, em que se oferece como um vestígio da Trindade adorável. Mas toda nossa felicidade natural consistiria no mais perfeito conhecimento e amor que pudéssemos ter contemplando os divinos resplendores só através das maravilhas da criação. Assim, por perfeitos que fossem esse amor e conhecimento, que distância e que abismo tão intransponível não ficariam para sempre entre o soberano Criador, tal como é em Si mesmo, e nós, pobres criaturas suas!... Se tivéssemos permanecido na pura ordem natural, sem ser elevados à *vida*, ao *conhecimento* e *amor* sobrenaturais, não possuiríamos formal e fisicamente um *ser divino*, nem tão pouco teríamos *faculdades* nem forças ou *virtudes* e *energias divinas*; e então nosso conhecer

e amar não alcançariam jamais a Deus em Si mesmo, e não poderíamos abraçá-lo com esses dois atos, que são os braços com que agora nos é dado estreitá-lo. A *intuição espiritual* e o profundo e amistoso amor de *caridade* nos seriam totalmente impossíveis. Ao invés de gozar de Deus substancial e amorosamente comunicado a nossas almas para fazê-las participantes de sua própria felicidade, estaríamos eternamente separados d'Ele tal como é em Si, contemplaríamos uma pura abstração, uma simples *idéia* de Deus, ao invés de sua *Face* amorosa; e amaríamos um bem separado de nós, ao invés do *Deus de nosso coração e nossa herança eterna.*

Mas Ele, por um prodígio de amor que nunca poderemos suficientemente admirar – nem menos devidamente agradecer – se dignou *nos sobrenaturalizar* desde um princípio, elevando-nos nada menos que à sua própria categoria, fazendo-nos participar de sua *vida*, de sua *virtude* infinita, de suas *ações* próprias e de sua eterna *felicidade*: quis que fôssemos *deuses... filhos do Excelso* (Sl 81, 6), *domésticos, familiares, amigos e herdeiros seus* (Rom 8, 17; Ef 2, 19; Jo 15, 14-15), com quem conversa afavelmente, a quem se manifesta (Sab 6, 13-14; 8, 3; Jo 14, 17-23; I Jo 4, 7), e que, portanto, de verdade O conhecem e amam a Ele em Si, e não se contentam somente com a vaga *idéia* do divino. Para isso bastaria a *graça elevante*, que transformava e deificava a natureza pura e integra.

Mas pelo pecado perdemos totalmente a *herança* divina, com a dignidade de filhos de Deus, perdendo sua graça e amizade. E não só ficamos *despojados dos dons gratuitos*, mas também *danificados nos naturais*, desde que a desobediência atentou contra a própria ordem natural. Assim não só desapareceu de nós a sobrenatural imagem divina que nos deificava, mas se desfigurou quase até apagar-se a que por natureza tínhamos. E, deste modo, nascemos à imagem do homem prevaricador, filhos de ira, com a tendência ao mal e incapacitados para praticar todo o bem que a própria razão natural propõe, e mesmo para conhecê-lo e amá-lo com a perfeição naturalmente requerida. Daí que, para restabelecer a primitiva ordem, não baste uma graça como aquela, que se reduza a *elevar-nos*; se requer uma tal que nos *cure* e *reintegre* no primitivo ser, ao mesmo tempo que nos *transforme* e *eleve* à ordem divina. É preciso *restaurar* os traços desfocados da *imagem* natural

de Deus para que sobre eles possa se imprimir sua verdadeira *semelhança* sobrenatural. Assim o homem, "criado à imagem e semelhança de Deus", tem que ser de novo *reformado* segundo aquela *imagem* e *criado* segundo essa divina *semelhança*.

E o Senhor, em sua infinita misericórdia, em vez de nos abandonar como aos anjos rebeldes, teve compaixão de nossa fraqueza terrena, e quis que "onde abundou o delito *superabundasse* a graça" (Rom 5, 20), determinando realizar a maravilha dos séculos, fazendo que seu Verbo não só se encarnasse para nos deificar (Jo 1, 12)[95], mas que padecesse para nos curar, purificar, fortalecer, ensinar, pagar nossas dívidas e encher-nos de tais méritos, que, de devedores, convertemo-nos em credores, elevando-nos assim a uma altura muito maior que a primitiva[96]. Veio, pois, o Verbo de Deus a *restaurar* a natureza e *enaltecer* a graça, lavando-nos com seu Sangue no banho da regeneração para que renasçamos e ressuscitemos gloriosos e vencedores da morte. Assim somos de novo "*criados* em Jesus Cristo em boas obras", à imagem e semelhança deste homem celestial e divino, depois de ter nascido à imagem e semelhança do terreno. Daí a necessidade de nos despojarmos desse para nos revestirmos daquele (I Cor 15, 47-49). Essa graça, que nos cura e reintegra, para curar tão profundas chagas tem que agir de um modo muito doloroso; mas, quanto mais dolorosa, tanto mais gloriosa: fazendo-nos "crucificar nossa carne com seus vícios e concupiscências, para proceder em tudo segundo o Espírito pelo qual vivemos, como membros de Cristo" (Gal 5, 24-25), vai nos levando progressivamente à perfeita configuração com nosso

95 S. Agostinho, *Serm.* 13 e 166; *Epist.* 140 *ad Honor*, c. 4; S. Atanásio, *Serm.* 4 *contra Arian.*

96 Tanto da parte da criatura como do Criador ofendido, dizia o Pai Eterno à Santa Maria Madalena de Pazzi (*Obras* 3ª p., c. 3), "a Redenção foi uma obra maior que a Criação. Por ela a criatura (humana) não só recobrou a inocência perdida, mas obteve umas vantagens que não tinha antes... Ao ficar unida à Divindade, graças aos méritos do Verbo, fez-se digna da visão beatífica... Daí que certas criaturas conheçam melhor que os próprios anjos a Essência divina, meu Ser eterno e o modo de união contraída pelo Verbo com a humanidade, modo completamente ignorado e oculto para os homens; e isso em recompensa de sua virtude, que ultrapassa a dos Anjos. Pois estes... não tiveram que sofrer para conservar a graça; enquanto que a criatura não se conserva nela senão à força de sofrimentos e trabalhos. E é justo que alcance maior recompensa".

Salvador e modelo. Assim se verifica essa elaboração penosa e venturosa em que, "renovando-nos segundo o Espírito de nossa mente, despojamo-nos dos hábitos do homem velho para nos revestir do novo, criado, segundo Deus, em verdadeira santidade e justiça" (Ef 4, 22-24).

E se – por viver segundo a carne e não nos mortificar, conforme pede o Espírito (Rom 8, 13) – temos a desgraça de *morrer*, perdendo por nossa fragilidade e malícia esta inestimável vida da graça, podemos recuperá-la de novo, purificando-nos com o Sangue de Jesus Cristo, pela Penitência, não já para *renascer*, pois não se nasce para a graça como tampouco para a natureza mais que uma só vez, mas para *ressuscitar* da morte para a vida. E quando, sem chegar a perder essa vida por culpas graves, debilitamo-la, adoecendo, pelas leves, esse mesmo banho nos cura e nos restabelece, ao mesmo tempo que nos ajuda a renovar-nos, purificando-nos dos vícios do *homem velho*[97].

Em suma, se não fosse pelo pecado – que transtornou a própria ordem da natureza – não se necessitaria nada mais que a *gratia elevans* para nos deificar; e por meio das boas obras que, com essa graça e as conseqüentes virtudes e influências divinas, de bom grado praticaríamos, cresceríamos alegres e venturosos na vida sobrenatural até chegar à maturidade de poder ver a Deus face a face, entrando plenamente em sua glória. Mas, por causa da primitiva queda e da crescente degradação proveniente dos novos pecados, temos ao mesmo tempo que *nos levantar*, reabilitar *e regenerar*, renascendo para Deus e *reintegrando* a pureza natural, mediante a nova graça *sanans et elevans* de nosso Redentor e Salvador, pelicano celestial que nos purifica com seu Sangue para que tenhamos vida e uma vida copiosa, de modo que sejamos verdadeiramente *santos e imaculados na presença de Deus*. Para esse fim se oferece a nós como guia, modelo e mesmo como alimento, sendo *caminho, luz e vida*, já que *ninguém pode ir ao Pai senão por Ele* (Jo 14, 6).

Mas, como verdadeiro e vital modelo, se nos vivifica sem trabalho nosso – quando não estamos ainda em condição de cooperar, como acontece com as crianças –, não exclui, mas exige nossa plena cooperação assim que

---

97 Cf. Santa Catarina de Sena, *Epist.* 52, 57, 58, 60, 106 etc.

a possamos dar, a fim de que nos configuremos com Ele e possamos, pela virtude de seu Sangue, subir à grande altura. Como Ele padeceu por nosso amor, quer que, à semelhança sua, padeçamos por amor d'Ele e maior proveito nosso. Assim, o curar nossas chagas, o despojar-nos do homem velho e revestir-nos do novo não se faz sem grande violência e dor. E mesmo o crescer em graça e conhecimento de Deus, mediante a contemplação de sua vida e a imitação de suas obras, e o subir pelos escarpados caminhos da perfeição cristã – inclinados como estamos ao mal – não pode se fazer sem fatigas e sem penosos esforços, pelo menos até que consigamos arrancar como pela raiz as más inclinações. Daí que agora *o Reino de Deus sofra violência, e somente os esforçados podem arrebatá-lo* (Mt 11, 12); porque nosso Deus reina da Cruz: *Regnabit a ligno Deus*; e, para nos unir plenamente com Ele, temos que segui-lo pelas dolorosas e ensangüentadas vias do Calvário[98].

Mas ali levantado é onde precisamente atrai a si todas as coisas, e por isso, seguindo-o como modelo e verdadeira luz do mundo, "não andamos nas trevas, mas temos eterna *luz de vida*", com a qual conheceremos o Pai. E conhecendo-o, vendo em sua Luz a própria Luz de sua face, sentiremos as correntes de *vida* perdurável que com essa luz vêm a nós, e beberemos na fonte de água viva, na torrente das divinas delícias, ouvindo a dulcíssima voz do bom Pastor que conhece a suas ovelhas e se dá a conhecer a elas, chama-as por seu nome, e lhes dá a vida eterna (Jo 10; Sl 35, 9-10).

Assim, pois, se aproveitamos da graça do nosso Salvador, nesta mesma vida seremos deificados, teremos o reino de Deus em nossos corações, viveremos em íntima sociedade com Ele, possuiremos a Ele e seremos por Ele possuídos, e mereceremos o nome de *deuses*; pois realmente nos tornamos deuses e filhos do Deus vivo, capazes de agir *divinamente*, conhecendo-o e amando-o em Si mesmo, pela graça que se dignou comunicar-nos como

98 "As conseqüências do pecado, que o batismo não destrói, transforma-as dando-lhes virtude expiatória, unindo-as com as satisfações de Jesus Cristo; quem assim, depois de sofrer no corpo real, sofre no místico, até na criança recém-nascida para a graça (Jaffré, *Sacrifice et Sacrement* p. 235).

uma participação de sua própria vida que Jesus Cristo mereceu para nós: *Gratia Dei vita aeterna, in Christu Iesu* (Rom 6, 23).

A *deificação* que, como diz São Dionísio[99], é a mais perfeita possível assimilação e união com Deus – *Ad Deum quanta fieri possit assimilatio, et unio* – implica, pois, por uma parte, a imanência dessa misteriosa graça que, como *forma interna* de nossa justificação nos purifica, transforma, santifica e deifica; por outra, a presença íntima e substancial de toda a Trindade reinando em nossas almas e dando a elas vida eterna; e, por último, a comunicação amistosa com todas e cada uma das divinas Pessoas, mediante as operações desta vida da graça; que são os atos de conhecimento, sentimento, tendência e amor que têm a Deus em Si por objeto imediato.

Para discorrer filosoficamente, conviria a nós agora examinar em particular cada uma dessas coisas, para precisar em que consistem e poder logo formar para nós uma idéia mais completa do conjunto. Mas como esse todo inefável só pode se apreciar ou admirar devidamente considerando-o em sua integridade e plenitude, ao querer examinar cada coisa aparte, desvanece-se o indefinível conceito que devíamos formar; e assim, quando conseguimos precisar e formular algo a nosso gosto, despojamos essas noções de seu conteúdo divino, e, em vez da sempre misteriosa vida sobrenatural, pomos nossas estéreis apreciações, que nos deixam tão mais frios e insensíveis quanto mais claras e compreensíveis nos parecem. Por isso diz muito bem Santa Teresa[100] que, diferente das misteriosas palavras do Evangelho, que tanto a impressionavam, "os livros muito ordenados" a repugnavam e até a faziam *perder a devoção*. Isso porque, como notava muito bem Ollé-Laprune[101], "o excesso de abstração facilmente nos faz perder de vista o todo real e vivente que somos"[102]. Preferiremos, pois, imitar

99 *Eccl. Hier.* c. 1, n. 3.

100 *Camino de perfec.* c. 21.

101 *La vitalité chrét.* p. 149.

102 Por isso vemos que as hagiografias que se reduzem a ponderar cada virtude em particular – fora de seus quadros naturais, sem progresso histórico e sem o vigor e realce que umas a outras se comunicam – em vez de cativar, antes produzem como uma impressão monótona e molesta, onde não se percebe nada de vital, nada que seja próprio e característico do biografado. Enquanto que a simples exposição dos fatos em concreto, com sua devida ordem, onde em harmonia concorrem e se desenvolvem todas

o quanto possível o método dos Padres em não abstrair nem menos *separar* uns conceitos de outros, mas estudar sempre – embora desde diversos pontos de vista – a mesmíssima *realidade*, multiplicando os aspectos e as imagens só para ver melhor o inefável *todo* vital que com nenhum tipo de termos nem de considerações pode se esgotar. Isso tem a inconveniente didática de obrigar a repetir muitas vezes uma mesma idéia, falando, por exemplo, da inhabitação ao tratar da graça em si, e da regeneração e adoção ao estudar a santificação, e da graça santificante ao considerar a caridade e os dons, etc. Mas é assim nas Escrituras, nos antigos Padres e mesmo nos grandes místicos, que dizem o que *sentem*; e sempre sentem o mesmo fundo inefável, embora cada vez em um novo de seus inesgotáveis aspectos. E por isso sua linguagem, se não lisonjeia as inteligências que aspiram a *compreender* – a quem parece ouvir sempre a mesma canção ininteligível –, ao contrário, comove todos os corações profundamente cristãos, que *vivem* intensamente dessa inefável realidade, cuja contemplação nunca sacia, mas que sempre excita nova fome... *Qui edunt me adhuc esurient...* A isso nos ateremos, mesmo a custa de sermos onerosos, na segurança de que essas repetições poderão ser úteis a muitas almas.

ARTIGO II

A Graça de Deus e a Comunicação do Espírito Santo

§ I. – A GRAÇA SANTIFICANTE. – SEUS EFEITOS: DÁ NOVA VIDA, TRANSELEVA NA ORDEM DO SER E DEIFICA A SUBSTÂNCIA DA ALMA. – A REGENERAÇÃO E O RENASCIMENTO; A TRANSFORMAÇÃO E A RENOVAÇÃO; A GRAÇA E A NATUREZA. – NOSSA CRIAÇÃO EM JESUS CRISTO: A GRAÇA EM SI E A GRAÇA PARTICIPADA.

A graça, diremos com o Catecismo, é *um ser divino que faz o homem filho de Deus e herdeiro do céu.* Com isso está dito tudo que pode se dizer: é o caso

---

as virtudes juntas, e se deixa ver o que é próprio de cada um dos servos de Deus, cativa e embeleza-nos com uma impressão indelével. Aquelas carecem de animação e de vida e são como notas isoladas; enquanto que uma boa biografia de um santo deve tratar como de estereotipar o quanto possível o sublime concerto de suas maravilhosas ações, tal como foi produzido pelo divino Artista.

de se apreciar devidamente os termos desta admirável definição, tendo-a mais bem por um pálido reflexo de tal realidade, que por um exagero atrevido.

A graça santificante nos dá verdadeiramente um ser *divino*, desde que nos *deifica*; e um ser *substancial* ou *essencial*, e não *acidental* – como muitos supõem –, desde que nos *transforma* até o mais fundo, fazendo-nos *ser* realmente – e não só parecer – *semelhantes* a Deus, como seus filhos de verdade e não de puro nome ou de meras aparências[103]. É verdadeira vida divina: *Gratia Dei, vita aeterna*, e a vida é algo *substancial* e *essencial*; e assim a infusão de uma nova maneira de vida nos eleva na própria ordem do *ser*, e não puramente na do agir, nem menos na de aparentar: *Vivere in viventibus*, diz Santo Tomás, *est ipsum esse*.

Se a graça pode chamar-se *acidental* com respeito ao *homem* – porque pode unir-se e separar-se dele sem que ele deixe de ser o que é – com respeito ao bom *cristão*, ao *homo divinus*, tão *essencial* é, que sem ela fica *morto* e reduzido à terra do velho Adão; pois ela é o que lhe faz ser filho de Deus e membro vivo de Jesus Cristo[104].

Não pode, pois, ser em si um mero *acidente*, porque os acidentes, embora nos façam parecer muito diferentes, deixam-nos, no entanto, com o mesmo ser, e por isso podem variar num mesmo sujeito. Não é tampouco reduzível à ordem das *propriedades* porque estas emanam do ser, e o *supõem*; como *inamissíveis o caracterizam*, mas não o *constituem*. Logo, segundo nosso modo humano de apreciar as coisas, a vida da graça pertence necessariamente à ordem *substancial*, e tem por *propriedades* a caridade e demais virtudes e hábitos que sempre a acompanham e com ela desaparecem. Essas propriedades que dela emanam – e, portanto, recebemo-las com ela como gérmen – vêm

---

103 "A graça, escreve o Ven. Granada (*Guia de pecadores* l. 1, c. 14), tem esta maravilhosa virtude de *transformar o homem em Deus*; de tal maneira, que, sem deixar de ser homem, participa à sua maneira nas virtudes e pureza de Deus".

104 Se é certo que, como dizem os teólogos, "o que está em Deus substancialmente vem a estar *accidentaliter* na alma", diremos que este "ser divino", *quoad animam humanam, est quid accidentale: quoad vero animam viventem supernaturaliter, est ipsa vita*.

"Licet gratia non sit principium esse naturalis, est tamen *principium esse spiritualis*, per quod naturale *perficitur*" (S. Tomás, *In II Sent*. d. 26, a. 4 ad 1).

a constituir as *potências operativas* da própria graça; os verdadeiros *acidentes* dessa ordem são todos os aspectos mutáveis, todos os influxos transitórios e todas as peripécias da vida sobrenatural.

Pelo mesmo motivo que é algo substancial e que nos eleva na ordem do *ser*, a recebemos, conforma ensina Santo Tomás, na própria *essência* ou *substância* da alma para transelevá-la, não em suas potências: nessas se recebe tão somente as virtudes e energias operativas que as corroboram e transformam, ordenando-as ao fim sobrenatural e fazendo-as capazes de obras divinas[105]. Que assim se recebe na essência da alma, para *deificá-la*, é hoje naturalmente admitido[106]. Egídio Romano – que é um dos melhores discípulos do Doutor Angélico – o provou já com muitas e irrecusáveis razões[107].

---

105 «Infunditur divinitus homini ad peragendas actiones ordinatas in finem vitae aeternae primo quidem gratia per quam habet *anima* quoddam spirituale esse" (S. Tomás, *De virt. in comm.* q. un., a 10). Essa graça está "in *essentia animae*, perficiens ipsam, in quantum dat ei quoddam *esse spirituale*, et facit eam per quamdam assimilationem *consortem naturae divinae*, sicut virtutes perficiunt potentias ad recte operandum" (S. Tomás, *De verit.* q. 27, a. 6).— "Immediatus effectus gratiae est conferre *esse spirituale*, quod pertinet ad informationem subiecti...; sed mediantibus virtutibus et donis est elicere actus meritorios" (Id., ib. a. 5 ad 17). "Sicut per potentiam intellectivam homo participat *cognitionem divinam* per virtutem fidei, et secundum potentiam voluntatis *amorem divinum* per virtutem charitatis; ita etiam per *naturam animae* participat... *naturam divinam*, per quamdam *regenerationem* sive *recreationem*" (S. Th., 1-2, q. 110, a. 4).

106 Pourras (*Theol. sacram.* p. 179) resume a doutrina escolástica nestes termos: "A graça habitual é a *vida divina* comunicada à alma. Como aderida à própria *substância* dela para *deificá-la*, chama-se *graça santificante*, e como aderida às faculdades para fazê-las capazes de agir sobrenaturalmente se identifica com as virtudes infusas, com as quais se relacionam os dons do Espírito Santo. A graça santificante, as virtudes e os dons constituem a *graça habitual*: todos os sacramentos sem exceção a produzem".

107 "Ipsum *esse spirituale* quod habet homo, habet a gratia, iuxta illud Apostoli *ad Cor.*: *Gratia Dei sum id quod sum*... Cum esse respiciat essentiam, sicut posse potentiam... Christus dicit nos *regeneratos* esse per aquam et Spiritum S... Sed ista generatio est per gratiam...; per gratiam enim generamur filii Dei... Sicut igitur non dicitur aliquid generari naturaliter, nisi accipiendo *substantiam* et *naturam*; ita non dicitur aliquid generari spiritualiter secundum animam, nisi accipiendo *aliquid spirituali in ipsa substantia animae et natura*. Sicut ergo per generationem naturalem accipimus esse naturale, ita, per generationem spiritualem accipimus *esse spirituale*...

"Como se realiza, pergunta Froget[108], essa *deificação*? De que modo maravilhoso se faz esta inoculação da vida divina? Ordinariamente pelo batismo, constituindo uma verdadeira *geração* que termina num *nascimento real*. Essa nova geração de que tantas vezes se fala nas Sagradas Escrituras, esse segundo nascimento tão celebrado pelos Padres e incessantemente recordado na Liturgia: geração incomparavelmente superior à primeira, já que em vez de um vida natural e humana, transmite-nos uma sobrenatural e divina; nascimento admirável que faz de cada um de nós esse *homem novo*, de que fala o Apóstolo, "criado segundo Deus na verdadeira justiça e santidade" (Ef 4, 24): geração totalmente espiritual, e, no entanto, *real*, cujo princípio não é a carne nem o sangue nem a vontade do homem (Jo 1, 13), mas o livre querer de Deus, *voluntarie genuit nos verbo veritatis* (Tg 1, 18); nascimento misterioso que provém não de semente corruptível, mas de uma incorruptível pela palavra de Deus (I Pd 1, 23); geração e nascimento tão indispensáveis para viver a vida da graça, como o são os ordinários para a natural. Pois a própria Verdade é quem disse: *Aquele que não renasçer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne, carne é, e o que nasce do Espírito, espírito é* (Jo 3, 5-6). Mas qual é a natureza deste elemento divino e regenerador que o batismo deposita em nossas almas e nos faz *deiformes*? Em que consiste este princípio radical de vida

---

Sicut non potest aliquid habere operationem talem, nisi habeat esse tale, sic non possumus habere *operationem divinam*, nisi habeamus *esse divinum*. Virtutes ergo theologicae quae sunt in potentiis animae et faciunt operationes divinas... non possunt facere illas operationes, nisi habeamus *esse divinum*, quod est per gratiam. Sicut ergo illae virtutes sunt in potentiis per quas *spiritualiter agimus*, ita gratia est in ipsa essentia animae per quam *spiritualiter sumus*... Nam nec agere nec pati possumus spiritualiter nisi simus *essentiati spiritualiter*...

Sicut imago creationis est in essentia animae et in tribus potentiis, quia homo creatus est ad imaginem Dei, et in eo est una essentia animae et tres potentiae vel tres vires, sicut in Deo est una essentia et tres personae; sic in homine est imago *recreationis*, prout gratia est in essentia animae, et tres virtutes theologicae sunt in tribus potentiis...

Sicut Deus in actu creationis prius producit naturam et essentiam rei, postea producit accidentia propria et naturalia; sic in actu recreationis prius *perficit essentiam animae* per gratiam, et postea perficit naturales potentias per virtutes" (Egídio Romano, *In 2 Sent*. d. 26, q. 1, a. 3).

108 P. 274.

sobrenatural que um sacramento nos comunica e outros estão destinados a manter, a desenvolver e a ressuscitar se tivermos a desgraça de o perder? E posto que esse dom precioso, causa formal de nossa justificação e de nossa deificação, é a própria graça santificante, que coisa é esta graça?".

Eis aqui o grande problema que nunca poderá nossa pobre razão resolver, e que só se pode apreciar devidamente contemplando-o e admirando-o através dos sagrados símbolos da Revelação e das sublimes sentenças divinamente inspiradas, ou consagradas pela Igreja. A graça santificante é vida eterna em Jesus Cristo... e é também o *dom de Deus*, a água viva que apaga toda sede, e que se converte nas almas numa fonte de vida e energias divinas. Mas "isso disse Jesus do Espírito que haveriam de receber os que cressem nele" (Jo 7, 37-39). Assim, esse divino Espírito é quem, animando-nos e como nos informando, faz-nos viver divinamente com a graça de sua própria comunicação e com a comunicação de sua graça[109].

E essa graça comunicada, em si mesma, subjetiva e intrinsecamente, quer dizer, segundo a frase do Concílio de Trento[110], essa "*iustitia Dei, non qua ipse iustus est, sed qua nos iustos facit, qua videlicet renovamur spiritu mentis nostrae; et non modo reputamur, sed vere iusti nominamur et sumus*", que vem a ser com a própria *impressão* do "selo divino" em nós, a *unção* que nos compenetra, suaviza, embeleza e santifica, e nos enche de fragrância, fazendo-nos exalar o bom perfume de Jesus Cristo e ser agradáveis a Deus;

---

109 São Paulo deseja aos fiéis "a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e a comunicação do Espírito Santo", "querendo, sem dúvida, indicar-nos com essas palavras, observa Santa Gertrudes (*Recreac.* 5), que a "comunicação do Espírito Santo se confunde em seus princípios com a graça do Salvador. Sabemos que o Espírito Santo se dá a nós no Batismo e na Confirmação... Há, pois, em nós o corpo e a alma, elementos da vida natural, e o Espírito Santo, princípio da vida sobrenatural. E eis aqui porque São Paulo nos diz também que somos "templos do Espírito Santo" (cf. S. Tomás, *In 3 Sent.* d. 13, q. 2, a. 2). Petau (*De Trin.* 1. 8, c. 4 ss.) trata de provar com multidão de textos magníficos dos Padres esta proposição: "Spiritus Sancti substantia ipsa donum est quod ad iustos et adoptivos Dei filios efficiendos divinitus infunditur, ut sit *formae cuiusdam instar*, qua status supernaturalis constat".

110 Sess. 6, c. 5.

é, em suma, a *transformação* ou *renovação interior* que em nossa própria natureza se produz com a comunicação, animação ou presença vivificadora do Espírito santificante[111].

Essa graça excede infinitamente a toda faculdade criada e a todas as exigências naturais de qualquer criatura, por excelsa que seja; pelo motivo mesmo que é uma participação da íntima vida, santidade e justiça divinas[112]. Mas, para passar da simples vida humana a uma tão superior necessitamos a animação de um novo *princípio vital* – de uma ordem transcendente – que nos dê um novo ser substancial, uma como segunda natureza com suas respectivas faculdades ou potências para poder viver e agir divinamente e produzir frutos de vida eterna. Essa segunda natureza, a própria graça santificante a constitui, que se enraíza na alma transformada, assim como essas potências são as virtudes teologais e os dons do Espírito Santo, que nos dão novos poderes ou faculdades ao mesmo tempo que elevam nossas próprias energias para que com elas possamos produzir obras sobrenaturais, segundo a moção do Espírito que nos anima e cuja virtude lhes dá todo o valor e mérito que têm[113]. E todas as demais virtudes infusas, assim como as moções e *graças atuais* são outras tantas disposições ou forças superiores que confortam nossa nativa fraqueza e nos ajudam a agir segundo Deus[114].

---

111 S.Th., 3ª p., q. 7, a. 13.

112 "Donum gratiae excedit omnem facultatem naturae creatae, cum nihil aliud sit quam quaedam *participatio divinae naturae*... Sic enim necesse est quod solus Deus *deificet, communicando consortium divinae naturae*" (S. Th., 1-2, q. 3, a. 1).

113 "Valor meriti attenditur secundum virtutem Spiritus Sancti moventis nos in vitam aeternam, secundum illud Io. 4: «*Fiet in eo fons aquae salientis in vitam aeternam*»" (S. Th., 1-2, q. 114, a. 3).

114 "A graça, diz Froget (p. 360-363), faz na ordem sobrenatural o ofício da *alma*. Assim como da união dela com o corpo faz de uma matéria vil e inerte um ser vivente e humano, assim a graça, verdadeira *forma* de uma ordem superior, comunica a quem a recebe um novo ser, um ser espiritual e divino que faz do homem um cristão e um filho de Deus. E posto que o ser é a perfeição própria da essência, assim como a operação o é das potências, a graça é recebida na própria essência da alma, fazendo-a participante da natureza divina, enquanto as virtudes que a acompanham são recebidas nas distintas faculdades para elevá-las e aperfeiçoá-las... As virtudes infusas estão, pois, implantadas

Mas não se contenta o divino Consolador em nos renovar, embelezar, enriquecer e fortalecer com suas graças, virtudes e dons preciosíssimos; mas até se comunica a nós e entrega a Si mesmo para ser como o verdadeiro princípio superior de nossa felicidade e de nossa vida[115]: o Espírito de Jesus Cristo quer ser a verdadeira *vida* de todas as almas cristãs[116]. Assim, à elevação e transformação que em nós produzem os dons sobrenaturais, acrescenta-se uma união inefável com o próprio Deus. O doador vem com seus dons. Pois assim como ao nos dar o ser natural ficou conosco como autor da ordem natural – por *essência, presença e potência* –, assim ao nos dar o ser sobrenatural fica como autor dessa ordem, qual pai amoroso, qual fiel amigo, qual verdadeiro esposo da alma e doce hóspede, que nela mora como em seu templo predileto e nela tem suas delícias; e mesmo qual verdadeiro princípio dessa *vida divina* que lhe comunica. De sua íntima presença, comunicação e ação vivificadora, resulta nela a *graça santificante*, com que a enriquece e embeleza, renova-a e a deixa transformada e graciosa até no mais profundo de sua própria substância, penetrando-a e envolvendo-a como o fogo ao ferro e como um raio de luz a um puríssimo cristal[117].

---

em nós para elevar e transformar as energias da natureza e fazê-las capazes de operações meritórias de vida eterna, como o enxerto faz que uma planta silvestre produza frutos preciosos".

115 "In ipso dono gratiae gratum facientis, Spiritus Sanctus *habetur*, et *inhabitat* hominem. Unde ipsemet S. S. *datur* et *mittitur*".—"Habere dicimus id quod libere possumus uti vel frui ut volumus... Et sic divinae personae competit *dari* et esse *donum*" (S. Th., 1ª p., q. 43, a. 3; q. 38, a. 1).

116 "Est vita cuius principium est Christus; est vita Christi qui in ipso Paulo et per ipsum operatur, ideoque in ipso vivit: *Vivit in me Christus*, id est Christus est principium interius, *per Spiritum suum*, mearum cogitationum et actionum" (Palmieri, *Comment. in Gal.*, p. 89).

117 "A criatura, como limitada, não pode se comunicar substancialmente, advertia o Beato Henrique Suso (*Unión*, c. 5); mas Deus, que infinitamente ultrapassa as comunicações das criaturas, comunica-se em essência, de tal modo que a sua infinita e íntima comunicação corresponde sua própria substância, comunicada com distinção de Pessoas".

"A alma, dizia Frei João dos Anjos (*Triunfos del amor de Dios* 2ª p., c. 12), é feita participante do próprio Deus por um *ilapso deiforme*, isto é, pela graça, que é dom divino que se deriva e desliza de Deus em nós e nos *deifica*".

"A graça, escreve o Pe. Hugon (*Rev. Thomiste*, mars 05, p. 45), é uma efusão do ser divino em nós, pois só Deus pode nos comunicar sua natureza e sua vida".

Ao mesmo tempo lhe infunde as virtudes e dons sobrenaturais, que aperfeiçoam e transformam as potências onde se enraízam, para que assim produzam frutos de vida eterna. Deste modo, ela mesma é quem, assim renovada, enriquecida e transformada, age já como filha querida de Deus, embora todo o valor e o mérito provenham da virtude do Espírito que a anima. Tudo isso se esclarece muito, segundo observa o Pe. Bainvel (p. 154-56), com a comparação do enxerto. "A árvore enxertada produz frutos que ela sozinha não produzia; no entanto, os produz pelo suco da seiva e de todas as suas energias naturais, como se fossem seus; o enxerto os faz melhores, mas necessita da planta; e sabido é que a condição dessa não deixa de influenciar no sabor do fruto".

Os teólogos resumem tudo isso dizendo que a graça está em nós como uma segunda *natureza*, cujas potências operativas são as virtudes ou dons sobrenaturais. Assim, contra o que supõem os protestantes, a própria natureza é a que, com a graça e as virtudes, fica renovada e transformada, de modo que com elas produza o que era incapaz de produzir sozinha.

"A presença natural de Deus, observa o Pe. Monsabré (*Conf.* 18, 1875), nada acrescenta à natureza do ser; mas sua presença sobrenatural a transforma. Aquela deixa as potências naturais em sua atividade própria; mas a sobrenatural as eleva a uma maneira divina de agir. Por aquela comunica o ser natural à criatura, mas por essa outra presença sobrenatural a faz participante de seu próprio ser, de sua natureza e de sua vida... A graça é para a alma o que essa é para o corpo, isto é, uma forma que faz da alma um ser sobrenatural, como a alma faz do corpo um ser humano... Pela graça se comunica e age em nós a própria substância divina; mas nós somos seus cooperadores, e, portanto, merecedores. Que a graça seja qualidade ou substância, não importa; o que sabemos certamente é que é um dom permanente que modifica a própria essência da alma, e fazendo-a realmente participar da natureza e da vida divina, faz do homem um verdadeiro filho de Deus, e lhe confere uma beleza e uma grandeza incomparáveis... Deus cria em nós, por sua eficaz presença, uma vida nova; e próprio é da vida o ser um princípio estável como a substância que vive... Ó, mistério admirável! Eu estou todo penetrado de Deus, e verdadeiramente participo de sua natureza e de sua vida... Como eu poderia negá-lo..., se *sua semente está em mim...*, *e a virtude de sua geração é a que me conserva*? (I Jo 3, 9; 5, 18)... Pouco é o que podemos dizer; e mais vale nos ater à linguagem da Escritura e escutar as sublimes interpretações dos Santos Padres... A graça! é Deus, que se une a nós como o fogo se une ao ferro e o faz semelhante a si... É Deus, que penetra em nós como a luz nos corpos diáfanos, aos quais comunica suas propriedades... O homem mediante a graça produz ações divinas: logo essas valem mais que todas as que procedem somente da natureza".

Segundo eles, nossa natureza está essencialmente viciada e corrompida, e dela, nem com ajuda da graça, pode sair nada bom. Daí que tenham por inútil e mesmo impossível toda cooperação do homem ao ato sobrenatural. Mas então a culpa haveria penetrado mais fundo que a graça, e não seria essa a que *superabunda*, como ensina o Apóstolo (Rom 5, 20). A reparação seria não só incompleta, mas nula. E em vão se recomendaria a nós com tanto empenho as boas obras[118]. Mas de querer absorver a natureza na graça, tiveram que vir parar no extremo contrário. Deixaram o enxerto só sem a planta: a graça sem o concurso da natureza; e assim o divino *enxerto* secou, ou melhor dizendo, não pôde se enraizar nas almas ímpias[119] que não querem se renovar no Espírito, nem aspiram mais que a uma justiça nominal, imputada e fictícia[120]; e desse modo só lhes podiam ficar os frutos naturais. Daí que vieram parar num puro naturalismo apesar de continuarem se chamando de *cristãos*, e "cristãos reformados"[121].

---

118 "Cum metu et tremore vestram salutem operamini" (Fil 2, 12).—"Abundantes in opere Domini semper, scientes quod labor vester non est inanis in Domino" (I Cor 15, 58).—"Satagite ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem faciatis" (II Pd 1, 10).

119 "In malevolam animam non introibit sapientia, nec habitabit in corpore subdito peccatis" (Sab 1, 3).

120 "Spiritus enim sanctus disciplinae effugiet fictum..., et corripietur a superveniente iniquitate" (Sab 1, 5).

121 O famoso doutor protestante Sabatier, à semelhança dos puros racionalistas, não querendo reconhecer essa misteriosa vida divina que vem a restaurar e realçar a humana, chegou até a ridicularizar "a velha e inútil antítese do natural e sobrenatural". Mas com isso, observa Fonsegrive (*Le Catholic.* p. 34-45), "este *discípulo* de Jesus se condena ao naturalismo e racionalismo, deixando se evaporar o sentido da doutrina da salvação, absorvendo toda a religião na moral natural, e sem nenhuma idéia do que ele chama *reino de Deus*... O catolicismo professa que o reino dos céus não é outra coisa senão a *divinização*; e nessa fundamental crença se apoia toda a doutrina do sobrenatural... Claro está que o fazer-se participante da divina natureza não pode ser natural ao homem. Daí a necessidade da graça e, suposta a queda, da redenção; a eficácia dos sacramentos que, por virtude divina, introduzem, mantêm ou reintegram no reino da graça; a necessidade do sacerdócio e da Igreja e a superioridade da religião sobre a moral, já que a completa e aperfeiçoa. Pela caridade, dom da graça, a vida divina é já a que faz circular pelas veias do cristão a seiva misteriosa de Jesus Cristo: *Eu sou a videira, vós os ramos*. – Antes, Lutero absorvia a natureza na graça, hoje os protestantes absorvem a graça na natureza e fazem desaparecer o sobrenatural. Mas o catolicismo proclamou sempre a existência distinta e sobreposta da graça e da natureza. Nossos pais lutaram contra Lutero em favor do

Mas em todo o Novo Testamento se fala a nós com freqüência da nova vida que Jesus trouxe para nós, para nos encher dela e assim *nos restaurar e co-vivificar*. Desde o princípio de seu Evangelho, São João nos mostra a vida contida no Verbo, como uma fonte infinita que se derrama a torrentes sobre "todos os que crêem em seu nome e o recebem", posto que "lhes dá o poder de se tornarem filhos de Deus". Assim é como *fomos trasladados da morte à vida* (I Jo 1, 12), e não a uma vida qualquer, mas à *vida eterna que em nós permanece* (I Jo 3, 14-15); de modo que *estando mortos nos co-vivificou o Senhor, perdoando-nos os nossos pecados* (Col 2, 13). Para isso veio Jesus, *para que tenhamos vida e uma vida cada vez mais abundante* (Jo 10, 10). "Tanto nos amou Deus, que nos deu seu Unigênito para que não pereçamos, mas tenhamos vida eterna; para isso o enviou ao mundo: *ut salvetur mundus per ipsum*" (Jo 3, 16-17).

Este princípio de vida sobrenatural, que assim se infunde em nós, chama-se ora uma *semente de Deus*, ora uma *participação da natureza divina*, e constitui uma *filiação real* (I Jo 3, 1. 2. 9; II Pd 1, 4). Assim "a vida divina vem a ser para a alma, diz Bellamy[122], o que essa é para o corpo, e ainda algo mais. A distinção de naturezas não impede que a graça seja realmente *inerente à alma* justificada. Jamais se provará que a justificação, em vez de ser uma *renovação interior*, seja – como querem os protestantes – um simples favor extrínseco de Deus, uma imputação convencional dos méritos de Jesus Cristo. Há em nós uma *verdadeira vida* de ordem superior à da natural: a Escritura nos fala a cada passo de uma *renovação espiritual* e de uma *regeneração* (Ef 4, 23; Tit 3, 14), com que o cristão é *constituído* em justiça, e *possui em seu coração* o Espírito Santo, e leva *em si o selo*, a *unção* e mesmo a *participação da natureza divina* (Rom 5, 19; 8, 11; Jo 3, 9; II Cor 1, 21-22; II Pd 1, 4). Ou essas expressões enérgicas carecem de sentido, ou designam, conforme ensina o Concílio de Trento, algo inerente à alma regenerada".

---

livre-arbítrio e da natureza; nós temos hoje que defender, contra os filhos de Lutero, o domínio do sobrenatural".

122 P. 56, 57.

Assim é como temos um novo ser: "*creati* in Christo Iesu" (Ef 2, 10), "ex Deo *nati*" (Jo 1, 12-13). Esse é o princípio vital que permanece latente nas crianças, para ser nos adultos uma fonte de atividade: "*gratia illuminationis et iustificationis in parvulis inseritur... eis datur principium vitae quamvis latenter, quod in adultis prorrumpit ad actus*"[123].

Esta vida sobrenatural não tira nada à natureza, nem a impede de desenvolver-se plenamente, antes o contrário, cura-a, completa-a e a aperfeiçoa; restaura-a da prostração em que se encontra, corrobora-a e eleva suas energias, dirigindo-as a um fim incomparavelmente mais alto. Facilita-nos o agir bem e nos move a fazer melhor e por mais nobres razões as próprias obras que pela lei natural estávamos obrigados a fazer; e ao mesmo tempo nos permite agir *divinamente*, produzindo frutos de vida eterna, conforme a nosso superior destino.

Não é, pois, a graça – como falsamente supõe a generalidade dos protestantes – uma espécie de *manto* que nos faz aparentar revestidos de Jesus Cristo, ficando em nosso interior com todas as manchas do pecado e toda a hediondez da natureza viciada; não é tampouco – segundo alguns deles pensam – a mera presença do Espírito Santo, que nos faz *resplandecer* com sua divina santidade e justiça, *sem tê-las* nós realmente; senão que, por nossa própria parte, é algo íntimo, substancial e pessoal, que se fez verdadeiramente *nosso*, que nos purifica, justifica, renova, reforma, transforma e nos regenera e *recria*, fazendo-nos ser semelhantes a Deus, como filhos seus, e portanto, verdadeiramente *justos*, não com a mesma justiça *incomunicável* com que Ele o é, mas com a *participada* com que nós mesmos viemos a sê-lo, porque Ele nos fez tais[124].

---

123 S. Agostinho, *De peccat. remiss.* l. 1, c. 9.

124 Se o Espírito Santo é a verdadeira *alma* que dá vida e unidade ao Corpo místico da Igreja, e anima e dirige ordenadamente todos os membros que nela *vivem*, a graça é a mesma *forma interna* e própria de cada um destes elementos que constituem esse corpo vivo, onde ficam intimamente transfigurados segundo o grau de comunicação e animação do divino Espírito; o qual, como diz Santo Tomás (3 *Sent.* d. 13, q. 2, a. 2), *est ultima perfectio et principalis totius corporis mystici.*— "Cum datur nobis S. S., dizia Alexandre de Hales (*Summ.* p. 3ª, q. 61, m. 2, a. 1-2), *transformat* nos in

Assim como pela *criação* recebemos o *ser natural* e a *vida humana*, assim pela *regeneração* recebemos o *ser sobrenatural* e a nova *vida cristã*, que é a *vida divina*. Por isso, a *justificação* é uma maneira de *criação* sobreposta – uma *recriação* – que nos dá um novo ser, não já humano, mas divino: realmente fomos criados em Jesus Cristo, para viver outro gênero de vida: *Creati in Christo Iesu in operibus bonis, quae praeparavit Deus ut in illis ambulemus* (Ef 2, 10). Mas a *criação*, claro está, que se refere ao fundo do *ser substancial* e não aos *acidentes* nem menos às *aparências*.

Recebemos, pois, com a graça uma nova realidade ainda mais que substancial, *supra-substancial*, que na própria ordem do ser nos eleva ainda mais do que poderia elevar a infusão de uma alma num cadáver, ou seja, num corpo inerte e mineralizado. Sem a graça éramos, com respeito ao viver divino, como malcheirosos cadáveres ou como minerais inertes; e por ela, somos transladados da *morte à vida*, do reino das trevas ao da divina luz. Éramos *pedras* brutas e toscas – e, o que é pior, despedaçadas ou deformadas – da pedreira de Adão; mas delas soube Jesus Cristo suscitar verdadeiros filhos de Deus: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahae* (Mt 3, 9; Lc 3, 8).

Pelo mesmo motivo que a graça nos *regenera*, faz-nos *ser* filhos de quem por ela *nos adota*; por ela recebemos essa nova vida, não humana, mas divina, e eterna como por si mesma é. Ela constitui *formaliter* o novo *ser* que temos, e nos faz ser o que em Jesus Cristo *somos*: *Gratia Dei sum in quod sum* (I Cor 15, 10). Sendo perfeitos cristãos, podemos dizer que já não somos tão propriamente filhos do antigo Adão, mas do novo; pois já não estamos configurados à imagem do homem terreno, mas à do celestial, tendo sido *renovados* e *transformados* (II Cor 3, 18). Como *regenerados, renascemos* para Deus numa nova vida, em que tudo se renova e reforma (Ap 21, 5; 2 Cor 5, 17): para isso recebemos o Espírito de renovação e santificação, para "nos

---

divinam speciem ut sit ipsa anima assimilata Deo... Ibi est *forma transformans*, et haec est gratia increata; similiter ibi est *forma transformata*, quae derelinquitur... in anima ex transformatione, et haec est gratia creata".

renovar segundo o espírito de nossa mente, despojando-nos do homem velho"; pois somos já uma *nova criatura*, ou pelos menos o *gérmen* ou embrião de uma criatura divina: *Initium aliquod creaturae eius*. E assim como a vida racional, com manifestar-se mais tarde, dá-nos um ser mais essencial ou substancial ainda que o sensitivo, sem destruir esse, mas subordinando-o; assim também a do Espírito Santo nos dá um tão superior ao racional, como é o divino ao humano. Desse modo nos *recria, regenera e deifica*[125].

Mas como Deus está infinitamente elevado acima de nossa humilde natureza – e mesmo acima de toda a natureza possível – para nos deificar, fazer-nos semelhantes a Ele, e verdadeiros filhos seus, tem que realizar em nosso ser uma *renovação e transformação* profundíssima; e esta *forma interna* e *própria*, que nos faz ser – e não só nos considerarmos ou aparentarmos – *justos* e *deiformes*, é o que, na falta de outro nome, costuma impropriamente se chamar *graça* ou justiça *criada*, para distingui-la daquela *qua Ipse iustus est*, e que unicamente se *imputaria* a nós, e não se *comunicaria* a nós. Mas essa denominação – embora útil às vezes para evitar os erros do protestantismo e certas armadilhas panteístas – é com muita freqüência, por se tomar em todo rigor, ocasião de grandes equívocos que rebaixam até o nível de nossa pobre capacidade o dom inestimável de Deus. Se essa graça fosse propriamente *criada*, entraria por necessidade nas condições essenciais de toda *criatura*: seria parte da própria *natureza*, ou seja, da *criação natural*, e assim mal poderia *deificá-la*. Nós, ao recebermos essa nova *forma*, teríamos no máximo a participação de outra *natureza superior* à nossa, de outra simples *criatura*, e não essa inefável participação da própria *vida divina*. Não é ela, pois, criada, mas nós segundo ela; posto que, ao recebê-la, recebemos

125 O Apóstolo, diz Frei João dos Anjos (*Conquista* dial. 1, § 5), "se atreveu em carne mortal a dizer: *Vivo, mas já não eu, Cristo vive em mim*, que é como se dissesse: No espiritual, o acidental tenho de homem; mas o substancial, de Deus. Tais nos quer Sua Majestade para si, que *acidentalmente sejamos homens e substancialmente deuses*, regidos por seu Espírito e conforme seu beneplácito... A alma transformada em Deus por amor, mais vive para Deus que para si... Está mais onde ama que onde anima..., é mais da coisa amada que sua. E neste sentido pode-se dizer que os justos acidentalmente são homens e substancialmente deuses, pois por seu divino Espírito são *regidos* e *vivem*".

um novo ser, somos *criados em Jesus Cristo*, ficando n'Ele *deiformes*, e sendo *transformados* e *renovados* pelo Espírito Santo.

O criado pode ser aniquilado ou destruído: a graça, como *vida eterna* que é, não pode perecer, como nem tampouco a caridade, propriedade sua que a acompanha sempre; a qual, como vínculo de *perfeição*, "*non evacuatur*"; à diferença da fé e da esperança que, como são de *per se* imperfeitas, desvanecem-se na glória. E por isso mesmo não são *propriedades inseparáveis* da graça, sendo as únicas virtudes infusas que podem subsistir sem ela, suscitando em nós o Espírito Santo os correspondentes atos *semi-vitais*, embora não tenhamos *vida*[126], para nos dispor com isso a recebê-la: *Accedentem ad Deum oportet credere.*

§ II. – A COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A SANTIDADE COMUNICADA. – A VIDA DA CABEÇA E A DOS MEMBROS; DIGNIDADE DOS FILHOS DE DEUS; A FILIAÇÃO ADOTIVA E A NATURAL; A PARTICIPAÇÃO REAL DO PRÓPRIO ESPÍRITO DE JESUS CRISTO.

Para que melhor se compreenda a contraposição da graça dita *criada*, e a *incriada*, que é o próprio Espírito Santo – ainda seria melhor dizer: entre a *graça participada* e a *graça em si* – nos convém recordar o condensado e significativo *símbolo orgânico*. Esta última graça que, *cum sit una, omnia potest, et in se permanens, omnia innovat*, e que nos faz amáveis aos olhos de Deus (Sab 7, 27); essa graça que, sendo em si *vida eterna*, apareceu entre nós e se manifestou a nós no tempo, a nós se comunica ou *participa* ao sermos incorporados com Nosso Senhor Jesus Cristo. N'Ele estava a vida; e essa vida, que é nossa luz, vivifica-nos e nos ilumina ao recebê-lo e segui-lo, fazendo-nos ser *filhos de Deus, participantes da natureza divina* (II Pd 1, 4), e, portanto, *deuses*[127], *filhos da luz* e *luz do mundo*[128]. Em Jesus Cristo, como Cabeça, reside a plenitude

126 Cf. S.Th., 3ª p., q. 8, a. 3 ad 2.

127 *Si filii Dei facti sumus, et dii facti sumus* (S. Agostinho, *In Ps.* 49).

128 "Se a graça apareceu em Jesus Cristo, observa Santa Gertrudes (*Recreac. esp.* 5), é que já existia... Há que se considerar, quando se fala da graça, dois estados: o da graça incriada, pelo qual essa se

do Espírito, que dali *transborda* para todos os membros que não oferecem resistência, ficando assim *co-vivificados* em Cristo. Mas uma coisa é a *vida participada*, própria e íntima de cada membro – recebida da Cabeça, segundo uma doação especial –, e outra a *vida plena* da própria Cabeça, Cristo, doador e comunicador das graças. E, no entanto, toda essa graça é *vida eterna em Jesus Cristo*, "de cuja plenitude todos recebemos". E assim todos que realmente vivem da vida da graça podem dizer – com tanto mais verdade quanto mais intensamente vivem – que seu viver é Cristo, e que já não são eles que vivem, senão Jesus Cristo neles.

Por isso o próprio Salvador quer que todos os seus fiéis sejam uma só coisa com Ele (Jo 17, 11-26). E assim foi nos primitivos, de quem se escreve (At 4, 32) que *tinham uma só alma e um só coração*. No entanto, todos eles viviam e eram justos, não com aquela mesma *graça capital*, com que Ele vive e é justo e justificador, mas com a que, derivada d'Ele, como Cabeça, informa e vivifica os diversos membros que n'Ele e por Ele vivem. A graça de Deus chega a nós com a comunicação do Espírito Santo, do Espírito da Verdade, que mora plenamente em Jesus, e que é *seu Espírito*, e essa comunicação nos justifica e vivifica, renova, espiritualiza e santifica, não com a mesma santidade, já que o divino Consolador é eterna e absolutamente *Espírito Santo*, mas com a que, animados por Ele, ficamos vivificados, renovados, santificados e feitos *espirituais*; com essa fé viva com que purifica os corações e os faz

confunde com Deus, e o da graça criada (comunicada), pela qual viemos a participar de Deus... A graça é, em si mesma, a comunicação que Deus nos faz do que Ele é por natureza; ou, em outros termos, quando recebemos a graça criada, é por uma participação com a graça incriada, que é Deus. Então nos tornamos *participantes da natureza divina*".

"*A substância da alma*, diz São João da Cruz (*Llama*, canc. 2, v. 6), embora não seja substância de Deus... estando *unida* com Ele e *absorta* n'Ele, é *Deus por participação*. O que acontece no estado perfeito de vida espiritual...".

"Pode a *substância divina*, adverte o Pe. Godínez (*Teol. Míst.* l. 4, c. 11), estar tão intimamente como *embebida na alma*, que ele aja como com remedo do modo divino, entenda e ame do modo divino; e então Deus é como a *alma* assistente de nossa alma..., que produz uns atos tão aquilatados, que nem a graça habitual, nem a caridade..., fora dessa união, pode-os produzir".

membros vivos de Cristo, que *crescem no templo santo de Deus no Espírito* (Ef 2, 21-22), para incremento do próprio Deus humanado (Col 3, 19)[129].

Todos bebemos, pois, do mesmo Espírito, que é a "fonte de água viva que de nossos corações jorra para a vida eterna"; e todos devemos viver da vida de Cristo, como ramos enxertados nesta cepa divina, para crescer n'Ele e frutificar em abundância; posto que, se não recebemos sua seiva, secaremos e só valeremos para o fogo (Jo 15, 6). Cada membro ou órgão, não sendo talvez alguns mais vitais e indispensáveis – como os que constituem o coração e parte do cérebro –, podem degenerar e morrer a essa vida da graça; e podem logo recobrá-la, *ressuscitando.* Mas essa mesma graça que recebem *não morre* nem ressuscita, *retira-se*, por assim dizer, e de novo volta a se comunicar quando não encontra obstáculos, sendo em si *vida eterna*, embora *comunicada* ou retraída *in tempore*; assim como a luz não se destrói propriamente porque deixa de resplandecer em algum corpo. Quando esse se subtrai a ela ou lhe põe obstáculos, ela segue seu curso ou se reflete; e ele é o que cessa de ser *lúcido,* embora possa voltar a sê-lo, recebendo-a. Coisa análoga acontece com a *graça participada*, a qual, segundo a expressão do Angélico Doutor[130], *causatur in homine ex praesentia Divinitatis, sicut lumen in aëre ex praesentia solis.*

A *animação* santificante é obra própria e peculiar do Espírito de Jesus Cristo: o próprio nosso é o ser *santificados*, recebendo sua comunicação vivificadora – ou seja, a participação de sua graça –, e o deixar de sê-lo por nossa malícia, e o poder voltar a sê-lo por sua bondade e misericórdia. A graça *participada* em nós enquanto tenhamos a sorte de sermos membros vivos da Igreja – corpo místico, cuja alma é o próprio Espírito Santo –, não podendo ser destruída nem contaminada, e tendo virtude para nos deificar, mal poderá se contar entre as coisas criadas: não é criatura, senão mais bem como uma *emanatio claritatis omnipotentis Dei sincera; et ideo nihil inquinatum in eam incurrit. Candor est enim lucis aeternae, et speculum sine*

---

129 "Grande é a diferença, exclama Santo Agostinho (*Conf.* l. 12, c. 15), entre a Luz iluminante e a luz iluminada; entre a Sabedoria criadora e a sabedoria criada; entre a *Justiça justificante* e a *justiça realizada* pela *justificação*".

130 3ª p., q. 7, a. 13.

macula Dei maiestatis, et imago bonitatis illius... (Sab 7, 25-26). Pois resulta em nós da vivificadora presença do Sol de justiça; e não se destrói quando Ele, obrigado por nós, retira-se; senão que se retira com Ele, ficando assim nós *em trevas*, ou ao menos, em *sombras de morte* (Lc 1, 79)[131].

Já vimos algumas vezes as comparações de que se valem os santos doutores que mais vivamente o sentiram. São Basílio – e, com ele, São Bernardo, Tauler e a generalidade dos místicos – compara a alma deificada com o ferro metido no forno, onde, sem deixar de ser ferro, fica todo incandescente. E, no entanto, uma coisa é o fogo ou calor participado com que intimamente se fez ígneo, e uma outra o do forno que o avermelhou. Saindo desse, esse ferro perde sua condição ígnea; mas enquanto a possui, não só aparenta ou se reputa ígneo, por estar ali presente, senão que na realidade o é. Imagem fraca, embora para nossa capacidade uma das mais significativas, da misteriosa operação do divino Espírito, fonte de vida e fogo do divino Amor, que derrama sua caridade em nossos corações e com sua unção amorosa os renova: *Fons vivus, ignis, charitas, et spiritualis unctio.*

São Cirilo de Alexandria diz que nos deifica imprimindo-se em nós por dentro e por fora como um selo vivo que reproduz em nós a verdadeira semelhança do Unigênito de Deus. E o mesmo São Basílio[132] o representa ora como um escultor que vai fazendo ressaltar nas almas essa divina imagem; ora como um sol que as penetra e as põe radiantes de sua própria luz, como douradas nuvens, derramando nelas a vida, a imortalidade e a santidade verdadeira; ora como um preciosíssimo ungüento, cuja própria substância está compenetrada em nós, fazendo-nos exalar realmente o bom perfume de Jesus Cristo[133]. Santo Ambrósio[134] o considera também como um pintor que copia nas almas a viva imagem do Verbo... Mas ninguém expressou nem tão exata nem tão profunda e graficamente o que é a graça santificante como

131 "Entrando Deus na alma faz calor e *vida*; e faltando, frio, amargura e *morte*" (Frei João dos Anjos, *Diálogos sobre la conquista del Reino de Dios* 10, § 7).

132 *Adv. Eunom.* 1, 5.

133 Cf. supra, c. 1, § 3.

134 *Hexaem.* l. 6, c. 7 y 8.

os dois gloriosos príncipes dos Apóstolos quando a chamam, São Pedro, uma *participação da natureza divina*, na qual se resumem os mais preciosos e magníficos dons; e São Paulo: *vida eterna*.

Assim é como a graça santificante recai sobre nossa própria substância para deificá-la. Posto que a natureza de Deus é pura vida, ao participar dela não podemos menos que participar do viver divino, da própria *vida eterna* que, estando no Pai, manifestou-se a nós precisamente para comunicar-se a nós. E tendo essa vida divina, devemos ter operações conforme a ela, *divinas* também, para proceder como verdadeiros filhos de Deus. Assim se compreenderá a prodigiosa *renovação* que em nós há de causar o Espírito de Jesus Cristo que constitui as arras da vida eterna; e o misterioso *renascimento* da água e do Espírito Santo, que tão chocante parecia a Nicodemos.

Isso nos eleva a uma dignidade tal, que quase parece confundir-se com a do Unigênito do Pai, a cuja imagem nos configuramos, como irmãos e co-herdeiros seus, e que por isso se chama também "*Primogênito* entre muitos *irmãos*"; já que por *sua graça* nos tornamos, em certo modo, o que Ele é *por natureza*. Mas aqui está a distância infinita que tão humildes mantém aos santos, que, à força de crescer em Deus, chegam a sentir mais vivamente o que representa seu próprio *nada* e o *todo* divino, suas nativas misérias e as inesgotáveis misericórdias de nosso amorosíssimo Salvador, que tanto se abaixou para nos engradecer[135].

A divina filiação de Jesus Cristo, como Verbo do Pai, é natural e necessária: a nossa é resultado de uma adoção livre e gratuita. Ele nasceu

---

135 "O que o Filho de Deus não era por natureza, em virtude de seu primeiro nascimento, escreve São Fulgêncio (*Epist.* 17), veio a sê-lo por graça em virtude do segundo; a fim de que nós sejamos pela graça de nosso segundo nascimento o que naturalmente pelo primeiro não éramos. O nascer Deus do homem é uma graça que nos faz; e um favor totalmente gratuito é também o que recebemos quando, pela munificência de um Deus nascido da carne, tornamo-nos participantes da natureza divina". "Quamvis enim ex una eademque pietate sit quidquid creaturae Creator impendit, minus tamen mirum est homines ad divina proficere, quam Deum ad humana descendere" (S. Leão Magno, *Serm. in Nat. Dom.* 4).

Deus de Deus antes de todos os séculos, e por Ele foram feitas todas as coisas; nós, depois de termos nascido de Adão, renascemos de Deus e para Deus no tempo designado por sua piedade e liberalidade. Ele, como consubstancial ao Pai, é eterno *esplendor de sua glória* e *perfeitíssima imagem de sua substância*; e nós, à medida que – desnudando-nos do homem velho – perdemos felizmente a forma terrena, vamos nos transformando na sua, e fazendo-nos mais semelhantes a Ele, progredindo de claridade em claridade, segundo vamos nos deixando levar, moldar e informar pelo Espírito que nos faz ser filhos adotivos de Deus[136]. Ele é *ab aeterno* "gerado e não criado", como Deus por natureza; nós somos com o tempo *regenerados e feitos deuses* por participação. Assim Ele é eternamente Deus, porque não pode menos que o ser; nós somos em certa medida *deificados* por graça de adoção, da qual podemos degenerar por nossa desgraçada malícia[137].

Pelo batismo nos incorporou consigo e nos fez membros seus; e assim ficamos como enxertados n'Ele para com sua virtude produzir frutos de glória, obras meritórias de vida eterna. Sendo Ele nossa Cabeça, agimos sob seu contínuo influxo e participamos de sua própria divindade, de sua infinita virtude, de sua vida e de seu Espírito; isso é o que dá uma energia divina às nossas potências e um valor infinito às nossas ações[138]. Jesus, como Cabeça, tem a plenitude do Espírito, que a nós comunica segundo a medida

---

136 "Et si quidem perfecta sit similitudo erit perfecta filiatio tam in divinis quam in humanis. Si autem sit similitudo imperfecta, erit etiam filiatio imperfecta... Homines qui *spiritualiter formantur a Spiritu Sancto* non possunt dici filii Dei secundum perfectam rationem filiationis. Et ideo dicuntur filii Dei secundum filiationem imperfectam, quae est secundum similitudinem gratiae" (S. Th., 3ª p., q. 32, a. 3, c. et ad 2).

137 "Quando por sua *deificiência* deiforme, diz São Dionísio (*Div. Nom.* 11), muitos se fazem deuses segundo a capacidade de cada qual, parece que há como divisão ou multiplicação de um só Deus. Mas Ele é o princípio desta deificação... e supra-essencialmente Deus único e indiviso".

138 A Igreja diz na Missa: "Ó Deus, fazei-nos participantes da divindade daquele que quis revestir-se de nossa humanidade". E no Ofício do Santíssimo Sacramento repete as palavras de Santo Atanásio, citadas por Santo Tomás: "O Filho de Deus tomou nossa natureza para nos fazer *deuses*".

de sua doação, para que nos deixemos sempre mover por Ele nas obras de nosso particular ministério, sem resistir-lhe nem contristá-lo nunca, mas secundando em tudo seus amorosos impulsos e cooperando fielmente à sua ação para sermos consumados em tudo. Pois assim somos cristãos e filhos de Deus, enquanto estamos animados e nos deixamos reger e mover pelo Espírito de Jesus Cristo.

"É inquestionável em teologia, diz Mons. Gay[139], que Nosso Senhor, enquanto homem, nada fazia que não fosse por impulso do Espírito Santo e sob sua dependência... Nós também, em Jesus, por Jesus e como Jesus, temos em nós e para nós o Espírito Santo, que vem a ser nosso espírito, nosso espírito próprio e característico, segundo está escrito (I Cor 6, 17): "*Quem adere ao Senhor, já é um espírito com Ele*". E em outro lugar (Rom 8, 9): "*Quem não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo*; ao contrário, os verdadeiros cristãos, os verdadeiros irmãos e membros de Cristo, "os verdadeiros filhos do Pai, são aqueles a quem o Espírito de Deus anima e governa" (Rom 8, 14). O Espírito Santo está em nós como fundo vivo e permanente de nosso ser sobrenatural, e vem a ser o princípio de todas as obras que esse santo estado deve produzir".

"O Espírito Santo, acrescenta Bellamy[140], é em certo modo o Espírito próprio e pessoal de Jesus Cristo, que dispõe d'Ele como Deus e como Homem[141], constitui, por assim dizer, seu bem de nascimento; é como o consagrador nato de sua santa Humanidade, à qual se comunica para sempre tanto quanto possível fora da união hipostática. Em nós, ao contrário, é sempre um *hóspede* de origem estrangeira, cuja vinda pode ser tardia e a partida acaso muito cedo. Se dá a nós, ou melhor, entrega-se a nós com muita liberalidade, mas, no entanto, com certa medida, fixada pelo divino doador, que é o único que a conhece. Longe de ser perfeita desde um

---

139 *Vida y virt. crist.* tr. 10.

140 P. 248.

141 "Dare gratiam, aut Spiritum Sanctum, convenit Christo secundum quod est Deus, auctoritative; sed instrumentaliter convenit etiam ei secundum quod est homo in quantam sc. eius humanitas fuit instrumentum Divinitatis" (S. Th., 3ª p., q. 8, a. 1 ad 1).

princípio, essa medida pode aumentar incessantemente em maravilhosas proporções, conforme nós mesmos nos entreguemos a Ele mais pelo amor. Há inumeráveis graus na união divina, cujos laços podem ir se estreitando indefinidamente. Essa união, cada vez mais íntima, traduz-se por um aumento da graça santificante, ou seja, por uma assimilação real e cada vez mais perfeita com Deus. Qualquer que seja a origem dessa graça e o modo como se manifeste, vai sempre acompanhada por uma comunicação mais íntima e mais abundante do Espírito Santo. Assim, entre Ele e a alma justa, produz-se um novo modo e um novo grau de união, chamada por Santo Tomás uma *missão invisível do divino Paráclito*[142]. Nossa união com o Espírito Santo é, pois, *progressiva*".

ARTIGO III

A Adoção e a Justificação

§ I. – A ADOÇÃO DIVINA. – SUAS EXCELÊNCIAS SOBRE A HUMANA: REALIDADE, LIBERALIDADE, PRECIOSIDADE E SINGULARIDADE. – PRODÍGIOS DA CONDESCENDÊNCIA DO PAI. – NOBREZA QUE OBRIGA.

Embora nossa filiação seja adotiva e não natural, no entanto, esta adoção não é puramente jurídica – ou como dizem, uma *fictio iuris* –, mas muito real; posto que é certa *participação da própria filiação eterna*. Deus sabe fazer o que diz: seu dizer é agir e, ao nos chamar de filhos, faz que em rigor o sejamos[143].

O primeiro distintivo dessa divina adoção é precisamente sua *realidade*. Ao nos adotar, diz o Doutor Angélico[144], Deus nos faz *aptos* para disfrutar

142 1ª p., q. 43, a. 6.

143 "Sicut per actum creationis communicatur bonitas divina omnibus creaturis, secundum quamdam similitudinem, ita per actum adoptionis *communicatur similitudo naturalis filiationis hominibus*" (S.Th., 3ª p., q. 23, a. 1 ad 2).

144 3ª p., q. 23, a. 1.

de sua herança eterna; e por isso nos faz renascer do seu próprio Espírito e passar assim da simples vida natural à da graça, que é o gérmen da glória e verdadeira participação da própria natureza divina[145].

O segundo distintivo é ser mais *espontânea, liberal e amorosa*. Os homens adotam porque carecem de filhos com quem ficam satisfeitos; mas Deus Pai tinha em seu Unigênito infinitas delícias e complacências: tinha esse Filho tão amado, tão amável e tão amante, que o término do mútuo amor com que ambos eternamente se amam, é o próprio *Amor* pessoal – a *Caridade* de Deus, o Espírito de Amor – laço de seu amor infinito. E, no entanto, para que essas delícias inesgotáveis se revertessem também em nós, quis nos comunicar esse mesmo Espírito de Amor como penhor de nossa adoção real, e nos amou até o extremo de nos dar o seu Unigênito para que n'Ele tenhamos vida eterna (Jo 3, 16).

O terceiro é ser mais *rica, preciosa* e *frutuosa*, posto que nos faz co-herdeiros do próprio Cristo (Rom 8, 17); e nos dá plenos direitos à sua herança, que não é limitada, miserável e perecível, mas eterna e infinita, posto que é o próprio *Reino de Deus*[146], ou melhor dizendo, o próprio Deus: *Ego merces tua magna nimis* (Gen 15, 1). Tal é a *herança dos servos do Senhor*: a plena

145 "Se somos filhos adotivos de Deus, diz Terrien (1, pp. 78, 98), não de qualquer maneira, senão renascendo d'Ele, como é possível que a adoção não implique em nós certa realidade divina? Pode haver geração sem certa comunicação de natureza entre o pai e o filho? E qual poderá ser aqui essa senão alguma *transfusão* da substância infinita nos homens regenerados?". "Tal é, em sua realidade suprema, a perfeição constitutiva dos filhos de Deus; é uma *irradiação* que em nós se faz do que de mais elevado, íntimo, profundo e naturalmente *incomunicável* há na *substância divina*. Assim, quem está na graça de Deus, como filho seu, está elevado acima de toda a natureza criada".

"Quanto excede esta adoção à dos homens!, exclama o Pe. Monsabré (*conf.* 18, 1875). Toda a ternura do coração humano é impotente para transformar a natureza do filho adotivo, que por felicidade ou infelicidade sua, conserva em suas veias o sangue de seus progenitores. Nada pode mudar nessa adoção; e o mais que pode se conceder ao filho adotivo é um título com seus anexos direitos. Mas Deus vai mais além, pois age no mais íntimo de nossa substância, e nos gera sobrenaturalmente, comunicando-nos sua própria natureza... Somos chamados filhos seus, porque de verdade o somos: *Nominamur et sumus*... Daí o título de *deuses*, segundo a bela frase de Santo Agostinho: *Si filii Dei facti sumus, et dii facti sumus*" (*In Ps.* 49).

146 "Per gratiam homo consors factus divinae naturae adoptatur in filium Dei, cui debetur haereditas ex ipso iure adoptionis, secundum illud (Rom 8, 17): *Si filii, et haeredes*" (S. Th., 1-2, q. 114, a. 3).

posse de suas riquezas, de sua felicidade e de seu próprio Espírito (Is 54, 17; 55, 16). E essa herança não só nos reserva para mais adiante, mas a dá a nós logo e nos permite já de algum modo gozá-la em suas primícias. *O Reino de Deus está dentro de nós mesmos*; não temos mais que aprofundar no centro de nossos corações, no ápice de nossas próprias almas, para achar o próprio Deus com todas as suas infinitas riquezas[147]. Ali brota a eterna fonte de água viva que apaga toda sede terrenal, ali repousa docemente o amoroso Consolador, penhor e arras da vida perdurável, no qual – uma vez encontrado – "encontraremos todos os tesouros juntos e uma indizível honestidade que de suas mãos nos vêm" (Sab 7, 11), ficando assim *cheios de graça e de verdade*, à semelhança de nosso Primogênito e Modelo (Jo 1, 14).

O quarto é ser mais *geral* e mais *singular* ao mesmo tempo. A adoção humana, quando já há um herdeiro legítimo, não pode se fazer sem desagradá-lo ou prejudicá-lo com a diminuição da herança e do afeto paterno. Mas a caridade do Filho de Deus é tal, que, longe de não querer co-herdeiros, adquiriu-os a custo do seu próprio sangue; e as riquezas de sua glória tão inesgotáveis e copiosas, que, em vez de diminuir em cada herdeiro, perece como que se acrescentam ao ser participadas por outros[148]. Ele mesmo, com ter a felicidade absoluta no seio de seu Eterno Pai, recebe como um

---

147 "Contempla-me no fundo do teu coração, dizia Nosso Senhor a Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 10), e verás que sou teu Criador e serás ditosa".– "Certamente Deus escolheu para si um especial lugar na alma, que é a própria essência ou mente, de onde procedem as forças superiores... Ali resplandece a imagem divina, na qual é tão semelhante ao seu Criador, que quem a ela conhece, conhecerá a Ele. Neste fundo, ou mente, está Deus presentíssimo; e ali sem intermissão gera seu Verbo, porque onde está o Pai é necessário que o gere: e ainda gera também a nós para que sejamos por graça de adoção filhos seus. Desse fundo procedem toda a vida, a ação e o mérito do homem, as quais três coisas age o próprio Deus nele... Mas para *sentir* este *nascimento* e presença de Deus, de modo que produzam abundantes frutos, é preciso recolher as potências à sua origem e fundo, onde tocam a própria desnuda essência da alma; pois ali conhecem e acham presente Deus, e com esse conhecimento desfalecem e em certo modo se divinizam; pelo qual todas as obras que daí emanam se fazem também divinas" (Tauler, *Instituciones* c. 34).

148 "Tanta est charitas in illo haerede, ut voluerit habere cohaeredes... Haereditas autem in qua cohaeredes Christi sumus, non minuitur copia possessorum, nec fit angustior numerositate haeredum; sed tanta est multis quanta paucis, tanta singulis quanta omnibus" (S. Agostinho, *In Ps.* 49, n. 2).

complemento ou redundância na de seus irmãos; posto que *tem suas delícias em morar com os filhos dos homens* (Prov. 8, 31). E eles – por sua vez – de tal modo "se embriagam com a abundância da casa paterna, bebendo na torrente das divinas delícias", que seu gozo aumenta à medida que chegam novos irmãos a beber na fonte da vida, e ao ver a Luz na Luz" (Sl 35, 9-10).

Se os bens materiais diminuem e se esgotam ao serem repartidos, os espirituais, mesmo neste mundo, melhor se acumulam e completam. Um bom mestre não perde nada de sua ciência por comunicá-la toda aos seus discípulos; antes a põe em realce e aumenta seu prestígio e sua felicidade ao vê-los feitos por ele grandes sábios que perpetuam seu próprio renome e fazem frutificar sua doutrina. Que acontecerá, pois, com os bens espirituais, infinitos e eternos? Se a felicidade essencial dos santos é, como São Bernardo diz, possuir a Deus, *vê-lo, estar com Ele e viver d'Ele* – porque aí estão todas as suas glórias e riquezas –, ao invés de diminuir, esta felicidade a possui cada um tantas vezes quantos sejam aqueles amabilíssimos co-herdeiros, a quem ama como a Si mesmo, enquanto os vê desfrutá-la íntegra em união com Ele. Ademais, em cada um deles, deificados como estão e completamente radiantes com a luz infinita, todos vêem outros tantos espelhos claríssimos, onde ao vivo se reproduz aquela eterna Beleza que os tem em perpétua admiração, e que os teria sempre absortos só ao vê-la refletida cada qual em si mesmo e de tão variadas maneiras em todos os demais. Assim, aquele inefável gozo, em vez de diminuir, repercute de uns corações aos outros com ecos intermináveis...

Eis aqui, pois, o grande mistério de nossa deificação pela graça; eis aqui como "o maior dos dons, segundo a frase de São Leão, é o poder chamar a Deus verdadeiramente com o doce nome de *Pai*, e a Jesus Cristo com o de *Irmão*"[149]. Em virtude de nossa *adoção* se restabelece ou reintegra a remota imagem divina que por natureza tínhamos, e se comunica a nós, pela vida da graça, outra nova imagem tão fiel que, na realidade, ficamos *deificados* e

149 "Omnia dona excedit hoc donum, ut Deus hominem vocet filium, et homo Deum nominet Patrem" (S. Leão Magno, *Serm.* 4 *de Nativ.*).

feitos como vivas reproduções ou representações do Deus vivo, participantes de sua própria natureza, de seu Espírito e de seu divino viver. Assim é como somos seus verdadeiros filhos, e podemos com rigor ser chamados *deuses*: *Ego dixi: Dii estis, et filii Excelsi* (Sl 81, 6). Mas deuses *feitos*: Ele só é o vivo e eterno *Yahvé* que, sendo Deus por natureza, pode nos fazer *deuses* por *participação*[150]. "Ele é o *Deus deificador*, nós os deuses *deificados*"[151].

Mas pelo mesmo motivo que devemos nos gloriar dessa dignidade inefável, temos que proceder conforme a ela, a fim de que Deus seja glorificado em nós, assim como nós nos glorificamos n'Ele, segundo observa São Leão[152]. Devemos agir e resplandecer em tudo como filhos de Deus, para que nossa própria luz ilumine os demais homens, e por nossas boas obras, glorifiquem o Pai celestial (Mt 5, 16)[153].

§ II. – A SANTIFICAÇÃO E A JUSTIFICAÇÃO. – PODER DA GRAÇA: SUAS MANIFESTAÇÕES; ELEVAÇÃO E RESTAURAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E DESTRUIÇÕES DOLOROSAS. – FALSIDADE DA JUSTIÇA IMPUTADA: NECESSIDADE DA PURIFICAÇÃO E RENOVAÇÃO; A VIDA PROGRESSIVA. – A COOPERAÇÃO HUMANA. – OS DOGMAS CATÓLICOS E O VERDADEIRO PROGRESSO: O CAMINHO PARA IR A DEUS; O ESPÍRITO CRISTÃO E O MUNDANO.

Pelo que foi dito se verá já claramente como pela filiação adotiva, a vivificação do Espírito Santo e a inhabitação de toda a Trindade na alma,

---

150 "Homines dixit deos, ex gratia sua deificatos, non de substantia sua natos" (S. Agostinho, *In Ps.* 49, n. 2).

151 "Deus, escreve um discípulo de Santo Anselmo (Eadmero, *De Similit.* c. 66), faz deuses. Mas de tal modo que Ele só é o *Deus deificante*, e nós os *deuses deificados*". "Deus, dizia Santo Agostinho (*Serm.* 166), quer fazer-te deus: não por natureza, como seu Filho, senão por graça e adoção... Deixa, pois, de ser filho de Adão: reveste-te de Jesus Cristo, e já não serás homem; e, deixando de ser homem, tampouco serás mentiroso".

152 *Serm.* 25 *in Nativ.* c. 3.

153 "O filho de adoção cujas obras correspondam ao seu nascimento, observa Terrien (1, p. 272), bem pode aplicar a si mesmo, não para elevar-se, mas Àquele que fez nele tão grandes coisas, as palavras do Unigênito (Jo 16, 9): *Quem me vê, conhece a Deus, meu Pai.* Pois eu sou um espelho onde resplandece a Face divina: um retrato seu que Ele mesmo fez, comunicando-me sua graça".

ela fica sobrenaturalizada, transelevada, transformada e – ao menos inicialmente – *deificada* em sua essência íntima e em todas as suas faculdades. A que antes não podia realizar outras funções que as de simples vida terrena, e muitas delas com dificuldade e imperfeição, encontra-se agora com tendências divinas e com energias bastantes para fazer obras gloriosas, e levar uma vida verdadeiramente celestial, cujo término conatural seja a plena visão e posse de Deus.

Assim a graça santificante que nos eleva à dignidade de filhos do Altíssimo é como um perene manancial de energias que nos permite subir da terra ao céu, do humano ao divino, é a mística *fonte da água viva* que nos prometeu e mereceu o Salvador, a qual, à maneira de uma bomba de pressão infinita, dos nossos próprios corações, *salta até a vida eterna*. Assim Nosso Senhor Jesus Cristo que, infundindo em nós sua graça, dá-nos esse poder inestimável de nos fazer filhos de Deus, é aquela *ponte* simbólica que via Santa Catarina de Sena[154], posta entre a terra e o céu, pela qual podemos passar todos e chegar até as inacessíveis alturas da Divindade, onde se vê a Face do Pai e se trata cordialmente com as divinas Pessoas; embora a generalidade dos homens seja tão cega e insensata que, convidados a passar por ela, fecham os ouvidos e os olhos, e preferem perecer asfixiados ou andar anêmicos e malcheirosos, arrastando-se na lama da corrupção humana, entre "trevas e sombras da morte", ao invés de subir com um pouquinho de violência a respirar ares saudáveis e refrescantes naquelas sublimes regiões da luz e da vida.

A graça é, pois, como diz São João, *semente de Deus*, que nos regenera para que possamos já desde agora viver como *deuses*; é uma *participação* real e formal da própria *natureza divina*, segundo a expressão de São Pedro; é, como São Paulo a chama, verdadeira *vida eterna*, que começa agora a se desenvolver para florescer perpetuamente na glória quando, manifestado já o *que somos*, apareçamos completamente *semelhantes a Deus*, vendo-o tal como é e conhecendo-o como por Ele somos conhecidos...

---

154 *Diálogos* c. 21-31.

Desta misteriosa deificação – que é mais para sentir, agradecer e admirar em silêncio, do que para balbuciá-la – pouco mais teríamos que dizer se nossa natureza se achasse em sua integridade primitiva, como estava em Adão. Mas como pelo pecado ficou toda ela desconcertada, chagada e corrompida, para deificar-se necessita ser a todo custo não só *transelevada*, mas *restaurada*, curada, purificada e restituída em sua antiga pureza, a fim de que nela volte a brilhar com todo esplendor da natural *imagem* do Criador, sobre a qual há de introduzir-se a perfeita *semelhança* do Deus vivo, Uno e Trino, tal como em si mesmo é. Daí que não baste a graça puramente *elevans*, mas se requer uma de tal condição, que ao mesmo tempo *eleve* e *cure*. E daí também essa laboriosa e frutuosíssima obra de nossa *purificação* e *renovação*, que deve acompanhar todo o processo da *deificação*, ou seja, da *iluminação* e da *união*, mesmo depois de o ter preparado longamente, e que tão dolorosa se faz mesmo para os mais corajosos santos. Pois ninguém há que deixe de sentir indizíveis dores e angústias ao tratar verdadeiramente de "despojar-se do homem velho com seus maus hábitos para vestir-se do novo", purgando-se de todo vestígio do antigo fermento de maldade e iniqüidade, para ficar e proceder como "ázimos de sinceridade e de verdade" (Col 3, 9-10; 1 Cor 5, 7-8).

Sem essa obra, que tão encomendada está à nossa cooperação e aos nossos mais generosos esforços, não teríamos mais que crescer suavemente, como crianças bem nutridas e sadias, recebendo e secundando – sem resistência nem dificuldade nenhuma, antes com grande satisfação e prazer – os benéficos e deliciosos influxos do Espírito vivificante. Mas agora, ao mesmo tempo que se experimentam e saboreiam, cada vez mais intensamente, essas influências vitais, há que sentir as amarguras e dores do desprendimento dos hábitos viciosos e de todos os gérmens do mal; pois tão enraizados os temos, que não podem ser arrancados sem levar carne viva. E sobretudo ao princípio, quando ainda estamos cheios deles, necessitamos nos fazer suma violência sequer para que não nos dominem, e morrer verdadeiramente para nós mesmos, para conseguir viver só para Deus. E unicamente depois de nos

termos purgado muito de todos os gostos terrenos, é quando alcançamos um paladar bastante sadio para sentir, apreciar e saborear os divinos[155].

E posto que a graça é *vida eterna*, a introdução desta nova vida não pode menos que produzir em nós uma profunda *renovação* e *transformação*. É indubitável que *morremos* à vida sobrenatural se temos a incomparável infelicidade de cometer uma culpa grave; e que *ressuscitamos* da morte à vida quando por uma sincera penitência voltamos à amizade de Deus. Pois se pelo batismo *renascemos*, pela penitência *ressuscitamos*, recobrando a vida perdida e voltando a ser vivos membros de Cristo, templos santos de Deus e bem-aventurados de um modo inicial.

Por razão do pecado, que põe obstáculo à graça, e que tem que ser destruído pela *justificação*, aparece com mais ênfase a infinita bondade e misericórdia do Pai que, mesmo vendo-nos inimigos seus, quis deificar-nos, e está pronto a nos oferecer a vida depois que tão ingratamente renunciamos à ela (Ef 2, 5). Isso nos obriga a corresponder-lhe com um amor mais fervoroso e desinteressado, vendo o que Ele assim nos mostra ao nos oferecer tantas vezes e com tal facilidade o perdão, e nos convidar com sua própria glória. Mas ainda assim, quer que realmente a mereçamos, embora d'Ele nos vem o poder de merecê-la; pois ao coroar nossos trabalhos, como diz Santo Agostinho (*Ep.* 194, n. 19), coroa seus próprios dons.

Por mais que a graça nos vivifique de um golpe e, das *sombras da morte*, translada-nos ao reino da luz, destruindo o pecado que nos fazia inimigos capitais de Deus, não por isso destrói por completo o *fomes peccati*, a desordenada concupiscência que nos inclina ao mal: essa devemos nós mesmos, à força de lutar com a ajuda da graça, submetê-la e domá-la, expurgando e arrancando todo fermento de maldade, todo resto de vícios e todo gérmen de pecados e corrupção. E como os hábitos viciosos estão em nós tão enraizados e conaturalizados, daí o doloroso que é desterrá-los totalmente; daí as contínuas dificuldades e sacrifícios que implica a obra de nossa *purificação*;

155 Cf. Santo Agostinho, *Conf.* 7, c. 16.

e daí que não possamos progredir em santidade e justiça, senão fazendo extrema violência conosco para tirar todos os obstáculos.

Bem pouco conhecem esses mistérios de renovação e os gritos de dor, nela arrancados mesmo às mais generosas e heróicas almas, esses infelizes hereges que reduzem todo o ofício da graça à *encobrir* nossos pecados com o manto de Cristo; e a justificação a uma petrificação nos fictícios moldes uniformes de uma santidade imputada e não real. Segundo eles, a restauração justificadora é uma simples *anistia* concedida aos que confiam nos méritos do Salvador; de tal modo que, sem mudar as internas disposições do pecador, perdoa-se-lhe a merecida pena e se lhe concede entrar na sociedade dos filhos de Deus, apesar dele seguir sendo, no fundo, servo do pecado e ficar, como sepulcro caiado, com a mesma hediondez e corrupção de antes, com todos os seus maus desejos e má vida.

Mas, não vivendo realmente em Jesus Cristo, mal poderão *crescer* n'Ele; não tendo em si verdadeira *justiça*, mal poderão acrescentá-la com as boas obras e o fiel exercício das virtudes cristãs. E assim foram conseqüentes no erro ao negar a necessidade das boas obras e tê-las por inúteis e mesmo por derrogatórias dos méritos de Jesus Cristo.

Quão contrário seja tudo isso à divina Revelação e à experiência cristã, não há porque cansar-se muito em ponderá-lo, pois está bem à vista. O Salvador veio a este mundo para que tenhamos a *vida eterna*, para que possamos *fazer-nos* filhos de Deus, *renascendo* d'Ele e vivendo com uma vida cada vez mais divina (Jo 1, 3. 10, etc.). Assim nos *transladou* da morte à vida, do poder das trevas e da escravidão do pecado ao reino da luz e à gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Col 1, 13; 1 Pd 2, 9), fazendo-nos ser filhos verdadeiros e não de puro nome (Jo 3, 1-11). Essa filiação nos *transforma* interiormente até *nos deificar*; e a deificação é impossível sem a real e íntima *justificação* que destrua o pecado, que colocava *divisão* irredutível entre Deus e nós (Is 59, 2). Assim pela graça da justificação, de inimigos e filhos da ira nos fazemos verdadeiros amigos e filhos do Eterno Pai, em quem Ele pode

ter já suas complacências; pois "a amizade divina, diz o Doutor Angélico[156], faz-nos realmente *bons*, infundindo-nos a *bondade*".

Portanto, "a justificação, conforme ensina o Concílio de Trento[157], não é a mera remissão dos pecados, mas é também a santificação e renovação do homem inteiro". Daí que, segundo a sentença de Santo Agostinho[158], "quem nos *justifica*, ao mesmo tempo nos *deifica*; porque ao nos justificar nos faz filhos de Deus". Por isso o divino Cordeiro, que "*tira* os pecados do mundo" (Jo 1, 29) "nos *purifica* deles", e "com seu próprio sangue *limpa* nossas consciências das obras *mortas*, para servir ao Deus Vivo" (Heb 1, 3; 9, 14). Pois havia de vir a *exterminar* a prevaricação e pôr fim ao pecado, a *apagar* a iniqüidade e *estabelecer* a justiça sempiterna" (Dn 9, 24). Por isso também devemos *nos arrepender e converter*, para que se *apaguem* nossos pecados (At 3, 19); porque então o Senhor, que é quem "por sua misericórdia *apaga* nossas maldades" (Is 43, 25), "derramará sobre nós água pura e nos *purificará* de todas elas" (Ez 36, 20). Assim é como os próprios santos pedem que "os lave mais e mais de sua maldade, e os acabe de *limpar* de seu pecado", sabendo que "os *lavará* até deixá-los mais *brancos* que a neve" – "*criando* neles um *coração puro* e *renovando-os* com seu Espírito reto – para enchê-los de salvação e alegria" (Sl 50; cf. Is 1, 18). Com o ardor da caridade "se *dissipam* os pecados, como o gelo diante do sol" (Eclo 3, 17). O Senhor "os *arranca de nós* e os lança no abismo" (Miq 7, 19), deixando-os "tão *separados* deles, como está o Oriente do Ocidente" (Sl 102, 12).

Deste modo, o Apóstolo, depois de recordar aos féis o estado lastimoso em que antes se encontravam, acrescenta-lhes (I Cor 6, 11): "Isso fostes; mas foram *lavados, santificados, justificados* em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e no Espírito Santo". E esse divino Espírito de Santificação – pelo qual somos *criados* para a vida eterna, recebendo o *ser divino* de sua graça – prossegue sempre *renovando* a face de nossos corações (Sl 103, 32). Daí

---

156 1ª p., q. 20, a. 2.
157 S. 6, c. 7.
158 *In Ps.* 49, 2.

que tanto se encomende a nós "nos renovarmos no Espírito de nossa mente com a santidade do homem novo" (Ef 4, 23-24), e "assegurar nossa salvação por meio das boas obras" (II Pd 1, 10), cooperando em todo o possível para nossa renovação[159]. Deste modo, utilizando o rio da graça, que nos lava e fertiliza, cresceremos frondosos como a árvore plantada junto à corrente das águas, que dá a seu tempo os devidos frutos (Sl 1, 3), e floresceremos como palmeiras e cresceremos como os cedros do Líbano (Sl 91, 13). Assim frutifica em nós e por nós a divina Sabedoria (Eclo 24, 15-32; 29, 17-19), e assim é como chegamos a exalar, não o fedor dos sepulcros caiados, mas o bom *perfume de Cristo* (II Cor 2, 15); cuja graça apareceu ensinando-nos a todos a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, para que vivamos sóbria e piamente neste mundo" (Tit 2, 11-12).

Assim, pois, *renascendo* do Espírito Santo – e renovando-nos segundo Ele – seremos verdadeiramente *espirituais* (Jo 3, 6); "despojando-nos do homem velho e revestindo-nos mais e mais do novo", "contemplando a glória de Nosso Senhor, chegaremos a nos configurar à sua imagem" (II Cor 3, 18), de tal modo que já possa Ele dizer às nossas almas: *És toda bela, amiga minha, e em ti já não há macha alguma* (Ct 4, 7). – *E crescendo em tudo segundo Ele, chegaremos a ficar cheios de toda a plenitude de Deus* (Ef 3, 19)[160].

---

159 "Transformai-vos pela renovação do Espírito" (Rom 12, 2), "despojai-vos do homem velho com todas as suas obras e revesti-vos do novo, criado segundo Deus em santidade e justiça verdadeiras" (Col 3, 9-10; Ef 4, 24); pois "sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para anunciar as virtudes e perfeições d'Aquele que das trevas vos chamou à sua luz admirável" (I Pd 2, 9).

160 "O homem, dizia Santo Agostinho (*De peccat. mer. et rem.* l. 2, n. 9-12), é *filho adotivo de Deus na medida que possui a novidade do Espírito*, isto é, que se renova no homem interior à imagem de quem o criou (Col 3, 10). Sair das águas batismais não é despojar-se de todas as fraquezas do homem velho. A renovação começa pela remissão dos pecados, e pelo gosto das coisas espirituais em quem o possui. Todo o restante está mais ou menos em esperança, até a plena renovação que experimentaremos na ressurreição dos mortos. Por isso, Nosso Senhor dá a essa o nome de *regeneração*, não porque o seja como a do batismo, mas porque termina nos corpos o que tinha se iniciado nas almas... Agora as primícias do batismo esboçaram a semelhança; mas as dessemelhanças persistem nos restos de nossa *velhice*... No fim, a adoção se apoderará de todo nosso ser, e o homem pecador desaparecerá completamente em nós, e ninguém poderá já o ver".

Tal é e deve ser o processo de nossa deificação. Não estamos mumificados sob a coberta ilusória de uma justiça imputada, nem estamos tampouco petrificados em um molde invariável, mas obrigados a cooperar com a graça que nos vivifica, para poder aumentá-la e fazer que frutifiquem os dons recebidos. Pois devemos crescer em graça e conhecimento de Deus, devemos morrer mais e mais a nós mesmos para viver cada vez mais perfeitamente n'Ele; devemos nos renovar dia a dia[161], purificar-nos continuamente dos restos do antigo fermento de maldade, e nos limpar do pó terreno que insensivelmente gruda em nós; e cooperando verdadeiramente com a ação da graça que nos cura, purifica e deifica, banhando-nos e embriagando-nos no Sangue de Cristo, nos sacramentos da Penitência e da Comunhão, e nos associando aos seus padecimentos, poderemos reparar os males de nossa

"Quando a alma, adverte São João da Cruz (*Subida del Monte Carmelo* l. 2, c. 5), remover de si totalmente o que repugna e não conforma a vontade divina, ficará transformada em Deus por amor... Por isso, deve se desnudar a alma de toda criatura, ações e habilidades suas; convém saber, do seu entender, gostar e sentir, para que, tirando tudo que é dissimilar e desconforme a Deus, venha a receber a semelhança de Deus: não ficando nela coisa que não seja vontade de Deus, e assim se transforme n'Ele... Donde aquela alma mais se comunica a Deus, quanto mais avançada está no amor, o que é ter mais conforme sua vontade com a de Deus. E a que totalmente a tem conforme e semelhante, totalmente está unida e transformada em Deus sobrenaturalmente... Está nela morando esta divina luz do ser de Deus... Em dando, pois, lugar a alma (que é tirar de si todo véu e mancha de criatura...), logo fica esclarecida e transformada em Deus. Porque *Ele lhe comunica seu ser sobrenatural* de tal maneira, que *parece o próprio Deus*, e tem o que tem o próprio Deus; e se faz tal união quando Deus faz à alma essa mercê soberana, que todas as coisas de Deus e a alma são uma transformação participante, e a alma *mais parece Deus que alma*, e é mesmo *Deus por participação*: embora seja verdade que tem seu ser natural tão distinto do de Deus como antes, ainda que esteja *transformada*... E como não pode haver perfeita transformação se não há perfeita pureza, *conforme for a pureza será a ilustração, iluminação e união da alma com Deus*".

"Transformado e elevado sobre todas as imagens, diz Frei João dos Anjos, citando Tauler (*Triunfos* 2ª p., c. 7), e desamparado de sua própria forma, chega a um estado que carece de representações e figuras de coisas criadas, e em tudo é deificado, que tudo o que é e age se diga ser e agir Deus nele. Tanto que o que Deus é por natureza, ele é feito por graça, e embora não deixe de ser criatura, fica todo *deiforme* ou *endeusado*, e *parece Deus*... Aqui se derrete o espírito criado e se mergulhe no Espírito incriado... Já não há ali senão uma pura divindade e essencial unidade".

161 Cf. Pe. Prat, *Revue pratique d'Apolog.* 1 maio 07, p. 140-6; e *Santo Agostinho, Conf.* l. 8, c. 11, n. 25.

queda[162] e chegar, pela virtude deste preciosíssimo Sangue, a uma altura muito maior da que poderíamos alcançar no estado de inocência[163], em que o Verbo divino, mesmo quando encarnasse – como muitos santos supõem – para nos deificar e servir de chave à ordem sobrenatural[164], não tivesse padecido para nos redimir; nem por isso podíamos ter a dita de nos associar aos seus triunfos, tão sublimes como sangrentos e tão gloriosos como dolorosos, percorrendo esforçados após Ele os difíceis caminhos do *Calvário*[165].

---

162 *A adoração e a reparação.* – "Se não fosse o pecado, adverte Sauvé (*Le Culte du C. de J.* élév. 52.), tudo se reduziria a adorar. Mas ele desolou a terra e nossa alma, e assim há que *reparar*. E não basta reparar por nós mesmos... A alma que não se preocupa em reparar pelos outros, pouco é a que ama: não compreende o Coração de Jesus... A reparação por nós pode ser obra do temor; a feita pelos demais é obra de amor, e se algum temor a inspira é o da caridade. Com razão devemos tremer por tantos desgraçados pecadores sobre os quais está para descarregar-se o golpe da divina justiça". Os santos se horrorizam diante da desolação produzida pelo pecado, e buscam um meio eficaz de repará-lo o quanto antes: "Quando eu ver cometer qualquer falta contra a caridade, a humildade e as demais virtudes, dizia Santa Margarida Maria (*Obras* t. 1, p. 84.), oferecerei ao Eterno Pai uma virtude do Coração de Jesus oposta a essa falta para repará-la". E com isso unia os próprios atos da mesma virtude.

163 Cf. B. Henrique Suso, *Eterna Sabiduría* 7.

164 "Unir-nos não somente às obras de Deus, ao ideal, à recordação de Deus, mas a Deus em Si mesmo; estabelecer relações vitais entre nossa alma e a vida íntima de Deus, tal é de fato, diz Sauvé (*Le culte du C. de J.* élév. 24), o fim da Encarnação e do amor do Filho de Deus neste mistério. Para fazer possível essa união, essas relações vitais com Deus em Si mesmo, com a Santíssima Trindade, são para o que quis Ele, a Vida infinita no seio do Pai, unir-se a uma natureza humana, que veio por sua vez a ser a fonte de toda vida divina".

165 *A criação e restauração no Verbo e a intervenção da Virgem.* – "Eis aqui um mistério que quero vos revelar, dizia o Eterno Pai à Santa Maria Madalena de Pazzi (3ª p., c. 3.). Ainda que Adão não tivesse pecado, o Verbo teria se encarnado igualmente. Mas não gozaria do título de triunfador, nem portanto das honras do triunfo. A glória que então receberíeis seria em parte merecida..., e não resplandeceriam tanto minha bondade e misericórdia. Ademais, não vos seria concedido em tão alto grau a glória eterna e a visão beatífica, com todos os bens que daí se seguem; pois que o Sangue do Verbo, derramado sobre vossas almas, tornou-as muito mais belas e puras, e pelo mesmo motivo mais aptas para a união divina. E a visão desse Sangue me move a vos mostrar mais amor e vos comunicar um maior conhecimento e ainda mais perfeito gozo de minha Divindade... Tanto é a diferença que há entre os méritos do Redentor, que são o único fundamento de vossas esperanças, e os méritos dos homens, quanto haveria entre a glória que agora vos dou e a que vos daria se meu Verbo não tivesse morrido em satisfação de vossos pecados. Por aí verás, minha filha muito amada, e esposa querida do meu Unigênito, quão útil foi para vós Maria com a paz que deu ao Verbo; pois foi

Em vez de serem, pois, nossos dogmas, segundo hoje se lhes acusa, incompatíveis com o progresso legítimo, supõem e implicam – como verdadeiras *leis de vida eterna* – um progresso tão portentoso, que não tem outro limite senão a *deificação*, o fazer aos homens semelhantes a Deus no ser, no viver, no conhecer, no amar e no agir, e assim uni-los a Ele de tal modo, que n'Ele fiquem engolfados e como transformados: *In eamdem imaginem transformamur* (II Cor 3, 18).

Esta acusação só pode ser feita aos dissidentes que reduzem a justificação à imputação dos méritos de Cristo, sem que as boas obras possam contribuir em nada para aumentá-la, nem as más – por horrendas que sejam – para impedi-la, contanto que haja fé: como se essa, sem as boas obras feitas com a própria virtude do Espírito Santo, não estivesse *morta* (Tg 2, 26).

Mas o catolicismo, "em vez de dar aos seus heróis a imobilidade de estátuas fundidas no molde de uma justiça imputada, uniforme e imutável, provoca incessantemente sua atividade, estimula seus mais generosos esforços, e alentando-os na luta, não teme afastar, mesmo dos mais perfeitos, o ideal infinito da santidade"[166].

Por isso, a todos lhes manda sempre, com São Paulo (Col 1, 10), "proceder dignamente, frutificando em todo tipo de obras boas e crescer na ciência de Deus". Quer que o "justo se justifique ainda mais", que "o santo

---

para vós fonte de tantas bênçãos". – "Essa, acrescenta a mesma Santa, é uma paz de união pela qual entra a criatura a participar da Divindade... Atrevo-me a dizer que a operação de Maria no Verbo foi maior que a do próprio Verbo na criatura. Pois Maria ao dar consentimento à Encarnação, uniu Deus com o homem: e o Verbo uniu o homem com Deus. E é coisa maior unir a grandeza com a baixeza, que a baixeza com a grandeza".

Ver também: Maria de Jesus de Agreda, *Mística Ciudad de Dios*, 1ª p., l. 1, c. 4.

166 Bellamy, *La vie surnaturelle* p. 284: "Se há uma doutrina, acrescenta, que favoreça o desenvolvimento legítimo da atividade humana e imprima à liberdade um movimento constantemente ascensional até o Bem supremo, essa é certamente o dogma católico da justificação desigual e da santidade progressiva, sem outros limites que o do Infinito. A graça merece então verdadeiramente o nome de *vida sobrenatural*, tendo suas fases de crescimento e de virilidade. Parece-se a um edifício em que cada boa obra é uma pedra e cujos andares vão sempre subindo, esperando que o topo toque o céu". "Somos tão somente '*princípio* de criatura divina'; e há que oferecer a Deus o que somos, para chegar a ser o que ainda não somos" (Jaffré, *Sacrifice et Sacrement* p. 135-6).

prossiga santificando-se" (Ap 22, 11), e que todos "santifiquem a Cristo em seus corações" (I Pd 3, 15). O Apóstolo nos admoesta dizendo (Ef 5, 8-15): "Fostes algum dia trevas, agora *sois luz* no Senhor: andai como filhos da luz; cujos frutos consistem em *toda bondade*; e em justiça e em verdade, atendendo ao divino beneplácito e a não participar das infrutuosas *obras das trevas*". "Porque se viverdes segundo a carne, morrereis; mas se com o espírito mortificardes as inclinações da carne, vivereis". Viveremos assim com a graça de Deus que seu Espírito nos comunica, que é "vida eterna em Cristo Jesus"; e vivendo com Jesus, animados por seu próprio Espírito, seremos membros seus e verdadeiros filhos de Deus (Rom 6, 23; 8, 13-14).

E agindo como tais, desenvolver-se-á prosperamente em nós o gérmen de vida eterna, continuaremos a obra de Jesus, seremos outros *Cristos*, ou melhor dizendo, o próprio Jesus Cristo reproduzido em nós, e faremos que cresça e se complete esse Corpo místico a que pertencemos; pois como diz Santo Agostinho[167]: "Os filhos de Deus são o Corpo de seu único Filho: Ele é a Cabeça, e nós os membros, e *um* o Filho de Deus". De onde com razão exclama em outro lugar[168]: "Admiremo-nos e alegremo-nos; pois chegamos a ser Cristo; já que a Igreja, como diz o Apóstolo (Ef 1, 23), é *seu corpo e sua plenitude*".

Contudo, o famoso professor de teologia protestante na Sorbonne, Sabatier, não cessava de pregar "a quietude e esterilidade do catolicismo", e o "progresso e fecundidade do protestantismo", em sua sonhada "união direta com Deus, sem necessidade da Igreja nem das travas das boas obras". E seu progresso individual consistiu... no que logicamente poderia consistir, em romper descaradamente com o Filho de Deus, uma vez que não podia participar da vida do seu Corpo místico. Num princípio reconhecia a divindade do Salvador, como "dogma fundamental, sem o qual o cristianismo se reduziria a um puro sistema filosófico". Mas no fim chegou a desconhecê-la, e se contentou com Deus Pai... Pronto, pelo caminho em que ia, teria

167 *In Io.* tr. 10, 3.

168 Ib., tr. 21.

renegado também o Pai, como fazem muitos de seus confrades, os protestantes racionalistas; pois já a idéia que d'Ele tinha era mais panteística que cristã[169].

"Ninguém, com efeito, pode chegar a conhecer o verdadeiro Deus Pai, senão pelo Filho"; assim como tampouco ninguém ouve o Filho, se não ouve a sua Igreja (Lc 10, 16)[170]: a qual "anuncia a todos, com São João, a vida eterna que estava no Pai, e se manifestou a nós... para que todos possam formar sociedade conosco, e *nossa sociedade seja com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo*". Assim "quem tem o Filho, tem a vida eterna que nos deu o Pai; quem não o tem, não tem vida" (I Jo 1, 1-3; 5, 11-12).

Sabatier celebra o protestantismo porque se compagina com o modo de ser, agir e pensar do mundo. Mas o verdadeiro espírito cristão é incompatível com o *mundano*. "Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está nas mãos do espírito maligno, e que o Filho de Deus veio nos dar o *sentido* para que conheçamos o *verdadeiro Deus* e estejamos em seu verdadeiro Filho...; e assim sabemos que os nascidos de Deus não pecam, mas que a geração de Deus os conserva, e o maligno não lhes toca... Tal caridade nos deu o Pai, que por ela nos chamemos filhos de Deus e o sejamos. Pelo qual o mundo não nos conhece; pelo mesmo motivo que não conhece a Ele" (I Jo 5, 18-20; 3, 1).

"Tendo-nos dado, pois, por seu Filho tão excelentes e tão preciosos dons, que por eles cheguemos a ser *participantes da própria natureza*

---

169 Em 1868, aspirando a uma aula de teologia, dizia que a divindade do Senhor é a questão capital que separa o Evangelho do que não o é. "Se Jesus Cristo é um puro homem, por grande que se lhe faça, o cristianismo perde seu caráter de verdade absoluta, e resulta uma filosofia. Se Jesus é o Filho de Deus, o cristianismo é uma revelação... Eu creio e confesso, com São Pedro, que Jesus é Cristo, Filho de Deus vivo" (*Rev. de Théol.* 1 maio, 97). Mas depois que chegou a ser professor de teologia protestante, deixou de crer n'Ele e confessar-lhe: "*Ignoro*, escrevia (*Relig. et cult.* p. 192), de onde vem Jesus Cristo e como entrou neste mundo...".

170 "A voz de Deus e a da Igreja são uma mesma coisa, posto que é Ele quem fala pela boca da Igreja nossa mãe em seus ensinamentos, ordens e conselhos que Ela nos dá" (Tauler, em Denifle, *La Vie spirit.* c. 7).

divina, devemos fugir e evitar com toda diligência a corrupção das concupiscências do mundo", e nos exercitar em todo tipo de virtudes e boas obras, para com elas glorificar o Pai, resplandecendo com sua luz, e não aparecer "vazios e sem fruto" na presença de Jesus Cristo; pois quem isso esquece, "é um cego que não vê sequer que tem que purgar os antigos delitos". Pelo qual devemos "ser muito solícitos para fazer certa nossa vocação e eleição mediante as *boas obras*; porque, fazendo isso, jamais pecaremos" (II Pd 1, 4-10). Mas a simples fé, sem obras muito opostas às do mundo, *não só está morta, mas servirá para maior condenação. Os que com* ela se contentam, renegam a Deus na prática, mostrando-se totalmente mundanos. Por isso falam tanto do mundo, e o mundo os ouve, em vez de odiá-los e persegui-los como aos bons católicos. Os protestantes não merecem essa honra, própria dos servos de Cristo: *Ipsi de mundo sunt: ideo de mundo loquuntur, et mundus eos audit* (I Jo 4, 5).– *Nos autem non spiritum huius mundi accepimus, sed Spiritum qui ex Deo est, ut sciamus quae a Deo donata sunt nobis: quae et loquimur non in doctis humanae sapientiae verbis, sed in doctrina Spiritus, spiritualibus spiritualia comparentes* (I Cor 2, 12-13).

Todas as coisas do Reino de Deus são mistérios escondidos que os sábios deste mundo nem conhecem nem podem conhecer; mas nós, os católicos, procedendo como filhos de Deus, conhecemo-las e as experimentamos, porque "Deus no-las revelou e no-las faz sentir por seu Espírito, que tudo penetra"; para que assim não nos deixemos seduzir pelos enganos do mundo, nem nos infectemos pelas nocivas influências mundanas. Ao mundo, que carece de *sentido*, essas altíssimas verdades que constituem a vida e a experiência da Igreja parecem loucuras, bobagens ou extravagâncias; e a verdadeira loucura está nele (I Cor 1-2), que vai perdido atrás de vãs aparências, atrás de ilusões e enganos, e não consegue ver a *Verdade*, nem a descobrir a *Luz do mundo* e ainda menos a fazer o *unum necessarium*. Mas quem tem a sorte de possuir a verdadeira fé e esperança vivas, "procura santificar-se, assim como Deus é santo" (I Jo 3, 3), para ser "perfeito como o Pai celestial" (Mt 5, 48).

ARTIGO IV
A Inhabitação do Espírito Santo

§ I – A GRAÇA E A INHABITAÇÃO DIVINA. – IMANÊNCIA DE DEUS NA ALMA JUSTA; A VIDA E CONVERSAÇÃO NOS CÉUS; AÇÃO VIVIFICADORA DO ESPÍRITO SANTO: MISSÃO, DOAÇÃO E INHABITAÇÃO ESPECIAIS.

A doutrina da graça se esclarece com a da inhabitação do Espírito Santo, Senhor e Vivificador das almas. Sabemos que a graça santificante não só nos justifica e vivifica – apagando nossas maldades e chamando-nos da morte à vida –, mas realmente nos santifica e deifica, criando-nos de novo à imagem de Jesus Cristo; e que essa vida que nos dá, embora todavia esteja como gérmen, para ser desenvolvida com nossa fiel cooperação, é verdadeira *vida eterna*. A qual, se não nos transforma em Deus de tal modo que também em nós sejam uma mesma coisa o ser, o agir e objeto de nossa ação – porque isso é impossível dada nossa natureza –, subitamente, traz o próprio Deus, com todos os seus tesouros, para reinar em nossos corações, para que gozemos d'Ele e deles, se queremos aproveitar-nos de tal condescendência; e para que nos unindo cada vez mais com Ele em seu trato *amistoso*, com os laços de um conhecimento verdadeiro e íntimo, e de um amor filial, abrasados no fogo de sua caridade, alcancemos nos purgar de toda escória terrena, e nos transformando de claridade em claridade, cheguemos a nos unir e nos fazer uma mesma coisa e *um mesmo Espírito* com Ele (I Cor 6, 17).

Deste modo, vivendo em Deus e de Deus, podemos ter já toda nossa conversação nos céus; pois exercitamos desde agora – e podemos ir realizando cada vez melhor – as funções características da vida eterna, que são *conhecer* a Deus como é em Si e *amá-lo* com o mesmo amor com que Ele se ama e nos ama; possui-lo como Ele se possui e nos engolfarmos naquele abismo de sua eterna felicidade[171].

---

171 "In quantum homines per charitatem *deiformes* efficiuntur, sic sunt supra homines, et eorum conversatio est in caelis" (S. Tomás, *In 3 Sent.* d. 27, q. 2 a 1 ad 9).

Não tendemos já, com efeito, para Deus como para algo que esteja fora de nós: no fundo o possuímos, aqui mesmo, como esperamos possui-lo na glória. Para gozá-lo de um modo beatífico nos basta desenvolver esse gérmen de vida eterna que em nossas almas levamos semeado, remover a terra que o encobre, e tirar os obstáculos que impeçam a ele crescer e a nós fixar nele toda nossa atenção[172]. Entremos dentro de nós mesmos, penetremos muito fundo para conversar com o *Deus de nosso coração, que é nossa herança para sempre*, e veremos que *nossa felicidade está em nos unirmos com Ele, e desfaleceremos de amor* (Sl 72, 26-28), descobrindo em nossos corações seu glorioso Reino, e bebendo na *fonte de água viva que jorra para a vida eterna*. Esta fonte é próprio Espírito que recebemos (Jo 7, 39) e de quem incessantemente fluem todas as graças com que se regam, embelezam, purificam e fertilizam nossas almas[173].

Se Deus está e não pode menos que estar em todas as partes – por *potência*, por *presença* e por *essência* – como Criador, Motor e Conservador de tudo, não em todas está por inhabitação amorosa – como *amigo* –, mas só nas criaturas racionais que aceitaram sua divina familiaridade (Jo 1,

---

172 "Unanimemente, diz Sauvé (*Le Culte du C. J.* élév. 27), é a graça chamada pelos teólogos *gérmen da glória*: basta-lhe expandir-se e florescer divinamente bela aos olhos de Deus, e com isso a alma que a possui estará no céu. Somos já filhos de Deus, por mais que nossa filiação ainda não se manifeste. Embora todas estas riquezas não tenham que resplandecer até a glória, quando, perfeitamente semelhantes a Deus o vejamos face a face, tal como é e como Ele se vê a Si mesmo; no entanto, já desde agora está em nossa alma este mistério de filiação, de semelhança divina e de união com o próprio Deus. As divinas Pessoas habitam em nós e se unem de espírito a espírito, de coração a coração; e isso é já um céu, embora velado. Muito *nos importa ter consciência* dessa situação tão nobre e tão deliciosa!" "Estando Deus onipotente dentro de nós, ou mais próximo de nós que nós mesmos, qual é a causa que não o sintamos? A causa é porque sua graça não pode agir em nós; e não pode agir porque não a desejamos devota e intimamente com humilde coração; porque não amamos a Deus com ele todo e com todos nossos sentidos; porque o olho de nossa inteligência está cheio de pó e lodo das coisas transitórias...; porque não queremos morrer à nossa sensualidade, e nos converter de todo nosso coração a Deus: essa é a razão de que a luz da divina graça não aja em nós" (Tauler, *Instituciones div.* c. 6).

173 "Buscar-vos, meu Deus, é buscar minha felicidade e bem-aventurança: devo buscar-vos para que minha alma viva; porque Vós sois sua vida, assim como ela é a que dá vida ao corpo" (Santo Agostinho, *Conf.* 10, c. 20).

11-12). Essa exige uma portentosa elevação que lhes permita tratar com Ele, não como abatidas escravas a seu excelso e poderosíssimo Senhor – ou como simples criaturas a seu supremo Criador –, mas em certo modo, como de igual, como ao verdadeiro amigo e doce Hóspede, ou como ao Pai ou Esposo amantíssimo. É, pois, preciso que saiam da ordem da escravidão para entrar na desta amizade e familiaridade. "E não só não habita Deus em todos aqueles em quem está, diz Santo Agostinho[174], senão que nos mesmos em que habita não habita igualmente". De onde provém a maior ou menor perfeição dos santos, senão de que neles mora Deus mais ou menos perfeitamente?

E tanto mais grata e mais plena é essa morada de Deus nos santos, quanto mais animados estão por seu Espírito e mais acessos no fogo de sua caridade, que se traduz em boas obras. "Se alguém me ama, diz o Salvador (Jo 14, 23), guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e a ele viremos, e nele faremos nossa morada". "Se nos amamos mutuamente, acrescenta o discípulo amado (I Jo 4, 12-16), Deus mora em nós, e é perfeita nossa caridade. E conheceremos que *moramos n'Ele e Ele em nós*, e que nos fez participar de seu Espírito... Deus é caridade, e quem está na caridade em Deus mora, e Deus n'Ele". Assim, a "caridade, como observa o Doutor Angélico[175], não é virtude do homem enquanto tal, senão enquanto está feito Deus: *Non est virtus hominis, ut est homo, sed in quantum per participationem gratiae fit Deus*".

Aos que amam e servem a Deus com tibieza, Ele não os pode tolerar, e começa a *vomitá-los* (Ap 3, 15); porque também eles o possuem só pela metade... No entanto, Deus está incessantemente chamando às portas de todos, desejando que de todo coração o recebam, para celebrar com eles o banquete da amizade (Ap 3, 20). E se os demais lhe fecham as portas, fazendo-se surdos à sua doce voz que lhes diz: *Dai-me teu coração*, a todos

---

174 *Epist.* 187, *ad Dard.* n. 41.
175 *De charit.* q. un., a. 2 ad 3.

que o recebem os faz concidadãos dos santos e, o que é ainda mais, íntimos e verdadeiros filhos seus.

Essa inhabitação amorosa, embora comum às três Pessoas divinas – que nunca podem estar separadas –, *atribui-se* de um modo singular, tanto nas Escrituras como nos Padres, ao Espírito consolador, como se nela exercesse alguma *missão* especialíssima, e o Pai e o Filho assistissem como por concomitância[176]. Assim nos indica São João na passagem citada; e assim o deu a entender o próprio Salvador quando disse (Jo 14, 15-21): "Se me amais, guardai meus mandamentos, e eu rogarei ao Pai, e vos darei outro Consolador, para que *more eternamente* em vós: o Espírito da Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas *vós o conhecereis, porque em* vós estará". Deste modo, acrescenta, "não vos deixarei órfãos: virei a vós..., que em Mim vivereis... Quando o mundo já não me ver, conhecereis que eu estou no Pai, e vós em Mim, e eu em vós". E pouco depois (Jo 16, 7): "Em verdade vos digo que vos convém que Eu me vá; porque se eu não fosse, não viria a vós o Consolador, mas se vou, eu o enviarei a vós".

Assim o divino Espírito que mora eternamente nos fiéis, é quem lhes dá testemunho da verdade (Jo 15, 26-27), e condena os extravios do mundo (Jo 16, 8), e testemunha que Jesus é a própria verdade (I Jo 5, 6). E se animados e movidos por Ele, escutamos sua voz e não o contristamos, Ele mesmo nos testemunhará também que somos filhos de Deus, e, portanto, herdeiros; posto que sua própria comunicação nos dá esse divino ser de tais (Rom 8, 14-17), e nos deifica, imprimindo em nós a própria imagem do Verbo (II Cor 3, 18). Ele é o "Espírito, Senhor e Vivificador", em quem cremos e cuja comunicação, derivando-se de nossa divina Cabeça, Jesus Cristo, faz-nos vivos membros da Igreja e templos santos de Deus (I Cor 3, 16-17; 4, 19). Ele é o Espírito de adoção em quem com confiança

---

176 "Pode dizer-se sem arrogância, afirma Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 32), que pelo Batismo nos fazemos filhos de Deus; e posto que a terceira Pessoa da Santíssima Trindade desce a nós, como está inseparavelmente unida às outras duas, segue-se que toda a Santíssima Trindade habita e se compraz em nós".

podemos chamar a Deus: "*Pai!*", e que nos faz viver e agir como convém, segundo a dignidade de filhos (Rom 8, 9-16; Gal 4, 5. 7). Comunicando a nós a Si mesmo, dispensa-nos a divina caridade (Rom 5, 5)[177], faz-nos guardar fielmente o sagrado depósito (II Tim 1, 14), e como Espírito de *revelação* e de *inteligência*, descobre para nós os mais altos mistérios de Deus e as imponderáveis grandezas de Jesus Cristo, e nos ensina os caminhos da vida (I Cor 2, 10; Ef 1, 17; 3, 5-19; Sl 142, 10). Ele, enfim, está em nós como penhor vivo da vida eterna e como quem nos preserva da corrupção e gérmen de nossa ressureição e imortalidade (II Cor 1, 22; 5, 5; Rom 8, 11).

Todas essas e muitas outras passagens análogas – cujo sentido óbvio deve manter-se a todo custo enquanto não ofereça notórios inconvenientes – parecem dar muito claramente a entender que o Espírito Santo mora nas almas de um modo *próprio* e singularíssimo. E os Santo Padres, segundo já pudemos notar, em vez de atenuar esse sentido, antes buscam realçá-lo, mostrando a ação vivificadora do divino Consolador[178].

Muito conforme a isso, as almas puras e simples que, com os *iluminados olhos do coração*, conseguem penetrar de algum modo nestes mistérios do amor divino, *sentem* e *notam* como o Pai e o Filho estão reinando e descansando docemente em nós, como em seu templo santificado, e comprazendo-se em ver a obra renovadora que vai produzindo seu Espírito; a quem querem que atendamos como a Diretor, Consolador, Conselheiro e Mestre que, ao

---

177 "Dicitur charitas et Deus et Dei donum: Charitas enim dat charitatem, substantiva, accidentalem. Ubi dantem significat, nomen est substantiae; ubi donum, qualitas" (S. Bernado, *Ep.* 11 *ad Guidon.* n. 4).

"In iustificatione duplex charitas nobis datur, scilicet creata et increata illa qua diligimus, et illa qua diligimur" (S. Boaventura, *Compl. Theol. verit.* l. 1, c. 9).

178 "Confessam todos os doutores santos, diz o Ven. Granada (*Guía* l. 1, c. 5, § 1), que o Espírito Santo, por uma *especial maneira*, mora na alma do justificado... Entrando em tal alma, transforma-a em templo e morada sua: e para isso Ele próprio a limpa, santifica e adorna com seus dons, para que seja morada digna de tal Hóspede".

mesmo tempo que derrama em nós a caridade divina, inspira-nos, sugere-nos e nos ensina toda verdade[179].

Além disso, a própria Escritura diz repetidas vezes que o Espírito Santo nos é *enviado*, quase do mesmo modo que se diz do Filho (Jo 14, 26; 15, 26; 16, 7; Gal 4, 6, etc.); e a *missão*, observa Santo Tomás, implica, junto com a *procedência* original, um novo e muito especial modo de *presença* da Pessoa enviada em quem a recebe. Outras vezes se diz que é *dado* (Jo 14, 15; Rom 5, 5, etc.); e essa *doação* supõe também uma *posse* muito singular naqueles que a aceitam, de tal modo que livremente possam gozar do dom recebido. Pelo qual, como adverte o dito santo Doutor[180], "no próprio dom da graça santificante, que nos faz agradáveis a Deus, *possuímos* o Espírito Santo, que habita em nós; e por isso é *dado e enviado*". Se diz que nos é *dado*, acrescenta[181], aquele de que livremente podemos desfrutar... E assim a essa Pessoa divina lhe compete ser *dada* e ser *dom*"[182].

Também diz expressamente a Escritura que esse divino Espírito *habita* em nós, como Dono absoluto, e nos faz templos santos de Deus, que não podem ser violados sem incorrer na indignação divina: "Não sabeis, escreve o Apóstolo (I Cor 3, 16-17), que sois templos de Deus e que o Espírito divino habita em vós? Se alguém viola o templo de Deus, será exterminado. Pois santo é seu templo e vós mesmos o constituis". "Ignorais, acrescenta (I Cor 6, 19), que vossos membros são templos do Espírito Santo que está em vós, pois o recebestes de Deus, e que já *não sois vossos*?"

Para embelezar esse templo, o próprio divino Espírito derrama a caridade de Deus em nossos corações; e para consagrá-lo e ampliá-lo –

179 "Vós sois a verdadeira luz e divino fogo, Mestre das almas... Como Espírito de verdade, nos ensinais com vossa comunicação todas as verdades" (S. Agostinho, *Solilóquios* c. 32).

180 1ª p., q. 43, a. 3.

181 Ib. q. 38, a. 1.

182 "Ad fruendum eo quo fruendum est, diz S. Boaventura (*l. c.*) requiritur praesentia fruibilis, et etiam dispositio debita fruentis; unde requiritur praesentia Spiritus Sancti, et eius donum, scilicet amor quo inhaereatur *ei*".

como *Santificador* e *Vivificador* que é – nos *deifica* e nos *co-edifica*, de modo que possamos "*crescer* para a digna morada de Deus *no Espírito Santo*" (Ef 2, 22).

E posto que esse divino Doador vem a nós junto com os preciosíssimos dons com que nos enriquece – e esses adornam, fortalecem e deificam nossas potências, enquanto Ele *vivifica e deifica* nossa própria alma – parece já indubitável que, segundo o sentido mais natural dos Padres e das próprias Escrituras, devemos admitir uma *missão*, uma *doação* e uma *inhabitação* próprias e especialíssimas do Espírito Santo: *Dom* por excelência, que mora em nós não só como Consolador e doce Hóspede, mas como perene *fonte de água viva,* como *Santificador* e *Vivificador*, que se deu a nós para nos possuir e para que o possuamos; e deste modo, realiza em nós muito singularmente a mística obra de nossa *deificação*[183]. Possuindo-o, pois, possuímos a própria *caridade* de Deus, que é a que santifica sua morada; podemos guardar fielmente seus mandamentos, amando-o com verdadeiro amor filial; e então seremos amados pelo Pai com o mesmo amor com que ama seu Filho e ambos *virão* a nós para fazer em nossos corações sua morada gloriosa (Jo 14, 23). Assim, "quem permanece na caridade, em Deus permanece, e Deus nele" (I Jo 4, 16). E o Espírito de caridade nos livra da escravidão dos vícios e pecados e nos dá a liberdade verdadeira que só pode estar onde Ele está: *Ubi Spiritus Domini ibi libertas*[184].

---

183 "A participação do Espírito Santo, diz Santo Atanásio (*Ep. ad Serap.* 1, n. 24), é uma participação da natureza divina... Se desceu sobre os homens é para *deificá-los*".

184 "O Espírito Santo, diz o Pe. Gardeil (*Les Dons* p. 8), não causa em nós o amor divino como um agente exterior que resulta estranho quando acaba de agir. Ele é produzido como uma causa interna que reside nesse mesmo amor; porque *nos foi dado*, diz o Apóstolo. Sua atividade é como a de uma *alma* sempre presente, que não abandona sua obra. Quando o justo ama a Deus, não o faz sozinho: tem no fundo de seu coração o divino Espírito, que é quem, com toda verdade e eficácia, faz-lhe proferir o nome do amor filial: *Meu Pai!*

§ II. – A PRESENÇA AMOROSA DA TRINDADE. – A ALMA JUSTA, FEITA UM PEQUENO CÉU: DEVERES DE GRATIDÃO. – PERNICIOSA IGNORÂNCIA DESTA DOUTRINA: A DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO E A RENOVAÇÃO DA PIEDADE. – O DECORO DA CASA DE DEUS.

Embora essa inhabitação ou presença vivificadora do Espírito Santo, como própria e especial, seja ainda muito discutida, o certo é que, de todos os modos, Ele habita em nós como doce Hóspede, e com Ele – diretamente ou por concomitância – toda a Santíssima Trindade.

Assim, pois, conforme observa Santa Teresa[185], em nossos corações há um verdadeiro céu; pois ali mora o próprio Deus com toda a sua glória[186]. E embora um Senhor de tão infinita majestade se digne "fazer-se à nossa medida", também "traz consigo a liberdade" com o poder que tem de ampliar este palácio. A Santa se maravilha e lamenta, a exemplo de Santo Agostinho, de ter tardado tanto em advertir e reconhecer este inapreciável tesouro que encerrava em si mesma[187]; de não ter sabido conversar amorosamente com tão amável companhia, "tratando a Deus como Pai e como Irmão, como Senhor e como Esposo"; e de ter se descuidado, pelo mesmo motivo, de ter para Ele bem preparada essa habitação de sua glória[188].

Assim a lei de Cristo vem a ser para o *cristão* o que é para o *homem* a lei natural: não uma imposição exterior, mas uma condição inerente ao próprio ser; não jugo que oprime, mas uma norma interna de salvação e de vida, uma exigência de legítimo desenvolvimento".

185 *Camino de perf.* c. 28.

186 *Caelum es, et in caelum ibis*, dizia Orígenes (*In Hierem.* hom. 8, n. 2).

187 "Vaguei errante como ovelha perdida, buscando-vos nas coisas exteriores, estando Vós no meu interior; e me cansei muito vos buscando fora de mim, sendo que estás dentro de mim, quando tenho desejo de Vós. Dei muitas voltas pelas ruas e praças da cidade deste mundo para vos buscar, e não vos pude encontrar; porque mal buscava fora o que estava dentro de minha alma" (S. Agostinho, *Solilóquios* c. 31).

188 *O Reino de Deus dentro de nós.* – "Não creias, dizia ao Beato Henrique Suso (*La Eterna Sabiduría* 15), que te basta pensar em mim cada dia apenas uma hora. Quem deseja ouvir interiormente minhas doces palavras, e compreender os segredos e mistérios de minha Sabedoria, deve estar sempre comigo, sempre pensando em mim... Não é vergonhoso ter em si o rei-

Que deveremos dizer da generalidade dos cristãos que nunca pensaram nesse encantador mistério?... Muitos talvez poderiam exclamar, como os célebres efésios: *Nem mesmo sequer ouvimos que existia* em nós *o Espírito Santo!...* Porque, com efeito, muitas vezes, embora os pequeninos desejem o pão da doutrina, mal há quem o reparta para eles (Lam 4, 4). Antes até as crianças sabiam que eram templos vivos do Senhor e que deviam viver como tais; pois isso era o que com mais insistência se lhes inculcava para os informar como convinha no verdadeiro Espírito de Jesus Cristo. Hoje mal se fala deste dogma tão fundamental na vida cristã; e assim vai se extinguindo o espírito em tantas almas, pois ignoram *as palavras de vida eterna*. Num princípio, segundo já indicamos, era muito freqüente entre os fiéis se chamarem de *cristóforos, teóforos, agióforos, etc.*, isto é: *portadores de Cristo, de Deus, do Espírito Santo*. Mas hoje, até muitos clérigos e religiosos há que, quando leem ou ouvem que somos *membros* de Jesus Cristo, e que seu Espírito *mora* em nós, tomam essas expressões num sentido figurado, para não fazer caso do divino Hóspede que nos está sugerindo e ensinando toda verdade, e com isso não tenta nada menos que *nos deificar...*[189]

---

no de Deus, e sair dele para pensar nas criaturas?". Ver também: Santa Teresa, *Camino de perf.* c. 28.

189 "Quando o Salvador, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 9, conf. 3, apêndice 1), diz que pela graça Ele próprio vem ao nosso interior, com o Pai e o Espírito Santo, e estabelece sua morada em nós (Jo 14, 23), não deve se entender isso em sentido figurado, nem como se a Divindade agisse em nosso coração só por meio de seus dons; senão que Deus mesmo, não contente em outorgar-nos seus dons, vem morar em nós de um modo singular. Antes, até as mocinhas e mesmo as crianças, achavam-se tão convencidas desta inhabitação de Deus, que a viam como a coisa mais simples, segundo se vê nas vidas de Santa Luzia, Santa Inês e Santa Águeda. Mas agora, entre os próprios teólogos mal há quem bem compreenda isso. Quando lemos no Apóstolo que "Jesus Cristo é nossa Cabeça e cada um de nós é um membro de seu corpo", parece-nos uma maravilha exclamar: Que bela imagem! Mas para os servos de Deus era isso a mais completa verdade". "O Espírito Santo, acrescenta (apênd. 2), é o foco, centro, manancial e coração do pensamento e da vida sobrenaturais. Mostra-se a cada passo como guia a quem deseja penetrar no fundo do sobrenatural. E somente quem com Ele se familiariza pode orientar-se nesse mundo sublime. Sem conhecer sua ação, o homem não vê nas verdades sobrenaturais nada mais que fragmentos soltos e incompreensíveis. Só a quem busca se

Mas isso exige nossa cooperação amorosa; pois *Aquele que te criou sem ti*, diz Santo Agostinho, *não te salvará sem ti*, e muito menos te fará perfeito, se tu não correspondes a Ele. Por isso com tanto amor diz a nós (Prov. 23, 26): *Dai-me, meu filho, teu coração e atendam teus olhos aos meus caminhos.* Pois mal poderemos secundar como convém os impulsos do Espírito Santo, se muito de coração não o amamos e atendemos, ou se não temos d'Ele claras notícias. Por causa disso, fechamos os ouvidos às santas inspirações e lhe resistimos quando docemente nos leva à solidão para nos falar ao coração e nos criar, qual amorosa mãe, em seus divinos peitos (Os 2, 14; Is 66, 12).

Com grande razão, pois, lamentam as almas espirituais a falta da devoção ao Espírito Santo, sem a qual é impossível que refloresça a verdadeira piedade. E por isso, desde que Leão XIII, em sua Encíclica *Divinum illud Munus*, buscou remediar esse mal, chamando a atenção dos teólogos, apologistas e pregadores para que com maior zelo promovam uma devoção tão salutar e necessária, segundo vai sendo melhor conhecida e apreciada a ação vital do divino Paráclito, vai-se notando como uma grande renovação espiritual.

Essa especialíssima *missão, doação, inhabitação e animação* do Espírito Santo, e essa *amigável* e substancial presença ou imanência de toda a Santíssima Trindade em nós, é indubitável que não podem vir de nenhuma mudança no próprio Deus, que é necessariamente imutável, mas só do que por Ele se realiza em nós ao sermos regenerados e renovados, justificados e santificados. E esta mudança, no *substancial*, deve-se à graça santificante que nos deifica; quanto às *propriedades*, constituem-nas as virtudes, os dons e demais energias infundidas a modo de hábitos com que podemos agir divinamente; e no *acidental*, as graças *gratis datas* e os diversos influxos transitórios. Com estes auxílios divinos e o contínuo exercício das virtudes cristãs, aumentamos os talentos que o Senhor nos confiou, crescemos em graça e conhecimento seu,

---

orientar à luz desse sol benfazejo, descobre-se-lhe um mundo novo, mais elevado, cheio de unidade e de vida".

contribuímos ao desenvolvimento do Corpo místico do Salvador, e "somos co-edificados, crescendo em templos santos e vivos de Deus no Espírito Santo".

A vida da graça, o ardor da caridade e o esplendor de todas as demais virtudes constituem o decoro da casa de Deus. E Ele mora ali com tanto mais complacência quanto mais deificada a vê e quanto mais radiante está com sua eterna claridade. E quando essa morada divina – essa *nova cidade de Deus* – chegar à perfeição que requer, já não brilhará nela outra luz senão a que emana das chagas do Cordeiro, que tira os pecados do mundo: *Lucerna eius est Agnus...*

Os santos se extasiam e desfalecem contemplando esse decoro inestimável da habitação de Deus, que os faz exclamar: *Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum!* (Sl 83, 2). Decoro verdadeiramente divino que não pode ser outro senão a graça de nosso Salvador e a comunicação de seu próprio Espírito, com que realmente viemos a ser agradáveis aos olhos do Pai; pois, estando assim decorados e deificados, a Si mesmo se vê resplandecer em nós. Como poderemos não amar e buscar com tão merecido apreço o próprio Deus todo-poderoso? Digamos, pois, muito verdadeiramente com as almas que têm viva experiência destas verdades: "Senhor, amei a beleza de tua casa e o lugar da habitação de tua glória!: *Dilexi decorem domus tuae...*".

E esse lugar venturoso onde podemos gozar de Deus na terra é o centro de nossos corações, o *fundo* de nossas próprias almas[190]. Entremos

---

190 Esse *fundo ou centro* da alma, onde mora Deus, recebeu mui diversos nomes que importam conhecer. Os principais são estes:
Apex totius affectus (S. Boaventura, *Itinerar*. c. 7); *vertex animae seu mentis* (S. Tomás, *De veritate* q. 16, a. 2 ad 3); *fundus vel centrum animae* (τό τῆς ψυχῆς οἷον κέντρο) (Plotino, *Enn.* 6, 9, 8); *intimusaffectionis sinus* (Ricardo de S. Vítor, *Benjamin mai.* 4, 16: Migne, 196, 154 d); *cordis intima* (*ibid.* 4, 6, p. 139 d); *mentis summum, mentis intimum* (*ibid.* 4, 23, p. 167 a); *cubiculum v. secretum mentis* (Ricardo de São Vítor, *In Cantic.* c. 8: Migne, 196, 425); *claustrum animae* (Hugo de Folieto, *Claustrum animae* 3, 1: Migne, 176, 1.087 c). Cf. Bona, *Via Compendii* 20; Blosius, *Institut. spir.* c. 12, 4; Sandaeus, *Clavis* s. v. anima, centrum, fundus, culmen; Surin, *Catechisme spirit.* 5, 4; 13, 7..., etc.— Todos esses são citados pelo sábio Pe. Weiss, O. P., em seu incomparável *Apología del Cristianismo* t. 9, conf. 2.

dentro de nós mesmos, fechemos as portas de nossos sentidos para todas as vaidades terrenas, atendamos à voz que nos chama para este doce retiro, e encontraremos o reino de Deus, e veremos sua glória... Deus está ali presente, com sua amorosa e gloriosa presença, contanto que permaneçamos em verdadeira caridade: é imanente em nosso ser e em nosso agir, como princípio e término imediato de nossa vida sobrenatural e de todas as suas funções características. E à medida que essas se aperfeiçoam e se purgam dos restos do homem velho, aumentando incessantemente a luz e tirando os obstáculos que nos impedem de ver, ao sermos verdadeiramente renovados no Espírito, encontraremos *que Deus é tudo em todos.*

ARTIGO V
A Graça e a Glória

§ I. – A VIDA ETERNA INCIPIENTE E CONSUMADA. – SUAS FUNÇÕES CARACTERÍSTICAS; A FELICIDADE DOS SANTOS NESTA VIDA, COMPARADA COM A DA GLÓRIA. – O SER E O AGIR. – A VISÃO FACIAL NO VERBO DA SABEDORIA PELA VIRTUDE DO ESPÍRITO DE INTELIGÊNCIA. – A UNIÃO DO AMOR GOZOSO.

Sabemos que Deus está tão íntimo a nós como pode estar nossa própria alma, e ainda mais, posto que, segundo os santos o chamam, é "vida de nossa

---

"O Divino Blósio, Ruysbroeck, Tauler e outros, escreve Frei João dos Anjos (*Diálogos sobre la conquista del Reino de Dios* 1, § 3 y 4), dizem que este *centro* da alma é mais intrínseco e de maior altura que as três faculdades ou forças superiores dela, porque é origem e princípio de todas... O *íntimo* da alma é a simplicíssima *essência* dela, selada com a imagem de Deus, que alguns santos chamam *centro*, outros íntimo, outros ápice do espírito, outros *mente*; Santo Agostinho, *sumo*, e os mais modernos o chamaram *fundo*". "Este íntimo retiro da mente nenhuma coisa criada pode encher nem saciar; senão só o Criador com toda sua majestade e grandeza; e aqui Ele tem sua pacífica morada como no próprio Céu". – Este ápice da alma é o que São Francisco de Sales chama "ponta fina do espírito".

alma, e alma de nossa vida". *In Ipso enim vivimus, et movemur, et sumus*[191]. E deificados pela vital comunicação de seu Espírito e pela participação de sua divina natureza, podemos e devemos procurar viver e agir *divinamente*, como filhos da luz.

Posto que "o agir segue o ser", o modo de agir característico do justo, enquanto possui a Deus e está revestido de seu divino *ser*, é um conhecimento e um amor que correspondem a essa *vida eterna*, que é a divina graça, de modo que por eles toque, *abrace e possua* o próprio Deus em sua própria substância, e não já numa remotíssima e quase vã representação analógica, que é o único meio de o possuir pelo conhecimento e amor naturais[192]. Mas se a simples criatura racional não pode conhecer ao Seu Criador transcendente senão por indução, rastreando o reflexo de seus atributos nas maravilhas da Natureza, sem poder vê-los em si mesmos, uma vez elevada à ordem divina, já pode de algum modo perceber diretamente as próprias realidades divinas. Estando deificados e feitos filhos do próprio Deus, podemos de um modo ou de outro exercer as funções próprias da vida eterna que, como tais, competem-nos; posto que com a participação da natureza divina, e na mesma proporção que ela, comunicam-se-nos suas operações características, a fim de que não permaneça ociosa nem a possuamos em vão, senão que, como gérmen de glória, desenvolva-se e frutifique. Logo tão real, física e ontologicamente como participamos do *ser* divino, participamos do *agir* correspondente, e como aquela participação é real e formal, também deve sê-lo essa última.

Contudo, as operações próprias de Deus, segundo nosso pobre modo de entender e de nos expressar, são conhecer-se e amar-se tal como é em

191 "Ele está muito próximo de nós, e nós estamos muito distantes d'Ele; Ele habita no centro de nossa alma, e nós na superfície. É familiar nosso, e, no entanto, tratamo-lo como um estranho" (Eckhart, em Denifle, *La Vie spirit.* c. 2).

192 "In sanctis, diz Santo Tomás (*In 2 Cor* 6, 16), est (Deus) per ipsorum operationem qua *attingunt* ad Deum, et quodammodo *comprehendunt* ipsum, quae est diligere et cognoscere". —"*Attingit ad ipsum Deum (creatura) secundum substantiam suam* consideratum, acrescenta em outro lugar (*In 1 Sent.* d. 37, q. 1, a. 2)..., quando fide adhaeret ipsi primae veritati, et charitate ipsi summae bonitati".

Si mesmo, em sua absoluta Unidade e em sua Trindade inefável; portanto, as da vida divina participada em nós também devem alcançar, na devida proporção, como a único objetivo digno, a divina Essência, tal como é em Si, e não numa vã abstração, *tocando* o próprio Deus Uno e Trino, estreitando-lhe realmente com esses dois poderosos braços sobrenaturais do conhecimento e do amor que com efeito se dignou nos comunicar.

Para *conhecer* de algum modo as verdades sobrenaturais que tanto excedem nossa capacidade, basta-nos ser confortados com a divina luz da fé que as propõe a nós, ainda que entre trevas e enigmas, como *fatos* inegáveis. Mas para *apreciá-las* devidamente, é preciso, ademais, penetrá-las bem, senti-las e experimentá-las por meio de uma fé viva, acompanhada dos dons da inteligência e da sabedoria: o que requer um alto grau de purificação[193].

Assim, pois, para suprir, quanto possível, a insubstituível experiência dos *estados místicos* em que, por meio desses preciosíssimos dons, se saboreia já como um prelúdio da glória, consideremos ao nosso modo o que sobre ela nos dizem a própria fé e a sã teologia[194]. Pois se chegamos a formar alguma idéia aproximada do que é a vida da graça em seu *pleno desenvolvimento*, tal como se mostra no céu, concluiremos qual deve ser neste laborioso período de expansão que aqui lhe precede[195].

O exercício da *vida eterna* consiste em conhecer e amar a Deus Pai e a Jesus Cristo seu enviado: isto é, em contemplar às claras os mais augustos e profundos arcanos da divindade e os inefáveis mistérios de nossa reparação e deificação. Tal é a ocupação perene dos bem-aventurados que, gozando dos infinitos tesouros da herança paterna, contemplando o abismo sem fundo da Beleza incriada, e amando a absoluta Bondade, ficam como num perpétuo êxtase, submergidos no mar das divinas delícias, como entre as mais gratas

193 Cf. S. João da Cruz, *Noche obscura* 2, 16.

194 "Entre as comunicações ordinárias da graça santificante e as da glória eterna, estão as dos estados místicos, que parecem um prelúdio das comunicações do céu" (Sauvé, *Etats mystiques* p. 2).

195 *Gratia nihil aliud est quam inchoatio gloriae in nobis* (S. Th., 2-2, q. 24, a. 3 ad 2).

surpresas que poderiam se conceber, descobrindo em cada momento novos e indizíveis encantos, sem poder encontrar explicações naquele insondável abismo de maravilhas.

Mas os bem-aventurados *são* tais na medida em que *estão deificados*: *são* eternamente *felizes*, porque foram feitos *deuses*, e se encontram já no venturoso término de sua mística evolução, onde chega a toda a sua expansão gloriosa o misterioso gérmen de vida eterna que na regeneração receberam. Estão já totalmente renovados e transformados de filhos de Adão em filhos do Altíssimo, pela virtude do Espírito santificante que os configurou com o Verbo e os fez completamente semelhantes a Deus. A bem-aventurança *essencial* consiste não só no *agir*, mas também – e mais que em nada – no *ser*: o *agir divinamente* é conseqüência espontânea do *ser divino* que já têm com a devida perfeição[196]. Deificados já na realidade, realmente possuem o sumo bem, e podem conhecê-lo, vê-lo, saboreá-lo e gozá-lo a seu prazer, amando-o e abraçando-o tal como é em Si mesmo, ainda que na proporção em que estão *deificados*. A visão intuitiva em que se resumem os atos de sabedoria e de inteligência, e o amor gozoso que necessariamente a segue, são as duas *funções características* da vida eterna em sua plenitude. Sem isso os santos *seriam* felizes sem mal *saberem* que o eram, sem *gozar* de sua própria felicidade, nem *desfrutar* do bem que já *possuíam*[197]. Mas as funções próprias da vida são um complemento necessário dela. Assim, embora se possa possuir a Deus, sem conhecê-lo ainda bastante – por causa dos muitos obstáculos que aqui nos impedem de vê-lo –, esses desaparecem totalmente quando a alma, livre do "corpo corruptível que tanto a agrava e da conversação terrena que deprime seus sentidos" (Sab 9, 15), tiver acabado totalmente de purificar os olhos de sua inteligência.

Ainda aqui, os santos muito deificados *são* realmente *felizes* em meio de todas as suas penas e amarguras, de sua pobreza, lágrimas, fome, sede,

196 Cf. S. Dionísio, *Eccles. Hier.* c. 2.

197 "Prima coniunctio sine secunda ad beatitudinem non sufficit: quia nec ipse Deus beatus esset, si se non cognosceret et amaret: non enim in seipso delectaretur, quod ad beatitudinem requiritur" (S. Tomás, *Qq. disp. de Verit.* q. 29, a. 1).

perseguições, etc. Mas embora os consolos e gozos superabundem de tal modo que, em sua comparação, mereçam ser tidas em nada todas as penas, essas, no entanto, são bastante opressivas para impedir-lhes saborear a medida em que estão santificados. Podem eles ser já iguais e mesmo superiores a muitos moradores do céu, superando-os em caridade, ao menos *radicaliter*, e, portanto, em graça, em *deificação* e união essencial com Deus[198]. Mas não *saboreiam* tanto, porque não o vendo, como eles, face a face, não podem ainda conhecê-lo na medida em que o amam e o possuem. Daí esse amor cego, instintivo, *alogo*, inefável que, como inconscientemente, sentem em grau tão alto, que parece irresistível em seus fogosos ímpetos: os quais, sendo tão dolorosos como deleitáveis, mil vezes lhes tirariam a vida se não fossem confortados por Aquele que tudo pode.

Daí o incrível valor de todas as suas ações, por pequenas e humildes que aparentem ser; pois, sendo santos, santificam e fazem grandes as coisas mais naturais e mais vis; assim como os tíbios desvirtuam e aviltam aquelas que por si mesmas seriam muito grandes[199]. E daí também que, como diz um grande místico, não devemos levar tanto em conta o que *fazemos* como o que *somos*; porque conforme for nosso *ser* será o valor de nosso *agir*[200]. Por isso dizia São Francisco de Sales que um grande santo pode merecer

198 "Aliqui homines etiam in statu viae sunt maiores aliquibus Angelis, non quidem *actu*, sed *virtute*, in quantum sc. habent charitatem tantae virtutis, ut possint mereri maiorem beatitudinis gradum" (S. Th., 1ª p., q. 117, a. 2 ad 3).

199 Deus, ensinam unanimemente todos os mestres de espírito, mede nossas obras única ou principalmente pelo afeto ou espírito com que se fazem.

200 "Verdadeiramente, observa o Ven. Johannes Tauler (*Divinas Instit*. c. 14), os homens deveriam levar em conta não o que fazem, mas o que são: porque, se em seu interior fossem bons, facilmente seriam também suas obras; se em seu centro fossem justos e retos, suas obras justas e retas seriam. Muitos põem a sua santidade no *fazer*, mas não é isso o melhor: a santidade consiste e deve consistir no *ser*. Por mui santas que sejam nossas obras, não nos santificam enquanto obras, mas ao contrário, quanto nós somos santos e temos o centro e a intenção santa, tanto santificamos nossas obras. Todo nosso estudo e diligência e tudo que fazemos ou deixamos de fazer, a isto deve se ordenar sempre: a que Deus seja magnificado, isto é, *engrandecido* em nós; e quanto melhor alcançarmos isso, tanto serão todas as nossas obras melhores e mais divinas".

mais na ínfima ocupação, que um imperfeito nas mais nobres e gloriosas[201]. Mesmo dormindo podem os muitos servos de Deus amar e merecer mais que outros orando ou trabalhando para o bem das almas; porque seus corações deificados mesmo durante o sono velam, orando e amando imensamente, embora sem se darem conta; pois o Espírito que os anima pede por eles com gemidos inexprimíveis[202]. E prontamente, como estão mais unidos com Ele, não podem menos que agradá-lo em tudo[203].

"Eu quero os corações de meus servos humildes, mas magnânimos, dizia o Senhor ao Beato Hoyos (*Vida*, p. 97). A santidade mais segura é a que mais se assemelha à minha: e Eu sempre me relacionei com os homens como um de tantos, fazendo-me tudo para todos, embora fosse infinitamente superior a todos nas obras. Não está o mérito em fazer muito, mas em amar muito: às vezes se faz muito e seria melhor se se fizesse menos e se amasse mais".

"Nem tudo depende, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 9, conf. 12), da austeridade da vida nem da multidão das ações exteriores. De outro modo, os operários das fábricas se adiantariam muito a nós no caminho da santidade. Tampouco depende essa da quantidade de exercícios piedosos, mas do espírito e da perfeição interior com que se fazem. *Andai segundo o espírito*, a nós cristãos é dito (Gal 5, 16); porque Deus é espírito, e por isso *quer verdadeiros adoradores em espírito e em verdade* (Jo 4, 23). Do interior, do espírito, deve se infundir a vida, pelas obras externas. Assim foi como procederam os santos, e assim obtiveram tão magníficos resultados. Por que vivem em contínuo silêncio? Por que têm constantemente os olhos baixos? Porque levam em seu interior seu mundo, suas relações e suas principais esferas de atividade. Ali, em seu interior, têm muito que fazer, não consigo mesmos, mas com o Espírito Santo, que fez deles seu templo".

201 *Tratado do amor de Deus* l. 9, c. 5.

202 Uma alma que está toda unida com Deus, dizia Nosso Senhor ao Beato Suso (*Eterna Sabedoria*, c. 28), "me louva continuamente. Qualquer coisa que faça interior ou exteriormente, seja medite, seja ore, seja trabalhe, seja coma, seja durma, seja vele, sua menor ação é um louvor puro e agradável a Deus".

203 "Imagine, diz o mesmo São Francisco de Sales (Ib. l. 7, c. 3), que São Paulo, São Dionísio, Santo Agostinho, São Bernardo, São Francisco, Santa Catarina de Gênova ou a de Sena estão ainda neste mundo e dormem cansados pelos muitos trabalhos em que por amor de Deus se ocuparam; figura por outra parte uma alma boa, porém não tão santa como eles, que ao mesmo tempo estivesse em oração de união. Quem te parece que está mais unido, estreitado e enlaçado com Deus, esses grandes santos que dormem ou essa alma que ora? Certamente que esses amáveis amantes; pois têm mais caridade, e seus efeitos, embora de certo modo dormidos, estão de tal modo entregues e apegados ao seu Dono, que são inseparáveis... Essa alma supera no *exercício* da união, e aqueles na *própria união*; estão unidos e não se unem, posto que dormem, e ela se une com esse exercício ou prática atual da união".

Ora, sabemos certamente – pois está definido como verdade de fé – que todos os justos depois da morte e acabadas suas purgações, confortados com a *lumen gloriae*, vêem a Deus face a face; isto é, que, intuitivamente e sem nenhum obstáculo nem intermédio, contemplam a própria *Essência divina*. A existência dessa *lumen* foi declarada no Concílio de Viena contra os begardos[204]. Mas em que consiste essa misteriosa *luz* e como se realiza nela a *visão*, ainda o discutem os teólogos.

No entanto, concordam em que não se vê a Deus mediante nenhuma *espécie* – imagem ou representação – *criada*, que como objetivamente lhe ofereça à inteligência; porque essa imagem se distinguiria sempre infinitamente da realidade; e assim, como adverte Santo Tomás[205], "dizer que se vê a Deus por uma *representação*, é dizer que não se vê a própria Essência divina". Para vê-la, pois, realmente – já que a inteligência não pode conhecer sem uma idéia representativa –, é preciso que a própria Divindade se una a ela tão intimamente que lhe sirva como de *idéia*. E assim se diz que a própria Essência divina faz as vezes de *forma inteligível*[206]. Por outra parte, para que nossa inteligência possa receber essa *idéia* divina, é preciso que sua capacidade se amplie como até ao infinito; de outro modo lhe seria desproporcional, e segundo o princípio: *Quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur*, viria a ficar a realidade divina desfigurada e rebaixada ao nível de nossa capacidade. "Impossível é, diz o mesmo santo Doutor[207], que um ser se eleve a operações que excedam as suas se previamente não recebe um aumento *proporcional* de virtualidade e de energias. E como nenhuma inteligência criada é de per si capaz de ver a Deus em Si mesmo, para o poder ver necessita de um complemento muito superior". E qual poderá ser esse, senão a própria virtude intelectual divina?... Qualquer outra, por alta e nobre que fosse, não seria "muito superior à toda virtualidade criada", e nos deixaria na mesma *desproporção*. Assim, pois, para a visão beatífica é

---

204 Prop. 5.

205 1ª p., q. 12, a. 1.

206 *Qq. disp. de Verit.* q. 8, a. 1; *Suppl.* q. 92, a. 1 ad 8.

207 *Contra Gent.* l. 3, c. 53.

preciso, como diz Terrien[208], "que a inteligência criada seja feita à imagem da incriada, por uma assimilação que exceda a qualquer outra luz intelectual". E uma assimilação tão perfeita que resulte adequada à visão do próprio Deus, ninguém a pode fazer senão a infinita virtude do seu Espírito que nos anima, deificando a alma com todas as suas potências. Recebemo-no precisamente *para conhecer os dons que Deus nos faz* (I Cor 2, 12); e com seu dom de inteligência conforta a nossa de tal modo, que a faz *penetrar no mais profundo de Deus* (I Cor 10). Eis aqui, pois, a soberana virtualidade que, *pondo ascensões em nosso coração*, subjetivamente *nos eleva de virtude em virtude, até poder ver a Deus* em Si mesmo (Sl 83, 6-8)[209].

E objetivamente, qual pode ser a *Idéia* divina, fiel expressão da divina Essência, senão o próprio Verbo de Deus?... O que é o Verbo, senão a perfeitíssima e adequada *Imagem*, a *Idéia* eterna, a *Palavra* viva, a própria *Face* de Deus e sua manifestação substancial? Ele é eterno *esplendor da glória do Pai e figura de sua substância*. Luz da Luz, verdadeira *Luz da Glória*, que desejam os anjos olhar, e é a única *Luz* da cidade de Deus, onde nenhuma outra faz falta.

Assim, pois, o próprio Verbo, a cuja imagem se configuram as almas, unido imediatamente às inteligências é a eterna *Luz* que objetivamente as ilumina, o verdadeiro *Lumen Gloriae* em que vêem a *Face de Deus*: Ele é a *Idéia* absoluta e adequada em que fielmente e sem nenhum intermédio vêem a própria *Essência divina*. Mas para poder vê-la assim, e receber tal imagem, é preciso, repetimos, que a nossa própria inteligência seja subjetivamente

---

208 2, p. 164.

209 Muito conforme com isso, Santo Tomás (3 *Sent.* d. 23, q. 1, a. 3 ad 6) diz: "*Visio* quae fidei succedit ad *intellectus donum perfectum* pertinet". "*Intellectus*, acrescenta (*ib.* d. 34, q. 1, a. 4), cuius est spiritualia apprehendere, in patria *ad divinam Essentiam pertinget eam intuendo*". E em outro lugar (2-2, q. 8, a. 7): "Duplex est visio: Una quidem perfecta, per quam videtur Dei Essentia. Alia vero imperfecta... Et *utraque Dei visio pertinet ad donum intellectus* consummatum secundum quod erit in patria, secunda vero ad donum intellectus inchoatum, secundum quod habetur in via". "Donum intellectus, reconhece por sua vez João de Santo Tomás (*In 1-2*, q. 68, disp. 18, a. 4, n. 2), datur ad cognoscenda et penetranda spiritualia ex instinctu Spiritus Sancti per experimentalem cognitionem ipsius Dei, et mysteriorum eius. Sed *summa experientia* et clarissima est *ipsa visio Dei*".

confortada, e aprimorada sua capacidade; e para percebê-la como é e apreciá-la devidamente, nossa própria alma, com todas as suas faculdades, tem que ser já *deiforme*[210]. E isso não o pode ser por nenhuma virtude criada, que estaria na mesma condição ou incapacidade que ela, senão só pela divina, isto é, pela do amoroso Espírito que *interiormente* nos conforta e supre nossa fraqueza. Deificados pela *animação* do divino Paráclito, podemos fixar nossa vista no Verbo da sabedoria divina que se une intimamente às inteligências puras e santas; e assim no Verbo de Deus, elas vêem a própria divina Essência, e vêem as eternas razões de todas as coisas. Vendo o divino Verbo, vêem a própria *Face* de Deus e, como num espelho infinito e sem mancha, vêem refletidas todas as coisas muito melhor que se as olhassem em si mesmas. Assim, na eterna Luz de Deus, vêem o Deus eterno: *In Lumine tuo videbimus Lumen*; e tudo vêem no Verbo; *Omnia in Verbo vident*[211]. Quando estiverem, pois, já perfeitamente *limpos* nossos corações, pela virtude do Espírito de renovação e de inteligência que os purifica, ilumina e vivifica, alcançaremos ver a Deus *face a face*. Veremos a Ele tal como é, porque já seremos totalmente semelhantes a Ele, e porque tão unidos a Ele estaremos, que chegaremos a ser uma mesma coisa – *um mesmo Espírito* – com Ele. "Quando aparecer,

---

210 "O meio proporcionado para a visão e posse da Essência divina, diz o Pe. Monsabré (conf. 18-1875), não pode ser outro que a própria Essência divina... Se estamos chamados a ver e possuir a Deus e ser felizes n'Ele e por Ele, não podemos consegui-lo senão por uma transformação de nossa natureza, participando da natureza e da vida de Deus... Para ser divinamente felizes, não basta um auxílio passageiro, é necessário um *estado divino* que possa produzir uma *operação divina*... É preciso que participemos dessa divina virtude pela qual Deus se possui imediata e naturalmente a Si mesmo, e mediante a qual se eleva a criatura, em certo modo, até o Ser divino, e se faz em mais ou menos alto grau participante da natureza divina (S. Th., 1-2, q. 112, a. 1). É preciso que *levemos em nós a vida de Deus, como princípio de um novo ser*, e que essa vida seja em nosso ser a raiz de todas as nossas operações sobrenaturais, como a natureza o é de todas as naturais".

211 "Vós sois, exclama Santo Agostinho (*Solil.* c. 36), aquela luz em que veremos a luz: isto é, veremos a Vós em Vós mesmo com o resplendor de vossa face... Conhecer vossa Trindade é Vos ver face a face. Conhecer a potência do Pai, a sabedoria do Filho, a clemência do Espírito Santo e a única e indivisível Essência da própria Trindade é ver a face do Deus vivo".

pois, o que já somos, seremos totalmente semelhantes a Deus, nosso Pai; posto que o veremos como *é*" (I Jo 3, 2)[212].

Tal parece ser o verdadeiro sentir dos Santos Padres, os quais, como notava Petau[213], nunca falaram de nenhum tipo de *luz criada* para explicar a visão beatífica[214], e toda sua doutrina, segundo Thomassin[215], resume-se nestas duas afirmações: a idéia inteligível em que a alma vê a Deus é o próprio Verbo; daí a expressão corrente: *Ver a Deus no Verbo*. E a virtude interior com que podem ver é a do Espírito Santo, unido intimamente à inteligência, vivificando-a e confortando-a. "Assim, acrescenta, é como por Deus vêem a Deus, posto que o Espírito Santo é a potência com que se vê a Ele, e o Filho a espécie em que se vê a Ele".

Deste modo se cumpre fielmente que ninguém se une ao Pai, senão pelo Filho, que é *caminho, verdade e vida* (Jo 14, 6), nem alcança *conhecê-lo* senão aquele a quem o próprio Filho se digne manifestá-lo (Mt 10, 27). E o manifestará, mani*festando-se a Si mesmo* a todos que o amam, pois *quem a Ele vê, vê a seu Pai* (Jo 14, 9. 21). Assim, configurados e unidos com o Verbo de Deus pela virtude de seu Espírito, dar-lhes-á Ele a mesma *claridade* e a mesma *dileção* que recebe eternamente do Pai, para que sejam consumados na unidade como as divinas Pessoas (Jo 17, 21-26); posto que, unidos assim a Deus, chegam a ter o mesmo Espírito que Ele, e Deus será tudo

---

212 "Sabemos que *seremos semelhantes a Ele, porque o veremos como é*. De onde tudo o que ela (a alma) é, será semelhante a Deus: pelo qual se chamará e será *Deus por participação*" (São João da Cruz, *Noche* 2, 20). – "Cheios de Deus, dizia Santo Agostinho, verão divinamente": *Divine videbunt, quando Deo pleni erunt* (*Sermo.* 243 *in d. Paschal.* 14, n. 5).

213 *Theol. dogm.* t. 1, de Deo, l. 7, c. 8, n. 3.

214 "Cum intellectus creatus videt Deum per essentiam, ipsa essentia Dei fit forma intelligibilis: unde oportet... quod ex divina gratia superaccrescat ei virtus intelligendi. Et hoc augmentum virtutis intellectivae *illuminationem* intellectus vocamus... Et illud est lumen de quo dicitur Apoc. 21, quod *claritas Dei illuminabit eam*, sc. societatem beatorum Deum videntium. Et secundum hoc lumen efficiuntur *deiformes*, id est Deo similes" (S. Th., 1ª p., q. 12, a. 5). – "Sic anima *intellectu transcenso*, diz Blósio (*Inst. spir.* c. 12, 4), revolat in *ideam suam*, et principium suum Deum, ibique efficitur *lumen in lumine*... Nam quando lux increata exoritur, lux creata evanescit. Ergo lux animae creata *in aeternitatis lucem commutatur*".

215 *De Deo* l. 6, c. 16.

em todos. "Então, quando a obra de nossa edificação estiver já completa e acabada, observa o Pe. Froget[216], seremos perfeitamente semelhantes a Deus, e completamente divinos, estando totalmente penetrados de Deus e embebidos n'Ele... *Veremos* o que acreditávamos, possuiremos o esperado e o buscado, e saborearemos plena, segura e eternamente do Sumo Bem".

Assim, Deus mesmo, por sua própria Essência, estará no mais interior de nossa mente, concorrendo de um modo inefável – que em vão tentaríamos explicar – à produção desse ato por excelência *vital*, intenso e íntimo em sumo grau – qual é o da *visão beatífica* –, sendo ao mesmo tempo princípio – ou *coprincípio* – e *termo imediato* dessa nossa ação. Poderia se conceber uma presença mais íntima e mais real que essa de Deus em nosso entendimento? Com quanta razão poderemos dizer que o tocamos, estreitamo-lo e o abraçamos docemente em sua própria Essência e nos compenetramos com Ele por esse ato venturoso da visão beatífica?...

Ainda é maior, se cabe, a união produzida pelo amor. Pois esse não só corresponde plenamente ao conhecimento, mas por si mesmo é *mais unitivo* que ele[217]. E assim a alma abrasada no fogo do amor divino se compenetra completamente, inunda-se, abisma-se e se perde docemente no mar imenso da Divindade; e posto que o amor gozoso do céu implica a absoluta carência de todo mal e a plena e inamissível posse do Sumo Bem, amado com toda a alma, por isso ali se canta já sem o menor sobressalto: *Inveni quem diligit anima mea. Tenui Eum, nec dimittam...* (Cant. 3, 4).

"Ali, observa nosso sábio e amável irmão e bom amigo o Pe. Gardeil[218], Deus é tudo em todos: não certamente o Deus dos filósofos, Causa primeira, Ser perfeito, mas Deus tal como é em Si mesmo; tal como a Si mesmo se conhece e ama. Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. O bem-aventurado assiste o maravilhoso espetáculo da eterna geração do Verbo – que procede do seio do Pai – e o da Procissão do Espírito Santo,

---

216 P. 150.

217 S. Th., 1-2, q. 28, a. 1 ad 3.

218 *Les dons du Saint Sprit dans les Saints dominiq.* p. 41-43.

amor comum do Pai e do Filho... Vê a íntima essência da Divindade, e vê em sua primeira origem concentradas e em sua plenitude todas essas perfeições que tanto nos encantam – embora dispersas e atenuadas – nas criaturas... À vista desse espetáculo, abrem-se-lhe de par em par os olhos e o coração, e neles penetra sem dificuldade o Infinito. Assim penetra Deus no íntimo do bem-aventurado, e nele habita e permanece... Tal é a vida sobrenatural em sua plenitude".

§ II. – IDENTIDADE ESSENCIAL DA VIDA GLORIOSA E A DA GRAÇA. – A UNIÃO DE CARIDADE E A DE FÉ E ESPERANÇA VIVAS E COMPLETADAS COM OS DONS. – A GLÓRIA PRESENTE DOS FILHOS DE DEUS: A IMANÊNCIA DE TODA A TRINDADE E A ÍNTIMA AMIZADE E FAMILIARIDADE COM AS DIVINAS PESSOAS. – O CONHECIMENTO EXPERIMENTAL DE DEUS E AS DOÇURAS DO TRATO DIVINO.

O que se diz dessa íntima comunicação de Deus na glória, pode se aplicar, em menor grau, à da graça; pois essa é como o gérmen daquela, e para se mostrar em sua plenitude não necessita de nenhuma mudança essencial, mas só acabar de desdobrar sua virtualidade latente e de manifestar às claras aquilo que já é. A vida sobrenatural, em seu íntimo fundo, é idêntica neste desterro e na pátria. A união substancial de Deus, comunicado pela graça à essência da alma, seguirá sendo eternamente a mesma que ao terminar a vida; pois desde então já não pode aumentar. A da caridade também é idêntica, pois essa virtude não se dissipa como a fé e a esperança, mas persevera como eterno laço de união, sem diminuir nem tampouco aumentar depois da morte.

Assim é como pode haver na terra almas em maior grau de graça e de caridade, e, portanto, de união íntima com Deus, que muitas das que já estão em sua glória. Essa se reduz a manifestar o que já éramos, e gozar plenamente e sem obstáculo do Bem possuído. Só é menor a união de conhecimento, e, portanto, o gozo conseqüente a ela. Pois a fé, junto com a esperança, embora vá dirigida ao mesmo Deus em sua realidade, mostra-o a nós como de longe e entre névoas e enigmas. Mas ainda assim, comple-

tada com o dom da *inteligência*, *penetra* já desde aqui nas profundezas de Deus, desvanecendo em parte as nebulosidades; e com o da *sabedoria* e as diversas formas do *sensus Christi* – que são como expansões desse dom precioso – podemos de certo modo *sentir, tocar, ver e experimentar* a Deus em Si mesmo[219]. Com o desenvolvimento da vida cristã, o conhecimento da fé tende como por si mesmo a se completar com o desses e outros dons e sentidos espirituais.

Atenuemos, pois, o colorido do misterioso quadro da glória, e teremos o da vida dos filhos de Deus na terra. Pois, como acrescenta o Pe. Gardeil (p. 43-47), "o que é a vida eterna na ordem das coisas perfeitas e acabadas, é a presente vida sobrenatural na das que não chegaram ainda ao seu total desenvolvimento, por mais que a ele tendam eficazmente. Uma mesma realidade constitui o fundo da vida sobrenatural no céu e na terra, embora ali a possuamos ao descoberto e inamissivelmente, e aqui de uma maneira velada e com o triste poder de a perder. Mas em ambos os casos – independentemente da diferença que há entre a fé e a visão – essa posse é igualmente real. Porque tão realmente Deus mora em nossos corações como no de um bem-aventurado; já que na realidade amamos a Deus, e o amor que lhe temos agora não mudará quando entrarmos no Céu. A caridade não morre, diz São Paulo. Assim, pois, o justo, o santo da terra, exerce já desde agora com respeito a Deus a mesma ação vitoriosa, pela qual no céu há de possuí-lo. Deus mora já em seu coração, e esse é um verdadeiro céu, embora invisível a todos os olhares, sem excetuar o seu" – até que o Espírito de revelação abra um pouco os véus do arcano. "Tal é, na sua profunda realidade, a vida sobrenatural na terra... Deus faz participantes os santos do amor com que se ama a Si mesmo. O ato divino e o do bem-aventurado chegam a se identificar tanto quanto possível; como o Pai e o Filho se amam pelo Espírito Santo, o bem-aventurado ama a Deus *pelo Espírito Santo*. E como o amor dos bem-aventurados a Deus se mostra já em nós em estado de tendência eficaz, é necessário que Deus se baixe também até nossa pequenez para nos fazer participantes do ato com que a Si

219 Cf. João de Santo Tomás, *In* 1-2, q. 68, disp. 18, a. 2.

mesmo se ama, e elevar nosso pobre amor à altura de seu coração infinito; é preciso que o Espírito Santo, amor consubstancial do Pai e do Filho, esteja de certo modo no mais íntimo de nosso amor. Porque, para dizer de novo, amamos realmente a Deus, e só podemos amá-lo assim *pelo Espírito Santo*. Daí que esse divino Hóspede *habite em nós de um modo particular*. Se toda a Santíssima Trindade mora em nossas almas como *objeto* a que eficazmente se dirigem nossa fé e nosso amor, o Espírito Santo *acrescenta a este tipo de inhabitação*, por si mesma tão íntima, *outra especial maneira*; posto que reside no fundo de nosso coração sobrenaturalizado, como *princípio do movimento* com que esse tende para a Santíssima Trindade; é, por assim dizer, o *coração de nosso coração*. E assim como esse se manifesta no homem por uma inclinação que o arrasta, por certa força que o orienta e energicamente o atrai ao seu centro, que é o bem, da mesma forma o Espírito Santo, *força imanente de nossa caridade*, orienta-nos, atrai-nos e nos arrasta para a Trindade Beatíssima, centro comum das aspirações dos bem-aventurados do céu e dos justos da terra. Com a expansão dessa força oculta em nossos corações se relacionam os dons do Espírito Santo, pelos quais exerce Ele de maneira mais divina sua atividade nas almas justas".

Assim, pois, a caridade e a fé viva – por ela informada e acompanhada dos dons do Espírito Santo – adentram a substancial e amorosa presença da Trindade em nossas almas como nas do céu. A caridade, com efeito, é um amor de *amizade* íntima entre Deus e os homens; e esse amor exige contínuo trato, comunicação afetuosa e desinteressada de pura e fiel *benevolência*. Assim nos trata Deus nosso Senhor, cujo amar é fazer bem. Ama-nos não por interesse, mas por pura bondade e liberalidade para nos encher de suas inesgotáveis riquezas[220]. Se nos pede o nosso amor e todo nosso coração (Prov. 23, 26), é para que não sejamos desgraçados, mas achemos nele nosso descanso e bem-aventurança[221]; e se tem em nós suas delícias (Prov. 8, 31), é

220 Cf. S. Th., 1ª p., q. 44, a. 4 ad 1.

221 "Ó, quem poderia descansar em Vós!, exclama Santo Agostinho (Conf. 1, 5). Quando terei a alegria de que venhais ao meu coração e o possuais inteiramente e o embragueis de vosso Espírito para que esqueça eu de todos os meus males e me abrace e una estreitamente conVosco, que sois

porque já nos vê participando de sua própria bondade. Pois como "a amizade supõe semelhança ou a cria", Deus, que tudo pode, quer nos assemelhar a Si mesmo, comunicando-nos sua vida íntima – seu Espírito de Amor – de modo que possamos nos tornar participantes de sua própria Divindade[222]. Assim é como estabelece conosco uma amizade tão estreita e cordial como a do Pai, Esposo e Irmão, e tão firme, que por parte d'Ele jamais se romperia se nós, desgraçadamente, não pudéssemos rompê-la pecando. E como a verdadeira amizade tende à presença e comunicação mais íntimas que cabem, a de Deus – que tão incomparavelmente excede às humanas – contém essa inefável comunicação do Espírito de Amor, que é quem derrama em nós a caridade divina para que possamos amar a Deus com o mesmo amor com que Ele nos ama e com que se amam as três adoráveis Pessoas[223].

---

meu único Bem? Quem sou eu para Vós, que me mandais que Vos ame, e se não o executo vos irritais comigo e me ameaçais com a maior infelicidade? Acaso é pequena a mesma de deixar de vos amar?... Pois dizei à minha alma: *Eu sou a tua salvação*. E dizei-o de modo que ouça bem... Que ao ouvir esta voz corra eu seguindo-a e me abrace conVosco".

222 "O Amor, não nos encontrando iguais, nos iguala; e não nos encontrando unidos, nos une" (São Francisco de Sales, *Amor de Dios* l. 3, c. 13).

223 "O Espírito Santo, diz o Beato Suso (*Unión* c. 5), é o amor espiritual que reside na vontade como um laço e uma *força divina* que atrai e arrasta: é a caridade de Deus... N'Ele são transformados os que amam a Deus e são atraídos para a luz de uma maneira tão íntima, que não pode se saber nem entender senão experimentando-a. Vinde, pois, a este Deus trino e uno...; mas vinde sem mancha, sem interesse, com um amor puríssimo. Pois para os pecadores é um Deus terrível; para os que lhe servem pela esperança da recompensa é um Deus liberal, porém onipotente e majestoso; mas para os que desterram o temor servil e o amam com puro amor, é um amigo terno e complacente, um irmão, um esposo. Para vos unirdes com Ele, tendes que preparar vosso espírito e vosso corpo, renunciando à carne e à sensualidade, sujeitando os sentidos, atraindo-os completamente às coisas do espírito e perseverando no recolhimento e na oração; tal é o meio de chegar ao Espírito superior, que é Deus, e vos unirdes a Ele. Então, *sentireis* que esse divino Espírito vos *inspira*, chama, *convida, atrai*, e *iluminar-vos*-á com a sua incompreensibilidade. Quando verdes que não o podeis perceber, despojai-vos de vós mesmos...; resignai-vos e abandonai-vos de todo coração em Deus e em sua virtude... para vos lançar n'Ele com amorosa confiança e ficar n'Ele sepultados, esquecendo-vos e perdendo-vos por completo, não enquanto à essência de vosso espírito, mas enquanto à sensualidade e à propriedade de vosso corpo e vossa alma. E quando assim fordes elevados, abismados na imensidade da Essência divina, ficareis *unidos e transformados* num só Espírito com Deus".

Por isso, a Escritura tantas vezes repete (Jo 14, 23; 1 Jo 3, 2-4; 4, 12-16, etc.) que se amamos a Deus, Ele estará em nós, e nós n'Ele, entrando assim em sociedade amistosa com a soberana Tríade. E como Deus pode tirar todos os obstáculos que impedem a união a que essa amizade tende, segue-se que, da sua parte, tratará de estreitar a comunicação e presença de inhabitação tanto quanto possível. Assim, a caridade, como diz o Angélico Mestre[224], supõe em nós a posse de Deus já presente; pois é uma comunicação tão íntima, que faz que Ele esteja em nós e nós n'Ele. Por ela, está em nós como alma de nossa vida sobrenatural, e como princípio e termo imediato desse ato vital por excelência, que não cessa nem com a própria morte, e que permanecerá idêntico por toda a eternidade.

Também o possuímos de algum modo já como presente pelo próprio conhecimento que d'Ele nos permitem ter a fé viva e os dons intelectuais. Mas se, como diz Santo Agostinho, *hoc est Deum habere, quod nosse*, esse conhecimento não há de ser como se quer, mas *vital* e como que *experimental.* Não basta um simples conhecimento especulativo, frio e abstrato, que pare numa idéia estéril; se requer um tão vivo e palpitante, que toque na própria realidade. Assim, Deus habita nas crianças cristãs e não nos grandes filósofos pagãos, e mora com grande complacência em humildes mocinhas pouco conhecidas, e não em famosos teólogos envaidecidos com sua aparatosa dialética e sua inchada ciência. Se não vivem em Deus e de Deus, *não o conhecem* como é em Si (I Jo 2, 4; 4, 9), nem sabem tratá-lo amigavelmente, nem estar em boas relações com Ele[225]. Pois se não o estreitam em seus corações pela caridade, não o podem *possuir* em verdade, por mais conhecimentos teológicos que tenham. Daí que para que Deus more em nós e o possuamos realmente, não bastam os atos de uma fé morta, embora partam de um fluxo semivital do Espírito Santo e se ordenem para Deus[226]; é preciso antes de tudo *viver* d'Ele pela graça, possui-lo como princípio in-

---

224 *Contra Gentes* l. 4, c. 21. *Amor charitatis est de eo quod iam habetur* (1-2, q. 66, a. 6).

225 "Aquele que quiser ter conhecimento de Deus, ame, e o conhecerá. Em vão se põe a ler, a meditar, a pregar ou a orar aquele que não ama a Deus" (Santo Agostinho, *Manual* c. 20).

226 Por esta fé, a luz do Verbo "reluz nas trevas, sem que essas a *compreendam*" (Jo 1, 5).

terno, imanente, de ação e de *vida*; e então com esses mesmos atos se farão mais íntimas e completas a inhabitação e a posse: "*Est praesens se amantibus*, diz Santo Tomás[227], *per gratiae inhabitationem*".

O ato de uma fé viva e ardente faz *sentir* de algum modo a presença amorosa e adorável da suma Verdade que já se possui. E à medida que, com esses atos de viva fé e amorosa presença de Deus, desenvolve-se ou se manifesta o dom da sabedoria, começa-se a "*saborear e ver* quão suave é o Senhor" e quão doce é sua conversação e seu trato íntimo, que não tem porque nos causar desgosto nem amargura, senão gozo e alegria: *Non habet amaritudinem conversatio Illius, nec taedium convictus Illius: sed laetitiam et gaudium* (Sab 8, 16).

§ III. – CONTINUAÇÃO. – A VIDA SOBRENATURAL COMO VIDA DIVINA E REINO DE DEUS NA TERRA. – ESSÊNCIA, FUNÇÕES E MANIFESTAÇÕES PROGRESSIVAS. – AS ÂNSIAS PELA DISSOLUÇÃO E UNIÃO COM DEUS.

Agora compreenderemos como a vida sobrenatural é *vida eterna e vida divina*, e porque se chama também *Reino dos céus e Reino de Deus* na terra. "Vida e Reino, diz muito bem o Pe. Hugueny – num notável artigo[228] cujas idéias mais importantes convém consignar –, têm uma fase de desenvolvimento que começa aqui no tempo para ter sua plena expansão no dia do advento glorioso de Cristo e da renovação do mundo". Assim se conclui daquelas palavras: *Chegou a vós o Reino de Deus. – Está já entre vós ou dentro de vós. – Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado*[229].

O homem inteiro participa dessa vida, embora a receba na alma; pois com ela entra em união tão íntima com Deus, que a vida d'Ele chega a se

227 2-2, q. 28, a. 1 ad 1.

228 *A quel bonheur sommes nous destinés*, na "Rev. Thom.", janeiro de 1905.

229 Mt 12, 28; 25, 34; Lc 17, 20.

fazer sua[230], e assim é como aos ressuscitados se lhes atribuem os tronos, o reinado, o julgar..., que são coisas próprias de Deus. As imagens do Apocalipse: o fruto da árvore da vida, o maná escondido, o nome novo, conhecido só por aquele que o recebe, que é o nome do próprio Deus, etc., "nos pintam o inefável característico da *Vida Eterna*, que é ser *a própria vida de Deus*". Se o homem entra tão plenamente a participar dos atributos divinos, é porque se faz realmente filho de Deus; e as prerrogativas que antes de tudo se reivindica o Filho, antes que os tronos, etc., é o conhecimento e amor do Pai. Assim a "*filiação divina*, a *visão* e o *amor* de Deus *constituem a essência e as operações da Vida Eterna*".

São Paulo nos faz ver o laço íntimo e natural que existe entre essa vida e a do cristão. A vida que ele terá quando à vista de todo o mundo receber a coroa de justiça, não será verdadeiramente nova; é a simples manifestação, a livre e gloriosa expansão da vida divina que aqui misteriosamente age na alma do justo. A vida nova que o fiel recebeu no dia em que, depois de ter sido crucificado e sepultado com Cristo no batismo, saiu ressuscitado das águas batismas, é a vida de Cristo ressuscitado, uma vida completamente animada pelo Espírito de Deus, que é também o Espírito de Cristo. Mas por ativa que desde um princípio seja, essa vida não recebe desde logo seu completo e manifesto desenvolvimento. "Tirou à vida natural – vida do pecado, da carne, do homem velho – a direção da atividade do fiel, e neste sentido a *matou*, posto que uma vida que perdeu o poder de dirigir sua atividade, não é já verdadeiramente uma vida, deixando de ser primeiro princípio do movimento"[231]. Mas o organismo que essa nova vida preside

---

230 "Gratia habitualis, diz Santo Tomás (3ª p., q. 2, a. 10 ad 2), est solum in anima; sed gratia, id est, gratuitum Dei donum, quod est *uniri divinae personae*, pertinet ad totam naturam humanam, quae componitur ex anima et corpore. Et per hunc modum dicitur plenitudo divinitatis in Christo *corporaliter* habitare".

231 "Na realidade, diz Bacuez (*Manuel Biblique* t. 4, 8ª ed., p. 388, n. 733), a vida natural não fica afogada no batismo, mas a cristã deve predominar de tal modo, que pareça existir só ela". – "Assim como as estrelas, sem perder sua luz, deixam de luzir na presença do sol, assim também, observa São Francisco de Sales (*Amor de Deus* 6, 12), a alma santa, sem perder sua vida pela união com Deus, deixa de viver, por assim dizer, e Deus é quem vive nela".

está ainda impregnado das terrenas influências de seu princípio carnal, e permanece submetido às limitações e impotências do mundo de corrupção (Rom 6, 3-20; 8, 9-18; Gal 2, 20; 4, 1-17). Nestas condições, a vida divina do fiel segue encerrada e velada, assim como está oculta a vida do próprio Cristo, trabalhando misteriosamente na realização de seu reino neste mundo, sem manifestar nada da glória e esplendor que lhe pertencem: *Estais mortos, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus.* Mas virá o dia da grande manifestação do Filho do homem, e então a vida de seus fiéis receberá todo seu desenvolvimento e esplendor: *Mas quando se manifestar Cristo, vossa vida, então também vós aparecereis com Ele na glória* (Col 3, 3).

Assim, pois, como nos ensina São João (5, 24-29; 1 Jo 5, 11-13), a vida eterna, o mesmo que o reino, começa neste mundo[232]: passamos da morte para a vida por uma ressureição espiritual, da que será conseqüência e manifestação, no fim dos tempos, a própria ressurreição corporal. Entretanto, embora privada das prerrogativas gloriosas, a vida cristã é já *vida eterna*, pois "está constituída pelo elemento *essencial*, que é a *filiação divina*, da qual será uma simples revelação a glória futura". Por isso, agora *toda a criação espera com ansiedade a gloriosa revelação dos filhos de Deus* (Rom 8, 19).

Essa filiação divina não é, pois, um simples afeto de amorosa confiança, da criatura ao Criador, nem mesmo a mera comunicação de um dom superior à condição natural e a todas as forças criadas: é "uma comunicação da própria vida de Deus *sob a ação imediata do próprio Espírito,* que é a vida de Deus e a vida de Cristo (Rom 8, 14-16). A vida recebida nessa filiação é uma participação tão íntima da vida divina, que sua produção não se chama já criação, mas *geração* (Jo 1, 13; 3, 3-8; 1 Jo 2, 29; 3, 9; 4, 7; 5, 4; 1 Pd 1, 3-4; 2, 2; Tg 1, 18). São Paulo afirma que essa filiação é tão íntima,

232 São João, reconhece o próprio Loisy, apesar de seus erros (*L'Evang.* p. 190), "associa a idéia da vida de Deus com a da vida no reino; e concebe assim a vida eterna como futura e já presente. Essa vida é uma *deificação* do homem... realizada pela comunicação parcial do próprio Espírito divino que se faz aos fiéis, unidos a Deus em Cristo como o próprio Cristo está ao Pai".

que nos dá sobre os bens de Deus os mesmos direitos do Filho eterno: *Se filhos, também herdeiros, co-herdeiros de Cristo* (Rom 8, 17). Agora, entre os bens reservados aos herdeiros de Deus, os mais característicos, os que são tão exclusivos do Filho que só se comunicam aos que Ele quer fazer participantes de seus privilégios, são um *conhecimento* e um *amor* de Deus, como o que tem o Pai ao Filho: *Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quer revelar* (Mt 11, 27). Esse conhecimento é operação característica da *Vida Eterna*, assim como a *filiação divina é seu constitutivo*". *A vida eterna é para conhecer-Te, único Deus verdadeiro* (Jo 17, 3). Esse conhecimento de Deus, próprio do filho que está já em pleno exercício de seus direitos e em plena posse de sua herança, é a visão intuitiva do próprio Deus, que teremos quando se manifestar o que somos, e sejamos semelhantes a Ele, vendo-o tal como é e conhecendo-o como Ele nos conhece (I Jo 3, 1-3; I Cor 13, 10-12). Agora o conhecemos, amando-o: *Quem não ama a Deus, não o conhece, porque Deus é amor. Mas quem o ama, nasceu d'Ele e o conhece* (I Jo 4, 7-8).

"O amor do Pai nos põe desde agora em posse da vida e da dignidade de filhos de Deus; mas essa vida não aparece ainda aos olhos do mundo: no dia da grande revelação se acentuará de tal maneira essa semelhança, que redundará ao próprio corpo uma vida e uma glória tais que a tornarão manifesta. Este brilho exterior não é o elemento essencial de nossa semelhança com Deus, pois ela exige uma atividade mais elevada, uma operação impossível a quem não entra em comunicação transcendente com o Ser divino. Nós o *veremos tal como é*; e para isso é preciso que *sejamos semelhantes a Ele*, participando de sua própria natureza. Por isso, os únicos que podem conhecê-lo, isto é, seus filhos, não podem menos que ser amor como Ele. É impossível que sigam sendo seus filhos e não o amem com amor filial, e não tenham por alimento o cumprir a vontade do Pai (Jo 4, 32-34), e não busquem se purificar, assim como Ele é puro, e não se sacrifiquem pela salvação de seus irmãos, com um amor como o que Deus teve por nós dando-nos seu Filho (Jo 3, 3; 4, 9-11). Esse amor é uma operação característica da vida eterna, assim como o conhecimento filial, seja *fé ou visão*. Enquanto o cristão não

renunciar a essa vida, não há nada que possa separá-lo da caridade de Deus que está em Jesus Cristo (Rom 8, 38)"[233].

A fim de não perder essa vida, mas fomentá-la e desenvolver o *gérmen divino* (Jo 3, 9), "cercamos sempre nosso corpo da mortificação de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal...; sabendo que quem o ressuscitou nos ressuscitará também a nós com Ele. Portanto, não desanimemos, pois embora esse nosso homem exterior se debilite, o interior se renova dia a dia. E a tribulação momentânea e leve produz maravilhosamente em nós uma eterna força de glória. Sabemos, com efeito, que se nossa casa terrena, simples tenda, é destruída, temos no céu uma morada eterna, que é obra de Deus". – Esta firme esperança da ressurreição é que nos consola em nossa dissolução temporal. "Por isso gememos, desejando nos revestir de nosso domicílio celeste, sem nos desnudar – se possível fosse – do terreno. Pois enquanto estamos neste tabernáculo, gememos oprimidos; porque não queremos ser despojados, mas revestidos (*supervestiri*), para que o mortal fique absorto na vida. Quem nos fez para isso foi Deus, que nos deu as arras do Espírito. Por isso, como enquanto estamos no corpo andamos ausentes do Senhor – posto que andamos à luz da fé e não à da visão –, enchemo-nos de confiança e preferimos nos ausentar do corpo e estar presentes ao Senhor (II Cor 4, 10-17; 5, 1-8).

Essa separação do corpo é um mal, mas, contudo, para o Apóstolo, é preferível à privação da visão de seu Senhor por quem tão ardentemente suspira. Essas ânsias vão sendo nele, como em todos os santos, cada vez maiores, à medida que sente melhor que estorvam à sua ardente caridade as travas da carne. Assim é como exclamará depois (Rom 7, 24): "Quem me livrará deste corpo de morte?". Mas também à medida que mais se identifique com Cristo, e mais viva da vida do próprio Cristo, tanto mais se resignará e se conformará com sua santa vontade, embora tenha que seguir ausente d'Ele. Por isso, aos Filipenses (1, 22-25) diz: "Minha vida é Cristo,

---

233 Hugueny, l. c., p. 662-672.

e morrer, meu lucro. Mas se o viver na carne faz que minha obra seja mais frutuosa, então não sei o que escolher. Pois me vejo pressionado por ambas as partes, desejando a dissolução para estar com Cristo, que me seria muito melhor. Mas o permanecer na carne é necessário para vós, e permanecerei para vosso adiantamento"[234].

Assim é como "os homens espirituais – segundo a frase de Santo Irineu – vivem para Deus: pois que têm em Si o Espírito de Deus, que os eleva a uma vida divina".

"Nascer de Deus e fazer-se filhos seus, tal é a origem deste sublime estado: viver uma vida divina em Deus e com Deus, tal é o seu desenvolvimento. Qual será seu termo senão ver a Deus e ficar transformado n'Ele?"[235].

ARTIGO VI

Relações Familiares com as Divinas Pessoas

§ I. – O TRATO ÍNTIMO COM DEUS E PARTICIPAÇÃO DE SUA PRÓPRIA VIDA. – AS OBRAS DA GRAÇA E AS DA NATUREZA: RELAÇÕES SINGULARES QUE AQUELA ESTABELECE. A PROPRIEDADE E A APROPRIAÇÃO NO DIVINO. A OBRA DE CADA PESSOA NA ADOÇÃO E DEIFICAÇÃO: A INHABITAÇÃO DE DEUS E A CONSAGRAÇÃO OU UNÇÃO DE SEU ESPÍRITO. – A PATERNIDADE DIVINA: TÍTULOS E OFÍCIOS DE CADA PESSOA.

234 "A alma pura, diz Santo Agostinho (*Tr.* 9 *in Ep. Ioan.*), deseja a vinda de seu Esposo; e pede seus puríssimos abraços. Não tem já que lutar consigo para dizer: *Venha a nós o vosso reino.* Antes o temor a fazia dizer isso com medo; mas agora diz já com Davi (Sl 6, 4-5): "Até quando, Senhor, atrasareis vossa vinda? Vinde a mim, Senhor, e dai liberdade à minha alma", e geme de ver como se atrasa a realização de seus desejos. Há muitos que morrem com paciência; mas aquele que é perfeito, leva com paciência o viver, comprazendo-se no morrer: *Patienter vivit, et delectabiliter moritur.* Assim o Apóstolo sofria a vida com paciência... Aprendei, pois, irmãos, a desejar este dia venturoso; que até que se comece a desejar, não se mostrará uma caridade perfeita. Uma alma abrasada no fogo do amor divino não poderá menos que suspirar pela posse de seu Deus; e será preciso que Ele mesmo lhe mitigue o ardor desses desejos. Não sou eu quem fala a essa alma: é o próprio Deus quem a consola, enquanto a vê sofrer com paciência o viver".

235 Broglie, *Surnaturel* 1, p. 34.

Posto que pela fé conhecemos a Deus em sua vida íntima, e não já só nos atributos que se refletem nas criaturas, e pelos dons do *entendimento* e da *sabedoria*, podemos *penetrar* nos divinos mistérios e *saboreá-los*, e, enfim, posto que a caridade nos põe em íntima comunicação com as três divinas Pessoas e nos permite conhecê-las e tratá-las como convém, daí que pela graça entramos em relações singularíssimas com cada uma delas, e não só com toda a Trindade ou com a Unidade da natureza divina. Pois mal poderíamos reconhecê-las em particular e nos comunicar com elas sem entrar em relação com os próprios atributos em que se distinguem.

As obras da graça não são como as naturais. Essas, como realizadas *ad extra*, referem-se à absoluta unidade da Onipotência divina; e aí são totalmente comuns às três Pessoas, por mais que às vezes – segundo nosso modo de falar – se *apropriem* a uma delas. Mas as da graça, uma vez que nos fazem *entrar no gozo do Senhor* – na vida íntima e secreta da Divindade e em amistosa e familiar *sociedade com o Pai e com o Filho no Espírito Santo* –, elevam-nos a participar das inefáveis comunicações que se realizam *ad intra* no próprio seio de Deus; e assim umas devem ser totalmente *próprias*, e outras, ao menos, *muito singularmente apropriadas*.

A ordinária *apropriação* consiste em atribuir especialmente a uma Pessoa – por razão da semelhança ou analogia que dizem com seus atributos pessoais – as ações e propriedades que em realidade são comuns a todas as três. Assim atribuímos ao Pai a *eternidade*, a *onipotência* e a *justiça*; ao Filho a *beleza*, a *sabedoria* e a *misericórdia*, e ao Espírito Santo a *caridade*, *bondade*, *paz e felicidade* etc., sendo assim que esses atributos são de certa maneira *comuns* às três Pessoas – e só como *apropriados* a uma delas – por pertencerem à *unidade* da natureza divina enquanto cognoscível para as criaturas, e não ao recôndido mistério das relações pessoais. Enquanto que o tocante a elas só nos é conhecido por revelação, aqueles atributos a simples razão os pode rastrear e reconhecer de algum modo em virtude das obras *ad extra*, comuns às três Pessoas. Mas quando digo: o Pai Eterno – *ex quo omnis paternitas in caelo, et in terra nominatur* – é *Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo* e também *nosso Pai*, que está nos céus, e que o Filho é *Verbo* do Pai, *esplendor eterno* de sua glória e *imagem* de sua substância, *Sabedoria* incriada, *Unigênito* que

está no seio do Pai, e ao mesmo tempo, *Primogênito* de muitos irmãos, e, portanto, *Irmão* nosso; ou bem, que o Espírito Santo é o *Amor* pessoal, a *Caridade subsistente* de Deus, o grande *Dom* do Pai e do Filho etc.; essas denominações são totalmente *próprias* de cada Pessoa, como são os próprios nomes de *Pai, Filho e Espírito Santo*. E o mesmo deve acontecer também com outros títulos intimamente ligados com esses e atribuídos quase constantemente nas Escrituras e na Tradição a uma só Pessoa, por não convir às outras senão de outro modo ou em sentido *menos próprio*. Assim cremos que acontece, por exemplo, ao chamar ao Espírito Santo doce *Hóspede*, íntimo *vivificador*, *santificador*, *diretor* e *inspirador da alma*[236].

Nessas constantes *apropriações*, sem dúvida, deve haver algo especialíssimo, que não saberemos precisar, nem mesmo indicar; algo que, de tão inefável como é, não pode se dizer, e que, no entanto, serve de fundamento a relações singularíssimas, que nos permitem *conhecer* e *tratar* amorosamente a *cada uma* das divinas Pessoas, com que entramos nessa misteriosa sociedade da vida eterna, dessa vida que *estava no Pai, e se manifestou a nós para que tenhamos sociedade com Ele e com seu Unigênito* (I Jo 1, 2-3). Deste modo, os grandes santos – com os iluminados olhos de seu coração abrasado em caridade e com a saborosa experiência que lhes dá o dom da sabedoria – *vêem, sentem e palpam* (I Jo 1, 1): *Quod vidimus oculis nostris, quod perspeximus, et manus nostrae contrectaverunt de Verbo vitae*, embora por ser tão inefável não possam dizer o *como*, que *cada Pessoa* divina *faz* na alma sua *própria obra*,

236 "Quamvis Sanctissimae Trinitatis opera, quae *extrinsice* fiunt, tribus personis communia sint, ex iis tamen *multa Spiritui Sancto propria tribuuntur*, ut intelligamus illa in nos a Dei immensa *charitate* proficisci... Perspici potest eos effectus, qui *proprie ad Spiritum Sanctum referuntur*, a summo erga nos Dei amore oriri" (*Catech. Rom.* p. 1ª, a. 8, n. 8).
"A *santificação*, diz Broglie (*Surnat.* 1, p. 30), é sempre atribuída ao Espírito Santo". "Embora estas efusões, observa Mons. Gay (*Élévat. sur N. S. J. C.* 12), sejam obra e dom de toda a Trindade, no entanto, é fácil ver que cada uma delas toma e *reveste algo do caráter próprio* de uma das três Pessoas, de modo que pode e deve ser-lhe regularmente apropriada. – Assim é como no Símbolo se apropria a criação ao Pai, a redenção ao Filho e a santificação ao Espírito Santo".

influenciando segundo seu pessoal caráter em nossa santificação[237]; de tal modo que, em sua alma já mui deificada, repercute e se vê resplandecer todo o adorável mistério da Trindade Beatíssima[238].

A deificação, com efeito, estabelece entre a alma e Deus uma multidão de relações verdadeiramente *inefáveis,* que os Padres, já que não podem formulá-las adequadamente com nenhuma expressão, buscam explicá-las com muitas e mui variadas, a fim de que entre todas elas nos dêem uma idéia mais aproximada e fiel, e de que nos remontemos sobre todos esses símbolos a ponderar e admirar em silêncio o que não é possível dizer com palavras nem representar com nenhum tipo de imagens. Mas alguns destes termos que nos permitem reconhecer o *caráter* de cada Pessoa, sem dúvida implicam algo *próprio,* embora outros só indiquem certa *apropriação* mais especial que as ordinárias. Pois se as operações *ad extra* da natureza, sendo

---

237 As almas fervorosas que se resignam totalmente nas mãos de Deus, sem mais desejos que os de agradar-lhe, "recebem três insignes favores das três Pessoas divinas: *do Pai,* uma *fortaleza* como invencível na ação, no sofrimento e nas tentações; *do Filho,* os *resplendores* da verdade que incessantemente brilham em suas almas, e *do Espírito Santo,* um *fervor,* uma *doçura* e *consolo* encantadores" (Lallemant, *Doctr. spir.* pr. 2, sec. 2, c. 2).

238 Nestas almas, escreve Tauler (*Inst.* c. 33), Deus Pai aperfeiçoará sem cessar a eterna geração de seu Verbo e fará que inefavelmente dentro de si mesmas a sintam. "Nesta geração, seu espírito experimentará certa mudança, elevação e exaltação de si mesmo na singular presença da quieta eternidade, e um afastamento das criaturas e coisas perecíveis. Começarão a ser-lhe desagradáveis todas as coisas que deste nascimento não procedam; tudo se trocará nele conforme a essa geração eterna, e seu fundo e toda sua multiplicidade se reduzirão à unidade".— Cf. *Ib.* c. 34; Blosio, *Inst. spirit.* append. c. 2; Santa Madalena de Pazzi, 1ª p., c. 28.

"Da geração e filiação de Deus, dizia ao Beato Suso a *Sabedoria Eterna* (c. 32), procede o verdadeiro abandono interior e exterior dos escolhidos. – Sendo filhos de Deus..., participam por graça da natureza e da ação divina; porque o Pai produz sempre um filho semelhante a si na natureza e na ação. – O justo que se entrega a Deus, por essa união com aquele que é eterno, triunfa do tempo e possui uma vida bem-aventurada que o transforma em Deus... Por uma renúncia perfeita, pode a alma chegar a perder-se em Deus com infinita vantagem, a *sepultar-se na divina Essência, onde já não se distingue de Deus, nem conhece por imagens, luz e formas criadas senão por Ele mesmo...* É uma mudança maravilhosa, em que a alma, no abismo da Divindade, transforma-se na unidade de Deus para se perder a si mesma e se confundir com Ele, não quanto à natureza, mas quanto à vida e às faculdades". – A vida da graça, escreve Mons. Gay (*Vida y vir. crist.* t. 1, p. 67), "é a inefável circulação da Divindade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo".

comuns, *apropriam-se* tão somente por alguma remota analogia, as da graça, como *vitais*, participam da vida e comunicações *ad intra*, e como *sociais*, podem ser totalmente *próprias* ou *muito apropriadas* por si mesmas, referindo-se mais diretamente a cada Pessoa em particular, que não à Unidade de Natureza, ou a uma Pessoa mais que as outras[239].

Quais sejam as *próprias* e quais as simplesmente *apropriadas*, não nos atrevemos a dizer com precisão – já que tampouco se atreveram os que melhor o teriam podido fazer –, a não ser que por querer precisar demasiado se incorra num perigoso *intelectualismo*. Nós nos contentaremos, pois, com indicar algumas das principais em que mais insistiram os santos, a fim de que as almas que começam a sentir a realidade destas prodigiosíssimas comunicações, reconheçam e apreciem melhor a verdade, e não se assustem, vendo que para a bondade e sabedoria de Deus é muito possível e muito fácil aquilo que as deixa atônitas, de tão excelente e divino como é, parecendo-lhes excessiva e mesmo impossível uma comu-

---

239 "Oportet quod omne id quod Deus in nobis efficit sit, *sicut a causa efficiente*, simul a Patre et Filio et Spiritu Sancto; *verbum tamen sapientiae, quo Deum cognoscimus* nobis a Deo immissum, est *proprie repraesentativum Filii; et similiter amor, quo Deum diligimus, est proprium repraesentativum Spiritus Sancti*" (S. Tomás, *C. Gent.* 4, c. 21).
"Quando Spiritus Sanctus *datur*, observa o mismo santo Doutor (*In 1 Sent.* d. 14, q. 2, a. 2 ad 3), efficitur in nobis *coniunctio ad Deum secundum modum proprium illius personae*, sc. *per amorem*... Unde cognitio ista est quasi *experimentalis*". "Oportet, acrescenta (1ª p., q. 43, a. 5 ad 2), quod fiat *assimilatio ad divinam personam quae mittitur*, per aliquod gratiae donum. Et quia Spiritus Sanctus est amor, *per donum charitatis anima Spiritui Sancto assimilatur*... Filius autem est verbum, non qualecumque, sed spirans amorem... Non igitur secundum quamlibet *perfectionem intellectus* mittitur Filius, sed *secundum talem... qua prorrumpat in affectum amoris*... Signanter dicit Augustinus, quod *Filius mittitur, cum a quoquam cognoscitur atque precipitur. Perceptio* autem *experimentalem* quamdam notitiam significat: et haec proprie dicitur *sapientia*, quasi *sapida scientia*".
Deste modo, toda a Trindade é *causa eficiente* da encarnação do Verbo: "quia inseparabilia sunt opera Trinitatis *Solus tamen Filius* formam servi accepit in singularitate personae" (*Symb. fidei* Conc. Tolet. II). Assim poderíamos dizer também que toda a Trindade é a *causa eficiente* de nossa justificação; e, no entanto, só o Filho é *causa meritória*, e o Espírito Santo causa *quasi formalis*. E assim é como pode haver pecados que vão diretamente *contra o Pai, contra o Filho ou contra o Espírito Santo*, como são respectivamente os de *fraqueza, ignorância ou malícia*; e esses últimos – enquanto subsiste o espírito oposto ao de Deus – são completamente *imperdoáveis* (Mt 12, 31-32; Lc 12, 10).

nicação que, por outra parte, impõe-se-lhes com a tangível evidência de um *fato*.

O fundamento de todas essas relações é a *filiação adotiva*, que pode se dizer *comum* às três divinas Pessoas, porque todas elas contribuem para essa misteriosa obra, embora *cada qual ao seu modo*. Essa filiação, assim como a deificação conseqüente, não é coisa instantânea e invariável, mas contínua e progressiva. Vamos sendo tanto mais propriamente *filhos de Deus*, quanto mais pareçamos com seu Unigênito, com quem devemos nos configurar[240]. E nessa contínua operação, aparte do que haja de comum enquanto obra *ad extra* – qual é influir sobre uma pura *criatura* para elevá-la à ordem divina –, há no termo dessa elevação algo que é característico de cada Pessoa; já que cada uma delas, segundo a corrente expressão dos místicos, *faz sua obra* em nossa contínua renovação e santificação.

Se o *fazer* ou produzir um *efeito natural* na criatura é *obra comum* de toda a Trindade[241], o "fazer-nos" *filhos de Deus* não é como produzir um efeito assim, senão que é *nos deificar*, comunicando-nos essa íntima participação da própria Divindade, esse *divino ser* pelo qual somos de novo *criados* em Jesus Cristo, *renascendo* não de coisa estranha a Deus, ou seja, de "semente corruptível, mas de uma incorruptível": isto é, de um *gérmen* do Pai Eterno. Esse místico *gérmen* que *permanece em nós, preservando-nos do pecado* (I Jo 3, 9; 5, 18), bem poderemos dizer que é o próprio *Espírito vivificador,* pois se comunica a nós segundo a atrevida e enérgica expressão de Santo Irineu, como *semente viva e vivificadora do Pai*. E a Ele, com efeito, atribui-se essa nova *criação e renovação* (Sl 103, 30).

Recebendo o *ser divino* ao sermos *regenerados* pela água e pelo Espírito Santo e *nascermos* do próprio Deus (Jo 1, 13; 1 Jo 3, 9; 4, 7; 5, 1-18), é como podemos nós, com o poder que nos mereceu e nos concedeu Jesus Cristo, *fazer-nos*, isto é, *chegarmos a ser* verdadeiros *filhos de Deus.* Mas a esse *renascimento* nosso e a essa transformação que experimentamos ao passar

---

240 Cf. S. Agostinho, *De Peccat. mer. et rem.* l. 2, n. 9-10.

241 S. Th., 3ª p., q. 23, a. 2; *In Rom.* 8, lect. 3.

de filhos de Adão à condição de filhos do Altíssimo, não corresponde por parte d'Ele uma *ação* qualquer, mas uma *comunicação* tão íntima e tão *vital*, que é verdadeira participação da *geração eterna*. E isso não é propriamente *fazer ou realizar* uma simples mudança em nós ao modo que *faz ou produz* Deus um efeito nas criaturas, mas é *nos gerar* à imagem de seu Unigênito. Assim, embora o Evangelho diga (Jo 1, 12) que *nos fazemos* filhos de Deus - *Dedit eis potestatem filios Dei* FIERI –, não por isso se lê jamais nele nem em toda a divina Escritura que Deus *nos faz* tais, senão que nos *adota, gera* (Dt 32, 18; Tg 1, 18; I Jo 5, 1) ou *regenera* em Jesus Cristo. E desse modo é como *renascemos de uma incorruptível semente pela palavra de Deus: que nos gerou no Verbo da verdade*. E por isso a filiação adotiva vem a ser uma participação da eterna do Verbo, que é "gerado e não criado". Como gerado *ab aeterno*, é verdadeiramente *Filho* e Modelo de todos os filhos, e como *Primogênito de muitos irmãos* (Rom 8, 29), requer que eles sejam em certo modo, à semelhança sua, também *gerados e não criados*; de outro modo, Ele não seria *Primogênito*. E ao modo como na obra da Encarnação, apesar de terminar-se *ad extra* e de concorrer para ela as três divinas Pessoas, só o Verbo tomou carne humana, e só o Pai é Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, mesmo enquanto homem, assim no de nossa adoção e regeneração, não obstante o que tem de *ad extra*, devemos reconhecer algo que é também *próprio* daquele Eterno Pai *ex quo omnis paternitas in caelo et in terra nominatur*. E de igual modo, na *unção* de Jesus Cristo e na nossa, outra obra *própria* por sua vez do Espírito *consagrador* e santificador (Lc 4, 18; At 10, 38; 2 Cor 1, 21; 1 Jo 2, 20).

O *Filho* por natureza e excelência, que é nosso *Salvador* e Modelo, como verdadeiro *Mediador* entre Deus e os homens, é quem *mereceu* para nós essa comunicação do Espírito Santo, tendo-se feito participante de nossa natureza, para que nós possamos participar da sua e entrar em *sociedade com Ele*[242]; e assim é como nos *dá o poder de nos fazermos filhos de Deus*, renascendo

242 "Se o Verbo se fez carne, e o Filho eterno do Deus vivo veio a ser filho do homem, foi, diz Santo Irineu (*Haer.* l. 3, c. 19, n. 1), para que o homem *entrando em sociedade com o Verbo*, e recebendo

de seu Espírito, à medida que nos renovamos neste Espírito de adoção e santificação, segundo nos despojamos do homem terreno (Jo 1, 12-13; 3, 5-8; Ef 4, 22-24; Col 3, 9-10)[243]. Mas o Pai é quem mais propriamente *nos adota* e nos constitui filhos seus *por* Jesus Cristo; pois Ele é quem "voluntariamente nos *gerou pelo* Verbo da verdade" (Tg 1, 18). Esse ato de gerar é *próprio* da Pessoa do Pai[244], e também deve ser dele o correspondente de *adotar* pelo Filho, "*per quem* multos filios in gloriam adduxerat" (Heb 2, 10-11). E assim nos predestinou, adotou e nos abençoou n'Ele e por Ele; *por quem* recebemos sua *graça e caridade no* Espírito de santificação[245].

Em suma, o Pai nos *regenera* para a vida eterna (I Pd 1, 3-4), fazendo-nos participar de sua própria natureza para nos configurar à imagem de seu Unigênito (Rom 8, 29); o Filho *nos dá o poder* de *nos fazermos* filhos de Deus e, portanto, irmãos e co-herdeiros seus, e ambos nos chamam e transladam da morte para a vida, comunicando-nos seu próprio Espírito de Amor (I Jo 3, 14), que nos vivifica com essa vida da graça que é *gérmen da*

---

a adoção, viesse a ser filho de Deus".

243 Jo 1, 12-13; 3, 5-8; Ef 4, 22-24; Col 3, 9-10. "Como se dissesse, observa São João da Cruz (*Subida*, l. 2, c. 5), deu poder para que possam ser filhos de Deus, isto é, possam se *transformar* em Deus, somente àqueles que *não do sangue*, isto é, não das complexões e composições naturais nasceram, nem tampouco *da vontade da carne*, isto é, do arbítrio da habilidade e capacidade natural...; não deu poder a nenhum desses para poder ser filhos de Deus *em toda perfeição*, senão *aos que nasceram de Deus*, isto é, aos que renascendo pela graça, morrendo primeiro a tudo o que é homem velho, levantam-se sobre si ao sobrenatural, recebendo de Deus o tal *renascimento e filiação*, que está acima de tudo o que se pode pensar... *Aquele que não renascer do Espírito Santo, não poderá ver este Reino de Deus*, que é o estado de perfeição; e renascer no Espírito Santo nesta vida *perfeitamente*, é estar uma alma *assimilada a Deus* em sua pureza, sem ter em si nenhuma mescla de imperfeição; e assim se pode fazer pura transformação por participação de união, embora não essencialmente".

244 S. Th., 3ª p., q. 23, a. 2.

245 "Benedixit nos (*Pater*) in omni benedictione... *in Christo*. Sicut *elegit* nos *in ipso ante mundi constitutionem*, ut essemus sancti et immaculati in conspectu eius *in Charitate*. Qui praedestinavit nos in adoptionem filiorum *per I. C.* in laudem gloriae *Gratiae suae, in qua gratificavit* nos *in dilecto Filio suo*" (Ef 1, 3-6). "Nobis tamen unus Deus, Pater *ex quo* omnia, et nos *in illum*; et unus Dominus Iesus Christus, *per* quem omnia, et nos *per* ipsum" (I Cor 8, 6). "Quoniam *per* ipsum habemus accessum ambo *in* uno Spiritu *ad* Patrem" (Ef 2, 18).

glória, e em imprime em nós o *selo* de Cristo[246]. Assim essa obra é em certo modo comum a toda a Trindade; e, no entanto, como adverte o Angélico Doutor[247], *atribui-se* ao Pai, como *autor*; ao Filho, como *merecedor* e *modelo*, e ao Espírito Santo, como *vivificador* e *deificador*, que em nós imprime a viva imagem do Verbo: *Appropiatur Patri ut auctori, Filio ut exemplari, Spiritui Sancto, ut imprimenti in nobis huius exemplaris similitudinem*. Mas em geral se atribui mui singularmente ao Pai, pelo mesmo motivo que está em mais íntima relação com seu caráter pessoal[248].

Assim em rigor parece que se deve dizer que o *adotar-nos* é *próprio* do Pai *pelo* Filho, *por quem* recebem a *graça*; e a "Graça" por excelência, que é a comunicação do *Espírito de adoção*: *Praedestinavit nos* (Pater) *in adoptionem filiorum per I. Christum... in quo habemus redemptionem... et credentes signati estis Spiritu promissionis sancto, qui est pignus haereditatis nostrae* (Ef 1, 5-14). Por isso, damos graças ao Pai – *ex quo omnia* –; ao Filho, que é irmão mais velho, modelo, cabeça e mediador – *per quem omnia* –, e ao Espírito Santo, vida comum de amor – *in quo omnia*[249].

246 "O Filho de Deus, diz São Cirilo de Alexandria (*In Io.* l. 1), veio para nos dar o poder de chegar a ser por graça o que Ele é por natureza, e fazer que seja comum o que lhe era próprio: tanta é sua benignidade para com os homens, tanta sua caridade!... Feitos participantes *do Filho pelo Espírito Santo*, recebemos o *selo* de sua semelhança, e nos tornamos conformes à imagem divina... Somos, pois, filhos de Deus por adoção e por imitação; enquanto Ele o é por natureza e segundo a plenitude da verdade. Deste modo, subsiste a oposição: por um lado está a dignidade natural, e por outro o favor da graça... *Receberam o poder de se fazerem filhos de Deus, e o receberam do Filho*; de onde se vê manifestamente que *nasceram* de Deus por adoção e por graça; e que Ele é o Filho por natureza".

247 *L. c.* ad 3.

248 *In 3 Sent.* d. 10, q. 2, a. 1 ad 2.

249 "Eu vos invoco, Trindade gloriosa, Pai, Filho e Espírito Santo: Deus, Senhor, Consolador... *Fonte, rio e irrigação*; uno *de quem* procedem todas as coisas; uno *por quem* foram criadas; uno *em quem* têm ser todas; vida vivente, vida daquele que vive, e *vivificador* dos viventes: uno de si mesmo, uno deste uno, e uno que de ambos procede..., *de quem, por quem e em quem* são bem-aventuradas todas as coisas que são" (S. Agostinho, *Medit.* c. 31).— "Glória seja ao Pai que nos *criou*, glória ao Filho que nos *redimiu*, glória ao Espírito Santo que nos *santificou*, glória à altíssima e indivisa Trindade, cujas obras são inseparáveis" (*Ib.* 33).

Se o poder chamar a Deus com o nome de *Pai*, é, segundo diz São Leão, o maior de todos os dons, é porque nele estão compendiados todos, e todos se ordenam a essa *filiação*.

E se a *adoção*, ao ser comum, não convém igualmente às três Pessoas, outro tanto podemos dizer da conseqüente *inhabitação*. O Pai, em união com o Filho que está em seu seio, mora em nós como em templos seus, *santificados pela comunicação de seu Espírito de Amor*, que com sua *unção* nos *consagra*[250], e com sua caridade nos *co-edifica* e nos faz *crescer* para digna morada de Deus (Ef 8, 21-22); que vem deste modo a ficar formada de *pedras vivas*, que são outros tantos *deuses* deificados pelo Eterno[251].

Assim, o amoroso Consolador e *Santificador* das almas (I Pd 1, 2), tem com elas uma maneira de união muito singular, conforme – explícita ou implicitamente – já vão reconhecendo os teólogos mais sagazes, ou mais experimentados[252]. Não basta dizer que não é *possível* que haja com uma Pessoa divina outra maneira de união especial fora da *hipostática*, pois como essas realidades inefáveis não cabem em nossas pobres cabeças, tampouco toleram nossas distinções habituais, e – não sendo quem as declare *impossíveis* – se queremos apreciá-las devidamente, devemos nos ater, não ao que nos pareça mais razoável ou menos chocante, mas aos testemunhos da divina Escritura e dos Santos Padres e à experiência íntima da Santa Igreja, que nos apresentam sempre o Espírito Santo como *consagrador* e *vivificador*, que mora em nós como *vida de nossas almas* e como alma de nossa vida[253]. Essa união, ao ser tão íntima, que nos faz a todos *uma só coisa* em Cristo e *um mesmo Espírito* com Deus, não é hipostática, como tampouco o era a que tinha com o próprio Jesus Cristo, em quem residia

---

250 "Templum, diz S. Tomás (*Comm. in 2 Cor* 6, 16), est locus Dei *ad inhabitandum* sibi *consecratus*".

251 "*Templum Dei*, dizia S. Agostinho (*Enchirid.* c. 56), *aedificatur ex diis quos fecit non factus Deus*".

252 Cf. Ramière, Gay, Broglie, Bellamy, Prat, Weis, Gardeil, Hugueny, etc., *l. c.*—"*Inhabitatio*, ensina o próprio Leão XIII (enc. *Divinum illud munus*), tametsi verissime efficitur *praesenti* totius Trinitatis numine..., attamen de *Spiritu Sancto tanquam peculiaris praedicatur*".

253 "Como a ordem sobrenatural, observa o Pe. Gardeil (*Les Dons* p. 25), é gratuita em todos os seus graus, as mais altas razões de conveniência não podem equivaler à menor palavra de Deus".

plenamente e de quem redunda, segundo a conveniente doação, a todos os membros vivos de seu Corpo místico. E se podemos ter – e indubitavelmente temos – com o Verbo encarnado esta mística união tão *singular*, como a dos *membros com a cabeça*, e a real sacramental que alcançamos recebendo-o dignamente na Sagrada Eucaristia também é direta com Ele – e, portanto, faz-se *imediata* com sua Pessoa – sem ser, por isso, *hipostática*, por que não devemos ter com seu Espírito, que é como a alma divina da Igreja, a correspondente relação parecida àquela dos *membros com a própria alma*?[254]

Essa mística união com Deus, que nos deixa receber e sentir seus vitais influxos; essa amorosa *inhabitação* e doce *convivência* de Deus nas almas que nos põe em relação familiar com toda a Trindade, *em sociedade com o Pai e com seu verdadeiro Filho*, pela comunicação do Espírito Santo, faz-nos participar realmente da vida, da ação e das virtudes divinas. Por isso, as funções características da vida dos filhos de Deus, que são *conhecê-lo e amá-lo* como é em Si, não têm unicamente por objeto a Unidade de Natureza, nem à própria Trindade em comum, mas também a *cada uma* das *Pessoas*: *Haec est autem vita aeterna, ut cognoscant Te, solum Deum verum, et quem missisti I. Christum... Vos autem cognoscetis Eum* (Paraclitum), *quia apud vos manebit, et in vobis erit* (Jo 17, 3; 14, 17). E esse conhecimento saboroso, que não é já de ouvir dizer, mas como de intuição e de experiência íntima, encerra relações muito particulares[255].

Assim, pois, o Pai Eterno – *ex quo omnis paternitas in caelo et in terra nominatur* – é nosso verdadeiro *Pai*, a quem todos devemos saudar, dizendo-lhe: *Pai nosso*, que estais nos céus..., reina em nossos corações de modo que sempre façamos vossa santa vontade, e que vosso nome seja em nós santificado. Esse reino de Deus, que está dentro de nós mesmos, é a comu-

254 Cf. Dom Guéranger, *L'Anné liturg.: La Pentecôte.*

255 Cf. Santa Teresa, *Moradas* 7ª, c. 1.

nicação de seu Espírito[256], e o *pão cotidiano* que lhe pedimos é o Pão da vida que nos enviou do céu, e que realmente *comemos*.

O Salvador e seus Apóstolos nos ensinam a dar-lhe sempre este amoroso nome de *Pai*, como se vê por estes exemplos: "Ide dizer *aos meus irmãos* que subo ao *meu Pai e vosso Pai*" (Jo 20, 17); "Bendito seja Deus *Pai* de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos *regenerou*..." (I Pd 1, 3); "Vede que *Caridade* nos deu o *Pai*, para que nos chamemos e sejamos filhos seus" (Jo 3, 1); "E, posto que somos filhos, enviou Deus o Espírito de seu Filho, pelo qual dizemos: *Pai*" (Gal 4, 6). Assim o Apóstolo costumava saudar aos fiéis, dizendo-lhes (Ef 1, 2): *Gratia vobis et pax a Deo PATRE Nostro et Domino I. C.— Gratia vobis... secundum voluntatem Dei PATRIS NOSTRI* (Gal 1, 3-4).

Por isso, a Igreja o invoca sempre com esse doce nome por meio de seu Unigênito e com a virtude de seu Espírito; já que ninguém pode ir ao Pai senão com o Filho, nem tampouco, segundo diz Santo Irineu, conhecer o Filho, senão pelo Espírito Santo, por esse Espírito de Verdade e de Caridade que dá testemunho d'Ele. Mas nem ao Filho nem ao Espírito Santo, enquanto tais, costuma-se lhes dar, senão raras vezes e como em sentido menos próprio, o nome de *Pai*. Ao amoroso Paráclito só uma vez lhe é dado pela Igreja, na *prosa de Pentecostes*, dizendo-lhe: "*Veni pater pauperum*...". Como *Consolador*, antes faz de *Mãe*, que nos acaricia e regala em seus *peitos* para nos falar ao *coração* (Is 66, 11-12; Os 2, 14); e, como a águia, protege-nos sob suas asas, e nos excita a voar (Sl 16, 8; 35, 8; 56, 2; 60, 5; 62, 8; Deut 32, 11). Além disso, bem sabido é que em hebreu o Espírito de Deus – *Ruaj-Elohim* – é feminino[257]. Ao Filho tampouco costuma dar a Igreja o título de Pai, mas o de Senhor e Salvador; porém como Esposo da própria Igreja, é "*Pai* do século futuro" (Is 9, 6), e *Pai* de todos os fiéis cristãos (Mt 9, 15), *ainda que*

256 Cf. S. Th., 1-2, q. 69, a. 2 ad 3.

257 Ademais, em certo modo, *nascemos* do próprio Espírito Santo, segundo a sentença do Senhor (Jo 3, 5-8): "Nisi quis renatus fuerit *ex aqua et Spiritu Sancto*. Quod natum est ex carne caro est; quod natum est *ex Spiritu*, spiritus est. Sic omnis qui *natus est ex Spiritu*". Sobre o qual diz Haimo: "Sicut caro carnem procreat, ita quoque Spiritus spiritum *parit*".

não estejam em graça, no mesmo sentido em que ela é verdadeira mãe dos justos e pecadores, já que com ela nos regenera nas águas do batismo, pela virtude de seu Espírito vivificante.

Mas o Pai nos *envia* e nos dá seu Unigênito para nos redimir, co-vivificar-nos e nos adotar (Jo 3, 16-17; Gal 4, 4-5; Ef 1, 5; 2, 5-6). Assim o Filho é o *Enviado* de Deus – *Messias* –, *Redentor, Mediador, Salvador, Mestre, Modelo*, "caminho, verdade e vida", *Pastor* de nossas almas, *Cordeiro* de Deus, que tira os pecados do mundo, *Cabeça* do Corpo místico da Igreja, *Pedra* angular desta casa de Deus, etc., etc.[258]

E o próprio Filho nos *envia* e nos *dá*, em união com o Pai, o Espírito que de ambos procede (Jo 14, 15-18; 15, 26-27; Rom 8, 15; 1 Cor 6, 19; Gal 4, 6, etc.). Assim o Espírito Santo é o grande *Dom* de Deus e o perpétuo *Consolador* que o Pai e o Filho nos *deram* e nos *enviam*, para que nos encoraje, vivifique e nos sugira e ensine toda a verdade.

§ II. – RELAÇÕES COM O VERBO. – JESUS CRISTO COMO IRMÃO, PASTOR E ESPOSO DAS ALMAS, E COMO PEDRA ANGULAR DA CASA DE DEUS E CABEÇA DO CORPO MÍSTICO. – O CRIME DA DISSOLUÇÃO DOS SEUS MEMBROS.

Se do Eterno Pai se deriva e denomina toda *paternidade* no céu e na terra, de seu Unigênito, o Verbo divino, por sua *filiação eterna* se deriva e denomina toda *filiação*. A sua, com efeito, como natural, é protótipo da nossa, adotiva: *Filiatio adoptiva*, diz Santo Tomás[259], *est quaedam similitudo filiationis aeternae*. E, por isso, nossa filiação é atribuída ao Filho *ut exemplari*, segundo a sentença do Apóstolo (Rom 8, 29): *Praedestinavit* (nos) *conformes fieri imagini Filii sui, ut sit Ipse Primogenitus in multis fratribus.*

---

258 Em *Los Nombres de Cristo*, por Frei Luís de León, e em *Elévations sur les grandeurs de Dieu*, pelo Pe. Cormier (c. 2), podem se ver muitos outros títulos, tais como os de *Doutor, Legislador, Juiz, Rei, Sacerdote, Vítima, Médico, Advogado, Videira, Raiz de Jessé* etc., que expressam também seus modos de relações.

259 3ª p., q. 22, a. 1 ad 3.

Assim, embora tão excelente é sua filiação sobre a nossa – pois a sua é eterna, natural e necessária, e a nossa temporal, gratuita e livre –, sendo Ele *Deus por natureza*, e nós *homens deificados* por graça; no entanto, ao ser Ele, por sua infinita superioridade, *Unigênito* (Jo 1, 14), quis ser também *primogênito*, não desdenhando-se de nos ter e reconhecer como *irmãos seus* (Heb 1, 6; 2, 11; Jo 20, 17). "Quem chama o Pai de Jesus Cristo *nosso Pai*, observa Santo Agostinho (tr. 21 *In Io.* n. 3), como deve chamar a Cristo senão *nosso Irmão*?" Essa nobilíssima fraternidade com Jesus Cristo nos obriga a sermos fiéis imitadores seus, participantes de suas ações gloriosas, a fim de glorificar com elas ao Pai comum[260]. Por isso, devemos nos configurar a Ele, como a verdadeiro exemplar, ajustando nossa vida e nossa conduta às suas, até copiar em nós fielmente sua divina imagem e reproduzir todos os seus sagrados mistérios[261].

E se, por sua filiação eterna, já é irmão mais velho de todos os filhos de Deus – sejam homens ou anjos – pela temporal, mediante a assunção de nossa natureza e não da angélica, fez-se duplamente irmão nosso, estreitando do modo mais amoroso os laços dessa fraternidade, ao aparecer em tudo semelhante a nós (Heb 2, 14-17). Esse aniquilamento do Filho de Deus, que assim confundiu a soberba de Lúcifer – que decaiu por não

---

260 "*Frater* noster voluit esse, et, cum Deo dicimus *Pater noster*, hoc manifestatur in nobis. Qui enim dicit Deo *Pater noster*, Christo dicit *Frater*. Ergo qui *patrem* Deum et *fratrem* habet Christum, non timeat in die mala" (S. Agostinho, *Enarr. in Ps.* 48, serm. 1).

261 "Quem quer voltar a Deus e se fazer filho do Eterno Pai, dizia a *Eterna Sabedoria* ao Beato Henrique Suso (c. 30), deve abandonar a si mesmo e se converter inteiramente em Jesus Cristo, a fim de chegar à união beatífica... Entre meus escolhidos tenho almas piedosas que vivem num completo esquecimento do mundo e de si mesmas, e conservam uma virtude estável, imutável e, por assim dizer, *eterna* como Deus. Estão já por graça transformadas na imagem e unidade de seu princípio; e assim não pensam nem amam nem desejam outra coisa senão Deus e seu beneplácito". "A perfeição do cristão consiste, escreve Bacuez (l. c., p. 212, n. 587), em se despojar o quanto possível possível de tudo que tem de Adão pecador, e se revestir pelo contrário, animar-se e encher-se das virtudes, dons e perfeições que o Salvador se digna comunicar-lhe... Se todos os fiéis correspondessem à sua vocação, Jesus Cristo viveria neles, reproduzindo em cada um, junto com seus sentimentos e suas virtudes, uma imagem de seus mistérios; de modo que cada membro do Salvador poderia dizer de si que está, como sua Cabeça e Modelo, crucificado, morto ao mundo, sepultado, ressuscitado e glorioso".

querer adorá-lo em forma humana –, deve nos encher de um nobre orgulho que nos excite ao eterno agradecimento e à mais fiel correspondência a tal dignidade; já que, como diz Santo Agostinho[262], "desceu Ele para que nós subíssemos; e, permanecendo em sua natureza, fez-se participante da nossa, para que nós, permanecendo na nossa, fizéssemo-nos participantes da sua. Só que Ele não piorou descendo, enquanto que nós melhoramos ascendendo". Assim, pois, "ao modo que o Senhor, diz Santo Atanásio[263], revestindo-se de um corpo humano, fez-se homem, assim nós, os homens, *deificamo-nos* nos revestindo do Verbo de Deus"[264].

A própria Encarnação realizada no seio da puríssima Virgem por obra do Espírito Santo – *Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine* – é a razão e fundamento de nossa regeneração realizada por obra do mesmo Espírito, e sob o amparo da mesma Virgem, no seio da Igreja, por ela simbolizada, como segunda Eva, mãe dos verdadeiros viventes. Por isso teve que receber a Santíssima Virgem, assim como também a Santa Mãe Igreja, uma pleníssima comunicação do Espírito Santo, de modo que redunde a nós[265]. E posto que o Pai nos "predestinou a ser conformes à imagem de seu

262 Ep. 140, *ad Honorat.* c. 4.

263 *Serm. 4 Contra Arian.*

264 "Como chamais, Senhor, as almas que vos são caras? – Te disse: *Sois deuses e filhos do Altíssimo* (Sl 81). – Ó, Amor!, com esta palavra destruís quanto há de terreno nos que vos amam, e os levantais até Vós. Desaparece o homem, e viveis só Vós... Sede eternamente bendito, Deus meu, que assim nos *divinizais*... E como vosso nome é o *Todo-poderoso* (Ex 6), fazeis que se realize também em nós a profecia anunciada para vosso Cristo: *Não terá outra vontade que a de seu Pai* (Is 53). Sim, Senhor, como chamados por Vós a continuar a vosso Cristo, a sermos outros Jesus Cristos, devemos também nós nos esforçar por não fazer senão o que Vós quereis. Ó, que admirável é o poder deste amor que muda em Deus a sua pobre e frágil criatura! Que lindo é este domínio do amor, que reina pela suavidade e pela graça, para nos livrar da servidão da corrupção, faz-nos entrar na liberdade de sua glória (Rom 8), revestir-nos de sua força, grandeza e majestade, e nos fazer participar de sua felicidade, viver de sua vida, em certo modo, como Ele mesmo, e brilhar ao seu lado como estrelas na eternidade gloriosa!" (Dan 12) (Santa Catarina de Gênova, *Dial.* 3, 9).

265 Se os dons, diz Maria de Agreda (*Mist. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 13), "estavam em Cristo como em fonte e origem, estavam também em Maria, sua digna Mãe, como em lago ou em mar de onde se distribuem para todas as criaturas, porque de sua plenitude superabundante redundam

Filho, a fim de que ele fosse Primogênito entre muitos irmãos", também "nos predestinou a receber a adoção por meio de Jesus Cristo, em quem quis restaurar – ou recapitular – todas as coisas na plenitude dos tempos" (Ef 1, 5-10). E assim o enviou a nós por meio da Mulher, para nos redimir e dar a adoção de filhos (Gal 4, 4-5). Deste modo, recebemos do Verbo Encarnado o poder de nos fazer filhos de Deus, renascendo no sacramento da regeneração, por virtude de seu Espírito vivificante que mora eternamente na sua Igreja (Jo 1, 11; 3, 5-6; 6, 64; 14, 16-18). Por isso, para nos justificar e deificar, devemos renascer n'Ele e viver no seio dela: *Nisi in Christo renascerentur*, ensina o Concílio Tridentino[266], *nunquam justificarentur, cum ea renascentia per meritum passionis eius, gratia, qua iusti fiunt, illis tribuatur.* "Se somos, pois, filhos de Deus, é pela fé em Jesus Cristo. E todos que fomos batizados em Cristo, d'Ele fomos revestidos" (Gal 3, 26-27).

Deste modo, pelo batismo, ficamos enxertados em Jesus, como na verdadeira árvore da vida, para produzir, com sua seiva divina, frutos de virtude e de glória (Rom 6, 5; 11, 24; Jo 15, 5). E incorporados assim com Ele, com Ele são nossas almas *desposadas* na fé e na caridade, para ser em tudo uma só coisa com Ele, como animadas e seladas por seu próprio Espírito.

Mas como essa comunicação do Espírito Santo pode e deve ir sempre aumentando, quando o Salvador – já glorioso depois de sua Paixão e ausentado de nós para exercitar nossa fé – nos ver suspirando por Ele e desejosos de imitá-lo, *envi*á-lo-á a nós de novo e mais plenamente, para nos transfigurar e conglorificar. Por isso, ao se despedir de seus discípulos lhes dizia: "convém a vós que Eu vá, porque se não vou, não virá a vós o Consolador; mas se eu vou, enviarei-o a vós... Quando vier aquele Espírito da Verdade, ensinará a

---

para toda a Igreja. O qual, acrescenta, deu a entender Salomão nos Provérbios (9, 1-2), ao dizer que a sabedoria edificou para si uma casa sobre sete colunas, etc., e nela preparou a mesa, misturou o vinho e convidou os pequenos e insensatos para tirá-los da infância e ensiná-los a prudência".

266 Ses. 6, c. 3.

vós toda a verdade... e me glorificará" (Jo 16, 7-14). Assim, a quem crê e vive verdadeiramente n'Ele, promete-lhe a comunicação do seu Espírito em tal plenitude, que "de suas próprias entranhas brotarão rios de água viva. Mas ainda não estava assim *dado* o Espírito, porque, todavia, não estava Jesus glorificado" (Jo 7, 38-39)[267].

Como bom *Pastor*, que dá a vida por suas ovelhas, cuida zeloso das nossas almas, deixa-lhes ouvir sua doce voz e seu amoroso assovio, que as chama ao *recolhimento* da contemplação, e ali as apascenta com as vivas palavras que procedem da boca do Pai, e se manifesta a elas e lhes dá a vida eterna; pois veio para que tivessem vida, e cada vez mais em abundância (Jo 10, 10-28). Assim, ao mesmo tempo que Pastor, é *Porta* por onde se entra no redil, ou seja, na *casa de Deus*, *pasto* de que se *alimentam* – como *Pão da vida que desceu do céu* –, e é "caminho, luz e vida".

É, além disso, como fundamento de nossa fortaleza, *Pedra angular* do templo vivo de Deus. E com seu próprio sangue e a caridade de seu Espírito junta e unifica todas as demais pedras, que somos nós, se n'Ele crescemos em santificação, "co-edificando-nos para morada de Deus no Espírito Santo"[268].

Assim *desposa* nossas almas, e com plena comunicação de seu Espírito ratifica esse místico desposório, convertendo-o no maravilhoso "matrimônio espiritual", fazendo que elas já não tenham outro querer que o seu, unindo-as completamente a Si e transfigurando-as de tal modo em sua divina imagem, que cheguem a ser uma só coisa com Ele.

---

267 "Era preciso, observa o Pe. Lallemant (*Doctr. spirit.* pr. 4, c. 2, a. 4), que o Verbo Encarnado entrasse na glória antes de enviar o Espírito Santo como *Consolador*. Mas o interior consolo do Espírito Santo é muito mais proveitoso do que teria sido a corporal presença do Filho de Deus... Por isso disse aos seus discípulos: *convém a vós que Eu vá...* A unção que o Espírito Santo derrama nas almas as anima e fortalece, e as ajuda a alcançar a vitória. Suaviza seus sofrimentos, e as faz achar delícias nas próprias cruzes". – "Uma só gota dos divinos consolos, dizia Ricardo de São Vitor, pode fazer o que não podem todos os prazeres do mundo. Esses nunca saciam o coração; e uma só gota da doçura interior que o Espírito Santo derrama na alma a extasia e nela causa uma santa embriaguez".

268 Cf. Santa Catarina de Sena, *Ep.* 34; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 3ª p., c. 4; infra 3ª p., c. 2, § 3.

Deste modo, não só *desposa* nossas almas, mas nos *incorpora* tão intimamente consigo como estão à videira os mais frondosos ramos, e nos faz *vivos membros* seus, nos quais Ele mesmo vive e age. É, com efeito, *Cabeça* de todo o Corpo místico da Igreja: *Caput supra omnem Ecclesiam, quae est corpus Ipsius, et plenitudo Eius, qui omnia in omnibus adimpletur* (Ef 1, 22-23). Por muitos que sejamos nós, os cristãos, somos *um só corpo* em Jesus Cristo, e membros uns dos outros (Rom 12, 5; 1 Cor 10, 17; 12, 12-27). E vivendo como tais, chegamos a ser consumados na unidade, estando Ele em nós e nós n'Ele, para sermos amados pelo Pai com o mesmo amor que ama o Filho, e poder dar ao mundo testemunho da verdade (Jo 17, 23), pois ficamos convertidos no próprio Cristo; sendo Ele a Cabeça e nós os membros de um mesmo corpo: *Ecce Christus facti sumus*, exclamava Santo Agostinho[269]. *Si enim caput ille, nos membra; totus homo, ille et nos.*

D'Ele, como *tronco* – broto da raiz de Jessé – em que estamos enxertados, vem a nós toda a seiva que nos nutre e vivifica, como da videira aos ramos; d'Ele, como *Cabeça*, vêm a nós todos os santos impulsos e inspirações, pensamentos, movimentos e instintos que presidem o desenvolvimento da vida cristã; d'Ele, todos os misteriosos influxos que seu próprio Espírito nos comunica; d'Ele, toda a virtude dos sacramentos, órgãos transmissores do Sangue divino que nos lava, purifica, vivifica, cura, fortalece, ressuscita, restabelece e conforta, e nos alimenta e faz crescer em deificação *para aumento de Deus* (Col 2, 19); pois somos *carne de sua carne e osso de seus ossos*, e, em suma, *uma só coisa* com Ele.

A Igreja é sua *esposa* verdadeira e santa, por ser seu Corpo místico, e Ele, *Esposo* dela e de todas as almas justas, por ser Cabeça que as dirige e dá vida: *Sponsus in capite, sponsa in corpore*, diz Santo Agostinho; mas juntos constituem um só organismo. Assim, essa união com Ele é tão íntima, que chegamos a ser um só Espírito e um só corpo, de modo que onde Ele está, ali estejam seus membros e ministros (Jo 12, 26), e o que nós fazemos, Ele

269 *Tr. 21 in Ioan.* n. 9.

é quem por nós o faz. Se, pois, a simples união que tem como *Esposo* poderia aparecer pouco íntima para os profanos – que não sentem, nem suspeitam, nem mesmo conseguem crer nas inefáveis comunicações de seu finíssimo amor –, completada com a do símbolo orgânico, obriga-nos a reconhecer uma intimidade superior a todo o imaginável. E se a união desse desposório excede, segundo veremos, incomparavelmente à dos esposos humanos, a que tem como *Cabeça* do Corpo místico é também, em certo modo, ainda mais íntima que a natural de nossa cabeça com o corpo. É a verdadeira "Cabeça de toda a Igreja, que é *seu corpo e sua plenitude*; e faz tudo em todos os seus membros" (Ef 1, 22-23). N'Ele está a fonte da graça e da vida (Sl 35, 10); e *de sua plenitude recebemos todos* o grau da vida e de energias que nos correspondem (Jo 1, 16). E deste modo, *em sua luz vemos a luz*, e unidos com Ele *temos a luz da vida*.

Mas se tem em Si mesmo essa *graça capital ou fontal*, não a tem para atualizá-la ou desdobrá-la toda em Si mesmo e por Si mesmo, como *Cabeça*, mas para derivá-la para todo o seu *Corpo* e manifestá-la mui diversamente segundo convém na série dos tempos e lugares, na diversidade de membros que com efeito vão aparecendo sob o contínuo influxo do seu Espírito renovador (Sab 7, 27), e nos quais de novo se forma Ele mesmo[270]. Assim todos esses órgãos novos pelos quais faz e padece o que pessoalmente não pôde, são seu próprio *Corpo* e sua *plenitude*; pois Ele é quem faz e sofre neles, enquanto são cristãos, já que Ele lhes dá o *ser e* o *agir*, e ainda o *sofrer* deles. Por isso, o Apóstolo *completou em sua carne o que ainda faltava aos padecimentos de Cristo para o bem da Igreja*, e todos devemos fazer outro tanto para que por nossa parte não se detenha esse progressivo engrandecimento e a maior

270 Quando somos regenerados e crescemos na vida divina, Jesus Cristo é, diz Terrien (1, p. 300), *quem renasce e cresce* em nossas almas: *Meus filhinhos, a quem de novo estou dando à luz, até que se forme Cristo em vós*, dizia o Apóstolo aos Gálatas (4, 19). "Cada um de nós se forma, pois, em Cristo, e à imagem d'Ele, observa São Cirilo de Alexandria (*In Is.* l. 4), *pela participação do Espírito Santo*... Este é *quem forma* Cristo em nós quando, pela santificação e pela justiça, imprime em nós a divina imagem. Assim é como resplandece em nossas almas o caráter da substância de Deus Pai, *pelo Espírito*, cuja virtude santificante nos reforma segundo aquele divino Modelo".

prosperidade deste Corpo místico. "Embora estavam muito completos, diz Santo Agostinho[271], os padecimentos de Cristo na Cabeça, faltavam os de seu corpo. E nós somos esse corpo de Cristo e seus membros". "A plenitude de Cristo, acrescenta[272], é a Cabeça *com todos os membros*"[273].

Portanto, "a Igreja, como diz Bossuet[274], é Jesus Cristo, estendido, comunicado: Jesus Cristo todo, isto é, Jesus Cristo homem perfeito, Jesus Cristo em sua plenitude". Pelo mesmo motivo, seus fiéis são algo seu, parte de seu corpo que merece chamar-se *Cristo*. "Quão grande é, pois, a excelência do cristão, exclama Santo Anselmo[275], que tais progressos pode fazer em Cristo, que leva seu próprio nome!". Mas o bom cristão não é somente como outro Cristo, senão o próprio Jesus Cristo; porque não há mais que um só *Cristo*, e levar dignamente seu nome é ser membros vivos de seu próprio Corpo; e esse, com a Cabeça, é um só Cristo: *Quia caput cum corpore*, acrescentava o próprio Santo Agostinho[276], *unus est Christus*".

E posto que o corpo da Igreja e todos os seus membros recebem de Jesus Cristo o ser divino que têm, a vida da graça, a comunicação do Espírito Santo com a caridade de Deus, e todas as energias sobrenaturais com que agem e padecem; e como por Ele são o que são, e podem e merecem o que merecem e podem, segue-se que essa divina Cabeça lhes é mais essencial, mais influente, mais íntima ainda do que pode ser para um corpo humano a própria, já que essa não é princípio do organismo, e Jesus Cristo sim o é. Tudo o que somos e podemos ser como cristãos, como filhos de Deus e membros da Igreja, por nosso Salvador o somos: por Ele, sendo muitos e tão diversos, chegamos a formar *um só Corpo* vivo (Rom 12, 5); e por Ele chegaremos a ser *consumados na unidade*, do modo que Ele mesmo é uma coisa com o Pai (Jo 17, 21-23).

---

271 *Enarr. in Ps.* 86, n. 5.
272 *Tr.* 21 *in Ioan.* nn. 8-9.
273 Vide infra, 3ª p., c. 2.
274 *Letre à une dem. de Metz.*
275 *Medit.* 1, n. 6.
276 *Serm.* 14 *de verbis Domini.*

Tanto quer estreitar essa união, que continuamente a está fomentando, morando em nossos corações por viva fé e dando-nos cada vez mais plenamente a comunicação de seu Espírito (Ef 3, 17). E deste modo, seguindo seus doces impulsos, e não resistindo a sua graça, uniremo-nos com Ele até o ponto de ser em tudo carne de sua carne e osso de seus ossos, e termos o mesmo Espírito com Ele[277]. Ainda mais: pela contínua ação desse Espírito vivificador – que imprime em nós sua divina imagem e, de claridade em claridade, configura-nos com ela –, ficamos *transformados n'Ele* e feitos uma só coisa (II Cor 3, 18).

Assim se forma continuamente Jesus Cristo em nós, e nós nos transformamos n'Ele e segundo Ele, despojando-nos de nós mesmos e nos revestindo d'Ele, até sermos como uma simples expansão ou continuação d'Ele mesmo (Gal 2, 30; 3, 27; 4, 19; Rom 6, 3-11; Ef 1, 28)[278]. Deste modo, chegamos a ser todos uma coisa n'Ele, formando essa admirável unidade tão sublimemente anunciada por sua divina boca no sermão da Ceia (Jo 17).

Daí a maravilhosa *comunicação de idiomas*, junto com a de *vida*, *obras*, *tesouros e méritos*, porque tudo o que é seu, a nós comunicou: *Omnia vestra sunt* (I Cor 3, 22), e tudo o que é nosso é seu. Ele veio ao mundo, viveu e

277 Deste benefício tão "maravilhoso", como é "fazer-se todos os justificados membros vivos de Cristo", escreve o Ven. Granada (*Guía* l. 1, c. 5, § 1), "procede que o próprio Filho de Deus os ama como aos seus membros, e olha por eles como por seus membros, e tem solícito cuidado deles como de seus próprios membros, e produz neles continuamente sua virtude como a cabeça aos seus membros, e, finalmente, o Pai eterno os olha com amorosos olhos; pois os olha como membros vivos de seu unigênito Filho, unidos e incorporados com ele *pela participação de seu Espírito*: e assim suas obras lhe são agradáveis e meritórias, por serem obras de membros vivos de seu Filho, que realiza neles todo o bem. Dessa dignidade procede que, quando eles pedem mercês a Deus, pedem-nas com grandíssima confiança; porque entendem que não pedem tanto para si, quanto para o próprio Filho de Deus, que neles e com eles é honrado. Porque... o bem que se faz aos membros se faz à cabeça".

278 "Em cada alma se reproduz como em miniatura o mistério de Cristo, tipo absoluto de quem as almas cristãs são outras tantas cópias fiéis". Assim está toda a Santíssima Trindade "formando Cristo em nós, e a nós formando-nos em Cristo, ou seja, fazendo de nós verdadeiros Cristos, uma vez que quer que cada cristão, ao ser tal, faça-se membro e abreviada imagem do Cristo absoluto e soberano, objeto único de todas as complacências, razão única de todas as obras e meio único de todas as operações de Deus" (Gay, *Vida y virt. crist.* 2ª ed., t. 1, pgs. 60, 64).

morreu por nós, e nós vivemos, agimos e morremos n'Ele e por Ele (Rom 14, 7-8), participando, como membros seus, de seu mesmo Espírito vivificador e distribuidor das graças.

Dessa amorosíssima união segue-se a enormidade do crime da heresia ou do cisma, que despedaça o corpo de nosso Salvador e desloca seus membros. Quem assim separa os fiéis da Igreja, diz muitas vezes Santo Agostinho, rasga não a túnica inconsútil, mas a própria carne de Nosso Senhor. Assim, esse crime é maior que o do homicídio, pois derrama o sangue das almas e arranca do próprio Jesus Cristo seus membros[279].

§ III. – O DIVINO ESPOSO. – AS DELÍCIAS DE DEUS COM OS HOMENS; DESPOSÓRIO DO VERBO COM A HUMANIDADE E COM AS ALMAS DOS FIÉIS; JESUS CRISTO SE ENTREGA TOTALMENTE A ELAS PARA SER SEU ALIMENTO, SUA VIDA E SUAS DELÍCIAS. – CARACTERÍSTICAS SINGULARES, INTIMIDADE E FRUTOS DESSA UNIÃO. – AS VIRGENS DO SENHOR; SUA IMPORTÂNCIA NA IGREJA; UNIÃO SINGULAR DOS VOTOS RELIGIOSOS; CONVENIÊNCIA DE RENOVÁ-LOS. A CELEBRAÇÃO DO MÍSTICO DESPOSÓRIO.

Não há coisa que tanto possa nos encher de admiração e de assombro, e ao mesmo tempo nos inflamar em vivos desejos de corresponder ao amor divino, como estes portentosos mistérios de união com Deus. Parece que tais delícias tem Ele em morar com os filhos dos homens (Prov 8, 31), que quis contrair conosco todas as relações possíveis, e em especial as mais cordiais e mais íntimas que se poderiam imaginar. Não contente com ser o Pai mais misericordioso, o amigo mais fiel e o irmão mais terno e amável, quis ser o doce Esposo das almas, que "as desposa consigo para sempre na fé e na justiça" para que o conheçam e o amem com amor puríssimo, e assim cooperem na sua obra de "misericórdia e bondades" (Os 2, 19-20)[280], e

279 Cf. infra 3ª p., c. 2, § 2, ap., supra l. 1, c. 1, § 6.

280 Nosso Senhor, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (2ª p., c. 13), "está à direita do Pai como Deus e como homem; e está também em nossas almas como esposo, como rei, como pai ou como irmão, segundo a pureza, o amor e as disposições particulares que em cada uma delas encontra".

uma vez purificadas de todo afeto terreno e de toda mancha, prodiga-lhes as finezas do mais refinado amor e as embriaga com as torrentes de suas divinas delícias[281]. E parecendo-lhe mesmo pouco todas essas relações que cabem entre os homens, e não contente com chamar às almas filhas, amigas, irmãs, esposas, hóspedes, moradas e templos vivos, etc., quer formar um só corpo conosco para que realmente sejamos "carne de sua própria carne e osso de seus ossos" (Ef 5, 30); quer ser nossa cabeça, nossa vida, nossa luz e mesmo nosso próprio alimento, entregando-se a nós totalmente para ser assim nossas delícias, nosso tudo e todo nosso. Mas se Deus quis se chamar Esposo das almas, esse doce título convém sobretudo ao Filho, que é quem hipostaticamente se uniu à natureza humana para nos unir com a divina[282]. Por isso nossa união com o Verbo é tantas vezes comparada com a matrimonial; e assim nos estados místicos o *matrimônio espiritual* representa o

---

A alma, observa o Pe. Massoulié (*Tr. de l'amour de Dieu* 2ª p., c. 14), considera às vezes a Deus como *Pai* que para ela está preparando a herança eterna, e se dirige a Ele confiante, pedindo-lhe que a ela dê seu reino; e ao ver-se afastada d'Ele se queixa a Ele amorosamente, rogando-lhe que não a abandone, mas que a aconselhe e a defenda. Outras vezes, considera o Verbo Eterno como *amigo fiel*, e busca aprender d'Ele as leis da verdadeira amizade. Por fim, considera-o como *Esposo* e, consagrando-lhe os mais ternos afetos, jura-lhe uma eterna fidelidade; suspirando por possui-lo plenamente se lança aos seus pés, com Madalena, beija-os, abraça-os e rega-os com suas lágrimas, pedindo-lhe perdão por todas as suas infidelidades. Assim vai tendo perfeita confiança n'Ele, e considerando todas as mercês recebidas, beija a mão liberal que as prodigalizou. E como seu amor e desejos aumentam dia a dia, atreve-se a pedir-lhe que não lhe negue já os maiores testemunhos de seu amor, e a una tão intimamente consigo que não possa mais separar-se d'Ele. Por isso, busca se assemelhar a Ele em tudo: assim renuncia às vaidades, tem horror aos prazeres e se enamora cada vez mais a imitar sua humildade, sua mansidão e paciência, sabendo que essa perfeita conformidade a converterá em verdadeira esposa; pois, quando não tenha já mais vontade que a do Esposo, virá a se tornar um só espírito com Ele. – E assim é como poderá cooperar com Ele para a salvação de muitas almas.

281 "Fiz contigo um juramento e um pacto, diz o Senhor Deus; e foste feita minha esposa. Lavei-te com água, limpei-te com teu sangue e te ungi com óleo e te revesti com vestidos de muitas cores" (Ez 16, 8-10).

282 "Quem se faz o verdadeiro esposo das almas, diz Ribet (*Mystique* t. 1, p. 311), é o Verbo revestido de nossa humanidade. Essa união do Verbo Encarnado com as almas é a extensão e a conclusão de sua união com a natureza humana; pois não se uniu à carne senão para se unir às almas, fazê-las participantes de sua vida e reduzir por elas e com elas toda a criação ao seu Pai".

supremo grau de união com Jesus Cristo e a maior transformação em Deus que nesta vida pode se alcançar.

O maior dos profetas foi o primeiro que soube dar ao Salvador esse nome de *Esposo*. "São João Batista, diz Bossuet[283], descobre-nos um novo caráter de Jesus Cristo, que é o mais terno e o mais doce: e é o de *Esposo*... Desposou as almas santas enchendo-as de dons e de castas delícias; regozijando-se nelas e entregando-se a elas, dando-lhes não só tudo o que tem, mas tudo o que é". Ele mesmo se dá esse título e se compara ao filho de um rei, que veio ao mundo desposar as almas (Mt 9, 15; 22, 2); e o Discípulo amado cantará mais tarde as bodas eternas do Cordeiro, começadas pela graça e consumadas na glória (Ap 19, 7).

Tão cheia está a Escritura deste assunto, que todo um livro está consagrado a cantar o recíproco amor entre Jesus e a alma santa. "Considerem-se, diz Bellamy[284], estas inspiradas páginas do Cântico dos Cânticos e, vendo as ardentes efusões de um amor que não é da terra, compreender-se-á algo da misteriosa união que faz que a alma justa viva da vida de Jesus Cristo...: no fundo, é o poema alegórico da graça santificante".

Essa mística união de Jesus Cristo com as almas – simbolizada pela do matrimônio humano – é sem comparação mais íntima e amorosa que essa, como obra de um amor não humano, mas divino. Aquele amor faz que "dois sejam uma mesma carne"; este faz que muitos sejam "um só espírito"[285]. Por isso diz São Paulo aos Efésios (5, 28) que "este sacramento é grande, mas em Cristo e sua Igreja". E na Primeira aos Coríntios (11, 2) adverte que "a todos – como a uma virgem casta – os desposa com Jesus Cristo". Porque de todas as almas justas e de todas as igrejas particulares – que são as delícias do Rei da glória – se faz uma só Rainha, diz Santo Agostinho[286], pois

283 *Elév. sur les myst. sem.* 24, 1.

284 P. 219.

285 Nestas palavras: *um só espírito*, temos, diz Bellamy (p. 221), "sob aparências atrevidas, a fórmula exata de nossas relações com Jesus Cristo. Essa união é tão íntima, que de algum modo se aproxima da hipostática".

286 *Enarr. in Ps.* 44, n. 23.

a todos ama com um amor indiviso, como a seu próprio corpo, amando a cada uma em particular – segundo experimentam com assombro os grandes místicos – como se não existisse mais que somente ela no mundo, e disposto a derramar todo seu sangue por ela[287]. Assim, ao ser tantas as *irmãs e esposas que ferem seu Coração* (Ct 4, 9), uma só é sua *imaculada pomba* (Ct 6, 7-8). A *Esposa*, em geral, diz São Bernardo[288], é a alma enamorada. "Todos, acrescenta em outro lugar[289], fomos chamados a estas bodas espirituais em que Jesus Cristo é o Esposo, e a esposa somos nós mesmos; todos somos essa Esposa, e cada alma é esposa. Muito inferior é ao Esposo; no entanto, por amor dela desceu de sua glória e deu a vida o Filho do Rei eterno... De onde a ti tanta honra que venhas a ser esposa daquele a quem desejam contemplar os anjos e cuja beleza admiram o sol e a lua? Que darás ao Senhor por este benefício tão inestimável de associar-te à sua mesa, ao seu reino e ao seu leito? Com que braços de caridade recíproca deves amar e estreitar a quem tanto te estimou, que te reformou do seu lado quando por ti dormiu o sono da morte na cruz?".

O amor dos esposos humanos é nada comparado com esse, que se baseia, não na carne, que "de nada aproveita", mas no espírito, "que tudo vivifica" (Jo 6, 64). Assim é tão íntima sua união, que estabelece uma comunhão perfeitíssima de vida, obras e méritos. "Em seu imenso desejo de se unir mais estreitamente conosco, escreve o Pe. Terrien[290], o Verbo divino se revestiu de nossa natureza, a fim de celebrar estas misteriosas bodas. E

287 "Eu sou, dizia o Senhor ao Beato Suso (*Et. Sabid.* XII), o amor infinito que não é limitado pela unidade, nem esgotado pela multidão: amo em particular a cada alma como se fosse única. Amo e me ocupo de ti como se não amasse outros, como se estivesses tu somente no mundo".
"A alma, adverte São João da Cruz (*Llama de amor viva* canc. 2, v. 6), sente a Deus aqui tão solícito em regalá-la, e com tão preciosas, delicadas e encarecidas palavras engrandecendo-a e fazendo-a uma e outras mercês, que lhe parece que não tem outra no mundo a quem regalar, nem outra coisa a que se dedicar, mas que tudo é só para ela. E assim confessa a Ele no Cântico (2, 16): *Dilectus meus mihi, et ego illi*".

288 *Serm.* 7 *in Cant.* n. 3.

289 *Serm.* 2 *Dom.* 1 *post oct. Epiph.* n. 2.

290 *La Grâce et la Gloire*, 1, p. 338.

para que a esposa não fosse tão indigna d'Ele, formou-a do seu lado, de seu coração aberto na cruz. Dali saiu ela vivificada desde seu nascimento pelo sangue do Esposo; dali recebeu tudo o que a faz ser o que é, gloriosa, santa, imaculada: carne de sua carne e osso de seus ossos. Eis aqui a esposa, e eis aqui o corpo de Cristo; esposa porque é seu próprio corpo".

Tomou esse nome de Esposo, adverte São Bernardo, porque não havia outro mais próprio para indicar as doçuras de seu amor e os mútuos afetos dessa união, em que tudo é comum[291]. Mas não pensemos em nada terreno quanto se trata deste amor todo espiritual e divino, puro como a própria caridade de Deus, e cujos frutos são frutos de glória e honestidade, pois são os mesmos do Espírito Santo, que é laço dessa união. Esse amor era o que inspirava a admirável virgem Inês quando, com a idade de treze anos, desprezando as seduções do mundo, exclamava jubilosa diante dos tiranos: "Outro Amado tenho que me deu seu anel como penhor de sua fé, e me adornou com riquíssimas joias. Desposada estou com Aquele a quem servem os anjos: amando-o, sou casta; tocando-o, sou pura; possuindo-o, sou virgem... Esperar que me dobre, seria injuriar meu Esposo; Ele me amou primeiro, e d'Ele sou. Por que aguardas, carrasco? Pereça o corpo que pode ser por olhos carnais amado!".

Na união de Jesus Cristo com as almas se encontram, diz Bellamy[292], os principais caracteres da matrimonial. O Salvador nos concede os três dons essenciais que todo esposo entrega à sua esposa, que são seu nome, seus bens e sua própria pessoa. O nome de *cristãos* d'Ele nos vem; e ao nos fazer cristãos, fazemo-nos também, como diz Santo Agostinho, o próprio Cristo; pois n'Ele somos, ao mesmo tempo, homens de Cristo e o próprio

291 "Nec sunt inventa aeque dulcia nomina quibus Verbi animaeque dulces exprimerentur affectus, quemadmodum *sponsus* et *sponsa*; quippe omnia communia sunt, nil proprium, nil a se divisum habentibus. Una utriusque haereditas, una domus, una mensa, unus thorus, una etiam caro" (S. Bernardo, *In Cant.* serm. 7, n. 2).
292 P. 230-3.

Cristo, já que Jesus Cristo completo consta da Cabeça e dos membros[293]. Por isso, conforme adverte Le Camús[294], "os cristãos chegam a formar a ilustre família, a viva imagem e a indefinida expansão de Cristo através das idades: *Christianus alter Christus*".

Assim, com seu nome nos dá seus mais ricos dons, que são todos os frutos de sua redenção. Esses dons são tão preciosos que, como ensina São Pedro, *por eles nos fazemos participantes da própria natureza divina*. Desse modo, recebemo-los todos juntos como uma herança indivisa, da qual cada alma pode dispor como dona, embora não no mesmo grau, mas na medida da doação de Cristo. Se não tiramos deles o devido fruto, a culpa é nossa; pois tantas vezes correspondemos a sua generosidade com ingratidão e indiferença, não buscando cultivar os dons recebidos e não contribuindo ao bem comum com o que está na nossa parte; e assim estamos afrouxando os amorosos braços que com Jesus nos unem.

Mas "não se contenta Ele em nos dar todos os seus bens, mas se dá a Si mesmo. Pela graça nos dá sua divindade, e pela Eucaristia, que é como a coroação da graça, dá-nós também sua humanidade santa, isto é, toda sua sagrada pessoa, com as duas naturezas em que subsiste. Aqui está a perfeição do amor, e São João Crisóstomo tem direito de chamá-la[295] uma espécie de consubstancialidade que, mantendo sem dúvida a distinção de pessoas e de naturezas, leva sua união tão longe quanto possível. Poderíamos sonhar aqui na terra uma coisa mais íntima que esta misteriosa aliança em que, segundo a linda expressão de São Paulo (Gal 2, 20), já não é o cristão que vive, mas é Jesus Cristo nele?"[296].

---

293 "Admiramini et gaudete ecce *facti sumus Christus*. Ille caput, et nos membra; *totus* homo, *ille et nos*" (S. Agostinho, *In Ioan.* 21).— E em outro lugar (*Enarr. 2 in Ps.* 26): "Apparet Christi corpus nos esse; quia omnes ungimur et omnes in illo *et Christi et Christus sumus*: quia quodam modo *totus Christus caput et corpus est*".

294 *Oeuvre des Apôtres* c. 1.

295 *In Hebr.* hom. 6.

296 "Preciso é, amadíssimo Esposo, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (*Obras* 4ª p., c. 5), que eu me alimente de vosso Corpo e de vosso Sangue; ali está o laço de união que nos une. Ó, união, união! Quem a poderá compreender? Só a idéia de uma união, na qual o perfeito se une ao

Assim, os três bens do matrimônio cristão – *fides, proles et sacramentum* – se acham sublimados até o incrível nesse de Cristo com as almas justas. A *fé* não pode vacilar por parte d'Ele, que, longe de romper o vínculo ou afrouxá-lo, está sempre disposto a retomá-lo e estreitá-lo mais, recebendo de novo a esposa prevaricadora que reconhece seus erros, e enchendo de carícias a que começa a servi-lo com mais fervor. E por parte dela, se deseja corresponder, nem com a própria morte se romperá esse doce vínculo; antes se consolidará de modo que seja eterno. E o que acontece com essa corporal quase chega a acontecer igualmente com a *morte mística*. As almas que, tendo morrido por completo ao mundo e a si mesmas, mereceram contrair o indissolúvel *matrimônio espiritual*, recebem, segundo veremos, uma segurança grandíssima de perseverar eternamente unidas com seu divino Esposo.

Aqui a procriação ou frutificação não mata, nem maltrata, nem debilita, nem menos faz perder o mútuo afeto, antes o aumenta e robustece, a par que aumenta o vigor da esposa e dá a ela novos encantos, mantendo-a numa perpétua juventude, cada vez mais florida. Quanto mais fecunda é a alma em boas obras e mais frutuosa para Deus, tanto mais vigorosa, mais bela e mais radiante de glória aparece e tanto mais é grata ao seu divino Esposo. E quanto mais aumenta o amor com seus frutos de glória, tanto mais vivos e vêemente serão os mútuos afetos e tanto mais se estreita e se consolida essa união, até que a alma alcance ouvir eternamente estas regaladas palavras: *Toda bela és, amiga minha, e em ti já não há mancha alguma. Vem do Líbano, esposa minha, vem e serás coroada... Feristes meu coração, minha irmã, esposa* (Ct 4, 7-9). É *irmã*, por ser já digna filha do Eterno Pai; e só assim, *deificada*, poderá aspirar ao ósculo do Verbo de Deus.

E quando, pondo a Ele mesmo como selo em seu coração e em seus braços, o amor tiver se feito forte como a morte, e as muitas águas da tri-

---

imperfeito para o fazer semelhante a si, bastaria para encher de estupor as celestiais hierarquias... Ó, doce união pela qual a alma chega a ser outro Vós mesmo pela participação de vossa Divindade! Pois a união faz de duas coisas uma só, conservando a cada uma seu próprio ser... Quando a alma chega a descobrir estas operações admiráveis, não cessa de se lamentar de que tão pouco conhecidas e admiradas sejam".

bulação, longe de apagar a caridade, avivem-na (Ct 8, 6-7), então, abrasada no zelo da glória de seu Esposo, não poupará trabalhos nem sacrifícios para ganhar-lhe almas em que possa ter suas divinas complacências, e dar-lhe novos filhos e novas esposas que solicitamente o sirvam e o bendigam, adorem, louvem e amem. Muito longe de querer ser única, sofre grandemente pelo fato de que todos os corações das criaturas não sejam o bastante para amar como merece a suma bondade do Esposo. As novas esposas não lhe causam ciúme, nem no mínimo a privam do afeto de seu Amado: antes por ambas as partes aumenta-se o recíproco amor. Ela é tanto mais amada, honrada e glorificada, quanto mais numerosas e melhores sejam as companheiras que atrás de si atrai para levá-las à presença do Rei celestial (Sl 44, 15-16). E se inflama tanto mais em seu amor, quanto mais inflamadas estejam as outras almas, nas quais só vê resplandecer a adorável imagem do comum Esposo; e assim a caridade aumenta em *intensidade* com a própria *extensão* do objeto amado[297].

Essa união merece, pois, o nome de *matrimônio*, pelo qual é tantas vezes representada: só lhe excede como a realidade costuma exceder a figura. Pois, conforme ensina Santo Tomás, "quanto supera ao sinal a coisa significada, outro tanto ultrapassa o amor unitivo de Deus para com as almas, ao que medeia entre os esposos... Nesse matrimônio, a fé é mais inviolável, a indissolubilidade maior, e o fruto mais útil... Maior a fidelidade de Deus para com a alma, segundo o que se diz em Oséias (c. 2): *Te desposarei comigo na fé*; e no Cântico (c. 2): *Meu amado é para mim e eu para Ele*. É mais fiel que qualquer esposo, pois o é até com a alma que a fé lhe falta... E assim como a espécie não diminui porque dela participam muitos indivíduos, assim, ó alma minha, Deus te ama de uma maneira tão maravilhosa, como se todo seu amor se reservasse para ti... Nos matrimônios humanos cabe separa-

---

297 "Ó amor poderoso de Deus, exclama Santa Teresa (*Exclam.* 2), quão diferentes são teus afetos aos do amar o mundo! Esse não quer companhia, por lhe parecer que lhe hão de tirar o que possui. O do meu Deus, quanto mais enamorados entende que há, mais cresce... E assim a alma busca meios para buscar companhia, e de bom grado deixa seu gozo quando pensa que será alguma parte para que outros o busquem apreciar".

ção, ao menos pela morte; mas no que Deus celebra contigo no batismo, ratificado com uma vida santa e consumado na glória, não cabe separação. Deves, pois, já dizer com o Apóstolo: *Quem nos separará da caridade de Cristo?*... Às almas *arrebatadas e unidas* lhes impressiona o que segue: *Estou certo de que nada haverá que possa nos separar dessa caridade*. A prole, que é o fruto das boas obras, é mais útil e variada. Essa prole procede de Deus e da alma unidos, da graça e do livre-arbítrio, e não de um só deles... Essa é a útil prole que, longe de trazer dano para a mãe, ganha para ela a vida eterna"[298].

Essa misteriosa união do desposório com o Verbo divino é tão *real* como *inefável*; na vida mística se experimenta com indizíveis delícias que não são para ponderar, senão só para admirar em silêncio, pois não cabem em língua humana. A alma descobre os infinitos encantos de seu celestial Esposo e reconhece os tesouros de vida e de glória com que Ele a enriquece, e adverte a intimidade desta união e comunicação, e goza das infinitas doçuras do amor com que é regalada.

"A alma e Jesus, diz Mons. Gay[299], são dois num só espírito e formam uma comunhão perfeita: a vida inteira do Esposo se transfunde na da esposa, com todos os seus estados, com todos os seus mistérios, com todos os seus

---

298 "Tantum res significata praecellit signum, tantum amor et unitas Dei ad animam, amorem sponsi ad sponsam... In hoc coniungio fides inviolabilior, inseparabilitas maior, proles utilior... Non diminuitur inindividuo species, licet ipsam participent plures... Sic miro modo Deus, te, o anima mea, diligit, totus totam, ut non minus diligat te, diligens tecum et aliam, unam autem tecum in charitate... Necessario separantur (vir et mulier), quia necessario moriuntur: verum inter te, o anima mea, et Deum, matrimonium quod in baptismo initum, in bona vita ratum, in patria fuerit consummatum, impossibile est divortium. Veruntamen et modo dic cum Apostolo: *Quis nos separabit a charitate Christi?*... Quod subiungitur, *rapto* et *unito* congruit: *Certus sum enim quod neque mors, neque vita, etc., poterunt nos separare*... Item proles utilior et multiplicior, bonorum sc. operum. Foecundat enim Sponsus Sponsam, Deus animam per gratiam: progrediturque proles ambobus unitis, non altero tantum... non a gratia sola, nec a libero arbitrio solo... Haec utilis proles quae matrem non perimit, sed ei vitam aeternam acquirit" (S. Tomás, *Opusc.* 61, c. 13).— Devemos advertir que, embora este opúsculo figure entre os do santo Doutor, não parece ser autêntico dele; mas ainda assim é de muita autoridade e como fundado em sua doutrina...

299 L. c. p. 58.

títulos, com todas as suas excelências[300], virtudes e ações, com todos os seus padecimentos e merecimentos, fazendo de tudo isso uma espécie de acervo de bens adquiridos, de propriedade comum de ambos os cônjuges, por mais que a esposa não disponha deles senão com a permissão do Esposo. Esse é totalmente o escondido significado das divinas palavras: "*Com Ele cearei e Ele comigo*" (Ap 3, 20).

E se todas as almas justas são verdadeiras *esposas* de Jesus Cristo, esse doce nome reserva a Igreja Católica para o dar com preferência às santas virgens – que são sua mais perfeita imagem – e muito em particular às consagradas a Deus com os votos religiosos, que são três amorosos laços que as unem ainda mais estreitamente ao Redentor. Vivendo com Ele crucificadas, contraem uma união singularíssima que só pode ser bem apreciada pelos corações inflamados e iluminados que sentem vivamente a excelência desses mistérios.

Daí que essas almas se comprazam em renovar com freqüência e com toda a solenidade possível seus compromissos sagrados para estreitar e consolidar os vínculos do amor: sabendo o muito que com essa ratificação agradam o divino Esposo, e os bens que a si mesmas obtêm oferecendo-se de novo a Deus em holocausto[301].

---

300 Cf. Frei Luís de León, *Nombres de Cristo* I. 2, c. 4; Nieremberg, *Amor de Jesús* c. 22; Froget, *De l'habitation du Saint Esprit dans les* âmes *justes*, P. 297-8.

301 "Inexplicáveis são, diz o Beato Hoyos (cf. *Vida* pelo Pe. Uriarte [1888], p. 99), os bens que recebem a alma com esta renovação dos votos. Todas as virtudes se lhe aumentam: a graça se lhe multiplica conforme à sua disposição, a caridade recebe novos quilates, e aumenta-se a união, segundo a que antes tinha a alma. É ademais de grande glória da Santíssima Trindade, e de sumo prazer para as três divinas Pessoas, pois com os três votos faz a alma uma união com Deus com certo remedo às três divinas Pessoas, *unindo-se com cada uma por cada voto*, de um modo que eu não sei explicar. A sacratíssima Humanidade de Cristo mostra indizível gozo e agrado, vendo que o seguem por suas pegadas; a Santíssima Virgem recebe glória acidental, e se regozija como se em certo modo renovasse seu voto de virgindade".

Nada estranho que uma alma abrasada no amor de Deus (Maria da Rainha dos Apóstolos), escrevesse não faz muito tempo (abril de 1903), dando conta de sua profissão religiosa: "Não vos posso dar nem a menor idéia do que foi para mim o ato de ontem; pois é uma felicidade tão grande a que Nosso Senhor me concedeu!... *Sente-se tão verdadeiramente que Deus aceita o sacrifício, e que em troca*

Como essas almas assim consagradas são a benção do mundo e as delícias e o recreio daquele celestial Amante que *se alimenta entre os lírios*, nada estranho é que sejam tão desprezadas pelos maus como apreciadas pelos bons. Seguindo de verdade as sangrentas pegadas do Crucificado, não podem menos que participar das mesmas simpatias que Ele, e também dos mesmos ódios. Mas quem as odeia está julgado, e quem as ama, nelas ama a Jesus Cristo. Por isso, a Santa Igreja sempre olhou as virgens do Senhor como as meninas dos seus olhos, e celebra sua consagração religiosa – figura das eternas bodas do Cordeiro – com uma solenidade que compete com àquela da consagração de seus sacerdotes, como órgãos dispensadores dos mais divinos mistérios[302]. Assim se explica porque desde São Dionísio[303] até São Pedro Damião[304] se considerasse a profissão religiosa – hoje tão odiada por muitos cristãos de mero nome – como um tipo de *sacramento*, ou como uma ordem *quase sacramental*.

E quando o fiel cumprimento dos deveres dessa profissão implica, ou a constante prática das ordinárias virtudes da vida cristã, levam à perfeita *união de conformidade* com a vontade divina, então o amantíssimo Esposo

---

Ele se dá em recompensa!... Verdadeiramente, que estas *loucuras* do amor de um Deus não se podem compreender nem menos explicar".

E, com efeito, a alma pura que assim se une com o Verbo divino vem a ficar inefavelmente cheia da plenitude d'Ele, cujas coisas ela as vê e as *sente* como se já fossem totalmente suas. Assim é como essa mesma Serva de Deus escrevia pouco depois: "Passei o Natal mais feliz de minha vida, por ser o primeiro ano em que pude me instalar no presépio de Belém *como em minha casa*. Essa união com Nosso Senhor que dão os votos, não se pode explicar".

"Quem culpe como pesada ou difícil a obediência, dizia conforme a isso o Ven. J. Tauler (*Inst.* c. 13), manifesta que não chegou a saborerar o que seja a obediência. Quanto o sabor divino excede a todo natural sabor, tanto a obediência é mais saborosa que toda propriedade; porque Deus *paga consigo mesmo* todas as coisas que se fazem ou deixam de fazer por Ele".

302 Na consagração das virgens (*Pontificale Rom.*), diz-lhes o Bispo: "Eu te desposo com Jesus Cristo, Filho do Eterno Pai... Recebe, pois, este anel, como selo do Espírito Santo, para que, permanecendo fiel ao teu celestial Esposo, recebas a eterna coroa". E as virgens cantam: "Desposada estou com Aquele a quem servem os Anjos... Meu Senhor Jesus Cristo me deu seu anel como penhor de seu amor, e com sua coroa me adorna como esposa".

303 *De Eccl. Hier.* c. 6.

304 *Serm.* 69.

das almas, vendo-as já totalmente animadas por seu Espírito e, como verdadeiras filhas de Deus, dóceis aos seus amorosos impulsos, é quando começa a lhes descobrir muito claramente os mistérios da íntima união que com Ele contraíram, e para que melhor os compreendam se digna celebrar, como logo veremos, visivelmente, diante da corte celestial, com uma solenidade que não é própria da terra, as simbólicas cerimônias desse *místico desposório.*

Mas para isso têm que chegar a um alto grau de pureza, despojando-se completamente do homem velho para resplandecer já com a imagem do celestial e divino, e morrendo de verdade a si mesmas, a fim de poderem viver só para Deus. Enquanto não cheguam a esse feliz estado, o Senhor as visitará tão somente como *médico* para tratar de suas chagas, curá-las de suas doenças e fraquezas, ou no máximo, como Pai amoroso, para consolá-las e animá-las; mas não lhes prodigalizará essas inefáveis comunicações, reservadas paras as fiéis esposas[305]. Não espere nenhuma alma gozar dos consolos próprios do *desposório* sem ter se configurado com Aquele que é verdadeiro *Esposo de Sangue* (Ex 4, 25). Mas a que estiver resolvida a não lhe negar nada, custe o que custar, essa persevere firme e confiante, que suas esperanças não se lhe frustrarão.

---

305 "Verbum, diz S. Bernardo (*Serm.* 32 *in Cant.*), quasdam visitat animas tamquam medicus afferens unguenta, et remedia salutaria, sc. animas *imperfectas*. Alias visitat tamquam sponsus osculans, et amplectens, idest, suavissime interius astringens, ineffabili unitivi amoris dulcedine et splendore, sc. eas quae perfectiores existunt. *Sentiunt*, enim hae in ipso sponsi amplexu, se totas sancti amoris suavitate deliniri... *Osculis et amplexibus Sponsi sola illa anima fruetur, quae multis vigiliis, et precibus, multo labore et lacrymarum imbre Sponsum quaesierit*: et licet inventus, subito, dum tenere te existimas, elabitur; si rursum lacrymis et precibus occurras, facile comprehendi patitur; nec tamen diu retineri vult, sed subito quasi e manibus evolat: tu tamen fletibus insta, *reditum eius certissime expectans*".

§ IV. – RELAÇÕES COM O ESPÍRITO SANTO. – PROPRIEDADES, MISSÕES, NOMES E SÍMBOLOS DESTE DIVINO HÓSPEDE, CONSOLADOR E VIVIFICADOR, RENOVADOR E SANTIFICADOR DAS ALMAS. – RESUMO: A VIDA DIVINA EMANANDO DO PAI E COMUNICANDO-SE A NÓS PELO FILHO NO ESPÍRITO SANTO.

Pelo que já foi dito se compreenderá já de algum modo quão numerosas são as inefáveis relações que a alma justa tem com o divino Espírito; cuja obra misteriosa não é possível manifestar com palavra, porque não cabe sequer em conceitos humanos: só pode se concluir ou adivinhar, de certa maneira, pelos singulares títulos que Ele mesmo, pela boca de seus profetas e santos, continuamente se atribui.

Ele é o *Amor* pessoal, a *Caridade* de Deus, a *Paz* do Senhor que deve estar sempre conosco, a *Santidade* hipostática e santificante, a *Graça* incriada, a *Unção* divina, o *Selo* de Jesus Cristo, o *Espírito* de *adoção* e de *revelação*, *criador*, *renovador*, *regenerador*, *vivificador*, *iluminador*, *consolador*, *diretor e transformador* das almas; e assim é o grande *Dom* por excelência.

É o *Amor pessoal*; porque se Deus é *Caridade* – assim como é *Sabedoria* –, essa *Caridade* personificada é o Espírito Santo; assim como a *Sabedoria* personificada é o Filho de Deus, Verbo eterno da inteligência divina. Mas o Filho não é um verbo qualquer, diz Santo Tomás[306], não é um verbo oco, abstrato e frio, como costuma tantas vezes ser o da razão humana; mas um Verbo que respira Amor: *Est verbum, non qualecumque, sed spirans amorem*. Pois o Pai e o Filho, conhecendo-se infinitamente, não podem menos que se amarem com um *Amor* infinito; e "lançando, escreve São Francisco de Sales[307], com uma mesma vontade, com um mesmo ímpeto... uma respiração, um *espírito de amor*, produzem e expressam um sopro, que é o Espírito Santo". Assim, esse soberano Espírito é a eterna expressão do mútuo amor do Pai e do Filho, o fruto perfeito de sua perfeita dileção, o estreito abraço que eternamente os une, o inefável beijo que eternamente se dão.

---

306 1ª p., q. 43, a. 5 ad 2.

307 *Serm. pour la Pentec.*

"Foi comunicado pelo Salvador aos seus discípulos, adverte São Bernardo[308], em forma de um sopro, que era como um ósculo seu, para que compreendamos que procede do Pai e do Filho como um verdadeiro beijo comum".

Esse é, pois, o dulcíssimo *beijo de sua boca* com que tanto ardor a alma enamorada pede ao Esposo divino; porque com Ele se une amorosamente por esta inefável comunicação de seu próprio Espírito, no qual se compendiam todas as maravilhas da caridade de Deus[309].

Daí o antigo costume da Igreja de dar aos fiéis *a paz do Senhor* na forma do simbólico *beijo da paz*, que representa a mútua comunicação do Espírito Santo; o qual nos fará ser consumados na unidade, à semelhança das divinas Pessoas[310].

Como *Espírito de Amor*, está simbolizado pela *pomba*, emblema do amor fiel, puro, simples e fecundo. O Esposo chama a alma santa de *minha pomba*, porque a vê cheia e radiante do puríssimo amor de seu Espírito. Este é aquela "*Dileção* de Deus que, segundo Santo Irineu[311], pelo Verbo nos conduz ao Pai". Já que "pelo Espírito Santo subimos ao Filho, e pelo Filho ao próprio Pai"[312]. É aquele "amor forte com a morte", cujos *ardores* – segundo diz o texto hebraico (Ct 8, 6) – são ardores de divino fogo,

---

308 *In Cant. serm.* 8, n. 2.

309 "Certamente é ditosa a alma, diz Frei João dos Anjos (*Triunfos* 2ª p., c. 14), e mil vezes ditosa, naquele beijo de Deus, quando sem nenhum meio a junta a Si, é transformada e deificada e, morrendo a si e a tudo o que não é Deus, vive só do que é Deus... Muitos foram arrebatados à doçura do *beijo de Deus*, e neste rapto foram todos *deificados*".

310 "Assim como na Divindade, diz Frei Luís de León (l. c. 2, c. 4), o Espírito Santo, inspirado juntamente das pessoas do Pai e do Filho, é o amor e, como se disséssemos, o nó doce e estreito de ambas: assim Ele mesmo, inspirado à Igreja, e com todas as partes justas dela enlaçado, e nelas morando, vivifica-as, e as incendeia, enamora e deleita, e as faz entre si e com Ele uma mesma coisa". "A caridade, dizia o Eterno Pai à Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 9), é como uma corrente de ouro que me une às almas e as une em Mim com uma união semelhante à das três Pessoas divinas. Essa é a graça que com tanto fervor pedia meu Verbo para elas em seu último discurso sobre a caridade: *Que sejam um, como nós o somos*".

311 *Haeres.* l. 4, c. 2.

312 *Ib.* l. 5, c. 36.

chamas de Yahvé". Quão vivamente o sentem as almas que estão n'Ele abrasadas![313]

"O *Amor* que é de Deus e que é Deus, diz Santo Agostinho[314], é o próprio Espírito Santo, por quem está derramada em nossos corações a caridade de Deus, que nos faz hóspedes e templos da Trindade. Eis aqui porque o Espírito Santo é também justissimamente chamado o *Dom de Deus*. E qual é este Dom senão a *Caridade* que conduz a Deus, e sem a qual nenhum outro dom poderia nos conduzir a Ele?"

Assim esse amoroso Espírito, que nos faz exclamar: *Pai!...*, é aquele *Dom* por excelência em que se resumem todos os dons divinos. Se conhecêssemos o *Dom de Deus*, como poderíamos menos que apreciá-lo sobre todos os tesouros do mundo! *Si scires Donum Dei!...* Se bem o conhecêssemos, certamente com toda a alma desejaríamos nos saciar na fonte de água *viva* que tira toda sede terrena e dá vida eterna; certamente pediríamos a Deus muito verdadeiramente que nos desse essa misteriosa "água", e a conseguiríamos. Essa água viva e *vivificante* – de que falava o Senhor –, não já aos muito aproveitados, mas à Samaritana (Jo 4, 10-14), é o Espírito que nos dá vida duradoura. Por isso acrescentou, dirigindo-se a todo o mundo (Jo 7, 37-39): "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba; e de seu seio

---

313 "Por meio deste Espírito, acrescenta Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 33), transformais em Vós, Senhor, as almas, de modo que já não se encontram, por assim dizer, em si mesmas, posto que, tendo-as transformado o amor em Vós, e a Vós nelas, chegaram a ser um mesmo Espírito conVosco. Ó, grandeza do Verbo! Ó, privilégio da criatura! Ó, graça inefável do Espírito Santo! Se essa graça fosse conhecida, excitaria a admiração geral e todos gostariam de se unir assim conVosco!".
"Ó, santo Amor, exclamava Santa Catarina de Gênova (*Dial.* 3, 11), tu nos inflamas em tuas chamas até nos transformarmos – quem acreditaria? – em Ti! Que prodígio! Já não somos mais que amor contigo, sem que tenhamos que nos dar conta desta obra supra-humana, inefável e totalmente divina! Éramos *terrenos* e nos tornamos *celestes*... (I Cor 15). Perdemos a natureza que tínhamos de Adão, e não temos outra vida que a de Jesus Cristo... Somos *espirituais* com este divino Salvador; e como o espírito é em si mesmo indivisível, o homem se encontra unido de tal modo a Deus pelo amor, que não necessita saber nem onde está nem aonde vai, enquanto dure esta peregrinação daqui desta terra. Basta-lhe estar submerso nos ardores da caridade que o *impulsa*" (II Cor 5).

314 *De Trin.* l. 15, c. 32.

correrão rios de água viva. E isso dizia do Espírito que haviam de receber seus fiéis".

É água viva porque sacia, refrigera, lava, purifica, renova e dá vida, vigor e frescor. Como água viva o considera o Apóstolo quando diz (I Cor 12, 13): "Todos *bebemos* do mesmo Espírito". Chama-se também *Dom de Deus*, *Dom do Altíssimo*, ou simplesmente *Dom* – segundo aquelas palavras de São Pedro (At 2, 38): *Recebereis o Dom do Espírito Santo* – porque segundo seu próprio caráter pessoal, diz Santo Tomás, convém a Ele ser *dado* e ser *Dom* por excelência. "Procede, com efeito, observa Santo Agostinho[315], não como *nascido*, mas como *dado*, e, pelo mesmo motivo, não se diz *filho*, porque sua origem não é um *nascimento*, mas uma *doação*". E por ser a Doação primordial que as compreende todas, só com esse nome costumava designá-lo a Igreja primitiva. "Em sua bondade, escrevia Santo Irineu[316], Deus nos fez um Dom, e esse Dom, superior a todos os dons, porque os compreende todos, é o Espírito Santo". Assim, como Dom primordial, e como Espírito de Amor, são *atribuídos* a Ele os demais dons, as graças, os carismas, as inspirações, os divinos impulsos, as luzes, o fervor, a conversão, o perdão, a regeneração, renovação e santificação, e, em suma, a adoção e a inhabitação com todas as obras de amor e bondade em geral[317].

---

315 *De Trin.* l. 5, c. 14.

316 *Haer.* 4, 33.

317 Cf. Terrien, t. 1, p. 408. "Se o Espírito Santo vem a nós, diz o Pe. Froget (p. 248-9), é para agir, porque Deus é essencialmente ativo. E assim, muito longe de ser infrutuosa a união do Espírito Santificador com as almas é, pelo contrário, sumamente fecunda. Arrancar-nos do poder das trevas e nos transladar ao reino da luz; criar em nós o homem novo e renovar a face de nossa alma revestindo-a de justiça e santidade; infundir-nos com a graça uma vida infinitamente superior à natural, fazer-nos participantes da natureza divina, filhos de Deus e herdeiros de seu reino; alargar nossas potências, acrescentando novas energias às nativas, encher-nos de seus dons e nos fazer capazes de obras de vida eterna; em suma, trabalhar eficaz, incessante e amorosamente na santificação da criatura: *ad sanctificandam creaturam* (S. Agostinho, *De Trin.* l. 3, c. 4), eis aqui o objeto de sua missão, a grande obra que se propõe e que levará a feliz termo se não resistimos às suas inspirações e lhe prestamos a cooperação que nos exige".

Como *Caridade* pessoal, é a *Santidade hipostática santificante*, e por isso mesmo se chama *Espírito Santo*[318]. Denomina-se *Espírito Santo*, ensina Leão XIII[319], porque, sendo o supremo Amor, dirige as almas para a santidade verdadeira, que consiste precisamente no amor de Deus". "Porque é *Santo* por essência, advertia São Basílio[320], é a fonte de toda a santidade. Trata-se sejam dos anjos, sejam dos arcanjos ou de todas as potestades celestes, tudo é santificado pelo Espírito, que tem a santidade por natureza e não por graça: por isso leva singularmente o nome de *Santo*".

E santificando-nos, purifica e ilumina os olhos de nossos corações para que possam ver a divina verdade. Assim, conforme acrescenta o mesmo Doutor[321], "o caminho para chegar ao conhecimento de Deus vai de um só Espírito para um só Filho a um só Pai. E, na ordem inversa, a bondade natural e a *essencial santidade* derivam do Pai por seu único Filho até o Espírito Santo". Por isso, São Cirilo de Alexandria[322] o chama "a virtude santificante que procedendo naturalmente do Pai dá a perfeição aos imperfeitos". Assim nos é representado transformando-nos e imprimindo em nós os traços do Verbo do Pai e a viva imagem da divina Essência[323]. Deste modo é vivificador, renovador e iluminador: é *vida de nossas almas*,

---

318 Os mais célebres Padres gregos, diz Petau (*De Trin.* l. 8, c. 6, n. 7), consideram "a propriedade *santificante* – ou *vivificante* – como tão pessoal do Espírito Santo como é do Filho a filiação e do Pai a paternidade".

319 Enc. *Divinum illud munus.*

320 *Ep.* 8, n. 10; 159, n. 2.

321 *De Spiritu Sanctu*, n. 47.

322 Cf. *Thes. PP. Gr.* t. 75, p. 597.

323 "Transformando de algum modo em Si mesmo as almas, o Espírito de Deus lhes imprime uma semelhança divina, e esculpe nelas a imagem da substância suprema" (S. Cirilo de Alexandria, l. 11 *In Ioan.* 17).

E para melhor nos configurar com quem é nossa cabeça e modelo, quer nos formar, como a Ele, em união com a Santíssima Virgem. Assim, São Luís M. Grignion de Montfort (*Orat.* en *Vraie devot à la S. V.*) exclama: "Lembrai-vos, ó Divino Espírito, de produzir e formar filhos de Deus, em união com vossa fiel Esposa Maria. Com Ela e n'Ela formastes Jesus Cristo, cabeça dos predestinados, e com Ela e n'Ela deveis formar todos os seus membros. Vós não gerais nenhuma pessoa divina na Divindade; mas formais, fora da Divindade, todas as pessoas divinas; e todos os santos que existiram e existirão até o fim do mundo são outras tantas obras de vosso amor unido à Maria".

como O chamam Santo Agostinho[324] e São Basílio[325], porque, animando--as com a graça de sua própria comunicação, faz às vezes de *forma*, ou seja, de alma superior e verdadeiramente divina, pois Ele é "a própria *Vida* que estava no princípio no Verbo, e que é Luz dos homens" (Jo 1, 4) e origem de toda ação sobrenatural. "Fazemo-nos participantes do Verbo, diz Santo Atanásio[326], *no* Espírito Santo; *por quem* participamos da natureza divina e somos renovados".

Ele comunica o poder *regenerador* às águas do batismo: e ali *nos cria* em Deus, dá a nos o *ser* divino da graça e nos faz *renascer* para a vida eterna[327].

Para entrar no reino de Deus, ou para que esse reino entre em nós mesmos, temos que *renascer da água e do Espírito Santo* (Jo 3, 5-6). A liturgia isso nos recorda muito vivamente no Sábado Santo, dizendo[328]: "Ó, Deus onipotente... enviai vosso Espírito de adoção para *recriar* os novos povos que a fonte do batismo para vós gera. Olhai a vossa Igreja, e multiplicai nela os *renascimentos*... e fazei que receba do Espírito Santo a graça de vosso Filho único. Que esse mesmo Espírito, por uma mistura secreta de sua divindade, *fecunde* estas águas preparadas para a *regeneração* dos homens, a fim de que, do seio imaculado da fonte divina, saia, como uma criatura *renascente e renovada*, uma *estirpe celestial, concebida* na *santidade*, e que a *graça, sua mãe*, gere para uma nova infância aos que se distinguem na idade e no sexo... Que a virtude do Espírito Santo desça sobre a plenitude desta fonte e encha

324 *Serm.* 156, c. 6, n. 6.

325 *De Spir. Sancto*, c. 26.

326 *Ep.* 1 *ad Serap.* n. 22-24.

327 "O Espírito Santo é quem nos chama do *nada* ao *ser*... Ele restabelece a imagem de Deus quando imprime seus traços em nossas almas e as transforma, por assim dizer, em sua própria qualidade" (S. Cirilo de Alexandria, l. 2 *In Io.* 3).— "Jesus Cristo, acrescenta o mesmo Santo (I. 4 *Orat.* 2 *in Is.* c. 44), forma-se em nós em virtude de uma forma divina, que o Espírito Santo infunde em nós pela santificação".
Deste modo, as almas cheias do Espírito Santo, que, abrasadas no zelo da glória de Deus, trabalham por converter aos pecadores, contribuem a essa *criação* espiritual, ou a essa *formação* de Jesus Cristo. Por isso dizia Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 6), que cada alma zelosa "*recria* a Deus nas que o perderam, porque o retorno destas almas a Deus é como uma nova criação de Deus nelas".

328 *Oratio ad bened. Fontis.*

de uma *virtude regeneradora* toda a substância destas águas, e que todos os que entrem neste misterioso sacramento da regeneração renasçam como crianças com a perfeição da inocência"[329].

Assim Ele é quem torna fecundas as águas batismais e comunica à Santa Igreja o poder regenerador, conforme diz esta preciosa inscrição gravada por ordem de Sisto III no batistério de São João de Latrão: *Gens sacranda polis hic semine nascitur almo – Quam foecundantis Spiritus edit aquis. – Virgineo foetu genitrix Ecclesia natos – Quos, spirante Deo, concipit amne parit. –... Fons hic est vitae qui totum diluit orbem, – Sumens de Christi vulnere principium...*

Por isso, Santo Irineu[330] se atreveu a chamá-lo "semente viva e vivificadora do Pai"; porque nos faz renascer d'Ele, e sua própria comunicação nos dá o sermos verdadeiros filhos de Deus[331]. Posto que, segundo a expressão de Santo Agostinho, *renascemos do mesmo Espírito de que nasceu Jesus Cristo*, "sendo para nós, como diz São Leão, a fonte batismal o que para Ele foi o seio virginal"[332].

---

329 "*Nada tão instrutivo*, diz o Pe. Terrien (*La grâce* t. 1, p. 24), como as fórmulas e símbolos que desde um princípio empregou a Igreja para explicar o renascimento espiritual de seus filhos. Ao batismo chamava *regeneração*; os batizados de qualquer idade que fossem, eram para ela crianças recém-nascidas: *infantes, modo geniti infantes* (I Pd 2, 2); qualificação que vemos aplicada nas inscrições cristãs a homens de trinta ou quarenta anos. (Cf. Mabillón, *De re diplom.* suppl. 5; Martigni, *Antiq. chrét. Baptême*, 3.). Em certos lugares, dava-se-lhes de comer depois do batismo mel misturado com leite, isto é, uma comida de crianças... As instruções que o Bispo lhes dirigia eram sermões para as *crianças: Ad infantes*".

330 *Haer.* 4, 31.

331 "Considerandum est, diz Santo Tomás (*In Rom.* 8, 14, lect. 3), quomodo illi *qui Spiritu Dei aguntur sint filii Dei.* Et hoc est manifestum ex similitudine filiorum carnalium, qui per semen carnale a patre procedens generantur.— *Semen autem spirituale a Patre procedens est Spiritus Sanctus. Et ideo per hoc semen aliqui homines in filios Dei generantur* (I Io. 3): *Omnis qui natus est ex Deo peccatum non facit, quia semen Dei manet in eo*".

332 "Omni homini renascenti aqua baptismatis instar est uteri virginalis, eodem Spiritu replente fontem qui replevit et Virginem". "Factus est (Filius) homo nostri generis, ut nos divinae naturae possimus esse consortes. Originem quam sumpsit in utero Virginis, posuit in fonte baptismatis; dedit aquae quod dedit matri: virtus enim Altissimi et obumbratio Spiritus Sancti quae fuit ut Maria pareret Salvatorem, eadem facit ut regeneret unda credentem" (São Leão Magno, *Serm. in Nativ. Dom.* 4 et 5).

E posto que o Espírito Santo nos dá o *ser divino* que nos faz filhos de Deus – já que o ser tais consiste em estarmos animados por Ele –, é também *Espírito de adoção* que nos faz chamar a Deus com o nome de *Pai* (Rom 8, 14-16; Gal 4, 6-7)[333]. Ele é, diz Terrien[334], quem formando-nos à imagem do Verbo, faz-nos filhos adotivos do Pai... Ele quem, unindo-se às nossas almas, faz-nos agir como filhos de Deus; Ele quem, com sua presença íntima e suas operações, dá-nos testemunho de que não é em vão que levamos esse glorioso título, e sua posse é o que nos faz conhecer que permanecemos em Deus, e que Deus mora conosco (I Jo 4, 13)[335].

É o *Selo vivo* de Cristo, que, imprimindo-se em nossas almas, faz-nos vivas imagens de Deus, e é também a mística *Unção* que nos permeia da própria divina substância, e transforma nossos corações em outros tantos santuários da Divindade, em templos vivos de Deus, onde Ele mesmo habita como em sua própria morada, e onde "*com* Ele e *por* Ele, segundo escreve Terrien[336], vêm habitar o Pai e o Filho". "Ignorais, pergunta o Apóstolo (I Cor 3, 16-17; 6, 19), que sois templos de Deus, e que o divino Espírito habita em vós?... Ignorais que vossos membros são templos do Espírito Santo?...". Essa *unção* e consagração suaviza, purifica, ilumina e inflama nossos corações, preserva-os do erro, descobre-lhes a verdade (I Jo 2, 20. 27) e os faz dóceis e hábeis para ouvi-la e praticá-la.

A Ele deve necessariamente se atribuir, acrescenta Terrien[337], todos os dons da graça e tudo que se refere à nossa santificação, e faz que Deus se aproxime de nós, e nós d'Ele, segundo pode se ver considerando sua ação em Jesus Cristo, como cabeça, e nos fiéis, como membros. É admirável ver com

---

333 "Spiritus Sanctus in tantum dicitur *Spiritus adoptionis, inquantum per eum* datur nobis similitudo Filii naturalis" (S. Th., 2-2, q. 45, a. 6 ad 1).

334 1, p. 388.

335 "O ser *santos* e *filhos* de Deus, adverte Santo Tomás (3ª p., q. 32, a. 1), *atribui-se* ao Espírito Santo. "Nam *per ipsum* efficiuntur homines filii Dei... Ipse est etiam Spiritus *sanctificationis*, ut dicitur Rom. 1. Sicut ergo alii *per Spiritum Sanctum sanctificantur* spiritualiter *ut sint filii Dei* adoptivi; ita Christus per S. S. est in sanctitate conceptus ut esset Filius Dei naturalis".

336 1, p. 408.

337 *Ib.*

que minucioso cuidado nos mostra o Evangelho a influência do divino Espírito na missão do Salvador; Ele o formou no ventre imaculado da Virgem; Ele o anunciou, como Rei tanto tempo esperado, por Isabel, Ana e Simeão (Lc 1, 35-68; 2, 25, etc.); Ele desceu visivelmente no batismo para dar testemunho oficial diante do Precursor e diante do povo (Mt 3, 16; Jo 1, 29-34); Ele o conduziu ao deserto para que se preparasse para a grande obra do seu apostolado (Lc 4, 1); e por Ele realizou seus milagres o Deus feito homem, de tal modo, que ao resistir a eles com obstinação é pecar contra o Espírito Santo (Mt 12, 28; Lc 11, 20). Ainda mais, se Jesus Cristo se oferece por nós como hóstia sangrenta, é pelo Espírito Santo (Heb 9, 14); se continua no mundo sua obra de redenção pelo testemunho dos Apóstolos, esse testemunho é dado pelo Espírito Santo (Jo 15, 26); enfim, se deixa a Igreja para que perpetue sua missão até a consumação dos séculos, também a funda, forma, conserva e a faz perpetuamente fecunda por seu Espírito (At 1, 2 etc.). Assim, desde o princípio até o fim, o Espírito Santo preside em Jesus Cristo a realização de sua obra de graça, de amor, de restauração e de salvação. E se deste modo influencia a cabeça, poderá não o fazer nos membros?... Mesmo antes que Deus tenha tomado posse de uma alma, pertence ao Espírito Santo preparar sua entrada: a isso se ordenam essas ilustrações interiores e essas inspirações, chamadas graças prevenientes, com que toca os corações[338]. Mas não cessam aqui sua ação e seus benefícios. De toda essa infinita variedade de graças que tão liberalmente nos prodigaliza a divina Bondade, não há nem uma só que não seja d'Ele (I Cor 12; Heb 2, 4). Quando, feitos já filhos de Deus, somos transformados de claridade em claridade, Ele é quem realiza essa maravilha (II Cor 3, 18). Os inefáveis gemidos com que alcançamos a misericórdia e tocamos o coração de Deus (Rom 8, 26), todos os atos salutares que constituem nossos méritos (Rom 14); a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a benignidade; toda santidade, toda piedade, toda mansidão (Gal 5, 22-23), são outros tantos efeitos e frutos de sua presença no íntimo das almas. Ali está renovando a mesma novidade (Tit 3, 5), ativando nossa vida espiritual,

---

338 Conc. Trid. s. 6, c. 5.

ajudando nossa fraqueza, consolando-nos em nossas aflições, e se entristecendo por nossas infidelidades; ali está como princípio e penhor de nossa futura bem-aventurança (Rom 8, 14-26; At 9, 31; Ef 4, 30; II Cor 7, 22)[339].

Toda a tradição do Oriente e do Ocidente está de acordo em atribuir ao Espírito Santo de um modo *muito singular* a *inhabitação* divina e em afirmar que *n'Ele e por Ele* é como se unem o Pai e o Filho às almas para morar nelas[340]. "*Pelo Espírito Santo*, diz Santo Atanásio[341], participamos do Verbo e entramos em comunicação com Deus Pai... E assim é manifesto que a *Unção* e o *Selo* que *está* em nós, não é coisa criada, mas da mesma natureza do Filho, posto que este nos une ao Pai *pelo Espírito Santo*, que n'Ele está". "*Possuindo* o Espírito Santo, acrescenta[342], que é o Espírito de Deus, estamos verdadeiramente em Deus, e Deus, portanto, habita em nós". "A união com Deus, afirma São Basílio[343], faz-se *pelo Espírito Santo*, pois Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho para nos fazer exclamar: ABBA – *Pai*". "*Pelo Espírito Santo*, ensina por sua vez Santo Agostinho[344], habita em nós toda a Trindade...

339 "Que coisa mais rica nem para desejar mais, pergunta o Ven. Granada (*Guía de pecadores* l. 1, c. 5, § 2), que ter dentro de si tal hóspede, tal governador, tal guia, tal companhia, tal tutor e auxiliador, Ele que, como todas as coisas, *tuda realiza nas almas onde mora*. Porque Ele primeiramente como *fogo* ilumina nosso entendimento, inflama nossa vontade e nos leva da terra ao céu. Ele também como *pomba* nos faz simples, mansos, tratáveis e amigos uns dos outros... Como *nuvem* nos defende dos ardores da carne... Como *vento vêementíssimo* move e inclina nossa vontade a todo o bem, e a afasta e a desinteressa de todo o mal... *Todos os nossos bens e todo o nosso aproveitamento se devem a esse Espírito divino*: de tal maneira que se nos afastamos do mal, por Ele nos afastamos; e se fazemos o bem, por Ele o fazemos; e se perseveramos n'Ele, por Ele perseveramos; e se nos dão prêmio por esse bem, o mesmo é a Ele dado".

340 "Ó, *Amor* divino da Deidade suprema, *comunicação* santa do Pai todo-poderoso e de seu Filho beatíssimo! Eu creio que a qualquer um em que vos dignastes estabelecer vossa habitação, juntamente *o tornais templo* e morada do Pai e do Filho. Ditoso aquele que merece vos hospedar! Pois *por Vós* nele habitarão o Pai e o Filho. Vinde já, benigníssimo *Consolador* de uma alma aflita... Vinde, *santificador* dos pecadores e *médico* de nossas enfermidades. Vinde, *mestre* dos humildes, destruidor dos soberbos... e singular *glória* dos que vivem" (S. Agostinho, *Meditaciones* c. 9).

341 *Epist. ad Serap.* 1, n. 23-24.

342 *Or.* 3 *contra Arian.* n. 23.

343 *De Spiritu Sancto* c. 19.

344 *De Trin.* l. 15, c. 18.

Pois esse Espírito que nos foi dado é quem faz com que moremos em Deus e que Deus more em nós... Ele mesmo é a *Caridade de Deus*, e quem permanece na caridade, em Deus permanece e Deus nele: *Dilectio igitur quae ex Deo est, et Deus est, proprie Spiritus Sanctus est, per quem diffunditur in cordibus nostris Dei charitas, per quam nos tota inhabitat Trinitas*"[345].

Ele nos unge, pois, com sua própria comunicação, convertendo-nos em *ungidos* do Senhor, em verdadeiros *Cristos*, e assim nos *sela* invisivelmente com a imagem do Verbo, *pressionando* com ela – como verdadeira "luz da vida" – a *placa sensível* de nossos corações para a ir *revelando* pouco a pouco com os enérgicos *reagentes* dos padecimentos de Jesus Cristo, a fim de que, *morrendo* com Ele, possamos também *ressuscitar* com Ele gloriosos, perdendo a imagem do homem terreno para levar a do celestial (Rom 6, 3-11; 1 Cor 15, 45-49; 2 Cor 3, 18; 4, 10-14; Col 2, 2-12; Ef 4, 23-24; Fil 3, 10-11) e resplandecer com sua caridade divina.

Assim esse soberano Espírito que com sua própria substância vivificante nos *unge* e em nós *imprime* o místico *Selo* – para o ir manifestando cada vez mais – é quem nos preserva da corrupção, gérmen de imortalidade, penhor e arras da glória, e causa de nossa futura ressurreição, segundo aquela sentença apostólica (Rom 8, 11): "*Quod si Spiritus eius, qui suscitavit Iesum a mortuis, habitat in vobis: qui suscitavit I. Christum a mortuis, vivificabit et mortalia corpora vestra,* propter inhabitantem *Spiritum eius in vobis*". Deste modo,

345 "Nosso retorno a Deus o faz o Salvador *mediante a participação de seu Espírito* e a santificação. Pois o Espírito é *quem nos une* a Deus; recebê-lo é nos fazer *participantes da natureza divina*. E o recebemos *pelo Filho* e no Filho recebemos o Pai" (S. Cirilo de Alexandria, l. 12 *In Ioan.* 17).
"Sois admirável, ó Verbo divino, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 2), no Espírito Santo que enviais à alma, e *por meio do qual* a alma se une a Deus, concebe a Deus, saboreia a Deus e já não se regozija senão em Deus. Essa efusão do Espírito Santo é tão necessária à alma, que sem ela seria como um demônio, nutrir-se-ia do pasto do demônio e saborearia o que ele gosta. Ó, quanto abundam esses demônios encarnados, que a tantos perigos expõem vossos servos!... Derramai em todos os corações essa efusão de Vosso Espírito; e se é necessário que haja sempre no mundo males para exercício dos bons, fazei que esses mesmos males sejam exercitados por outros e que a adversidade acabe por reduzi-los a Vós".

ao mesmo tempo que *unção* e *selo vivo*, é *penhor* seguro, e como princípio e gérmen da gloriosa imortalidade, constituindo as *arras* da vida e herança eternas[346], já que as arras são algo da própria substância que se promete e assegura: *Unxit nos Deus; qui et signavit nos, et dedit pignus Spiritus in cordibus nostris* (II Cor 1, 21-22).

Assim, morando nos santos, constitui-os em "amigos de Deus e profetas, e permanecendo o mesmo, tudo renova" (Sab 7, 27; cf. 2 Cor 5, 17). Faz *amigos*, porque é a própria Caridade de Deus, e essa caridade Ele a difunde em nossos corações, de modo que com ela podemos amar a Deus com o mesmo amor com que Ele nos ama, com um amor de verdadeira *amizade divina*. E é assim como estamos em Deus e Ele em nós. E como a amizade é um amor de benevolência, dela nascem, por uma parte, o *perdão*, e por outra, a *adoção*, que pelo mesmo motivo, atribuem-se ao Espírito Santo, com cuja virtude se perdoam as ofensas feitas a Deus (Jo 20, 23), e por cuja comunicação somos adotados e *feitos filhos*, como Ele mesmo nos testemunha: *Accepistis Spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus: Abba, Pater. Ipse enim Spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quod sumus filii Dei* (Rom 8, 15-16). O fiel amigo comunica seus segredos e faz participar de todos os seus próprios bens: daí que o Espírito de Amor seja *revelador* dos mistérios divinos (I Cor 2, 10; Ef 1, 17-19), penhor da herança de Deus (Rom 8, 17; Ef 1, 14) e dispensador de todas as graças (I Cor 12); por meio das quais *renova* todas as coisas (Sl 103, 30; Sab 7, 27). Por isso se nos manda robustecer-nos "na virtude pelo Espírito Santo no homem interior" e "renovar-nos no Espírito de nossa mente, revestindo-nos do homem novo" (Ef 3, 16; 4, 23-24), com o qual ficaremos cheios de energias espirituais com as quais possamos agir divinamente, subjugando nossas paixões e gozando da gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Rom 8, 21; II Cor 3, 17)[347].

---

346 "Quando o Espírito de Deus entra numa alma, diz São Basílio (*Adv. Eunom.* l. 5), derrama nela a *vida*, a *imortalidade* e a *santidade*".

347 Quando chegou alguém a dominar suas paixões, observa o Padre Grou (*Manuel des âmes inter.* p. 36), "se vê já independente, na realidade, de tudo o que não é Deus, e deliciosamente goza da liberdade de seus filhos. Tem piedade dos miseráveis escravos do mundo, e se congratula por estar livre de suas

Ao nos renovar, faz hábeis mesmo as línguas das crianças para que possam proferir os grandes mistérios, ou melhor dizendo, profere-os Ele mesmo pela boca de seus profetas: *Spiritu loquitur mysteria* (I Cor 14, 2). – *Non enim vos estis qui loquimini: sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis* (Mt 10, 20). – *Qui locutus est per prophetas*[348].

Como distribuidor de todos os dons e graças de Cristo, comunicando a cada um dos fiéis – segundo a medida da doação de nossa Cabeça – a vida, virtude e fortaleza divinas, organiza e desenvolve o Corpo místico da Igreja, do qual é alma, segundo a sentença de Santo Agostinho[349]: *Quod est anima corpori, hoc est Spiritus S. corpori Christi, quod est Ecclesia.* E sendo verdadeira alma desse portentoso organismo, e vida superior e divina de cada um dos membros que não estejam em pecado, n'Ele está posta toda a virtude das funções vitais, comuns e privadas, de todo o conjunto e de cada um dos órgãos; e assim Ele é quem produz toda a maravilhosa obra de nossa justificação, santificação e deificação, desde o princípio até o fim[350]. Ele nos dispõe com santas inspirações para receber a vida da graça, e Ele a

---

correntes. Tranquilo na praia, olha-os arrastados pelas ondas deste mar de iniqüidades, agitados por mil ventos contrários, e sempre com risco de perecer na tempestade. Goza de uma profunda calma, é senhor de seus desejos e de suas ações, pois faz o que quer fazer. Nenhuma ambição, ganância nem sensualidade o seduz; nenhum respeito humano o detém; nem os juízos dos homens, nem suas críticas, burlas e desprezos são capazes de separá-lo um ponto da via reta. As adversidades, os sofrimentos, as humilhações e todas as cruzes, sejam quais forem, não têm já em nada por que serem espantosas nem temíveis. Em suma, está elevado por cima do mundo, de seus erros e atrativos. Que coisa é ser livre, se não é isso? Ainda mais, é livre com respeito a si mesmo; porque, não deixando-se levar pela imaginação nem pela inconstância, está firme em suas maduras resoluções".

348 Cf. Santo Tomás, *Contra Gent.* l. 4, c. 21.

349 *Serm.* 266 *in Pent.* c. 4.

350 "Que efeitos mais admiráveis, Senhor, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 28), não produz no mundo vosso divino Espírito, reformando-o e dando-lhe nova vida! Ele Vos exaltou... penetrando nos corações de vossos escolhidos. Pois, unindo-se a eles, fá-los realizar vossas operações de modo que sejais neles exaltado tanto quanto o podeis ser, posto que neles chegais a ser outro Vós mesmo, graças à íntima união que com esse divino Espírito têm. Sois particularmente exaltado em todos os vossos sacerdotes que possuem esse Espírito; posto que eles chegam a ser como outros tantos Verbos e deuses em Vós (Sl 81, 6). Se não há mais que um só Deus por essência, há milhares por comunicação, participação e união".

introduz, conduz, desenvolve e a vai manifestando por graus, à medida que *nos transforma de claridade em claridade* (II Cor 3, 18).

Considerando agora o adorável mistério da Trindade Beatíssima, veremos que a origem primordial da vida está no Eterno Pai: *ex quo omnis paternitas, e ex quo omnia* – em quem está a fonte da vida – *Quoniam apud Te est fons vitae.* D'Ele passa pelo Filho – *per quem omnia* – em quem está a própria vida: *In Ipso vita erat*; e vai toda ao Espírito Santo – *in quo omnia*; que a derrama em nossas almas, fazendo-as participantes da natureza divina e difundindo em nossos corações a própria caridade de Deus[351].

E assim é como entramos em comunicação com a vida íntima de toda a Trindade e em relação com cada uma das três adoráveis Pessoas.

Mas essa vida divina que o Espírito de Amor em nós inocula e infunde, tem como um depósito animado – um organismo humano divino – com órgãos e canais para distribui-la biologicamente, desempenhando as devidas *funções*, e esse depósito e organismo é Jesus Cristo com sua Igreja, e os canais vivificadores são os sacramentos.

O Espírito Santo começa sua missão santificadora na Encarnação de Nosso Senhor, na formação de seu sagrado corpo, na união com a alma e na infusão das graças *capitais ou fontais*, pois sabido é que esse mistério foi realizado no seio da Virgem por obra do Espírito Santo. Mas ademais da formação do *corpo natural* de Cristo, formou, à imagem d'Ele, seu *Corpo místico* que é a Santa Igreja, da qual é como alma, exercendo todas as funções vitais que são necessárias para reproduzir nos diversos membros que a integram toda a série dos mistérios da vida, paixão, morte e ressurreição do próprio Salvador, a fim de que, "onde Ele esteja, estejam também seus servos"[352].

---

351 "O Pai, diz Santo Atanásio (*Epist. ad Serap.* 1, n. 19), é a *fonte*, o Filho é o *rio*, e o Espírito Santo é a *quem bebemos*. Mas bebendo o Espírito, bebemos a Cristo". Cf. S. Agostinho, *Meditaciones*, c. 31.

352 "Generatio enim Christi origo est populi christiani... Omnes Ecclesiae filii temporum sint successione distincti, universa tamen summa fidelium, fonte orta baptismatis, sicut in Christo in passione crucifixi, in resurrectione resuscitati, in ascensione ad dexteram Patris collocati, ita cum ipso sunt in nativitate congeniti... Quisquis enim... regeneratus in Christo, interciso originalis tramite vetustatis, transit in novum hominem renascendo: nec iam in propagine carnalis patris, sed

O corpo natural, tendo alcançado toda sua plenitude e consumado sua obra própria, subiu já glorioso aos céus; o *místico* se encontra ainda – e seguirá enquanto dure o mundo – em vias de desenvolvimento, devendo *crescer em tudo* segundo Jesus Cristo, pela virtude de seu Espírito de Amor (Ef 4, 7-24).

Assim ambos, o Verbo divino e seu Espírito, influenciam *imediata* e *diretamente*, mas cada qual *a seu modo*, ou seja, respectivamente, como cabeça e alma, neste progressivo desenvolvimento do conjunto e na incorporação, vivificação, purificação, iluminação, santificação e deificação de cada um dos membros e órgãos vivos da Santa Igreja Católica[353].

---

in germine Salvatoris; qui ideo Filius hominis est factus, ut nos filii Dei esse possimus" (S. Leão Magno, *Serm. in Nativ. Dom.* 6).

353 "Temos – ai! – que sofrer a burla com que Renan – renovando uma frase de Feurbach – se compadece dessa Pessoa divina tão esquecida por seus adoradores... Se nos recordássemos mais do Espírito Santo, veríamo-nos rapidamente recompensados com tais progressos espirituais, que nem sequer deles temos idéia. – Quem não fecha os olhos à sua luz, compreende que todo o poder da Igreja, seu coração, seu sangue, seu calor vital e todas as manifestações de sua vida, não são outra coisa que o Espírito Santo agindo nela. Ele é quem vive e age nos sacramentos, enquanto são canais de vida, instrumentos da graça e meios de salvação e santificação" (Weiss, *Apol.* 9; cf. 3, apênd. 1).— "A vida espiritual, acrescenta esse eminente apologeta (ib. ap. 2), não poderá reflorescer sem que o Espírito Santo seja melhor conhecido e mais amado".

CAPÍTULO III

AS PARTICIPAÇÕES DA ATIVIDADE DIVINA

§ I. – A OPERAÇÃO DA GRAÇA. – NECESSIDADE DE ENERGIAS INFUSAS QUE TRANSFORMEM AS NATURAIS. DOIS TIPOS DE PRINCÍPIOS OPERATIVOS E DE ENERGIAS CORRESPONDENTES; A RAZÃO REGULADORA E AS VIRTUDES SUBORDINADAS; O ESPÍRITO SANTO E SEUS DONS. – PSICOLOGIA MARAVILHOSA.

Não se limita a divina caridade a deificar nossa natureza, mas estende essa deificação a todas as nossas faculdades, para que nosso próprio agir seja divino, e assim procedamos, ou possamos proceder em tudo, como dignos filhos da luz, irmãos e fiéis imitadores de Cristo, Sol de justiça, produzindo copiosos frutos de vida eterna e resplandecendo de modo que por nossas obras seja glorificado o Pai celestial (Mt 5, 16; Ef 5, 8; Col 1, 10).

Se a vida da graça se comunicasse a nós em toda sua plenitude definitiva, ou, pelo contrário, simplesmente como penhor da glória, bastaria a nós *conservá-la* no mesmo estado, para sermos merecedores da herança paterna. Isso é o que acontece com os cristãos que morrem antes do uso da razão, ou no momento de serem justificados, sem terem podido fazer frutificar a graça recebida. Mas uma vez que esta nos é dada como em gérmen, para que se desenvolva de modo que não só tenhamos vida, mas uma vida cada vez mais próspera e abundante (Jo 10, 10), se por nossa culpa não se desenvolve, fazemo-nos indignos dela, e seremos despojados do talento divino que mantivemos sepultado e ocioso, devendo nos esforçar para o fazer frutificar para Deus (Mt 25, 24-30; Rom 7, 4). Enquanto vive o homem, deve executar ações correspondentes à sua natureza e ordenadas ao seu fim

último, e a graça é como uma segunda natureza, princípio radical de outra ordem superior de ações, cujo último fim é a vida eterna[354].

Daí, a obrigação inevitável que temos de "fazer para com todos o bem – e o bem sobrenatural – enquanto temos tempos" (Gal 6, 10); de "trabalhar com temor e tremor nossa salvação" (Fil 2, 12), sabendo que a podemos perder por preguiça, e de "assegurar, mediante as boas obras, nossa vocação e eleição, para nos preservar do pecado e merecer entrar no reino do Salvador" (II Pd 1, 10-11). Devemos, pois, "aplicar-nos sempre mais na obra de Nosso Senhor, sabendo que nosso trabalho não é vão em sua presença" (I Cor 15, 58), já que *cada um há de receber um prêmio proporcional ao seu trabalho* (I Cor 3, 8).

"A vida eterna, ensina o Concílio de Trento[355], propõe-se a nós ao mesmo tempo como uma graça misericordiosamente prometida aos filhos de Deus por Jesus Cristo, e como recompensa e prêmio de nossos méritos e boas obras. Ela é coroa de justiça que o justo Juiz tem reservada para todos que tiverem legitimamente combatido". Assim, conforme dizia Santo Agostinho[356], *Aquele te criou sem ti, não te justificará sem ti.*

Estamos, pois, obrigados a cooperar para nossa justificação e santificação, porque Deus quer coroar nossos méritos coroando sua própria graça, ou seja, o poder que para os fazer nos comunica. Se recebemos o divino ser de filhos seus, recebemo-lo como um preciosíssimo gérmen de vida para o desenvolver e não o deixar perecer. Começamos a vida da graça como em estado de "crianças recém-nascidas, que necessitam desejar ansiosamente o leite racional, a fim de *crescerem* para sua salvação" (I Pd 2, 2), até chegar à medida do homem perfeito, e assim devemos nos desenvolver e crescer em tudo segundo Jesus Cristo (Ef 4, 13-16), de tal modo que Ele mesmo chegue a se formar novamente em nós (Gal 4, 19). Se, pois, não buscás-

354 "A graça, diz Mons. Gay (*Vida y virt. cr.* t. 1, p. 65), é antes de tudo um princípio de ação; é vida, e a vida nos é dada para viver; é força, e a força nos é dada para exercitá-la; é semente, e a semente nos é dada para que frutifique...".

355 Ses. 6, c. 16.

356 *De Verb. Apost.* serm. 15, c. 11; serm. 170, c. 2.

semos crescer, muito em breve pereceríamos por contrariar os planos da divina Providência.

"Entra, com efeito, na ordem da providência de Deus, observa Terrien[357], que nenhum ser receba desde seu primeiro instante a perfeição final que deve alcançar. Em todos é preciso que haja crescimento, com tendência para um estado melhor. Tudo está aqui em baixo submetido a essa lei; tudo deve subir do menos perfeito ao mais, da bondade começada à consumada; assim acontece nas obras da natureza, nas produções de arte e nas maravilhas da mesma graça... Essa *lei do progresso* rege todas as coisas que saíram das mãos de Deus".

Mas para progredir na vida divina, devemos executar operações e realizar funções também divinas, e para isso necessitamos a qualquer preço de energias da mesma ordem, que com efeito nos são dadas em raiz com essa mesma vida. Pois assim como na ordem natural possuímos todo um conjunto de potências ou faculdades cognitivas e afetivas – racionais e sensíveis – que derivam da essência da alma como outros tantos princípios imediatos de operação que nos permitem desempenhar todas as funções da vida propriamente humana; assim também na ordem sobrenatural devemos possuir outro conjunto de potências correspondentes à nova vida da graça, pelas quais possa ela se manifestar de modo que ajamos e procedamos já como verdadeiros filhos de Deus e não como puros homens[358].

Daí que com o ser sobrenatural recebamos toda uma série de faculdades novas, que em certo modo brotam da mesma graça, com *propriedades* suas, as quais não só aperfeiçoam e enobrecem as potências naturais, mas as elevam, transfiguram e deificam, dando-nos um poder totalmente novo e umas energias transcendentes que de nenhum modo possuíamos, e assim nos permitem realizar operações superiores às forças de nossa pobre natureza,

---

357 *O. c.*, t. 1, p. 154.

358 "Sicut ab essentia animae effluunt eius potentiae, quae sunt eius operum principia; ita etiam ab ipsa gratia effluunt virtutes in potentias animae, per quas potentiae moventur ad actus" (S. Th., 1-2, q. 110, a. 4 ad 1.

e mesmo às de qualquer natureza possível. Essas potências e energias são – junto com as *graças atuais* ou influxos transitórios – as *virtudes infusas* e os *dons do Espírito Santo*, com que *habitualmente* podemos agir como homens *deificados*, e mesmo como órgãos animados pelo próprio Espírito de Deus[359]. Assim essas potências não são como certas virtualidades próprias, mas latentes, que a própria natureza possui em gérmen para as ir desenvolvendo e manifestando com o tempo; não, são totalmente *novas* e tão superiores, que só Deus as poderia comunicar-nos. E Ele é quem as comunica a nós e quem as manifesta em nós à medida que nos renova: *Ecce nova facio omnia* (Ap 21, 5). Deste modo, desempenham em nós *conaturalmente* as funções e operações da vida da graça, e nos ordenam à felicidade eterna, assim como as naturais desempenham as da humana e nos ordenam à felicidade temporal.

Certo é que bastaria um influxo divino transitório para estimular e confortar as faculdades e virtudes naturais e fazê-las produzir um ato de algum modo *sobrenatural*. Mas então esse não seria *conatural*, nem menos *vital*, pois não partia em rigor, enquanto tem de divino, de um princípio íntimo, como é a vida da graça. E não brotando dela, não teria de si mesmo como acrescentá-la, nem seria *per se* meritório de *vida eterna*, assim como não pode se chamar *nosso*, nem pelo mesmo motivo *meritório*, um impulso que com violência se impõe a nós, sem que nós o *assimilemos*. Por isso, necessitamos possuir essas energias como *próprias* e *conaturalizadas*, a fim de que seus atos sejam verdadeiramente nossos, ao mesmo tempo que dependentes em tudo da graça, para que de si mesmos cedam em mérito e aumento de glória. Assim a própria fé e esperança, se estão *mortas*, ao serem hábitos infusos e conaturalizados, não são capazes de mérito; pois embora com um misterioso influxo do Espírito Santo produzem atos que dispõem

359 "A natureza dos filhos de Deus, observa o Pe. Terrien (*ib.* p. 156), não é já puramente humana... É uma natureza elevada e transfigurada pela graça, uma *natureza deiforme*, que convém a um ser *divinizado*... E o conhecimento de um filho de Deus deve estar à altura do ser que tem por graça". – E reciprocamente, "posto que temos, dizia São Cirilo (*Thesaur.* l. 2, c. 2), a mesma operação com Deus, preciso é que participemos de sua natureza".

o pecador a recobrar a vida, enquanto esses não forem *vitais*, próprios dos filhos de Deus, não merece sua glória[360].

E como a graça não destrói a natureza, nem se opõe a ela, mas a aperfeiçoa acomodando-se a ela, e assim a retifica e completa ao mesmo tempo que a eleva e transforma; daí que essas energias sobrenaturais, para mostrarem-se em todo o seu esplendor, suponham o devido desenvolvimento das naturais mesmas, aos quais devem dar um novo lustre, e sobre as quais devem implantar virtualidades e poderes muito superiores para realizar as obras de vida eterna.

E como essa se acomoda à natural, assim as potências, energias e virtudes sobrenaturais guardam certa analogia com as humanas. Na vida natural, aparte da faculdade *aumentativa*, temos potências *cognitivas, afetivas e operativas*, que se desenvolvem e aperfeiçoam com o reto *exercício* e a conseguinte aquisição do *hábito* das virtudes sintetizadas nas quatro que se chamam *cardeais*, e também temos certos *instintos* comunicados pelo próprio Autor da natureza para realizar todos aqueles atos indispensáveis que não poderiam ser bem dirigidos por nosso próprio conhecimento. Pois bem, na vida da graça temos, em lugar disso e acima disso, as três nobres virtudes *teologais*, que são como as três grandes *potências* dessa vida, com que nos dirigimos e ordenamos a Deus, conhecendo-lhe em Si mesmo, tendo-lhe, desejando-lhe e amando-lhe com toda a alma, e temos as quatro principalíssimas virtudes infusas, correspondentes às cardeais, que ordenam o processo de nossa vida, em relação com os meios e com nosso próximo, até o fim sobrenatural[361]; e temos também

360 "Se queremos ser divinamente felizes, façamos obras dignas de Deus (Col 1, 10), ajamos de uma maneira *divina*. Mas para agir divinamente não basta, segundo a elevada doutrina de São Dionísio (*Eccl. Hier*. c. 2), um auxílio transitório, é necessário um *nascimento* divino, uma *existência* divina, um *estado* divino que possa produzir uma *operação divina*. É preciso que participemos dessa virtude pela qual Deus se possui imediatamente a si mesmo" (Monsabré, *Conf.* 18, 1875).

361 "A alma, diz Sauvé (*Le culte du C. de J.*, élév. 25), vive naturalmente da luz pelos olhos, das vibrações da Natureza pelo ouvido, dos alimentos pela boca, e de tudo pelo tato, etc... As virtudes e os dons são as faculdades do homem novo; por elas vive do próprio Deus: aí é onde lança suas raízes... A Ele, Verdade infinita, percebe nossa fé; n'Ele, Bondade infinita e infinitamente favorecedora, lança sua âncora a esperança, e a Ele, Bem eterno, é a quem a caridade abraça e ama por Si

espécies de *instintos* com os quais Deus mesmo nos move e dirige para a vida eterna em tudo aquilo que não poderia ser bem ordenado por nós mesmos com a simples luz da fé e as normas da prudência odinária; tais são os *dons do Espírito Santo*, com os quais se completa a obra das virtudes, e se fazem plenas as comunicações de Deus e as maravilhosas efusões de seu amor infinito.

O conhecimento desse mecanismo da vida sobrenatural nos encheria de admiração, de assombro e encanto. Pois se tão vivo interesse oferece ao fisiólogo o estudo de nossa vida orgânica e racional, "qual não deveria oferecer ao cristão, diz o Pe. Froget[362], o conhecimento dos órgãos, das funções, dos fenômenos e, em suma, de todos os meios empregados pelo Espírito Santo para causar e promover a santificação de sua alma?". Mas bem mais se advinha e se sente, do que se diz; porque é tão inefável como admirável, e de nenhum modo pode caber em palavras nem mesmo em conceitos humanos. E se por exigências imperiosas de nossa condição natural, temos muitas vezes que apelar para certos sistemas, não há de ser para rebaixar o divino até dobrá-lo a eles, mas só para nos ajudar a explicá-lo e dá-lo a conhecer *pro nostro modulo, errores eliminando contrarios*, como dizia Santo Tomás[363], quando a fé piedosamente *busca a inteligência*, a fim de que *nosso obséquio seja razoável*. Por isso não devemos nos ater demasiado ao material de nossas expressões; essa materialidade servil da letra que *mata* (II Cor 3, 6), é uma das causas que contribuíram para que sejam tão mal apreciados e com tão escasso interesse vistos esses encantadores mistérios. Seus vitais encantos não podem se traduzir e apreciar com a devida exatidão através dos sagrados símbolos em que de um modo vago e como que vacilante os representa e oferece a divina Revelação a nós. A qual os propõe assim, precisamente para que não nos apeguemos a materialidades, mas nos atenhamos

mesmo... Mas como a alma em graça deve continuar vivendo na Natureza e na sociedade por meio de suas faculdades naturais, temos as outras virtudes para regular e deificar nossas relações com os homens e com as coisas".

362 P. 360.

363 *C. Gent*. l. 1, c. 2.

ao espírito que debaixo deles palpita, e que vão se manifestando a nós cada vez mais na experiencia cristã sob a interna direção do divino Paráclito e a exterior da Santa Mãe Igreja.

Assim, pois, atendendo ao *símbolo orgânico*, veremos como desse amorosíssimo Espírito que nos vivifica, derivam-se em nossas almas dois princípios imediatos de operação: um é constituído pelas verdades infusas, que elevam e transformam as naturais energias, fazendo-as capazes de obras meritórias de vida eterna. Mas ao serem sobrenaturais, essas virtudes vêm a ficar tão *conaturalizadas*, que se exercitam de *um modo humano*, sob a norma diretora da razão ilustrada pela fé viva, sem que a alma possa advertir claramente a luz, calor e energias que o Espírito divino por meio delas lhe infunde, pois oculto lá no mais fundo da própria alma, não lhe descobre sua doce presença, e a deixa em plena liberdade de ação no exercício dessas virtudes, como se lhe fossem coisa própria e natural, e assim parece a própria razão ser a que em tudo age, dirige e governa.

Mas o outro princípio de ação que o Espírito Santo em nós infunde, é constituído por seus preciosíssimos *dons*, que são como espécies de *instintos divinos* com que nos faz aptos para receber e secundar suas mais altas influências, dóceis para corresponder aos seus doces chamados e hábeis para seguir e realizar seus amorosos impulsos, em que já se deixa descobrir Ele de alguma maneira; e assim com os dons se age *supra modum humanum*, pois mais que nós, que não fazemos senão seguir sua moção, é Ele mesmo quem então age em nós e por nós comunicando-se a nós de um modo portentoso e divino[364].

Da presença e animação do Espírito Santo e do exercício de seus *dons* em união com as *virtudes*, resultam os doze saborosos *frutos* que produz

---

364 "Toda energia superior, observa o Pe. Gardeil (p. 47-51), tem dois meios de agir. Pode, desde logo, suscitar certos órgãos permanentes e fixos que, sob sua direção, repartir-se-ão os diversos tipos de atividades necessárias para alcançar o fim proposto... E então, deixando-os agir segundo a lei que lhes impôs, parece amoldar-se à condição de cada um deles. E desse modo, o Espírito Santo, residindo no amor, origem de toda atividade nossa, cria os órgãos de sua operação, que são as virtudes cardeais, e todas as outras secundárias...; e se contenta com unificá-las e vivificá-las, deixando-as

nas almas, e que permitem reconhecê-lo, e como arremate e coroação dos frutos maduros, resultam as oito *bem-aventuranças*, que são cada uma delas a perfeita e estável posse de alguma das principais virtudes evangélicas em união com os dons e frutos correspondentes, ou melhor dizendo, são outros tantos aspectos da felicidade que os filhos de Deus alcançam gozar em meio de todas as suas penas e amarguras; nas quais estão tanto mais venturosos e vivos, quanto mais miseráveis e mortos aparentam aos olhos mundanos. Porque à sombra bendita da Cruz de Cristo, saboreiam os imortais frutos da árvore da vida (Ct 2, 3).

Quem poderá agora descrever as divinas influências que continuamente sentem e a vital energia e o vigor que recebem sob o sopro vivificador do Espírito Santo? "Coisa verdadeiramente inefável é, diz Mons. Gay[365], essa irradiação ativa e benéfica de Deus na criatura em quem habita. Nós a chamamos *irradiação*, porque tal é, com efeito, a existência de seus dons,

---

desempenhar suas funções segundo a respectiva maneira de agir..., por mais que d'Ele recebam o destino e a própria energia com que agem. Todos conhecem essa forma da vida cristã, que constitui o fundo da vida do justo, que sem ruído e como conaturalmente produz obras de uma ordem divina, posto que originalmente emanam do Espírito Santo. – Mas se a força vital de um gérmen, como submersa na matéria, esgota-se com essa primeira manifestação, não acontece o mesmo com uma força vital independente e por necessidade transcendente, como é a divina; esta transborda sobre toda a atividade dos órgãos que teve por bem criar para se manifestar... Como Senhor absoluto, o Espírito Santo não está obrigado a se valer de subalternos para realizar sua vontade, e assim é como pode às vezes intervir diretamente no governo das almas; seja para ajudar às próprias virtudes nos casos difíceis, seja para produzir em nós certas obras excelentes que superam a medida ordinária, seja simplesmente porque pode e quer. E nessas intervenções é onde servem como base de operação os dons do Espírito Santo. Certo que Deus poderia agir em nós sem nossa cooperação, empregando-nos como simples *instrumentos* de sua obra". – E assim acontece até certo ponto nas graças *gratis datas* que, em ordem à santificação dos demais, manifestam-se às vezes em pecadores. – "Mas como aqui se trata de nossa santificação pessoal, não quis Deus que permanecêssemos sem cooperação e, pelo mesmo motivo, sem mérito, mesmo quando influencia sobre nós diretamente, sem transmitir sua atividade pelos órgãos ordinários; e para isso o gérmen santificante faz brotar em nossas almas ditos dons; com os quais fica como duplicado nosso organismo sobrenatural, e se *aclimata* em nós de alguma maneira o *extraordinário* e *divino*... Os dons não são, pois, as próprias intervenções do Espírito Santo, mas as habituais disposições depositadas em nossa alma, que a inclinam a consentir com facilidade a essas inspirações".

365 *Vida y virt. crist.* tr. 1, 2.

que... emanam originariamente da própria substância de Deus, e não só se refletem, senão que se *imprimem e esculpem* em nossas almas, segundo a expressão dos Santos Padres. Tal é o mistério que se realiza em nós, no mais íntimo de nosso ser..., onde está o reino de Deus... Essa irradiação e operação divina se realiza antes de tudo na própria essência da alma, derramando ali a graça radical que chamamos *santificante*, a qual, sendo ao mesmo tempo condição e primeiro efeito de sua presença sobrenatural, autoriza-nos e dispõe-nos para receber todos os seus demais benefícios. Por essa graça, redime e libera a alma da escravidão do pecado, reintegra-a, renova-a, rejuvenesce-a e a purifica, e a abre para todas as influências com que a favorece e para todos os impulsos que lhe comunica. Por essa graça toma Deus, por assim dizer, as raízes da alma, e enxertando-a n'Ele mesmo, torna-a capaz de saturar-se de sua seiva suavíssima e de difundi-la por todas as suas magníficas potências, pelas quais se dilata como o tronco por seus ramos. Essas potências naturais, tão numerosas, tão variadas e já de si mesmas tão maravilhosas, adquirem por aquela difusão interna, e cada qual segundo sua ordem, ofício e fim próprio, uma perfeição divina, pois todas recebem novas qualidades superiores, essencialmente sobrenaturais, que as fazem ao mesmo tempo flexíveis e enérgicas, dóceis e fortes, transparentes e focos de irradiação, dotando a alma de maior passividade para receber a ação de Deus, e de mais atividade para servi-lo e cumprir seu querer. Tais são, em primeiro lugar, essas virtudes supremas que chamamos teologais..., que são como um primeiro reflexo ou uma expansão imediata da graça. Logo vêm as virtudes infusas, intelectuais e morais, e vêm também os dons do Espírito Santo..., os quais põem a alma em condições de exercitar divinamente as virtudes, e se convertem em fecundos gérmens dos frutos que Deus quer recolher em nós. Pois embora só o sacramento da Confirmação comunique a plenitude desses dons sagrados, o mero estado de graça implica já a presença deles na alma; e, com efeito, não há justo que de fato não os possua em maior ou menor grau".

"Até as próprias crianças batizadas na aurora da vida, acrescenta o Pe. Froget[366], embora incapazes ainda de atos bons ou maus, recebem, no entanto, com a graça todo esse cortejo de virtudes sobrenaturais, como outras tantas sementes que o Espírito Santo deposita em suas almas, a fim de que, tão logo desperte o uso da razão, estejam prontas para entrar em exercício e frutificar".

§ II. – AS VIRTUDES SOBRENATURAIS. – NOMES E DIVISÃO; OFÍCIO E IMPORTÂNCIA DAS TEOLOGAIS E DAS MORAIS. – NECESSIDADE DAS NATURAIS E DAS INFUSAS; DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DESTAS E AQUISIÇÃO DAQUELAS; SEU MODO DE AGIR RESPECTIVO.

As virtudes próprias da vida cristã se chamam *infusas*, pelo mesmo motivo que, sendo nós totalmente incapazes de *adquiri-las* mesmo se fizermos muitos esforços, o próprio Deus se digna comunicá-las a nós junto com a graça, a fim de que por elas possamos realizar obras *divinas*. E assim com a própria graça crescem e se desenvolvem, e também desaparecem, exceto a *fé* e a *esperança*, que perseveram no pecado como últimas raízes para poder recobrar a vida, e que não se perdem senão por pecados graves totalmente opostos a elas. Chamam-se *cristãs*, por serem próprias dos membros de Jesus Cristo, e pelo mesmo motivo não se mostram em todo seu esplendor senão nos cristãos perfeitos. E se chamam também *sobrenaturais*, porque excedem as exigências e alcances de toda a natureza, e são implantadas em nós para elevar e transformar as energias naturais, e torná-las capazes de produzir frutos de vida, ou seja, obras dignas de glória perdurável; "ao modo que numa planta silvestre, observa o Pe. Froget[367], enxerta-se uma espécie muito nobre, e a seiva natural daquela, ao passar pelo enxerto, purifica-se ao ponto de produzir frutos que não são já grosseiros e amargos como antes,

366 P. 359.
367 P. 363.

mas delicados e doces". Desse modo, nossa pobre natureza pode se admirar de levar uns frutos tão ricos e tão estranhos, e umas flores tão primorosas que ela mesma, sem saber como, produz: *Miraturque novas frondes, et non sua poma*. E, no entanto, ao não serem naturais, não deixam de ser coisa *própria*, que dela mesma em alguma maneira procede, posto que a natureza forma, em união com a graça, um todo perfeito e como um só princípio de ação[368].

Essas virtudes podem ser *teologais*, que nos ordenam diretamente a Deus, e *morais*, que nos ordenam acerca dos meios para alcançar nosso fim último, cumprindo fielmente todos os deveres de nossa vida. As primeiras são: a fé, com a qual, aceitando a divina revelação, conhecemos a Deus em Si mesmo, como princípio e termo de nossa vida sobrenatural; a *esperança*, com que tendemos a Ele como a nosso fim último, e confiantes em suas promessas nos alentamos a alcançá-lo; e a *caridade*, com que sobre todas as coisas o amamos e desejamos como Pai amoroso, em quem está todo nosso bem. Assim, essas virtudes têm por objeto, conforme foi dito, unir-nos com Deus e possui-lo, realizando, enquanto possível nesta vida, as operações características da eterna. A caridade segue sendo a mesma. A fé é certo que para nós O representa ainda como remoto ou velado, e só nos deixa vê-lo enigmaticamente, como através de símbolos e representações ou analogias humanas, mas se completa com os dons de *ciência*, *entendimento* e *sabedoria*, com os quais se alcança, toca e se saboreia a própria Realidade divina. A esperança, como tendência à coisa ainda distante, desaparece ao chegar ao termo, e se transforma em pleno gozo e *posse*, como a fé em *visão facial*; mas enquanto isso nos serve de âncora firme, lançada ao interior do céu, para que as tempestades desta vida não possam nos separar de Deus: *Spem*, diz o Apóstolo (Heb 6, 19), *sicut anchoram habemus animae tutam ac firmam, et incedentem usque ad interiora velaminis.*

As *morais* se reduzem todas às quatro chamadas *cardeais*, pelo mesmo motivo que sobre elas giram e nelas se compendiam todas as demais. "As

368 "O princípio completo da operação, diz o Pe. Terrien (1, p. 292), não é a graça só nem a natureza só, mas a natureza transformada e vivificada pela graça; numa palavra: a natureza racional divinizada". *Non ego sed gratia Dei mecum* (I Cor 15, 10).

virtudes que devem dirigir nossa vida, diz Santo Agostinho[369], são quatro... A primeira se chama *prudência*, e nos faz discernir o bem do mal. A segunda, *justiça*, pela qual damos a cada um o que lhe pertence. A terceira, *temperança*, com a qual refreamos nossas paixões. A quarta, *fortaleza*, que nos faz capazes de suportar a dor. Essas virtudes nos são dadas por Deus com a graça neste vale de lágrimas".

Assim temos sete principalíssimas virtudes infusas às quais correspondem outros tantos dons do Espírito Santo.

Que as três teologais são na realidade divinamente infundidas é coisa indubitável; pois assim o declarou o Concílio de Trento[370]. Para atender devidamente ao fim sobrenatural, necessitamos, conforme adverte Santo Tomás[371], conhecê-lo, desejá-lo e amá-lo, e esse desejo implica a firme confiança de obtê-lo, fundada nas divinas promessas que pela fé conhecemos. Assim ela é, segundo o Concílio de Trento[372], o princípio de nossa salvação: *Fides est humanae salutis initium, fundamentum, et radix omnis iustificationis: sine qua impossibile est placere Deo, et ad filiorum eius consortium pervenire.* Por isso, o Apóstolo a chama (Heb 11, 1) *substância* e *fundamento* das coisas que esperamos. Sem a luz da fé, o movimento para a vida eterna não seria em nós conatural, livre e autônomo, porque não nos movemos racionalmente senão ao que de algum modo nos é conhecido. E como se refere a coisas que tanto excedem nossa capacidade, tem que nos ser infudida sobrenaturalmente, como o são também a firmíssima confiança com que as esperamos e o amor invencível com que as devemos buscar. Mas como esse conhecimento está *conaturalizado* em nós, produz-se de um *modo humano*, isto é, por imagens, representações e analogias, e por isso resulta *enigmático*, e não intuitivo como o da glória. E pelo mesmo motivo que ali haverá de desaparecer trocando-se pelo *facial*, não está por si mesmo tão ligado com a graça que não possa por sua vez persistir sem ela. Deste modo, nos pecadores permanece

369 *In Ps.* 83, n. 11.

370 Ses. 6, c. 7.

371 *De verit. in comm.* q. un. a. 12.

372 Ses. 6, c. 8.

essa fé *morta* ou *sem forma*, como uma luz esterilizada ou "atérmica" que não pode brotar de dentro – do próprio fundo vital, que não existe –, mas é toda produzida de fora pelo divino Espírito que assim continuamente, sem morar na alma nem inflamar pelo mesmo motivo os corações, ilumina as inteligências para as orientar para o bem, e fundar a esperança mediante a recuperação da caridade e a prática das boas obras.

Assim essas duas virtudes sobrenaturais, que persistem no pecador como penhor da bondade e misericórdia com que Deus o convida de novo à salvação, preparam-no com seus atos a fim de que possa recobrar a graça se ele não resiste. Mas sozinhas por si não podem salvá-lo, pois estão *mortas*; antes lhe motivariam, se não as quer revivificar, uma condenação mais terrível; pois "o servo que, conhecendo a vontade do Senhor, não a cumpre, será muito mais açoitado" (Lc 12, 47; cf. Tg 4, 17). Essa fé informe apresenta a Deus como muito remoto, e não como princípio interno de vida; mas ao mesmo tempo o mostra como Sumo Bem, não só amável e desejável ao extremo, mas também acessível mediante seus próprios auxílios, e assim excita a desejá-lo verdadeiramente e a confiar em sua infinita bondade. E se então a alma extraviada procura ser dócil a essas insinuações e ajustar sua conduta à norma evangélica, não resistindo à graça que Deus não nega a quem não lhe põe obstáculos, mas pedindo-a como deve, logo lhe será infundida de tal modo que vivifique essas tendências e as torne eficazes com o calor da caridade. E quando ela nos inflama, impele e *urge* (II Cor 5, 15) e nos atrai energicamente para Deus, como único centro de todas as nossas aspirações, então é quando já verdadeiramente caminhamos e corremos para a glória.

Tendo a caridade estamos já em Deus, e Ele em nós. Assim, ela é a maior de todas as virtudes (I Cor 13), pois nos faz possuir a Deus como Rei de nossos corações, e nos une a Ele de tal modo, que essa amorosa união será eterna se nós mesmos, por nossa malícia, não a rompermos[373].

---

373 "Charitas est maior aliis: nam alia important in sua ratione quamdam distantiam ab obiecto; est enim fides de non visis, spes autem de non habitis: sed *charitas est de eo quod iam habetur*" (S. Th., 1-2, q. 66, a. 6).

A própria morte natural, que rompe todos os outros vínculos, não pode romper o da caridade; antes o estreita, reforça-o e o torna indissolúvel. Essa virtude não tem em si nada de imperfeito que possa fazê-la, como a fé e a esperança, uma virtude própria dos *peregrinos* nesta terra. Pertence tanto aos *peregrinos* nesta terra como aos *possuidores* no céu, e assim é como pode haver no mundo não poucas almas obscuras e desprezadas que, no entanto, tenham mais fundo de caridade – e, portanto, sejam mais amantes e mais amadas de Deus – que muitos santos e mesmo anjos do céu. Só que esses a têm inamissivelmente, no termo de sua respectiva evolução, e assim não a podem já acrescentar, enquanto que em nós é, ao mesmo tempo, *amissível* e *progressiva*. E por isso devemos aumentá-la com o contínuo exercício, sob pena de nos expor a perdê-la[374]. A caridade é a medida da santidade e da graça e o foco de toda a atividade espiritual, meritória de vida[375]. Por ser como uma emanação do próprio Amor incriado com que se amam as divinas Pessoas, é virtude própria não de homens, mas de *deuses*[376].

---

374 "A caridade, diz Santo Agotinho (*Tr.* 5 *in Epist. Ion.*), nasce para ser aperfeiçoada; e assim uma vez nascida se alimenta; alimentada se robustece; robustecida se aperfeiçoa, e quando chega à sua perfeição, o que é que diz? *Minha vida é Jesus Cristo e a morte* é *meu lucro*".

375 "Na *caridade*, diz o Pe. Gardeil (p. 5-9), compendia-se toda a nossa psicologia sobrenatural... Por meio desta virtude, morando já Deus pela graça é a essência da alma, invade as potências e dirige as operações das demais virtudes infusas. E assim, pelo coração é por onde começa a *deificação* de nossa inteligência e de nossa vontade... As outras virtudes transformam a atividade das potências em que estão enxertadas e cuja seiva aspiram... Mas a caridade as melhora a todas por ser o efeito *próprio* do Espírito Santo... Se elas agem sob o influxo do amor divino, é porque o Espírito Santo – alma de nossa caridade – as emprega como outros tantos canais para derramar por todas as potências do homem o amor que inspira ao coração do justo".

Por isso a virtude moral, como dizia Santo Agostinho (*De morib. Eccles.* c. 15), é a ordem do amor: "*Virtus est ordo amoris*... Quare definire etiam sic licet, ut *temperantiam* dicamus esse *amorem Dei* se integrum, incorruptumque servantem; *fortitudinem, amorem* omnia propter Deum facile perferentem; *iustitiam, amorem* Deo tantum servientem, et ob hoc bene imperantem caeteris quae hominis subiecta sunt; *prudentiam, amorem* bene discernentem ea quibus adiuvetur in Deum, ab iis quibus impediri potest".

376 "Charitas non est virtus hominis ut est homo, sed quantum per participationem gratiae *fit Deus*" (S. Th., *De charit.* q. un., a. 2 ad 3).

Por essas três virtudes que se dizem *teologais*, fazemo-nos participantes das ações vitais de Deus, assim como pela graça o somos do Ser divino[377]. Por elas, ordenamo-nos convenientemente ao nosso fim último sobrenatural, e podemos cumprir nossos principais deveres. Mas ainda assim, falta a nós nos ordenarmos acerca dos meios que conduzem a esse fim e nos habilitar para cumprir os demais deveres que temos para com o próximo e conosco mesmos, e isso se consegue por meio das virtudes *morais* que ordenam todo o processo de nossa vida, e muito particularmente por meio das *cardeais*, que são como o núcleo das demais. Pois assim como as três teologais ordenam nossa inteligência e nosso coração a Deus, assim a prudência cristã nos ordena com respeito a nós mesmos e a nosso próximo, para que saibamos em cada caso o que convém fazer ou omitir, e alcancemos tratar os outros como Deus quer que sejam tratados. A justiça nos induz a dar a cada qual o que é seu. E a fortaleza e a temperança nos ajudam a triunfar das artimanhas de nossos três inimigos – o mundo, o demônio e a carne –, e a superar os obstáculos que nos impediriam prosseguir nossa marcha para o céu. A essas quatro se subordinam outras virtudes secundárias ou parciais que contribuem, cada qual em sua própria esfera, para regular e santificar até os menores detalhes de nossa vida. Entre elas figuram principalmente a *piedade* e *religião* que – como partes da justiça – nos ensinam a tratar o próximo como irmãos, e a tributar a Deus, como Pai e Senhor, o culto devido[378]. Mas todas elas, para contribuírem por si mesmas para nossa santificação, devem ser *sobrenaturais*, e, portanto, *infusas*, pois de outro modo mal poderiam produzir frutos de vida, tão superiores a toda a natureza.

É certo que alguns teólogos – tais como Scotus – vendo que a todas as virtudes morais que ordenam a vida sobrenatural correspondiam a outras do mesmo nome que ordenam a humana e, com a simples repetição de atos, são *adquiridas* mesmo pelos próprios gentios, creram que não era necessária ao

377 Cf. S. Th., 1-2, q. 110, a. 4.

378 "A religião e a piedade nos levam ambas ao culto e serviço de Deus; mas a religião O considera como *Criador* e a piedade como *Pai*: pelo qual a última é mais excelente" (Lallemant, *Doctrine spirit.* pr. 4, c. 4, a. 5).

cristão a infusão de novas virtudes que parecem ter o mesmo objeto que as naturais, mas que bastava que essas mesmas, embora adquiridas com nossos próprios esforços, ficassem informadas pela caridade divina, para que seus atos resultassem por si mesmos meritórios de vida eterna.

Mas embora a caridade santifique todas as nossas ações, por ínfimas que sejam, e as torne meritórias, se elas nascem de um princípio natural, não por isso deixam de ser *intrinsicamente naturais*, e pelo mesmo motivo desproporcionais por si mesmas ao fim sobrenatural e incapazes de produzir efeitos propriamente divinos.

Daí que – mesmo quando não conste por uma definição expressa da Igreja – a doutrina hoje generalizada é que, além das virtudes morais, naturalmente *adquiridas*, estão outras *infusas* que levam o mesmo nome e que, se aparentam ter *materialiter* o mesmo objeto, tem-no *formaliter* muito distinto, produzindo por si mesmas atos de uma ordem transcendente. Assim ensina Santo Agostinho no texto já citado, e assim o dá a entender o Sábio quando diz (Sab 8, 7) que "a divina Sabedoria nos ensina a temperança, a prudência, a justiça e a fortaleza, que são o mais útil na vida". Em outras passagens da Escritura (p. ex.: Prov 8, 14; Gal 5, 22-23; II Pd 1, 4-7) se fazem indicações análogas, e o *Catecismo* de São Pio V, que de tanto crédito goza na Igreja, diz[379] que, "com a graça, *divinamente se infunde* na alma *todo* o nobilíssimo cortejo das virtudes".

Para que a ordem dos efeitos corresponda às das causas e possa haver harmonia entre a vida sobrenatural e a natural, adverte o Doutor Angélico[380], assim como todas as virtudes morais que naturalmente podemos adquirir para regular nossa vida, estão contidas em gérmen nos princípios de nossas faculdades racionais, assim na ordem da graça – onde em vez desses princípios temos infundidas as virtudes teologais –, é preciso que nelas se encontrem contidos outros hábitos virtuosos que sejam às virtudes teologais, o que são os humanos aos naturais princípios de onde procedem. Só assim

---

379 2ª p., *De Bapt.* n. 51.

380 1-2, q. 63, a. 3.

podia ficar *deificada* toda nossa vida moral. De outro modo, como as virtudes humanas não são proporcionais às teologais, resultaria, conforme observa o Pe. Terrien[381], "a estranheza de que um homem, transfigurado em seu *ser* e feito deiforme pela graça, ficasse incompletamente deificado em sua vida moral, e devendo essa refletir a dignidade dos filhos de Deus, seria excluída desta gloriosa transformação, posto que os princípios imediatos seriam puramente naturais, como o são nos pecadores... Se os filhos dos homens têm suas virtudes próprias, não terá um filhos de Deus as que ao seu novo gênero de vida convêm? Estando sobrenaturalizado pela fé, pela esperança e pelo amor em sua imediata tendência ao último fim, poderá não estar em suas tendências aos fins próximos e intermediários, tão indispensavelmente unidos com a caridade?... Assim, pois, revestido como está de um novo ser, que lhe faz *deus*, é necessário que sua vida moral corresponda ao ser que tem, e que pelo mesmo motivo proceda de princípios mais elevados que a atividade natural".

Posto que "com a graça, diz por sua vez Scaramelli[382], dá-nos Deus um novo ser, pelo qual somos regenerados para uma vida divina, com ela devem ser a nós dadas também não somente os hábitos infusos das virtudes teologais, mas os de todas as morais; porque é muito conveniente que essa natureza sobrenaturalizada esteja provida com as potências e virtudes com que pode o homem se exercitar de um modo conatural nos atos proporcionais à nobreza de seu ser".

Assim, pois, no bom cristão deve haver *duas ordens de virtudes morais*: as puramente *humanas*, *adquiridas* com a repetição de atos e que regulam nossa vida segundo a simples norma de nossa razão, e as *sobrenaturais* não adquiridas, mas *infundidas* por Deus com a graça – com a qual se conservam, desenvolvem-se ou se perdem – e que regulam a vida cristã segundo a norma da razão sobrenaturalizada, ou seja, ilustrada pela fé e inspirada no Evangelho. Essas, *infundidas* assim, não são propriamente *adquiridas*

381 1 p. 163.
382 *Directorio* místico, tr. 1, n. 51.

por nossa destreza, nem mesmo cooperamos para recebê-las senão com a simples aceitação. Mas posto que são implantadas em nós como em gérmen, ou seja, em estado virtual, fica a nosso cargo cultivá-las e desenvolvê-las com o reto exercício, e mediante a irrigação da divina graça, assim também como protegê-las lutando contra as dificuldades. E por começar assim num estado embrionário, ao serem ainda mais reais que as outras, não excluem como elas os hábitos opostos e as dificuldades da prática; para isso é preciso que, com o exercício e a luta, "organizem-se" também ao seu modo (conforme o espírito vai submetendo a carne e impondo a ela outros hábitos virtuosos incompatíveis com as tendências viciosas).

Embora essas virtudes possam às vezes ter o mesmo *objeto material* que as naturais, transfiguram-no e lhe dão novo *ser*, pelo mesmo motivo que elas têm uma *origem*, um *fim*, umas *energias* e um *modo* de agir muito superiores e de distinta ordem. Aquelas, como adquiridas com nossa destreza, não conferem nenhum novo poder, senão tão somente, com o *hábito* contraído, a maior *facilidade* no bem agir conforme a ordem da razão. Mas essas, como infundidas por Deus, dão-nos um *poder* totalmente novo, com que se aumenta e se transforma o das nossas energias, fazendo-nos aptos para produzir *conaturalmente* frutos de vida eterna. Basta recordar, como prova disso, quão diferente é a *prudência humana* – tantas vezes associada à *mundana*, ou seja, a *prudentia carnis*, que conduz à morte – da *prudência cristã*, sempre unida à do *Espírito*, que é *vida e paz* (Rom 8, 6). A *justiça natural* dá a cada um o que é seu; a *cristã* devolve bem pelo mal ou dá a dupla medida. A *fortaleza natural*, atendendo uma visão humana, alcança vencer certas dificuldades que impedem o cumprimento do dever; mas a *cristã* permite empreender – sem outros olhares que os da glória de Deus – as mais difíceis obras, e alcança assim triunfar sobre todos os inimigos, inclusive o mais dissimulado, que é o amor próprio[383]. Enfim, a *temperança humana* tende a manter o equilibro da saúde natural e a subordinação indispensável dos

---

383 "Iustorum quidem fortitudo est, carnem vincere, propriis voluntatibus contraire, delectationem vitae praesentis extinguere, et mundi huius blandimenta contemnere" (S. Gregório Magno, l. 7, c. 9).

apetites à razão; mas a *cristã* – como se ordena à salvação eterna – não se contenta com moderar os prazeres grosseiros do "homem animal", mas os rejeita e despreza e, não satisfeita com governar o corpo, *castiga-o e o reduz à servidão* (I Cor 9, 27), e chega até a domar a própria razão orgulhosa para a submeter docilmente ao Espírito (II Cor 10, 5)[384]. "Suas delícias, escreve Terrien[385], estão na cruz, e sua maior ambição é a pureza angélica. Viver na carne como se não tivesse carne, eis aqui aonde chega a temperança dos filhos de Deus. Certo é que para chegar a essa renúncia deve se recorrer à caridade; pois somente as almas possuídas pelo amor divino são capazes de atos tão heróicos. Mas se o amor os ordena, não os realiza ele mesmo: cada virtude tem seu próprio objeto".

Essas virtudes só podem ser ensinadas por aquela Sabedoria que *não é vencida pela malícia* (Sab 7, 30), e que *não se encontra na terra dos que vivem com regalo* (Jó 28, 13). E assim são totalmente próprias dos cristãos justos, enquanto que as naturais podem se encontrar nos pecadores e mesmo nos infiéis, e até serem praticadas por eles, ao parecer, com mais perfeição – ou com menos dificuldade – que por muitos fiéis recém justificados ou que vivem com tibieza. Daí que alguns ímpios se vangloriem de possuir certas virtudes humanas melhor – em aparência – que muitos bons católicos; de onde às vezes se seguem certos escândalos de pequeninos ou de fariseus.

Mas as virtudes infusas não *substituem* nem *suprem* as naturais, mas as *supõem* ou movem a adquiri-las para logo aperfeiçoá-las, completá-las e transfigurá-las. Pelo mesmo motivo, não dispensam o trabalho dessa aquisição, sempre penoso, senão que o impõem mais severamente, ao mesmo tempo que nos alentam para suportá-lo. E quem verdadeiramente não busque adquirir e consolidar as virtudes naturais, encontra-se muito exposto a perder as sobrenaturais junto com a graça[386]. Assim os viciados, quando chegam a se converter, recebem por infusão as virtudes sobrenaturais, mas não as naturais,

---

384 Cf. S. Th., 1-2, q. 63, a. 4.

385 P. 165.

386 Cf. Santa Teresa, *Moradas* 7, c. 1.

e para *desenvolver* e acrescentar as primeiras – posto que as recebem como em gérmen – necessitam se esforçar para *adquirir* laboriosamente, com a contínua repetição de atos, as segundas, que lhes servem como de apoio e defesa para vencer as dificuldades e destruir os vícios a umas e outras.

Daí que alguns infiéis possam praticar certos atos de virtudes humanas com mais facilidade que muitos justos ainda pouco adiantados, que ainda não conseguiram desenraizar os maus hábitos, pois esses não se arrancam senão à força de atos contrários, com os quais se adquirem e consolidam os das ditas virtudes. Assim, aqueles que antes de se converter receberam uma boa *educação* em que adquiriram muitos hábitos virtuosos, encontram-se logo com mais facilidade para praticar o bem que os que recebem a graça num ambiente natural tosco, grosseiro, inculto e cheio de tendências viciosas. Com a graça e com as virtudes infusas nos é dado poder vencer as más inclinações, até abatê-las e desterrá-las à força de lutas; mas, geralmente, embora as amortizem, não as tiram pela raiz até que as tenhamos resistimos muito. Pois só se desenraízam com os bons atos contrários a elas e mediante os quais se *adquire* o hábito das *virtudes naturais* e se *desenvolve* o infuso das *sobrenaturais*, e assim *cres*cem umas e outras ao mesmo tempo.

Deste modo deve se empregar grande parte da vida – e muito particularmente ao começar a *purgativa* – em arrancar vícios e implantar as virtudes naturais, para poder progredir nas sobrenaturais. E como aqueles tantas vezes brotam, mesmo depois que parecem bem desenraizados, e a natureza viciada por todas as partes descobre novos gérmens de corrupção, e as virtudes humanas sempre podem seguir crescendo e consolidando-se para agir mais perfeitamente e superar maiores dificuldades; daí que em tudo o transcurso da vida espiritual tenha que prosseguir corrigindo os defeitos da natureza e aperfeiçoando-a em sua ordem, ao mesmo tempo que se completa e se eleva com as virtudes sobrenaturais e se reintegra e transfigura com os contínuos influxos da graça divina. Com ajuda dela, pode chegar a se restabelecer em seu primitivo vigor, ao mesmo tempo que se melhora e deifica: sem a graça, é completamente impossível a verdadeira perfeição da própria virtude *natural*; pois só o divino Médico das almas pode curar as chagas e restituir a plena saúde à pobre natureza de Adão que está tão decaída.

Daí que não possa haver mais *homens* íntegros que os *perfeitos cristãos*. Pois, como dizia Santo Agostinho[387], para viver como homens perfeitos devem ser filhos de Deus. *Non vivunt bene filii hominum, nisi effecti filii Dei*. Os filhos deste mundo, por bem facilmente que pareçam praticar algumas virtudes, sempre as viciam com grandes defeitos ocultos... e, sobretudo, com o da presunção e da vanglória. Por muito bons e incorruptos que aparentem, não passam de *sepulcros caiados*.

Nas grandes conversões, como a do próprio Santo Agostinho, com a abundância de graças se comunicam em alto grau as virtudes, de modo que fazem já fácil e deleitosa a prática do bem e a fuga do mal. Mas embora amortizem os vícios e os façam tão abomináveis como ao Santo lhe pareciam[388], não os desenraízam por completo até que experimentem as grandes lutas que costumam seguir os primeiros fervores sensíveis; porque esses vícios inveterados, segundo acabamos de dizer, não costumam se destruir senão com a repetição de atos contrários, que introduzem o correspondente *hábito* de virtude natural. E como esse pode, até certo ponto, adquirir-se sem a graça, daí que não se perca ao perdê-la, como se perdem os das virtudes sobrenaturais. Daí também que os cristãos algo adiantados na perfeição, se têm a desgraça de cair em culpa grave, ao voltarem em a si e *ressuscitarem* pela penitência, não encontram comumente tantas dificuldades na prática do bem como as que sentiam no princípio da vida espiritual. Posto que, apesar de sua queda, conservaram os bons *hábitos naturais* que já tinham *adquirido*. E como essas virtudes adquiridas vão em união com as sobrenaturais – pois devem estar informadas por elas, agindo como um só princípio de ação – daí que muitíssimas vezes nos seja muito difícil discernir se tal ação é *natural ou sobrenatural*, ordenada a um simples fim humano, e produzida por um princípio humano, ou informada por alguma virtude infusa e *subordinada a algo divino*. Pois todas as virtudes cristãs, como conaturalizadas em nós, exercitam-se ao *modo humano*, sob a forma de nossa razão tal como se

387 *Contra Ep. Pelag.* l. 1, n. 5.
388 *Confes.* 9, 1.

encontra, sem que caia no campo de nossa consciência o elemento divino, enquanto tal, que é o que ocultamente deve informar tudo para que nossas ações sejam dignas de vida eterna.

§ III. – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO. – SUA AÇÃO COMPARADA COM A DAS VIRTUDES: A DIREÇÃO IMEDIATA DO ESPÍRITO SANTO E DA RAZÃO NATURAL. – OS DONS E A VIDA MÍSTICA: TRANSFORMAÇÕES QUE REQUEREM. – NECESSIDADE DE UMA MOÇÃO SUPERIOR DO ESPÍRITO SANTO E DA POSSE DE SEUS DONS.

Como *racional*, é o homem senhor de seus atos e pode se determinar em sua própria esfera – *in suo ordine, sc. sicut agens proximum*[389] – a fazer isto ou aquilo. Por isso suas ações são capazes de *moralidade* porque são *livres*. Mas não nos basta o livre-arbítrio para proceder em tudo com a retidão desejável: para que nossas faculdades estejam ordenadas ao bem, de tal modo que possam praticá-lo *pronta*, fácil e *constantemente*, necessitam estar aperfeiçoadas pelos respectivos hábitos virtuosos que as façam dóceis ao império da razão. E isso é o que fazem, na ordem natural, as virtudes adquiridas, e no sobrenatural, as infusas. Assim, a própria razão – sozinha ou iluminada pela fé e dirigida pela prudência cristã – é, respectivamente, a motriz e reguladora de nossa vida moral, seja puramente *humana*, seja *cristã*, em seu sentido *ordinário*, por contraposição à *vida espiritual* ou "pneumática".

Na vida cristã *ordinária* – ou *psychica* – as virtudes teologais, segundo foi dito, ordenam-nos com respeito a Deus, como nosso último fim; a prudência infusa nos permite regular os atos particulares segundo o justo meio, e as demais virtudes infusas aperfeiçoam, completam e transfiguram as naturais de modo que com os contínuos influxos da graça possamos proceder em tudo retamente, em paz com nossos irmãos e conosco mesmos, superando os obstáculos que se opõem a nossa marcha ao céu. Mas apesar dessa graça de Deus, que nos inunda por dentro e por fora e nos vivifica, e de tantas

389 S. Th., 1-2, q. 9, a. 4 ad 3.

virtudes e energias ou influências divinas, como são as que nos confortam para praticar o bem, nossa própria razão parece ser quem regula a marcha, presidindo como senhora todo o curso de nossa vida. Deus mora realmente como Pai amoroso e como Rei e Senhor no íntimo de nossas almas, que são templos seus, e com sua graça as vivifica. Mas sua presença adorável se subtrai ao olhar de nossa consciência, com se subtrai também da nossa própria alma, e até a própria ação se nos oculta atrás das virtudes infusas, que temos assimiladas para usar delas como próprias.

Daí que, mesmo estando cheios de vida e de energias divinas, não possamos, "sem uma *revelação* especial"[390], saber com plena certeza *se somos dignos de amor ou de ódio* (Ecle 9, 1), se estamos em graça ou em inimizade com Deus; isso "o homem" não sabe, mas só o *Espírito* que *tudo penetra*, e pode, como lhe apraz, dar testemunho dessa verdade (I Cor 2, 10-12; Rom 8, 16). Nós só podemos nos certificar *moralmente* dela pela tranquilidade da consciência, o horror ao pecado, o amor à virtude, ao sacrifício e às coisas santas, a conformidade com a vontade divina e resignação com as disposições da Providência, etc.[391] Porém, sem que o próprio Deus nos mostre *divinamente*, não podemos saber com toda segurança que O possuímos. Habita em nós não só como *Deus escondido* (Is 45, 15), mas como um Deus *prisioneiro de amor*, posto que podemos dispor de seus dons e d'Ele mesmo, junto com as graças e virtudes que nos comunica, como se fossem coisa própria, já que, segundo a enérgica expressão de Santo Tomás (1ª p., q. 43, a. 3), no próprio dom da graça santificante se dá a nós o Espírito Santo, para que livremente disfrutemos d'Ele. E assim é como podemos usar de tais tesouros sem notar sequer que os possuímos.

---

390 Cf. C. Trident. ses. 6, c. 9; S. Th., 1-2, q. 112, a. 5.

391 O primeiro indício de estar na graça de Deus, diz Santo Tomás (ou quem seja o autor do *Opusc.* 60, *de human. Christi*, c. 24), "est testimonium conscientiae (II Cor 1, 12). Secundum est verbi Dei auditus non solum ad audiendum, sed etiam ad faciendum: unde (Jo 8, 47): *Qui ex Deo est, verba Dei audit*... Tertium signum est internus *gustus divinae sapientiae*, quae est quaedam praelibatio futurae beatitudinis".

"O Espírito Santo, que mora na caridade, observa o Pe. Gardeil[392], age em nós em conformidade com as virtudes humanas, *amoldando-se* ao modo de agir de nossas faculdades. E assim o próprio justo, enriquecido como está com as verdades infusas, segue sendo o verdadeiro e principal autor de suas operações sobrenaturais. Ele é quem dirige os movimentos de sua inteligência e de seu coração, e sua razão permanece à frente de toda a sua psicologia sobrenatural. Mediante as virtudes, o divino Espírito penetra em nossas potências forte e suavemente ao mesmo tempo, como um fogo que aquece de um modo insensível, como uma luz que ilumina sem manifestar o foco de onde emana, como um óleo que se difunde pelos membros suavizando as articulações e fortalecendo as juntas... Mas nada se transforma no *modo ordinário* que temos de funcionar, por mais que tudo tenha mudado por razão do *fim* a que tendemos e do *vigor* com que aspiramos a Ele. Tal é a obra do Espírito Santo segundo se exerce por meio das virtudes". Se nunca interviesse com seus dons, não seria Ele próprio o regulador imediato de nossa vida sobrenatural. Daí a obscuridade de nossa fé e as deficiências da nossa própria caridade, enquanto está regulada por esse obscuro conhecimento. E "o Espírito Santo quer se fazer prisioneiro das imperfeições de nosso amor". Com relação ao que faz às virtudes morais, "a altura do fim sobrenatural eleva o *justo meio*, mas não o suprime... *Achar esse justo meio*, em relação ao fim divino, indicado pela fé, desejado pela esperança e querido pela caridade; eis aqui o ofício da prudência infusa. *Realizar*, no domínio das ações voluntárias e das paixões, esse justo meio determinado pela prudência, é o que pertence à justiça, à fortaleza e à temperança... Toda essa ordem moral prática é regulada pela prudência, assim como a da consciência e das intenções o são pela fé. A *obscuridade* e o *justo meio* são, pois, os dois véus humanos com que encobre sua ação o divino Espírito".

Mas não sempre a encobre deste modo, pois sua própria caridade o move a manifestar muitas vezes sua bondosa mão, e até a descobrir sua divina Face. Nossa pobre razão, mesmo dispondo desse nobre cortejo e

---

392 P. 11, 16.

glorioso exército de virtudes sobrenaturais, não basta para nos guiar com segurança ao porto; não basta para salvar os mais graves obstáculos, vencer as dificuldades extraordinárias e descobrir e evitar os ocultos laços que, a todas as horas, para nós tendem nossos astutos inimigos, nem menos para subirmos bastante acima pelos sublimes cumes da perfeição, onde já brilham os resplendores da luz eterna... E o amoroso Consolador – que em nós mora ordinariamente escondido, vivificando-nos com sua graça e aquecendo-nos com sua caridade – sabe, pode e quer remediar nossa fraqueza nativa, suprir nossas deficiências e corrigir nossas ignorâncias, a nós inspirando, movendo, ensinando, aconselhando, dissuadindo, alentando, contendo, ensinando a orar e agir como convém, pedindo e agindo em nós e por nós. Tudo isso, ele faz quando quer e como quer durante todo o processo de nossa vida espiritual, sentimos nós seu doce sopro e delicado impulso, sem mal advertir de quem nos vem e aonde nos leva. Ele sabe e quer também ocasionalmente – quando bem lhe apraz e quando as circunstâncias ou o curso de nossa deificação assim o exigem – tomar imediatamente em suas mãos as rédeas de nosso governo, suprir com grande vantagem a direção e normas de nossa razão, e mostrar-se mais ou menos às claras, não já como *aprisionado* em nossa própria caridade, mas tal como quem é e como a Santa Igreja o aclama: como verdadeiro *Senhor* e *Vivificador nosso*, que quer agir por nós como por outros tantos órgãos seus, do modo que se dignou *falar* por seus santos profetas. Isso o faz com uns antes e com outros depois, segundo seu divino beneplácito; mas bem podemos dizer que não deixa de fazê-lo *quasi normaliter* quando a direção humana, permanecendo fiel à graça, deu já de si tudo que podia dar, levando até onde lhe permitiam as luzes e forças divinas que tinha assimiladas, e que será, no máximo, até certo grau de *união* como a que chamam de *conformidade*. Para chegar à maior perfeição é preciso que Ele mesmo nos dirija e nos mova[393].

---

393 "O homem *perfeito*, diz o Pe. Surin (*Catéchisme spirit.* 1ª p., c. 1), é aquele que tendo adquirido grande *pureza de coração*, com uma verdadeira *união e familiaridade* com Deus, segue em tudo os movimentos da graça e a *direção do Espírito Santo*".

Quando a alma, pois, chega a esse feliz estado em que, rompidos já os laços de suas paixões e todos os vínculos terrenos que a escravizavam, começa a gozar da doce liberdade dos filhos de Deus, vivendo em tudo segundo o Espírito e não tendo outro querer ou o não querer senão o divino; tendo *morrido* a si mesma e entregado a Deus toda sua vontade, adverte com grata surpresa que está *vivendo* de uma vida muito superior, e que Deus, dignando-se aceitar dela já a sincera e total entrega que tantas vezes Lhe fez, constitui-se amorosamente em seu dono e possessor absoluto. Então costuma ela *sentir* uns violentos e dulcíssimos impulsos, que a levam sem saber aonde, mas seguramente a umas alturas para as quais não bastam a luz, a força nem a direção ordinárias. Sente uns ímpetos amorosos que saborosamente a *ferem* e a *chagam* como penetrantes dardos de fogo divino, que a curam e vivificam ao mesmo tempo que abrasam, destruindo com seu ardor tudo que possa ter ainda de terreno. Vê-se como forçada a voar sem saber ainda que tem asas, e na estreiteza e apuro em que se encontra, *deseja com grandes ânsias, e a ela é dado o sentido, invoca e vem sobre ela o Espírito de Sabedoria*, e preferindo-O à todos os reinos e tesouros do mundo (Sab 7,7-8), logo vê muito claramente que esse *Espírito bom de Deus a conduz ao porto de*

"Onde menos apetites e gostos próprios moram, advertia São João da Cruz (*Llama* canc. 4, v. 3), é onde Ele mais sozinho, mais agradado e mais como em sua casa própria mora, *regendo-a e governando-a*; e mora tanto mais secreto, quanto mais sozinho..., com tanto mais íntimo, interior e estreito abraço, quanto ela está mais pura e sozinha de tudo que não é de Deus... Mas à própria alma nesta perfeição *não estásecreto*, pois *sempre o sente em si*: se não é segundo este despertar, que quando os faz parece à alma que desperta o que estava adormecido antes em seu seio, que embora o sentisse e saboreasse, era como o Amado adormecido... Ó, quão ditosa é esta alma que *sempre sente estar Deus repousando e* descansado *em seu seio*! Ó, quanto lhe convém apartar-se das coisas, fugir de negócios, viver com imensa tranquilidade, para que um grãzinho não inquiete nem remova o seio do Amado! Ali está de ordinário como adormecido neste abraço com a alma: ao *qual* ela *muito bem sente* e de ordinário muito bem goza... Se estivesse nela como acordado..., já seria estar na glória... Em outras almas que não chegaram a esta união (do matrimônio espiritual), embora não esteja desagradado..., mora secreto, porque não o sentem de ordinário". – No entanto, observa São João de Ávila (tr. 1 *Del Espíritu Santo*), "o Espírito Santo tem esta condição, que não pode estar encoberto; e Ele mesmo dá testemunho, se tendes agora a Jesus Cristo; pois diz Ele no Evangelho (Jo 14): *Quando o Paráclito vier..., ele dará testemunho de mim, ele vos ensinará sobre mim*".

salvação (Sl 142, 10) e a *vivifica e ensina a fazer em tudo a vontade divina*. E quando estava pedindo *asas como de pomba para voar e descansar*, nota que lhe deram muito mais do que pedia, pois se encontra já cheia de fortaleza e com outras asas ainda mais vigorosas para subir como águia pelas elevadas e serenas regiões da luz divina, e voar mais e mais, sem nunca desfalecer, vivendo já sempre engolfada naquele mar etério de infinitas doçuras[394].

Mas para isso tem que experimentar a mística *metamorfose*, que é uma transformação tão prodigiosa, que tudo renova, alcançando até o mais íntimo. Assim é como se converte de torpe *lagarta* rastejante, que andava tão lenta e penosamente e se alimentava de coisas terrenas, em ágil borboleta brilhante e aérea, pois se encontra animada de outros instintos totalmente celestiais[395].

Essa bela comparação de Santa Teresa é a que melhor pode nos dar a conhecer o mistério realizado na alma que assim abandonada – ou pela lei vital se vê como forçada a abandonar – as normas da razão por aquelas do Espírito, e que assim se configura com Cristo completamente, trocando totalmente a imagem do homem terreno pela do celestial, a fim de viver em tudo como esse e não com aquele[396]. Essa renovação se prepara na *noite do*

394 "Os que esperam no Senhor mudarão de fortaleza: tomarão asas como de águia, e correrão sem se fatigar, adiantarão e não desfalecerão" (Is 40, 31).

395 "Já não tem em nada, diz Santa Teresa (*Morada* 5, c. 2), as obras que tinha sendo verme... Nasceram-lhe asas. Como há de se contentar, podendo voar, de andar a passos? Tudo se faz pouco para ela quando pode fazer por Deus, segundo seus desejos. Não tem por muito o que passaram os santos, entendendo já por experiência como ajuda o Senhor, e transforma uma alma, que não parece ela nem sua figura; porque a fraqueza que antes parecia ter para fazer penitência, já a acha forte; o apego aos familiares e amigos ou bens..., já se vê de maneira que a ela pesa estar obrigada ao que, para não ir contra Deus, é preciso fazer. Tudo a cansa, porque provou que o verdadeiro descanso para ela não podem daras criaturas... Não há o que espantar que esta borboletinha busque assento de novo assim como se acha nova das coisas da terra. Pois aonde irá a pobrezinha? Ó, Senhor..., e que novos trabalhos começam para esta alma! Quem diria tal, depois de mercê tão elevada? Enfim, enfim, de uma maneira ou de outra há de ter cruz enquanto vivamos. E quem dissesse que depois que chegou aqui sempre está em descanso e regalo, diria eu que nunca chegou... Ó, grandeza de Deus, que poucos anos antes estava esta alma (e talvez mesmo dias) que não recordava senão de si! Quem a pôs em tão penosos cuidados?...".

396 A alma transformada em Jesus Cristo, observa o devoto Pe. Surin (*Catech.* p. 1ª, c. 7), "resulta uma criatura totalmente nova, semelhante a um homem ressuscitado com novos instintos e novos

sentido, em que, submetendo-se esse à razão, começam-se já a notar com bastante freqüência os superiores influxos do Espírito Santo. Mas quando cessa esse sopro divino – que é muitas vezes e por longo tempo –, a alma, assim abandonada pelo Espírito de Deus, desfalece e se vê obrigada a voltar a sua vida rasteira e ordinária, tendo que andar com seus pés, só com o apoio das virtudes, e dirigir-se à obscura luz da fé, segundo as normas da prudência. Mas volta a soprar o Espírito, e ela se encontra como *criada* de novo segundo vê renovar-se a face de seu pobre coração (Sl 103, 29-30). E quando essa renovação é total, como acontece depois de passar pela *grande treva*, o doce sopro do Espírito Santo a refrigera incessantemente, e o ímpeto do rio de sua água viva alegra para sempre esta cidade de Deus, quando o Altíssimo santificou já sua morada para não a abandonar (Sl 45, 5-6). Assim, fecundando e incubando como no princípio da criação, esse tenebroso caos, o amoroso Espírito faz com que brilhe na alma a divina luz.

Para realizar plenamente esse feliz trânsito, em que passa à tão nova e tão venturosa vida, tem ela que se encerrar, queira ou não queira, no místico *casulo* que para ela é fabricado na obscuríssima *noite do espírito*, onde, em meio das mais pavorosas trevas, inerte, imóvel e incapacidade para toda iniciativa própria, *morrendo* totalmente para si mesma, *revive* para Deus; sepultada ali com Jesus Cristo – enquanto aparenta se destruir e experimenta como uma

---

movimentos e com todas as suas faculdades reabilitadas. Deus inunda todas as suas potências, inclusive as inferiores, enchendo-a toda com seus dons, de tal modo que o próprio corpo vem a ficar como embalsamado, e todo o homem leva uma vida celestial. A imaginação está cheia de espécies sobrenaturais; o apetite, dos divinos impulsos que o Espírito Santo lhe comunica; o entendimento, radiante de luzes; a memória, ocupada em coisas divinas, e a vontade, como um braseiro sempre aceso que faz o próprio corpo ágil e dócil ao espírito. Tal é o estado do homem nesta divina transformação. Suas virtudes já são muito distintas: a fé é elevada, a esperança viva e a caridade ardente; as virtudes morais estão divinizadas, e nele já não há nada de terreno...

"O princípio das operações divinas que então se realizam na alma é o próprio Espírito Santo, que nela age por seus dons; que vêm substituir os instintos naturais, que ficam como aniquilados pela graça; e assim Ele lhes imprime todos os seus movimentos. O sujeito dessas operações são as faculdades interiores; mas animadas como estão pelo divino Espírito, ficam como fora de si mesmas e totalmente possuídas por Ele, que é quem as move e as anima, servindo-se delas como de instrumentos, embora não mortos, senão vivos".

total dissolução – está continuamente acumulando novas energias divinas, e segundo vai perdendo os vestígios de sua marcha terrena, desenvolve os novos órgãos espirituais com que logo deve ser agitada e totalmente levada e dirigida pelo divino Espírito para proceder já sempre, sob aparências de escravidão, com a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois os que assim são *agitados* e levados pelo Espírito de Deus, esses são seus filhos fiéis (Rom 8, 14-21). E para que, com as próprias piedosas iniciativas de sua prudência, não resistam, sem querer, às moções do Espírito Santo, tiveram que ser submetidos àquela penosa *incapacidade* para tudo, onde, entre mortais angústias, ficam plenamente renovados e feitos *pneumáticos*, "espirituais".

"Ó, pois, alma espiritual!, adverte São João da Cruz[397], quando vires escurecido teu apetite, teus gostos secos e apertados, e inabilitadas tuas potências para qualquer exercício interior, não te penes por isso, antes o tenha por boa felicidade; pois vai Deus te livrando de ti mesmo, tirando-te das mãos as tuas riquezas; com as quais, por melhor que andassem, não agirias tu tão cabal, perfeita e seguramente como agora que, tomando Deus pela mão, guia-te no escuro como a cegos, aonde e por onde tu não sabes, nem *jamais por teus olhos e pés, por melhor que andasses, acertarás o caminhar*".

Se, pois, para seguir docilmente o governo da razão cristã, necessitamos nos dispor com os hábitos de toda esta longa série de virtudes morais, adquiridas e infusas, claro está que, para não contraria senão aceitar convenientemente a moção e direção do próprio Espírito Santo, necessitamos, como adverte Santo Tomás[398], outros *hábitos* muito superiores e acomodados a Ele, e esses são os dos seus próprios *dons*, que nos dispõem para receber e nos habilitam para secundar e levar a efeito seus inefáveis impulsos, inspirações e instintos[399].

Que a simples razão cristã, embora possa nos dirigir muitas vezes, e mesmo ordinariamente, não basta, no entanto, para nos levar com segurança

397 *Noche* 2, 16.

398 1-2, q. 68, a. 1.

399 "Dona sunt quaedam perfectiones quibus homo disponitur ad hoc quod bene sequatur *instinctum Spiritus Sancti*" (S. Th., ib. a. 3).

ao porto da vida eterna, prova-o o Santo Doutor[400], pelo mesmo motivo que não possuímos essa vida com seus respectivos princípios de operação de um modo perfeito, e assim necessitamos uma moção e direção superiores, que supram nossas deficiências e nos levem com toda segurança a esse feliz termo que a fé nebulosamente nos propõe: *In ordine ad finem ultimum supernaturalem*, diz, *non sufficit ipsa motio rationis, nisi desuper adsit instinctus et motio Spiritus Sancti; quia sc. in haereditatem illius terrae beatorum nullus potest pervenire nisi moveatur et deducatur a Spiritu Sancto.* E posto que necessitamos essa moção, necessitamos dos hábitos que dispõem a recebê-la: *Et ideo ad illum finem consequendum necessarium est homini habere donum Spiritus Sancti.*

Informada como está das virtudes teologais, nossa razão, observa o Pe. Froget[401], pode começar a nos encaminhar para as praias eternas; mas como não tem suficientes conhecimentos nem tampouco forças bastantes para executar tudo o que necessita..., não está em sua mão superar eficazmente todos os obstáculos e vencer todas as dificuldades que podem ocorrer, e assim não pode nos conduzir eficazmente ao céu sem uma especial assistência e, portanto, sem os dons do Espírito Santo. Quantas vezes, com efeito, não se acha um cristão diante de grandes dificuldades, e sem poder saber que resolução lhe convém tomar para assegurar sua salvação! É, pois, necessário que quem tudo sabe e pode se encarregue de dirigi-lo e protegê-lo"[402].

---

400 Ib. a. 2.

401 P. 419.

402 "Ó, alegre consolador! Ó, sopro bem-aventurado, que levas as naus ao céu! Muito perigoso é este mar que navegamos; mas com este ar e com tal Piloto seguros iremos. Quantas naus vão perdidas! Quantos contrários ventos correm e grandes perigos! Mas soprando este piedoso Consolador, encaminha-as de volta ao porto seguro. E quem poderá contar os bens que nos faz e os males de que nos guarda? De lá sai o vento e para lá retorna, ao Pai e ao Filho; de lá o expiram, e para lá expira Ele seus amigos; para lá os guia, para lá os leva, lá os quer... Bendigam-te, Senhor Deus todo poderoso, os céus e a terra. Quantos testemunhos veremos no último dia, que suas naus iam já se perder, iam se fazer pedaços, estavam para afundar, e soprando neles teu sopro foram salvos, e chegaram com tranquilidade e segurança ao porto! Quantos, perdida toda esperança de vida, ressuscitou seu espírito, e deu vida e desejos novos, e alegrou e confirmou com nova esperança! Quem faz tudo isso? O Espírito Santo que soprou e levou até Deus sem resistir" (São João de Ávila, tr. 4 *Del Espíritu Santo*).

Assim os dons vêm como em auxílio das virtudes nos casos difíceis, e sempre que necessitam agir com divino heroísmo, e as suprem com grande vantagem onde elas não podem já agir. Pelo mesmo motivo, excedem-nas *no alcance* e no *modo* de funcionar, e as completam e aperfeiçoam, dando a elas um brilho divino. Assim, excedem as morais, pois nos ordenam diretamente a Deus, e nos unem em certo modo com Ele, embora não da mesma forma que as teologais, e estas mesmas as superam quanto ao *modo divino* que têm de agir, constituindo-nos órgãos vivos do Espírito Santo, e assim é como podem dar-lhes um novo realce[403]. Os dons, prossegue Froget[404], "avivam a fé, animam a esperança, inflamam a caridade e nos dão o gosto de Deus e das coisas divinas... Aperfeiçoam a ação das virtudes morais e as suprem quando é preciso... A prudência recebe do dom de conselho as luzes que lhe faltam; a justiça... se aperfeiçoa com o dom de piedade, que nos inspira sentimentos de ternura filial para com Deus e nos dá entranhas de misericórdia para com nossos irmãos. O da fortaleza nos faz superar intrepidamente todos os obstáculos que poderiam nos apartar do bem, assegura-nos diante do horror das dificuldades, e nos inspira a força necessária para empreender os mais ásperos trabalhos. Enfim, o de temor sustenta a temperança contra os violentos assaltos da carne. Os dons produzem, pois, uma ação mais enérgica e uns esforços mais heróicos, e assim, como diz Santo Tomás, "aperfeiçoam as virtudes, elevando-as a um modo de agir *sobre-humano*"[405]. Com eles, pode

---

403 "Omnia dona ad perfectionem theologicarum virtutum ordinantur" (S. Th., 2-2, q. 9, a. 1 ad 3).

404 P. 421.

405 S. Th., *De charit.* q. un., a. 2 ad 17. "Assim como se à pedra, observa Maria de Agreda (*Míst. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 13), além de sua gravidade lhe adicionam outro impulso, move-se com mais leve movimento, assim na vontade, adicionando nela a perfeição e impulso dos dons, os movimentos das virtudes são mais excelentes e perfeitos. O dom de *sabedoria* comunica à alma certo gosto, com o qual saboreando conhece o divino e o humano sem engano, dando seu valor e peso a cada um contra o gosto que nasce da *ignorância*...; pertence este dom à *caridade*. O dom de *entendimento* esclarece para penetrar as coisas divinas. O de *ciência* penetra o mais obscuro e faz mestres perfeitos contra a ignorância; e esses dois pertencem à *fé*. O dom de *conselho* encaminha, dirige e detém a precipitação humana contra a imprudência... O de *fortaleza* expele o temor desordenado e conforta a fraqueza... O de *piedade* faz benigno o coração, tira-lhe a dureza e o suaviza..., pertence à virtude da *religião*. O de *temor de Deus* humilha amorosamente contra a soberba; e se reduz à *humildade*".

subir até os altos cumes da *perfeição* a alma que, com as virtudes infusas, tinha-se feito apta para praticar as obras ordinárias da vida cristã. Por isso os mestres de vida espiritual os comparam com as asas de uma ave e as velas de um navio[406]. E posto que é um fato que a razão humana, mesmo apoiada nas virtudes infusas, não pode nos conduzir eficazmente ao nosso último fim, sem uma moção especial do Espírito Santo, segue-se que necessitamos desse divino impulso, e portanto, dos dons, constantemente, de tempos em tempos, *em todo o curso de nossa existência*, mais ou menos vezes, segundo as dificuldades que se apresentam, os atos grandiosos que tenha que realizar, o grau de perfeição a que somos chamados e também segundo o beneplácito d'Aquele que, sendo dono de seus dons, distribui-os como Lhe apraz. Não há época na vida, nem estado nem condição humana que possa passar sem os dons e sem sua divina influência". Pois, como adverte o próprio Santo Tomás[407], "as virtudes infusas não nos aperfeiçoam de tal modo que não necessitemos *sempre* ser também movidos por um *instinto* superior: *Per virtutes theologicas et morales non ita perficitur homo in ordine ad finem ultimum, quin semper indigeat moveri quodam superiori instinctu Spiritus Sancti*".

Sem essa moção, em maior ou menor grau, não poderíamos sequer ser verdadeiros filhos de Deus, pois o somos na medida em que estamos animados, movidos, *agitados (aguntur)* por estes divinos impulsos (Rom 8, 24), "sem os quais, como dizia São Gregório Magno[408], não se pode chegar à vida, e pelos quais o divino Espírito mora sempre em seus escolhidos".

---

406 "Enquanto não participemos em abundância dos dons do Espírito Santo, diz com efeito Lallemant (*Doctr.* pr. 4, c. 3, a. 2), temos que trabalhar e suar na prática da virtude. Somos semelhantes aos que navegam à força de remos contra os ventos e marés. Mas chegará um dia, se Deus quiser, em que, recebendo esses dons, navegaremos com a vela cheia e vento em popa, já que por meio deles o Espírito Santo dispõe nossa alma para se deixar facilmente levar por suas divinas inspirações. Com ajuda dos dons chegam os santos à tal perfeição, que fazem sem trabalho coisas que nós não nos atreveríamos sequer a pensar; pois o Espírito Santo para eles suaviza todas as dificuldades e os faz superar todos os obstáculos".

407 1-2, q. 68, a. 2 ad 2.

408 *Mor.* l. 2, c. 28.

Mas os move assim, observa Santo Agostinho[409], não para que permaneçam ociosos e inertes, mas para fazê-los agir com maior energia: *Aguntur enim ut agant, non ut ipsi nihil agant.*

§ IV. – EXISTÊNCIA DOS DONS EM TODOS OS JUSTOS. – IMPORTÂNCIA, NOMES, CONDIÇÃO E NATUREZA QUE TÊM; EXCELÊNCIAS QUANTO À DIREÇÃO, AO MODO E À NORMA DO AGIR. – A RARA DISCRIÇÃO E PROFUNDA SUBMISSÃO DOS SANTOS.

A Escritura nos mostra o Salvador, não só cheio, mas movido, agitado e conduzido pelo Espírito Santo[410]: *Plenus Spiritu Sancto... agebatur a Spiritu* (Lc 4, 1). *Ductus est in desertum a Spiritu* (Mt 4, 1). Nos Atos dos Apóstolos (8, 39; 10, 19; 13, 2; 16, 6-7, etc.) se vêem inumeráveis exemplos de moções análogas, que voltam a reaparecer com suma freqüência na vida dos santos e, em geral, nas de todas as almas cheias de Deus. O divino Hóspede se faz, pois, quando lhe apraz – ou quando o curso de nossa vida o necessita – *motor* e *regulador imediato* de nossas ações, suprindo o ofício ou as deficiências de nossa própria razão e constituindo assim uma norma de conduta muito superior à *humana*.

E como para que uma moção não seja violenta, senão conatural e vital, exige-se a conveniente proporção ou adaptação entre o motor e o móbil, daí que para receber conaturalmente e secundar com docilidade e facilidade essa moção e direção divinas, necessitamos das correspondentes disposições, ou seja, certas qualidades infusas que nos habilitem e tornem aptos para sermos governados, movidos e ensinados pelo próprio Deus, segundo está escrito: *Erunt omnes docibiles Dei* (Jo 6, 45; Is 54, 13). E tais são aqueles preciosos dons ou *espíritos* que estão compreendidos no místico setenário anunciado por Isaías (11, 2-3), quando diz que o Espírito septiforme descansará sobre

409 *De corrept. et grat.* c. 2, n. 4.

410 "Conviria nos acostumarmos a notar nos Evangelhos os dons do Espírito Santo e o que por meio deles Nosso Senhor fazia. As parábolas pertencem à *inteligência*, e o sermão da ceia, ao dom de *sabedoria*" (Lallemant, *Doctrine* pr. 4, c. 3, a. 2).

o *Tronco* de Jessé: *Et requiescet super eum Spiritus Domini: spiritus sapientiae, et intellectus, spiritus consilii, et fortitudinis, spiritus scientiae, et pietatis, et replebit eum spiritus timoris Domini.* E inxertados em Jesus Cristo, participamos dos dons que n'Ele, como Cabeça, repousam plenamente, e d'Ele redundam em nós segundo a proporção que a cada qual convém, e na medida ou intensidade com que n'Ele vivemos e estamos aderidos. Pois Ele é nosso arquétipo a que devemos nos configurar para sermos outros tantos *cristos*, outros *ungidos* do Espírito Santo, ou melhor, para sermos o próprio Jesus Cristo vivendo em nós. E por meio desses dons recebemos uma viva impressão de sua imagem, e de tal modo nos transformamos n'Ele, que, se não lhe oferecemos resistência, já não somos nós que agimos, senão Ele que age em tudo por nós, como por verdadeiros órgãos seus[411].

Esses *dons* se chamam assim não só por serem *gratuitos*, mas também por sua própria elevação, já que são infundidos em nós para estarmos prontos para seguir as *inspirações* divinas quando elas vierem e não quando nós as desejemos. Assim os temos como *emprestados*, não podendo usá-los ao nosso arbítrio, como usamos as virtudes infusas, senão somente quando ao próprio Espírito lhe apraz pô-los em ato. Daí que podemos ter oração *ordinária* sempre que queremos (Sl 41, 9; 54, 17-18) – embora não sempre *como queremos* –; pois para tê-la suficientemente bastam as virtudes teologais e os ordinários auxílios da graça, e que não podemos ter verdadeira *contemplação infusa*, se não somos *levados* a ela, porque é obra dos dons – e principalmente do de sabedoria e de entendimento – que só entram em

---

411 "Jamais deixo de vos fazer semelhantes a Mim, dizia Nosso Senhor à Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 11), contanto que vós não ponhais obstáculo. O que em minha vida fiz, quero renovar em vossas almas".
Os dons do Espírito Santo parecem ser os sete místicos *selos* do Apocalipse (5, 1-8); os quais, segundo vão se abrindo pelo *Leão vencedor* – único que para isso tem poder – permitem a alma ler e copiar em si os mistérios do *Livro da vida*, que é o próprio Cordeiro divino, em quem estão encerrados todos os tesouros da ciência e sabedoria de Deus, e que com sua morte mereceu comunicá-los a nós, e assim por graus comunica-os a nós".

ação quando o Espírito Santo *move* (Eclo 39, 8- 10)[412]. E daí que esse estado de oração, e em geral todos os correspondentes aos dons, chamem-se por excelência *sobrenaturais*, pois o são até no *modo*, elevando-se acima do *ordinário* da própria vida sobrenatural[413].

Porém por não atuar sem uma moção especialíssima, os dons não são simples *atos* transitórios, mas *hábitos*, disposições e virtualidades permanentes. Pois o divino Espírito *repousa e habita* com todos os seus dons na alma do justo: *Et requiescet super eum Spiritus Domini; spiritus sapientiae... – Apud vos manebit.* – E ela necessita estar sempre *habituada e habilitada* para receber e seguir com docilidade os divinos impulsos. Deste modo, os sete principais dons a fazem apta para *secundar divinamente* a moção e direção do Espírito Santo, de modo que as sete principais virtudes, teologais e cardeais, habilitam-nos para seguir *humanamente* a norma evangélica, segundo a percebe e propõe nossa razão cristã[414]. Por isso, a todas essas virtudes corresponde

---

412 "Ista dona, diz João de Santo Tomás (*In* 1-2, q. 68, disp. 18, a. 2, n. 13), deserviunt ad considerandum de mysteriis fidei, et de rebus divinis ex aliquo occulto instinctu Spiritus Sancti afficientis, et unientis nos ad se, et facientis intelligere, et iudicare recte de his mysteriis secundum affectum ipsum ad divina, et experientiam, et convenientiam eorum. Unde et in exercitio istorum donorum maxime fundatur *Theologia Mystica*, id est, affectiva, quatenus ex affectu, et unione hominis ad divina crescit intellectus cognitio quasi *experimentum internum*... Ex ista autem interiori illustratione et experimentali gustu divinorum..., inflammatur affectus ad hoc ut altiori modo tendat ad obiecta virtutum, quam per ipsasmet ordinarias virtutes".

413 A via *sobrenatural*, mística ou "extraordinária", diz o Pe. Surin (*Catéch.* p. 3ª, c. 3), "é um estado em que a alma já não age por si mesma, senão sob a direção do Espírito Santo e a especial assistência de sua graça. Chama-se *sobrenatural*, para distingui-la da *ordinária*, em que essa operação da graça não se vê manifestamente... A esta via chama Deus quando e como lhe apraz; o único ato que a criatura pode fazer é *dispor-se* com sua fidelidade. Nesta via, há três estados progressivos. O primeiro é aquele em que a alma, disposta pelo Espírito Santo e conduzida por sua operação, age em tudo por sua graça. O segundo é aquele em que morre à sua ação e aparenta não fazer nada, para dar pleno lugar à obra do Espírito Santo. O terceiro é aquele em que recebe nova vida, como ressuscitado com Jesus Cristo com mais energia que nunca".

414 Embora se digam *sete* os dons do Espírito Santo, este místico número, como observa o Pe. Gardeil (p. 52-53), "não esgota os infinitos recursos da divina Bondade. Sempre que figura o número perfeito *sete* para designar as obras de Deus, não indica tanto um limite como uma *plenitude*. Há sete sacramentos, sete virtudes teologais e morais, sete ordens sagradas... Quantas vezes se derrama sobre a terra a plenitude dos tesouros divinos, reaparece esse número... Compreendemos o mistério... e assim

algum dom que as realça e completa, e assim, a mesma proporção há entre os dons e a norma do Espírito, e entre as virtudes e a norma diretriz da razão.

Daí a excelência que por si mesmos têm os dons sobre as virtudes, indicada já no próprio nome de *espíritos* com que a Escritura os designa. Porque *espírito* quer dizer aqui *inspiração*, enquanto que *virtude* é como uma energia *interior* cujo ato sai notoriamente de nós mesmos. E assim os dons são, como diz Santo Tomás[415], "*altiores perfectiones*, secundum quas sit (homo) dispositus ad hoc quod divinitus moveatur", e tão elevadas e nobres são essas perfeições, que nos convertem em órgãos ou instrumentos do próprio Espírito Santo[416]. Por isso, vêm a aperfeiçoar e completar as virtudes, suprindo suas deficiências, dando a elas atividade e vivacidade extraordinárias, e fazendo o que elas de nenhum modo poderiam[417]. E como ao mesmo tempo que dispõem para receber a divina moção, são energias e habilidades que permitem secundá-la e cooperar com ela, daí que nos façam ao mesmo tempo que *passivos*, *ativos* em sumo grau, como *agitados*

---

não tentamos encerrar o poder divino nos limites de nossa capacidade. Há sete dons do Espírito Santo, mas os meios que Deus tem para nos influenciar e mover em ordem à vida eterna são infinitos".

415 1-2, q. 68, a. 1.

416 "Estes nobilíssimos dons, dizia a Virgem à Ven. Maria de Agreda (*loc. cit.*), são a emanação por onde a Divindade se comunica e se transfere nas almas santas; e por isso não admitem limitação de sua parte, como a têm o sujeito aonde são recebidos. E se as criaturas desocupassem seu coração dos afetos e amor terreno, participariam sem taxa da torrente da Divindade infinita por meio dos inestimáveis dons do Espírito Santo. As virtudes purificam a criatura da feiura e mácula dos vícios, se os tinha, e com elas começa a restaurar a ordem concertada de suas potências, perdida primeiro pelo pecado original e depois pelos próprios atuais; e acrescentam beleza, força e deleite no bem agir. Mas os dons do Espírito Santo levantam as mesmas virtudes a uma sublime perfeição, ornamento e beleza, com que se dispõe, embeleza e agracia a alma para entrar no tálamo do Esposo, onde por um admirável modo fica unida com a Divindade num espírito e vínculo da eterna paz. E daquele felicíssimo estado sai fidelíssima e seguramente para as operações de heróicas virtudes, e com elas se volta a retrair ao próprio princípio de onde saiu, que é o próprio Deus; em cuja sombra descansa sossegada e quieta, sem que a perturbem os ímpetos furiosos das paixões".

417 "Innumera enim sunt opera ad quae nos Deus per instinctum Spiritus Sancti movet, quae sub virtutibus infusis non cadunt... Cum homo operatur ex instinctu Spiritus Sancti, potius agitur quam agit...: caeterum iam motus a Spiritu Sancto libere consentit et effective concurrit ad operationem sapientiae, et intellectus", etc. (Medina, *In* 1-2, q. 68, a. 8).

e animados por uma atividade verdadeiramente divina, a qual, aparentando escravizar, dá-nos a mais gloriosa das liberdades, que é a do Espírito que nos faz filhos de Deus. "E nenhuma coisa melhor poderia fazer nossa livre vontade, diz Santo Agostinho[418], que *deixar-se fazer* d'Aquele que não pode fazer nada mal".

E posto que com os dons agimos como impulsionados, animados e dirigidos pelo próprio Deus, nosso agir não é já então humano, senão *sobre-humano* e verdadeiramente *divino*. Por isso, acrescenta Santo Tomás[419], que para secundar essa moção do Espírito Santo precisamos nos achar em maior grau de perfeição: *Ad altiorem motorem oportet maiori perfectione mobile esse dispositum*. Daí essa maneira de agir que distingue os dons das virtudes, as quais "perficiunt ad actus *modo humano*, sed dona *ultra humanum modum*"[420].

Ao exercer as virtudes, com efeito, agimos de um *modo conatural*, como se fosse totalmente própria essa energia infusa com que agimos. Assim, nosso conatural modo de conhecer as coisas espirituais e divinas é subindo do visível ao invisível, contemplando-as através do espelho das criaturas materiais e no enigma das analogias: *Connaturalis enim modus humanae naturae est ut divina non nisi per speculum creaturarum et aenigmate similitudinum percipiat*[421]. E a fé sobrenatural, ao nos propor os divinos mistérios a que não podiam chegar as luzes de nossa razão, dá-nos, no entanto, a conhecer deste modo *enigmático* e *obscuro* que nos é conatural; alarga o campo de nossos conhecimentos, mas não altera o *modo* do nosso conhecer. Mas com o dom de entendimento começam a se abrir os véus e desvanecer os enigmas, e nos é dado até certo ponto *ver* a verdade descoberta; o que nos eleva sobre nosso modo conatural de perceber as coisas divinas: "Fides... est inspectio divinorum in speculo et aenigmate. Quod autem spiritualia quasi *nuda veritate* capiantur, *supra humanum modum* est; et hoc facit donum intellectus"[422].

---

418 *De Gestis Pelág*. c. 3, n. 5.

419 *Loc. cit.*, a. 8.

420 S. Th., *In 3 Sent*. d. 34, q. 1, a. 1.

421 Id., ib.

422 Ib. a. 2.

Esse dom é o que tantas vezes comunica a inocentes crianças e a pessoas totalmente incultas, mas dóceis ao Espírito Santo, esta surpreendente *intuição* dos divinos mistérios, este profundo *sentido da fé*, e esta perspicácia com que à primeira vista descobrem o veneno do erro em expressões que talvez aos olhos de muitos teólogos poderiam parecer inofensivas (Eclo 37, 17). Somente com esse dom podia Santa Joana Francisca de Chantal, com a idade de cinco anos, deixar maravilhado, desconcertado e confuso a um sábio herege que negava a verdade da Eucaristia[423].

Na ordem prática, o conatural modo de agir, que é próprio das virtudes, consiste, quanto à prudência, por exemplo, em examinar bem as coisas e circunstâncias à luz da razão, pensando nos *prós* e *contras* de tudo, conjecturando pelo que comumente costuma acontecer. Mas acontecem, às vezes, gravíssimas dificuldades: há que tomar uma pronta resolução, e todas parecem arriscadas, e mesmo depois de consultar as pessoas mais prudentes, fica-se com a mesma perplexidade. Se ao ver que não nos bastam as luzes ordinárias, invocamos de coração o Espírito de conselho, e sentindo-nos impulsionados a tomar uma resolução imprevista, achamos que resulta muito fácil o que sem uma moção superior seria insensato, então agiremos de um *modo sobre-humano*, sendo levados pelo dom de *conselho* a um resultado felicíssimo que não teríamos podido sonhar: "*Modus humanus* est quod procedatur inquirendo et conieturando ex his quae solent accidere", diz Santo Tomás[424]. "Sed quod homo accipiat hoc quod agendum est, quasi *per certitudinem a Spiritu Sancto* edoctus, *supra humanum modum est*; et ad hoc perficit *donum consilii*"[425].

---

423 Vide BOUGAUD., *Hist. de S. Chantal* t. 1, c. 1; cf. S. Tomás, *C. Gent.* l. 1, c. 6.

424 3 *Sent.* d. 34, q. 1, a. 2.

425 "Lux ista (donorum), diz Alvarez de Paz (*De Inquis. Pacis* l. 1, p. 3.ª, c. 2), fidei cognitionem ac sinceritatem non tollit, sed eam perficit, et mirum in modum notitiam eorum quae cogitamus, et ponderationem auget. Aliquando enim res divinas viri spirituales tam perspicue intelligunt, ac si ipsas res clare intuerentur, et tam sapida notitia percipiunt, ac si mel palato gustarent: et hoc facit donum sapientiae. Aliquando hebetudo mentis omnis ex parte obtunditur, ac mysterium cognitum subtilissime, et quasi usque ad intima penetrat, et hoc praestat donum intellectus. Aliquando quid in unaquaque re

Então, a alma, por experiência, conhece que, *sendo governada por Deus, nada lhe faltará* (Sl 22, 1). E sendo assim, não tem por que examinar o que é que mais lhe convém; isso pertence a quem a governa. A ela, basta certificar-se de que realmente é movida pelo Espírito Santo e estar pronta a segui-lo com docilidade. Pois o "julgar e ordenar não é próprio do que é movido, mas do motor"[426]. Bem é verdade que num princípio – e ainda por bastante tempo – os divinos impulsos não costumam ser tão claros que excluam prudentes dúvidas, e por isso, as almas piedosas com tanto cuidado costumam pedir conselho aos seus diretores, para "não crer facilmente em qualquer espírito e provar que são movidas pelo de Deus" (Jo 4, 1-6). Mas com o tempo, segundo se purificam os olhos do coração, chegam a se fazer tão claras as moções divinas, que se impõem com avassaladora evidência, e muitas vezes não só previnem toda deliberação, senão que não dão lugar a reflexões, de modo que, quando a alma se dá conta, já está feito, e muito bem-feito, o que o Espírito Santo lhe sugeria. Nestes casos, e quando a coisa urge e não há a quem consultar, como a glória de Deus se interessa na pronta execução, deve a alma se ater à sentença do Salvador que nos diz: "Não penseis então no que deveis falar; porque vos será sugerido, pois não sois vós quem falais – ao dar testemunho de Mim –, mas é o Espírito de vosso Pai que fala por vós" (Mt 10, 19-20). E esse modo de proceder é indubitavelmente *sobre-humano*.

A virtude da *fortaleza* consiste em afrontar as dificuldades na medida que permitem nossas forças: ir mais além por iniciativa própria é *temeridade*. Mas se, levado por um instinto sobrenatural, alguém empreende e realiza uma obra manifestamente superior a si, sabendo certamente que não poderá

agendum, quid omittendum sit; quanta puritate vivendum, quàm ex corde omnia terrena despicienda, ingente quadam satisfactione cognoscunt; et hoc pertinet ad donum scientiae. Aliquando tandem non iam in generali sed in eventibus particularibus quomodo procedendum sit, intelligitur; et hoc ad consilii donum expectat... Solet ergo Spiritus hic veritatis, mediis his donis, iustum in oratione positum de mysteriis fidei perfectissima cognitione docere, et ad altissimam quamdam sapientiam sublimare. Quae eos ita incitat, ita impellit, ut quasi vehementissimo impetu in omnem virtutem tendant, et rebus humanis se proripiant".

426 S. Th., 1-2, q. 68, a. 1.

alcançar nada senão com o poder divino, então, diz Santo Tomás[427], agirá de um *modo sobre-humano*, tomando por medida a divina virtude, e não a própria.

E posto que os dons excedem as virtudes no *modo* de agir, também devem as exceder na *norma* que as regula. A virtude – *qua recte vivitur secundum regulam rationis* – tem por norma a razão iluminada pela fé; mas os dons, como perfeições mais elevadas que Deus nos comunica *in ordine ad motionem ipsius*[428], não tendo a razão como *motriz* nem como *diretora*, mal podem tê-la como *reguladora*. A norma desses atos é a infalível sabedoria de quem os sugere[429]. Assim, a humana razão, mesma ajudada pela fé e pela prudência infusa, não poderia justificar certas ações dos santos, as quais, no entanto, por si mesmas se justificam, mostrando muito claramente obedecer a outra razão sublime que não podemos menos que aplaudir e admirar muito mais, quanto menos a compreendemos. Se essas obras excedem os limites de nossa prudência, "não por isso deixam de ser boas, e com uma bondade superior. Não são temerárias, porque têm o próprio Deus por conselheiro e apoio. E estão justificadas pelo mesmo motivo que Deus não está obrigado como nós a se conter nos limites de nossa imperfeição. Por isso, satisfazem mais do que seria preciso aos dados da prudência"[430]. E embora a nossa não as autorizaria, autoriza-as a do Espírito Santo. Esse divino Espírito da Verdade não necessita nos pedir conselho nem permissão para nos inspirar e mover segundo sabe que nos convém, e como sua norma nunca pode falhar, basta-nos segui-la fielmente para sermos conduzidos a um feliz êxito: *Spiritus tuus bonus deducet me in terram rectam* (Sl 142, 10).

Longe de poder, essas moções, serem reguladas pela razão, "prevêem, como observa o Pe. Froget[431], as nossas deliberações, adiantam-se aos nosso

---

427 3 *Sent.* d. 34, q. 1, a. 2.

428 S. Th., 1-2, q. 68, a. 1 ad 3.

429 "Cum dona sint ad operandum supra humanum modum, oportet quod donorum operationes mensurentur ex altera regula humanae virtutis, quae est ipsa Divinitas ab homine participata suo modo, ut *iam non humanitus*, sed quasi *Deus factus* participatione, operetur" (S. Tomás, 3 *Sent.* d. 34, q. 1, a. 4).

430 *L'Ami du Clergé* (1892) p. 391.

431 P. 411.

juízos, e nos levam, como de um modo intuitivo, à obras que não tínhamos sonhado e que verdadeiramente podem se chamar supra-humanas, seja porque excedem nossas forças, seja porque se produzem fora do modo e proceder ordinários da natureza e da graça".

E este *modo* singular, que consiste no *império* e na soberana *eficácia* com que o divino Hóspede nos move e dirige como lhe apraz – e como a órgãos seus, para agir ou falar por nós – é o que mais distingue os dons das virtudes. Pois como até nas menores obras pode nos mover assim, às vezes, o Espírito Santo, segue-se que não é tanto a excelência nem o heroísmo de uma ação, como o realizar-se de um *modo sobre-humano*, o que distingue em geral o ato dos dons daquele das virtudes[432].

Quando os santos fazem coisas totalmente extraordinárias que não só chocam os olhares da nossa prudência, senão que parecem atentar manifestamente contra a saúde e a vida, e, no entanto, resulta que procederam muito bem e com sumo agrado de Deus, certamente agem com uns olhares e sob uma direção supra-humanas. Assim, quando o Beato Henrique Suso, O. P., gravava, como acrescenta Froget[433], profundamente em seu peito o Nome de JESUS, e se entregava a umas macerações que assustam nossa delicadeza; quando Santa Apolônia, ameaçada de ser queimada viva se não renunciasse a Jesus Cristo, adiantando-se aos carrascos, lança-se ela mesma nas chamas; quando os estilistas e outros tantos santos abraçavam um gênero de vida que parecia um perpétuo atentado contra a natureza, podiam conduzir-se segundo as regras da prudência cristã? Claro está que não; e, no entanto, os milagres realizados em confirmação de sua santidade, provam que esse proceder obedecia a um impulso divino. Todos esses heroísmos de fé, mansidão, paciência e caridade que de um modo comovedor nos refere a hagiografia cristã, as obras extraordinárias empreendias para a glória de Deus e a salvação do próximo, as mais elevadas e excelentes manifestações

432 "Dona excedunt communem perfectionem virtutum, non quantum ad *genus* operum..., sed quantum ad *modum operandi*, secundum quod movetur homo ab altiori principio" (S. Th., 1-2, q. 68, a. 2 ad 1).
433 P. 402.

da vida espiritual não são outra coisa senão efeitos dos dons do Espírito Santo. Partindo de um princípio superior às virtudes, que estranho é que excedam sua medida?

E não se pense que essas coisas extraordinárias só aparecem na vida dos antigos santos: do mesmo modo – e mesmo se se quer com a mais divina delicadeza – aparecem nos modernos, reproduzem-se entre nós e seguirão se reproduzindo até o fim do mundo em todos os grandes servos de Deus que estiverem verdadeiramente cheios e possuídos por seu Espírito. O referido fato do Beato Suso foi reproduzido depois por muitas almas santas, levadas por um superior impulso a que não puderam resistir, como, por exemplo, Santa Joana de Chantal e Santa Margarida Maria, etc. E bem recentemente – em 1904 – a angelical Madre Maria da Rainha dos Apóstolos se viu também obrigada a gravar profundamente em seu peito, com fogo, o anagrama JHS entre as iniciais M. R., em letras tão grandes como a palma da mão, e a renová-lo quando começavam a cicatrizar, de tal modo que, depois de morta, foi encontrado em carne viva, e tão profundo que deixava ver os ossos. Perguntada por mim mesmo, na última hora (em que tive o consolo de ouvir de seus benditos lábios os maravilhosos segredos de sua alma), como tinha feito esse *disparate*, respondeu-me candidamente: "Não podia menos; Nosso Senhor me exigia esse sacrifício, e com tal violência me impulsionava a ele, que eu me via afogada: era impossível resistir... Se a Madre Superiora tardasse mais em me conceder sua permissão, creio que teria morrido naquela opressão". E ao perguntar a ela em seguida como tinha tido forças para traçar tais letras com um estilete incandescente – sendo ela antes tão sensível e delicada –, acrescentou: "Creia-me, Padre; posso dizer-lhe que não o senti; o que sentia era um grande alívio e libertação; essa dor exterior não era nada comparada com o da opressão interior que era removida de mim". Deste modo, segundo me referiu também, logo ao receber permissão para retomar suas terríveis penitências, começava a melhorar ou recobrava a saúde, assim como a perdia quando a impediam de fazê-las. É por isso que suas superioras, ao vê-la como em perigo de morte, viam-se obrigadas – segundo uma delas me declarou – a permitir a ela os mais estranhos rigores, já que o que para outros talvez seria mortal, para ela era o único remédio.

Por aqui se vê como a norma do Espírito Santo se justifica por si só, e como, apesar disso, não exclui a perfeita subordinação à legítima autoridade, pois o Espírito de Deus sempre é submisso (I Cor 14, 32-40; I Jo 4, 6) e suave, ao mesmo tempo que eficaz e imperioso (Sab 8, 1), e se vê também como as almas fiéis, mesmo sentindo clarissimamente a moção divina – enquanto para isso dão espaço – pedem *conselho* para executá-la, e, sobretudo, *licença*, quando a própria profissão a exige[434]. Deste modo se certificam de que a inspiração vem de Deus, e de que não é prudente resistir a ela, pois, contando que vem de tão alto, já não tem porque intrometer-se a pobre razão humana, como se quisesse dar conselhos ao Espírito Santo. Isso seria "contristá-lo" e *extinguir* seus vivificadores influxos (Ef 4, 30; I Tes 5, 19).

§ V. – PSICOLOGIA PNEUMÁTICA. – A INSPIRAÇÃO E MOÇÃO DE DEUS SEGUNDO A FILOSOFIA PAGÃ E SEGUNDO A CRISTÃ. – A VIVIFICAÇÃO E INSPIRAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A POSSESSÃO E SUGESTÃO DO MALIGNO. – A CONSCIÊNCIA DA INHABITAÇÃO DIVINA E O VERDADEIRO ESTADO MÍSTICO: AS TENDÊNCIAS E INSTINTOS DIVINOS. – PENOSA ATIVIDADE DA MEDITAÇÃO E FRUTUOSA PASSIVIDADE DA CONTEMPLAÇÃO; O ANDAR E O VOAR.

Já o próprio Aristóteles, no seu Ética a *Nicômaco*[435], admitia essas *inspirações divinas* às quais a razão deve se submeter e não se pôr a julgar o que tanto excede seus alcances, nem menos querer se constituir em norma de uma ação tão superior à sua. Assim explica as inspirações artísticas e a

434 A direção do Espírito Santo, observa do Pe. Lallemant (*Doctr.* pr. 4, c. 1, a. 3), "longe de afastar da obediência, favorece-a e facilita sua execução... Deus quer que procedamos como os santos, os quais com sua submissão mereceram ser mais elevados do que teriam sido se se apegassem às suas próprias revelações. Só é de temer que os superiores se deixem, às vezes, levar demasiado pela prudência *humana*, e, sem mais discernimento, condenem as luzes e inspirações do Espírito Santo, tendo-as por sonhos e ilusões... Mesmo neste caso deve-se obedecer. Mas Deus saberá algum dia corrigir o erro desses homens *temerários* e ensiná-los, muito às suas custas, a não condenar essas graças *sem conhecê-las e sem serem capazes de julgá-las*".
435 L. 7.

de certos feitos heróicos que transcendem as regras da prudência humana. A própria filosofia reconhece, pois, a possibilidade e conveniência de que Deus, como "razão de nossa razão", faça-Se regra imediata de nossa conduta, e inspirador de ações supra-humanas.

Mas para os filósofos pagãos, essa intervenção divina tinha que ser transitória, passageira e fortuita, e assim não requeria na alma nenhuma disposição habitual que lhe servisse como de base perene, pois eles não podiam sequer suspeitar essa misteriosa, íntima e constante comunicação vital de Deus com a alma justa. Essa inhabitação amorosa – que é ao mesmo tempo uma vivificação contínua – só podia nos constar pela fé e pela experiência sobrenatural. E mediante essas, o filósofo cristão encontra e reconhece uma base firme e constante para receber essas divinas influências que, aos olhos dos pagãos, aparentavam ser raras e casuais. "Encontra-se, dizia o Pe. Gardeil[436], com um homem já possuído pela Divindade, em quem habitualmente reside a Divindade, e de quem a própria Divindade é como a alma. E é próprio dela o fazer surgir no ser que vivifica todos os órgãos necessários". E daí que esses hábitos divinos que se chamam dons, espíritos, instintos ou tendências sobrenaturais, que a nós vêm para *facilitar* da nossa parte o impulso e governo de Deus, e *nos habilitar* para o seguir docilmente. "Claro está que Deus não necessita destes apoios para nos mover; mas nós necessitamos deles para proceder na ordem das moções divinas com a mesma perfeição que na das racionais. Preciso é que as inspirações do Espírito Santo se encontrem em nós em estado *habitual*, como o estão os ditados da razão. Não cedamos às insinuações de Deus violentamente e como forçados, senão como cede à sua razão o virtuoso, o que faz fácil e prontamente, com a facilidade que lhe dá o hábito da virtude". Assim é como podemos dizer com Isaías (50, 5): "O Senhor me abriu o ouvido, e eu estou pronto para escutá-lo: não quero resisti-lhe nem retroceder".

Para o Angélico Doutor "toda a doutrina referente aos dons se compendia nestas palavras: *Spiritus, dona*. Como *sopros* ou inspirações do Espírito

---

436 P. 29-32.

Santo, requerem a autonomia de seu princípio, e como *dons*, têm um ponto de apoio habitual em nossas almas. Embora seja necessário que uma graça atual desperte em nós a vontade de usar o dom, essas graças são como o ar que respiram as almas justas e fervorosas", sobre as quais influencia constantemente o Espírito vivificador, como perene manancial de atividade e de vida. E como *alma* de uma ordem mais elevada e realmente *divina*, sua *possessão* não é de nenhum modo de *intrusão*, nem sua *moção* e *direção* se parecem em nada com uma *imposição* estranha e violenta, pois na realidade são influências íntimas, vivificadoras, vitais e, pelo mesmo motivo, autônomas, já que Ele, como razão de nossa razão e vida de nossa alma, é mais íntimo a nós que nós mesmos. Assim é como, sob sua ação, sentimo-nos mais livres e mais ativos que nunca.

Por aqui se vê o quanto distam essa divina *vivificação* e *inspiração* da *possessão* diabólica e da *sugestão* satânica. Se o demônio penetra em algum desventurado, é para fazer-lhe violência, seduzi-lo e impulsioná-lo ao mal e prejudicá-lo tanto quanto possa. Como não é causa da alma, não pode penetrar nela, e o que faz é paralisá-la e perturbar sua atividade[437]. Na *possessão* tiraniza as potências, manejando à seu gosto e violentado por dentro e por fora os órgãos corporais de que elas necessitam se valer para funcionar, e na *sugestão* fascina como por fora, com imagens ilusórias, querendo imitar muitas vezes as inspirações divinas que *saem de dentro*, como do ápice da própria alma, aonde reina Deus. Mas sabendo o pérfido enganador disfarçar-se em forma de *anjo de luz*, não sempre é fácil distinguir, senão pelos efeitos, suas instigações maléficas das santas inspirações, até que a alma tenha já muito experiência e vá sentindo muito claramente e reconhecendo desde logo a voz de seu doce Pastor (Jo 10, 27-28). Por isso, entrementes, temos que *provar os espíritos*, enquanto ainda cabem dúvidas, para ver se vêm de Deus ou do inimigo.

Mas quando a alma tiver chegado já à verdadeira *união*, então, como adverte Santa Teresa[438], alcançará sentir tão claramente os suavíssimos

---

437 Cf. S. Tomás, *Contra Gent.* 4, 18.

438 *Morada* 5, 1.

toques de seu Amado, que para ela se dissiparão todas as dúvidas. O próprio Espírito que nela mora como em sua habitação predileta, ao mesmo tempo que dá a ela claro *testemunho de que é filha de Deus*, certifica-a de ser Ele quem a inspira, dirige e move, sem fazer violência, antes causando nela grande alegria, suavidade e doçura, e dando a ela em tudo vigor e facilidade[439]. Como razão e norma de nossa própria razão, subordina sem oprimir, por puro amor, com atrações infinitas, e, como vida das almas, reina nelas, comunicando a elas a mais doce liberdade e autonomia: *Ubi Spiritus Domini, ibi libertas* (II Cor 3, 17). A alma segue com indizível prazer a moção de Deus, porque todo seu gosto está em segui-la; tendo consciência de estar possuída por Aquele a quem se abandonou totalmente, e por experiência sabe já que, sob esse amoroso governo, *nada pode faltar a ela*, pois também Ele se comunica a ela sem reserva[440]. E assim ela chega a possuir o próprio Deus com seus tesouros infinitos, tem *seu Deus e seu tudo* – ao *Deus de seu coração e sua herança eterna* – na proporção em que é por Ele possuída[441].

---

439 *A moção e inspiração divina.* – "Homo spiritualis, diz Santo Tomás (*In Rom.* 8, 14.) non solum *instruitur* a Spiritu Sancto quid agere debeat, sed etiam cor eius a Spiritu Sancto *movetur*... Illi enim agi dicuntur, qui quodam superiori instinctu moventur... Homo spiritualis non quasi ex motu propriae voluntatis *principaliter*, sed *ex instinctu Spiritus Sancti inclinatur ad aliquid agendum*". Veja-se também Pe. De Caussade *(L'abandon à la Providence divine* l. 3, c. 2.).

440 Pelos dons do Espírito Santo, diz João de Santo Tomás (*In* 1-2, q. 70, disp. 18, a. 1, § 9), não contente o Senhor em nos dar suas graças, toma posse de nós para nos enriquecer com graças maiores: "Hoc enim proprie spectat ad haec dona Spiritus Sancti, in quibus ita Deus dat hominibus et distribuit dona sua, quod per ea subiicit sibi homines, et reddit bene mobiles a Spiritu suo: et ita cum reliqua dona accipiant homines a Deo, in istis donis etiam *homines ipsos Deus accipit*, et in ipsis hominibus captis sibique subiectis, etiam dona sua iterum accipit, et sua facit, utique cum usura et foenore".

441 Pelas virtudes temos ao Espírito Santo como às nossas ordens: *Utimur Spiritu Sancto*, segundo a gráfica expressão dos teólogos. Mas pelos dons, Ele mesmo é quem dispõe de nós, *possuindo-nos* ao mesmo tempo que é *possuído*. Essa posse recíproca, como obra do divino amor, harmoniza perfeitamente a liberdade com a servidão, a subordinação com a autonomia. Assim é como as almas espirituais, segundo observa o Pe. Gardeil (p. 34), "embora *passivas* na presença do Espírito Santo, *possuem-nO* por sua vez e usam da influência de seu Hóspede, sendo escravas e livres ao mesmo tempo. Tal é a rara antinomia, cuja solução nos oferece o dom divino". Ver também: Sauvé (*La culte du C. de J.* élév. 26.).

Essa *consciência* da vida sobrenatural e das inefáveis operações de Deus na alma é o que em certo modo caracteriza e o que melhor nos permite reconhecer o *estado místico* sobre o qual tanto se discute hoje, e tanto se erra ao falar de *mística pagã*, ou de mística islâmica etc... O verdadeiro *estado místico* implica, junto com a *inhabitação vivificadora* do Espírito Santo, sua *moção* e sua *direção habitual*, suprindo ou completando a da razão sobrenaturalizada e enriquecida com as virtudes infusas. Sem os dons do Espírito Santo não cabem nem podem caber senão vãs aparências de *mística*. Os que não estão sequer na graça de Deus, e sobretudo os que carecem até da própria luz da verdadeira fé, mal podem possuir o Espírito Santo, e mal podem sentir o influxo de seus dons, que são o todo no processo da *vida mística*, e que, no alto grau em que agem quando já se fazem *sentir*, supõem uma *vivificação* muito intensa. Os gentios puderam às vezes experimentar certas inspirações divinas, sendo como exteriormente *movidos* ou *iluminados* pelo Espírito Santo, sem estar por Ele *habitados* nem *vivificados* – posto que a divina *Luz brilha nas trevas, sem que elas a compreendam* (Jo 1, 5) –; mas essa moção ou inspiração, faltando o sentido vital, o *sensus Christi*, não pode, na realidade, ser percebida como a percebem os verdadeiros *místicos*, que estão cheios da vida divina e *conhecem a verdade libertadora*. No máximo, constituiria algo parecido ao *ato*, mas não ao *estado místico*. Mas essas sensações são de ordem muito diversa.

A alma justa se encontra na realidade possuída e informada pelo Espírito septiforme que tende a configurá-la com o Homem celestial, imprimindo nela seu selo, despojando-a das fealdades e manchas do homem terreno, e enchendo-a de claridade em claridade até as regiões da luz eterna. E como para cada forma, segundo adverte Santo Tomás, segue uma *tendência* ou inclinação apropriada[442], daí que resultem em nós da própria inhabitação do Espírito Santo esses *instintos* ou *impulsos* divinos que chamamos *dons*, os quais são como uma *herança* supra-humana, um tipo de *sangue divino* que corre por nossas veias e que, à maneira de uma nobilíssima *forma or-*

442 "Quamlibet *formam* sequitur aliqua *inclinatio*" (1ª p., q. 80, a. 1).

gânica hereditária, impele-nos a ações nobres e heróicas, dignas dos filhos de Deus, comunicando-nos com efeito esses instintos celestiais, próprios de uma estirpe divina[443]. Essa é a mística "herança dos servos de Deus", na qual mora aquela sabedoria que em todos deseja repousar, embora por tantos seja grosseiramente rejeitada[444].

Os dons começam na realidade a se manifestar muito rapidamente, embora obscuramente, em forma de ocultos *instintos* que nos levam – e cada vez com mais energia – aonde a razão nem sabe nem pode nos levar. E à força de purificar nossas almas para não os impedir e os seguir dócilmente, e de comprovar seus magníficos resultados, vão se esclarecendo e nos manifestando o que são, de quem provêm e para onde nos levam[445]. E assim, aqueles que têm já suficientemente limpos e iluminados os *olhos do coração*, começam a *ver a Deus* (Mt 5, 8; Ef 1, 18), a reconhecer a presença e a benéfica ação do *Dedo* de sua destra – *Dextrae Dei Tu digitus* – do amoroso Paráclito, dulcíssimo Hóspede da alma, que age em nós e por nós para remediar nossa fraqueza, dar novo realce às próprias virtudes que Ele infundiu em nós e fazer fácil e perfeitissimamente, por meio de seus inestimáveis dons, o que com elas de nenhum modo poderíamos, ou só faríamos pela metade e com suma dificuldade.

Para convencer-se disso, bastaria ler Santa Teresa[446], mostrando quão laboriosamente trabalha a alma pelo único meio das virtudes, esforçando-se para *tirar* com prolongadas *meditações* algumas gotas de água do *poço* fundo da graça... Quando do divino Espírito começa como dissimuladamente a ajudá-la, então ela nota com surpresa que "tira mais água" e com menos trabalho; pois as próprias virtudes agem com muito mais facilidade e energia

---

443 "Quando alguém leva em suas veias sangue de heróis, diz o Pe. Hugon (*Rev. Thom.* set. 06, p. 420), lança-se como por instinto às grandes ações. Os dons do Espírito Santo fazem isso e muito mais; preparam-nos e nos dispõem para o sublime; são em nós como uma semente cuja flor deve ser o heroísmo".

444 "Haec est haereditas servorum Domini" (Is 54, 17).— "In omnibus requiem quaesivi, et in haereditate Domini morabor" (Eclo 24, 11).

445 Cf. S. João da Cruz, *Llama de amor viva* canc. 4, v. 3.

446 *Vida* c. 11-16.

sob o oculto sopro dos dons. Logo eles preponderam, com quando essa mística água da graça vem toda do rio, embora a alma, com ajuda das virtudes, todavia conserva o poder de *dirigi-la* e distribui-la. Depois ela baixa toda do céu, já bem distribuída, e não lhe dá mais o que fazer senão bebê-la e saturar-se dela... Por fim, tira-se dela mesmo esse trabalho de tragá-la, e ela sozinha se introduz no coração, e por dentro e por fora a inunda, sacia e embriaga na torrente das divinas delícias... Aqui cessa toda *iniciativa* própria: quando menos pensa e busca, a alma se vê toda cheia de Deus, inundada e saciada no mar de água vida, e tudo o que com sua iniciativa quisesse então fazer não lhe serviria senão para pôr obstáculos à misteriosa ação do divino Espírito[447].

Deve, pois, ater-se a secundá-la com todas as suas forças, e deste modo, aparentando *ociosa*, naquela *passividade* se encontra mais *ocupada*, mais viva e *ativa* que nunca, transbordando em vigor e energias divinas[448].

Assim poderá reconhecer e comprovar, pelos bons efeitos, o próprio diretor – e indicará a ela quando convenha para tranquilizá-la – se é que está dotado da luz e discrição que para esse caso são requeridas; que se não, julgando segundo os simples olhares da prudência humana, ao invés de apoiar e esclarecer, converter-se-á em obstáculo, e não fará senão estorvar e desorientar. Quem tiver luz e experiência notará que se a alma se empenha – como costuma fazer muitas vezes – em agir por si mesma do modo acostumado, não poderá progredir e impedirá os bons efeitos da ação divina, e que, ao invés disso, adiantar-se-á muitíssimo enquanto se mantiver com

447 "De tal maneira Deus põe a alma neste estado, diz São João da Cruz (*Noche obscura* 1, c. 9), que se ela quer agir por si mesma e por sua habilidade, antes estorva a obra que Deus nela vai fazendo, que ajuda; o que antes era muito o contrário. A causa é porque já neste estado de *contemplação*, que é quando *sai do discurso ao estado de aproveitados*, já é Deus que age na alma".

448 "Neste estado, adverte Santa Joana de Chantal (*Opus.* ed. Plon., t. 3, p. 278), Deus é quem *dirige e ensina*; e a alma não faz mais que *receber* os bens espiritualíssimos que se dão a ela, que são ao mesmo tempo a *atenção* e o *amor divino*... Deve, pois, ir a Ele com um coração confiante, sem particularizar outros atos mais que *aqueles a que se sente movida*... Se busca agir e sair desta simplíssima *atenção amorosa* que Deus lhe exige, não fará mais que impedir os bens que por meio dessa se comunicam a ela".

uma simples *intuição* ou *vista amorosa*, atendendo e consentindo naquela obra delicadíssima que Deus quer realizar nela[449].

Aqui o ofício do diretor se reduz a observar a operação misteriosa do Espírito Santo, e aconselhar a alma que permaneça nesta santa *ociosidade*, enquanto se sinta atraída, ou a esclarecê-la quando realmente ficar como *abobada* de modo que não tire fruto. Mas, vendo-a animada pelo bom Espírito, não se meta a indicá-la o caminho que lhe convém seguir, pois então já tem ela dentro quem a dirija e encaminhe, e qualquer intromissão não faria por si mesma mais que impedir ou perturbar essa obra tão prodigiosa como silenciosa[450].

---

449 Como a alma não sabe senão agir pelo sentido, observa São João da Cruz (*Llama* canc. 3, v. 3, § 16), "acontecerá que esteja Deus persistindo em tê-la naquela quietude calada, e ela persistindo em gritar com a imaginação e em caminhar com o entendimento, como as crianças, que levando-os suas mães nos braços, sem que elas dêem um passo, vão gritando e chutando por irem com seus pés; e assim nem andam elas nem deixam andar suas mães. Ou como quando o pintor está pintando uma imagem, que se está se mexendo, não lhe deixa fazer nada. Há de advertir a alma que, embora então não se sinta caminhar, muito mais caminha que com seus pés, porque Deus a leva em seus braços. Muito mais faz que se ela o fizesse, porque Deus é o trabalhador".
Isso é o que então deveriam dizer-lhe seus diretores, a fim de tranquilizá-la e animá-la a perseverar. Mas, desgraçadamente, aqui é onde muitíssimos – por falta de espírito e ciência santa – fracassam e fazem fracassar, aumentando os temores da alma, ou querendo obrigá-la a agir e impedir assim os frutos desta oração secreta.
"Assim como chegando ao porto cessa a negação, e alcançando o fim cessam os meios, assim, diz Molina (*Orac.* tr. 2, c. 6, § 1), quando o homem, mediante o trabalho da meditação, chega ao repouso e gosto da contemplação, deve então parar os discursos e considerações; e contente com uma simples vista de Deus e de suas verdades, descansar olhando-o e amando-o, e admirando-o ou se saboreando, ou exercitando-se em outros afetos... Em qualquer tempo da oração que o homem sinta esse recolhimento interior, e a vontade inclinada e movida com algum afeto, não deve ele ter em conta, por cobiça, prosseguir com outras considerações ou pontos que leva preparados, senão deter-se naquilo enquanto durar, ainda que seja todo o tempo do exercício. Mas passando aquela luz e afeto, e sentindo a alma que se distrai, ou seca-se, deve voltar à meditação e ao curso ordinário de seus exercícios".
450 Certa pessoa me dizia não há muito tempo que de nenhum modo era chamada a sentir essa mística *direção*; porque "em vão a havia pedido muitas vezes e com toda a sua alma". – Mas vi que era demasiada imortificada, inconstante, vaidosa e fantasiosa, para alcançar tão rapidamente o que pedia, talvez movida por sua própria vaidade e curiosidade.
"Bem claramente vós respondeis a todos, diz Santo Agostinho (*Conf.* 10, c. 26), mas nem todos ouvem vossas respostas claramente... vos consultam segundo sua inclinação...; e o melhor de vossos

Tal é o trânsito gradual e insensível da *meditação* à *contemplação*, e tal é o processo desta; a qual, embora nunca, só com nossos próprios esforços, teria podido ser alcançada, concede-se a mãos cheias a todos que de verdade e com pureza de coração a buscam e perseveram pedindo-a (Eclo 6, 18-37; Prov 2, 3-5; 8, 17; Is 51, 1-9, etc.; Mt 11, 25; Tg 1, 5), e tão maravilhosamente começa e com tanto vigor e fruto se desenvolve sob a moção do Espírito Santo, sempre que essa é bem recebida e secundada. Assim a alma, que num princípio tão penosa e lentamente ia avançando ao porto da salvação, à força de remos, temendo ficar envolta nas profundas ondas do tempestuoso mar deste mundo e dar em ocultas armadilhas ou cair nas mãos de corsários, agora, sem trabalho, e mesmo quase podemos dizer sem perigo, navega rapidamente com a vela cheia, sob o sopro do Espírito Santo que a dirige e preserva de contratempos, ao mesmo tempo que a move. Antes tinha que andar com seus pés, pesadamente, como ave rasteira que está exposta a cair nas garras do falcão; agora lhe nasceram já vigorosas asas com que sem cansaço voa e sobe até as alturas do céu. Mas esse trânsito tem que se realizar penosamente ao longo das duas *noites* em que, temen-

---

servos não é aquele que se aplica tanto a ouvir de Vós o que ele deseja e quer, mas o que quer e executa aquilo que de Vós ouve".

"A consolação do Espírito Santo, adverte São João de Ávila (*Del Espíritu Santo* tr. 1), é muito delicada, e pouca cousa lhe causa estorvo...: não se dá aos que admitem consolações humanas... Com muita razão quer o Espírito Santo ser desejado... Deves assentar em teu coração que se estás desconsolado, e chamas o Espírito Santo, e não vem, é porque ainda não tens o desejo que convém para receber tal Hóspede... Não é porque não queira vir..., senão para que perseveres nesse desejo, e, perseverando, fazer-te capaz d'Ele, alagar-te esse coração, fazer que cresça a confiança: que de sua parte te certifico que não há *ninguém que o chame que saia vazio de consolação*... Chamarão teus pensamentos, palavras e obras o Espírito Santo, que virá sobre ti sem que saibas como..., e o encontrarás acomodado dentro do teu coração: encontrarás dentro da tua alma uma alegria grande, uma regozijo tão admirável, tão cheio, que te fará sair de ti... Ouvirás o Espírito Santo... que te falará em tua orelha e te mostrará tudo o que deves fazer. – "Ele mesmo que tem por ofício consolar, tem por ofício exortar; e esse mesmo que te consola, repreende-te... E, visto que pelos merecimentos de Jesus Cristo se dá o Espírito Santo, *não cesses de pedi-lo, não deixes de desejá-lo com grande desejo*, sentindo que ele virá à tua alma; e será tanto consolo para ti, que ninguém será suficiente para tirá-lo de ti".

Ver também: São João da Cruz (*Llama* canc. 3, v. 3, § 5-7); Pe. Lallemant (*Doctr. spir.* 4 princ., c. 1, a. 1); e São João de Ávila (*Del Espíritu Santo*, tr. 3).

do ela encontrar a morte, encontra a renovação e a vida, saindo do seu pequeno proceder humano para empreender um modo de agir totalmente celeste e divino[451].

§ VI – CONTINUAÇÃO. – A OBRA ESPECIAL DE CADA UM DOS DONS: RESPECTIVA ORDEM DE DIGNIDADE E DE MANIFESTAÇÃO PROGRESSIVA. – RESUMO: EXCELÊNCIAS DESTE MODO DE AGIR; A VIDA ESPIRITUAL E O SENTIDO DO DIVINO; O SÍMBOLO ORGÂNICO E A PSICOLOGIA PNEUMÁTICA.

O *dom de sabedoria* faz sentir e saborear com delícias inefáveis as sublimes verdades que a fé nos apresenta como envoltas em enigmas, e que ao pecador costumam parecer tão áridas e obscuras. Ditosa a alma que está cheia desse dom, porque com ele será divinamente sábia e possuirá o cúmulo de todos os bens, gozando já de uma antecipada glória! (Sab 7, 7-14). Adquire um conhecimento experimental, tão positivo e tão seguro das coisas de Deus, que se lhe impõem com a evidência de um fato tangível[452]. Mas o que assim conhece e sente é tão inefável, que geralmente a obriga a emudecer para adorá-lo em silêncio e não o profanar com língua humana.

---

451 Assim, a vida que desde então se empreende é já tão outra e tão superior, que a alma a si mesma não conhece e se admira por se ver tão felizmente trocada. – "É outro livro novo daqui em diante, digo outra *vida nova*", escreve Santa Teresa (*Vida* c. 23) ao descrever a mudança nela realizada:"até aqui era *minha*; o que vivi desde que comecei a declarar essas coisas de oração é a que *vivia Deus em mim*, ao que me parecia; porque entendo eu era impossível sair em tão pouco tempo de tão maus costumes e obras. Seja o Senhor louvado, que me livrou de mim. Pois começando a tirar ocasiões e a dar-me mais à oração, começou o Senhor a fazer-me as mercês, como quem desejava, ao que me pareceu, que eu as quisesse receber...". Ver também: São João da Cruz (*Noche* l. 2, c. 4) e Pe. De Caussade (*Aband.* l. 3 c. 8).

452 "Cum donum sapientiae, escreve João de Santo Tomás (*In 1-2*, q. 68-70, disp. 18, a. 4), non quaelibet sapientia sit, sed Spiritus sapientia, idest, ex affectu, et spiritu, et donatione ipsa qua experimur in nobis, quae sit voluntas Dei bona..., oportet quod ratio formalis qua donum sapientiae attingit... causam divinam sit ipsa *notitia, quae habetur experimentaliter de Deo*, quatenus *unitur nobis et inviseratur* et *donat seipsum nobis*... Ex hac enim unione quasi *connaturalizatur* anima ad res divinas, et per *gustum* ipsum discernit eas".

O do *entendimento* nos permite penetrar com "os olhos do coração iluminado" nos augustos segredos da Divindade[453]; com ele se abre de certo modo o véu dos enigmas e aparece ao descoberto a divina Verdade, com seus adoráveis encantos que não podem ser designados, e com ele se ouvem as palavras recônditas que não são lícitas ao homem falar, e que só são conhecidas por aqueles que as recebem: *Nemo scit, nisi qui accipit* (Ap 2, 17).

"Pelo dom de entendimento, diz Frei João dos Anjos[454], acham os homens um conhecimento tão alto, tão celestial e divino, e sentidos tão profundos, que nenhum doutor, por inquisição e estudo próprio, poderia achá-los, porque são inefáveis as coisas com que a humana mente é iluminada. E mais há nele: que muitas vezes o entendimento humano assim é enriquecido por esse conhecimento, que recebe a alma tantos e de tantas maneiras ocultos e profundos sentidos nas Escrituras... quantas são suas palavras; os quais todos dirige e ordena para fomento do divino amor... O dom do entendimento... exige um *homem interior* e morte dos sentidos e de todas as imagens deles, e que morra inteiramente à natureza e viva no espírito"[455].

O de *conselho* nos faz proceder de um modo maravilhoso que desconcerta os estreitos olhares da prudência humana, e assim nos faz triunfar, sem saber como, das astúcias de nossos inimigos, e pelos meios menos pensados conduz fácil e prontamente ao porto da salvação[456].

---

453 "O que a fé nos faz crer simplesmente, o dom de *entendimento* nos faz *penetrar*... Parece que faz *evidente* o ensinado pela fé, de modo que nos maravilhamos de que haja aqueles que o neguem e o ponham em dúvida" (Lallemant, *Doctr.* pr. 4, c. 4, a. 2).

454 *Vida perfecta* diál. 4, § 6.

455 "Donum intellectus, diz Alvarez de Paz (*De inquis. Pacis* l. 5, p. 2ª, c. 4), superadditur intellectui humano, ut per illud res fidei subtilius adprehendat et in earum interiora penetret... Hoc dono iustus se intime agnoscit, et ad sui despicientiam provocat; Deum ac divina purius et profundius intelligit, et ad admirationem et amorem excitat; perfectionem divinorum mandatorum aperit, et menti ab erroribus purgatae sensus abditissimos Scripturae detegit. Et iuxta illud: *Cantate Domino canticum novum*, licet milies Psalmum unum repetam, quia nobis nova mysteria revelantur facit ut quasi novum canticum decantemos".

456 "O que a *ciência* ensina em geral, o dom de *conselho*, diz Lallemant (*ib.* c. 4, a. 4), aplica aos casos particulares... A esse dom se opõem por uma parte a precipitação, e por outra, a lentidão... Convém

O de *fortaleza* move a executar corajosamente o que dita o do conselho, e a não poupar trabalhos nem sacrifícios para a glória de Deus e o bem das almas, fazendo para isso empreender tarefas difíceis e arriscadas que manifestamente superam as forças ordinárias e que só poderão se realizar com a virtude divina[457].

O de *ciência* nos faz ver a mão de Deus e sua providência amorosa mesmo nos acontecimentos que parecem mais ordinários: em todas as coisas descobre o oculto sentido divino que têm na ordem sobrenatural, obrigando-nos assim a nos elevar acima dos baixos olhares humanos e das apreciações rasteiras dos "insensatos", que não sabem reconhecer a missão que Deus aqui lhes confia, e ensinando-nos a desempenhar bem a nossa. Quem possui esse dom em alto grau, facilmente se remonta das criaturas ao Criador, vendo em todas as obras de Deus o selo divino[458]. Ao mesmo tempo, consegue manifestar convenientemente as verdades sobrenaturais por meio de símbolos e analogias, adaptando-se a todas as capacidades e inteligências e desvanecendo como por instinto qualquer tipo de dificuldades que os inimigos lhe oponham. Esse dom caracteriza os santos doutores e pregadores, que devem explicar e precisar bem as coisas de fé e distingui-

---

usar de maturidade nas deliberações. Mas uma vez que, segundo a luz do Espírito Santo, tomou-se uma resolução, convém executá-la logo sob o movimento do mesmo Espírito; porque se se demora, poderão mudar as circunstâncias e se perder as ocasiões".

"Donum consilii perficit intellectum, adverte Alvarez de Paz (ib. c. 4), ut se ad dictamina Dei mobilem se praebeat... Deus iustum cum magna certitudine et satisfactione de singulis rebus docet. Unde Bonaventura ait (*De donis S. S. in Consilio* c. 2): Consilia Dei sunt perfectissima: valent enim ad vitandum omne malum, et ad consequendum omne bonum perfectissime, et ideo ducunt per itinera arctissima... Perfecti autem viri stimulis amoris agitati vehementer amplectuntur, ut perfectius et citius inveniatur quod amatur et creditur et quaeritur. Deus ergo liquide et aperte tamquam ille qui optime omnia novit, nos de singulis ad perfectionem spectantibus consulit, et vires ad exsequendum praebet".

457 "Pelo dom de fortaleza, escreve Terrien (I, p. 198), a alma, apoiada no Espírito Santo, desafia com uma confiança invencível os trabalhos, os suplícios e a própria morte, quando a glória de Deus o exige".

458 Cf. Caussade, *L'Abandon à la Providence* l. 2, c. 1.

-las das que não o são[459]; e, em união com o de conselho, os verdadeiros diretores de almas[460].

"O dom de ciência, escreve Lallemant[461], faz-nos ver pronta e certamente o que se refere à nossa conduta e à dos outros... Por ele conhece um pregador o que deve dizer aos seus ouvintes, e um diretor, o estado das almas, suas necessidades e remédios, os obstáculos que põem à sua perfeição e o caminho mais curto e seguro para conduzi-las a ela... Um superior conhece como deve governar. Os que mais participam desse dom... vêem maravilhas na prática das virtudes; descobrem graus de perfeição ignorados pelos demais; com um olhar vêem se as ações são inspiradas por Deus e conforme seus desígnios, ou se se afastam no mais mínimo dos caminhos de Deus. Notam imperfeições onde os outros não as podem descobrir, e não se deixam surpreender pelas ilusões do qual o mundo está cheio... Quando fazem uma exortação a pessoas religiosas lhes vêm à mente os pensamentos mais conformes às necessidades dessas almas e ao espírito da respectiva ordem. Quando se lhes propõem dificuldades de consciência, resolvem-nas de um modo excelente, e, no entanto, não sabem dar razão de suas respostas, posto que as conhecem por uma luz superior a todas as nossas razões"[462].

---

459 "Scire quid credendum, pertinet ad donum *scientiae*. Scire autem ipsas res creditas secundum seipsas *per quamdam unionem ad ipsas*, pertinet ad donum *sapientiae*" (S. Th., 2-2, q. 9, a. 2 ad 1).

460 O dom de ciência, observa Alvarez de Paz (l. c., p. 2ª, c. 4), é necessário ao entendimento: 1º, "ut res fidei per creaturas similitudinibus proportionatis intelligat et in illis non haerens ad Deum contemplandum... transcendat; 2º, ut summam perfectionem cuiusque virtutis agnoscat, et cunctas virtutes et earum actus in maximo pretio habeat, et illa interius exercere et postulare non desinat. Haec scientia non inflat, sed potius aedificat, quia non est aliena a caritate... Unde Rupertus exponens illud: *Scientia inflat, caritas vero aedificat* (I Cor 8, 1), sic ait: 'Non sic ductum suum intelligi voluit, ut scientiam caritati opponat, sed apponat. Nan scientia, subauditur, sine caritate, inflat: caritas vero, subauditur, cum scientia, aedificat'.— Haec itaque scientia... sanctorum iustis data est, ut perfectius... omnia agenda et cavenda cognoscant, ut quotidie sanctius et perfectius vivant".

461 *Ibid.* a. 3.

462 Este dom é o que tão admirável faz Santa Teresa, como doutora e diretora, permitindo-a reconhecer e declarar as vias do Espírito e se adaptar à capacidade de todos. Outras grandes almas – como Santa Catarina de Sena, Santa Ângela de Foligno e São João da Cruz – resplandecem sobretudo com o de sabedoria e o de entendimento; com os quais se elevam em tão alto vôo, que se perdem de vista; e assim, sendo ainda mais admiráveis, costumam ser menos admiradas.

O de *piedade* nos move a tratar as coisas de Deus, que a Ele nos ordenam, com esse interesse e afeto com que se vêem as de *família*, e a Ele mesmo com esse carinho terno, essa confiança e simplicidade verdadeiramente *filiais* e mesmo *infantis*, como a criança mais carinhosa ao mais doce dos pais, e como a esposa ao seu esposo. Esse dom é o que sugere às almas enamoradas esses doces desabafos e esses nobres atrevimentos que estranham os profanam, e que a Deus tanto comprazem, como excitados que estão por seu Espírito de *adoção*[463].

O de *temor de Deus*, como princípio desta celestial Sabedoria – ignorada pelos mundanos e nunca encontrada pelos acomodados e delicados – leva a praticar grandes austeridades, para arrancar pela raiz as más inclinações e evitar o que puder ofender mesmo remotamente os olhos do Pai Celestial[464]. A alma possuída por esse dom quer, a todo custo, destruir o quanto antes o "corpo do pecado", vivendo sempre cercada da mortificação de Jesus Cristo, para que também em sua própria carne mortal se manifeste a vida do Salvador (Rom 6, 6; 8, 13; 2 Cor 4, 10). Por isso, com tanto fervor pede para ser crucificada e traspassada com os cravos do temor santo, para não incorrer nas iras divinas: *Confige timore tuo carnes meas: a iudiciis enim tuis timui* (Sl 118, 120).

Esses preciosíssimos dons, assim enumerados por Isaías em ordem de perfeição descendente – como convinha referindo-se ao Salvador –, costumam ir se manifestando em nós por ordem inversa, segundo a maior

463 "A piedade filial para com Deus, diz o Pe. Gardeil (p. 89), é um dos traços mais característicos do cristianismo... O paganismo e a filosofia honraram o Criador, o Juiz, a Providência; nós adoramos o Pai consubstancial de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é também, por adoção, nosso Pai".

464 Este santo temor não é desterrado pela perfeita caridade, senão cresce e se aperfeiçoa com ela. Os santos se horrorizam e estremecem com a vista, e até mesmo só com a idéia ou o nome do pecado; porque esse monstro, destruidor da santidade, está em luta aberta com os atributos divinos. Quanto mais deificados, melhor sentem e notam por experiência a máxima aversão que Deus lhe tem; e isso é o que tanto os faz tremer e consternar-se e buscar reparações, ao ver em si ou em seu próximo a menor coisa que difere ou põe divisão entre eles e o sumo Bem. – "Quando ouço falar de pecados, dizia o Ven. Olier (*Sprit* t. 1, p. 206), sinto uns afetos que me esmagam e aniquilam e que são impossíveis de expressar".

importância prática ou necessidade que têm na vida cristã. Começa o de *temor* inspirando a aversão ao mal, para poder praticar melhor o bem, e fazendo detestar a arrogância, a soberba e a malícia (Prov. 8, 13), para assentar nas bases da humildade e da simplicidade evangélica, a ciência sublime do próprio conhecimento, que nos leva diretamente ao de Deus e à prática fiel de todas as virtudes cristãs (Prov. 8, 14). Conhecendo bem nosso *nada*, saberemos desprezá-la como convém e apreciar melhor o *Todo* divino, e desejaremos arrancar de nós tudo que nos aparte do Sumo Bem, e nos purificar plenamente e nos exercitar nos divinos mandatos, para poder chegar à venturosa *união* com o Deus de toda santidade e justiça. Logo o de *piedade* vai sugerindo os meios mais eficazes, as devoções mais ternas e frutuosas para comprazer ao Pai Celestial, ao Esposo divino e ao doce Hóspede e Consolador da alma.

O de *ciência* ensina aquela dos santos, que consiste em se conformar totalmente com a divina vontade, acatando de coração as disposições da Providência, encaminhadas todas para nosso aproveitamento. Assim nos mostra o verdadeiro "caminho da sabedoria e nos conduz pelos caminhos da justiça, para correr por elas sem tropeço" (Prov. 4, 11-12).

O de *fortaleza* anima a superar os maiores obstáculos e a não reparar nos trabalhos nem nas dificuldades quando *urge a caridade de Cristo* (II Cor 5, 14), e abrasa o zelo de sua glória e da salvação das almas. Ele é que leva os missionários a propagar, a qualquer preço, o reino de Deus e sua justiça, e que alenta as almas devotas a perseverar no caminho da oração apesar das aridezes e dificuldades, e de todos os conselhos da prudência carnal, da falsa humildade e da covardia[465].

---

465 "Para progredir na perfeição e sermos capazes de grandes coisas, é preciso, diz Lallemant (l. c. a. 6), sermos magnânimos e intrépidos. Sem o dom de fortaleza não podem se fazer notáveis progressos na vida espiritual; pois a mortificação e a oração, que são seus principais exercícios, exigem uma determinação generosa a passar por cima de todas as dificuldades que nesse caminho se encontram... Assim como o dom de fortaleza vai acompanhado do de conselho, assim a prudência humana vai unida à timidez, para se apoiarem e se justificarem mutuamente. Os que se guiam segundo essa prudência são sumamente tímidos. Esse defeito é muito comum nos superiores que, para evitar certas faltas, não fazem a metade do bem que deviam. Mil temores nos detêm a todas

O de *conselho* inspira os meios de realizar *divinamente* grandes empreendimentos, procedendo com uma habilidade e prudência supra-humanas. E assim, sabendo escolher – enquanto nosso estado e condição o permitem – "a melhor parte" ou *o tudo* (a vida contemplativa ou a plenitude da apostólica), purificados *os olhos do coração* e refinados os *sentidos espirituais*, começaremos a descobrir os divinos arcanos e saborear as infinitas doçuras de Deus, mediante os dois sublimes dons de *entendimento* e de *sabedoria*[466].

---

as horas, e impedem-nos de progredir no caminho de Deus, e fazer os muitos bens que faríamos se seguíssemos a luz do dom de conselho e procedêssemos com a coragem que nos dá o de fortaleza. Mas temos demasiados olhares humanos, e tudo nos mete medo".

A essa timidez se junta a falsa humildade que fecha os olhos aos benefícios divinos, levando assim à ingratidão, à tolice e à pusilanimidade, enquanto que a verdadeira é tão generosa, discreta e magnânima. Pensam alguns, diz Santa Teresa (*Vida* c. 10), que é humildade "não entender que o Senhor lhes vai dando dons. Entendamos bem, bem como isso é, que esses nos dá Deus sem nenhum merecimento nosso, e os agradeçamos a sua Majestade; porque se não conhecemos que recebemos, não nos despertamos para amar; e é coisa muita certa que, enquanto mais vejamos que estamos ricos, mais conhecemos que somos pobres, mais aproveitamento temos, e mesmo mais verdadeira humildade; o resto é *acovardar o ânimo*". É amigo o Senhor, acrescenta (c. 13), das almas animadas, "que vão com humildade e nenhuma confiança em si; e não vi nenhuma dessas que fique baixa nesse caminho; e nenhuma alma covarde, mesmo com amparo de humildade, que em muitos anos ande o que esses outros em mui poucos. Espanta-me o muito que faz neste caminho *animar-se a grandes coisas*... Quer (o demônio) fazer-nos entender que tudo nos há de matar e tirar a saúde; até ter lágrimas nos fazer temer ficar cegos... Como sou tão enferma, até que me determinei em não fazer caso do corpo, nem da saúde, sempre estive atada... Mas como quis Deus que entendesse este ardil do demônio..., depois que não estou tão atenta e regalada, tenho muito mais saúde".

466 "O dom de sabedoria, diz Lallemant (*Doctr.* pr. 4, c. 4, a. 1), é um conhecimento saboroso de Deus, de seus atributos e de seus mistérios. Enquanto o entendimento concebe e penetra, a sabedoria... faz ver as razões e conveniências; representa para nós as divinas perfeições... como infinitamente adoráveis e amáveis, e desse conhecimento resulta um *gosto* delicioso, que até se estende às vezes ao próprio corpo... Assim, a este dom pertencem as doçuras e *consolações espirituais* e as *graças sensíveis*... Este *gosto* da sabedoria é às vezes tão delicado, que permitirá distinguir em seguida uma *proposição inspirada* por Deus de outra formada pela razão... Num princípio as coisas divinas são insípidas e custa trabalho saboreá-las; mas logo vão se fazendo tão doces e saborosas, que se saboreiam com prazer; e ao fim esse chega a ser tal que nos faz olhar todo o resto com desgosto. Ao contrário, as da terra, num princípio satisfazem..., mas no fim nos enchem de amargura".

Em suma: os dons do Espírito Santo excedem às virtudes infusas quanto ao *princípio motor* e *diretor*, e quanto ao *modo* e à *norma* de agir. São para o homem, em suas relações com o divino Paráclito, o que as virtudes morais são para a vontade com respeito à razão natural, e o que as infusas lhe são em ordem à mesma razão iluminada pela fé. Nas simples virtudes, sejam naturais ou infusas, a própria razão, guiada por suas próprias luzes ou ajudada pelas evangélicas, é a norma reguladora de tudo: ela dirige e orienta mesmo essas luzes e energias que o Espírito Santo ocultamente lhe infunde. Mas com os dons, o próprio divino Espírito se constitui em doce *Dono* da alma com todas as suas faculdades, forças e virtudes, e em supremo regulador, que subordina e ordena a própria razão iluminada como já está com a prudência infusa, para que, sem olhares humanos que possam desconcertá-la, eleve seu vôo até as serenas regiões da luz eterna. Nem mesmo sobrenaturalizada com a graça e as virtudes, como não participa plenamente da condição divina, não pode se ordenar perfeitamente à vida gloriosa. Daí que, para chegar a ela, seja preciso que – ao menos de vez em quando – o próprio Espírito de Deus se constitua diretor e governador, e que com efeito nos comunique certos instintos ou impulsos divinos, com as correspondentes energias e facilidades, a fim de que possamos *cooperar divinamente* à sua ação.

Daí a imponderável excelência dos dons sobre as virtudes, posto que as superam em tudo e as aperfeiçoam, e até aumentam, aquilatam e *ordenam* a própria caridade que nunca morre, mas que ainda se aviva com o resplendor do Espírito Santo, que é quem a derrama em nossos corações[467]. Quando são

---

467 A caridade com os dons, observa o Pe. Gardeil (p. 34-35), "não é já aquele suave calor e aquele ardor das virtudes que penetrava ocultamente em nosso organismo moral, adaptando-se às formas de nosso conhecimento e amor naturais. É um foco tão aceso que tudo inflama, brilhando como um sol: é a própria luz da face de Deus, que resplandece com suas sete irradiações... Sim, divino Espírito, esta caridade é o resplendor de tua fisionomia! E esta luz resplandece em nós: *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine*. E, não só no interior, mas também no exterior: *Signatum est super nos*; não iluminando ainda, é certo, nossa fronte, nem fascinando nossa vista como na visão beatífica, senão envolvendo nosso coração, que vem a ficar convertido num sol cujas irradiações, mantidas e renovadas por vossa atividade, esclarecem todo o nosso mundo interior, a verdade e o amor, a esperança e a

introduzidas as almas santas na mística "bodega dos vinhos", embriagadas com as infinitas doçuras da eterna Sabedoria, vêem como nelas se *ordena a caridade* (Ct 2, 4).

E embora somente pelos dons possamos fazer obras divinamente heróicas, também com eles alcançamos praticar com mais perfeição e espírito mesmo as mais ordinárias e vulgares, e podemos fazer outras muitas nas que absolutamente poderiam nos bastar as virtudes; mas não para fazê-las em tais circunstâncias, nem menos desse modo tão próprio dos filhos de Deus, que é o de serem movidos por seu próprio Espírito. Somente Ele pode nos levar felizmente ao porto da salvação, à plena união e transformação deífica. E por isso não se realizará essa em nós sem que completamente entremos no *estado místico*. Então é quando "*contemplando* com a face descoberta a glória do Senhor, vamos nos transformando em sua divina imagem, de claridade em claridade, como *movidos por seu Espírito*" (II Cor 3, 18).

Com as virtudes infusas nos dá ocultamente o *poder realizar nossa salvação*, o produzir atos dignos de vida eterna; mas embora Ele mesmo nos mova assim a agir, agimos *ao nosso modo*, e como por pura iniciativa própria, deliberando e pensando bem os motivos para proceder acertadamente. Mas pelos dons, costuma prevenir nossa própria deliberação, e dirigindo-nos Ele, agimos com mais perfeição e facilidade, embora às vezes sem mal *advertir* o que fazemos, procedendo como por intuição instintiva (Rom 8, 26-27). Pelas virtudes, *pomos* conaturalmente os atos salutares e agimos como bons *cristãos ordinários* ou "pequeninos"; pelos dons *recebemos* e *seguimos* conaturalmente o *impulso* e instinto divino e prosseguimos como *espirituais* ou "adultos". "*Homo spiritualis,* diz Santo Tomás[468], *non quasi ex motu propriae voluntatis principaliter, sed ex instinctu Spiritus Sancti inclinatur ad aliquid*".

Assim vemos que, pela simples *prudência cristã*, ainda procede o homem como *principiante*, de um *modo* quase sempre demasiado *humano*, pois como a

justiça, as próprias paixões, e enfim, tudo, porque está à seu modo submetido ao império direto de Deus: *Ut Deus sit omnia in omnibus*".

468 *In Rom.* 8, 14, lect. 3.

tem assimilada e a usa como própria, ainda se ressente dos próprios defeitos, viciando-se com os restos da natural e mesmo da carnal. Mas pelo *dom de conselho*, o próprio Espírito Santo é quem move e dirige sem dar lugar aos *olhares humanos*, e assim então o homem age *divinamente*, levado por esse *instinto* ou *inspiração* de Deus. Mas, assim como para compreender e seguir com proveito as altas explicações de um sábio professor se requer mais preparo intelectual que paras as de um mestre ordinário, assim também para sermos notáveis discípulos desse soberano Espírito da Verdade, necessitamos toda uma longa preparação divina e adequada a Ele, que nos faça verdadeiramente "espirituais" – *pneumáticos* – e assim nos permita entender sua misteriosa linguagem e ouvir suas mais delicadas insinuações, com que, praticamente, com sua *unção* divina, a nós ilumina, ensina e sugere *toda a verdade* (Jo 14, 26; 16, 13; 1 Jo 2, 20-27)[469]. E essa preparação que nos permite dizer com o Salmista: *Ouvirei o que fala em mim o Senhor, meu Deus*, consiste no recolhimento, na guarda dos sentidos e na vigilância em buscar a perfeita pureza de coração e o desapego de todo tipo de gostos e consolos; pois é assim como se aprende a *ciência dos santos* e se facilita o exercício desses místicos dons, com que nos fazemos verdadeiramente *espirituais* e *divinos* em todo nosso modo de agir, conhecer, amar e apreciar as coisas[470], já que, com a facilidade e habilidade crescentes para *sentir* as moções e insinuações de Deus, nos é dado energias para realizá-las.

469 "Não somos bem instruídos, diz o Pe. Caussade (*Aband.* l. 2, c. 8), senão mediante as palavras que Deus pronuncia expressamente para nós. A ciência de Deus não se aprende nos livros... O que nos instrui é o que vai acontecendo conosco em cada instante... O que se sabe perfeitamente é o aprendido por experiência no sofrimento e na ação. Essa é a escola do Espírito Santo, que fala ao coração palavras de vida; e dessa fonte devemos tirar o que devemos comunicar aos outros. Só em virtude dessa experiência se converte em ciência divina o que lemos ou vemos... Para sermos doutos na teologia virtuosa, que é totalmente prática e experimental, é preciso estarmos atentos ao que Deus nos diz em cada instante. Não nos preocupemos com o que se diz aos demais, estejamos atentos ao se passa conosco".

470 "A quem ensinará Deus sua ciência e a quem fará ouvir sua palavra? Aos desmamados do leite, arrancados já dos peitos" (Is 28, 9).

O homem carnal e mesmo o simplesmente racional – *psychico* – não poderá entender essas coisas; parecerão a ele enigmas ou tolices, como pareceria a uma criança de escola uma profundíssima explicação de alta matemática. Nada entende e nada pode apreciar; tem-nas por insensatez, por lhe faltar o sentido que é necessário para as perceber: *Vir insipiens non cognoscet, et stultus non intelliget haec* (Sl 91, 7). Mas o *espiritual* entende e aprecia como convém as coisas do Espírito, porque tem *sentido* para as perceber e examinar. Assim é como não pode ser bem julgado pelos que não sejam também *espirituais* (I Cor 2, 12-16)[471]. Daí que certos superiores *psychicos*, embora muito prudentes segundo o mundo, por não procurarem se vestir de Jesus Cristo para sentir e julgar segundo Ele, em vez de alentar e encaminhar seus súditos mais fervorosos, fazem tudo que podem para os paralisar e extraviar, contradizendo-os insensatamente para obrigá-los a resistir às vitais moções do Consolador. Não podem fazer outra coisa os que, ignorando a ciência dos caminhos de Deus, querem tudo julgar segundo os olhares da prudência humana (Ap 3, 22). Mas os que têm ouvidos ouvem o que o Espírito diz às Igrejas[472]. E as fiéis ovelhas de Cristo conhecem sua voz, e o seguem e recebem vida eterna d'Ele, mesmo apesar dos pastores mercenários que as abandonam ou não sabem guardá-las e apascentá-las (Jo 10, 1-28).

Para que melhor se compreenda esta misteriosa psicologia sobrenatural, que tanto importa aos pastores e diretores de almas conhecer, e se veja a transição insensível que há da fase incipiente, "psichyca" ou *racional* – em que se procede *humanamente*, segundo as normas da nossa razão – e a definitiva e perfeita, totalmente *espiritual* – "pneumática" –, em que se procede já *divinamente*, segundo a norma e direção do divino Espírito –, convém nos fixarmos de novo no compendioso *símbolo orgânico* da Igreja, onde cada fiel é como um *órgão elementar*, com sua vida própria e autônoma, embora subordinada à superior do conjunto, do qual recebe como um novo ser

471 Cf. S. Tomás, *in h. l.*

472 Cf. Lallemant, pr. 4, c. 1, a. 3.

substancial de uma ordem superior e divina. Ora, assim como cada célula orgânica conserva certa autonomia em sua maneira de vida própria, com as funções mais indispensáveis para seu crescimento e conservação, sem prejuízo de viver subordinada à vida integral e superior de todo o organismo; e como a vida orgânica persiste no animal subordinada à sensitiva, e ambas devem persistir no homem – sob pena de causar-lhe grandes transtornos – subordinadas à racional; outro tanto acontece com a própria vida racional, própria de cada um dos fiéis, ao serem incorporados em Jesus Cristo e receberem a vida superior de seu Espírito, como alma da Igreja, onde cada um deles são como outras tantas células orgânicas. Quando alguma delas, rompendo com suas vizinhas, atende só às suas próprias tendências, ou tomando demasiadas iniciativas não recebe bem as influências dos órgãos reguladores e da vida superior do conjunto orgânico, produz-se certo desequilíbrio em que ela mesma no fim sairá perdendo, e até chegará a perecer por anemia, enquanto que, estando bem subordinada, vive plenamente da vida integral, e embora tenha que sacrificar algo pelas outras, com isso mesmo sairá logo ganhando, pois receberá benefícios na proporção que os faz. E assim quanto mais correlacionada esteja e melhor siga os impulsos superiores, tanto mais vida recebe e mais vigorosa se encontra. Pois coisa análoga acontece com os fiéis como membros vivos de Cristo: quanto mais se sacrifiquem por seu próximo, e mais se neguem a si mesmos, *morrendo* às suas próprias tendências por seguir os impulsos do Espírito Santo, tanto mais intensamente vivem a vida divina, tanto mais felizes são com a paz e doçura que gozam na unidade do Espírito, e por escravizados que aparentem estar, vivendo ligados com os doces vínculos do amor de Deus, notam que recobraram a liberdade verdadeira, que consiste em romper os laços dos vícios e paixões que nos dominam e subjugam[473]. E quando buscam agir com falsa independência, seguindo as próprias inclinações ou se guiando pelos estreitos

473 "Se os santos conseguem se livrar da escravidão das criaturas, diz Lallemant (*Doctr.* pr. 4, c. 3, a. 2), é mediante os dons, cuja efusão abundante apaga nos ânimos a estima, recordação e idéia das coisas terrenas e desterra de seus corações o afeto e desejo delas; daí que os santos mal pensem senão no que querem e como querem. E não sentem o incômodo das distrações, nem as inquietações e a

olhares da prudência humana, cortam a corrente com os suaves influxos do Espírito Santo, e com a força de o contristar e resistir, irão pouco a pouco extinguindo a vida que d'Ele recebem.

Com essa vida nos são dadas as faculdades e energias necessárias para conservá-la e fomentá-la pelos atos correspondentes. E essas são as virtudes e graças que confortam e completam as potências naturais para elevá-las à ordem sobrenatural e constituir, em união com elas, como um só princípio de ação, em que a própria razão humana é a que dirige, sem ter ainda consciência clara de que produz ações de outra ordem e de que está animada por um princípio superior. Tal é *infância espiritual*, em que se vive do Espírito Santo sem notar sua presença vivificadora, nem ter pelo mesmo motivo consciência da vida que se vive. Essa não pode menos que ser ainda muito imperfeita enquanto se vive desse *modo humano*. Mas ainda assim, com o reto exercício, guardando bem os mandamentos, buscando praticar as virtudes com a perfeição possível, solícitos sempre em conservar a unidade do Espírito com os vínculos da paz – como a *fé* nos ensina –, ir-se-á crescendo espiritualmente, a nós se desenvolverão as *potências cognitivas* da vida espiritual, e chegados à *idade da discrição*, renovados no espírito de nossa mente, conseguiremos adquirir *consciência* do que somos e da vida que vivemos. Assim, pois, agindo conforme a fé e demais virtudes infusas, cresce-se em tudo segundo Jesus Cristo, e à medida que se purifica o coração, fomenta-se ou prepara o bom exercício dos dons do Espírito Santo, que antes estavam como aprisionados sob as imperfeições da iniciativa própria, assim como a vida racional está na infância sob os efeitos da orgânica e sensitiva. Mas ao chegar à maturidade espiritual, em que já se saboreiam, sentem e conhecem as coisas do Espírito (Rom 8, 5; 1 Cor 2, 12-16; Col 3, 2), adquiriram os próprios dons um desenvolvimento suficiente para que possamos sentir em nós mesmos o que Jesus Cristo sentia (Fil 2, 5), e nos portarmos como dignos membros seus, isto é, como "espirituais" e não como "carnais", ou

pressa que antes os perturbavam; e estando já perfeitamente reguladas todas as suas potências, gozam de uma perpétua paz e da liberdade dos filhos de Deus".

pequeninos em Cristo, que necessitam ainda do leite dos consolos e fervores *sensíveis*, porque ainda são incapazes de coisas superiores (I Cor 3, 1-2; 13, 11; Heb 5, 12-15). E acostumados a se guiarem segundo seu gosto, parecer ou capricho, têm que ser atraídos para Deus com esses presentes que o próprio Espírito de piedade e de sabedoria lhes faz, acomodando-os ao seu paladar delicado. Daí que tenham que moderar muitas vezes estes fervorzinhos sensíveis; porque, ao vir dos dons, estão ainda submetidos à defeituosa norma da razão e à direção da simples *prudência cristã*. Assim, esses dons primeiramente aparecem em forma de *instintos* obscuros ou de cegos *impulsos* que devem ser bem *regulados* ou comprovados, até que mais adiante, com o exercício e desenvolvimento, convertem-se em *intuições* claras, já que mostram bem de quem vêm e para onde conduzem[474]. Então, purificado o coração com o fogo da caridade, e limpo dos vícios e apegos que impediam o reto exercício dos dons, começa o Espírito Santo a tomar por si mesmo as rédeas de nosso governo, constituindo-se como diretor, mestre e regulador da vida espiritual, e para que a alma não lhe resista, dá-lhe claro testemunho de que, como filha de Deus, é Ele mesmo quem a anima, rege, ensina, move e conduz com segurança à glória do Pai: *Ditoso o homem que assim é instruído, ensinado, consolado e dirigido pelo próprio Deus*! (Sl 93, 12).

Isso é o que com toda propriedade constitui o *estado místico*, enquanto a *infância espiritual*, em que principalmente agem as virtudes, e elas de um modo muito imperfeito – como totalmente *conaturalizadas*, ou só ajudadas pelos dons incipientes que começam a agir quase como sob nossa direção – é o que constitui o *estado ascético*, em que o Espírito está ainda como *aprisionado*[475].

Nós, como a maioria dos cristãos, por nossa culpa, nunca saímos dessa *infância*, se é que entramos nela, e devendo crescer *per omnia in*

474 Cf. S. Th., 2-2, q. 171, a. 5.

475 "Os principiantes na virtude e no recolhimento, escreve Frei João dos Anjos (*Diálogos* 10, § 11), são como crianças para Deus que, como *alma sua*, mora e está nas deles, encolhidos e enfaixados os braços e como envolto em fraldas e cobertores; no entanto, como a alma vai *crescendo* e vai se entregando toda ao Esposo divino, desocupada já das coisas da terra e de si mesma, Ele também *se*

ipso qui est Caput, Christus, permanecemos inertes, tendo sepultados seus preciosos *talentos* que são os dons do Espírito Santo. Eles nos foram dados para que com eles possamos produzir gloriosos frutos de vida: e por isso, não os afogando com nossos apegos, defeitos e más inclinações, estão sempre fervilhando e nos excitando ocultamente a empreender uma vida melhor, em que o divino Espírito seja nosso guia e mestre (Is 63, 14)[476].

Por isso todos os que, com ajuda da graça ordinária, purificaram suas potências e sentidos e buscaram se exercitar e consolidar bem nas virtudes cristãs, se verdadeiramente buscam a Deus na solidão, com fervorosa oração e pureza de alma, no meio do silêncio das paixões e apetites espirituais sentirão – se não a *voz* de Deus que com linguagem misteriosa lhes fala ao coração – ao menos os secretos *instintos* do Espírito, que suavemente os chama a uma vida interior mais perfeita, dando-lhes *sede* de beber na *fonte de água viva*, e ânsias de *comparecer diante da face de Deus* (Sl 41, 3). E se não lhe resistem nem contristam, conseguirão seguramente entrar até o *lugar do tabernáculo admirável* (Sl 41, 5). Porque *quem é aquele que sobe o monte do Senhor ou que vive no seu santuário, senão o inocente e limpo de coração? Esse, sem dúvida, receberá suas bênçãos e misericórdias* (Sl 23, 3-5)[477].

E para que mais totalmente se abandonem a Ele e fielmente sigam esses seus divinos impulsos, e não os sufoquem, nem mesmo sem querer, costuma

---

estende e cresce, e *toma* nela o *governo*, e é a *alma da alma*, e *espírito do espírito*, e *vida da vida*, e vem a se verificar o que diz São Paulo: Que vivia mais Cristo nele que ele em si mesmo".

476 "Os dons, adverte Lallemant (pr. 4, c. 3, a. 1), não subsistem sem a caridade e crescem em proporção com a graça. Daí que sejam muito raros e não chegem a sobressair sem uma fervorosa e perfeita caridade. Os pecados veniais e mesmo as menores imperfeições, têm-nos como atados, e não os deixam agir. O meio para melhorar na oração é melhorar nos dons".

477 "O pecado, dizia Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 33), impede a alma de ouvir vossa voz, Senhor, e lhe fecha assim as portas da fé... Vosso verdadeiro conhecimento o recebemos do Espírito de pureza que purifica as almas... Tão logo que são purificadas de seus vícios, não só ouvem vossas palavras, senão que até penetram vossas intenções, e advinham o que Vós quereis que façam para expiar suas passadas culpas, e escutam vossa voz que aos seus corações diz: *Lavai-vos, sede puros*".

Ele privar das luzes ordinárias aos já algo aproveitados, a fim de que, nesta terrível escuridão e secura em que ficam na penosa *noite do sentido*, vejam e palpem sua incapacidade absoluta para se dirigir já a si mesmos segundo lhes é necessário, e deste modo, entreguem-se a ele sem reserva para serem por Ele conduzidos e governados.

Os que assim se acham animados e agitados pelo divino Espírito – *qui Spiritu Dei aguntur* – esses são os verdadeiros filhos de Deus, os filhos no Espírito, como os chama Santa Ângela de Foligno[478]. Os que d'Ele carecem totalmente são estranhos para Deus, pois não são de Jesus Cristo (Rom 8, 9-14). E os que possuindo realmente o Espírito de adoção filial, levam-no como aprisionado, usando d'Ele a seu gosto, sem se deixar levar e governar por Ele, esses *vivem do Espírito* e não *procedem segundo Ele* (Gal 5, 25); são ainda muito crianças na virtude, *pequeninos em Cristo*, aos que há de tratar com certa delicadeza, "como a carnais e não como a espirituais", pois ainda estão cheios de olhares, paixões e misérias humanas (I Cor 3, 1-2; Heb 5, 12-14)[479]. Assim ainda não sentem, nem conhecem, nem saboreiam as coisas do Espírito, e estão muito expostos a perecer, julgando segundo a carne (Rom 8, 5-6). Seu estômago delicado pede consolos sensíveis, que são como o leite da infância, e não tolera nem consegue ainda digerir o alimento sólido do homem perfeito, que consiste no total abandono nas mãos do Pai, para ser por Ele tratado como foi seu filho, que dizia: *Ego cibum habeo manducare quem vos nescitis... Meus cibus est, ut faciam voluntatem eius qui misit me, ut perficiam opus eius* (Jo 4, 32-34). E não conhecendo ainda as ocultas doçuras da cruz de Cristo, dificilmente podem gozar da verdadeira paz e felicidade que à sombra desta nova árvore da vida desfrutam as almas *espirituais*. *Se vivemos*, pois, *do Espírito, busquemos proceder em tudo segundo o Espírito*, e gozaremos de seus preciosíssimos frutos, vivendo *livres* da lei do pecado (Gal 5, 16-25)[480].

---

478 *Visiones e instr.* c. 69.

479 Cf. S. Tomás, *in h. l.*; Santa Catarina de Sena, *Epist.* 106.

480 Cf. S. Tomás, *in h. l.*

§ VII. – OS FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO E AS BEM-AVENTURANÇAS. – RELAÇÃO DESSAS COM OS DONS; OS ESTADOS DE PERFEIÇÃO. – A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NAS ALMAS; INSINUAÇÕES SUAS E RESISTÊNCIAS NOSSAS.

Da graça, como divina semente semeada no fundo de nossas almas, procede toda a árvore gloriosa de nossa santificação, que dá frutos de vida eterna. O justo é como a árvore plantada junto à corrente das águas. Sua mística irrigação produz a contínua influência, manifesta ou oculta, do Espírito vivificante, verdadeira *fonte de água viva* que, fluindo em nossos próprios corações, enche de vigor a alma com todas as suas potências. D'Ele mesmo, como princípio de vida, e de sua graça santificante, com que viemos a ficar renovados, justificados e deificados, brotam segundo São Boaventura – como outros tantos ramos que procedem de um mesmo tronco –, as virtudes e os dons com que se vivificam, transfiguram e deificam todas as nossas faculdades para que possam produzir frutos de verdadeira justiça, que são obras dignas dos filhos de Deus. Tais são os preciosos *frutos do Espírito Santo.*

Nosso Senhor Jesus Cristo "nos escolheu e nos pôs no corpo místico da Igreja, para que prosperemos e *frutifiquemos, e nosso fruto permaneça*" (Jo 15, 16). Nestas breves palavras se compendia toda a vida espiritual, que deve estar sempre crescendo, desenvolvendo-se, progredindo e fazendo-se mais copiosa, para dar cada vez mais abundantes e deliciosos frutos de vida, que no fim se façam *permanentes* de modo que ao mesmo tempo nos sirvam de penhor e de prelúdio da eterna felicidade.

"O caminho do justo deve ser como o esplendor do sol, que *progride e cresce* até o perfeito dia" (Prov. 4, 18). Aquele que não cresce se paralisa e degenera, e aquele que a todo tempo não frutifica, é como a figueira estéril que, embora sendo precocemente frondosa, foi amaldiçoada pelo Senhor. E aquele cujos frutos não chegam à maturidade, permanecendo sempre verdes, não consegue que Deus tenha nele suas delícias, nem, portanto, gozará de uma felicidade verdadeira. Ao contrário, já é bem-aventurado o homem que foge de toda maldade e evita os maus conselheiros, as más companhias e toda influência nociva, para meditar continuamente a lei do Senhor e ter nela posta toda sua vontade; porque, "semelhante a árvore plantada junto a

um riacho, que dá fruto à seu tempo, viverá sempre vigoroso e prosperará em todas as suas obras" (Sl 1, 1-4). É ditoso aquele que "*mora* permanentemente na Sabedoria, e sensatamente age segundo o conselho divino, e pensa amorosamente nos caminhos de Deus, e repousa em suas santas moradas" (Eclo 14, 22-27): ditoso aquele que se encontra sem mancha, e não confia nas vaidades nem anseia coisas transitórias, pois esse tem estabelecidos em Deus todos os seus bens (Eclo 31, 8-11). Em suma, é bem-aventurado no caminho da pátria, aquele que teme desagradar no mais mínimo o Senhor, desejando com vivas ânsias cumprir em tudo a divina vontade. Porque esse santo temor é já princípio da verdadeira sabedoria, com a qual todos os bens se alcançam; quem o tem produzirá copiosos frutos de benção e viverá repleto de glória e riquezas espirituais (Sl 111, 1-3; 118, 1-2; Prov. 1, 7; Eclo 1, 16; Sab 7, 11).

Esses frutos de vida e penhores de bênção e felicidade são inumeráveis, pois devemos frutificar em todo tipo de obras boas, para proceder dignamente e comprazer a Deus em tudo crescendo em ciência divina (Col 1, 10), e poder assim ser ditosos e imaculados, marchando pela lei de Deus e buscando-o com todo o coração (Sl 118, 1-2). Mas todos eles podem se reduzir aos doze mais principais que enumera o Apóstolo dizendo (Gal 5, 22-23): *Fructus autem Spiritus est: charitas, gaudium, pax, patientia, benignitas, bonitas, longanimitas, mansuetudo, fides, modestia, continentia, castitas.* Por esses frutos se reconhece em nossas ações a influência salutar do Espírito de Deus; por eles poderemos discernir sempre o verdadeiro dos falsos espíritos, e os fiéis servos ou enviados de Jesus Cristo, dos impostores hipócritas, que vêm em pele de ovelha e por dentro são lobos: *por seus frutos os conheceremos* (Mt 7, 15-20). Por isso com tanto empenho nos ordena São Paulo não dar crédito ligeiramente a qualquer espírito, a qualquer impulso ou inspiração que sintamos, mas os provar para ver se vêm de Deus. E se provam pelos efeitos ou frutos que produzem. Se causam turbação, invejas, discórdias, insubordinações, inquietação, tristeza mortal (II Cor 7, 10), desgosto, aspereza, volubilidade, imodéstia, etc., é evidente que, por bons que pretendam ser, são na realidade carnais, mundanos ou diabólicos, e não divinos. O sopro e irrigação do Espírito Santo fazem que o justo produza

todos os seus místicos frutos, pois "por ambos os lados do rio de água viva, que procede do trono de Deus e do Cordeiro, está a árvore da vida dando seus doze frutos, cada mês leva o seu, e todo seu porte e aspecto exterior, suas próprias folhas (símbolo do vigor e frescura que comunica o espírito de oração), são remédio e salvação dos povos" (Ap 22, 1-2).

Esses frutos, diz Santo Tomás[481], são todas as boas obras que nos causam deleite: *quaecumque virtuosa opera in quibus homo delectatur*. E assim como na ordem sensível, as flores de uma árvore, por vistosas que forem, resultariam vãs se não se convertessem em frutos, da mesma forma acontece no espiritual com as mais aparatosas flores de virtude e de santos desejos, se a seu tempo não chegam a se convertem em frutos de boas obras. Somente então é quando a mística esposa consagra de verdade todo seu coração ao Esposo divino[482]. Assim, embora entre os frutos pareça enumerar o Apóstolo as virtudes: *caridade, paz, mansidão, etc.*, entende por elas seu *perfeito exercício*, com as obras de vida que produzem.

E se essas obras são *perfeitas, abundantes e permanentes*, de modo que se encontre alguém como em *estado* de as produzir com facilidade e perfeição, então são tão gozosas e deleitosas, que constituem como um prelúdio da eterna felicidade; pois, embora causem ou custem moléstias e tribulações, produzem em nós um gozo inefável que não é como os desta vida, senão como os do céu: *Aeternum gloriae pondus operatur in nobis* (II Cor 4, 17). E a permanente suavidade dos mais refinados frutos das virtude e dons, chegam a causar os diversos *estados* de felicidade real que cabem na terra e que merecem o nome de *bem-aventuranças*. Essas são preciosíssimos frutos com respeito a essa vida, e flores incomparáveis que pressagiam a glória: "*Opera nostra*, diz Santo Tomás[483], in quantum sunt *effectus* quidam *Spiritus Sancti in nobis operantis*, habent rationem *fructus*; sed in quantum ordinantur ad

---

481 1-2, q. 70, a. 2.

482 *Videamus si floruit vinea, si flores fructus parturiunt...: ibi dabo tibi ubera mea... Omnia poma, nova et vetera, dilecte mi, servavi tibi* (Ct 7, 12-13).

483 *Ib.* a. 1.

finem vitae aeternae, sic magis habent rationem *florum*; unde dicitur (Eclo 24, 23): *Flores mei fructus honoris et honestatis*".

Esses frutos de boas obras podem parecer muito amargos quando ainda não estão maduros; mas à medida que se desenvolvem e amadurecem vão se fazendo tão deleitosos que mal se vê o trabalho de produzi-los, nem se repara nos suores e lágrimas que custam, pois tudo contribui para sua maior doçura. Se no princípio essa celestial sabedoria parece tão áspera, como costuma parecer aos mundanos, e se por isso mesmo "os tolos não permanecem nela", por breve que se cultive seriamente "se recolhem seus frutos saborosos, e no fim se converte em prazer e descanso, e é a beleza da vida" (Eclo 6, 19-32). "Quando por longo tempo, diz Lallemant[484], exercitou-se alguém nas práticas das virtudes, adquire a facilidade de produzir seus atos, e já não sente as repugnâncias de antes. Então, sem lutas nem violências se faz com prazer o que antes se fazia com trabalho... Quando os atos da virtude chegaram a sua maturidade, têm, como os frutos maduros, um gosto delicioso, e por estarem inspirados pelo divino Espírito, chamam-se *frutos do Espírito Santo*. Os de certas virtudes são produzidos com tal perfeição e suavidade, que merecem chamar-se *bem-aventuranças*, porque fazem que Deus possua plenamente a alma, e... pelo mesmo motivo, que ela esteja mais próxima de sua felicidade".

O mundo, acrescenta o Pe. Froget[485], não compreende estas delícias; porque, como notava São Bernardo[486], vê a *cruz*, e não a *unção*: *Crucem vident, sed non unctionem*. As aflições da carne, a mortificação dos sentidos e os rigores da penitência causam horror aos mundanos, porque não os percebem senão sob o aspecto penoso; pelo contrário, as almas santas alegremente dizem com a Esposa do Cântico dos Cânticos (2, 3): *Sentei-me à sombra d'Aquele que eu tinha desejado, e seu fruto é doce ao meu paladar*.

---

484 Pr. 2, c. 5, a. 1.

485 P. 431.

486 *Serm.* 1 *de Dedicat.*

À sombra bendita da árvore da Cruz, encontram os justos o repouso e a felicidade que o mundo não pode conhecer, e que cada dia crescem com os próprios trabalhos, posto que, em meio a todos eles, *superabundam em gozo e consolos divinos*, podendo já dizer com o Apóstolo (II Cor 7, 4): *Repletus sum consolatione; superabundo gaudio in omni tribulatione nostra.* Cada tipo de trabalho produz uma especial maneira de consolo, e as principais virtudes com que os suportam vêm assim a constituir como um estado parcial de felicidade, isto é, uma das *bem-aventuranças*, que consistem nestes *estados* em que já é copiosa e constante a produção de frutos deliciosos que têm certo sabor de glória. A alma já se sente feliz em meio aos seus sofrimentos e até se gloria pelo mesmo motivo em suas tribulações, porque desde que começam a se mostrar os frutos perfeitos, começa ela a saborear como um prelúdio da eterna felicidade: *Per quamdam inchoationem imperfectam futurae beatitudinis..., cum iam primordia fructum incipiunt apparere*[487]. Mas não poderá se chamar de nenhum modo *bem-aventurada*, enquanto que, à semelhança da mística Esposa, não estiver como que *assentada* saboreando-os à sombra do muito *Desejado*, e não poderá chegar a ser *perfeita* enquanto não gozar mais ou menos de todas e cada uma das bem-aventuranças, já que todas elas pertencem à perfeição da vida espiritual[488], e portanto, podem ser merecidas de *condigno*[489].

Assim, nem todos os frutos são bem-aventuranças, porque essas supõem neles perfeição, excelência e certa estabilidade em sua posse e gozo. E por se referirem a frutos tão perfeitos, abundantes e permanentes, correspondem ainda mais plenamente aos dons do Espírito Santo do que às virtudes[490]. Por isso quem se contenta com a prática *ordinária* ou *metódica* dessas, sem

---

487 S. Th., 1-2, q. 69, a. 2.

488 "Cum beatitudo sit actus virtutis perfectae, *omnes beatitudines ad perfectionem spiritualis vitae pertinent*" (S. Th., 2-2, q. 19, a. 12 ad 1).

489 Cf. S. Th., 1-2, q. 69, a. 2.— "Haec bona quae ex speciali Dei auxilio et providentia conceduntur hominibus iustis, ut procedant *de virtute in virtutem, donec videatur Deus in Sion*, cadunt sub *merito de condigno*" (Medina, *In 1-2*, q. 114, a. 10).

490 S. Th., 1-2, q. 70, a. 3. — "*Fructus spiritus*, adverte o próprio Santo Tomás (*In Gal* 5, lect. 6), dicuntur opera virtutum, et quia habent in se suavitatem et dulcedinem, et quia sunt quoddam ultimum

se purificar e abnegar de modo que chegue a ser totalmente governado e conduzido por Deus mediante seus místicos dons, não alcançará desfrutar das doçuras de uma felicidade verdadeira[491]. Cada um dos dons, bem desenvolvido, faz-nos saborear e gozar como de um aspecto parcial da glória, e segundo sobressaia uma alma nos frutos próprios de um dom ou de outro, assim gozará com preferência da correspondente bem-aventurança que cabe nesta peregrinação; até que na pátria, unificando-se e completando-se esses aspectos parciais – ou estados transitórios de felicidade incipiente – cheguem à sua plenitude e percam todo o amargo e insípido, convertendo-se numa *bem-aventurança* plena, inamissível, eterna; quando a alma, já deificada e pura, entra plenamente no gozo de Deus e fica embriagada na torrente das divinas delícias. Ali "enxugará Deus as lágrimas de seus servos: e já não haverá morte, nem clamores, nem prantos, nem nenhuma dor, porque tudo isso desapareceu" (Ap 21, 4).

Mas por enquanto a vida do justo tem que estar misturada de sofrimentos e alegrias, para merecer e não desfalecer. E assim, as lágrimas que o santo *temor de Deus* lhe faz derramar, estão cheias de tanto consolo, que ele

---

productum *secundum convenientiam donorum*.—Accipitur autem differentia donorum, beatitudinum, virtutum et fructum ad invicem hoc modo: In virtute enim est considerare habitum et actum. Habitus autem virtutis perficit ad bene agendum. Et si quidem perficiat ad bene operandum *humano modo* dicitur *virtus*. Si vero perficiat ad bene operandum *supra modum humanum*, dicitur *donum*. Unde philosophus, supra communes virtutes, ponit *virtutes* quasdam *heróicas*... *Actus* autem virtutis, vel est *perficiens*, et sic est *beatitudo*, vel est *delectans*, et sic est *fructus*".

491 "Aqueles que tendem à perfeição pela via das práticas e dos atos metódicos, diz o Pe. Lallemant (pr. 4, c. 5, a. 1), sem se abandonarem à direção do Espírito Santo, não terão nunca esta *maturidade* e *suavidade* da virtude que é própria de seus *frutos*. Sempre sentirão dificuldades e repugnâncias; e sempre terão que lutar, sendo não poucas vezes derrotados, incorrendo em faltas; enquanto que aqueles que vão sob a divina direção pela via do simples recolhimento, praticam o bem com um fervor e um gozo dignos do Espírito Santo, e sem combater, alcançam gloriosas vitórias; e se necessitam lutar o fazem com gozo. Daí se segue que as almas tíbias têm na prática da virtude duas vezes mais trabalho que as fervorosas que a ela se entregam sem reserva; porque essas têm o gozo do Espírito Santo, que lhes faz tudo fácil, e aquelas têm que combater suas paixões, e sentem as debilidades e fraquezas naturais que impedem a suavidade da virtude e fazem que seus atos sejam difíceis e imperfeitos". – Com razão dizia a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos: "Aquele que não se entrega a Deus mais que pela metade, isso é o pior que lhe acontece".

não as trocaria por todos os prazeres do mundo: os servos de Deus, mesmo *chorando*, são felizes, porque têm dentro de si o divino *Consolador*.

A *piedade* que esse dulcíssimo Hóspede lhes inspira e com que tão cordial e amorosamente tratam a Deus como Pai e aos próximos como irmãos, faz-lhes produzir abundantes frutos de caridade, paz, gozo, benignidade, bondade e paciência, que *possuem suas almas* (Lc 21, 29), e procurando assim conservar a unidade do Espírito com os vínculos da paz, gozam os *pacíficos* da gloriosa liberdade dos *filhos de Deus*[492].

O dom de *ciência* ensina a conhecer e preparar os caminhos do Senhor e a desprezar o terreno para fazer em tudo a vontade divina, buscando com fé e continência não os próprios interesses, mas os de Deus: seu reino e sua justiça, e os que têm fome e sede de justiça são saciados com inefável gozo nas fontes do Salvador, que, com seu reino, dá-lhes todo o demais em acréscimo.

O Espírito de *fortaleza* nos leva a suportar não somente com paciência, mas até com alegria e magnanimidade, pela glória de Deus, qualquer tipo de trabalho, e a triunfar de nossos inimigos, e em particular do maior deles, que é o amor próprio, e vencido esse com a contínua abnegação, modéstia, continência, paciência, longanimidade e mansidão, os verdadeiros *mansos* e humildes, à imitação do Cordeiro divino, gozam do fruto dessa difícil vitória, no completo senhorio de si mesmos e de todas as suas paixões: assim conquistam o místico reino e *possuem a terra*[493].

O dom de *conselho*, em união com o de piedade, move-nos por uma parte, a tratar nossos irmãos em tudo, e particularmente em suas desgraças, como desejaríamos ser tratados por eles, e, por outra, a fugir do trato com os malvados e ímpios, buscando só o dos bons e perfeitos, e a honrar como

---

492 "Ao dom da piedade, nota Frei João de Jesus Maria (*Escuela de oración* [1616] tr. 9, 6), atribuem-se muitas coisas extraordinárias que faziam os santos para honrar a Divina Majestade, saindo em público e não podendo suportar que a honra devida somente a Deus e Pai nosso se desse aos ídolos; e assim mesmo não suportando que se negasse a honra devida às sagradas imagens e outras coisas santas, mas antes repreendendo publicamente os tiranos e hereges".

493 Se cumpre o que dizem os Provérvios (16, 32): "Melior est patiens viro forti: et qui dominatur animo suo, expugnatore urbium".

convém os santos amigos de Deus e invocá-los para que sejam nossos advogados e protetores, e os *misericordiosos* têm o consolo de *acharem* logo a divina *misericórdia*.

O Espírito de *entendimento* ilumina e purifica os olhos do coração, e a perfeita purificação, embora tão dolorosa, tirando os obstáculos que impedem ver a irradiação do Sol de justiça, permite-nos gozar já de certo modo da luz da glória. Os verdadeiramente *limpos de coração* logo são iluminados até o ponto de *ver a Deus* e penetrar nos mais augustos mistérios. *In hac etiam vita*, diz Santo Tomás[494], *purgato oculo per donum intellectus, Deus quodammodo videri potest.*

O dom de *sabedoria* – fazendo *apreciar* as coisas segundo merecem – nos leva à verdadeira pobreza de espírito, ao desprezo e esquecimento de nós mesmos, ao total desprendimento de tudo o que não seja Deus, e não conduz a Ele, e ao completo desapego dos próprios consolos espirituais; mas aquele que assim se entrega a Deus com esse sábio desinteresse, a ele se entrega e comunica também o próprio Deus sem reservas[495]. O verdadeiramente *pobre de espírito* goza de uma glória antecipada, possuindo já desde agora o *reino dos céus*.

O padecer perseguições por Jesus Cristo – em que se resumem as outras sete bem-aventuranças – é a maior glória e felicidade que nesta vida podem ter seus fiéis imitadores. No que essas bem-aventuranças têm de meritórias, são flores de glória, embora cercadas de espinhos, e no que têm de prêmio, acrescenta Santo Tomás[496], são já glória incipiente. Por elas começou o divino Mestre sua pregação, porque nelas está contido o fim da nova lei e se recolhem para a eternidade os mais preciosos frutos da vida evangélica: *Et fructus vester maneat, ut quodcumque petieritis Patrem in nomine meo det vobis.* E mais que frutos, e frutos permanentes, indicam outros tantos *estados de perfeição* em que abundam já tanto esses frutos mais saborosos, cuja posse

494 1-2, q. 69, a. 2.

495 "Cui *sapiunt* omnia prout sunt, non ut dicuntur aut aestimantur, hic vere sapiens est, et doctus, magis a Deo quam ab hominibus" (Kempis, 2, 1).

496 L. c.

e gozo constituem um começo da vida da glória, em que *Deus é tudo em todos*, e a todos deixa satisfeitos[497]. E a esses tão variados estados de perfeição convidava seus fiéis discípulos, e até mesmo a todos os seus ouvintes, para que cada qual, seguindo o impulso de seu Espírito, e segundo sua vocação particular, imitassem-No com preferência numa coisa, a fim de que entre todos reproduzissem vivamente sua divina imagem e perpetuassem sua preciosa vida, tão cheia de frutos de bênção.

Assim frutifica na alma justificada o Espírito de Jesus Cristo[498]. Entra nela para morar em união com o Verbo e com o Pai; entrega-lhe a Si mesmo, que é o *Dom* por excelência, e adora esse templo vivo com o esplendor de sua graça, virtudes e dons. Assim, a ela purifica e justifica, a ela transforma e renova até deificá-la e fazer dela um objeto digno das divinas complacências. E com essa vida divina que lhe comunica, dá-lhe também atividades divinas, para que possa viver e agir como filha de Deus: e essas são as virtudes infusas e os dons do próprio Espírito Santo, gérmens fecundos dos frutos que Deus quer colher em nós, e cuja posse nos faz já ditosos desde esta presente vida.

Ouvi, pois, almas cristãs, a voz do Espírito Santo. Secundai suas inspirações, e, "como roseira plantada junto à água viva, frutificai; exalai um aroma suave como o do Líbano. Produzi flores puras e perfumadas como a açucena, crescei vigorosas e graciosas, e entonai um cântico de louvores ao autor de tais maravilha" (Eclo 39, 17-19).

---

497 "O estado daqueles a quem Cristo chama bem-aventurados, diz Frei João de Jesus Maria (*Escuela de oración* tr. 9, 12), é tal, que com a pobreza de espírito, que é a humildade... produzem certos atos de altíssimo desprezo de si mesmos, e em tal desprezo experimentam o reino dos céus... Não há de se entender que todos os frutos ou bem-aventuranças sejam propriamente atos, porque algumas excelências há entre eles que não são propriamente atos, mas um não sei o que do céu e da bem-aventurança de lá, que segue e acompanha os atos, como a paz entre os frutos e a pureza de coração entre as bem-aventuranças".

498 "A notícia, pois, e consideração das bem-aventuranças e também dos frutos, prossegue o mesmo autor (n. 13), há de servir para consolo das pessoas espirituais, que sabendo o bem inestimável que o Senhor comunica aos seus amigos *ainda nesta vida*, hão de se alentar a trabalhar e ir adiante no caminho da perfeição cristã".

Para chegar seguramente à pátria celestial, devemos seguir o impulso do Espírito que derrama em nós sua caridade a fim de nos abrasar no amor de Deus e em santos desejos, e nos excita, ilumina e conforta com seus dons para que possamos voar ao objeto de nosso amor. "Quem poderá contar, diz Froget[499], os santos pensamentos que suscita, os bons movimentos que provoca e as salutares inspirações de que é origem? Como se explica, pois, que tantos cristãos possuidores da graça e das energias divinas que a acompanham, vivam, no entanto, tão frouxos e covardes no serviço de Deus, tão inclinados à terra, tão esquecidos do céu, tão propensos ao mal e tão descuidados do seu próprio aproveitamento, senão porque continuamente estão pondo obstáculos e resistências à benéfica ação do Espírito Santo? Por isso o Apóstolo nos exorta a *não O contristar* com nossa infidelidade à graça: *Nolite contristare Spiritum Sanctum Dei* (Ef 4, 30), e, sobretudo, a *não O extinguir* de nossos corações: *Spiritum nolite extinguere* (I Tes 5, 19). Outra causa de que tão escasso fruto produza uma tão rica semente é como mal a conhecem, e pelo mesmo motivo, a pouca estima que lhe têm e o pouco trabalho que fazem para fazê-la frutificar. E, no entanto, que esforços, que generosidade, que respeito de si mesmos, que vigilância e que consolo não lhes inspiraria o pensamento contínuo de que o Espírito Santo mora em nossos corações! Ali está como protetor, para nos defender de nossos inimigos, para nos apoiar na luta e nos assegurar a vitória. Está como amigo fiel, sempre disposto a nos escutar, e *longe de causar amargura sua conversação e* tédio seu trato amistoso, causa gozo e alegria (Sab 8, 16). Ali está como testemunha de todos os meus esforços e sacrifícios, contando todos os passos que dou por seu amor, para recompensá-los... O Espírito Santo habita no meu coração! Sou seu templo, templo da santidade por essência: é preciso que eu também seja santo, porque assim convém que seja a casa de Deus: *Domum tuam, Domine, decet sanctitudo* (Sl 92, 5), e que busque me adornar com todo tipo de virtudes, dizendo com o Salmista: *Senhor, amei a beleza de tua casa* (Sl 5, 28). Que coisa mais eficaz que essas reflexões para

499 P. 440-2.

nos resolver a viver, como diz São Paulo (Col 1, 10), *de uma maneira digna de Deus, buscando agradá-lo em tudo, frutificando em todo tipo de obras boas e crescendo em ciência divina!*"[500].

Atendamos, pois, a doce voz do Espírito que dentro de nós está nos sugerindo toda verdade, e qual terna mãe nos diz (Prov. 4, 4-13): "Receba teu coração minhas palavras; guarda meus preceitos e viverás... O caminho da sabedoria te mostrarei, e te guiarei pelos caminhos da justiça: nos quais uma vez que tenhas entrado, não se estreitarão teus passos, e correndo não tropeçarás. Vela em atender minhas instruções, e não as deixes: guarda-as, porque elas são tua vida"[501].

---

500 *Por que não frutificam em muitas almas os dons?* – "Que quer dizer, pergunta Frei João de Jesus Maria (*Escuela de oración* tr. 8, d. 12), que todos os que estão em estado de graça têm o dom da sabedoria, mas tão raros aqueles que têm o dom da contemplação? – Respondo que podem haver muitas causas desta esterilidade, como são a pouca pureza de vida, dando lugar a muitos pecados veniais, as muitas ocupações, a pouca estima da divina comunicação, e outras coisas semelhantes... É de notar que a todos os justos serve o dom da sabedoria quando é necessário para a salvação... Mas são pouquíssimos os que vêm com tanta guarda do coração, que cheguam à própria contemplação divina e gozam daquela dulcíssima comunicação de Deus Nosso Senhor que é como um princípio da felicidade da glória; embora seja verdade que não são tão poucos os que chegam aos outros graus inferiores de contemplação".

"Assim, acrescenta (Ib., d. 13), aquele que deseja aquele preciosíssimo dom da contemplação atenda a orar como se deve, possuindo uma vida mortificada e humilde, e abstendo-se das coisas que impedem a quietude interior e a comunicação divina. Essa doutrina deveria mover grandemente as pessoas espirituais a viver com grande mortificação e não poupar trabalho algum para chegar a qualquer dos graus de contemplação, ainda que fossem os mínimos, não tanto pela íntima consolação deles, quanto pela perfeição de vida que se alcança e pelo agrado que recebe a divina Majestade da estreita comunicação com os homens".

501 "A contemplação divina nas almas, diz Frei João de Jesus Maria (*Escuela de oración* tr. 8, n. 12), muda-as maravilhosamente acima de tudo o que se pode explicar com a língua mortal... Um quarto de hora de contemplação costuma fazer mais impressão numa alma que muitos de oração ordinária. Porque a alma que só uma vez experimenta esse favor... fica de tal maneira enamorada da divina beleza, que despreza logo todas as coisas amáveis da terra, e se exercita com grande resolução em mortificar a carne, em se humilhar, em se oferecer a todas as ocasiões de maior glória de Deus, sem se preocupar com a vida nem com a morte, nem com bem algum, mas só com a divina Majestade". Ver também: São João da Cruz (*Cant. espir.* 3º) e São João de Ávila (*Del Espíritu Santo* tr. 1).

CAPÍTULO IV

O CRESCIMENTO ESPIRITUAL

§ I. – NECESSIDADE DE CRESCER EM DEUS COMO PARTICULARES E COMO MEMBROS DA IGREJA. – O MÉRITO E O CRESCIMENTO; FUNÇÕES AUMENTATIVAS E MEIOS DE REALIZÁ-LAS INDIVIDUAL E SOCIALMENTE. – DIGNIDADE DO CRISTÃO.

Posto que renascemos para Deus como tínhamos nascido para o mundo – quer dizer, no estado de crianças – necessitamos crescer em graça e conhecimento de Deus (II Pd 3, 18), e "em tudo", até chegar na medida do *Homem perfeito*, que não se alcançará plenamente até a glória. Se não crescêssemos, pereceríamos como frágeis crianças. Por isso, "como os recém-nascidos, devemos desejar o adequado alimento do leite espiritual, que nos faça crescer em salvação" (I Pd 2, 2), "até que se forme Cristo em nós" (Gal 4, 19). Assim nos ordena tantas vezes o Apóstolo crescer em ciência de Deus, em caridade, em frutos de boas obras e em *todas as coisas* segundo Jesus Cristo, para ficarmos *cheios da plenitude de Deus* (Col 1, 9-10; Ef 4, 12-16).

"O crescimento, diz o Pe. Terrien[502], é uma lei a que estão sujeitos os filhos de Deus, enquanto não tiverem chegado ao estado perfeito da plenitude de Cristo. Na ordem espiritual nos achamos em via de formação... Por isso, a Igreja é sempre nossa mãe; porque nos deu no batismo, a vida da graça, e porque está encarregada por Jesus Cristo, seu divino Esposo, a velar sobre seu crescimento, ajudá-lo e dirigi-lo. Na vida sobrenatural acontece como no que na natural; recebemos desde um princípio os constitutivos de nosso ser, mas esses requerem tempo para se desenvolver". O próprio Jesus Cristo,

---

502 2, p. 3.

segundo refere São Lucas (2, 52), *progredia em sabedoria e em idade, e em graça diante de Deus e diante dos homens.* E nós, à sua semelhança, devemos progredir e *crescer em tudo*, até o grau da filiação divina, posto que o próprio Salvador dizia aos seus discípulos (Mt 5, 44-45): "Fazei bem aos que vos aborrecem, para que sejais filhos de vosso Pai celestial". Já eram filhos de Deus, pois se podia dizer-lhes: *Vosso Pai*, e, no entanto, acrescenta Terrien[503], "era preciso que chegassem a sê-lo pelo amor aos inimigos. Que é isso senão dizer que um filho de Deus pode ir sendo-o sempre em mais alto grau à medida que faz obras mais dignas desse Pai, e se torna mais semelhante à divina bondade?... Como a graça santificante pode e deve ir sempre aumentando, a inhabitação de Deus nas almas vai sendo mais íntima e, pelo mesmo motivo, mais estreita a união desse Pai com seus filhos adotivos"[504].

Assim, pois, não há razão que justifique nem impeça estar sempre crescendo em tudo segundo Jesus Cristo, caminhando incessantemente e aspirando cada vez a maior perfeição: nem a graça em si, que é vida eterna e participação da própria vida divina; nem o sujeito dela, que enquanto mais recebe, mais apto se faz para recebê-la melhor; nem a causa física, que é a comunicação do Espírito Santo; nem a meritória, que é a paixão de Jesus Cristo; nada disso se opõe a um crescimento indefinido que só cesse no término de nossa carreira. O Salvador quis que todos aspirássemos o *ser perfeitos como o Pai celestial*, e que tivéssemos cada vez mais abundância de vida. E a teremos se não pusermos obstáculos ao seu desenvolvimento, pois cada ato vital que produzimos aumenta essa vida nova em vez de esgotá-la. Todo o conhecimento e amor sobrenaturais que neste mundo podemos ter não *enchem*, antes *ampliam* nossa capacidade e nos dispõem para receber mais luz e mais fogo divino. Assim, uma graça está sempre chamando outra nova graça, e o não se dispor a receber mais é expor-se a perder o já recebido[505]. Por isso, o Apóstolo (Fil 3) esquecia o já andando para levar em conta só

---

503 P. 6-7.

504 Cf. S. Th., 2-2, q. 24, a. 7.

505 As mercês divinas são penhores de novos favores: *Beneficia Dei*, dizia Santo Agostinho, *beneficia et pignora.* E São Paulo (II Cor 6, 1-2) nos exorta: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis.* Ait enim (Is

o que ainda ficava por andar, posto que o não avançar seria retroceder[506]. Se nos foram dados os divinos talentos das potências espirituais, isto é, as virtudes infusas e os dons, para que frutifiquem, e não para que estejam ociosos, e só fazendo-lhes frutificar podermos entrar no gozo do Senhor (Mt 25, 21-23). O mal servo *preguiçoso* e *inútil*, é despojado de seus talentos e lançado nas trevas exteriores (Mt 26, 30).

Ao contrário, todos os esforços vitais que façamos para aumentar como devemos o tesouro divino, produzem um aumento de vida e são meritórios de glória[507].

49, 8): *Tempore accepto exaudivi te*.— Cf. Agreda, *Míst. Ciudad* 1ª p., l. 1, c. 20.

506 "Se não procurais virtudes e o exercício delas, diz Santa Teresa (*Mor.* 7, c. 4), sempre ficareis anãs, e praza Deus mesmo que somente não cresçais; porque já sabeis que quem não cresce, decresce, porque o amor tenho por impossível contentar-se em estar num ser aonde há pequenez". – Cf. Rodríguez, *Ejercicio de perfección* 1ª p., tr. 1, c. 6 e 7.

507 "O dever de tender à perfeição, observa Mons. Turinaz (*Vida divina* c. 5, § 1), obriga todos os cristãos; os mandatos divinos que impõem esse dever não fazem exceções; são universais, absolutos, sem restrição nem reserva. Já a antiga Lei, que era só preparação para o Evangelho, dizia (Deut 18, 13): *Sê perfeito e sem mancha na presença de teu Deus. Caminha em minha presença e sê perfeito* (Gen 17, 1). São Paulo nos diz (II Cor 13, 11): "*Irmãos, sede perfeitos*". "Deus nos escolheu para que pela caridade sejamos santos e imaculados em sua presença" (Ef 1, 4). Porventura não está indicado esse grande dever no "caminho do justo, semelhante à luz da aurora, que progride e cresce até o perfeito dia" (Prov. 4, 18); e na obrigação geral de trabalhar na obra dos santos, até chegar à plenitude segundo a qual há de se formar em nós Jesus Cristo? (Ef 4, 12-15). Acaso o adiantamento na perfeição e o progresso na vida cristã não respondem a essas aspirações ao grande, ao perfeito, ao infinito, pelo próprio Deus, impressas em nossos corações? Não é tudo testemunho da gratidão que devemos mostrar-lhe pelos benefícios recebidos sem a qual resultariam inúteis todos os dons destinados à nossa santificação? Não estão os amigos e filhos adotivos de Deus obrigados a manifestar com obras a excelência de sua dignidade? Não nos impõe essa mesma vida divina que nos foi comunicada, unindo-nos intimamente com o Deus de toda santidade, o dever de realizar nossa perfeição?".
"Não vale imaginar-se, advertia Santo Agostinho (*Serm.* 47 *de divers.* c. 7), que aquelas palavras de Jesus Cristo: *Sede perfeitos como o vosso Pai Celestial*, dirigiam-se somente às virgens e não aos casados, às viúvas e não às esposas, às religiosas e não às que têm família, aos clérigos e não aos leigos. A Igreja inteira deve seguir a Jesus Cristo; e todos os membros dela, a exemplo do Mestre, devem levar a cruz e praticar seus ensinamentos".
Esse dever de aspirar à perfeição se cumpre abraçando nossas próprias cruzes e seguindo o Salvador, cumprindo todas as vontades do Pai, que antes de tudo quer *nossa santificação* (I Tes 4, 3), que consiste

O Concílio Tridentino ensina[508] que os fiéis em Cristo, "uma vez justificados e tornados amigos e íntimos de Deus, *caminham diariamente* de virtude em virtude..., e pela guarda dos mandamentos de Deus e da Igreja, *crescem na justiça* recebida, e vão ficando *cada vez mais justificados*. Pois está escrito: *Aquele que é justo, que se justifique sempre mais*. E em outro lugar: *Não temas progredir na justiça até a morte*... Esse aumento pede a Igreja a Deus quando diz: *Dai-nos, Senhor, um aumento de fé, esperança e caridade*[509]. E na mesma sessão lança o *anátema* contra os que ousem dizer que "a justiça não se conserva nem *cresce* com as boas obras, e que essas são só frutos e não *causas de crescimento*"; ou que "não são na realidade meritórias... de um aumento de graça e de glória".

Assim, pois, todo ato de um filho de Deus, enquanto tal, é meritório de vida eterna[510], pois não há nele ações voluntárias que possam lhe ser indiferentes: as que não merecem, pelo mesmo fato, já são más; porque o justo que não age conforme o "homem novo", merecendo para adiantar, age conforme o "velho", decai e desmerece. Para que um ato seja meritório, é preciso que seja informado pela graça e pela caridade; aquela lhe dá a vida e o faz ser *vital*, o que é próprio dos filhos de Deus; essa o ordena expressa

---

em estarmos totalmente animados e dirigidos pelo Espírito Santo. Nós nos *santificaremos em verdade*, como o Senhor pediu na Última Ceia, se buscarmos cumprir fielmente todos os mandamentos graves e *leves*, com todos os deveres de nosso estado, e seguir com inteira docilidade aquelas internas iluminações que nos marcam em cada hora o que Deus quer de nós: sem isso mal poderíamos cumprir o mandamento de amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as nossas forças; e, portanto, com todos os dons e graças recebidos. Mas para isso é preciso ter em grande estima os conselhos evangélicos e todos os demais meios de santificação, e aplicá-los oportunamente conforme nosso estado os permita e requeira. Para isso, "é grande pecado, dizia São Francisco de Sales (Amor de Dios l. 8, c. 8), desprezar as aspirações à perfeição cristã, e mais ainda, desprezar a admoestação com que o Senhor nos chama a ser perfeitos; e é impiedade insuportável menosprezar os conselhos e os meios que Jesus Cristo nos dá para chegar a essa perfeição".

508 S. 6, c. 10.

509 "O começo da caridade, diz Santo Agostinho (*De natura et gratia* c. 13), é começo da justificação: o progresso da caridade é progresso na justificação, e uma perfeita caridade é a justificação perfeita".

510 "Cum ipse C. I. – diz o Concílio de Trento (s. 6, c. 16) – tamquam caput in membra et tamquam vitis in palmites, in ipsos iustificatos iugiter influat, quae virtus bona eorum opera semper *antecedit*, et comitatur et subsequitur, et sine qua nullo pacto Deo grata et meritoria esse possent".

e diretamente a Ele, como a último fim, cuja ordem deve informar todas as nossas obras para que sejam totalmente boas, pois o quanto se separem ou desviem dessa ordem, tanto têm de más ou desordenadas, embora no fundo sejam boas, por serem *vitais*[511]. Quanto maiores forem a vida da graça e da ordem e o fervor impulsivo da caridade, tanto mais meritórias são todas as nossas ações. Pois a graça e a caridade são as duas principais fontes do mérito. Mas não se requer um ato explícito de caridade para informar e orientar nossas boas obras: basta, para que possam já merecer, a orientação geral em virtude de um ato de caridade precedente que persevere *virtualiter* em toda ação cristã, por mais que a renovação de atos explícitos as torne mais puras e meritórias.

A vida sobrenatural aumenta, pois, ainda pelo ato mais insignificante, mais natural e mais vil, contanto que seja feito em graça e seja ordenado pela caridade, ou ao menos subordinado a um fim sobrenatural[512]. E como cada ato meritório produz um aumento de graça, e quanto maior seja essa mais meritórias são todas as nossas obras, daí que o mérito e a graça progridam com a insistência[513]. E daí também que, fazendo por amor de Deus e com retidão de consciência mesmo a vida mais ordinária, ocupada quase toda ela em ofícios vis e desprezados, possa a alma fiel, só com oferecer a Deus

---

511 "Per *charitatem ordinatur actus onimium aliarum virtutum* ad ultimum finem; et secundum hoc ipsa dat *formam* actibus omnium aliarum virtutum" (S. Th., 2-2, q. 23, a. 7).

512 "É impossível, diz Sauvé (*Le culte* élév. 27), ganhar o céu e merecer a visão e posse de Deus sem estar divinizados; mas desde o momento em que a alma, pela graça santificante e pela caridade, está enxertada em Deus, como ramos da videira cuja cepa é Jesus Cristo, produz naturalmente frutos divinos, contanto que seus atos não sejam maus". – "Como o justo, adverte São Francisco de Sales (*Amor de Dios* 11, c. 2), está plantado na casa do Senhor, suas folhas, suas flores e seus frutos são dedicados para o serviço da divina Majestade". – "Enquanto o homem não tem a graça santificante, escreve Santo Tomás (2 *Sent.* 27, q. 1, a. 5 ad 3), como não participa ainda do *ser divino*, as obras que faz não guardam nenhuma proporção com o bem sobrenatural que trata de merecer. Mas uma vez que pela graça recebe este ser divino, os mesmos atos adquirem a dignidade suficiente para merecer o aumento ou perfeição da graça".

513 "Quando uma alma é mais santa, é mais capaz de amar a Deus; por este amor maior e mais ardente, faz-se capaz de uma maior santidade: e esta conduz a um amor mais intenso" (Turinaz, ib. c. 4, § 2).

isso mesmo que faz e renovar a pureza de intenção, chegar a mui alto grau de santidade. Assim é como em todos os ofícios necessários à vida humana – mesmo nos que mais opostos parecem à perfeição evangélica – houveram grandes santos; para que ninguém possa se eximir de não o ser[514]. Assim, pois, "realizando em caridade a verdade", isto é, exercitando todas as virtudes próprias de nosso respectivo estado, "procuraremos crescer em Jesus Cristo, nossa Cabeça – pelo influxo contínuo de sua graça – em tudo", até nos assemelharmos e identificarmos a Ele o quanto nos seja possível.

De acordo com isso, veremos que a vida espiritual cresce, por uma parte, recebendo novos eflúvios vitais, novos aumentos dessa graça que, procedendo de Jesus Cristo como Cabeça, está circulando continuamente pelos canais ordinários para se distribuir por todo o organismo, e se comunicar a todos os membros que não oferecem resistência, embora não advirtam essa vitalidade que assim recebem; e por outra, exercitando positivamente as virtudes e os dons, para que com o próprio exercício se desenvolvam até produzir tais frutos de vida, que nos constituam como num estado de perfeição e de bem-aventurança incipiente. Assim é como "progredimos e frutificamos, e *permanece* nosso fruto", e alcançamos *ter uma vida cada vez mais abundante*.

Os meios de desenvolvê-la e fomentá-la são, pois, todos que de um modo ou de outro, direta ou indiretamente, contribuam a favorecer esses divinos eflúvios ou ativar esse exercício nosso, excitando as energias já recebidas, a fim de que frutifiquem, e facilitando e preparando a comunicação de outras novas, ou bem tirando os impedimentos que a umas e outras se opõem. Desta forma poderemos ir estreitando cada vez mais a união contraída com Jesus Cristo, nossa divina Cabeça, e crescendo em tudo segundo Ele. Mas se não nos purificamos tirando os obstáculos que impedem sua ação, ou não procuramos cooperar com ela enquanto está da

514 Podem se ver muitos exemplos em Butiñá, *La luz del menestral*.

nossa parte, sempre viveremos fracos e raquíticos, mal produzindo frutos de vida[515].

Podemos, pois, crescer n'Ele como *irmãos e discípulos seus*, imitando-O com o contínuo exercício de suas virtudes e seus dons, e como *membros* vivos de seu Corpo místico, participando das funções necessárias para a vida do conjunto, e para que todos e cada qual ajam em perfeita harmonia e em união de caridade, conservando com o vínculo da paz a unidade do Espírito. O Corpo místico da Igreja tem suas funções vitais – como são as dos sacramentos – que, emanando da Cabeça, realizam-se por virtude do Espírito Santo mediante os órgãos *selados e consagrados* para desempenhá-las; os quais podem assim incorporar novos membros, corroborá-los, curá-los, alimentá-los e ampliá-los, especializá-los com a visível distribuição de graças sacramentais (aparte da invisível dos carismas com que o Espírito Santo consagrada muitas almas para outras funções tão importantes como ocultas), e, enfim, dispô-los para o trânsito para melhor vida apagando os últimos vestígios do homem terreno. Deste modo, não opondo resistência, mas sim cooperando ou respondendo cada qual segundo sua capacidade a essas funções vitais, condutoras de vida e de graças, cada membro – *ex opere operato* – as recebe se não as tem, ou as aumenta se já as possuía; além das que ele mesmo mereça – *ex opere operantis* – por contribuir para o bom exercício de sua atividade especial.

Mas para poderem agir assim – mesmo em particular – como filhos de Deus e membros vivos de Jesus Cristo, e merecer na ordem da graça, é necessário que tenham não só essa *vida*, mas também potências, habilidades e energias *divinas*, para serem capazes de produzir atos sobrenaturais e frutos de vida eterna. E essas energias e potências com que por si mesmos – mesmo além do influxo que recebem das funções coletivas ou sacramentais – podem viver e crescer em mérito, são as graças *atuais* e *habituais*, as *virtudes infusas* e

---

515 Assim é como nossa dissipação e negligência em regular nosso interior "são causa, conforme diz o Pe. Lallemant (*Doctrine* pr. 5, c. 3, a. 1), de que os dons do Espírito Santo estejam em nós quase sem efeito e de que permaneçam também estéreis as graças sacramentais".

os *dons do Espírito Santo*, na medida que a cada qual se comunicam. Assim é como há *funções da vida coletiva e operações da individual*: aquelas produzem a graça *ex opere operato*; essas, *ex opere operantis*.

A vida sobrenatural, com efeito, como diz Santo Tomás[516], guarda certa analogia com a humana, na qual há funções *sociais* e *individuais*; essas se ordenam diretamente ao bem particular, aperfeiçoando os indivíduos ou tirando-lhes os obstáculos que impedem seu melhoramento; aquelas, ao bem comum, promovendo a boa ordem das sociedades e a sua propagação e conservação. Assim, na vida cristã há também nascimento espiritual, crescimento, sinais de virilidade, alimentos, remédios para as enfermidades da alma e meios de convalescência; ademais há ordem social, hierárquica, e até a própria propagação natural, como ordenada ao culto e glória de Deus, está santificada na Igreja.

Por todas estas principais funções – privadas ou coletivas – da vida cristã, há um sacramento: *renascemos* pelo *Batismo*, *alimentamo-nos* e *crescemos* pela *Eucaristia*, *corroboramo-nos* com o caráter da virilidade – que nos faz soldados de Cristo – pela *Confirmação*; curamos nossas enfermidades espirituais e até podemos recobrar de novo a vida pela *Penitência*; purgamos o maus costumes que ela não apagou e nos dispomos assim para comparecer diante do Juiz Supremo com a *Extrema-unção*; enquanto que pela *Ordem* se provê o governo espiritual e a dispensação dos divinos mistérios, e pelo *Matrimônio*, a santificada propagação do povo cristão[517].

Essas *funções sociais*, como necessariamente exigem certa cooperação, sempre são *coletivas*, e pelo mesmo motivo, exigem a todo custo o respectivo sacramento. Mas as outras pode realizar cada indivíduo em particular,

---

516 3ª p., q. 5, a. 1.

517 "*Per matrimonium Ecclesia corporaliter augetur*" (Concil. Florent., *Decret. pro Armen.*).— "Podemos dizer, escreve Hettinger (*Apolog*. conf. 31), que o matrimônio é *uma Igreja na carne*, em que os pais e mães têm uma espécie de missão sacerdotal, a de dar filhos e filhas ao Corpo de Cristo, propagar o reino de redenção nas gerações vindouras e trabalhar na edificação da grande cidade de Deus sobre a terra. Assim como os pais são membros de Cristo, assim devem ser também seus filhos, que em certo modo são já santos, posto que antes de seu nascimento estavam separados dos gentios. A união conjugal depende assim da Cabeça da Igreja, e tem suas raízes num solo sobrenatural".

merecendo assim *ex opere operantis*, embora pudesse fazê-las melhor com manifesta dependência da coletividade de modo que merecesse também ao mesmo tempo *ex opere operato*, pela virtude sacramental. Cada um em particular pode, com efeito, *renascer*, *crescer*, *curar* e mesmo *ressuscitar* pela caridade e pela graça, individualmente, quando não pode receber os respectivos sacramentos e está determinado a recebê-los a seu tempo; mas tudo isso faria muito melhor e mais plenamente recebendo-os, com o qual plena e visivelmente comunica com a vida de todo o Corpo místico, e a recebe a torrentes se não põe obstáculos. Pois de Jesus Cristo, como fonte, deriva-se por meio desses canais, que são como as artérias de seu Corpo místico que a todos os órgãos levam seu precioso Sangue para reanimá-los, renová-los e purificá-los.

Cada um dos sacramentos tem seu especial objeto, que é regenerar, alimentar, purificar e corroborar com o selo da milícia de Cristo, ou com o caráter ministerial, ou com a graça de estado que é própria do Matrimônio, ou como o último remédio contra nossas fraquezas. Assim, dentre todos eles, a Eucaristia – que, como alimento da alma, ordena-se diretamente ao crescimento espiritual e a aumentar a união com Cristo – e a Penitência, que nos purifica e cura, e mesmo, se for preciso, ressuscita-nos, são os que mais importância têm no desenvolvimento da vida sobrenatural. Pois como o adiantamento cristão consiste em *crescer em graça e expurgar o antigo fermento*, e o processo ordinária da vida, em *assimilar e eliminar* convenientemente, daí que esses dois sacramentos sejam os meios mais poderosos para fomentar o progresso espiritual.

Deste modo, vivemos e crescemos unidos a Deus no ser, no agir e no cooperar em sua mística ação: no *ser*, pela graça santificante; no *agir*, pelas virtudes infusas, e especialmente pelas teologias; e no *cooperar*, pelos dons do Espírito Santo. As virtudes morais em geral aperfeiçoam a vontade e o apetite para que obedeçam fielmente à reta razão cristã, e as intelectuais aperfeiçoam e ordenam a própria razão, e, unidas umas e outras aos dons, fazem-nos dóceis às moções e iluminações do Espírito Santo.

Agora podemos compreender ou vislumbrar a inestimável dignidade do cristão que assim está *deificado* em seu ser, em suas *faculdades*, em suas

ações, em seu *fim* e em *tudo*. Tem em seu coração a *Trindade* soberana: é *filho* verdadeiro do Eterno Pai; *irmão* e *membro* do Verbo encarnado, e *templo vivo* do Espírito Santo que o anima e vivifica como a alma ao seu próprio corpo... Como membro de Jesus Cristo, o próprio Cristo continua nele por um laço físico, real, que é a vida da graça, que é aumentada por meio das *boas obras* e *dos sacramentos*, que fazem circular por nossas veias o Sangue do Redentor... Quão sublime é considerar essa corrente de vida, que brotando do seio do Pai, e pelos méritos do Filho e virtude do seu Espírito, deriva-se a nós, *vivificando-nos, renovando-nos, purificando-nos e deificando-nos*!... E quão consolador ver como ela nos é comunicada por meio dos sacramentos, do Batismo que nos faz filhos de Deus... até a Extrema-unção que nos dispõe para entrar na glória de Deus Pai!

§ II. – CRESCIMENTO INDIVIDUAL E FUNÇÕES PARTICULARES. – MEIOS DE ADQUIRIR CADA QUAL A PERFEIÇÃO CRISTÃ; A PRESENÇA DE DEUS E SEU TRATO FAMILIAR; A ORAÇÃO E AS DEVOÇÕES; AS OBRAS EXTERIORES DE MISERICÓRDIA E DE PIEDADE; A VIDA INTERIOR E A ATIVIDADE EXTERIOR; CONDIÇÕES DO MÉRITO. – AS PRÁTICAS PIEDOSAS. – A PURIFICAÇÃO E AS MORTIFICAÇÕES; A HUMILDADE E A PENITÊNCIA; O EXAME GERAL E PARTICULAR; A MODERAÇÃO E A BOA DIREÇÃO; CONDIÇÕES E DEVERES DO DIRETOR. – A ABNEGAÇÃO E A OBEDIÊNCIA; OS VOTOS RELIGIOSOS. – AS SANTAS AMIZADES, AS CONVERSAÇÕES PIEDOSAS E AS LEITURAS ESPIRITUAIS.

Sabido é que as virtudes que diretamente nos unem com Deus, e por cujo exercício, participando das operações características da vida eterna, crescemos em graça e santidade, são as teologais, que se completam e realçam com os respectivos dons que nos ordenam também a Ele e estreitam essa mística união. Já vimos que exercitá-los, não depende de nós, até que o divino Consolador faça sentir seus impulsos; mas sim o dispôr-nos para ouvir sua voz e não O contristar fazendo-nos surdos às suas inspirações, que exigem grande pureza de coração e de alma e muito recolhimento. No entanto, o exercício das virtudes está ao nosso arbítrio, e assim, com a simples graça ordinária, podemos praticá-las quantas vezes queiramos. E

as praticaremos devidamente, procurando ter *nossa conversação nos céus*, andando continuamente na *presença de Deus*, considerando-lhe com viva fé em todas as partes, e muito particularmente em nossos próprios corações, como templos seus aonde a todas as horas e todos os lugares – mesmo no meio da agitação das criaturas e do desempenho de nossas obrigações – podemos entrar para conversar com Ele, agradecer-lhe, pedir-lhe graças e dirigir-lhe amorosos afetos e ternas súplicas, e assim, em vez de perder tempo – como muitos supõem –, recobramos forças e habilidade para tudo; já que *a piedade para tudo é útil* (I Tim 4, 8)[518]. E assim renovamos a pureza de intenção que tão meritória nos é para que nossas boas obras tenham todo seu mérito, a não ser que, por esquecer o fim sobrenatural a que devem ir subordinadas, viciemo-las com olhares terrenos até o ponto de que o Senhor possa dizer: *Já receberam seu salário.*

Essas freqüentes *introversões*, acompanhadas de fervorosas aspirações e *jaculatórias*, são como dardos de fogo celestial que docemente ferem o coração divino, e daí repercutem no nosso, enchendo-o de graças[519]. Os santos as recomendam como meios muito eficazes para chegar breve e facilmente a mui alta perfeição, pois suprem os defeitos e mesmo a involuntária brevidade da oração ordinária, dispõem para sentir os toques do Espírito Santo, e entrar assim na contemplação infusa, excitam o ardor da caridade para que melhore todas as nossas obras, e fazem contrair pouco

---

518 "Não há que se crer, observa o Pe. Grou (*Manuel* p. 70), que os deveres de nosso estado, nem os afazeres domésticos, nem as disposições da Providência, nem as obrigações e conveniências sociais possam *por si mesmas* prejudicar o recolhimento: esse pode e deve se conservar no meio de tudo. E depois que, com algum trabalho, exercitou-se alguém em conservá-lo, faz-se-lhe tão natural, que mesmo sem notar se conserva de modo que quase nunca sai dele".
"Nosso Senhor, diz Lallemant (pr. 2, c. 2, c. 4, a. 1) — dará a alma por uma só oração, uma virtude e mesmo várias no mais alto grau que poderiam se adquirir em vários anos com meios externos".

519 Quanto o Senhor gosta do trato com as almas puras, de vê-las em sua presença e escutar a expressão de seus ardentes desejos, seus gemidos e orações, mostra-o bem naquelas palavras do Cântico dos Cânticos (2, 13-14): "Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem; minha pomba, nas fendas do rochedo, mostra-me tua face, soe tua voz em meus ouvidos; pois tua voz é doce e tua face formosa".

a pouco o hábito da presença de Deus, mediante a qual, apesar de todas as nossas ocupações, cumprimos o que tão encarecidamente nos ordena o Apóstolo, que é orar em todas as partes (I Tim 2, 8) e continuamente, dando em tudo graças a Deus: *Sine intermissione orate. In omnibus gratias agite* (I Tes 5, 17-18). E o próprio Salvador havia nos dito (Lc 18, 1): *Convém orar sempre e não desfalecer*[520].

Mas para que não desfaleçamos nesse interior recolhimento, é preciso que em horas determinadas, recolhamo-nos também exteriormente, a fim de insistir com mais eficácia na oração, sem obstáculos que possam nos distrair (Col 4, 2), ocupando-nos só em conversar com Deus e meditar em sua santa lei, para que assim se reanime o fervor e incendeie o fogo da caridade: *In meditatione mea exardescet ignis* (Sl 38, 4). *Essa* oração se faz elevando ao Senhor nossa mente e todas as potências com atos de fé, amor, confiança, agradecimento, louvor, adoração, etc., rendendo-Lhe o devido culto interior – que deve informar sempre o exterior –, dando-Lhe graças por seus benefícios e pedindo-Lhe os favores, luzes e forças que necessitamos para servi-Lo fielmente e cumprir bem os santos propósitos que dali tiremos[521]. Para ser eficaz nossa oração, deve ser *humilde, confiante, perseverante e fervorosa*, devendo sair do íntimo do coração e ser feita com toda a alma e "com todas as entranhas", como dizia Santa Ângela de Foligno[522]. Se oramos

---

520 "Os homens perfeitos, escreve Tauler (*Inst.* c. 26), nunca se apartam desta interior *conversação*, senão enquanto parece que exige a fraqueza humana ou a mudança do tempo, pois por essas duas coisas se interrompe por brevíssimo espaço. Mas tão prontamente o adverte, dando tudo, novamente se recolhem neste verdadeiro e essencial fundo; só neste estudo estão ocupados com todas as suas forças, sem buscar nem esperar nenhuma outra coisa, senão dar lugar aos amorosos influxos da Divindade, e em preparar e aplanar o caminho dentro de si para o próprio Deus, para que possa neles aperfeiçoar sua operação gozosíssima; e o próprio Pai celestial possa sem meio algum falar e produzir sua paternal Palavra, gerada por Ele *ab aeterno*, e saborear o efeito de sua divina vontade em todo lugar, tempo e modo". Cf. Blosio, *Inst.* c. 3-5.

521 "Mais prosperam na vida espiritual aqueles, diz o Pe. Godínez (*Theol. mist.* l. 1, c. 6), que na oração mental tiram mais propóstios e os procuram executar: esses, em breve tempo, chegam a ser mui santos... A oração mental especulativa nem tira vícios nem planta virtudes".

522 *Visiones e instruc.* c. 62: "Nesta época, advertia o Beato Suso (*Disc. spir.* 2), há muitos que só para serem úteis aos demais vivem tão ocupados em coisas exteriores, que mal lhes sobra um momento

com vacilação, nada devemos esperar (Tg 1, 6-7), e se voluntariamente nos pomos a orar só com os lábios, isso não é orar, senão provocar a Deus com nossa irreverência[523]. Por isso, não há verdadeira oração *vocal*, se não vai de algum modo acompanhada da *mental*, embora essa, pelo contrário, possa ser mais fervorosa e mais eficaz sem aquela, quando alcançamos que toda a energia da alma se concentre no coração, para *orar e cantar com o espírito e a mente*[524]: assim é a que melhor dispõe para entrar naquele místico repouso a que somos chamados. Mas há muitas pessoas que não conseguem conversar com Deus, sem proferir com a boca todos os seus sentimentos; de tal modo que, se fecham os lábios, parece que se lhes apaga todo o fogo interior. No entanto, até mesmo essas, perseverando fervorosas em suas orações vocais, e mesmo se contentando com a do *Pater Noster*, podem ser elevadas de repente a mui alta contemplação, quando o Senhor – como adverte Santa Teresa –, tomando-lhes a palavra, suspende-as para fazer Ele sua obra divina[525]. E

livre para seu repouso. É bom que sigam eles meu conselho: assim que, no meio de seus trabalhos, tenham uma hora livre, dirijam-se imediatamente a Deus, entreguem-se a ele por completo e escondam-se em seu Coração; e nestes momentos busquem redimir com seu zelo e fervor todos os anos perdidos na vida dos sentidos ou dissipados nos negócios. Dirijam-se a Deus não com palavras estudadas, mas do íntimo de sua alma e com toda a energia de seu coração, falando-lhe de espírito a espírito, para adorá-Lo, como o Senhor manda, *em espírito e em verdade*".

523 Cf. S. Agostinho, *Manual* c. 29.

524 *Orabo spiritu, orabo et mente: psallam spiritu, psallam et mente* (I Cor 14, 15).

525 "É muito possível, diz a Santa (*Camino* c. 25), que estando rezando o *Pater noster*, ponha-vos o Senhor em *contemplação perfeita*...; que por essas vias mostra sua Majestade que ouve ao que Lhe fala... lhe interrompendo o pensamento e lhe tomando, como dizem, a palavra da boca, que ainda que queira não pode falar... Entendem que sem ruído de palavras lhe está ensinando esse Mestre divino, suspendendo as potências; porque então antes danificariam que aproveitariam se agissem. Experimentam sem entender como experimentam; está a alma abrasando-se em amor e não entende como ama; conhece que experimenta aquilo que ama, e não sabe como o experimenta...; mas podendo entender algo, vê que não é esse bem algo que possa se merecer e nem todos os trabalhos suportados juntos podem ganhá-lo na terra; é dom do Senhor dela e do céu, que enfim dá como quem é... Na contemplação... sua Majestade é quem tudo faz".

"Pelo exercício da oração, diz Molina (*De la Orac.* intr., c. 2), chega-se à perfeita contemplação e união da alma com Deus, e estar feita um só espírito com Ele e toda deificada e possuída por Deus, transformada n'Ele de maneira que vem a ser um homem todo espiritual e divino... É a maior bem-aventurança a que se pode chegar nesta vida; e é como um noviciado da glória do céu". – "Tenho

todos podem enquanto não se encontrem incapacitados, ou seja, em *estado passivo*, remediar as distrações e mesmo a secura que involuntariamente padecem, apelando para a repetição de breves e ardentes *afetos* e súplicas, onde está o essencial da *oração*. Ela é o grande meio de que a todas as horas dispomos para melhorar nossa vida e alcançar e aumentar a divina graça: *Pedi e recebereis*, diz-nos o Senhor (Mt 7, 7; Lc 11, 8), *batei e se abrirá a vós*. O cristão sem oração, os santos comparam com um soldado sem armas, que nunca poderá resistir ao inimigo[526]: preciso é *vigiar e orar para não cair em tentação* (Mt 26, 41). A oração é nosso escudo e a arma da nossa milícia, com que rejeitamos e confundimos o tentador e alcançamos a eterna coroa. E quanto mais árida for, sendo acompanhada de grandes desejos de agradar a Deus, tanto mais eficaz e meritória é; pois a *devoção* não consiste no fervor sensível, mas na prontidão e firmeza da vontade.

Também se acrescenta o mérito – e com ele a vida da graça – com o reto *exercício das virtudes cristãs* que, informadas pela caridade, ordenam-nos com respeito ao nosso próximo e nos ajudam a dispor do mais propício ao nosso fim, guardando em tudo o *justo meio* da prudência, as normas da justiça, o valor da fortaleza e a moderação da temperança[527]. Assim alcançaremos cumprir fielmente nossos deveres, dando a Deus, com a virtude da religião – que é parte da mesma justiça – o culto devido, e praticando por amor d'Ele as obras de caridade e misericórdia, aparte de dar a cada um o que é seu; enquanto que com a temperança e a fortaleza buscamos vencer a nós mesmos, sacrificar-nos por Deus e por nossos irmãos, domando nossas paixões para que não contradigam a razão, moderando essa mesma para que se submeta ao Espírito, e nos esforçando para vencer as dificuldades e superar os obstáculos que se oponham a nossa renovação e perfeição interior, que é ao que devemos subordinar toda nossa conduta.

---

por certo, acrescenta (tr. 2, c. 6, § 4), que não Se nega a ninguém que perseverar em fazer tudo o que é de sua parte".

526 Cf. A. Molina, *Excelencia, provecho y necesidad de la oración*, intr.; V. Granada, *Orac. y consider.* 1ª p., c. 1; Rodríguez, *Ejerc. de perfec.* 1ª p., tr. 5, c. 2.

527 "Per virtutem perficitur homo ad actus quibus in beatitudinem ordinatur" (S.Th., 1-2, q. 62, a. 1).

Algumas pessoas piedosas, levadas por um zelo indiscreto – e talvez também por certa vaidade – se consomem em obras exteriores, persuadindo-se de que, com isso e nada mais, enchem-se de méritos e avançam rapidamente na perfeição cristã. Mas essa consiste, como já dissemos, no íntimo *ser* mais que no *agir exterior*. E o valor e mérito de nossas obras correspondem ao grau de renovação e santificação de nossas almas: se somos muito santos, produzindo sempre inflamados da caridade divina, alcançaremos que sejam aos olhos de Deus muito grandes e de muito valor e eficácia todas as nossas obras, embora exteriormente pareçam humildes e mesmo desprezíveis, ao passo que as que saem de um fundo pobre, pobres têm que ser por necessidade, ainda que aparentem ser grandiosas e cheias de glória[528]. E se nossa perfeição é nula – por nos acharmos mortos à vida da graça –, nada podem valer diante de Deus as mais excelentes obras que empreendamos; por barulhentas que possam ser, resultam mortas e vãs[529]. Quanto mais vivos estejamos em Jesus Cristo, e mais cheios de seu Espírito, tanto mais propriamente seremos *filhos de Deus*, e tanto mais divinas e meritórias virão a ser nossas ações. Pois, como adverte Santo Tomás[530], "*um ato é tanto mais meritório,* quanto maior é a graça de que está informado". E igual à graça, enquanto mais informadas estejam nossas obras pela *caridade atual*, mais puras e vitais são, mais livres do pó terreno e mais capazes de aumentar a graça e a glória. "Daí que possa ter mais valor, como diz São Francisco de Sales[531], uma pequeníssima virtude numa alma abrasada no amor sagrado, que o próprio martírio em outra cujo amor é lânguido, débil e lento". Por isso, na alma santa, que está ardendo em caridade, tudo fere o coração do Esposo divino, a quem se entregou sem reservas: o fere com

528 "Há almas, diz o Pe. Huby (*Maximes* § 12), que tudo reduzem, porque elas são muito pequenas. Reduzem as maiores ações, porque as fazem com um coração muito pobre... Fazer com pouca vontade um grande bem, é fazer tão somente um pequeno bem; e fazer com grande vontade um pequeno bem, é fazer um grande bem. O que dá às nossas ações serem pequenas ou grandes diante de Deus, é a vontade com que se fazem".

529 Cf. S. Th., *In 2 Sent.* d. 27, q. 1, a. 5 ad 3.

530 Ib., d. 29, q. 1, a. 4.

531 *Tratado del amor de Dios* 11, c. 5.

seu doce e simples olhar e até com um dos seus cabelos, porque é *toda para seu Amado, que se apascenta entre os lírios, e Ele para ela*[532]. Se trabalha em ofícios vis, suas mãos destilam mirra preciosa, porque suas obras são fruto da caridade e da própria abnegação, e embora durma, como *está seu coração velando,* compraz tanto ao Esposo, que Ele repetidas vezes conjura as filhas de Sião para que não a despertem (Ct 2, 7-16; 3, 5; 4, 9; 5, 2-5; 6, 2; 8, 4). Enfim, quanto mais elevada e nobre é a virtude, que vai informada pela caridade, tanto mais meritórias e excelentes são por si mesmos todos os seus atos. Daí que a virtude da religião prepondere sobre todas as morais, e que as da vida contemplativa ou interior valham mais que as do exterior, embora todas sejam necessárias no seu tempo e todas se apoiem mutuamente, e a completa perfeição esteja em sabê-las harmonizar.

Mas o interior vale por si só, enquanto que o exterior sem o interior é coisa estéril e morta. Assim, as muitas obras exteriores, sem a retidão de intenção e pureza de coração que as limpem do pó terreno, ou sem o espírito de oração que as fecundem com a irrigação da graça e o ardor da caridade, são de mui escasso valor diante de Deus, por mais que sejam muito apreciadas pelo mundo e por certos modernistas. E mesmo podem resultar totalmente vãs e até prejudiciais, se de tal modo absorvem, que deixem esgotar a fonte das energias e só sirvam de sustento ao amor próprio e fomento da vaidade[533]. Se as muitas pessoas que levadas por bons desejos se entregam até um excesso de ação exterior, dedicassem a metade desse tempo que as consume a cuidar de sua alma e renovar seu espírito, com só

532 "Este cabelo seu, diz São João da Cruz (*Cânt. esp.* 30), é a vontade dela e o amor que tem ao Amado... Diz um só cabelo e não muitos, para dar a entender que sua vontade já está só n'Ele".

533 "Estejamos bem persuadidos, diz Lallemant (*Doctr.* pr. 5, c. 3, a. 2, § 5), de que o fruto que temos de produzir em nosso ministério será proporcional à nossa união com Deus e ao nosso esquecimento do próprio interesse... Para trabalhar utilmente em proveito de outros, necessita-se haver feito grandes progressos na própria perfeição. Até que tenha se adquirido uma virtude perfeita se deve levar em conta muito pouco a ação exterior. E se os superiores a impõem com excesso, deve-se confiar na Providência, que disporá de tal modo as coisas, que diminua a carga e que tudo redunde em maior bem dos súditos virtuosos".

a outra metade – dizem com São João da Cruz[534] todos os grandes mestres espirituais – produziriam fruto em dobro e com muito menos trabalho[535].

No entanto, o próprio fervor e a devoção se fomentam – sobretudo nos princípios – com as boas obras exteriores e com todas as práticas piedosas que merecem a aprovação da Igreja, e que cada alma fiel procura fazer em particular segundo o tempo de que dispõe e o especial atrativo que senta sob a suave moção do Espírito Santo. Mas nelas deve perseverar-se de certos sentimentalismos vazios e de sabor protestante, assim como de muitas rotinas que facilmente se introduzem, e que são totalmente opostas ao espírito cristão e aos desejos da Igreja, que quer que sirvam como de preparação e não de obstáculo à inspiração divina[536].

Para progredir verdadeiramente na oração e devoção é preciso que essas estejam bem apoiadas na contínua mortificação de nossos sentidos e paixões[537]. A alma regalada é incapaz de conhecer o caminho da divina Sabedoria. Se não mortifica todos os seus sentidos e não refreia todas as suas paixões até reduzi-las ao silêncio, não alcançará ouvir a doce voz do Espírito que quer lhe falar ao coração palavras de paz, nem poderá sentir as delicadas moções e inspirações com que lhe está sugerindo e ensinando toda verdade e guiando pelos caminhos da justiça e da vida. Por isso dizem todos os santos unanimemente que, sem grande apreço pelas austeridades, é impossível que haja verdadeiro espírito de oração; porque essa exige uma grande pureza de corpo e de alma, e, pelo mesmo motivo, uma longa série de purificações. O quanto se cresce na purificação, tanto se facilitará e fomentará a obra do divino Espírito e tanto progredirá na iluminação, união e renovação.

---

534 *Cánt. espirit.*, anotac. a la canc. 29.

535 "De duas pessoas que se consagram ao mesmo tempo ao serviço divino, e uma se entrega às boas obras e a outra se aplica totalmente a purificar seu coração e tirar dele tudo o que se opõe à graça, essa última chegará à perfeição dupla antes que a primeira" (Lallemant, pr. 4, c. 2, a. 1).

536 "Alguns, acrescenta o Pe. Lallemant (ib.), têm lindas práticas exteriores e fazem grande número de atos externos de virtude, atendendo totalmente à ação material. Isso é bom para os principiantes. Mas é muito mais perfeito seguir a interior atração do Espírito Santo e deixar-se levar por seus impulsos".

537 Cf. Rodríguez, *Ejercicio de perfección* 2ª p. tr. 1. c. 1.

A *pureza exterior* se alcança com a virtude da temperança, que domina os sentidos e paixões corporais, para que nunca tratem de submeter a razão, e para esse fim recorre, quando é preciso, para grandes rigores e asperezas *castigando o corpo para reduzi-lo à servidão* (I Cor 9, 27). A *interior* se consegue com o exercício da humildade, da abnegação e da penitência e com a contínua vigilância sobre os mais íntimos desejos, movimentos e sentimentos, para apagar neles tudo que desagrada a Deus. A humilhação nos faz reconhecer o vazio de nosso nada, dispondo-nos assim a receber a graça divina, que se dá aos humildes enquanto se nega aos soberbos, e com ajuda dessa graça o humilde consegue sujeitar a própria razão para que nunca presuma de si, e *abnegando-se* e renunciado ao próprio parecer e querer, submete-se dócil à direção do Espírito Santo, com que em breve poderá subir a uma alta perfeição[538].

A *penitência* faz nos arrependermos amargamente de nossas culpas e buscar os meios para conseguir o perdão, para reparar o mal e satisfazer pelas ofensas feitas a Deus e ao próximo e para nos corrigir para o futuro. O perdão se alcança desde logo com uma contrição perfeita, que põe a alma totalmente nas mãos de Deus; a reparação e satisfação, com austeridades, orações e sacrifícios e com todas as obras de piedade e misericórdia, e a correção com o freqüente *exame de consciência*, onde buscamos as causas de nossos defeitos e vícios internos e externos para precavê-los e corrigi-los, tirando-as e apartando-nos de toda ocasião de mal. E como esses defeitos são muitos, e se atendemos a todos eles ao mesmo tempo nunca alcançaremos desenraizá-los, daí a necessidade do *exame particular* sobre a falta dominante, que deve acompanhar o *geral* para que seja mais frutuoso. Atendendo com preferência a uma falta só, podemos chegar logo a corrigi-la, e se essa é dominante, com ela se tiram como pela raiz outras muitas[539]. Assim é como, em pouco tempo, fica muito aproveitada e melhorara a alma que

538 "A profunda submissão de uma humildade santa, o desprezo de si mesmos e o verdadeiro conhecimento de nossas baixezas nos farão não já subir, mas voar até o cume da perfeita união com Deus" (B. Henrique Suso, *Unión* 2).

539 "Logo seríamos perfeitos, diz o Kempis (1, c. 11), se corrigíssemos um defeito a cada ano".

vela sobre si mesma para não resistir nem pôr obstáculos à misteriosa ação renovadora do divino Espírito[540].

Mas se a contínua abnegação, ou seja, a interior mortificação dos sentidos e paixões não oferece perigo algum, e quanto maior seja melhor é, a mortificação corporal – que só tem mérito estando subordinada àquela – deve sempre ser moderada de modo que não prejudique a saúde e não nos impeça de exercitar as virtudes ao invés de ajudá-las. Assim vemos que há certas pessoas que vivem com muita austeridade exterior, pondo todos os seus olhares nos grandes rigores corporais, como se só com esses alcançassem um alto grau de perfeição e conquistassem a santidade pela força de punhos, e, enquanto perdem assim inutilmente as forças e se incapacitam para cumprir seus deveres, estão por dentro cheias de orgulho e presunção, e totalmente dominadas por suas paixões, porque na realidade não buscaram vencerem a si mesmas, mas conquistar o aplauso mundano com essas vãs aparências de santidade[541].

---

540 Sem mortificações *extraordinárias*, nem ações exteriores que poderiam ser para nós motivo de vaidade, apenas vigiando sobre nosso interior teríamos excelentes atos de virtude e cresceríamos maravilhosamente na perfeição; assim como, pelo contrário, descuidando de nosso interior, experimentamos perdas inconcebíveis (Lallemant, *Doct. espirit.* pr. 5, c. 3, a. 1).

541 *Breves regras de perfeição* – "Escute em poucas palavras, dizia ao Beato Suso a *Eterna Sabedoria* (c. 23), a regra de uma vida pura e perfeita: Mantenha-te separado e afastado dos homens, descarte as imagens e notícias de coisas humanas e terrenas, guarde-te de tudo que possa perturbar o teu coração, cativar teu afeto e pôr-te nas penas e inquietações do mundo, da carne e da natureza. Levante teu espírito a uma contemplação santa, na que Eu seja o objeto contínuo de teus pensamentos, e ordene para esse fim todos os exercícios espirituais, as vigílias, os jejuns, a pobreza, as austeridades da vida, as mortificações do corpo e dos sentidos, não praticando-os senão enquanto podem te ajudar e excitar à presença de Deus. Assim é como chegarás a uma perfeição que não alcançam de mil pessoas uma, porque a maior parte dos cristãos imaginam que tudo está nas práticas exteriores; nas quais se agitam anos e anos sem fazer progressos, permanecendo os mesmos, sempre distantes da verdadeira perfeição... A ti digo isso para que ao menos te esforces para chegar a essa contínua presença de Deus, e a desejes, e dela faças a regra de tua conduta, consagrando-Lhe todo teu coração e teu espírito. Quando notares que te afastastes desse fim, distraindo-te dessa contemplação, pense que te privas da própria bem-aventurança; e volte em seguida ao fim que te propusestes... E se não podes permanecer constantemente aplicado na contemplação de minha Divindade, volte a ela sem cessar pelo recolhimento e pela oração... Põe, meu filho, todos os teus cuidados em teu Deus e em

Para precaver tamanhos extravios, abater o amor próprio, negar a própria vontade e evitar os enganos do próprio parecer, e posto que a virtude deve guardar o justo meio da prudência e ninguém é bom juiz em causa própria, resulta necessário um bom *diretor espiritual* a quem docilmente nos submetamos em tudo, a fim de que nos ensine o modo de nos exercitar na oração e de praticar bem todas as virtudes. Ele nos ajudará a vencer nossas dificuldades, alentar-nos-á a superar os obstáculos e nos preservará das astúcias de nossos inimigos. E quando já esteja alguém tão adiantado na virtude que comece a sentir os influxos do Espírito, que com seus dons o mova a um novo modo de oração e de vida, longe de ser já inútil a direção humana, então é quando mais falta faz. Porque nesses princípios de contemplação, em que tantas e tão novas dificuldades ocorrem, desconcertando a alma e a deixando perplexa – por não saber ainda ela discernir as moções divinas das que não o são – se verá muito exposta a resistir às boas e desfalecer ou seguir falso rumo, se não tem quem a apoie, aconselhe e esclareça, e assim então é quando mais necessita de quem saiba provar seu espírito e alentá-la no meio de seus abatimentos, sofrimentos e aridezes, e iluminá-la entre tantas obscuridades e desolações.

Esse guia, como adverte São João da Cruz[542], muito difícil é achá-lo como convém, pois deveria ser ao mesmo tempo *sábio, zeloso, discreto e experimentado*, ou pelo menos, muito versado na ciência dos caminhos de Deus. De outro modo, como cego que se põe a guiar um outro, causará mais prejuízo que proveito; extraviará e levará a alma ao precipício (Mt 15, 14; Lc 6, 39), assustando-se totalmente por julgar inverossímeis mesmo as coisas que nestas vias costumam ser mais ordinárias, e não ser ele capaz de sentir as complacências que Deus tem em seus fieis servos; ou por querer levar todas as almas pelo único caminho que ele conhece, quando aqui quem as leva

---

tua alma, e procure não te esquecer jamais de teu interior. Sê puro e desembarace-te de todas as ocupações que não são necessárias. Levante teus pensamentos ao céu, e fixe-os em Deus, e te sentirás cada vez mais iluminado, e conhecerás o soberano Bem".

Ver também: Pe. Caussade (*L'Abandon à la Providence* l. 1, c. 4, 5 e 8).

542 *Aviso* 195.

é o divino Espírito que move a cada um segundo Lhe apraz, de modo que mal se encontrarão duas pessoas que em tudo procedam do mesmo modo[543].

Por isso, quando o Espírito Santo começa a tomar as rédeas, querendo ser o único guia, incapacita a alma para seguir as ordinárias normas de nossa prudência, ou os métodos especiais que o diretor se empenhe em lhe propor, e não lhe dá facilidade senão para estar com certa advertência amorosa, atendendo como *embebida* – não *abobada* – ao que Ele intimamente lhe sugere ou lhe faz sentir. Se, apesar disso, ela se esforça então por meditar como antes, pretenderá um impossível e não alcançará outra coisa senão sufocar a moção interior, obscurecer-se mais e mais e se incapacitar para tudo. E aqui está onde os maus diretores, por não conhecerem os caminhos do Espírito, fracassam e fazem fracassar as almas que não estejam com bastante ânimo e dóceis à voz interior. Pensando que estão ociosas enquanto assim tão ocultamente recebem a atividade e direção do Espírito Santo, obrigam-nas a resistir e impedir a quem tão amorosamente está Ele agindo nelas.

Se a alma busca a Deus com resolução e desinteresse, tudo será para seu maior aproveitamento, pois Ele saberá levá-la, apesar do diretor e das inocentes

543 Chamamos mestres ou guias do espírito, diz o Pe. Gracián (*Itinerario* c. 7, § 2), "aqueles que – *embora não sejam confessores* – podem guiar a alma no melhor modo de proceder... Causaram grande prejuízo na Igreja de Deus alguns mui espirituais e devotos sem letras, porque querem levar a todos pelo mesmo caminho que eles vão". Mas, "só com as letras não se entende bem este caminho; antes letrados pouco devotos causaram grande prejuízo e estrago, desprezando as mercês grandes que Deus costuma fazer às almas humildes e pondo muitas vezes mácula, dolo e escrúpulo no que é muito seguro e avantajado". Por isso, "os grandes doutores escolásticos, segundo diz o Pe. Godínez (*Míst.* l. 8, c. 13), se não são espirituais ou não têm alguma experiência destas coisas, não costumam ser bons para mestres espirituais".
"Erram muitos, adverte Santa Teresa (*Vida* c. 34), em querer conhecer o espírito sem o ter. Não digo que quem não tiver espírito, se é letrado, não governe a quem o tem, mas se entenda no exterior e interior que vai conforme a *via natural* por obra de entendimento, e no sobrenatural veja que vá conforme a Sagrada Escritura. *No demais não se meta*, nem pense entender o que não entende, *nem sufoque os espíritos*, já que, *nesses, outro maior Senhor os governa*, pois não estão sem superior. Não se espante, nem lhe pareçam coisas impossíveis: tudo é possível ao Senhor. Procure esforçar a fé e se humilhar do que faz o Senhor nesta ciência a uma velhinha mais sábia porventura que a ele, embora seja muito letrado".

iniciativas próprias, ao modo de oração que Ele lhe está infundindo[544]. Mas se não é bastante generosa irá decaindo pouco a pouco, abandonando essa vida interior em que tantas obscuridades e dificuldades encontra, e entregando-se a outros exercícios mais conformes ao seu próprio gosto ou ao de seus imprudentes diretores. Esses, se fossem o que deveriam, procurariam se inteirar bem se essa *quietude* ou *ociosidade* é obra do bom espírito, e reconhecido esse – que não é tão difícil de reconhecer pelos *frutos* – evitariam pôr inutilmente leis ou travas à inspiração divina. Não toca ao diretor humano apontar os caminhos por onde Deus há de levar a alma, senão tão somente velar para que ela não se extravie, levada por seu juízo privado, nem se detenha por vaidosa timidez; refreando-a quando a vê precipitada, estimulando-a se é preguiçosa, e se contentando com alentá-la, tranquilizá-la e mantê-la na humildade quando vai como convém. Querer se meter em detalhes e lhe determinar o caminho que deve seguir, é como atá-la para que resista em vão ao Espírito Santo[545]. E uma vez comprovado que é movida por Ele, não devem se repetir só porque se quer as *provas*, sem que ocorram muito sérias dúvidas, pois não serviriam senão de prejuízo e desconcerto. Assim já o indicava com grande prudência, no século I, a *Didaquê* ou *Doutrina dos Apóstolos*.

Quando a alma compreender, pois, que seu diretor lhe impede de progredir, deve buscar outro melhor, ou ao menos consultar alguém mais iluminado e discreto, uma vez que o encontre, a fim de fazer o que estiver

---

544 Quando Deus cativa as faculdades, diz um *Anônimo*, citado por Sauvé (*Etats myst.* p. 74), o querer lhe resistir "é uma luta que acaba ordinariamente pelo triunfo de Deus. Se para obedecer o confessor as almas resistem, é a custa dos maiores sofrimentos; e Deus as recompensa, seja elevando-as mais no arroubo, seja deixando o corpo de um lado, como acontece no êxtase".

545 "Mais forte é minha vocação que a sua, dizia o Senhor a uma alma (cf. *Espinas del alma*, em «Suma espirit.», pelo Pe. La Figuera, tr. 3, diál. 7); e assim embora eles chamem as almas por um caminho, de pouco lhes serve se Eu as chamo para outro; salvo trazê-las arrastadas e atormentadas, querendo elas seguir sua doutrina como humildes e obedientes, e não podendo por outra parte resistir à força de meu Espírito, que as põe em outro caminho. Essa é a causa de que depois de se quebrar a cabeça em levar a alma por temor, no fim age sempre por amor; em vão é chamar a considerar os novíssimos a quem Eu chamo por amor; e em vão é chamar à meditação de minha Humanidade, se Eu consumo e abraso a alma no fogo de minha Divindade; nem poderá ninguém elevar à contemplação a quem Eu regalo e suavizo com a meditação".

em sua mão para proceder corretamente. E se não acha aquilo que busca, não esqueça que, como diz Santa Teresa, vale mais estar sem diretor do que ser mal dirigida, e, em todo caso, invoque de coração o Pai das luzes, que dá sabedoria em abundância para todos que a pedem (Tg 1, 5), e confie em seu divino Espírito que sabe suprir com grande vantagem a falta e as deficiências da direção humana, e fazer que as próprias imprudências dessa resultem em maior proveito da alma fiel que de todo coração busca a luz e permanece firme nas provações.

Mas achando um bastante bom, deve tudo fazer para segui-lo com toda docilidade – a não ser em casos excepcionais em que seja preferível o parecer de outro melhor –, não seja que, por consultar a muitos, no fim se deixe levar pelo próprio capricho. Com a submissa obediência ao diretor, sacrifica seu juízo e vontade e santifica todas as suas ações, que vêm então a ser como outras tantas vitórias que sobre si mesmo alcança o homem obediente. A menor coisa feita por obediência, dizem unanimemente os santos doutores, vale mais aos olhos de Deus que a mais importante e gloriosa – ainda que seja a própria evangelização de todo o mundo – empreendida por vontade própria[546].

Esse sacrifício de abnegação chega até o heroísmo quando se faz por toda a vida e se sanciona com o voto de obediência, que é o principal dos três que constituem o *estado religioso*, em que a alma solenemente se compromete a guardar – junto com os *preceitos* – os principais *conselhos* evangélicos para não se contentar com uma vida qualquer, mas aspirar sempre à maior perfeição, marchando continuamente pelas ensangentadas pegadas do Crucificado. Com seus três votos renuncia totalmente às três grandes concupiscências que dominam o mundo (I Jo 2, 16), consagrada-se completamente a Deus,

---

546 "Com sua resignação, diz Tauler (*Inst.* c. 12), todas as obras abundam em graça; ao contrário, nas que o homem virtuoso faz por seu próprio juízo, é dificultoso discernir se procedem da graça ou da natureza... Para aquele que renuncia à própria vontade está fechado o caminho do inferno..., onde, como diz São Bernardo, não arde outra lenha senão a própria vontade... Onde o homem se deixa e sai de si, ali entra Deus. Ó, quantos religiosos são mártires sem fruto nem mérito! Porque, cheios de sua própria vontade, fazem-se guias de si mesmos, em seus grandes exercícios merecem muito pouco ou nenhuma glória; enquanto que se os fizessem em obediente resignação, viriam a ser grandes santos".

vive crucificada com Cristo e se une a Ele de um modo singular como com três vínculos indissolúveis. O mérito dos votos os santos doutores comparam com o do martírio, e as almas que sentem as coisas de Deus notam muito bem quanto vale essa amorosa união que assim com Ele contraem. Por isso têm tanto interesse em renová-lo, porque sabem quão grata é ao Senhor a sanção de um ato tão heróico, que só poderia ser sugerido pelo Espírito de fortaleza. A cada voto corresponde pelo menos uma das principais bem-aventuranças: os puros de coração logo começam a ver a Deus; aos que tudo deixam por Cristo, toca-lhes sentar-se com Ele em tronos gloriosos para julgar o mundo; dos pobres de espírito, que renunciam a todo apego às criaturas e até ao seu próprio juízo e vontade, é o reino dos céus; onde o obediente celebra suas vitórias. Daí a grande importância que na Igreja têm as almas consagradas a Deus. As santas virgens sempre foram vistas como perfeitas imagens da própria Igreja, e apreciadas como seus próprios olhos e mesmo como parte muito principal de seu próprio coração, cheio como está do Espírito Santo e iluminado para ver a Face divina. Daí que entre elas se recrutem a maioria das almas realmente *contemplativas* que alcançam levantar seu vôo até as sublimes esferas da luz incriada.

O trato com essas almas fervorosas e cheias de Deus – que são verdadeiramente *o sal da terra e luz do mundo* –, o ouvir sua conversação celestial e ver seus admiráveis exemplos é um dos meios mais poderosos para incendiar os corações no santo amor divino. Frequentar a comunicação de tais almas é participar de suas luzes e mesmo do ardor de sua caridade. Suas palavras são palavras de vida eterna, palavras do próprio Deus, que se digna falar por seus lábios, e o perfume de Cristo, que suas virtudes exalam, preserva a muitos da corrupção do mundo[547]. E como o próprio Salvador prometeu estar com os que em seu nome se congregam, daí a grande importância que têm as santas

547 Cf. Santa Maria Madalena de Pazzi, 3ª p., c. 5; *supra*, prol. – De Santa Catarina de Sena, escreve o Beato Raimundo de Cápua (*Prol.* 1) que "eram suas palavras como tochas acessas, e nem um só havia que, ouvindo aquele falar abrasado, não sentisse seus efeitos... Nunca alguém se aproximou para ouvi-lo, ainda que fosse com má intenção de zombar dele, que não voltasse mais ou menos compungido e emendado".

conversações e as amizades piedosas, para se animarem e iluminarem mutuamente os servos de Deus. Hoje, sobretudo, quando tudo espalha o veneno da propaganda ímpia, e por todas as partes se infiltram as deletérias influências mundanas ou satânicas, esse é um dos meios mais eficazes para atrair de novo para Deus muitas almas extraviadas, acender seu amor nas tíbias e perseverar da tibieza e de muitos perigos as boas e fervorosas. Isso pode suprir nos particulares a escassez ou carestia da *palavra de Deus* quando são muito raros os que a pregam com o verdadeiro espírito. Mas se o pregador está cheio de santo zelo e de unção evangélica, sua *missão* dará novo realce e vigor à sua palavra santa, e assim o ministério da pregação é um meio poderosíssimo – e mesmo indispensável na Igreja – para o geral aproveitamento.

Mas a falta dessa *palavra viva* – seja *ministerial* ou *carismática* de pessoas santas – a podem suprir, enquanto cabe, as almas desejosas da perfeição, com piedosas leituras que respirem unção e santidade, onde aprendem o bom caminho, descobrem os enganos do tentador e reconhecem as próprias faltas e negligências, ao mesmo tempo que se enchem de santos pensamentos que as preservam dos vãos e perigosos, e recebem as luzes e inspirações que completam as da oração e meditação. Por isso, a oração e a leitura espiritual se apoiam mutuamente e são como as duas asas com que a alma pode se elevar até Deus[548].

§ III. – O CRESCIMENTO COLETIVO E AS FUNÇÕES SACRAMENTAIS. – OFÍCIO DE CADA SACRAMENTO: IMPORTÂNCIA DA EUCARISTIA E DA PENITÊNCIA NO PROGRESSO ESPIRITUAL; O SACRAMENTO E A VIRTUDE DA PENITÊNCIA: A DIREÇÃO DO CONFESSOR E DAS PESSOAS ESPIRITUAIS. – OS SACRAMENTAIS; O OFÍCIO DIVINO; O CULTO DOS SANTOS E A MEDIAÇÃO DA VIRGEM; OS TESOUROS DA IGREJA E SUA ONIPOTÊNCIA SANTIFICADORA.

Aparte dos referidos meios de adquirir o aumento da graça pelo espírito da caridade com que cada um os pratica e se põe em comunicação direta

548 Cf. São João da Cruz (*Llama de amor* canc. 3, v. 3, §§ 7-9).

com Deus, estão aqueles que a Santa Igreja tem para difundir a vida por todos os membros de Cristo, fazendo-a partir desta divina Cabeça através dos órgãos hierárquicos. E esses meios, não só pelo espírito com que se utilizam, senão por razão da própria obra feita – *ex opere operato* – conferem a graça ou a aumentam, embora por causas involuntárias falte a devoção e mesmo a intenção atual. Tais são os sacramentos, canais divino-humanos ou artérias vivas por onde, por impulso da caridade do Espírito Santo, circula o Sangue do Redentor para reanimar, purificar, revigorar, curar ou vivificar os diversos membros que não opõem resistência. As funções sacramentais consagram e santificam toda a vida individual e social dos bons cristãos.

Entre todos os sacramentos, os mais indispensáveis para cada um dos fiéis em particular são o *Batismo, para começar a vida espiritual*, e a *Eucaristia, para aperfeiçoá-la e completá-la*, conforme ensina o Doutor Angélico[549]; aquele tem por objeto direto dar-nos a vida e não o aumento dela; fazer-nos *nascer*, não *crescer*; estabelecer os laços que nos unem com Jesus Cristo, e não estreitá-los; embora, *per accidens*, conferido a um catecúmeno que esteja em graça, se lhe aumenta. Mas a Eucaristia tem por objeto próprio conservar a graça e aumentá-la. E por isso, "se não recebemos este alimento espiritual, onde se come a Carne e se bebe o Sangue do Filho de Deus, não podemos viver espiritualmente" (Jo 6, 54). Quão lamentável é que tantos cristãos tardem anos e anos a recebê-Lo ou O recebam raríssimas vezes, quando sem Ele é impossível conservar por muito tempo a vida... Ainda está quase de moda considerar a Comunhão das crianças como o *coroamento* de toda sua educação e formação religiosa, devendo ser o *princípio* e o *meio* mais a propósito para fomentá-la. Se reveste, sim, de grande solenidade o ato da primeira Comunhão, mas se lhe dá um significado muito diferente do que lhe corresponde. Devendo ser a introdução a uma vida nova, totalmente *divina*, vem a ser como a "apresentação da criança à sociedade", isto é, sua introdução real na vida *mundana*, onde esquecerá as poucas práticas religiosas que até então tinha.

549 3ª p., q. 79, a. 1.

A Eucaristia é o sacramento mais indispensável depois do Batismo. A própria Penitência, ao ser tão proveitosa, não é totalmente necessária a quem não tenha cometido faltas graves. Tampouco o é absolutamente, enquanto não ameacem perigos extraordinários, a Confirmação, que nos sela como soldados de Cristo para poder confessá-lo em nome da Igreja, apesar da grande importância que têm os carismas que a esse místico *selo* acompanham. Mas sim é *nos alimentarmos* para viver e crescer. Aquela, uma vez recebida, imprime em nós um *caráter militar* que há de durar para sempre; mas a alimentação espiritual deve ser contínua e, até podemos acrescentar, cada vez mais copiosa. Ambos sacramentos nos robustecem, mas não do mesmo modo. "A Confirmação, diz Santo Tomás (l. c. ad 1), aumenta em nós a graça para nos fortalecer contra os inimigos exteriores de Cristo; enquanto que, na Eucaristia, o aumento da graça e da vida espiritual tende a fazer o homem perfeito em si mesmo por uma união cada vez mais íntima com Deus". Os demais sacramentos conferem uma graça especial: essa, na Penitência, é *reparadora, curadora, medicinal ou revivificadora*; e na Extrema-unção – último e supremo remédio contra as doenças e fraquezas espirituais – *lenitiva e confortadora*, ao mesmo tempo que *purificadora*... Só na Comunhão é por si mesma *aumentativa e unitiva*. Os outros dois sacramentos se ordenam à vida social da Igreja: o Matrimônio confere aos contraentes a graça necessária para que sua união seja fiel, santa e frutuosa, à imagem da de Jesus Cristo com sua Igreja, e a Ordem consagra os ministros de Deus como órgãos dispensadores de seus sagrados mistérios e distribuidores de suas graças (I Cor 4, 1), proporcionado assim a perpetuidade destas funções do Corpo místico e conferindo uma graça muito especial para que se desempenhem digna e santamente. Esse sacramento não pode ser reiterado, pelo motivo mesmo que imprime *caráter*. Tampouco o Matrimônio, enquanto não se rompa o vínculo pela morte de um dos cônjuges, nem a Extrema-unção, enquanto não ocorra uma nova enfermidade grave, ou na mesma não se reproduza um novo perigo extraordinário.

Só a Penitência e a Eucaristia são reiteráveis ao nosso arbítrio; e assim são os dois sacramentos que diretamente se ordenam ao nosso progresso espiritual, e os dois meios mais eficazes para fomentá-lo com as especialís-

simas graças que conferem, um purificando e curando e o outro alimentado, fortalecendo e fazendo crescer na caridade e na união deífica[550]. "A Eucaristia, diz Suárez, tem um caráter próprio que não convém a nenhum dos outros sacramentos, que é se dirigir diretamente a nutrir a caridade para que cresça e nos una mais intimamente com Deus. Cada um dos outros tem seu fim especial, em vista do qual confere auxílios particulares com um aumento de graça; mas ela se ordena diretamente a completar a união dos fiéis com Cristo e seu Corpo"[551]. "É, dizia São Boaventura[552], o *sacramento da união*: seu primeiro efeito é *unir*, não produzindo a primeira união, mas estreitando a já contraída". "O efeito da Eucaristia, ensinava o Concílio Florentino[553], é unir os homens com Jesus Cristo. E posto que a graça é a que com Ele nos incorpora e nos une aos seus membros, daí que esse sacramento produza em nós um aumento de graça e virtudes".

Se, pois, a vida da graça se recebe com o Batismo, e se corrobora na Confirmação, com a Eucaristia se conserva, desenvolve-se e se aperfeiçoa, e assim nela está, com diz Santo Tomás, o *complemento da vida espiritual*. E posto que é o Pão desta vida divina, todos os efeitos que o alimento ordinário

---

550 "Chama-se graça sacramental, diz Lallemant (*Doctr.* pr. 5, c. 3 a. 1), o direito que cada sacramento nos dá a receber de Deus certos auxílios que conservam na alma o respectivo efeito. Assim, a do batismo é um direito a receber as luzes e inspirações necessárias para levar uma vida sobrenatural, como membros de Jesus Cristo, animados pelo Espírito Santo. A da confirmação é um direito a receber fortaleza e constância para lutar contra nossos inimigos como soldados de Jesus Cristo, e alcançar deles gloriosas vitórias. A da penitência se dá a nós para receber um aumento de pureza de coração. A da comunhão para receber auxílios mais abundantes e eficazes para nos unirmos a Deus com amor fervoroso. Cada vez que nos confessamos e comungamos em bom estado, crescem em nós essas graças sacramentais e os dons do Espírito Santo; se não se vêem seus efeitos em nossa conduta é por causa de nossas paixões não mortificadas, de nossos apegos, de nossos afetos desordenados e de nossos defeitos habitais..., com que temos aprisionados esses dons e graças, sem deixá-los produzir seus próprios frutos... A culpa está em não entrarmos em nós mesmos para reconhecer nosso estado interior e corrigir nossas próprias desordens".

551 Suárez, *De Euchar.* d. 63, s. 1.

552 *In IV* d. 12, a. 1, q. 2.

553 *Decret. pro Armenis.*

produz na natural – que são *nutrir*, *ampliar*, *reparar* e *deleitar* – ela os produz na espiritual, segundo ensinou, com nosso santo Doutor, o citado Concílio.

E nada estranho, pois o próprio Salvador o afirmou terminantemente ao dizer: *Minha carne verdadeiramente é comida, e meu sangue bebida*. O notável é que só esse seja designado de um modo expresso no Evangelho como sacramento de *vida*, e isso com uma insistência que não pode carecer de mistério. "Eu sou, diz Jesus (Jo 6, 51-58), o pão *vivo*, que desceu do céu. Se alguém como desse pão, *viverá* eternamente; o pão que eu darei para *vida* do mundo é minha carne... Se não comeis a carne do Filho do homem e não bebeis o seu sangue, não tereis *vida* em vós; quem come minha carne e bebe meu sangue tem *vida eterna*, e eu o *ressuscitarei* no último dia... *Assim como me enviou o Pai vivo, e eu vivo pelo Pai, assim aquele que me come viverá por mim*".

"Todo a gênese da vida sobrenatural, adverte Bellamy[554], está contida nestas últimas palavras, assombrosamente profundas. Deus Pai, que é o Vivo por excelência, *Pater vivens*, é o manancial infinito dessa vida, e a comunica em sua plenitude soberana ao Verbo e com Ele ao Espírito Santo, que vivem eternamente da mesma vida do Pai. Na Encarnação, a vida divina corre, por assim dizer, do seio da adorável Trindade para se derramar na Humanidade de Jesus Cristo em toda a abundância possível: *Et ego vivo propter Patrem*. E dessa augusta fonte, derivada da infinita, é de onde brotam para nossa alma, quando comungamos, torrentes de vida sobrenatural: *qui manducat me, et ipse vivet propter me*. Assim é como chega até nos em linha reta, desde as inacessíveis alturas da Santíssima Trindade, por intermédio do Verbo Encarnado, sempre presente na Eucaristia, a vida da graça. A Comunhão é, pois, *o sacramento da vida*, da própria vida de Deus, misteriosamente comunicada à vida humana"[555].

---

554 P. 220 ss.

555 "Eam sempiternam vitam atque divinam quam Deus natura sua habet, Christus, ut homo, per coniunctionem cum divinitate hypostaticam habuit, per quam quaecumque Dei erant, in humanam naturam derivata sunt: nos vero per eam coniunctionem habemus qua, sumpto corpore et sanguine Christi, cum eo unum quiddam efficimur. Sicut enim per unionem illam hypostaticam fit, ut vita

A Eucaristia tem, pois, uma virtude especial para nos comunicar a vida divina. É verdade que essa é idêntica, de qualquer modo que a recebamos, pois sempre consiste em participar da divina natureza e nos assimilar com Deus; mas como aqui a alma se acerca de um modo tão íntimo ao divino Modelo, é justo supor que receba no fundo de sua substância uma impressão mais clara da Divindade. Uma mesma é a vida que recebemos no Batismo, com que renascemos em Deus, e na Eucaristia onde crescemos, porque em ambos sacramentos Deus nos comunica algo de sua própria natureza; mas há entre eles a diferença de que um é o simples começo dessa vida, enquanto que o outro é seu desenvolvimento. No primeiro se recebe a vida da criança; no segundo, a do homem adulto, destinada a progredir incessantemente, porque em si mesma não conhece nem declinação nem desfalecimento. Como fonte eterna de juventude e de maturidade, a Eucaristia é o coroamento da vida sobrenatural[556].

Mas a privação involuntária da Comunhão sacramental, ou o não poder recebê-la quantas vezes desejamos, supre-se em grande parte com a *espiritual*, que se pode renovar a todos os momentos, e que, pelo amor com que se faz e as ânsias que mostra de receber realmente o Pão da vida, produz um grande aumento de graça[557].

Não só necessitamos *crescer*, mas estamos obrigados a nos *renovarmos* dia a dia, *purificando-nos* de nossas imperfeições, lavando-nos das manchas

---

illa divina et feliciter immortalis humanae Christi naturae facta sit, sic per coniunctionem nostram cum corpore eius efficitur nostra" (Maldonat., *In Ioan.* 6, 58).

556 "Per Baptismum datur primus actus vitae spiritualis..., sed per Eucharistiam datur complementum spiritualis vitae" (Santo Tomás, 4 *Sent* d. 8, q. 1, a. 2; q. 5, a. 2).

557 "Não te retires, disse uma vez o Senhor à Ven. Micaela Aguirre, que me impedes meus deleites, e tenhos poucos em quem descansar" (Cf. *Vida*, pelo V. Pozo, l. 3, c. 12). – Estando uma vez para comungar a Ven. Mariana de Jesus, e não se atrevendo em vista de sua indignidade e baixeja, dizia amorosamente: "Meu Senhor, muito mais limpo e belo é esse sacrário em que estais". Mas o Senhor lhe respondeu: *Não me ama.* "Do qual, acrescenta ela, entendi o quanto mais gosta de ter teu aposento em nossas almas do que no ouro, na prata, ou em pedras preciosas, que são criaturas mortas, e não capazes de teu amor".(Cf. *Vida*, por Salvador, l. 2, c. 3).

Veja-se também: Beato Henrique de Suso (*Eterna Sabedoria*, c. 26 e 27).

que contraímos, curando nossas doenças espirituais, e nos revivificando em seguida, se tivermos a imensa infelicidade de perder a vida da graça: e tudo isso se alcança pelo sacramento da Penitência. Como ninguém, sem um privilégio singularíssimo como o da Virgem, pode passar a vida sem que se pegue nele o pó terreno e sem viciar-se com muitos defeitos veniais, pelo menos inadvertidos, daí a grande importância que vai tendo cada vez mais na Igreja esse sacramento que, depois da Comunhão, é o principal meio que podem empregar as almas para fomentar, direta ou indiretamente, seu progresso espiritual, tirando os obstáculos da graça e aumentando-a, pelo menos em seu aspecto *medicinal*, com que nos fazemos mais firmes para não cair em novas faltas e mais vigorosos para excluir os gérmens do pecado; pois, recebida em graça, a absolvição sacramental acrescenta a vida, ao mesmo tempo que cura, purifica e revigora. Verdade é que esse sacramento se pode suprir em grande parte (como foi suprido nos primeiros séculos da Igreja, enquanto regia a disciplina da "exomologesis pública e única") com a freqüência da Eucaristia e a *virtude* da Penitência[558]. Essa sempre é indispensável para corrigir todas as nossas faltas tão logo as advirtamos, sem aguardar pelo dia de receber a absolvição. Mas com essa última se corrigem as deficiências daquela, e assim a simples *atrição* se converte em *contrição*, e a própria satisfação adquire um valor muito maior, revestindo a eficácia sacramental. Por isso as almas devotas, não contentes com fazer diariamente o exame geral de sua consciência – com o particular da falta que mais as domina e lhes importa corrigir – e se impor em *satisfação* muitas penitências e privações para castigarem a si mesmas e se corrigirem (todos os quais são meios poderosos de adiantamento), buscam se purificar na confissão de suas culpas, pelo menos todas as semanas, tendo confessor. E como esse é quem ao mesmo tempo costuma fazer de diretor e regulador das penitências privadas, daí a necessidade que hoje tem de estar muito acostumado com a ciência dos caminhos de Deus[559].

558 Cf. supra, l. 1, c. 3, a. 2, § 1.
559 Cf. Santo Afonso Maria de Ligório, *Práctica del Conf.* 4.

Mas quando as almas espirituais não encontram um bom sacerdote que, com a absolvição, saiba lhes dar – como ministro oficial da Igreja – o pão da doutrina salutar, farão muito bem em buscá-la em qualquer pessoa em que a encontrem, seja do estado e condição que for; que em pessoas de todos os estados, sexos e idades encontraram almas muito grandes – e mesmo sábios teólogos e insignes prelados – uma excelente direção que em outras partes não acharam; assim pode se ver nas vidas de Santa Catarina de Sena, Santa Brígida, Santa Ângela de Foligno, Santa Catarina de Ricci, Santa Teresa, Beata Hosana de Mántua..., e nas Veneráveis Mariana de Escobar, Micaela Aguirre, Maria de Agreda etc.

Depois dos sacramentos vêm os *sacramentais*, que ordenam ou preparam com respeito a eles, e o uso de todas as coisas que a Igreja consagra para fomentar a piedade cristã e a santificação e purificação dos fiéis, e para estreitar a relação dos membros das três igrejas. Entre essas coisas, figura o devoto uso da água benta, que, recebida com verdadeiro espírito, tanta importância tem para nos purificar e perseverar das infestações diabólicas; a recitação do *Pai Nosso*, a confissão geral, a benção sacerdotal, o ouvir a divina Palavra, as indulgências, o culto dos santos gloriosos, os sufrágios pelas almas do purgatório, as devoções aprovadas (entre as quais, por sua eficácia e sua universalidade, merece um singular apreço a do Santíssimo Rosário), e, sobretudo, depois do Sacrossanto Sacrifício – oferecido pelos vivos e defuntos – o *ofício* que por excelência se chama *divino*, porque é próprio dos anjos e dos filhos de Deus estar em contínuo louvor ao Pai celestial, a Jesus Cristo nosso Redentor e ao Espírito vivificador.

A Igreja, como animada por esse divino Espírito, quer que dia e noite haja almas consagradas a bendizer e louvar o Pai das misericórdias e o Salvador dos homens, para que nunca falte quem oficialmente ore por tantos que vivem descuidados de sua salvação eterna e esquecidos dos benefícios divinos. Ai deles, se não tivesse quem com suas orações contínuas as amparasse!... Essas almas assim escolhidas têm por *ofício* próprio e dever principal ocupar-se dos divinos louvores, e para esse fim, e para que não se misturem em outros cuidados e negócios, recebem dos demais fiéis as esmolam necessárias para seu sustento, para que também elas sustentem

a todos com suas orações e sacrifícios. E a essas almas que assim – com *oração oficial* – oram em representação da Igreja, associam-se muito cordialmente todos os fiéis de verdadeiro espírito; os quais, enquanto suas ocupações lhes permitem, sempre preferiram a todas as suas devoçõezinhas privadas – que facilmente degeneram em sentimentalismos vãos – tomar parte nas do culto público da Santa Igreja, assistindo os divinos ofícios. Nesses mesmos, figura o culto e devoção aos santos, a quem devemos horar e venerar como amigos de Deus já deificados e conglorificados com Jesus Cristo. A eles, devemos tomar por intercessores sobretudo quando vejamos fechados outros caminhos; porque o próprio Salvador assim o deseja para a honra deles e proveito nosso: *Onde Eu estou*, diz (Jo 12, 26), *ali estarão meus ministros*, os quais faz participantes da mesma claridade que Ele recebe do Pai[560].

Nesse culto, sobressai como indispensável a todos os fiéis, o da gloriosa Mãe de Deus e Mãe nossa, "Mãe da graça e da misericórdia". Como Co-Redentora associada ao Redentor da Encarnação até a Ascensão, e do presépio até o Calvário, é canal de todas as graças e dispensadora de todos os tesouros divinos[561], e como fiel "Esposa do Espírito Santo", com Ele coopera em toda a obra de nossa renovação e santificação[562]. "Nela está toda a graça da *Via* e a *Verdade*, nela toda esperança de *vida* e de *virtude*. Aquele que a achar propícia alcançará a vida e a salvação, e todos aqueles que a aborrecem, amam a morte" (Eclo 24, 25; Prov 8, 35-36). Ela é o *trono da Sabedoria*, e, como *cheia* que está *de graça*, pode fazer participar todos nós de sua plenitude. Por isso, a verdadeira devoção à Virgem – que consiste em honrá-la de coração e imitá-la de verdade – é um dos mais certos sinais

---

560 Devemos venerar os santos, diz Santo Tomás (3ª p., q. 25, a. 6), "tamquam membra Christi, Dei filios et amicos, et nostros intercessores". E devemos venerar também seus corpos, "quae fuerunt templa et organa Spiritus Sancti in eis habitantis et operantis, et sunt corpori Christi configuranda per gloriosam resurrectionem".

561 "Sabei, filhos meus, e acreditai em mim, dizia São Felipe Neri, eu sei que não há meio mais podeoroso para alcançar a graça de Deus que a Santíssima Virgem".

562 Veja-se nosso opúsculo *Misión cosantificadora de María* (Memória ao Congresso Mariano Montfortiano de Barcelona), reproduzido no *La verdadera* mística tradicional, apêndice.

de predestinação (Eclo 24, 31). Sem essa mediação é muito difícil, se não impossível, salvar-se, já que, no Corpo místico da Igreja, Maria é como o pescoço que une a Cabeça com todos os membros e lhes faz chegar todos os divinos influxos[563].

Assim é como os maiores santos se distinguiram sempre por essa terna e filial devoção à Santíssima Virgem, e não há alma que marche segura pelos caminhos da virtude e chegue à mística união sem estar sob o amparo daquela única *Imaculada*, atrás da qual vão todas as virgens para apresentar-se ao Rei da glória.

Aparte desses mais indispensáveis, a Igreja, em sua onipotência santificadora, tem outros mutíssimos meios de favorecer o progresso geral e particular de todo o Corpo místico e de cada um de seus órgãos, e os vai rodeando e adaptando oportunamente para empregar os mais apropriados à condição dos tempos e necessidades das almas, entoando sempre a Deus um *cântico novo*. Já dissemos o suficiente sobre o progresso geral das devo-

---

563 Por isso, numa exposição completa da perfeição cristã, segundo observa o Pe. Weiss (*Apol.* t. 10, conf. 23, n. 3), é totalmente indispensável falar de Maria, como o é falar de Jesus Cristo; porque, à semelhança d'Ele, "é para nós muito mais que um modelo acabado de virtudes. Como Mãe da fonte de toda graça, e assim a chama a Ladainha, é verdadeiramente a Mãe da graça divina. Do mesmo modo que sem ela não podíamos possuir o Dono da graça, assim tampouco recebemos a graça senão por ela. Deliberadamente, dizemos *por* ela e não *sem* ela, porque não só com sua intenção nos busca a graça, mas na realidade por sua mão recebemos todas as graças que para nós mereceu o Redentor. Assim como ela foi o canal por onde chegou a nós Jesus Cristo em forma humana, para realizar a obra da Redenção, assim também é a via por onde nos chegam os frutos dessa obra (S. Alberto Magno, *De laudibus B. Mar.* 9, 15; S. Bernardo, *Nativ. Mar.* n. 4; Pedro de Celle, *De panibus*, c. 12). Maria é a intendente e dispensadora de tudo o que pertence à família divina. Ela tem a chave de todos os tesouros da casa de Deus (S. Bernardo, *Anunciat.* 3, 7; S. Alberto Magno, l. c., 10, 17). Ora, as graças constituem esses tesouros, e não lhe foram confiados para que ela sozinha deles aproveite; se está cheia de graça, é também para nós. Assim como um esposo se compraz em honrar sua esposa, fazendo passar por suas mãos os benefícios que quer dispensar, assim procede também com Maria, sua esposa sem mancha, o Espírito Santo, distribuidor das graças. Jesus Cristo é a fonte delas, Maria o depósito, ao qual dirige o Espírito Santo os córregos que emanam das chagas do Salvador, a fim de que todos possam viver dele (Agreda, *Mist. Ciud.* 1, n. 600, 603). Assim, pois, quem pedir graças a Deus, deve se dirigir a Maria, pois por meio dela obtemos o que recebemos d'Ele (S. Bernardo, *Nativ. Mar.* n. 7-8).

ções[564], e não temos por que insistir. Só insistiremos agora sobre a divina Eucaristia, cuja eficácia sempre é nova e cuja importância na vida espiritual aumenta continuamente, em vez de diminuir.

§ IV. – SINGULAR IMPORTÂNCIA DA EUCARISTIA PARA AUMENTAR A VIDA ESPIRITUAL E PRODUZIR A UNIÃO E TRANSFORMAÇÃO. – SEU PODER COMO SACRAMENTO DE AMOR E COMO ALIMENTO DA ALMA; A INCORPORAÇÃO EUCARÍSTICA E O MATRIMÔNIO ESPIRITUAL; TOTAL ENTREGA DE JESUS ÀS ALMAS; CORRESPONDÊNCIA DOS SANTOS: UNIÃO MAIS ESTREITA COM O PAI, COM O ESPÍRITO SANTO E COM A MÃE DO BELO AMOR. – FRUTOS DA EUCARISTIA NA ALMA E NO CORPO.

Pela Eucaristia, sacramento dos sacramentos, alimentamo-nos de Jesus Cristo, crescemos n'Ele, vivemos de sua própria vida, e nos unimos com Ele até o ponto de nos fazer uma só coisa e ficar assim n'Ele transformados.

Para crescer como filhos de Deus, necessitamos um alimento divino. Esse, absolutamente – se não fosse por nossa fraqueza nativa – poderia consistir simplesmente em *fazer a vontade do Pai, para completar sua obra* (Jo 4, 34). Mas como somos tão débeis e negligentes em cumpri-la, devemos corroborar nossa fraqueza e reparar as perdas revestindo-nos fisicamente da fortaleza do Verbo, e isso o fazemos *comendo sua Carne e bebendo seu Sangue*, sem o qual não *podemos conservar a vida* (Jo 6, 54)[565]. Mas com esse divino alimento nos fazemos tão vigorosos, que podemos chegar *até o monte santo de Deus e viver eternamente.* Com só receber seu Corpo, recebemos ao mesmo tempo seu Sangue, sua Alma, sua própria Divindade e, em suma, a Jesus Cristo todo, tal como é, e assim se une e incorpora conosco, ou melhor dizendo, consigo nos une e incorpora, assimilando-nos e transformando-nos

---

564 L. 1, c. 2.

565 "O Verbo, exclama Clemente de Alexandria (*Pedagog.* l. 1, c. 6), é tudo para o infante que gerou; é pai, mãe, preceptor e nutriz. *Comei minha Carne*, diz Ele, e *bebei meu Sangue*. O Senhor nos oferece esse alimento adaptado à nossa condição, de tal modo que nada nos falte para nosso crescimento... Ele só dispensa aos filhos o leite do amor. Ditoso mil vezes quem é criado nestes peitos divinos".

por completo. "Ao próprio Deus e Homem verdadeiro comemos e bebemos, dizia Santo Efrém, e n'Ele ficamos absorvidos para viver d'Ele: *Te, Domine, comedimus, Te bibimus, non ut consumamus Te, sed ut per Te vivamus*"[566].

Assim, como alimento da alma, a Eucaristia supõe a vida espiritual: os *mortos* não comem ; e o alimento neles ingerido, longe de vivificar, aceleraria a corrupção. Isso é o que acontece com quem se atreve a comungar em pecado: *Iudicium sibi manducat...* No entanto, se o faz de boa-fé, crendo-se em graça e tendo sincera dor de todas as suas culpas, esse sacramento de amor, não achando obstáculos de afeto ao pecado, trocará a atrição em contrição, causará um verdadeiro amor filial, e com ele, a vida; de modo que, estando por si mesmo destinado a aumentar a graça, pode também *per accidens*, produzi-la. Que é sacramento de vida, ordenado diretamente a conservá-la e aumentá-la, isso o diz sua própria instituição; onde aparece como *Pão vivo* descido do céu para dar vida eterna (Jo 6, 48-58). Com tal insistência o apresenta assim o Salvador, que não se cansa de repetir essa idéia capital, como a mais própria desse sacramento. Se também os outros podem manter e aumentar a graça, é como de uma maneira indireta, enquanto esse tem por objeto primário nos dar um aumento de vida e promover nosso progresso íntimo. Porque "a carne de Jesus Cristo, como diz São Cirilo[567], não só é viva, senão *vivificadora*". É fonte de vida, e assim, unindo-nos

---

566 Maravilhas desse sacramento. – "Este é, diz o Ven. Granada (*Oración y Consider*. 1ª p., c. 10, § 1) aquele altíssimo Sacramento no qual é Deus recebido corporalmente, não para que Ele se mude nos homens, mas para que os homens se mudem n'Ele. Assim como pela virtude das palavras da consagração, o que era pão se converte em substância de Cristo, assim por virtude dessa Sagrada Comunhão, o que era homem vem, por uma maravilhosa maneira, a se transformar espiritualmente em Deus. Ó, maravilhoso sacramento!... Tu és vida de nossas almas, medicina de nossas chagas, consolo de nossos trabalhos, memorial de Jesus Cristo, testemunho de seu amor, mandato preciosíssimo de seu testamento, companhia de nossa peregrinação, alegria de nosso desterro, brasa para acender no fogo do amor divino, meio para receber a graça, penhor da bem-aventurança e tesouro da vida cristã. Com esse manjar a alma é unida com seu Esposo, com ele ilumina-se o entendimento, desperta-se a memória, enamora-se a vontade, deleita-se o gosto interior, aumenta-se a devoção, derrete-se as entranhas, abre-se as fontes das lágrimas, adormecem-se as paixões, despertam-se os bons desejos, fortalece-se nossa fraqueza e toma com ele alento para caminhar até o monte de Deus".

567 L. 4 *Contra Nestor.*

materialmente com ela, podemos receber as torrentes de sua plenitude[568]. Aqui é onde "com sumo gozo se recolhem as águas que emanam das fontes do Salvador" (Is 12, 3)[569].

Aumentando a vida da graça, aumenta a caridade e a união com Deus e se estreitam os laços que nos ligam com nossa divina Cabeça e com os demais membros do Corpo místico, na unidade do Espírito. E posto que os sacramentos fazem o que significam, e esse, oferecendo-se em forma de alimento, simboliza a *união* dos fiéis, daí que a produza de um modo análogo, embora na ordem inversa daquela do alimento ordinário que é convertido em nossa própria substância. *Quem come minha carne e bebe o meu sangue*, diz o Senhor (Jo 6, 57), *permanece em Mim e Eu nele*. O sinal de que um homem come de verdade o corpo do Salvador, observa Santo Agostinho[570], é se habita e mora em Cristo, e Cristo nele: *Si manet et manetur; si habitat et inhabitatur*. E se a união e inhabitação corporal é transitória, a espiritual

---

568 Se todos os sacramentos, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 10, conf. 16), são fontes de graça, o mais sublime de todos é, sem dúvida alguma, aquele que contém o autor e doador da própria graça. Por esse sacramento nos convertemos num só corpo com Ele (S. Cirilo de Jerusalém, *Cat.* 22, 3; S. João Crisóstomo, *Hebr. hom.* 6, 2). Por tão íntima comunicação circula Ele por nossos corações como torrente de fogo, não para se consumir, senão para nos atrair para Ele e nos transformar n'Ele (S. Gertrudes, *Leg. div. piet.* 3, 26). Porque não mudamos este alimento em nós, como acontece com o ordinário, mas Ele nos muda em Si mesmo".

569 Como é fonte de bênçãos. – "Fez-me ver o Senhor, escrevia Santa Maria Micaela do Santíssimo Sacramento, fundadora das Irmãs Adoradoras Escravas do Santíssimo Sacramento e da Caridade, as grandes e especiais graças que dos sacrários derrama sobre toda a terra, e ademais sobre cada indivíduo segundo a disposição de cada um... Fez-me compreender de um modo admirável como participava toda a terra dessa influência, e como se aproxima mais aquele que melhor se dispõe para recebê-la. Vi como uma gradação a influência de vilarejos a vilarejos e cidades, até chegar nas suas igrejas e nos seus sacrários; até quando O tiram para os enfermos vai como derramando pérolas preciosas de benefícios; e se se vissem correria o povo para aspirar aquele ambiente... Sim, eu vi, sem que fique dúvidas, a torrente de graças que o Senhor derrama naquele que Lhe recebe com fé e amor como se derramasse pedras preciosas de todas as cores de virtudes, conforme cada um as necessita, quer e pede ao Senhor... Deste modo, renovou-se o desejo de trabalhar para as igrejas pobres, e ter alguma parte nelas, para que esteja o culto do Senhor com mais decência e decoro" (Cf. *Vida*, pelo Pe. Câmara, l. 3, c. 26).

Veja-se também: Hettinger, *Apologia del Cristianismo*, conf. 32.

570 *In Ioan.* tr. 27, n. 1.

a que vai ordenada deve ser perpétua. Jesus, diz Bossuet[571], vem aos nossos corpos para se unir às nossas almas. O que antes de tudo busca são os corações, e quando esses não se entregam a Ele plenamente, fazem-Lhe violência: *Vis infertur corpori et sanguini*, como dizia São Cipriano[572], e Ele é obrigado a conter o impetuoso rio de graças com que quer nos inundar.

Esse sacramento é obra daquele prodigioso amor com que Jesus *nos amou até o extremo*, e com que trouxe para Si todas as coisas para divinizá-las[573]. Pois o amor, como diz São Dionísio[574], é essencialmente *unitivo*. Por isso, no sermão da ceia pediu o Salvador e exigiu com tanta insistência a perfeita união dos fiéis entre si e com Ele (Jo 17, 10-23). São Paulo o recorda muito bem quando diz (I Cor 10, 16-17) *que somos um mesmo corpo nós todos que participamos de um mesmo pão*. E por isso o Concílio Tridentino[575] chama a Eucaristia "emblema da união do Corpo místico, sinal de unidade, laço de caridade e símbolo de paz e concórdia"[576]. Assim, é um baquete de união familiaríssima, onde só podem tomar parte os íntimos amigos: *Comedite*

---

571 *Serm.* 1 *Nat. S. V.*

572 L. *De lapsis.*

573 "Fazendo-se homem e tomando seu posto na Criação, o Verbo de Deus, diz Hettinger (*Apol.* conf. 32), glorificou e deificou todas as criaturas... No homem, a matéria foi elevada à vida do espírito e em Cristo toda a criação é elevada à vida de Deus e a humanidade colocada no trono divino. E o que se verificou na Cabeça pela Encarnação deve continuar-se, completar-se e estender-se, pelo baquete sagrado, a todos os membros do Corpo num círculo cada vez mais vasto, a fim de que todos voltem a Deus por esse Mediador, e sejam uma mesma coisa com Ele e desfrutem de sua glória. Estava já unido à natureza humana de um modo muito íntimo, qual só sua sabedoria era capaz de inventar, seu amor de desejar e sua onipotência de realizar; agora se une a cada membro da humanidade de uma maneira tão perfeita no mistério da Eucaristia, que só Ele podia conceber a idéia de semelhante união. Essa união, essa penetração mútua, essa fusão do homem com Jesus Cristo é tão íntima, tão inefável, que só se pode comparar com a união do Pai Eterno com seu Filho único, segundo testemunho do próprio Senhor... Na Encarnação elevou a Deus todo o gênero humano, no baquete sagrado se apodera individualmente de cada homem para transportá-lo ao seio de Deus".

574 *De div. nomin.* c. 4.

575 S. 13, c. 8.

576 "O Santíssimo Sacramento é o laço divino-humano, visível e invisível, que une todos os membros da Igreja com Jesus Cristo e entre si; é, no Corpo da Igreja, o *coração* que dá impulso à vida sobrenatural e faz circular as ondas de salvação por todos os membros" (Hettinger, l. c.).

amici..., et inebriamini charissimi (Ct 5, 1). Os primeiros convidados foram os Apóstolos quando já mereciam o nome de *amigos*, conhecedores dos segredos de Deus (Jo 15, 14-15). E, mesmo assim, o Senhor quis lavar seus pés, como para lhes indicar a extrema pureza de vida que esse convite exige. Ninguém, sob pena de condenação, pode se apresentar a ele sem o vestido nupcial da caridade (Mt 22, 11-13). Os manchados são excluídos do banquete das bodas do Cordeiro (Ap 19, 9; 22, 15). Mas aqueles que com limpeza de alma e decoro de virtudes assistem com freqüência a esse convite divino, crescem maravilhosamente em união de caridade. Enquanto os primeiros discípulos "perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na oração e na comum *fração do pão*, como diz São Lucas (At 2, 42-46; 4, 32), *tinham uma só alma e um só coração.*

Mas não se contenta em produzir essa *união de conformidade*: produz pouco a pouco uma total *transformação* das almas em Jesus Cristo. Pois precisamente para produzir essa transformação vem Ele aqui em forma de *alimento*; só que, como divino, esse é mais forte que nós, e nos transforma nele, em vez de se transformar em nossa própria substância. Assim prometeu a Santo Agostinho, quando lhe dizia[577]: "Sou o manjar dos grandes: cresça e me comerás. Mas não me mudarás em ti, como acontece ao manjar de teu corpo, senão que tu te mudarás em Mim". "Como este Pão celestial excede incomparavelmente em virtude a quem o recebe, dizia Santo Alberto Magno[578], muda-os em si mesmo". "A participação do Corpo e Sangue de Cristo, ensinava São Leão[579], não faz outra coisa senão que venhamos a ser esse mesmo que recebemos". "Quem com pureza se acerca do divino convite, dizia São Dionísio[580], consegue, com sua participação, ficar transformado na Divindade". "O efeito próprio deste sacramento, observa por sua vez Santo Tomás[581], é a conversão do homem em Jesus Cristo, de tal modo

577 *Conf.* 1, 7, 10.
578 *In. IV* d. 9, a. 4 ad 1.
579 *Serm.* 62 *de pass.* 12, c. 7.
580 *Eccl. Hier.* c. 3, § 1.
581 *In IV Sent.* d. 12, q. 2, a. 1 ad 1.

que possa com verdade dizer: *Vivo, mas não eu, mas é Jesus Cristo quem vive em mim*". "Porque o Senhor, segundo acrescenta um opúsculo[582] atribuído ao mesmo santo Doutor, faz o fiel que dignamente o recebe membro de seu corpo. Incorpora-o por união de caridade, e o assimila à imagem de sua bondade soberana... Assim como uma gota de água caída num grande cálice de vinho se transforma em vinho..., assim também a imensidade da grande doçura e virtude de Cristo, apoderando-se de nosso pobre coração, transforma-o de tal modo, que em nossos pensamentos, palavras e obras já não nos parecemos aos homens mundanos nem a nós mesmos, mas a Jesus Cristo"[583]. Por aqui se vê como os santos doutores atribuem mui singular-

---

582 *De Sacram. Alt.* c. 20.

583 "Vós quisestes deixar à alma vosso Corpo e vosso Sangue, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 11), a fim de que ela possa continuamente permanecer em Vós e ver-se em certo modo deificada e transformada por essa comunicação e união contínua. Ó, que deliciosos colóquios tem conVosco esta alma quando descansa em vosso coração e Vós no seu, por pouco amor que tenha! E como não há de ficar abrasada nas chamas ardentes de vossa caridade e no braseiro de amor que acendeis nela quando em seu seio entrais de um modo tão maravilhoso e tão afetuoso?... Que fazeis, com efeito, ali? Para nós preparais pensamentos que eu não posso chamar senão de pensamentos de amor, pois aqueles que os recebem participam até certo ponto de vossa capacidade e de vossas divinas comunicações... Vós sóis aquele caminho novo de que fala o Apóstolo: *Initiavit nobis viam novam et viventem per velamen, id est, carnem suam* (Heb 10, 20)... Assim como as águas que caem no mar perdem em seguida seu nome e sua existência própria, assim também quando entramos neste oceano da Divindade... O que acontece? *Eu disse: Vós sois deuses* (Sl 81, 6)... *Quem se une a Deus se faz um espírito com Ele* (I Cor 6, 17). Ademais, nesta união o Esposo vem a nós tomar parte em nosso convite e ordenar em nós a caridade. Então é quando têm lugar aqueles puros e castos abraços, que se podem oferecer em união com os que se dão as divinas Pessoas na unidade da essência da Santíssima Trindade, e dos quais aqueles não são mais que uma imagem ou figura. Ó, quão doces são as delícias que saboreamos na complacência da união das três divinas Pessoas!" São João Damasceno (*De fide orthod.* l. 4, c. 14) compara esse divino sacramento com o carvão inflamado que viu em espírito Isaías (6, 6): "Porque assim como esse carvão está todo cheio de fogo, assim também este Pão vivificante leva consigo a Divindade para que, ao recebê-lo, fiquemos não só incendiados, mas deificados: *Ut igniamur et deificemur*". Por isso, Santo Tomás diz que esse sacramento, ademais de ser penhor, é num certo modo realização da glória: *Pignus aeternae gloriae*, chama-o num lugar (*Offic. S. Sacr.*), e em outro lugar (3ª p., q. 79, a. 2) acrescenta: *Effectus huius Sacramenti, adeptio gloriae.* O mesmo sacramento representa ao vivo a eterna fruição de Deus: *Est praefigurativum fruitionis Dei, quae erit in patria*" (ib. q. 73, a. 4).

mente à Eucaristia a virtude de transformar os cristãos no próprio Cristo, incorporando-os perfeitamente n'Ele.

Por essa amorosa união e transformação se consuma nos próprios corpos o místico matrimônio do Verbo com as almas. Era já essas de algum modo esposas suas pela graça, mas pela Eucaristia se fazem *concorporais* e *comparticipantes* dos mesmos bens[584]: desfrutam d'Ele e O possuem, ao mesmo tempo que são por Ele possuídas, podendo já dizer: *Meu Amado é para mim, e eu para meu Amado, que se apascenta entre lírios* (Ct 2, 16). Por isso com razão dizia Santo Efrém[585] que "nos divinos mistérios é onde se verifica a união consumada das almas com o Esposo imortal". Daí que os frutos dessa dulcíssima união se estendam aos nossos próprios corpos, que vêm assim a participar da pureza, santidade, glória e incorruptibilidade do de Jesus Cristo[586]. "Se, pois, há um sacramento que mereça o nome de *matrimônio espiritual*, esse é seguramente, diz Bellamy[587], a Eucaristia, onde se consuma aqui em baixo nossa união com o Salvador. O que, com efeito, constitui o matrimônio é a recíproca doação pessoal dos esposos, e a Eucaristia é a que na ordem sobrenatural realiza isso plenamente, posto que nela se entrega a nós o próprio Jesus Cristo todo inteiro e sem nenhuma reserva".

---

584 "Para que recebemos a sagrada Eulogia, senão para que Jesus Cristo habite em nós corporalmente? O Apóstolo, escrevendo às nações, divinamente lhes dizia que vieram a ser *concorporais, comparticipantes* e *co-herdeiras* de Cristo (Ef 3, 6). E como se fizeram *concorporais*, senão pela participação da mística Eulogia?" (S. Cirilo de Alexandria, l. 4 *Contra Nest.*: PG 76, 193).

585 *De Extr. Iud. et compunct.*

586 "De cada uma das almas que vos recebe, bem pode se dizer, acrescenta Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 33), o que a Igreja diz de Maria: *Recebeste em teu seio a quem os céus não podem conter*. E assim como Maria, segundo a visão de São João, mostrou-se vestida de sol, assim também a alma que vos recebeu fica também revestida do Sol de justiça, que sois Vós mesmo. Direi mais, é revestida, até certo ponto, do sol de vossa *visão*, embora esse se ache velado por uma nuvem que lhe oculta grande parte de vossa caridade divina. Ela não pode desfrutar dessa visão como os bem-aventurados no céu, mas como as almas privilegiadas na terra; isto é, com uma semiluz que eu não sei definir e que não pode ser compreendida senão por Aquele que a dá e por quem a recebe". "Uma das operações que Deus faz na alma, diz Santa Ângela de Foligno (*Vis.* c. 27), é o dom de uma imensa capacidade, cheia de inteligência e de delícias, para *sentir* como vem Deus no sacramento do altar com seu grande e nobre cortejo".

587 P. 268-9.

E se entrega assim às almas a fim de que elas se entreguem a ele de igual modo, para que achando n'Ele todo seu sustento, vivam já só n'Ele e d'Ele, com uma vida tão cristã que fiquem como transformadas no próprio Jesus Cristo, sendo já Ele que vive nelas. A Eucaristia é, pois, como "o nó do laço matrimonial que nos une com o Verbo encarnado, dando-nos algo mais que os outros sacramentos, ao nos proporcionar, se não uma participação mais abundante da natureza divina, ao menos uma união toda especial com a Humanidade de Nosso Senhor".

"Seu corpo, diz Bossuet[588], já não é seu, mas nosso, e o nosso já não é nosso, mas de Jesus Cristo. Esse é o mistério do júbilo, o mistério do Esposo e da Esposa; porque escrito está (I Cor 7, 4): *O corpo do Esposo não está em seu poder, mas no da Esposa*. Ó, santa Igreja, casta Esposa do Salvador, ó alma cristã, que O escolheu por Esposo no Batismo, na fé e com mútuas promessas; aí O tendes, é o corpo sagrado de teu Esposo; aí O vês na santa mesa onde acaba de ser consagrado! Não está em seu poder, mas no teu: *Tomai*, diz (Lc 22, 19), vosso é; é meu corpo entregue por vós: tendes sobre Ele um direito real, mas também teu corpo já não é teu: Jesus o quer possuir. Assim estareis unidos corpo a corpo, e sereis dois numa só carne, que é o direito da esposa e a perfeita realização deste casto e divino matrimônio".

Nada estranho que os santos, que mais alta idéia tinham dos mistérios dessa divina união, distinguissem-se por seu ardentíssimo amor ao Santíssimo Sacramento, pelas ânsias de recebê-lo todos os dias, para se fortalecerem com esse Pão celestial, reanimarem-se e se renovarem nessa fonte da vida, e se embriagarem com as delícias do amor divino[589]. O mais admirável das maravilhosas histórias dos grandes amigos de Deus, é o referente a sua de-

588 *Médit. sur l'Evang. La Cène* 24.

589 "Ex virtute huius Sacramenti anima spiritualiter *reficitur*, et *de lectatur*, et quodammodo *inebriatur* dulcedine bonitatis divinae, secundum illud (Ct 5): *Comedite, amici, et bibite, et inebriamini charissimi*" (D. THOM., 3ª p., q. 79, a. 1 ad 2). Assim, os *mui amados* e amantes se *embriagam* com essas doçuras divinas que os simples amigos não fazem mais que *saborear*.

voção ao Santíssimo Sacramento[590]. "Por instinto e por um tipo de intuição inefável, compreendiam, acrescenta Bellamy[591], que todo o mundo sobrenatural gravita aqui em baixo em torno do sol eucarístico, centro universal de atração das almas que querem viver da graça. Assim é como, sem esquecer os outros sacramentos, buscavam com preferência na sagrada Comunhão o segredo desta semelhança e essa união que constituem a própria essência da vida sobrenatural. Desejosos antes de tudo de imitar Jesus Cristo e gravar sua imagem no fundo da alma, os santos pensavam com razão que o melhor meio de chegar à reprodução do sublime modelo era aproximar-se d'Ele no sacramento de seu amor, para serem formados mais diretamente pela mão e pelo coração do divino Artífice". Não é, pois, de estranhar que os santos tanto se pareçam, sendo como são cópias de um mesmo Exemplar eterno que em pessoa vem a imprimir-lhes sua divina imagem[592].

Ao estreitar assim neste sacramento de amor os dulcíssimos laços que nos unem com o Filho, estreitam-se igualmente os que nos relacionam com o Pai e com o Espírito Santo; pois sendo a alma santa ao mesmo tempo filha de Deus Pai, esposa do Filho e templo do divino Espírito, à medida que aumenta uma dessas relações, aumentam todas as outras. Ao participar melhor da imagem do Verbo e da plenitude de vida que n'Ele reside, mais se participa da natureza do Pai e mais filhos seus somos, e mais se participa

590 De Santa Ângela de Foligno, diz seu confessor, Frei Arnoldo (*Prol.* 2): "Nunca comungou sem receber uma graça imensa e cada vez uma nova graça". "Este é o tempo mais feliz que têm os mortais", ouviu o Pe. Hoyos dizer uma vez aos anjos quando acabava de comungar.

591 P. 272.

592 "A freqüente Comunhão, observa o devotíssimo Pe. Lallemant (pr. 4, c. 5, a. 1), é um excelente meio para aperfeiçoar em nós as virtudes e adquirir os frutos do Espírito Santo; porque unindo Nosso Senhor seu Corpo ao nosso e sua Alma à nossa, abrasa e consome em nós as sementes dos vícios, e nos vai comunicando pouco a pouco seu divino temperamento e suas perfeições, conforme nos disponhamos e nos deixemos reformar". "Espantava-me, diz Santa Teresa (*Vida*, c. 39), como chegando a esse fogo (do amor de Deus que sentiu num rapto depois de comungar) parece que consome o homem velho de faltas, tibieza e miséria...; assim depois fica feita outra a alma; com diferentes desejos e fortaleza grande; não parece a mesma de antes, mas começa com nova pureza o caminho do Senhor".

também do amor, graça, santidade e comunicação do Espírito que nas almas mora como princípio imediato de vida e santificação.

"Daí se segue, como adverte o autor citado[593], que nossa própria filiação divina não alcança toda sua plenitude senão pelo sacramento que dá a plenitude da vida. Convinha, com efeito, que essa filiação recebesse de Jesus Cristo completo sua mais acabada expressão; pois, como filho de Deus por natureza, a ele convém a prerrogativa de ver modelar-se à sua imagem todos os que se fazem filhos de Deus pela graça". Por isso, diz São Cirilo de Alexandria, que "não seríamos filhos adotivos de Deus, sem aquele que, sendo verdadeiramente seu Filho por natureza, a nós serve de arquétipo para nos formar à sua semelhança". E nesse Sacramento é onde o Verbo encarnado comunica diretamente à alma justa algo de sua dupla natureza, pois nos faz participar da divina, ao mesmo tempo que recebemos a humana. É certo que a sagrada Humanidade influencia também nos outros sacramentos; mas a "Eucaristia junta apertadamente Cristo com o cristão, ajusta a cópia ao modelo, e une sem intermediários a alma humana com o Corpo e Sangue do Salvador; daí que nossa alma, ficando mais perfeitamente possuída pelo divino Esposo, receba nessa união misteriosa e inefavelmente apertada, como que um novo traço da filiação divina, posto que fica mais marcada pela efígie de Cristo".

E como todo aumento de graça vai acompanhado de uma maior efusão do divino Espírito, é claro que onde tanto aumenta a vida da graça, deve aumentar proporcionalmente a comunicação do Espírito vivificador. Esse, por outra parte, reside plenamente na sagrada Humanidade de Jesus Cristo, como em sua morada predileta, onde tem suas complacências. Mas ali "espera, no entanto, consumar a obra de amor, que é unir a Cabeça com os membros, Cristo com o cristão. Comunicando, pois, com o Corpo e Sangue do Salvador, estreitamos duplamente os laços que nos unem ao Espírito Santo, posto que nossa participação da Eucaristia realiza todos os

593 P. 266-8.

seus desejos, ao mesmo tempo que nos une à sua divina Pessoa, eternamente fixa na Humanidade de Jesus"[594].

Ainda há outra relação notável, que de um modo singular se fortalece e se estreita nesse admirável sacramento, e é aquela que temos com a Santíssima Virgem, "Mãe do Belo Amor", e *Mãe da divina Graça*. Se a medida que cresce essa deve se completar aquela, muito mais acontecerá quando essa graça se comunica a nós diretamente pela sagrada Carne tomada dessa bendita Senhora. E isso é precisamente o que tem de especial a Eucaristia, ao nos fazer participar da natureza divina por intermédio da Carne e do Sangue do Salvador. Pois o veículo direto da vida divina, não é, nesse sacramento, a Alma de Jesus Cristo, mas seu Corpo adorável e seu Sangue precioso; conforme a própria liturgia põe em destaque, dizendo: *O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo te guarde para a vida eterna*. Com sua sacratíssima Carne imolada, quer o Filho de Deus salvar, no altar como na cruz, a carne perdida e corrompida[595]. Assim "um dos aspectos misteriosos da Eucaristia consiste precisamente nessa transmissão da vida para a morte, posto que aqui a vida divina se comunica a nós pelo Corpo adorável de Cristo, que recebemos no estado de vítima".

Por aqui se vê como a Santíssima Virgem não pode ser alheia a esse aumento de vida que pela Eucaristia recebemos, tendo sido ela quem nos deu, no duplo mistério do presépio e da cruz, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo. "Acaso não temos dela esses maravilhosos instrumentos da vida eterna? A Eucaristia é, pois, seu bem por natureza, sobre o qual essa incomparável Mãe conserva todos os seus direitos. Pode em certo modo se dizer que ela é quem nos dá o divino alimento de nossas almas. Ali está

594 Cf. Santa Maria Madalena de Pazzi (*Obras*, 4ª p., c. 19).

595 "Tudo o que passou no Calvário se repete constantemente sobre o altar. O altar é todos os dias o monte da dor, do sangue, do sacrifício e da redenção" (Monsabré, *Medit. para el rosario* t. 2, p. 258). Por aqui se vê com que amor e reverência devemos assistir o Santo Sacrifício, onde se perpetua a obra de nossa reparação, e com que afetos devemos ali nos associar ao Salvador para que seu Sangue resulte proveitoso para nós e para todos. – Cf. B. Ana Catarina Emmerich, *Vida de Nuestro Señor Jesucristo* t. 1, introd., § 4.

ela seguramente, em sua condição de Mãe, sempre pronta a comunicar a vida da graça aos seus filhos por adoção. E, coisa notável, pelo filho de suas entranhas alimenta os filhos adotivos: tão certo é que foi feita Mãe de Deus para ser Mãe dos homens. Recebendo a comunhão se nota, mais que em todo o resto, quão estreitamente associada está a Santíssima Virgem à grande obra da vida sobrenatural"[596].

Nada estranho que, enquanto desdenham desta venturosa Senhora os hereges que rejeitam o dogma da Eucaristia, amem-na e a reverenciem como terníssima Mãe todas as almas cujas delícias estão na Comunhão; o amor ao Santíssimo Sacramento anda junto com o da puríssima Virgem; todos que se distinguem por um desses amores, sobressaiem também no outro. Se os mais insígnes favores da vida mística costumam ser recebidos durante a Comunhão, em quase todos eles intervem a Virgem, a quem, como a Mãe piedosíssima, acodem os verdadeiros místicos em todas as suas necessidades, dificuldades e obscuridades. Ainda que para isso não tivesse ela os honrosos títulos que a Igreja lhe dá, de "trono da Sabedoria" e "Mãe da graça e da misericórdia", bastavam aqueles que lhe dão os Evangelistas, de *Mãe do Senhor*, ou *Mãe* por excelência, e bastava aqueles que lhe dão os corações iluminados, chamando-a *Mãe do Belo Amor... e da santa esperança.*

Como obra-prima da caridade do Salvador, o principal fruto que nas almas bem-dispostas produz a Eucaristia é um grande aumento de caridade, não só habitual, mas também *atual*, e essa caridade atual é a que por sua vez produz a íntima união e transformação e os conseqüentes frutos secundários.

Esses são a remissão do pecado venial, e às vezes – *per accidens* – do mortal, a correção das faltas e imperfeições, a remissão da pena temporal, o fervor, gozo e doçura, pureza, moderação da concupiscência, prontidão para o bem, incêndio em santos desejos, etc., todos efeitos da excitação da caridade. Pelo mesmo motivo, importa-nos muito dispor-nos para receber esse adorável sacramento com todo o amor e candor que possamos, a fim

596 Bellamy, l. c., p. 270-1.

de não impedir, senão mais bem fomentar a produção de tão ricos frutos[597]. Se esses resultam escassos, é sinal de que nossas disposições são muito defeituosas[598].

O fruto produzido nos corpos se pode notar bem nas vidas dos santos que mais visivelmente ficaram configurados com Jesus Cristo, de cuja santíssima Carne emana e redunda em nós uma virtude que cura nossas enfermidades e remedia nossas fraquezas[599]. Se nos santos essa virtude se traduz tantas vezes em certos resplendores divinos e celestiais aromas, etc., nos demais o efeito ordinário é refrear a concupiscência, seja pelo aumento da caridade, que regula toda a vida, seja porque nos dá força para vencê-la, fazendo-nos respirar um ambiente do céu que a amortece"[600]. "Quem será

---

597 "Effectus Eucharistiae, diz o Cardeal Bona (*Tr. Asceticus de Missa*, c. 6, § 7), sunt praeservare a peccatis, augere gratiam, terrenorum odium infundere, ad aeternorum amorem mentem elevare, illuminare intellectum, succendere affectum, conferre animae et corpori puritatem, conscientiae pacem et laetitiam, atque inseparabilem cum Deo unionem... Purganda est anima a delectationibus carnis et sensuum, a tepeditate, ab omni affectu ad creaturas, ut possit Divinum Sacramentum suos in ea effectus operari".

"Aumentem-se as forças de minha alma com a doçura de vossa presença... Ó, fogo que sempre brilha e amor que sempre arde, doce e bom Jesus!... Santificai-me para que vos receba dignamente; esvaziai toda a malícia de meu coração e enchei-o de graça..., para que eu coma o manjar de vossa Carne para salvação da minha alma, de modo que, alimentando-me de Vós, viva de Vós, caminhe por Vós, chegue a me unir conVosco e em Vós descanse" (Santo Agostinho, *Manual* c. 11).

598 "Si post communionem, diz São Boaventura (*De praepar. ad Missam*), refectionem aliquam spiritualem non sentias, non leve indicium est spiritualis aegritudinis vel mortis. Ignem posuisti in ligno, et non calescit? Me habens ore, non sentis dulcedinem? Depravatae valetudinis certissimum esse signum non dubites".

599 Às vezes, depois de receber a Eucaristia, dizia o Pe. Surin (*Catech. spir.* p. 7ª, c. 8), "a alma sente Jesus Cristo que está como difundido nela, comunicando-lhe sua própria vida para que possa agir em tudo por Ele... Sente essa comunicação de vida em seu falar, agir, orar e em tudo, parecendo-lhe que mesmo nas próprias ações naturais está animada e apoiada por Ele". De Santa Catarina de Sena escreve o Beato Raimundo (*Vida* 2ª p., 1), que "sentia de uma maneira extraordinária o desejo da Sagrada Comunhão, não só para unir sua alma a seu Esposo, mas também para unir seu corpo ao divino...; que alimenta o de quem O recebe".

600 "As almas que dignamente vos recebem, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 9), vêem cair diante de Vós, por efeito de vossa presença, todos os maus desejos e todos os desordenados hábitos de sua vida passada, e em lugar de tantos ídolos que antes adoravam com seus pecados, levantam outros tantos altares para vos adorar em cada uma de suas potências".

capaz de resistir a esse monstro?, diz São Bernardo[601]. Confiai, pois, tendes o socorro da graça. E para nos dar maior segurança, Deus pôs à nossa disposição o sacramento do Corpo e Sangue do Senhor, que produz em nós dois efeitos admiráveis: nos ataques menores diminui o sentimento e nos maiores tira totalmente o consentimento". "A Eulogia sagrada que deve nos livrar da morte, dizia São Cirilo[602], é também um remédio eficaz contra nossas enfermidades. Estando em nós Jesus Cristo, calma em nossos membros a lei da carne, mortifica as paixões turbulentas, vivifica nosso amor a Deus, e cura todos os nossos males". Por isso é com tanta razão chamada a Eucaristia "medicina de nossas chagas" e *vinho que cria virgens* (Zc 9, 17).

E purificando, retificando e curando nossa carne, ela nos preserva da corrupção e é gérmen ou penhor vivo da ressurreição[603]. A participação desse admirável sacramento comunica aos corpos humanos um esplendor divino que persistirá eternamente e dará uma glória singular aos justos que com mais freqüência o receberam[604].

---

601 *Serm. de Coena Domini* n. 3.

602 L. 4 *In Ioan.* 6, 57.

603 "Alimentada pelo Corpo e Sangue do Senhor, nossa carne, diz Santo Irineu, faz-se incorruptível, participa da vida e obtém a esperança da ressureição".

604 Uma operação admirável da Sabedoria é, acrescenta Santa Maria Madalena de Pazzi (ib., c. 21), "a glorificação e exaltação de tantas almas transformadas em Deus por sua íntima união com o Verbo no Santíssimo Sacramento do altar..., tão frequentado pelos fiéis da primitiva Igreja. Por essa união queria o Salvador deificar em certo modo a carne do homem na pessoa de tantos cristãos como haviam de receber dignamente sua sagrada Carne, e queria também comunicar às almas sua graça e aos corpos ressuscitados uma virtude que devia fazê-los participar da claridade do seu glorioso. Pois – sabei-o bem – aqueles que freqüente e dignamente tiverem recebido esse divino alimento desfrutarão em sua carne ressuscitada uma glória acidental maior que a dos que não mereceram recebê-lo com tanta freqüência, embora quanto ao resto sejam iguais em méritos... Quem teria podido imaginar uma obra semelhante? Isto é, que Deus se faça criatura, e a criatura se faça Deus desta maneira inexplicável e por meio desta dupla comunicação!"

"Por este sacramento somos transformados em Deus, e nos juntamos com Ele em união felicíssima, de maneira que todas as suas coisas se fazem nossas, e seu Corpo e Coração, um com o nosso. Quem com freqüência o recebe, tão intimamente será unido com Deus, como uma gota de água lançada numa jarra de vinho; de modo que nenhuma criatura poderá achar distinção ou distância entre Deus e sua alma... Se se achassem dois igualmente santos em toda sua vida, um dos quais recebesse com

Por isso, devemos nos alentar a recebê-lo diariamente e com o maior fervor e pureza possíveis, já que o aumento de saúde e forças, de caridade, graças e frutos de vida é proporcional às disposições e freqüência com que se recebe. Deste modo, alcançaremos viver verdadeiramente em Cristo, compreenderemos o que vale estarmos bem incorporados a Ele e nos inflamaremos em vivos desejos de chegar o quanto antes a uma união e posse plenissimas[605]. "Os fiéis, diz Santo Agostinho[606], conhecem o Corpo de Cristo, se não se descuidam de pertencer a ele. Que venham a ser o corpo de Cristo, se querem viver do Espírito de Cristo; porque ninguém vive de seu Espírito, se não forma parte de seu corpo"[607]. "Quem quer viver, tinha dito antes, tem onde viver e do que viver; aproxime-se, acredite, seja incorporado, para ficar vivificado. Não prejudique o conjunto dos membros,

---

mais digna disposição esse sacramento, por essa recepção mais perfeita, como resplandecente sol luzirá eternamente mais que o outro e se juntará com Deus em união mais admirável"(V. Tauler, *Divinas instituciones* c. 38).

605 "Será possível, escreve o Pe. Massoulié (*Tr. amour de Dieu* 3ª p., c. 7, § 3), que as delícias que uma alma saboreia neste sacramento, o precioso penhor que recebe e esta posse oculta e velada não lhe façam suspirar pela posse plena e manifesta? A fé a faz considerar Jesus Cristo, através das espécies que O ocultam, como a esposa do Cântico dos Cânticos (2, 9) considerava o seu divino Esposo *atrás de uma parede*, onde se ocultava a ele para não se deixar ver e de onde a *olhava como através de treliças*. É um artifício de seu amor, diz um Padre: se faz presente para se deixar possuir e se oculta para se fazer desejar. Está presente para moderar as dores de sua ausência e está como ausente para fazer desejar sua presença: *Ut praesentia absentiae suae, et dolorem leniat, et amorem augeat*".

606 Tr. 36 *In Ioan.* n. 13.

607 Posto que *quem come deste Pão viverá vida eterna*, "aquele que come dele muitas vezes, adverte o Pe. Monsabré (l. c., pp. 272-9), muito progredirá na perfeição. Porque o adiantamento espiritual é o aumento da vida divina, e a perfeição é a superabundância desta vida... Toda união íntima com Jesus Cristo nos põe em relação com seu Espírito... As grandes obras da vida cristã... a quem se devem senão a esta respiração misteriosa de Jesus Cristo? Aonde quer que ela seja suspendida ou debilitada, vemos que ditas obras desaparecem ou decaem. As seitas que suprimiram a Eucaristia, como carecem do princípio ativo da vida espiritual, só têm obras vulgares de beneficência puramente natural, sem expansão, e condenadas à esterilidade". E não basta receber esse divino alimento uma ou outra vez para poder conservar a vida e aumentá-la. Como não se pode passar sem o alimento corporal, tampouco, pela lei ordinária, pode-se passar muito tempo sem o espiritual. Por algo devemos pedir a Deus esse *Pão cotidiano*. "Poderá se chamar assim, diz Santo Agostinho, se só se come uma vez por ano? Receba-o todos os dias, pois todos os dias podes tirar proveito".

não seja corrompido nem monstruoso, que mereça ser amputado ou sirva de confusão aos demais; seja belo e bem adaptado, adira ao Corpo, e viva para o Deus de Deus"[608].

Esse sacramento de amor, centro dos corações santos e foco das bênçãos divinas, exige todo nosso amor, todo nosso agradecimento e nossas contínuas adorações e reparações[609]. Mas o amor de Jesus Sacramentado deve ser como o que ali Ele mesmo nos mostra: um amor não *beatífico*, mas *complacente e abnegado ou crucificado*; pois Ele está ali em forma de *vítima*, e não como triunfador glorioso. Assim nos pede e nos causa um amor cheio de sacrifícios, com que nos associemos ao seu[610]. E como esse amor é meritório em sumo grau, daí que na Eucaristia se reúnam as duas mais ricas

---

608 Tr. 26.

609 "Como está tão sozinho, meu Senhor?", exclamava uma vez a V. Mariana de Jesus, ao ir adorá-Lo. E o Senhor a ela respondeu: *Estou te aguardando*. Por isso a Beata Maria de Jesus, baronesa de Hoogvorst, ao ter às vezes que presenciar as cortesias e cerimônias que se fazem aos grandes da terra, não podia menos que se lamentar dizendo: *E ELE tão sozinho!... Abandonado no tabernáculo!* – Para remediar o quanto possível esse abandono em que os maus cristãos deixam o Rei do céu e reparar as contínuas ofensas que Lhe fazem, viu-se inspirada a fundar o admirável Instituto de Maria Reparadora, encarregado de fazer diante do Sacrário o ofício da Virgem aos pés da cruz, a fim de que sempre haja almas puras e abrasadas em caridade que, à maneira de serafins, possam fazer a corte de Nosso Senhor. Esse Instituto, dizia ela, "se propõe a reparar enquanto possa as ofensas feitas à Divina Majestade e a remediar os males causados ao homem pelo pecado. No qual tenta seguir as pegadas da Santíssima Virgem, co-redentora do gênero humano por Jesus Cristo".

610 Com muita razão, advertia a mencionada Beata Maria de Jesus, que "a boa Reparadora necessita um coração que seja todo de Nosso Senhor; uma generosidade tão grande e amorosa que não rejeite sacrifícios nem sofrimentos; uma humildade profundíssima diante de Deus e seus representantes; um abandono total no divino beneplácito; uma obediência que a faça morrer a si mesma para desfrutar da verdadeira liberdade...; de modo que a doçura e caridade de Jesus se achem sempre em seus lábios e em seu coração. Deve saber que a Reparadora é uma vítima, e as vítimas não se reservam nem se poupam, mas se sacrificam".

"A vida da Igreja, diz Hettinger (*Apolog.* conf. 32), é vida sacrificada, cujo sacrifício se une ao da Hóstia sem mancha. A imolação do verdadeiro Corpo de Cristo exige também a de seu Corpo místico: o sacrifício real da Cabeça serve de norma e de modelo ao místico sacrifício de seus membros".

«Eucharistia, adverte Santo Tomás (3ª p., q. 73, a. 3 ad 3), est sacramentum passionis Christi, prout homo perficitur in unione ad Christum passum". Veja-se supra, l. 1: *Evol. orgânica* p. 186.

fontes de *mérito*, as duas grandes causas de *crescimento espiritual*, que são o alimento divino e o amor que se sacrifica para cumprir a vontade de Deus.

Com esses dois meios principalmente, embora apoiados em todos os demais, cresce o Corpo místico de Jesus Cristo, e se santificam e aperfeiçoam seus diversos membros, desenvolvendo o gérmen de vida eterna que ao serem incorporados recebem.

CAPÍTULO V
RESUMO E CONCLUSÕES

§ I. – CONCEITO DA VIDA DA GRAÇA. – ELEMENTOS E CONDIÇÃO: REGENERAÇÃO, RENASCIMENTO, FILIAÇÃO REAL, SEMELHANÇA E PARTICIPAÇÃO DA NATUREZA DIVINA, SOCIEDADE E RELAÇÕES COM AS TRÊS DIVINAS PESSOAS. A VERDADEIRA ORDEM SOBRENATURAL E A VIDA ETERNA: A UNIÃO CRISTÃ DO FINITO COM O INFINITO.

Resumindo agora toda a doutrina exposta, vejamos brevemente em que consiste a vida sobrenatural, quais são seus elementos e condições, qual sua natureza íntima, quais suas propriedades e funções características e qual, por fim, seu desenvolvimento até a última e plena manifestação nas almas.

A verdadeira vida sobrenatural, como observa Broglie[611], supõe a *adoção* divina, a *regeneração*, o novo *nascimento* e a *formação* do *homem novo* com a dignidade e o título de *filho de Deus* e com direito à herança eterna; a isso se acrescenta a *habitação* de Deus com o coração do homem, a presença íntima das Pessoas divinas, a *sociedade* com o Pai e o Filho e a *participação* da *divina natureza*; e, por último, como termo deste maravilhoso estado progressivo, a visão e posse de Deus e a transformação n'Ele. "*Nascer* de novo é receber uma *segunda natureza*; sermos *criados* em Jesus Cristo, quando já existimos, é receber uma *vida superior*, uma *segunda vida*, sobreposta à natural. Mas de quem é filho o homem regenerado? De quem recebe o princípio da nova existência?" Não da carne e do sangue, nem da vontade humana, mas de Deus, que quis "que nos chamássemos filhos seus e que realmente o *fossemos*".

---

611 *Surnat.* 1, p. 12-24.

O termo de *filhos de Deus*, correlativo de *regenerados*, expressa, como esse, uma realidade, e não é uma simples metáfora, nem significa uma pura adoção. "A adoção terrena não é mais que uma união moral; confere novos direitos, mas não muda a natureza do adotado nem lhe comunica nada da do pai adotivo. Mas a adoção divina não só implica o nome, mas também a *realidade* da filiação": *ut filii Dei nominemur, et simus*. São João não se contenta com esse termo, nem com dizer que *nascemos de Deus*: *Ex Deo nati*, mas emprega outro ainda mais chocante e expressivo, que é o de *semente divina*: ὅτι σπέρμα αὐτοῦ ἐν αὐτῷ μένει – *semen ipsius* (*Dei*) *in eo manet* (I Jo 3, 9). O mesmo diz São Pedro (I Ef 1, 23): *Regenerados*, não de uma semente corruptível, mas de uma incorruptível pela palavra de Deus: *Ex incorruptibili semine per verbum Dei vivi*. "Deus nos gerou voluntariamente, afirma São Tiago (1, 18), pela palavra da verdade". É um nascimento novo mediante a infusão de uma vida divina, que nos faz realmente filhos de Deus, se bem sempre adotivos, porque uma nova vida é sobreposta à própria e natural.

Pela natureza somos simples servos, mas pela graça somos elevados à dignidade de amigos de Deus, conhecedores de seus íntimos segredos[612], e mesmo à de verdadeiros filhos[613], regenerados por seu Espírito e com direito à sua eterna herança[614], recebendo como garantia dela a *unção*, o *selo* e as *arras* do mesmo Espírito em nossos corações (II Cor 1, 21-22; Ef 1, 13-14).

E posto que a idéia de geração implica a de semelhança entre o pai e o filho, daí que, como diz São João (I Jo 3, 2), quando aparecer o que somos enquanto filhos de Deus, resultaremos semelhantes a Ele. Esse é um nascimento totalmente espiritual, "uma renovação que o Espírito Santo produz no interior da alma; mas, contudo, é um nascimento tão *real* como o da entrada neste mundo". E posto que o Eterno Pai é o tipo de toda pa-

612 "Iam non dicam vos *servos*: quia servus nescit quid faciat Dominus eius. Vos autem dixi *amicos*: quia omnia quaecumque audivi a Patre meo, nota feci vobis" (Jo 15, 15).

613 "A oposição entre a natureza e a graça, diz Broglie (*Surnat.* 2, p. 50), é a oposição entre a criatura tremendo diante de seu Senhor absoluto e o filho que se aproxima familiarmente do seu pai".

614 "Aqueles que por natureza são criados, não podem se fazer filhos de Deus sem receber o Espírito d'Aquele que é Filho de Deus por natureza", diz Santo Atanásio.

ternidade: *Ex quo omnis paternitas in caelis et in terra nominatur* (Ef 3, 15), "o novo nascimento dos filhos de Deus se afasta menos do tipo eterno que o primeiro ou natural. Por isso o Espírito Santo fala desse novo nascimento dos filhos de Deus com uma linguagem tão absoluta e tão simples; por isso diz sempre que os regenerados são verdadeira e realmente filhos de Deus". Essa nova vida de filhos de Deus, encerra "uma relação íntima não só com sua essência única, mas com *cada uma* das três divinas Pessoas; pois à alma justa vêm o Pai e o Filho e o Espírito Santo"[615].

Por natureza, nenhuma criatura pode chegar a conhecer mais que – até certo ponto, e só por *analogia* – a Unidade essencial de Deus, como autor soberano do universo, e portanto, Senhor absoluto, que transcende toda criação, e diante de quem todos os homens seriam menos ainda que vilíssimos escravos sempre trêmulos... Mas por sua graça e liberalidade infinita, fomos elevados a nada menos que à dignidade de seus filhos, e assim podemos tratá-Lo com amor e confiança filiais como o Pai das misericórdias. E feitos semelhantes a Ele, pelos méritos de seu Unigênito, pela virtude de seu Espírito penetramos nos segredos de sua vida íntima, sendo admitidos a formar sociedade com as três adoráveis Pessoas que comunicam na Unidade da divina Essência, e contraindo assim essas inefáveis relações que com todas e com cada uma d'Elas em particular nos ligam. Só por essa admirável graça é que podemos chegar a conhecer o augusto mistério da Trindade.

E isso é precisamente o que constitui a *ordem sobrenatural*, a manifestação da vida eterna: o entrar assim em sociedade ou relação familiar e amistosa com Deus, participando da comunicação de sua vida e de seus íntimos segredos. Essa ordem não é, pois, aquela que nossa razão poderia de um certo modo rastrear *por analogia* com a natural, nem é certa ordem *superior*, mas *naturalizada* ao nosso modo. Tampouco é simplesmente "uma ordem que excede a todas as *exigências naturais* das criaturas existentes e possíveis", como alguns que crêem aprofundar mais a definem. Uma ordem assim, ainda está, em certo modo, calcada sobre a natural, e poderia

---

615 Broglie, *Surnat.* 1, pp. 21-32.

ser um complemento gratuito dela, uma *perfeição sobreposta*, sem *transubstanciá-la* nem menos *deificá-la*. A verdadeira ordem sobrenatural, a única que realmente existe em união com a natural, é ainda mais que tudo isso: não só excede às exigências naturais, mas transcende todas as suposições e aspirações racionais; é uma ordem que ninguém teria podido conhecer por analogia, nem suspeitar nem mesmo sequer sonhar, se o próprio Deus, ao mesmo tempo que nos elevou a ela, não tivesse se dignado manifestá-la a nós. "Nem o olho viu nem o ouvido ouviu, nem pode caber no coração humano o que Deus preparou para seus fiéis amantes" (I Cor 2, 9; Is 64, 4). É o grande *mistério escondido*, que ninguém poderia adivinhar se o próprio Espírito de Deus não o manifestasse a nós. Não é algo de incognoscível, cuja *existência* é reconhecida pela própria razão natural. É o segredo adorável da bondade, sabedoria e magnificência de Deus que, por uma livre disposição de sua vontade santíssima, determinou nos elevar à incrível participação de sua própria vida e de sua infinita felicidade, abaixando-se Ele e como se *naturalizando*, para nos elevar, *sobrenaturalizar* e fazer em certo modo seus *iguais*, a fim de que possamos entrar em amistosa *sociedade* com Ele. Essa *familiaridade* com as divinas Pessoas é o que constitui o fundo da vida e da ordem sobrenatural. Para isso Deus se fez homem, para fazer os homens deuses e ter com eles suas delícias, associando-os à sua própria felicidade e glória, e tratando-lhes não como *servos* – porque o servo ignora os *segredos* de seu senhor –, mas como amigos que recebem suas confidências íntimas, não como a simples *criaturas*, que só participam das operações *ad extra*, mas como a verdadeiros *filhos*, configurados com seu Verbo, selados com seu próprio Espírito, que entram no gozo de seu Senhor para participar das misteriosas influências de cada uma das divinas Pessoas nas escondidíssimas operações *ad intra*... Essa é a maravilha das maravilhas possíveis. "Assim amou Deus o mundo que lhe deu seu próprio Unigênito, para que todos que crêem verdadeiramente n'Ele tenham *vida eterna*", que é a vida íntima da sacrossanta Trindade nas inefáveis comunicações das três Pessoas. Pois todas as três, e cada uma a seu modo, contribuem na obra de nossa deificação. Por isso sempre que se fala de *adoção, regeneração, santificação, habitação de Deus na alma*, etc., mencionam-se expressamente as Pessoas divinas. O

Pai é quem nos adota, o Filho quem nos faz seus irmãos e co-herdeiros, o Espírito Santo quem nos consagra e nos faz templos vivos de Deus; e assim vem morar em nós em união com o Pai e o Filho. Supor que certas criaturas privilegiadas sejam chamadas por graça a penetrar nos divinos arcanos, "a conhecer o segredo divino, a conversar familiarmente com as divinas Pessoas, a estar em sociedade com o Pai e seu Filho Jesus Cristo, e com o Espírito Santo, é, diz Broglie[616], ver já os esplendores da ordem sobrenatural. Então se compreenderá que esses seres privilegiados sejam chamados *filhos de Deus* e que, iniciados nos segredos do Pai, não mereçam já o nome de servos, mas o de amigos", e que assim tenham entrado a participar da natureza divina[617]. Compreender-se-á porque promete São João aos fiéis desde agora essa "vida eterna que estava desde o princípio com o Pai e que se manifestou a nós para que nossa sociedade seja com Ele e com seu Filho"; essa vida soberana cujo exercício consiste em "conhecer o único Deus verdadeiro e Jesus Cristo seu enviado", e porque, "*conhecendo e amando*

---

616 *Surnat.* 2. p. 59.

617 "Unigenitus siquidem Dei Filius, suae Divinitatis volens nos esse participes, nostram naturam assumpsit: *ut homines deos faceret, factus homo*" (S. Tomás, *Opusc.* 57). Desse lindo texto, que a Igreja faz seu (*Offic. Corporis Christi*), parece se deduzir claramente que a *deificação da criatura*, embora não tivesse pecados que reparar, exige a todo custo a Encarnação do Verbo para que sirva de base à ordem sobrenatural, como *Primogênito* de todos os filhos de Deus, em quem e por quem todos eles, sejam homens ou anjos, foram *constituídos* nessa dignidade divina e recebem a graça, a verdade e a glória, pois todos tiveram que ser *criados em Cristo*, que é antes de todos e de *quem todos dependem*, como de verdadeira cabeça e princípio de toda a Igreja, *para que em tudo tenha Ele a primazia*. Pois n'Ele habita a plenitude da Divindade, e só d'Ele e por Ele pode redundar aos outros (Col 1, 15-19; Jo 1, 16-17). Assim é como *todas* as bênçãos espirituais nos vêm d'Ele e por Ele, em quem fomos *escolhidos antes da constituição do mundo* – e pelo mesmo motivo, antes da queda – para sermos santos na Caridade, estando *predestinados à adoção por Jesus Cristo*, e a sermos *conformes à sua divina imagem*, mediante a graça com que fomos gratificados n'Ele, a fim de que Ele mesmo seja primogênito entre muitos irmãos (Ef 1, 3-6; Rom 8, 29). Assim se cumpre o que diz o mesmo Santo Tomás (*in Ioan.* 1, 16), que todas as graças com que foram enriquecidos os anjos derivam, assim como as dos homens, do Verbo humanado, que é sua comum Cabeça: "Plenitudo gratiae, quae est in Christo, est causa *omnium gratiarum*, quae sunt in *omnibus* intellectualibus creaturis". E assim todos tiveram que crer *sempre* no mistério da Encarnação, como única via de salvação, enquanto que, no da Paixão, só depois do pecado (ib., 2-2, q. 2, a. 7).

a Deus intimamente, associando-se a estes dois atos infinitos e fecundos que produzem as Pessoas divinas, fica a alma elevada sobre si mesma, unida a Deus e feita Deus por graça, segundo a expressão dos Padres".

Essa transição cristã do finito ao infinito, não é, pois, como nos sistemas gnósticos, uma queda ou degeneração do Infinito, nem tampouco, como no panteísmo moderno, uma produção absurda do Infinito pelo finito; é uma união livre entre esses dois extremos, ume elevação da criatura que, sem perder sua essência nem sua personalidade, aproxima-se do Criador e se une com Ele tão intimamente, que chega a ficar deificada.

"Se Deus nos ensina, diz Bainvel[618], que vem em nossa ajuda com sua graça para nos fazer capazes de produzir desde aqui atos sobrenaturais e divinos, que põe em nossa natureza algo que a transforma em imagem sua e a *diviniza*, compreenderemos que essa transformação não muda nossa natureza, e que essa maravilhosa comunicação de Deus à nossa alma não é a impossível e absurda fusão da natureza divina com a humana... Do que é essa participação não temos experiência nos estados ordinários, e os místicos, que parecem tê-la de certo modo, não a podem descrever senão com analogias e comparações que têm por muito imperfeitas. Essas são as já empregadas pelos Padres, do ferro convertido de certo modo em fogo, sem deixar de ser ferro; do cristal penetrado pelos raios do sol, e que se torna luminoso e parecido a um sol. Mas nada há que dê tão alta idéia dessa maravilhosa elevação como aquela que se desprende dos próprios textos da Escritura. Filhos adotivos de Deus, mas com uma adoção que alcança até o *fundo* da *natureza*, *para transformá-la*, de modo que temos em nós como um *gérmen divino*, e que somos filhos de Deus não só de nome, mas na realidade; participantes da natureza divina até o ponto de sermos capazes de *operações divinas*, as quais, por sua vez, vão completando nossa semelhança com Deus até que chegue a transformação final, em que seremos totalmente semelhantes a Ele, pois O veremos tal como é; irmãos, enfim, e co-herdeiros de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que mais se pode pedir e como expressar melhor essas divinas

618 P. 80-83.

realidades que com a palavra *deificação*? Essa não tira nada da distinção de naturezas, nem da infinita distância que separa o Criador das criaturas... Em que consiste, veremos quando virmos a Deus face a face. Entrementes, há que se contentar com saber que assim é, e buscando em nós formar dela alguma idéia, agrupando os dados da Revelação, iluminando-nos com as analogias da fé, e em particular com a da união da natureza divina e a humana na pessoa de Jesus Cristo, e nos valendo das comparações que nos oferecem os santos, diremos que a realidade é ainda infinitamente mais bela e mais sublime do que podemos conceber".

Por isso, a tradição Patrística, longe de atenuar as sublimes palavras da Escritura, ainda as acentua mais, posto que ao interpretá-las as traduz por *divinização* (θεωιςς), *deificação* (θεοποιηση), *unidade com Deus* (ένωσις πρός θεον), chegando a dizer que o homem se faz *Deus pela graça*: θεός κατά χάριν.

II. – ESSÊNCIA, FUNÇÕES E DESENVOLVIMENTO DA VIDA SOBRENATURAL. – A DEIFICAÇÃO, O CONHECIMENTO E O AMOR SOBRENATURAL; A CIÊNCIA DIVINA EXPERIMENTAL. – A GLÓRIA DOS FILHOS DE DEUS E SUA MANIFESTAÇÃO PROGRESSIVA: A UNIÃO E A ILUMINAÇÃO. – AS FASES DA VIDA MÍSTICA.

Nossa elevação à ordem sobrenatural nos permite conhecer o Eterno Pai, o único Deus verdadeiro, junto com o Verbo enviado para nossa salvação e o Espírito santificador, e conhecendo-Lhes, entrar em sua sociedade, passar da triste condição de servos à de verdadeiros amigos, e o que é mais, à de hóspedes, filhos, irmãos, mães, esposas e vivos membros, e participar assim não só dos bens, mas também da íntima vida, felicidade e operações de Deus, sendo semelhantes a Ele e conhecendo-O, amando-O e confiando n'Ele – como familiares seus – com a luz, caridade e piedosa segurança que, como tais, em nós infunde.

Assim, pois, a *essência* da vida sobrenatural consiste na *deificação*, em ser já de certo modo semelhantes a Deus e ir sendo-o cada vez mais, como verdadeiros filhos seus, conforme vão se estreitando os laços dessa filiação

divina. Ao receber do Verbo encarnado o poder de nos fazermos filhos de Deus começa a se desenvolver em nós o precioso gérmen da *vida sobrenatural*.

As *funções* e *operações* essenciais ou características desta vida são um conhecimento e um amor *divinos*, como causados em nós pelo Espírito que penetra nos insondáveis mistérios da Divindade, cuja caridade derrama em nossos corações para que amemos a Deus com o mesmo amor com que Jesus nos amou e com que se amam reciprocamente as divinas Pessoas. Esse amor há de ser filial para com o Pai; fraternal, esponsal e mesmo como fisiológico-vital para com o Filho Primogênito, Esposo de nossas almas e Cabeça do Corpo místico da Igreja, e, por fim, familiar, de profunda amizade, e, por assim dizer, experimental e *vital* (como cheio de sentimento, de vida e de íntimos afetos) para com o Espírito Santo, nosso Hóspede, Preceptor, Mestre, Diretor, Motor, Governador, Consolador, Santificador e Vivificador.

O conhecimento com que há de ir acompanhado esse amor não é abstrato, mas concreto e cada vez mais *experimental*, como de um fato admirável e incompreensível, mas, mesmo assim, *vivido* e experimentado; pois para isso temos a *vida*, o *sentido* e a *luz* de Cristo, que nos descobre os segredos do Pai, comunicando-nos esse Espírito de Amor que tudo sonda, até os mais recônditos mistérios (I Cor 2, 10-16). "A Deus ninguém jamais o viu, senão o Filho e aqueles que do Filho recebem essa manifestação" (Jo 1, 8; Mt 11, 27). E "quem tem e conhece o Filho, também tem e conhece o Pai" (Jo 14, 6-10; I Jo 2, 23; 5, 12-20).

Assim, a luz da fé se completa com a dos dons do Espírito Santo, e quando a vida chegar a sua plena expansão e manifestação, aquela se trocará pelo *Lumen gloriae*, com o qual, mostrando-se o que somos, apareceremos totalmente semelhantes a Deus, e assim poderemos vê-Lo tal como é. Agora com a fé O vemos ainda entre trevas, obscuridades e enigmas, e como de longe, o que nos faz suspirar por Ele e buscá-Lo com a santa esperança. *Vemos* e ainda *sentimos* de certo modo com o *sentido de Cristo* (I Jo 5, 20; I Cor 2, 16) essas sublimes realidades que vivemos, e por isso não nos causam nenhuma estranheza nem constituem essa "heteromania" que tanto assusta aos incrédulos; antes nos parecem cheias de harmonia e como a coisa mais natural e mais fácil de admitir; conforme nos parecem, e na realidade são,

todos os fatos vitais. Mas, ainda assim, num princípio as vivemos e sentimos *inconscientemente*, sem mal nos darmos conta nem razão delas, e mesmo sem *advertir* que assim as vemos e sentimos *sobrenaturalmente*, posto que a fé age de um *modo conatural*, ou seja, *humano*.

Mas quando com o fiel exercício das virtudes se chega a possuir em alto grau os sublimes dons de *sabedoria* e *entendimento*, com os quais *advertidamente* se age *supra modum humanum*[619], então as almas privilegiadas *desfrutam* já e *experimentam* essas verdade *como totalmente divinas*, tendo assim não só o *sentido*, mas também às vezes a clara *consciência* de que estão *sentindo* e desfrutando essa portentosa vida que Deus, sendo vida das almas, comunica-lhes, e os amorosos e delicadíssimos toques do Consolador que neles mora. Porque aqui começa a se cumprir pontualmente que *o próprio Espírito dá testemunho à nossa consciência de que somos filhos de Deus* (Rom 8, 16). Assim é como esse *conhecimento* divino *experimental*, que constitui os *estados místicos*, vem a ser um intermediário entre o da simples fé viva e o do verdadeiro *Lumen gloriae*, pois com ele começa já a se manifestar a oculta glória dos filhos de Deus. E esse conhecimento *saboroso* vai aumentando continuamente à medida que se completa a penosa *purgação da alma* e se vai avançando pelas gloriosas vias da *iluminação* e da *união*.

Nos últimos graus desse maravilhoso progresso, que levam à *deificação* – ou seja, à "mais perfeita possível assimilação, união e transformação em Deus" – já parecem se desfrutar como prelúdios da glória eterna, ou como uma verdadeira glória antecipada, e segundo vão se abrindo os sagrados véus e se manifestando os augustos mistérios do reino de Deus, a luz com que os vêem mais parece já a mesma do céu, e não a da fé ordinária.

Por isso, os místicos nos oferecem umas idéias tão sublimes, tão deslumbrantes, ao mesmo tempo que tão exatas, dessa maravilhosa vida de Deus nas almas justas, desses inefáveis mistérios do Reino que agem dentro deles mesmos, e de todo esse maravilhosíssimo processo da *deificação*, idéias com que muitas pessoas simples, e aparentemente ignorantes, deixam

---

619 S. Tomas, *In III Sent.* d. 34, q. 1, a. 1; d. 35, q. 2, a. 3.

assombrados e confusos aos mais eminentes teólogos especulativos, e com que se esclarecem, completam, precisam, avivam e aquilatam, em contato com a viva realidade, as frias especulações de uma teologia abstrata. Nada estranho que esses altíssimos conhecimentos principalmente os tenham muitas almas que aparentam serem rudes e incultas; porque esses augustos mistérios do Reino, Deus os esconde aos sábios que presumem de sua ciência e sua prudência, e os revela unicamente aos pequeninos, humildes, simples e puros de coração. Nada estranho, pois, que essas felizes almas, embora careçam de toda instrução humana, falem de Deus e de seus mais profundos mistérios com uma segurança, uma precisão e exatidão assombrosas: posto que, segundo a expressão de Santa Teresa, falam deles não como de ouvir dizer – isto é, não com de coisa estudada ou lida –, mas como de um fato visto, sentido e palpado em sua realidade surpreendente. Por isso, seu testemunho, como fundado na própria experiência íntima, a nos é tão útil para estimar e dar a conhecer do melhor modo possível a natureza inefável da vida sobrenatural e o misterioso processo de sua evolução e expansão[620].

"O sobrenatural, diremos, pois, com Broglie[621], é uma elevação gratuita da criatura por cima de sua própria natureza, em virtude da qual participa da vida íntima de Deus, faz-se semelhante entre a sociedade das três Pessoas da Santíssima Trindade e é chamada a desfrutar da visão intuitiva de Deus e de sua própria felicidade".

---

620 Essa *unidade da vida sobrenatural*, e sobretudo esta *identidade da vida mística* com a da graça, não deixou de influir na formação da idéia do sobrenatural. Os místicos, com efeito, têm certa *experiência* das próprias realidades sobrenaturais que estão em nós pela graça, do amor inefável das três divinas Pessoas e de sua presença especial na alma do justo; e precisamente nessa *experiência do sobrenatural* é no que parecem consistir os *estados místicos*. Daí provém que, para descrever essas coisas, achem expressões, se não mais exatas, mais *vivas* e mais concretas que as fórmulas teológicas: encontram analogias e imagens que, embora imperfeitas, são as mais aptas e as que melhor suprem à experiência mesma. Isso é um grande recurso para a teologia; pois desse modo o teólogo se põe em contato com a *realidade*. Tal palavra de São Bernardo ou de um monge desconhecido sobre o *silêncio* da alma na presença de Deus, sobre o *toque divino* no mais íntimo do ser, sobre o misterioso passo de Deus, como um relâmpago na noite profunda, faz entrever mais que as fórmulas abstratas e serve singularmente para vivificá-las" (Bainvel, *Naturel et Surnaturel* p. 77).

621 2, p. 62.

Crescemos nessa vida divina, cumprindo a vontade do Pai celestial, exercitando fielmente as virtudes infusas e os dons e carismas do Espírito Santo, e recebendo os vitais influxos do Salvador por meio de seus sacramentos.

Tal é a essência e tais as funções da vida sobrenatural; vida divina, vida eterna e reino de Deus nas almas. O modo como se desenvolve até chegar à sua plena expansão e à sua manifestação gloriosa, é num princípio algo sombrio, triste e extremamente doloroso, até que a alma vá *se desnudando do homem velho e se revestindo do novo, criado, segundo Deus, em santidade e justiça verdadeiras.* Mas logo que provou essa *água viva*, quanto mais a bebe, mais sede dela tem, e vê que "com ela lhe vêm todos os bens e uma indizível honestidade", que "quem a encontra, encontra a vida e bebe a salvação do Senhor, e os que a detestam, amam a morte" e a si mesmos detestam. Com ela, vê em si mesma que tem uma fonte de vida eterna, e que começa a viver uma vida desconhecida aos mundanos, e se lhe abrem horizontes infinitos onde tudo é luz e fragrância celestial e onde se desfrutam já as delícias da glória de Deus.

"Sabido é, diz Méric[622], com que arte prepara o Espírito Santo, modela e transfigura a esses predestinados. A primeira hora é triste e sangrenta. Quer vivam no claustro, como Santa Teresa, ou no mundo, como Santa Rosa de Lima, devem passar invariavelmente pelas mesmas crises desesperadas e gloriosas da *vida purgativa*, e ainda hoje, através dos séculos, ouvimos ressoar o eco de seus infinitos soluços. Serão oprimidos, atormentados com tentações, temores, desesperos e abandonos terríveis d'Aquele que lhes nega ainda as manifestações de suas divinas ternuras; sentirão os castigos que crucificam o corpo e as angústias que sufocam a alma. Do alto da cruz avermelhada com seu sangue, implorarão piedade, pedirão a gota de água que mate sua sede devoradora na hora cruel em que se crêem abandonados por Deus e pelos homens: *Sitio!* E nesse martírio é de onde virá à luz o *homem novo*".

"E em verdade é uma *nova criatura* a que acaba de nascer. De agora em diante, dona de si mesma, inquebrantável em seus propósitos, morta às

---

622 *Manuel de Thèol. Myst.* de Lejeune, p. 6-8.

concupiscências do mundo, passou já o terrível desfiladeiro da vida *purgativa*, e se prepara para saborear os gozos da *iluminativa* e da *unitiva* que lhe serve de coroamento. Esses gozos serão interrompidos ainda pelos sofrimentos que conservam e completam a semelhança da alma com Jesus Cristo; a *nova criatura* jamais perderá o amor às expiações voluntárias e às imolações sangrentas. Mas no meio desses padecimentos ardentemente desejados, a alma que vê já claramente aonde a quer levar Deus, sente gozos tão profundos como indizíveis: sua vista abarca o imenso horizonte das realidades que não passam, e fica fortalecida e ampliada com os esplendores celestes. Essa alma, assim unida a Deus pela graça, ouve sua voz, e percebe sua imagem viva e comovente; participa de certo modo de sua vida, por uma maravilhosa familiaridade: *familiaritas stupenda nimis*; desconcerta aos místicos que querem explicar esse divino comércio com palavras humanas; eleva a humanidade à incomparáveis alturas; ao seu redor brilham os contínuos prodígios que realiza, e assim nos mostra como, acima das leis conhecidas que presidem a harmonia das coisas terrenas, há outras leis ainda desconhecidas que presidem a harmonia das coisas divinas: essas leis são a expressão singular da sabedoria e da ternura de Deus".

Como o processo dessa renovação espiritual é tão admirável e tão digno de ser conhecido por todos os fiéis, e em particular pelos diretores de almas, para nós é preciso examiná-lo agora aparte e detalhadamente. Para isso devemos nos ater ao que nos ensinam as almas experimentadas que se elevam às grandes alturas da vida mística. Essas almas, diz o Padre Monsabré[623], podem de algum modo "nos contar o que vêem, o que sentem e o que saboreiam. Perguntemos a elas, leiamos seus escritos, e nos dirão como se rasgou o véu da natureza para deixá-las ver as misteriosas perfeições da Divindade...; como chegaram à ciência da verdade santa...; como se inflamaram seus corações no amor divino...; como, tirando-as da servidão de todas as sensações, tomou-as Deus em seus braços, para lhes fazer saborear as doçuras de uma união que não tem nome em língua humana".

---

623 *Orat.* c. 5, 3.

SEGUNDA PARTE

EVOLUÇÃO MÍSTICA INDIVIDUAL

CAPÍTULO I

PROCESSO GERAL DA RENOVAÇÃO E DEIFICAÇÃO

§ I. – A RENOVAÇÃO E MORTIFICAÇÃO. – PURIFICAÇÃO PROGRESSIVA.

Acabamos de ver em que consiste a divina vida da graça que do céu nos trouxe Nosso Senhor Jesus Cristo, quais suas nobilíssimas operações e quais os meios para fomentá-la em cada um dos membros do Salvador e em todo o místico corpo de sua Santa Igreja. Agora vamos estudar, dentro das possibilidades, a maravilhosa história da *deificação individual*, ou seja, o processo de desenvolvimento do divino gérmen da graça em cada coração cristão, para que, conhecendo-o em toda sua amplitude, possamos fomentá-lo convenientemente, secundando-o com todas as nossas forças, tirando a tempo os obstáculos que o impedem ou dificultam, e vigiando para que, em muitos períodos críticos, não venha a se perder por nosso descuido ou desfalecimento. Assim, crescendo sempre em caridade e graça, poderemos contribuir muito eficazmente para a edificação de todo o Corpo Místico.

Conhecido já o *Dom de Deus*, cabe a nós desejá-lo com toda a alma, e pedir incessantemente que nos seja dado de beber a misteriosa água viva[624],

---

624 "Si scires donum Dei... forsitan petisses ab eo, et dedisset tibi aquam vivam" (Jo 4, 10). "Para que pensais, filhas minhas, escreve Santa Teresa (Caminho, c. 19), que quis declarar o fim e mostrar o prêmio da batalha, dizendo-vos o bem que traz consigo chegar a beber dessa água viva? Para que não vos aflijais do trabalho e contradição que há no caminho... Vede que convida o Senhor a *todos*... os que não ficarem no caminho, não lhes faltará essa água viva". "A ninguém tirou – prossegue – (c. 20) – que *procurasse* essa fonte de vida para beber. Bendito seja sempre, e com quanta razão o teria tirado a mim! E pois não me mandou o deixasse..., a seguramente *não o tira a ninguém*, antes publicamente nos chama; mas como é tão bom, não nos força, antes dá muitas maneiras de beber aos que lhe querem seguir, para que nenhum vá desconsolado... Dessa fonte caudalosa saem córregos...

que regue e fecunde o jardim de nossos corações[625]; encontrado o místico tesouro escondido, devemos nos dispor para trocar por ele todos os bens do mundo (Mt 13, 44-46), e enriquecidos com os divinos talentos é nosso dever cultivá-los, empregá-los bem e negociar com eles para colocá-los no serviço de Nosso Senhor e para o proveito de nossas almas (Mt 25, 14-30)[626]. Por isso, devemos pedir-lhe que nos dê êxito em tudo e nos encha de seu Espírito de sabedoria para que possamos apreciar dignamente seus dons[627]. E para empregá-los bem, muito nos importa saber em que consiste a "boa negociação" que Ele nos pede, e vigiar para que "de noite não se apague nossa lâmpada" (Prov 31, 18).

Necessitamos, pois, estudar a ordem que costuma seguir o desenvolvimento do preciosíssimo gérmen da graça divina e ver que cuidados exige em cada caso particular, e como se lhe prepara e cultiva o campo de nosso coração, onde está semeado, arrancando dele toda erva daninha para que não sufoque a boa, e dispondo-o de modo que essa cresça com prosperidade.

Todo o processo da vida sobrenatural consiste em *nos despojarmos do homem velho, com todos seus atos, e nos vestirmos do novo* (Col 3, 9-10). Esse *homem velho*, em si mesmo, é Adão caído e degenerado, e o *novo* é Jesus Cristo, Filho de Deus e nosso Salvador, *Homem perfeito*, princípio de nossa

---

e pocinhas para as crianças, que isso lhes basta, e mais seria espantá-las... Esses são os que estão nos princípios".

"Aos que *querem ir até o fim*, que é chegar a beber essa água, acrescenta (c. 21), digo que importa muito e em tudo uma *grande determinação de não parar até chegar a ela*, aconteça o que acontecer... Se não nos deixamos vencer, conseguiremo-la... Por pouco proveito que tirem, sairão muito ricos. Não tenhais medo que vos deixe morrer de sede o Senhor, que nos chama para que bebamos dessa fonte".

625 "Dixi: Rigabo hortum meum plantationum, et inebriabo prati mei fructum. Et ecce factus est mihi trames abundans, et fluvius meus appropinquavit ad mare" (Eclo 24, 41-42).

626 "Daqui nasce, dizia a Virgem à Ven. Maria de Agreda (*Míst. Ciud.* 1ª p., l. 1, c. 20), a solicitude e o cuidado de não perder o que se tem de graça, antes agir com diligência para conservá-lo, e aumentar o talento, pois se conhece ser esse o único meio para não perder o que temos em depósito, e que se dá à criatura para que devolva em retorno e trabalhe na glória de seu Criador".

627 "Optavi, et datus est mihi sensus; et invocavi, et venit in me Spiritus sapientiae; et praeposui illam regnis et sedibus, et divitias nihil esse duxi in comparatione illius... Infinitus enim thesaurus est hominibus" (Sab 7, 7-14).

vida sobrenatural e restaurador da humanidade (Rom 5, 12; 6, 6-12; I Cor 15, 45-49; Ef 4, 23-24). Em nós, o *homem velho* é a natureza viciada com o pecado de Adão e com os inumeráveis defeitos que se lhe acumularam, deixando-a tão retorcida, tão propensa ao mal, tão subjugada por perversas inclinações, que se sente incapacitada para cumprir a própria lei natural; o *novo* é a natureza regenerada, retificada, aprimorada e reanimada pelo Espírito de Jesus Cristo. Todo nosso progresso espiritual consiste em procurar a mais perfeita *pureza de coração* e a mais completa submissão e *docilidade às moções e insinuações do Espírito Santo*, que nos sugere e inspira os sentimentos de nosso Salvador, e vai imprimindo em nós sua divina imagem, e desse modo, se não lhe resistimos com nossa indocilidade, nem sufocamos e impedimos sua ação com a impureza de nossos mundanos desejos, renovará a face de nossa terra e irá nos transformando de claridade em claridade. O ideal do cristão é, pois, desprender-se de si mesmo para reproduzir a viva imagem do *homem novo*, portando-se em tudo como verdadeiro filho de Deus, vivendo e agindo segundo seu Espírito e seguindo sem a menor resistência sua moção e direção; pois assim mostrará ser fiel filho de Deus, enquanto proceda animado por seu Espírito (Rom 8, 14)[628].

Mas para chegar a essa verdadeira e gloriosa liberdade dos filhos de Deus, há que romper as pesadas correntes das más inclinações que nos escravizam, desenraizar todos os vícios e hábitos pecaminosos, domar e refrear por completo as paixões rebeldes ou desordenadas, vigiar sobre os mais ocultos movimentos e sentimentos de nossos corações e endireitar tudo que está torcido, resistir à todas as sugestões do mal e sufocar todas as concupiscências do amor próprio, de modo que já não tenhamos outro querer nem outros interesses senão os de Jesus Cristo[629]. Assim, unindo-nos

---

628 "Os dois elementos da vida espiritual são a *purificação do coração* e a *direção do Espírito Santo* (...)" *Cf.* Pe. Lallemant, *Doctr. spir.* pr. 4, c. 2, a. 1.

629 "Um homem bem resignado, diz o Beato Suso (*Unión* c. 2), deve rejeitar as frivolidades e as imagens das criaturas e buscar imprimir Jesus Cristo em seu coração e se transformar em sua Divindade. Quem está morto a si mesmo e vive a vida de Jesus Cristo, tudo recebe bem, e quer que cada coisa siga sua respectiva ordem. Quem está recolhido em si mesmo, facilmente nota seus defeitos à

amorosamente com Ele nessa perfeita conformidade de vontades, ficaremos transformados e feitos uma só coisa com Ele, vivendo em tudo de seu Espírito (I Cor 6, 17). E quando assim reine em nós o Espírito de Nosso Senhor, desfrutaremos já da plena e verdadeira liberdade, porque *ubi Spiritus Domini, ibi libertas* (II Cor 3, 17).

Por aqui se compreenderá quão longa e laboriosa há de ser nossa *preparação do caminho do Senhor* (Is 40; Mt 3, 3), que leva à felicíssima união com Deus e à plena manifestação de sua vida em nós.

Ele é a própria pureza e santidade por essência, a retidão e simplicidade absoluta. E nós "desde a planta dos pés até o alto da cabeça, não temos coisa direita nem sadia" (Is 1, 6): tudo está mais ou menos contaminado com a culpa original, com os vícios hereditários que foram se acumulando, e muito especialmente com os pecados pessoais que, por leves que sejam ou pareçam, contaminam e pervertem a própria alma (Prov 8, 36). Sabido é que, como dizem os fisiólogos, com cada ato vicioso ou desordenado se "organiza uma má associação de neurônios", e se forma "um circuito" que tende logo a reproduzir automaticamente o mesmo ato com independência de nossa vontade, e com a repetição de atos, essas associações viciosos se consolidam e chegam a se fazer hereditárias. Assim é como com cada ato vicioso de nossos pais, e sobretudo com os próprios, agravam-se os estragos da primeira culpa e vai se reforçando e aumentando a onda do mal[630]. Quando se consideram esses atos – por leves que possam aparentar muitos deles – acumulando seus efeitos em milhares de anos, compreenderemos quão certo é que *não há em nós coisa sã*, que as desordenadas tendências se enraizaram até no mais profundo de nosso ser, e que não há em todo nosso

---

luz da Verdade. Conhece o amor desordenado que pode ter às criaturas, e os laços que lhe impedem de alcançar sua perfeição. Quando interiormente Deus lhe repreende, com docilidade se humilha e reconhece que ainda não está livre das criaturas e de si mesmo... Quando o homem quer se recolher em si mesmo, e se unir à Verdade, deve se elevar acima dos sentidos para se transformar em Deus e ver se há ainda algum obstáculo entre Deus e a alma para ser retirado; e se já não se busca em nada, desfrutará da divina Essência na luz de sua união, e por isso esquecerá tudo. Quanto mais se afaste de si mesmo e das criaturas, tanto mais unido à Deus viverá e tanto mais feliz será".

630 Veja-se nossa obra *La Providencia y la evolución* t. 1, p. 145-150.

organismo nem o mais ínfimo elemento sensitivo ou motor que não se encontre de algum modo contaminado, viciado, torcido ou mal inclinado. E esses vícios do corpo repercutem e se deixam sentir nas próprias potências da alma, se é que não residem nelas principalmente, como acontece com as faltas voluntárias.

Daí que para purificar, retificar, simplificar e santificar todo nosso ser, renovando e ordenando esse complicado labirinto segundo as simplíssimas normas divinas – de modo que os sentidos e apetites se submetam à razão, e essa ao divino Espírito, e assim possa ser perfeita nossa união com Deus –, deve se fazer nele todo uma violência extremada, para que tudo se endireite e se corrija, e, voltando ao seu lugar normal, esteja em condição de ser aprimorado e transfigurado. Assim esse *mortificar* não é *matar*, mas *curar*, retificar e renovar. Se a natureza estivesse totalmente sã e equilibrada, espontaneamente se submeteria à norma superior que tanto a enobrece, como se submetem as energias físicas ao plano vital, a vida orgânica à sensitiva e essa à racional num organismo perfeito. Mas quando há alguma imperfeição, as energias inferiores facilmente se insubordinam, e da relativa autonomia de que gozam tendem à soberania e mesmo à tirania, e, pelo mesmo motivo, é preciso subjugá-las para que se submetam à ordem. E como no homem todos os apetites inferiores estão insubordinados e levantados contra a razão – pelo mesmo motivo que ela também se insubordinou aspirando a ser "autônoma" –, por isso deve fazer violência a eles, e mesmo a ela mesma *in obsequium fidei* (II Cor 10, 5), para que em tudo reine de novo o Espírito de Deus[631].

---

631 "Para compreender quão necessária é a purificação do coração, é preciso, diz o Pe. Lallemant (*Doctr.* pr. 3, c. 1, a. 2), conhecer nossa corrupção natural. Há em nós uma malícia infinita que não vemos, porque nunca entramos verdadeiramente em nós mesmos. Se o fizéssemos, acharíamos uma infinidade de desejos e apetites desordenados, de honras, prazeres e comodidades, que fervem sem cessar em nosso coração. Tão cheios estamos de idéias falsas e de juízos errôneos, de desordens, paixões e malícias, que se nos víssemos tais como somos, envergonharíamo-nos de nós mesmos. Mas assim como, à força de tirar sujeira de um poço, consegue-se que dê água pura e cristalina, assim também, purificando incessantemente nossa alma, vai aparecendo seu fundo, onde Deus descobre sua presença com maravilhosos efeitos para o bem dela e de outros. Quando o coração já está bem

Os racionalistas – embora se chamem cristãos *reformados* – como só vivem e sonham com um puro *naturalismo*, não compreendem essas negociações e violências feitas à *natureza*, à qual procuram em tudo justificar como se estivesse tão reta como saiu das mãos de Deus. Mas por pouco que se fixassem em nossa natureza, tal como a temos, notariam inumeráveis tendências desordenadas e indômitas que têm mais de *bestiais* que de *racionais*, e compreenderiam a necessidade de se violentar para poder viver não já como cristãos, mas como verdadeiros homens[632]. Submetidas essas tendências à razão, essa mesma, que em tantas coisas tem que sentir suas fraquezas, deficiências e extravios, deixaria por seu próprio bem de aspirar a uma autonomia quimérica e destrutiva, e aceitaria de bom grado as infalíveis normas da Razão suprema. E, ao se aproximar de Deus e ficar iluminada, iria vendo em si mesma outras milhares de imperfeições e impurezas que antes não advertia e, reconhecendo que diante da santidade absoluta não há criatura nenhuma bastante limpa, chegaria a compreender a necessidade de que o próprio Deus a purifique com o fogo de sua virtude e a fortaleça com

---

purificado, enche Deus a alma e todas as suas potências de Si mesmo e de seu amor. Assim, a *pureza de coração conduz à união divina*".

632 Apesar das mortificações, observa Fonsegrive (*Le cathol. et la relig. de l'esprit* p. 19-21), "não há medo de que o ideal católico nos atrofie ou diminua a vida". Por mais que digam que "esse ideal, esperamos realizá-lo mais tarde, e entretanto deixamos a presa na sombra"; o caso é que todos têm que se mortificar de um modo ou de outro, queiram ou não queriam, pelo motivo mesmo que é impossível satisfazer as todas nossas tendências, desejos e caprichos. Por isso, "todos os moralistas reconhecem que é preciso lutar contra as paixões, e que para alcançar o silêncio interior, condição da verdadeira vida, deve fugir do mundo e do ruído dos sentidos. O livre-pensador Ed. Clay faz ver em seu *Alternative* como 'não há mais remédio que escolher entre se fazer homem ou se deixar fazer animal'. E não se pode refrear o animal e fazer que viva o homem senão sofrendo; é só nos ásperos cumes do Calvário onde se recolhe a flor sublime da humanidade. O Caminho da Cruz é o único que conduz à verdadeira vida". – Sabatier condena a mortificação como "uma forma inferior e reprovável da disciplina moral". E assim esses novos *discípulos* de Jesus pretendem corrigir o divino Mestre, que com exemplos e palavras tanto a recomendou. Mas se o médico pode recomendar o jejum para facilitar as funções fisiológicas, por que não há de ser conveniente ou necessário para facilitar as espirituais? E se aquele ordena muitos remédios dolorosos, "por que não há de poder a alma ordenar ao corpo outros remédios análogos, se são necessários ou úteis para reduzi-lo à obediência e fazê-lo dócil ao Espírito?" – Cf. Rodríguez, *Ejercicio de perfección* 2ª p., tr. 1, c. 9.

a virtude de seu Espírito renovador. Assim a natureza, tal como está, não pode se canonizar, e o que nela violentamos não é propriamente o fundo bom, saído das mãos de Deus, mas as torcidas tendências conaturalizadas por culpa humana. Domadas essas, purifica-se a própria vida natural de modo que possa se desdobrar sem resistir ao Espírito e sem impedir o desenvolvimento da sobrenatural. Não buscamos destruir ou sepultar os dons naturais que recebemos de Deus, mas restaurá-los em sua pureza nativa para que se desenvolvam melhor, ao mesmo tempo que, transfigurados com a graça, elevam-se a uma ordem divina e produzem frutos de vida eterna[633].

O primeiro passo que devemos dar em nossa renovação é, pois, o de nos violentarmos para renunciar a todos os nossos desordenados gostos e apetites, sujeitando e mortificando nossos sentidos para que não nos induzam ao mal, e castigando nosso corpo e reduzindo-o à servidão, para que não deseje contra o espírito. Só assim é como poderemos empreender verdadeiramente o caminho espiritual.

Essa contínua mortificação, hoje tão odiada e desprezada pelos mundanos – e mesmo tão pouco apreciada por alguns que, presumindo serem espirituais, crêem que com ela atentam contra a vida –, é totalmente indispensável para nos reformarmos e retificarmos; para desenraizar nossos maus hábitos e torcidas inclinações; para purificar e reintegrar nossa própria natureza, a fim de que viva sã como Deus a criou, e não viciada como a deixou o pecado; para arrancar por completo a má semente, a fim de que não frutifique nem sufoque a boa; para destruir o gérmen da *concupiscência*

633 "Vós, meu Senhor, dizia Santa Maria Madalena de Pazzi (*Obras* 1ª p., c. 9), não exigis de mim, nem de nenhuma outra de vossas esposas, que, para melhor nos aniquilarmos, destruamos os dons naturais que há em nós; porque pertencem a Vós, que os concedestes a nós. Destes a um, dois talentos, a outro três e a outro cinco (Mt 25). E é uma loucura rejeitar os dons naturais, posto que podem nos servir para vossa honra e glória".

"Fique entendido, observa Santa Teresa (*Fundaciones*, 6), que tudo o que nos sujeite, do modo que entendamos, a deixar livre a razão, tenhamos por suspeito, pois que nunca por aqui se ganhará a liberdade de espírito; uma das coisas que tem que ser feito é achar Deus em todas as coisas e poder pensar nelas: o resto é sujeição de espírito, e deixado o dano que faz ao corpo, ata a alma para não crescer".

e nos livrar da escravidão do pecado: *ut destruatur corpus peccati, et ultra non serviamus peccato* (Rom 6, 6); para cultivar e preparar bem a terra de nosso coração, a fim de que assim cresça nela sem obstáculos e frutifique em abundância o gérmen divino; em suma, para domar e subjugar nossos corpos com todas as suas potências sensitivas, a fim de que não resistam, mas obedeçam à razão, e ordenar a própria razão de modo que em tudo se submeta ao Espírito. Só assim conseguiremos *não contristar o Espírito Santo, que mora em nós*, mas obedecê-lo e secundar em tudo sua ação e seus amorosos impulsos, com que devemos ficar renovados. Com isso, longe de perder, a própria natureza mortificada sairá ganhando ao reviver sã, pura e elevada com a graça. Pois Deus não tenta *nos matar*, mas *nos revivificar*; pois "não quer a *morte* do pecador, mas que se converta e *viva*", e por isso enviou seu Filho para *buscar e salvar o que havia perecido* (Lc 19, 10). Desse modo, o que de fora parecia triste e amargo, resulta alegre, consolador, deleitoso e cheio de inefáveis delícias.

Pouco importa que os mundanos e carnais não entendam nem queiram entender isso: entendem muito bem os espirituais. E a presunçosa sabedoria daqueles, como pura loucura, é inimiga de Deus, a quem não é possível agradar vivendo segundo a carne. "A prudência carnal é morte, enquanto a do Espírito é vida e paz". Por isso, "se queremos viver segundo a carne, morreremos; mas se, obedecendo ao Espírito, mortificamos as tendências da carne, viveremos[634]. Pois quem ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos vivificará também nossos corpos mortais, por seu Espírito que mora em nós" (Rom 8, 5-13). Também os médicos, para nos curar de uma enfermidade corporal, obrigam-nos a dietas, purgas e molestos remédios, quando não ao uso do ferro e do fogo. Assim "quem ama desordenadamente sua vida, esse a perde, e aquele que aparenta perdê-la por Jesus Cristo é quem consegue

634 "Em oposição à carne, o espírito, diz Bacuez (n. 587), significa a parte superior da alma, enquanto animada pelo Espírito de Deus e participante de suas disposições (Rom 8, 4-10; I Cor 2, 4; 6, 17; 14, 14-15; Gal 3, 3; 5, 16; 6, 8). Deve reinar sobre a parte inferior, retificá-la e completá-la..., ser sua luz, seu freio, sua direção, sua regra, assimilando-a de tal modo, que pareça da mesma natureza e uma mesma coisa com ele".

encontrá-la"; do mesmo modo que "a do grão de trigo, não cresce nem se renova e multiplica, senão desaparecendo na terra" (Jo 12, 24-25)[635].

Se essa mortificação e a guarda contínua de nós mesmos parecem e são num princípio custosas, logo vão se fazendo pouco a pouco fáceis e até saborosas com o auxílio da graça; porque essa torna suave o áspero, leve o pesado, fácil o difícil e até doce todo o amargo; mostrando aos que já têm alguma experiência, quão suave é o jugo do Senhor e quão leve seu fardo (Mt 11, 30). Tudo é começar de uma vez com resolução e coragem; porque *o reino dos céus sofre violência, e são os esforçados que o arrebatam* (Mt 11, 12)[636].

---

635 "Nem a semente, observa Tauler (*Inst.* c. 22), pode se converter em árvore, nem a flor em fruto, se aquilo que parece ser primeiro não morre e se acaba... Mas quanto mais a flor murcha, acaba-se e perece, tanto mais se mostra e cresce o fruto. Assim também aquele que a si mesmo e a todas as coisas com diligência se nega e morre, permanecendo morto a tudo, começa a estar em Deus mais verdadeira, essencial e frutuosamente".

"Sem mortificação, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 9, cf. 9), não pode haver fogo durador, nem consolo, nem devoção; não há energia nas tentações, nem pode haver vitórias nas lutas. Sem mortificação não há firmeza nem progresso. A mortificação é a morte das paixões, o remédio contra o prazer pecaminoso, o golpe dado à raiz do mal: é o alimento do zelo, azeite da oração, caminho da união com Deus. Aprende a estimar e praticar a mortificação, e bem rápido verás a mudança que Deus haverá de realizar em ti... Cada passo para a perfeição custa aos santos uma penosa luta e compram a grande preço cada um dos consolos de sua união com Deus".

"Não nos dás nada sem custo, Senhor! – exclama Santa Catarina de Gênova (*Dial.* 3, 12) –. Para vos encontrar é preciso vos buscar com laboriosos esforços (Prov 8), e nos prometeis a vida à condição de que consintamos em morrer... Assim como vos sacrificastes Vós mesmo para nos dar a salvação, assim também quereis que o homem, a vosso exemplo, saiba se imolar em corpo e alma para cumprir vossa amável e todo-poderosa vontade. Da *desnudez* do coração e do espírito não sabemos senão balbuciar... E, no entanto, trata-se de um prodígio da graça que deveríamos manifestá-lo se fosse possível. Trata-se de um inestimável tesouro, com o qual não merecem se comparar todas as riquezas do mundo. Quem o encontra, sente-se humanamente esclarecido, despojado, privado de tudo, e sobrenaturalmente possui a plenitude da *sabedoria*, da *ciência* e *todos os dons de Deus*" (Is 33). Para os mundanos, todo isso são enigmas ou loucuras; mas as almas espirituais o compreendem muito bem. "O sábio, diz Oséias (14, 10), *entenderá* essas coisas, e o experimentado as *saberá*, porque os caminhos do Senhor são retos, e por eles andarão os justos; mas os prevaricadores neles encontram sua ruína".

636 Santa Catarina de Ricci (cf. *Vida*, pelo Revdo. Pe. Marchesi, c. 24), viu uma vez como numa grande pradaria uma belíssima fonte, na qual tinha Nosso Senhor seu trono, rodeado por muitos anjos e santos. Esses exortavam suas religiosas a que se aproximassem do divino Esposo, que amorosamente

Buscando-o antes de tudo, com ardor e com amor, logo se vê que com ele vem as outras coisas por acréscimo[637].

O quanto trabalhemos em nossa abnegação e aniquilamento, tanto avançaremos no caminho espiritual; pois todo o aproveitamento consiste em esvaziar e purificar nossos corações para nos deixarmos invadir pelo divino Espírito, que há de produzir nossa renovação e transformação, e Ele só se comunica e age plenamente onde encontra um coração vazio e limpo que não lhe feche a porta com o inchaço do amor-próprio, nem que seus vícios ou impurezas Lhe impeçam de morar, nem Lhe resista com apegos terrenos e tendências desordenadas. Por isso, a primeira lição que se aprende na escola de Jesus Cristo é o *negue-te a ti mesmo, toma tua cruz e me siga* (Mt 16, 24; Lc 9, 23). Necessitamos, pois, por uma parte, fazermo-nos suma violência

---

as chamava. Mas para chegar até Ele tinham que passar por um lago muito profundo, o que lhes infundia muito medo. Contudo, as mais corajosas, no primeiro sinal que o Senhor lhes fazia, sem pensar mais que em agradá-Lo, lançavam-se na água, e embora lhes custasse não pouco trabalho sair, e parecessem como em perigo de se afogarem, por fim saiam muito alegres, belas e coroadas de flores. Outras, acovardadas, mostravam grande dificuldade para entrar, e necessitavam que os santos as animassem e persuadissem. E também essas, embora com mais trabalho, iam saindo lindas; mas não coroadas de flores, senão de espinhos. Ficando maravilhada a Santa, o Senhor se dignou explicar-lhe essa visão, dizendo-lhe que, para chegar à felicidade de sua glória, era preciso passar pelas águas de muitas tribulações, nas quais, quem por amor seu permanecesse com paciência, por mais que se veja como afogado, sai coroado de flores; porque em tais se convertem os próprios trabalhos, não sentindo pena por eles. Mas quem entra ali como que por força, sai coroado de espinhos; porque sente toda a dor e aspereza das tribulações.

"Em questão de sacrifícios, dizia o Santo Cura de Ars, o que custa é só o primeiro passo". "Considerai, diz Lallemant (pr. 2, sec. 1, c. 1, a. 2), dois religiosos: um que desde o princípio se entrega totalmente a Deus, resolvido a não poupar meios para se santificar, e outro que vai passo a passo e sem ânimos para vencer a metade das dificuldades; comparai a vida de um com a do outro, digo, toda a vida, não parte dela, e vereis que o tíbio terá tido que sofrer muito mais que o fervoroso. *Tudo é aflição e adversidades em seus caminhos*, diz o Real Profeta falando dos covardes que não se entregam a Deus generosamente. *Não conhecem o caminho da paz*".

637 "O primeiro que Eu ordenei buscar no Evangelho, dizia o Salvador à Santa Gertrudes (*Legatus divinae pietatis* 3, 90), é o reino de Deus e sua justiça (Lc 12, 31), isto é, o progresso interior. Não disse que em segundo lugar haja necessidade de buscar o exterior, mas prometi dá-lo em acréscimo. Que todos que queiram ser amigos de Deus, e em especial os religiosos, pesem a importância dessas palavras".

para resistir às más inclinações e desenraizar todos os vícios, e por outra, resignarmo-nos com a vontade de Deus, aceitando de bom grado todas essas cruzinhas que a cada hora nos envia, e que são outros tantos remédios com que cura as chagas de nossa alma, e outras tantas lições com que ilumina nossa inteligência e nos preserva dos enganos do mundo, ensinando-nos suavemente a praticar com toda perfeição as virtudes ordinárias e nos preparando para as extraordinárias[638], pois a cruz é nossa salvação e nossa luz, nossa vida e ressurreição[639]. Atendendo assim à ação de Deus sobre nós, que é a expressão de sua santa vontade, e a voz de seu Espírito que continuamente nos está ditando no fundo de nossos corações o que mais nos convém fazer e omitir em cada momento[640], poderemos *seguir* com fidelidade as pegadas do Salvador, que era em tudo levado e guiado pelo divino Espírito, e alcançaremos imitar seus exemplos admiráveis, aprendendo d'Ele a mansidão e humildade de coração, e abraçando com amor nossa cruz cotidiana, a Ele acompanharemos no caminho do Calvário, onde deve se realizar plenamente a obra de nossa reparação[641].

Devemos acompanhar Jesus Cristo nos padecimentos para podermos ressuscitar com Ele para a nova e gloriosa vida, onde poderemos desfrutar

---

638 "Algumas vezes, diz Santa Teresa (Mor. 7, c. 4), nos põe o demônio desejos grandes para que não utilizemos o que temos em mãos para servir Nosso Senhor em coisas possíveis, e fiquemos contentes com termos desejado as impossíveis".

639 *As cruzes ordinárias, e a felicidade temporal e eterna.* – "Todos devemos sofrer neste mundo, dizia Santo Afonso Maria de Ligório; quem sofre com paciência sofre menos e se salva; quem sofre com impaciência sofre mais e se condena". "Não é a mais pesada a cruz abraçada", observa a Ven. Mariana de Jesus. – "Quem foge de uma cruz, advertia São Felipe Neri, se encontra logo com outra maior. Os que sofrem suas tribulações com paciência, vivem no céu; os que sem ela, no inferno".
Veja-se também: Pe. De Caussade, *Abandono* l. 1, c. 8.

640 Cf. Pe. Grou, *Manuel*, p. 12; pp. 98-102.

641 "Quis, dizia Nosso Senhor à Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 11), instruir-vos com meu exemplo, ensinando-vos a triunfar pelo caminho da cruz. Se queres te fazer forte contra o inimigo, toma a cruz como estandarte... Abraça, pois, as penas e aflições; não te contentes com suportá-las com paciência; abraça-as com amor; são verdadeiros tesouros. Quem melhor as sofre por Mim, mais semelhante se faz a Mim... Olha, pois, filha querida, com a atenção em Mim, as coisas doces como amargas, e as amargas como doces, e tenha certeza que assim serás sempre forte".

das coisas do alto (Col 3, 1-2). Por isso, devemos sempre *aproximar nosso corpo da mortificação de Jesus Cristo para que também a vida de Jesus Cristo possa se manifestar em nossa carne mortal* (II Cor 4, 10), que é quando essa fica totalmente pura e sã. Daí os rigorosos jejuns, os ásperos cilícios, as duras disciplinas, as penosas vigílias e todas as demais austeridades com que as almas penitentes se purificam de suas culpas e arrancam suas más inclinações, sabendo que é preciso que *os membros que serviram à concupiscência para produzir frutos de morte, sirvam* à *justiça para produzir os de santificação e de vida* (Rom 6, 19-22; 7, 4-5). Na escola da mortificação e abnegação cristãs é onde se aprende a *ciência dos santos*, que se resume toda na *loucura da cruz*[642]. Jesus crucificado, "escândalo para os juDeus e loucura para os gentios", é para os escolhidos a própria *virtude e sabedoria de Deus* (I Cor 1, 18-24). Quem segue Jesus Cristo em todos os seus sofrimentos, *não anda nas trevas, mas tem luz de vida* (Jo 8, 12).

Assim a abnegação e a mortificação levam diretamente à iluminação e vivificação. A ciência da salvação, a prudência do espírito, a inteligência das verdades eternas e a sabedoria celestial *não se encontram na terra dos que vivem com regalo* (Jó 28, 13).

Por isso, os carnais não compreendem essa mortificação rigorosa. Mas os verdadeiramente espirituais – que tudo jugam com acerto – não só a compreendem, mas com tal ardor a praticam, que mais podem nesse ponto necessitar de freio que de estímulo. Pois tal ódio eles costumam conceber contra esse corpo corruptível que *agrava a alma e deprime o sentido* (Sab 2, 15), e com tal rigor gostariam de castigá-lo, que se seus diretores não lhes interrompessem, ou o Espírito do conselho não os assistisse, chegariam a

642 "O caminho da penitência, e dos Meus mandamentos, dizia Nosso Senhor à Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 9.), parece num primeiro momento duro e penoso; mas, à medida que por ele se avança, torna-se doce e fácil. No caminho do mal, pelo contrário, os primeiros instantes são lisonjeiros; mas logo vem a pena e o perigo". "Vós dispusestes, e pontualmente se cumpre, afirma Santo Agostinho (*Conf.* 1, c. 12.), que todo ânimo desordenado seja verdugo de si mesmo".
Veja-se também: Pe. Lallemant, *Doctrine* pr. 4, c. 4, a. 1; Beato Henrique de Suso, *Eterna Sabedoria*, c. 4.; Tauler, *Inst.* c. 23; Pe. Huby, *Maximes* 5.

se incapacitar para o divino serviço. E, por outra parte, tais encantos vão descobrindo na vida interior, que para senti-los e gozá-los plenamente, gostariam de *morrer* plenamente à vida ordinária dos sentidos; assim toda sua ambição é *ou padecer ou morrer*. Desse modo, buscam como grande diligência escrutinar as dobras de seu coração para ver se há ali algum vício para purgar ou algum apego para retirar, velando sempre sobre seus mais ocultos movimentos para se violentar e negar em tudo o que não esteja plenamente conforme com a vontade divina; morrendo assim continuamente a si mesmos, a fim de viverem só para Deus[643]. Com essa total abnegação têm mortificadas e domadas as paixões, e na medida que se despojam do *homem velho e de todas as suas obras* – com todas as apreciações e olhares terrenos e egoístas – assim resplandecem como à imagem do *novo* e *celestial*; até que no fim, como ressuscitados com Ele, empreendem uma vida nova, cuja conversação está já toda nos céus[644].

Com o fervor sensível que Deus costuma comunicar num princípio às almas generosas, elas começam a ter desgosto e aversão por todo o terreno, e só aspiram ao divino. Suas delícias estão na oração, na freqüência dos sacramentos, nas práticas e leituras espirituais e nas mais ternas devoções que sugere a piedade cristã; e quando não, em se ocupar em obras de caridade e misericórdia ou em coisas próprias do serviço de Deus. A conversação mundana e tudo o que respira um ambiente profano se lhes torna insuportável. E com tal zelo, fervor e facilidade praticam suas obras, e tais progressos vão fazendo na virtude, que já parecem tocar o cume da santidade e viver ali como endeusadas. E assim acontece algumas raras vezes quando desde

643 "Quem se terá já por muito limpo, diz São Bernardo (*In Cant.* serm. 58, 10.), que creia que já não lhe fica nada por purgar? Apenas se terminou a poda, quando aparecem novos ramos... Assim, pois, sempre acharás algo para limpar e podar em ti. Por grandes que sejam teus progressos, a ti te enganas se crês que estão mortos todos os teus vícios".
Veja-se também: Beato Henrique de Suso, *Disc. esp.* 3; Pe. Lallemant (pr. 4, c. 4, a. 3).

644 "A força de se despojar do homem velho e de suas obras (Col. 3), a alma, observa Santa Catarina de Gênova (*Dial.* 1, 15), chega a não ter em certo modo o sentimento de sua existência senão na completa abnegação de sua própria vontade. Somente a de Deus põe todo seu ser em ação, e é em todas as circunstâncias como a respiração de sua vida".

logo buscaram se negar verdadeiramente, morrer em tudo a si mesmas e vigiar em viver recolhidas em seu interior, buscando a perfeita pureza de coração, a fidelidade à graça e a docilidade à todas as insinuações do Espírito Santo. Mas as "almas que em princípio caminham nessa maneira de perfeição, segundo nota São João da Cruz[645], são a minoria". O comum é que conservem por muito tempo certos apegos a que não acabam de renunciar, que as fazem viver com tensão e violência, impedindo-lhes de seguir verdadeiramente os impulsos do Espírito e expondo-as a cometer em tudo muitíssimas imperfeições[646]. E mesmo apesar de todas as próprias diligências, sempre ficam vícios ocultos, muito difíceis de conhecer e ainda mais de desenraizar, sem uma luz e força superiores; e com os quais é impossível fazer notáveis progressos. Daí a paralização em que costumam ficar tantas almas por não se abandonarem plenamente à ação de Deus, e o retrocesso daquelas que positivamente Lhe resistem com seus apegos voluntários[647].

Se o divino Renovador, com efeito, não edifica a casa espiritual de nossos corações, destruindo nela tudo o que é desprezível, tudo o que está mal edificado, para o substituir Ele com sua própria obra; se não consome com o fogo de sua caridade todas as nossas impurezas e não nos enriquece com seus dons; em vão trabalharemos para edificar para Ele uma morada ao seu gosto. E não realizará essa obra, se nós não nos abandonamos cegamente em suas mãos, para que destrua e edifique ao seu prazer. Quem não se abandona a Ele plenamente, por muito fervor sensível que mostre e por

---

645 *Noche* l. 1, c. 2.

646 Cf. São João da Cruz, *Noche* l. 1, c. 1 e 2.

647 "Quando Deus se apodera de nossos corações, a eles quer sem divisão. Santamente ciumento de sua onipotente soberania, não tolera que a criatura possa atribuir a si a menor partícula do que só a Ele pertence" (Id. ib.). – Cf. Santa Catarina de Siena, *Vida* 3ª p., 4.

A santidade divina, diz Fenelón (*Sent. de piété*), "quer possuir nosso coração inteiro, sem que lhe falte nada, e considera como inimigos seus declarados os que o têm dividido. Permite que se use das criaturas, mas à condição de que não se lhes tenha nenhum apego". – Por isso, "nunca é tão necessário se abandonar nas mãos de Deus como quando parece que Ele nos abandona. Recebamos sua luz e consolação quando nos são dadas por Ele, mas sem nos apegar a ela humanamente. Quando nos submerge na noite da pura fé, deixemo-nos levar e soframos amorosamente esta agonia".

grandes virtudes que pratique, quanto lhe falta ainda para chegar à verdadeira santidade![648] Tudo o que com suas penitências, privações voluntárias e boas obras pôde conseguir não é nada para o que Deus pretende e se exige na perfeita união. Por grandes que sejam as *purgações ativas*, são muito superficiais; e a desordem penetra até a medula. Se uma alma fervorosa desde o primeiro momento parece escalar já os cumes da santidade, não por isso deixa de ser ainda muito infantil na virtude; suas virtudes, aparentemente tão belas, são muito tenras, carecem de firmeza e necessitam se consolidar na tribulação: suas más inclinações estão encobertas, mas não arrancadas, e suas obras boas estão viciadas com milhares de imperfeições que inadvertidamente comete. Se servia a Deus com tanto fervor, eram pelos deleites sensíveis com que Ele a atraía, e porque em servi-Lo e sacrificar-se por Ele encontrava mais consolo que em todas as coisas do mundo. Daí que, com certa presunção, aspire à obras heróicas, muito superiores às suas forças, enquanto descuida de suas obrigações, ou não aceita cruzes ordinárias; daí que esteja ainda cheia de apegos que a afastam de Deus e a fazem buscar em tudo a si mesma, causando-lhe mil inquietudes, impaciências, falta de conformidade, enfados e invejas dissimuladas, e daí, enfim, que com o mesmo fervor sensível presuma de si, tendo-se por algo, e ainda mesmo se prefira em relação aos muito aproveitados que não dão amostra desse fervor.

---

648 A santidade, diz o Pe. Grou (*Manuel des âmes inter.* 901, p. 24), começa com nossos esforços ajudados pela graça, e termina e se completa pela operação divina. O homem vai levantando o edifício o quanto pode; mas como nesse edifício há algo de humano, destrói Deus a obra do homem para substitui-la pela sua, onde a criatura se ajusta a deixá-Lo fazer. Não age, mas padece, posto que nela age Deus; e assim não se faz violência, mas a sofre; e esse estado puramente passivo é sem comparação mais penoso. Enquanto agia, sentia-se com força, apoiava-se em sua própria ação, e satisfazia em algo o amor-próprio, atribuindo-se em parte a si mesma a vitória. Agora age Deus sozinho, tirando-lhe a faculdade de agir; e assim a alma vê que Deus age nela, sem poder ela mesma fazer nada; e de nada se apropria. Além disso, a operação de Deus consiste então – a juízo da própria alma – em destruir e modificar, despojando-a e reduzindo-a a uma perfeita desnudez; e não exige dela outra coisa senão o consentimento a esse total despojamento. Ó, quão grande e quão difícil obra é essa destruição, esse aniquilamento da criatura! Quanto não tem que lutar por anos e anos!... E quanta força não é necessária para levar a cabo essa guerra contra si mesmos, e mais ainda para se deixar esmagar sob a onipotente mão de Deus!".

Para que essa alma se corrija de tais vícios ocultos que tanto lhe impedem de progredir, é preciso que o divino Médico os revele, e pondo a mão na chaga, faça-a senti-los claramente. E Ele misericordiosamente o faz ao vê-la já bastante forte para resistir a esse doloroso tratamento. Quando com os próprios favores sensíveis esteja bem desprendida do mundo e enamorada das coisas de Deus, então costuma Ele privá-la de todos esses gostos e regalos, para que assim ela aprenda a buscá-Lo com desinteresse, amando-O por Si mesmo, e não por seus dons[649]. E para que melhor se conheça e não possa mais presumir de si, fá-la sentir o peso de sua fraqueza e de seu nada. Para esse fim, permite ou dispõe que seja tentada e provada de mil maneiras, para que por experiência fique bem instruída e fundada na humildade, e com a luta, consolide-se na virtude e triunfe verdadeiramente de suas más inclinações[650]. Essas, que com o fervor sensível estavam como adormecidas, mas não abatidas, ao desaparecer aquele e serem provocadas pelo inimigo, desencadeiam-se mostrando-se mais indômitas e furiosas que nunca. E aquela que se cria algo, achando-se assim de repente como a beira do abismo, confusa e aterrorizada, vê-se obrigada, para não sucumbir,

---

649 Por isso necessita de outra maneira especial de abnegação. "A dos principiantes, diz o Pe. Lallemant (*Doctr.* pr. 3, c. 2, a. 6), consiste em se apartar das ocasiões de pecado, em mortificar as paixões, a própria vontade e o próprio parecer. A dos aproveitados, em não se apegar aos dons de Deus. Por mais que confessemos que os recebemos d'Ele, costumamos agir como se de nós mesmos tivéssemos o que nos foi dado por pura misericórdia... Para impedir essa apropriação, de nós retira às vezes suas graças, e nos tira a facilidade que nos tinha dado para praticar a virtude. Assim, a nós parece que nos tornamos soberbos e sensuais, e que sentimos tanta repugnância em nos humilhar e mortificar, como sentíamos num princípio. Mas o que Deus faz é para nosso bem; devemos deixá-Lo fazer; quer então agir Ele mesmo, e que aprendamos a suportar sua ação: *Ut simus patientes divina*. Priva-nos dos consolos e da devoção sensível, para provar nossa fidelidade e nos pôr nessa perfeita desnudez de espírito em que devem estar as almas que o Espírito Santo quer encher de seus dons. O que devemos fazer da nossa parte, é nos conservar na maior pureza possível, evitando com diligência até as menores faltas, e no demais, abandonarmo-nos a Deus, submetendo-nos a todas as disposições da Providência".

650 "Quem não foi tentado, o que sabe?... Não tendo experiência, pouco é o que conhece" (Eclo 34, 9-10). A alma tentada e provada repetirá com Jeremias (31, 18): *Castigaste-me, e aprendi*. – *Do alto enviou o fogo em meus ossos, e me ensinou* (Lam 1, 13).

a lutar e se violentar ao extremo, e a desconfiar de si e pôr em Deus toda sua confiança[651].

Como nota muito bem a escassez de suas forças, se deve ser fiel, não pode menos que recorrer continuamente à oração para implorar muito verdadeiramente o auxílio divino.

Mas precisamente aqui a essas pobres almas lhes aguarda outras provações ainda maiores: de onde antes tinham seu consolo, e agora esperavam seu remédio, encontram seu mais cruel martírio[652]. Tudo é tédio, aridez, obscuridade e dificuldades; parece que Deus as abandona e as afasta de sua presença; e as próprias tentações aumentam ao invés de diminuir. E para maior confusão sua, a si verão atormentadas por escrúpulos e enfermidades, e em vez de consolo e apoios, por todas as partes encontrarão desprezos, perseguições, burlas e calúnias; parece que todos se conjuram como para afastá-la do bom caminho. Os mais fiéis amigos se tornam contrários a elas ou se convertem em mal conselheiros; os próprios diretores costumam muitas vezes desconcertá-las e assim toda sua alegria se converte em pranto. Se não são muito fiéis, magnânimas e generosas, muito expostas estão, entre tantas dificuldades que a elas se acumulam – e cada vez em maior número

---

651 Num primeiro momento, observa o Pe. Grou (*Man.* p. 40), quando a alma experimenta os efeitos sensíveis da graça, e se vê cheias de luzes e forças, é natural que se creia capaz de fazer e sofrer por Deus qualquer coisa; e assim é como chega a pedir-lhe até as maiores cruzes e humilhações, crendo-se já bastante forte para tudo. "Este tipo de presunção – como nascida só da falta de experiência, sob a mesma impressão que produz o sentimento da graça – não desagrada muito a Deus quando a alma é simples e reta, que não adverte o que faz, nem tem vã complacência em si mesma. Mas mesmo assim quer Ele curá-la dessa boa opinião que tem de si. Para isso lhe basta retirar-lhe a graça sensível e deixá-la como abandonada às suas forças. Então já não sentirá mais que desgosto e repugnância; em tudo verá obstáculos e dificuldades, e aquele que se cria já superior aos maiores perigos, virá a sucumbir nas mais leves ocasiões: um olhar, um gesto, uma palavrinha bastam para desconcertá-la. Assim vem a passar ao extremo oposto: em tudo teme, de tudo desconfia, e crê que não poderá chegar a se vencer em nada... E Deus a tem assim até que, com reiteradas experiências, convença-se de sua incapacidade para todo o bem, e da necessidade que tem de não se apoiar mais que n'Ele". – As que não são tão simples e fervorosas, estão em maior perigo e muito expostas a cometer faltas notáveis, conforme adverte São João da Cruz.

652 Assim podem dizer, e dizem às vezes, com Jó (30, 20-26): *Clamo ad te, et non exaudis me... Mutatus es mihi in crudelem... Expectabam bona, et venerunt mihi mala...*

–, a seguir os maus conselhos que as dissuadem de perseverar na oração, como se essa não fosse para elas, e com enganosos pretextos começarão a abandoná-la e a renunciar ao trato e comunicação com Deus, quando não chegam a desertar e voltar-se aos gostos mundanos. Mas Deus "lhes dispôs essa grande batalha não para que assim desfaleçam, mas para que saiam vencedoras e reconheçam que a Sabedoria é mais poderosa que tudo" (Sab 10, 12). Por isso, não permite que sejamos tentados mais do que com sua graça podemos, e, graduando os trabalhos segundo as idades de cada qual, não costuma enviar essas provações senão depois que a alma está já bastante desprendida do mundo[653]. Se apesar disso ela fraqueja, é porque não busca a Deus com toda sinceridade, e não se resolve a se negar totalmente a si mesma. E o que Ele pretende é que ela se conheça a fundo e, vendo seu próprio nada, abandone-se a Ele sem reservas, fiando-se somente de sua providência amorosa. Assim a alma fiel e perseverante tirará proveito, mesmo das próprias faltas que então por descuido e fraqueza cometa. Essas a excitarão a vigiar com mais cuidado para alcançar a perfeita pureza de coração e viver num total abandono nas mãos divinas[654]. Mas as que não têm essa generosidade, e querendo passar por espirituais não se entregam a Deus mais que pela metade, buscando-se a si mesmas e fugindo do que possa ser penoso no serviço divino: essas em tudo encontrarão o peso de

653 Isso, diz São João da Cruz *(Noche* 1, c. 8), para as pessoas recolhidas acontece mais brevemente, "porque estão mais livres de ocasiões para voltar atrás, e reformam mais rapidamente os apetites das coisas do século, que é o que se requer para começar a entrar nessa feliz noite do sentido... *E a maioria entra nela*, porque comumente cairão nessas securas".

654 "Nosso Senhor nos põe muitas vezes em apuros, dizia a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos (jun. 01), para que aprendamos a não nos preocupar; e quando vê que já tirou o que queria de nós, e que já (depois de pôr os meios) descansamos n'Ele, abandonando-nos por completo em suas mãos, *então* concede a nós o que desejamos". Por isso, acrescentava (jan. 02): "Não há como o não se preocupar por nada, já que temos Aquele que tudo pode e tanto nos ama, que se ocupa de nós e que sempre premia nosso abandono em suas mãos com dar-nos muito mais do que poderíamos desejar". – "O que me regozija, dizia o Senhor à Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 11), não é vos ver penar, mas a vontade que o suporta".

Ver também: Santa Catarina de Sena, *Ep.* 55; Pe. De Caussade, *Aband.* l. 3, c. 4.

suas próprias misérias[655]. Voltando assim a vista para trás, depois de pôr a mão no arado, incapacitam-se para entrar desde esse mundo no reino dos céus: ou levam uma vida semimundana, ou para fugirem da aridez da oração se dedicam só a obras exteriores, e vivem com muita tibieza, sem mal se recolherem para purificar seus corações, nem merecer pelo mesmo motivo entrar jamais nas íntimas comunicações divinas; ou dominadas pelo amor-próprio, constituem esses falsos devotos que, por desgraça, tanto abundam para descrédito da virtude, e que só servem para o martírio das almas piedosas, a quem constantemente perseguem com suas invejas e suas críticas, dando-se tom de mestres consumados, quando nunca foram sequer bons discípulos[656].

§ II. – PROCESSO DA ILUMINAÇÃO, UNIÃO E TRANSFORMAÇÃO.

Muitos são os chamados aos caminhos de Deus para seguir Jesus, que é *caminho, verdade e vida*; mas poucos resultam escolhidos ou *segregados* para O seguir até chegar à iluminação e renovação total, porque muito poucos

---

655 "Aquele não se entrega a Nosso Senhor mais que pela metade, dizia a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos (ag. 03), é quem *sofre mais*... Não devemos aspirar mais que a essa paz que consiste na verdadeira união de nossa vontade com a de Deus, e aqui, e só aqui, encontraremos a verdadeira felicidade: então os sofrimentos se tornam doces para nós". Essa conformidade com as disposições divinas nos permite ver tudo com *os óculos cor-de-rosa* – que devemos pedir a Deus –, que "têm a grande vantagem de tornar doces os sofrimentos sem tirar o mérito".

656 *Os falsos devotos* – "Nada mais comum, diz o Pe. Grou (*Manuel*, p. 6), que essa justiça farisaica, inimiga capital de todas as almas boas. Os falsos justos que crucificaram Jesus Cristo seguem crucificando-O todos os dias em seus mais fiéis imitadores. Desde que uma pessoa se entrega verdadeiramente a Deus, dedicando-se à vida interior, pode dar por certo que há de atrair sobre si primeiro a inveja e as críticas, e logo as calúnias e perseguições dos falsos devotos".

"Mal podia Santa Catarina de Sena, diz o Beato Raimundo (*Vida* 3ª p., 6), fazer em público um exercício de piedade sem excitar calúnias e atrair para si perseguições daqueles mesmos que deviam defendê-la e alentá-la". O mesmo aconteceu depois à Beata Catarina de Racconigi e à Beata Osana de Mântua etc. "E ninguém estranhe isso, acrescenta aquele homem tão experimentado: as pessoas religiosas que não destruíram em si mesmas o amor-próprio se deixam arrastar por uma inveja mais maligna, embora dissimulada, que as próprias pessoas do mundo".

são os que permanecem firmes nas provações, os que verdadeiramente se negam a si mesmos e reduzem suas paixões ao silêncio que é necessário para ouvir com fruto a voz de seu Redentor e entender bem suas *palavras de vida eterna*, e se resolver a abraçar sinceramente a própria cruz de modo que possam segui-Lo com toda fidelidade por suas pegadas ensangüentadas[657]. Pouquíssimos são os que se afastam completamente os enganosos juízos e pareceres humanos e renunciam a todos os seus próprios gostos e apegos para seguir com docilidade as insinuações e moções do Espírito Santo. Mas os poucos esforçados que assim se negam, os que se abandonando totalmente às disposições divinas recebem com resignação as cruzes que Deus lhes envia, e permanecem firmes em seguir Aquele que é a *Luz do mundo*, esses – embora acreditem que estão no escuro e meio mortos – *não andam nas trevas, mas têm a luz da vida*. Como se aproximam de Deus, ficam iluminados e vivificados, e são defendidos contra o poder da morte (Sl 33, 6; Mq 7, 8).

Pelo motivo mesmo que se vêem muito tentados e atribulados, buscam *vigiar* mais sobre si mesmos, e *orar continuamente para não cair em tentação*. O espírito está disposto para tudo, por mais que vacile a carne. Postos em agonia, para não desfalecer oram mais longamente (Lc 22, 43), e apesar de todas as securas, tentações e repugnâncias que sentem na oração, embora não possam meditar, nem ler, nem irromper em nenhum afeto, perseveram levantando os olhos ao alto, de onde lhes virá o auxílio (Sl 120, 1), e essa oração muda e inconsciente, que sai do fundo das entranhas despedaçadas, é a mais eficaz diante d'Aquele que ouve os mais ocultos desejos do coração. Aqueles que assim confiam n'Ele, em tudo andarão seguros sob suas asas, e de tudo sairão triunfantes[658].

Os fiéis seguidores de Cristo por nada abandonam sua costumeira oração, e apesar de terem perdido toda luz e fervor sensíveis, prolongam-na ao invés de abreviá-la, acostumam-se a permanecer constantemente diante de Deus

---

657 *Qui non accipit crucem suam, et sequitur me, non est me dignus* (Mt 10, 38; cf. Lc 14, 27; Mc 8, 34-35). Cf. São João da Cruz, *Noche* 1. c. 11, § 1; *Llama* canc. 2; *Subida* 2, c. 6.

658 Cf. Pe. Grou, *Man.* pp. 224-5.

com uma vista amorosa, sem apartar d'Ele os olhos do coração nem mesmo entre as maiores ocupações. E meio à obscuridade e silêncio de todas as suas potências, vão sentindo como uma que delicadíssima luz superior que os vivifica, conforta e atrai de modo que seus corações estão sempre onde está seu único tesouro. Assim estão amando continuamente e como que escutando o que de dentro lhes diz o Senhor (Sl 84, 9), que precisamente para falar-lhes ao coração os põe nessa mística *solidão* (Os 2, 14). Como ovelhas fiéis de Cristo, ouvem sua voz, reconhecem-na e a seguem. E Ele se digna manifestar-se a eles claramente quando se vêem em maior perigo (Jo 10, 27; 14, 21). Às vezes, notam sua doce presença por mais que ainda não se revele a eles; mas o coração o pressente como através de um muro e fica cativo de amor (Ct 2, 9). Outras vezes, no meio da escuridão, passa como um claríssimo relâmpago que dissipa as trevas e lhes revela belezas não conhecidas pelos mortais, e os deixa arrebatados, embora voltem a ficar novamente envolvidos na escuridão. Às vezes, essa iluminação e essa atração são tão delicadas e repentinas, que a alma mal pode se dar conta mais que dos salutares efeitos que com esses favores recebe; mas outras são tão claras, que lhe é impossível duvidar que seu doce Amor e não outro foi quem assim a arrebatou e cativou, deixando-a num momento consolada, reanimada e totalmente modificada.

Com isso, alenta-se para seguir mais firme nas provações, vendo quão proveitosas lhe são, e se resolve firmemente a não abandonar a oração por nada. E com a mesma luz sutilíssima que ali recebe, ao se ver novamente incapacitada para meditar e ter os ternos afetos de antes, reconhece seu nada e sua impotência, e já compreende que a única coisa que pode e deve fazer é *se deixar fazer* e talhar pelo divino Artífice; e assim com esse aniquilamento se dispõe para o que Deus queira fazer nela, sem ousar resistir nem perturbar com inúteis esforços à misteriosa e salutar ação divina. Deixando-se, pois, levar pelo suave sopro do Espírito, começa a sair de si mesma "no escuro e segura", para se elevar em breve "pela secreta escada disfarçada". Logo vai vendo que aquela luz especialíssima que, ainda sendo como que imperceptível, atraia-a, torna-se mais clara e aumenta à medida que diminui a dos sentidos, e vê que a *noite* desses é uma *iluminação cheia de delícias* (Sl 138, 11); pois naquelas trevas que antes lhe pareciam tão temíveis, estava escondido seu único Bem,

e assim toda essa escuridão se desvanece num ponto, e a noite se converte em claríssimo dia quando de repente o Sol de justiça se digna revelar seus resplendores.

Então a alma fica iluminada, renovada e como que transformada; vê-se livre dos laços terrenos que a tinham presa, e desprendida de si mesma e unida com toda sua inteligência à beleza divina a que tanto suspirava. E cheia de felicidade e de um gozo inefável e puríssimo que não é como aqueles dessa vida, dá por muito bem empregados todos os trabalhos e provações que tanta alegria lhe mereceram, e para voltar a disfrutar dela um só momento, não duvidaria em se oferecer a todos os trabalhos do mundo. Já compreende como, para mérito dos fiéis, *finge Deus trabalho em seus preceitos* (Sl 93, 20), quando na realidade *seu jugo é suave e seu fardo leve* (Mt 11, 30) para os que O amam. Vê que a cruz é sua salvação, e que os sofrimentos não têm comparação com os inefáveis consolos que produzem: eles são como um sono na noite, onde apesar de certos pavores molestos, reparam-se as forças; enquanto as alegrias do Senhor são como a realidade do dia. Quando a alma despertar de seu *sono*, não poderá menos que admirar e celebrar as maravilhas que Deus realizou nela[659]. Por isso, bendiz aquela *noite* feliz que tanto bem lhe trouxe, e exclama com São João da Cruz: Ó, noite que me guiaste! – Ó, noite mais amável que a alvorada; - *Ó, noite que justastes – Amado com amada, – Amada no Amado transformada!*

Mas essa transformação é ainda muito incompleta e quase totalmente incipiente: se reduz à *inteligência* que, por ser a faculdade mais sã que possuímos, é também a primeira que se purifica o bastante para ficar cativa e como que possuída por Deus, e ser assim *iluminada* ao *se unir* à suma Verdade. Desse modo, passadas as principais fases da *purificação ativa e passiva*, começa plenamente a *iluminação clara e distinta* – pois antes, na *noite do sentido*, era

659 "(...) Deixa-a dormir, temer, correr e andar buscando, Verdade é que o Esposo a engana, disfarçando-se; ela sonha, e suas penas são penas de uma noite; mas deixai-a dormir: deixai o Esposo agir nessa alma e representar nela a imagem que só Ele sabe pintar; deixai-O desenvolver essa representação, que Ele a despertará quando for a hora". Cf. Pe. De Caussade, *Aband.* l. 3, c. 3.

muito oculta e confusa –, e com isso se prepara, inicia e se começa a *sentir* a mística *união* e mesmo de certo modo a deífica *transformação.*

Essa notória iluminação do entendimento, que assim fica absorto na contemplação da divina beleza e como que possuída por ela, é o que constitui o *primeiro grau* da *união mística*, ou seja, o primeiro tipo de oração em que a alma reconhece já muito claramente que lhe é infundida sobrenaturalmente: e se chama por isso *recolhimento infuso.* Quando ela menos pensa nisso e o procura, vê-se favorecida com umas luzes tão altas, que em toda sua vida, por mais que trabalhasse em meditar, não teria podido alcançá-las com seus esforços. Cativo assim o entendimento, purifica-se mais e mais com as mesmas luzes que recebe, e desse modo se dispõe para receber uma iluminação mais intensa e mais freqüente, que no fim virá a ser quase totalmente contínua.

Com essas luzes, atraída a vontade, purifica-se de modo que venha a ficar do mesmo modo *cativa* do sumo Bem e *unida* ao seu Deus na oração que chama de *quietude*, onde repousa docemente no centro de seu amor e se desfaz possuindo e amando o único objeto digno de todos os seus desejos e afetos. Tal é o *segundo grau* dessa *união.*

Cativa a vontade, vai atraindo pouco a pouco as potências sensitivas, que antes, como incapazes de tanto bem, andavam em busca de seus respectivos objetos, molestando a alma ou perturbando algo de seu repouso, embora não a distraiam de modo que o impedissem. Mas agora vai redundando a elas próprias o gozo espiritual, e ficam à sua maneira cativas e arrebatadas, e assim todas as faculdades da alma chegam a estar unidas com Deus e a sentir o *contato* divino, de tal modo que a mesma alma reconhece já claramente não ser ela quem age, mas Deus nela e por ela; pois já conhece muito bem que não tem outro querer que o de Deus. E esse é o *terceiro grau de união mística*, que por excelência se chama simplesmente *oração de união*, porque aqui toda a atividade da alma se acha já tão de acordo com a divina, que parece como que identificada com ela[660].

---

660 "Não estando já a alma dividida como antes entre a vontade, enamorada de Deus, e o entendimento, a memória e a imaginação – que seguiam com seu ruído e seus movimentos – ficará

Isso é o máximo a que pode chegar a simples *união de conformidade* de vontades, que ainda não chegou a se traduzir na íntima *transformação*. Quando essa união não é muito intensa, as faculdades sensitivas estão como atônitas, mas não perdidas; e assim podem perceber de algum modo seus respectivos objetos, e ainda se ocupar deles, se a vontade as deixa. Às vezes as acompanha o próprio entendimento, podendo assim uma pessoa estar ocupada em santas obras, enquanto sua alma prossegue nessa íntima união da vontade, juntando-se a vida contemplativa e a ativa. Mas quando a união é muito intensa, as potências sensitivas desfalecem, não podendo suportar tanta luz e tanto ardor: se perde o uso dos sentidos e o corpo fica como que morto, para não impedir a alma de desfrutar das inefáveis delícias com que se vê inundada, e das inestimáveis luzes que então se comunicam a ela. Isso é o que constitui a *união plena* ou *extática*, onde a alma se dispõe para sofrer a total *renovação* e *transformação*.

Aqui, com efeito, nos êxtases e *raptos*, é onde começa a sentir uns tão delicados *toques divinos*, tão fortes e tão penetrantes, que a *ferem* vivamente e a *chagam*, curando-a e renovando-a. Esses toques misteriosos, com as conseqüentes *feridas de amor*, causam ao mesmo tempo *morte* e *vida*, produzindo umas dores insuportáveis junto com um prazer inefável, que é próprio da glória. São toques de vida eterna, que destroem todo o terreno e fazem morrer verdadeiramente aos gostos do mundo, para viver em Cristo uma vida divina. Das almas que essas coisas sentem, pode se dizer: *Mortas estais, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Col 3, 3). Seu viver é já tão inefável, que não há língua que o possa explicar: elas mesmas não conseguem muitas vezes se dar conta das secretas maravilhas que com grande assombro e aniquilamento seu sentem e experimentam[661].

---

completamente unida a Ele em todas as suas faculdades: e daí sem dúvida o nome de *união*, de *união pura e simples*, que recebe esse estado" (Sauvé, *Etats myst*. p. 71).

661

Morte e vida ao mesmo tempo
Deram-me para felicidade minha:

Mas chegam a ver muito claramente que Deus não somente está *agindo*, mas também *vivendo* intimamente nelas, e que já não são elas mesmas que *vivem*, *mas* que nelas *vive* o próprio Jesus Cristo, e assim Deus vem a ser já *tudo em todos*, e elas, *aniquiladas* por completo, penosa e docemente ao mesmo tempo, sem poder dizer nem mesmo compreender o que lhes passa, perdem-se no abismo da imensidade divina[662].

Mas para que a transformação seja plena têm que se submeter a outra provação mais terrível, sem comparação, que as passadas. Cada fase da iluminação e da união exigem novas purgações, que vão sendo tanto mais frutuosas quanto mais requintadas e dolorosas. A alma fiel as aceita prontamente, sabendo o proveito que lhe fazem, e em meio de suas penas superabunda de gozo[663]. Nada deseja tanto como acabar de se negar a si mesma para poder se configurar com Cristo em todos os sagrados mistérios

---

662

> *Nada e Tudo*. Que contraste!
> Explicar isso não saberia...
>
> É um gozar e um sofrer,
> Não como os dessa vida...
> Esse sentir não sentindo,
> Que língua o explicaria?
>
> (Madre Maria da Rainha dos Apóstolos)
>
> Se não sei onde me acho,
> Se minha alma está perdida.
> Nesse aniquilamento,
> O que é que dizer poderia?
>
> Se esse *nada* tão atroz
> Me reduz à agonia,
> Se não há com que compará-lo,
> Como minha língua falaria?...
>
> Dentro de Deus passa tudo,
> Mas passa tão a escondidas!
> Que, por mais que eu quisesse
> Falar disso, não poderia.
>
> (Madre Maria da Rainha dos Apóstolos)

663 Cf. Ven. Tauler, *Inst.* c. 24 e 25.

de sua vida, paixão e morte. E se até agora lhe acompanhou em sua paixão, agora, para passar da simples *união conformativa* à *transformativa*, deve acompanhá-Lo na própria agonia da cruz, e acabar de *morrer e ser sepultada misticamente* com Ele para merecer ressuscitar com Ele para nova vida, e subir aos céus, e ver às claras a Luz de Deus, que ninguém pode ver sem *morrer* (Ex 33,20). E essa *morte e sepultura* as sofre na terribilíssima *noite do espírito*, onde, num total abandono das criaturas e do próprio Deus, tem que sofrer que lhe arranquem e destruam até as íntimas dobras do amor-próprio e até os últimos vestígios do homem terreno. Ali a inteligência sofre uma obscuridade pavorosa no abismo da *grande treva* divina; a vontade chega a palpar sua incapacidade absoluta, e todo seu ser natural fica esmagado e como que aniquilado para sair reformado. A natureza se exaspera ao ver essa destruição horrorosa, mas quando a alma, entre indizíveis angústias, fica morta a tudo e como que aniquilada, então aparecerá totalmente renovada e revivificada, feita outra, com um viver, uns pensamentos e uns sentimentos não humanos, mas divinos, como próprios de um filho de Deus. Tais são os maravilhosos mistérios dessa *união transformativa* que se inicia no místico *desposório*, e se completa e consuma, fazendo-se estável e perpétua, no *matrimônio espiritual*, em que a alma, unida inquebrantavelmente e feita uma só coisa com o Verbo humanado, oferece vivamente sua divina imagem, e parece ser o próprio Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, vivendo na terra.

Tal é o ideal realizável de todas as almas verdadeiramente cristãs: a TRANSFORMAÇÃO DEÍFICA[664].

Aos que tanta versão têm ao sobrenatural – por vê-lo em certos autores tão desfigurado e rebaixado –, se procedessem de boa-fé e não endurecessem seus corações, bastar-lhes-ia vê-lo assim tão encarnado e vivo nessas almas privilegiadas, para ficarem enamorados por sua divina beleza e se sentirem como que obrigados a glorificar o Pai de todas as luzes, de quem tão magníficos dons procedem. Bastar-lhes-ia ouvir-lhes falar essa linguagem do céu, ver as graças divinas que nelas resplandecem e, sobretudo, essa

---

664 Cf. Beato Henrique de Suso, *Tr. de la unión* c. 7.

luz surpreendente com que, sem mais livros que o crucifixo, assombram e desconcertam os melhores mestres. Bastar-lhes-ia, enfim, qualquer contato com essas almas, para que, tendo amor à verdade, viessem a reconhecer esse resplendor divino e ficassem inflamados naquele zelo de Deus que a elas devora.

Quando com a perfeita fidelidade à graça e a resignação nas duríssimas provações da *noite do espírito*, conseguiu já a alma aquele caráter que é necessário para a união estável, então, celebrado o indissolúvel matrimônio com o Verbo de Deus, é admitida a viver como em perpétua *sociedade* com as três divinas Pessoas, que continuamente lhe descobrem seus infinitos encantos e a deixam totalmente cativa. Desaparecendo as alternâncias de luz e obscuridade, vem a ficar, mediante esse irrevogável pacto e essa *revelação* sobreexcelente, como *confirmada em graça e segura de sua salvação*, desfrutando já em certo modo da *Luz eterna*. E essa Luz não a faz desfalecer como antes; em vez de privá-la do uso dos sentidos, como quando esses ainda não estavam bem purificados, conforta-os de modo que possam agir com toda perfeição, atendendo fielmente ao desempenho dos deveres ordinários da vida, enquanto que a alma está engolfada em Deus. Assim, mesmo no meio das maiores ocupações, conservam aqueles que a esse feliz estado chegaram, uma visão mais ou menos clara da Santíssima Trindade, com quem conservam continuamente. De modo que, embora as mãos trabalhem e a língua fale para o bem do próximo, o coração está sempre nos céus. E ali se recolhem todos os momentos livres para poder desfrutar de uma visão mais clara. Isso não já lhes faz descuidar de suas obrigações, pois ainda sem pensar nelas, no momento preciso acodem sempre com suma presteza e habilidade para as desempenhar.

Semelhante facilidade para se ocupar em obras exteriores sem se dissipar nelas – e às vezes conservando uma mais viva presença de Deus do que se estivessem orando em segredo – costuma começar desde a *simples união*. Assim é como essas almas, embora antes vivessem muito recolhidas, temendo sua fraqueza, sentem-se agora como impelidas a sacrificar sua doce quietude para se ocuparem em buscar o bem de seu próximo (Ct 5, 2). E quem a isso as move, preserva-as de dissipações e perigos.

Durante esse longo processo da iluminação e da união se apresentam uma porção de fenômenos muito notáveis, tais como o *sono* místico, a *embriaguez* espiritual, os êxtases, os *raptos*, as *feridas de amor* e os ímpetos dolorosos etc., com que a alma vai ficando iluminada, fortalecida, renovada e totalmente inflamada no fogo da caridade, sem poder conter seus ardores e violências, até que no fim, totalmente transformada e espiritualizada, possa já receber outras comunicações altíssimas sem que nada se traduza no exterior[665].

A revelação se faz por uma série de iluminações e inspirações com que inadvertida e como que instintivamente vai aprendendo toda a ciência da salvação. Essas instruções confusas se esclarecem muitas vezes com certas *locuções e visões* distintas, ora *sensíveis* – como mais acomodadas ao estado e condição da alma –, ora totalmente *intelectuais*. Com umas e outras, Deus a instrui em tudo o que ela necessita saber, ao mesmo tempo que a enche de alento ou de consolo. Assim fica ela muito animada e confortada para prosseguir no meio das maiores dificuldades, pois uma só palavra divina basta para desvanecer como que por encanto todos os temores e enchê-la de uma fortaleza invencível. Por isso, bem empregados e recebidos com humildade e desapego, todos esses favores são proveitosíssimos e muito dignos de se agradecer. Mas, às vezes, quando são sensíveis, pode a alma abusar deles,

---

665 "A alma que pela mortificação curou o mal de suas paixões e pela pureza de coração alcançou uma perfeita saúde, entra nuns conhecimentos de Deus tão admiráveis e descobre tão grandes coisas, que já não lhe é possível o uso dos sentidos. Daí procedem os raptos e os êxtases, os quais, no entanto, produzem como que certa impressão de que quem os sofre ainda não está bastante purificado ou acostumado às graças extraordinárias. Pois à medida que a alma se purifica, o espírito se fortalece de modo que já pode experimentar as operações divinas sem emoção nem suspenção dos sentidos, como acontecia com Nosso Senhor e com a Virgem" (Lallemant, *Doctr. spir.* pr. 4, c. 4, a. 1).
As comunicações dos que não chegaram à união transformante, dizia São João da Cruz (*Noche* 2, 1), "nem podem ser muito fortes, nem muito intensas, nem muito espirituais... pela fraqueza e corrupção da sensualidade, que têm participação nelas. E daqui vêm os arroubos, traspassos e desconjunturas dos ossos, que sempre acontecem quando as comunicações não são puramente espirituais, como são as dos perfeitos, já purificados pela noite segunda do espírito, nos quais já cessam esses arroubos e tormentos do corpo, gozando eles da liberdade do espírito, sem que se obscureça e transponha o sentido".

apegando-se a eles e ficando incapacitada de progredir espiritualmente, ou se expondo a cair em funestas ilusões.

Por isso são muito mais apreciáveis e proveitosas em geral as comunicações puramente *intelectuais*, que não se prestam à apegos, à vaidade nem à ilusão, e em que sem ruído de palavras exteriores e interiores, nem aparato de formas e figuras, a simples inteligência *ouve* ou vê com suma claridade e distinção umas verdades tão altas que raras vezes pode expressá-las com a língua, porque transcendem completamente todas as noções relacionadas com os símbolos de nossa linguagem[666]. Com essas comunicações, a alma fica iluminadíssima: percebe os próprios objetos materiais mais fielmente que se os visse com os olhos e os palpasse, e às vezes só com uma idéia sintetizada e simplíssima, que assim recebe, faz-se sábia de repente, aprendendo de um golpe toda uma ciência. Essas iluminações são por si mesmas mais eficazes que as sensíveis, e ao mesmo tempo totalmente seguras, pois nem a natureza nem os demônios podem as contradizer.

Assim são os fiéis filhos de Deus ensinados, dirigidos, consolados e aconselhados pelo próprio Deus; assim é como o Espírito da Verdade que neles mora os inflama e abrasa no amor divino segundo lhes vai sugerindo e ensinando toda a verdade[667], e deste modo dá um testemunho perpétuo

---

666 "Aquela sabedoria interior, observa São João da Cruz (*Noche* 2, 17), é tão simples, tão espiritual, que o entendimento humano não está envolvido nela; nem está mitigada com alguma espécie ou imagem sujeita ao sentido...: daqui é que o sentido e a imaginação... não sabem dar razão nem imaginá-la, de maneira que possam dizer bem algo dela, embora claramente a alma vê que entende e experimenta aquela saborosa e peregrina sabedoria".

667 "Na vida perfeita, diz o Pe. Surin (*Catech.* p. 2ª, c. 7), abrasa Deus as almas em seu amor, revelando-lhes no próprio fundo de seus corações sua Essência e sua bondade divina, e manifestando-lhes seus atributos, com o qual inflama nelas um ardentíssimo fogo que docemente as consome. Quer o celestial Esposo lhes ostentar sua beleza e suas riquezas, isto é, seus atributos, tocando-as ora com um, ora com outro: assim lhes mostra suas diversas perfeições, seu poder, sua imensidade, sua majestade, sua doçura e todas as demais excelências de seu *Ser* divino, com o qual a alma fica assombrada e tão incendiada em amor, que vive como num contínuo êxtase. Esses toques da graça são tão penetrantes, que a deixam perfeitamente instruída e como que substancialmente ensinada pelo próprio Esposo, sabendo não já porque alguém disse, mas por experiência, quão suave é o Senhor.

de que Jesus Cristo é a próprio verdade (Jo 6, 45; 14, 26; 15, 26-27; 16, 13; I Jo 5, 6), que só pode se achar em sua santa Igreja. Ao ver nela, com efeito, muitíssimas almas iletradas que, com essa surpreendente luz que na contemplação recebem, ficam como transformadas de repente, cheias de uma ciência superior com que confundem os maiores sábios, quem poderá sinceramente negar que aí de alguma maneira está o dedo de Deus?... Como que facilidade, propriedade e precisão não falam das mais escabrosas questões teológicas que nunca estudaram e de que porventura não tinham antes a menor notícia, enquanto que os melhores teólogos, estudando-as toda a vida, por pouco que se descuidam em medir bem suas palavras, incorrem em confusões ou imprecisões!... Quem lhes dá essa luz e essa segurança surpreendente?[668]

Às vezes, pode chegar a um estado que é como que uma perpétua experiência da bondade de Deus e um contínuo desfrutar de suas riquezas: e isso é o que os santos comumente chamam as *bodas espirituais*".

"É muito certo, escreve a Beata Osana de Mântua (*Epist.* 2; cf. Bagolini e Ferreti, ap. p. 5) que já com a idade de seis anos infundiu Deus na minha alma uma luz tal, que tudo que via ou ouvia me representava em minha mente o próprio Deus, e com tanto conhecimento, gosto, sentimento e doçura divina, que muitas vezes meu espírito ficava absorto em Cristo. Isso me fazia pronta e solícita na santa oração e meditação, nas abstinências, vigílias, penitências e obras de piedade, confissões, comunhões, lágrimas e lições, sem que nenhuma humana criatura me ensinasse tais coisas... Uma vez foi minha alma posta de modo que viu uma grande claridade, não do sol nem da luz ordinária, e conheci quem era o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ó, grande Deus! Não há língua humana que possa dizer nem explicar isso; não sei como pude conservar a vida; só em me recordar disso começo a desfalecer".

A Venerável Madre Maria de Jesus, passando longas horas diante do Santíssimo, dizia: "Encontrava eu ali o sossego e a vida de minha alma. Esse íntimo trato com Nosso Senhor me fazia a vida leve, porque de tudo lhe falava, e tudo, até sobre o menor detalhe, consultava-lhe. Se era meu Senhor, também era meu amigo e conselheiro universal. Muitas graças ele me concedia, e tão extraordinárias, que mal podia crer nelas. Os consolos com que me inundava eram tais, que passava horas inteiras sem me dar conta de onde nem como estava... Meu amadíssimo Esposo divino me revelava então sua grandeza, santidade, onipotência, justiça e misericórdia, e a pureza que deseja nas almas que Lhe estão consagradas".

668 "Est magna differentia, sapientia illuminati et devoti viri, et scientia litterati et studiosi clerici. – Multo nobilior est illa doctrina, quae de sursum ex divina influentia manat, quam quae laboriose humano acquiritur ingenio" (Kempis, l. 3, c. 31). – Cf. *Exposic. mística del Cant.* 2, 3, p. 181.

E o que ainda deve nos causar mais maravilha é ver os sublimes esforços que fazem, lutando com o impossível, para se expressarem de algum modo, quando a obediência lhes obriga a dizer algo do que inefavelmente percebem lá no abismo da divina Essência. Vêem a verdade claramente; conhecem-na, e não a podem expressar; todas as palavras conhecidas se lhes resistem; até as mais elevavas lhes horrorizam como se fossem blasfêmias... As idéias se acumulam neles, mas suas línguas paralisam. E ao se verem impossibilidades de dizerem o que é verdadeiramente *indizível*, apelam para a pura negação dizendo: não é isso que supomos, nem o outro, nem nada do que poderíamos suspeitar ou de tudo que possam dizer os homens e mesmos os anjos. Eu desafio a todos, dizia Santa Ângela de Foligno, que não poderão dizer nada. Porque essa realidade excede infinitamente tudo que se poderia dizer e pensar, e sempre é nova e como que diversa, sempre admirável e inefável...

"Aquele que possui a graça santificante com suas virtudes e dons, adverte o Pe. Marín-Sola, O. P. (*La Ciencia Tomista,* março 1920, p. 169-70), possui e leva dentro de si mesmo, a modo de *natureza*, o objeto mesmo de onde nascem e sobre o qual versam todos os enunciados da fé, e de onde brotam e de onde só podem brotar todos os desenvolvimentos dogmáticos... Aquele que tem fé, pois, e muito mais o santo, possuem dentro de si um *novo sentido*... Os dons sobretudo de sabedoria, de entendimento e de ciência, são... *segundas naturezas* que levamos enxertadas no que hoje chamaríamos *subconsciência* de nosso próprio ser, e pelas quais podemos perceber, julgar e desenvolver por via conatural, por via intuitiva... aquelas verdades sobrenaturais que o teólogo especulativo não percebe senão por via... de estudo... Assim acontece com freqüência... que antes que a teologia especulativa tenha deduzido, e ainda às vezes nem sequer vislumbrado uma conclusão ou desenvolvimento dogmático, uma alma santa... tenha sentido ou pressentido seu desenvolvimento".

Isso é provado por numerosos textos de Santo Tomás, que dizem como que pelo dom de sabedoria se julga retissimamente por certa *conaturalidade, experiência* e *gosto* do divino: "Quod homo illis causis altissimis uniatur transformatus in earum similitudinem... ut sic ex intimo sui de aliis iudicet..., hoc per sapientiae donum efficitur" (*In* 3 *Sent.* d. 34, q. 1 ad 2). — "Procedit enim sapientiae donum ad quamdam deiformem contemplationem et quodammodo explicitam articulorum, quae fides sub quodam modo involuto tenet secundum modum humanum" (*ib.* d. 35, q. 2, a. 1, sol. 1 ad 1).

"O teólogo que sabe que qualquer homem que está em graça de Deus tem muitos hábitos infusos no entendimento, inseparáveis da divina graça, que servem ou para penetrar as coisas divinas... ou para contemplar divinamente, adverte o Frei João de Jesus Maria (*Escuela de orac.* tr. 9, 8), terá fundamento de ciência teológica para julgar os conhecimentos sublimes interiores, e os gostos divinos que o Senhor comunica às almas puras por meio do nobilíssimo dom de sabedoria, que de tal maneira ilumina o entendimento, que serve para inflamar a vontade que experimenta o sabor de Deus".

E, contemplando-a em silêncio e amando-a inefavelmente, já gozam de uma antecipada glória...

Aqueles que pensam que a vida dos místicos é sombria e triste, como que cheia de obscuridades sensíveis e semeada de cruzes, esses não sabem o que é felicidade. As próprias cruzes, levadas por amor d'Aquele que as enobreceu com seu Sangue, são mais doces que todas as doçuras terrenas, e essas aparentes obscuridades que se encontram como que no vestíbulo da luz divina, resultam mais claras e alegres que todas as luzes humanas. E as inefáveis consolações e admiráveis iluminações que entre as provações se intercalam e se prolongam cada vez mais, não têm em todos os prazeres do mundo juntos nada que lhes seja comparável; pois já são presságios da glória eterna[669]. Para saboreá-las um só momento se dariam por bem empregados todos os trabalhos que possam caber nesta vida... As tristezas dos místicos estão todas temperadas com uns gozos tão profundos e tão inefáveis, que a alma não as trocaria por nenhum consolo terreno, enquanto aquelas dos mundanos estão cheias de puro fel[670]. As cruzes, que a ninguém faltam, não sendo levadas por Cristo, nada têm que as suavize, e as alegrias que não se fundam em Deus, todas se amargam muito rapidamente e acabam em prantos[671].

O justo vive alegre e consolado em meio às suas amarguras e penas, e em todas suas muitas tribulações *superabunda em gozo*, pois sabe, e ao seu modo sente e experimenta, que *uma tribulação momentânea produz um peso imenso de glória*. Assim espera sereno e alegre a morte, não como uma

---

669 "Se os homens cegos e sensuais – dizia ao Senhor Santa Catarina de Sena, no meio de seus êxtases (*Vida*, supl. do Beato Caffarini, 5) – provassem as doçuras da caridade com que tendes abrasado meu coração, não lhes apeteceria, não, os mundanos prazeres, mas ansiosos e sedentos correriam a se saciarem na fonte de vossa suavidade".

670 *Mal e amargo é o ter abandonado o Senhor* (Jer 2, 19).

671 "Se tendes que padecer nos trabalhos temporais, padecei por Deus, fazendo-os espirituais, e os transformareis em felicidade. Aquilo mesmo que padeceis, com santa disposição, é coroa; sem ela, é tormento... Que são as penas da vida espiritual senão gostos sem desgostos?... Não dará o espiritual o dia mais penoso pelo mais deleitoso do perdido e relaxado. Na vida do espírito, o penar não é penar, mas gozar" (Beato Palafox, *Varón de deseos*, exhort.).

triste *dissolução*, mas como uma verdadeira *transfiguração*, como a ansiada *manifestação da glória dos filhos de Deus*, até então encoberta como os véus da carne mortal: *Preciosa é diante do Senhor a morte de seus santos!*

Vejamos, pois, mais cuidadosamente – que o assunto bem merece se examinar devagar – como vai se realizando por graus essa progressiva renovação que leva à perfeita iluminação e à plena união e transformação deíficas[672].

672 Cf. Pe. Tomás de Jesus, *Tr. orac. ment.* c. 6.

CAPÍTULO II

A VIA PURGATIVA

§ I. – A PURIFICAÇÃO, E A MORTIFICAÇÃO E A ABNEGAÇÃO. – A HUMILDADE, BASE DA SANTIDADE: O PRÓPRIO NADA E O TODO DIVINO. – NECESSIDADE QUE TEMOS DE NOS ABNEGAR E MORTIFICAR NOSSO CORPO. – FRUTOS DESSA PURIFICAÇÃO ATIVA. – O CAMINHO DA CRUZ.

Nossa purificação consiste em limpar bem os corações de todas as manchas do pecado; em satisfazer por nossas culpas e arrancar pela raiz todas as más inclinações, desterrando com elas tudo o que possa nos estorvar no reto exercício das virtudes, ou impeça em nós as operações da graça e comunicações do Espírito Santo. Daí a necessidade de nos mortificarmos para destruir ou retificar nossos gostos depravados e de nos negarmos em tudo e renunciarmos por completo a nós mesmos – como que cheios de vícios, fraquezas e enganos – para podermos ficar renovados com a própria virtude, fortaleza e verdade de Deus, que nos livra de nossas escravidões.

Para levantar o edifício de uma santidade verdadeira e sólida, é preciso assentar bem as bases de uma profunda e sincera humildade, destruir o pernicioso amor-próprio, que tudo corrói e vicia, e em tudo nos engana e nos cega, fazendo que nos tenhamos por algo, sendo puro nada (Gal 6, 3); que presumamos de nosso saber, poder e virtude, sem mais títulos que nossa ignorância, fragilidade e misérias, e que, enfim, busquemos inconscientemente a nós mesmos, mesmo quando cremos buscar tão somente a glória de Deus. E como Ele resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes (I Pd 5, 5; Tg 4, 6; Prov 3, 34), daí que com nossa oculta presunção estejamos sempre pondo obstáculos à amorosa ação do Espírito Santo que trata de levantar o edifício espiritual sobre o nosso "nada", *criando* em nós um coração puro

e *criando-nos* assim em Jesus Cristo, em obras boas. Preciso é reconhecer o nada que de nós mesmos somos, para que Ele venha a ser *Tudo*, enchendo o nosso *vazio* com sua *plenitude*[673]. Termo-nos por algo é prescindir d'Ele, quando está morando em nós, não só como *Consolador*, mas também como *Senhor* e *Vivificador*, e, portanto, contristá-Lo, resistir a Ele, sufocá-Lo e fazer que nos abandone. Para que Ele – como Espírito da Verdade que vem nos santificar na própria Verdade, que é a palavra de Deus (Jo 15, 26; 17, 17) – more e aja ao seu gosto em nossa alma, deve encontrar a morada livre e *vazia*, e a esvaziaremos reconhecendo com sincera humidade nosso *não ser*, nosso *nada*, sobre o qual há de agir Ele, como *Ser* absoluto, e procurando proceder em tudo conforme essa convicção[674]. Sabendo que na vida

---

673 "Desceí para subirdes, diz Santo Agostinho (*Conf.* 4, c. 12), e subi muito, para chegardes até Deus; porque verdadeiramente caístes elevando-se contra Ele".

674 "Hás de saber, Minha filha, disse Nosso Senhor à Santa Catarina de Sena (cf. *Vida*, pelo Beato Raimundo, 1ª p., 10), o que tu és e o que Eu sou... Tu és *aquela que não é*, e Eu sou *Aquele* é. Se tua alma se penetra dessa verdade, jamais te enganará o inimigo, triunfarás de todas as suas artimanhas, nada farás contra Meus mandamentos e adquirirás facilmente a graça, a verdade e a paz". "Quando a alma, diz por sua vez a mesma Santa (*Epíst.* 46), adverte que por si mesma é *não ser*, e que age como quem *não é*, convém saber o mal, logo se torna humilde diante de Deus, e diante de toda criatura por Deus, e conhecendo que tudo lhe vem da divina liberalidade, vai ficando cheia de tanta bondade e justiça, que por amor d'Ele e ódio de si, quer tomar de si mesma vingança e que a tomem também todas as criaturas... Quem é abnegado neste amor, já não se vê a si mesmo, nem suas penas, nem adverte as injúrias que se lhe fazem, pois só leva em conta a glória de Deus e a salvação das almas. E reputando-se indigno das doçuras e consolações divinas, quando Deus o visita, diz-Lhe com São Pedro: *Afastai-vos, Senhor, de mim, que sou homem pecador*. E então Jesus Cristo se une a ele mais perfeitamente e lhe faz pescador de almas".

"Na humildade, observa Santa Ângela de Foligno (*Visiones e instruc.* c. 63), é onde há que se apoiar e lançar raízes, como membros unidos à cabeça, com união verdadeira e natural, se desejais o descanso de vossas almas... A condição da paz é a humildade... Essa é uma maravilhosa e brilhante luz que abre os olhos da alma sobre o nada do homem e a imensidade de Deus. Quanto mais conheçais Sua bondade imensa, mais conhecereis vosso nada, e quanto melhor vejais vosso nada e a desnudez própria, tanto mais se elevará em vossa alma o louvor do Inefável: a humildade contempla a bondade divina, e faz que fluam de Deus as graças com que florescem as virtudes. A primeira dessas é o amor de Deus e do próximo, e a luz da humildade é a que dá origem ao amor. Vendo seu nada, e Deus inclinando-se sobre esse nada, e as entranhas divinas estreitando essa nada, a alma se inflama, transforma-se e adora... Quando busco a fonte do silêncio, encontro-a no duplo abismo, onde a Imensidade divina está frente a frente com o nada do homem. E a luz do duplo abismo é a própria

espiritual nada absolutamente podemos sem Ele – que é nossa vida e nossa fortaleza – e que com Ele tudo podemos, só a Ele devemos nos abandonar sem reservas, para não resistir nem minimamente à sua ação amorosa, mas a secundar sempre com toda verdade e energia que Ele mesmo para esse feito nos comunica.

Por isso quando a alma começa a sentir em si um imenso *vazio* que com nada criado se preenche – pelo motivo mesmo que só Deus o pode preencher –, é quando verdadeiramente inicia a se deixar nas mãos do divino Hóspede, e assim esse *vazio espiritual* é o ponto de partida dos admiráveis progressos da vida mística. A sincera humildade é já penhor do amor de Deus, porque é imagem de sua Verdade e fruto de seu Espírito de temor e de ciência, de conselho e sabedoria[675], e assim é como essa virtude cativa e atrai os olhos divinos[676].

Sendo a perfeita união com a vontade divina a norma de nossa vida espiritual e o norte seguro de seus progressos, devemos renunciar em tudo os nossos próprios interesses, as nossas ambições pessoais, os nossos olhares humanos, os nossos caprichos, gostos e comodidades, e a própria vontade, sem ter já outro desejo, outro gosto, nem outro querer nem não querer senão o divino[677].

---

humildade. Humildade, luz, silêncio, que caminho leva a vós senão o já indicado? Encontra-vos a oração, a oração ardente, pura, contínua, a oração filha das entranhas". Nela, com efeito, é onde nos conhecemos e conhecemos a Deus, e vemos o que nos falta, para estar conformes com Ele, e aprendemos a Lhe pedir e buscar verdadeiramente o remédio de nossa fraqueza. "Aquele que sabe o que lhe falta, diz Santo Agostinho (*Spir. et litt.* 36, 64), fez já um grande progresso". Pelo qual São Gregório adverte (*Mor.* 22, 46), que "o primeiro grau do progresso consiste em nos afastarmos de nós mesmos para nos aproximarmos de Deus".

675 "O humilde – dizia a Ven. Mariana de Jesus – nunca é ignorante, nem o que é soberbo é discreto". *Aquele que se tem por algo, sendo nada, a si mesmo se engana*, adverte o Apóstolo (Gal 6, 3).

676 Considerando porque razão era Nosso Senhor tão amigo da humildade, diz Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 10), "pôs-se a mim que é porque Deus é suma verdade; e a humildade é andar na verdade, que o é muito grande não ter coisa boa sobre nós, senão a miséria, e ser um nada. E quem isso não entende, anda na mentira, e quem mais o entende, agrada mais a suma verdade, porque anda nela".

677 "Se chega a Deus, diz o devoto Pe. Huby (*Máximes spir.* § 1), pelo aniquilamento de si mesmos. Mantenhais-vos tão pequenos, que já não vos encontreis nem vos vejais. E à medida que desterreis de

Quem isso fizer, já tem quase tudo alcançado, pois com isso as almas ficam em tudo possuídas pelo divino Espírito, e assim *recebem asas como de águia para voar sem cansaço e subir sem desfalecer*, nem tomar o menor repouso[678]. A condição para não retroceder neste caminho é progredir sempre, e para não desmaiar, é ver o muito que ainda falta e não se fixar nunca no que já foi percorrido, e para não se cansar, apressar-se, violentando-se a si mesmo, sem nunca descansar nessa viagem.

O não ir adiante é voltar atrás[679]. Por isso, a abnegação que mais devemos procurar e praticar sempre, junto com a do amor-próprio – para nunca voltar

---

vós tudo o que não é de Deus, ficareis cheios de Deus... A prática do perfeito aniquilamento consiste em morrer inteiramente a nós mesmos e a todas as nossas próprias operações para dar lugar a que Deus viva e aja em nós... Ó, rico nada! Quanto mais se aniquila uma alma, tanto mais preciosa se faz... Quanto menos tenha de humano, tanto mais vem a ter de divino". "Onde alguém se busca a si mesmo, ensina Kempis (l. 3, c. 5), decai no amor de Deus".

678 *Assument pennas sicut aquilae, current et non laborabunt, ambulabunt et non deficient* (Is 40, 31).— "Considera bem, Minha filha, essas palavras do Espírito Santo, dizia o Pai Eterno à Santa Maria Madalena de Pazzi (3ª p., c. 2). Significam que, numa escada, é mais fácil e menos molesto correr e voar com rapidez que andar lentamente, porque no caminho espiritual não há coisa que mais fatigue que o peso e a preguiça. A graça do Espírito Santo não conhece atrasos. *Nescit tarda molimina Spiritus Sancti gratia,* disse um de meus servos (Santo Ambrósio) ... Os que correm (ó, como são raros!), estão totalmente mortos a si mesmos..., com uma perfeita conformidade com Minha vontade: assim Me encontram sem aparentar que Me buscam, porque todas as suas afeições estão concentradas em Mim... A rapidez da corrida material está em proporção com a vitalidade do corredor. Nessa corrida espiritual acontece o contrário: é tanto mais rápida quanto mais mortos estão os corredores. Mas essa morte é a verdadeira vida, que lhes conduz até Meu seio".

679 Neste caminhar para Deus, ninguém deve se deter num ponto, nem voltar atrás o olhar, nem menos imaginar que já tenha andado o suficiente para ser um viajante perfeito; porque aquele que para, retrocede, como aconteceria a um barco navegando contra a corrente; aquele que olha para o que já foi percorrido, desvanece-se e esquece o muito que ainda lhe falta para andar; e o aquele que se crê já perfeito, por muito elevado que se encontre, decai de seu estado, que é o de um perfeição progressiva. – "Quem não cresce nem progride, diz Santa Catarina de Sena (*Ep.* 122), míngua e volta atrás". – "A vida interior, acrescenta o Ven. Tauler (*Inst.* c. 34), não consente folga nem admite ócio". – A virtude do homem aqui em baixo, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 10; cf. 18), tem um objeto, mas não um fim (S. Bernardo, *Ep.* 254, 2). Portanto, ninguém é perfeito se não quer chegar a ser mais perfeito... Os viajantes perfeitos são unicamente aqueles que avançam constantemente (S. Agostinho, *Nat. et grat.* 12, 13). Nossa perfeição na terra consiste num *progresso contínuo*. Jamais devemos nos deter. Nada criado permanece no mesmo ser. Só Deus pode dizer: *Sou Deus, e não mudo* (Mal 3, 6).

o olhar para nossos gostos e comodidades –, é o da própria vontade, sabendo que o ápice da perfeição é fazer em tudo a divina, prosseguindo firmes pelos caminhos de Deus, sem reparar em dificuldades nem repugnâncias; porque quem fizer sempre a vontade do Pai celestial, esse entrará e será grande no reino dos céus (Mt 7, 21; 12, 50).

Mas como a esse sacrifício do amor-próprio e própria vontade se opõem todas as nossas inclinações, pelo motivo mesmo que todas elas estão mais ou menos desordenadas ou viciadas, daí a necessidade de mortificá-las e nos negarmos em todas sem excetuar nenhuma, pois um fiozinho do menor apego próprio que nos deixe atados à terra basta para nos impedir de voar ao céu: se não o rompemos, é como se fosse um cabo.

Daí a grande necessidade de mortificarmos todas as nossas paixões e inclinações, que tão desordenadas se mostram, e de termos que apelar não só à contínua guarda e sujeição dos sentidos internos e externos, mas também às próprias asperezas corporais, tão odiadas pelos mundanos quanto amadas pelos santos. Com que ardor eles não as buscavam, crucificando seus corpos com jejuns, vigílias, cilícios, disciplinas e outros rigores e austeridades que com requintada habilidade e dissimulação procuravam para domá-lo com esse freio e ter sempre seu controle, a fim de que nunca "desejasse contra o espírito", mas que em tudo se submetesse dócil a ele? Desse modo, negando-o até as coisas mais lícitas se não são necessárias para a vida ou para a saúde, vencem-no e o dominam, acostumando-o a não se inclinar ao ilícito. Assim se purificam, endireitam e se consolidam na virtude, ao mesmo tempo que oferecem a Deus um grato sacrifício expiatório; porque no forno da dor é onde se temperam e aperfeiçoam as almas e se fazem dignas hóstias, vivas, santas, agradáveis e capazes de conhecer por experiência qual seja,

---

Mas em nós a mudança forma parte de nossa natureza (S. Agostinho, *Nat. boni*, 1; S. Th., 1, q. 9, a. 2). Assim, pois, mudamos para melhor ou para pior, ou avançamos ou retrocedemos (S. Bernardo, *Ep.* 91, 3; S. Doroteo, *Doct.* 12, 5). Não avançar significa retroceder. Desde que alguém deixa de avançar, imediatamente retrocede" (S. Leão Magno, *Serm.* 60, 8; S. Agostinho, *Serm.* 169, 18; Ps. 69, 8; S. Bernardo, *Ep.* 254, 4; 385, 1; *Diver. serm.* 35, 2).

em cada caso, a santa vontade de Deus (Rom 12, 1-2)[680]. Por isso, todos os mestres do espírito conjuntamente as aconselham que nunca se confiem a um diretor inimigo das penitências corporais; porque ele julgaria segundo a carne e não segundo o espírito[681].

Certo que essa mortificação exterior não é a mais essencial, nem sempre há de se empregar com a mesma aspereza. Posto que se ordena à interior, deve se aplicar na medida que contribua a fomentá-la e favorecer assim o progresso, e nunca de modo que o impeça. Por isso fazem muito mal os que põem todo o cuidado em se matarem com austeridades, como se só com isso se tornassem perfeitos: o que fazem é convertê-las em matéria de vaidade e se incapacitam para toda obra boa, e assim, crendo-se melhores que todos, andam cheios de orgulho, de impaciência e de inveja, com o qual, em vez de progredir, vão retrocedendo e piorando sempre. Esses são uns pobres ilusos, que abandonam o fim pelos meios[682].

---

680 Cf. S. Tomás., *in h. l.* – *Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos... Fulgebunt iusti... Iudicabunt nationes* (Sab 3, 6-8). – "A dor, diz Bellamy (*La vie surnat.* 2ª ed., p. 11), é a aprendizagem natural da generosidade e do sacrifício; porque põe em jogo todas as molas da vontade depois de comprimi-las... O sofrimento dá às almas a força necessária para os combates da vida. É em si uma provação, como pode ser um castigo. Aperfeiçoa a virtude, como expia o crime. Supor (com Bayo) que é necessariamente de caráter expiatório, é falsear sua natureza e seu alcance".

681 "O corpo purificado pelos sofrimentos, adverte Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 3, 10), não usará já de regalos, senão está em perfeita conformidade com o querer divino. Pouco a pouco vai se esgotando nele a vida sensual; e às imperfeições que antes se misturavam no comer, beber, agir, dormir e descansar, acontece uma renúncia severa e absoluta, e quando chega ao seu término, depois de ter trabalhado como servo fiel (Mt 25), poderá a alma apresentá-lo como uma hóstia consumada no sacrifico. E ela mesma será transfigurada nessa contínua imolação que a identifica, não menos que ao corpo, com a Hóstia do Calvário. Submerge-se, em certo modo, no sangue da vítima, que ela mesma fez correr com a mortificação, convertendo-a em banho de inocência, e espera tranqüila a hora suprema que deve uni-la com Deus para sempre, enquanto o corpo aguarda na tumba sua feliz ressurreição".

682 Não quis Deus, observa Santa Catarina de Sena (*Epist.* 173), "que se use da penitência mais que como instrumento. Viu que muitos penitentes não eram pacientes nem obedientes, porque tratavam de matar o corpo e não a vontade; a isso leva a indiscrição, e o fazer penitência ao próprio arbítrio, e não segundo o parecer de outros. Indiscretamente querem medir todos os corpos com uma mesma medida; se querem afastá-los disso, resistem com dureza. E com essa perversa vontade,

Mas ao serem *meios*, não por isso deixam de ser quase sempre indispensáveis, se bem regulados em ordem ao *fim*. Um corpo débil, enfermo ou bem domado e oprimido com trabalhos necessitará de muito menos asperezas que um descansado, robusto, indômito ou mal domado, e tão débil e abatido pode estar, que só lhe serviriam muitas vezes de impedimento ou de objeto de vanglória. Mas conforme a saúde permita e façam falta, todos devemos empregá-las e mesmo começar por elas, pois quem não domina um corpo indômito, mal tratará de domar os apetites internos que não chocam tanto, e que são ainda mais difíceis de dominar[683].

Por isso, todos os santos, como julgavam segundo o espírito, abraçavam-nas com tanto ardor, porque a isso lhes movia aquele temor salutar que é princípio da sabedoria (Prov 1, 17; Eclo 1, 16; Sl 110, 10). Nelas vêem um meio de reparar pelas faltas passadas, de precaver as futuras e de se preparar para a divina união[684]. Com elas começam a vencer a si mesmos, a purificar e retificar a natureza viciada, a arrancar os maus hábitos e implantar em seu lugar virtudes, e, em suma, a se negar em tudo o que vêem que desagrada a Deus, para conseguirem fazer mais fielmente o que Lhe agrada, por mais doloroso que seja. Desse modo, não vivendo conforme os gostos e pareceres do mundo, mas segundo os de Deus, preparam a alma para não sufocar,

---

no tempo da provação, de uma tentação ou de uma injúria, mostram-se mais fracos que uma palha. Porque em sua mortificação não aprenderam a refrear suas paixões".

683 "Quem mortifica a natureza e a tem submetida nos limites do verdadeiro, diz o Beato Suso (*Unión* c. 2), bem pronto consegue dirigi-la como quer, e a faz executar com retidão e sem fraqueza as obras exteriores. Mas quem se derrama nas coisas temporais, jamais poderá fazer nada bem. A pureza e a virtude aperfeiçoam e enriquecem a natureza".

684 O primeiro grau da *via purgativa* é *deploratio miseriae, et imploratio divinae misericordiae*: afligir-se e arrepender-se pelos pecados e pedir a Deus perdão. Quando a contrição é muito perfeita, diz o Pe. Tomás de Jesus (*Tr. oración ment.* c. 7), nasce dela um profundo *conhecimento e desprezo* de si mesmo, com que o homem, se lhe fosse dado, gostaria de se despedaçar para reparar pelo que ofendeu a Deus". E assim "se trata como a um inimigo, não poupando em coisa nenhuma nem seu gosto, nem seu regalo, nem mesmo sua honra o quanto a lei divina o consente. E fazendo-se guerra em tudo, mortifica todas as sinistras e más inclinações". Desse conhecimento e desprezo vem o segundo grau, que é o *aniquilamento*, e daqui o terceiro, que é o *amor* e *agradecimento* a Nosso Redentor e o ardente desejo de imitá-lo, com que entra já plenamente na *via iluminativa*.

mas fomentar o quanto possa o desenvolvimento da vida sobrenatural. E ao irem compreendendo cada vez melhor o quanto desagradam a Deus nossas faltas e imperfeições, inflamam-se em grandes desejos de aplacar a divina Justiça, tomando com suas próprias mãos a vingança pelas culpas cometidas e se oferecendo em sacrifício expiatório para desagravar a suma Bondade. Daí que, à medida que crescem no amor, inflamam-se em novos desejos de reparar a má correspondência ao Amado, e de abater por completo o que possa ser causa de voltar a Lhe ofender[685].

Com esse vivo desejo, quando as pobres almas ainda não receberam a suficiente luz de conselho e discrição, estão muito expostas – se se deixam levar por eles sem atender bastante à obediência que deve em tudo moderá-los – a irem ao extremo de prejudicar gravemente a saúde e até se inutilizar para tudo[686]. Mas se são fiéis e dóceis, logo vão adquirindo a prudência necessária para conhecer que Deus nos manda *mortificar-nos*, não para *nos matar*, mas o contrário, para *nos vivificar*, destruindo os gérmens de corrupção e de morte, e renovando os de vida. E por isso vão preferindo cada vez mais a mortificação interior; porque, além de não acarretar perigos à saúde nem ser ocasião de vaidade, nela está todo o fomento de nossa

685 "O amor de Deus, dizia Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 10), gera naturalmente o ódio ao pecado, e quando a alma vê que o gérmen do pecado está na parte sensitiva e ali lança raízes, não pode menos que aborrecê-la e esforçar-se, não em destruí-la, mas em aniquilar o vício que nela está; o que não se pode alcançar sem grandes trabalhos e mortificações... Ó, meus filhos! Tende esse santo ódio de vós mesmos... Esse ódio vos fará humildades, dar-vos-á paciência nos trabalhos, moderação na prosperidade, circunspecção em vossa conduta; far-vos-á amáveis a Deus e aos homens... Infeliz a alma que não tem esse santo ódio! Pois onde ele não está, necessariamente reina o amor-próprio, causa de todo pecado e fonte de todos os vícios".

686 Santa Brígida (*Revel.* l. 4, c. 2) ouviu dos lábios da gloriosa virgem e mártir Santa Inês estes conselhos: "Sê fiel, e não retrocedas mais do justo. Não deves, por querer imitar os outros, empreender o que excede tuas forças; pois Deus quer que em tudo se guarde discrição e medida. Mas o inimigo sugere às vezes jejuar mais do que se pode e aspirar à impossíveis, para que, continuando por vergonha no mal empreendido, desfaleça-se mais rápido por própria fraqueza. Atende ao conselho de pessoas tementes, e não queiras passar pelo que não és, nem invejes o que não podes. Alguns chegam até ao erro de crer que com seus próprios méritos hão de alcançar o céu, e com suas obras reparar dignamente os seus pecados".

renovação espiritual. Assim "a lei do Espírito vivificador em Cristo Jesus as livra da lei do pecado e da morte" (Rom 8, 2).

Quando a alma tenha alcançado já se renovar até mudar de vida, mortificar seus sentidos exteriores e interiores, renunciar a todas as vaidades mundanas e vencer-se a si mesma – negando-se e tomando sinceramente sua cruz para nela crucificar todo afeto pecaminoso, todo o *corpus peccati*, e seguir verdadeiramente Jesus Cristo – logo começa a saborear os frutos dessas primeiras vitórias, sentindo-se com tanto fervor, consolo, suavidade e doçuras, que para ela se tornam insípido e amargo todo o terreno. E é assim porque, para melhor desprendê-la das coisas do mundo, o "Pai das misericórdias e Deus de toda consolação" a regala como criança delicada, e a atrai para Si com os suaves laços de um amor tão terno e tão deleitoso, que ela, ao experimentar um sabor tão requintado nas coisas de Deus, não sentirá senão desgosto, repugnância, aversão e horror por todos os gostos mundanos[687].

Então, como filha mimada de Deus, começa já a ver de algum modo e sentir por experiência quão verdadeiramente felizes são os pobres de espírito, que só em Deus têm seu tesouro e seu coração; os mansos como o divino Mestre, que conseguem se dominar e serem senhores de si mesmos; os pacíficos, que receberam a paz divina do céu, na qual mora o Espírito Santo, testemunhando-lhes que são filhos de Deus[688]; os misericordiosos que assim encontram a divina misericórdia; os que têm fome e sede de justiça,

---

687 "Quam suave mihi subito factum est carere suavitatibus nugarum! et quas amittere metus fuerat, iam dimittere gaudium erat. Eiiciebas enim eas a me, vera tu et summa suavitas: eiiciebas, et introibas pro eis omni voluptate dulcior... Iam liber erat animus meus a curibus mordacibus... et garriebam tibi claritati meae, et divitiis meis, et saluti meae, Domino Deo meo" (S. Agostinho., *Conf.* l. 9, c. 1).

688 "O divino Salvador, adverte Santa Maria Madalena de Pazzi (3ª p., c. 4), nos deu a paz, mas não como a dá o mundo... Mesmo no meio das maiores aflições se experimenta essa paz divina, porque o Espírito Santo acaba de nos dar testemunho de que somos filhos de Deus; o que equivale dizer: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados*, não só no porvir, mas no presente; pois seus próprios choros são um consolo, assim como a luta que se realiza por Deus é uma verdadeira paz". Essa *paz*, que nos anunciaram os anjos e que o Salvador nos trouxe do céu, é a verdadeira *pérola preciosa*, e o *tesouro escondido*, que simbolizam o reino de Deus (Mt 13, 44-46). Nela está a *fonte de água viva*, porque nela mora o Espírito Santo. – *Factus est in pace locus eius* (Sl 75, 3).

pois de tal modo se saciam na fonte da vida eterna, que lhes faz amargo todo o transitório[689], e os mesmos que choram e padecem injusta perseguição, pois recebem já os consolos do Reino, e sobretudo os puros de oração, porque, vendo Deus, nada lhes pode faltar. Ó, se os mundanos soubessem quão saborosos são os frutos da cruz e quão doce é saborear em segredo o *dom divino!*... Como abandonariam então seus miseráveis passatempos, e se apressariam para trocar tudo pelos inestimáveis tesouros que se ocultam nas *bem-aventuranças!*[690]

Mas para que essa felicidade seja duradoura e se aperfeiçoe e aumente continuamente, é necessário aprender bem de uma vez e pôr finalmente em prática a primeira e compendiosa lição dos seguidores de Cristo: "Se alguém quiser depois de mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz cotidiana e me siga" (Lc 9; 23; Mt 16, 24). Alguém, em negar-se constantemente a si mesmo, para seguir em tudo com perfeita docilidade as moções do Espírito de Jesus, está compendiado todo o fomento da vida espiritual: quem nisso é fiel, em breve fará grandíssimos progressos; quem não o for, por muito que trabalhe em outras coisas, irá muito devagar, se é que não estaciona e retrocede, pois, como diz Kempis (l. 1, c. 25): *Tanto aproveitarás, quanto for a violência que fizerdes em ti.* E quem não se faz violência, não pode menos que decair pelo peso de sua própria fragilidade[691]. Ao contrário, segundo nos violentemos

---

689 "Qui biberit ex aqua, quam ego dabo ei, non sitiet in aeternum: sed aqua quam ego dabo ei, fiet in eo fons aquae salientis in vitam aeternam" (Jo 4, 13-14).

690 Cf. Santa Catarina de Sena, *Vida* 1ª p., 10; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 4ª p., c. 23.

691 "Queria eu persuadir os espirituais, escreve São João da Cruz (*Subida* 2, c. 7), como esse caminho de Deus não consiste em multiplicidade de considerações, modos, gostos, ainda que seja necessária aos principiantes; mas uma só coisa é necessária, que é *saber negar-se verdadeiramente*, interior e exteriormente, dando-se ao sofrimento por Cristo, e *aniquilar-se em tudo.* Porque exercitando-se nisso, tudo isso e ainda mais que isso se realiza e encontra aqui. E se desse exercício há falta, que é o todo e a raiz das virtudes, todas essas demais maneiras é andar pelos ramos e não progredir, embora tenham muitas altas considerações e comunicações. Porque o progredir não se acha senão imitando a Cristo". "O reino dos céus, adverte Santo Agostinho (*Manual* c. 16), sofre a violência de conquistar-se com nossas obras... Não quer menor preço que a ti mesmo: há de te custar tanto quanto tu és... Cristo entregou a Si mesmo para te ganhar e te fazer reino de Deus Pai...; entrega-te tu também ao teu Deus, para que sejas reino seu, e não reine em teu corpo mortal o pecado, mas o Espírito do Senhor".

para corrigir nossas imperfeições, assim nos deixaremos nas mãos do divino Espírito para que, a seu gosto, aja em nós e frutifique em abundância todo tipo de virtudes e obras boas; segunda for nossa abnegação, assim será nossa retidão e pureza de intenção e nossa "solicitude e diligência para proceder em tudo dignamente, conservando e fomentando, com o vínculo da paz, a unidade e uniformidade do espírito, deixando já de ser como crianças volúveis e caprichosas, e procurando nos assemelhar completamente ao *Homem perfeito*[692]. Assim é como *cresceremos* segundo Ele em tudo, e até contribuiremos, com o vigor da caridade, para a edificação e incremento do corpo místico da Igreja; renovando-nos sempre no Espírito que nos anima, e nos revestindo mais e mais do homem novo, feito à imagem de Deus em verdadeiro justiça e santidade" (Ef 4, 3-24). Deste modo é como correremos pelos caminhos da perfeição evangélica, subindo de virtude em virtude, para sermos perfeitos como o Pai celestial e podermos ver Deus no seu monte santo.

Mas isso exige uma extrema pureza, que nunca poderíamos alcançar com todos os nossos esforços e que, pelo mesmo motivo, tem que ser produzida em nós pelo fogo do Espírito renovador[693].

"Quanto te deixas a ti mesmo em todas as coisas, diz Tauler (*Inst.* c. 14), outro tanto, e não mais nem menos, entrará Deus com todas as suas riquezas no mais íntimo de tua alma; e o quanto morrais para ti mesmo, tanto viverá Deus dentro de ti. Tudo que tens e podes, gasta-o, pois, todo em tua abnegação, e assim, e não de outra maneira, gozarás de verdadeira paz". "Fili, oportet te dare totum pro toto, et nihil tui ipsius esse" (Kempis, l. 3, c. 26). "Non potes perfectam possidere libertatem, nisi totaliter abneges temetipsum" (ib. l. 3, c. 32). "Faça propósito firme de ter desde agora o amargo por doce, e o doce por amargo, e verás a paz grande que possuirás; e espera a luz quando estás nas trevas, e as trevas quando estás na luz" (La Figuera, *Suma esp.* tr. 3, diál. 1). "É preciso, dizia a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingo (cf. *Vida*, pelo Pe. Alvarez, 2ª ed., p. 445), aborrecer a si mesmo, para se amar bem; cegar-se, para ver melhor; renunciar à liberdade, para ser livre; deixar as riquezas, para ser rico; padecer, para não padecer, e a si fazer sempre guerra, para viver em paz".

692 "O caminho mais curto e mais seguro para chegar à perfeição, diz o Pe. Lallemant (*Doct.* pr. 3, c. 1, a. 2, § 2), é nos dedicarmos à pureza de coração mais ainda que ao exercício das virtudes; porque Deus está pronto a nos dar todo tipo de graças contanto que não Lhe ponhamos obstáculos. E purificando nosso coração é como tiramos tudo o que impede a operação divina. Assim, retirados os impedimentos, são incríveis os efeitos maravilhosos que Deus realiza na alma".

693 Cf. Beato Henrique de Suso, *Unión del alma* c. 2 e *Disc. spir.* 1; Blósio, *Inst.* c. 2, § 4-5; Pe. Grou, *Manuel* p. 163.

§ II. – AS PURGAÇÕES PASSIVAS. – SUA RAZÃO DE SER: DIVERSIDADE E ORDEM. – A PUREZA DE CORAÇÃO E A ILUMINAÇÃO. – A PAZ DOS FILHOS DE DEUS. – A FIDELIDADE E SUAS PROVAÇÕES; O LEITE DA INFÂNCIA E OS ALIMENTOS VARONIS; AS IMPUREZAS DO AMOR-PRÓPRIO E A PRIVAÇÃO DE LUZ E CONSOLOS.

Como nossa pobre natureza se encontra tão gravemente chagada e viciada, e seu mal é tão extenso e tão profundo que tudo a invade e penetra até o mais íntimo, daí que, para "expurgar de nós todo fermento de maldade e iniqüidade, e nos converter em pães ázimos de sinceridade e de verdade" (I Cor 5, 7-8); para curar nossos vícios, desenraizar as más inclinações, ordenar tudo o que está desordenado e nos restituir à primitiva retidão e pureza, não nos bastam todas as nossas mortificações e abnegações; é preciso que nos abandonemos sem reserva à ação divina, para que o fogo do Espírito Santo nos purifique e renove conforme é necessário para a perfeição união com Deus. As purgações que necessitamos devem penetrar até o fundo mesmo da alma e se estender a tudo, já que a tudo alcançou a desordem da culpa, e têm que ser tanto mais variadas e enérgicas, quanto mais numerosas e mais fortes forem as más inclinações; tanto mais violentas e dolorosas, quanto maior for a gravidade e o número das próprias faltas, e, enfim, tanto mais delicadas e íntimas, quanto mais profunda estiver a raiz do mal. E como a má inclinação e a falta de retidão e pureza chegam até o mais profundo e oculto, para restabelecer essas e desenraizar bem aquela não bastam nem podem bastar todos os nossos esforços, diligências, cuidados, mortificações e penitências imagináveis, pois até somos incapazes de conhecer a grandeza do mal e, portanto, de descobri-lo inteiramente e buscar seu devido remédio.

Por aqui se vê quão descaminhados andam aqueles que só com seu esforço, e sem contar com os auxílios de ninguém, pretendem restabelecer a ordem e chegar à perfeição; o que fazem é aumentar a desordem, fechando os olhos ao mal e enchendo-se de presunção e soberba.

Até nas coisas que nos parecem mais puras, retas e santas, cometemos mil imperfeições inadvertidas, que de nenhum modo poderíamos descobrir sem uma luz superior, nem menos corrigir, sem uma força superior que venha em nossa ajuda. E como nada viciado nem manchado pode se juntar,

sem contradizer, chocar e repugnar, com a suma Pureza, Santidade e Justiça, daí que, para chegar à perfeita união e à divina perfeição, seja preciso que o próprio Deus ponha a mão na obra de nossa purificação e reabilitação. Assim, de pouco nos serviriam todas as mortificações e purgações *ativas* que nós empreendemos, se Ele mesmo não as aperfeiçoasse e completasse com as *passivas* a que nos submete em sua misericórdia, pois essas são as que alcançam até o mais fundo, e nos revelam e corrigem inumeráveis faltas e imperfeições que nós nem poderíamos notar, quanto menos remediar. O próprio Deus piedosamente as oculta às almas muito fervorosas, a fim de que não se deixem abater nem se desalentem, e só as lhes revela por graus, à medida que necessitam se purificar e se submeter à novas provações[694].

Essas *purgações passivas* se dividem em *sensíveis e espirituais*, conforme se refiram principalmente ao corpo e à natureza sensitiva – para sujeita-la à razão – ou ao mais profundo da alma e da vida que chamamos racional para sujeitá-la ao Espírito. As primeiras devem preceder e acompanhar a *iluminação*, assim como essa em parte precede e em parte acompanha a perfeita *união*[695]. As segundas começam plenamente depois da *união imperfeita* ou *conformativa*, devendo preceder sempre a *união perfeita*, ou *transformativa*,

694 "A alma penetrada pelos sentimentos do amor puro é, diz Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 3, 8), tão delicada e sensível, que não poderia tolerar nem a sombra de um defeito. A vista da menor imperfeição seria para ela tão insuportável como a do próprio inferno. Por isso, Deus lhe oculta em parte as más inclinações a que o homem está sujeito; pois se visse claramente o estado de depravação a que nos reduziu o pecado, desalentaria-se. Não lhe revela suas fraquezas, senão, de certo modo, uma a uma; e o horror que lhe causam à luz da divina justiça, obriga-lhe a dizer muitas vezes com o profeta: *Dignai-vos, Senhor, livrar-me. Guardai-me e dai-me a salvação* (Sl 39). Se acreditasse ter contraído a menor mancha, ainda que involuntariamente, não descansaria até se purificar dela com as mais rudes penitências".

695 "Essa *iluminação* de aqui se trata, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 10, cf. 18), não é só da inteligência, mas de todo o homem". O pecado é o que constitui as trevas propriamente ditas, do mesmo modo que a luz verdadeira é a luz da justiça. Quem está separado de Deus, não pode se conhecer a si mesmo, nem conhece o caminho que conduz à paz, e enquanto o indivíduo não se aproximar de Deus, permanecerá nas trevas (S. Gregório Magno, *Mor.* 5, 12-13; 11, 58; 29, 32). Quanto mais aumenta nossa caridade, mais aumentam as luzes de nossa inteligência (S. Gregório Nazianzeno, *Or.* 40, 5).

do *matrimônio espiritual*. Daí que as três vias chamadas *purgativa*, *iluminativa* e *unitiva*, ou melhor dizendo, essas três fases ou seções do caminho da perfeição, não estejam totalmente desconexas, mas se compenetrem, embora em cada momento predomine uma das três.

Aqueles que, como Rousseau, queixam-se de que Deus não tenha se dignado falar com eles, como aos profetas, por certo que, em sua cega presunção, não sonham sequer com as difíceis provações a que necessitam se submeter e ser submetidos para poderem ouvir com fruto a voz divina[696]. Ninguém pode ver a Deus, nem mesmo ouvir sua divina voz, sem morrer a si mesmo (Ex 33, 20).

Para ser iluminados, há que aproximar-se do próprio Deus na santidade e pureza de vida, e para chegar até Ele há que descalçar-se, como Moisés, ou seja, desnudar-se dos vis afetos terrenos. Mas não basta ter se purgado já de algum modo das inclinações grosseiras do "homem animal": para ouvir a voz de Deus no fundo de nossas consciências e receber as luzes divinas como convém, é preciso um grande recolhimento e atenção, e uma simplicidade e pureza supra-humanas[697]. Deus leva a alma à solidão para falar-lhe ao coração (Os 2, 14), e essa alma deve ser totalmente pura e simples, e estar recolhida e atenta para sentir e entender essa divina linguagem. Deve fugir do "ruído mundano" das criaturas, de todo o tumulto da paixões e dos vãos cuidados terrenos, e até de si mesma, desnudando sua imaginação e memória de toda recordação e pensamento humano, se quer sentir aquele suave e silencioso *sussurro* do divino Espírito, que nos está falando a *palavra escondida* (Jó 4, 12); e ao mesmo tempo deve ter uma retidão de intenção, uns olhos tão límpidos e cândidos, que seja toda transparente e sem a menor duplicidade para que não se dobre sobre si mesma, não atribuindo a si nada do que Deus diz e realiza nela; porque isso seria o "mal olho", o *oculus*

---

696 Cf. Sab 1, 3-5.

697 "Simplicitas debet esse in intentione, puritas in affectione. Simplicitas intendit Deum, puritas apprehendit eum, et gustat... Si rectum esset cor tuum, tunc omnis creatura speculum vitae, et liber sanctae doctrinae esset... Cor purum penetrat caelum et infernum" (Kempis, l. 2, c. 4).

nequam, do amor-próprio, que tudo vicia e perverte, tornando-o tenebroso[698], enquanto que com o olho simples tudo fica "iluminado" (Mt 6, 22-23; Lc 11, 34-36)[699].

Mas esse profundo recolhimento e essa extremada pureza, retidão e simplicidade que são necessárias para ficar inundados pela luz divina e poder notas nossas imperfeições, não pode ser obra senão do próprio Deus em nós: só Ele, que possui essas perfeições por essência, pode comunicá-las a nós no grau preciso[700].

Então, com essa luz, a alma descobre como que por si mesma que não é mais que um abismo de maldade, vazio, de obscuridade e misérias, e que se algo tem de bom, tudo é pura misericórdia divina, e se inflama em vivos desejos de se unir para sempre com aquele sumo Bem, em quem está a fonte de todas as perfeições e que em Si encerra todos os tesouros de luz e bondade, de sabedoria e beleza. Mas ao mesmo tempo se vê cheia de inumeráveis faltas ou imperfeições que antes não advertia ou que lhe pareciam muito pequenas – porque não tinha olhos para vê-las ou porque o eram só em comparação daquelas que chamamos graves –, mas que em si resultam enormes na presença da Santidade infinita, e não podem menos

---

698 Perguntava Santa Catarina de Sena ao Senhor por que já não se relacionava tão familiarmente com os homens. E Ele respondeu a ela: Porque não são bastante simples, e se apropriariam das luzes e dons que eu lhes comunicaria. Em vez de me ouvir como Mestre, gostariam que Eu lhes ouvisse como discípulo.

699 Sem uma perfeita simplicidade e sinceridade em tudo, seria impossível progredir nas vias do Senhor; pois o Espírito de sabedoria foge da menor perfídia (Sab 1, 5) e comunica seus segredos aos simples (Prov 3, 32; 11, 20). Assim, "aquele que anda com simplicidade, caminha com segurança" (Prov 10, 9; 28, 18); mas "aquele que tem o coração hipócrita perecerá" (Os 10, 2). Pois "o homem de ânimo duplo é inconstante em todos os seus caminhos (Tg 1, 8); enquanto que "a justiça do homem simples dirigirá seus passos" (Prov 11, 5).

700 "A alma que quer possuir a pureza, dizia Nosso Senhor à Santa Maria Madalena de Pazzi (2ª p., c. 15), deve estar totalmente morta e fora de si mesma. Não há de ter entendimento, nem ciência, nem vontade própria, isto é, não deve entender, saber nem querer senão o que Eu quero. Preciso é que em tudo e por tudo perca seu ser para se revestir, enquanto possível, do Meu, e que morra completamente a si mesma para não viver senão em Mim, que sou seu Criador e seu Deus. As almas assim dispostas com razão são chamadas de anjos terrenos, por causa de sua grande pureza, pois possuem essa virtude no grau mais perfeito e sublime que é possível chegar nessa vida".

que impedir a união tão desejada. Vê-se ainda cheia de olhares e interesses pessoais, e que todas as suas intenções, mesmo as mais puras, simples e retas lhe pareciam estar envolvidas em dobras inconscientes de amor-próprio... E compreende que, para *se simplificar* verdadeiramente e se purificar de modo que possa se unir à plena Santidade e Justiça, necessita de um terrível purgatório nessa vida ou na outra[701]. E a ânsia ardente que tem de se unir ao seu Deus o quanto antes e se ver livre das misérias que a desfiguram e dos defeitos que a Ele tanto desagradam a obriga a exclamar com ardor: "Provai-me, Senhor e tentai-me; abrasai meu coração e minhas entranhas. E olhai para que não fique em mim nenhum gérmen de maldade, e que eu entre por vosso caminho reto" (Sl 25, 2; 138, 23-24). E assim se submete de bom grado a todas as provações que o Pai celestial quiser lhe enviar. E se entre elas se sente fraco, logo procurará resignar-se, acudir à oração e dizer: "Faça-se a vossa vontade e não a minha. Santificado seja o vosso bendito nome, e venha a mim vosso desejado Reino". E recobrando alento, inflamada em novas ânsias de se purificar, diz: "Lavai-me mais e mais de todas as minhas maldades, orvalhai-me com teu Sangue, e ficarei mais branco que a neve. Criai em mim um coração puro e renovai em minhas entranhas um espírito reto. Mas não me afasteis de vossa amorosa presença nem me tireis vosso santo Espírito" (Sl 50). Vê com Santa Catarina de Sena[702] que *não podemos ter fogo sem sangue, nem sangue sem fogo*; isto é, ardente carida-

---

701 "Deus me faz ver, diz Santa Catarina de Gênova (*Purgatorio* c. 8), que por sua parte a ninguém fecha as portas do céu, e todos os que querem entrar, entram...; mas sua divina Essência é de uma pureza tão grande e tão incompreensível, que a alma que em si tem *o menor átomo de imperfeição*, antes se precipitaria em mil infernos que se apresentaria assim diante de tão santa Majestade. Por isso, vendo que o purgatório foi estabelecido por Deus para purificar as almas de suas manchas, de bom grado se lança nele, e considera como uma grande misericórdia encontrar esse meio de destruir o obstáculo que a impede de lançar-se nos braços divinos. O purgatório é tal, que não há língua que dele possa falar dignamente, nem espírito que possa compreendê-lo. Só vejo que, quanto à magnitude da pena, iguala a do inferno, e, no entanto, a alma que tem *a menor mancha* aceita essa pena como uma grande misericórdia de Deus e tem por nada tudo que sofre, comparando-o com a dor das manchas que a impedem de seguir os ímpetos de seu amor".

702 *Ep.* 52.

de sem espírito de sacrifício, como tampouco verdadeira abnegação sem fervente caridade. E para se encher de um amor forte como a morte, que desterre o temor servil, busca submergir-se com a consideração e a imitação dos padecimentos de Cristo naquele Sangue precioso que apagou nossas maldades, reconciliou-nos com Deus e nos deu poder para triunfar sobre todos os nossos inimigos[703].

703 "Voltou a nos criar Deus pela graça em seu Sangue, diz Santa Catarina de Sena (*Ep.* 57). E no Sangue achamos a fonte da misericórdia; no Sangue, a clemência; no Sangue, o fogo, e no Sangue, a piedade. No Sangue se fez a justiça de nossas culpas, e no Sangue se abranda nossa dureza, e as coisas amargas se tornam doces e as grandes e pesadas cargas se tornam leves, e porque no Sangue se amadurecem as virtudes, por isso a alma se embriaga e se submerge no Sangue para honra de Deus". "Embriaguemo-nos, acrescenta (*Ep.* 58), nesse precioso Sangue, e com afetuoso amor de virtude desejaremos dar o sangue e a vida por amor da vida. Com esse desejo, em virtude do sangue serão destruídas e tiradas de nós todas as nossas maldades e nada haverá que possa nos estorvar nem nos tirar nossa alegria. Esse Sangue nos fará levar e sofrer todas as penas com santa paciência, até nos gloriarmos com São Paulo nas tribulações, desejando nos conformar com Cristo Crucificado e nos revestir de seus opróbrios pela honra de Deus e salvação das almas. Ó, quão ditosa é aquela alma que assim docemente passa esse amor tempestuoso e as angustias do mundo com vigílias, com humildade e contínua oração, incendiada no fogo, embriagada com o santo desejo e submersa no Sangue de Cristo Crucificado! Com esse Sangue, no último momento de nossa vida receberemos o fruto de nossos trabalhos. Esse Sangue tira toda pena e dá todo deleite; priva o homem de si mesmo e o faz se encontrar em Deus... Aquele não sente fadiga, porque tem morta a própria vontade; e assim nessa vida experimentam o penhor e gozo da eterna. Sempre tem paz e quietude, porque tirou de si aquele inimigo que lhe travava guerra. Portanto, devemos ter continuamente na memória aquele Sangue derramado com tanto fogo de amor... Bem saboreia ele aqui a vida eterna, vendo-se por graça e não por dívida ter recebido a vida do Sangue, conformando sua vontade com a doce vontade de Deus". "Quero, prossegue (*Ep.* 60), que sejais submersos no Sangue do Filho de Deus e abrasados no fogo da caridade divina; porque aqui se perde todo temor servil e fica só o reverencial. Pois, que podem fazer no mundo o demônio e seus servos a quem se encontra nesse amor tão sem medida que se propõe por objeto o Sangue de Cristo Crucificado? Certamente nada; antes são instrumento para nos dar e nos provar a virtude... Querendo pena, tendes deleite, e querendo deleite, tendes pena; portanto, melhor é para nós nos submergirmos no Sangue de Cristo e matar nele, sem compaixão alguma, nossas perversas vontades, para conservarmos um coração livre diante de Deus. Então será repleto nosso gozo e trabalharemos sem cansaço. Por nenhuma obediência que se imponha a nós devemos sentir pena, mas deleite; porque nenhuma pode nos apartar de Deus, antes nos fazem adquirir a paciência e correr mais depressa para nos abraçarmos com a cruz... Ó, quão deleitável seria sermos perseguidos por Jesus Cristo Crucificado! Nisso quero que vos deleiteis, de qualquer modo que Deus

Mas antes de chegar a essas vivas ânsias e a esses puros e ardentes desejos de novas purgações, por terríveis e dolorosas que sejam, necessita ser muito confortada e purificada com luzes, regalos, consolos e fervores sensíveis, proporcionais à sua condição habitual – que não se acha ainda em estado de sentir as luzes totalmente espirituais – e deve se esmerar muito em procurar a pureza de coração para que, com o salutar banho daquele Sangue, que tudo purifica, fortalece e renova, cure o seu paladar de modo que possa apreciar as doçuras da cruz, e assim vá adquirindo cada vez mais gosto a todo o divino e mais aversão ao terreno, e nele se iluminem os olhos da inteligência para descobrir e admirar as maravilhas divinas e os infinitos tesouros de ciência e sabedoria encerrados em Jesus Cristo (Col 2, 2-3; Ef 1, 17-20; 2, 19)[704].

---

vos dê cruzes e penas, não as escolhendo vós, ao vosso modo e parecer, mas no modo e parecer de quem as dá a vós. Esse é o caminho que seguiram os santos...".

704 "Ó, glorioso Sangue, exclama a mesma Santa (*Ep.* 65), que nos dás vida, que o invisível para nós fizestes visível, e nos manifestastes a misericórdia divina, lavando o pecado da desobediência com a obediência do Verbo de Deus!". "Se queres conhecer e contemplar Minha Divindade, dizia a *Eterna Sabedoria* (c. 1-2) ao Beato Suso, começa a me conhecer e amar nos tormentos de Minha dolorosa Humanidade". "Não se chega às grandezas de Minha Divindade senão pelas humilhações de Minha Humanidade. Quem pretende se elevar sem a ajuda de Meu Sangue, quanto mais esforços faça, mais miseravelmente cai nas trevas da ignorância. A porta luminosa que tu desejas é Minha Humanidade ensangüentada". "Não temas desfalecer, acrescenta (c. 3), no caminho da Minha Cruz. Para quem ama a Deus com todo o coração, a própria Cruz tudo torna tão leve, tão fácil e tolerável, que nem sequer se vê tentado a se queixar. *Ninguém é tão consolado como quem partilha Minha Cruz*; pois Minhas doçuras se derramam em abundância na alma que bebe do cálice das Minhas amarguras. Se a casca é amarga, o fruto é dulcíssimo; e não se sentem as penas quando se pensam no prêmio... Quem começa a combater comigo, já quase está vitorioso".

Santa Ângela de Foligno (*Vis.* c. 47) viu como eram purificados seus filhos espirituais, e que Nosso Senhor lhes dizia: "Eu sou Aquele que tira os pecados do mundo... Esse Sangue que vês no banho da purificação verdadeira... Esse Coração é o lugar de vossa morada. Não temais, filhos Meus, manifestar com vossas palavras e ações essa verdade de Meu caminho e Minha vida, que os maus combatem; pois Eu estou sempre convosco para vos ajudar e socorrer". "Vi, acrescenta, que essa purificação tinha três graus, que consistem em evitar facilmente o mal, praticar alegremente o bem e ficar por fim transformada a alma em Deus. Em cada grau recebiam eles uma beleza singular. A do terceiro era inefável: só pode se dizer que se perdem de vista as almas de tão abismadas que estão em Jesus Cristo, e só se vê a Ele, ora sofrendo, ora glorificado nelas (cf. infra, c. 8, § 2).

Quando com a mortificação exterior e interior, a contínua guarda dos sentidos e a vigilância sobre os mais íntimos movimentos e afetos parece que têm já bem dominadas as paixões que nos subjugam e o próprio Deus a vai confortando e purificando com certas luzes e fervores sensíveis, então, conforme já dissemos, quase chega a crer que conseguiu tudo, e que alcançou já a perfeição verdadeira, pois começa de certo modo a sentir as inefáveis doçuras da paz e da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Por experiência, vai conhecendo como essa liberdade consiste precisamente em romper os laços das paixões e saber se conformar com a inefável norma do dever, que é a vontade divina; e assim, cheia de gozo, exclama com Santo Agostinho: *Servir a Deus é reinar!* Pois com essa ventura paz que os justos desfrutam, sentem-se já como verdadeiros cidadãos do pacífico Reino, onde Deus os trata como a filhos regalados, enchendo-os de favores e adiantando-se em agradá-los; já que *faz a vontade dos que o temem, e escuta seus pedidos* (Sl 144, 19). Daí que as próprias penitências e austeridades se tornem para ela saborosas, pelos doces consolos que trazem e as amorosas e fervorosas ânsias que despertam. Cada vez que por amor de Deus se vencem, saboreiam o fruto da mais difícil vitória, que é a alcançada sobre si mesmos. Para cada obstáculo que removem, o divino Paráclito os incendeia em novas chamas de caridade, e lhes vai dispondo no coração uma sucessão de firmes propósitos, por onde, com novas e mais vivas ânsias e renovados esforços, *subirão de virtude em virtude até ver a Deus em Sião* (Sl 83, 6-8)[705].

---

705 "A inflamação de amor, diz São João da Cruz (*Noche*, l. 1, c. 11), comumente, nos princípios não se sente... pela impureza do natural... Mas às vezes com ela ou sem ela começa logo a se sentir alguma ânsia de Deus, e o quanto mais se adianta, mais vai se sentindo a alma aficionada e inflamada no amor de Deus, sem saber nem entender como se lhe nasce tal amor e afeição; porém parece-lhe crescer tanto em si às vezes essa chama e inflamação, que com ânsias de amor deseja a Deus; segundo Davi... diz de si (Sl 72, 21): "*Quia inflammatum est cor meum*...; Porque se inflamou meu coração, também meus gostos e atrações mudaram; e eu fui transformado em nada, e não soube". Porque, sem saber a alma por onde vai, vê-se aniquilada acerca de todas as coisas do céu e da terra que costumava gostar; e só se vê afeiçoada sem saber como. E porque às vezes cresce muito a inflamação de amor no espírito, são as ânsias por Deus tão grandes na alma, que parece que se lhe secam os ossos nessa sede... Que também Davi tinha e sentia quando diz (Sl 41, 3): *Sitivit anima mea ad Deum vivum*...

Então, "chegando a ver as obras de Deus, que tais prodígios realiza na terra" (Sl 45, 9), e *saboreando* e *vendo* por experiência *quão suave é o Senhor*, compreendem que só pode ser *feliz quem põe n'Ele suas esperanças* (Sl 33, 9). E adquirindo horror aos prazeres do mundo, que antes lhe pareciam tão gratos, só acham suas delícias em buscar o único Amado e fiel Amante de suas almas, que as purifica e embeleza com suas divinas virtudes, e em viver na solidão onde podem desfrutar sempre daquele dulcíssimo bem "sozinha sem testemunhas"[706]. E ao sentir ali seus inefáveis toques de amor e suas divinas carícias, derretem-se em desejos de corresponder-Lhe, e começam antes do tempo a cantar a amorosa canção da esposa que tem já *sua casa sossegada*. Quer Deus então que comecem a saborear os doze frutos de seu Espírito e a gozar de certo modo das bem-aventuranças (Ct 1, 3; 2, 3)[707].

Cuja sede, por ser viva, podemos dizer que mata de sede... Nos princípios, comumente não se sente esse amor, mas a secura e o vazio, e então em lugar desse amor que depois vai se incendiando, o que traz a alma... é um ordinário cuidado e solicitude de Deus, com pena e temor de que não lhe sirva: o que não é para Deus pouco agradável sacrifício ver andar o espírito atribulado e solícito por seu amor. Essa solicitude e cuidado põem na alma aquela secreta contemplação, até que, tendo purgado o sentido..., vai incendiando no espírito esse amor divino". "É de se notar, acrescenta o mesmo Santo (*Llama* canc. 3, v. 3), que essas cavernas das potências, quando estão purgadas e limpas de toda afeição das criaturas, não sentem o grande vazio de sua profunda capacidade. Mas quando estão vazias e limpas, é intolerável a sede, a fome e a ânsia... E esse grande sentimento comumente acontece até os fins da iluminação e purificação da alma, antes de que chegue à união perfeita, onde já se satisfaz. Porque como o espiritual está vazio e purgado..., chega a sofrer sede quase de morrer; principalmente quando por algumas aparências ou resquícios se lhe transluz algum raio divino e não se lhe comunica. E esses são os que sofrem com amor impaciente, que não podem estar muito sem receber ou morrer".

706 "Deus meu, verdadeira e perfeitíssima vida, de quem, por quem e em quem vivem todas as coisas que verdadeiramente vivem...; de quem afastar-nos é cair, converter-nos a Vós é levantar, e permanecer em Vós é estar de pé, firmes e seguros; Deus, a quem ninguém perde senão enganado, ninguém busca senão advertido, ninguém acha senão *purificado: conhecer-vos é viver, servir-vos é reinar, louvar-vos é gozo e salvação da alma*... Eu vos suplico humildemente que arranqueis de minha alma todos os vícios e planteis nela todas as santas virtudes". "Concedei-me... a pureza de coração e alegria da alma para que, amando-vos perfeitamente e dignamente louvando-vos, perceba, desfrute e experimente quão doce sois" (S. Agostinho, *Medit.* c. 32-34).

707 "As almas que se entregam a Deus plenamente, que lhe oferecem todo seu coração e que não se deixam levar pelo amor-próprio e pelo próprio interesse, essas, diz o Pe. Grou (*Manuel* p. 46-47), desde o primeiro momento de sua conversão, começam a saborear como Deus é bom e como favo-

Mas não costumam durar muito esses fervores sensíveis e esses regalos prematuros; pois o zeloso Amante das almas, para poder comunicar-se a elas plenamente e sem reserva, sem comparação as quer ainda mais puras, e a fim de que assim sejam, submete a duras e terríveis provas a fidelidade e retidão de intenção com que O amam, e as faz passar por fogo e por água, e sofrer outras purgações enérgicas para apagar e destruir as impurezas do amor-próprio que as impediam de chegar ao desejado refrigério (Sl 65, 12).

Essa alma, que por Deus suspira com tão doce amor e O busca com ânsias tão fervorosas, que já pratica, aparentemente com heroísmo, as virtudes cristãs, que subia pelos caminhos da perfeição com passos agigantados, tão de pressa como se não andasse, mas voasse; não voava realmente, pois não lhe haviam ainda nascido asas; era levada pelos braços como uma criança mimada ou atraída com carícias. Está longe de ser perfeita: é ainda muito fraca na virtude. Seu delicado estômago ainda não resiste aos nutritivos alimentos sólidos do homem perfeito, que são os grandes trabalhos sofridos na secura e sem consolo algum, senão só por puro e desinteressado amor de Deus. Os consolos e fervores sensíveis em que abundava, e com que tudo se lhe fazia fácil, são o *leite da infância*, com que Deus a regalava e a atraía a Si para que fosse adquirindo amor às coisas de seu divino serviço, e horror e asco aos vis e enganosos gostos do mundo[708]. Se tanto fugia desse, e com tal

---

ravelmente acolhe o pecador sinceramente arrependido... Mas essa paz que a alma experimenta num princípio não é nada em comparação com a que Jesus Cristo promete, *mesmo nesta vida,* se continua sendo generosa e fiel. O término da vida espiritual é uma união imediata e central com Deus; e não só é *união*, mas é *transformação* e *unidade*; é a expressão da adorável unidade que reina nas três Pessoas divinas: assim disse expressamente Jesus Cristo na última oração que por seus escolhidos dirigiu ao seu Pai... No Apocalipse expressa a íntima familiaridade desse comércio entre Deus e a alma, dizendo: *Cearei com ele e ele comigo...* O alimento da alma será o mesmo com que Deus se sustenta. Deus passará, pois, à sua criatura, e a criatura passará ao seu Deus, e terá uma mesma vida e um mesmo princípio de vida. Eis aqui o que é prometido à alma já desde aqui em baixo, e o que sob o véu da fé começa a experimentar... Essa comunicação é tal, que a própria alma que a experimenta nem a conhece nem a poderia conceber".

708 "Desejo vos ver – dizia Santa Catarina de Sena (*Ep.* 106) ao Beato Raimundo – feito já homem varonil, e não menino que ainda gosta do leite dos consolos; porque esse não está disposto a lutar

ardor que buscava a Deus, era em grande parte, embora ela não advertisse, porque nas coisas divinas achava sem comparação maiores e mais doces consolos (Ct 1, 1-3); era pelo sutil e disfarçado amor-próprio com que se buscava a si mesma, buscando seu próprio gosto, e que lhe fazia não amar a Deus puramente por si mesmo, mas por suas dádivas[709]. Por outra parte, a própria facilidade que achava nas coisas de Deus e na prática da virtude era às vezes motivo de uma oculta presunção com a qual já se tinha por algo, se é que não chegava a se preferir em relação aos outros muito mais perfeitos, que servem a Deus com mais trabalho e mais mérito, pelo motivo mesmo que não saboreiam já desses fervorezinhos.

Assim, pois, quando com a ajuda desses têm as almas já suficiente desapego pelo mundo e apego ao divino serviço, e conhecem que *seu bem está em aderir a Deus, e pôr nele toda sua esperança* (Sl 72, 28), então Lhe convém perdê-los para que se acostumem a amar o Senhor com um amor mais puro, firme e sincero. E Ele, por sua própria piedade, se lhes esconde para ver como O buscam na secura, sem nenhum atrativo sensível. E assim,

---

por Deus. Quem ainda está no amor-próprio, não se deleita em saborear outra coisa senão o leite das próprias consolações espirituais e temporais, entretendo-se, como menino, com outros como ele. Mas, quando já se fez homem, e deixou a ternura e o amor-próprio, come o pão da boca do santo desejo, mastigando-o com os dentes do ódio e do amor, de tal maneira, que quanto mais duro, tanto mais nele se deleita. Feito forte, busca como tal a conversação dos fortes..., corre juntamente com eles para a batalha, e já não se deleita em outra coisa senão em lutar pela verdade, gloriando-se com São Paulo de sofrer por ela muitas tribulações... Esses tais reluzem com as chagas de Jesus Cristo; e seguindo sua doutrina; estão no mar tempestuoso, e sempre têm bonança, e na amargura acham grandes doçuras. Quanto mais desprezados são pelo mundo, tanto mais perfeitamente se recolhem e se unem com Deus; quanto mais perseguidos pela mentira, mais se regozijam na verdade; e padecendo fome, desnudez, injúrias e descortesias, mais perfeitamente engrossam o manjar imortal e são revestidos pelo fogo da caridade, livres da desnudez do amor-próprio, que priva de toda virtude: assim, nas ignomínias e desprezos acham sua glória".

709 "O asceta, diz Blósio (*Inst.* c. 12, § 3), não deve buscar nos dons de Deus sua própria conveniência, mas só a glória divina... Esteja preparado sempre para ficam ser os consolos que Deus lhe dá. Mas nunca rechace nem impeça os dons de Deus, ao contrário, receba-os com humildade e gratidão, admirando a bondade divina que a alguém tão indigno faz tais favores... Deve cuidar também para que não aconteça que com excessivas austeridades, tomadas ao seu arbítrio, ponha obstáculos à graça e à operação de Deus".

para que O busquem com mais verdade e O sirvam às suas custas, por puro amor e não com ânimo interessado, embora ocultamente as atraia – e ainda as tenha pela mão para que não caiam –, deixa-as andar como por seus pés, sozinhas, no escuro e sem rumo certo (Ct 3, 1-2)[710].

Então, diante dessa novidade tão inesperada, maravilham-se e se desconcertam, e não sabem o que fazer. Vêem quão difícil e molesto é para elas dar já um só passo, quando pouco antes corriam e quase voavam, pois não advertem que então eram levados nos braços de outra pessoa. À linda e radiante luz que brilhava em suas almas, sucedem espessas trevas; ao ardente fervor, uma frieza glacial. Tudo se faz difícil para elas, e mesmo nas coisas mais simples e divertidas vão sentindo cada vez mais repugnância e desgosto. Tudo é aridez, tédio, e mesmo aversão por aquilo que antes lhes era deleitoso; não têm graça para nada; tudo que vêem lhes parece insuportável, e se se encerram em si mesmas se encontram mais insuportáveis mesmo que as muitas resistências e contradições de fora; pois no meio daquelas trevas, cada vez mais densas, e da crescente aridez e dificuldade para o bem, só vêem se destacar a feiúra das más inclinações e a desordem das paixões, aparentemente más indômitas como se nunca as tivessem domado. Não conseguem entender o que lhes passa; é um desconcerto para elas se verem de repente caídas do altíssimo estado em que se supunham estar, na aparente misérias e desgraça em que se vêem.

Temem que tudo aquilo tenha sido uma ilusão ou um engano do inimigo, se teriam aspirado a uma vida ao qual não eram chamadas, se Deus as afasta como indignas, se já não poderá haver remédio para seus males... E tudo resulta em temores e tristes pensamentos com que atormentam suas cabeças. Por muito que reflitam, não podem compreender a causa

710 "Queria que meus eleitos se convencessem, dizia o Senhor à Santa Gertrudes (*Insinuat, seu Revel.* l. 3, c. 18), de que mais me agradam quando me servem às suas custas, isto é, quando carecendo do sabor da devoção, contudo perseveram fielmente em suas orações e boas obras, confiando que na Minha piedade as aceitarei. Há muitos que com o fervor e os consolos perderiam em méritos e não progrediriam".

de tal abandono e do rigor com que Deus as trata. Quando começavam a servi-Lo e amá-Lo verdadeiramente, então é quando as deixa sepultadas no esquecimento e entregues à sua própria fraqueza!... Temem terem O ofendido sem notar, e mexem e remexem em suas consciências para ver em quê; e ainda quando não podem ver nada claro, como se encontram em tal desconcerto entre a desordem das más inclinações, crêem que em tudo consentem, que vivem em pecado, e justamente já estão condenadas. Mas o oculto amor de Deus as contém para não caírem em desespero. Querem se voltar para Ele verdadeiramente, mas se encontram sem coragem nem força para nada, e ademais vêem fechados todos os caminhos. A oração, que é o mais reto, e onde antes tinham suas delícias, parece-lhes impossível; vão a ela como a um martírio, pois já não conseguem ter ali nenhum pensamento santo, nem sentir afetos que as alentem; antes se encontram mais tentadas e mais no escuro que nunca. Então é quando se lamentam com o Profeta das dores: "Como cobriu o Senhor de trevas a filha de Sião e lançou do céu à terra a escolhida de Israel!... Agora conheço minha pobreza na vara de sua indignação. Me ameaçou e me trouxe às trevas e não à luz... Me cercou de amarguras e trabalhos... Apertou minhas correntes, fechou meus caminhos com pedras quadradas e todos as minhas veredas destruiu... Mesmo quando clamo e rogo, descarta meus clamores!.... Me esmagou e me desamparou; sou o escárnio e a burla de todos!... Se frustrará meu fim e acabará minha esperança? Recorda-te, Senhor, da minha pobreza e de minhas amarguras! Não me afastarei dessa recordação, e minha alma se dissolverá em penas... Meu destino é o Senhor, e n'Ele esperarei. Bom é para os que n'Ele esperam e, de verdade, buscam-nO. E bom é esperar em silêncio a salvação de Deus... Me sentarei na solidão e me calarei para sempre... Mas, ai! Pôs uma nuvem à frente para que não passe tua oração..." (Lam 2, 1; 3, 1-44). Assim têm que perseverar esforçando-se e confiando cotidianamente, "com a boca posta no pó e a língua grudada ao palato", resignando-se na vontade de Deus e esperando sua misericórdia. E ao que assim perseverar até o fim, clamando com o coração, já que não pode com a língua, esse será salvo; pois *no silêncio e na esperança está toda sua f ortaleza.*

§ III. – TERRÍVEL CRISE E SEGREGAÇÃO. – NECESSIDADE DE UM BOM DIRETOR E DANOS QUE CAUSAM OS MAUS. – AS ALMAS COVARDES E AS ESFORÇADAS; AS TÍBIAS E AS FERVOROSAS, AS INTERIORES E AS DISSIPADAS; TEMPORAL SEPARAÇÃO GRATUITA DOS SERVOS FIÉIS EM ASCETAS E CONTEMPLATIVOS; A PERFEIÇÃO E A VIDA MÍSTICA.

Nestas provações, se não há quem com muita prudência dirija e com caridade anime as pobres almas assim atribuladas, não sendo elas muito fiéis e generosas, encontram-se muito expostas a irem pouco a pouco abandonando com falaciosos pretextos o recurso à oração, que é seu único recurso[711]. Pois em vez de crer que ela é tão mais meritória quanto mais difícil, e tanto mais necessária quanto maior é a tentação, facilmente se persuadem, com a moléstia que ali sentem, que esse exercício já não é para elas e que só lhes serve para ofender mais a Deus[712]. Assim é como tantos desgraçados a vão deixando pouco a pouco para se entregarem a outros exercícios menos molestos, onde no fim acabam por se dissipar e perder aquele oculto afeto que continuamente os atraía para Deus e que tanto os atormentava ou os mantinha preocupados.

Bem conhecem, ou podem por aí conhecer, por mais que ainda não compreendam bem essa íntima operação divina, que o Senhor os está chamando para uma vida mais perfeita, mais interior e mortificada, e que serão muito culpáveis diante Ele se, endurecido o coração, fazem-se surdos a tão forte e doce chamado[713]. Por isso são indesculpáveis se lhe resistem ou não querem atender a essa misteriosa voz interior que com insistência os

---

711 "Se deixa a oração, que é a isca do amor divino, facilmente sem ela poderá fazer do interior, exterior e do exterior, relaxado, e de relaxado, perdido" (B. Palafox, *Varón de deseos* intr.).

712 "Os que não de sobreaviso, dizia Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 11), vendo-se privados dos consolos ordinários, abandonam seus exercícios espirituais... Por esse caminho desfalecem e regozijam a Satanás; que não deseja outra coisa senão desprovê-los das armas de Jesus Cristo que os fazem invencíveis. Quando o cristão se sentir entibiar, deve continuar seus exercícios e ainda multiplicá-los, em vez de abandoná-los".

713 À V. Francisca do Santíssimo Sacramento (*Vida* l. 2, c. 9, n. 27), apareceu a alma de certa senhora, pedindo-lhe orações com estranhos gemidos, e dizendo-lhe que "estava no grande purgatório por não ter executado alguns vivos impulsos de ser religiosa".

chama[714], e tentando assim a Deus, terão que ser excluídos daquele divino e delicioso *descanso* a que Ele os convida (Sl 94, 11; Heb 3, 12-19; 4, 1-11; cf. Mt 11, 29).

Essa é a terrível crise onde se decide o destino de muitíssimas almas que não só foram chamadas a servir a Deus, mas que tiveram a sorte de saborear as doçuras de seu trato e sentar-se à sua mesa. Muitas são as que querem acompanhar Jesus nos triunfos e consolos, mas não nos sofrimentos, e essas muito prontamente O perdem de vista: unindo-se às turbas que por pura curiosidade O seguem, tão rápido O aclamam como O maldizem, ou se envergonham d'Ele e O abandonam. A esses, por mais que a certas horas O bendigam e louvem, não se comunicará intimamente Aquele que conhece muito bem a inconstância ou duplicidade dos seus corações (Jo 2, 24). Devem padecer com Ele, para serem com Ele glorificados; devem acompanhá-lo em todos os seus caminhos para poderem gozar de sua intimidade; devem tomar seu jugo, para acharem seu descanso; devem abraçar com amor as cruzes cotidianas e segui-Lo com resolução e perseverança, para não andarem nunca nas trevas e terem sempre a *luz da vida*; devem seguir o *estreito caminho* da mortificação e abnegação e *entrar pela porta estreita* de uma total renúncia a si mesmos, para poderem viver plenamente de Jesus Cristo. Aqueles que querem caminhar – de modo vulgar e com muita prudência carnal como se diz – "não por veredas estranhas, difíceis e *perigosas*, mas pela *rodovia*, pelo caminho plano e trilhado", esses, por muito seguros que se creiam "fugindo de *singularidades*[715] e seguindo a via *ordinária* por onde vão os demais", não deixam de caminhar como cegos até sua

714 "Quando estou na oração, dizia a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingo (4 de janeiro de 1869; *Vida* p. 213, 4), apesar de experimentar cada vez mais secura, mais tédio, mais desolação, contudo sinto eu uma *inclinação* muito grande a fazer muitas mortificações... Não sei me explicar; mas o que eu sinto... é o mesmo que sentia quando nosso bom Deus me fez a graça de me dar a vocação ao estado religioso; pois então, se não tivesse correspondido, não teria podido viver... É uma força que eu não posso ignorar".

715 Essa "singularidade" que consiste em sermos fiéis em tudo, embora os demais não o sejam, é indispensável para agradar a Deus, por mais que desagrade aos dissolutos que a chamam de "esquisitice". Por isso diz São Bernardo que ninguém senão o *singular* pode ser santo; posto que não há

perdição; a ela conduz esse caminho largo e tão trilhado. Por isso nos manda Nosso Senhor entrar pela *porta estreita* (Mt 7, 13). Quem não se determina a passar por ela, não se queixe de não poder encontrar o místico repouso[716].

Muito estreita é a porta e muito estreito o caminho que conduz à vida, e por isso são tão poucos os que *a encontram!* (Mt 7, 14). Jesus mesmo é essa porta e esse caminho: aqueles que por Ele entram se salvam, acham a abundância, a amplitude e a liberdade dos filhos de Deus e chegam a conhecer os segredos do Pai (Jo 10, 9; 14, 6). Mas quem resolve segui-Lo, deve abnegar-se, tomar sua cruz e morrer a tudo por Ele e seu Evangelho; aquele que assim morre, encontra a verdadeira vida; quem não, perecerá (Mc 8, 34-35). Pois a*quele que ama sua vida, a perde, e aquele que* santamente *a aborrece neste mundo, a ganha e conserva* (Jo 12, 25). Por isso quem não aceita verdadeiramente suas cruzes para seguir corajosamente o Salvador, *não é digno d'Ele* (Mt 10, 38). E *quem não renuncia a tudo* – isto é, a todos os seus apegos –, *não pode ser verdadeiro discípulo de Jesus Cristo* (Lc 14, 33)[717].

Assim é como tantos devotos, que ouvem de bom grado a palavra de Deus, mas sem generosidade bastante para praticá-la como Ele deles exige, acabam por ser totalmente afastados ou, ao menos, excluídos da íntima familiaridade divina. Deste modo, levam sempre uma vida tíbia e lânguida, servindo a Deus como escravos por puro temor, ou como mercenários, por próprio interesse, e não por amor, como filhos[718]. Com efeito, as

---

coisa mais *esquisita* que a verdadeira santidade. A *singularidade* censurável é aquela em que se sai da lei para seguir o próprio capricho.

716 "É largo o caminho que leva ao pecado, diz o Pe. Huby (*Maximes* § 15), porque se vai por ele concedendo toda liberdade aos sentidos e à natureza. Aquele que leva à perfeição é estreito, porque não se pode andar por ele senão mortificando os sentidos e violentando as inclinações naturais... Mas essa via larga da liberdade dos sentidos conduz a um estado de escravidão, de obscuridade e de misérias... Ao contrário, pela estreita via da mortificação se chega a uma região dilatada, luminosa e deliciosa, que é o estado de perfeição, onde a alma, livre dos laços dos sentidos, é forte e invencível para todos os seus adversários, vive com Deus numa santa liberdade e em abundância dos bens verdadeiros e sólidos".

717 Cf. Tauler, *Inst.* c. 34.

718 "A alma que anda com temor servil, diz Santa Catarina de Sena (*Ep.* 38), não é perfeita em nenhuma obra: em qualquer estado que seja, assim nas coisas pequenas como nas grandes, decai, e

almas pusilânimes, as de pouca fé e de menos generosidade e resignação, as interesseiras, cheias de amor-próprio, que serviam a Deus com olhares humanos, buscando-se em tudo a si mesmas, e, numa palavra, aquelas que não têm a magnanimidade e firmeza próprias de um amor e fervor sincero, vendo aparentemente fechadas todas as portas para irem a Deus, cansam-se em chamá-Lo e sofrer repulsas; e assim se entretêm com quinquilharias para satisfazerem seu gosto, se é que não caminham como o filho pródigo *in regionem longinquam*, esquecidas por completo da casa paterna[719]. Não compreendem que o amor é invencível e não desmaia, antes se inflama com as próprias dificuldades. E esquecem também que a oração humilde e perseverante penetra as nuvens e tudo alcança (Eclo 35, 25), e por isso tão facilmente se persuadem de que Deus já não quer ouvi-las, quando tanto deseja que persistam com amor *chamando*, para lhes abrir a porta, e *pedindo*, para enchê-las de dádivas (Mt 7, 7). Dizem que esse caminho da oração não é para elas – como se não fosse para todos os fiéis! – e pensando que,

---

não chega a sua perfeição aquilo que começou. Ó, quão perigoso é esse temor! Ele corta os braços do santo desejo, e cega o homem, não o deixando conhecer e ver a verdade; porque esse amor procede da cegueira do amor-próprio".

São Bernardo (*Serm.* 3 *de div.* n. 9), explicando o cântico de Ezequias, distingue três classes de fiéis, ou três estados no progresso das almas: o dos *servos* – que se movem principalmente pelo temor –; o dos *mercenários* – que buscam suas próprias conveniências –; e o dos *filhos* – que só se movem pelo amor de Deus e desejo de sua glória e louvor –. "Servus dicit: *Vadam ad portas inferi.* Mercenarius: *Non videbo Dominum Deum.* Filius: *Psalmos nostros cantabimus*". Mas aos filhos revela o Pai sua verdade, que está oculta para os servos e mercenários: *Pater filiis notam faciet veritatem* (Is 38, 19). Não se manifesta aos servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Não podem contemplá-la tampouco os mercenários, porque não buscam senão seu próprio interesse. Só se revela aos filhos, que não têm outro querer que aquele do Pai. – Revela-se, pois, ao servo o poder, ao mercenário a felicidade, e ao filho a verdade: *Revelatur itaque servo potestas, mercenario felicitas, filio veritas.* – Cf. Santa Catarina de Sena, *Diálogos* c. 60-61.

719 "Aonde se foram quando fugiram de vossa presença? Aonde poderão ir que Vós não os encontrais? Mas fugiram por não Vos ver, Vós que a eles estais vendo, e cegos vieram a encontrar-se inesperadamente conVosco; pois nunca os perdeis de vista...; apenas que se convertam a Vós e voltem a vos buscar, já que estais dentre do seu coração; se choram seus extravios que lhes foram tão penosos, Vós suavemente enxugais suas lágrimas, e isso faz que as derramem mais copiosas e com mais gosto" (S. Agostinho, *Confesiones* 5, 2).

feita com tanta aridez, não tem mérito nenhum, abandonam-na pouco a pouco até que, sem virtude que as sustente nem força oculta que as atraia às coisas divinas, lembram-se das panelas do Egito, e entregues como estão à sua própria fraqueza, deixam-se de novo arrastar pelas paixões e voltam aos gostos e prazeres do mundo passando de pronto do lícito ao ilícito, até se fazerem piores que antes, mostrando ao voltar assim o olhar para trás, que "não são aptas ao reino dos céus". Ó, quantas almas se perdem nessa crise, ou pelo menos se incapacitam para fazer depois sérios progressos e chegar ao grau de perfeição a que o Senhor as chama! Quantos religiosos que passaram com fervor grande parte do seu noviciado, ao começarem a sentir a aridez – em vez de progredir mais, tirando dela o proveito para o que Deus queria –, inutilizam-se para a vida espiritual, decaindo num lamentável estado de tibieza e dissipação! Essas almas chegam a se conduzir em tudo segundo os olhares de uma prudência humana, sem atender a do Espírito, cujas vozes sufocam continuamente, com grande perigo de cair em faltas graves. Mas vivendo nesse descuido, se tardam a se voltarem para Deus de todo coração, resolvidas a seguir suas santas inspirações e a se proverem bem do óleo da caridade, muito expostas estão a encontrar, como as virgens tolas, as portas fechadas, e a não ouvir mais que um *nescio vos*: "Não vos conheço"[720]. E dado que por fim sejam admitidas às bodas do Cordeiro, será à força de importunar e sofrer outras provações sem comparação mais penosas que as que antes teriam sofrido perseverando (cf. Lc 13, 24-27; 14-24). Por isso, algumas mais advertidas, ao verem o perigo a que se expõem quando imprudentemente começam a buscar consolo nas criaturas, voltam a si, e verdadeiramente arrependidas, tiram forças de sua fraqueza, humilham-se e se confundem, e avivam sua fé e confiança, dizendo ao Senhor, com São Pedro: *Aonde iremos, se tu tens palavras de vida eterna?* E já desconfiando completamente de si mesmas, perseveram esforçadas pedindo o auxílio divino, *vigiando e orando para não cair* de novo *em tenta-*

720 Cf. Pe. Lallemant, *Doct.* pr. 4, c. 2, a. 2; Fenelón, *Sent. de piété. Simplic.*; São Francisco de Sales, *Directorio* c. 26-27.

ção. Enquanto assim perseveram, estão bem seguras. Mas se se descuidam um pouco, logo lhes sugere o inimigo que busquem algum consolo onde se dissipem; e então, abandonando aqueles exercícios piedosos que lhe eram mais molestos, começam a desfalecer, até que de novo advirtam o perigo e reconheçam o engano[721].

Assim passam não poucas dessas almas a vida entre alternativas de firmeza e frouxidão, de fervor e de tibieza, se de uma vez não se resolvem a seguir ao Salvador caminho do Calvário ou não lhe voltam completamente as costas e se entregam ao mundo. Aquelas que conseguem ter um bom diretor, zeloso e instruído, que as ensine a permanecer em silêncio diante de Nosso Senhor só com um olhar amoroso e um íntimo desejo de comprazê-Lo (enquanto não possam meditar, nem pedir, nem irromper em afetos), essas, se lhe são dóceis, com seus conselhos e estímulos irão pouco a pouco superando os obstáculos e sairão felizes desse terrível período de provações. Sem um diretor assim, muito expostas estão[722]. E se aquele que tem é – como tantas vezes acontece por desgraça – "um cego que se põe a guiar outros cegos", não fará mais que acabar por precipitá-las no abismo, tratando-as como "escrupulosas", e aconselhando-as que deixem a oração, que era seu único refúgio, ou obrigando-as a meditar, quando lhes é totalmente impossível, porque Deus as põe em outro modo de oração, tanto mais elevado, quanto mais sútil e oculto aos sentidos, e o único que alcançariam, esforçando-se então para meditar, seria dissipar-se mais, aumentar a aridez e repugnância,

---

721 "O demônio não quer outra coisa senão nos privar e apartar da santa oração, ou por compaixão de nós mesmos e de nossos corpos, ou por frouxidão ou fadiga do espírito. Mas por nenhuma dessas coisas devemos deixar esse santo exercício, senão vencer nossa fraqueza pensando na bondade de Deus. – Escondei-vos, filhos meus, nas chagas de Cristo crucificado, amai-vos uns aos outros por Cristo crucificado, e não temais coisa alguma que apareça; porque tudo podereis n'Ele, que estará em vós e vos confortará" (Santa Catarina de Sena, *Ep.* 60).

722 "Nesse tempo, adverte São João da Cruz (*Noche* 1, c. 10), se não há quem as entenda, voltam atrás, deixando o caminho ou afrouxando, ou ao menos impedem-se de ir adiante, por muitas diligências que fazem para ir pelo caminho primeiro da meditação e discurso... Que já lhes é dispensado, porque já as leva Deus por outro caminho, que é o da contemplação, diferentíssimo do primeiro, porque... não cai em imaginação nem discurso".

e sufocar a voz do Espírito Santo. Mas se elas são fiéis a Deus, e perseveram, como devem, servindo-Lhe com amor e vigiando para andar sempre em sua doce presença e ser dóceis às suas inspirações, Ele as manterá com sua mão para que não caiam e suprirá amplamente os defeitos do diretor, de modo que, apesar desse e de todos os perigos, sairão logo vitoriosas. De um mal diretor, devem fugir e afastar-se discretamente, e se não podem achar outro, mas lhes vale, como diz Santa Teresa, ficar sem nenhum – confiando em Deus, que assim o permite – ao invés de serem guiadas por um cego[723].

A crassa ignorância dos caminhos de Deus, as contínuas imprudências e temeridades, a falta de zelo – e talvez zelo de sobra – e os olhares baixos e rasteiros de tantos maus diretores, que nem sentem, nem conhecem, nem mesmo querem conhecer as coisas do espírito, são responsáveis diante de Deus de que a imensa maioria, noventa e nove por cento, segundo o Pe. Godínez[724], das almas que se encontram nessa aridez, em vez de passar por completo ao estado de contemplação a que Deus as chama com insistência, decaiam lastimosamente do seu primeiro fervor numa tibieza habitual, ou voltem à vida mundana, e de que outras permaneçam longo tempo nessas provações com muitíssimo trabalho e muito escasso fruto, por resistirem constantemente – embora de boa-fé – ao Espírito Santo, que as quer ter nessa contemplação obscura, enquanto elas, seguindo imprudentes conselhos, esforçam-se em vão para meditar como num princípio[725].

Outras almas – sem abandonar o bom caminho nem deixar de recorrerem o quanto podem à oração, e estarem com ela em silêncio, segundo vêem

---

723 "É uma grande infelicidade para uma alma, diz o Pe. Lallemant (*Doctr.* pr. 4, c. 4, a. 3), cair nas mãos de um diretor que não é conduzido senão segundo a prudência humana, e que tem mais política que unção" (c).

724 *Teol. míst.* l. 7, c. 1.

725 "Na perfeição da vida, dizia para Santa Teresa São Pedro de Alcântara (Cf. *Vida*, pelo Pe. Al. de San Bernardo, l. 1, c. 25), não se há de tratar senão com aqueles que a vivem; porque não tem ordinariamente alguém mais conhecimento nem sentimento senão do que bem realizou". Por isso, a Santa observa (*Vida*, c. 30), por sua vez, que "a quem o Senhor leva por esse estado, não há prazer nem consolo que se iguale a topar com quem lhe parece que deu o Senhor princípios disso".
Veja-se também: São João da Cruz, *Llama de amor viva* canc. 3, v. 3, § 11 e 12.

que lhes pede o Espírito – procuram suprir o que por excessiva aridez não podem nela, exercitando-se em leituras piedosas e outras santas ocupações, seguindo prudentes conselhos, até que com isso vão recobrando a luz e voltando com mais ânimo à oração[726]. Mas as mais esforçadas – enquanto a saúde lhes permite –, longe de afrouxar com a aridez, nem menos com a tentação, então é quando mais procuram prolongar suas orações como Jesus no Horto, pois confundidas, vendo tão palpavelmente seu nada e sua fraqueza, compreendem que então mais que nunca necessitam vigiar e orar para não cair em tentação. Em suas mortais angústias se recordam daquelas do Senhor, e se oferecem para seguir fielmente suas pegadas e para servi-Lo em tudo como Ele gosta, "com arrimo e sem arrimo". Protestam verdadeiramente que buscam só a Ele e não a seus regalos, nem mesmo a si mesmas, e que em troca de O agradar e não O ofender, passarão de bom grado a vida nesse martírio ou em qualquer outro que se digne enviar-lhes. Assim retificada sua intenção, arraigadas firmemente na fé e na humildade, e desconfiando por completo de si mesmas, já põem sempre só em Deus toda sua confiança, e quanto mais parece que Ele lhes fecha as portas, tanto com maior insistência O buscam totalmente confiantes em sua infinita misericórdia e clamando sem cessar: *Senhor, salvai-nos, que perecemos!* E assim esperam sempre "ao único que pode salvá-las da pusilanimidade de espírito e da tempestade" (Sl 54, 9), animando-se a si mesmas a esperá-Lo, sabendo que não se lhes fará esperar demasiado: *Si moram fecerit expecta illum, quia veniens veniet, et non tardabit* (Hab 2, 3; Heb 10, 37). E assim, vivendo da fé, suas íntimas aspirações e seus santos desejos são uma contínua e eficacíssima oração que tudo alcança[727]. Almas tão resolvidas e generosas,

---

726 Cf. Santa Teresa, *Vida* c. 37; *Moradas* 6, c. 1; Beato Bartolomeu dos Mártires, *Comp. myst. doctr.* c. 18, § 5.

727 "O santo desejo da alma, dizia o Senhor à Santa Catarina de Sena (*Diál.* tr. 2, c. 66), é uma contínua oração, e o é também tudo que por Deus e pelo próximo se faz com afeto de caridade. Mas esses afetos se devem elevar a Mim em certas horas por uma devoção atual. E sabe, filha, que a alma que persevera em humilde e fiel oração alcança todas as virtudes. Pelo qual de nenhum modo há de se omitir ou descuidar o exercício da oração pelas contrariedades, distrações e tentações que nela se

que tão verdadeiramente e com tão puro e sincero amor servem a Deus, não tardam em encontrá-Lo, pois tão dentro já Lhe têm! Essas, em breve tempo, chegam a uma santidade elevada.

Aqui é, pois, onde se faz a *segregação* das almas, e se aquilata sua fé, amor, fidelidade e firmeza. Umas, como inúteis, são descartadas por terem voltado seus olhos para o mundo. Outras continuam servindo a Deus, mas com muita tibieza e frouxidão, pelo qual, se não aumentam seu fervor, serão *vomitadas* (Ap 3, 16). Outras O servem com certo fervor, mas sem renunciar por completo a si mesmas, e conservando afetos terrenos e um excessivo amor por passatempos que as dissipam e mesmo as põem em sérios perigos. A generalidade daqueles que algum dia foram bastante devotos, embora sigam passando por bons cristãos ou por religiosos observantes, na realidade vivem com muita frouxidão e tibieza. Para fugirem da aridez e das dificuldades que sentem na oração, contentam-se com a menor que podem – com a que a obediência lhes impõe – e ainda essa a têm de qualquer modo, procurando passar grande parte dela na lição. Por seu gosto se dedicariam quase totalmente à *vida ativa*, e derramados em obras exteriores – sem guardar silêncio, nem refrear os sentidos, nem procurar o recolhimento que é necessário para andar na presença de Deus e atender às moções, insinuações e operações do divino Espírito – chegam a viver cada vez mais dissipados[728]. Como não oram bem, não podem viver vem[729]. Mal se atrevem a entrar em si mesmos, por temor às suas próprias misérias, e não querendo reconhecê-las, mal as podem remediar. Sua *piedade* – posto que sufocam os impulsos do Espírito renovador – tem que se reduzir por fim a formalismos rotineiros, e não se esforçando constantemente em procurar a perfeita pureza de coração, nun-

sintam. O inimigo as provoca então para impedi-la, sugerindo astutamente que uma oração assim é inútil, e procurando que a alma a abandone como molesta, e se prive dessa arma tão poderosa contra todas as armadilhas. Ó, quão útil é para alma e quão agradável para mim, essa oração que com amor se faz pensando em minha bondade e na própria vileza!"

728 "Quem se tem por religioso e não refreia sua língua, deixando que seu coração fique seduzido, vã é sua religião" (Tg 1, 26).

729 *Recte novit vivere, qui recte novit orare* (S. Agostinho, *Serm.* 90).

ca chegam a ter os olhos bastante limpos para ver luzir o Sol de justiça[730]. Como não perseveram em buscar a Deus na solidão, não podem ouvir a voz de sua eterna Palavra, nem descobrir os mistérios do seu reino, que está dentro de nós[731]. E assim, por muito que acreditem trabalhar para a glória do Senhor, e por grandes serviços exteriores que prestem à sua Igreja, não podem entrar em suas íntimas comunicações, reservadas aos fiéis filhos que, para comprazê-Lo em tudo, perseveram sempre ao seu lado, atendendo às suas menores insinuações. Eis aqui a causa de que tantos cristãos de vida edificante e muitíssimos religiosos aparentemente exemplares, por não serem almas interiores, nem se entregarem, portanto, totalmente a Deus, não acabam de entrar na verdadeira contemplação[732]. Embora para todos nós

---

730 "A vida exterior dos religiosos que se empregam no serviço do próximo, diz Lallemant (pr. 5, c. 2, a. 1), é muito imperfeita, e até perigosa se não vai acompanhada da vida interior. Aqueles que se ocupam das obras de caridade e de zelo, sem cuidarem do recolhimento da alma, nunca farão grandes progressos... Farão coisas que parecerão muito grandes: pregarão, trabalharão nas missões, expor-se-ão a grandes perigos e mesmo à própria morte pela salvação do próximo, e contudo, mal avançarão na *via purgativa*. Suas ações estão cheias de olhares naturais... Cairão sempre nos mesmos defeitos...; pois como em tudo se ocupam menos em conhecer as desordens de seu coração, mal cuidam de purificá-lo: e assim estão cheios de pecados e misérias que debilitam a alma e por fim acabam por sufocar a devoção e o espírito. Menos ainda poderão chegar à perfeição da via iluminativa, que consiste em reconhecer em todas as coisas a vontade de Deus, e só os homens interiores podem em tudo reconhecê-la. Meus superiores, minhas regras e os deveres de meu estado podem me dirigir exteriormente e me indicar o que Deus quer que eu faça em tal tempo e lugar; mas não *podem me ensinar o modo como Deus quer que o faça...*"

731 "Não queiras, alma minha, fazer-te vã seguindo a vaidade, cujo ruidoso tumulto fará ensurdecer os ouvidos do teu coração. Ouve o Verbo eterno, que clama para que voltes a Ele, onde está tua quietude, em que nunca o amor é despedido se ele mesmo não se despede primeiro" (S. Agostinho, *Conf.* 4, c. 11).

732 "Quando não nos damos à Sua Majestade com a determinação que Ele se dá a nós, diz Santa Teresa (*Cam. de perf.* c. 16 e 32), bastante faz em nos deixar em oração mental, e nos visitar de quando em quando, como a criados que estão na vinha; mas esses outros são filhos regalados, e não gostaria de retirá-los de si, nem os retira, porque eles já não querem sair; senta-os em sua mesa e lhes dá o que comer...". "Sem dar nossa vontade totalmente ao Senhor, para que faça em tudo o que nos toca conforme a ela, nunca nos deixará beber dessa água, e isto é a *contemplação perfeita*". – "Somos tão caros, acrescenta (*Vida* c. 11), e tão tardios em nos dar totalmente a Deus, que como sua Majestade não quer que gozemos de coisa tão preciosa sem preço, não acabamos de nos dispor. Bem vejo que não há com que se possa comprar tão grande bem na terra; mas se fizéssemos o que podemos, em

diz o Senhor tão encarecidamente (Mt 7, 13-14): *Entrai pela porta estreita que conduz à vida!* e "esforçai-vos para entrar" (Lc 13, 24), são muito poucos os que conseguem *encontrá-la*, por serem tão escassos os que perseveram em se fazerem a violência que é necessária para segui-Lo fielmente pelo *estreito caminho* da cruz e poderem ser iluminados por Ele, vendo-O *cheio de graça e de verdade*[733].

Mas os poucos que perseveram nesse caminho estreito, segundo o grau de fidelidade e constância com que a si mesmos se negam para seguirem a Jesus Cristo, abandonando-se sem reserva à vontade do Pai, e andando sempre em sua presença com um coração puro, buscando o modo de agradá-Lo cada vez mais, moderam-se e se fortalezam, retificam-se e se sustentam, iluminam-se e se tornam fervorosos, dilatando-se o seu coração para agirem e padecerem pela glória de Deus; e, seguindo fielmente suas inspirações, alcançam desfrutar de sua familiaridade e de seus favores e podem assim correr e voar por suas vias misteriosas até subirem o cume de seu monte santo[734].

---

não nos apegar a coisa alguma dela, mas que todo nosso cuidado e trato fosse no céu, creio eu, *sem dúvida, que muito em breve se daria a nós esse bem*". – Aqueles que seguindo suas próprias inclinações, por irem "trabalhar no campo", ou com outros pretextos, eximem-se de aceitar o convite divino, serão excluídos da *mística ceia*, entrando em seu lugar muitos cegos e aleijados (Lc 14, 16-24). "Disce exteriora contemnere, et ad interiora te dare: et videbis regnum Dei ad te venire". "Ideo enim pauci inveniuntur contemplativi, quia pauci sciunt se a perituris et creaturis ad plenum sequestrari... Plures reperiuntur contemplationem desiderare: sed quae ad eam requiruntur, non student exercere" (Kempis, l. 2, c. 1; l. 3, c. 21).

733 Cf. Beato Henrique de Suso, *Eterna Sabedoria*, c. 8-13; São João da Cruz, *Noche* 1, 1; Pe. Lallemant, Pr. 4, c. 2, a. 1, § 4.

734 "Quando Deus põe a alma nas místicas trevas onde fica privada de suas luzes ordinárias, dilata o entendimento e a vontade, fazendo-os capazes de produz atos de uma perfeição eminente. Para chegar a esse grau se requer uma virtude generosa, uma fiel correspondência à graça, desprender-se de si mesmos e entregar-se a Deus sem reservas. E como são tão frouxos, daí que sejam tão poucos os que têm suficiente coragem para chegar até aqui, e pouquíssimos os que passam mais adiante; porque isso exige um total desprendimento das criaturas" (Lallemant, *Doctr.*, pr. 7, c. 4, a. 8). – "Quando Deus quer exigir de uma alma grandes sacrifícios, observa o Pe. Grou (*Man.*, p. 168-9), dá-lhe uma grande generosidade, e lhe alarga o coração para que sinta e veja quanto é o que Ele merece... Então ela vê claramente que ainda não fez nada por Deus, e concebe um desejo imenso de se sacrificar toda

Entre esses esforçados costuma o próprio Deus fazer no princípio uma *seleção* totalmente gratuita. A uns escolhe para que cheguem quase até certa *união de conformidade*, *andando* ou *correndo* pelos caminhos *ordinários* da *ascética* – "trilhados" *por todos os seus servos* – procurando exercitar-se fielmente em todas as práticas da virtude, apoiados na *oração discursiva*, ou de *meditação*, embora misturada com algo da *afetiva* e mesmo com a de *olhar amoroso*: pelo qual essa fase mostra já finalmente ser como de transição, ou seja, *ascético-mística*. A outros quer Ele mesmo levá-los muito antes, como em seus braços ou sob o sopro de seu Espírito, para que assim subam mais depressa e mais alto – embora às vezes acaso também com mais perigo de se enfraquecerem –, fazendo-os desde muito cedo *voar* nas asas da *contemplação* pelas altas regiões da vida *mística*, mas determinado em retirar-lhes logo essa graça, se não a utilizam bem.

No fundo, a santificação será idêntica em uns e outros, consistindo sempre na *renovação* interior (Ef 4, 24), em irem se "revestindo do homem novo a medida que se desnudam do velho", "enchendo-se do conhecimento divino, e frutificando em todo tipo de obras boas, segundo crescem na ciência de Deus" (Col 3, 9-10; 1, 9-10). Mas essa ciência vai sendo muito mais clara e completa nos místicos, que de um modo ou de outro, *sentem* às vezes e *experimentam* os admiráveis mistérios da *purificação*, *renovação* e *iluminação*, e dos progressos de sua *união* com Deus.

---

por Ele; e como tudo que pode fazer e padecer não é digno de tão alta Majestade, roga-Lhe que Ele mesmo se glorifique nela do modo que Lhe apraz, e para esse fim se Lhe entrega sem reservas. Desde então seu coração se alarga e, tanto quanto possível a uma criatura, faz-se apta para os grandes desígnios de Deus. O jugo dos preceitos e mesmo o dos conselhos, que tão pesado e molesto parece aos cristãos ordinários, parece-lhe suave e leve, e maravilhada de que Deus lhe peça tão pouca coisa, gostaria de fazer por seu amor mil vezes mais".

Isso sentia Davi quando dizia: *Corri pelo caminho de teus mandamentos, quando dilataste meu coração.* – "A verdade é – dizia, conforme a isso, em certa ocasião (abril de 1903) a Serva de Deus Madre Maria da Rainha dos Apóstolos – que me pede Nosso Senhor um sacrifício maior do que podes imaginar; mas se se começa por olhar para o que pede, ficamos nisso, sem nos lembrar de nada. Diante de um Deus que se deu a mim, desaparece tudo o que possa me pedir... Não me cabe a menor dúvida de que agora Nosso Senhor não me nega nada". "Desde que me consagrei a Ele – acrescenta (julho de 1903) – *alargou meu coração* de modo que nem eu mesma o conheço".

Nos verdadeiros ascetas – ou tidos por tais – que, sem descuidarem da oração e do recolhimento, costumam se dedicar com grande preferência e mesmo com algum excesso à vida ativa, essas provações interiores que os acrisolam e aquilatam, não são comumente tão penosas e duradouras. As trevas não são tão obscuras, e por pouco que perseverem nelas com força, costuma aparecer algum raio de luz que os reanima para seguir meditando e recobrando alento, e desapegar-se dos consolos sensíveis, a fim de buscarem a Deus só por ser quem é e não por seus dons. Com essas alternâncias de luz e de obscuridade vão se purificando, solidificando-se na virtude e crescendo na ciência e na caridade de Deus, que se traduzirão no exterior por todo tipo de obras boas, com que exercem na sociedade onde vivem uma influência salutar. A presença do Espírito consolador que os anima não a *sentem* nem conhecem *diretamente*, mas só pelos frutos, efeitos e mudanças que em si mesmos notam, pois vêem que se tornaram muito diferentes sem advertir como, até que no fim, chegando embora com dificuldade a certa maneira de *união*, ficam possuídos por Ele, e iluminados com os preciosos dons de entendimento e de sabedoria, começam a descobrir a oculta glória dos filhos de Deus, já entrando assim também plenamente na *vida mística*, que é própria dos cristãos perfeitos[735].

Se nunca alcançam entrar é, sem dúvida alguma, por sua culpa, por não precederem com todo fervor que devem e com a fidelidade que para isso é preciso, ou por confiarem mais na sua prudência que nas luzes divinas, sem as quais é impossível chegar à verdadeira *iluminação* própria dos muito *adiantados*, nem menos ao *estado unitivo*.

735 Cf. *Cuestiones* místicas, 4ª; *Ciencia Tomista*, março de 1919.

CAPÍTULO III

ALBORES DA CONTEMPLAÇÃO

§ 1. – A NOITE DOS SENTIDOS. – SUA NECESSIDADE E CONDIÇÕES: O NORTE SEGURO DA FÉ; A DESOLAÇÃO E A RESIGNAÇÃO; A ARIDEZ E DIFICULDADES, E A MAGNANIMIDADE E CONSTÂNCIA. – A ORAÇÃO DE SIMPLES OLHAR AMOROSO: SINAIS DE CONTEMPLAÇÃO. – O SILÊNCIO E SONO ESPIRITUAIS E SEUS SALUTARES EFEITOS.

Quando Deus trata de introduzir já uma alma no secreto caminho da contemplação, costuma aumentar previamente as provações com que a purifica e prepara. Assim nos *místicos* de primeira hora, as purgações passivas são geralmente mais terríveis e prolongadas que em outros servos de Deus, que pelo longo tempo hão de permanecer no estado de *ascetas*. Pelo mesmo motivo se acharão também às vezes mais expostos a recusá-las, desmaiando e fazendo-se indignos dos bens que com elas alcançariam, ou pelo menos, a não tirarem, por falta de fé, resignação e coragem, todo o fruto devido. Por isso tanto nos aconselha o Eclesiástico (6, 18-29) "perseverar no estudo dessa sabedoria" – para os ignorantes tão áspera – na qual não permanecem os frouxos e descuidados". Mas os corajosos, que com toda resolução "a buscam e perseveram em seus caminhos, encontram nela sua felicidade, seu gozo e seu descanso".

Como Deus já tenta levar essas almas como em seus braços, de modo que em tudo sejam movidas e guiadas por seu divino Espírito, quer antes poli-las, suavizá-las e fazê-las tão dóceis, que não Lhe ofereçam a menor resistência; como vai levantá-las muito alto, para que ao se verem voar não se enfraqueçam, obriga-as a reconhecerem bem seu próprio nada e fraqueza, de modo que nunca consigam presumir de si mesmas; enfim, como pretende inundá-las por completo de luzes divinas, com que comecem já nesse mundo a ver e sentir de

algum modo os mistérios do Reino, tem que antes purificar seus olhos de toda escória terrena e das ilusões da débil luz humana, que impediriam perceber os puríssimos resplendores da divina. Por isso, primeiramente as cega, para que depois melhor vejam. É preciso que desapareçam ou se encubram essas luzes inferiores para poderem ver os resplendores do alto céu.

Submete-as, pois, a uma *obscuridade* espantosa e prolongada para que assim se disponham de modo que logo percebem as delicadas irradiações com que vai iluminá-las, e para que, entrementes, convencidas por experiência de que nada conseguem ver retamente com sua própria razão, deixem-se em tudo levar por uma obediência cega e rendida a quem com a devida autoridade as dirige e governa, e assim estejam mais prontas para seguir a direção e as normas do Espírito Santo. Daí a grande necessidade que têm de um zeloso diretor, bem versado na mística. Seguindo seus prudentes conselhos, conseguem acertar e marchar prosperamente, e se em algo pretendem se guiar por si mesmas, logo tropeçam e erram. Assim aprendem a se fiar só nas promessas divinas; e, acostumando-se a não verem senão na obscura luz da fé, pouco a pouco vão distinguindo cada vez com mais claridade seus raios sutilíssimos, e logo observam como podem se guiar com toda segurança, seguindo essa pálida luz, como a única "lâmpada que reluz em lugar tenebroso, até que o dia amanheça e brilhe em seus corações a divina Estrela da manhã" (II Pe 1, 19). Pois, com efeito, guiados por ela, e quase sem advertir, crendo-se no escuro conseguem não tropeçar onde outros, cheios de ciência extravagante, vacilam (Eclo 37, 18). Assim acontece que, embora todos de boa-fé se enganem crendo lício e seguro o que não é, elas, em meio de suas *trevas*, têm um tino tal que não se deixam levar pelas ilusões dos outros, e, apesar de sua extrema docilidade, diante de um conselho perigoso se mantêm firmes, dizendo: *Non licet*. Por onde se vê como é o verdadeiro Espírito de ciência e conselho que assim as rege; pois, embora aparente ser obscuro, na realidade é "claro, sútil, certo, seguro, santo e imaculado" (Sab 7, 22-23). Esse as anima, conforta e dirige para marcharem firmes entre tão espantosas trevas, e viverem resignadas, morrendo com terríveis angústias em tanta desolação e secura de espírito, sempre resolvidas a suportar com coragem e com amor todas as provações a que seu Amado

queira submetê-las[736]. E assim com toda confiança se entregam nas mãos do divino Artista, para que as purifique e refine, corte-as e as talhe, polindo-as ao seu gosto, como a vivas pedras destinadas a se encaixarem perfeitamente no devido posto da Jerusalém celestial, e, longe de resistir, elas mesmas cooperam por sua parte para essa obra maravilhosa do seu polimento[737].

Com a mortal aridez e dificuldades que sentem em tudo que é bom, longe de desmaiarem e afrouxarem, animam-se de novo a pedir ajuda, clamando e gemendo com o íntimo do coração, e se nem mesmo isso podem, porque *a língua está neles presa ao palato* (Lam 4, 4), e não são capazes sequer de exalar um suspiro, contudo esperam silenciosas e resignadas, com os olhos do coração postos diante do Senhor, como os do enfermo diante do médico

---

736 Nosso divino Mestre, diz Santa Catarina de Sena (*Ep.* 34), "sabe bem o que necessitamos, e nenhuma outra coisa quer senão nossa santificação. Tudo o que dá e permite é para nosso bem; convém saber, ou para purgação de nossos pecados ou para aumento de perfeição e de graça". "Ditoso aquele que sofre tentação, porque, sendo provado, receberá a coroa da vida" (Tg 1, 12).

737 Todos estamos obrigados a nos polir e talhar segundo o modelo da suma *Pedra angular*. À Santa Rosa de Lima (cf. *Vida*, por Hansen, l. 1, c. 12), pouco depois de ter vestido o hábito dominicano, mostrou-lhe o Senhor essa obra numa magnífica visão. Apresentou-se belíssimo para desposar-se com ela, mas vinha em traje de escultor, e lhe encarregou de talhar certos blocos de mármore. Como ela não podia acabar tão penosa obra, desculpou-se muito dizendo que sabia costurar e fiar, mas não talhar pedras: "Crês tu, respondeu-lhe Ele, que és a única obrigada a se ocupar de trabalho tão duro?". E lhe mostrou uma imensa oficina onde havia uma multidão de jovens empregada na mesma tarefa, e que com grande habilidade e zelo manejavam, não a agulhas, mas o cinzel e o martelo. E a fim de acelerarem sua obra e que suas pedras resultassem mais brilhantes, regavam-nas com muitas lágrimas. Algumas pedras estavam ainda por terminar; mas muitas outras pareciam esculpidas com tanta finura e delicadeza, que não lhes ficava nem o menor defeito. E no meio de tão duros trabalhos todas aquelas jovens apareciam revestidas com seus trajes de festa, e em vez de estarem manchadas com a poeira, resplandeciam com beleza sobrenatural. Todos somos essas pedras duras, cheias de asperezas e de impurezas, que se devem esculpir e polir com grande cuidado, e todos estamos chamados à mesma tarefa de esculpir e gravar com suor e lágrimas essa pedra bruta natural a nós, para convertê-la em obra mestra onde resplandeça com toda perfeição a imagem de Jesus Cristo. "Não pode uma alma, dizia Santa Catarina de Sena (*Vida* 3ª p., 4), chegar a possuir verdadeiramente a Deus, se não Lhe entrega todo seu coração, sem divisão de afetos. E não o entregará sem ajuda de uma oração humilde, em que reconheça bem seu próprio nada. Deve se entregar a essa oração verdadeira e totalmente, até contrair seu hábito. Com a contínua oração crescem e se fortalecem as virtudes; sem ela se debilitam e desparecem". "(...) Quereis – dizia Santa Ângela de Foligno – receber o Espírito Santo? Pois orai...". Veja-se: Santa Ângela de Foligno, *Visiones e instruc.*, c. 62.

que o pode curar, como os do pobre diante do rico e como os da escrava nas mãos de sua senhora, até que se compadeça delas (Sl 122), sem jamais os afastar d'Ele, por muito que tarde em ouvi-las, sabendo que só n'Ele podem encontrar remédio. Não reparam em desdéns nem em rigores: *Ainda que me mate*, dizem resolvidas com Jó (13, 15), *n'Ele esperarei*. E esperam resignadas e silenciosas, advertindo que *no silêncio e na esperança está toda sua fortaleza* (Is 30, 15). Deste modo, *emudecem e são humilhadas, e guardam silêncio nos bens, e se renova sua dor* (Sl 38, 3)[738].

Quem poderá dizer as mortais angústias e sobressaltos que entrementes padecem, e sentir até onde chegam o amargor de suas penas? Buscam a Deus continuamente e com toda sua aflita alma, e pensam que se lhes esconde irritado. Na oração, onde antes tinham todas as suas delícias, encontram seu mais terrível martírio: necessitam fazer grande violência para irem a ela, e a fazem e vão; porque, se não, estariam irremediavelmente perdidas. Mas se põem a meditar como de costume e se encontram totalmente no escuro, sem conceberem nem uma só idéia nem um pensamento bom, e, ao contrário, concebem – porque o inimigo se lhes sugere – muitos horríveis, como os blasfemos, os de desespero e os de outros males, com que acabam por se desanimar. No entanto, perseveram vigiando e orando com os desejos do coração, e apelando aos meios que podem para recolherem-se e vencerem o inimigo[739]. Recorrem à leitura, e essa, às vezes, consola-as por um momento. Mas fecham o livro e tudo esquecem. É-lhes impossível pensar: a razão está ali como cega e incapacitada e, no melhor dos casos, lendo e tudo, mas por mais que se fixem, nem entendem o que lêem nem sabem sequer o que fazem[740].

---

738 Cf. São Francisco de Sales, *Amor de Dios* 6, 1.

739 "A fim de abreviar a provação, diz Poulain (*Grâces d'oraison*, 3ª ed., p. 214), convém velar para manter o recolhimento, e pedir a Deus com insistência que nos tire dela para chegarmos pronto à desejada união. Mas, por desgraça, custa trabalho pedir a cura, pois a aridez paralisa e entorpece para todo tipo de súplicas, e o demônio as dissuade para ter as almas neste estado de sofrimentos e trevas e levá-las, se pudesse, à tibieza ou ao desespero, pois treme ao ver que podem chegar à união mística".

740 Por aqui se compreenderá quão gravemente errou o Pe. Hahn ao afirmar que as obscuridades que experimentara Santa Teresa e sua incapacidade de entender às vezes o que lia, eram sinais de *histerismo*, e quão irreverentemente a chamou *patrona dos histéricos*. Com grande justiça foi posto no

Então, se podem, clamam e suspiram desafogando seu coração com ternos afetos e com ais de lamento, no qual encontram grande alívio. Mas às vezes nem isso podem: tão árida está a terra do coração, que nenhum afeto exala; totalmente secas, nada conseguem dizer nem mesmo sentir. E assim têm que se resignar a viver em silêncio enquanto Deus quiser, orando e suspirando só com o coração, estando com *um olhar amoroso* e repousada atendendo à misteriosa obra que Ele ocultamente realizando está nelas, e confiando em que não as abandonará[741].

Index o trabalho (*Phénom. hyster. et révél.)*, em que tão estranhas afirmações se faziam, reduzindo a desequilíbrios nervosos esses fenômenos *sobrenaturais*, próprios da *noite dos sentidos*, e que de um modo ou de outro acontecem com todos os servos de Deus (cf. Joly, *Psychol. des Saints*. c. 3). – Mas, embora na oração se sintam assim incapacitados, não costumam estar nas demais coisas.

741 Para acelerar essa obra do Espírito Santo, busquem acercar-se com freqüência dos dois grandes meios de renovação e purificação que o Sangue de Cristo nos oferece nos admiráveis sacramentos da Eucaristia e da Penitência. Se naquela podem receber todos os dias nova vida e novos alentos, nessa acham a mística "fonte, que está aberta na casa de Davi para os moradores de Jerusalém", na qual se lava o pecador e se limpam todas as impurezas que a alma contrai enquanto esteja ainda viciada com o sangue do velho Adão e de Eva (Zac 13, 1). "Quanto mais alguém se confessa, diz o Pe. Lallemant (pr. 2, sec. 2, c. 6, a. 3), tanto mais se purifica, pois a graça própria desse sacramento é a pureza de consciência. Assim, cada confissão, ademais do aumento da graça habitual e dos dons, comunica uma nova graça sacramental, isto é, um novo direito a receber de Deus os auxílios que são necessários para nos livrar cada vez mais do pecado". Procurem também trazer sempre na memória os padecimentos do Salvador para se animarem a seguir suas pegadas; que associando-se a Ele, receberão de seu precioso Sangue alentos para perseverarem e, com eles, a própria pureza que necessitam. – "Embora minha justiça não possa deixar impune o pecado, dizia a *Eterna Sabedoria* (c. 20) ao Beato Suso, podem, no entanto, as almas, meditando minha Paixão e aplicando-se os méritos dela, livrarem-se em pouco tempo de todas as faltas e de todas as penas merecidas e chegar a tal grau de pureza, que ao morrer possam ir direto ao céu sem passar pelo purgatório. Já vês que frutos se tiram por meditar minha paixão!". Resignem-se, pois, e perseverem, vigiando e orando, seguras de que Deus lhes dará em breve a paz ou o que mais lhes convenha. – "Na verdadeira resignação, numa aflição sem consolo, embora não dure mais que uma hora, adverte Tauler (*Inst*. c. 11), pode ser que a alma alcance mais alto grau de perfeição, que perseverando um ano em boas obras... Se não achas logo na oração, em que ofereces a Deus tua cruz, o esforço que desejas, não estranhes; persevere com insistência orando, porque o Senhor quer limpar ainda mais o vaso de teu coração antes de derramar nele o precioso bálsamo de seus divinos consolos". "Deixa-me fazer o que eu quiser, que eu te farei saborear em cada hora e momento o manjar que mais te convém, se tu com humildade e resignação o quiserdes receber". "Chegando uma alma a este soberano abandono em meu beneplácito e vontade,

O que então mais as aflige é o temor de que essa aridez seja culpável, e que o não sentir já nenhum consolo nas coisas de Deus provenha de suas negligências, da indiferença e frieza com que O servem[742]. Não advertem que essa inquietação amorosa ou atenta solicitude em que vivem, é efeito do amor e não da indiferença, e que essa aridez, tão obstinada como imotivada, é um dos sinais de que começam já a ter outra maneira superior de oração em que não cabem afetos sensíveis. O temível seria uma secura que não causasse ansiedade de Deus e amor ao retiro, mas indiferença para o bem e inclinação para buscar consolos humanos[743].

Os verdadeiros *sinais de que Deus chama à contemplação* são precisamente estes: 1º, a própria *obscuridade* e *secura* que incapacitam a alma para a meditação, onde antes achava luz e consolo, pois lhe impedem de pensar e sentir algum afeto deleitoso; 2ª, o horror que ao mesmo tempo tem pelas distrações e à dissipação, de modo que nem com essas nem com a liberdade dos sentidos tenha dado motivos culpáveis para a secura; 3º, que, longe de desejar para seu alívio alguma honesta recreação, tenha cada vez mais desejos de recolhimento e solidão, sentindo-se como atraída muito ocultamente por

---

logo em seguida, sem saber como, é abnegada e absorta no abismo da minha Divindade, de modo que desfalece em minha presença" (La Figuera, *Suma espir.* tr. 3, diálogos entre el Esposo y el alma, 2 e 4). Veja-se também: São Francisco de Sales, *Vida devota* 3ª p., c. 5.

742 Assim exclamam com São Bernardo: "Irritado o Senhor se retirou de seu servo, daí a inutilidade de minha alma, e a falta de devoção que me aflige. Como se secou assim meu coração, coagulando-se como o leite, e ficando como a terra sem água! Não posso já verter lágrimas de compunção: tanta é sua dureza! Já não acho gosto nos Salmos, nem tenho ganas de ler, nem me deleito na oração, nem consigo meditar como costumava. Que se fez daquela embriaguez de espírito, daquela serenidade de alma e daquela paz e gozo no Espírito Santo?" (São Bernardo, *Serm.* 54 *in Cant.* n. 8).

743 "Ordinariamente, diz São João da Cruz (*Noche* 1, 9), traz a memória em Deus com solicitude e cuidado penoso, pensando que não serve a Deus, mas que volta atrás... Que nisso se vê não sai da frouxidão e tibieza esse desgosto e secura; porque o próprio da tibieza é não se lhe dar nem ter solicitude interior das coisas de Deus". "Deu-me a entender o Senhor, refere o Beato Bernardo de Hoyos (*Vida* p. 329), que não Lhe desagradava que buscasse em minhas aflições algum consolo nos meus pais espirituais; que Ele o buscou também em seus discípulos, embora não o tenha encontrado; mas o encontraria eu quando fosse sua vontade; e que, se essa era que padecesse, eu saberia pôr no maior alívio a maior dor". Veja-se também: Blósio, *Inst.* c. 7; Pe. Rodríguez, *Ejerc. de perf.* 1ª p., tr. 8, c. 24; Beato Henrique de Suso, *Eterna Sabedoria*, c. 15.

Deus, com uma contínua ânsia amorosa e a dolorosa solicitude que tem de achá-lo, sem mal poder tirar de si esse cuidado e pensamento ansioso. Daí que os próprios recreios, que não pode evitar, só lhe sirvam para aumentar a tristeza e o amor ao retiro, aonde está lhe atraindo como certo poder oculto; 4º, que sinta no coração um grande *vazio* de tudo: do humano, porque lhe repugna; e mesmo do divino, porque está privada de luzes e afetos sensíveis, e ainda é incapaz de sentir e experimentar os puramente espirituais, embora, sem senti-los, a ele atraiam com uma força invisível; daí esse contínuo pensamento que a tem inquieta, como fazendo-a buscar o norte seguro. Esse pensamento, esse inquieto desejo, essa perene orientação para Deus, e esse olhar quieto, simples e amoroso, com que quer estar continuamente na presença divina, sem se ocupar em raciocinar nem em afetos sensíveis, e sem pensar em nada especial senão em amar em silêncio e atender à ação de Deus, são o sinal certo de que já é chamada à contemplação e chegará bem logo a senti-la muito claramente, se procura não sufocar esses impulsos, mas fomentá-los com um contínuo recolhimento e com freqüentes introversões e inflamadas aspirações[744]. Assim, ao pôr-se em oração, embora não possa

744 "Persista, diz Tauler (*Inst. div.* c. 22), neste interno cativeiro e abandono, atendendo com diligência a não desejar coisa alguma sem necessidade, nem sair de casa sem ela, nem pensar em coisas vãs, nem falar senão o preciso. Em todos os teus propósitos e obras, com antecipada consideração atende e observa o que de ti quer Deus, e como o quer, e seja tua oração perpétua, a que não acrescentes nem tires um ponto, dizendo: *Faça-se tua vontade*... Deixa todo cuidado e solicitude interior e exterior, procura somente que, celebrando um perpétuo *Sábado* ao Senhor teu Deus, não ponhas à sua Divina Majestade impedimento que embarace aperfeiçoar dentro de ti sua obra e, quando é necessário fazer algo exterior, procura na mesma hora ter uma vigilante presença de Deus". "Procure o asceta sem descanso, diz Blósio (*Inst. espir.* c. 3) a santa *introversão*. Evite a divagação da mente, pois com ela seria impossível chegar à união com Deus... Dirija-se a Ele, não com violência, mas tranqüila, simples e amorosamente. E quando for se acostumando a esse exercício, verá que não já é difícil, e no fim alcançará atender a Deus e às coisas divinas com a mesma facilidade com que respira e vive. Considere-O presente em todas as partes, mas muito particularmente no fundo da alma, onde permanece oculto aos sentidos, como *Deus escondido* que é (Is 45, 15). E de nenhum modo abandone esse exercício por sua incapacidade nem pela moléstia que num princípio lhe cause". E a fim de fazer-se apto para essa santa introversão, acrescenta (c. 4), exercite-se em freqüentes e ardentes jaculatórias. "As contínuas aspirações e os ardentes desejos, prossegue (c. 5), unidos à verdadeira mortificação e abnegação, são um compêndio certíssimo para chegar fácil e prontamente à perfeição e à mística união divina".

pensar nada em particular, fica, no meio do grande vazio que sente, como possuída por uma *visão geral, vaga e amorosa* que a mantém absorta e sem saber o que se passa; mas que a deixa cheia de muitos salutares efeitos, tanto mais firmes quanto mais imperceptíveis[745]. E assim, ainda que sem saber, já está na verdadeira contemplação infusa[746].

Com isso se aviva esse pensamento, que é a obscura e delicada luz que lhe serve de guia, e a que deve atender sem descanso se não quer se perder. Fomente-o o quanto possa com a contínua presença de Deus, persevere na oração, clamando e esperando, sem reparar nas securas nem nas repulsas; que, se por isso a deixa, em si irá logo extinguindo a luz com que se guiava, e quando quiser voltar a chamar tardarão mais em ouvi-la, se é que de uma vez não lhe fecham as portas. Reze, pois, com magnanimidade e *perseverança*, conformando-se em tudo com a vontade divina, com *indiferença* para os consolos e para as penas, sem buscar outra coisa senão agradar a Deus[747]. Por isso, as almas fiéis, do íntimo de seu coração aflito, exclamam sem cessar: *Faça-se, Senhor, tua vontade e não a minha, e ensinai-me teus caminhos*. E

---

745 "Essa *notícia geral*, diz São João da Cruz (*Subida* l. 2, c. 14), é às vezes sútil e delicada, principalmente quando ela é mais pura, simples e perfeita, e mais espiritual e interior, que a alma, ainda que esteja empregada nela, não a vê nem a sente. E isso acontece mais, como dissemos, quando ela é em si mais clara, pura e simples..., mais limpa e alheia à outras notícias particulares, em que podia aprisionar o entendimento ou o sentido".

746 "Embora esteja sofrendo muito, dizia – encontrando-se já neste feliz estado – a Serva de Deus Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, no século, María Busto (13 de janeiro de 1901), indo para a oração fico sem sentir nada... Eu não sei se o que faço é perder tempo e desagradar a Nosso Senhor. Mas, por outra parte, não vejo remédio; pois tudo o que quero pôr da minha parte – ademais de encontrar como uma cerca que me impede de poder me ocupar de algo – noto que o único ponto em que adianto é em encher-me de turbação... A única coisa que me consola é sentir que Nosso Senhor segue fazendo sua obra e enchendo-me continuamente de graças mais especiais; e, ao ver os efeitos, faz-me crer que não perco tempo, embora a mim me pareça, e que isso de me *paralisar* é para me fazer sentir claramente meu *nada*, e fazer resplandecer mais sua misericórdia e bondade, pondo Ele tudo em quem não é capaz de fazer outra coisa mais que ofendê-Lo; pois a cada dia me vejo mais indigna de suas graças por minhas muitas e contínuas infidelidades".
Veja-se também: São João da Cruz, *Subida* 2, c. 15; São Francisco de Sales, *Amor de Dios* 6, c. 8; Pe. Surin, *Catech. spir.* p. 1, c. 3; Pe. Grou, *Man.* p. 96-97.

747 "Tristatur aliquis vestrum? oret. Aequo animo est? Psallat" (Tg 5, 13).

nas suas maiores penas, em vez de buscar consolos humanos, encerram-se em seu coração para se purificarem mais e mais, repetindo com o Salmista: "Minha alma recusou consolar-se; lembrei-me de Deus e me enchi de prazer, e, exercitando-me, desfaleceu meu espírito. Refleti de noite em meu coração, e, exercitando-me, purificava minha alma" (Sl 76, 4-7).

E quando, mesmo assim, encontram-se como abandonadas, secas, frias, mudas, sem nenhum afeto e mesmo sem conseguir sequer exalar um suspiro, levantam ao céu seus olhos obscurecidos e, fixas na obscura luz da fé, ficam silenciosas esperando misericórdia[748]. E esperando, encontram-se docemente embebidas e como esquecidas de tudo, sem dizer palavra, e sem ouvir, ver nem sentir coisa alguma, num longo e profundo *silêncio* que, às vezes, converte-se num misterioso *sono*. Assim passam até horas inteiras, que não lhes parecem longas porque ali encontram um especial atrativo. No meio da *obscuridade* e *silêncio* que lhes impede de ver algo concreto ou *detalhado* – quando não vêem de repente cruzar como um relâmpago claríssimo que, dissipando as trevas por um momento, deixa-as cheias de consolos inefáveis –, pelo menos vêem um não sei o quê, assim como uma luz tênue, vaga e sutilíssima, que lhes dá a conhecer o muito que devem a Deus e o quanto lhes importa se resignarem para recolherem o copioso fruto de todas essas provações; e sem nada lhes detalhar as deixa totalmente instruídas para realizarem seus deveres, e parecendo tão tênue, abrasa-as no zelo da glória de Deus e bem das almas. Assim, embora temessem perder

748 "Quanto mais pura, simples e desnuda é a fé, diz Tauler (*Instit.* c. 8), tanto mais é sem comparação laudável, nobre e meritória. Essa fé merece que, com admiráveis modos, o próprio Deus em Si, em sua divina *Essência*, manifeste-se a ela". "Quando a alma acaba de se purificar e se esvaziar bem de todas as formas e imagens apreensíveis, adverte São João da Cruz (*Subida del M. Carmelo*, II, c. 15), ficará nessa pura e simples luz, transformando-se nela em estado de perfeição. Porque essa luz *sempre está apta a se comunicar à alma*; mas pelas formas e véus das criaturas, com que a alma está coberta e impedida, não se infunde nela, a não ser que se tire esses impedimentos...; logo a alma já simples e pura se transformaria na simples e pura Sabedoria divina, que é o Filho de Deus. Porque faltando o natural, à alma, já enamorada, *logo se infunde o divino sobrenaturalmente*; pois Deus não a deixa vazia sem enchê-la". Por isso "os místicos de primeira hora – conforme se começa dizendo nesse capítulo – são os que Deus começa a pôr nessa notícia sobrenatural de *contemplação*".

o tempo e estar ali realmente adormecidas, pelos efeitos notam que nunca estiveram mais despertas nem com maior atividade, pois saem reanimadas e com grande vigor para cumprir em tudo a vontade divina.

Esse é, depois das longas fases de *obscuridade* e *silêncio espiritual*, o primeiro *sono místico* da *noite escura do sentido*, com o qual se fortalecem as almas, recobrando vigor e vida, e se preparam como convém para quando chegar a aurora: assim se animam a seguir padecendo as terríveis provações que lhes esperam ainda nessa escuridão prolongada, entre sobressaltos e *temores noturnos* (Ct 3, 8).

§ II. – OUTRAS PROVAÇÕES E CONTRARIEDADES. – TENTAÇÕES, CONTRADIÇÕES, DESPREZOS E TRIBULAÇÕES: O CRESCENTE AMOR AOS TRABALHOS; A LUTA INTERIOR E A EXTERIOR. – VARIEDADE E RIGOR DESSAS PENAS. – A CRUZ, ESCÂNDALO DOS MUNDANOS E SALVAÇÃO DOS CRISTÃOS. – AS FONTES DA FORTALEZA. – A LUZ DA AURORA.

Segundo vão progredindo as almas na iluminação e na união, e vão se fazendo mais fortes, assim costumam ir muitas vezes aumentado as provações com que acabam de se purificar de suas manchas e vestígios do pó terreno; mas, como estão mais esforçadas e mais instruídas também na ciência dos Santos, já não andam tão vacilantes nem estão comumente tão expostas à perecer, extraviar-se ou desfalecer como num princípio. Se o inimigo as persegue obstinadamente, ora as inquietando com sugestões de desconfiança, ora as bajulando com vãs presunções ou com enganosas promessas; se o mundo as convida com seus falaciosos prazeres, ou as estigmatiza com burlas e desprezos, e as condena com todas as enganosas razões da prudência carnal; e até as próprias paixões se desencadeiam e se mostram mais vivas e agitadas que nunca; quanto maior é o perigo, tanto mais com íntimas ânsias, fixos os olhos na luz da fé, clamam com o coração despedaçado: *Salvai-nos, Senhor, pois perecemos* (Mt 8, 25).

Às vezes, o sapientíssimo Médico divino, para que ainda reconheçam melhor sua própria fragilidade e misérias, em vez de estender-lhes sua mão piedosa, deixa-as assim, no meio da tormenta, andarem ou se arrastarem como

que sozinhas, permitindo que tropecem e vacilem, e até dêem uma pequena queda, embora sustentando-as ocultamente para que o dano seja levíssimo e lhes seja de grande proveito, já que "para aqueles que amam a Deus tudo coopera para seu bem" (Rm 8, 28). Mas então lhes aviva a fé para que vejam e reconheçam quão grandes e abomináveis são realmente mesmo as mínimas faltas cometidas contra um Deus tão santo e tão amável, e até permitirá que sejam vistas com olhos de lince por outros, e sem piedade sejam censurados esses defeitos ou descuidos, para que assim se desprezem verdadeiramente, vendo como são desprezadas e tratadas como merecem, e se reconheçam ao ver como suas misérias são conhecidas e censuradas por todos[749].

Com isso, confundidas, consolidam-se no próprio conhecimento, e aprendendo a pôr só em Deus toda sua esperança, longe de desmaiarem, como os presunçosos e pusilânimes, inflamam-se no mais puro amor daquele Sumo Bem a quem ofenderam, e em ardentíssimos desejos de desagravá-Lo e comprazê-Lo. Assim, quanto mais irado se mostre a elas, mas O reverenciam e amam com sincero amor filial, sofrendo por suas culpas e ganhando um ódio santo a si mesmas que tão mal agiram e tão desprezáveis são. Portanto, a fim de satisfazerem como podem, ademais de se castigarem com penitências duríssimas, aceitam de bom grado todo tipo de desprezos e burlas, de contradições, calúnias, perseguições e maus-tratos que, sem saber como, porquê, nem de onde lhes vêm em abundância, parecendo-lhes tudo pouco com as vivas ânsias que têm de desagravar o Senhor e reparar o mal. Assim é como adquirem a verdadeira paz interior, na qual, longe de fugir dos trabalhos e desprezos, desejam-nos e mesmo os buscam como o avarento a um tesouro[750]. Mas não necessitam se cansar em buscá-los, pois melhor lhes é aceitar com toda resignação essas cruzes que a Providência lhes envia, já que

---

749 "Isso é certo, observa Santo Agostinho (*Conf.* 9, c. 8), que assim como os amigos adulando nos pervertem, assim muitas vezes os inimigos nos injuriando nos corrigem. Mas Vós, Senhor, lhes dareis a paga que corresponde à vontade e intenção que tiveram e não a que corresponde ao que Vós mesmo por meio deles fazeis". Veja-se também: Pe. La Figuera, *Suma espiritual*, Tr. 1, c. 6.

750 "Se chegas ao desprezo de ti mesmo, então gozarás de uma paz abundante" (Kempis, l. 3, c. 25).

tão copiosamente costumam encontrá-las mesmo onde menos esperam[751]. O próprio ardente desejo que têm de cumprir com toda fidelidade suas obrigações, e o contínuo pensamento em Deus – nesse estado psicológico tão especial em que então se encontram – às vezes as faz se descuidarem inadvertidamente, esquecer certos detalhes e mesmo cometer algumas faltas de que não acabam de se corrigir por mais que se esforcem, com que darão abundante matéria para murmurações e severíssimas repreensões, e onde sofrem atrozmente por se crerem elas mesmas culpadas e se verem incapazes de remediar esses leves descuidos, pois a ânsia em remediá-los não faz senão agravá-los. Aqui o que mais lhes importa é não desmaiar por isso, sabendo que a santificação não é obra de um só dia, mas de toda a vida, e que não se alcança, como dizem, pela força dos punhos, mas à força da humildade e paciência, de perseverança na oração e de confiança em Deus[752]. Assim, quanto mais incapazes por si mesmas se sintam, tanto mais devem redobrar sua magnanimidade, confiando completamente n'Aquele que só aguarda

---

751 "Todos que querem viver piedosamente em Jesus Cristo, diz o Apóstolo (II Tim 3, 12), padecerão perseguição". E o próprio Senhor, como diz o Kempis (l. 3, c. 3), vem a ser um "forte provador de todos os devotos".

Assim, pois, "quem está determinado a levar uma vida interior e solidamente espiritual, deve estar seguro de que, ao chegar a um certo grau, não faltará quem clame contra ele, e que há de tropeçar com adversários e contrariedades; mas também o deve estar de que no fim Deus lhe dará a paz e fará que tudo sirva para seu proveito e maior adiantamento espiritual" (Lallemant, *Doctr.* pr. 5, c. 2, a. 1). "Primeiro, que Deus deixe de prevenir e dispor a alma, que tão amorosamente escolheu para si, permitirá, diz Tauler (*Inst.* c. 11), que por sua ocasião cem mil homens recebam algum dano, ou melhor dizendo, fechará os olhos a mil homens santos para que ignorantemente com seus pesados juízos lavrem esse vaso de eleição; mas, estando bem limpo, Ele aparta o véu de seus olhos, e olha seus defeitos com misericórdia; porque tudo o que fizeram foi por oculto juízo, num modo admirável, e então conhecem com luz divina que esse vaso está dourado e coberto de pedras preciosas... Para não deixar a esse vaso impuro, enviará, se for preciso, um anjo do céu para que, por meio das tribulações, prepare-o".

752 Aqueles que querem ser santos num dia, diz São João da Cruz (*Noche* 1, c. 5), "propõem muito, mas como não são humildes e confiam em si, quanto mais propósitos fazem, tanto mais caem e tanto mais se irritam, não tendo paciência para esperar que Deus se lhe dê quando lhe aprouver...; embora alguns tenham tanta paciência e se vejam tão devagar nisso de querer progredir, que não queria Deus ver neles tanta".

que acabemos de reconhecer nosso *nada* e nos abandonemos sem reservas em seus braços para fazer Ele tudo em nós, embora não sem nós[753].

Mas o que as aflige é o temor de serem culpadas, não os maus-tratos; antes neles se alegram, e não porque já se atrevam a "se gloriar na tribulação" (Rom 5, 3; II Cor 12, 9) sofrida por Cristo, pois não se crêem dignas de tanta honra, mas por se verem por fim tratadas como merecem e reconhecidas e tidas pelo que por si mesmas são. Com essa simplicidade, sem se darem conta, triunfam sobre todos os seus inimigos, desconcertam os cálculos da prudência humana e atraem as simpatias e mesmo a admiração e os aplausos de muitos corações sinceros[754].

---

753 "Os mais santos, observa o Pe. Grou (*Man.* p. 106, 8), não são aqueles que cometem menos faltas, mas os que têm mais coragem, mais generosidade e mais amor para fazerem violência a si mesmos... Os mestres espirituais advertem que Deus deixa às vezes mesmos nos maiores santos certos defeitos que, por mais que tentem, não conseguem corrigir, para os fazer sentir sua própria fraqueza e ver o que seriam sem a graça, e assim impedir que se envaideçam com os favores que recebem... A criança que cai por andar sozinha, volta para sua mãe com mais ternura e aprende a não se separar dela... Quando Deus nos pede uma coisa, não devemos nos negar com pretexto das faltas que poderíamos cometer ao fazê-la. Mas vale fazer o bem com imperfeição, que omiti-lo". Veja-se também: São João da Cruz, *Llama de amor* canc. 2, v. 5; Beato Henrique de Suso, *Et. Sabiduría* c. 18-19.

Não devemos, pois, inquietar-nos nem nos entristecer demasiado pelas faltas que não podemos remediar – como fazem os presunçosos, que se turbam e desmaiam ao verem sua própria fraqueza –, mas tirar dessa mesma novas forças para não agravar uma falta com outras maiores. A verdadeira humildade é pacífica e confiante, excitando tranqüilamente a pôr em Deus a confiança que não podemos ter em nós mesmos. Nas faltas inadvertidas, dizia uma alma muito experimentada (J.), "com a mesma facilidade me levanto com a intenção de antes morrer que reincidir; mas sem turbação nem tristeza: é tão caritativo Nosso senhor para este tipo de faltas! Creio ter entendido que um olhar amoroso, e seguir tranqüila e alegre, move-O mais que a demasiada aflição, que encerra às vezes muito amor-próprio". Aprende, diz o Senhor nas *Espinas del alma* (diál. 4), "a tirar humildade de tuas faltas e não amargura e desassossego; que me dás mais pena e me ofendes mais com o desassossego que recebes delas, que com elas mesmas". "A humildade verdadeira, adverte Santa Teresa (*Vida* c. 30), embora dê pena ver o que somos, não vem com revolta, nem desassossega a alma, nem a obscurece, nem dá secura, antes a regala, e é tudo ao contrário, com quietude, com suavidade, com luz... Nessa outra humildade que põe o demônio não há luz para nenhum bem".

754 O modo de superar as contradições, emulações etc., dizia o Beato Diego de Cádiz (*Vida inter.* 3ª p., c. 10), há de ser *non resistendo, sed perferendo.* "Mais de temer é, adverte o Pe. De Caussade (*Aband.* l. 3, c. 6), nossa própria ação e a de nossos amigos, que aquela dos contrários. Não há prudência que

Mas isso mesmo é outra duríssima provação, pois encontram seu maior tormento em serem estimadas e louvadas; isso as horroriza, porque justamente lhes parece um roubo sacrílego que lhes seja atribuído uma coisa boa, vendo que se alguma têm é emprestada por Deus e devem responder por ela[755].

Assim é como adquirem uma humildade sincera e sólida, e não superficial como era a de um princípio; assim se purificam verdadeiramente da escória do amor-próprio, e se enraízam e robustecem em todas as virtudes, e em especial na mansidão e modéstia, para se fazerem semelhantes Àquele que foi verdadeiramente *manso e humildade de coração*. E levando seu jugo encontram o *descanso da alma* (Mt 11, 29).

Isso elas conseguem com a formidável luta interna que continuamente empreendem para dominar suas paixões, que parecem indômitas e irresistíveis, e que, no entanto, raras vezes chegam a se transluzir de fora, nem mesmo a menor alteração no rosto. Quem vê essas almas pacíficas, sempre afáveis e carinhosas (nunca ásperas como aquelas de virtude fictícia) e, embora às vezes profundamente tristes, com um sincero e modesto sorriso nos lábios, crerá que são pouco menos que insensíveis, pois nem mesmo com os maiores agravos se alteram, e estará muito longe de suspeitar de suas interiores lutas. Mas, na realidade, longe de serem insensíveis, têm uma sensibilidade mais fina e delicada que os demais, pois o próprio Deus se lhes aviva para que aprendam a se vencer verdadeiramente, resistindo-se sempre, e a domar as más inclinações, combatendo-as e arrancando-as pela raiz. A menor

---

iguale a de sofrer pelos inimigos sem lhes resistir nem opor, mais que um simples abandono nas mãos de Deus. Isso é como navegar com vento em poupa, permanecendo tranqüilos; pois eles mesmo nos servem como galeotes, que à força de remos nos conduzem ao porto. A melhor coisa que podemos opor à prudência da carne é a simplicidade; essa ilude maravilhosamente todas as astúcias sem conhecê-las nem mesmo pensar nelas. Ter que enfrentar uma alma simples, é como lutar com Deus, que está velando por ela... Assim a ação divina lhe inspira e a faz tomar umas medidas tão prudentes, que com elas desconcerta aos que buscavam surpreendê-la". Por outra parte, "acontece muitas vezes, observa o Beato Suso (*Unión* c. 2), que, tirando-lhe a felicidade e os consolos, as próprias criaturas obrigam o homem a se unir mais santa e intimamente com Deus".

755 Cf. Santa Teresa, *Morada* 6, 1; Hansen, *Vida de Santa Rosa de Lima* 1, c. 8; Brentano, *Vida de Emmerich* 9; Alcober, *Vida del Beato Diego de Cádiz* 1ª p., c. 10.

coisa lhes excita a ira. "Se me deixasse levar por essa natureza de fera, dizia ao seu confessor a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos[756], a cada momento despedaçaria as irmãs". E, contudo, elas achavam que fosse impassível, pois nem com as mais duras provações exteriores e interiores se dava por sentida nem se alterava[757].

Esses contínuos triunfos que sobre si mesmas alcançam, ao serem tão gloriosos como difíceis, não lhes envaidecem, antes as confundem; pois elas só levam em conta o trabalho e o perigo, sem se fixarem no mérito. Assim, com o santo temor de Deus, que as mantêm mansas, modestas e humildes, vigiando sobre si mesmas com firme resolução de praticar bem todas as virtudes, assentam o princípio firme da verdadeira sabedoria. Então, conhecendo-se a fundo e desprezando-se como merecem, têm já bastante limpos e iluminados os olhos do coração (Ef 1, 18) para verem quão amável é Deus, e começam a amá-Lo com um amor puro, sincero e desinteressado.

Assim lavra o Senhor e purifica as almas privilegiadas, para fazê-las dignas confidentes dos mistérios do seu amor. Como amante puro e ciumento, não tolera nelas a menor macha nem a menor afeição que não seja dirigida para Ele[758]. Por isso, antes de comunicar-se a elas plenamente, submete-as ao crisol da tentação e à pedra dessas provações e contradições, para que saiam mais puras e radiantes de luz que o ouro e que o diamante, lavrados e limpos de toda escória[759]. E quanto a mais alto grau de santidade

---

756 Carta de 8 de julho de 1868; cf. *Vida* p. 218.

757 Sobre as terríveis provações e tentações que essa admirável religiosa sofreu em sua *purgação sensível*, veja-se a mesma *Vida* 2ª p., c. 2. Mas, como adverte Santa Teresa (*Mor.* 6, 1), não sempre lhes é dado a estas almas dissimular, e às vezes se lhes conhece tanto sua amargura interior, que até se traduz em certas impaciências etc.

758 "Menos vos ama, Senhor, diz Santo Agostinho (*Conf.* 10, c. 29), aquele que juntamente con-Vosco ama outra coisa sem amá-la por Vós".

759 "Compreendamos bem de uma vez – adverte Santa Catarina de Gênova ao terminar seu *Purgatório* – que o Deus boníssimo e grandíssimo, antes de admitir uma alma em sua presença, aniquila nela tudo que tenha de humano, e a purifica inteiramente, para transformá-la em Si e deificá-la".

"Ó, santidade adorável de meu Deus, exclama Fenelón (*Sentim. de piété*), quão rigorosa sois! Não reconheceis os vossos, por pouco que tenham em oposição com vossa pureza, e chamando-os com uma mão – com o amor que para atraí-los incendiais em seus corações – com a outra os detendes

as destina, ou quanto mais delicada for a missão que quer lhes confiar, tanto mais variadas e rigorosas serão essas provações[760].

Toda a purgação alcançada com as voluntárias penitências e austeridades que nos primeiros fervores abraçaram, e mesmo com os verdadeiros martírios que elas mesmas se causam na desolação e secura – para ver se com eles aplacam a ira divina, castigando-se tão severamente por suas faltas – é nada para o que Deus pretende. Por isso, aplicando Ele mesmo a mão na chaga, submete-as como Ele saber fazer a esse "banho de sangue e fogo", de que fala Santa Catarina de Sena (Ep. 52), a todo esse cúmulo de *purgações passivas*, aonde se vêem metidas como num lagar, oprimidas por todas as partes, sem poder respirar, sem achar o menor alívio nem ver por onde lhes pode vir o remédio, padecendo assim vivamente não já como numa tortura, mas como num inferno de dor[761]. Embora esse se dirija ainda principalmente

---

mediante os rigores de vossa justiça. Mas, Senhor, essas almas vos amam e Vós quereis que sofram. Seu suplício não diminui em nada o amor que tendes, nem o que elas vos têm diminui em nada suas penas. Quão amável e quão santo sois, ó, Coração divino! Quem poderá subsistir na presença de um Deus tão puro e santo? Essa mesma santidade é a que vê os santos, na terra, abatidos com enfermidades, padecimentos e perseguições, e, enquanto os reconhece por seus, olha-os com uma paz inalterável, podendo sempre aliviá-los, e negando-se a fazê-lo muitas vezes; podendo tirá-los da opressão, e deixando-os nela sepultados; e, no meio de tudo, esse coração magnânimo não acha coisa melhor com que expressar o amor que tem aos seus amigos que com esses rigores".

760 "Acontecerá também a muitas almas, diz Palafox (*Varón de deseos* 3ª p., sent. 8), que a guerra se ausentará não só por meses inteiros, mas anos, e quando estão mais descuidadas, e talvez mais fervorosas, incendiar-se-á tão sangrenta e cruel como se dessem o primeiro passo... Embora lhes pareça uma novidade no princípio, sentirão grande ânimo se serviram o Senhor na vida passada com verdade... Porque todos os passos que a alma deu em seus exercícios em tempo de paz, foram disposições e defesas que preveniram a guerra que lhe dará dali em diante o corpo. O permitir Nosso Senhor essa guerra para as almas, é para utilíssimos efeitos", que são "*humilhá-la, prová-la, exercitá-la, mortificá-la, retirá-la e guardá-la, coroá-la e aperfeiçoá-la*".

761 Assim *desfalece em dores sua vida; e se passam seus anos em gemidos* (Sl 30, 11); não podendo às vezes dissimular tal cúmulo de amarguras. "Ó, Jesus!, exclama Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 1). O que é ver uma alma desamparada deste modo, e quão pouco lhe aproveita algum consolo da terra!... Se reza, é como se não rezasse, para seu consolo... para mental (meditação) não é esse tempo em nenhuma maneira... Assim por muitíssimo que se esforce, anda com uma aspereza e má condição no exterior, que é muito visível... O que tem é indizível, porque são problemas e penas espirituais que não se sabem pôr um nome. O melhor remédio (não digo para que se retire, pois não o acho, mas para que

à parte sensitiva da alma, na realidade não há pena exterior nem interior que não sofram: à aridez e às relutâncias, às obscuridades, angústias e agonias de morte, somam-se enfermidades, calúnias, perseguições[762], abandono dos bons e mesmo dos mais fiéis amigos, falta de guias experimentados ou manifesta oposição dos diretores que, em vez de animá-las e tranqüilizá-las, acabam por enchê-las de obscuridade e terror dizendo-lhes que vão enganadas[763]; enfim, todo o terrível que pode se imaginar, quando menos pensam chove de repente sobre elas, fazendo-lhes sofrer por Deus, sem que ninguém mal note nem se compadeça, um espantoso e prolongado martírio[764].

---

se possa sofrer) é se dedicar a obras de caridade exteriores, e esperar na misericórdia de Deus, que nunca falta aos que n'Ele esperam".

762 "Até agora, dizia Nosso Senhor ao Beato Suso (*Vida* c. 23), açoitavas-te com tuas próprias mãos, e deixavas de o fazer quando tinhas compaixão de ti mesmo; mas à partir de agora te deixarei nas mãos dos outros, que te maltratarão sem que tu possas te defender; eles te farão levar uma cruz bem mais dolorosa que aquela repleta de pontas de ferro com que atormentavas tuas costas. Até hoje eras admirado e louvado por tuas mortificações voluntárias, mas no futuro, no meio de tuas penas, serás pisoteado, desprezado e ridicularizado, para que assim verdadeiramente te aniquiles".

763 Queixando-se a venerável M. Francisca do Santíssimo Sacramento (*Vida*, por Lanuza, l. 1, c. 10), de não ter com quem comunicar as coisas de seu espírito, apareceu-lhe sua santa Madre Teresa [de Ávila] e a consolou desse modo: "Filha, muito mais padecerias se as comunicasses: por isso padeci eu tanto, pois, por muito que saibam os homens, não alcançam quão largo é Deus em se comunicar às suas criaturas".

764 Essas penas interiores, diz o Beato Suso (*Disc. spir.* 4), "fazem até certo ponto que os que perseveram em sofrê-las sejam contados no número dos mártires e gozem de suas prerrogativas, pois mais queriam os servos de Deus darem de uma vez sua cabeça e seu sangue por Jesus Cristo, que sofrer interiormente essas tentações tão penosas durante meses e anos". "Essa obra magnífica é própria do santo amor; nenhum outro poderia realizá-la. Mas, ó homens, se vos fosse dado conhecer por quais torturas passa a *humanidade* no meio dessas indescritíveis provações, não duvidarias em afirmar que é impossível sofrer tanto... Essas dores, no entanto, estão à vossa vista, e, longe de considerá-las, preferis na maioria das vezes não crer nelas, porque temeis medir com o pensamento sua grandeza... Não vos quereis compadecer, porque são levadas em silêncio e só por amor de Deus" (Santa Catarina de Gênova, diál. 3, 10). "Sei que são grandíssimos, observa Santa Teresa (*Vida* c. 11), e me parece que é preciso mais ânimos que para outros muitos trabalhos do mundo; mas vi claramente que não deixa Deus sem grande prêmio, ainda nessa vida; porque... com uma hora das que o Senhor me deu gosto de Si, parece-me que ficam pagas todas as angústias que em sustentar-me na oração muito tempo passei. Tenho para mim que quer o Senhor dar muitas vezes ao princípio, e outras ao final, esses tormentos... para provar a seus enamorados... antes de pôr neles grandes tesouros, e, para bem nosso,

Isso escandaliza os mundanos, porque o mundo é incapaz de o entender: *Stultitia enim est illi, et non potest intelligere.* Mas é a moeda corrente nos caminhos do espírito. Pois *por muitas tribulações temos que passar para entrar no reino de Deus* (At 14,21). Para que envia o Senhor tais penas, perguntam, a umas almas tão fiéis e que tão verdadeiramente O amam? Ele as envia: primeiro, para melhor mostrar-lhes seu divino amor, pois aos que mais ama faz mais semelhantes a Si nos padecimentos, a fim de que também o sejam na glória[765]. Segundo, para que possam seguir adiante e consigam se conhecer, purificar, iluminar e preparar para a plena união e transformação[766].

---

creio que nos quer Sua Majestade levar por aqui, para que entendamos bem o pouco que somos; porque são de tal dignidade as mercês de depois, que quer por experiência que vejamos antes nossa miséria... para que não nos aconteça o que aconteceu com Lúcifer".

765 "Por que caminho vêm os chamados? – Pelo da tribulação – me foi respondido... Compreendi a ordem e a razão destas coisas... Vi como os sofrimentos se convertem em ações de graças. Não se entende num princípio, mas logo se agradece. Vi o caminho comum dos eleitos para a vida eterna, e não há outro caminho. Mas os convidados que bebem o cálice do Senhor são aqueles que querem conhecer a vontade de seu Pai... Assim para esses filhos a amargura das tribulações se converte toda em graça, em doçura e em amor; porque *sentem* quanto valem suas lágrimas. São oprimidos, mas não aflitos, porque, quanto mais sentem a tribulação, mais sentem a Deus e mais cresce seu gozo. Se o homem sente ansiedade no princípio da penitência, eu sei que gozos lhe esperam quando tiver avançado" (Santa Ângela de Foligno, c. 50). "Se considerássemos, diz Santa Catarina de Sena (*Ep.* 64), o grande proveito que nos vem por sofrer enquanto peregrinamos nessa vida, sempre correríamos ao término da morte sem fugir de nenhuma pena. Muitos são os bens que nos seguem por sermos atribulados. Um deles é que assim nos conformamos com Jesus Cristo. E que maior tesouro que o de ser revestida por seus opróbrios e penas pode ter uma alma? O outro é nos purificar aqui dos pecados e defeitos para aumentar a graça e levar guardado o tesouro para a vida eterna". "Se acaso Deus dissimula dar-te adversidades, não faz isso, observa Tauler (*Inst.* c. 11), por tua muita bondade e fortaleza, mas porque conhece muito bem quão indigno és de ser soldado de Cristo". "Conheçam todos, disse Nosso Senhor à Santa Rosa de Lima (Hansen, 1, c. 18), que a graça segue a tribulação; saibam que sem o peso das aflições não se chega ao ápice da graça, e que na medida dos trabalhos aumentam os carismas. Não queiram errar nem se enganar: essa é única escada para o paraíso e, fora da cruz, não há outra pela qual se possa subir ao céu".

766 "Muito nos enganamos com dano nosso, observa o Pe. Weiss (*Apol.* conf. 6), se cremos que foi fácil para os Santos removerem de suas veias o sangue corrompido de Adão, afastarem-se do mundo interior e exterior, e se abrir o caminho para a vida eterna. Imaginamos que os Santos assim o foram desde seu nascimento, ou que ganharam o posto que no céu ocupam sem passar por trabalhos... Mas não, o próprio São Paulo diz com tristeza: *Desgraçado de mim! Quem me livrará deste corpo mortal?*

Essas almas, aparentemente tão fervorosas, eram-no com *um fervor sensível*, que, por ser mutável e não resistir às desolações, é impedimento, como impetuoso e desmesurado que é, para a tranqüila e íntima ação de Deus. Para que possam sentir a luz pura espiritual devem se encontrar vazias do sensível; assim como mais adiante, para poderem resistir à puríssima luz incriada, devem ficar antes no escuro de toda a criada, por espiritual que seja. Daí essas duas terríveis *noites*: a do *sentido* e a do *espírito*[767]. Com a luz sensível devem perder também todos os consolos sensíveis, a fim de poderem logo sentir os misteriosos toques do Espírito Santo. Por isso o Senhor disse aos seus discípulos que "sem ficarem privados de sua presença visível, não podiam receber o divino Consolador"[768]. Era preciso que com a ausência se purificasse e espiritualizasse aquele terno e afetuoso amor que lhe tinham, para poderem logo resistir sem desfalecer a todas as provações e estarem em condição de sentir diretamente – ou pelo menos como através da santa Humanidade já invisível – os altíssimos mistérios da Divindade[769].

(Rom 7, 24). E não se viu isento dessa luta dura que *penetra até o íntimo da alma e do espírito, até as juntas e a medula* (Heb 4, 12)... A um labor muito sério Deus chama a todos os homens, o mesmo aos Santos que a nós: a todos envia ao trabalho, dizendo-nos: *Saiba distinguir o precioso do vil* (Je 15, 19), *até que tua vida se torne de maior preço que o ouro purificado no fogo*" (I Pd 1, 7).

"Deus prefere, segundo diz Santa Maria Madalena de Pazzi (5ª p., c. 8), a alma que se transforma pela dor àquela que se transforma pelo amor; ainda que seja verdade que a dor que a alma sente, à vista das ofensas divinas, não pode vir senão do amor, que, absolutamente falando, é mais perfeito. Pela via da dor, a alma se exercita mais no amor ao próximo e resplandece mais seu zelo pela salvação das almas, que lhe faz chorar pelos pecados dos outros e se consumir em desejos de sua salvação. O Verbo prefere também o exercício da dor ao do amor, porque o primeiro é um tipo de martírio pelo qual as almas se fazem semelhantes ao Salvador crucificado. O amor é sem dúvida mais agradável; mas, como estamos nesse mundo para nos purificar, o tempo não é tanto para gozar como para chorar por Deus".

767 "A primeira *noite ou purgação* é amarga e terrível para o sentido. A segunda não tem comparação, porque é muito assustadora para o espírito" (São João da Cruz, *Noche* 1, c. 8).

768 "Ego veritatem dico vobis: Expedit vobis ut ego vadam; si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos" (Jo 16, 7). "Nondum enim erat Spiritus datus, quia Iesus nondum erat glorificatus" (Jo 7, 39).

769 "Se foi necessário, dizia o Senhor ao Beato Suso (*Eterna Sab.* 10), que Eu me separasse dos meus Apóstolos, a fim de dispô-los melhor para receber o Espírito Santo, quanto mais danará o trato

Nessas trevas e aridez é onde as almas descobrem e podem corrigir, com a tênue luz espiritual que sem notar recebem, as inumeráveis imperfeições que em meio ao fervor sensível não viam, e só assim podem adquirir a verdadeira humildade e a desejada pureza[770]. Aparte do amor-próprio que ainda mostram no desejo de regalos e consolos divinos, e que tanto as impede de chegar à verdadeira união, costumam conservar uma oculta presunção, com certo apreço de si mesmas e de suas virtudes superficiais, e até um pernicioso apego ao próprio parecer e à própria vontade, que não só lhes dificultariam o verdadeiro progresso, que consiste em se abandonar totalmente à ação de Deus, mas que, fazendo-lhes resistir ao Espírito Santo, à ruína as levariam[771]. Assim aconteceu com tantos ilusos que, depois de grandes penitências, encheram-se de soberba, rejeitaram o jugo da obediência e se perderam miseravelmente.

Mas quando cessa o fervor sensível e sentem a mortal aridez, e não vêem senão perigos, dificuldades, defeitos, tentações e más inclinações; quando se vêem em tantos temores e cheios de escuridão e sem coragem para nada, então é quando verdadeiramente aprendem a desconfiar de si mesmas, a buscar quem as guie, e pedir com verdadeira humildade os divinos auxílios,

---

com os homens?... Seu amor frágil e suas conversas inúteis apagam o fervor da vida religiosa". "Todos os esforços, trabalhos, preceitos e exemplos de Jesus Cristo, ordenavam-se, adverte o mesmo Beato (*Disc. spir.* 3), a ensinar aos discípulos a serem homens interiores e conservar puras suas almas para que nelas brilhasse a luz da Verdade. E como via que os Apóstolos, em sua imperfeição, apegavam-se ao homem exterior, e se faziam assim incapazes do soberano Bem, viu-se obrigado a deixá-los e privá-los de sua presença corporal. Isso deve nos tirar toda a incerteza e nos fazer compreender que, se a própria Eterna Sabedoria, com sua presença humana, era em certo modo um obstáculo para a perfeição daqueles que se Lhe mostravam apegados, com mais razão as criaturas desse mundo impedirão os servos de Deus chegar à perfeição da vida espiritual". "Não virá o Espírito Santo, diz São João de Ávila (tr. 1, *Del Espíritu Santo*), até que tires o amor demasiado às criaturas... Sozinho quer estar contigo".

770 "Ó, pureza, pureza!, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (5ª p., 12). A pureza não é outra coisa senão a humildade em ação. Jamais houve nem haverá humildade sem pureza, nem pureza sem humildade".

771 Apesar de ter ressuscitado para a vida da graça, diz Santa Catarina de Gênova (*Purgat.* c. 11), a alma permanece tão manchada e tão dobrada sobre si mesma, que para voltá-la ao estado primitivo em que Deus a criou não se necessita nada menos que todas essas operações divinas de que falamos".

sem se apropriarem já das luzes e favores que do Senhor recebam[772]. Por isso, toda sua esperança está em perseverar na oração, por muito que lhes custe. Se afrouxam nela, distraem-se demasiado em coisas exteriores – por boas que sejam e por boa intenção com que as façam –, estão muito expostas a se perder, deixando se extinguir o invisível raio de luz que as guiava à solidão, para sentir ali a moção do Espírito Santo. Mas se se deixam levar por essa força misteriosa que as move ao recolhimento, logo serão confortadas de modo que não desfaleçam.

Mas, como podem tolerar tantas provações sem desfalecer?... "Podendo tudo n'Aquele que as conforta" (Fil 4, 13). "Quanto mais frágeis se reconhecem, tanto mais fortes são" (II Cor 12, 10), pois com tanto mais ardor acodem a pedir auxílio a quem pode lhes prestar. Ali, no profundo recolhimento, enchem-se de coragem e até de alegria, pois quem as chama à solidão o faz para confortá-las, consolá-las e mesmo regalá-las, falando-lhes ao coração, ora muito ocultamente, ora de um modo notório, palavras de vida e de alento (Os 2, 14). Assim é como, à medida que crescem os trabalhos, vão crescendo os próprios consolos (II Cor 1, 5), e no meio das maiores tribulações permanecem serenas, confiantes, alegres, superabundando de gozo (II Cor 7, 4), e com verdadeiras ânsias de padecer ainda mais por Deus[773].

---

772 "Não tome as tentações, diz o Pe. La Figuera (*Suma espir.* tr. 1, c. 5), por castigos, que não sempre o são, e, quando o são, deve tê-las por mercês. Porque com elas Nosso Senhor a obriga a ir até Ele pedir socorro, e a conhecer seu perigo, e a fazer penitência, e saber que vive entre inimigos, com outros mil bens que sabe Nosso Senhor tirar das tentações; pelo que diz o Espírito Santo: *Aquele que não é tentado, que sabe?*".

"Nescimus saepe quid possumus; sed tentatio aperit quid sumus... In tentationibus et tribulationibus probatur homo, quantum profecit, et ibi maius meritum existit, et virtus melius patescit". "Unde coronabitur patientia tua, si nihil adversitatis occurrerit?" (Kempis, l. 1, c. 13; l. 2, c. 1).

773 "Por seus generosos esforços para não negar a Deus nenhum tipo de sacrifícios, a alma, diz Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 1, 15), superabundava de gozo, a exemplo de São Paulo, em meio aos sofrimentos, notando bem que com isso se purificava das manchas da carne e do espírito, e que, para glória de Deus, acabava de se revestir dos adornos da Esposa". São Francisco Xavier dizia que, pelo menor de seus consolos, de bom grado empreenderia uma nova viagem ao Japão, sem que lhe importassem nada os incríveis trabalhos que ali tinha sofrido. "Por mais que a alma que quiser seguir

Essas ânsias nunca se saciam: com novo alimento se avivam, e quando uma alma assim temperada parece desfalecer sob o peso esmagador dos trabalhos, e a água da tribulação lhe chega já até o pescoço, precisamente então exclamará animada: *Quem nos separará da caridade de Cristo?... Tudo suportaremos alegres por Aquele que nos amou*, e se entregou por nós e nos atraiu para Si e nos fortalece! *N'Ele tudo podemos* (Rom 8, 35-37)[774].

Nos grandes apuros e tentações, quando já se vêem desfalecer e sem nenhuma força, acodem apressadas a se saciarem e reanimarem na fonte de água viva, onde se bebe torrencialmente a fortaleza; acodem à Eucaristia, o Sacramento de amor, centro da vida mística, onde o dulcíssimo Salvador se dá a Si mesmo para sustento, vida e esforço da alma, e com a fortaleza que recebem em tão divino alimento, caminham sem repouso noites e dias até o monte santo de Deus (I Re 19, 8). Então vêem por experiência, ao se encontrarem tão reanimadas, que quem dignamente come desse Pão *viverá para sempre*, pois viverá em Jesus e por Jesus, como Jesus vive pelo Pai (Jo 6, 58). Por isso, em todas as suas tribulações e necessidades acodem com tantas ânsias aos sagrados Tabernáculos, como a seu refúgio seguro, porque ali encontram amparo contra os inimigos, alívio em todos os seus males e penas, e coragem e forças para se vencerem a si mesmas, despojarem-se totalmente do homem velho e se vestirem do novo[775].

---

o Senhor, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 17), tenha que sofrer muito, seus sofrimentos, no entanto, por grandes que sejam, trazem-lhe menos penas que consolos".

774 "Não pode acontecer com um cristão coisa mais gloriosa, dizia São Felipe Neri, que padecer por Cristo. A maior tribulação que pode ter, é não padecer tribulações. Pois não há prova mais certa do amor de Deus que as adversidades". "Ó, se conhecessem os mortais que grande coisa é a graça, que linda, que nobre, que preciosa, quantas riquezas esconde em si, quantos tesouros, quanto júbilos e delícias, exclamava Santa Rosa de Lima (*Vida*, Hansen, 1, 18), empregariam sem dúvida toda sua diligência e desvelo em buscar aflições e penas, andariam por todo o mundo em busca de moléstias, enfermidades e tormentos, em vez de aventuras, só para conseguir a conquista admirável da graça. Essa é a mercadoria e a conquista utilíssima da paciência. Ninguém se queixaria da cruz nem dos trabalhos que lhe corresponde, se conhecesse as balanças onde pesam para os repartir entre os homens". Cf. Santa Teresa, *Camino* c. 32; Blósio, *Inst.* c. 8, § 3; Beato Henrique de Suso, *Eterna Sabedoría* c. 19.

775 "A Igreja, diz Bellamy (p. 356), sabe muito bem que sem a Comunhão é impossível conservar indefinidamente a vida sobrenatural, assim como sem o alimento corporal não podemos conservar por

Assim fortalecidas e cheias de confiança, esperam sem vacilação nem temor o único que pode salvá-las, e esperam se for preciso um ano, dois anos, cinco anos, e, às vezes, até vinte anos... E essa *esperança dilatada*, ao ser tão aflita e penosa (Prov 13, 12), não lhes impede de dizer: *Todavia depois das trevas, espero a luz* (Jó 17, 12). E a *luz do entendimento* que, entre as obscuridades da fé, alenta-as e as dirige, vai aumentando em graus seu esplendor, e aquela que antes lhes parecia tão tênue, puramente delicada – à medida que a razão natural se purifica dessas grosserias luzes inferiores –, enche-as de claridade inaudita. Então, visivelmente enriquecidas já com os sublimes dons de sabedoria e entendimento, vêem que as aparentes trevas divinas eram torrentes de luz verdadeira, que deslumbra e ofusca os olhos enfermos, mas que aos sadios parece mil vezes mais clara que a do meio-dia. Vêem que aquele misterioso sussurro que em *silêncio* percebiam era a dulcíssima voz do Amado, que as convidava ao seu trato mais íntimo (Cant 2, 10-14); aquele *sono* confortador era uma sublime realidade, que as enchia de vida, era o descanso da alma nos divinos braços. Vêem que a "noite se ilumina como um dia claríssimo, que as trevas de Deus são como sua própria luz, e nelas há inefáveis delícias" (Sl 138, 11-12). Pois com o auxílio desses dons, através da obscura fé, vão descobrindo o Foco de luz eterna.

---

longo tempo a vida física. Toda vida supõe um alimento regular, não só para sua legítima expansão, mas também para sua simples conservação. Se a do corpo necessita do pão material, a vida divina de nossa alma exige também outro alimento proporcional à sua natureza, isto é, um alimento divino". Por isso, embora o preceito grave da Igreja não ordene mais que a Comunhão pascal, seu ardente desejo, formulado pelo Concílio de Trento (s. 22, c. 6), e ultimamente por Pio X, é que todos os fiéis procurem receber diariamente o Pão eucarístico. "Entre todos os exercícios que se podem fazer, diz Tauler (*Divinas Instituciones* c. 38), nenhum julgo ser tão excelente, tão divino, tão certo e seguro para conseguir o sumo Bem e alcançar a íntima união com Deus, como receber com freqüência e devoto coração o Santíssimo Sacramento... Nem se acha em outra parte graça tão copiosa como aqui, onde os sentidos e potências da alma se recolhem e se unem por virtude e eficácia da presença corporal de Nosso Senhor Jesus Cristo. E especialmente aqueles que são mais inclinados ao exterior e mais fáceis em cair, levantam-se e se reduzem às coisas interiores, livram-se dos impedimentos das temporais; inflamam-se em celestiais desejos e, pela divina morada que Deus neles faz, são fortalecidos para as celestiais; e, finalmente, seu corpo é reparado e renovado por aquele sacratíssimo Corpo. Acrescenta-se que por esse Sacramento somos transformados em Deus" etc.

Assim, ao amanhecer o dia e se mostrar à inteligência a ansiada Estrela a que suspirava, enche-se a alma de uma vida, um ardor, uma alegria e umas delícias tão celestiais que, embora não durassem mais que um momento, só com isso daria por bem empregados os trabalhos sofridos, e vê que todos os prazeres do mundo juntos não são nem sombra, mas vileza e miséria, diante daqueles do céu[776].

Com isso se reanima de novo para padecer e agir, e realizará prodígios de virtudes com energia divina.

776 "Uma alma em seus princípios, quando Deus lhe faz essa mercê, já quase lhe parece não há mais o que desejar, e se dá por bem paga por tudo que serviu" (Santa Teresa, *Vida*, c. 10). "Bem-aventurados trabalhos, que ainda aqui na vida tão abundantemente se *pagam*" (ib. c. 11).

CAPÍTULO IV

PROGRESSOS DA ILUMINAÇÃO E UNIÃO

§ I. – A CONTEMPLAÇÃO E SUAS FASES; ORAÇÃO DE RECOLHIMENTO; ALTERNATIVAS DE LUZ E DE ESCURIDÃO. – PURIFICAÇÃO E UNIÃO DA VONTADE; ORAÇÃO DE QUIETUDE: EFEITOS E AFETOS; LIGADURA DAS POTENCIAS; EMBRIAGUEZ DE AMOR.

Aqueles primeiros raios de luz divina que com um novo e não conhecido esplendor iluminam e deslumbram, inundam por dentro e por fora, cativam, alegram, vivificam e iluminam o entendimento – *recolhendo-o* ainda sem que ele o procure – costumam durar muito pouco; vêm de repente quando menos se espera, e, talvez, em meio da incomparável alegria, desaparecem como por encanto e voltam a deixar a alma em suas tristes trevas... Mas a deixam tão animada, tão mudada, tão rica e tão cheia de vida e energia que, por pouco que se repitam ou se prologuem essas iluminações, produzem como uma renovação prodigiosa.

Isso é o que costuma se chamar *oração de recolhimento*, que é *infusa* e muito superior à *adquirida* por nossos esforços e diligências. A destreza humana não consegue alcançá-la: Deus a dá quando quer e como quer. Mas não por isso devemos deixar de nos dispor para a receber sem resistência, e não endurecer nossos corações para que se deixe ouvir o convite divino. Pois nessa oração a alma progride e se ilumina mais num só momento, que com anos inteiros de sérias e penosas considerações. Tal é *o primeiro grau da contemplação* clara e distinta que costuma vir depois da obscura, confusa e imperceptível do *silêncio* e do primeiro *sono espiritual*, no qual a luz recebida mal se adverte senão pelos salutares efeitos que na alma produz; aqui se produzem de um modo notório – advertindo bem a alma que lhe vêm de Deus – outros efeitos ainda muito melhores.

Enquanto que a *meditação* se emprega no discurso, na *contemplação* não se pensa, nem se compara ou raciocina; por um simples e tranqüilo olhar se vê e se admira tudo subitamente, e com uma claridade e uns efeitos tais, que excedem incomparavelmente tudo que se poderia alcançar à força de discursos[777]. Verdade é que também levam a certa maneira de *contemplação adquirida*, quando, depois de muito considerar por partes um assunto e penetrá-lo bem, fica-se vendo-o inteiramente ao mesmo tempo, com paz e serenidade, apreciando-o assim melhor que se com trabalho fossem se examinando os detalhes. Mas essa contemplação, além de ser pouco duradoura, é muito inferior à notoriamente *infusa*, em que sem esforço nenhum, sem prévia preparação, e mesmo quando menos se pensa e se procura, de repente fica a alma cheia de luzes e de santos afetos[778]. Aqui as potências, que antes estavam inquietas, divagando, sem ser possível recolhê-las, recolhem-se elas

777 "Mediatio, diz São Bernardo, ou quem for o autor do *Scala claustralium*, est studiosa mentis actio occultae veritatis notitiam ductu propriae rationis investigans. *Contemplatio* est *mentis in Deum suspensae elevatio, aeternae dulcedinis gaudia degustans*. Lectio inquirit, meditatio invenit, *contemplatio degustat*, oratio postulat. Dominus dicit: *Quaerite et invenietis; pulsate et aperietur vobis*: hoc est quaerite lectione: pulsate oratione, et *aperietur contemplatione*... – Lectio tam bonis quam malis communis est; contemplatio non, *nisi desuper immitatur*". – Mas, mesmo assim, concede-se aos que devidamente a buscam, e perseveram na oração. Expondo dito Santo o Salmo *In meditatione mea exardescet ignis* (Sl 38, 4), diz que isso se entende *de igne desiderii perveniendi ad contemplationem*.

"O simples pensamento, observa Ricardo de São Vítor (*Beni. maior*, l. 3, c. 1), é sem trabalho e sem fruto; a meditação trabalha com fruto; a contemplação *frutifica sem trabalho*. O pensamento divaga, a meditação investiga, a contemplação admira. O pensamento se alimenta da imaginação, a meditação do discurso, a contemplação da inteligência".

778 "A meditação, diz o Frei João de Jesus Maria (*Escuela de oración* tr. 8, 7), é um discurso do entendimento que vai buscando a verdade. A contemplação é uma vista quieta da verdade encontrada. De maneira que a meditação é como o caminho, a contemplação é como o termo do mesmo caminho. E note-se que o que se disse da meditação, que é caminho para a contemplação, entende-se a todas as partes da oração, que ordinariamente se usam; porque por todas elas se caminha e se busca o termo da contemplação. Isso entenderá bem aquele que, exercitando as supraditas partes da oração, for levantado pelo Senhor à verdadeira contemplação, que não vem por nossas diligências..., mas... por singular graça do Senhor, que suspende a alma quando quer".

"Essa é, acrescenta (*ib.* n. 8), a divina contemplação celebrada pelos santos, à qual aspiram os que exercitam a vida contemplativa".

mesmas suavemente, porque ouvem o doce assovio do amoroso Pastor que as chama e as atrai para confortá-las e iluminá-las[779].

A alma que num princípio costuma se ocupar na *consideração* dos mistérios, diz Santa Maria da Encarnação[780], é elevada por uma atração da graça, de tal modo, que se maravilha de ver que, sem nenhum trabalho, seu entendimento fica engolfado e iluminado nos divinos atributos, onde permanece tão fortemente aderido, que nada há que o separe[781]. Está a alma nessas iluminações sem poder agir por si mesma; mas recebe e experimenta as operações de Deus, enquanto apraz sua bondade agir nela. Depois fica como uma esponja metida nesse grande Oceano[782].

"Quando algum homem bom dado à vida interior, advertia Ruysbroeck[783], recolhe-se interiormente em si mesmo, desocupado, livre e desprendido das coisas terrenas, e tendo o coração reverentemente manifesto pela parte superior à bondade eterna de Deus, aqui se manifesta já o céu oculto, e do semblante da divina caridade nasce ou irradia para esse coração patente uma luz repentina, como um relâmpago, e na mesma luz fala o Espírito do Senhor a esse coração amante, e lhe diz assim: *Eu sou teu, ó homem, e tu és meu; eu habito em ti, e tu vives em mim.* Nesse encontro, pois, de luz e contato ocupa corpo e alma nesse coração elevado tão grande alegria e sabor casto, que não sabe o homem o que lhe acontece ou como pode durar. E isso se chama *júbilo*, que ninguém pode explicar com palavras, e

---

779 "Aqui, diz Santa Teresa (*Mor.* 4, c. 2), não estão as potências *unidas*, a meu parecer, mas *embebidas*, e olhando espantadas o que é aquilo".

780 Cf. *Vie* de *id.*, por Chapot, 4ª p., ch. 4.

781 "Elevationem hanc sequitur in contemplatione mentis *suspensio*: quae nihil aliud est quam quaedam perfectissima ad id quod contemplatur attentio, et rerum omnium inferiorum oblívio" (Alvarez de Paz, 5, 2, 7).

782 Cf. São Francisco de Sales, *Tr. del Amor de Dios* l. 6, c. 7. – O Pe. Tomás de Jesús, num opúsculo recentemente – em 1886 – publicado em Bruxelas, intitulado *La Meilleure Partie, ou la Vie contempl.*, diz que o conhecimento adquirido na meditação é obscuro e pouco eficaz, parecendo como o de coisa *pintada*, que impressiona pouco; enquanto que o da contemplação é *verdade e vida*, e atrai e cativa todos os nossos afetos. A mudança produzida em nossa conduta pela meditação se faz lentamente e passo a passo, enquanto que a contemplação nos faz correr e voar para a perfeição" (p. 24).

783 *La contempl. divina* c. 10.

ninguém, senão o experimentado, conhece. Realiza-se isso no coração que ama a Deus, de um modo patente somente à sua Majestade e encoberto à todas as criaturas. E daqui nasce a alegria ou júbilo, que é cordial amor e chama ardente de devoção com louvor e ação de graças, e com perpétua reverência e veneração a Deus... E nisso consiste o primeiro modo e ínfimo da vida contemplativa em que Deus se manifesta".

Essa luz infusa não é ocasião de vaidade; a alma adverte que não lhe é própria, que não toma parte nenhuma para alcançá-la, e com ela vê a fundo seu própria nada e misérias, ao mesmo tempo que descobre a infinita grandeza, sabedoria, potência e bondade de Deus. Isso é o que tanto a cativa, embeleza, enamora e a faz desfalecer, e ao mesmo tempo a confunde e aniquila, anima e alenta. Contradições! – dirá o incrédulo. Surpreendentes realidades! – diz a alma experimentada[784].

Assim ela prossegue alternando, ora com essas vivíssimas iluminações da mente, em que Deus *cativa* cada vez mais e atrai a Si a *inteligência*, ora com novas desolações, trevas e tempestades, através das quais marcha corajosamente, confortada já com palavras de vida que a animam a chegar o quanto antes ao cume da santidade.

Tanto a luz como a escuridão contribuem para purificá-la e acrisolá-la; essa última, consolidando-a na virtude, ao mesmo tempo que a desnuda de todo afeto terreno; aquela, unindo-a a Deus, revelando para ela suas maravilhas e inflamando-a em seu puríssimo amor. À medida que aumentam a desnudez, pureza, simplicidade e retidão de intenção, vão se fazendo mais freqüentes e duradouras as iluminações com que Deus amorosamente se une *ao entendimento*, e, como senhor absoluto, cativa-o e o atrai por dentro e por fora: por dentro, com essa mesma luz que lhe infunde, confortando-o e movendo-o

784 Aqui é onde, depois de muito suspirar pelo celestial Esposo e correr atrás de sua divina fragrância, começa a alma fiel a exclamar (Ct 1, 3): *Introduziu-me o Rei em suas moradas; saltaremos de alegria e nos regozijaremos com Ele, recordando-nos de suas doçuras e consolos, que são melhores que o vinho. Senhor, todos os bons te amam!*

para que veja a suma Verdade, coisa que não podem fazer as criaturas; por fora, mostrando-se a ele como único objeto capaz de o satisfazer[785].

***

2º GRAU: *Oração de quietude.* – Cativo assim o entendimento, vai ficando cativa também a vontade, e com ela, pouco a pouco, todas as demais potências. Não importa que algumas delas andem às vezes divagando, apesar disso, como inquietas borboletas assustadas com tanta luz, que logo voltam para a flor de toda beleza e único centro aonde encontram perfeito repouso[786].

---

785 "Homo suo discipulo repraesentat aliquas res per signa locutionum: non autem potest *interius illuminare, sicut facit Deus*" (S. Th., 2-2, q. 173, a. 2).
Veja-se também: Santa Teresa, *Moradas,* 4, c. 3. Assim como outras passagens muito interessantes do *Camino de perfección,* c. 28, supra, p. 106.
Veja-se também: Alvarez de Paz, *De Grad. Contempl.* L. 5, p. 3ª, c. 2.
786 "Este é, diz Santa Teresa (*Vida*, c. 14), um recolher-se das potências dentro de si para gozar daquele contentamento com mais gosto; mas não se perdem nem dormem; só a vontade se ocupa de maneira que, sem saber como, cativa-se, sozinha dá consentimento para que a encarcere Deus, como quem bem sabe ser cativo de quem ama. Ó, Jesus e Senhor meu, que nos vale aqui vosso amor; porque esse tem ao nosso tão atado, que não deixa liberdade para amar naquele ponto outra coisa senão a Vós!". Essa oração, acrescenta, "faz crescer as virtudes muito mais, sem comparação, que a passada; porque vai já essa alma elevando-se de suas misérias, e já se lhe dá um pouco de notícia dos gostos da glória... Começa sua Majestade a se comunicar com essa alma, e *quer que sinta ela como se lhe comunica.* Aqui, começa logo chegando a perder a cobiça das coisas daqui, e poucas graças; porque vê claro que... não há riquezas, nem senhorios, nem honras nem deleites que bastem para dar um piscar de olhos desse contentamento... que parece encher o vazio que tínhamos na alma. Dá-se muito íntimo dela essa satisfação, e não sabe por onde nem como lhe veio, nem muitas vezes sabe o que fazer, nem o que querer, nem o que pedir. Tudo parece que acha junto, e não sabe o que achou, nem eu mesmo sei como fazê-lo entender".
"Deu-me um modo de oração – dizia a Venerável Madre Mariana de São José (1568-1638), fundadora das Agostinianas Recoletas (cf. *Vida,* por Muñoz, 1645, l. 1, c. 11) – mais superior, a meu parecer; porque antes fazia algo da minha parte, mas no que agora direi não podia eu fazer nada; porque, pondo-me diante de Cristo Nosso Senhor, achava-O ao meu lado, e dali me levantava a um agradecimento e amor à bondade de Deus Nosso Senhor, que, sem poder sair dali, estava algumas horas sem me cansar.

A vontade em particular ali se fixa, como em um assento, ali *descansa* e encontra todas as suas delícias; porque *repousa* no Sumo Bem, que é o único que a pode saciar[787]. Cada vez que o entendimento se ilumina, ela se inflama com novo fogo que docemente a abrasa e a consome; mas deixando-a com mais forças e ânsias para amar total e verdadeiramente seu único Amor, pois já não vê outro objeto digno. E amando-O mais e mais, ali repousa e descansa, e se derrete e desfaz em amorosos delíquios, e se inflama em novas ânsias de amar cada vez mais e fazer que todos amem a quem tanto nos amou e tanto merece ser amado. E amando assim o Sumo Bem, e a Ele aderindo tão verdadeiramente, faz-se verdadeiramente boa, capaz de realizar todo o bem e rejeitar o mal. O mesmo fogo divino que a purifica, enche-a de uma energia, de uma coragem, de um zelo, de uma integridade a que nada resiste, e que lhe permitirão logo realizar as maiores obras[788].

Esse modo, revelava-me o caminho tão largo, que partindo a alma desse bem se achava tão dilatada e com grande consolo. Isso me fazia entender o demônio que era perder tempo sem proveito; mas como a alma já havia apreciado esse bem, embora não se assegurasse, não podia fugir das mãos do Senhor que com força a levava. – Contudo, como eu era tão ignorante nessas coisas, fazia grande resistência, não sabendo o bem que por aqui perdia".

787 "Quem não possui a Mim, que sou a verdadeira paz, dizia o Senhor à Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 11), por mais bens que possua, não poderá encontrar repouso: só Eu posso encher o coração do homem, porque sou Aquele *que é*, e encho o vazio daquele que *não é*, e tanto mais o encho, quanto maior é esse vazio, e melhor reconhece a criatura seu *nada*".

"Fizeste-nos, Senhor, para Ti, exclamava Santo Agostinho (*Conf.* l. 1, c. 1), e inquieto está nosso coração até que *descanse em Ti*".

788 "Não sei como dissimular a vêemência do amor que sinto para com meu Deus, dizia a Serva de Deus Irmã Barbara (16 de abril de 1872; *Vida* p. 297); eu me sinto abrasar, e sinto minha alma e meu coração tão cheios deste amor, que, se não me segurasse, sairia dando gritos e buscando corações que amem a meu Deus; mas que amem só a Ele, sem mistura de nenhum outro amor; que Lhe dêem todo seu coração e alma, sem reserva nenhuma... Não posso eu explicar a força desse amor: é uma coisa tão vêemente, que me sinto como *louca de amor*. Para O dissimular me faço muito violência, pois algumas vezes me parece querer arrebentar o coração". E estando ela desafogando-se com Deus, dizendo-Lhe "muitas coisas que a alma sabe dizer, mas que a língua não sabe expressar", Ele a respondeu: "*Sim, minha filha; teu coração é meu, e nele encontro descanso*".

Se com a luz do entendimento cresce o fogo da vontade, aderindo essa ao Foco divino, faz que o entendimento se encha por sua vez de novas iluminações, que nascem muito singularmente do mesmo fogo do amor[789]. Mas essas, embora grandíssimas, mal se advertem; porque toda a consciência e todas as forças da alma ficam absortas nesse amor prodigioso que tudo pode e tudo domina e subjuga[790]. Posta em contato e na posse de seu único e pleno Bem, a vontade aprofunda e vai muito mais além que o entendimento; porque esse atrai os objetos a si e busca assimilá-los, enquanto que ela se adere ao objeto em si mesmo, e assim se engolfa mais e mais no mar da infinita Bondade. Daí que alguns místicos afirmem que "se pode amar sem conhecer" (o que outros crêem impossível); mas, na realidade, às vezes se ama tanto que não pode se *advertir* como, porque toda consciência está absorta no amor. E às vezes também se ama por um divino *instinto*; porque o próprio Espírito Santo nos move a amar, sem que mal saibamos porquê nem de que maneira, impelindo-nos Ele e nos dirigindo, *orando* em nós e *por nós com gemidos indescritíveis* (Rom 8, 26). *E aquele que perscruta os corações sabe o que é que deseja o Espírito* (Rom 8, 27). Mas, que homem o poderá explicar?... Quem poderá descobrir as inefáveis delícias que ali goza a alma, os *delíquios*, a doce *embriaguez*, os *sonos* deliciosos, os suaves *toques* divinos, os vivos *transportes*, as mortais ânsias, as doces *feridas de amor*, os suavíssimos *colóquios* e as sábias *loucuras* da caridade divina... quando o próprio entendimento que o presencia, tão absorto, embebido e assombrado está, que mal se dá conta disso nem o pode explicar! Ali é onde permanece a vontade *quieta*, *imóvel*, com um repossuo quase completo, unido à atividade mais surpreendente; pois, descansando, ama com o amor mais inflamado, e amando se desfaz, e desfazendo-se clama para

---

789 *Sem outra luz nem guia – senão a que no coração me ardia* (São João da Cruz, *Noche* canc. 3).

790 "O amor, diz Santo Agostinho (*Manual* c. 18), troca em si todos os afetos e os subjuga e cativa. O amor basta por si só, por si só agrada e por si só, sem outro fim, é buscado. Ele é o mérito e o prêmio... Pelo amor nos unimos com Deus... Pelo amor, no princípio, fazem-se e se tratam bem as coisas boas e honestas deste século; depois, essas mesmas coisas se vêm a desprezar, e, ultimamente, pelo amor se chegam a ver os segredos do próprio Deus".

que todos a ajudem a amar a seu Deus[791]. Ali começa verdadeiramente a dizer com a Esposa (Ct 3, 4): *Achei o amado de minha alma; tenho-o e não o deixarei*[792].

Nessa deliciosa *quietude* permanece longas horas, que lhe parecem muito curtas, e gostaria de ali permanecer sempre dizendo com São Pedro (Mt. 17, 4): *Senhor, bom é estarmos aqui!* Não gostaria nem de se mover, para não perder tal tesouro e gozar eternamente de tão divinas delícias. As potências sensíveis andam, entretanto, não poucas vezes inquietas, em busca de seus particulares objetos; porque não conseguem descobrir esse [objeto] tão espiritual e tão oculto que assim absorve e cativa a vontade. Mas, embora a molestem, não são parte para turbá-la em seu repouso, porque logo se recolhem suavemente, de modo que à elas também alcança o fogo divino[793].

---

791 "Tudo era dizer: Amor, Deus meu, amor! Abrasa-me e fazei que eu te ame! Nessa chama me desfazia... Me acho perdida, como desvalida, porque não sossego se não é em sua Majestade. As flechas me queimavam, mas ao mesmo tempo me eram tão doces e de tanto consolo, que me desfazia em júbilos e gozo... Tinha que sair da cela como fora de mim e andar pelo convento para me refrescar, pois me abrasava. Dizia ao Senhor doces afetos, e desejava dar vozes que amassem a Deus... Não posso viver assim: tudo se me vai em desejos, clamo aos anjos que me dêem o amor que os abrasa. Ando como um passarinho inquieto, cheia de afetos doces e amorosos, sem saber que fazer de mim... estou como aquele que com uma febre se abrasa, sem que veja o fogo que o consome... Quando me verei contigo, Beleza incriada?... Assim fico gozando o que não compreendo, e isso é o que me dá forças para poder padecer... Parece-me que aqui é Deus quem age na alma...; e embora seja saboroso, é tormentoso, e a esperança que se dilata, aflige" (Irmã Mariana de Santo Domingos, *Vida interior*, pelo Pe. Castaño, p. 267-8). Vejam-se outros efeitos análogos na vida de Santa Maria Micaela do Santíssimo Sacramento (*Vida de la V. M. Sacramento*, pelo Pe. Cámara, l. 2, c. 10, 11, 29).

792 "Ó, Deus eterno!, exclama São Francisco de Sales (*Amor de Dios* l. 6, c. 9), quando com vossa doce presença encheis nosso coração de odorosos perfumes... então todas as potências da alma entram em um agradável repouso... E a vontade, como olfato espiritual, está docemente embebida em sentir, sem saber como, o bem incomparável de ter seu Deus presente".

793 "Essa quietude da alma, diz Santa Teresa (*Vida* c. 15), é coisa que se sente muito na satisfação e paz, com grandíssimo contento e sossego das potências, e muito suave deleite. Parece-lhe que não lhe fica o que desejar... Não ousa se mexer ou retorcer, que dentre as mãos lhe parece que há de se ir aquele bem... Não entende a pobrezinha, que pois ela por si mesma não pode nada trazer a si aquele bem, muito menos poderá lhe deter mais do que o Senhor quer. Como a vontade está unida com Deus, não se perde a quietude e o sossego, antes ela pouco a pouco torna a recolher o entendimento e a memória... Vai muito em que a alma que chega aqui conheça a dignidade grande em que está e a

O próprio amado, repetidas vezes, também *as conjura para que não despertem a amada até que ela queira* (Ct 2, 7; 3, 5; 8, 4).

E ela o quererá quando Ele quiser, porque já começa a não ter outro querer que o seu. Assim, de bom grado, violentar-se-á deixando essa deliciosa quietude da contemplação, pela solicitude da ação – que é "deixar a Deus por Deus" – quando a caridade ou a obediência o exigem[794]. Mas de tal modo procurará ir à obra exterior com as mãos, que fique ao mesmo tempo o coração em seu centro, onde está seu único tesouro (Mt 6, 21; Lc. 12, 34), executando *pacientemente* os exercícios da vida ativa, e *desejando* os da vida contemplativa[795].

Embora, com certas intermitências, a *quietude* possa durar dias inteiros, este cativeiro ou *ligadura das potências* costuma ser bastante curto. Mas esses curtos momentos são de tanto valor que, como diz Sauvé[796], "podem

---

grande mercê que lhe faz o Senhor, e como de boa razão não havia de ser da terra; porque já parece que sua bondade a faz vizinha do céu, e se é impedida disso, é por sua culpa. E desventurada será se volta atrás... Essa chamo já verdadeira queda, a que ignora o caminho por onde ganhou tanto bem... O que aviso muito é que não deixe a oração, que ali entenderá o que faz, ganhará arrependimento do Senhor e fortaleza para se levantar; e creia que se dessa se aparta, leva, ao meu parecer, perigo".

794 "Noli nimis insistere osculo contemplationis, quia meliora sunt ubera praedicationis" (São Bernardo, *Serm.* 9 *in Cant.* n. 8; cf. Santa Teresa, *Fundaciones* c. 5-6).

Conforme a isso, costumava dizer São Felipe Neri, que "era melhor obedecer ao sacristão, que estar em seu aposento em oração". Quando há apego aos consolos divinos, adverte o Beato Suso (*Unión* c. 3), deixam-se muito relutantemente, embora a vontade de Deus nos chame a outra coisa. Mas quem não sabe deixar Deus por Deus, será deixado por Ele. "Uma vez – prossegue – me neguei confessar a um pobre aflito que se dirigia a mim. Mas apenas respondi ao porteiro que me chamava: "Diga-lhe que vá com outro, que eu agora não lhe posso ouvir", desapareceu de repente a doçura da graça divina que estava gozando, e ficou meu coração duro como uma pedra. Espantado, perguntei a Deus qual a causa, e interiormente me respondeu: "Assim como tu abandonas e mandas sem consolo a este pobre aflito, assim te abandonei neste instante, tirando-te a doçura da minha graça e o gozo da minha consolação". Passei em seguida a chorar e me golpear no peito, e fui correndo à portaria para chamar a pessoa que ia embora. Depois de a ter confessado e consolado, voltei à minha cela para meditar, e Deus, que é a própria bondade, quis me devolver o gozo que eu, por minha falta de complacência e abnegação, tinha perdido. Verdade é que esse gozo se compra com muitas cruzes; mas essas, quando Deus é servido, acabam-se, e o gozo fica profunda e quase inalteravelmente".

795 Vide La Figuera, *Suma espiritual* tr. 3, diál. 4, n. 13.

796 *Etâts myst.* p. 73.

transformar o resto da vida". Assim, quando chegar a hora de despertar desse dulcíssimo *sono*, desses celestiais *delírios* – que será quando o dever ou a caridade a chamem para outras ocupações –, aquela que exteriormente (e às vezes também interiormente) parecia talvez que estava adormecida ou perdendo o tempo, sai tão fortalecida e tão cheia dos ardores divinos que ali a abrasaram, que não há dificuldade nem trabalho que a acovarde; parece capaz de abrasar um mundo com o incêndio que em si leva.

Aqui se espanta e se lamenta de que haja quem se ocupe de outra coisa senão de amar o sumo Bem, e que busque fora d'Ele uma felicidade enganosa, enquanto ela, tão indigna como se crê, só pode pensar em agradá-Lo. Com isso, inflama-se nos mais vivos desejos da glória divina e em zelo pela salvação das almas, e em especial daquelas que lhe estão mais próximas[797].

Tal é o *segundo grau de união*; tal a *oração* chamada de *quietude*, durante a qual *une Deus consigo a vontade*, cativando-a não só por fora, como a cativam às vezes os objetos criados, mas também por dentro, como Senhor e Criador que a vivifica, move, fortalece e a inflama em santos desejos. Pois a vontade não só é atraída e como que acorrentada pelo objeto que agora se lhe propõe – e que, como infinito em bondade e beleza, enamora-a, embeleza-a e a cativa –, mas é movida também por dentro, ficando cheia e inflamada da caridade que ali difunde o Espírito Santo, que nela mora como princípio vivificador.

Assim é como se desfaz toda em amor, e repousa no sumo Bem com prazer inefável[798].

---

797 "Como me dá pena, exclamava a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos (fev. de 1903), que haja tanta gente que busque sua felicidade fora de Deus! Aqui ressalta *o gosto estranho que Ele tem às vezes em escolher...*". "O unir-se a Nosso Senhor, acrescentava (abril. de 1903), longe de separar, une ainda mais os que se amam verdadeiramente".

798 Santa Rosa de Lima (*Vida*, por Hansen, l. 1, c. 15) dizia que já desde a infância todas as suas potências, espontaneamente e com muita suavidade, iam-se para Deus como para seu centro, e que era tão imensa a bondade que encontravam, que uma só gota daquela doçura lhe parecia bastante para tirar toda a amargura do Oceano.

"Estando a alma assim unida a Deus, como no centro de seu repouso e de sua felicidade, diz Santa Maria da Encarnação[799], atrai facilmente todas as suas potências para fazê-las descansar na união de seu Amado. Daqui passa muito prontamente para um *silêncio*, em que já não fala nem mesmo com quem a tem cativa, porque Ele não lhe dá a permissão nem o poder. Logo, com muita suavidade e doçura, *adormece* no seu seio. Mas suas aspirações nem por isso se acalmam; antes, enquanto todo o demais repousa, elas se fortificam e inflamam no coração um fogo que parece que vai consumi-la. Em seguida, entra na inação e fica como desfalecida n'Aquele que a possui. O conjunto desses estados da oração de *quietude* não é nos princípios tão permanente, que a alma não mude às vezes para voltar aos mistérios do Filho de Deus, ou aos atributos divinos. Mas, por mais que retorne, suas operações são já muito mais elevadas que antes, pois as comunicações divinas que experimentou em sua quietude, puseram-na numa grande predileção com Deus, sem trabalho, sem esforços, sem estudo, sob o impulso de seu divino Espírito. Se ela é fiel na prática das virtudes que Deus exige dela, passará adiante e entrará no mais íntimo comércio com o divino Esposo".

Essa maneira de oração dura já muito mais e se repete com menores intervalos que a de simples *recolhimento*. Pois embora em seu mais alto grau seja relativamente breve, continua com menos intensidade mesmo no meio das ocupações, permanecendo assim a alma unida a Deus e como engolfada n'Ele – vivendo como alheia ao que acontece ao seu redor – durante vários dias. Mas não por isso chega a ser totalmente contínua: ainda são necessárias muitas alternâncias de luz e escuridão, de tempestade e de calma. Ao cessar essa, vendo a alma o que perdeu, que tão por experiência já conhece, busca-o de novo com mortais ânsias por todas as partes e com todos os meios possíveis, e muito particularmente com o mais fiel cumprimento de todos os seus deveres, e examinando os mais íntimos rincões de sua consciência para ver se encontra ali algo que desagrade o seu Amor e tenha sido causa

---

799 L.c.

desse desamparo[800]. Clama sem cessar por Aquele que é seu único Bem, e pergunta a todas as suas potências se têm notícia d'Ele[801]. E sai pelas "ruas e praças", isto é, para se exercitar em devotas práticas, nas obras de piedade e caridade, ou nas considerações e santos afetos, onde costuma encontrá-Lo, e pede a todos os seus amigos e aos "guardas da cidade", ao anjo da guarda, aos santos de sua devoção e ao diretor, confidente de seus segredos, que lhe ajudem a buscá-Lo. "Porventura vistes, diz a eles, o Amado de minha alma?... Busco-O e não O encontro... Se por fortuna O encontrardes, dizei a Ele que desfaleço de amor" (Ct 3, 2-3; 5, 8). Então exclama: Quem me dera, Amado meu, encontrar-te eu sozinho e te entregar meu coração, e te estreitar com toda minha alma! Ó, quando poderei descansar em teu seio? Quando terei a dita de te ver em meu coração, embriagando-o com

---

800 "Recedente sponso, id est, dulcissimae contemplationis gratia cessante, sponsa revocat abeuntem, et post eum magnis ardentissimorum desideriorum vocibus reditum postulare non cessat...: "*Revertere, revertere, dilecte mi*" (Ct 2). "Haec vox continua esse non desinit, cum affectus desiderii continuus semper existat... Ideo Sponsus se subtrahit, ut recedens avidius vocetur, et rediens fortius teneatur: ideo aliquando simulat se longius ire, non ut habeat, sed ut audiat: *Mane nobiscum, Domine*" (São Bernardo, *Serm.* 74 *in Cant.*).

801 "Quanto te vejas, minha filha, nesses desamparos, dizia Nosso Senhor à Irmã Mariana de Santo Domingos (*Vida* p. 305), olha se tua vontade ama ou se compraz em outra coisa que não seja Eu e, vendo que não, tenha por certo que estou nela... Sou Pai amoroso, e assim, vendo-te aflita, manifesto-me, como faz um pai que tem um filho muito querido, que se esconde para ver se o busca, para experimentar seu amor, e vendo a ânsia com que ele o busca, manifesta-se a ele e o consola. Eu assim faço contigo; tu és minha filha querida, a quem amo ternamente; tu és minha, e para ter em ti descanso te escolhi. Corresponde às minhas finezas, afastando-te do amor das criaturas!".

"A pena de te ver apartada de Mim é o melhor caminho para chegar a Mim, se te mortificas e resignas fazendo doação de tua vontade à Minha para sofrer aquela ausência... Algumas vezes me ausento de tua alma sem culpa dela, para provar tua humildade, paciência e resignação... Outras vezes me ausento de ti por alguns descuidos e faltas, que não é possível menos por vossa fraqueza, que conheço quão quebradiça é e de barro, e assim não me espanto, e em tal caso, deves advertir por uma parte, para teres contrição por tal culpa, e por outra parte aceitar e sofrer a pena dela, que é minha ausência; a qual em sofrê-la e querê-la não mereces menos, ao seu modo, que odiar a culpa. De modo que à culpa deves acudir com um ato de contrição, e à pena com um ato de amor. Ó, se fizesses isso, como crescerias na perfeição e como gozarias de uma paz contínua!" (*Espinas del alma* diál. 4).

tua doçura, para esquecer-me de todos os meus males e só pensar em Ti, e abraçar-te como ao único Bem meu?[802]

Mas em seguida, quando menos pensa, volta a encontrá-Lo mais amoroso que nunca, prodigalizando-Lhe mil carícias de requintada fineza[803]. Ela O vê ao fim não já junto dela – como ordinariamente acontece nesse modo de oração –, mas dentro dela mesma, sentado em seu coração como em um trono florido, pois ali entrou sem chamar nem ser notado, como Senhor absoluto dela[804]. No entanto, embora ela O veja *presente*, não costuma ainda *O sentir* tão *unido* que se tenha feito como uma só coisa com ela. Outras vezes se mostra a ela por um só instante, num raio de luz de recolhimento, para lhe infundir novas ânsias e novos desejos de agradá-Lo; mostra-se a ela fazendo-lhe sentir sua doce presença e, sem se deixar ver, em seguida se lhe esconde para ficar observando-a como através de treliças e ver como O busca e com que fidelidade O serve[805]. Às vezes lhe faz *sentir* seu divino *contato*,

---

802 "Quis mihi dabit ut venias in cor meum, et inebries illud, ut obliviscar mala, et unum bonum amplectar te" (S. Agostinho, *Conf.* 1, c. 5).

803 "O quam bonus et suavis est, Domine, spiritus tuus" (Sab 12, 1).

804 A Serva de Deus Irmã Bárbara viu um dia (cf. carta de 21 de agosto de 1871; *Vida* p. 240), que o Senhor lhe mostrava seu divino Coração ardendo como um incêndio de amor, e que a unia e a estreitava fortemente com Ele. "Ao mesmo tempo, diz ela, eu sentia um *descanso* muito *grande* em minha alma e uma união tão íntima, que parecia uma mesma coisa com Deus. Parece que não tenho mais querer ou não querer senão aquele do meu Deus. Não posso explicar o descanso que sentia em minha alma enquanto durava isso. Não se pode comparar com nada; basta dizer que *sentia meu Deus em minha alma*, e que parecia que minha alma estava *descansando em seu divino Coração*, e que o próprio Deus a estreitava, unia e introduzia em seu Coração divino... Quando se manifesta a mim assim meu Deus, é no interior de minha alma, o que *vejo* é com os *olhos da alma*, e o que me diz é de um modo tão certo, que, embora quisesse, não posso me desentender". Por então, essa Serva de Deus se achava já *habitualmente* em outro grau de oração muito mais elevado; e assim é como fala dessa *união tão íntima*. "Um dia desses, escreve (25 de novembro de 1871; *Vida* p. 265-6), dizia-me meu Deus no interior de minha alma: *Filha, descansa em meu Coração, e Eu descansarei no teu*". Outra vez lhe acrescentou: "Aqui tens todo teu descanso; entra nessa fonte dulcíssima e perde-te ali dentro, para que jamais voltes a sair: goza, descansa, recreia-te nesse abismo de doçura, que nisso tenho minhas delícias".

805 "En ipse stat post parietem nostrum, respiciens per fenestrae, prospiciens pes cancellos" (Ct. 2, 9). "Não acabo de me mostrar a eles, para que andem à minha busca e não saibam se apartar de mim. Por isso me chamou Jó de *Palavra escondida*; palavra, porque me declaro a eles, e escondida,

e ela então desfalece de amor e de gozo; "suas entranhas se estremecem" de pura alegria (Ct 5, 4), mas então se encontra de novo sozinha... Então vai buscá-Lo por todos os meios possíveis, então canta a sublime canção[806]:

Aonde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como cervo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí atrás de Ti clamando, mas já tinhas ido...

Ó, bosques e espessuras,
Plantadas pela mão do Amado.
Ó, prados de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei se por vós Ele passou.

Recorre à leitura, à meditação, à oração de *afetos* e *súplicas* ou à contemplação das maravilhas; a todas as criaturas pergunta por seu Amado, e de todas lhe parece ouvir essa dolorosa reposta: *Onde está teu Deus?...* Mas a cada vez que ouve seu nome melífluo, ou O vê resplandecer em suas obras, sente-se irresistivelmente atraída por Ele, e corre atrás de sua fragrância. Sabe que apascenta entre os lírios e açucenas[807], e que é como uma "bolsinha de mirra", e quer encontrá-Lo assim em seu próprio coração, aumentado

porque não acabo de me mostrar a eles... À minha esposa vejo por fendas e portões, porque em parte me mostro a ela e em parte não, a fim de que persevere mais comigo e cresça sua sede e fome de mim, e eu a dê mais fartura..., pois sempre restam infinito manjar e infinito ser e majestade para [ela] entender" (*Espinas del alma* diál. 4, n. 31).

806 São João da Cruz, *Cânt. espir.* 1-4.

807 São João da Cruz, explicando em seu *Cântico espiritual* (17), aquele verso: *E o Amado pascentará entre as flores*, adverte "que o que alimenta é a própria alma transformando-a em Si, estando ela já..., temperada com as flores de virtudes, dons e perfeições".

com grandes privações e mortificações seu candor e pureza[808]. Mas às vezes as comunicações são tais que já não pode a alma resistir a tanto gozo, e tendo-se por indigna, vê-se obrigada a dizer com São Pedro: *Afasta-te, Senhor, de mim, que sou um pobre pecador*. Faz estas mercês a outros em quem frutifiquem mais tuas graças; ou se não, amplia e purifica meu coração para que possa recebê-las e me aproveitar delas. Entrementes, retira-te de mim, e deixa-me sofrer sozinha por teu amor: *Fuge, Dilecte mi*... (Ct 8, 14). E então é quando Ele mais plenamente se comunica a ela e a enriquece, para voltar novamente a abandoná-la quando ela menos pensa. Deste modo, a fiel esposa languidesce e desfalece de puro amor; e procura sustentar-se com flores de virtudes e frutos de boas obras, para comprazer ao Esposo divino e poder repousar em seus amorosos braços (Ct 2, 5-6)[809].

---

808 "Dificilmente haverá virtude, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 9, conf. 8), mas desinteresseira que a pureza. Despreza-a o mundo, e Deus não lhe reserva aparentemente senão provações. Exteriormente parece que não atrai mais que lutas, e interiormente é preciso que aceite todo tipo de securas. Não conhecem os caminhos da vida interior quem pensa que as virgens seguem o Esposo unicamente por causa do mel que seus divinos lábios destilam. A todas as demais almas reunidas não faz sentir tantas amarguras como a elas. Vigia ciumentamente suas mais leves infidelidades, e busca apagar suas mais leves manchas com um cuidado, que deixa ver à que altura de perfeição quer elevá-las. E não obstante, persistem em seguir as pegadas d'Aquele que se oculta a elas quase sempre. Sabem que Ele ama essa virtude acima de tudo, e isso lhes basta..., ainda que quando queiram estreitá-Lo entre seus braços, afasta-se delas dizendo: *Não me toqueis*" (Jo 20, 17)".

"Muitos se aproximam de Nosso Senhor, observa São Francisco de Sales (*Amor de Dios* l. 7, c. 3): uns para ouvi-lo como Madalena; outros para serem curados, como aquela que padecia do fluxo de sangue; outros para adorá-lo, como os Magos; outros para servi-lo, como Marta; outros para vencerem sua incredulidade, como São Tomé; outros para ungi-lo, como Madalena, José e Nicodemos; mas sua divina Sulamita o busca para encontrá-lo, e encontrando-o não quer outra coisa senão tê-lo bem apertado, e tendo-o assim, não soltá-lo jamais: *Eu o tenho* (Ct 3, 4), *e não o deixarei*. Jacó, diz São Bernardo (*Serm.* 79 *in Cant.* 4), tendo a Deus bem apertado, de bom grado o deixava contanto que o abençoasse (Gen 32, 25). Mas a Sulamita, por mais bênçãos que d'Ele receba, não o deixará; pois não quer as bênçãos de Deus, mas o Deus das bênçãos, dizendo com Davi (Sl 72, 25): *O que há para mim no céu, e que desejo de Vós sobre a terra, senão a Vós mesmo, que sois o Deus do meu coração?*".

809 "Sinto em meu coração, dizia a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (julho de 1871; *Vida* p. 233-4), um ardor, ou melhor, um fogo que me abrasa; que se estende por todo meu interior, em particular pelo peito, e vai até as mãos... No meio disso, sinto como umas ânsias veementíssimas de amar muito meu Deus... Quando estou assim não posso me ocupar de nada mais

Assim brinca Nosso Senhor com as almas amantes para mais inflamá-las em seu santo amor e acabar de purificá-las de todas as suas imperfeições[810]. Para o mundo isso é um desatino; mas os experimentados conhecem muito bem o proveito que disso se tira[811]. Algumas vezes, como enfermos, são radicalmente curados nessas consoladoras visitas do Médico celestial; outras, como enamorados da divina Sabedoria, recebem sua luz e regalo com todos os frutos que consigo traz seu Espírito boníssimo e suavíssimo (Sab 12, 1). E nas suas próprias reiteradas ausências, mostram sua fidelidade, consolidam sua firmeza e se inflamam em novo amor e em mais vivos desejos[812].

Quando nessas visitas o divino Consolador influi com intensidade, a alma não pode menos que reconhecê-Lo em seguida. Mas, às vezes, as comunicações desses dois primeiros graus de oração sobrenatural costumam

---

senão em pensar em meu Deus... Algumas me dizem que a cada dia estou mais tonta... Leio com a boca, mas meu coração, minha alma e eu inteiramente não posso me ocupar de outra coisa, senão n'Aquele que amo, em Deus. Ele é todo meu centro, todo meu descanso, toda minha glória, meu tudo... e, fora de Deus, é como se nada existisse; tudo me aborrece. O trato com as criaturas e todo este mundo é um martírio para mim".

Veja-se também: São Lourenço Justiniano, *De Disc. Monast.* c. 8; Santa Teresa, *Camino* c. 31.

810 "Há um jogo que Deus tem às vezes na alma e com a alma, diz Santa Ângela de Foligno (c. 56); e é o de retirar-se quando ela o quer reter. Mas o gozo e a segurança que deixa ao se retirar, dizem à alma: *Certamente era Ele.* Ó, que vista e que sentimento! Não me peças explicação nem analogia, porque não existem".

811 "A divina Sabedoria, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 2), não pode ser compreendida senão por aqueles que se tornaram insensatos aos olhos do mundo..., nem pode ser experimentada senão porque aqueles que não conhecem ou rejeitam essa sabedoria terrena, essa prudência da carne, inimiga de Deus... Ó, Sabedoria, que efeitos causais em nós, que nos parecem tão contraditórios à primeira vista! Não se creria que ainda brincais com as almas que vos são muito amadas, como fazíeis no princípio do mundo, *ludes in orbe terrarum*? Elevais a alma, e a precipitais no abismo. Edificais com uma mão e destruir com a outra. Fazeis ao mesmo tempo gemer e cantar, vigiar e dormir, andar e repousar. Ó Sabedoria, que encerrais todos os tesouros! Só podem vos possuir aqueles não vos têm por loucura".

812 "Recedit, diz o autor da *Scala Claustralium*, ut absens vehementius desideretur, desideratur avidius quaeratur, sic quaesitus gratius inveniatur: recedit etiam ne exilium pro patria reputemus. Attende tamen, quaeso, sponsa, Sponsum tuum esse nimis delicatum ac zelotypum, qui si te ad alium amatorem, idest, ad aliud praesentis vitae solatium inclinari senserit, recedens a te, aliam quaeret sponsam".

ser muito leves, e dão origem a sérias dúvidas, sobretudo em pessoas ainda pouco experimentadas ou não bem-dispostas. E como, por outra parte, há algumas que, ainda vivendo sem mortificações, cheias de amor-próprio e de apegos mundanos, por qualquer afeto ou consolo interior que em sua oração sintam, crêem que estão elevadas já à *quietude*, convém distinguir bem os afetos e efeitos *ordinários* – que costumam ter ainda muito de *natural* – dos *extraordinários*, que chamamos "sobrenaturais" ou *místicos*; a fim de nunca resistir com nossas iniciativas, ocupações ou orações voluntarias à moções verdadeiramente divinas, mas secundá-las e nos deixar levar por estas; e rejeitar em seguida todos aqueles sentimentos regalados que têm vestígios de serem ilusórios e que só nos serviriam para perder o tempo – e talvez prejudicar a saúde – num "abobamento" vão, ou para nos encher de tola presunção[813]. As almas fiéis, quando recebem a visita do Senhor, buscam muito verdadeiramente servi-Lo, seguir suas insinuações e agradecê-Lo a mercê sem apego a ela; e ao ver que lhes são retiradas, resignam-se a buscá-Lo com mais cuidado e por todos os meios possíveis, e a servi-Lo em sua ausência com maior desinteresse e fidelidade[814]. A verdade das comu-

---

813 Entre as muitas pessoas respeitáveis e espirituais que acudiam em Valladolid para consultar a Ven. Madre Micaela Aguirre, O.P., apresentou-se uma senhora tão mundana como devota, luzindo umas ricas luvas, e dizendo que sua oração lhe parecia ser de *união ou quietude*... A Venerável, cheia como estava do Espírito de discrição, deu-lhe essa breve resposta: *Oração de quietude e luvas de âmbar? Tira, tira!...*

814 "Quando Deus não fala, diz Santo Afonso Maria de Ligório (*Hom. apost.* app. 1, n. 7) – de acordo com o Pe. Segneri –, deve a alma apelar a todos os meios possíveis para se unir com Ele: às meditações, quando são necessárias ou aos afetos, súplicas e resoluções, contanto que esses atos se produzam sem violência; pois deve se contentar com aqueles a que se sente suavemente inclinada". Ao contrário, quando Ele se digna falar, deve ser escutado com toda atenção e em profundo silêncio: *Ouvirei*, dizia o Salmista (84, 9), *o que fala em mim o Senhor meu Deus; porque falará palavras de paz*. No entanto, há pessoas, adverte Santa Teresa (*Camino* c. 31), que está o Senhor suavizando e dando-lhes inspirações santas..., e pondo-as em oração de quietude, e elas se fazendo surdas; porque são tão amigas do falar e do dizer muitas orações vocais muito depressa, como quem quer acabar sua tarefa..., que, embora o Senhor ponha seu reino em suas mãos, não o admitem, mas elas com seu rezar pensam que fazem melhor e se divertem. Isso não façais, irmãs, mas ficais de sobreaviso, quando o Senhor vos fizer essa mercê; olhai que perdeis um grande tesouro... Se vê que pondo o

nicações divinas se mostra no amor desinteressado, e em abraçar a cruz tão verdadeiramente, que se sintam muito vivamente seus salutares e deliciosos influxos[815].

São Lourenço Justiniano[816] dá os seguintes sinais para distinguir a verdadeira contemplação e a quietude divina: "Ser prudentes na conduta e guardar com grande vigilância o espírito, saber recolher o pensamento, propor-se em todas as ações uma intenção reta, aplicar-se aos estudos espirituais, desejar a presença de Deus, amá-lo com um amor pleno e humilde, comprazer-se mais que qualquer coisa no seu trato, andar inflamados no amor dos bens celestiais, e gozar de uma paz profunda"[817].

"A natureza, observa Tauler[818], é instável nas boas obras; a graça, tanto na adversidade como na prosperidade, persevera constante. A natureza se deleita em si mesma nas novidades do mundo, em passatempos e nas criaturas perecíveis; a graça não se compraz nem em si mesmo nem nas criaturas, mas

reino do céu em sua casa retornais à terra, não só não vos mostrará os segredos que há no seu reino, mas serão poucas vezes que vos fará esse favor, e por breve espaço".

Dessas almas, o próprio Senhor se queixava amorosamente à Santa Catarina de Sena (*Diál.* tr. 2, c. 66), dizendo-lhe: "Quando se põem a rezar suas devoções não as querem abandonar nem suspender embora Eu as visite com minha graça. Mas devem evitar esse engano do inimigo, e assim, tão logo a sintam, procurem segui-la e não a impedir com orações voluntarias. Essas serão terminadas depois, se tiverem tempo, e se não, não se inquietem; pois aqueles que só pretendem proferir muitas palavras, poucos frutos tiram" (cf. Molina, *De la oración* tr. 2, c. 6, §).

815 Desejar sinceramente sofrer trabalhos por Deus, a perfeita conformidade nas cruzes que Ele nos envia, a constante abnegação, o aniquilamento e esquecimento de si mesmos, com um total abandono nas mãos divinas; eis aqui o que nos indica estarmos animados pelos sentimentos de Jesus Cristo e nos permite receber suas luzes e nos abrasar num amor forte, puro e desinteressado. Eis aqui o sinal inequívoco da presença do divino Espírito. Cf. Santa Ângela de Foligno, c. 29.

816 *Vita solit.* c. 1.

817 "Esta condição têm os benefícios que descem do Pai das luzes, dizia a Virgem à Ven. Madre Maria de Agreda (*Mist. Ciud.* 1ª p., l. 1, c. 20), que asseguram humilhando, e humilham sem desconfiança; dão confiança com solicitude e desvelo, e solicitude com sossego e paz, para que esses efeitos não impeçam no cumprimento da vontade divina... Busca deixar... o temor excessivo; e deixa a tua causa ao Senhor, e a sua toma como tua própria. Teme até que sejas purificada e limpa de tuas culpas e ignorância, e ama o Senhor até que sejas transformada n'Ele, e em tudo o faças dono e árbitro de tuas ações, sem que tu o sejas de nenhuma delas".

818 *Instit.* c. 4.

só em Deus e na santidade de vida. A graça faz o homem humilde, sofrido e justo, sem que ele o saiba e entenda; a natureza deseja se inteirar curiosamente de tudo, e gostaria de estar sempre em gosto interior e consolos... A natureza em todas as coisas diz: *Eu, a mim, para mim, meu,* voluntária ou forçosamente busca-se a si mesma e persevera na falta de mortificação; mas Deus e sua graça sempre excluem esse *eu, a mim, para mim, e meu*[819]; de onde nasce que o homem em todas as coisas esteja firme, em humilde resignação e mortificação... Assim, toda a vida espiritual consiste em saber distinguir as obras da natureza daquelas da graça".

Só assim poderemos *nos renovar no Espírito de nossa mente, despojando-nos do homem velho, com todos os seus atos, para nos revestir do novo, criado em verdadeira santidade e justiça.*

"Por pouco que Deus se apodere de uma alma, diz Santa Catarina de Gênova[820], Ele a tem tão absorta na contemplação de sua Majestade, que todo o demais já não é nada aos seus olhos. Nesse estado, a alma perde toda propriedade; já não vê nem fala de si mesma; já não conhece nem as perdas que teve nem as penas que está sofrendo enquanto lhe são *próprias*".

---

819 Esse sutilíssimo *egoísmo* se oculta ademais muitas vezes no enfático *nosso ou nós*; já que a pessoa não se atreve a se louvar expressamente e se preferir aos demais, louva e prefere suas coisas pelo que têm de *suas*. Pondera sua pátria, ou sua própria família, sua classe, sua corporação ou congregação religiosa; aparentemente pelo muito que lhes deve e que merecem, mas *na realidade*, porque *nesse grupo está ele mesmo incluído*, e nesse modesto *nós* se esconde e disfarça comodamente o malicioso EU, que busca aparecer de um modo ou de outro. Os verdadeiros religiosos *santos*, por muito que amassem, como deviam, suas respectivas ordens, nunca buscaram preferi-las às outras que, merecendo igual aprovação da Igreja, são também *jardins de delícias do Senhor.*

820 *Purgatorio* c. 17.

§ II. – A ORAÇÃO DE UNIÃO. – SUAS CONDIÇÕES; FENÔMENOS QUE A ACOMPANHAM; AFETOS E EFEITOS; O VIVER EM CRISTO E O AGIR DIVINO; AMOR FORTE, EFICAZ E DESINTERESSADO; A VERDADE DIVINA E OS ENGANOS HUMANOS. – A POSSE DE DEUS E AS ÂNSIAS DE PADECER OU MORRER; PRECIOSIDADE DESTA MORTE. – A UNIÃO INCOMPLETA E A EXTÁTICA: FRUTOS DESTA. – ASSOCIAÇÃO DA VIDA ATIVA E A CONTEMPLATIVA: SEGURANÇAS NA VERDADEIRA UNIÃO.

Empregando a alma todas as suas potências em buscar o Amado, não querendo já descansar senão n'Ele – sem nenhum apego a nada, nem mesmo aos seus próprios dons –, purifica-se e se esvazia o quanto pode de todos os outros objetos, para que, não buscando outro descanso, vá só atrás d'Ele, e possa descobrir suas pegadas, sentir sua fragrância e ser capaz de achá-lo. Por experiência conhece já que *seu bem consiste em aderir a Deus e por n'Ele toda sua esperança*; e fora d'Ele nada quer e nada pede; pois *nada acha no céu e na terra* que a possa satisfazer e encher (Sl 72, 25-28). E alentada com a esperança, e segura pelas divinas promessas, suspirando incessantemente por Ele, de todo coração lhe diz e repete (Ct 1, 3): *Atrai-me até ti, para que possa correr ao perfume de teus aromas*. Quanto mais tarda em O encontrar, tanto mais se inflama em desejos de O ver, e com tanto mais ardor e amor, pureza e retidão O busca, até que por fim com *todas as potências* juntas O encontra, e todas elas ficam assim *cativas* de sua beleza, de sua bondade e seu amor, e alcança *ser introduzida em sua câmara régia*, ou na mística *adega*, que é o *terceiro grau da contemplação*. Aqui a alma em todas as suas potências, e mesmo no próprio corpo, sente-se *desfalecer* e como que se derrete diante do *Deus de seu coração, que é sua única herança para sempre* (Sl 72, 26). A vontade adere a Ele com mais energia que nunca; e a ela se associam já firmemente todas as suas companheiras, ou seja, as demais faculdades. E Ele *se apodera já de todas elas*, como único dono, invade-as e as cativa por dentro ainda mais que por fora, e as inundando em suas divinas delícias, *une-as* para sempre a Si com os fortíssimos laços da caridade. – A alma *possui* já plenamente seu Deus, pelo motivo mesmo que é por Ele assim *possuída*;

e com grande verdade pode dizer: *Meu Amado é para mim, e eu para meu Amado, que apascenta entre as açucenas* (Ct 2, 16)[821].

Essa é já uma *união* quase *plena* e perfeita das potências com Deus; é o grau que se chama simplesmente de *união*; porque *todas as energias* da alma parecem ficar já firmemente unidas a Ele, desprendidas de todo o demais, e por Ele *possuídas* de modo que não se empreguem em outra coisa senão em agradar seu único Dono, com o qual, por amor, fizeram-se já uma mesma coisa[822]. As delícias que aí sente a alma diante do toque divino; seus

---

821 "A alma cujo bem está em aderir a Deus, não se glorie de estar perfeitamente unida a Ele, diz São Bernardo, enquanto não *sinta* que Ele permanece nela, e ela n'Ele. Não por isso será uma coisa com Ele, como o Pai e o Filho são; por mais que aquele que aderir a Deus será um espírito com Ele (I Cor 6, 17). Eu, pó e cinzas, atrever-me-ei a dizer que sou um só espírito com Deus, se por sinais certos conheço que estou aderido a Ele... E quem é aquele que perfeitamente adere a Deus senão aquele que, permanecendo em Deus, porque por Ele é amado, a Ele atrai por sua vez com um amor recíproco? Se tão intimamente aderidos estão com os laços de um mútuo amor profundo, não há dúvida que Deus permanece no homem, e homem em Deus: *Quis est perfecte adhaerent Deo, nisi qui in Deo manens, tanquam dilectus a Deo, Deum nihilominus in se traxit vicissim diligendo? Ergo cum undique inhaerent sibi homo et Deus, inhaerent autem undique intima mutuaque dilectione, inviscerati alterutrum sibi, per hoc Deum in homine, et hominem in Deo esse haud dubie dixerim*" (São Bernardo, *Serm.* 71 *in Cant.* n. 6-10).

A verdadeira união com Cristo e as loucuras de amor. – "Quando é *união de todas as potências* (união extática), adverte Santa Teresa em sua segunda *Relação* ao Pe. Rodrigo, é muito diferente; porque nenhuma coisa pode fazer. Porque o entendimento está como espantado, a vontade ama mais que entende; mas nem entende se ama, nem o que faz, de modo que o possa dizer. A memória, ao meu parecer, que não há nenhuma, nem pensamento, nem mesmo por então estão os sentidos despertos, mas como quem os perdeu, para mais empregar a alma no que desfruta".

Veja-se também: Santa Teresa, *Vida* c. 16-17; Venerável Pe. Gracián, *Itin.* c. 11, § 2; Alvarez de Paz, *De grad. contempl.* 5, p. 3ª., c. 5.

822 "Nos graus precedentes, escreve Santo Tomás – ou quem for o autor de um opúsculo a ele atribuído –, a alma ama e é reciprocamente amada; busca, e é buscada; chama, e é chamada. Mas aqui, por um modo admirável e indizível, arrebata e é arrebata; possui, e é possuída; abrasa, e é fortemente abrasada, e com o laço do amor fica unida sozinha com Deus" (Santo Tomás, *Opusc.* 61, 1ª p., c. 27: *De 10 grad. amoris sec. Bern.* 8º).

"À palavra interior (do recolhimento e a quietude), dizia a Serva de Deus Irmã Benigna Consolata (Visitandina morta em odor de santidade, em Como, em 1916), sucedeu um estado de *união* mais íntima com Deus. Antes eu estava como uma criança a quem sua mãe fala tendo-a nos braços, enquanto que agora me sinto estreitada ao Coração de Jesus, e nesse abraço o amor diz muito. Vejo que a alma... se alimenta de Deus...".

delíquios, seus êxtases, suas ânsias por uma união cada vez mais íntima, seus ardentes ímpetos, seus raptos, os vôos do espírito, com as grandes feridas de amor que se produzem nela, seus amorosos colóquios, e as requintadas finezas com que o Amado lhe corresponde e – ao serem tão excessivas – a confunde; tudo isso são coisas para se sentir e desejar, e não para serem alardeadas[823]. O amor divino tem divinos segredos que não podem ser ditos embora se quisesse: são já *arcana verba, quae* não *licet homini loqui* (II Cor 12, 4).

"A *união mística*, adverte Sandeo (l. 2 *Comm.* 6, exer. 15, disq. 3), é uma *percepção experimental* e imediata de Deus, por um *abraço* secreto e um *beijo* mútuo entre Deus, que é o Esposo, e a alma, sua esposa". "Aquele Deus que antes pela graça estava na alma justa como um *tesouro escondido*, apresenta-se a ela agora, diz o Pe. Nouet (*Conduite* l. 5, entr. 14), como um *tesouro encontrado*. Ele a ilustra, *toca, abraça, penetra, infiltra-se em todas as suas potências*, entrega-se a ela e a enche com a plenitude de seu ser. E a alma, reciprocamente, arrebatada com seus atrativos e à vista de sua beleza, tem-no, abraça-o e o estreita fortemente, e totalmente abrasada em amor, em seu Deus se derrete, engolfa, abisma e docemente se perde com uns sentimentos de gozo inconcebíveis. Daí vem essa diversidade de nomes dados à *união mística*, como *beijo, perfume, chuva celestial, união, ilapso divino, transformação, amor gozoso, amor deificante*, e outros muitos parecidos, que indicam as diferentes impressões do amor unitivo de que falamos".

823 "Quanto mais alguém está unido a Deus, notava Santa Teresa Couderc, fundadora da Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo (cf. Longhaye, *Hist. de la Congr.* p. 178), tanto mais se deseja essa *união*... Este gosto de Deus é mais difícil de descrever que de sentir, quanto a graça o dá. Pode, no entanto, se dizer que é um *sentimento dulcíssimo* da presença de Deus e de seu amor, que faz a alma experimentar uma grande dita e a recolhe até o ponto que lhe custa trabalho se distrair ou se ocupar em outras coisas... Qualquer outro prazer fora dele, torna-se para ela insípido".

"Todas as manhãs quando me desperto, dizia Santa Margarida Maria, parece-me encontrar presente meu Deus, ao qual meu coração se une como ao seu princípio e sua única plenitude; isso me dá uma sede tão ardente de ir à *oração*, que me parecem horas os momentos que emprego para me vestir... Durante ela, emprego todas as minhas forças em abraçar o Amado de minha alma, não com os braços do corpo, mas com os interiores, que são as potências" (nota escrita com a idade de vinte e seis anos). Cf. *Vie*, pela Visitação de Paray. – A V. Mariana de Jesus (cf. *Vida*, por Salvador, l. 1, c. 9), fala de "uma grande suspensão e alienação que lhe durou alguns anos, embora de diferentes modos". Então, acrescenta, "era minha alma algumas vezes unida a Nosso Senhor com tão grande deleite e regalo interior, que não há palavras que o possam explicar. Aquela suavidade e unção do Espírito Santo era derramada na minha alma de tal maneira, que mesmo meu corpo participava também com efeitos maravilhosos".

"Que gozo, exclama Santa Catarina de Gênova[824], encontrar-se a alma num completo despojamento de todo o criado, e ver como entre ela e o Amor incriado se estabelece a intimidade mais consoladora! Atraída por seu Salvador, ficava regenerada e transformada n'Ele; e sob o peso do santo amor, dava gritos com muito diverso ardor e vêemência que aqueles que antes lhe arrancavam as paixões".

Assim é como, unindo-se a alma a Deus com esse puríssimo, ardentíssimo e impetuosíssimo amor que nela derrama o Espírito Santo, vem a se fazer verdadeiramente *um espírito com Ele*, e assim começa a resplandecer com as vivas chamas dessa inflamada caridade que consome e desterra todo o temor servil[825].

Depois de ter embriagado Deus a alma nas doçuras da oração de *quietude*, na união a encerra, observa Santa Maria da Encarnação[826], nas *adegas de seus vinhos*, para introduzir nela a perfeita caridade. Aqui a vontade impera sobre a inteligência, que está totalmente assombrada e fora de si vendo as riquezas que há naquela; e também há diversos graus que fazem a alma um mesmo espírito com Deus. E são toques, palavras interiores e carícias, de onde nascem os êxtases, os raptos, as visões intelectuais e outras muito excelentes graças que melhor se experimentam que se dizem; porque nelas não tomam parte os sentidos, e a alma não faz mais que receber e experimentar o que o Espírito Santo faz nela".

---

824 *Dial.* 1, c. 14.

825 "O amor, diz Santo Agostinho (*Manual* c. 19-20), não sabe o que é dignidade, nem lhe detém o respeito. Aquele que ama chega a Deus com muita confiança, e Lhe fala familiarmente sem dúvidas nem temores". "A alma que ama a Deus, em nenhuma outra coisa pode pensar, nem de nenhuma outra pode falar: todas lhe causam aborrecimento... Deus ama para ser amado. Quando nos ama, nenhuma outra coisa quer senão que O amemos; porque sabe que aqueles que O amam são por isso muito ditosos... Com a vêemência do amor, aliena-se a alma de tal modo, que não sente a si mesma, mas só a Deus... e sai fora de si para saboreá-Lo com inefável doçura... O amor dá familiaridade com Deus, a familiaridade atrevimento, o atrevimento gosto, e o gosto fome e apetite. Uma alma que está tocada pelo amor de Deus, nenhuma outra coisa pode pensar nem apetecer; mas freqüentemente suspira dizendo: *Como o cervo deseja a fonte das águas, assim minha alma Vos deseja, Deus meu*".

826 L. c.

Aqui a alma se vê e não se conhece; parece-lhe que já não é a mesma; encontra-se toda tão mudada, tão fortalecida, tão cheia de luzes e ardores, tão *endeusada*, respirando em todos os lugares tal ambiente de virtude, de pureza e santidade, que nota e *sente* muito claramente que já não é ela quem age, mas Jesus Cristo nela; e por isso nem mesmo consegue pensar em si mesma, mas só n'Ele[827]. Vê que todas as faculdades têm uma energia divina e uma eficácia como infalível para todo o bem: a carne mal se atreve já a desejar contra o espírito; as paixões estão sujeitas à vontade, e essa não tem outro querer nem não querer senão o divino; pois está totalmente unida com a vontade de Deus. Pode, pois, dizer já com São Paulo (II Cor 2, 15): *Somos o perfume de Cristo!...*[828]

---

827 "Quem ama a Deus, diz o Beato Suso (*Dis.* 3), morre a si mesmo e se abandona a Ele, que não tem fundo nem fim, e n'Ele se engolfa tão profundamente, que já nem se vê nem se sente, nem se perturba com os acontecimentos extraordinários que possam lhe acontecer; porque descansa e dorme tranqüilo no abismo da vontade divina. Quem melhor que Deus pode merecer nosso coração, nossa intenção sincera e pura, de todo interesse, gosto, sedução e recompensa? Agindo assim podoremos dizer com Jesus Cristo (Jo 8, 50): *Não busco minha glória, mas a de meu Pai*".

"Poderia eu, exclama uma alma assim endeusada (J.), ter algum querer? Não, Deus meu, sou toda vossa, ou melhor, Vós sois todo meu; eu não existo, mas Vós em mim... Vós sabeis que jamais me pedistes um sacrifício que não estivesse pronto meu coração... Minha alma não vive sua vida, mas aquela do seu Deus amorosíssimo, no fundo de seu coração. Só o corpo está na terra, porque é terra; a alma em Vós, Deus meu, porque sois meu céu... Que linda vida é essa da alma amante na íntima união com o Amado! Que paz tão deliciosa! Recolhem as palavras... de amor e confiança para apresentá-las e oferecê-las ao Dono divino; deslizam aquelas de temor quase sem entendê-las. A tanto chega a caridade desse doce Amado! Nada quer que perturbe o sono da alma esposa, senão o sussurro dulcíssimo de sua voz celestial!"

828 Então a alma, diz Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 1, 23), "dando o golpe mortal ao amor-próprio, entra na posse crescente do puro amor divino... Este fogo celestial a abrasa e consome. Para aliviar esses adores, entregava-se com uma atividade surpreendente aos trabalhos cotidianos. Mas o incêndio interior não se amortecia. Para aumento de sua pena, a ninguém podia falar do efeito misterioso desse inefável amor... Mas ao menos pôde comunicar ao seu corpo alguns desses vivificantes adores e dizer-lhe transportada: De agora em diante já não te chamarei criatura humana, porque já estás comigo perdido no Senhor. Já não vejo em ti nada que recorde a separação que entre Deus e o homem havia introduzido o pecado".

Por isso, não é possível, conforme adverte Blósio (*Inst.* c. 12, § 3), que a alma chegue a essa mística união, se antes não fica totalmente limpa e simples para se fazer semelhante a Deus. O menor afeto

E, no entanto, não se envaidece; sabe bem que essa celestial fragrância que aspira e respira provém totalmente do Espírito de amor que a possui e em nada dela mesma: bem por experiência conhece sua própria fragilidade[829].

E para que não se esqueça, costuma Ele se retirar, ou fazer como que se retira, deixando-a em triste abandono; e aquela que em meio da abundância podia dizer com o Salmista (Sl 29, 7): Não me comoverei jamais, logo vê que precisa acrescentar também: *Mas apartastes tua Face de mim, e fiquei toda perturbada*. E se a ausência se prolonga, e com ela aumenta a tempestade, logo exclamará (Jó 13, 24; Sl 43, 25): *Por que me escondes tua Face? Por que A apartas de mim, e te esqueces de minha escassez e de minha tribulação?* E assim prorrompe em amorosas queixas, com uma desconfiança e ousadia que parecem ultrapassar os limites da sanidade, e onde só o ímpeto de seu amor doloroso e contrariado pode desculpar o atrevimento[830]. Mas o Senhor se

---

às coisas criadas, uma palavra ociosa, um bocado tomado indevidamente ou qualquer outra leve falta basta para impedir, enquanto não se expie, a união com que é a suma pureza.

829 "Somos o perfume de Cristo, diz Santo Atanásio (*Ad Serap.* 3, 3), quando estamos ungidos por seu Espírito". Porque "assim como o delicioso fragor dos perfumes revela sua natureza, assim, acrescenta São Cirilo (*In Ioan.* 11, 2), o Espírito é o perfume vivo da essência divina, que transmite à criatura a divina natureza e a faz partícipe de Deus".

"Tenho para mim, diz Santa Teresa (*Vida* c. 20), que uma alma que chega a esse estado já não fala nem faz coisa por si mesma, mas que de tudo o que deve fazer tem cuidado este soberano Rei. Ó, valei-me Deus... e como se entende tinha razão, *e a terão todos que pedirem asas de pomba!* Entende-se claramente, é vôo o que dá o espírito para se levantar acima de todo o criado e de si mesmo, em primeiro lugar; mas é vôo suave, é vôo deleitoso, vôo sem ruído... Aqui se ganha a verdadeira humildade, para não se lhe atribuir nada para dizer bem de si mesma, nem que o digam outros. Reparte o Senhor do pomar a fruta, e não ela; e assim não pega nada nas mãos, todo o bem que tem vai dirigido a Deus; se algo diz de si mesma é para sua glória. Sabe que ela ali não tem nada, e embora queira, nem o pode ignorar; porque o vê pela vista dos olhos, que, mal que lhe pese, são fechados para as coisas do mundo, e os mantém abertos para entender verdades".

Veja-se também: Santa Teresa, *Vida* c. 19; Santa Ângela de Foligno, c. 52.

830 "Sois, meu Jesus, dizia o Beato Suso (*Eterna Sabiduría* c. 13), um amigo tão doce, tão lindo, tão divino, tão incompreensível, que embora todos os anjos me falassem de Vós, não acalmariam meu coração nem o impediriam de suspirar por vossa presença... Onde está a fidelidade de vosso amor? A esposa, cujo coração cativastes, espera-vos e vos deseja, geme, suspira, e morre por vossa presença, e desde o fundo do seu coração está clamando: *Voltai, voltai* (Ct 2, 17). Diz às suas companheiras:

compraz, como adverte Santa Teresa, nesses nobres ímpetos e nessas *loucuras de amor*; e embora pareça abandoná-la, não a abandona; ocultamente a sustenta com sua graça, e gosta de ver quão bravamente luta, a fim de premiá-la em seguida com novos e imponderáveis favores, e fazê-la sentir mais vivamente as inefáveis doçuras de seu trato amoroso, que nunca pode cansar e sempre parece totalmente novo[831]. Então ela exclama (Ct 7, 10): *Eu sou toda para meu amado, e para mim sua correspondência.*

Ao se ver tão intimamente unida com *Ele*, tão firme com sua virtude, tão linda com sua graça, tão inflamada com sua caridade e tão *divinizada*, numa palavra, com as luzes, virtudes e graças com que Ele a enriquece, perde-se a si mesma de vista, e já não consegue ver senão Ele agindo nela e por ela. Invadida como está pelo fogo do divino amor, vai acontecendo com ela o mesmo que ao ferro metido na fornalha, que acaba por parecer puro fogo e não ferro[832]. Então, começará já a exclamar com São Paulo (Fil 1, 21): *Meu viver é Cristo, e morrer é lucro*[833]. Mas, *seja pela vida ou pela morte*, o

---

Porventura O vistes? Virá ou não virá? Possui-Lo-ei por fim em meu coração, ou morrerei em sua ausência? Senhor, vós ouvis os gemidos e clamores da alma que vos ama, e guardais silêncio..." "Como é possível, Senhor, exclamava Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 2, 10), que não sinta vossa consoladora presença em meio desse inaudito martírio...! Não me queixarei, no entanto, posto que assim o dispôs. Mas enquanto ordenais esses tormentos, que excedem tudo o que o homem pode sofrer aqui embaixo, permaneço interiormente resignada, que é uma graça que só de Vós pode vir... Noto que aniquilais em mim o que tinha semeado a corrupção, o homem mortal e todos os laços que me atavam à terra".

831 "Non habet amaritudinem conversatio illius, nec taedium convictus illius, sed laetitiam et gaudium" (Sab 8, 16). "O trato com Nosso Senhor, dizia a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos (julho de 1902), quanto mais continuo, mais novo se torna".

832 "Quomodo stilla aquae modica, multo infusa vino, deficere a se tota videtur, dum saporem vini induit et colorem, et quomodo ferrum ignitum et candens ignis simillimum fit... et quomodo solis luce perfusus aër in eandem transformatur luminis claritatem...: sic omnem hanc in sanctis humanam affectionem necesse erit a semetipsa liquescere atque in Dei penitus transfundi voluntatem. Alioquin quomodo omnia in omnibus erit Deus, si in homine de homine quidquam supererit? Manebit quidem substantia, sed in alia forma, alia gloria, alia potentia" (São Bernardo, *De dilig. Deo* c. 10).

833 "Quem com o sentimento de uma fé pura pudesse ver os efeitos de um só raio do amor divino nas almas que me comprazo em bendizer, dizia o Senhor à Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 3, 1), esse já não poderia viver no mundo, de abrasado e consumido que se sentiria... Os corações amoro-

que verdadeiramente lhe importa e lhe preocupa é que *Jesus Cristo seja nela engradecido* (Fil 1, 20), e que seu divino Espírito a anime e dirija em tudo[834].

Assim ouve a divina voz do Esposo que a chama ao seu seguimento (Jo 10, 27); *e ao ouvi-lo desfalece* (Ct 5, 6), e sente uns transportes de amor tão puro e desinteressado que a abrasam nos mais vivos desejos de se consumir em holocausto e de sofrer todas as penas necessárias para procurar a maior glória de Deus e o bem das almas; vendo-se já com luzes e forças para realizar tão nobres e tão heróicos desejos.

Daí que se ocupe em seus deveres exteriores com uma habilidade e um acerto tais, que causa maravilha; pois em poucas horas faz, às vezes, perfeitamente o que outros muito hábeis não podem em dias inteiros. E isso sem se distrair nem menos se dissipar, sem perder nunca o Senhor de vista e sem que o coração se aparte um momento de quem tão roubado o tem.

Unida assim a Deus, possui a luz de sua Verdade e a fortaleza de sua divina virtude e conforme percebe a "verdade verdadeira" que preserva de todos os erros e extravios do mundo, gostaria de esclarecer, se possível fosse, todos os mortais e tirá-los das trevas ou sombras da morte, onde vivem sepultados.

---

samente guiados pelo divino Espírito, que *inspira onde quer*, abandonam o mundo e suas seduções... e passam a ter ódio e desprezo às honras e prazeres... Ao resplendor de sua luz, o homem percebe as coisas de Deus e se converte em anjo, e de anjo vem a se tornar um *Deus* por participação. Assim o homem desde esse mundo fica na realidade transformado pelo amor. De sensual se faz espiritual em sua alma e mesmo em seu corpo. Se fala, não fala já senão pela virtude de Deus... São como discursos celestiais, que brotam de seus lábios... Se exerce um ministério, fá-lo com a inteligência e a unção que Deus lhe dá" (I Pd 4, 11).

834 "Este soberano Espírito que agia em mim independentemente de mim mesma, diz Santa Margarida Maria (*Autobiog*. 5), tinha adquirido um império tão absoluto sobre todo meu ser espiritual e mesmo corporal, que já não dependia de mim excitar em meu coração afeto algum de alegria ou de tristeza, senão como a Ele lhe agradava, nem dar ao meu espírito outra ocupação senão aquela que Ele lhe propunha". Assim, em certa ocasião, ouviu esta voz: "Quero que vivas como se não vivesse, deixando-me viver em ti, porque sou tua vida, e não viverás senão em Mim e por Mim. Quero que ajas como se não agisse, deixando-me agir em ti e por ti, abandonando em mim o cuidado de tudo. Não deves ter vontade, ou deves te conduzir como se não a tivesse, deixando-me querer por ti em todas as ocasiões".

"Ao chegar aqui uma alma, diz Santa Teresa[835], não é só desejos o que tem por Deus; sua Majestade lhe dá força para realizá-los; não há diante de si coisa alguma em que pense que O serve, a que não se lance; e não faz nada porque, como digo, vê claramente que não é nada sem contentar a Deus. Tormento é que não há o que se ofereça àquelas que são de tão pouco proveito como eu... Fortalecei Vós minha alma... Jesus meu, e ordenai logo modos para que faça algo por Vós, que não há quem sofra ao receber tanto e não pagar nada... Ó, o que é uma alma que se vê aqui ter de voltar a tratar com todos, a olhar e ver a farsa desta vida tão mal concertada!... Tudo lhe cansa, não sabe como fugir... Anda como vendida em terra alheia, e o que mais lhe cansa é não achar muitos que se queixem como ela e peçam isso... Tem o pensamento tão habituado a entender o que é *verdadeira verdade*, que todo o demais lhe parece brincadeira de crianças; ri algumas vezes quando vê pessoas importantes fazerem muito caso de pontos de honra... Dizem que é discrição e autoridade de estado para mais aproveitar; sabe ela muito bem que aproveitariam mais num dia se deixassem aquela autoridade por amor de Deus, que com ela em dez anos... Deus é sua alma, é Ele que se encarrega dela, e assim a ilumina; porque parece que sua assistência está sempre a guardando para que não O ofenda, e favorecendo-a e a despertando para que O sirva".

Nessa prodigiosa união se admira e fica pasmada pela condescendência divina, vendo como um Deus tão grande não desenha de se unir a uma pobre alma e se fazer como prisioneiro dela, que assim vem a se converter em senhora. Porque ao se pôr uma alma por completo nas mãos de Deus, encontra que, em vez de perder, ganhou toda sua liberdade; porque já não há paixões que a subjuguem, e porque o próprio Deus – a quem ela realmente *possui* – se compraz em agradá-la, realizando seus santos desejos, sem negar a ela já nada do que Lhe pede e atendendo-a com um amor tão

---

835 *Vida*, c. 21.

singular, como se fosse a única amada sua[836]. Assim, fora de si, exclamava ela com Santa Teresa:

Esta divina prisão
Do amor em que eu vivo
Faz Deus ser meu cativo
E livre meu coração...
Mas causa em mim tal paixão
Ver a meu Deus prisioneiro
Que morro porque não morro...

Ó, que sublime verdade! – embora o profano a tenha por paradoxo[837]. Verdadeiramente, no meio daquelas delícias, padece mortais ânsias por não poder corresponder dignamente a tais finezas do amor divino. Vê que os laços do corpo a estorvam para amar o quanto deseja e ficar eternamente unida com o Amado; e assim, entre indizíveis angústias, como forçada num duro cativeiro, exclama com o Apóstolo (Fil 1, 23): *Quando poderei ir gozar de meu único bem: desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo!* Com Ele está unida já; mas essa união ainda pode se romper; pode o ferro sair da fornalha divina e ficar assim privado do fogo. E esse temor, junto com o peso do corpo que agrava a alma e deprime o sentido tão cheio de divinos pensamentos (Sab 9, 15), é o que a obriga a exclamar: *Quem me livrará deste corpo mortal?* (Rom 7, 24).

---

836 "Estou confundida, dizia a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (16 de setembro de 1872; *Vida* p. 357), no abismo de meu vilíssimo *nada*; pois parece que meu Deus não tem nesse mundo mais que a mim, e não tem por menos comunicar-se tão plenamente a uma criatura tão vil e miserável como eu... Me sentia (depois de comungar) cada vez mais unida com sua divina Majestade... Vi que minha alma se estreitava e se abraçava intimamente com meu Deus... e depois ia se introduzindo e ocultando toda n'Ele, até que desapareceu totalmente e ficou toda oculta e perdida em Deus. Então Ele me disse: *Esta é a união que tua alma tem comigo*".

837 "Da amantem, et sentit quod dico... Si autem frigido loquor, nescit quod loquor" (Santo Agostinho, *In Ioan.* tr. 26).

Ai, que longa esta vida
Que durões estes desterros,
este cárcere e estes ferros
em que a alma está metida![838]

Só esperar a saída
me causa dor tão feroz,
que *morro porque não morro*[839] (Santa Teresa).

Entre essas ânsias tão mortais, esses vôos e esses ímpetos ardorosos que deixam o coração transpassado; entre essas feridas de amor, tão doces como insuportáveis, que quanto mais doem mais deleitam, e não quer a alma curá-las senão inflamando a chaga; nessa tenção contínua, triunfa às vezes o excesso de amor; e aquela preciosa alma, tão pura, tão ardente e endeusada –

---

838 "A prisão em que me parece estar, dizia Santa Catarina de Gênova (*Purg.* c. 17), é o mundo; minhas correntes, os laços do meu corpo. Minha alma, iluminada pela graça, compreende o que é estar cativa longe de Deus, e encontrar em si um obstáculo que lhe retarda sua felicidade soberana e lhe impede de alcançar seu fim, e como ela é sumamente delicada e sensível, esse atraso lhe causa uma pena inefável. No meio deste cativeiro, minha alma recebe de Deus uma nova graça que não só a torna semelhante a Ele, mas que a converte numa mesma coisa com Ele, por uma real participação de sua bondade".

839 "Então veio o desejo da morte; porque esta doçura, esta paz, este deleite superior à toda palavra me faziam cruel a vida deste mundo... Ah! A morte, a morte! A vida me era uma dor superior a toda dor... Caía por terra desfalecida e ficava ali oito dias clamando: Ah, Senhor, Senhor, tende piedade de mim! Levai-me, levai-me!" (Santa Ângela de Foligno, c. 20).

Que deseje a morte,
não é maravilha:
pois a quem ama meu Esposo,
a morte é vida.

Irmã Martina dos Anjos, O.P. (cf. *Vida*, por Maya, c. 13).

"Este é, adverte São João da Cruz (*Noche* 2, 13), o amor impaciente, em que não pode durar muito o sujeito sem receber ou morrer".

"Para quem ama verdadeiramente a Deus, costumava dizer São Felipe Neri, não há coisa mais pesada que a vida. Os verdadeiros servos de Deus passam a vida com paciência e levam a morte no desejo".

depois de embalsamar a terra com a celestial fragrância de suas virtudes, e se desdobrar em favor dos mortais numa atividade surpreendente que deixará uma marca eterna – num soberano esforço, num daqueles enérgicos *vôos do espírito*, consegue por fim romper as correntes desta prisão e, talvez sem outra enfermidade além daquela do amor, vê-se livre dos laços do corpo, e voa para se engolfar para sempre no mar da Bondade infinita, para saboreá-la ao seu gosto, sem mais sobressaltos nem temores de perdê-la.

Esse feliz trânsito não é como esta morte triste, cujo espectro aterroriza; não é a dissolução espantosa, cuja memória tão amarga é para o pecador (Eclo 41, 1); é mais bem uma alegre despedida e como uma viagem de bodas[840]; é uma renovação gloriosa e gozosíssima, é a *transfiguração* desejada, ou melhor dizendo, a *manifestação da glória dos filhos de Deus*, que com tanto ardor a alma estava esperando (Rom 8). E se esses vivos desejos de ir ver o Senhor não lhe satisfazem, e é obrigada a peregrinar por mais tempo para prestar-Lhe maiores serviços e aumentar os méritos e a futura glória, já não se inquieta, resigna-se alegre com a vontade de Deus[841], e tempera suas ânsias, empregando-se em obras heróicas com uma atividade inaudita e com incrível proveito dos demais fiéis e de toda a Igreja[842].

---

840 "A morte de semelhantes almas – diz São João da Cruz (*Llama* canc. 1, v. 6), falando das que chegaram à união plena e estável – é muito suave e doce, mais que lhes foi a vida espiritual, porque morrem com ímpetos e encontros saborosos de amor... Por isso disse Davi (Sl 115, 15) que *a morte dos justos é preciosa*, porque ali vão entrar os rios de amor da alma no mar do amor, e estão ali tão largos e represados que parecem já mares... sentindo-se a alma pronta, com esses gloriosos encontros, muito a ponto de sair abundantemente a possuir o reino perfeitamente. Porque se vê pura e rica, o quanto se compadece com a fé e o estado dessa vida, e disposta para isso. Que já nesse estado as deixa Deus ver sua beleza, e confia-lhes os dons e virtudes que lhes deu; porque tudo transforma em amor e louvores, sem toque de presunção, nem de vaidade, não tendo já levedura de imperfeição que corrompa a massa".

841 "É tanto o gozo, diz Santa Teresa (*Vida* c. 17), que parece algumas vezes ficar a ponto de acabar a alma de sair deste corpo. E que venturosa morte seria! Aqui me parece bem deixar-se totalmente nos braços de Deus; se quer levá-la ao céu, vá; se ao inferno, não tem pena desde que vá com seu bem; se acabar totalmente a vida, isso quer; se viver mil anos, também; faça sua Majestade como coisa própria, a alma já não é de si mesma: dada está totalmente ao Senhor... descuide-se de tudo".

842 "A união da alma com Deus não pode menos que ser fecunda, e tanto mais fecunda, quanto mais perfeita for. Assim não há almas que sejam mais fecundas, que mais eficazmente irradiem, pela

Mas já que não alcança morrer segundo o corpo, morrerá segundo o espírito: terá que ir sofrendo lentamente a prodigiosa *morte mística*, que implica uma total renovação realizada já na própria terra, e uma ressurreição inconcebivelmente gloriosa...

Tal é o extremo dessa *união conformativa*, na que a alma, não tendo já outro querer nem não querer senão aquele de Deus, começa a viver como digna esposa do Verbo[843]. Enquanto que esse ditoso *cativeiro* da vontade deixa de algum modo livres as outras potências, ou pelo menos, os sentidos, para que percebam seus objetos particulares (permitindo assim que a alma se ocupe, se for preciso, em outros diversos exercícios, e mesmo em obras exteriores, sem apartar em nada o coração de seu centro), constitui a *união habitual*, ou a oração que se chama de *simples união*, que é uma *união* todavia algo *incompleta* da nossa atividade com a divina. Mas quando se perde total ou parcialmente o uso dos sentidos, e vêm a ficar como mortos ou embotados e as potências interiores ficam totalmente absortas em Deus, sem poder atender a outra coisa, então se verifica a dulcíssima *união completa ou extática*, onde todas as energias da alma permanecem engolfadas na Divindade para saírem verdadeiramente *endeusadas* e rejuvenescidas com novo vigor e habilidade para tudo. Pois enquanto que a vontade se penetra daquele amor prodigioso que nela derrama, como uma unção divina, o Espírito Santo, a inteligência se ilumina com a inefável luz do Verbo, e percebe aqueles segredos maravilhosos, que raras vezes e dificilmente podem proferir nossos

---

oração, a reversibilidade da vida, que aquelas unidas a Deus com a intimidade incomparável dos estados místicos. Elas são os mais seguros pára-raios da justiça divina, e os mais poderosos centros de santificação, depois dos sacramentos" (Sauvé, *Le Culte du C. de Jesús* élév. 26).

"O Coração divino, dizia Santa Margarida Maria, quer que amemos com obras mais que com palavras. O amor pede obras, pois nunca está ocioso. O puro amor não dá descanso à alma: ele a faz agir, sofrer e calar".

843 "Talis conformitas maritat animam Verbo... Parum dixi, contractus: complexus est, ubi idem velle et nolle idem, unum facit spiritum de duobus" (São Bernardo, *Serm.* 83 *in Cant.* n. 3).

lábios, e assim a própria memória fica tal que já não poderá se ocupar senão em recordar as maravilhas divinas[844].

Às vezes, não se perde por completo o uso dos sentidos exteriores; esses, sobretudo num princípio, ainda funcionam, embora com dificuldade, fazendo que se ouça como de longe o que está se falando ou cantando muito perto, e que se percebam muito confusamente todos os objetos. As potências interiores tampouco se encontram perdidas, mas só como adormecidas a tudo o que é de fora; porque, estando a alma assim, toda absorta em Deus, ainda não tem forças bastantes para se ocupar ao mesmo tempo de coisas exteriores. E se a caridade ou a obediência a obrigam a isso, enquanto durar esse doce cativeiro, é preciso se fazer violência tão extrema – que a muitos lhes faz derramar sangue pela boca – causando-lhes não pouco dano; e sendo assim, para atender aos de fora, têm que afrouxar a atenção interior que lhes tem embebidos. Tudo que então vêem lhes causa desgosto e repugnância, e lhes parecerá tudo estranho e como nunca visto. São já moradores do céu e concidadãos dos Santos e, vendo as celestiais belezas, têm por vileza tudo deste mundo, e não podem menos que se lamentar ao ver como se lhes prolonga seu desterro, onde se crêem estrangeiros e peregrinos[845]. E verda-

---

844 "Chegando minha alma a que Deus a fizesse essa grande mercê, diz Santa Teresa (*Vida* c. 21), cessaram meus males e me deu o Senhor fortaleza para sair deles, e não me fazia estar em ocasiões, e com gente que costumava me distrair... antes me ajudava o que costumava me prejudicar: tudo era para mim meio para conhecer mais a Deus e amá-lo, e ver o quanto lhe devia... Entendo claramente, *o Senhor é quem age*, e por isso me parece que a alma à que o Senhor faz essas mercês (raptos), indo com humildade e temor... poderá se pôr entre qualquer tipo de gente; embora seja mais distraída e viciosa, não lhe fará caso, nem lhe moverá em nada; antes a ajudará, como disse, e será para ela modo para que ela tire maior proveito. São já almas fortes que escolhe o Senhor para ajudar as outras... Aqui são as verdadeiras revelações em êxtases, e as grandes mercês e visões, e tudo aproveita para humilhar e fortalecer a alma; e que tenha em menos as coisas dessa vida, e conheça mais claramente as grandezas do prêmio".

845 Sl 119, 5. "A visão tão clara que experimenta de Deus minha alma, dizia a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (09 de outubro de 1872; *Vida* p. 378), impede-me em certas ocasiões que veja como as demais a luz do dia; pois a vejo tão estranha, que mais bem a posso chamar trevas que luz. Tudo é estranho para mim; estou como uma pessoa que vem de terras remotas, para a qual tudo parece estranho... Como continuamente vejo meu Deus junto a mim, todo o demais me martiriza". "Gostaria já essa alma, diz Santa Teresa (*Vida* c. 16), de se ver livre: o comer a mata; o dormir

deiramente tais almas se encontram como desterradas entre povos ferozes, que lhes obrigam a vigiar sobre si mesmas para não cair em seus laços e não se perderem nem se exporem a perder seus ricos tesouros.

Se não fosse porque compreendem que devem deixar a Deus por Deus – pois Ele mesmo as move a isso –, já nunca mais gostariam de tratar com os homens. Mas quando assim, movidas pelo próprio amor divino, com santa abnegação e ardente zelo vêm a tratar com eles, cheias como estão do dom de ciência e de conselho para saber como devem se conduzir com todos, nenhum coisa lhes causa dano; antes tudo lhes é de proveito e as inflama em novo zelo. Mas, às vezes, se a união não é ainda muito intensa, podem se deixar levar por seu espírito privado e por certos olhares humanos, e se colocarem em perigo. Pois, abandonando demasiado o interior pelo exterior, acabarão por sair completamente de si, isto é, daquele centro em que está o reino de Deus e onde achavam toda sua luz e sua força, e então, crendo se fazerem *tudo para todos*, chegam até a se acomodarem a certos gostos mundanos; assim se viciam com esse ambiente nocivo que deviam perfumar e sanear, e se mundanizam até perder o espírito, em vez de cristianizar e santificar os outros. Por isso as almas prudentes, cheias desse salutar temor, não saem de seu encerramento senão movidas pela caridade ou pelo dever, e mesmo em meio às mais penosas tarefas prosseguem nessa união inefável que as preserva dos perigos a que estariam expostas se se derramassem nas coisas exteriores[846].

---

a aflige; vê que se lhe passa o tempo da vida, e passa em regalo, e que nada já a pode regalar fora de Vós. Ó, verdadeiro Senhor e glória minha, que fina e pesadíssima cruz tendes preparada aos que chegam a esse estado! Fina, porque é suave; pesada, porque há vezes que não há sofrimento que a sofra, e não gostaria nunca de se ver livre dela, se não fosse já para se ver convosco. Quando se lembra de que não vos serviu em nada e que vivendo vos pode servir, gostaria de uma carga bem pesada, e de nunca, até o fim do mundo, morrer; não tem em nada seu descanso em troca de vos fazer um pequeno serviço; não sabe o que deseja, mas bem entende que não deseja outra coisa senão a Vós".

846 "Evite, diz Blósio (*Inst.* c. 2, § 3), as ocasiões e perigos, ame muito a solidão, viva retirado, para progredir nas verdadeiras virtudes. Mas, quando a caridade ou outra causa razoável vos peça, converse humilde e afavelmente com os homens. E fuja do ócio como do veneno mais pestilento".

A alma que vive em união habitual está sempre voltada para Deus, e uma vez acabadas suas tarefas e cumpridos todos os seus deveres (que sem saber como, e mal prestando atenção, cumpre com uma habilidade e uma atividade incríveis), logo volta a se ocupar tão somente em amar e contemplar a quem tão roubada a tem. Assim, às vezes, no meio da própria atividade e esforço exterior, permanecem muitas dessas pessoas absortas, agindo sem se darem de conta; mas, geralmente, para que não se violentem tanto e possam agir com mais facilidade, costuma o Senhor moderar um pouco suas comunicações[847].

As almas assim unidas se consomem de zelo pela glória de Deus e pela salvação de seus próximos, e para que eles se convertessem, salvassem-se e louvassem eternamente a quem todas as línguas unidas não podem suficientemente louvar, de bom grado se ofereceriam para todos os sacrifícios e mesmo aos mais rigorosos tormentos. E ao verem perecer miseravelmente uma infinidade de pecadores, sem poderem remediar tanto mal, sofrem angústias intoleráveis e culpam a si mesmas por não poderem esclarecê-los nem trocar suas vontades perversas[848]. Amam com um amor intenso, puro

---

847 "Se Deus não se retirasse por intervalos ou não atenuasse os ardores do amor, diz Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 3, 7), o corpo estouraria e se despedaçaria... E a alma, livre de seus laços, não teria mais senão que subir aos céus... Mas ainda não chegou essa feliz hora. Que a alma acabe de se purificar na dor e na provação, que dê cada vez melhores exemplos de oração, de união com Deus, de abandono e de sacrifício. Às vezes parecerá inútil ao mundo, porque, em conseqüência de seus raptos, não pode se ocupar seguidamente de seus negócios e tarefas domésticas... Mas essa aparente ociosidade não será prejudicial nem a ela nem aos seus, pois da bondade divina alcançará uma secreta compensação por tudo o que não podia fazer, desde logo..., e sua confiança nunca ficará frustrada". "Muitas vezes, observa Santa Teresa (*Vida* c. 17), estando unida à vontade... estão por outra parte a inteligência e a memória tão livres, que podem tratar de negócios e entender em obras de caridade. Isso, embora pareça tudo igual, é diferente da oração de *quietude* que disse, porque ali está a alma que não queria se mexer ou retorcer, desfrutando daquele ócio santo de Maria; nessa ocasião pode também ser Marta. Assim que está quase agindo juntamente em vida ativa e contemplativa, e pode entender em obras de caridade e negócios que convenham ao seu estado e ler, embora não totalmente estejam senhores de si e entendam bem que está a melhor parte da alma em outro lugar".
Veja-se também: Blósio, *Speculum spir.* c. 11, § 1 e *Inst. spir.* c. 1.

848 "Sou um abismo de misérias e a causa de todos os males, exclama a inocentíssima Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 3), porque meus pecados me impedem de me colocar como um muro

e desinteressado, só porque Deus merece todo seu amor, e assim o vivo desejo que têm de agradá-Lo as faz abandonar o repouso e as delícias que desfrutam em sua presença, prontamente, quando é hora de se ocuparem das coisas de seu divino serviço. Isso lhes custa um ato verdadeiramente heróico de fortaleza[849]. Mas sem esse heroísmo não poderiam prosseguir em estado de união nem desfrutar das íntimas comunicações divinas; pois, buscando-se a si mesmas e seu próprio regalo, romperiam ou afrouxariam os laços dessa união. Assim é como as almas apegadas, deixando-se levar por seu gosto e seu próprio espírito, vão sendo abandonadas por Deus e vêm a padecer não poucas ilusões. Dessas são muito responsáveis certos diretores indiscretos ou *milagreiros*, como vulgarmente se diz, os quais, por não estarem versados como deviam nas coisas de Deus, vêm a medir o progresso de uma alma pelos favores que recebe ou crê receber, e não pelos sacrifício que faz; com o qual, dando importância ao que não devem, sem se darem de conta a enchem de certos ares de vaidade com que a põem em sumo perigo[850].

---

entre Vós e os pecadores, para atrair só sobre mim os golpes de vossa justiça... Por que não pode me transformar em água para lavar todas as almas, e apagar nelas os adores do maldito amor-próprio? Morrer de fome, vendo o alimento sem o poder tomar. Que suplício! Me aflige minha impotência, que me impede de remedir o mal que Vós, ó Verbo divino, me mostrais. Queria estar em todas as partes, sem estar em nenhuma; queria chegar a Vós, unir-me a Vós, permanecer em Vós para ser útil ao próximo".

849 "Muitas vezes me afirmou, escreve de Santa Catarina de Sena o Beato Raimundo (*Vida* 2ª p., 1), que sempre que o Senhor lhe ordenava deixar seu retiro e conversar com os homens, sentia uma dor tão viva, que lhe parecia que seu coração ia se despedaçar. Só Deus era capaz de fazê-la obedecer". Assim, quando ela estava mais consternada, crendo-se privada de seu doce Amor, Ele lhe dizia para ajudá-la e consolá-la: Acalma-te, amadíssima filha minha: é preciso cumprir toda justiça e fazer frutificar minha graça em ti e nos outros... Bem longe de separar-Me de ti, quero unir-Me a ti ainda mais pelo amor ao próximo". "Senhor, replicava ela, que se faça vossa vontade e não a minha. Eu não sou mais que trevas, e Vós a luz; eu sou nada, e Vós o Ser; eu sou ignorância, e Vós a Sabedoria do Pai... Como poderei, pois, ser útil às almas? E Ele lhe respondeu: "Nestes tempos em que tão grande é o orgulho dos homens... lhes enviarei mulheres ignorantes e ruins por natureza, mas sábias e poderosas com minha graça, para que confundam seu orgulho".

850 "Se o pai espiritual, diz São João da Cruz (*Subida* l. 2, c. 18), é inclinado à revelações, de maneira que para ele tenham muito peso, não poderá deixar, embora não entenda, de imprimir no espírito do

Mas essas comunicações íntimas da verdadeira *união* já se sentem tão vivamente e tão *divinamente*, que a quem uma vez as tenha experimentado não lhe cabe a menor dúvida de que são de Deus, e assim poderá distinguir muito bem essa realidade divina de qualquer falsificação, que os não experimentados poderiam ingenuamente tomar por união verdadeira[851]. Essa poderá sempre se discernir pelas fervorosas ânsias de morrer, se for vontade de Deus, e, enquanto isso, de sofrer, trabalhar e padecer afrontas por Ele, sem prestar atenção aos olhares humanos.

Até certos graus ou *modos* dessa *união de conformidade* talvez se poderia de alguma maneira chegar pelos "*caminhos ordinários*" da *ascética*, mas passar adiante e subir mais acima é totalmente impossível: isso já transcende completamente o proceder ordinário e o *modo* de agir *humano*, e tem que ser obra quase exclusiva do Espírito diretor e renovador, que conduz à terra prometida e produz a completa *transformação* das almas que totalmente se abandonam a Ele[852].

---

discípulo aquele mesmo gosto e estima, se o discípulo não estiver mais adiantado que ele; e embora esteja, poderá lhe fazer grande dano se persevera com ele". Por isso, acrescenta (c. 30), "as almas não as deve tratar um qualquer, pois é coisa de muita importância acertar ou errar em tão grave negócio".

851 "Ousarei afirmar, escreve Santa Teresa (*Mor.* 5, c. 1), que se é verdadeiramente união de Deus, que não pode entrar o demônio nem fazer nenhum dando; porque está sua Majestade tão junto e unido com a essência da alma, que não ousará chegar, nem mesmo deve entender esse segredo... Fixa Deus a Si mesmo no interior daquela alma de modo que, quando volta a si, em nenhum modo pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela; com tanta firmeza lhe fica essa verdade, que embora passem anos sem voltar Deus a lhe fazer aquela mercê, nem se esquece, nem pode duvidar... Quem não ficar com essa certeza, não diria eu que é união de toda a alma com Deus, mas de alguma potência, ou outros muitos modos de mercês que faz Deus à alma".

852 *A perfeita união e o amor desinteressado.* – "Que distinto se vê tudo, exclamava a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (julho de 1871; *Vida* p. 235), quando Deus vem à alma! Digo isso, porque me parece que sinto meu Deus dentro de minha alma: tão *unido com ela e ela com Ele, que já não tem minha alma outro querer que aquele de Deus.* Que falem comigo ou não, que me tratem bem ou mal, que já me tenha Deus em desolação ou em consolos, para mim não há vontade em nada; pois não tenho outra senão a de meu Deus. Já não sei me explicar; mas sinto a Deus *tão próximo de mim*... Sinto-O como se estivesse *em minha alma*; assim é que meu coração se desfaz em desejos de amá-Lo... Esses desejos não são pelo interesse da glória, são puramente por Deus: assim é que

CAPÍTULO V

A DEÍFICA UNIÃO TRANSFORMATIVA

§ I. – O MÍSTICO DESPOSÓRIO: PREPARAÇÕES, ENTREVISTAS E CELEBRAÇÃO; MUDANÇA DE INTERESSES E TRANSFORMAÇÃO DA ALMA. – INSTABILIDADE. – TRÂNSITO DA UNIÃO CONFORMATIVA À TRANSFORMATIVA; OCULTA E PRODIGIOSA RENOVAÇÃO DA ALMA.

Apesar das ânsias da alma, que "morre porque não morre", quer o divino Esposo que por mais ou menos tempo continue essa sua muito amada sofrendo, amando e progredindo na caridade, até fazê-la como uma

---

se não houvesse céu, eu O amaria igualmente, pois *O amo sem interesse algum...* Se eu soubesse que Lhe poderia servir de glória padecendo as penas do inferno por uma eternidade, minha alma O ama tanto, que as padeceria muito contente, contanto que meu Deus essa maior glória tivesse. Bem sei eu que meu Deus não quer isso; mas o digo porque tenho uns desejos de padecer muito por Deus, e são tão grandes, que tudo me parece pouco".

Esse é o amor desinteressado que busca o bem sem olhares egoístas; não o tão ponderado como invenção kantiana, e já alardeado por Sêneca, sem que os mesmos que assim propunham em vão essa *moral sem sanção*, pudessem cumpri-la com sanções e tudo, nem praticassem o bem mesmo por interesse. Não possuindo a Verdade, mal poderiam saber qual é o verdadeiro Bem, plenitude do ser apetecível. Aqueles que são perfeitos, iluminados os olhos de seu coração com essa caridade ardentíssima que desterra o temor servil, conhecem o único Bem pleno e verdadeiro, e vêem que por si mesmo, e sem outros olhares, merece e dever ser amado e preferido a tudo, embora não houvessem sanções. Mas essas são indispensáveis para os imperfeitos, que são sempre em grande maioria ["Sicut meliores sunt quos dirigit amor, ita plures sunt quos corrigit timor" (Santo Agostinho, *Epist.* 185, n. 21)], aos quais se lhes pode fazer praticar o bem com a ajuda da lei do temor, que não rege já os perfeitos: *Lex iusto non est posita, sed iniustis* (I Tim 1, 9). *Si Spiritu ducimini, non estis sub lege* (Gal 5, 18). No entanto, o maior bem vai sempre acompanhado pela maior utilidade; posto que é a própria plenitude da perfeição a que cada um tende por natureza ou por graça, e que por si mesma se lhe faz amável e desejável. A desordem está em preferir certos bens ilusórios ou superficiais – que são os sensíveis – aos verdadeiros e estáveis que sempre permanecem.

Veja-se também: São Bernardo, *Serm.* 83 *in Cant.* n. 4-5 e 8-9.

viva imagem e fiel reprodução sua, a fim de que, em seu nome e com sua própria virtude, prossiga a mesma missão que Ele teve na terra. Para isso, depois de purificá-la, embelezá-la e dispô-la, conforme logo veremos, celebra com ela o *místico desposório*, com pacto formal e solene de reciprocidade de interesses, entregando-lhe o simbólico anel[853] ou fazendo como uma troca de corações, e dizendo-lhe como a Santa Catarina de Sena: *Cuida de mim, que Eu cuidarei de ti*; ou como a Santa Teresa: *De agora em diante, como verdadeira esposa, velarás por minha honra*; ou como a Santa Rosa de Lima: *Rosa do meu Coração, sê tu minha esposa*[854], e mandando que O tratem já com o amor e confiança de tais, chamando-O sempre com esse dulcíssimo nome de *Esposo*[855].

---

853 O Dr. Imbert (*Stigmat.* t. 2, c. 8), traça uma lista de 77 pessoas admitidas a celebrar as místicas bodas, embora as circunstâncias não determinem se se tratava do verdadeiro *matrimônio* estável, ou do simples *desposório*. Nessas cerimônias, a entrega do *anel* figura 55 vezes, sendo em 43 concedido à pessoas estigmatizadas.
"Quão significativo é, diz Sauvé (*Etats* p. 85), o símbolo deste anel enviado por Deus a uma Santa Catarina de Sena, ou a uma Santa Rosa de Lima! Que maravilhas não se encerram nesse círculo estreito! Mas não são mais que sinais exteriores, prelúdios da perfeita fusão da alma com a de Jesus e com sua Divindade". O anel de Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 12) – assim como o da Beata Osanna de Mântua (cf. *Bagolini e Ferreti*, 5, p. 83) – permaneceu sempre visível só para ela, mas o de Santa Catarina de Ricci (*Vida*, por Marchesi, c. 20), foi visto muitas vezes por outras pessoas; só que para ela lhe parecia de ouro com um diamante e aos demais como um círculo sanguíneo com carne saliente que correspondia à pedra preciosa. Às vezes foi visto desprendendo grande resplendor; e com ele realizou a Santa muitos prodígios (*ib.* c. 28). Foi visto mesmo depois de morta – com a idade de mais de sessenta e sete anos – tendo sido dado a ela a de dezenove. À Venerável Micaela Aguirre, estando ainda com cinco anos, mostrou o Senhor um anel que não lhe cabia, encarregando-lhe de lavrá-lo com suas obras e padecimentos de modo que pudesse ajustá-lo (cf. *Vida*, pelo V. Pe. Pozo, l. 1, c. 6).

854 Ao qual ela respondeu (Hansen, 1, 12): "Tua sou, ó Rei de eterna Majestade! E tua serei eternamente".

855 A Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos, tendo ouvido já da boca do Salvador: *Tu és toda minha e eu sou todo teu*, viu poucos dias depois que com uma corrente lhe prendia o coração, atando o seu ao divino e dizendo-lhe: *Isto faço para que estejas* tão *unida com minha vontade em tudo, que não tenhas outro querer que o meu, e sejas uma só coisa comigo*. "Desde esse momento, acrescenta ela, encontro-me tão acorrentada e estreitamente unida com meu Deus, que posso dizer que entre Deus e eu não há mais que uma vontade... Não tem comparação – a união de antes – com a tão íntima que tenho desde esse dia". Logo viu que lhe punham um véu branco e uma coroa, e que a

Antes de celebrar com uma alma esse pacto, costuma mostrar-se a ela muitas vezes com os encantos de sua Humanidade gloriosa, para deixá-la apaixonada por sua bondade e divina beleza, e para que, conhecendo o bem que se lhe promete, inflame-se em vivíssimos desejos de possui-Lo o quanto antes, e assim se disponha como convém com todas as virtudes dignas de uma esposa sua. E essas *entrevistas* podem se repetir por muito tempo, até que ela esteja bem preparada; assim se conforta entre as terríveis provações a que deve ser submetida sua fidelidade nessa penosíssima preparação necessária para entrar plenamente nesse grau de oração tão eminente, que já é o começo de uma vida totalmente divina[856].

Virgem a apresentou ao seu divino Filho, que tirando um anel o pôs nela dizendo-lhe que de agora em diante o chamasse sempre com o nome de Esposo, e que "tivesse muito cuidado em conservar intacto aquele véu, pois tinha que entregá-lo sem lesão alguma" (*Cartas* de 25 e 29 de dezembro de 1871; *Vida* p. 275-6).

O Beato Bernardo de Hoyos (*Vida* p. 170-1), depois de comungar no dia da Assunção (1730), ouviu os anjos cantarem: *Eis que vem o Esposo; sai para recebê-lo* (Mt 25, 6). Encontrou-se revestido com um traje nupcial, que simbolizava sua pureza e demais virtudes; com visão imaginária viu o Salvador lindíssimo, acompanhado por sua santíssima Mãe e por muitos santos, e com visão intelectual contemplava toda a Santíssima Trindade. Aniquilada sua alma, ouviu que o Senhor lhe dizia: *Eu te desposo, ó alma querida, eternamente em desposório de amor. Já és minha, e Eu sou teu... Tu és BERNARDO DE JESUS e Eu sou JESUS DE BERNARDO; minha honra é tua, e a tua é minha; olhe já minha glória como de teu Esposo, pois Eu olharei a tua como de minha esposa. Todo o meu é teu, e todo o teu é meu; o que Eu sou por natureza, participas tu por graça; tu e Eu somos uma mesma coisa.* "Eu sentia, acrescenta ele, fazer e realizar na minha alma tudo o que essas sensíveis cerimônias significavam. Ao vestir aquela roupa, senti como que se aniquilar o homem velho, e no momento de me tomar o Senhor pela mão, parece que me vestia do homem novo, recebendo a alma grandes aumentos de graça... Ao me dizer: *Jesus de Bernardo*, parecia se fazer, em certo modo, dos dois um só".

À Santa Catarina de Bolonha apareceu a Santíssima Virgem na noite de Natal (1435), apresentando-lhe o divino Menino envolvido em fraldas... Arrebatada ela com a dita de possuir a quem reconhecia por seu Deus, abraça-O com gozo inefável, estreita-O contra seu coração, e junta a sua face com aquela boca divina... Assim ficou cheia de tanta suavidade, que só com essa recordação estremecia de júbilo; e seus lábios e bochechas ficaram com uma linda cor que nem com a própria morte desapareceu... Desde então começou a exalar um perfume tão penetrante e suave, que enchia de admiração a todos que tratavam com ela. Quando entrava no coro para cantar Matinas, seu coração ficava de repente embalsamado com celestiais aromas (cf. *Vida*, por Grasset, c. 5).

856 "As almas que a esse alto estado e reino do *desposório espiritual* chegam, adverte São João da Cruz (*Llama* canc. 2, v. 5), comumente passaram por muitos trabalhos e tribulações; porque *por muitas*

As palavras do *desposório* costumam ser por si mesmas eficazes, ou, como diz São João da Cruz, *substanciais*, pois, à semelhança do *fiat* criador, *realizam* o que expressam. Com elas, a alma se encontra como que *transformada*: já não é o que era, mudou todos os seus olhares. Esses já são tão divinos, que nela não ficam mais interesses próprios: todo seu interesse está na glória de Deus, na prosperidade de sua Igreja e no bem das almas. Os interesses próprios a têm sem cuidado, pois os lançou todos nas mãos do seu doce Dono, e Ele se encarrega de cuidar dela e de que não naufrague enquanto esteja embebida em seu divino serviço[857] (Sl 54, 23; I Pd 5, 7).

Assim cessa nela todo cuidado *próprio*, por santo e sagrado que seja, e só cuida de amar, agradar e servir o quanto possa seu divino Esposo; cessa até o ardente desejo que antes tinha de morrer para ir desfrutar dele, sem mais perigo de ofendê-Lo, e, embriagada de amor, só quer trabalhar e sofrer o possível para glória de Deus e bem das almas, embora para isso fosse necessário ficar privada de todo consolo[858]. O sofrer, que antes a desalentava, converteu-se como numa nova necessidade vital; já não quer nem pode viver sem estar continuamente padecendo para glória de seu Amado. Conforme

---

tribulações convém entrar no reino dos céus (At 14, 21). E porque os trabalhos e penitências purificam e afinam o sentido, e as tribulações, tentações, trevas e apertos afinam e dispõem o espírito; por eles convém passar para se transformar em Deus como na outra vida hão de passar pelo purgatório, uns mais intensamente, outros menos..., segundo os graus de união a que Deus os quer levantar, e aquilo que eles tiverem que purgar... Dessa maneira diz Jeremias (Lam 1, 13) que lhe ensinou Deus: *Enviou fogo em meus ossos, e me ensinou*".

Nas *entrevistas que precedem o desposório*, ao mesmo tempo que Senhor deixa cativa a alma conforme vai lhe revelando sua divina beleza, adorna-a com as galas que a uma digna esposa correspondem. Pode-se ver isso na biografia do Beato Bernardo de Hoyos (*Vida* p. 85-87) e em Santa Teresa (*Mor.* 5, 4).

857 Santa Teresa (*Vida* c. 39) viu que o Senhor lhe prometia *não a abandonar jamais*, e que com grande amor lhe dizia muitas vezes: *Já és minha e eu sou teu.* Isso a enchia de confusão, ao recordar sua indignidade; e por isso crê que "mais ânimo é preciso para receber essas mercês que para passar grandíssimos trabalhos". No entanto, tinha o costume de dizer: "*Que se dá, Senhor, a mim de mim, senão de Vós?*".

858 "Quando vejais, pois, diz São Bernardo (*In Cant.* serm. 85), uma alma abandonar todas as coisas para se unir ao Verbo com todos os seus desejos, não viver para nada mais que para o Verbo, conduzir-se pelo Verbo, conceber pelo Verbo o que deve criar pelo Verbo, e que pode dizer: *Jesus Cristo é minha vida, o morrer é meu lucro*, saudai a esposa, a esposa do Verbo".

o amor que tem por Ele, uma vida que não seja como a d'Ele, cheia de privações e penas, parece-lhe insípida e intolerável, pois não ignora que, à semelhança d'Ele, deve viver como uma vítima expiatória e propiciatória[859].

Se lhe preocupa sua própria salvação, não é tanto por interesse quanto por puro amor divino, que lhe força a estar unida com seu Deus[860]. Se fosse do divino agrado que ela padecesse as próprias penas do inferno para o bem de alguma alma, contanto que seguisse ali mesmo amando e servindo a Deus, a tudo se ofereceria de bom grado, como faziam São Paulo e Santa Catarina de Sena ao desejarem "ser anátema de Cristo para o bem de seus irmãos".

A coragem que com isso mostram ultrapassa todo heroísmo: estando uma vez a mesma Santa num iminente perigo de naufrágio, ao ver que seu confessor, o Beato Raimundo, consternava-se como toda a tripulação, ela,

---

859 "Para chegar a uma vida tão elevada, diz Sauvé (*Etats myst.* p. 96), tiveram que passar por terríveis purificações; e dessa experiência do divino tiraram esse apreço e amor excessivo à cruz; e mortificando todo o imperfeito é como vivem do modo mais intenso que pode se conceber. Se o amor de Deus e da cruz, que os tem arrebatados, assombra-vos, se os acentos com que se expressam vos parecem loucuras, jogai a culpa em si mesmos, e creiam que não sabeis que coisa é tratar com a infinita Bondade, e o infinito Amor e a Santidade infinita. Na realidade, só essas almas estão na posse da Verdade completa: só elas são lógicas, e nós que nos assombramos do seu amor ardente e do seu zelo devorador, somos uns pobres atrasados, mais ou menos cegos, covardes, preguiçosos e grosseiros no caminho do amor de Deus".
"Eu já não vivo sem penas, dizia Santa Maria Micaela do Santíssimo Sacramento (dezembro de 1859, cf. *Câmara*, l. 3, c. 15), e são como estímulos que me levam a amar a Deus. Sim, para mim já não há mais vida que meu amado Jesus: por Ele e para Ele quero a vida. Que dita é estar protegida por Ele, viver com Ele, e levá-Lo no coração gravado! As penas são flores para aquele que ama muito seu Jesus amado. O mundo foge delas, e eu as busco em cada fundação que se faz por Jesus..."

860 "Nosso Senhor me fez ao seu gosto. Sendo como sou, triunfou sobre minhas resistências. Agora nem Lhe resistir sei. Faz Ele de mim o que quer, e sei que se compraz em minha pequenez... Tudo me é indiferente – a vida ou a morte – exceto a união com Deus". Assim me falava a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos um ou dois meses antes da celebração de seu místico desposório, e oito meses antes de ser levada para a glória. O trato com as criaturas – que lhe havia sido molestíssimo – já lhe era agradável para cumprir nisso a vontade de Deus, ganhando-Lhe almas; e porque, apesar da facilidade e simplicidade que todos admiravam em sua conversação, essa "em nada lhe impedia de seguir tão absorta em Deus como se estivesse orando diante do Sacrário". Para viver, queria viver sofrendo sempre e cada vez mais: "Que cresçam, que sigam crescendo sempre as dores, que não posso viver sem elas. Mas que cresça também a fortaleza, que já não posso mais..." – me disse na última hora.

com serenidade supra-humana lhe disse: "Padre, por que te perturbas? Ao senhor *o que lhe importa isso*? Nós não temos mais interesses para cuidar senão aqueles de Deus e de sua Igreja; dos nossos, Ele cuidará". E cuidou fielmente, tirando-os do perigo[861].

O desapego dessas generosas almas chega até a própria oração e trato divino, que tanto amavam e tanto lhes custava abandonar, pelos inefáveis consolos espirituais que ali sentiam e os grandes progressos que notavam. Agora, quando o Esposo as chama para se sacrificarem por Ele, já não respondem (Ct 5, 3): "Estou deitada; meus pés estão lavados e temo me sujar". Prontamente, assim que o bem de alguma alma exige, sem a menor dificuldade, abandonam o leito da oração e os divinos consolos e deixam apressados o doce repouso de Maria pela solícita diligência de Marta. Se bem que já não se perturbam como essa, pois no meio de uma prodigiosa atividade exterior, seguem tranqüilas, recolhidas, conversando com Deus em seus corações como se estivessem sozinhas. Por isso, então não há perigo de que se sujem seus pés com o contato terreno, nem se contagiem com a viciada atmosfera mundana; antes elas purificam e santificam o solo que pisam, e embalsam e saneiam o ambiente com a virtude que exalam. Tal aconteceu com a mesma Santa Catarina, com São Felipe Neri, com Santa

861 Outras vezes lhe dizia (*Vida* 1ª p., 10): "Por que o senhor cuida de si mesmo? Deixe agir a Providência. No meio dos maiores perigos tem Deus os olhos postos em vós. Ele o guardará sempre". Quando mais adiante se achava ele muito satisfeito por não ter caído nas mãos dos inimigos da Igreja, que o buscavam para o matar, ela lhe escreveu desse modo (*Ep.* 106): "Tivestes grande alegria que Deus condescendesse com vossa fraqueza. Ó, pobrezinho e acovardado Pai meu! Quão ditosa teria sido vossa alma, e a minha, se com vosso sangue tivesses colocado uma pedra no muro da Santa Igreja! Verdadeiramente temos matéria de choro em ver que vossa pouca virtude não mereceu tanto bem... Como homens já crescidos, corramos ao campo de batalha, e estejamos firmes com uma cruz atrás e outra na frente, para não poder fugir... Submergi-vos no Sangue de Cristo Crucificado, banhai-vos no Sangue, embriagai-vos no Sangue, revesti-vos do Sangue, senti dores no Sangue, alegrai-vos muito no Sangue, perdei a fraqueza e a cegueira no Sangue do Cordeiro sem mancha, e com luz correi como esforçado cavalheiro a buscar a honra de Deus, para o bem da santa Igreja e a salvação das almas no Sangue". "Nisso se conhecerá, advertia em outra ocasião (*Ep.* 69), aqueles que são os verdadeiros servos de Deus, em abandonar todos os seus consolos e as comodidades de seu doce retiro, para irem aonde o bem da Igreja e a salvação das almas os chamam".

Teresa e outros grandes Santos que, no fim de sua vida, viram-se forçados a sacrificar longas horas da contemplação pela ação, sem perder por isso nada, antes progredindo muito na caridade, ao mesmo tempo que ganhavam inumeráveis almas[862]. Nada estranho que, para poder chegar da simples união à tão sublime estado, tenham tido que passar pelas grandes provações e tribulações, morrendo uma e muitas vezes a si mesmos, para alcançar viver com Jesus Cristo em Deus.

Mas ao ser essa união do místico desposório tão admirável e tão contínua, ainda não é totalmente estável, muito menos indissolúvel; ainda cabem nela grandes ausências, obscuridades e desolações, tanto mais penosas, quanto mais ardente é o amor e mais vivas as ânsias de chegar a uma transformação completa. E, o que pior é, ainda poderiam caber sérios perigos que obrigam a alma a vigiar sobre si e andar muito alerta, se não quer se expor a perder tanto bem e sofrer um abandono definitivo. O Beato Suso viu como dessas alturas desciam duas almas ao abismo, onde se agitavam os mundanos: uma, cheia de luzes para esclarecê-los e salvá-los; mas a outra, escura como o carvão, que, enfraquecida, presumindo de si, descia para os perverter ainda mais com errôneas doutrinas[863].

Para que essa união se consolide e chegue a ser tão íntima e indissolúvel, que a alma alcance já uma segurança plena de não se modificar nunca, necessita dar provas de fidelidade e de amor, submetendo-se a outros

---

862 À Santa Catarina de Sena, depois de ter sido elevada a ver a própria Essência divina, a glória dos santos e o suplício dos condenados, como se horrorizava de ter que voltar a esse mundo, disse o Senhor (*Vida* 2ª p., 6): "A salvação de muitas almas o exige; não viverás já como antes; abandonarás teu retiro e correrás pelas cidades salvando almas. Eu estarei sempre contigo, te levarei e te trarei; te encomendarei a honra do meu nome, e ensinarás minha doutrina aos grandes como aos pequenos, aos sacerdotes e religiosos como aos leigos... Te darei uma palavra e uma sabedoria que ninguém poderá resistir; te porei na presença dos pontífices e dos que governam a Igreja e os povos, a fim de confundir por esse meio, como faço sempre, o orgulho dos grandes... Já vês que glória perdem e que suplícios sofrem os que me ofendem".

863 *Diálogo de las nueve peñas* 13, 9ª. Convém advertir que o Pe. Denifle e outros críticos crêem que este *Diálogo*, que vinha figurando entre as obras do Beato Suso, não é dele, mas de seu discípulo ou admirador R. Merswin. Por nossa parte, como o cremos muito digno do mesmo Beato, feita essa ressalva, não reparamos em citá-lo como seu.

alvejantes e purgações, sem comparação mais dolorosas que as passadas, que a limpem até do último vestígio do homem terreno e a convertam em anjo em carne humana. Por pura, simples e santa que parecia já em sua doce *união de conformidade* com Deus, ainda está incrivelmente distante da pureza, retidão, simplicidade e santidade que não necessárias para essa outra união tão íntima, perfeita e estável em que Deus há de ser *já tudo em todos*, e em que a alma fica tão completamente perdida e *transformada* n'Ele, que pode se dizer de verdade que os dois são *um só Espírito*[864]. Mesmo sem se dar conta, estava cheia de imperfeições ocultas – que a encheriam de confusão e desânimo se as visse[865] – e de um sutilíssimo amor-próprio, tanto mais nocivo, quanto mais espiritual e dissimulado, que se vendia por santo. Entre os mais abrasadas desejos e suspiros por Deus, e até entre as embriaguezes do amor divino, ainda se buscava um pouco a si mesma, e atendia aos seus particulares olhares e conveniências; ainda conserva certo apego aos consolos espirituais, e dobrando-se um pouco sobre si mesma e fixando-se demasiado nos próprios dons divinos com certo esquecimento do Doador. E para que essa união seja totalmente perfeita, exige Deus que O busquemos só por ser que é e não com nenhum outro olhar, e para esse fim quer que a alma, no momento supremo, esqueça-se de todo o criado, por santo que seja, e por necessário que lhe tenha sido para chegar a esse feliz término, e adira puramente à simplíssima Essência incriada: só assim poderá desposar-se com o Verbo da Sabedoria de Deus[866].

---

864 "A purgação do sentido, diz São João da Cruz (*Noche* 2, 2), só é porta e princípio de contemplação para o espírito, e mais serve para acomodar o sentido ao espírito, que para unir o espírito com Deus. Mas, todavia, se ficam no espírito as manchas do homem velho embora não lhes pareça nem sequer as veja; as quais, se não saem com o sabão e forte alvejante da purgação dessa noite, não poderá o espírito chegar à pureza da união divina".

865 *Delicta quis intelligit? ab ocultis meis munda me* (Sl 18, 13).

866 Quando já estão totalmente sossegadas, purificadas e fortalecidas todas as potências da alma, "pondo-as em sono e silêncio acerca de todas as coisas do alto e de baixo, imediatamente, diz São João da Cruz (*Noche* 2, 24), esta divina Sabedoria se une à alma com um novo modo de posse de amor, e se realiza o que dela se diz: (Sab 18, 14): *Cum enim quietum silentium contineret omnia et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens Sermo tuus de caelo a regalibus sedibus prosilivit...* Não se

Para esse fim a ataca com uma luz vivíssima e penetrante, que ilumina até as últimas dobras do coração e vai lhe revelando todas as suas múltiplas imperfeições; que com ela aprenda verdadeiramente a conhecer a si mesma, e a Ele já conheça, e saiba o que deve apreciar e o que necessita desprezar, purificar ou retificar. E, sendo tão viva, essa luz lhe ofusca e aniquila, fere-a como um raio e a deixa sepultada nas mais espantosas *trevas*... E é ali onde ocultamente deve experimentar sua total renovação. Ali se configura com Jesus Cristo, recebendo com grande dor a impressão de seu divino *Selo* vivo; ali tem que acompanhá-Lo muito verdadeiramente na paixão, morte e sepultura, para ressuscitar no fim com Ele totalmente transfigurada, com uma vida verdadeiramente *nova*, em que não só viva *unida* a Ele, mas *transformada* e feita uma só coisa com Ele. Pois quando essa união tiver se consumado e ratificado no *matrimônio espiritual*, verá a alma claramente que Deus se apoderou já de todo seu ser, como um novo princípio vital que a renova e diviniza, e que Ele é quem nela *age* e *vive*. Para isso se ordenam todas as terríveis purgações e as místicas operações da obscuríssima e prolongada *noite do espírito*, de que logo falaremos mais extensamente, já que costuma se tornar mais violenta depois do *desposório*[867], por mais que comece a ser sentida muito antes, durante a própria *oração de união*.

Para que ela, com efeito, de *conformativa* se torne *transformativa*, é preciso que o próprio Deus aja na alma de um modo mais oculto, misterioso e doloroso. Tira-lhe as delícias sensíveis que experimentava em sua união, onde a felicidade do espírito redundava nos sentidos. E assim parece que a ela se oculta e se esconde enquanto está se unindo a ela de um modo muito mais íntimo. Ela estranha a profunda mudança que em tudo experimenta; crê-se abandonada e, no entanto, encontra-se muito melhorada em tudo, e muito proveitosamente modificada, sem saber como. Nota, às vezes, o delicado *toque* ou sutilíssimo *contato* divino que, ao renová-la, produz nela

---

pode chegar a essa união sem grande pureza; e essa pureza não se alcança sem grande desnudez *de toda coisa criada* e viva mortificação".

Veja-se também: São João da Cruz, *Llama de amor* canc. 3, v. 3; Santa Teresa, *Moradas* 7, 2.

867 Cf. Santa Teresa, *Mor.* 6, 2.

grandes ímpetos de amor, mas esses, apesar de serem ardentíssimos e causarem uma dor muito intensa, não se traduzem em nada sensível nem causam sequer a menor mudança na face. É uma suma violência interior que a fere como de morte para destruir todas as imperfeições humanas e, no entanto, vai unida exteriormente a uma paz inalterável. Assim os ímpetos *do espírito* não se parecem quase em nada e excedem incomparavelmente em eficácia aos que antes se sentiam na união, fazendo prorromper em gemidos e em outras muitas demonstrações exteriores[868].

Nessa pavorosa obscuridade espiritual, encerrada a alma em seu místico casulo e incapacitada de agir por si mesma e tomar alguma iniciativa, enquanto se crê encarcerada, ou sepultada no próprio inferno, vai paulatinamente experimentado a misteriosa mudança *da união conformativa* na *transformativa*, sem que ela mal perceba. Só nota que despareceram as comunicações sensíveis e todo aquele júbilo da união que antes tinha. Essa se faz a ela tanto mais imperceptível quanto mais íntima vai sendo, e assim, mal pode se reconhecer até que esteja já realizada toda a obra. Ao sentir falta dos atrativos da outra união, e receber essa luz espiritual que, ofuscando, parece puras trevas, e esse fogo abrasador que não toca no sensível, a alma não crê sentir outra coisa senão terríveis martírios; mas, como obras do puríssimo amor, são a ela tão amáveis que, se é bastante animada e fiel, não desejará que desapareçam, mas que aumentem e se prolonguem, porque com eles,

---

868 O Beato Bernardo de Hoyos (cf. *Vida* p. 134), expõe a diferença entre os ímpetos sensíveis e os espiritualíssimos, dizendo: "Ali sente a alma muito bem que sua dor é de amor, e que está com o Senhor, que é quem a fere; aqui não há nada disso, pois pensa que não ama, que está ausente de seu Deus, e ignora o que é que causa sua pena... Ali se estremece o corpo e participa bastante da ferida; aqui não sabe o que passa no interior até que tenha passado, nem participa senão de uma redundância muito moderada, pois nem poderia a sofrer igual à interior. Ali... para dar no coração, ferem antes o peito; aqui parece que ferem o coração sem tocar o que está antes dele, isto é, ferem o fundo da alma sem que tenha parte o corpo. Ali parece que, embora a *ferida seja forte*, não é mortal; aqui parece que reduz ao pó tudo que encontra, e é ferida mortal de amor, e, sem dúvida, um só desses ímpetos bastaria para me tirar a vida. Espero que, sendo a vontade de Deus, hei de entregá-la nas mãos de tão amorosos matadores". Sobre esses diversos tipos de *ímpetos*, veja-se: Santa Teresa, *Vida* c. 20, 21, 29, 39; *Moradas* 6, c. 2, 11; *Conceptos de amor* c. 4.

sem saber como, vê que recebe nova vida, novos alentos e desejos que não têm já nada de terreno e egoísta[869]. E assim se maravilha de si mesma ao se ver tão mudada, tão espiritualizada, tão renovada e vitoriosa com a mesma coisa que aparentava ser uma lastimosa perda. Nessa morte achou a vida, e em cada um de seus variadíssimos sofrimentos vai vendo um amoroso toque do divino Artífice que a está modelando ao seu gosto, para fazer Ele tudo nela. Com isso acaba por se abandonar cegamente em suas divinas mãos, e de bom grado se resigna a deixar Deus agir e *se deixar modelar* por Ele, enquanto tão dolorosamente se vê despojar de si mesma e de todos os seus gostos, afetos, desejos, interesses, modos, procederes e pareceres humanos.

À medida que assim vai se purificando e renovando pode ir distinguindo melhor aqueles sutilíssimos raios da luz celestial que lhe dá a conhecer os divinos mistérios. Mas essa mesma luz a faz penar muitíssimo com umas ânsias muito dolorosas[870], porque quanto mais a enche do conhecimento amoroso de Deus, tanto mais vazia lhe parece estar, pois vê que isso que conhece não é nada comparado com o que lhe falta ainda por conhecer, e crê impossível poder penetrar naquele abismo adorável que tanto a embeleza, atrai e cativa[871].

---

869 "O padecer – escrevia certa pessoa (T.) nesse estado – conheço ser tão bom para minha pobre alma, e é um alimento tão substancial para ela, que peço a Deus que não me tenha por um momento sequer sem sofrer, só por Ele, na *secura*, sem paga de nenhum tipo, e até a morte se assim for de seu agrado. Dá-me grande consolo pensar que em suas mãos está a faca, e que Ele fará as feridas que minha alma necessita para ser curada... Que poderei fazer eu para que se destrua prontamente em mim todo o terreno? Esse grande desejo de minha alma não é de padecer menos ou de gozar mais; nada disso: é unicamente para agradar Àquele por quem minha alma se desdobra para ver comprazido, embora para conseguir isso tivesse que padecer quantos tormentos se possam imaginar. Sou muito frágil, confesso, mas apoiada n'Ele espero poder tudo".

870 Veja-se também: *Vida de la venerable madre Doña Michaela de Aguirre*, pelo Padre Alonso del Pozo, l. 2, c. 10; Tauler, *Inst.* c. 12.

871 *Entrada na noite do espírito, e princípio da união transformativa. – Pouco* antes de tomar o hábito religioso, com a idade de vinte anos, a angelical Maria Busto – depois Madre Maria da Rainha dos Apóstolos – escrevendo ao seu diretor (13 de janeiro de 1901) lhe dizia: "A união de minha alma com Deus me parece que se tornou muitíssimo mais intensa e íntima, embora mais impalpável e espiritual que a de antes. Sinto-me como no mais interior de minha alma como abrasada por esse fogo de que tantas vezes lhe falei, embora agora o sinta de um modo distinto. É assim como se as

Mas, embora essas almas mal advirtam a misteriosa obra que nelas se realiza, ou não consigam dar a razão daquilo que sentem, quando Deus quer que expliquem, como é Ele mesmo quem faz tudo nelas, vai lhes sugerindo as palavras oportunas, com que alcançam falar dessas coisas incomparavelmente melhor do que poderia fazer qualquer teólogo especulativo. Outras vezes, para que melhor compreendam ou possam explicar essa maravilhosa renovação interior, que elas percebem inefavelmente em visão intelectual,

---

chamas que me consomem saíssem do próprio Deus e me unissem a Ele de um modo impossível de explicar e completamente diferente ao que outras vezes expliquei. O que sinto agora é muito mais interior, mais profundo, mais secreto e oculto a mim mesma; é um sofrer nessa união sem mistura de consolo sensível que antes sentia. Mas bem longe de sentir falta desse consolo, pois sem ele essa união me parece muito mais pura. O que me faz também padecer muito é, que quanto mais sinto o que vem de Deus, mais descubro o infinito que me falta por sentir, e sentindo minha alma plena, encontro-me vazia pela grande ânsia que tenho de sentir ainda muito mais (ver Tauler, *Inst.* c. 12). Assim como aumenta a união, também aumentam e são cada vez mais horrorosos os desamparos e abandonos; e muitas vezes me sinto interiormente consumida por essa *pena de dano* da separação de Deus, de tal maneira, que me encontro como sem forças para sofrer tanto, e até no corpo sinto um decaimento notável; enfim, o que posso dizer é que, sendo inumeráveis as mudanças que em meu interior experimento, todas consistem em padecer, embora de modos bem diferentes; e eu, graças a Deus, não desejo outra coisa, porque creio que nisso consiste minha verdadeira e única vida. E agora, meu Pai, noto, mais que nunca, que quando melhor me encontro é quando sofro mais; e mesmo a maneira de sofrer que tanto me horrorizava (e a que chamava inferno) cheguei quase a desejá-la; eu não sei quem mudou, se foi ela ou eu... Quanto ao desejo e necessidade que antes sentia de comunicar minhas coisas com X..., cessou por completo. Nosso Senhor me pediu o sacrifício de renunciar a esse consolo (que é o maior que nas coisas de fora podia ter); e resulta que é maior ainda o que tenho em não o ter. Faz tempo que me parecia sentir que Nosso Senhor me queria sozinha, isto é, sem nenhum tipo de apoio interior nem exterior; a mim isso muito me impunha (embora me encontrasse disposta); e agora, encontro-me tão bem nessa solidão! Antes me dava Nosso Senhor desejos de me esquecer de tudo e de todos; e agora que, graças a Ele, isso foi feito, dá-me de que todos me esqueçam (e isso nunca cri que chegasse eu a desejar). Bendito seja o Jardineiro por tudo! Sua obra na minha alma é cada vez *maior*, embora mais *secreta*, pois *sem me dar conta de como nem de quando, encontro-me com tudo feito...* Acontece-me quando lhe dou conta de meu interior, que na oração sinto como uma voz que me diz claramente tudo o que hei de lhe dizer; e logo ao escrevê-lo parece que me vão ditando, sem eu quase saber o que vou pondo".

Pouco depois, suas comunicações chegavam ao *inefável*, que obriga a emudecer. Assim teve que se contentar em dizer (maio de 1901): "Muito, muito, muito; e nada, nada, nada; embora um e outro de uma maneira bem distinta à de antes; agora creio que as coisas progrediram em qualidade e em quantidade".

ela é representada ao mesmo tempo com outra imaginária, fazendo visivelmente no coração o que invisível e misticamente está se realizando no íntimo do espírito.

Assim é como tantas almas vêem que o Senhor lhes arranca, troca ou lhes abrasa e purifica o coração, e compreendem muito bem o mistério dessa operação tão dolorosa como saborosa[872].

E assim é como se verifica essa obscuríssima e prolongada elaboração interior, tão mal conhecida ainda, que renova as almas que já desfrutavam da união com Deus, e as vai dispondo para o místico *desposório*, e logo as leva paulatinamente à total transformação que se requer no *matrimônio espiritual*. Durante essa renovação preparatória, nos grandes *raptos e vôos* que acontecem à alma no meio de seus sofrimentos, é quando se realizam as *entrevistas* que precedem a celebração daquele, e nas quais ela recobra novos alentos para se submeter com ânimo a todas as operações que quer nela realizar o divino Espírito. A obscuridade penosíssima vai, pois, intercalada

---

872 *A troca de corações*. – "Essa espécie de troca de corações, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 10, cf. 21), é uma das coisas mais recorrentes na vida dos Santos. Com freqüência se manifestou exteriormente de modo maravilhoso, como lemos na vida de Santa Catarina de Sena (B. Raimundo, 2, 6, 179, 180), na de Santa Catarina de Ricci (Bayonne, 1, 147), de Santa Lutgarda (Tomás de Cantimpré, l. 1, 12), da Beata Osanna de Mântua (Frei Silvestre, 3, 1, 98), da Beata Inês de Jesus [de Langeac] (Lantages, 1, 99; 2, 132) e de Santa Dorotéia de Montau (Johannes Marienwerder, 1, 2, 10; 2, 3, 45). Na realidade se verificou interiormente mais ou menos em todos os Santos. Pelo mesmo fato deixam de ser incompreensíveis muitas coisas de suas vidas. O exterior é a expressão do interior". Em Santa Matilde (*Liber specialis gratiae* 3, 29, 37; 5, 21) vivia Jesus Cristo tão verdadeiramente, que podia Ele dizer: "Meu coração é teu, e o teu, meu". "Eu sou teu penhor, e tu és o meu". E assim Ele mesmo era a voz que se glorificava nela.

Coisa parecida acontecia recentemente à Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (cf. *Vida* do Pe. Alvarez, p. 272, 380 etc.). Certo dia, escreve (18 de janeiro de 1872; *Vida* p. 279), "depois de ter recebido meu dulcíssimo Esposo (com quem no mês anterior tinha celebrado o desposório), apresentou-se a mim lindíssimo com seu doce Coração manifesto em seu peito. Estava ardendo em amorosas chamas e muito feliz. Meu Deus tomava com suas divinas mãos o fogo que tinha em seu Coração e o lançava no meu, e me disse: *Quero que se consuma teu coração à força do divino amor.* Observei que meu coração era pequeno, e quando Deus lançava fogo do seu no meu, ia se tornando grande e belo".

Veja-se também: Irmã Mariana de Santo Domingos, *Vida* p. 294.

com indizíveis luzes e consolações. Melhor se diria que essa mística *noite* é uma contínua e maravilhosa *iluminação*, em que a claridade, o ardor e o gozo crescem em proporção das aparentes trevas, da desolação e da intolerável dor. Assim se dispõe a alma e se adorna com trajes divinos para ser digna *esposa do Verbo*; assim vem a se fazer uma mesma coisa com Ele na plena comunicação de seu Espírito, e assim se consolida logo essa feliz união até que no fim se confirma com um pacto inquebrantável.

Mas como esse pacto do *matrimônio espiritual* exige que a renovação já seja plena, antes de passar a falar dele, vejamos se com ajuda das almas experimentadas podemos dar alguma idéia, ainda que remotíssima, do que é essa mística *noite*, onde se realizam tais mistérios, e das penas acerbíssimas e verdadeiramente *inefáveis* que nela por longo tempo – que não costuma ser menor que três anos – têm que sofrer os mais privilegiados e corajosos servos de Deus, se hão de chegar na terra a uma tão perfeita configuração com Cristo, que possam já de um modo estável gozar das primícias de sua glória.

§ II. – A NOITE DO ESPÍRITO. – NECESSIDADE DO PURGATÓRIO EM VIDA OU NA MORTE; AS PURGAÇÕES DA ALMA ILUMINADA; CONDIÇÕES E FASES DESSA NOITE; O EXCESSO DE LUZ DIVINA E A OFUSCAÇÃO QUE PRODUZ; ANGÚSTIAS DE MORTE E DORES DE INFERNO. – A GRANDE TREVA; OS DOIS ABISMOS; O TOTAL ANIQUILAMENTO E A RENOVAÇÃO; A PURIFICAÇÃO E A VISÃO DE DEUS; A MANIFESTAÇÃO DOS DIVINOS MISTÉRIOS NA UNIÃO TRANSFORMANTE.

Para que Deus chegue a viver estavelmente na alma, feitos os dois uma só coisa, e fazendo-se nela sentir até no mais íntimo de seu ser, é preciso que não só estejam totalmente purificadas as potências, de modo que não ofereçam o menor obstáculo *à atividade divina* – ou à *manifestação* que dela se faz mediante as virtudes infusas e os dons –, mas que essa purificação alcance a própria substância da alma, que deve se retificar do estado em que ficou pela queda, para que se harmonize sem a menor dissonância com o

Espírito reto que a vivifica, e que "é aos dois, uma vida"[873] – sendo "alma de sua vida e vida de sua alma" –, a fim de poder assim viver mais d'Ele que de sua vida própria, posto que há de *aderir a Deus* já de modo que venha a ser *um espírito com Ele*.

Isso exige, como dissemos, novas purgações enérgicas e terríveis, sem comparação mais dolorosas e terríveis que as passadas; muito mais intensas, delicadas, sutis e penetrantes, que cheguem até o mais profundo, mais vivo e mais sensível da natureza e da própria alma, de modo que "como um fogo abrasador, ou como um alvejante divino" (Mal 3, 2), deixem-na toda pura, branca e cintilante, sem a menor mancha. E essas acontecem na chamada *noite do espírito*.

São João da Cruz, que ao descrever as penas da *noite dos sentidos*, sendo tais e tão grandes como vimos, tem-nas por muito suportáveis; ao chegar a essas do *espírito*, estremece-se e mal consegue descrevê-las: diz que são não já terríveis, mas intoleráveis, e que não têm comparação senão com as do purgatório ou as do próprio inferno (*Noche* 2, c. 6-8).

Por isso é nele onde a maioria dos justos devem passar, já que não passaram por ele nesta vida; pois ninguém pode ver a Deus face a face, que é a própria retidão, santidade e pureza, "sem *morrer*" ao velho Adão; isto é, sem se retificar totalmente, sem se purgar completamente do menor vestígio de manchas, da menor sombra ou opacidade, sem adquirir em grau absoluto, podemos dizer, a pureza, a transparência e a santidade verdadeiras[874]. Por aqui se compreenderá, por uma parte, a necessidade das acerbíssimas penas que ali padecem as benditas almas, sobretudo quando mal se purgaram nesta vida, e por outra, o amor e agrado com que, ao compreenderem então tal necessidade, aceitam-nas, e o sumo ardor com que as desejam, a fim de comparecerem dignamente, e não manchadas e cheias de confusão, diante da

873 Beato Nicolau Factor.

874 Ainda se buscamos seriamente nos purificar de nossas culpas, se apesar disso não nos cuidamos o bastante de desfrutar aqui na terra das doçuras da amizade de Deus, "muito de temer é, diz o Pe. Monsabré (*Orac.* 5, § 3), que Ele nos faça expiar nossa indolência e nossos descuidos numa longa espera, com mui dolorosa aprendizagem de aspirações, desejos e amarguras".

Majestade de Deus. Pois não poderão tolerar seu eterno resplendor, se não estão já totalmente puras e transparentes, nem podem menos que desejá-Lo com as mais vivas ânsias uma vez que se manifesta a elas e de algum modo lhes revela seus infinitos encantos. Assim buscam o purgatório como seu único remédio e como uma maravilhosa invenção do amor divino, que não quer privar para sempre de sua glória os muitos que morrem em sua graça sem estarem totalmente purificados[875].

Por aqui se vê quão baixa idéia têm da infinita Santidade e Pureza divina os desgraçados hereges que atribuem toda nossa justificação à simples imputação dos méritos de Jesus Cristo, sem que despareçam da alma as manchas e feiúras do pecado, e, depois desse gravíssimo erro, negam a necessidade do purgatório. É certíssimo que nada manchado pode entrar

875 A alma em graça que, ao se separar do corpo, não se encontra em sua perfeita pureza, "vê em si, diz Santa Catarina de Gênova (*Purg.* c. 7), um obstáculo que a impede de se unir a Deus, e, vendo ao mesmo tempo que esse obstáculo não pode tirar senão no purgatório, lança-se nele de repente com todo o ímpeto de sua vontade. E se não encontrasse esta invenção de Deus, tão excelentemente acomodada para destruir o obstáculo que a detém, sentiria no momento, mesmo dentro de si mesma, um tipo de inferno muito mais terrível que o purgatório, vendo em si algo que a impede de se unir a Deus, que é seu fim. Essa incapacidade, embora passageira, de se lançar nos braços de Deus, cria nela um suplício inefável, na presença do qual o purgatório, em certo modo, não é nada, ao ser semelhante ao inferno".
"Por grandes que sejam suas penas, acrescenta (c. 9), o ardor de seu amor a Deus não lhe permite levá-las em conta. O sofrimento dos sofrimentos dessas almas e seu único martírio, em certo modo, é a oposição que em si mesmas encontram à vontade de Deus, a quem vêem claramente abrasado no mais terno e perfeito amor para com elas... Isso é o que as inflama no fogo de amor recíproco, tão vivo e tão violento, que de bom grado se precipitariam num purgatório e num fogo muito mais terríveis, se desse modo pudessem tirar antes o obstáculo que as impede de seguir seus ímpetos para com Deus e de se unir com Ele". "Se por um impossível, uma dessas almas, a quem já não faltasse mais que um pouco de purgatório por sofrer, fosse apresentada à clara visão de Deus, ela mesma consideraria isso como uma grande injúria, e comparecer diante d'Ele nesse estado seria para ela um tormento mais terrível que dez purgatórios... Vendo que Deus não estava ainda plenamente satisfeito, não poderia se resolver a frustrar os direitos de sua justiça. Embora não lhe faltasse já mais que um abrir e fechar de olhos do penar, seria para ela intolerável comparecer diante de Deus com essa macha" (c. 14).
"Essas almas sofrem, pois, sua pena com tanto gozo, que por nada gostariam que lhe fossem tiradas o menor átomo dela; demasiado conhecem quão justamente a mereceram e quão santamente está por Deus ordenada" (c. 16).

no céu (Ap 21, 27). E conforme deve ser o definitivo grau da união e posse de Deus, e, portanto, o da visão e glória, assim tem que ser o da renovação e purificação. Se essa é feita em vida, aumenta os méritos e a união de graça, e, como voluntária, é muito mais benigna e suave. Mas se se deixa para depois da morte, como carece já de mérito, em nada aumenta o grau de união e perfeição essencial, nem, pelo mesmo motivo, o de glória; e como forçosa, tem certo aspecto mecânico que a faz muito mais rigorosa, prolongada e intolerável: converte-se em verdadeiro inferno, onde se padece incomparavelmente mais do que podemos imaginar[876].

Quando, para suma contradição, acusam-nos esses mesmos sectários de pôr nossa religião e justiça em vãs exterioridades – e não em adorar e servir a Deus *em espírito e em verdade*, descuidando do interior pelo exterior –, pouco se fixam nessa renovação prodigiosa que experimentam as almas católicas que a tal grau chegam, muito menos em seu viver verdadeiramente divino. Mas essa maravilha é tal, que se lhes impõe como por força, e assim

876 "Vi, diz Santa Catarina de Sena (*Vida* 2ª p., 6), os tormentos do inferno e os do purgatório: não há palavra que os possa ponderar. Se os pobres homens tivessem deles a mínima idéia, prefeririam sofrer mil vezes a morte antes que suportar a mais leve dessas penas durante um só dia". Nas maravilhosas revelações da V. M. Francisca do Santíssimo Sacramento, O.C.D., acerca do purgatório (cf. *Vida*, por Lanuza, l. 2, c. 2 s.), pode se ver quão terrivelmente se purificam ali ainda as faltas que nos parecem menores, e, sobretudo, as cometidas pelos que estão encarregados de corrigir e edificar. Se vê como grandes prelados, religiosos observantíssimos e leigos passam quarenta e sessenta anos se purificando, com indizível rigor, de coisas que aqui se reputam por nada. Um religioso de sua Ordem, que havia dado grandes demonstrações de observância e austeridade, disse-lhe que levava vinte e cinco anos sofrendo por ter sido muito apegado à sua própria opinião; outro, pela mesma razão, embora tenha sido muito penitente, levava trinta e três anos, e lhe acrescentou que *quase não tinha podido se salvar*... Muitos eram obrigados a purgar suas faltas no mesmo lugar em que as cometeram, e um em seu próprio cadáver. Aquelas penas eram tão terríveis, que uma alma lhe disse: "Se padece mais num instante, que aí em mil anos". E outra: "Maior é aqui um momento de penas, que aí até o fim do mundo" (ib. c. 8 e 9). No entanto, todas se mostravam muito contentes, superabundando de gozo, por se encontrarem salvas e verem como nelas se cumpria a divina Justiça. "Não pedimos a Deus alívios, disse-lhe uma (c. 8), mas estamos contentes com o que nos dá e de que se faça sua vontade; porque para ir para o céu a alma deve estar mais pura que o cristal e que o sol". "Não tenha pena de mim, disse-lhe outra (c. 5), pois estou contentíssima pagando à justiça de Deus o que não entendi no mundo".

é hoje bastante freqüente, nos protestantes mais sinceros, reconhecer, apesar de tudo, a alta santidade e o sublime espírito cristão que na Igreja Católica oferecem os *grandes místicos*, a quem não podem menos que admirar.

Mas toda nossa admiração é pouca para aquela que merecem esses generosos servos de Deus que, decididos a seguir Jesus Cristo nas agonias da cruz, alcançam por fim configurar-se com Ele tão perfeitamente, de modo que saem como *totalmente renovados*, sem ficar neles já nada para purgar no outro mundo.

A essas raríssimas almas a quem, por terem sabido corresponder à graça, ou como por singular favor, quer Deus mostrar-se nesta vida, fazendo-lhes já saborear antecipadamente a vida futura – infundindo-lhes umas luzes tão superiores àquela da fé, que quase participam do *lumen gloriae*[877] –, fá-las passar aqui na terra, com grande mérito e vantagens, outro verdadeiro purgatório[878].

---

877 Cf. Santo Tomás, 2-2, q. 8, a. 5 ad 3; 3 *Sent.*, d. 34, q. 1, a. 1.

878 "Esse modo de purificação que vejo nas almas do purgatório, sinto na minha. Vejo a minha alma habitar em meu corpo como num purgatório, e ali padece tantas penas, quantas podem ser suportadas sem morrer; minhas dores aumentam de dia a dia, e crescerão assim até que a morte me livre delas. Vejo meu espírito desprendido de todas as coisas, até daquelas espirituais, que pudessem servir-lhe de alimento... Não está em meu poder ter gosto em nada... Deus forma em torno de meu interior como um cerco que me separa e me isola de tudo, de modo que todas as coisas que antes me davam algum refrigério na vida espiritual ou corporal, foram de mim pouco a pouco subtraídas... Mas como o espírito as conhece já profundamente, converteram-se para ele em objeto de aversão e de horror... E é que o espírito, por seu instinto, procede com tanta energia, e mesmo com tal crueldade, para romper os obstáculos que se opõem à sua perfeição, que permitiria, por assim dizer, que a pusessem no inferno, se isso lhe fizesse alcançar antes seu fim. Eis aqui porque vai destruindo tudo o que podia sustentar o homem interior; cerca-o e o estreita de tal modo, que não pode passar o menor átomo de imperfeição sem que perceba e o execre. Quanto ao homem exterior... não lhe sobra outro refrigério senão Deus, que realiza todas essas coisas com amor e misericórdia. Essa visão da ação de Deus dá à minha alma grande paz e gozo, mas este em nada diminui sua pena nem o cerco em torno dela formado. Por muito que a façam sofrer, ela não gostaria de sair jamais dessa disposição divina, nem deixaria sua prisão; por nada desse mundo buscaria sair dela, até que Deus tenha dado plena satisfação à sua justiça. Enfim, todo meu gozo nesse estado está em que Deus fique satisfeito, e não poderia achar tormento mais cruel que me ver fora das disposições divinas: tão misericordiosas e justas as vejo" (Santa Catarina de Gênova, *Purgatorio* c. 17).

Neste figuram em alto grau quase todas as já referidas penas do *sentido*, tais como dores, aflições, desgraças, enfermidades, perseguições, calúnias – junto com a obscuridade, secura e desolação interior –, para acabar assim de purificar por completo todas as potências do corpo e da alma, e, ademais, outras incomparavelmente mais terríveis, como são as do *dano*, totalmente espirituais, para que alcancem não já as potências superiores, mas todo o ser, até o fundo da própria alma. Assim, os sofrimentos desta feliz *noite* chegam a ser tão intoleráveis, que parece que já não cabem outros maiores[879]. E, no entanto, de dia em dia se renovam e se reforçam de modo que os últimos fazem esquecer ou ter como muito pouco todos os já passados[880], e com esse penar tão atroz, aumenta a capacidade e a própria vontade de sofrer.

Para que com essas dores não desampare a alma ao seu corpo, diz São João da Cruz (*Noche* 2, 6), "são intercalados os momentos em que sente sua íntima vivacidade. A qual algumas vezes se sente tão vivamente, que parece que a alma vê o inferno e a perdição. Porque esses são aqueles que verdadeiramente descem ao inferno vivendo, e a modo de purgatório se purgam aqui, porque essa purgação é a que se havia de fazer lá... E assim é a alma que por aqui passa e fica bem purgada, ou não entra naquele lugar ou lá se detém pouco, porque aproveita mais aqui uma hora que muitas lá".

879 "Quando o Deus Todo-poderoso, diz Tauler (*Inst.* c. 11), quer renovar completamente uma alma, vale-se das mais duras e penetrantes aflições, a fim de purificá-la e fazê-la assim experimentar uma ditosa e divina transformação. O Pai Celestial não costuma lavar levemente a alma que quer enriquecer com seus mais preciosos dons, e em quem determinou produzir uma tão sublime mudança, mas a banha, submerge e precipita num mar de amarguras... Não, a provação dos escolhidos não é uma provação ordinária; os sofrimentos que Deus muitas vezes lhes envia quando menos pensam são tão inauditos e tão superiores aos ordinários, que não se poderiam imaginar outros comparáveis". Por isso Santa Teresa (*Camino* c. 18, e *Mor.* 6, 1) os chama de *intoleráveis*, que não podem se comparar senão com os do inferno.

880 "Quando uma está sofrendo um trabalho grande, diz a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (22 de setembro de 1872; *Vida* p. 358-9), parece-lhe que aquilo não pode aumentar, pois crê que chegou ao cúmulo do sofrer; mas não é assim, digo por experiência..., pois cada dia aumenta mais. Eu estou num lago de sofrimentos; dá-me meu Deus a beber até a última gota desse cálice amarguíssimo, e ao mesmo tempo oculta em si e comunica uma doçura, que se não experimentasse não acreditaria. É doce e amargo ao mesmo tempo... Meu Deus se ocultou de mim e me deixou no maior desamparo, e se lhe busco parece que foge de mim, como se estivesse muito irado comigo. Não tenho aonde voltar os olhos, pois por todas as partes não descubro mais que trevas. Para que tudo está contra mim. Não vejo mais que demônios que parecem que estão sempre ao meu redor tentando-me fortemente para que deixe o meu Deus".

Para que melhor se compreendam essas dolorosíssimas *purgações espirituais*, e a resignação amorosa com que são aceitas, advirta-se que, ao mesmo tempo que a alma vai descartando de si os últimos restos das *obras das trevas*, mesmo sem se dar conta, *reveste-se das armas da luz* para lutar com todos os seus inimigos (Rom 13, 12); e, como se sente muito claramente em *estado de transição*, em que a renovação ainda é incompleta, quanto mais vai tendo de Deus e maiores penhores de seu amor recebe, tanto mais deseja ter e receber, pois o alimento da divina Sabedoria produz sempre mais fome deleitosa (Eclo 24, 29). Assim, cada progresso dessa iluminação inflama a alma em mais vivos desejos de se revestir por completo de Jesus Cristo, verdadeiro Sol de justiça, e se engolfar o quanto antes no próprio mar de luz eterna. O estado habitual dos servos de Deus, que já chegaram ao *desposório*, é como um estado de violência contínua: gemem entre si com o Apóstolo (Rom 8), suspirando pela adoção perfeita, a redenção das muitas escravidões do corpo e a manifestação da oculta glória dos filhos de Deus[881].

Anseiam, pois, incessantemente pela união mais estável e por uma renovação e transformação mais profundas, e ao verem em si mesmas numerosos obstáculos, que as impedem absolutamente o que tanto desejam, sofrem verdadeiras angústias de morte e dores de inferno[882], ao mesmo tempo que estão já de certo modo gozando da glória com a união tão íntima e oculta que, conforme vão *se enDeusando*, já têm[883]. Assim se junta nelas um

---

881 "Os amigos do Pai levam um sinal, o de que seguem seu Filho único. Os olhos de sua alma estão sempre postos no mui Amado; andam buscando sua transformação: completa e totalmente querem ficar fundidos na vontade d'Aquele que amam, que é o Filho único do Pai... O amor de Deus nunca está ocioso: impele sempre a seguir verdadeiramente o caminho da cruz" (Santa Ângela de Foligno, c. 64).

Para essas almas esforçadas, que assim avançam generosamente pelos gloriosos caminhos da iluminação e da união deífica, não já as *filhas de Sião* – ou seja, as pessoas piedosas –, mas os próprios anjos as olham e celebram, dizendo entre si (Ct 6, 9): Quem é esta que – saindo da noite – assim avança como a nascente aurora, bela como a luz, pura como o sol e terrível – para o inferno – como um exército em ordem de batalha?".

882 *Dolores inferni circumdederunt me: praeoccupaverunt me laquei mortis* (Sl 17, 6).

883 "Embora sinta a alma grande desejo de que se lhe acabe a vida, adverte São João da Cruz (*Llama* canc. 1, v. 6), como não chegou o tempo, não se faz, e assim Deus, para consumá-la e elevá-la mais da

insuportável sofrer com um inefável gozar, sem que um impeça nem possa impedir o outro, posto que o gozo acompanha ocultamente a posse que já existe, e o sofrer à luta por romper os *laços da morte*, que são os obstáculos à plena união que se deseja[884].

Os sofrimentos dessas almas são de toda espécie[885]; mas o que mais dói, e o único que as obriga a se lamentarem, é aquele do afastamento de Deus, o ver como se esconde delas, aparentemente, conforme se aproximam d'Ele, e temer se virão a ficar para sempre privadas de sua vista amorosa. Sedentas como estão de amor, suspiram com ardentes ânsias por quem é a eterna *fonte de água viva*, e assim não cessam de exclamar: *Quando chegarei e comparecerei dignamente diante do meu Senhor!* E suas lágrimas correm sem cessar, e lhe são um contínuo refrigério, enquanto as criaturas – com muitas contradições – a todas as horas lhes dizem: *Onde está teu Deus?...* (Sl 41, 3-4). Com esses pensamentos se enchem de umas amarguras de morte, ao mesmo tempo que, no mais íntimo do espírito, saboreiam com uma paz

---

carne, faz nela umas investidas divinas e *gloriosas*, à maneira de encontros, que verdadeiramente são encontros, com que sempre penetra *enDeusando a substância da alma* e fazendo-a como *divina*. No qual *absorve a alma o ser de Deus*, porque a encontrou e transpassou vivamente no Espírito Santo... cujas comunicações são impetuosas quando são fervorosas, como essa o é".

884 "Quando uma alma se encontra no caminho de voltar ao estado de sua primeira criação, e conhece que para chegar deve *se transformar inteiramente em Deus*, inflama-se em tais desejos de ficar transformada, que a consomem como um purgatório. As penas desse, enquanto tais, parecem-lhe nada; mas sentir em si umas ânsias inflamadas e não as poder saciar, eis aí o que é para ela o sofrimento dos sofrimentos e o verdadeiro purgatório". "Encontrar em si mesma a causa do atraso de sua união com Deus, fá-la sofrer uma pena intolerável. Esta pena e esse atraso lhe provêm de estar ainda longe das qualidades que sua natureza deve alcançar. Elas lhe são mostradas à luz da graça, e, não as podendo alcançar, sendo capaz de possuí-las, fica entregue à uma indizível pena, que só é comparável com a estima que tem de Deus. Esse apreço cresce com o conhecimento, que aumenta à medida que ela se despoja dos restos do pecado. Mas também a pena do atraso de sua união com Deus se faz cada vez mais intolerável, porque a alma está toda recolhida n'Ele, e nada lhe impede já de conhecê-Lo tal como é e sem sombra de erro" (Santa Catarina de Gênova, *Purgatorio* c. 11 e 17).

885 Cf. Santa Teresa, *Mor.* 6, c. 1.

e um prazer inefáveis, sem que ninguém lhes possa já impedir, do próprio Bem a que tanto suspiram[886].

Para acabar sua renovação terão que entrar no abismo sem fundo da grande *treva divina* onde Deus se esconde delas, e ali, perdendo-se a si mesmas e perdendo todos os apoios de suas potências naturais, e mesmo todos os *conhecimentos positivos* que d'Ele tinham – porque a inefável realidade transcende infinitamente todos eles – e, vendo assim como são destruídas todas as apreensões e apreciações que antes as consolavam, sofrem os horrores de um despojamento absoluto e de um total aniquilamento. Crêem tudo perdido e totalmente às cegas crêem estar, e assim entram naquela *sapientíssima ignorância* que ultrapassa todo saber, e com uma simplíssima idéia, aparentemente *negativa* – porque é negação de todas as nossas ignorâncias e limitações – começam a possuir verdadeiramente e de verdade a divina Verdade, e a ficar *seladas* com o místico "Selo" de luz e de amor[887]. Purifica-

886 "Quando há na alma, diz São João da Cruz (*Noche* 2, 23), essas comunicações espirituais muito interiores e secretas, embora o demônio não alcance quais e como sejam... faz o quanto pode para desordenar e perturbar a parte sensitiva, que é onde alcança, seja com dores, seja com horrores e medos... Mas quando a comunicação tem seu puro investimento no espírito... o demônio não tira proveito de sua diligência para inquietá-la, antes então a alma recebe novo proveito, amor e mais segura paz; porque sentindo a perturbadora presença do inimigo – coisa admirável! – que, sem saber como aquilo é, entra mais dentro no fundo interior, sentindo muito bem que se põe em certo refúgio onde se vê estar mais afastada e escondida do inimigo, e assim aumenta sua paz e gozo que o demônio lhe pretende tirar... Sentindo ali a alma a verdade do que a Esposa diz no Cântico dos Cânticos (3, 7-8): "Vede que o leito de Salomão é cercado por sessenta valentes, pelos temores da noite".

887 "Tu serás diante de Mim, dizia o Senhor, no ano de 1855, à Bem-aventurada Émilie d'Oultremont, Baronesa de Hooghvorst, depois Madre Maria de Jesus (*Vie*, pelo Pe. Suau, p. 94), como cera branca, para que faça de ti o que queira, sem que te preocupes do que hás de chegar a ser. Para que Eu ponha em ti o que quero ver, é preciso que desapareça tudo o que é teu". "Nesse despojamento total, acrescenta ela, é tão grande o sofrimento, que não se poderá compreender sem o ter sentido. A natureza que assim se vê despojar se desespera, e sua impotência para conservar algo redobra seu suplício".

"Te parece, dizia há pouco o Salvador à Serva de Deus Irmã Benigna Consolata, que não vês nada e que tua alma vai de precipícios em precipícios; mas não é assim. Que necessidade tem de ver aquele que é levado? Esses momentos são dolorosos, mas necessários; são as horas de Deus, e a alma não pode fazer coisa melhor que se resignar, crer, adorar e amar... Crê no amor, e me compreenderás".

dos assim os olhos da inteligência, naquela treva obscuríssima, começam a perceber o resplendor da Face de Deus, e a ver seu Ser inefável que a NADA se parece, e com nada se pode comparar. Mas essa é a eterna luz que ilumina e desvanece todas as nossas trevas[888]. *Orietur in tenebris lux tua* (Is 48, 10).

E postos ali frente a frente o abismo do próprio NADA com o do TODO infinito, que também parece um *Nada* do que antes se conhecia, o *nada* humano morre totalmente a si mesmo e vive só para *seu Deus e seu Tudo*. Destruídos, com esse *morrer vivendo*, todos os elementos de morte e trevas que tinha infiltrado o pecado, esse *nada*, que já não sabe opor resistências, fica totalmente invadido, inundado e compenetrado pelo *Todo* divino que o *deifica*...

Essa noite não consiste, pois, propriamente, como aquela do sentido, *numa privação de luzes*, senão melhor, ao contrário, num *excesso de luz divina* que, ao mesmo tempo que revela, abrasa e consome a menor imperfeição, deslumbra, ofusca, cega, confunde e aniquila por completo a alma, liga todas as suas faculdades, e a deixa nas mais espantosas trevas, como suspendida num caos, onde, no meio do cúmulo de horrores e calamidades que por fora a costumam rodear, não vê em si mais que o abismo de seu *nada* e de suas misérias num completo *vazio* de todo bem. Essa portentosa luz, que assim a obscurece para o demais, revela a ela até os últimos seios de seu coração, e a faz ver e palpar até onde chega a humana vileza; mostra-lhe as ocultas dobras desse astuto amor-próprio que vicia ainda as melhores obras, e lhe faz sentir muito vivamente os inumeráveis defeitos e vícios ocultos que ainda não tinha alcançado conhecer nem muito menos desenraizar. E ao

888 "Entretanto, pois, no vastíssimo deserto da Divindade, perde-se felizmente, e iluminada com a claridade da *lucidíssima treva*, de tanto que conhece, parece-lhe não conhecer, e fica nessa *sábia ignorância*. Mas embora não saiba que é Deus, a quem em pura caridade está unida, e embora não O veja como é em sua glória, sabe, no entanto, *por experiência*, que transcende infinitamente todo o sensível e tudo quanto d'Ele pode se dizer, escrever e mesmo conceber com o humano conhecimento. Sente que é coisa muito distinta se perder em Deus sem representação alguma, que O perceber através de imagens e semelhanças, por nobres e divinas que sejam. Finalmente, pelo íntimo abraço e contato do amor, conhece a Deus melhor do que pode ser conhecido o sol visível por nossos próprios olhos" (Blósio, *Speculum spirituale* c. 11, § 1).

se ver com tal cúmulo de manchas e imperfeições, reconhece que, diante da infinita santidade de Deus, encontra-se totalmente impura, e que as próprias virtudes com que se adornava são como um pano cheio de imundícies (Is 64, 6). E ao ver e sentir isso tão vivamente, crê-se metida para sempre no próprio inferno, sem a menor esperança, como um réu já condenado e indigno de perdão e misericórdia. Daí as violentas tentações de desespero que então a assediam e que acabam por consterná-la, enquanto com tal rigor a acrisolam e purificam[889].

Sente-se incapacitada para tudo o que Deus lhe pede, e se crê irremediavelmente perdida[890]; embora, sem o advertir, arda num amor tão puro

---

889 Esse divino fogo de amor, à semelhança do natural, observa São João da Cruz (*Noche* 2, 10), "antes de unir e transformar a alma em si, primeiro a purga de todos os seus acidentes contrários. Faz sair para fora dela suas feiúras, e a põe negra e obscura, e assim parece pior que antes... Embora não seja pior para si nem para Deus. Como viu em si o que antes não via, parece-lhe que está mal, que não só não está para que Deus a veja, mas para que a abomine, e que já a abominou... Quando deixa de investir tão fortemente... então há lugar para a alma ver e mesmo desfrutar o labor que se vai fazendo, porque a ela se descobrem, parecendo que erguem a mão da obra e tiram o ferro da fornalha, para que apareça de certo modo o labor que se vai fazendo, e então há lugar para que a alma consiga ver em si o bem que não via quando a obra acontecia... Despois daquela demonstração que se fez... volta o fogo de amor a ferir o que está por purificar, e consumir mais no interior". A matéria ou sujeito dessa purificação passiva do espírito, diz Vallgornera (*Theol. myst.* q. 3, disp. 6, a. 1), "é a parte superior da alma em que estão as duas potências, inteligência e vontade, porque a elas se refere a purgação do espírito. A causa formal é uma deslumbrante luz que penetra até o centro da alma, esclarece suas mais ocultas dobras, manifesta-lhe seus mais dissimulados defeitos, e mostrando-lhe por uma parte a bondade e grandeza d'Aquele a quem ofendeu, e por outra sua própria baixeza e malícia, enche-a de confusão e dor e a reduz a um estado próximo ao desespero. A causa eficiente é Deus, cuja misericórdia dispõe assim a alma para a união com Ele. A causa final é essa união com Deus".

890 "Sinto, dizia em 1608, a Venerável Mariana de São José (*Vida* I. 3, c. 6), um desamparo grande de Nosso Senhor e de todo sentimento de virtudes, cercada de tentações finíssimas, e o entendimento sem forças para fazer reflexão em exame algum, sem ser possível achar razões para declarar esse estado e o que se passa comigo... Para qualquer parte que volte a alma seus olhos, acha quem a lastime e fira, e toda transpassada nessa aflita vida, está como tolhida, ou como uma criança recém-nascida, que só sente e chora, sem saber dizer de que, porquê... nem sabe distinguir o bom do mau. Parece disparate dizer que está o entendimento tão entorpecido, que não pode isso; pois não o é, mas se passa como disse. Pensar que se pode ajudar a alma, é impossível, nem fazer mais do que faz um cordeirinho que se deixa atar e levar ao matadouro sem dizer ai, porque ainda o queixar-se lhe tiraram, que nem isso consegue. Parece que lhe entregaram a uma grande multidão de inimigos que a

e desinteressado que, no meio de suas desgraças, o que verdadeiramente a aflige é o temor de voltar a ofender a quem merece um amor infinito e a pena de não O poder desagravar tanto quanto Ele merece. Esse oculto amor se converte para ela no mais cruel verdugo, pois lhe mostra e faz sentir vivamente toda a feiúra de suas culpas, imperfeições e más inclinações, sua incapacidade para o bem e propensão ao mal, sua pouca correspondência aos benefícios divinos, o mal uso da graça, o muito que resistiu ou contristou o Espírito Santo, e quão débil e hesitante foi em seguir suas inspirações, e tudo isso a aflige extremamente[891]. Pois, embora não possa ver em si com certeza nenhum pecado grave, e esteja firmissimamente resolvida a não cometer jamais com deliberação nem o mais leve, pensa que o maior pecador, com essas graças, teria feito melhor uso delas, e que uma árvore estéril não serve senão para o fogo. Parece-lhe, pois, que está já como sentenciada. Não pode se acalmar nem com os mais prudentes conselhos de seus diretores, imaginando que não a entendem nem a podem entender; por ser tão complicado esse labirinto, ou porque ela mesma, na obscuridade em que está, não sabe se explicar, ou, enfim, porque às vezes teme os estar enganando de propósito... apesar de sua sinceridade a toda prova. Tampouco se consola ouvindo ou lendo exemplos de santos que se viram em outros apertos muito parecidos; porque, embora isso lhe dê certa segurança íntima, logo começa a supor que o caso dela é *muito distinto*. E, com efeito, não é nem pode ser *totalmente igual*, porque cada alma deve ser provada à sua maneira, e o Espírito Santo – que inspira e age *segundo Lhe apraz* – nunca se repete ao realizar essas surpreendentes maravilhas de amor[892].

---

atormentam; mas nem teme, nem espera, nem sabe que obscuridade que tem... Acode ao de sempre, como um cego que vai por onde o guiam, mas sem saber quem é o guia... Padece um tormento tão cegamente, que não pode se valer senão de fazer o que disse, de se deixar entregar se banhando na própria tribulação onde se vê submersa".

891 Cf. Santa Ângela de Foligno, *Libro de las Visiones* c. 19; Santa Catarina de Gênova, *Diálogo* 2, 2.

892 "Se acrescenta a isso, diz São João da Cruz (*Noche* 2, 7), não achar consolo nem arrimo em nenhuma doutrina nem mestre espiritual. Porque embora lhe testemunhem as causas de consolo que pode ter pelos bens que há nessas penas, não o pode crer... Parece-lhe que como eles não vêem o que ela vê e sente, não a entendendo, dizem aquilo, e em vez de consolo antes recebe dor, parecendo-lhe

Para o cúmulo de sua dor e maior prova de sua fidelidade, permite Deus então que se esqueça de todos os favores recebidos e mesmo daqueles que poucos momentos antes havia acabado de receber, ou que os tenha por uma ilusão e um sonho até que Ele de novo a esclareça e alente com outros favores mais especiais, que por sua vez a confundem e aniquilam. Mas, entrementes, encontra-se na ansiedade mais dolorosa e cruel[893]. Ao se ver tão violentamente *arrancada da paz*, parece-lhe, como ao profeta das Lamentações (Lam 3, 17), que está completamente *esquecida de todos os bens*, e que nunca mais poderá alcançá-los[894]. E a impotência em que se acha para realizar seus ardentes desejos de melhorar de vida, fá-la estar num cúmulo

---

que não é aquele o remédio de seu mal, e a verdade é assim. Porque até que o Senhor acabe de purgá-la à maneira que Ele quer fazer, nenhum meio nem remédio lhe serve... Mas se há de ser algo verdadeiro, por forte que seja, dura alguns anos, posto que nesses meios há intercalações e alívios em que, por disposição de Deus, deixando essa contemplação escura de atacar em forma e modo purgativo, ataca iluminativa e amorosamente, em que a alma... sente e desfruta grande suavidade de paz".

893 "Parece que se contradiz, observa a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (16 de setembro de 1872; *Vida* p. 357), que estando eu na desolação e com tantas tentações, receba de Deus esses favores. Não me tira os trabalhos: o que faz meu Deus é serenar a tormenta de tribulações em que está meu espírito, enquanto dura a comunicação com meu Deus, que, regularmente, dura pouco, e depois vêm os trabalhos com maior força. Retira-se meu Deus deixando minha alma num desamparo tão grande, que parece que não há Deus para mim".

894 "Quando eu estava na espera interior de meu divino Esposo, diz Santa Maria da Encarnação (*Vie* 1ª p., c. 4), me vi de repente descendo a um abismo. Fiquei privada de todo consolo, e a própria recordação das graças recebidas aumentava minhas penas; parecia-me que tinha sido até então vítima de uma ilusão... Os próprios conselhos do confessor me causavam um verdadeiro martírio... O que mais aumentava minhas penas era me parecer que eu não amava a Deus. Via-me toda cheia de misérias e imperfeições..., e vendo a mudança que em mim tinha se realizado, experimentava meu coração as mais estranhas dores... Minha vontade, no entanto, estava submissa... Via como de longe a paz retirada no fundo da minha alma, que consentia a todas as disposições de Deus; mas mal podia me dar conta desse consentimento de minha vontade".

"O que esta sofredora alma aqui mais sente, observa São João da Cruz (*Noche* 2, 6), é parecer-lhe claro que Deus lhe rejeitou e jogou nas trevas... Quando essa contemplação purgativa aperta, sombra de morte, gemidos e dores de inferno sente a alma muito vivamente; sente que está sem Deus, castigada e jogada, e indignado Ele, que está irritado; tudo isso sente aqui, e mais, pois lhe parece, numa temerosa apreensão, que é para sempre. E o mesmo desamparo sente de todas as criaturas, e... particularmente de seus amigos, os quais, afastando-se dela, têm-na por abominação" (Sl 87, 9).

de contradições; quer ser santa, e está cheia de uma malícia infinita: tão propensa ao mal e tão incapacitada para o bem se encontra![895]

E não é esse seu maior tormento. Pois, como sem advertir – e ainda supondo ela todo o contrário – realmente ama a Deus tão verdadeira e incomparavelmente mais que a si mesma, seu maior tormento é O ter repugnado e crer que ainda O repugna e ofende, por mais que resista, nas terríveis tentações com que os inimigos a assediam, e o não O ter amado o quanto podia, e crer que já não O ama nem poderá amá-Lo e reparar seus descuidos. Por isso, embora lhe pareça vê-Lo justamente indignado contra ela, no meio de sua aflição e mortal agonia, exclama com um amor puríssimo e mais que heróico: "Senhor, bem mereço o inferno; mas fazei que ali mesmo vos ame como mereceis...; que não blasfeme vosso santo nome e que minhas penas satisfaçam de algum modo por minha falta de amor".

E se sempre pudesse prorromper em tais afetos, não seria para ela de pouco alívio. Mas tão oprimida se encontra, com todas as suas faculdades ligadas e reduzidas como a uma impotência absoluta, que não encontra nem o menor alívio nem o menor apoio nem consolo. Pois, como diz São João da Cruz[896], estão "as afeições da alma oprimidas e apertadas, sem achar arrimo;

---

895 "Deus é quem anda aqui fazendo a obra da alma, acrescenta o Santo (*ib.* 8-9), e por isso ela não pode nada. De onde nem rezar nem assistir com muita advertência às coisas divinas pode; nas demais... tem muitas vezes tais alienações, tão profundos esquecimentos, que se passam muitos momentos sem saber o que fez nem pensou, nem o que é que faz... nem pode estar muito advertida, embora queira...para que se cumpra o que de si diz Davi (Sl 72, 22): *Fui aniquilado, e não soube...* Parece incrível dizer que a luz divina tanto mais escura é para a alma, quanto ela mais tem claridade e pureza... E deixando-a assim vazia e no escuro, purga-a e a ilumina com divina luz espiritual, sem pensar a alma que a tem, mas que está nas trevas". "Essa ditosa noite, embora escureça o espírito, não o faz senão para lhe dar luz de todas as coisas, e embora o humilhe e deixe miserável, não é senão para o elevar e libertar, e embora o empobreça e esvazie de toda posse e afeição natural, não é senão para que divinamente possa se entender para desfrutar e saborear de todas as coisas".

"Ó, *Sabedoria Eterna!*, exclama o Beato Suso (c. 13). Posto que sois tão doce e tão amável, como podeis ser tão severa e terrível? De onde provém esta luz que agrada e assusta? Quando vejo os rigores de vossa justiça, tremo com todos os meus membros, posto que em segredo a exerceis mesmo com vossos mais caros amigos".

896 *Noche* II, 16.

a imaginação atada sem poder fazer discurso algum de bem; a memória acabada; o entendimento obscurecido, a vontade seca e apertada, e todas as potências vazias, e, sobre tudo isso, uma espessa e pesada nuvem sobre a alma, que a tem angustiada e como alienada de Deus". A alma, acrescenta, padece com o horror desse vazio e com a subtração do apoio de todos os seus conaturais conhecimentos, umas angústias e agonias mortais, como se ela estivesse suspensa no ar e sem poder respirar; de tal modo que, se Deus mesmo não a confortasse, abandonaria o corpo[897]. Tem, pois, que se resignar com a vontade do Pai no meio de tão terrível abandono, procurando Lhe ser fiel, confiando n'Ele e se amoldando a viver deste modo novo, com uma intuição simples, tranqüila e sem variedade, tão intensa quanto imperceptível, e com um amor análogo[898]. Não adverte a pobre, como não advertia Santa

---

897 "Estes homens espiritualíssimos, diz Tauler (*Inst.* c. 12), experimentam algumas vezes tanta pobreza interior, que não há morte temporal tão terrível que não receberiam no lugar dessa, se fosse a Deus agradável. Porque verdadeiramente aquela íntima aflição consome até a própria substância dos ossos. Grande é por certo seu trabalho, enquanto que suspensos, ou como pendentes do patíbulo, se vão secando, e vivos padecem angústias de morte. Nenhuma criatura no tempo ou eternidade os pode consolar; antes, no meio do tempo e da eternidade, é necessário que sejam como afogados e oprimidos, até que o piedosíssimo Deus os tire dessa suspensão. A dor deles não a podem aliviar as criaturas; antes essas lhe são de grave peso... Aqui se conhece quem é servo e quem é filho; porque, quando a adversidade aperta, retrocede o escravo; mas o filho, no próspero e no adverso, persevera com seu pai..., embora ele esteja irado".

898 "Aquele que estas provações experimenta, diz Blósio (*Inst. sp.* apêndice, c. 1) – de acordo com Tauler –, não busque vãos consolos, mas seja fiel ao Esposo; aja virilmente, conduza-se com retidão, e esteja seguro de que Deus lhe assiste e de que tudo lhe acontecerá prosperamente. Essa resignação excede em muito todas as obras, e deixar mil mundos não é nada comparado a ela. E o fato mesmo de darem os santos mártires sua vida por Deus, em comparação com esse abandono, era pouco coisa. Pois eles, inundados de consolos divinos, viam como brincadeira as maiores penas, e assim alegres recebiam a morte. Mas o carecer interiormente de Deus, excede incomparavelmente a todos os martírios". Não se poderia sofrer essa pena senão unindo-se a alma totalmente com Jesus Cristo abandonado na cruz, e se abandonando com Ele nas mãos do Pai, para ser por Ele confortada. Eu o vi ali, diz a Beata Ana Catarina Emmerich (*Pas.* 44), "sozinho e sem consolo. Sofria tudo o que sofre um homem aflito, cheio de angústias, abandonado por todo amparo divino e humano... Essa dor não pode se expressar. Então foi quando Jesus alcançou para nós a força de resistir aos maiores terrores do abandono; quando todas as afeições que nos unem a este mundo e a esta vida terrena se rompem, e o sentimento da outra vida se obscurece e se apaga, nós não podemos sair vitoriosos

Teresa, que o que tem por ociosidade é o cúmulo da atividade, e que agora está mais atenta a Deus e mais desejosa de agradá-Lo que nunca. Com quanta razão poderia Lhe dizer com o profeta Isaías: *Minha alma esteve toda a noite vos desejando, e com meu espírito, no íntimo de meu coração, me levantarei muito cedo para voar para Vós!* Mas não se dá conta dessas ânsias tão amorosas, e por isso com tanta dor se lamenta de suas desgraças, de sua incapacidade, de seu abandono e do estado lastimoso em que se supõe. Crê que perdeu seu Deus para sempre, e O busca com gemidos de lamento que rasgam seu coração. Ardendo totalmente em seu amor se crê fria e vazia, e assim anda como mendigando uma centelha do fogo celestial[899].

Se soubesse que suas provações vinham das mãos de Deus, a ela seria de grande consolo aceitá-las resignada; mas crê que está totalmente esquecida por Ele e abandonada nas mãos do inimigo, que cruelmente a persegue e atormenta. Mas como sofre e languidesce de puro amor, sem advertir, experimenta os salutares efeitos do oculto fogo divino que a renova e do terrível alvejante que a limpa e purifica. Por fim chega a reconhecer que nesses remédios tão amargos encontra a plena saúde e a vista espiritual, que não pode se achar senão na verdadeira humildade e pureza que assim adquire; e nesse morrer de amor, um princípio de vida duradoura.

Assim é como se faz apto a subir ao mais sublime da contemplação e ver a Deus nas surpreendentes alturas da *grande treva divina*, onde se deixa

---

desta provação senão unindo nosso abandono aos méritos de seu abandono sobre a cruz... Já não temos que descer sozinhos e sem proteção neste deserto da noite interior".

899 "Desde que o Senhor me tem neste lugar, diz o Beato Hoyos (*Vida* p. 129-130), anda minha alma continuamente num 'ai' lastimosamente amoroso... Quanto mais ama, mais deseja amar. E esse desejo é tal, que a aniquila... enquanto ressoa em seus ouvidos: *Onde está teu Deus? Ó infeliz de mim! E quem me libertará deste corpo mortal?* (Sl 41, 4; Rom 7, 24), e outras queixas tão suavemente amorosas e tão excessivamente dolorosas, que muitas vezes morreria por dia se o Senhor não me assistisse... Daqui nasce um desamparo e uma solidão espantosa; pois está a alma como no ar, sem achar socorro nem de cima, do que ama, nem de baixo, do que odeia. Excede essa aflição ao mais extraordinário desamparo mais horroroso".

ver a própria Luz incriada e se ouve a escondida Palavra Eterna[900]. Mas essa viva Palavra de Deus, mais aguda e penetrante que a espada de dois gumes, produz como uma divisão entre o corpo e a alma – ou seja, entre o sensível e o racional – causando assim a terrível *morte mística*, e logo (na *mística sepultura*) produz outra divisão ainda mais profunda entre a *alma* e o *espírito*, que pode desde então se engolfar na Divindade para gozar de uma paz perpétua, enquanto ela fica penando horrivelmente, como se estivesse para sempre privada de seu Deus[901], e sofrendo como uma total destruição numa podridão espantosa.

Mas, às vezes, para que em tão atrozes suplícios não se acabe sua vida, o Senhor se compraz em confortar o corpo quando fere e aflige a alma, e em refrigerar essa com doces consolos quando o corpo se vê oprimido por dores e enfermidades[902]. Mas o maior sofrimento está em não poder ela advertir que quem assim a fere é o próprio Deus; senão, esse sofrer de sua mão ela o teria por suma glória[903].

---

900 Ao ser elevada a alma a esta altíssima contemplação que se faz na treva da luz divina, deve prescindir por completo de toda imagem ou forma, seja sensível ou intelectual, e de toda recordação de criaturas, por boa que seja; mesmo da própria sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor – que é a porta para entrar nos segredos do Pai – deve prescindir então; porque, tendo-a à vista, "não virá o Consolador". Enquanto a alma se fixar em algo criado, não poderá receber a luz incriada. Mas, acaba essa contemplação, deve voltar de novo – como recomenda Santa Teresa – aos mistérios dessa Santa Humanidade, que é o único caminho para chegar à luz e à vida.
Veja-se também: Blósio, *Inst.* c. 12, § 3 e 4; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 1ª p., c. 24; Santa Ângela de Foligno, *Visiones* c. 26.

901 Cf. Santa Catarina de Gênova, *Diálogo* 2, 11; Santa Teresa, *Morada* 7, c. 1; São Francisco de Sales, *Amor de Dios* l. 9, c. 3.

902 Deus se esconde para que só se sinta o peso de sua mão, com que cura nossas chagas enquanto nos faz prorromper em lamentos. Mas misericordiosamente modera sua ação de modo que, quanto mais aflige a alma, tanto refrigera o corpo, e quando esse fica oprimido de dores, inunda-se a alma de gozos inefáveis. Cf. São João da Cruz, *Noche* 2, 5; Santa Catarina de Gênova, *Diálogo* 2, 10.

903 Mas isso costumava repetir muitas vezes a fervorosíssima Madre Maria da Rainha dos Apóstolos: "Enviai-me, Senhor, os trabalhos sem que eu advirta que sois Vós que os envia a mim; porque, se eu os advirto, já não são trabalhos".

E nessa penosa ansiedade, entre os horrores desse aparente abandono, vai se consumando a mística obra de sua renovação e transformação[904].

Depois de ter lhe mostrado assim todas as suas vilezas e imperfeições, essa *admirável luz divina*, a que tão felizmente fomos chamados (I Pd 2, 9), revela-lhe, ali na misteriosa *treva* – que é como trono do Eterno – o Bem infinito, ultrapassando infinitamente todo o cognoscível e desejável, e desconcertando e destruindo tudo o que ela poderia desejar e pensar. Aquela vista *negativa*, que excede todas idéias positivas que poderiam se formar, deixa-a atônita, abismada e aniquilada, ao mesmo tempo que a desfaz em mortais ânsias de possuir tal Bem. Mas este lhe parece demasiado elevado para que possa alcançá-Lo... Vendo ao mesmo tempo sua própria baixeza, exclama com Santa Catarina de Sena: Vós, o Ser absoluto; eu, o nada; Vós, a pura bondade; eu, a própria malícia; Vós, toda perfeição; eu, o cúmulo de todas imperfeições e misérias... E nessa contraposição tão absoluta crê impossível que cheguem jamais a se unir e associar dois extremos tão contrários. Acha em si mesma uma horrorosa contradição com a suma Bondade, e o não poder desfazer de si tudo que a Ela se opõe, causa-lhe angústias mais que de morte e a obriga a exclamar: *Quare posuisti me contrarium tibi?* (Jó

---

904 "Se Deus tivesse dado a entender que Ele mesmo era o autor dessas assombrosas provações, não há dúvida, observa Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 2, 10), que a alma, senhora do corpo, teria se submetido docilmente. Mas Deus permanecia oculto, e assim se consumava sua santa obra. O corpo, fraco e ofegante, era presa de sucessivas dores que não cessavam de aumentar... Não as teria podido suportar se a opressão da alma se tivesse acrescentado à sua. Felizmente, ela era refrigerada com místicos êxtases... Mas as dores interiores se manifestavam ainda com uma intensidade assombrosa. Nessas difíceis ocasiões, o próprio Deus se encarregava de comunicar à *humanidade* aquela paz que ultrapassa todo sentido (Fl 4). A humanidade voltava de vez em quando para sua vida ordinária, embora levando sempre uma *chaga* viva e sangrenta, e como uma agudíssima dor de coração que ninguém teria podido imaginar. Circulava por casa abrasada de um fogo latente que dia e noite a purificava mais e mais... Ó, prodígio que não devo esquecer! Se Deus afligia rigorosamente o corpo, fortificava com consolos a alma, e se martirizava a alma como Deus vingador, refrigerava o corpo. Esse estado durou *dez anos* (!), nos quais tive que suportar, sem poder as conhecer, as operações sobrenaturais de que era objeto.... A alma e o corpo permaneciam abismados no majestoso e terrível resplendor das divinas grandezas... não para gozarem, mas para se purificarem ainda... A santidade de Deus encontra manchas em seus anjos (Jó 4)".

7, 20). Mas, mesmo assim, a atração de tal Bondade a cativa, derrete-a e a desfaz em inefáveis delícias, enquanto a aparente separação lhe faz sofrer os horrores do próprio inferno. Com o qual, dissipando-se em certo modo aquela horrível contradição, iluminam-se os seus olhos para ver mais claramente, e como de perto, a glória divina.

E à medida que o Senhor, ali, *in caligine*, começa a se mostrar a ela com seus infinitos encantos, lançando como uns raios cada vez mais iluminadores daquele eterno e incompreensível esplendor de sua infinita glória, vai ela se renovando e se transformando no meio dos afetos mais encontrados. À vista de tal Majestade, tal grandeza, tal beleza e bondade, ao mesmo tempo que se extasia, ela se desfaz, derrete-se e se consome entre inefáveis delícias; essas mesmas lhe são tão dolorosas, que não há outra dor comparável. Seus ardentes ímpetos de amor a abrasam e desintegram, enquanto destroem todas as suas impurezas e imperfeições: causam-lhe um prazer inefável que mata e uma pena insuportável que vivifica[905]. Essa pena tão saborosa não a pode agüentar, e não gostaria de ficar jamais privada dela. Vê que aquele Bem tão amável, por quem não pode deixar de suspirar extasiada à vista d'Ele, mostra-se a ela tão elevado como se totalmente e para sempre lhe fosse *inacessível e inalcançável!*... Assim crê a pobrezinha que nunca O poderá alcançar. Essa *pena deliciosa* é a maior que pode caber numa alma. Elevada sobre si mesma e sobre todo o criado, não pode achar nenhum apoio em nada; encontra-se como suspensa num vazio absoluto e em contínuas angústias de morte. As criaturas lhe causam horror, e se sente como repelida pelo Bem incriado, por quem suspira com as mais vivas ânsias. Encontra-se numa *solidão* espantosa, e no mais terrível e cruel desamparo, e, no entanto, em tão duros martírios goza de uma paz inefável![906]

Ao mesmo tempo, acrescenta São João da Cruz, o abismo da majestade e da grandeza divina a faz descobrir outro abismo, que é aquele de sua pobreza e misérias, e esse é um dos maiores tormentos dessa purgação, pois

905 Ver biografia do Beato Bernardo de Hoyos, *Vida* p. 131-133.

906 Cf. Santa Teresa, *Vida* c. 20; São João da Cruz, *Cântico Espiritual* 15.

tanto os sentidos como o espírito ficam oprimidos e aniquilados sob um peso imenso e invisível, e sofrem tão cruel agonia que, se coubesse escolha, preferir-se-ia a morte, e mesmo a morte mais dolorosa se aceitaria como alívio[907]. E esse penar dura às vezes não já muitos dias, mas meses e anos, até que a alma, já completamente pura, é confortada com a virtude do alto para receber sem pena as torrentes da divina Luz, e vê, com indizível surpresa, que aquele soberano Bem, que tinha por impossível de alcançar, aproxima-se dela, enche-a e a sacia totalmente, vivifica-a e... a *diviniza*, unindo-se a ela tão intimamente, que já fica segura de não O perder jamais. Então exclama entre celestiais delícias: *Encontrei*, por fim, *o Amado de minha alma; tenho-O e já não O deixarei nunca!* (Ct 3, 4).

Mas antes tem que se engolfar na misteriosa *treva*, onde Ele está como escondido. Tem que subir nas asas do Espírito sobre todo o imaginável, sobre todo cognoscível, sobre todo criado, sobre todo o condicionado; elevando-se, em contemplação audacíssima, sobre as vicissitudes do tempo e sobre as próprias sucessões do *evo*; tem que ficar totalmente às cegas, totalmente privada das luzes conaturais que antes possuía, sem outra mais que aquela de uma obscura e sutilíssima fé para poder penetrar nas serenas regiões da eternidade, receber os resplendores da Luz incriada, descobrir o incognoscível, o eterno, o absoluto, e ver com um simplíssimo olhar, no Ser Necessário e Infinito, a eterna razão de todas as contingências, mudanças e limitações... Tem, em suma, que se esquecer completamente de todas as criaturas para poder ver o Criador de tudo naquele prodigioso abismo da *grande treva*, onde se ocultam os sacrossantos mistérios que desde a eternidade tem Ele em seu seio encerrados. E, ao ser ali introduzida pela poderosa virtude daquele Espírito que perscruta tudo até o mais profundo de Deus, engolfando-se naquele mar sem fundo de luz e belezas não conhecidas nem sonhadas por nenhum mortal, desfalece, abisma-se e aniquila-se, esquece-se de tudo e perde a si mesma, e, perdendo-se tão felizmente, encontra reunidos em um todos os bens, todos os deleites e todos os conhecimentos que pode desejar.

907 Cf. *Vida de Santa Rosa de Lima*, por Hansen, l. 1, c. 14.

Encontra seu Deus e seu Tudo, o *Deus de seu coração, que será para sempre sua herança*, e, com a sábia ignorância que tal vista produz, de um só golpe aprende toda a ciência da salvação.

Naquela divina treva, cujo deslumbramento cresce à medida da aparente obscuridade, vão se manifestando a ela por graus as surpreendentes grandezas do *Deus escondido*, recebendo continuamente as mais gratas e mais indizíveis surpresas... Ali, o próprio Deus vai lhe revelando por ordem seus inefáveis atributos, fazendo-lhe ver em cada momento novos e inconcebíveis encantos, e ali, por fim, revela-lhe o abismo sem fundo de sua *Essência* incompreensível, onde parece que não se vê nada e se vê tudo junto ao mesmo tempo. Ali, entre os dois abismos de seu *nada* e do *Tudo* que a inunda, tem a alma sua glória e suas delícias. E reduzida à impotência para amar e conhecer o que deseja, lutando, por assim dizer, com aquele mar de luz e de fogo em que está abismada, acaba por descobrir, num supremo deslumbramento, o encanto dos encantos divinos, o augusto mistério da Trindade de Pessoas na absoluta unidade de Natureza[908]. Então é quando se consuma a *transformação* da alma em Deus! Então é quando pode já celebrar-se aquele inefável *matrimônio eterno*, em que a criatura fica para sempre feita *uma só* com seu próprio Criador!...

Em toda essa séria de operações que o divino Espírito, ao longo dessa venturosa *noite*, vai realizando na alma para fazer a mudança da *união conformativa* na *transformativa*, juntam-se em um os dois extremos aparentemente mais opostos: o sofrer um inferno com o gozar de um céu antecipado. Não só se intercalam entre as mais rudes provações uns consolos dulcíssimos que alegram e *refrigeram a alma segundo as amarguras e dores de seu coração* (Sl 93, 19), mas nas próprias penas e tribulações está ocultamente *superabundando de gozo* (II Cor 7, 4). E esse gozar prepondera tanto, que no fim faz que, mesmo se sentido a pena com a mais viva dor, viva-se como se não se sentisse, ou

908 "Quando vê os atributos divinos da onipotência, misericórdia e justiça, diz Godínez (*Mist.* l. 6, c. 12), vai crescendo no amor admirativo; mas chegando à câmara real da Divina Essência, onde vê a distinção das Pessoas na unidade de natureza, aqui cresce a admiração; a alma emudece e, estando muda, fala com sinais e afetos simbólicos; fala com uma linguagem de fogo que só os serafins entendem".

melhor, faz que se sinta uma insaciável fome de penar para se configurar mais e mais com Cristo, morrer com Ele e com Ele ressuscitar todos os dias a um novo grau de vida gloriosa[909]. Pois, como essas almas sabem já muito bem o que vale um grau a mais de graça, pelo menor crescimento em Deus dariam por bem empregados todos os trabalhos do mundo.

Deste modo, lentamente e quase sem a alma advertir, vão se realizando nela uma renovação e uma transformação tão maravilhosas, que são verdadeiros portentos da divina Sabedoria. O que ninguém teria podido sonhar, o que a qualquer inteligência criada pareceria totalmente impossível, que é essa íntima associação familiar e vital, essa inefável *união transformativa* do finito com o Infinito, fá-lo nosso bom Deus possível e muito real; quando a alma menos pensa, encontra-se já toda renovada, retificada, reformada, revivificada, transformada, divinizada!... As manchas e imperfeições desapareceram como palha ou como gotas de água em uma fornalha acesa. E ao desaparecerem os obstáculos, o Ser divino, que tão inacessível lhe parecia, invade-a, absorve-a e a assimila, fazendo-a uma mesma coisa com Ele... Já reconhece ela que não é a mesma, pois se tornou toda em luz e fogo, cheia como está da verdade e fortaleza divinas; já não é ela quem vive, mas Deus nela. Perdida e absorta naquele mar da Divindade, parece-lhe que perdeu seu próprio ser, sua natureza e mesmo sua personalidade; pois já está totalmente renovada e despojada do "homem velho", e aquele antigo *eu*, que sempre encontrava em tudo, aquele *eu egoísta*, que tanto trabalho lhe deu e a tantas violências lhe obrigou, já não aparece por nenhuma parte: *Quaesivi eum, et non est inventus locus eius... Quaeres locum eius, et non invenies* (Sl 36, 36, 10). Não há nela outro interesse senão o divino...

909 "No momento em que a alma recebe a visão, age e se recolhe num imenso desejo de contemplar sua união. Mas, em seguida, o Amor incriado é quem age nela; Ele é quem a move a se retirar de toda criatura para aumentar a união íntima. O mesmo Amor incriado é quem faz as operações do amor... D'Ele vem todo o bem. A verdadeira humildade consiste em ver de verdade quem é o realizador do bem; quem tem essa visão, possui o Espírito de verdade. O amor de Deus nunca está ocioso: impele a seguir realmente o caminho da cruz" (Santa Ângela de Foligno, c. 64).

No entanto, bem reconhece que conserva sua personalidade responsável e seu próprio ser natural, embora *renovado e transformado*; pois, longe de se desvanecer com essa grandeza e essas luzes divinas, então é quando verdadeiramente compreende o nada que é por si mesma é e como todo o bem que tem deve à infinita liberalidade e misericórdia de Deus, que assim se dignou deificá-la, fazendo-a uma mesma coisa com Ele. Bem reconhece que *ela não é Deus*, porque era não faz muito tempo filha da ira; mas, ainda assim, ao receber tão plenamente ao Espírito de adoção, vê que já *está com Deus endeusada*... Tal é o ideal realizável dessa surpreendente *evolução* que nesta própria vida experimentam as almas completamente cristãs! Ó, progresso verdadeiramente divino, que assim tende à *deificação*!

Com isso, a própria natureza tão *mortificada*, longe de ficar *destruída* no meio de tantas violências que teve que fazer em si e padecer, fica retificada, reintegrada, restabelecida, renovada e revivificada. Não perdeu nenhuma de suas próprias perfeições, e todas elas resplandecem com primores divinos. Não há homem tão homem como aquele que chegou à essa união com Deus; porque, segundo a sentença de Santo Agostinho, "não há mais homens perfeitos que os verdadeiros filhos de Deus". A atividade que esses generosos imitadores de Cristo realizam, vale pelas de milhares de fiéis ordinários; parecendo inúteis ao mundo, exercem uma tão prodigiosa como salutar influência: um só santo basta às vezes para reformar uma ordem religiosa e mesmo toda uma grande nação.

A nobre delicadeza de seus sentimentos não conhece nada semelhante. E sua natureza – depois de ficar renovada e aperfeiçoada até o ponto de recobrar uma energia prodigiosa – fica elevada e transfigurada com certas transparências daquela oculta glória que, quando se mostrar plenamente, aparecerá já totalmente semelhante àquela do próprio Deus, como própria dos seus filhos, configurados à imagem de seu Unigênito, de cuja plenitude em tal abundância recebem, que resultam, com Ele, *cheios de graça e de verdade*.

§ III – O MATRIMÔNIO ESPIRITUAL. – UNIÃO PERFEITA E ESTÁVEL: TRANSFORMAÇÃO E VIDA DIVINA. – PROGRESSOS DA DEIFICAÇÃO E DE SEU CONHECIMENTO: A VIDA EM DEUS. – EXCELÊNCIA E PRIVILÉGIOS DESSA UNIÃO; ATIVIDADE PRODIGIOSA, INFLUÊNCIAS, PODER E GRAÇAS SINGULARES. – RESTAURAÇÃO DA PRÓPRIA NATUREZA.

Agora já se compreenderá como as promessas do *desposório*, ao serem tão substanciais, necessitam às vezes serem reiteradas com outro tipo de cerimônias, e devem por fim serem ratificadas mais solenemente no *matrimônio espiritual*, que é a *união perfeitíssima* e *estável*, onde já mal cabem ausências, nem muito menos securas e desolações. Celebra e se contrai diante de toda a augusta Trindade, para já desfrutar como habitualmente da visão e conversação familiar das três adoráveis Pessoas.

Essa prodigiosa união, a que pouquíssimas almas, mesmo das tidas por muito privilegiadas, costumam chegar neste mundo – e que, pelo mesmo motivo, parece como própria da glória – não se reduz já às potências, nem tem, portanto, um caráter acidental e móbil; verifica-se e se manifesta no fundo mesmo, na mesmíssima *essência da alma*, a qual não só *age*, como pouco antes, mais com a atividade divina que o Espírito Santo lhe infunde, que com a sua própria, senão que realmente *vive* e *sente que está vivendo*, ao mesmo tempo que *agindo*, mais com essa *vida divina* que Ele lhe comunica, que com a humana que lhe dá sua própria alma. Assim é como podem chamar e chamam a este amoroso Espírito: *Alma de minha vida, e Vida de minha alma*, ou melhor, "alma de minha alma e vida de minha vida". Aqui já há muito mais que uma perfeita conformidade no querer e no agir; há uma profundíssima *transformação*, que leva à certa conformidade no mesmo *viver* nessa mística unidade do Espírito[910].

---

910 "É falso, diz São Cirilo de Alexandria (*In Ioan.* l. 11), que não possamos ter outra união com Deus mais que aquela de *conformidade de vontades*. Pois, acima dessa, há outra muito mais excelente, em que de tal modo se assimila o homem a Deus, por uma íntima comunicação da Divindade, que, sem perder a própria natureza, fica n'Ele *transformado*, à maneira do ferro metido no fogo... E com essa união quer Nosso Senhor que seus discípulos sejam uma coisa com Deus, de modo que, engolfados n'Ele, fiquem nele enxertados e intimamente unidos pela comunicação da Deidade... A

"O *matrimônio espiritual* entre a alma e o Filho de Deus, diz São João da Cruz[911], é muito mais sem comparação que o *desposório espiritual*, porque é uma *transformação total no Amado*, em que se entregam ambas as partes por total posse de uma à outra com certa consumação de união de amor, no que está a alma feita *divina* e *Deus por participação*, tanto quanto se pode nesta vida. E assim penso que *esse estado nunca acontece sem que esteja a alma n'Ele confirmada em graça*, porque se confirma a fé de ambas as partes, confirmando-se aqui a de Deus na alma; de onde seja esse *o mais alto estado a que nesta vida pode se chegar*... Consumado esse matrimônio espiritual entre Deus e a alma, são duas naturezas num espírito e amor"[912].

Isso, embora pareça absurdo, não é já para nos estranhar, senão para nos deixar cheios de admiração e cativos pelo amor prodigioso que Deus nos mostra. Sabemos que a graça e a comunicação do Espírito Santo se recebem, não nas potências, mas na própria essência ou substância da alma, pois nos comunica, não certa maneira de perfeição *acidental*, mas uma novo *ser substancial*, uma *participação da própria natureza divina*, uma vida verdadeiramente divina que nos torna filhos de Deus e capazes, portanto, de fazer obras meritórias de vida eterna[913]. Vivendo em graça, vivemos na

---

união com Deus não pode se verificar senão pela participação do Espírito Santo, que nos comunica a própria santidade... E assim, transformando em Si mesmo de algum modo as almas, imprime nelas a semelhança divina". "Posto que devemos ter, acrescenta (*Thesaur*. l. 2, c. 2), uma mesma operação com Deus, é preciso que participemos de sua própria natureza: *Eandem operationem connaturaliter habentes, necesse, est eiusdem esse naturae*".

911 *Cânt. esp.* 22.

912 Cf. Santa Teresa, Morada 7, c. 2; São João da Cruz, *Cant. Esp.* can. 22.

913 "A graça santificante, diz Froget (p. 283), é um dom estável e permanente que, recebido na própria essência da alma, torna-se nela como uma *segunda natureza* de uma *ordem transcendente*, um princípio de vida sobrenatural, raiz fixa de atos meritórios". "Ipsam *essentiam animae* in quoddam *divinum* esse elevans, ut idonea sit ad divinas operationes" (S. Tomás, *Sent.* 2, dist. 24, q. 1, a. 3). "Non potest aliquis habere spiritualem operationem, nisi prius *esse spirituale* accipiat: sicut nec operationem aliquam naturae nisi prius habeat esse in natura illa" (*De verit.* q. 27, a. 2). Assim as graças atuais e a habitual, "tendem, como diz Bacuez (p. 223), *a nos associar à vida íntima de Deus*, presente em nós por seu Espírito, a fim de produzir em nós e por nós obras de salvação eterna". Por isso, todo o mérito depende, como adverte Santo Tomás, da virtude do divino Espírito (1-2, q. 114, a. 3).

realidade essa vida, mas, comumente, mal nos damos conta dela; somos grandes, divinos, e não o sabemos, e vivemos unicamente para o humano, sufocando talvez esse gérmen de vida eterna, ou impedindo-lhe com nossas tibiezas de se desenvolver, se é que não chegamos a perdê-lo totalmente.

Os santos, negando-se para seguir com docilidade as moções divinas, fomentam-no o quanto podem e fazem que livremente se desenvolva. Mas, enquanto vão ainda pelas *vias ordinárias*, por bem que se traduza neles em santas obras, e apesar dos piedosos afetos e do testemunho da boa consciência, não costumam ter bastante claro nem essa vida nem mesmo essas *energias divinas*.

Isso é próprio do *estado de contemplação*, ou *místico*, que segundo alguns se caracteriza – e nas suas mais claras manifestações, bem poderia se caracterizar – precisamente pela íntima experiência dos toques divinos: por se fazer sentir mais ou menos a presença do Espírito vivificante. O qual, à medida que se purificam as potências da alma, vai as invadindo cada vez mais perfeitamente, e se unindo a ela de um modo tão manifesto, que a própria alma nota e adverte os progressos de tal união. Embora esta existisse desde o princípio, era muito imperfeita, como incipiente, e conforme vai se aperfeiçoando e consolidando, irá ressaltando cada vez mais no campo da *consciência*[914]. Começa, como dissemos, fazendo-se sentir na *inteligência* com as luzes da oração de *recolhimento*; logo invade a *vontade* com a *quietude*, e, por fim, nota-se cada vez melhor em *todas as potências juntas*, como acontece na *união*. Para chegar ao *desposório* tem já que se fazer mais íntima e duradoura; os toques do Amado não só se sentem melhor nas potências, segundo as vai cativando e acabando de unir intimamente, mas que – como *substanciais* que já são – penetram mais dentro, deixando-se *sentir* lá com no próprio *fundo da alma*. Pois, conforme ela vai se purificando com esses delicadíssimos *toques*, vai se fazendo mais íntima a consciência ou experiência do divino. Sentem já às vezes as almas não somente que *agem divinamente*

914 "A alma não só *crerá* na comunicação divina que lhe traz a graça, mas *verá, sentirá e saboreará* a inefável união que entre ela e Deus se realiza" (Ribet, *Myst.* t. 1, p. 257).

com todas as suas potências, mas que *vivem* com *vida divina*, embora esse modo de viver não lhes pareça contínuo[915].

No *matrimônio espiritual* essa união se completa e consolida, fazendo-se *estável*. Deus toma já plena posse da *alma toda*, unindo-a a Si de maneira mais íntima, e a vida divina se desdobra já sem nenhum obstáculo[916]. A alma nota então que Deus *age* e *vive* nela toda, ou melhor dizendo, que ela toda se encontra até no mais fundo *transformada em Deus e deificada*[917]. Tanto, que perde a si mesma de vista, parecendo-lhe não ser já ela, mas Deus que nela age e *vive* essa nova vida; já é verdadeiramente, como canta São João da Cruz, a *Amada no Amado transformada*[918].

"O mais sublime estado, diz Santa Maria da Encarnação[919], é o divino matrimônio, em que Deus de tal modo se apodera da alma, que vem a ser como o fundo de sua substância. O que ali se passa é tão sútil e tão divino, que não é possível falar disso como convém; é um *estado permanente* em

---

915 Cf. Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos, *Vida* p. 375. Veja-se também: Santa Teresa, *Mor.* 7, c. 1.

916 Cf. Santa Teresa, *Morada* 7, c. 2.

917 "Pela *união* e *transformação* de Vós na alma e da alma em Vós, aqui na terra pela graça e no céu pela glória, a *deificais*, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 16). Ó, deificação! A alma que tem a dita de chegar à ela *torna-se um Deus*, como uma esfera ferida pelos raios do sol se torna luminosa e resplandecente como o sol. *Nos transformamos na própria imagem, de claridade em claridade*".

918 "Que nossa transformação seja total, porque o Homem-Deus é todo amor... E quer que Ele e nós, pelo amor, nos façamos *um*. Chamo filhos do Espírito aqueles que, pela graça e pela caridade, vivem em Deus, na perfeição do amor transformado... Só são vasos de eleição e filhos do Espírito aqueles em quem Deus pôs seu amor, e repousa neles atraído por sua própria semelhança. Sua graça e seu amor é o que formou sua imagem na alma. Chamo eu perfeito àquele que transformou sua vida na imagem do Homem-Deus. E Deus nos pede todo o coração e não a metade dele... Nosso Deus é um Deus ciumento... A primeira propriedade do amor é transformar um no outro quanto à *vontade*... A segunda é transformar um no outro quanto às *propriedades*... A terceira é *a perfeita transformação da alma em Deus*. Então, ela é inacessível às tentações; porque já não reside em si mesma, mas n'Ele... Ademais, o amor leva em si uma força reveladora dos segredos, que obriga a mostrar o fundo de si mesmo. *Esse sinal me parece capital*; é o complemento necessário dos atos de amor... O amor não é só uma força de assimilação, mas uma força de unidade que em tudo faz semelhantes" (Santa Ângela de Foligno, c. 65).

919 L. c.

que a alma continuamente vive sossegada e tranqüila numa perfeita união com Deus. Seus suspiros e suas respirações são para seu Amadíssimo, já num estado livre de toda mistura, o quanto possível já nesta vida. E com essas mesmas respirações lhe fala sem trabalho de seus mistérios e de tudo o que ela quer"[920].

Aqui, com diz Blósio, a alma santa se derrete e desfalece; morta já a si mesma, vive só para Deus. Perdendo-se por completo, conseguiu se encontrar e, despojada do terreno e do humano, revestiu-se do celestial e divino, até o ponto de ficar transformada em Deus. Assim, aquela que antes era fria, já arde; aquela que era tenebrosa, reluz, e a endurecida, está macia. Já é toda da cor do céu, está toda endeusada e deificada, pois sua própria essência está como fundida com a de Deus[921]. Verdadeiramente vive uma vida totalmente divina; vive já quase como se estivesse na glória; ali tem toda sua conversação, e seu amantíssimo Dono, o Verbo do Pai, com tal

---

920 "O matrimônio espiritual, escreve Sauvé (*Etats* p. 90), é aqui embaixo uma tão *perfeita evolução* do batismo, da graça, das virtudes divinas, dos dons do Espírito Santo, e em particular do dom de sabedoria, que muitos autores vêem nele uma especial *missão* das divinas Pessoas, que vêm coroar e consumar as anteriores". Deus, acrescenta (*Le culte du C. de J.* élév. 26), "se une à vontade pela *quietude*, a todas as nossas faculdades pela *união*, e a toda a vida e todo o ser, pelo *matrimônio espiritual*. A *quietude* e a *união* não duram muito, mas podem se renovar muitas vezes; a união do matrimônio espiritual é *habitual* e *permanente*: é a perfeição da união e a perfeição da liberdade. Então, a alma está habitualmente unida a Deus, e tão unida, que pode facilmente se esvaziar das coisas exteriores. Prelúdio do céu, em que a alma estará eternamente arrebatada pela visão de Deus, e ao mesmo tempo poderá atender com perfeita liberdade as suas relações com os Santos e com os Anjos, e contemplar a Criação transfigurada".

921 "Defluit amans anima, deficitque a seipsa... Sibi mortua, vivit in Deo, nihil sciens, nihil sentiens praeter amorem quem gustat. Perdit enim se in vastissima divinitatis solitudine, atque caligine: sed sic se perdere, potius se invenire est. Ibi sane quidquid est humanum exuens, et quod est divinum induens, *transformatur mutaturque* in *Deum*... Manet tamen essentia animae sic Deificatae, quemadmodum ferrum ignitum non desinit esse ferrum. Igitur ipsa anima, quae prius erat frigida, iam ardet; quae prius erat tenebrosa, iam lucet; quae prius dura, iam mollis est. Plane tota *Deicolor* est quia *essentia eius Essentia Dei perfusa est*. Tota divini amoris igne concremata, totaque liquefacta, transiit in Deum, et ei sine medio unita, unusque spiritus cum eo effecta est" (Blosio, *Inst. spir.*, c. 12 § 2).

intimidade a trata, que se compraz em lhe manifestar, como a fiel esposa, seus mais augustos segredos[922].

As expressões dos grandes místicos, para descrever o menos mal que podem essa soberana união, são tão atrevidas, que excedem toda elevação; até parecem se confundir com aquelas do panteísmo, ou identificar essa união quase com a hipostática. Os exemplos da esponja toda encharcada e abismada na água, ou do ferro transformado no fogo, parecem-lhe muito deficientes, porque ainda pode se tirar a esponja do mar, e o ferro do forno. Aquele das duas velas que se compenetrassem tanto que mal haveria meio de as separar nem mesmo de as distanciar, e que assim juntas dessem uma só luz, tampouco é um símbolo que acaba de as satisfazer; representaria só o estado do *desposório*. O menos impróprio seria aquele de uma gotinha de água derramada num mar de vinho, e ali difundida e compenetrada de tal modo que já nunca possa se separar nem mesmo se distinguir[923]; ou aquele de uma partícula de ferro num abismo de fogo, de onde nunca possa sair, ou dos raios de luz de uma vela que se fundem e harmonizam com aqueles do sol que entram por uma janela. Assim vem, pois, a acontecer que,

922 "Vivendo a alma aqui vida tão feliz e gloriosa, como é a vida de Deus, considere cada um, se puder, adverte São João da Cruz (*Cánt. esp.* canc. 22), que vida será essa tão saborosa que vive; na qual assim como Deus não pode sentir algum dessabor, assim ela tampouco o sente; mas goza e sente deleite e glória de Deus na *substância da alma transformada n'Ele...* Neste alto estado de matrimônio espiritual, com grande facilidade e freqüência revela o Esposo à alma seus maravilhosos segredos como à sua fiel consorte, porque o verdadeiro e inteiro amor não saber ter nada encoberto para quem ama; e assim lhe comunica principalmente os doces mistérios de sua Encarnação, e os modos e maneiras da redenção humana, que é uma das mais altas obras de Deus, e assim é mais saborosa para a alma".

923 A própria liturgia utiliza esta fórmula: "Ó, Deus, que elevastes maravilhosamente a natureza humana, e a reparastes de um modo ainda mais maravilhoso; concedei-nos por esta misteriosa mistura da água e do vinho, *participar da Divindade* d'Aquele que se dignou tomar nossa humanidade, Jesus Cristo vosso Filho". Essa oração é muito mais significativa, porque vai acompanhada com o simbólico rito – a mistura da água e do vinho – que significa a união dos fiéis com Jesus.

"Transformada e absorvida
A alma unida com Deus,
No fogo de amor candida
E derretida,
Uma coisa são os dois...
Que em seu Deus se transformou"[924].

Mas nessas comparações deve sempre se salvar, não só a distinção de naturezas, que nem mesmo em Jesus Cristo se confundem, mas também a de pessoas. Por mui engolfada que esteja em Deus uma alma, sempre conserva sua própria natureza, embora tão sublimada e divinizada, e sempre lhe fica viva a consciência de seu *eu*, mesmo para reconhecer o *nada* que é por si mesma e as riquezas divinas que a inundam; sempre é uma pessoa humana a que vive ao mesmo tempo com essas duas vidas, natural e divina. A sublime expressão do Apóstolo: "Vivo, mas já *não eu*, senão é Cristo que *vive em mim*", é a que nos dá mais fielmente a entender o mistério dessa incomparável união. Assim, bem pode dizer a alma enamorada de "seu Deus, em quem se abisma", que

"Ela não é Deus; porém ela
Está com Deus endeusada...
E ela e Deus
Uma coisa são os dois"[925].

"O homem que está em Deus dessa maneira tão superior e inefável, escreve o Beato Suso[926], faz-se uma mesma coisa com Ele, conservando, no entanto, seu ser particular e natural. Não o perde, mas o possui e desfruta *divinamente*; vive de uma maneira perfeita, posto que não perde o que tem

924 Beato Nicolau Factor, *Opúsculos* (Valência 1796), p. 70-71.
925 *Ib.*, p. 74-84. Veja-se também: Beato Henrique de Suso, *La Eterna Sabiduría* c. 33; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 2ª p., c. 19; Tauler, *Inst.* c. 37.
926 *La Eterna Sabiduría* 32.

e adquire o que não tem, isto é, uma *existência divina*. A *essência da alma se une à essência de Deus; as potências e energias da alma, à ação de Deus*, e então ela compreende que está unida com Ele em seu ser infinito, do qual lhe é dado desfrutar".

Essa união, pois, como adverte Sauvé[927], "é tão perfeita, Deus se apodera já tão profundamente da alma e da vida, que parece que a vida de Deus e a do homem se fundem moralmente, e que aquela da alma se transforma na de Deus". "A sobrenatural beleza de sua fisionomia e a glória que Deus e a alma irradiam, diz João de São Sansão, parecem identificá-los tão perfeitamente que se diria que há uma transfiguração de Deus na alma e da alma em Deus; parece que Deus vive, age e padece na alma". "Nosso espírito, ensina por sua vez Ruysbroeck, recebe incessantemente, no mais íntimo e profundo de sua natureza desnuda, a *impressão* e a *divina luz* de seu exemplar eterno. É habitação perpétua de Deus..., e Deus visita-o a cada instante com a irradiação de novos esplendores... Assim o espírito possui a Deus na desnudez de sua substância, e Deus, o espírito: vive em Deus e Deus nele"[928].

Aqui é, pois, onde está já verdadeiramente *ordenada a caridade*, e se vive do amor perfeito, desse invencível amor divino que *não pôde se extinguir nas águas* de tantas tribulações, e triunfou sobre uma e mil mortes. Seus *ardores* são fogo do *Espírito de amor* que a anima, e seus *resplendores, chamas de Javé* (Ct 8, 6-7)[929]. Como tem já o Esposo divino – o Verbo da virtude de Deus (Heb 1, 3) – posto como *selo sobre seu coração e seus braços*, ama e age segundo lhe convém e da maneira que Deus quer; e assim em tudo alcança servi-Lo e agradá-Lo. A caridade que o Espírito Santo derrama a torrentes em seu coração, não encontrando já resistências, travas nem dificuldades,

927 *Etats* p. 91.

928 Cf. Santa Teresa, *Mor.* 7, c. 3.

929 "Esta chama de amor, diz São João da Cruz (*Llama* c. 1, v. 1), é o Espírito Santo, *que já sente a alma em si*, não só como fogo que a tem consumida e transformada em suave amor, mas como fogo que ardendo nela lança chama; e aquela chama banha a alma na glória e a refresca com têmpera de vida eterna".

mas, ao contrário, as melhores deposições, em tudo age *divinamente*[930]. Aqui, perdida por completo a alma em Deus, e transformada por amor nas três divinas Pessoas, Deus mesmos é quem nela age e vive, comprazendo-se na

---

930 *Condições e sinais do matrimônio espiritual.* – Para que uma alma possa celebrar seu matrimônio com o Verbo divino, é necessário: "1º. Que seja por Deus chamada. 2º. Que trabalhe sem descanso, por todos os meios que estejam ao seu alcance, para conseguir o quanto antes a morte a todos os seus apetites... e a todas as suas paixões. Conseguido isso, arranque como pela raiz o próprio juízo e a própria vontade, até alcançar morrer a si mesma em tudo; porque se não morre em tudo, não poderá alcançar por nenhum outro caminho entrar na íntima amizade com o mais fino de todos os amantes... Aquele Dono tão enamorado e apaixonado pelas almas, com nenhuma, nesta vida mortal, chega a celebrar suas bodas, se antes a alma não morre a tudo: coisas e criaturas, tanto do céu como da terra, e a todos os apetites...até aquele de maior perfeição... Porque este ciumento Dono não suporta achar no coração de sua amada afeto algum às coisas nem às criaturas. Tanto, tanto quer que isso seja assim, que nem à própria santidade quer que tenha afeto (*apego*), e o proíbe expressamente (cf. São Francisco de Sales, *Amor de Dios* 9, 16) ... Não passa a celebrar seu Matrimônio com criatura alguma, enquanto não a veja com hábito já adquirido de tudo quanto anteriormente disse; porque, em ponto de amor, nem o mínimo afeto tolera. É como sua paixão dominante ser o único que leve os afetos todos e inteiros do coração e a alma da que Ele escolheu por esposa sua. Conseguido tudo isso, e com hábito adquirido já por algum tempo, as bodas são celebradas.
Sinais da celebração do matrimônio: 1º. Que toda a Santíssima Trindade mora, como em sua sede, na alma. 2º. Que sente aqui a alma uma *transformação como divina*, que a deixa toda *endeusada*, e sente... que essa purificação e transformação que aqui lhe fazem, deixam-na como *impecável*, e com um conhecimento secreto que lhe dão, entende com clareza que o que está experimentando, saboreando e sentindo é gozo já antecipado da bem-aventurança do céu, e é o sinal mais seguro da realização do matrimônio. 3º. Que sente continuamente que é como alimentada e embriagada com sabedoria e amor; que sente como ali... no mais íntimo... lhe infundem uns secretos conhecimentos dos mistérios de nossa religião santa e da divindade e essência de Deus. Aqui já não é *ferida* nem *chagada* a alma como no *desposório...*, aqui são *toques divinos que não ferem nem chagam, mas que enDeusam...* No matrimônio espiritual bem claramente vê a alma que quem lhe dá esses conhecimentos que de Deus recebe é o Espírito Santo... seu único Mestre... Por isso ela nunca lhe dá outro nome... No segredo e solidão do coração onde ela habita e mora, sempre O chama, desfeito em lágrimas de ternura: *Meu Mestre! Meu Mestre!...* Esses conhecimentos são à maneira de uma granada: sendo como um só, encerra em si imensos conhecimentos. E com eles fica a alma (nas coisas de Deus) mais instruída que se todas as ciências estudasse".
Com efeito, essa intuição simplíssima implica uma idéia muito clara dos atributos divinos, e do que é próprio de cada uma das três Pessoas; da criação e queda do anjo e do homem, e de todo o maravilhoso processo de nossa restauração, justificação, adoção e deificação mediante o Sangue do Verbo Humanado...

perfeição dessas suas divinas operações[931]. E assim ela devolve e oferece a Deus, como coisas dignas d'Ele, as virtudes e excelências que Ele lhe comunica, os preciosos frutos de seu Espírito, e ainda este mesmo Espírito que, como penhor de sua adoção amorosa e arras da vida eterna, d'Ele recebeu e tem[932]. Como a fiel cópia do Filho, pode já o Eterno Pai lhe dizer: *Esta é minha filha muito amada, em quem tenho minhas delícias*[933]. E como a filha predileta lhe revela seus mais surpreendentes segredos: *Pater filiis notam faciet veritatem* (Is 38, 19).

Desde aqui se vêem muito claramente os ocultos mistérios da vida espiritual; se reconhece muito bem a necessidade de tantas provações e purificações, e se bendiz uma e mil vezes o divino Médico que tão maravilhosamente soube e pôde curar todas as chagas da alma. Vêem-se as inumeráveis imperfeições que antes se misturavam no exercício das virtudes, e mesmo naquelas obras que nos parecem totalmente perfeitas, porque agora já não se olha através do enganoso amor-próprio, contempla-se a pura verdade no espelho sem mancha da Essência divina[934]. Por isso nunca pode se cansar de admirar e celebrar os gloriosíssimos triunfos do belo Amor.

---

931 Cf. São João da Cruz, *Cánt. espir*. 39.

932 Cf. São João da Cruz, *Llama* canc. 3, v. 5-6.

933 "Anima, quae lucidam illam caliginem caliginosamque lucem contemplatur, escreve Blósio (*Inst*. c. 12, § 4), a seipsa deficiens atque in Deum profluens; unus cum eo spiritus in intimo fundo suo efficitur: et cum aeterno Dei Verbo, quod ibi Pater caelestis profert, generata, nobiliter renovatur, atque ad omne bonum opus seu exercitium redditur. Unde, et ipse Deus Pater de illa iam dicit: *Haec est filia mea dilecta, in qua mihi complacui*... Conversatur in caelis, nempe in unius Divinitatis tribus Personis". "Minha alma, dizia Santa Ângela de Foligno pouco antes de morrer (c. 70), foi lavada e purificada no sangue de Cristo... – Jesus Cristo, Filho de Deus, me apresentou ao Pai; e ouvi estas palavras: "Ó, esposa minha e amor meu, a quem amei de verdade; não quero que venhas a mim carregada de dores, mas adornada com o gozo inenarrável. Que a Rainha vista o manto real, porque chegou o dia das bodas!"... E então Deus me mostrou seu Verbo, de modo que agora *sei o que é o Verbo*, sei o que é proferir o Verbo, o Verbo que quis se encarnar por mim. E o Verbo passou por mim; me *tocou*, me *abraçou* e me disse: "Vem, amadíssima minha, pois Eu não amei com amor enganoso. Vem, porque no gozo todos os Santos te esperam... Eu mesmo virei por ti. Estás já tal como convém para comparecer diante da Majestade".

934 "O último ato de amor pelo qual a alma fica purificada, a operação divina faz nela, sem ela tomar parte. Porque se encontra tão cheia de imperfeições ocultas, que se as visse cairia no desespero. Mas

Ouçamos agora Santa Ângela de Foligno descrever desde essas alturas as fases do amor unitivo e os conseqüentes progressos, evoluções e transformações da alma: "A transformação da alma em Deus, diz ela[935], pode ser de três maneiras. A primeira uni a alma à vontade de Deus (*união de conformidade*); a segundo a une com Deus (*união mística e desposório*); a terceira, em Deus e Deus nela (*matrimônio espiritual*). A primeira transformação é uma *imitação* de Jesus crucificado, pois a cruz é uma manifestação da vontade divina. A segunda une a alma com Deus: seu amor já não é então só um ato de sua vontade, pois está aberta a fonte, a fonte dos sentimentos imensos, a fonte das imensas delícias; no entanto, aqui ainda há lugar para a palavra e o pensamento. A terceira de tal modo *funde a alma em Deus e Deus nela*, que na imensa altura em que o mistério se realiza, as palavras perecem junto com os pensamentos: *só sabe estas coisas quem as sente...*

Ao começar o amor, a alma sofre um enternecimento, logo certa debilidade, e, por fim, a fortaleza... Deus traz à alma um amor que se parece ao amor criado, prodigaliza-lhe, com suas carícias, assombrosos e inefáveis consolos, que ela não deve pedir inoportunamente. Mas não os desprezeis se Deus os dá a vós, pois são vosso alimento, excitam-vos a buscá-Lo e vos preservam do tédio. Por eles, a alma é levada à transformação, à busca incessante do Amado. Mas também, às vezes, o amor cresce com a ausência e

---

permanecem ocultas para ela até que o fogo do amor as tenha consumido por completo. Só então Deus se mostra a elas como num espelho, para lhe dar a conhecer que só Ele tem esse fogo de amor que lhe destruiu todas as manchas que a enfeavam, e lhe tirou tantos obstáculos que a afastavam de sua própria felicidade". "Para compreender bem isso, deve se saber que o que ordinariamente passa por perfeição aos olhos do homem é defeito aos de Deus; pois todas as coisas que o homem faz e que, segundo sua maneira de ver, de sentir, de entender, de querer ou de se recordar, parecem-lhe perfeitas, imprimem, no entanto, nele certas manchas e impurezas, quando não reconhece que a perfeição no que faz é um puro dom de Deus. A verdade é que todas as nossas ações, para serem perfeitas, devem estar produzidas em nós sem nós, isto é, sem que possamos nos chamar de suas causas principais... E tais são precisamente as operações de Deus na alma, quando produz nela por Si só, sem nenhum mérito da parte dela, esse último amor tão puro e tão livre de imperfeição de que falamos. E essas operações penetram e abrasam a alma de um modo inefável" (Santa Catarina de Gênova, *Purgatorio* c. 11-12).

935 *Vis.* c. 64.

começa a buscar o Amado por Si mesma. Se não O tem, sente sua fraqueza, e, não se contentando já com as consolações, busca a substância d'Aquele que as dá, e, quanto mais se abisma nos gozos que vêm d'Ele, tanto mais languidesce e geme em seu amor crescente, porque o que é necessário é a presença do próprio Deus. Mas quando a alma, unida a Deus, estabeleceu-se na verdade, que é seu assento, não se ouvem já nem prantos, nem queixas, nem enternecimentos, nem *desfalecimentos*. Sentindo-se indigna de todo o bem e de todo dom, e digna de um inferno ainda mais horroroso que aquele que existe, a alma fica estabelecida numa maturidade e numa sabedoria admirável, na ordem, na solidez e numa fortaleza que desafiaria a morte pela virtude do amor, e possui em toda a plenitude de que é capaz. Então, o próprio Deus a amplia para fazê-la capaz do que quer pôr nela. E ela vê que só Deus É, e o demais não é nada senão n'Ele e por Ele... Então vê tão profundamente na luz divina a majestade da ordem, que nada já a perturba, *nem mesmo a própria ausência de Deus*. E à força de ser conforme a Ele, já não Lhe busca se está ausente, mas, feliz com Ele, põe em suas mãos a ordem universal... Do fundo da alma surge um ardente desejo que a impele a fazer sem dificuldade as obras de penitência... Esse amor ígneo é perfeito, e a move à imitação perfeita de Jesus Crucificado, que é a perfeição da perfeição... Há que continuar sempre, porque o Homem-Deus nunca deixou a cruz da penitência... A transformação da alma na vontade divina não se prova com palavras, mas com atos e semelhanças.

Quando a alma, transformada no próprio Deus, habita em seu seio, quando alcançou a *união perfeita* e a *plenitude da visão*, então descansa na paz que excede todo sentimento... Aí *vê o Ser* de Deus, e como todas as criaturas recebem o seu d'Aquele que é o SER. E vê que nada existe que não tenha recebido d'Ele sua existência. Introduzida na visão, a alma bebe na fonte viva uma sabedoria admirável, uma ciência superior às palavras, uma gravidade forte; arranca da visão seu segredo, vê a perfeição de tudo o que vem de Deus, e perde a faculdade de contradizer, porque vê no espelho sem mentira a sabedoria que cria. Vê que o mal vem da criatura que destrói o que era bem. Essa *visão da Essência altíssima* excita na alma um amor de

correspondência..., e a própria Essência nos induz a amar tudo o que Ela ama".

As privilegiadíssimas almas que a tão sublime e feliz estado chegam, costumam desfrutar quase habitualmente de certa maneira de visão ou presença bastante clara da Beatíssima Trindade, e diante desse inefável mistério, ao verem os atributos da três divinas Pessoas e seus títulos de amor, desfalecem em transporte de caridade. E, no entanto, mal têm êxtases e raptos, mal padecem delíquios, porque todo seu ser ficou tão confortado, tão regenerado, tão vivificado, que o excesso de luz interior, longe de privar dos sentidos, estende-se a tudo vivificar e fortificar, como acontece na glória[936]. Daí que não poucas vezes até cessem as próprias enfermidades habitais. Já vimos como – segundo São João da Cruz[937] – esse estado quase glorioso leva consigo a confirmação em graça[938], e ainda podemos acrescentar, a isenção

---

936 "In Deum immersa atque absorta, ultro citroque in Divinitate natat, et abundant ineffabili gaudio; quod etiam copiose redundant in corpus; iamque ipsa anima in hoc exsilio vitam aeternam inchoat" (Blosio, *Inst*. c. 2, § 4).

937 *Canc*. 22.

938 Assim também sustenta Scaramelli (tr. 2, n. 221-6), fundando-se na autoridade do mesmo Santo, de São Bernardo, de São Lourenço Justiniano e, poderia se dizer, de todos os místicos, que por isso simbolizam esta união do matrimônio, por si mesmo indissolúvel, com aquela do Salvador com sua Igreja. A própria Santa Teresa, apesar das timidezes, vacilações e restrições habituais – com que tantas vezes encobre seu pensamento aos que não a sabem ler – dá bem claramente a entender (*Mor*. 7, c. 2), dizendo que está a alma com Nosso Senhor na condição dos casados, *que já não se podem separar*. Blósio se contenta com dar isso por verossímil: *Unde verosimile est, eos nunquam posse a Deo separari* (*Inst*. c. 12, § 4, n. 2). Mas Santa Ângela de Foligno o afirma repetidas vezes e do modo mais enérgico. Basta-nos citar agora estas duas passagens (*Vis*. c. 25-27): "Pedia a Deus que me desse algo de Si mesmo; e vi que o amor vinha a mim...; vi-o com os olhos da alma muito mais claramente que o havia visto jamais com os do corpo... Deus me deu a *evidência* e fiquei satisfeita. Fui repleta de um amor que não temo prometer-lhe a *eternidade*; e se uma criatura me predissesse a morte de meu amor, eu lhe diria: "Mentes"; e se fosse um anjo, a ele diria: "Te conheço; tu és aquele que caiu do céu". – Minha alma se apresentou diante da Face de Deus com uma *imensa segurança*, sem sombras e sem nuvens; apresentou-se com um gozo desconhecido, superior à toda inteligência... Senti o inefável, o deslumbramento divino... Quando depois disso a alma volta a si mesma, encontra-se disposta a se regozijar em qualquer pena e injúria levada por Deus; *sente a impossibilidade de uma separação*. Assim, exclamava eu: Ó, doce Senhor! Que coisa haverá que possa me separar de Ti? E ouvi esta resposta: *Nada, com minha graça*. – "Este matrimônio, escrevia o Beato Raimundo

completa das penas do purgatório, pois essas almas se encontram aqui já tão puras, que ao se desprenderem dos laços da matéria podem voar direto para ver a Deus face a face, e, por outra parte, a luz contínua de que desfrutam e a *estabilidade* do pacto do *matrimônio espiritual* constituem em alto grau essa "especial revelação", de que fala o Concílio de Trento[939]. A esses, o próprio divino Espírito, com toda evidência, vem a lhes dar *testemunho de que são filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros*[940].

---

falando daquele de Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 12), me parece ser *uma confirmação na graça divina*; e o anel, seu penhor... Deus *revela freqüentemente* aos seus predestinados que perseverarão em seu amor e graça. E é porque quer enviá-los a lutar em meio de um mundo corrompido... Catarina, embora mulher, tinha de ser apóstolo". "No supremo conhecimento de Deus, diz Tauler (*Inst.* c. 39), em sua dileção e união perfeita, dá-se essa *certeza* da eterna felicidade. Os que chegam a alcançá-la confiantemente poderão dizer com o Apóstolo (Rom. 8, 38): *Certo estou que nem a morte, nem a vida, nem nenhuma outra coisa poderá me apartar da caridade de Deus*". Segundo Santo Tomás (*Opus.* 61, c. 13), essa plena segurança já a podem ter as almas *arrebatadas e unidas*: *Rapto et unito congruit*. Cf. *supra*, p. 150; B. Suso, *Eterna Sab.* c. 30; *supra*, p. 136.

"O conhecimento e amor de minha divina Essência, disse o Eterno Pai à Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 19), unem a alma comigo de uma maneira tão *inseparável*, que pode ela dizer com São Paulo: "*Quem me separará da caridade de Cristo?*". Santa Rosa de Lima (Hansen, 1, c., 15 y 26) afirmou solenemente aos juízes encarregados de examinar seu espírito, que lhe parecia estar "confirmada em graça e segura de não perder a Deus". E em outras ocasiões não só se mostrou *certa* de sua salvação, mas também de que não tinha de penar nem um só momento no purgatório. Essas são "as almas grandes a quem, como diz São Francisco de Sales (*Amor* 4, 1), Deus com uma especialíssima graça mantém e confirma em seu Amor, que estão fora do risco de algum dia perdê-Lo". Cf. Tomás de Jesus, *De Orat.* l. 4, c. 18, ad 8; Ruysbroeck, tr. 13: *De la Contemplación divina* c. 77; Alvarez de Paz, t. 3, *De grad. contempl.*, l. 5, p. 3, c. 14.

939 Ses. 6, c. 9.

940 Cf. Santa Rosa de Lima, l. c. – "Como duvidar, escreve o autor de *Las Nueve Peñas* (13, 9ª), que esses tais estão seguros de sua eterna felicidade? Posto que chegaram a ser uma só coisa com Deus, quem poderá d'Ele os separar? Não permitirá Deus que caiam nas mãos do inimigo, posto que são seus íntimos e seus amadíssimos. Quando a morte os deixa em liberdade, voam direto para o céu... Saem desta vida *já purificados, e nada lhes fica por expiar*... Não correm perigo em seu trato com o mundo; porque já estão livres de todo temor servil. Não temem os tormentos, a morte nem as perseguições; só sentem um temor filial de não agradar bastante a Deus, servindo-Lhe segundo desejam... Deploram a cegueira dos homens e os males da Igreja; e essa dor é a maior de suas cruzes, pois despedaça seu coração e os põe a ponto de morrer".

A atividade que desenvolvem é infinita, como verdadeiramente divina: um deles, em poucos anos, basta às vezes para produzir uma reforma geral. Que o digam, se não, um São Bernardo, um São Domingos, um São Francisco, um São Jacinto, um Santo Antônio de Pádua, um São Vicente Ferrer ou uma Santa Catarina de Sena, que vive cheia de enfermidades, morre aos trinta e três anos e, no entanto, tão rápido como está em Avinhão, está em Roma, em Lucca, em Pisa, em Florença, ou onde quer que o bem da Igreja e a salvação das almas ou qualquer necessidade privada ou pública a exigem; que passa as noites em oração e o dia visitando hospitais, consolando aflitos, convertendo pecadores e encontrando remédio para todo tipo de males e desgraças; que escreve livros divinos e dita ao mesmo tempo para até quatro secretários sobre assuntos tão graves como diversos, dirigindo-se a papas e reis, a príncipes, a prelados, a religiosos, a casados, e tudo num estilo elegante e correto, apesar de não ter aprendido sequer a ler. Que o diga uma Santa Teresa que, em poucos anos, pobre e desvalida, edifica numerosos mosteiros e escreve seus admiráveis tratados de Mística; ou o Beato Bernardo de Hoyos que, de simples estudante, e em coisa de dois anos, alcança do seu retiro comover toda a Espanha, inflamando-a no amor ao divino Coração de Jesus[941]. Que o diga o Beato Diego de Cádiz....

Aqueles que crêem que a vida contemplativa fomente a ociosidade, podiam se fixar nesses exemplos[942]. Hoje se abomina essa maneira de vida,

---

941 Quase o mesmo aconteceu em pleno século XIX com a Beata Ana Maria Taigi, pobre costureira, casada e com grande família para educar e manter; e, no entanto, foi tanto o que trabalhou para o bem das almas, que dela pôde dizer Pio IX, que tinha sido posta por Deus contra todos os males da Igreja.

942 "Há coisas, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 9, conf. 11), que acontecem com os Santos e com ninguém mais; coisas em que eles triunfam e em que todos os outros fracassam. Cheios de confiança em Deus e de zelo por sua honra, empreendem o impossível por obediência, e nisso triunfam. Dizem a verdade às pessoas mais suscetíveis, e todas aceitam. Oram de tal modo que parecem não fazer outra coisa, e, não obstante, escrevem obras e realizam ações tais, que alguém se sentiria tentado a crer que não lhes sobra um momento para orar".

Mas "nem o trato dos homens, nem as ocupações exteriores lhes impedem de estar sempre na presença de Deus, porque em toda multiplicidade, aprenderam a conservar a unidade do espírito; e assim desfrutam da estável e essencial introversão" (Blosio, *Inst.* c. 1). – "Graças as iluminações superiores, a ação vem a ser extremamente fácil. Tudo o que é pequeno, estreito e humano desaparece.

ora por cega ignorância, ora por refinada malícia. Mostra-se algum apreço às Ordens religiosas de vida ativa, cujos ofícios humanitários se palpam, porém quer-se esgotar a fonte de onde emanam todos esses benefícios, que é a odiada *contemplação*. Sem ela, a ação seria vã, estéril ou morta; cessaria em breve ou degeneraria. Por que não nascem instituições benéficas, dessas que exigem uma abnegação heróica fora do catolicismo? E de onde vem esse heroísmo, senão da energia divina que o Pai celestial infunde nas almas recolhidas para contemplar e copiar em si suas infinitas perfeições?[943]

Não, a vida contemplativa não cessará nem poderá cessar enquanto durar a Igreja[944]. Se a expulsam dos mosteiros, retirar-se-á novamente – à semelhança da gloriosa mulher apocalíptica, perseguida pelo dragão (Ap

---

Concentrada em Deus, apoiada n'Ele, e levada por Ele, encontra a alma facilidade para tudo e uma aptidão habitual com sua união" (Anônimo, citado por Sauvé, *Etats* p. 90).

943 "Não há atividade comparável àquela do espírito que contempla, nem condensação de energia como a sua. A história tampouco pode mostrar seres de atividade tão prodigiosa como essas almas que, encerradas por longo tempo na quietude da contemplação, saem dela para *contagiar* o mundo, lutando sozinhas contra tudo, e impondo-se a sociedades e costumes. Pedro, o eremita, Vicente Ferrer, Catarina de Sena, Teresa de Jesus, Vicente de Paulo...; conhece o mundo almas de ânimo parecido, que não tenham saído do forno da contemplação?" (Pe. Getino, *Vida y procesos de Fr. Luis de León* p. 30). "Um homem de oração fará mais num ano que outro em toda sua vida" (Lallemant, *Doctr*. pr. 2, sect. 2, c. 6, a. 2). "Não cabe profundidade de sentimento – dizia não há muito um anticatólico – sem intensidade de ação".

944 "Cum prophetia defecerit, dissipabitur populus" (Prov 29, 18). "Sempre iremos ver na Igreja, diz o abade E. Meric (Carta a Lejeune, *Man. Myst.*), criaturas privilegiadas que só tocam o chão com a ponta do pé; com o corpo levantado pela força do espírito, vivem já nessas altas e misteriosas regiões onde seus olhos contemplam espetáculos que não conhecemos, e seu peito respira um ar que dá estranhas embriaguezes, e sua alma, transfigurada, deixa passar através do corpo umas irradiações que partem do próprio Deus... Com sua austeridade assombrosa confundem o próprio sacerdote encarregado de dirigi-las! Nada há que nos faça sentir ao mesmo tempo a incomparável grandeza de nosso ministério e a repugnante feiúra das fraquezas que nos oprimem, como a radiante visão destas criaturas ideais que nos pedem, em sua ascensão difícil, o apoio de nossa mão, e que deixam atrás de si, nos olhos que as contemplaram, o imperecível reflexo das coisas eternas".

Da nossa parte, nunca poderemos esquecer a indelével impressão que nos causou ver já como transfigurada no leito mortal a bendita serva de Deus Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, falecida em grande odor de santidade em 13 de agosto de 1905, aos vinte e cinco anos de idade. Achava-se como no mais denso da *grande treva* divina, juntando com uma glória antecipada horríveis padecimentos; que suportava, com suma paz e alegria, para o bem do próximo.

12, 6-14) – aos desertos ou às catacumbas e, entrementes, ao íntimo retiro dos corações, onde verdadeiramente está o reino de Deus, e onde nenhum profano pode penetrar.

Não há nem uma dessas almas grandes, por encerrada que esteja, que não deixe transcender muito longe o fruto de sua atividade e, até muito apesar de si, o perfume de suas virtudes. No meio da refinada impiedade de princípios do século passado, uma obscura monja alemã, a Beata Ana Catarina Emmerich, num canto estendida no leito de dor, entre indizíveis padecimentos – apesar de suas vivas ânsias de sofrer por Deus ignorada pelo mundo – exercia não já ao seu redor, mas muito longe, até em Berlim e em Paris, uma prodigiosa influência. Expulsa de seu convento, enferma e desvalida, achava remédio para os males do próximo, sanava a muitos contritos de coração, consolava os aflitos e edificava a Igreja "arrancando espinhos das vinhas do Senhor e suprindo assim as negligências de muitos ministros".

Mas mesmo quando morrem totalmente ignorados, com a própria morte começa a se sentir a salutar influência exercida pelos Santos. Entretanto, quem, senão essas almas elevadas, verdadeiros "pára-raios do céu", contém o braço da divina Justiça e troca em bênçãos os merecidos castigos? Elas aplacam a Deus e trazem sobre seu país, e mesmo sobre o universo todo, benefícios inumeráveis. Seu puro e inflamado amor pesa mais na balança divina que a perfídia de milhões de ímpios. Elas bastam para que Deus olhe o mundo com complacência; sem elas, a terra pereceria por sua própria iniqüidade. Quem as odeia, a si mesmo odeia[945].

---

945 "Quando Deus eleva uma alma ao último grau da contemplação, diz Lallemant (*Doctr.* pr. 7, c. 4, a. 9), já não lhe nega nada do que lhe pede... Se ela se põe a orar por algo que a recomendaram, nota que o Espírito de Deus a leva a descobrir admiráveis segredos, onde se perde e se esquece do que ia pedir, e, no entanto, Deus lhe concede; sem ela pensar, são alcançados seus desejos. Uma alma assim pode, com suas orações e seu crédito diante de Deus, sustentar toda uma ordem religiosa e todo um reino". "Se essas almas, diz o diálogo de *Las nueve peñas* (l. c.), são poucas em número, são grandes em mérito; sobre elas, como sobre sólidas colunas, sustenta Deus sua Igreja. Sem elas pereceria o Cristianismo, e o demônio apanharia em suas redes o mundo inteiro... Um só dos que vivem nessas alturas é mais amado por Deus e mais útil à sociedade cristã, que outros mil que O sirvam seguindo sua própria inclinação... Tão caros são a Deus e de tanto favor gozam diante d'Ele, que se

Tal é o poder dessas almas generosas que, renunciando por completo a todo o terreno e a si mesmas, alcançaram se elevar nas asas do amor divino até os mais sublimes cumes da contemplação; uma só delas agrada mais a Deus e alcança d'Ele mais, que milhares e mesmo milhões de justos ordinários que, por muito que se ocupem em boas obras, ainda não alcançaram se desnudar por completo de si mesmos[946].

Nessas almas privilegiadas, desde que traspassaram a esfera do místico desposório, tal perfeição resplandece, tão bem copiada se vê a imagem do Homem-Deus, que nelas costumam transparecer mesmo exteriormente certos atributos gloriosos, quando não divinos[947]. Como Deus é a própria

---

um só deles pedisse uma coisa e todos os demais cristãos o contrário, seria ouvido com preferência... Ó, quanto melhor andaria toda a Igreja, se os homens em suas dificuldades tomassem conselho desses servos de Deus, a quem Ele enche de tanto amor e tanta luz! Mas o mundo é tão cego e tão indiferente para com a Verdade, que esses santos em quem reside o Espírito divino são oprimidos, ridicularizados e desprezados como a sucata do mundo".

"Deus autem plus delectationis in quolibet eorum invenit, quam in multis aliis hominibus, qui sibi intime uniti non sunt" (Blósio, *Instit. spiritualis* c. 12, § 4, n. 2).

946 "A verdadeira vida da alma é morrer a si mesma e se renunciar em Deus... Se quereis ser úteis a todo o mundo, desprendei-vos das criaturas e entregai-vos a Deus... Quando as potências da alma perdem sua própria atividade e os elementos do corpo se purificam, nossas faculdades adquirem toda sua nobreza, porque voltam ao seu princípio, que é Deus" (B. Suso, *La unión divina* 2). "Certamente que aqueles que sem meio algum se unem com Deus e o deixam agir, por Ele são muito amados, e numa breve hora são mais úteis à Igreja que em muitos anos podem ser aqueles que não chegaram a essa união". (Blosio, *Inst. spir.* c. 1). Nesses estados superiores em que a alma parece estar ociosa, diz Sauvé (*Etats* p. 60-63), "é incomparavelmente mais ativa e mais influente na Igreja. Quando Deus age nela, não é para diminuir sua atividade, mas para a aperfeiçoar. Essas almas são o apoio do mundo: uma delas alcança mais bens e dá mais glória a Deus que uma multidão de almas vulgares. Se não tratam com o próximo, intercedem por ele. Delas se vale Deus como de meios de edificação de sua Igreja". "Depois dos apóstolos e dos mártires, escreve Lejeune (*Man. myst.* p. 27), os contemplativos são aqueles que constituem a força e a fecundidade da Igreja. A maravilhosa eflorescência cristã do século IV coincide com a época dos Padres do deserto... O afastamento do teatro da luta ativa, longe de ser causa de debilidade, é um princípio de crescimento dessa força vital de que vive a Igreja. Por ter esquecido essa lei histórica e não ter dado à contemplação a devida importância, é que em nosso século se consomem em vão e se esterilizam tantos esforços e sacrifícios".

947 "Ut corpora illustria perlucidaque, contacta radio solis fiunt et ipsa supra modum splendida..., sic et animae Spiritu afflatae et illustratae *fiunt et ipsae spiritales et in alios gratiam emittunt*... Hinc *cum Deo similitudo*, et, quo nihil sublimius expeti potest, *ut Deus fias*" (S. Basílio, *De Spiritu Sancto* 9).

atividade por essência, dá-lhes forças misteriosas com que suprem à própria debilidade natural e mesmo a falta de alimentos ou de sono. Assim vemos em Santa Catarina de Sena que, quando o dever ou a caridade a chamavam, cedia de repente a febre e se levantava para empreender longas viagens ou penosos trabalhos. Passava vários meses com uma atividade prodigiosa, sem mal comer nem dormir; pois não tomava outro alimento que a Eucaristia, nem outro repouso senão o de uns quinze minutos, e esse de joelhos[948]. Com outra multidão de santos aconteceram coisas análogas e mesmo mais admiráveis: o que Santa Liduína dormiu em trinta e três anos não equivalia a uma só noite[949].

"Por estar já (a alma) muito espiritualizada, iluminada e afinada... se deixa transluzir a Divindade nela" (S. João da Cruz, *Llama* canc. 1 y 6).

"Assim como o resplendor do corpo de Nosso Senhor em sua transfiguração saia de dentro, como uma revelação da Divindade, latente sob as aparências de nossas misérias, assim, diz Terrien (1, página 344), as excepcionais prerrogativas que nos Santos admiramos são a expansão e irradiação exterior dos mistérios que se realizam no fundo de todas as almas santificadas. E assim, ao não ser o estado normal de nossa presente união com Jesus Cristo, contribuem muito para declará-la".

948 *Vida* 1ª p., 4.

949 São Nicolau de Flue, escreve o Pe. Butiña (*Luz del menestral* t. 1, p. 277-9), "durante vinte anos não comeu nem bebeu, nem provou outra coisa senão a sagrada Eucaristia. Esse milagre, submetido na vida do Santo a um escrupuloso exame, é considerado como incontestável mesmo por historiadores protestantes como Müller... Recebia – segundo ele mesmo declarou – da Comunhão, ou dos desejos de recebê-la, uma força tão grande, que se renovava nele o vigor sem sentir necessidade de alimento nem bebida". No entanto, empreendia longas viagens para acalmar os ânimos de seus compatriotas, e diariamente tinha que responder aos muitos que iam lhe consultar em seu retiro, onde era visto como o oráculo da Suíça. Uma vez que por obediência teve que tomar um pedaço de pão, vieram-lhe uns vômitos tão violentos, que lhe puserem a vida em perigo. E assim não voltou a ser submetido a tão dura prova. Do mesmo modo, Santa Catarina de Sena sofria terríveis dores cada vez que a obrigavam a tomar algo, que se reduzia a um pouco de pão ou a umas ervas cozidas. Assim passava longas temporadas sem outro alimento mais que a Eucaristia, com a qual recebia grandes forças. Às vezes, a simples vista do Santíssimo – e mesmo de um sacerdote que acabasse de celebrar – produzia nela os efeitos de nosso alimento (*Vida* 2ª p., 5). Santa Ângela de Foligno passou também até doze anos sem comer outra coisa mais que o verdadeiro Pão da vida; que para ela tinha um sabor especial e tão delicioso, que não há com que compará-lo. Enfim, para não multiplicar os exemplos que se podem ver em vários autores, só acrescentaremos que Santa Rosa de Lima passou às vezes semanas inteiras só com esse divino Alimento. Enfraquecida como estava, ao ir até a Igreja mal podia se manter de pé; mas ao comungar ficava resplandecente e semelhante a um anjo, e logo

Freqüentemente irradiam luz celestial; penetram o íntimo dos corações; por certo olfato espiritual distinguem o pecador e mesmo os pecados que o enfeiam[950]; pelo tato, ou a simples vista, ou por certa atração misteriosa, distinguem os objetos sagrados ou benzidos[951]; desfrutam às vezes da visão à distância, do discernimento dos espíritos e da agilidade ou levitação com que, em seus raptos, o corpo se eleva pelos ares, sobretudo em direção aonde está o Santíssimo Sacramento que lhes atrai, e ali permanecem entre as lâmpadas sem queimar suas roupas e, quando suavemente descem para onde estavam, sente-se como um leve ruído de asas angélicas[952]. Porque restabeleceram em

---

ficava tão confortada, que podia voltar para casa com uma agilidade incrível – Cf. Hansen, 1, 23; Gorres, *Myst. div.* l. 2, c. 5.

950 "Te dou, disse Nosso Senhor à Santa Catarina de Sena (*Vida* 2ª p., 4), minha luz sobrenatural, que te fará ver a beleza ou feiúra de todas as almas com quem trates. Teus sentidos interiores perceberão o estado dos espíritos, como os exteriores percebem aquele dos corpos. E isso não só com as pessoas presentes, mas com todas aquelas cuja salvação for objeto de tua solicitude e orações, mesmo quando estejam ausentes e nunca as tenha visto". "A eficácia deste favor, acrescenta o Beato Raimundo, foi tal, que desde aquele momento via realmente muito melhor as almas que os corpos".

951 "As vidas dos santos, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 5, p. 466), estão cheias de feitos semelhantes. Tudo o que era santo – todo lugar ou objeto que tinha estado em contato com a santidade – lhes parecia brilhar com luz tão esplendorosa, que, em sua comparação, aquela do sol era escuridão... Ao entrar num templo *sentiam* imediatamente o ponto onde o Senhor estava oculto no Sacrário... Distinguiam a água benta da que não era, como nós distinguimos a água do vinho. Reconheciam a hóstia consagrada e aquela que não estava, as relíquias verdadeiras e as falsas, e conheciam se os restos dos que jaziam em suas tumbas pertenciam aos eleitos ou a quem Deus não tinha acolhido em seu seio; reconheciam se uma alma estava em estado de graça ou não, se existiam todavia nela pecados ocultos ou se suas faltas foram apagadas pelo sacramento da Penitência (veja-se muitos exemplos em Görres, *Mística* 2, 83-105; Santa Brígida, *Revel.* 6, 87; Santa Catarina de Siena, *Vida*, 2ª p., 4; Emmerich, *Vida* etc.). Em conseqüência de seu contínuo comércio com Deus, de tal modo estavam penetrados por Ele, que a graça se movia neles como a águia que com todas as suas forças sacode suas asas poderosas, que seu contato queimava como o fogo, que a plenitude dos dons divinos de que estavam penetrados, e que deles jorravam sobre o mundo inteiro, fazia distinguir como lâmpadas luminosas as pontas de seus dedos quando juntavam suas mãos para orar".

952 Neste estado de arroubamentos no ar, podem ser movidos por um sopro, como plumas levíssimas; basta soprar de longe, como se comprovou repetidas vezes na Venerável Madre Maria de Agreda (cf. *Vida*, por J. Samaniego, § 9), e em outros muitos místicos (veja-se Görres, *Myst. divin.* l. 4, c. 21-22). Outras vezes são levados a lugares inacessíveis. "Quando estava encarregada das funções de sacristã, diz a Beata Ana Catarina Emmerich (*Vida*, por Brentano, 6ª ed. cast., p. 12), me sentia prontamente

si a ordem e tendo voltado como ao estado original, recobram o domínio sobre a natureza: assim acalmam os elementos, amansam as feras e até as põem ao seu serviço, para que os acompanhem a louvar a Deus, e, enfim, exercem sobre os corações uma influência sem limites[953].

Tão enriquecidas estão com o poder de seu amado Salvador e tão copiada levam sua divina imagem, que esta transparece às vezes até em sua face e em todo seu aspecto: os contemporâneos de São Domingos, e mesmo os de São Francisco de Sales, maravilhavam-se ao ver neles o vivo retrato de Nosso Senhor. De Santa Catarina de Sena se chegou a dizer: "É ela mesma ou é Jesus Cristo?" Ela se parecia tanto com Ele! – Tal era o poder, serenidade e majestade dessa prodigiosa Santa! – Nada estranho que, quando, em Florença, procuram-na para matá-la aquelas amotinadas turbas, ao vê-la perdem sua ferocidade: depõem as armas, jogam-se aos seus pés... e lhe rogam que se esconda. Mas ela sai do meio do tumulto, e sua presença tudo acalma: ao ódio sucede o respeito e a veneração. A própria natureza, longe de perder com as duras provações em que é acrisolada, sai, por fim, ganhando; pois fica purificada e regenerada, à semelhança do que era nos felizes dias de inocência.

---

transportada; subia nos lugares mais elevados da igreja, sobre as cornijas, os frontões e as molduras da alvenaria; aonde parecia impossível humanamente subir. Então o limpava e tudo arrumava. Me parecia sempre que tinha junto a mim espíritos benfeitores que me elevavam e me sustentava". O mesmo acontecia com Santa Maria Madalena de Pazzi. "Não temos que nos surpreender, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 10, conf. 25), de que Cristina, a Admirável (*Vida*, por Tomás de Cantimpré, 2, 15) e São José de Cupertino (Pastrow. *Vida* 3, 32) possam se sustentar como pássaros no flexível topo de uma árvore ou caminhar sobre as águas; que São Raimundo de Peñafort atravesse o mar em sua capa (*Vida* 5, 26); que Santa Catarina de Siena mal toque os degraus quando sobe ou desce (B. Raimundo, *Vida* l. 1, 32; 2, 2, 139) e que durante seus êxtases permaneça posta sobre um saco de ovos sem os quebrar; que o Beato Amadeo passe como num vôo sobre a neve sem deixar rastro algum (*Vita* 8, 87). Não, não devemos nos surpreender com isso, se se leva em conta que neles vivia o Espírito d'Aquele que não só caminhava sobre as ondas, mas que eximia São Pedro das leis da gravidade e o mantinha sobre as águas" (Mt 14, 25-29).

953 Veja-se Görres, l. c. e l. 3, c. 29; Sauvé, *Etats myst.* p. 101-112; Hansen, *Vida de Santa Rosa de Lima* I., c. 13.

Por isso mesmo, ao se parecerem tanto todos os grandes amigos de Deus, como vivas cópias do mesmo divino Modelo, não por isso deixam de oferecer cada um seu caráter singularíssimo; pois, em vez de perder os bons dotes pessoais e étnicos, melhoram-nos santificando-os[954]. Quem não admira a delicadeza de sentimentos e fineza, verdadeiramente italiana, da referida virgem? Tinha suma afeição às crianças e às flores; não se casava de abraçar e acariciar aquelas ao encontrá-las nas ruas, por sujas que as visse, nem de cultivar ela mesma seu jardim. E em meio aos grandes trabalhos e gravíssimos negócios, achava tempo para presentear aos seus muitos amigos e imitadores algum lindo buquê, dizendo-lhes que ela mesma o tinha feito... Em certa ocasião, um nobre jovem ia ser executado, sem que ninguém o pudesse convencer que preparasse sua alma. Apresenta-se então essa admirável virgem, reclina em seu casto colo aquela cabeça dura, para que ali mesmo descanse, possa dormir e se acalmar. E o criminoso se encontra modificado e tão cheio de coragem, que no fim se apresenta alegre no patíbulo; onde lhe espera sua benfeitora para outra vez segurar sua cabeça ao ser cortada e logo a recolher com tão terno carinho, que nem mesmo quer tirar de suas roupas as gotas de sangue que ela própria tinha tornado precioso[955].

Da delicadeza de sentimentos de uma Santa Teresa não há o que falar: todos a reconhecem e a admiram. Quem há que não veja nessa gloriosa heroína um modelo acabado da perfeita mulher espanhola? E quem pode menos que a ver transfigurada pela graça? Somente os Santos podem ser homens perfeitos, homens verdadeiramente grandes[956], porque só neles se restaura

---

954 "Na vida de cada santo vemos brilhar, como num espelho, o caráter do povo a que pertence, do mesmo modo que vemos refletir na superfície dos lagos de um país a cor do céu e a forma de suas montanhas" (Weiss, *Apol.* 10, conf. 24). Mas "só a graça pode comunicar esse ar sobrenatural que se particulariza se adaptando maravilhosamente ao caráter de cada pessoa. Isso não se aprende nos livros, é efeito de uma íntima revelação" (Caussade, *Aband.* l. 3, c. 5).

955 Cf. *Epist.* 101.

956 Há uma diferença muito notável entre a grandeza dos santos e aquela dos homens que se passam por grandes. Esses são tão somente vistos de longe; aqueles de longe e de perto. "O homem grande, diz H. Joly (*Psychol. des Saints* c. 1, p. 28), por muito grande que seja para as multidões e para todos aqueles que não vêem mais que os resultados exteriores, costuma ser pequeno para os que de

a natureza em sua integridade primitiva, realizando-se plenamente a idéia criadora, ao mesmo tempo que se configuram à imagem do próprio Verbo.

---

perto tratam com ele, e conhecem suas fraquezas... Pelo contrário, um santo parecerá tanto maior quanto mais de perto – ou seja, mais intimamente – com ele se trate. Aqueles que assim vêm a ser testemunhas de suas ocultas virtudes, de seu carinho ignorado, de seu valimento diante de Deus e da invisível influência que exerce nas almas, são os encarregados de confundir a ignorância e dissipar os preconceitos dos que os desprezam".

CAPÍTULO VI
OBSERVAÇÕES GERAIS

§ I. – DIVERSIDADES NAS VIAS DO ESPÍRITO. – VARIEDADE NAS PURGAÇÕES E SUA ORDEM NORMAL. – NUMEROSOS GRAUS DE CONTEMPLAÇÃO E DIFICULDADE DE OS DISTINGUIR: ORDEM CONSTANTE NOS PRINCIPAIS. – AS GRANDES CRISES: OS POUCOS ESCOLHIDOS; CAUSAS DO DESALENTO E ENGANO. NECESSIDADE DAS PURGAÇÕES ORDENADAS. – O ÓCIO SANTO E A VERDADEIRA ATIVIDADE. – A OBRA E DIREÇÃO DO ESPÍRITO.

Nem todos os místicos passam pelas mesmas provações, nem as sofrem com igual ordem e rigor. Isso varia, primeiramente, conforme o estado e destino das almas, com o que tenham que purgar e com o grau de santidade a que ascendem.

Naquelas de vida puramente contemplativa preponderam as penas interiores, as securas, obscuridade, desolação etc. Naquelas que ao mesmo tempo se dedicam à vida ativa, e em particular ao sagrado ministério, a fim de não o impedir, mas o tornar mais frutuoso, preponderam as exteriores, as moléstias e trabalhos que aquele leva consigo, as perseguições, calúnias e outras mil dificuldades que ocorrem e que Deus sabe converter em facilidades[957]. Quando não, o Senhor modera o fogo interior dos grandes ímpetos e ardores do espírito, para que, por fortes que sejam, não se traduzam no exterior nem impeçam o cumprimento dos deveres.

Ademais, não necessita das mesmas purgações a criança que o adulto; o inocente, sem dívidas que satisfazer nem vícios que desenraizar, e o penitente carregado de dívidas e aprisionado em seus maus hábitos. Nem

957 Cf. Godínez, *Teología* Mística 1. 3, c. 6-8.

tampouco se requer a mesma pureza para chegar à simples *união* que para o místico *desposório* etc.

Por outra parte, como Deus é dono absoluto de seus dons, distribui-os gratuitamente segundo lhe apraz; daí que não haja sequer dois místicos que vão exatamente pelo mesmo caminho e em tudo com a mesma ordem. Certas almas inocentes, em quem se adiantou o uso da razão, foram elevadas desde a infância até o próprio desposório: a V. Micaela Aguirre, admirável dominicana que floresceu em Valladolid no século XVII, desde a idade de cinco anos o foi, e suas provações se intercalaram com prodigiosos favores ao longo de toda sua vida[958]. Quase o mesmo aconteceu com a Beata Catarina de Racconigi[959]. Alguns pecadores, como Santa Maria Madalena, São

958 Adiantou-se nela o uso da razão de modo que já compreendeu bem o compromisso que contraia, dizendo ao Salvador: *Toda vossa*, e repetindo-Lhe muitas vezes: *A bem ou mal tratar, sempre vossa*. O Senhor lhe mostrou, como foi dito, um anel a fim de que ela com suas obras e tribulações o lavrasse para Ele (cf. *Vida*, pelo V. Pozo, l. 1, c. 6). À Beata Osana de Mântua desde a mesma idade de cinco anos apareceu o Menino Jesus pedindo-lhe por esposa; mas não celebrou o místico desposório, apesar de viver como em contínuo êxtase, até os dezenove. A esse desposório e a troca de coração que n'Ele experimentou, seguiram-se sete anos de tribulações, sem outro refrigério senão a cruz, segundo ela dizia. Cf. Bagolini y Ferreti, c. 2 y 5.

O mais incrível é o que aconteceu com a Beata Ana Catarina Emmerich, que recebeu esses favores já desde o batismo. "Tinha eu, diz ela mesma (cf. introdução à *Vida de Nuestro Señor*, 3, e *Vie*, por Wegener, l. 1, c. 2), o uso de minhas faculdades, e me dava conta de tudo. Vi como se celebravam em mim as cerimônias, e nesse momento meus olhos e meu coração se abriram de modo extraordinário. Apenas batizada vi meu anjo da guarda e minhas patronas Santa Ana e Santa Catarina que tinham assistido a cerimônia. Vi também a Mãe de Deus com o Menino Jesus, e *me desposou com Ele, apresentando-me o anel nupcial*. Desde então tudo o que é santo e bento, tudo que pertence à Igreja, distingo-o em seguida; vi profundas e misteriosas imagens que me fizeram compreender a própria natureza da Igreja; e senti Deus presente no Sacramento do Altar; vi as relíquias dos Santos radiantes de luz celestial...; e enfim descobri os perigos a que havia de estar exposta durante toda minha vida". O mesmo refere de si a admirável Madre Domingas Clara da Cruz (1832-95), fundadora do convento de Dominicanas de Limpertsverg (Luxemburgo).

959 Tendo ainda cinco anos se apresentou a ela a Virgem com o Menino Jesus dizendo-lhe: "Te uno desde agora com meu Filho na fé, na esperança e na caridade". E o Menino acrescentou: "A desposo alegre, porque é uma pérola preciosa que adquiri com meu sangue". – E em prova de seu amor, deu-lhe um anel. – Com a idade de treze anos lhe disse por sua vez o Espírito Santo: "Venho morar em ti, para te purificar, iluminar e abrasar teu coração e te dar a vida".

Paulo e Santo Agostinho, foram elevados quase repentinamente a um alto grau de contemplação; mas ao mesmo tempo sofriam enérgicas purgações e se preparavam para outras maiores. Assim, aquela sofreu terrivelmente durante a Paixão, e o Apóstolo, antes de se batizar e receber o Espírito Santo, passou três dias *cego*, pelo excesso de luz com que o Senhor se mostrou a ele, e, pasmo, esteve todo esse tempo orando, sem comer nem beber (At 22, 11-16). Logo soube o muito que por seu santo Nome teria que padecer toda a vida, e se retirou por três anos na Arábia para se preparar para o ministério (Gal 1, 17-18).

Das pouquíssimas almas que alcançam chegar ao sublime grau do matrimônio espiritual, a maioria passa pela terrível *noite do espírito* muito depois daquela *do sentido*; mas algumas sofrem quase simultaneamente ambos os tipos de purgações[960]. Cada uma dessas pode ser mais ou menos contínua, e permanecer assim até que sucede um longo período de relativa calma, cheio de luz e consolos, com poucas ausências, desolações e securas, embora haja trabalhos e penas exteriores, junto com os dolorosos e saborosos ímpetos, as vivas ânsias e feridas de amor; mas o mais freqüente é que sejam ininterruptas, intercalando-se com grandes favores e consolos que confortam e animam para voltar as provações e fazê-las mais suportáveis; de modo que, a cada progresso de luz e de amor, e a cada grau parcial de oração, preceda uma nova crise de penas, ausências e obscuridades, onde se prova o amor e a fidelidade[961].

Santa Rosa de Lima, depois de experimentar os mais importantes favores, ainda seguia passando diariamente pelo espaço de quinze anos, no meio da contemplação mais sublime, uma ou duas horas metida no mais

960 Já vimos como Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 1) as põe reunidas.

961 Segundo o Cardeal Bona – que procurou marcar o tempo que duraram as desolações, obscuridades e demais purgações passivas de alguns grandes contemplativos –, São Francisco de Assis passou nelas dois anos; Santa Catarina de Bolonha, cinco; Santa Clara de Montefalco, quinze; o Padre Baltasar Alvarez, dezesseis; Santa Teresa, dezoito; Santa Maria Madalena de Pazzi, primeiro cinco e logo mais dezesseis. Mas esses cálculos são poucos seguros; pois, como adverte Santa Teresa, as provações e purificações seguem se intercalando mais ou menos com as consolações, até chegar ao matrimônio espiritual.

obscuro da noite do espírito, em que, esquecida de tudo, sofria um verdadeiro inferno, crendo-se para sempre perdida, deixada pela mão de Deus, sem que ninguém ouvisse seus gemidos e sem poder sequer gemer entre tais angústias. Mas, mesmo assim, resignava-se a dizer: *Faça-se, Senhor, tua santa vontade*[962].

A primeira fase da *noite do espírito* – ou seja, o penoso *aniquilamento* produzido por um excesso de luz divina – pode começar já antes da *oração de união*, ou durante esta mesma, para a fazer mais íntima e espiritual, e vai aumentando cada vez mais depois da plena *união conformativa*, dispondo assim a alma para a *transformação* que se requer já no *desposório*. A segunda fase – que é a contemplação *in calígine* – costuma se iniciar algo depois desse último, e se prolonga e reforça o quanto for necessário para produzir a definitiva *morte mística* e a plena renovação que se necessita para o *matrimônio espiritual*.

Os diversos graus de contemplação são na realidade muitos e muito difíceis de distinguir, pelo motivo mesmo que de um a outro vai se passando insensivelmente[963], e porque não se apresentam iguais nem com a mesma ordem em todas as almas, nem uma mesma permanece estável em cada um deles até subir ao outro superior, pois uma vez que chegaram a um grau, costumam receber indistintamente qualquer um dos inferiores, conforme as condições e circunstâncias em que se encontrem[964]. Assim, Santa Teresa,

---

962 Sobre o terrível e intolerável de suas penas, veja-se Hansen, 1, 14. Santa Catarina de Gênova se encontrava continuamente – pelo menos durante dez anos – num verdadeiro purgatório, tão terrível como deleitoso ao mesmo tempo, juntando-se "um inefável prazer com uma insofrível dor, sem que um impedisse o outro". Coisa análoga aconteceu recentemente – segundo ouvimos, quase em idênticos termos, no último momento de sua preciosa vida – à serva de Deus Maria da Rainha dos Apóstolos.

963 "A experiência mostra, diz Ribet (*Myst*. t. 1, p. 149), que a contemplação, como as operações naturais, aparece em estado de gérmen, desenvolve-se através de diversas peripécias e se consuma numa suprema união da divina caridade. Aqueles que viram de perto as almas sob esse misterioso trabalho da graça, puderam comprovar essas múltiplas e variadas elevações, tão difíceis de caracterizar como de desconhecer. Por isso todos os místicos admitem na contemplação diversos estados sucessivos ou graus crescentes, que são como outras tantas etapas para consumação do amor".

964 Estes diversos graus podem, às vezes, começar de um modo muito fraco; e então o trânsito de uns aos outros é tão insensível, que muitas almas mal saberão distingui-los até que o novo gênero

aos ser obrigada a descrevê-los, ia sendo posta de novo sucessivamente em todos eles, conforme o que necessitava escrever. Foi desse modo que os pôde precisar com essa fidelidade tão surpreendente, posto que não fazia mais que declarar o que ela mesma acabara de sentir, e ainda o que muitas vezes seguia sentindo com a pluma na mão, e com graça especial para poder declará-lo[965].

Scaramelli distingue até 11 graus; outros autores ainda admitem mais: Santa Ângela de Foligno conta os 18 *passos* que andou para chegar ao ver-

---

de oração se apresente a elas em toda a sua intensidade característica. Verão que sua oração não é já como a de antes; mas não conseguirão dar a razão do que se passa até que a comunicação de Deus seja mais plena. Ao subir a um grau superior é quando costumam distinguir bem os inferiores. Assim é como Santa Teresa poderia ao fim reconhecer que já jovem – aos vinte anos – tinha tido por breves instantes, sem advertir, verdadeira oração de *recolhimento* e mesmo de *quietude* (*Vida* c. 4). Mas por ter esmorecido em seu fervor, tardou ainda outros vinte anos a chegar a ter habitualmente esses tipos de oração. Aos quarenta e três anos gozava já da *união extática*; e por então, começou a ter locuções (*ib.* c. 24).

Ao contrário, a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos, O.P., em coisa de dois anos, passou como insensivelmente da *noite do sentido* para a do *espírito*, atravessando, entretanto, rapidissimamente todos os graus da escada mística. Em julho de 1868 mostra estar na mais terrível das *purgações do sentido*; estas nela se prolongaram excessivamente fazendo-a sofrer o indizível. Mas entre as tentações mais violentas, em dezembro do mesmo ano tinha já verdadeira oração de *recolhimento* com algo de *quietude*. Ela a descreve dessa forma (*Vida* p. 229-230): "Comecei a sentir uma paz muito grande em minha alma e a fixar-*se muito minha mente em meu Deus*, tanto que *parecia que O estava vendo*. Meu coração parecia que queria sair do peito. Sentia um ardor muito grande... É uma coisa estranha; pois estava eu em meu sentido e não podia me mover; parecia que estava fixa em meu Deus. Mas que lindo era e que carinhoso se mostrava!... Me punha em seus braços para que me reclinasse em seu amante peito, e parece que lhe ouvia dizer: *Vem e descansa em meu Coração*. Não posso explicar o que minha alma desfrutava...Todas essas angústias que tenho... desapareceram, e fiquei numa paz inalterável". Mas logo se abateram sobre ela as provações com mais violência. Entre elas, em novembro de 1869, descreve uma oração de *quietude*. Em julho de 1871, a de *união*. Em 04 de dezembro diz como Jesus Cristo lhe *purificou* o coração; e em 29 já descreve o *desposório*... Desde então, tendo em intervalos os supracitados graus de oração e desfrutando nela de inefáveis consolos, viveu habitualmente sofrendo os horrores da *noite do espírito*, e padecendo todas as semanas a série de tormentos da paixão do Salvador, até ficar como crucificada com Ele, e exalar assim seu último alento em 18 de novembro de 1872, aos trinta anos de idade.

965 "Uma mercê é dar o Senhor a mercê, e outra entender que mercê é e que graça; e outra saber dizê-la e dar a entender como é" (Sta. Teresa, *Vida* c. 17, 4).

dadeiro conhecimento de si mesma[966], e em certo manuscrito, em que uma alma sem instrução dava conta da oração que ela tinha, podemos ver uns 15 graus até as *feridas de amor* e as vivas *ânsias* que sucedem ao *desposório*.

Mas sejam contados mais ou menos, todos eles podem se reduzir aos cinco fundamentais que deixamos indicados: *recolhimento, quietude, união, desposório e matrimônio espiritual*, pertencendo os três primeiros à simples *união conformativa*, e os dois últimos à *transformativa*[967]. Estre esses dois bem poderia considerar-se como verdadeiro grau intermediário a *contemplação caliginosa*, que implica já uma união mais íntima – embora também mais *oculta* – que aquela do *desposório*, e durante a qual se realiza *lentamente* o mistério da *transformação* da alma[968]. Assim haveria também três graus fundamentais nessa união, como na outra. Os cinco ou seis que assim resultam

---

966 Embora alguns deles, a partir de sua conversão, poderiam parecer de simples *ascética*, na realidade já desde o primeiro se descobre certa moção do Espírito Santo que lhe dá um ar *místico*. Começa, com efeito, pelo santo *temor*; logo vem a confiança filial (dom de piedade); logo segue a *moção* da dor, as lágrimas, as *iluminações*...

967 Santa Maria da Encarnação, a quem Bossuet chamava de "A Santa Teresa Americana" (cf. *Vie*, por Chapot, 4ª p., c. 4), juntando o *recolhimento* com a *quietude*, e o *desposório* com o *matrimônio*, considera três *estados místicos*, que descreve, segundo já vimos, com muita precisão. Mas "em cada um deles, diz, há *diversos graus ou operações*, onde o Espírito Santo eleva as almas *segundo sua vontade*". Antes de Santa Teresa, que com tanta sagacidade soube distinguir esses sucessivos *estados* da contemplação, costumava-se apontar outros tipos de *graus* muito distintos, que mais bem são *fenômenos* que gradualmente podem se produzir num mesmo *estado*, por exemplo, no de *união*: "*Septem contemplationis gradus* – diz o Beato Bartolomeu dos Mártires (*Comp. myst.* c. 26), de acordo com o autor de *De septem gradibus contempl. – hi sunt: Ignis, unctio, extasis, speculatio, gustus, quies, gloria.* Nam primo anima ignescit, ignita inungitur, inuncta rapitur, rapta speculatur vel contemplatur contemplans gustat, gustans quiescit. Hi gradus *gradatim ascenduntur ab his qui diligenter se in spiritualibus exercent*, qui tamen non nisi experientia percipi possunt... Diu laborandum est, ut ad huius felicitatis conditionem pervenias... *Tu ergo persevera et sustine Dominum, spe enim tua non frustraberis*".

968 A *visão* ou *contemplação caliginosa*, escreve o Pe. Juan Sanz López (*Comp. de la doctr. míst.* 3ª p., n. 663), "acontece quando Deus infunde uma luz tão grande que não a pode olhar a alma, porque se cega; mas sabe que naquela luz inacessível está Deus, e daqui nele se origina uma impaciência amorosa, porque não pode ver o que ali se oculta, um desejo ardente de ver a Face de seu Amado e uma esperança segura de que algum dia Lhe verá ao descoberto. Essa contemplação se diz *in caligine*, ou nas trevas, porque a superior abundância de luz cega a alma". Depois dessa obscuridade, acrescenta, vem a *manifestação de Deus*, que se deixa saborear experimentalmente.

em conjunto, se se excetua no máximo alguma alma privilegiadíssima, vão os passando todas na primeira vez em ordem, detendo-se mais ou menos em cada um deles, e atravessando logo certas crises com que, laboriosamente e com grandes sacrifícios, dispõem-se para subir imediatamente; se é que nelas – por fala de direção e sobretudo de generosidade, resolução, abnegação e constância na obscuridade prolongada – não desmerecem e descem como, por desgraça, acontece freqüentemente. Pois a conquista do reino de Deus pertence aos esforçados, e o ordinário, dada a humana fraqueza, é não fazer todos os crescentes esforços que Deus exige para cada ascensão[969]. Daí que o Pe. Godínez não repare em afirmar[970] que em cada uma das principais crises vacilam, desmaiam e retrocedem noventa e nove por cento, e só um entre cem chamados merece ser escolhido para ascender ao novo grau que lhe era oferecido. Quase outro tanto vem a indicar o *Diálogo das nove penas*, atribuído ao Beato Suso. E Santa Teresa afirma que são relativamente muitos os que chegam à oração de *quietude*, e muito poucos os que passam adiante[971].

Por aqui se compreenderá que são escassos os verdadeiros contemplativos, porque se é verdade que Deus não leva desde já por aqui todas as almas pias, são contudo muitíssimas aquelas que quando já poderiam ir, por sua culpa não vão; por não aceitarem de bom grado as primeiras provações, ou por se dissiparem ou desmaiarem depois. A causa principal está, segundo foi dito, na escassez de diretores hábeis que saibam esclarecê-las e alentá-las para que acabem de se resolver a renunciar por completo a si mesmas e a se desprender até do apego aos favores divinos e de tudo o que não é o próprio Deus, lançando-se de uma vez em seus braços com um abandono absoluto,

---

969 "Todos os outros tipos de oração que os místicos apontam – como *a do silêncio, sono espiritual, embriaguez, júbilo, feridas de amor* etc. – diz o Pe. Poulain (*Grâces d'oraison* 3ª. ed., p. 45-46), não são senão maneiras de ser dessas principais, e não constituem graus sucessivos... Mas essas, segundo Santa Teresa, são verdadeira etapas, que constituem como *idades espirituais*... Não costuma se passar para uma delas sem ter permanecidos por algum tempo na precedente; e o trânsito é difícil. Assim é como muitas almas ficam no caminho".

970 *Míst.* l. 7, c. 1.

971 Cf. *Vida* c. 15; *Mor.* 5, c. 1.

para não pensar mais senão em servi-Lo e agradá-Lo, em se purificar e seguir com toda docilidade as moções de seu Espírito. E sem um bom diretor, muito difícil é evitar as armadilhas de um amor-próprio cada vez mais sútil, que a tantas faz naufragar ou perder grande parte do fruto de seus trabalhos[972]. Assim vemos que quando uma alma renunciou generosamente a todos os gostos mundanos e crucificou seu corpo com ásperas penitências, todavia tem apego à sua honra e própria vontade, ou aos gostos sensíveis que Deus lhe comunica, e quando começa a se desnudar de todos esses afetos, ainda conserva outros sutilíssimos aos favores espirituais, às luzes e comunicações divinas; pois embora se creia totalmente indiferente para cumprir a pura vontade Deus, todavia se inquieta nas desolações e, com ilusórios pretextos, deseja os divinos regalos, mostrando assim que não busca a Deus puramente por Ele mesmo, prescindindo de seus dons. Se ademais tem a indiscrição de se apegar de tal modo a esses favores, que se apropria deles com certa *gula espiritual*[973], como se nisso consistisse seu progresso, está já em gravíssimo perigo de retroceder em vez de progredir, e ainda de se dissipar, presumindo de si, e cair miseravelmente. Pois por essa culpa, Deus retira as luzes e graças que, após permanecerem estéreis, gostaria a alma de se apropriar delas; e sem elas, a infeliz, longe de permanecer firme nas provações – conforme presumia – fica exposta a todo tipo de ilusões e de enganos[974].

Daí tantos falsos "*místicos*" e tantos iludidos, cujas imprudências servem de pretexto aos frouxos para disfarçar seu desleixo e tibieza e mesmo para denegrir os fidelíssimos servos de Deus, cujo fervor os confunde. Desde os mais altos graus via o Beato Suso que algumas almas não só já não ascendiam, por conservarem alguns sutis apegos aos favores divinos, mas que,

972 "Aquele que só quer estar, diz São João da Cruz (*Avisos* § 6, n. 178), sem arrimo de mestre ou guia, será como a árvore que está sozinha e sem dono no campo, que por mais fruto que tenha, aqueles que passam os colherão e não chegarão a ficar maduros".

973 Cf. São João da Cruz, *Noche obscura* l. 1, c. 6.

974 Santa Catarina de Gênova tem ainda por mais perigosos os apegos *espirituais* que os *sensíveis*.

apropriando-se das dádivas, dissipavam-se e caiam, e até, cheias de soberba, faziam-se dogmatizadoras[975].

Tal aconteceu com Molinos e outros *quietistas*. Santa Teresa[976] diz que viu cair almas muito elevadas na *união*. Mas isso não justifica os preguiçosos, que se não caem dessas alturas é porque nunca subiram nem fizeram esforços para subir até elas, e talvez nem deixaram ainda de se arrastar pelo chão. A pior queda, como adverte a mesma Santa[977], seria a de nos afastarmos do caminho da oração, que é aquele da salvação.

Por aqui se compreenderá quão necessárias são as distintas maneiras de purgações passivas a que Deus misericordiosamente vai submetendo os seus escolhidos, para refiná-los como ouro no crisol e retorná-los à pureza e simplicidade de crianças e poder assim recebê-los em grato holocausto (Sab 3, 9; Prov 17, 3; Eclo 2, 5). Pois, sendo Ele a própria simplicidade e pureza, não pode se unir perfeitamente com as almas que não sejam totalmente puras e simples. Desse modo, vemos como o que parecia excessiva severidade resulta ser um excesso de bondade e misericórdia. E se compreenderá também a necessidade dessa ordem com que vai se realizando a união conforme se fazem sentir os divinos toques, primeiro na *inteligência*, logo na *vontade*, depois em todas as *potências*, e, por último, até no *mais fundo da alma*; de onde resulta o progresso constantemente ordenado pelos respectivos graus principais da oração, sem que isso obste para que o modo e os detalhes variem em cada pessoa, e que uma mesma pessoa, depois de ascender a um grau, necessite voltar a se exercitar nos inferiores e mesmo apelar à meditação quando não se encontre favorecida com nenhuma maneira de contemplação infusa[978]. Porque o essencial para o aproveitamento é cada

---

975 *Diálogo* 13.

976 *Mor*. 5, c. 4.

977 *Vida* c. 19.

978 S. Afonso Maria de Ligório, *Homo apost*. app. 1, n. 7; Blósio, *Specul. spir*. 11, 1. – "Não há estado de oração tão elevado, diz Santa Teresa (*Vida* c. 13), que muitas vezes não seja necessário voltar ao princípio". – Se bem sempre costuma ficar algo do infuso, que faz proceder de outro modo muito superior ao de antes.

um se conformar com o que lhe dão e empregá-lo bem, não permanecendo a alma *nunca ociosa* – contra o que ensinavam os *quietistas* –, mas procurando que nela frutifiquem sempre o melhor possível os dons divinos; a ociosidade, como dizem Tauler e Blósio, é o vício mais pestilento.

Assim o ócio santo que parece se sentir na oração de *quietude* e sempre que Deus age energicamente na alma e a deixa como absorta, vai acompanhado de uma prodigiosa *atividade* que, sem se dar conta, ela mesma realiza, procurando receber bem, seguir e secundar o divino impulso. Parece-lhe estar ociosa de tão ocupada, absorta e cheia de luz e energia que se encontra; pois os transportes de amor que sente não lhe permitem refletir e notar sua ação e trabalho. Essa maneira de orar se chama *passiva*, por carecer de iniciativas, de discurso e mesmo, às vezes, de *reflexão*, mas essa passividade com que a alma aceita, segue e secunda a ação divina, deixando-se levar por ela o melhor possível, implica a atividade mais surpreendente[979].

Portanto, como adverte o Beato Nicolau Factor[980]:

Não pense nenhum mortal
Que ali perde tempo a alma,
Que *sua obra é divinal.*

Ali, com efeito, faz Deus sua obra, dando o último remate à purificação e renovação, cujo coroamento, segundo Santa Catarina de Gênova e Santa Ângela de Foligno, é semelhante ao começo, que se faz *em nós sem nós*: já que aí podemos apenas contribuir com a plena aquiescência e o confiante abandono nas mãos do divino Artista.

---

979 O repouso místico, dizia Bossuet, não só "é um ato, mas é o mais perfeito dos atos; longe de ser inação, põe-nos totalmente em ação com a atividade divina". – "A contemplação passiva, acrescenta Gratry (*Conaiss. de Dieu* t. 2, c. 7), é um ato vigoroso do espírito, um pensamento simples em que se resumem, o quanto é possível, a humana fraqueza, as infinitas perfeições de Deus". – "Em qualquer gênero de oração, ainda que seja com êxtase ou arroubamento, escreve Molina (*De la orac.* c. 7, § 1), sempre agem as potências da alma, conhecendo e amando a Deus".

980 L. c.

Mas aqui se compreenderá quão inferior tem que ser a simples *união de conformidade com a vontade divina*, que se pode conseguir pelas *vias ordinárias*, da que *divinamente* se produz mediante a *contemplação infusa*. Se é certo, como ensina – ou aparenta ensinar – Santa Teresa[981], que aquela é a que devemos procurar a qualquer preço – por ser a que está em nossas mãos com a graça ordinária – deixando a Deus que nos conceda a infusa quando for do seu divino agrado; não o é menos que toda essa união que nós com nossos esforços podemos adquirir, não equivale sequer a essa mística *quietude da alma*, com a que Jesus Cristo convida a todos que corajosamente aceitam seu jugo suave (Mt 11, 29). Equivalerá menos à *plena união* infusa, em que o divino Consolador cativa e enche com sua unção incomparável todas as potências. Pois daí para cima muito menos se poderá chegar pelas *vias ordinárias*. Se entra já plenamente em *regiões desconhecidas*, onde o único diretor e regulador há de ser o próprio Espírito Santo (Is 63, 14). E sem *sentir* de certo modo seus doces toques e suavíssimas moções, mal poderá a alma submeter-se a Ele como é necessário para agir desse modo *divinamente heróico*, em que tanto têm que intervir os místicos *dons*, suprindo e completando a obra das virtudes. Assim, quem por meio destas tiver feito o possível para se configurar com Jesus Cristo, não tardará em achar o ansiado *repouso*. Algum dia lhe será dado beber na misteriosa *fonte de água viva* (Jo 7, 37; Ap 22, 17), onde se renovará para começar uma maneira de vida nova (Sl 102, 5), em que lhe nasçam asas para voar sem desfalecer, e elevar-se às altas regiões onde realiza a mística *transformação* (Is 40, 31). Aos que foram fiéis no pouco, serão dados novos talentos com que alcancem ser grandes e heróicos no muito (Mt 25, 21-23). – E se até a própria união de conformidade se chegava muito mais rápido e muitíssimo melhor *misticamente* com o auxílio dos dons, que *asceticamente* com o simples exercício das virtudes praticadas de *um modo humano*, para chegar

981 *Mor.* 5, c. 3. Na realidade, segundo a Santa, essa maneira de *união* não é puramente *ascética*, mas *ascético-mística*, embora não *tão sobrenatural* como a totalmente *passiva* e acompanhada de especiais favores.

mais acima, onde tudo é "extraordinário" ou supra-humano, tudo tem que ser sob impulsos do Espírito *renovador*[982].

§ II. – FENÔMENOS CONCOMITANTES DA CONTEMPLAÇÃO. – ADMIRAÇÃO, SILÊNCIO, SONO ESPIRITUAL E EMBRIAGUEZ DE AMOR; ÊXTASE, RAPTOS, VÔOS DO ESPÍRITO; TOQUES DIVINOS, ÂNSIAS, FERIDAS E CHAGAS DE AMOR. – CONDIÇÕES DA UNIÃO, DO DESPOSÓRIO E DO MATRIMÔNIO ESPIRITUAL: A EXPERIÊNCIA DO DIVINO; OS DOGMAS VIVIDOS E SENTIDOS.

Os fenômenos concomitantes dos referidos graus de oração costumam ser os seguintes: ao *recolhimento* se junta às vezes uma *admiração* deleitosa que amplia a alma e a enche de gozo e alegria, ao descobrir em Deus tantas maravilhas de amor, de bondade e beleza; outras vezes o *silêncio espiritual*, em que ela fica atônita, absorta, abismada e como aniquilada diante de tanta grandeza[983]. Quando a própria vontade é tocada e cativada, e começa a oração

---

982 Cf. *Cuestiones* místicas 4ª.

983 Antes da oração de recolhimento – e entre ela – costuma haver uma muito viva e quase habitual *presença amorosa de Deus*, a quem a alma parece estar *sentindo* na realidade, embora de um modo confuso, vindo a assim a conhecê-lo não só pela luz da fé, mas também por essa maneira de *experiência* supra-humana. Desse vivo sentimento de Deus fala Santa Teresa em sua 2ª relação ao Pe. Rodrigo Alvarez, onde o considera como *sobrenatural* e princípio da verdadeira contemplação. – O Pe. Gracián (*Itiner*. c. 9, § 1) o chama "*atenção interior*, que é quando a alma olha atentamente sem se apartar nem dividir de algum conceito sobrenatural, que a vai inflamando no amor de Deus. Porque essa assistência sossegada e quieta, sem andar vacilando em diversos conceitos, costuma ser princípio de todo o bem espiritual. Alguns a chamam... morar dentro de si; outros, centro do coração". "Confessam, observa o Pe. Gárate (*Razón y Fe*, maio de 1907, p. 63), aqueles que desse divino sentimento desfrutam, que lhes é sumamente fácil tratar com o Senhor; que passam saborosamente um bom tempo num mesmo pedido, numa jaculatória, por pouca violência que se façam; que prestam como uma meia atenção ao Senhor achando-se em conversação com outros; e que, deixando as ocupações, como se Ele os estivesse esperando, encontram-nO adiante". – Isso, acrescenta, "é mais que luz da fé; é *sentir* misteriosamente algo divino"; pelo qual a alma pode dizer: agora já não só creio, mas "com essa nova luz como que *sinto* que Deus existe". Esse *sentimento* lhes ocorre subitamente e lhes causa surpresa, como uma *novidade* da qual não tinham notícia.

de *quietude*, então a alegria e o gozo da admiração se traduzem pelas duas formas da *embriaguez de amor*, uma mais *sensível* e outra mais *espiritual*, em que a alma, transportada de entusiasmo, sentindo o inefável *gosto da doçura de Deus*, ora se derrete, ora salta de gozo e faz o que costumam se chamar *loucuras de amor*, prorrompendo, com São Francisco e Santa Maria Madalena de Pazzi, em cânticos de louvor, convidando todas as criaturas para que louvem tanta bondade[984]; ou se contendo exteriormente, embora não sem grande violência, mas no interior se desfazendo em zelo pela glória de

984 "Hanc internae dulcedinis degustationem, diz Ricardo (*Beniam. minor* c. 37), Scriptura sacra nunc *gustum*, nunc *ebrietatem* vocat: ut quam sit parva vel magna ostendat: parva quidem ad comparationem futurae plenitudinis, magna autem in comparatione cuiuslibet mundanae iucundidatis... O dulcedo miranda, dulcedo tam magna, dulcedo tam parva! Quomodo non magna que mundanam omnem excedis? Quomodo non parva, quae de plenitudine illa vix stillam modicam decerpis? Modicum quidem de tanta felicitatis pelago mentibus instillas, mentem, tamen quam infundis plene inebrias. Merito tantillum de tanto *gustus* quidem dicitur, merito nihilominus, quae mentem a seipsa alienat, *ebrietas* nominatur".
Falando destes gostos interiores, o Frei João de Jesus Maria (*Escuela de oración* tr. 2º, d. 53), diz assim: "Algumas vezes se sente uma fragrância de um odor suavíssimo que conforta a alma e o corpo. Outras vezes um sabor, mesmo na língua corporal, que causa grande refrigério; outras vezes se sente uma alegria na parte inferior, que ultrapassa todas as alegrias do mundo, com a qual costumam os novos no serviço do Senhor prorromper em atos exteriores com júbilos, de tal maneira que não podem se conter: essa costuma se chamar embriaguez espiritual, e é algumas vezes tão grande seu ímpeto, que faz cuspir sangue, pela muita força; outras vezes costuma vir um contentamento espiritual grande, no discurso da meditação, com lágrimas e suspiros no coração. Outras vezes, sem trabalho de meditar, parece que nasce no íntimo da alma uma fonte de consolação suavíssima, que com grande paz e quietude, vai se estendendo e discorrendo por todas as partes do homem, e essa espécie parece melhor que as outras que se sentem na parte inferior... Finalmente há outros gozos mais elevados na parte superior, que comunica o Senhor de diferentes maneiras, que são cosias delicadíssimas e inexplicáveis, e quanto mais são puramente da parte intelectual, mais se chegam ao seguro: esses são próprios da contemplação".
"O quam bene et optime est tunc animae amorosae, diz Dionísio, o Cartuxo (*De fonte lucis* a. 17), quam serena, quam iucunda, quam caeliformia, ac tranquilla sunt omnia tunc in ea! Ubi tunc nebulae vitiorum? turbines passionum? involutiones phantasmatum? varietates distractionum? inquietudo tentationum? Nonne a praesentia Solis iustitiae, a conspectu et ardore atque fulgore sapientiae fugiunt omnia illa?"

Deus e bem das almas[985]. O silêncio se converte naquele suave *sono* em que o coração, sem notar, vela como nunca – *Ego dormio, et cor meum vigilat* –, abrasando-se em amor e se enchendo de fortaleza (Ct 5, 2), e onde o Divino Amante quer que suas esposas permaneçam tranqüilas sem que ninguém as desperte (Ct 2, 7; 3, 5; 8, 4).

Quando começa a *união* e vão se cativando todas as potências de modo que já não perturbem a quietude da vontade, esse sono irá se convertendo por graus em amorosos *delíquios, embriaguezes espirituais, desfalecimentos e arroubamentos extáticos*, em que a alma, perdida no mar da divina Bondade, de tal modo se desfaz, derrete-se e fica absorta no amor do Sumo Bem, que às vezes, com as ânsias e ímpetos que lhe ocorrem, parece querer abandonar o corpo para que não a possa estorvar; assim, ao chegar à plena união do êxtase, ele fica como morto, frio, imóvel e insensível, até que ela volte pouco a pouco à si e possa o ir reanimando. – A admiração, por sua vez, irá se convertendo em *raptos e vôos do espírito*, como outros maravilhosos efeitos. – E tudo isso conduz à *morte mística* e à total *renovação e transformação*[986]. Os três tipos de *arroubamentos* que costuma haver, exteriormente parecem quase idênticos, e às vezes se designam todos com o mesmo nome; mas em si eles são muito diferentes. O êxtase é um excesso de amor: se produz gradualmente e com suavidade, e assim muitas vezes a alma o pode impedir, procurando se distrair ao sentir que se aproxima; ou ao menos tem tempo

---

985 "Nestes sobressaltos de amor, diz São Bernardo (*Serm.* 67 *in Cant.*), a alma abrasada não pode se conter e prorrompe em afetos sem ordem, sem regra e sem retórica humana, a fim de aliviar seu coração; não poucas vezes, entorpecida a língua, só podem falar com suspiros". Sobre a prudente moderação desses afetos sensíveis, e em geral de todas as exterioridades, veja-se a preciosa *Suma espiritual* do Pe. La Figuera, tr. 3, diál. 5; e sobre a dificuldade ou impossibilidade que às vezes tem de reprimir os gemidos: Santa Catarina de Sena, *Vida* 2ª p., 6.

986 "São efeitos do divino amor, diz o Pe. Gracián (*Itiner.* c. 10), os afetos da alma enamorada de Deus, que se chamam *júbilo, gozo, paz, embriaguez, desmaio, morte e fogo de amor, zelo, devoção, êxtase e rapto, estreitamento em Deus*, e a divina *união*".

"O amor divino, ensina São Dionísio (*De div. nom.* c. 4, § 13-15), produz êxtase; onde ele domina, o amante já não é seu, mas do amado". "O amor é uma força *unitiva*".

O amor que acompanha sempre a contemplação, adverte por sua vez o Beato Bartolomeu dos Mártires (*Comp. Myst.* annot. final.) "*inflama, suspende, arrebata, transforma e deifica*".

para se esconder e buscar uma postura dissimulada para que ninguém o note. – O *rapto* é causado por um excesso de luz e de admiração: se produz de repente e com grande violência, sem que haja meio para resistir a ele ou impedi-lo. O êxtase faz desfalecer e cair no chão, como mortos ao mundo; o *rapto* eleva, fortalece ou transfigura e tende a levantar no ar[987]. O *vôo* é um rapto em que a alma parece ser, com irresistível ímpeto, levada à regiões desconhecidas, umas vezes como se de repente se visse arrancada do corpo, e outras levando-o também consigo; de onde resulta a *elevação ou levitação*, e às vezes, também a *bilocação ou telepatia* espiritual[988]. – Nesses casos, a certas pessoas lhes parece ter um corpo leve como uma pluma (e realmente é assim quando pode ser movido por um sopro), e que, mesmo andando, vão como

---

987 Na embriaguez mística, diz um *Anônimo* citado por Sauvé (*Etats* p. 75-78), "não têm as almas consciência do que dizem ou fazem; dizem coisas sublimes e coisas que não podemos compreender, e por isso ora são admiradas, ora desprezadas e objeto de escândalo. Outras vezes o amor age de modo muito distinto, deixando-as *adormecidas*. Se na embriaguez sentem como uma necessidade de orar e falar, aqui, pelo contrário, o amor nelas produz um desfalecimento, em que têm repugnância de agir. Perdem o conhecimento, como no *sono*; e necessitam que as despertem; o que não é sempre fácil. E assim se encontram umas vezes sentadas, outras ajoelhadas. A causa é que Deus as *embriagou* até deixá-las *adormecidas*. A ação de Deus se traduzirá, pois, umas vezes por essa *embriaguez* em que se elevam acima de si mesmas, e outras por esse *sono*... Como o corpo, embora purificado pela penitência, é ainda muito pesado para a alma, ao ser esta atraída por Deus vem a ficar aquele muitas vezes não já como adormecido, mas como *morto*, com as extremidades frias e uma insensibilidade comprovada com as mais dolorosas experiências. Isso provém da intensa aplicação da alma; não podendo o corpo a seguir, fica quase sem ação nem sentimento, como se não estivesse animado. Ao cabo de uma hora ou menos, quando isso cessa, têm essas almas que arrastar seu corpo de uma maneira muito dolorosa, até que pouco a pouco se restabelecem as relações normais e se recobra o calor natural; daí que este estado se chame êxtase – alienação –, sair de si mesmos... Reconhece-se pela imobilidade e insensibilidade, ou seja, pelo abandono da ação da alma sobre o corpo. No *rapto*, o atrativo da celestial beleza arrebata a alma de um modo que, mais que à *morte*, assemelha-se ao que haveremos de sentir no *céu* quando aos próprios corpos redunde a felicidade da alma. Nesse estado, os traços da fisionomia costumam adquirir uma beleza particular, à diferença do êxtase, em que o corpo parece ficar abandonado como um vestido inútil".

"*Extasis* importat simpliciter excessum a seipso, secundum quem sc. aliquis extra suam ordinationem ponitur. Sed *raptus* supra hoc addit violentiam quandam" (Santo Tomás, 2-2, q. 175, a. 2.

988 Sobre a bilocacão cf. Ribet, *Mystique div.* 2, p. 202; Séraphin, *Principes de Théol. myst.*; Meric, *Revue du Monde invis.* n. 6, 15 de nov. de 1898; Santo Agostinho, *De Civitate Dei* I. 18, c. 23.

se não tocassem o chão; e até sentem debaixo dos pés como uma força que as está levantando e que as obriga a se fazer violência para ficar onde estão. – Ao começar esse rapto costumam sentir um grande pavor e terror de ver que as levam sem saber para onde. Mas logo se tranqüilizam, ao descobrir um mundo de maravilhas e desfrutar de Deus como nunca[989]. – No rapto e no vôo também podem se perder os sentidos como no êxtase; mas muitas vezes fica o corpo na mesma postura e a fisionomia muito animada e até radiante de luz e beleza sobrenatural; e com não pouca freqüência deixa de tocar e se apoiar no chão, ou se eleva pelos ares, como atraído por um ímã sagrado[990]. [991]

---

989 No *vôo do espírito*, diz Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 5), "se sente um movimento tão acelerado, que parece que o espírito é arrebatado com uma velocidade que dá um grande temor, especialmente nos princípios; que por isso..., é preciso ânimo grande para quem Deus há de fazer essas mercês, e ainda fé, confiança e resignação grande para que Nosso Senhor faça com a alma o que quiser. Pensais que é pouca turbação estar uma pessoa muito em sentido e se ver arrebatar a alma, sem saber aonde vai, ou quem a leva e como? Que ao princípio deste momentâneo movimento não há tanta certeza de que é de Deus. Pois há algum remédio para poder resistir? De nenhuma maneira; antes é pior... Parece que quer Deus dar a entender a alma que, já que tantas vezes com grandes verdades se pôs em suas mãos..., já não tem parte em si..., e já tomada por si, não faz mais que uma palha quando é levantada pelo âmbar..., que vê o mais acertado fazer da necessidade virtude... Tenho para mim que se aqueles que andam muito perdidos pelo mundo, sua Majestade se revelasse a eles, como faz a essas almas, que embora não fosse por amor, por medo não ousariam Lhe ofender... Esse apressurado arrebatar ao espírito é de tal maneira, que verdadeiramente parece que sai do corpo... Parece-lhe que toda junta esteve em outra região muito diferente desta que vivemos, aonde lhe é mostrada outra luz... Num instante lhe são ensinadas tantas coisas juntas, que ainda que trabalhasse por muitos anos para ordená-las com sua imaginação e pensamento, não poderia unir as mil partes. Isso não é visão intelectual, mas imaginária, que se vê com os olhos da alma muito melhor que aqui vemos com os olhos do corpo... Se vê alguns santos, conhece-os como se tivesse tratado muito com eles... E quando volta a se sentir em si tem tão grandes ganhos, e tendo por tão pouco todas as coisas da terra, em comparação com as que viu, que lhe parecem lixo; e daqui em diante vive nela com grande pena, não vê coisa das que lhe costumavam parecer bem, e não lhe faz dar-se nada dela. Parece que quis o Senhor mostrar algo da terra para onde há de ir".

990 Cf. *Vida* da Venerável Madre Maria de Agreda, § 9; Görres, *Myst. div.* l. 4, c. 6-8.

991 Cf. Santa Ângela de Foligno, *Visiones e instrucciones* c. 56; Santa Catarina de Gênova, *Diál*, 2, 1; 3, 8; Beato Suso, *Unión del alma* c. 3.

É desse modo que a alma vai se purificando, ao mesmo tempo que se iluminando, à medida que se une com Deus e progride na união. Assim vai sentindo cada vez melhor os divinos *toques* que a vivificam e nela imprimem o místico *selo*, as ardentes ânsias em que se vê inflamada ao receber as flechas do amor divino, os ardentes *ímpetos* que com elas são provocados, e as dulcíssimas e penetrantes *feridas de amor* que nela produzem, até deixá-la toda convertida numa amorosa *chaga*, em que está sua plena salvação e vida[992].

Esses delicadíssimos, puríssimos, deleitosos e inefáveis *toques* do Amado sentem-se primeiro nas potências e logo na própria substância da alma; e acabam de purificá-la da escória terrena, inflamando-a de tal modo no amor divino e embriagando-a em tais delícias, que não cabe em si nem pode se conter[993]; e, à semelhança do ferro posto na forja, lançará deslumbrantes

992 A Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (*Carta* de 9 outubro de 1872; *Vida* 375-6), viu o Salvador ardendo em vivas chamas e lhe dizendo: *Vem, filha minha, que quero que te consumas comigo e sejas uma coisa em Mim.* "Então, acrescenta ela, senti que este divino fogo me consumia e me unia tão estreitamente ao meu Deus, que o pouco tempo que estive ali já não via a mim mesma, mas somente o meu Deus; e não só não me via, mas que me encontro tão completamente *perdida toda em Deus*, e como *transformada* n'Ele, que posso dizer com toda a verdade que não sei se vivo; creio que estou *morta*, pois *não vivo mais que em Deus*... Que afetos de amor tão vêementes produz isso tudo na minha alma! Parece que toda sou amor. Mas sofro muito por não poder amar tanto como deseja minha alma... Sempre me parece que amo pouco, ou nada, pelas ânsias tão grandes que sinto... Deus sabe recrear a alma, e ao mesmo tempo deixar o corpo capaz de atuar em tudo o que tem de obrigação...".
Veja-se também: Santa Catarina de Gênova, *Diál.* 3, 2; Santa Ângela de Foligno, *Visiones* c. 57; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 1ª p., c. 29.

993 "Andando-se assim essa alma abrasando-se em si mesma, acrescenta Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 11), acontece muitas vezes por um pensamento muito leve..., vir de outra parte um golpe, ou como uma flecha de fogo..., que não poderia proceder do natural... Mas agudamente fere e não é aonde se sentem aqui as penas, ao meu perecer, mas no mais fundo e íntimo da alma, aonde esse raio, que rapidamente passa, tudo que acha dessa terra de nosso natural, deixa feito pó, que pelo tempo que dura é impossível ter memória de coisa de nosso ser, porque num ponto ata as potências de maneira que não ficam com nenhuma liberdade para coisa alguma, senão para aquelas que devem fazer aumentar essa dor... O entendimento está muito vivo para entender a razão porque há de sentir de estar aquela alma ausente de Deus; e ajuda sua Majestade com uma tão viva notícia d'Ele naquele tempo, de maneira que faz crescer a pena em tal grau, que procede em dar grandes gritos quem a tem: com ser pessoa sofrida e acostumada a grandes dores, não pode fazer então mais; porque esse

faíscas desse fogo celestial[994]. Cada *toque* do Amado vai nela imprimindo mais vivamente o *Selo* de seu amoroso Espírito, reveste-a de sua fortaleza e a inflama em novas ânsias[995], deixando-a com uma fome e sede de amor, que sempre aumentam e nunca podem ser saciadas senão com a plena e estável união em que se transforme totalmente n'Ele[996]. E conforme a

---

sentimento não é no corpo, como foi dito, mas no interior da alma... Sente uma solidão estranha, porque nenhuma criatura de toda a terra lhe faz companhia, nem creio que lhe fazem as do céu, senão Aquele que ama" (cf. *Vida* c. 29).

"Como sua Majestade, observa São João da Cruz (*Noche* l. 2, c. 23), mora substancialmente na alma, onde nem anjo nem demônio pode chegar a entender o que se passa..., essas secretas comunicações, porque feitas pelo Senhor por Si mesmo, são totalmente divinas e soberanas, e como uns *toques substanciais* de divina união entre a alma e Deus... Esses são os que ela lhe entrou pedindo no Cântico dos Cânticos (1, 1), dizendo: *Osculetur me osculo oris sui*. Que por ser coisa que tão junto passa com Deus, onde a alma com tantas ânsias deseja chegar, estima e deseja um toque dessa Divindade mais que todas as demais mercês que Deus lhe faz".

994 Cf. São Basílio, *De Spiritu Sancto* 9.

995 "Pone me ut signaculum super cor tuum, signaculum super brachium tuum; quia fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus aemulatio: lampades eius, lampades ignis atque flammarum" (Cant 8, 6).

996 "Quando a alma sentiu o *contato* divino, dizia Ruysbroeck (*Ornato de las bodas* l. 2, c. 55), nasce nela uma *fome* contínua que com nada se sacia. Tal é o amor ávido e ansioso, a aspiração do espírito criado para o Bem incriado. Deus convida a alma e lhe excita um desejo veemente de desfrutar d'Ele; e ela O quer alcançar. Daí essa avidez, essa fome, essa necessidade de O obter que nunca podem ficar satisfeitas... Deus oferece à alma pratos requintados que só são conhecidos por quem tem experiência... Mas a fome vai sempre aumentando, apesar das inconcebíveis delícias que o contato divino faz experimentar... Ainda que Deus concedesse todos os dons dos santos, se não se desse a Si mesmo, nunca nos fartaria. Essa fome e sede, é o próprio contato divino que as produz, excita e exaspera; e quanto mais intenso é o contato, tanto mais terrível é a fome. Tal é a vida do amor, quando se eleva a esse grau perfeito que ultrapassa a razão e a inteligência. A razão não pode acalmar essa febre, como tampouco pode produzi-la; pois esse amor tem sua origem naquele do próprio Deus".

"Quando uma alma volta à pureza e candor de sua primeira criação, adverte Santa Catarina de Gênova (*Purgatorio* c. 3), se desperta nela em seguida o instinto que a leva a Deus como ao seu termo beatífico; e crescendo a cada instante, age nela com *ímpeto* assombroso; e o fogo da caridade que a abrasa lhe imprime tão irresistível tendência para o fim último, que ela olha como um suplício intolerável o sentir em si um obstáculo que a detenha em seu *vôo* para Deus; e quanto mais luz recebe, mais extremado é seu tormento".

E Deus, acrescenta (c. 9 e 10), "a ele corresponde lançando *uns raios de amor* que a *abrasam*, e atraindo-a a Si com uma força capaz de aniquilá-la, ao ser imortal. A alma com isso fica tão *transformada*

vai tocando com maior violência, nela produz os irresistíveis ímpetos e as inexplicáveis *feridas* desse amor que mata e vivifica[997]. Essas provêm, pois, de um toque divino tão agudo e penetrante, que a alma fica como transpassada com uma flecha amorosa que a fere com imenso prazer; e assim não pode nem quer ser curada senão por aquele mesmo que tão docemente a feriu[998]. E renovando-se essas feridas com novos toques e novas flechas de amor cada vez mais inflamadas, fica por fim toda feita uma *chaga amorosa*, que a deixa totalmente sã, totalmente pura e divina, sem mistura terrena[999]. "Porque acrescentando-lhe chaga à chaga, diz Scaramelli[1000], o Espírito Santo vai despojando-a pouco a pouco de seu ser terreno e revestindo-a do divino. Por isso quando a tiver convertido toda numa chaga de amor então

---

em Deus, que se vê feita uma só coisa com Ele. E esse Deus de amor continua sempre atraindo-a e abrasando-a, sem deixá-la um só momento até que a veja de volta à pureza em que a criou". "Então a alma entra num estado de pureza tão absoluta, que, não tendo já de que se purificar, fica toda em Deus, sem ter, por assim dizer, nenhum ser que lhe seja próprio, mas só o de Deus... Quando Deus, de grau em grau, por fim eleva até Si a alma purificada, ela permanece já impassível, porque nela já não fica nada que possa consumir o fogo; e supondo que nesse estado de perfeita pureza fosse retida no purgatório, este, longe de ser para ela penoso, seria mais bem um fogo de divino amor, e, como a vida eterna, sem sombra de sofrimento".

997 Veja-se: Santo Agostinho, *Meditaciones* c. 37, n. 12-13.

998 "Quão verdadeiramente aceitou Nosso Senhor a entrega total de meus votos! – exclamava a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos (junho de 1903). Sou feliz assim, aniquilada dentro de Deus, e não sentindo a vida mais que para sofrer; mas isso tão íntima e vivamente como não tinha provado até agora. Só aquele que faz as feridas sabe até que ponto as aprofunda; e essas não têm outra cura mais que a posse *completa* de Deus".

999 "Ó regalada chaga! – exclama São João da Cruz (*Llama* canc. 2, v. 2) – Essa chaga, Aquele mesmo que a faz, a cura, e a fazendo, a restitui..., e cada vez que põe (este divino cativeiro), a faz maior. Que a cura do amor é chagar e ferir sobre o chagado e o ferido, tanto até que a alma venha a se tornar toda uma chaga de amor. E dessa maneira, já feita toda uma chaga de amor, está toda sã, transformada em amor... Porque, neste caso, aquele que está mais chagado é mais são; e aquele que está todo chagado está todo são... E não porque esteja essa alma já toda chagada e toda sã, deixa o cautério de fazer seu ofício, que é ferir de amor. Mas então já é regalar a chaga sã... Ó, ditosa chaga, feita por quem não sabe senão curar!... quanto mais altamente regalada, tanto mais no centro íntimo da alma toca o cautério de amor, abrasando tudo o que se pode abrasar, para regalar tudo o que se pode regalar. Esse cautério e essa chaga são, ao meu ver, o mais alto grau que nesse estado pode haver... Porque esse é de toque da Divindade na alma".

1000 *Tr.* 3, n. 259.

é quando a deixa totalmente sã. Depois volta a chagá-la de novo; mas não já para curá-la, mas para favorecê-la, recriá-la e sublimá-la; e isso é talvez o mais alto grau a que chega uma alma unida em perpétua amizade ao Verbo divino"[1001].

Essas *chagas* da alma se traduzem às vezes no próprio corpo: a alma configurada com Jesus pode oferecer visivelmente os sangrentos e gloriosos sinais de sua Paixão dolorosa[1002]. "O exterior, observa o Pe. Weiss[1003], é a expressão do interior. Aquele que interiormente se acha na realidade crucificado com Jesus Cristo, por que não há de mostrar também exteriormente os estigmas do Salvador (Gal 2, 19; 6, 17)? Para quem compreende o que

---

1001 Santa Gertrudes (*Revel.* l. 5, c. 29) viu uma vez o Salvador com uma flecha de ouro, e que lhe dizia: "Quero transpassar-te o coração de um lado a outro, de tal modo que não possa se curar a chaga". E ela notou que essa flecha de amor divino lhe produzia três tipos de feridas. A primeira faz como enfermar e languidescer de maneira que todos os prazeres sensíveis resultem insípidos, e não haja na terra coisa que possa consolar. A segundo produz como um acesso de febre violenta, que faz desejar com ardor o remédio do mal: uma alma nesse estado deseja com indizíveis ânsias se unir com Deus, sabendo que só na sua posse encontrará a saúde. "Enfim, a terceira ferida produz uns afetos tão extraordinários, que só se pode dizer que é como se separasse a alma do corpo, para a fazer saborear desde esta vida uns gozos tão grandes, que a deixam totalmente embriagada".

"Que doce é esta amorosa flecha, diz São Francisco de Sales (*Amor de Dios* l. 7, c. 10), que ferindo-nos com esta chaga incurável do amor divino, nos deixa para sempre enfermos com um abatimento de coração tão opressivo, que pára enfim na morte!"

Veja-se também. São João da Cruz, *Llama* canc. 2, v. 3-4; Santa Teresa, *Vida* c. 29.

1002 Quanto ao número das pessoas que receberam esse favor singular da impressão das chagas, o Dr. Imbert, que fez sobre essa matéria profundos estudos (*La Stigmatization et l'extase divine* [1894] 2 t.), enumera até 321 casos autênticos; e crê que ainda se poderão encontrar mais registrando melhor as bibliotecas. – Conhecemos, com feito, uns quantos mais, e alguns poucos atuais. – Desses 321 estigmatizados que ele conhece, 109 são dominicanos, 102 franciscanos, 14 carmelitas, 14 ursulinas, 12 visitandinas, 8 agostinianos, 5 cistercienses, 4 beneditinos, 3 jesuítas, 3 teatinos, 2 trinitários, 2 jerônimos, 2 concepcionistas e 13 de outras diversas congregações, um de cada uma. Não se conhece nenhum anterior ao século XIII, em que recebeu esse favor São Francisco. Desde então vêm em aumento; no próprio século XIX, apesar da indiferença religiosa, houve 29 estigmatizados. O que prova, em certo modo, o progresso na santificação. Embora a maioria das pessoas assim favorecidas fossem mulheres, o autor encontra até 41 homens. Os estigmatizados de ambos os sexos que figuram já nos altares são 62. (Imbert, ibid., préf., p. XII-XXI).

1003 *Apol.* 10, conf. 21.

são os Santos, isto é, imitadores fiéis da vida, sofrimentos e santidade de Jesus Cristo, nada tem de assombrosa a *impressão de suas chagas*"[1004]. [1005]

Se durante os êxtases é quando mais plenamente se realiza a união de todas as atividades da alma com Deus, nos *raptos* e *vôos* é onde ela melhor se dispõe para o místico *desposório* e mesmo para o *matrimônio*; que sempre costumam ser celebrados durante um desses grandes arroubamentos, para que assim possa a própria alma suportar melhor o excesso de luz e graças que então recebe[1006]. O desposório vai sempre acompanhado de alguma *visão*, pelo menos *imaginária*, da sagrada Humanidade de Nosso Salvador; e o matrimônio, de outra *visão intelectualíssima* do próprio Verbo divino, e

---

1004 "O mesmo pode se dizer, acrescenta, de outros incidentes de sua vida. Santa Catarina de Sena mostrou ao cético Beato Raimundo (*Vida* 1, 5, 90) sua face totalmente semelhante à de Jesus Cristo. Uma religiosa incrédula comprovou o mesmo fenômeno em Santa Catarina de Ricci (Bayonne, 1, 161). À força de meditar os sofrimentos do Salvador, Santa Coleta ficou totalmente irreconhecível; pois sua face se assemelhava a d'Ele em sua Paixão (*Vida*, por St. Julián, 11, 96). Queira Deus conceder ao mundo a graça de encontrar freqüentemente verdadeiros santos!". Quem tem a dita de vê-los e conhecê-los de perto não poderá menos que sentir a sublime e inefável, mas indelével emoção que eu mesmo pude experimentar quando a serva de Deus Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, totalmente já transfigurada, oitos meses antes de morrer, a mim dizia: "Apesar de minhas resistências, Nosso Senhor triunfou por completo em mim; agora já *em mim faz o seu gosto*, age em mim como quer, pois já nem resistir-Lhe sei. – O que sei é que Ele se compraz no meu nada". – E isso dizia com um candor e uma expressão de humildade que levava o selo da divina evidência.

Da V. Irmã Martina dos Anjos – que floresceu no século XVII no convento das Dominicanas de Santa Fé, de Saragoça, e depois no de Benabarre – refere sua própria superiora (cf. *Vida*, pelo Pe. Maya c. 8, n. 5), que "algumas vezes a via tão resplandecente, que parecia um cristal puríssimo, e que pelo transparente de seu corpo se podiam contar todos os seus ossos". Essa serva de Deus viveu com o coração fisicamente transpassado com os dardos do amor divino. E assim foi encontrado depois de morta, e se conservou nele uma grande chaga.

1005 Cf. Biografia do Beato Bernardo de Hoyos, *Vida* p. 125-129; Santa Catarina de Sena, *Ep.* 123; Santa Catarina de Gênova, *Diál.* 3, 13; Pe. Gracián, *Itin.* c. 11, § 3.

1006 Para celebrar o desposório, adverte Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 4), envia Deus à alma um arroubamento "que a tira de seus sentidos; porque se estando neles se visse tão perto dessa grande Majestade, não seria possível porventura ficar com vida". – É de notar que os excessos de luz ferem mais vivamente, são mais dolorosos e deixam o corpo mais abatido que os transportes de caridade e violências de amor.

mesmo de toda a augusta Trindade, em cuja presença há de se celebrar esse irrevogável pacto[1007].

Na oração de *recolhimento* a alma já é iluminada acerca de alguns atributos divinos ou dos mistérios de nossa redenção: nota ela que Deus está presente, mas ainda não O vê dentro de si mesma, mas como ao seu lado, ou buscando-a com sua imensidade ou grandeza; e quase sempre se mostra a ela sob os véus da Humanidade de Nosso Senhor. Na oração de *quietude* pode já em certas ocasiões ir vendo como, uma vez que cativou sua vontade, começa o próprio Deus a apoderar-se de todas as suas demais potências, e lhes comunica uma energia e suavidade verdadeiramente divinas. *Sente-O* como muito *próximo*, e se estremece diante de tal majestade e glória, ao mesmo tempo que se desfaz admirando-O e amando-O. Mas algumas vezes pode já ver o Salvador como descansando em seu próprio coração ou a si mesma no d'Ele, enquanto lhe parece ficar como abrasada em seu amor e embriagada de suas doçuras[1008]. Na verdadeira *união*, vê já de certo modo a Deus *dentro de si mesma*, cativando-a

---

1007 Santa Matilde (*Lib. spec. gratiae*, 1, 1) refere deste modo como recebeu a impressão do Selo divino: O Salvador a chamou a Si, e pôs suas divinas mãos nas dela, e lhe deu todas as obras que tinha realizado em sua Santa Humanidade. Fixou seus olhos nos dela, de tal modo, que ela poderia ver pelos próprios olhos divinos. Imprimiu sua boca na sua, e lhe deu, em compensação de suas negligências, todos os louvores, ações de graças, orações e exortações que tinham brotado de seus santíssimos lábios. Finalmente, uniu seu Coração ao dela, e lhe comunicou sua devoção e amor e a plenitude de suas graças. Ao contato do fogo do seu amor fundia-se sua alma toda como a cera posta ao fogo. Assim pôde Ele imprimir-se nela totalmente, de modo que ela ficou já convertida em fiel imagem de sua perfeição divina e feita uma mesma coisa com Ele.
O Espírito Santo, diz por sua vez Santa Gertrudes (*Leg. div. piet.* 2, 7) com o fogo de seu amor abrasa os corações e os deixa moles como a cera, e então o Salvador estampa neles sua imagem, como um *selo divino*. Esse favor – que recebeu no dia da Purificação – lhe parecia o maior de todos.
Veja-se também: Santa Teresa, *Mor.* 5, c. 2; Beato Bernardo de Hoyos, *Vida* p. 79.

1008 "Esta *quietude*, diz a mesma Santa (*Vida* c. 15), a quem tem experiência é impossível não entender logo que não é coisa que possa se adquirir, mas esse natural nosso é tão faminto de coisas saborosas, que tudo prova; mas fica muito frio bem logo, porque por muito que queira começar a arder o fogo, para alcançar esse gosto, não parece senão que joga água para o matar. Pois essa faísca posta por Deus, porque pequenina que seja, faz muito ruído; e se não a matam por sua culpa, é ela que começa a acender o grande fogo que de si lança chamas do grandíssimo amor de Deus, que faz sua Majestade que tenham as almas perfeitas".

completamente, saciando suas ânsias e ungindo todas as suas faculdades com inefáveis delícias[1009]. Mas embora O reconheça no íntimo de seu próprio ser, e não possa duvidar que seja Ele, ainda não O vê, até certo ponto, mais que como Pai e Esposo, como soberano Autor da ordem natural, que está ali, e em todas as partes, por *potência*, por *presença* e por *essência*[1010]. *In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus* (At 17, 28)[1011].

Assim nos maiores raptos que durante a união padece, pode chegar a ver em certo modo sua inefável *imensidade* e sua *unidade* absoluta; e no resplendor desta glória, já vê a si mesma como *divinizada* e sem macha; coisa que a enche de confusão, recordando-se de sua antiga vileza, misérias e malícia. – Mas embora lhe pareça impossível que caiba maior glória que essa, ainda não lhe é dado contemplar a Deus senão como que *de costas...*; ainda não distingue nem pode ver sua *Face*, que é o Verbo de sua virtude e sabedoria, nem o Espírito de amor que exala sua *boca*; vê tão somente a *unidade de natureza*, mas ainda não pode ver a distinção de *Pessoas* divinas, em que estão os principais encantos da glória do Pai. Ele O vê, enfim, como *criatura e serva*, mais que como *filha e esposa* que conhece os íntimos segredos de família e sabe o que há na *casa de Deus*[1012].

1009 Enquanto que na oração de *quietude*, observa o Pe. Vallgornera, a alma sente e saboreia a Deus presente *junto* a ela, na de *união* O sente e O saboreia *dentro* de si mesma. Na oração de união todas as potências da alma ficam na maioria das vezes suspensas em suas operações naturais; na de quietude a suspensão ordinariamente só alcança a vontade. Nessa oração, a alma conserva algumas dúvidas acerca da verdade do que experimenta; teme as ilusões da imaginação e os ardis do demônio, que às vezes se transforma em anjo de luz; na de união, nem a imaginação, nem a memória, nem a inteligência podem servir de obstáculo, e o demônio tampouco pode contradizê-la.

1010 "Sou mais íntimo da tua alma, dizia Nosso Senhor à Santa Ângela de Foligno, que ela mesma". Mas ela acrescenta: "Quanto mais íntimo de mim via a Deus, tanto mais afastada d'Ele me sentia". – Depois da alma ver Deus dentro de si mesma, começa a se ver como dentro d'Ele e perdida em sua divina imensidade; o que é muito mais elevado e regalado, e pelo mesmo motivo costuma causar mais viva pena sua cessação.

1011 Cf. Santa Teresa, *Morada* 5, c. 1.

1012 Muito conforme a isso, manifestou Nosso Senhor à Santa Margarida Maria (*Autobiogr.* 3), que devia estar diante d'Ele como uma tela diante do pintor, para traçar em sua alma todos os traços de sua vida dolorosa; e que os iria traçando todos, depois de purificá-la de todas as manchas, do amor-próprio e de toda afeição às criaturas. "Me despojou – acrescenta ela – num momento de tudo;

Para desfrutar desses privilégios lhe será preciso passar pela grande *treva* onde mora o *Deus escondido*, e receber ali outras invasões de luz divina, tão superiores, tão sobrenaturais e tão puras, que diante delas apareça ainda totalmente manchado o que com outra luz inferior já parecia transparente e sem macha... E sob a ação dessa luz do Verbo – que é a luz verdadeira que ilumina todas as nossas trevas – e do fogo abrasador de seu Espírito, que destrói todas as impurezas da criatura, acabará por se purificar e se transformar de modo que possa penetrar no santuário dos íntimos segredos divinos e gozar do trato familiar com as divinas Pessoas.

Na *união já transformativa do desposório* – e mesmo nas visitas ou entrevistas que o preparam, mostrando a alma o grande Bem que se oferece a ela para que melhor O deseje e se disponha a merecê-Lo – se apresenta a ela já propriamente como Autor da ordem sobrenatural; e, se não se mostra a ela a adorável Trindade, pelo menos lhe aparece cheia de amabilidade e beleza a sacratíssima pessoa do Verbo Encarnado, que é a que diretamente se desposa

---

e depois de ter deixado meu coração vazio e desnuda por completo minha alma, inflamou nela um desejo tão ardente de amar e sofrer, que não me deixava um ponto de repouso...". Mas, no meio de tantos padecimentos, multiplicaram-se de tal modo os favores, consolos e graças que, inundada de delícias, via-se forçada muitas vezes a dizer: "Suspendei, meu Deus, esta torrente que me submerge ou dilatai meu coração para recebê-la".

"Estando contemplando meu Deus, refere a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (6 de outubro de 1872; *Vida* p. 370), me disse este divino Senhor: *Filha minha, dai-me teu coração. Quero gravar nele minha imagem.* – Então vi com grande consolo de minha alma que se ia esculpindo em meu coração a imagem de meu Deus... Enquanto me concedia tão singular favor, estava como comprazendo-se no que fazia, e seu divino Coração cheio de amor e gozo, comunicando à minha alma tão singulares graças, que não as sei comparar mais que com aquelas que este Senhor comunica no céu".

"Nosso Senhor se compraz, dizia a Fundadora da Sociedade de Maria Reparadora, a Bem-aventurada Maria de Jesus (*Vida*, pelo Pe. Suau, p. 408), em se apoderar de mim e se imprimir em todo meu ser; faz que todo ele vá ficando não somente *marcado* como coisa sua, mas também *transformado* n'Ele. Com isso parece *se extinguir minha própria vida*, para que nada haja em mim que possa se opor à sua ação... Quanto mais se apodera de mim essa vida de Deus, mais me atrai; quanto mais a amo, mais fome e sede dela tenho... O que posso dizer é que Ele me possui e eu o possuo; essa mútua posse faz que Ele me busque, porque se encontra em mim, e eu o busque, porque se manifesta".

Veja-se também: Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 1ª p., c. 3-4; São Boaventura, *Vita S. Francisci* c. 13.

– ou costuma se desposar em primeiro lugar – com as almas santas, como em sua admirável encarnação se desposou com a natureza humana e logo com a Igreja. E através da Humanidade vê já intelectualmente a Divindade do Verbo, segundo vai morrendo a si mesma e transformando-se n'Ele por amor[1013].

1013 A Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (4 de dezembro de 1871; *Vida* p. 271) ouvindo a Santa Missa, viu o Senhor que lhe dizia: "*Filha, quero formar em ti um coração digno de Mim; e isso há de ser por meio de sacrifícios*". – Dito isso, parecia que tomava meu Deus meu coração com suas santas mãos, e unindo-o com o seu muito estreitamente, fazia dos dois um, dando-me a entender com isso a união tão íntima que quer que tenha com sua divina Majestade em tudo... Outro dia, derramando os afetos de meu coração com meu Deus, vi que se aproximava de mim, e começou a arrancar todas as ervas daninhas de meu coração, deixando-o sumamente limpo. O que eu senti de dor e de amor, não posso explicar como queria; é uma dor cheia de um gozo do céu; não é como as que se experimentam com os padecimentos naturais. Dói o corpo, e enquanto isso está a alma numa dilatação, num gozo, numa doçura...". "Meu Deus se manifestou a mim, acrescenta ela (4 de setembro de 1872; *Vida* p. 351), enchendo minha alma de seu amor, de uma paz muito profunda e de grande humildade. Não posso explicar quais são os afetos de meu coração nestas ocasiões: basta dizer que me encontro toda cheia de Deus, e tão intimamente unida com Ele, que já *em nada sou eu*, estou como *toda perdida em Deus*. A cada dia aumenta essa divina união: *estou morta para tudo*. – Depois disso aumentam a desolação e angústias de meu espírito". Veja-se também: Beato Bernardo de Hoyos, *Vida* p. 189; Santa Catarina de Gênova, *Diálogos* 3, 10; Beato Henrique de Suso, *Et. Sab.* 21 e *Unión* c. 6; Madre Maria de Agreda, *Vida*, por Samaniego, § 33, e em sua *Mística Ciudad de Dios*, introd. à 3ª p.

São João da Cruz (*Llama de amor viva* canc. 2) resume toda essa maravilhosa série de operações divinas nesta magnifica estrofe:

Ó, *cautério* suave
Ó, regalada *chaga*!
Ó, branda mão! Ó, *toque* delicado
que a vida eterna sabe
e toda a dívida paga!
Matando, *morte em vida* trocastes.

E a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, pouco antes de morrer, reuniu-as nesta outra:

Morte e Vida ao mesmo tempo
deram-me, para dita minha:
Nada e Tudo! Que contraste!
Explicá-lo não saberia.

Aqui está, com efeito, o *inefável* da vida espiritual.

Mas essa união contraída no *desposório*, ao ser tão íntima e se realizar no próprio fundo da alma, é ainda transitória; para se fazer permanente com o *matrimônio espiritual*, é preciso que a própria alma acabe de receber, na *contemplação caliginosa*, as últimas purificações da *noite do espírito*. Celebrado já o matrimônio, com a renovação e transformação que implica essa união estável, fica a alma confortada e com todo o vigor necessário para receber impunemente e sem nenhuma mudança exterior os excessos de luz divina. Já mal padece êxtases, ou raptos, ao desfrutar quase habitualmente de uma presença mais ou menos clara da Beatíssima Trindade e ver nela com freqüência os mais adoráveis mistérios e mais recônditos segredos[1014]. Assim é como pode falar e fala deles, não como coisa ouvida, mas como de um *fato*, de uma *realidade vista e sentida*, que, por misteriosa ou incompreensível que pareça, é assim, porque assim deve ser necessariamente[1015].

1014 "Duas coisas somente, diz Scaramelli (trat. 3, c. 24), parecem essenciais a essa união perfeita: a primeira é a manifestação intelectual da Santíssima Trindade, e a *consciência* de sua habitação no centro da alma; a segunda, a revelação do Verbo, também por visão intelectual, com palavras e testemunhos que declaram à alma que é elevada à dignidade de esposa. Importa pouco que essas duas aparições sejam simultâneas ou sucessivas, contanto que essa aliança da alma com o Verbo se contraia em presença da augusta Trindade. Ao menos na ordem lógica, a Trindade é quem primeiro aparece para preparar essa santa união e ser testemunha dela". – A presença habitual de toda a Santíssima Trindade na alma é o que melhor pode distinguir o estado de matrimônio espiritual do simples desposório, sobretudo quando se reiteram algumas vezes as cerimônias simbólicas dessas duas uniões. E embora ambas costumem se contrair diretamente com o Verbo, segundo algum de seus atributos, certas almas contraem outro tipo de matrimônio com o divino Consolador. O Pe. Tanner, no *Prefácio* das *Obras* da V. Marina de Escobar, diz que "quando Deus quer se desposar com um homem, toma o atributo feminino da Misericórdia ou da Sabedoria, como aconteceu com São João Esmoler, São Lourenço Justiniano, o Beato Henrique de Suso e outros". E essa mesma Venerável foi várias vezes favorecida com a celebração de seu desposório ou matrimônio espiritual (que não é fácil distinguir o que era), primeiro com o Verbo (t. 1, l. 1, c. 1, § 1), em 1598, com a idade de quarenta e quatro anos: (§ 2) em 1611, aos cinqüenta e sete (l. 2, c. 22, § 4, em 1617); e depois (em 1622, t. 1, l. 2, c. 23), com o Espírito Santo. Numa dessas revelações foi lhe dado a entender que esse último matrimônio era o principal (cf. Poulain, p. 276). – Santa Ângela de Foligno foi também desposada com o Espírito Santo.

1015 Cf. Santa Teresa, *Morada* 7, c. 1; Blósio, *Inst.* c. 12, § 2-4.

Aqui cessam todas as "antinomias" da cega razão, como cessam aquelas de nossas sensações quando alcançam funcionar normalmente todos os sentidos. Por isso, para as almas cheias do Espírito Santo, os dogmas, mais que verdades abstratas, são surpreendentes *realidades vividas e sentidas*. Daí que, como diz Blondel, a santa Igreja, que tanta experiência tem deles, não teme nem pode temer incorrer jamais em contradição, nem cair em erro, apesar de toda a astúcia de seus inimigos e das terríveis objeções que continuamente lhe suscitam; porque ela tem plena consciência da verdade de que vive e de que não ensina senão a pura *verdade vital*, bem *sentida e experimentada*[1016]: "Quod audivimus, quod vidimus oculis nostris, quod perspeximus, et manus nostrae contrectaverunt de *Verbo vitae*: et vita *manifestata* est, et *vidimus*, et *testamur* et *annuntiamus*..., *vitam aeternam*" (I Jo 1, 1-2).

§ III. – DIFERENÇA ENTRE OS REFERIDOS FENÔMENOS E OS NATURAIS. – OS ÊXTASES DIVINOS, A ESTIGMATIZAÇÃO E A BILOCAÇÃO. – NEGAÇÕES, DESDÉNS E CONFUSÕES DOS RACIONALISTAS E CETICISMO DOS MUNDANOS E CONTAGIADOS. – POR QUE SÃO MAIS FAVORECIDAS POR DEUS AS MULHERES? – A CIÊNCIA DOS SANTOS E A PUREZA DE CORAÇÃO. – O JULGAR DOS ESPIRITUAIS E O SENTIDO CRÍTICO DOS "INSENSATOS".

Antes de passar adiante, convém desfazer aqui algumas confusões com que o funesto *naturalismo*, que por todas as partes se respira, está infectando o ânimo de muitos fiéis, até o ponto de enfraquecer neles o conceito do sobrenatural e fazê-los descer às vezes do sublime ideal dos cristãos, ao rasteiro proceder dos simples *deístas*. – Como esses maravilhosos fenômenos da vida sobrenatural são um reflexo da luz com que Jesus Cristo nos ilumina, e fazem que os homens de boa vontade recebam a paz do céu e glorifiquem o Pai das luzes, não podendo os racionalistas suportar esses resplendores divinos,

1016 Com razão diz Joly (*Psychol. des Saints* c. 1) que o ensinado por Bento XIV acerca da beatificação e canonização dos santos não são regras exteriores, impostas autoritariamente à santidade dos fiéis, mas como um resumo experimental de tudo que com a vida secular do cristianismo e espontâneo desenvolvimento da santidade foi se revelando progressivamente aos doutores e pastores da Igreja".

buscam fechar os olhos como com desdém; e quando compreendem que isso não lhes basta, esforçam-se por identificar as maravilhas dos grandes Santos, com as perturbações dos infelizes neuropatas, e sobretudo os êxtases divinos com as alienações, chamados também "êxtases", que naturalmente padecem certas pessoas, e principalmente as histéricas, ao fixar demasiado a atenção em algum objeto; e assim é como os buscam e alcançam tê-los à seu arbítrio muitos fanáticos maometanos.

Mas, embora exteriormente esses fenômenos se pareçam e levem o mesmo nome, no fundo diferem totalmente.

É certo que em ambas as maneiras de "êxtase" o corpo costuma ficar rígido, frio e como morto, e que a sensibilidade e o movimento vão se recobrando por graus até que, restabelecida a circulação regular, aquece-se e se reanima tudo. – Mas diferem: 1°. Em que nos naturais a alma fica como em profunda letargia, sem pensar em nada, ou ao menos sem poder recordar nada, se é que pensou em algo; enquanto que nos divinos está mais cheia de luz que nunca, e ao voltar a si, longe de se esquecer, tudo recorda tão fielmente que jamais poderá apagar da sua memória; e assim é como fica tão absorta e possuída pelas verdade que então lhe foram comunicadas, e com um júbilo tão celestial, que não pode encontrar senão desgosto em todo o terreno[1017]. 2°. Enquanto que nos naturais fica mais abatida e com eles se agravam as enfermidades, nos divinos fica confortada, cheia de saúde e de forças, mesmo quando antes se achava enferma[1018]. – 3°. Os divinos, com as próprias feridas e chagas de amor produzidas, vão deixando-a totalmente

1017 Cf. Santa Teresa, *Morada* 6, c. 4.

1018 "Esta oração – de união extática – diz Santa Teresa (*Vida* c. 18), não faz dano por longa que seja; ao menos a mim nunca me fez, nem me recordo de nenhuma vez que o Senhor tenha me feito esta mercê; por enferma que estivesse, que me sentisse mal, antes ficava com grande melhora. Mas, que mal pode fazer tão grande bem? É coisa tão conhecida das operações exteriores, que não se pode duvidar que houve grande ocasião, pois assim tirou as forças com tanto deleite para deixá-las maiores". "Os mesmos transportes mais ou menos naturais de uma alma inocentemente exaltada com as doçuras espirituais, diz Sauvé (*Etats* p. 82), debilitam se alguém se abandona a eles; ao passo que quando Deus mesmo exalta e arrebata, respeita nossas faculdades e antes as fortalece".

transformada, vivificada, regenerada e... *deificada*; enquanto que os naturais acabam por deixá-la transtornada, degenerada e *idiotizada*.

Esses efeitos, tão radicalmente diversos, bastariam para mostrar que nas respectivas causas existe uma diferença absoluta. Mas há ainda outros muitos contrastes visíveis:

1º. Nos êxtases naturais, os movimentos convulsivos que costumam haver são desordenados ou indecorosos e expõem a grandes riscos; enquanto que nos divinos se guarda uma modéstia e compostura admiráveis, e não há perigo de nenhum dano, embora a pessoa chegasse a cair no fogo. Santa Catarina de Sena foi tirada de entre as brasas sem a menor queimadura e sem que o próprio vestido se manchasse.

2º. Naqueles, a crise segue em tudo seu próprio curso até se resolver espontaneamente, a não ser que seja provocada e dirigida pela hipnose, ao passo que nos divinos, apesar de não funcionarem os sentidos, a alma, sem ouvir nada, volta a si quando é mandada por alguém que tenha sobre ela legítima autoridade espiritual; mas não se falta essa, como acontece quando, sendo delegada, quem a delegou retrate, embora de longe, sua intenção. Às vezes basta a simples ordem *mental*, sem proferi-la verbalmente, para alcançar o mesmo resultado. No entanto, não é prudente repetir sem grande motivo esses mandatos; pela excessiva violência que tem que fazer a alma para voltar de repente a si e poder mover seu corpo, ainda rígido e frio. Daí que com isso sintam depois grande cansaço, dores e até danos à saúde, chegando às vezes a cuspir sangue pela boca com o esforço que fazem[1019]. É de notar também que, até mesmo no *sono espiritual*, acontece voltar espontaneamente a si no momento em que urge qualquer obrigação, embora antes não tivesse pensado nela. Assim há almas que encarregadas de importantes negócios, e sentindo-se totalmente inábeis e esquecidas para desempenhá-los, contudo conseguem recordá-los no momento oportuno, e,

1019 Veja-se: Görres, *Mystique divine* l. 4, c. 2.

então cheias de habilidade e prudência, em breve cumprem seu dever com maravilhoso sucesso[1020].

Outra diferença notável é que os êxtases naturais podem ser procurados e provocados; assim há pessoas que os têm quando querem, enquanto que os divinos se produzem sempre quando menos se pensa, de tal modo que bastaria os desejar para não os ter[1021]. Mas o mais notável é o quão sensatas e

1020 Apesar da rigidez e imobilidade habituais, em alguns *raptos* há quem fale e se mova, transluzindo assim algo da luz que recebem. Santa Catarina de Sena e Santa Maria Madalena de Pazzi falavam durante eles; e assim é que se pôde escrever o relato de suas divinas comunicações. A última, com tal rapidez e volubilidade se expressava, que eram necessários cinco ou seis secretários para escrever tudo o que ela dizia. Costumava também nesse estado andar, e uma vez subiu por uma coluna da igreja sem necessidade de escada; coisa que aconteceu também muitas vezes com a Beata Ana Catarina Emmerich, como foi dito. São José de Cupertino, São Pedro de Alcântara e vários outros santos voavam com veemência até o altar ou às sagradas imagens que os atraiam. São muitas as pessoas que durante esses favores aparecem como transfiguradas, com uma beleza supra-humana, ou resplandecendo com luz celestial. Podem se ver muitos exemplos de tudo isso em Görres (l. c., c. 7-8, 21-22). Santa Catarina de Ricci (cf. Marchesi, c. 5, 15 y 19), não só ficava muitas vezes resplandecente em seus raptos, senão que freqüentemente era por eles surpreendida em qualquer postura, por violenta que fosse. Quando aconteciam nas procissões, em que costumava levar um crucifixo, prosseguia nelas, parando nos locais costumeiros; mas ia como no ar. Às vezes acompanhou nesse estado a certas pessoas que entraram em seu mosteiro. Muitas vezes falava e explicava o que via, ou o dava a entender com seus gestos e movimentos. Por doze anos, dos 19 aos 31 anos de idade (1542-1554), tinha um semanal de 28 horas – da quinta-feira às doze até sexta-feira às quatro da tarde – durante o qual experimentava em si a série dos mistérios da Paixão. Durante as chicotadas, retorcia-se com os duros golpes que misteriosamente sentia; e às vezes o corpo ficava com hematomas (*ib*. c. 17). – Outros santos tiveram também certos êxtases muito prolongados e reiterados: São José de Cupertino os tinha quase continuamente; São Tomás de Vilanova, ao rezar uma vez o ofício da Ascensão, ficou suspenso no ar durante doze horas; Santa Ângela de Foligno os teve de três dias; a Beata Columba de Rieti, de cinco; a V. Marina de Escobar, de seis; Santo Inácio, de oito; Santa Coleta, de quinze; Santa Maria Madalena de Pazzi, de quarenta (cf. Görres, l. c., c. 2-4). À Beata Osana de Mântua se interrompiam às vezes os êxtases ao chegar a hora de comungar, alcançando ela de Deus que para isso lhe permitisse o uso dos sentidos e movimentos (cf. *Vida*, por Bagolini y Ferreti, c. 4, p. 77). "Quamvis Bernardus dicat, *morulam* esse brevem, id – observa de acordo com Dionísio, o Cartuxo, o Pe. Tomás de Jesús (*Contempl. div*. l. 1, c. 6), intelligendum est respective ad imbecillitatem humanae mentis, et ad id quo frecuentius evenire solet, non autem respective ad divinam clementiam, quae aliquando detinet Sanctos in *raptu* longo temporis spatio".

1021 Assim é como algumas almas receberam já desde a infância esses favores, enquanto outras tardaram muito em os receber. – Segundo o Dr. Imbert (*La stigmat*. t. 2, c. 17), "Santa Hildegarda,

equilibradas se mostram essas almas a que Deus assim favorece, e sobretudo a luz, fervor e mudanças benéficas que, em conseqüência desses favores, conservam toda a vida. Assim recebem e ostentam o *selo* do Salvador, que é a luz do mundo[1022], ao passo que as outras levam sempre algum *estigma* de desequilíbrio mental ou degeneração.

Aqueles que visivelmente foram favorecidos com a impressão das *chagas* de Jesus Cristo, em toda sua maneira extraordinária de viver, desconcertam a ciência imparcial. Essas chagas em nada se parecem às que natural ou artificialmente possam ser produzidas: doem incomparavelmente mais; e, no entanto, embora possam causar momentaneamente um grande abatimento, na realidade, confortam e revivificam, sendo fontes de energias supra-humanas[1023]. Não obedecem a nenhum remédio, e por grandes que sejam, podem às vezes aparecer ou desaparecer periodicamente por si mesmas, segundo a série dos mistérios do ano litúrgico[1024]. Sangram em abundância, e apesar de serem profundas e às vezes perpétuas, nunca gangrenam; estão sempre frescas, sem dar sinais de supuração nem menos de putrefação, antes costumam exalam perfumes suavíssimos. Com suma freqüência, sem se traduzir

---

a Beata Catarina de Racognini, Domingas do Paraíso e Santa Catarina de Sena começaram a ter êxtases aos quatro anos; São Pedro de Alcântara, a Beata Osana de Mântua, Santa Ângela [de Mérici] de Bréscia, a Beata Inês de Jesus, aos seis; Blaise de Caltanisetta, aos sete; Cristina de Stommeln, aos onze; Santa Inês de Montepulciano, aos catorze; Maria de Agreda, aos dezoito; Verônica de Binasco, aos quarenta, e Santa Teresa, aos quarenta e três". – A V. Micaela Aguirre começou a tê-los aos cinco anos de idade, em que já foi elevada à certa maneira de desposório.

Mas é preciso advertir que alguns desses êxtases tão prematuros, como verificados em almas não elevadas à mística união, pertenciam em rigor às graças *gratis datas*, e assim eram mais bem *proféticos* que místicos.

1022 A Irmã Mariana de Santo Domingos (cf. *Vida int.* p. 177), favorecida com a dor das *chagas* de Nosso Senhor, vendo uma vez que nela elas já se começavam a formar visivelmente, queixou-se com Ele, rogando-Lhe que lhe deixasse tão somente sentir as dores sem que se manifestasse nada no exterior. – E Ele respondeu: "Minha filha, quero te marcar com minhas armas, para que saibam que és minha esposa, em quem me vejo e tenho meu recreio".

1023 "Minhas chagas, disse Santa Catarina de Sena ao seu confessor (*Vida 2ª* p. 6), não somente não atormentam meu corpo, mas o sustentam e fortalecem. Sinto que aquilo mesmo que antes me abatia, agora me alivia".

1024 Na V. Micaela Aguirre, desapareceram uma vez ao simples mandato de seu Provincial.

no exterior, concentram-se no coração, que é o órgão diretamente ferido com os dardos divinos; por isso tantas almas contemplativas padecem nele dores muito agudas, e compreendem que o têm materialmente *chagado*. E assim se viu naquelas que, como a V. Martina dos Anjos, depois de mortas foram objeto dessa curiosa observação. Encontraram-se ali profundas chagas que, se fossem naturais, mil vezes teriam lhes tirado a vida. E, no entanto, viveram anos e anos com elas, e embora lhes causassem dolorosas crises, dessas mesmas tiraram forças maravilhosas para se ocuparem com mais atividade e zelo em tudo o que era do divino serviço.

Nada diremos de tantas outras maravilhas que se contam nas vidas dos Santos, e que não têm nada com que se comparar. Mas queremos acrescentar ao menos duas palavras sobre o relativo aos *raptos* com *bilocação*, pelo motivo mesmo que a ciência moderna pode apresentar coisas algo parecidas, embora não no modo nem no fruto, muito menos nas causas. Aparte dos tão conhecidos casos de São Nicolau de Mira, de Santo Antônio de Pádua, de São Francisco Xavier, de Santo Afonso Maria de Ligório, do Beato Pedro Telmo, de São Martinho de Porres etc. – cuja presença fora tão útil em outros lugares muito distantes de onde estavam fisicamente seus corpos –, são notáveis os fatos que se referem à citada V. Martina[1025], que – à semelhança da Beata Ana Catarina Emmerich – se apresentava muitas noites a grandes distâncias, para remediar as necessidades do próximo ou da cristandade. Nessas viagens misteriosas atravessava terras e mares, dando depois perfeita razão de objetos e acontecimentos distantes, e falando com muita propriedade das coisas de navegação, sem ter visto nunca o mar nem ter instrução nenhuma. Costumava ir como acompanhada de outra religiosa de grande virtude, que viva muito longe dela. A Beata Catarina de Racognini aparecia também assim muitas vezes, e se deixava ver com toda claridade, quando as necessidades do próximo ou da Igreja exigiam dela: uma vez se apresentou ameaçando da parte de Deus a um príncipe, deixando-o

---

1025 Cf. *Vida* pelo Pe. Maya (Madrid 1735), c. 24, 25 y 27, n. 11, onde se referem fatos notabilíssimos e de transcendência história.

consternado[1026]. Mas um dos casos mais notáveis e melhor comprovados é aquele da Venerável Madre Maria de Agreda: em seus grandes raptos, com o zelo que a consumia pela salvação das almas, apareceu repetidas vezes no Novo México pregando e alcançando converter e catequizar milhares de índios, que logo foram buscar os missionários para serem batizados. E o fato é que puderam receber o batismo em seguida, sem mais instrução; pois resultou que estavam já bem dispostos... Disseram que certa mulher vinha de vez em quando para ensiná-los e aconselhá-los, e logo desaparecia sem eles saberem aonde ia parar.

A estranheza do caso obrigou a fazer grandes averiguações, e por elas veio a se suspeitar que seria a Venerável. Obrigada ela pela obediência, manifestou a verdade do acontecimento: deu perfeita razão de todas aquelas remotas regiões e dos lugares intermediários, como se muitas vezes tivesse atravessado tudo, e pôde indicar a certo missionário o que ele mesmo, tal dia e tal hora, estava fazendo entre os índios. Não podia ela dizer se ia *in córpore, vel extra corpus*; mas, embora fosse como num vôo, *sentia-se* ali na realidade, e *percebia* como fisicamente a impressão das mudanças de clima etc. ... E quando dessa forma distribuía aos catecúmenos alguns rosários, estes já desapareciam para sempre da cela... como se a viagem e a entrega tivessem sido muito *fisicamente reais*[1027].

1026 Cf. *Année Dominic.* set. 5. – Também Santa Catarina de Ricci aparecia com muita freqüência aos que a invocavam, e assim os consolava e defendia e até os acompanhava em viagens perigosas. Deste modo se comunicou intimamente com Santa Maria Madalena de Pazzi e mais ainda com São Felipe Neri. Este, depois de morta, descrevia-a com toda exatidão como se tivesse tratado com ela, e advertiu como um retrato dela não se parecia com ela, embora jamais tenham se visto corporalmente. – Coisa análoga aconteceu com a B. Osana de Mântua (*Vida* c. 7, p. 112), que conhecia perfeitamente a Palestina como se tivesse estado nela. – Do mesmo São Felipe diz o *Breviário*: "Aparecia aos ausentes e os protegia nos perigos". Veja-se sua *Vida*, por Bachi, l. 3, c. 11.

1027 Veja-se sua *Vida*, por Samaniego, § 12; e sobre esse e outros casos parecidos, a Görres, l. c., c. 26; Méric, *L'Imagination et les prod.* l. 4, c. 5-6. Sobre os fatos maravilhosos acontecidos com a Beata Ana Catarina Emmerich, cf. introdução à *Vida de Nuestro Señor* 12; Wegener, l. 4, c. 8; e sobre os de Santa Liduína, ASS. 11 abril, c. 5.

A ciência pode hoje nos apresentar alguns casos de *telepatia* que oferecem não pouca semelhança com isso[1028]; mas mesmo dado que o fenômeno seja totalmente *natural* – que algumas vezes suspeita-se ser *diabólico* – aparece quase sempre em neuropatas ou desequilibrados, e vemos que não produz nenhum fruto. Para quem tenha olhos para ver, quão diferentes se mostram as obras da natureza daquelas do Espírito, por muito que se confundam diante dos profanos!... Esses raptos dos servos de Deus apresentam grande analogia, senão identidade, com aquele do diácono São Felipe (At 8, 26-40).

Aqueles que vivem segundo a carne, tudo julgam segundo a prudência humana, carnal ou mundana, incapacitados como estão para *sentir e entender* as coisas do Espírito (Rom 8, 5-7; I Cor 2, 14). E assim é como, diante desse mundo de maravilhas em que respiram as almas que vivem *escondidas com Cristo em Deus*, o *animalis homo* vem a ficar tantas vezes desconcertado, tendo que apelar para explicações pueris, quando vê que não lhe basta a negação nem o desdém[1029].

1028 O que deve obrigar os diretores a andar com cautela, para não dar assim, sem nenhum motivo, por *divinas* certas aparições ou visões à distância, que costumam ser muito freqüentes em algumas pessoas espirituais, e que às vezes poderiam ser simples conseqüência do estado psicológico em que se encontram, reduzindo-se a um caso estranho de telepatia. Atenham-se, como manda o Salvador, aos *frutos* de santidade; e por eles distinguirão se a árvore é divina ou humana (cf. Méric, l. c.).

1029 Ao notar os profundos contrastes que há entre o divino e o humano, mesmo os mais furibundos racionalistas começam a se moderar e, temendo se tornarem ridículos, já não se atrevem a identificar de uma maneira tão crua como antes os fenômenos místicos com os histéricos. O próprio Delacroix (*Dévelop. des* états *myst. chez Ste. Terèse*, em *Bull. de la Soc. fr. de phil.* jan. 06) teve que advertir que "não era seu ânimo explicar pelo histerismo toda uma vida tão grande, tão ampla e tão linda como aquela da Santa". "Para dizer a verdade, acrescenta, isso não seria uma explicação, pois haveria que mostrar como e por quais procedimentos produziu aqui tais efeitos o histerismo, que tão de outra maneira age". Montmorand (*Hysterie et myst.* em *Rev. Philos.* março, 06, p. 301-8), faz ver os contrastes que oferece a vida da Santa com aquelas dos neuropatas. Esses são volúveis, caprichosos, inconstantes e privados de sentido e penetração; enquanto nela a delicadeza do bom senso, a sagacidade da inteligência, a energia e a constância eram qualidades salientes. Por aquilo que os êxtases dos místicos fazem – escrevia outra vez na mesma revista (jul. 05) –, produzindo como produzem uns resultados tão benéficos, não há nenhum direito de confundi-los com outros estados do mesmo nome, que tão opostos resultados produzem.

Mas o mais lastimoso é que, às objeções da incredulidade, somam-se hoje com suma freqüência o ceticismo sistemático de muitos que se crêem bons católicos, e mesmo de não poucos religiosos e clérigos. Os quais, por muito que invoquem a *ciência* e a *crítica* e prezem um "*juízo reto e sereno*, que não se deixa *iludir*", não evitam a sedução, nem mesmo a dissimulam: muitos estão contagiados pelo naturalismo da moda ou repletos do espírito mundano, que tão obtuso e estragado têm o *sentido cristão*! Se o tivessem em toda sua pureza, seguramente reconheceriam um pouco melhor os dons de Deus (I Cor 2, 12-16), e nunca suporiam, como implícita ou explicitamente supõem, que já está encurtado o braço divino, e não se realizam agora aquelas maravilhas, tão freqüentes nos primeiros santos. No máximo, dizem, repetem-se tão somente em certas mulherzinhas piedosas que, por boas que sejam, não oferecem bastante garantias para uma *crítica sadia*... Mas se essas graças estivessem como que reservadas para as mulheres, o fato não provaria outra coisa senão que, na conquista do reino de Deus, o "sexo frágil" é mais animado que o "forte", e que, enquanto muitíssimos homens se *efeminaram* e degradaram, não poucas mulheres marcham *virilmente* nas pegadas do Salvador e O seguem muito de perto para sentir seus divinos perfumes[1030].

Quanto às *chagas* dos *santos* – impressas como estão misticamente durante uma altíssima contemplação –, não encontram na ciência nada que remotamente se pareça a elas. Os estigmas produzidos por sugestão se reduzem quase a um hematoma passageiro, que dificilmente chega a transcender algumas gotas de sangue, enquanto que os outros oferecem feridas profundas e muito duradouras, que às vezes afetam o próprio coração. Aqueles desparecem em pouco tempo, e não sabemos que causem nenhuma moléstia notável; os dos santos não desaparecem, senão quando são periódicos, para se renovarem espontaneamente no seu tempo, e lhes causam agudíssimas, mas ao mesmo tempo deliciosas dores, em que encontram como uma fonte de fortaleza. Por outra parte, diferentemente das chagas *patológicas*, que seguem o curso de sua evolução, as *místicas* (excetua-se aquela do espinho de Santa Rita), por profundas e duradouras que sejam, não supuram, nem dão mal cheiro, nem oferecem nenhuma alteração mórbida, e às vezes exalam suaves perfumes. A ciência humana é incapaz de dar a razão desses mistérios, como pode se ver nos atenciosos estudos do Dr. Imbert (*Stigmatis*, t. 2, c. 6, 14) e de Gombault (*L'imaginat.* 4ª p., c. 2).

1030 "Proh dolor!, exclamava já São Jerônimo (*Epíst.* 46 *ad Rufinum*), fragilior sexus vincit saeculum, et robustior superatur a saeculo".

Na realidade, Deus não faz acepção de pessoas, e se compraz igualmente nos que igualmente O servem e O amam (At 10, 34-35). Por isso, na Igreja sempre houve muitas santas e santos de todos os tipos de condições, e sempre seguirão existindo, e seguramente em tanto mais abundância quanto mais necessários são para neutralizar a onda crescente do mal. Nunca se esgotarão nem poderão jamais se esgotar as graças daquele soberano Espirito que *se move por todas as nações às almas santas e constitui amigos de Deus e profetas* (Sab 7, 27). Assim é como sempre haverá grandes almas *contemplativas* que saibam dispor em seu coração a mística escada por onde sobem de virtude em virtude... até verem seu Deus e tratá-Lo com essa "familiaridade estupenda": *Familiaritas stupenda nimis*... E sempre haverá outras que, aparte das graças que *ordinariamente* acompanham a *vida mística*, recebem também os carismas e dons *extraordinários* (profecias, milagres, dom de línguas etc.), que antes de tudo se ordenam ao bem dos outros e ao geral da Igreja. E esses favores mais surpreendentes concede o Senhor quando menos se pensa para confundir com eles a incredulidade: *Signa sunt non fidelibus, sed infidelibus*. Os grandes Santos desfrutaram deles com suma freqüência, mesmo sem advertir[1031]. O próprio Jesus Cristo prometeu que seus imitadores haveriam de realizar prodígios iguais e mesmo maiores que os seus (Jo 14, 12). Muito esquecem disso esses resplandecentes *críticos do maravilhoso*!

E se as graças *gratis datas* – e em geral os favores verdadeiramente *extraordinários* – Deus dá a quem quer e distribui segundo Lhe compraz (I Cor 12, 11), aqueles que ordinariamente acompanham esse místico *repouso* que a *todos* convida (Mt 11, 29; Heb 4, 11), esses seguramente os dá, mais

1031 "Na história dos santos, observa Chauvin (*Qu'est-se qu'un Saint*, p. 37, 44, 53), apresenta-se *ordinariamente* toda uma série de fenômenos, tais como visões, êxtases, profecias, milagres que, apesar de não serem essências à santidade, parecem como *necessárias* nessas biografias, posto que mal haverá uma onde não se encontrem... Mesmo entre os próprios santos de quem não se referem raptos nem visões, poucos (nenhum...!) haverá em quem não se possa comprovar a *contemplação infusa*... As vidas dos antigos santos são como uma série contínua de *milagres*... E hoje mesmo a Igreja exige a comprovação de alguns para reconhecer oficialmente a santidade de uma pessoa e elevá-la aos altares". Certos favores gratuitos, acrescenta (p. 44), são tão elevados, que não se concebem senão nos santos e vêm a ser como um privilégio seu".

tarde ou mais cedo, aos que fielmente perseveram em buscá-Lo – com a contínua abnegação, o recolhimento e a guarda dos sentidos – naquela *solidão* onde os tem reservado. Nisso não há distinção entre homens e mulheres: a *todos* impõe seu jugo, a *todos* manda segui-Lo, levando cada um sua própria cruz, sob pena de se fazerem indignos d'Ele (Mt. 10, 38); a *todos* oferece a fonte de água viva (Is 55, 1; Jo 7, 37-39), e em todos, enfim, compraz-se em derramar em abundância os dons do seu Espírito (Tg 1, 5; Joel 2, 28-39).

Bem recentes estão ainda os exemplos do Beato Bernardo de Hoyos, São Bento Labre, do Beato Diego de Cádiz, São João Bosco, Santo Antônio Maria Claret, São Francisco Coll, o admirável Cura d'Ars... e de muitíssimos outros servos de Deus, cujas causas de beatificação estão terminadas ou muito adiantadas[1032]. Se, apesar disso, os favores da *contemplação* – como notou já a própria Santa Teresa[1033] e o reconheceu São Pedro de Alcântara – abundam ou resplandecem notavelmente mais em humildes mulheres, a causa disso está, em parte, precisamente em que Deus costuma escolher o que segundo o mundo parece mais frágil, para confundir aqueles que presumem ser *fortes*, e sobretudo "espíritos fortes", carecendo de espírito (I Cor 1, 27-29); em parte depende também de que muitos homens muito piedosos, tendo que se aplicarem continuamente a penosas tarefas apostólicas, não dispõem, como desejariam, de bastante tempo para saborear e experimentar as doçuras do íntimo trato com Deus, que, no entanto, são reservadas a eles em muita abundância para o fim de sua vida[1034]; e em grande parte, ou muito

1032 Aqueles que supõem que já não há santos como antes, devem recordar que são já muitos (e entre eles quatro dominicanos espanhóis) que, tendo vivido no século XIX, figuram nos altares. Ademais há agora (1908) pendentes uns 287 processos de beatificação ou canonização, a metade dos quais se referem a pessoas do mesmo século. E quem se figura que a piedade é própria das mulheres ou que desapareceu dos institutos religiosos, advirta que desses 287 processos, nada menos que 207 se referem aos *homens*, e 239 à corporações religiosas.

1033 *Vida* c. 40, n. 6.

1034 "A contemplação que Deus dá como prêmio aos muito retirados, depois de alguma passagem de desamparo, diz o Pe. Godínez (*Teol. Míst.* l. 3, c. 6), costuma comunicá-la como confortante... a esses corajosos capitães da vida mista". "Conheci, acrescenta (c. 7), alguns missionários desses, a quem Deus comunicou altíssimos graus de contemplação infusa, e recolhia em seu canto o que

principalmente, provém de que, na realidade, são elas muito mais devotas; que por algum motivo a Igreja chama, não o *frágil*, mas "o *devoto* o sexo feminino". Costumam ser, com efeito, mais dadas à oração, mais constantes nas desolações, mais perseverantes no recolhimento, mais vigilantes na guarda dos sentidos, mais dóceis à direção do padre espiritual, e mais solícitas em procurar a perfeita pureza de coração, com que se dispõem a ouvir e seguir melhor as moções e inspirações do Espírito Santo. Certo que, contra essas vantagens – como qualquer confessor ou diretor experimentado pode dar bom testemunho – costumam também ter muitas delas a desvantagem de serem menos simples e sinceras e mais apegadas aos consolos: com os quais estarão sumamente propensas a cair em ilusão. Daí que, em igualdade de virtude aparente, costuma inspirar mais confiança a de um homem. É, com efeito, nelas proverbial essa *astúcia* dissimulada, de que tanto foge o divino Espírito (Sab 1, 5; Prov 3, 20; Os 10, 2; Tg 1, 8) e tanto proveito tira o maligno, e esse oculto desejo de passar por muito favorecidas de Deus e de que o próprio diretor as tenha por santas e as prefira à outras almas que na realidade o são. Esses vãos desejos, apegos e fingimentos – fonte tão contínua de invejas e mesmo de brigas – são causa do desprezo que sempre mereceram as verdadeiras "visionárias" e as falsas devotas, e que redunda em tão grande desprestígio da virtude e das muitas almas fidelíssimas que souberam triunfar corajosamente sobre todas as suas fraquezas.

Às vezes talvez a própria debilidade natural requer ser confortada com maiores consolos. Mas, na realidade, procurando ser fiéis e proceder com toda simplicidade e sinceridade, recebem-nos em maior abundância, porque de certo modo os merecem mais ou estão melhor dispostas para os receber e aproveitar deles. Costumam ter um coração mais amante, mais sensível e delicado, e isso as ajuda a sentir e estimar melhor os quilates do amor divino que tão *humanamente* se mostram nos trabalhos de toda a vida e paixão de nosso dulcíssimo Redentor. Daí que, sentindo a fragrância de seu santo

haviam semeado com tanta fatiga naquelas missões. A um deles conheci que esteve três dias e três noites num êxtase...".

Nome, corram atrás d'Ele, amando-O com tão maravilhosos excessos (Ct 1, 2). De todos os modos, certos carismas *extraordinários* e certos favores singularíssimos, bem poderia Nosso Senhor reservá-los totalmente para elas ou lhes dar com grande preferência, já que lhes negou o sacerdócio, com as imponderáveis vantagens que traz poder celebrar os sacrossantos mistérios aos que dignamente o fazem[1035].

E como muitíssimas santas sobressaíram realmente na pureza de coração e na perseverança na oração, daí que tenham chegado a penetrar e sentir as verdades divinas acaso melhor que todos. Quem falou, com efeito, dos atributos de Deus, da unção do Espírito Santo e da contemplação caliginosa etc., como Santa Ângela de Foligno? Quem do mistério da Encarnação como Santa Maria Madalena de Pazzi ou das doçuras e encantos da santa Humanidade de Jesus como Santa Gertrudes? Quem das purificações da alma como Santa Catarina de Gênova, ou do poder do amor divino como a de Sena? Quem desvendou a psicologia sobrenatural como Santa Teresa?... Quem falou dos ocultos mistérios da vida de Nosso Senhor e da Virgem como a Venerável Madre Maria de Agreda e a Beata Ana Catarina Emmerich?[1036]

1035 "Não se admirem os homens sábios, diz a Madre Maria de Agreda (*ib.* c. 14, n. 618), de que as mulheres tenham sido tão favorecidas com esses dons, porque, além de serem fervorosas no amor, escolhe Deus o mais fraco por testemunha mais abonada de seu poder, e tampouco não têm a ciência da teologia adquirida, como os varões doutos, se não é infundida pelo Altíssimo para iluminar seu fraco e ignorante juízo".

1036 "Os escritos místicos, observa São Francisco de Sales (*Tr. amor de Dios* pref.), fá-los mais felizmente a devoção dos amantes que a doutrina dos sábios. Assim é como o Espírito Santo quis que algumas mulheres fizessem nisso maravilhas. Quem expressou melhor os celestiais mistérios do amor sagrado que uma Santa Catarina de Gênova, Santa Ângela de Folingo, Santa Catarina de Siena ou Santa Matilde?"

"Quanto aliquis ardentius Deum amat, tanto plenius dilectus *revelatur*: et quanto dilectio est ardentior, tanto divinorum cognitio est *profundior*, et magis *perspicua*: quae namque nobis propinqua sunt, facilius prospiciuntur, et amore Deus nobis fit propinquissimus, cum nos ipsos in Deum transformare possit. Cum igitur ardens dilectio perveniat, quo intellectio accedere nequit, ideo *ardenter Deum amantes, plenius Deum cognoscunt, quam acutissimo intellectu pollentes*... Ipsemet ardens amor – ait S. Bonav. –est formaliter quaedam notitia affectiva seu *experimentalis*... Inde Bernardus (*super Cant.*): Quidquid de *occultis* tuis, o Domine Iesu, novimus, hoc aut Scriptura docente, aut *te revelante*, aut certe – quod

Aqueles que desprezam as maravilhas do sobrenatural por vê-las preferencialmente em mulheres, confundem-se com esses exemplos[1037]. Certo que devemos estar muito atentos para não sermos vítimas de ilusões, trapaças e enganos; mas isso não se consegue com a prudência carnal, mas só com aquela do espírito[1038]. Consegue-se invocando verdadeiramente o Pai de todas as luzes, desejando e pedindo o *sentido místico* (Sab 7, 7), e procurando, com efeito, purificar os olhos do coração para que possam ser iluminados e não permaneçam nas trevas da morte (Tg 1, 5-17; Ef 1, 17-18; Sl 12, 4; 17, 29; 18, 9; Ap 3, 18). Aqueles que com simples olhos humanos se atrevam a julgar essas maravilhas, não poderão menos que errar lastimosamente, tendo por pouco ou nada essas *pérolas preciosas* que não estão para eles (Mt 7, 6). E se, presumindo de sua *ciência* ou seu refinado *sentido crítico*, pensam que podem julgar das coisas de Deus melhor que os próprios Santos, cheios do *sentido de Cristo*, então, por desprezar as maravilhosas vidas dos justos, terão no fim que reconhecer, por mal que lhes pese, que foram uns INSENSATOS (Sab 5, 4). Quão certo é que o *espiritual julga tudo e não pode ser* compreendido nem muito menos *julgado por nenhum "psychico"*! (I Cor 2, 15; cf. S. Thom. *in h. l.*).

---

perfectorum est – *gustu*, idest, *experientia didicimus*". – Beato Bartolomeu dos Mártires, *Comp. myst. doctr.* c. 24, § 4. Cf. Santa Catarina de Sena, *Diálogos* c. 85.

1037 "Senhor, por que não dá estas luzes aos teus ministros?", perguntava a V. Micaela Aguirre (*Vida*, l. 2, c. 11), ao se ver cheia delas e não poder utilizá-las como desejaria. – E o Senhor lhe respondeu: *Não me dão entrada!...*

Veja-se também: Pe. Weiss, *Apol.* 10, cf. 23; Ribeira, *Vita S. Ther.* 1, 2, 37; B. Raim., *Vita S. Cathar. Sen.* 2, 11, 22.

1038 Os diretores incapazes de conhecer as coisas do espírito – que tanto desprezam e contradizem as almas contemplativas, porque não as entendem vendo-as proceder com toda simplicidade e humildade – costumam ser os primeiros que dão crédito às ilusas, que embora estejam de boa-fé, procedem com duplicidade e astúcia para buscarem para si qualquer apoio, embora seja aquele de um néscio. Portanto, segundo faz notar São João da Cruz (*Llama* canc. 3, v. 4), os poucos espirituais costumam ter em muito apreço as coisas mais baixas do espírito, que são as que mais se aproximam do sentido em que vivem, e em pouco as mais altas, porque são incapazes de conhecê-las e estimá-las como convém.

CAPÍTULO VII

AS VISÕES E LOCUÇÕES

§ 1. – EPIFENÔMENOS DA CONTEMPLAÇÃO. – RELAÇÃO COM AS GRAÇAS "GRATIS DATAS"; AS VISÕES E LOCUÇÕES: SUA UTILIDADE E INCONVENIENTES; APREÇO E DESAPEGO NECESSÁRIOS. – DIVISÃO DESSAS GRAÇAS. – DISTINÇÃO ENTRE O DIVINO E O NATURAL OU DIABÓLICO. – VÃ PRETENSÃO RACIONALISTA.

A parte dos referidos fenômenos que *ordinariamente* se mostram nos progressos da contemplação, há outros menos indispensáveis que não totalmente parecem ser parte do mesmo progresso; pois, se por si mesmos contribuem a fomentá-lo, também podem ser ocasião de impedi-lo: e assim faltam muitas vezes ou variam notavelmente. Por isso os chamamos *epifenômenos*. Relacionam-se de algum modo com a série das graças *gratis datas*, que não sempre supõem santidade nem santificam necessariamente quem as possui, já que às vezes são compatíveis com pecados graves, quando diretamente se ordenam ao bem comum[1039]. Essas graças assim, como não necessárias, embora úteis, e como perigosas em certo sentido, embora muito boas, segundo doutrina hoje muito corrente não devem se desejar, e por isso as almas simples e retas as temem e evitam o quanto podem, para que não lhes sejam ocasião de vaidade e de ruina.

No entanto, recebidas com humildade e temor, não desejadas com presunção ou vaidade, e bem empregadas, são meios poderosos para estimular a alma e movê-la ao amor e agradecimento, e assim, quem primeiro

1039 Cf. Santo Tomás, *In* 3 *Sent.* d. 13, q. 2, a. 2; *In* 1 *Cor.* 12, lec. 2.

costuma ser favorecido é quem as possui. Por isso, embora às vezes algumas delas se concedam aos maus – como se concede também o sacerdócio – ordinariamente não as recebem senão almas muito boas[1040]. Entre essas graças, propriamente *gratis datas*, figuram aquela de realizar prodígios e curas, o dom de línguas, de profecia, de discernimento dos espíritos etc.; que, pelo mesmo motivo que tão diretamente se ordenam ao bem de outros, são relativamente raras. As que são muito freqüentes, e quase *ordinárias* na generalidade dos *místicos*, são certas *visões* e *locuções* diretamente ordenadas a animá-los, consolá-los, dirigi-los, iluminá-los ou a esclarecer a eles mesmos, embora às vezes se refiram também a pessoas estranhas[1041].

Assim, embora essas de algum modo se relacionem, ou pareçam se relacionar, com o dom de profecia, não podem se chamar em rigor *gratis datas*, como as anteriores, porque na realidade vêm a ser simples formas da *iluminação*, acomodadas, como adverte o próprio São João da Cruz[1042], ao estado e condição de certas almas contemplativas, e como tais nunca devem se desprezar nem descartar, por mais que às vezes convenha olhá-las com certa desconfiança e precaução, e sempre como todo desprendimento. Com essas iluminações divinas começam a se iluminar de um modo mais claro e distinto os *olhos do coração*, como deseja o Apóstolo que os tenham todos os fiéis, quando para todos pede o *Espírito de revelação*, a fim de que assim

---

1040 Cf. Chauvin, l. c.; Beato Diego de Cádiz, *Vida inter.* 3ª p., c. 11.

1041 "Além dessas graças *gratis datas* (I Cor. 12, 8), adverte São João da Cruz (*Subida Carm.* 2, c. 24), as pessoas perfeitas, ou as que já estão adiantadas em perfeição, *muito ordinariamente costumam* ter iluminação e notícia das coisas presentes ou ausentes, que conhecem pela luz que recebem no espírito já iluminado e purgado... *Da maneira que nas águas aparecem as faces daqueles que nelas se olham, assim os corações dos homens são manifestos aos prudentes* (Prov 27, 19), que se entende daqueles que têm já a sabedoria de santos, da qual diz a divina Escritura que é *prudência*... Esses, que têm o espírito purgado, com mais facilidade podem conhecer, e uns mais que outros, o que há no coração... e as inclinações e talentos das pessoas..., conforme disse o Apóstolo (I Cor 2, 15): *O espiritual julga todas as coisas*... Acontecerá que, estando a pessoa muito descuidada, pôr-se-á em seu espírito a inteligência viva do que ouve ou lê, muito mais clara que a palavra dita; e às vezes, embora não entenda as palavras, se são em latim e não o sabe, representa-se a ela a notícia delas".

Cf. São João da Cruz, *Subida* 2, c. 11 e 17.

1042 *Subida del monte Carmelo* l. 2, c. 11 e 17.

possam corresponder melhor ao chamado divino, ver quão rica é a gloriosa herança de Jesus Cristo em seus santos, reconhecer suas soberanas grandezas e admirar os tesouros de ciência e sabedoria que estão encerrados n'Ele e os prodígios da sua caridade que ultrapassa toda ciência, para que deste modo venham a ficar cheios de toda a plenitude de Deus (Ef 1, 17-19; 3, 18-19)[1043].

Certo que essa iluminação costuma se fazer mais freqüentemente, conforme diz o Beato Palafox[1044], por *inspirações, moções ou iluminações* secretas, que por *visões* ou *locuções* claras e distintas. Mas estas, pelo motivo mesmo que "produzem *maravilhosos efeitos*"[1045], ao menos de vez em quando parecem ser convenientíssimas e mesmo quase necessárias para que aquelas se esclareçam e se aperfeiçoem, e ao mesmo tempo se certifique a alma de que essa luz vem toda de Deus, pois, como ensina o Doutor Angélico, não costuma haver essa segurança senão quando a iluminação é *distinta*[1046].

É verdade que alguns autores respeitabilíssimos – a fim de apartar as almas de vãs curiosidades e mantê-las firmes na humildade – costumam dizer que nunca se devem desejar nem pedir, mas antes descartar essas luzes; mas nisso cremos que há certo exagero ou confusão perigosa que convém dissipar. Será ilícito desejá-las – como o é muitas vezes – quando se faz por vaidade, curiosidade ou apego, mas não quando unicamente são apreciadas, desejadas ou solicitadas como *meios* de conhecer, amar e servir melhor a Deus e adquirir mais horror pelos gostos do mundo. Sendo como são ajudas tão

---

1043 Cf. Venerável Madre Maria de Agreda, *Míst. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 14.

1044 *Varón de deseos* 3ª p., sentim. 5.

1045 *Ibid.*

1046 Há dois modos, diz Santo Tomás (2-2, q. 171, a. 5), de conhecer uma verdade divina: por uma *revelação manifesta* ou por um *instinto oculto* ou inconsciente: *per quemdam instinctum occultissimum quem nescientes humanae mentes patiuntur,* ut Aug. dicit (*Gen. ad litt.* 2, c. 17). Neste caso nem sempre se pode discernir se a luz é divina ou natural, pois às vezes a alma "sic se habet, ut non plene discernere possit utrum haec cogitaverit aliquo divino instinctu, vel per spiritum proprium". Mas no que expressamente conhece por uma iluminação especial, tem plena certeza do que é de Deus: *Maximam certitudinem habet, et pro certo habet quod haec sunt divinitus sibi revelata.*
Cf. Santa Teresa, *Vida* c. 28; São João da Cruz, *Subida,* c. 11 e 12; Madre Maria de Agreda, *Míst. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 14.

excelentes e tão proveitosas, como repetidas vezes e tão encarecidamente afirma Santa Teresa[1047], não podem menos que ser *por si mesmas desejáveis*, embora não as devam desejar aqueles que não estejam em condição de utilizá-las, e em geral todos aqueles que facilmente abusariam delas ou se apegariam demasiado, como se aí mesmo estivesse o fruto de santificação. Mas o Apóstolo (I Cor 14, 1-5. 12. 39 etc.) recomenda muito não só estimar, mas procurar essas luzes. E o Salmista as pede dizendo: *Enviai, Senhor, vossa luz e vossa verdade; porque elas me atraem e me levam ao vosso monte santo*[1048]. Nessa *luz* e nessa *verdade* bem podemos compreender as *visões* e *locuções* divinas que, segundo diz São João da Cruz[1049], são a *via ordinária* por onde Nosso Senhor costuma ir levantando as almas do sensível ao espiritual; se bem que às mais generosas e desprendidas logo se comunica em puro espírito, deixando esses meios que poderiam estorvá-las[1050].

Com as *visões*, numa ou outra de suas formas, é como começa verdadeiramente a *resplandecer* o Senhor sobre seus servos, e com as *locuções*, *dirige-os* Ele mesmo em todas as suas obras, para que assim sejam mais perfeitas e de seu agrado (Sl 89, 17)[1051]. Escutar essa voz misteriosa com que tantas

---

1047 *Vida* c. 28-29; *Moradas* 6, c. 9 etc.

1048 "A repulsão que se deve ter às visões, reconhece o Pe. Poulain (p. 333), não deve se estender às que são *indeicas*, isto é, da Divindade. Porque estas são um tipo de *união mística*". E as outras, bem recebidas, dispõem a essas, e a elas por si mesmas se ordenam. Caetano ensina (*In* 2-2, q. 95, a. 4) que as próprias aparições dos anjos e santos constituem como um princípio de bem-aventurança: *Ad initium caelestis felicitatis, et Patriae spectat conversatio in hac vita cum angelis, aut sanctis apparentibus quandoque nobis*. Por isso quando se recebem com humildade e não se tem apego a elas, resultam proveitosíssimas, como todos reconhecem. E Santa Teresa adverte (*Fundac.* c. 8) que, quando uma alma é humilde, nenhuma visão, embora seja do inimigo, pode lhe causar dano; ao passo que, se não o é, de tudo abusa para seu próprio dano.

1049 L. c.

1050 Por essa razão o Santo com tanto rigor e justiça censura (*ibid.* c. 18) esses doutores, que costumam ser chamados de "milagreiros", tão afeiçoados a *revelações sensíveis*, que quase chegam a medir por elas a santidade. Esses, por mais que dissimulem, estão sempre dando às almas ocasião de vaidade e soberba, e comunicando-lhes certo apego ou apreço muito excessivo a tais favores, com que as incapacitam para aproveitar.

1051 "Anima in unione, adverte Alvarez de Paz (*De grad. contempl.* 5, p. 3ª, c. 6), imo et in aliis gradibus... Deum sibi in speciali loquentem solet audire: quae *locutio magnam illi utilitatem affert*... Deum

vezes se digna Ele falar ao coração, leva as almas à mística solidão (Os 2, 14), onde elas devem estar muito atentas para ouvir, entender e seguir o que lhes diz o Espírito; não endurecendo os corações, porque de outro modo não alcançarão entrar no divino *descanso* (Sl 94, 11; Heb 3, 11; 4, 1-11). A alma enamorada não pode menos que suspirar pelo celestial Esposo e se extasiar ao ouvir sua dulcíssima voz (Ct 1, 1; 2, 8-10; 5, 6). E quando dele se ausenta, com grandes ânsias marcha para buscá-Lo, e pergunta onde mora, aonde se apascenta e repousa (Ct 1, 6; 3, 2).

Assim *manifesta* o Senhor sua *Face* e sua *misericórdia* para luz e salvação de seus fiéis, como com tanta insistência Lhe pede o Salmista (Sl 79, 4-20; 84, 7-8), e assim devemos nós, não só Lhe pedir muito verdadeiramente *que nos ensine a fazer sua santa vontade* (Sl 142, 10), mas também estar muito atentos para *ouvir* o que se digne *falar em nós*, posto que fala palavras de paz ao coração dos seus santos e de todos os que se convertem (Sl 84, 9), para viverem recolhidos e atentos à procurar uma perfeita pureza[1052]. Essas

---

suis multoties singulariter loqui ex Scripturis sanctis, atque ex Patribus satis manifeste colligitur". "Sonans in auribus animae vox divina, diz São Bernardo (*Serm. de mult. utilit. verbi Dei*), conturbat, terret, diiudicatque; sed continuo, si bene adverterit, vivificat, liquefacit, calefacit, illuminat, mundat... Audiat et illud peccator, et conturbabitur venter eius, a voce illa carnalis anima contremiscet. Omnia namque cordis secreta rimatur atque diiudicat, sermo vivus et efficax cordium atque cogitationum perscrutator. Unde et licet mortuus in peccato: *Si audieris vocem Filii Dei, vives*... Si cor tuum induratum est, memento Scripturae dicentis: *Emittet verbum suum, et liquefaciet ea* (Sl 147, 18)... si tepidus es, et evomi iam formidas, non discedas ab eloquio Domini, et inflammabit te; quia *eloquium eius ignitum* valde. Quod si tenebras ¡gnorantiae plangis, diligenter *audi quid loquatur in te Dominus Deus*, et erit *lucerna pedibus tuis verbum Domini, et lumen semitis tuis*. At fortassis tanto amplius doles, quanto clarius peccata etiam minima illuminatus agnoscis: sed *sanctificabit te Pater in veritate*, quae est utique sermo eius, ut inter Apostolos audire merearis: *Iam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis*. Iam vero cum laveris manus tuas, ecce *paravit in conspectu tuo mensam*, ut *non in solo pane vivas, sed ex omni verbo quod procedit de ore Dei*, et ut in fortitudine cibi illius curras viam mandatorum eius... In his autem, atque huiusmodi persevera, in talibus iugiter exercere, donec iam dicat spiritus ut requiescas a laboribus tuis. In hoc verbo quiesces dulciter, ac suaviter soporaveris donec veniat hora, *cum omnes qui in monumentis sunt, audient vocem eius*".

1052 Os Salmos não cessam de recomendar que busquemos a Face do Senhor: *Quaerite faciem eius semper* (Sl 104, 4), e de pedir-Lhe que Ele mesmo se digne mostrá-la e não a afastar de nós: *Tibi dixit cor*

iluminações e locuções interiores – embora às vezes se traduzam exteriormente – se ordenam antes de tudo à *própria santificação*[1053], à diferença da *profecia*, que consiste em manifestar os divinos mistérios, o futuro ou o que há em outros corações, e se ordena por si mesma à edificação geral da Igreja (I Cor 12, 7; 14, 4-5).

Algumas das próprias graças *gratis datas* e não *gratum facientes* não costumam faltar nos verdadeiros santos, por mais que estejam muito divididas, mostrando-se umas em uns e outras em outros, já que o Senhor as distribui a *cada um* segundo Lhe apraz (I Cor 12, 7-11)[1054]. Mas, sem participar um pouco delas, nenhum servo de Deus, segundo a atual disciplina, será oficialmente declarado *santo*.

O que importa, pois, é não apegar o coração a esses *meios*, sobretudo no que têm de consolos e favores; porque isso seria buscar-se a si mesmo, e esquecer do Doador pela dádiva, sendo que ela tanto vale quanto induz ao serviço de Nosso Senhor. Quando faltam essas luzes, deve o indivíduo ter-se por indigno delas e, ao mesmo tempo, purificar o coração para rece-

---

meum exquisivit te facies mea: faciem tuam Domine requiram. Ne avertas faciem tuam a me (Sl. 26, 8-9; cf. Sl 101, 3; 142, 7). *Quare faciem tuam avertis?* (Sl 43, 24). *Usquequo avertis faciem tuam a me?* (Sl 12, 1). – *Deprecatus sum faciem tuam in corde meo.* – *Faciem tuam illumina super servum tuum* (Sl 118, 58-135). – *Notas mihi fecisti vias vitae; adimplebis me laetitia cum vultu tuo* (Sl 15, 11).

1053 "Na vida espiritual, diz o Beato Palafox (*Varón de deseos* 3ª p., sent. 5), há três maneiras de seguir o trato interior de Deus. A primeira, em que a alma *fala de Deus*. A segunda, em que alma *fala a Deus*. A terceira, em que a alma *ouve a Deus*". E isso, segundo diz, corresponde principalmente a *via unitiva*, em que "*ouve, entende, obedece, ama, arde...*"; assim como na *purgativa* fala de Deus, porque o coração "não pode deixar de enviar aos lábios o pouco amor que tem"; e na *iluminativa* fala com Ele, levando uma vida mais interior e silenciosa. – "As falas de Deus, acrescenta, *produzem maravilhosos efeitos*".

Por isso exclama Kempis (l. 3, c. 1-2): "Beata anima quae Dominum in se loquentem audit; et de ore eius, consolationis verbum accipit. Beatae aures quae venas divini susurri suscipiunt... Loquere Domine, quia audit servus tuus... Inclina cor meum in verba oris tui; fluat ut ros eloquium tuum... Non loquatur mihi Moyses, aut aliquis ex Prophetis: sed tu potius loquere, inspirator et illuminator omnium Prophetarum... Verba enim vitae aeternae habes. Loquere mihi ad qualemcunque animae meae consolationem, et ad totius vitae meae emendationem" – Cf. Santo Agostinho, *Soliloq.* c. 1; *Confes.* l. 4, c. 11; l. 7, c. 10 etc.

1054 Santo Tomás, *in h. loc.*

bê-las com proveito quando aprouver a Deus outorgá-las; então agradeça a Ele verdadeiramente a mercê e busque tirar dela o devido fruto, sem se apegar aos consolos. Mas quem com apego ou vaidade as desejar e buscar, esse, em vez de ser favorecido por Deus, estará muito exposto, como tão sabiamente adverte São João da Cruz[1055], a ser vítimas das ilusões de sua própria imaginação e de todos os ardis do inimigo.

Para que melhor se vejam quais são as mercês que são sempre desejáveis e proveitosas, e que como tais podem e devem ser pedidas a Deus, e quais são aquelas às vezes perigosas e que devem ser olhadas com algum temor, ao mesmo tempo que com um total desapego (como simples meios que só valem enquanto ajudam), vejamos quantas são essas formas da iluminação.

Tanto as *visões* como as *locuções* podem ser de três tipos: 1º, *sensíveis ou externas*, isto é, percebidas pela vista ou pelo ouvido; 2º, *imaginárias*, não percebidas pelos sentidos externos, mas só pela imaginação; 3º, *puramente intelectuais*, não percebidas por nenhum sentido externo nem interno, mas recebidas diretamente na inteligência, como notícias espirituais, desnudas de todo tipo de imagens ou símbolos sensíveis[1056].

As primeiras por si mesmas são próprias dos principiantes, que ainda não conseguem prescindir dos sentidos externos, nem totalmente alcançaram se desnudar do afeto aos consolos sensíveis; as segundas, dos adiantados, que já têm mui purgadas suas potências sensitivas, mas que todavia necessitam o apoio ou atrativo desse tipo de luzes e consolações; as terceiras, dos perfeitos, que têm mui purgadas as próprias potências da alma e são já capazes de iluminações puramente espirituais. A estas se ordenam todas as outras, que só são convenientes ou necessárias enquanto servem, como meios mais acomodados à nossa condição, para que se receba com mais fruto a própria luz espiritual da inteligência[1057].

1055 L. c., c. 11.

1056 Cf. São João da Cruz, *ib.* c. 10; Madre Maria de Agreda, *Mist. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 14.

1057 De tudo que foi dito, segue-se que essa regra tão autorizada de alguns séculos para cá – segundo a qual tanto as visões como as locuções não devem ser desejadas, mas bem temidas e mesmo desprezadas – não tem valor *per se*, embora *per accidens* pode ter às vezes, por causa da oculta pre-

Por aqui se compreenderá quão inocentes são as pessoas que dizem: "Fulano é um santo; viu a Virgem ou o Menino Jesus etc.". Se o favor é certo – que não tem traços de ser quando assim se faz público –, de si mesmo mais bem indica que o favorecido é um principiante, pois se fosse perfeito, a visão, por regra ordinária, seria *intelectual*[1058]. Nesta, sem que intervenha muitas vezes nenhuma forma nem imagem sensível, vêem-se todos os objetos, mesmo os materiais, sem comparação mais claramente que se vissem com os olhos. E pelo motivo mesmo que é tanta a claridade, e que é uma iluminação elevadíssima e própria das almas perfeitas, não cabe aqui ilusão nem fraude, nem há tampouco o menor perigo de vaidade[1059].

---

sunção, vaidade ou curiosidade que com freqüência se misturam em tais desejos. Mas sendo por si mesmas coisas tão boas e úteis, não podem menos que ser *per se* muito *desejáveis*. Assim é como São Paulo repetidas vezes aconselha desejá-las e apreciá-las muito; aos fiéis de Corinto (I Cor, 14, 1-5) diz: *Aemulamini spiritualia, magis autem ut prophetetis... Qui loquitur lingua* (locuciones?), *semetipsum aedificat; qui autem prophetat, Ecclesiam Dei aedificat. Volo autem omnes vos loqui linguis; magis autem prophetare*. E pouco depois acrescenta (I Cor 14, 39): *Itaque, fratres, aemulamini prophetare; et loqui linguis nolite prohibere*. Aos Tessalonicenses (I Ts 5, 19-20) faz estas recomendações: *Spiritum nolite extinguere. Prophetias nolite spernere*. Não pode, pois, menos que ser desejável o que tão recomendado está pelo Apóstolo; só será temível quando não se busca ou utiliza devidamente. E se se trata das iluminações *intelectuais*, que, além de não oferecer o menor perigo, tão diretamente contribuem à iluminação e união, não há porque não as desejar, pedir e apreciar como se merecem, segundo dá a entender o próprio São João da Cruz. As outras comunicações sensíveis são simples formas especiais da *iluminação*, que, como mais acomodadas à capacidade e condição humanas, costumam ser mais proveitosas aos principiantes que vão de boa-fé, animados por grandes desejos e com todo desprendimento, e, pelo mesmo motivo, sem o risco em que estão os apegados. Quando com esses meios tiverem se espiritualizado o bastante, já receberão outras luzes superiores, próprias dos homens perfeitos. Assim se vê como em algumas almas muito generosas, puras e magnânimas, não sendo preciso esses apoios, a iluminação costuma se fazer quase desde um princípio de um modo mais espiritual, em que mal figuram elementos sensíveis a que possam se apegar.

1058 Nisso, no entanto, há exceções: Santa Teresa começou tendo por bastante tempo visões intelectuais, e crê ter ganhado muito quando depois foi favorecida com as imaginárias, mediante as quais se lhe faziam já mais acessíveis as verdades divinas.

1059 "Quando essa manifestação se faz imediatamente à inteligência, não está sujeita ao erro; mas quando se faz pela imaginação ou pelos sentidos, podem caber às vezes certas ilusões" (Lallemant, *Doctr*. pr. 7, c. 4, a. 5).

Essa excelente maneira de visões e locuções, ou notícias espirituais, por ser a mais elevada e pura forma de *iluminação clara e distinta*, mal pode faltar em alguma alma que tenha chegada à verdadeira e plena *união*, posto que as tais iluminações, segundo Santa Teresa, caracterizam e em certo modo constituem a *união extática*; assim é como devem figurar no grupo dos *fenômenos ordinários* da contemplação. Pelo mesmo motivo, embora pudesse haver certa presunção em desejar essas graças – se não está alguém ainda em condições de recebê-las – quando Deus misericordiosamente as faz, são utilíssimas e não oferecem o menor perigo nem motivo que temer. Pois nem a natureza pode de nenhum modo produzir tais visões ou locuções, já que todos os nossos conhecimentos naturais vão acompanhados sempre de imagens sensíveis, nem o inimigo imitá-las fielmente, porque ele também, para infundir sobre nossa inteligência, tem que se acomodar à natural condição dela, que necessita o concurso da fantasia. Por outra parte, contribuem eficazmente para o progresso, pois num instante enchem a alma de uma luz e uns afetos muito superiores a tudo que ela, com grande esforço, teria podido de outro modo alcançar em muitos anos, e, longe de dar a conhecer a vaidade, deixam-na humilde e confusa, fazendo-lhe conhecer seu próprio nada e ver que tão excelentes frutos não provêm de sua colheita[1060].

As *imaginárias*, embora resultando às vezes – à juízo de Santa Teresa – mais proveitosas, por estarem mais conformes com nossa condição, por si mesmas têm uma eficácia muito menor[1061]. Ademais estão sempre muito

---

1060 "Acontece, escreve Santa Teresa (*Mor.* 6, c. 10), estando a alma em oração e muito em seus sentidos, de repente lhe vir uma suspensão, aonde lhe dá o Senhor a entender grandes segredos, que parece que os *vê no próprio Deus*... Embora diga que *vê*, não vê nada; porque não é visão imaginária, mas muito *intelectual*, aonde se lhe revela como em Deus se vêem todas as coisas e as tem todas em Si mesmo. E é de grande proveito, porque embora passe num momento, fica muito esculpida e causa grandíssima confusão".

1061 "Em alguma maneira, diz a Santa (*ib.* c. 9), me parecem mais proveitosas, porque são mais conformes ao nosso natural... Quando Nosso Senhor é servido de regalar mais esta alma, mostra-lhe claramente sua sacratíssima Humanidade da maneira que quer..., e embora com tanta presteza, que a poderíamos comparar a de um relâmpago, fica tão esculpida na imaginação essa imagem gloriosíssima, que tenho por impossível retirá-la até que a veja aonde para sempre a possa desfrutar.

expostas a enganos; pois, por uma parte, podem imitá-las – e com freqüência as imitam – a natureza e o demônio; e por outra, mesmo sendo legítimas, costumam não poucas vezes, sobretudo nos princípios, ser mal-entendidas ou interpretadas.

As *sensíveis*, ao contrário, embora naturalmente menos eficazes por si mesmas, contudo são mais seguras; pois embora o inimigo possa falsificá-las, transformando-se em anjo de luz, não é tão difícil distinguir a fraude; e, à primeira vista, não há perigo de que uma cabeça sã e bem equilibrada se alucine ao ponto de fabricá-las ela mesma, e logo aceitá-las. Mas, por serem as mais *raras e extraordinárias*, e as que mais poderiam se prestar a vaidade e apegos, são também as que menos devem se desejar e as que mais precauções requerem.

No entanto, os místicos têm regras seguríssimas para distinguir o *divino* do *natural* e do *diabólico*[1062]. – É reconhecido sobretudo pelos frutos; pelos efeitos e afetos que na alma se produzem em conseqüência das diferentes visões ou locuções.

As *divinas* sempre mostram a marca de sua origem nos bons efeitos de humildade, mansidão, modéstia, docilidade, paz, caridade etc., e estímulo para o bem, que por si mesmas produzem ou tendem a produzir; por mais que a alma possa abusar, comprazendo-se nelas, e deixando assim o fruto pela folha vã que a adorna, ou se apegando aos dons com certo esquecimento do Doador, ou não se empregando unicamente para os santos fines

---

Embora diga *imagem*, entenda-se que não é pintada, ao parecer de quem a vê, mas verdadeiramente *viva*, e algumas vezes está *falando* com a alma, e ainda mostrando-lhe grandes segredos... Quando possa a alma estar com muito espaço olhando este Senhor, eu não creio que será visão, senão alguma vêemente consideração, fabricando na imaginação alguma figura; será isso como coisa morta em comparação com a outra".

"Essas visões imaginárias, adverte por sua vez São João da Cruz (l. c. 16), acontecem nos aproveitados mais freqüentemente que as exteriores corporais...; porque são mais sutis e fazem mais efeito na alma... Embora não se tire por isso que algumas corporais façam mais efeito, que enfim é como Deus quer que seja a comunicação".

1062 Cf. Bento XIV, *De serv. Dei beatific.* l. 3, c. 51-53, e nosso livro *Graus de oração* (1918), a. 4, p. 95-104.

que Ele deseja. Ademais permanecem fixas e indeléveis, inclinando sempre ao bem[1063]. Depois de muitos anos, por desmemoriada que esteja a pessoa, repetirá fielmente, sem alterar um til, todas as locuções e visões divinas que teve. Essas, a alma humilde as recebe com temor, mas logo a deixam cheia de doce paz, de consolo e de uma segurança acompanhada da mais perfeita docilidade. Mal poderá duvidar delas, embora todos lhe digam o contrário; e, no entanto, como humilde e obediente, agirá contra elas, se seu diretor lhe manda; porque sabe que tal é a vontade de Deus, que obedeça aos seus representantes, aos quais Ele mesmo se encarregará de iluminar e mesmo de fazê-los mudar de parecer no seu devido tempo[1064].

As *naturais* têm efeitos indiferentes, mutáveis e passageiros; com o tempo se esquecem e se confundem; e enquanto duram, embora seus efeitos pareçam muito bons, reconhece-se que não são obra de Deus, pela obstinação,

---

1063 A virtude divina que age nas verdadeiras revelações, advertia a Virgem à Venerável Madre Maria de Agreda (*Míst. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 14), "te induzirá, moverá, inflamará no amor casto e na reverência do Altíssimo, ao conhecimento da tua baixeza, a odiar a vaidade terrena, a desejar o desprezo das criaturas, a padecer com alegria, a amar a cruz e levá-la com esforçado e dilatado coração, a desejar o último lugar, a amar quem te persegue, a temer o pecado e odiá-lo, embora seja muito leve, a aspirar ao mais puro, perfeito e sólido da virtude, a negar tuas inclinações, a te unir com o sumo e verdadeiro Bem. Esse será o sinal infalível da verdade com que te visita o Altíssimo por meio de suas revelações, ensinando-te o mais santo e perfeito".

"Como Eu sou a Verdade, dizia o Senhor à Santa Catarina de Sena (*Vida* 1ª p., 9), minhas visões a comunicam à alma, fazendo-a conhecer-se e conhecer-me, e levando-a a desprezar a si mesma e Me honrar. Deste modo, humilham-na fazendo-a compreender a verdade do seu nada. O contrário acontece com as do maligno; como pai da mentira e princípio do orgulho, não pode dar senão o que tem".

1064 Cf. Santa Teresa (*Vida* c. 26, n. 5). – "É Deus tão amigo que o governo do homem seja por outro homem, que totalmente quer que não demos inteiro crédito às coisas que sobrenaturalmente comunica, até que passem por este canal humano da boca do homem". E assim dá inclinação "para que se diga a quem convém se dizer, e até isso não costuma dar inteira satisfação" (São João da Cruz, *Aviso* 186; *Subida* l. 2, c. 22). E é porque ainda quando a alma tenha, por meio dos dons e carismas, uma certeza superior que a impede de duvidar, por muito que os homens a contradigam, não por isso fica totalmente satisfeita até se certificar também *humanamente* por meio das virtudes da fé e obediência etc. Por isso deve proceder com maturidade e conselho.

"Detenha-se muito, diz a Ven. Madre Maria de Agreda (*l. c.*), em crer e em excetuar o que lhe pede a visão, porque será muito mau sinal e próprio do demônio querer logo, sem acordo nem conselho, que se lhe dê crédito e obedeça".

inconstância, frouxidão, frieza ou vaidade da pessoa, pois sempre tendem por si mesmas a buscar o próprio regalo e conveniência ou a comprazer o amor-próprio.

As *diabólicas*, junto com a obstinação, frieza e soberba, deixam sempre certa turbação, um humor insípido e uma dissimulada tendência ao mal, embora no princípio sejam recebidas com gosto e com aparentes sinais de bons efeitos[1065].

Em si mesmas, as *divinas* costumam ser mais rápidas e ao mesmo tempo claríssimas; ao passarem como um relâmpago, iluminam, confortam e se gravam de tal modo que não deixam lugar a dúvidas; pois jamais a imaginação nem o próprio demônio poderiam representar coisas de tanta beleza e nobreza. Ademais são repentinas e sem o menor preparo; antes, se com certo apego se buscam, não vêm, e ao desejar que continuem, ou ao se fixar nelas, desparecem; enquanto que as falsas são mais ou menos provocadas, duram muito, podem se prolongar e examinar com curiosidade, são incomparavelmente menos claras e nobres e, além da obstinação característica, deixam a alma perturbada e duvidosa, inquieta, volúvel, soberba e mal-humorada. – Em suma, as *divinas* podem muito se distinguir por deixar sempre a alma cheia de luz, prudência, mansidão, bondade, paciência, paz, gozo, caridade, pureza e demais frutos do Espírito Santo[1066].

1065 Santa Catarina de Bolonha foi por muito tempo enganada com aparições do inimigo, que se apresentava sob a figura do Salvador ou da Virgem, como alentando-a em seus santos desejos e aconselhando-lhe virtudes supra-humanas, ou exigindo-lhe sacrifícios impossíveis, para induzi-la logo ao desespero ou incapacitá-la com uma tristeza mortal. Mas como, apesar de tudo, procurou se manter fiel e dócil, logo foi divinamente esclarecida e confortada. Cf. *Vida*, por Crasset, c. 2-3. "Quando o demônio se apresenta em forma de luz, dizia o Senhor à Santa Catarina de Sena (*Diál.* c. 71; *Tr. de la Oración* c. 7), a alma recebe primeiro certa alegria, que logo se desvanece e lhe sucedem as trevas, tédio e confusão no interior. Mas quando a visito Eu, que sou a Verdade eterna, sente no princípio um santo temor, e logo confiança e alegria, com suave prudência; de modo que, duvidando, não duvida, e crendo-se indigna de tal favor, ao mesmo tempo reconhece minha abundante benignidade, e se humilha e agradece".

1066 As visões que são obra de nossa imaginação, observa Santa Teresa (*Vida* c. 29), podemos as considerar ao nosso gosto; mas na que é divina, "nenhum remédio há disso, senão que a devemos olhar quando o Senhor a quer representar, e como quer, e o que quer, e não há tirar nem pôr; nem

Por aqui se compreenderá a diferença imensa que há entre as verdadeiras e as falsas. Daí que uma alma experimentada, sobretudo se se acha já em grau de *união* – e mesmo no de *quietude* –, tendo recebido uma só vez as divinas, notará muito bem, como observa Santa Teresa[1067], quão diversas são as outras; e se é dócil e humilde, nunca se deixará enganar[1068].

No entanto, os racionalistas, ao carecerem de toda experiência, crêem-se no direito de reduzir todas essas maravilhas do amor divino a puros fenômenos naturais; e em nome do *positivismo* lutam contra muitíssimas experiências e observações dos grandes místicos, todas muito mais *positivas*, mais seguras e mais certas que as demais. – Assim Ribot, ao reconhecer nobremente em Santa Teresa uma "fidelidade indiscutível" e uma "habilidade e delicadeza de espírito" que lhe permitem oferecer "o mais exato modelo de auto-observação", contudo pretende explicar *naturalmente* todas as suas visões, contemplações e êxtases. Mas o faz com o acerto com que um cego

---

modo para isso, embora mais façamos, nem para vê-lo quando quisermos, nem para deixá-lo de ver; querendo olhar algo em particular, logo se perde... Nenhuma coisa se pode; nem para ver menos nem mais faz nem desfaz nossa diligência. Quer o Senhor que vejamos muito claro que não é obra nossa, mas de sua Majestade... *Jamais me podia pesar de ter visto essas visões celestiais, e por todos os bens e deleites do mundo,* só uma vez não o tro*caria; sempre o tive por grande mercê do Senhor e me parece um grandíssimo tesouro*".

1067 Cf. Santa Teresa, *Vida*, c. 37.

1068 O Beato Hoyos (*Vida* p. 94-96) indica, entre outros, estes sinais, por onde pode se reconhecer se a visão é divina ou diabólica. Na divina, mostra-se como a própria realidade vivente de um corpo glorioso; na diabólica parece coisa pintada, segundo notava também Santa Teresa. "A do Senhor deixou a alma sem poder duvidar que era Jesus Cristo; e não creria em outra coisa se me despedaçassem", pois enquanto que a imaginação percebe a Humanidade, por visão intelectual se reconhece a Divindade; mas nas outras não cabe essa visão e ficam sérias dúvidas. Aquela do Senhor se mostra como no íntimo da alma; a outra no exterior. Aquela "trazia todos os bens à minha alma. A do demônio parece que os tirava". Por aqui se vê, acrescenta, "quão contrapostas são. Assim que duvido que o demônio possa enganar a quem tem experiência, e se enganou alguns, julgo que é por terem se envaidecido".

"O espírito maligno, diz São Francisco de Sales (*Amor de Dios* l. 8, c. 12), é turbulento, áspero, inquieto, e aqueles que seguem suas sugestões infernais, crendo serem inspirações do céu, podem ordinariamente ser conhecidos, pois são inquietos, teimosos, ferozes, atacados e revoltados; sob pretextos de zelo transtornam, censuram, brigam e murmuram de tudo, como gente sem freio, sem resignação e abnegação, que se deixam levar pelo amor-próprio sob o nome de zelo pela honra de Deus".

poderia julgar sobre os matizes das cores. Basta citar este exemplo: "Na oração de *recolhimento* (infuso), escreve[1069], posso ver apenas uma forma superior (da simples *meditação*), separada por um *matiz sutil* (!) e só apreciável para o místico". – Que é como se dissesse: o vermelho e o verde – ou melhor, o branco e o negro, ou a luz e as trevas – não diferem senão por um *matiz imperceptível*..., para quem não tem a vista. Pois não é menor a diferença que realmente media entre a *meditação laboriosa* e a *contemplação infusa*.

§ II. CONTINUAÇÃO. – LOCUÇÕES SUCESSIVAS, FORMAIS E SUBSTANCIAIS. – TRANSCENDÊNCIA DESTAS; CONTRAPOSIÇÃO DOS FENÔMENOS NATURAIS. – AS LOCUÇÕES E VISÕES INTELECTUAIS E AS NOÇÕES ESPIRITUALÍSSIMAS; A MONOIDEAÇÃO E A CIÊNCIA INFUSA; ADVERTÊNCIAS.

Para evitar lastimosos equívocos, bom será recordar as três maneiras de locuções, que São João da Cruz[1070] chama *sucessivas, formais e substanciais*. As primeiras – que são sempre *imaginárias* – se produzem em forma de diálogo, mais ou menos prolongado, em certas ocasiões em que a alma está muito embebida na contemplação de um assunto. Nesse diálogo ela parece ouvir interiormente como uma voz que responde suas dúvidas; e pela claridade e alteza das respostas se figura que não provêm dela mesma – pois nunca se lhe havia ocorrido tal doutrina –, e que, portanto, é o próprio Deus quem lhe fala. No entanto, mesmo quando sinta uma pia moção do Espírito Santo, que a *ilumina* e consola[1071], não é por isso Ele quem a *dirige*; ainda está a própria razão como na frente dessa psicologia sobrenatural; e assim é ela mesma que, com essa luz que recebe, fabrica todo o diálogo. Daí que, embora ordenado para seu bem, podem caber nele graves erros, mesmo nas próprias palavras que atribui a Deus, porque no final são suas próprias.

1069 *Psychol. de l'attention* p. 145.

1070 *L. c.*, c. 28-31.

1071 "Esta é, diz o próprio São João da Cruz (*ib.* c. 29), uma maneira daquelas em que ensina o Espírito Santo".

É certo que semelhantes locuções se parecem de certo modo a muitos fenômenos de simples *dualismo cerebral*... – Mas o próprio Santo foi também o primeiro a reconhecer isso; e por isso lhes tira toda importância e quer que a todo custo se tenham por *formaliter* humanas, embora obedeçam a essa pia moção, por ser a alma quem as provoca e as fabrica[1072]. Daí que versem sempre sobre o objeto que ela contemplava, e que lhe seja fácil prolongar esse diálogo, ou interrompê-lo distraindo-se; por isso mesmo não deixam tanta claridade e segurança, e com o tempo se esquecem ou se desfiguram.

As *formais* não são provocadas: ferem a alma como flechas, sem que ela em nada contribua para dispará-las. Referem-se: ora a verdades que de nenhum modo conhecia nem teria alcançado conhecer por sua própria habilidade; ora a assuntos totalmente estranhos aos que medita; e freqüentemente lhe vêm de repente quando está mais distraída ou ocupada em obras exteriores. E sempre vêm com grande eficácia e suma claridade; ouve-as distintamente sem perder nem uma só sílaba, nem poder deixar de ouvi-las por mais que queira se distrair. Assim nota e *sente* claro que é Deus quem fala, e não pode ter disso a menor dúvida, posto que Ele se deixa *sentir* com plena evidência[1073]. Por isso não esquece delas nem se confundem nunca;

1072 Assim repreende com tanta graça (*ib.*) as presunçosas "tolices" dos que "com quatro moedas de consideração", se sentem algumas locuções dessas, logo vendem tudo como divino, afirmando solenemente: "Disse-me Deus, "Respondeu-me Deus". E assim não é, "senão que na maioria das vezes eles mesmos quem dizem".

1073 "Nesta conversa que Deus tem com a alma, observa Santa Teresa (*Vida* c. 25), não hão remédio algum, mas embora me pese, me faz escutar e estar o entendimento tão inteiro para entender o que Deus quer que entendamos, que não basta querer, nem não querer. Porque se Aquele que tudo pode quer que entendamos, deve-se fazer o que Ele quer, e se mostra Senhor verdadeiro de nós. Se é coisa que o entendimento fabrica, por fina que seja, entende que é ele que ordena algo e fala..., e as palavras que ele fabrica são como coisa surda, fantasiada, e não com a clareza das outras... Embora as palavras não sejam de devoção, senão de repreensão, a primeira dispõe uma alma e a habilita, e enternece e ilumina, regala e acalma... É voz tão clara, que não se perde nem uma sílaba".
Quando Deus quer de mim algo, dizia uma alma experimentada (J.), "não aceita rejeição, nem meus múltiplos afazeres, nem que me retire e queira ignorar: tudo é inútil. Ele se mostra à alma quando quer e faz calar tudo, como soberano que é, faz-se escutar, e depois ordena e dispõe de modo que o que há de se saber se diga, embora a alma encontre repugnância ou trate de não lhe dar importância; assim vai manejando seus instrumentos, e assim maneja esse tão miserável".

e sempre resultam verdadeiras em si mesmas, embora às vezes fique algum erro em *entendê-las* ou *interpretá-las*. Quando se referem a assuntos futuros, ver-se-ão fielmente cumpridas, embora não sempre do modo que se espera. Assim, por mais que tudo pareça ir contra elas, a alma não perde a segurança de que hão de se cumprir, embora seja pelos meios mais inesperados e de um modo muito mais excelente do que ela imagina. – Essas, pois, em si mesmas são totalmente seguras; e, no entanto, o Santo aconselha prescindir delas, não só para evitar os erros de interpretação, mas também porque quanto mais prescinda – isto é, menos *apego* tenha a elas –, tanto melhor fazem sentir a eficácia de seus efeitos.

As *substanciais* são parecidas às formais, mas têm uma realização imediata e uma eficácia absoluta. Semelhante à palavra criadora: *Faça-se a luz*, ou das sacramentais, realizam o que enunciam. Se Deus diz deste modo para uma alma: "Ama-me e esquece-te das criaturas", ela no mesmo instante se sentirá abrasada num amor divino, eficaz, que se traduzirá em obras heróicas, e ao mesmo tempo cheia de desgosto para todo o terreno. Assim disse a Santa Teresa[1074]: *Já não quero que tenha conversação com os homens, mas com os anjos.* E ela ficou no instante transformada e tão livre de uma afeiçãozinha que por muitos anos tinha chorado sem a poder desenraizar, que desde então a horrorizava.

Dessas, reconhece o Santo que são de um valor inestimável e que nelas não cabe o menor engano[1075].

1074 *Vida* c. 24.

1075 "São de tanto momento e preço, escreve (*Subida* 2, c. 31), que são para a alma vida e virtude, e bem incomparável; porque talvez *lhe faz mais bem uma palavra dessas que tudo que a alma fez em toda sua vida.* Acerca dessas palavras, não tem a alma o que fazer... nem o que descartar, nem o que temer. Não tem de trabalhar para realizar o que elas dizem. Porque... Deus realiza nela e com ela; o que é diferente nas formais e sucessivas. Não tem o que descartar, porque o efeito delas fica substanciado na alma e cheio de bem de Deus... Não tem que temer engano algum, porque nem o entendimento nem o demônio podem se intrometer nisso... Assim essas palavras substanciais *servem muito para a união da alma com Deus*, e quanto mais interiores, mais substanciais são e mais aproveitam. *Ditosa a alma a quem Deus lhe falar! Fala, Senhor, que teu servo escuta*" (I Sm 3, 10).

O efeito que produzem não é variável ou passageiro, muito menos incerto ou inconstante, como aquele das intimações feitas aos hipnotizados; que às vezes não se cumprem ou se recebem com resistência, e em todo caso necessitam se repetir muitas vezes para alcançar a correção de algum vício, sem que esta chegue nunca, apesar de tudo, a ser firme e estável. Aquelas são sempre seguras e eficazes, e nunca se apagam da memória; nem, pelo mesmo motivo, realizam-se automaticamente, como as hipnóticas, mas a alma tem plena consciência da luz e energia que com elas recebe para cumpri-las[1076].

Por aqui se compreenderá quão imensamente esses fenômenos excedem os naturais. Mas ainda se compreende melhor se nos fixamos nas *locuções* e *visões puramente intelectuais*, ou nas demais *sensações*, *impressões ou notícias* espiritualíssimas, em que não intervêm palavras, nem símbolos, nem imagens, nem formas, nem figuras, nem nenhuma outra maneira de representação *sensível*, sem a qual jamais se verifica nenhum conhecimento *natural*[1077]. Consistem na repentina infusão de uma *idéia* mental simplicíssima, tão fecunda e luminosa como abreviada, num *verbum mentis abreviatum*, em que a alma descobre às vezes toda uma longa série de mistérios tão superiores ao alcance humano, que nem sequer depois de conhecê-los encontra na maioria das vezes nenhum tipo de palavras ou símbolos com que expressá-los ou representá-los[1078]. A linguagem mais elevada e os símbolos mais nobres,

---

1076 "Parece-me a mim, diz Santa Teresa (*Vida* c. 25), que eram necessárias muitas horas para me persuadir a que me sossegasse, e que não bastava ninguém; eis-me aqui só com estas palavras (*Eu sou, e não te desampararei; não temas)* sossegada, com fortaleza, com ânimo, com segurança, com uma quietude e luz, que num ponto vi minha alma feita outra, e me parece que contra todo o mundo disputaria que era Deus... Ó, que bom Senhor e que poderoso! Não só dá o conselho, mas o remédio; suas palavras são obras... Quem é este que assim Lhe obedecem todas as minhas potências, dá luz em tão grande obscuridade num momento e faz mole um coração que parecia de pedra?"

1077 "Fatentur omnes theologi, diz Suárez (*De Religione* l. 2, c. 14, n. 4), non implicare contradictionem elevari mentem hominis in hac vita ad *hoc genus contemplationis*, in quo intelligibile contempletur *sine ullius sensus cooperatione*". E isso Deus pode fazer, "*imprimendo*, como diz Santo Tomás (2-2, q. 173, a. 2; cf. q. 175, a. 4), *species intelligibiles ipsi menti*; sicut patet de his qui accipiunt scientiam, vel sapientiam infusam... Apostolis Dominus *aperuit sensum, ut intelligerent Scripturas*" (Lc 24, 45).

1078 "Quae verbis utcumque explicantur potissima non sunt: sed id, quod ipsi perfecti *sentiunt*, quando revera in Deum excedunt, eique intime uniuntur, neque verbis exprimi, neque intellectu comprehendi

muito longe de satisfazer – como capazes de dar uma idéia aproximada –, mais bem parecem blasfêmias que aproximações da verdade; e assim na impossibilidade de traduzi-la em linguagem humana, preferem todos os místicos admirá-la em silêncio para se aproveitarem dela e não a profanarem; porque verdadeiramente o que assim se lhes comunica – sobretudo quando é mediante certa *sensação espiritual* que provém de um *toque* divino – são *arcana verba quae non licet homini loqui*[1079].

O bem que essas *palavras de vida* produzem excede toda ponderação e é verdadeiramente inefável. Só pode ser conhecido e apreciado por quem o recebe (At 2, 17)[1080].

Por isso quando os grandes contemplativos se encontram obrigados a indicar de algum modo – ou o menos mal que possam – isso que *vêem* ou

---

potest. Qui tamen perfecti viri in nullis Dei donis quiescunt (Blósio, *Institut. spirit.*, c. 8, § 5).

1079 "Me é impossível, afirmava Santa Catarina de Sena (*Vida* 2ª p., 6), dizer outra coisa senão que *vi os arcanos de Deus*". "Creria pecar se com vãs palavras tentasse dizer o que vi; me pareceria blasfemar... Tanto dista o que minha alma contemplou de tudo que poderia vos dizer, que creria mentir falando-vos sobre". Cf. Santa Ângela de Foligno, c. 27.

1080 "Embora às vezes em tais notícias se digam palavras, adverte São João da Cruz (*Subida* 2, 26), bem vê a alma que não disse nada do que sentiu, porque não há nome adequado para poder nomear aquilo... Essas altas notícias amorosas *não as pode ter senão a alma que chega à união de Deus*, porque elas *são a própria união*; porque o tê-las consiste em certo toque que se faz da alma na Divindade; e assim o *próprio Deus é quem ali é sentido e saboreado*, e embora não manifesta e claramente, como na Glória, mas é tão elevado e alto toque de notícia e sabor, que penetra no mais íntimo da alma, e o demônio não pode se intrometer nem fazer outro semelhante, porque não há nem coisa que se compare: é impossível infundir sabor e deleite parecido. Porque aquelas notícias têm sabor do divino ser e da vida eterna, e o demônio não pode fingir coisa tão alta".

"Há algumas notícias e toques desses que faz Deus na substância da alma, que de tal maneira a enriquecem, que não só basta uma delas para tirar da alma, de uma vez, algumas imperfeições que ela não pôde tirar em toda a vida, mas a deixa cheia de virtudes e bens de Deus. E para a alma são tão saborosos e de tão íntimo deleite esses toques, que por cada um deles se dará por bem paga por todos os trabalhos que em sua vida tiver padecido, embora sejam inumeráveis, e fica tão animada e com tanto brio para padecer muitas coisas por Deus, que lhe é particular paixão ver que não padece muito... Essas mercês não se fazem à alma proprietária, porque são feitas com mui particular amor... *Aquele que me ama* – disse Nosso Senhor (Jo 14, 21) – *será amado por meu Pai, e eu lhe amarei e me manifestarei a ele*. Nisso se incluem as notícias e toques que acabamos de dizer, que manifesta Deus à alma que verdadeiramente Lhe ama".

sentem, necessitam apelar para circunlóquios e comparações, mas fazendo ao mesmo tempo constar que tudo isso não se aproxima nem remotamente ao que querem dizer, e que não se pode expressar *positiva*, mas só *negativamente*, com aquela sublime linguagem de São Dionísio[1081]: Não é verdade, nem sabedoria, nem bondade, nem beleza, nem luz, nem trevas, nem espírito, nem substância, nem nada do que se pode dizer ou pensar; porque transcende todas as nossas noções e é infinitamente mais e melhor que todas elas.

Nessa inefável forma lhes mostra Deus seus atributos incomunicáveis, tais como a *asseidade*, a eternidade, a imensidão, a onipotência etc., que os deixam cheios de estupor e de assombro; e em particular o adorável mistério da Trindade, que, ao mesmo tempo que assim os arrebata na mais surpreendente admiração, cativa-os e os embeleza, e os deixa abrasados no amor das três divinas Pessoas. – Aqui está o deslumbramento supremo da *grande treva*, que com incompreensível luz os ilumina ao mesmo tempo que os deslumbra, em que parecendo-lhes que não podem ver nada, penetram tudo incomparavelmente melhor que com uma *visão distinta* que lhes desse como certas *noções positivas*. Aqui é onde mais se enchem de luzes e mais alta, e ao mesmo tempo, mais clara idéia se formam dos divinos mistérios[1082].

Por isso, embora não possam expressar as sublimes verdades que assim se comunicam a ela, contudo aprendem nelas num momento muito mais e melhor do que em longos anos poderiam aprender em uma classe

---

1081 *Myst. Theol.* 5.

1082 Santa Ângela de Foligno se expressa nesta forma (*Vis.* c. 26): "O que minha alma vê não pode ser concebido com o pensamento nem muito menos expressado com palavras. Não vejo nada e vejo tudo: quanto mais na *treva* se vê este Bem infinito, tanto mais certo é e mais excede a tudo. Vejo que o demais são trevas ao lado d'Ele, sem que haja nada que possa se comparar a Ele. Quando a alma vê o divino poder, a divina sabedoria e a divina vontade, como aconteceu comigo mesma de um modo maravilhoso, não parece tanto. O que agora vejo é *tudo*; o demais é como em partes". "Eles mesmos – aqueles que padecem esses raptos – não sabem entender o que tanto nem como entendem; mas sabem que, se aquilo que começaram a entender não se acabasse, seria *vida eterna e gloriosa*, e é para eles a vida este entender sem me entender; porque naquela clara e resplandecente ignorância e treva se põe a alma numa celestial admiração que faz desejar mais aquela luz minha e majestade infinita". (La Figuera, *Suma espiritual* diál. 4).

de Teologia. Daí que, quando se põem a escrever, *more humano*, sobre os mais altos mistérios da fé, embora não tenham o menor estudo, falem com uma facilidade e desembaraço, e ao mesmo tempo com uma precisão, exatidão e segurança que espantam os melhores teólogos. – E é porque numa dessas compendiosas idéias que assim recebem, e nessas *notícias* inefáveis, aprendem de um só golpe toda uma ciência. – Com razão declara o próprio Ribot[1083] "que só os grandes místicos em suas altas contemplações transpassam a região das *imagens* e chegam à das *idéias puras*, alcançando às vezes um completo *monoideísmo*"[1084]. – Mas devia também reconhecer que não podem chegar por suas próprias forças; pois nunca nem a maior e mais ilustrada inteligência humana alcançou concentrar toda uma vasta ciência numa só idéia simplíssima e nela ver distintamente todo seu conteúdo e virtualidade[1085].

1083 *Psychol. de l'attent.* c. 3; *Maladies de la volonté* c. 5.

1084 "Cravava eu meu olhar com imenso gozo na vontade de Deus, em seu poder, em sua justiça, e sobre todas as minhas esperanças, bebia com transporte a inteligência dos mistérios; mas sua manifestação está vedada às palavras... Depois fui arrebatada à maior altura, onde eu já não vi nada de tudo isso... Vi uma *Unidade eterna, indizível*, de que só posso dizer que é todo bem... Entrava no *inenarrável*... Todos os estados que tinha conhecido eram inferiores a esse. Essa visão deixou em mim a *morte dos vícios e a segurança das virtudes*". (Santa Ângela de Foligno, c. 24).

"Neste estado, diz o Beato Suso (*La unión divina* 7), a alma não conhece já nem formas nem imagens, nem multiplicidade; encontra-se no esquecimento e ignorância de si mesma e de todas as criaturas, porque não vê, nem conhece, nem sente mais senão a Deus, e ali sem nenhum esforço, sem nenhuma aplicação, atraída só por Deus, e confundida com Ele por sua graça, eleva-se acima de si mesma e se encontra absorta e sepultada no abismo da divindade, onde saboreia todas as delícias da bem-aventurança. Mas, - ai! - todas as minhas palavras não são mais que figuras e imagens tão desproporcionais a essa sublime união misteriosa e acima de toda comparação, como o sol difere da escuridão da noite".

Como o que ali vêem transcende infinitamente todas as nossas noções e todo o criado, não pode se parecer a nenhum dos objetos conhecidos, e, não se parecendo *a nada*, em sua unicidade absoluta, não é possível representá-lo adequadamente por nenhum símbolo.

1085 "Quando Deo excellenter unitur (anima), iam nihil ei praeteritum, nihil futurum est; sed ipsa aeternum NUNC tenet, atque in illa incommutabili aeternitate (quae Deus est) habet omnia, et supremum ordinem distinctionemque imaginum seu formarum expertem cognoscit. Sic anima, intellectu transcenso, revolat in *ideam suam*, et principium suum Deum, ibique efficitur *lumen in lumine*. Tunc sane restingnuntur, et offuscantur lumina omnia naturalia atque infusa, quae infra hoc

As *visões intelectuais* em geral são a simples *intuição mental*, ou totalmente *espiritual*, de uma verdade qualquer ou de um mistério, que parece como que se está *vendo*; mas não com os olhos nem com a imaginação, senão só com a pura inteligência, sem que intervenha forma nem imagem alguma, como nas respectivas *locuções* em que a verdade parece *se ouvir espiritualmente*: e isso mesmo quando se referem a coisas sensíveis ou materiais. – Tal visão da Sagrada Humanidade de Nosso Senhor teve por muito tempo Santa Teresa, a quem estava certíssima O ter sempre presente à sua direita, acompanhando-a por todas as partes, animando-a e consolando-a, sem O ver com nenhum sentido; mas com uma certeza muito superior à sensível, pela qual a Santa andava tão maravilhada[1086]. Essas visões podem durar, como por aqui se vê, até dias e anos; e são eficacíssimas, sem dar lugar a nenhuma ilusão[1087].

---

lumen unquam emicuerunt... Nam quando lux increata exoritur, lux creata evanescit. Ergo lux animae creata, in aeternitatis lucem commutatur" (Blósio, *Inst. spirit.* c. 12, § 4).

"*Senti*, diz a V. Micaela Aguirra (*Vida* l. 3, c. 7), com grande eficácia, que era Deus. Mas se me perguntam o que *vi*, não sei dizer senão: *Ele mesmo.* Porque via uma luz, uma simplicidade, uma claridade e toda a uma beleza e abundância, plenitude e satisfação. Não sei fazer comparação... A todos os santos e tudo via como n'Ele... Me fazia prostrar o peso da Grandeza que sentia... Ia me desfazendo com isso que entendia e sentindo suma pobreza e miséria. Via que os seus olhos me olhavam e desfaziam, como fogo, minhas culpas. Não sei como se atreveu minha alma – mas às vezes acontece que se levanta e pede para entrar n'Ele – e dizia: Ó, Deus, amor e bem infinito!... Leva-me e transforma-me, vida minha e todo meu Bem. Faz e dê forças para que eu possa levar teu amor". Cf. Santa Ângela de Foligno, c. 21-27; Marina de Escobar, *Vida y obras* t. 1, l. 3, c. 1.

1086 "Sentia, diz (*Mor.* 6, c. 8), que andava (Nosso Senhor) do lado direito; mas não com esses sentidos que podemos sentir que está perto de nós uma pessoa, porque é por outra via mais delicada..., e com tanta certeza, e ainda muito mais, porque aqui já se podia parecer; e isso não; que vem com grandes ganhos e efeitos interiores, que não os podia ter se fossem melancolia, nem tampouco o demônio faria tanto bem, nem andaria a alma com tanta paz e com tão contínuos desejos de contentar a Deus, e com tanto desprezo de tudo o que não leva a Ele... Enfim, no ganho da alma se vê ser grandíssima mercê, e *quão muito é de se apreciar e agradecer* o Senhor..., e por nenhum tesouro nem deleite da terra a trocaria".

1087 "In visionibus intellectualibus rerum corporearum, diz Alvarez de Paz (*De grad. contempl.* 5, p. 3ª, c. 12), distinguenda est triplex visio: una obscura, alia omnino clara et intuitiva repraesentans rem prout in se est, et alia media... Potest Christus Dominus et Virgo Beata, et aliqui ex Sanctis, ab anima contemplante videri, licet nulla sit in imaginatione personae apparentis imago... Ad hunc modum datur

Na série dos fenômenos naturais não há nada que nem remotamente possa se parecer com isso.

Convém advertir que, se as locuções *sucessivas* são sempre *imaginárias*, as *formais* e as *substanciais* podem não o ser, e serem percebidas com o ouvido ou só com a inteligência. Ordinariamente costumam se reduzir a breves, porém enérgicas e nobres, frases, tais como: "Eu sou, não temas", com que fica a alma consolada e livre de todas as suas dúvidas; ou: "Ama-me" – "Serve-me de verdade" – "Toma tua cruz e siga minhas pegadas ensangüentadas" – "Ora e sofre por tantos extraviados" – "Purifica teu coração e deixa-me morar nele; já vês quantos me fecham o seu". Ou, se ela se queixa, mostra-se com sua pesada cruz, dizendo-lhe: "E Eu o que fiz para que assim me tratassem?" – Quando essas palavras são *formais*, ajudam e ensinam a cumprir o que nelas se diz, embora façam sentir certa dificuldade ou repugnância[1088]; mas quando são *substanciais*, elas mesmas se executam de modo que a alma encontra tudo feito; umas ensinam, as outras realizam; umas dirigem e iluminam, e as outras renovam. Assim, com semelhantes frases – que não são raras, mas muito mais freqüentes do que vulgarmente se pensa – se confortam e alentam as almas para seguirem animadas as pegadas do Esposo; ou, reformam-se de modo que venham a se configurar

animae alicuius viri spiritualis visio intellectualis Christi, et Sanctorum, qua absque praevia imaginatione Dominum, et cives eius caelestes videant, ut ardentius et spiritualius, sanctis affectibus incalescant. Datur ergo ad hoc quaedam lux, quae aut est, aut reducitur ad lumen propheticum, qua mens sublevata ita perfecte res divinas inspicit, ut videatur statum huius mortalitatis excedere. Et vere *secundum sublimitatem cognitionis, est et vitae sanctitudo.* Accipit enim anima tunc efficacissima auxilia ad sancte vivendum, et sine querela inter homines conversandum. Mirum est quam lynceos oculos habeat, ut vel minimas, et quasi invisibiles imperfectiones fugiat. Nam ille sol iustitiae tam prope eam positus minima etiam revelare non praetermittit. In hoc statu bona opera sic exeunt omnibus numeris absoluta, ut nihil in eis inveniat humanum iudicium, quod possit desiderari.

...In hac visione si mere intellectualis est, nulla potest illusio daemonis intercedere... Solus enim Deus potest memoriam intellectivam in bono figere... Solus ille potest sine concursu sensuum inclinare voluntatem ad bonum".

1088 Essa repugnância, observa São João da Cruz (*ib.* c. 30), Deus a deixa ordinariamente quando manda coisas em que pode haver alguma excelência para a própria alma; enquanto que "nas coisas de humildade e baixeza lhe dá mais facilidade e prontidão".

com Ele. – E não se creia que tais palavras são *contagiosas*, porque várias pessoas, em idênticas circunstâncias, ouvem expressões quase idênticas; pois as ouvem sem saber que tinham sido ditas a alguém, e, por isso, quando são de excessivo carinho, causam-lhes muita confusão e estranheza.

Ademais, quando Deus se mostra a elas e lhes fala de modo totalmente *intelectual*, infundindo-lhes essa luz celestial que tanto as ilumina ao mesmo tempo que as confunde e deixa atônitas, como essa maneira de comunicação de repente as instrui em tudo e é para elas tão nova, tão estranha e tão inesperada, não cabe nela nenhum tipo de contágio; assim como, por ser tão notoriamente superior à natureza, não cabem enganos nem ilusões[1089].

E precisamente essas locuções totalmente espirituais são as freqüentes e mesmo quase as únicas em muitas almas muito adiantadas na contemplação; porque essas puríssimas comunicações de luz sobrenatural nunca podem faltar no *processo ordinário* da *vida mística*, enquanto as locuções ou visões *imaginárias* e *exteriores*, pelo mesmo motivo que não são tão necessárias nem estão isentas de perigos e enganos, faltam muitas vezes.

O que até aqui foi dito poderia bastar para dar certa idéia dos fenômenos mais sobressalentes da divina contemplação. Mas como vivemos numa época de tão bruto naturalismo, em que aos próprios católicos se faz difícil crer, ou lhes parece vergonhoso admitir essas comunicações

---

1089 Por isso são tão desejáveis, e Santo Ambrósio na preciosa oração preparatória para a Missa – repetida por todos os sacerdotes – as pede com tanto fervor dizendo: *Intret Spiritus tuus bonus in cor meum, qui sonet ibi sono, et sine strepitu verborum loquatur omnem veritatem.*

"Dai-me, Senhor, diz por sua vez Santo Agostinho (*Medit.* c. 40, n. 5), um entendimento que vos conheça e uma capacidade que vos entenda; dai-me *ouvidos que vos ouçam e olhos que vos vejam*; e desfazei as trevas de meu coração com os claríssimos raios de vossa luz". – "Calem em tua presença, Senhor, todas as criaturas, acrescenta Kempis (l. 1, c. 3, n. 2), e *fala-me só tu*".

"Essas *inteligências*, diz Madre Maria de Agreda (*l. c.*), são de admirável utilidade e proveito, porque iluminam altamente a inteligência, inflamam com incrível ardor a vontade, esclarecem, desviam, levantam e espiritualizam a criatura; e talvez parece que até o próprio corpo terreno e pesado fica leve e sutil em emulação santa da própria alma... Fora do conhecimento da Divindade, é o mais nobre e seguro; porque nem os demônios nem os próprios anjos podem infundir essa luz sobrenatural na inteligência".

da alma com Deus, cremos oportuno insistir sobre os fundamentos da *iluminação* das almas mediante essa participação da própria *luz e verdade* eternas que resplandecem na Face de Nosso Senhor Jesus Cristo (II Cor 4, 6).

CAPÍTULO VIII
O ESPÍRITO DE REVELAÇÃO

§ 1. – OS SENTIDOS SOBRENATURAIS. – O "SENTIDO DE CRISTO" E SUAS VARIADAS MANIFESTAÇÕES: TATO, OLFATO, PALADAR, AUDIÇÃO E VISÃO ESPIRITUAIS; A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO, E AS EMOÇÕES CORRESPONDENTES; CONDIÇÃO SOBRENATURAL: SENSAÇÕES PASSIVAS E ATIVAS DO DIVINO.

Para compreender melhor em que consiste a experiência sobrenatural – ou seja, dos mistérios da vida da graça – e formar-se uma idéia mais adequada da contemplação e da mística união, convém recordar que, com essa vida, recebemos, como em gérmen, todas as faculdades necessárias para exercitá-la, desenvolvê-la e levá-la à sua plena realização; assim como, junto com a vida humana, recebemos as potências corporais e mentais com que pouco a pouco haverá de se manifestar e desdobrar. Num princípio, vive-se de forma totalmente inconsciente; mas logo, excitados e desenvolvidos os sentidos exteriores, despertam os interiores, com cujo exercício vem a despertar a própria consciência.

Coisa análoga se passa no sobrenatural. Recebe-se essa vida na regeneração do batismo e se corrobora logo com a virtude do Espírito Santo, que nos faz órgãos ativos do corpo místico do Salvador, e capazes de dar testemunho d'Ele em nome de sua Igreja. E todo *testemunho* se funda numa *experiência* proporcionada. Por isso se comunica a nós o *sentido* do divino, *sentido da fé*, *o sentido de Cristo*, para perceber de certo modo os mistérios da vida que de nosso Salvador recebemos, e saber apreciar os dons que nos foram comunicados, e não proceder como *insensatos* diante das coisas de Deus: *Nos autem sensum Christi habemus* (I Cor 2, 16): *ut sciamus quae a Deo donata sunt nobis* (I Cor 2, 12). *Dedit nobis sensum, ut cognoscamus verum*

Deum (I Jo 5, 20). *Sensum autem tuum quis sciet, nisi Tu dederis sapientiam, et miseris Spiritum S. tuum de altissimis: et sic correctae sint semitae eorum qui sunt in terris?* (Sab 9, 17-18). *Propter hoc optavi, et datus est mihi sensus* (Sab 7, 7).

Esse sentido se desperta, desenvolve e diversifica com o reto exercício, com as excitações da graça do Espírito Santo e com nossa livre e fiel cooperação. Assim refere São Lucas (Lc 24, 25) que o Senhor *abriu* aos apóstolos o *sentido*, para que entendessem as Escrituras. Esse sentido eles já o tinham, mas estava como adormecido. E por isso eles ainda não conseguiam perceber os mistérios encerrados nas divinas lições que ouviam, ou não os entendiam. Mas com esse despertar, começaram a ver, em todas as coisas do Salvador, o fiel cumprimento das profecias – e mesmo o presságio da vida da Igreja –, e a se maravilhar por terem estado até então tão cegos (Lc 24, 31-32; At 11, 16 etc.).

Como destinado a perceber coisas sobrenaturais, o *sensus Christi* é completamente *espiritual e divino*; mas ainda assim, à medida que se aperfeiçoa e diversifica, vai oferecendo certas analogias com os diversos sentidos corporais, externos e internos[1090]. Apresenta-se às vezes como uma maneira de *tato orgânico*, passivo e confuso, que nos permite *sentir* certa vaga impressão – grata ou dolorosa – do sobrenatural, com a qual, mesmo sem nos darmos conta, certificamo-nos das realidades místicas; sentimos as divinas moções e inspirações, e notamos a solidariedade do organismo da santa Igreja, e a comunicação de influências entre os diversos membros, fazendo que "nos alegremos com aqueles que se alegram, e choremos com aqueles que choram" (Rom 12, 15).

Esse *tato*, depois de muito desenvolvido e aquilatado, faz-se tão sútil e tão fino, que sente mesmo os menores males do próximo; tão delicado, que sofre dores insuportáveis diante da ruína dos pecadores e das feridas da Igreja, e, tornando-se *ativo* e *consciente*, permite às almas muito adiantadas distinguir os suavíssimos e inefáveis *toques* do Espírito de amor e os eflúvios de vida e de graça que faz circular por todo o Corpo místico. Então elas

1090 Cf. São João da Cruz, *Subida del monte Carmelo* l. 2, c. 23.

terão já plena e absoluta certeza de quem é aquele que assim as acaricia e regala[1091]. Isso é o que tão ardentemente as faz desejar os ternos "abraços e ósculos" do Amante divino, pois tão acostumadas estão já a se nutrir em seus peitos[1092]. E tão por experiência sabem que suas doçuras superam as de todos os gostos e consolos terrenos: *Dulciora super mel et favum* (Sl 18, 11; 118, 103), e que sua celestial fragrância cativa e atrai mais que todos os aromas, que não poderão menos que exclamar: *Osculetur me osculo oris sui; quia meliora sunt ubera tua vino, fragantia unguentis optimis* (Ct 1, 1-2).

Por isso, embora se oculte delas atrás do muro deste corpo mortal, notam que as está olhando e observando como através de treliças: *En ipse stat post parietem nostrum... prospiciens per cancellos* (Ct 2, 9), e, cativas de seu amor, sentam-se à sua sombra, como junto à verdadeira árvore da vida, cujos frutos são tão saborosos ao paladar são (Ct 2, 2)[1093].

1091 "*Tactus* active sumptus important actionem Dei *intime tangentis animam.* Tactus passive sumptus importat immediatum huius intimae actionis effectum in anima, qui proprie dicit sensum suavissimum animae tali causatum actione" (Felipe da Santíssima Trindade p. 2ª, tr. 3, d. 4, a. 6. Cf. Santo Tomás, *De verit.* q. 28, a. 3, c.).

1092 *Ad ubera lactabimini* (Os 2, 14). – Esses *peitos* são sua própria Divindade e sua santa Humanidade. – "Com o peito de vossa Divindade, dizia Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p. c. 8), dais à alma um leite tão doce e suave, que quando ela saboreou essas delícias faz como as crianças que gritam ao serem desmamadas, e só derramando lágrimas aceitam, para não morrerem de fome, o pão que lhes é dado. – Assim tratais, ó Verbo, a alma que conduzis ao peito de vossa Humanidade, isto é, à imitação de vossos sofrimentos. Que dor experimenta ela ao se ver arrancada do suave peito de vossa Divindade e privada das doçuras que comunicais aos contempladores de vossas grandezas! – Preciso é ter passado por essa provação para compreendê-la. – Quando a alma sai desta luz inacessível, parece-lhe entre num bosque sombrio, donde não vê mais que trevas, e onde teme continuamente vir a ser presa de animais ferozes".

1093 "São tais as finezas de amor que este amorosíssimo Senhor faz às almas, dizia o Beato Bernardo de Hoyos (cf. *Vida*, pelo Pe. Uriarte, p. 44), que não são críveis senão àquele que por experiência as conhece. É um resplendor da glória, é uma coisa divina, é uma celestial loucura, é um santo desatino..., enfim, é estar a alma gozando daqueles divinos peitos, recreando-se nos braços de seu Amado como alguém que, aquecido por grande calor, põe-se à sombra de uma árvore; é se desfazer suavemente, é se derreter, abrasar-se e se consumir, sem acabar, em chamas de amor".

"*Recebi de sua boca leite e mel*, dizia Santa Inês. – "Essa boca, observa Santa Maria Madalena de Pazzi (3ª p., c. 16), é a Humanidade do Verbo; o mel é sua caridade; o leite, certo *gosto* da suavidade divina, um *sentimento* da Divindade que a alma experimenta conforme sua disposição. Ora, quando

Temos, pois, aqui já uma maneira de *tato*, de *paladar* e de *olfato* espirituais que permitem sentir e apreciar essas maravilhas do amor divino, que é incapaz de perceber o *animalis homo*, e de reconhecer e estimar as *pérolas preciosas*, que não são para os seres imundos. E não só são percebidas, mas, como *o espiritual julga tudo*, pode *senti-las e apreciá-las* de maneiras muito variadas, mas às vezes por certa analogia com os distintos modos de perceber as coisas naturais. Daí que, por falta de outras palavras com que expressar melhor esses sentimentos, todas as almas experimentadas utilizem, como por instinto, esses vocábulos ordinários de *contato*, *sabor*, *perfume* etc[1094]. Esse perfume se sente num princípio como de longe, emitido por algo misterioso que nos atrai e cativa sem que saibamos como nem porquê, mas que mesmo assim nos afeiçoa e faz que o desejemos, embora ainda não possamos *saboreá-lo*; assim atraia a Santa Agostinho[1095], *quasi olfacta desiderantem quae comedere nondum posset*[1096].

Deus comunica à alma a menor partícula dessa suavidade, recebe uma fortaleza e uma audácia tais, que por amor d'Ele afronta os braseiros ardentes, as agudas espadas e os mais horríveis martírios. Esse sentimento da Divindade, por leve que seja, basta para fazer-lhe perder em parte o sentimento da dor, como se viu, não só em Santa Inês, mas em outra multidão de mártires, cujos corações superabundam de gozo no meio dos suplícios... Esse sentimento, como o leite, tem sua origem no interior da Divindade; e é como uma emanação da substância divina que a alma recebe por meio do Verbo Encarnado".

1094 "Amantes, diz o Beato Bartolomeu dos Mártires (*Comp. myst.* c. 13, § 3), spirituali quodam *tactu, gustu, olfactu, tangunt, gustant, olfaciunt Deum* (quod tamen non licet speculantibus), ac proinde dicuntur certo modo *videre Deum*... Similes namque sunt parvulo matrem amplexanti, ubera sugenti, qui plerumque nil videt, aut audit, aut saltem se videre et audire non iudicat, experimentali solum delectatione et notitia occupatus".

"Pelos *sentidos espirituais*, diz Santo Alberto Magno (*Compend. theol. verit.* l. 5, c. 56), *percebe* a alma os espirituais encantos do Esposo, *experimenta* sua doçura e sente o perfume que Ele exala, e O *ouve*..., e O *toca*". "Sensus spirituales dicunt *perceptiones mentales* circa veritatem *contemplandam*" (São Boaventura, *Breviloquii* p. 5ª, c. 6; cf. *De 7 donis S. S.*, 1ª p., c. 3).

1095 *Conf.* l. 7, c. 17.

1096 "A alma justa, adverte Santo Ambrósio (*In Ps.* 118, serm. 6), é esposa do Verbo. E se arde em desejos e ora incessantemente, tendendo verdadeiramente para Ele, costuma notar de repente como que *ouve* sua voz sem o ver, e que sente de um modo intimo o *perfume* de sua Divindade; coisa que *acontece com freqüência* aos que têm muita fé. O *olfato* da alma fica num instante cheio de uma graça espiritual, e sentindo um doce sopro, que lhe indica a presença d'Aquele a quem

Mas a alma que alcançou já *saborear* a verdade divina, logo reconhece seu *perfume*, e sabe de quem provém; e por isso exclama: Óleo derramado é *teu nome! Atrai-me: atrás de Ti correremos ao perfume de teus ungüentos!* (Ct 1, 2-3)[1097]. Esse sagrado perfume, o Salvador o emite por Si mesmo e por todos os seus membros santificados, que já podem em verdade dizer com o Apóstolo (II Cor 2, 15): *Somos o perfume de Cristo!* E esse aroma da divina fragrância que exalam os perfeitos cristãos purifica e cura o ambiente, preserva o mundo da corrupção, e, penetrando os corações sinceros, vai ganhando-os para Deus: tal é a vivente pregação do bom exemplo.

Depois do *olfato* vem o *paladar* das coisas divinas, e após o paladar o *contato* misterioso da própria Realidade (Ct 1, 1-2; 11, 2-3), e depois de tudo isso a percepção como que auditiva das *harmonias* divinas, com que se fazem já neste desterro *cantáveis* as justificações de Deus (Sl 118, 54), e se abrem os olhos da inteligência para ver a Verdade: "*Saboreai e vede* quão suave é o Senhor" (Sl 33, 9). "Senhor, *ouvi* tua voz, e *temi*" (Hab 3, 2). "Por teus mandamentos (que ouvi) entendi e odiei a maldade" (Sl 118)[1098]. E assim, uma vez *ordenada a caridade* com embriaguezes de amor, que deixem o coração bem purificado, poderá já *ouvir* claramente a alma *a voz do Amado* e *ver* como vem, saltando monte e colinas, para visitá-la e consolá-la e *falar-lhe ao coração* com íntima familiaridade (Ct 2, 6-8-10; Os 2, 14).

---

ela busca: eis aqui, exclama, a quem eu busco e desejo!". – "Com freqüência acontece nas visitas divinas, acrescenta Cassiano (*Confer*. 4, c. 5), o ficar cheios de *perfumes* de uma suavidade não conhecida pela destreza humana; de modo que a alma, desfeita em gozo, arrebata-se e esquece de seu corpo".

1097 "Desça, Senhor, ao meu coração o suavíssimo *perfume* vosso e entre nele vosso dulcíssimo amor. Venha a mim o *sabor* admirável de vossa doçura e o regalo indizível de vossa fragrância, que desperte e avive na minha alma os desejos das coisas celestiais e tire de meu coração veias de água correntes para a vida eterna... Eu tenho *sede, fome* e desejos de Vós; por Vós suspiro e anseio, e sou como uma criancinha que, privada da presença de seu carinhosíssimo pai, chorando e gemendo sem cessar, quando volta a ver a sua face, abraça-o com todo o afeto de seu coração" (Santo Agostinho, *Meditaciones*, c. 35 y 41).

1098 Cf. Rev^{mo}. Pe Cormier, *Lettre* à *un* étudiant *en Ecr. S.* p. 9.

Vemos, pois, que essas diversas maneiras de sensações espirituais conduzem gradualmente à *audição e visão conscientes* e ainda à plena *inteligência*[1099]. Ao mesmo tempo, cada uma dessas percepções dá origem às correspondentes *afeições* e *apetites* sobrenaturais: *temor* de Deus, ódio do mal, *amor, reverência, admiração, gozo, quietude, adesão* etc.: *Defecit caro mea, et cor meum: Deus cordis mei... Mihi adhaerere Deo bonum est* (Sl 72).

Do mesmo modo, a esses sentidos divinos, representados pelos cinco externos, acrescentam-se outros análogos aos internos, *imaginação* e *memória*, que reproduzem, representam ou recordam essas impressões divinas, e ainda um tipo de *estimativa*, que *pressente* e *aprecia* de um modo *espontâneo*, sem refletir, e se adianta à *inteligência* para fazer amar e agir santamente como por um divino *instinto*[1100]; porque esses sentidos também suscitam os correspondentes afetos: *Memoria memor ero, et tabescet in me anima mea.*

1099 "Dantur animae oculi, diz Alvarez de Paz (V. 3, 14), quibus Deum videat, id est, lumen supernaturale et divinum, quod ad tantam ac tam mirabilem visionem sufficiat. Hoc non est lumen fidei, nec lumen sapientiae tantum: quod ad sic videndum parum est... Sed..., quod fidem et sapientiam roboret, atque perficiat... Sic animae immittitur quaedam perfectissima, et supra omnem captum nostrum pulcherrima notitia, et veluti imago Dei, non quidem ab ipsa..., elaborata, sed subito Dei ipsius virtute et miseratione infusa. Qua supernaturali modo in intimis recessibus suis clarissime cognoscit, et quasi videt perspicatius quam si oculis corporeis lucem corpoream videret. Videt, inquam, Deum ut unum, et ut Trinum, et quomodo Pater generat aeternaliter et ¡nvariabiliter Filium: et Pater et Filius spirant, ut unum idemque principium Spiritum Sanctum, et quod hae tres Personae sunt una natura unaque substantia... Et quomodo omnia creata ab illis tamquam ab uno Creatore procedant, et quomodo ipsam animam inhabitent, et quam verum sit..., illud...: *Ad eum veniemus et mansionem apud eum faciemus*. Haec igitur omnia, et multa alia simul et uno intuitu in Deo videt: videndo autem igne ardentissimi amoris incalescit".

1100 Este *instinto*, acompanhado do *sentido* do divino, supre muitas vezes com grande vantagem o melhor conhecimento especulativo. Assim "um moralista poderá saber que a castidade não pode fazer nem tolerar isto ou aquilo; mas uma virgem cristã o *sente*: a ela basta consultar-se para agir bem" (Bainvel, *Surnat.* p. 321). – "Pelo coração, escreve o Pe. Gardeil (*Dons* p. 150), diviniza Deus toda nossa atividade, inclusive a mental. – O Espírito Santo faz irradiar seus dons desde o coração onde mora... E se o próprio amor natural tem tão seguros instintos e tão penetrantes adivinhações... o que não acontecerá com um coração que bate sob a influência especialíssima de Deus e cujo regulador, diretor e guia é o Espírito Santo? Ó, quão infalíveis serão esses impulsos divinos! Quão seguros seus *instintos*! Quão certas suas adivinhações! E quão eficaz, no meio de sua doçura, é a luz que desse modo derrama o Espírito Santo!".

– *Memor fui Dei, et delectatus sum.* – *Quid oremus, sicut oportet, nescimus: sed ipse Spiritus postulat pro nobis gemitibus...* (Lam 3, 20; Sl 76, 4; Rom 8, 26).

Por aí se vê que os *sentidos espirituais* não são *imaginativos*. Transcendem a imaginação orgânica e mesmo a própria inteligência racional, e assim é como dão origem a esse tipo de *imaginação e memória* também *espirituais*, e levam a uma *inteligência sobrenatural* e divina. Não é com eles que se percebem as visões ou locuções corporais ou imaginárias: essas se recebem nos próprios sentidos corpóreos, externos ou internos, porque são na realidade *sensíveis*, e têm sua figura, cor ou "forma". Mas aquelas de todos os ditos *sentidos espirituais*, embora ofereçam com as ordinárias certa *analogia* que autoriza o mesmo nome, transcendem toda forma e figura. E por isso num princípio desconcertam, por serem impressões tão novas, tão superiores e tão delicadas, sendo um maravilhoso *sentir não sentindo*, *sentir* às vezes *uma não sei o que*, mas cheio de realidade divina[1101]. Se os místicos costumam chamar por esses nomes, é por falta de outros. Santo Agostinho[1102] nos adverte isso bem claramente quando exclama: "Que é isso, meu Deus, que eu amo quando te amo? Não é uma beleza sensível... nem as melodias de um cântico variado, nem o suave odor das flores, nem o gosto do maná, nem carícias corporais. Não, não é nada disso o que eu amo em meu Deus. E, no entanto, o que eu amo n'Ele é certa luz, certa voz, certo perfume, certo alimento, certo abraço, que só podem se sentir no interior. Minha alma vê

"Desde meus primeiros anos, dizia conforme a isso o Beato Suso (*Eterna Sabiduría* c. 1), minha alma sentiu um desejo, uma sede de amor, cuja causa ignorava. Desde muito tempo suspira meu coração por um bem que não lhe é dado ver nem alcançar; e neste mesmo instante sinto que desejo e amo, e não sei o que é que desejo e amo. Mas grande coisa deve ser quando com tal força atrai meu coração; e enquanto não a possuir, não poderei viver tranqüilo".

1101

> "É *sentir* um *não sei o que*,
> Mas não como antes sentia:
> Esse *sentir não sentindo*,
> Que língua o explicaria?"
>
> Madre Maria da Rainha dos Apóstolos

1102 *Conf.* l. 10, c. 6.

brilhar uma luz que não está no espaço, ouve um som que não se extingue com o tempo, sente um perfume que o ar não leva, saboreia um alimento que não diminui nem cansa...".

As Sagradas Escrituras estão cheias dessas *sensações* do divino, que com tanta diligência os autores espirituais procuraram descrever, reduzindo-as à certa ordem de *sentidos*. E estes, apoiados nos dons do Espírito Santo – dos quais se derivam –, conduzem, nas almas que os exercitam bem, à clara inteligência e plena consciência espiritual, que se encontram quando o dom de sabedoria e o de entendimento chegam a um alto grau de desenvolvimento. Por isso, embora o exercício normal desses dons Deus o dá para alguns mais cedo e para outros – talvez mais perfeitos – mais tarde, o certo é que todos os santos que chegaram ao grau de *união de conformidade*, começam já a sentir claramente os *toques divinos* e a *experimentar* sua suavidade – quando não também a *ouvir* sua voz interior e de certo modo *vê-Lo*–, e, pelo mesmo motivo, a ter consciência dos mistérios da graça que neles realiza[1103].

Que existem esses diversos sentidos espirituais, e que todas as almas justas os possuem em maior ou menor grau, é doutrina corrente[1104]. Assim

---

1103 "Deus faz *sentir* na alma, dizia Santa Gertrudes (*Recr.* 6), uns toques tão delicados, que ela experimenta em seu interior, e até em seu corpo, um bem-estar extraordinário". – "*Sinto* meu Deus em minha alma tão unido como se fosse uma coisa com Deus. Eu não se me explicar, mas *sinto uma coisa* em minha alma, que somente Deus a pode comunicar" (Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos, 15 de agosto de 1872; *Vida* p. 342). – "Na união mística, diz Felipe da Santíssima Trindade (*Disc. Prelim.* a. 8), é Deus percebido por *um tato interior* e um *abraço*. É *palpado* de certo modo pela alma... Essa O nota manifestamente, porque então Deus a certifica de que se encontra na realidade presente". – Honorato de Santa Maria (*Tradic.* t. 1, p. 2ª, dist. 10) diz que "os mais ilustres mestres da vida espiritual estão persuadidos de que a *união mística* consiste principalmente na *experiência dos dois sentidos íntimos* do *tato* e do *olfato*".

1104 "Dir-se-á, pergunta nosso Revmo. Pe. Cormier (*l. c.*), que tais *sentimentos* são produto de um misticismo arbitrário e poético, ou que, pelo menos, constituem favores reservados somente para almas privilegiadas? – Haveria que ter uns olhares muito pobres e ter descido muito, para negar assim ao Espírito Santo a difusão de seus favores, reduzindo sua ação a um sentimentalismo piedoso, ou excluindo implacavelmente de sua influência salutar a quase toda a massa do povo de Deus. – Não, não acontece assim. Cada discípulo da fé, caminhando pelas vias mais ordinárias, e com mais razão cada ministro do santuário, pode chegar aos estados que acabamos de indicar, e *deve aspirar a eles*".

como no corpo, dizia São Boaventura[1105], há cinco sentidos com que percebemos de diversos modos as coisas materiais, assim também a alma tem sua maneira de visão, audição, olfato, paladar e tato, com que sente e experimenta de um modo espiritual as coisas incorpóreas e divinas[1106].

A existência dessa *visão* e desse *ouvido* é inegável: os anjos e os bem-aventurados *vêem* a Deus e se vêem uns aos outros, sem terem corpo nem olhos materiais, e, portanto, com *visão* totalmente *espiritual*; do mesmo modo, *falam entre si* e *se entendem*, e isso não se dá com ruído de vozes, mas por comunicação direta de pensamentos. Assim, e de um modo mais elevado, fala o Espírito Santo no fundo mesmo dos corações: *Loquar ad cor eius* (Os 2, 14). *Quem tem ouvidos*, diz o Apocalipse (Ap 3, 22), *ouça o que Espírito fala às igrejas*. E o próprio Salvador clamava dizendo (Lc 8, 8): *Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça*. Ouvidos materiais não faltavam aos seus ouvintes; mas entre eles havia muitos *surdos espirituais*, e assim eram tão poucos os que sentiam a voz interior que ensina os divinos mistérios. O pecador perde, embota ou perverte o sentido cristão, e é como, ao ouvir a voz da Verdade, não a entende ou a entende ao contrário (Lc 8, 10; Mt 13, 11-17; Is 6, 9). Por isso, devemos nos dispor, purificar nossos corações, entrar em nós mesmos e buscar nos aproximar de Deus para perceber sua voz pacífica que se dirige aos santos e às almas interiores: *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus; quoniam loquetur pacem... super sanctos suos, et in eos qui convertuntur ad cor* (Sl 84, 9). *Loquere, Domine, quia audit servus tuus* (I Sm 3, 10). *Servus tuus sum ego, da mihi intellectum, Domine* (Sl 118, 125). E a alma santa desfalece ao ouvir e entender a voz de seu amado (Ct 5, 6).

1105 *Itiner. aetern.* 6, dist. 2.

1106 Em vista do sentimento de tantos Padres tão ilustres, seria uma temeridade, diz o Pe. Nouet (*Conduite* l. 6, entr. 14), pôr em dúvida o que, de acordo com eles, todos os teólogos místicos ensinam acerca dos cinco sentidos espirituais... Todos os mestres concordam em que a mais perfeita união com Deus que nesta vida podem ter as almas consiste nessa admirável *experiência* dos sentidos interiores". "A perfeição, diz Santo Tomás (*In Hebr.* 5, 14), consiste precisamente em ter *bem exercitados esses sentidos*".

Em Jó (Jó 42, 5) nos é dado testemunho, tanto dessa *escuta*, como da *visão* espiritual: *Auditu auris audivi Te, nunc autem oculus meus videt Te.* Mas para chegar a essa *gozosa visão* da *Face de Deus* (Jo 33, 26), é preciso muita experiência das coisas divinas, dedicar-se por longo tempo à contemplação, purificar-nos bem e morrer por completo ao mundo: *Vacate et videte* (Sl 45, 11). *Non videbit me homo, et vivet* (Ex 33, 20)[1107].

A essa *visão* precede o *paladar* espiritual que chega até *embriagar* das doçuras divinas que o mundo não pode conhecer, porque estão escondidas para os que temem a Deus (Sl 30, 20). Esses "se *embriagarão* com a abundância da casa do Pai", que os sacia numa torrente de delícias, porque n'Ele está a fonte da vida. E desse modo "em sua luz chegarão a ver a luz" (Sl 35, 9-10). Por isso, a Sabedoria convida seus amantes dizendo-lhes (Ct 5, 1): *Comei, amigos, e bebei, embriagai-vos, meus amadíssimos.* Desse doce vinho da celestial Sabedoria – e não de mosto, como os mundanos murmuravam – estavam santamente *embriagados* os apóstolos quando ao sairem cheios do Espírito Santo falavam diversas línguas, abrasavam os corações sinceros e ganhavam milhares de almas para Jesus Cristo[1108]. Nessa bodega dos vinhos ordena o Amado a caridade, que se sustenta com flores de virtudes e frutos de boas obras, e de obras heróicas, e sobretudo com o zelo pela salvação das almas.

Do *olfato* nos dá, como já vimos, muitos testemunhos o livro do Cântico dos Cânticos. E no que diz respeito ao *tato*, que, como diz Santo Tomás, é o fundamento de todos os outros sentidos naturais, assim também acontece nessa vida sobrenatural. Todos os estados místicos começam de certo modo com ele, e com ele se completam e se aperfeiçoam. A Esposa do Cântico dos Cânticos aspira antes de tudo ao místico *beijo* de seu Amado, e ao sentir

---

1107 Numa antiga prosa do Missal Romano, dizia-se: "Tu, purificator omnium — flagitiorum, Spiritus: — Purifica nostri oculum — interioris hominis — *ut videri supremus — Genitor possit a nobis*".
1108 "Certamente, diz São Cirilo de Jerusalém (*Catech.* 17-19), estavam ébrios, mas era da plenitude do Espírito Santo. – Não é, pois, de admirar que seu entusiasmo transbordasse as medidas da prudência humana. Estavam ébrios, mas era da plenitude da casa de Deus; pois bebiam da torrente de suas delícias. Estavam ébrios, mas da plenitude da graça que dá morte ao pecado, vivifica o coração e faz conhecer coisas até então ignoradas".

o contato suavíssimo de sua mão delicada, que muito ocultamente a toca, seu coração e suas entranhas se estremecem (Ct 1, 1; 5, 4), e só pode se saciar quando definitivamente conseguir descansar em seus divinos braços: *Laeva eius sub capite meo, et dextera Illius amplexabitur me* (Ct 2, 6)[1109]. Esses misteriosos *toques*, quando chegam a ser *substanciais*, embora às vezes *firam e chaguem*, são verdadeiramente toques de vida eterna e presságios da glória, que fazem a um São João da Cruz exclamar (*Chama de amor*):

> Ó, regalada chaga!
> Ó, branda mão! Ó, toque delicado
> que a vida eterna sabe![1110]

As almas sinceras e fervorosas buscam a Deus desejando sentir sua amorosa presença e viver em contado seu: *Quaerere Deum, si forte attrectent eum, aut inveniant*, dizia o Apóstolo (At 17, 27). Num princípio, ao achá-Lo, sentem-No sem O reconhecer ou O distinguir bem; percebem-No por pura fé, ao *modo humano*, mais que pelo dom de sabedoria – *supra modum humanum*. Mas, desde que começam verdadeiramente a se retirar à *solidão*, aonde o Espírito as chama para falar-lhes ao coração, sentem em certos fervores sensíveis os suaves eflúvios de sua graça, que cativa e embriaga os sentidos e os cura para que se afeiçoem a Deus e ganhem aversão pelo ruído mundano. E quando depois, durante a grande *aridez* que lhes sobrevém

---

1109 "Quando a alma, escreve Dionísio Cartuxo (*Opúsc. de Discr. spirit.* a. 18), se purificou e de tal modo arde no fogo da caridade, que já brilha com o esplendor de suas virtudes, tem Deus nela tais complacências, que a trata familiarmente, como a doce esposa, *estreitando-a, acariciando-a, abraçando-a e* comunicando-lhe livremente seus bens". "Há almas, diz Blósio (*Inst. spir.* app. 1, c. 1, n. 2), a quem Deus enche de doçuras, que lhe estão unidas de uma maneira evidente por um *abraço*, e recebem d'Ele os beijos mais suaves".

1110 Felipe da Santíssima Trinidade (p. 3ª, tr. 1, d. 1, a. 5) admite um modo de união por *contato substancial* com Deus: "Per quemdam *contactum substancialem* Dei ad animam quo praesens et unitus *sentitur*. Et perficitur haec unio, quando etiam potentiae spirituales animae, quantùm patitur vitae praesentis status, Deo *adhaerent* intellectus per cognitionem pene continuam ac veluti *evidentem*, voluntas vero per amorem, non tantum desiderii, sed quodammodo satietatis et *fruitionis*".

no meio da *escuridão* conseguinte à privação das luzes e carícias sensíveis, lamentam essa perda assim *experimentada*, começam a sentir com pavor a presença misteriosa de algo sobrenatural e divino que suavemente as atrai, ao mesmo tempo que lhes causa espanto; sentem um não sei o que, que não sabem explicar, pelo muito que transcende o sensível; mas que mesmo assim as cativa, como se lhes estivesse dizendo ao ouvido: *Vede, que sou vosso Deus*[1111]. Assim, ao amanhecer logo a aurora da luz do *recolhimento* infuso, notam já de um modo claro a amorosa presença do Pastor divino e que com seu doce assobio as desperta e por seu nome as chama e se dá a conhecer a elas (Jo 10, 14-27-28) para que O sigam e recebam d'Ele a vida eterna. E

1111 O Pe. Nouet (*Introd.* à *la vie d'oraison* l. 3, entr. 6) adverte que ademais da *presença ativa* de Deus – que todos devemos procurar – há outra *passiva*, ora habitual, ora passageira, que se comunica à alma às vezes quando está mais descuidada: "Em ocasiões, depois de muito sofrer com securas e tédios, nota de repente que está na presença do Esposo; adverte-O com toda certeza, e isso lhe causa um amoroso e respeitoso temor... Essa visão a deixa talvez suspensa em saborosa admiração, e às vezes cativa suas potências como num doce sono, onde saboreia umas delícias incríveis. Por aí se vê *quão desejável é essa visita* do Esposo, embora não durasse mais que um quarto de hora. Mas mais preciosa é quando se torna estável e como habitual... Essa presença se exercita *notando e sentindo*, e *conhecendo com certeza* que Deus está na alma e que a alma está em Deus".

"Acontecia comigo, diz conforme a isso Santa Teresa (*Vida* c. 10), vir de repente um sentimento da presença de Deus que de nenhuma maneira podia duvidar que estava dentro de mi, e eu toda engolfada n'Ele".

"Haec praesentia Dei intra nosipsos, diz Alvarez de Paz (*De inquis. pacis* l. 5, p. 1ª, ap. 2, c. 9), tribus modis, ut experti docent, solet concedi perfectis: 1º. ita ut anima Deum intra se inveniat, et veluti iuxta illam immensam maiestatem assideat, non tamen in aliquam distinctam cognitionem alicuius divinae perfectionis ingredi sciat Deum intra se praesentem animadverti..., at Deum ingredi nescit, sed est iuxta illum... 2º. Anima non solum Deum intra se invenit, sed secundum aliquam perfectionem vel proprietatem altissima quadam notitia illum intelligit. Quae non semper una est, sed iuxta multiplicem Dei perfectionem multiplex est et varia. Nunc enim Deus apparet ut sapientia, nunc ut bonitas, nunc ut potentia, nunc ut iustitia, nunc ut misericordia, et sic de aliis perfectionibus. Modo apparet ut Pater, modo ut Filius, modo ut Spiritus Sancti. Et ille qui est impartibilis, quasi per partes se donat, et secundum varias perfectiones se animae manifestat... 3º. Deus quasi se totum revelat animae, et non confuso tantum sicut in primo modo, sed quas distincte omnes suas perfectiones illi videndas *proponit*. Nam..., tam mirabili modo animae obiicitur, ut uno aspectu *quasi totus distincte videatur*. – Primus ille modus est veluti primum caelum in quo non pauci ex perfectis admittuntur. Secundus ut secundum caelum, ad quod pauci perveniunt. Tertius ut tertium caelum, ad cuius sublimitatem paucioribus datur accessus..."

logo, na *quietude* e na *união*, encontram o verdadeiro *repouso*, descansando docemente como nos braços do Amado e sentindo Ele mesmo descansar em seus corações como em seu florido jardim (Ct 6, 1). Mas ainda não podem sentir *ativa* e *diretamente* o Verbo de Deus, *ouvindo-O*, *vendo-O*, *palpando-O* em si mesmo; percebem-No tão somente como através da santa Humanidade. E se advertem a presença ou ausência de algo misterioso e inefável, ainda não conseguem dar-se a razão do que sentem ou pressentem[1112]. Essas sensações espiritualíssimas e tão elevadas, para esclarecer o bastante, exigem uma completa *purgação* de todos os afetos terrenos e uma *morte* total a tudo o que não seja Deus ou coisa de seu divino serviço. Por isso não costumam se experimentar até depois de alcançada a perfeita *união de conformidade*, quando começa já verdadeiramente a *transformativa*, isto é, até passar pelos êxtases e raptos, e mesmo pela terrível *noite do espírito*, onde a alma *morre misticamente* com seu Salvador, para ressuscitar com Ele

---

1112 "Scio, diz São Bernardo (*Serm.* 73), quod spiritualis vir me non despiciat, reliqui vero me non intelligent. Igitur quando Verbum ad me venit, unde veniat aut quo vadat, qua ingrediatur, aut qua exeat plane nescio. Licet ingressum eius, aut exitum nunquam *sensi*, *praesensisse* tamen fateor. *Sentio* quando adest, cum abest adfuisse *recordor*".

"O que é isso tão doce que, ao me lembrar de Deus, vem me *tocar* às vezes? Me impressiona com tal vêemência e suavidade, que começo a me alienar e ser elevada para não sei onde. Subitamente me encontro renovada e modificada e com um bem-estar inefável. Minha consciência se regozija, perco a recordação de minhas passadas recordações, meu coração se inflama, minha inteligência se ilumina e meus desejos ficam satisfeitos. Me sinto transportada a não sei que lugar novo. Percebo interiormente como uns *abraços* amorosos. Eu não sei o que é isso, e, no entanto, faço tudo que posso para retê-lo e não o perder. Desejo abraçá-lo incessantemente, e me encho com um júbilo inefável, como se tivesse por fim alcançado o objeto de meus desejos... Porventura será meu Amado? – Sim, alma minha, verdadeiramente é teu Amado que te visita; mas vem escondido e de um modo incompreensível. Vem para te *tocar*, não para se deixar *ver*; para te avisar, não para ser compreendido; para se deixar *experimentar*, não para se comunicar plenamente; para chamar tua atenção, não para saciar tuas ânsias; para dar-te as primícias de seu amor, não para te encher de sua plenitude. Eis aí o penhor mais seguro de teu futuro matrimônio; estás destinada a vê-lo e possuí-lo eternamente, posto que já te dá a experimentar a doçura que saboreias. Assim poderá te consolar em suas ausências, e durante suas visitas reanimarás tua coragem" (Hugo de San Víctor, *De arrha animae*, no fim, ed. Migne, t. 2, col. 970).

para nova vida. Então é quando notam já claramente, e ainda inefavelmente, que vivem escondidas no próprio Deus[1113].

Até então O sentem como de um modo *passivo* e *confuso*; ora exteriormente, por uma impressão vaga como na escuridão, por um tipo de tato a distância, nota-se a presença de outras pessoas[1114], ou como por um *contato de imersão*, sentindo-se como *submersas e engolfadas* em sua imensidade, e banhadas na fonte de água viva de suas divinas graças – como sentimos o ar que nos rodeia ou a água na que nos banhamos –; ora interiormente, dentro dos corações, onde derramam suas inefáveis doçuras, que se percebem por um *tato interior*, como *orgânico*, de *embebição* ou *compenetração*[1115], em que poderá a alma dizer: *Defecit caro mea et cor meum: Deus cordis mei* (Sl 72, 26).

Nesses diversos *contatos*, Ele é sentido, pois, mais que em Si mesmo, nas obras que produz, nas torrentes de graça que derrama sobre as almas

---

1113 "Estava em oração, diz a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (16 de abril de 1872; *Vida* p. 298), sentindo em minha alma as ânsias de amar a meu Deus com mais forças, e parecia que ficava *toda em Deus submersa, ou toda cheia de Deus*, pois *na realidade eu sinto meu Deus em mim*. E quando se deixa sentir esse bom Deus na alma, e ela compreende está com ela, não pode expressar com palavras o que se passa então... Fica como fora de si; parece que não vive, pois está como insensível a tudo. Nada quer, nem deseja, e está incapaz de entender algo deste mundo. Só o que anseia é padecer muito por Deus e agradar-Lhe em tudo".

1114 Cf. Santa Teresa, *Morada* 6, c. 8.

1115 "A vida interior, dizia o Santo Cura d'Ars (*Vie*, por Monnin, I. 5, c. 4), é um banho de amor em que se submerge a alma e fica como submersa. Deus tem o homem como uma mãe tem entre suas mãos a cabeça da criança para cobri-la de beijos e carícias". "Tendo recebido o Senhor, dizia a Irmã Mariana de Santo Domingos (*Vida*, p. 291-3), parecia que me achava toda cercada por Deus... Parece que me *submerjo* num abismo, e perdendo-me de vista, só sei que quando saio estou enriquecida de infinitos bens... Parece que ademais de tê-lo *dento de meu coração*, sinto a alma unida à sua Majestade como num *abraço estreitíssimo*... Outras vezes, *senti a presença* do Senhor, como oferecendo-me seus braços; mas vendo-me indigna de lançar-me neles..., sua Majestade *abraçou minha alma* e a estreitou ternissimamente entre seus braços, e com tal intimidade, que parece que ficou penetrada, e sem entender como, me sentia toda no Senhor, como *alma de minha vida e vida de minha alma*. Ficando *desfeita e incorporada* com o Senhor, como se lançasse uma gota de água no mar, achei-me enriquecida de bens eternos... Desejava, se me fosse permitido, sair por todas as praças do mundo a buscar quem amasse a Deus: e assim clamava a sua Majestade que me desse almas, embora fosse à custa de muitos trabalhos, dores e fatigas, e que pronta estava para derramar todo meu sangue para que não se perdessem".

queridas, para banhá-las e purificá-las, inundando-as e embriagando-as com celestiais delícias, com que seus corações se desfazem em transportes de divina caridade: *Charitas Dei difusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum* (Rom 5, 5). Mas quando o ardor dessa caridade as tem já *transformadas*, deixa-se sentir em Si mesmo, com esses *toques substanciais* que tem sabor de vida eterna...

A alma, com efeito, pode *sentir* realmente o *contato* de outras almas na comunhão dos santos, e de outros espíritos e mesmo o do próprio Deus[1116]. Assim como um corpo, diz Scaramelli[1117], toca o outro ou é por ele tocado com suavidade ou aspereza, assim também a alma toca outras substâncias espirituais e é por elas tocadas, sentindo-as com uma sensação acomodada ao espírito, e com grande prazer se quem a toca é Deus. Esse toque, acrescenta[1118], é "uma sensação real e verdadeira, mas *puramente espiritual*, pelo qual a alma *sente* a Deus no íntimo de seu espírito, e O *saboreia* com grande deleite". E, sentindo-O e saboreando-O, vai ficando mais purificada e deificada, e reconhecendo-O com tanto mais claridade, quanto mais semelhante a Ele for[1119]. E, ao ficar transformada e feita uma só coisa com Ele, pode chegar às vezes a *vê-Lo* de certo modo *tal como é*, a descobrir sua *Face*, ouvir a *voz* de seu *Verbo* e perceber claramente a virtude de seu Espírito, que aos santos dá pleno testemunho de que já são verdadeiros filhos de Deus[1120].

1116 Cf. Santa Teresa, *Vida* c. 25 e 27; e *Relación* 8ª (2ª ao Pe. Rodríguez).

1117 Tr. 3, n. 24.

1118 N. 122.

1119 "A alma sem pensar, diz o Beato Bernardo de *Hoyos* (*Vida*, p. 131), começa a *sentir* Deus, que habita nela pela união do esposo, e aproxima-se tanto da substância da alma, que O *palpa* o sentido interior espiritual do *tato*, assim como com as mãos se toca um corpo, mas guardando as proporções, e desse toque, Deus, que é fogo de amor, inflama o espírito assim como, se de repente chegasse às carnes uma brasa ardente, queimá-las-ia... Prepara o Senhor aquele toque de modo que seja um fogo voraz ou como uma flecha penetrante que divide o espírito".

1120 "Uma propriedade do Verbo, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 5), é a *comunicação*. Ó, comunicação admirável! Ó, Verbo!... O que sei é que vos comunicais a Vós mesmo para mudar a morte em vida, as trevas em luz, o cativeiro em liberdade, os servos em senhores, e os escravos em filhos. O que sei é que vos comunicais a alma que vos contempla e que vem a ser para Vós – ó, dita! – como um santuário misterioso. Sei também com qual fim vos comunicais, que é para que tudo

Antes O sentiam presente, e se lamentavam com Jó (Jó 13, 24) ao ver que lhes escondida sua divina Face. Agora já O vêem de frente, como a soberano Mestre que lhes está *ensinando toda a verdade* (Jo 14, 16-26; 16, 13; 17, 24), e O gozam com júbilo inefável[1121].

Mas para isso tiveram que morrer totalmente a si mesmos, ser purificados dos últimos vestígios terrenos, confortados com os ardores e resplendores divinos, e proceder como por graus para não desfalecer, incapazes de resistir ao peso de tanta glória[1122]. Daí aquelas densas trevas que os ofuscam e aniquilam, ao mesmo tempo que os confortam, abrasam e iluminam.

E quando, através delas, vão descobrindo os atributos divinos, e percebendo com indizível prazer as harmonias eternas, vêem que nunca podem esgotar aquela imensidade, e, quanto mais vão vendo nela, tanto mais sentem

---

seja comum entre Vós e a alma que já não é senão uma coisa conVosco, e à qual revelais os segredos que lhe convém conhecer, segundo estas palavras de vosso Evangelho: *Tudo que aprendi de meu Pai comuniquei a vós.* E como o comunicastes? Não só pelas palavras que saíram de vossa sagrada boca, nem por meio das Sagradas Escrituras e de vossos sacerdotes, mas por uma voz secreta e interior, ouvida só por aquele a quem fazeis essa graça".

1121 "Com os olhos do espírito vi... Como direi?... Para empregar uma linguagem qualquer, direi que entre os transportes de um gozo inefável vi com os olhos do meu espírito, os olhos do Espírito divino... Mas o que são minhas miseráveis palavras? Me repugnam, me envergonham, me parecem jogos indignos... Vi que toda criatura estava cheia de Deus... Ele não me dizia nada disso em linguagem humana, mas minha alma compreendia tudo; compreendia isso e muitas coisas maiores, e *sentia a verdade das coisas*" (Santa Ângela de Foligno, *Visiones* c. 29).

"Per *experientiam*, per *gustum* et *tactum spiritualem*, diz Alvarez de Paz (*De grad. contempl.* 5, 3, 14), Deum agnoscit, atque vim illius verbi Domini intelligit, quod de Spiritu Sancto dixerat (Jo 14, 17): *Vos autem cognoscetis eum, quia apud vos manebit, et in vobis erit.* Neque enim tam perspique homo hospitem apud se divertise cognoscit, quam haec divinum Spiritum esse suum hospitem deprehendit. Tam magna enim et tam manifesta et admiranda in ea facit ut licet hac perfectissima visione Dei careret, eius tamen amabilem praesentiam ex manifestis effectis ignorare non posset".

1122 Depois que o homem, diz Tauler (*Inst.* c. 26), fica perfeitamente livre de todo apego interior e exterior, e aprende a se sustentar só em seu nada, "então acha patente a conversão e entrada naquele puro e simplicíssimo Bem que é Deus. Essa conversão se faz de certo modo essencial, porque aqui o espírito todo, e sem divisão alguma, recolhe-se em Deus, e de sua parte nunca se subtrai, e o próprio Deus sempre lhe responde essencialmente. Aqui o homem não se transforma em Deus por via de imagens, ou de um modo intelectual, nem já como saboroso e resplandecente, mas ao próprio Deus em si mesmo recebe, o que ultrapassa infinitamente todo sabor e qualquer outra luz".

os infinitos encantos que ainda lhes ficam para ver e sentir, o qual, no meio daquele gozar, causa-lhes terríveis martírios[1123].

E depois que já crerem perceber com maravilhosa claridade algumas perfeições divinas, embora cada dia de um modo novo, entram naquela *grande treva* que excede em claridade a mais radiante luz: *Sicut tenebrae eius, ita et lumen eius* (Sl 138, 12). "Et post illud, dizia Santa Ângela de Foligno[1124], vidi Deum in tenebra una, et ideo in *tenebra*, quia est maius bonum, quod possit cogitari, vel intelligi: et omne quod potest cogitari, vel intelligi, non attingit ad illud". Por isso, essa *noite*, embora tão dolorosa, é sua *iluminação mais deliciosa*: *Et nox illuminatio mea in deliciis meis* (Sl 138, 11). E quando, assim iluminadas, encontram-se as almas já como totalmente diáfanas, recebendo sem obstáculo as vivíssimas emanações da luz eterna, quando assim se vêem *endeusadas*, envolvidas naquela imensidade divina onde, como num espelho claríssimo, vêem refletidas todas as coisas... resulta que, tendo visto em realidade o *Inefável*, não puderam ainda ver sua Face; somente O viam, conforme já dissemos, como de costas, no resplendor da glória, que passa como um relâmpago (Ex 33, 23). *Viram-No*, em suma, como seu Criador e Senhor todo-poderoso, na absoluta *unidade* de natureza, mas sem descobrir, todavia, o segredo íntimo da trindade de Pessoas, que é o mistério dos mistérios, a maravilha das maravilhas divinas e o encanto diante do qual se obscurecem todos os outros encantos. Para vê-Lo não já como *Criador*, mas como *Pai e Esposo*, e saber os mais íntimos segredos de sua casa, e tratá-Lo como em família, vendo sua *Face* amorosíssima, que é o Verbo de sua Sabedoria, com quem hão de desposar-se[1125], e sentir vivamente os inefáveis ardores da caridade do Espírito de Amor, que as diviniza, e entrar assim em comunicação familiar com cada uma das três adoráveis Pessoas, necessitam

---

1123 "O que me faz padecer muito, dizia a Madre Maria da Rainha dos Apóstolos (13 de janeiro de 1901), é que quanto mais sinto a Deus, mais descubro o infinito que me falta por sentir, e sentindo minha alma cheia, me encontro vazia, pela grande ânsia que tenho de sentir ainda muito mais". Cf. V. Marina de Escobar, *Obras* t. 1, l. 3, c. 1.

1124 *Vis.* c. 25.

1125 Cf. B. Henrique de Suso, *Eterna Sabiduría* c. 1.

se purificar e se transformar ainda muito mais, sendo para isso atingidas por uma nova luz mais delicada, pura e penetrante, que brota da própria Face divina e revela imperfeições mesmo nos grandes santos e mil átomos obscuros naquilo que para as outras luzes inferiores parecia transparente. Essas almas que, ao se sentirem *endeusadas*, desfaziam-se e se aniquilavam entre afetos de amor, confusão e agradecimento – vendo como, apesar de seus antigos pecados, pela divina misericórdia tinham chegado a ficar tão purificadas e santificadas –, voltam agora *a ver* nas suas mais íntimas dobras outras inumeráveis imperfeições sutis que antes não advertiam, e que lhes impedem de ver a divina Face... Daí a insaciável ânsia de novos purgatórios para se limparem delas, e poderem comparecer totalmente puras diante da divina Majestade e resistir a sua visão deslumbrante. E à força de serem atingidas pela luz inacessível, purificam-se totalmente naquela misteriosa *noite do espírito*, onde acabam por se transformar em Deus e se fazer uma coisa com Ele, ficando não já *endeusadas*, mas totalmente *deificadas*...

Então podem já *ver* as divinas Pessoas, e, extasiadas, cativar-se totalmente da eterna beleza do Verbo da Verdade, que as quer desposar para sempre consigo[1126]. E quando estão já bem preparadas, como virgens prudentes, entram desde a terra nas eternas bodas do *matrimonio espiritual*. Então é como um participar sem reservas dos divinos segredos, e *sentir* e *ver claramente* – enquanto possível ao estado de viajante – e *palpar* e *saborear* a própria Realidade que antes se achava encoberta com os obscuros véus da

---

1126 "Fui levada, diz a V. Marina de Escobar (*Vida* l. 3, c. 2), a um alto monte, aonde se via todo o mundo, e veio uma celestial luz ao modo de um relâmpago momentâneo, com a qual vi a imensidade do divino Ser, ficando grandemente admirada de tão imensa grandeza... Logo fui levada a outro monte mais alto..., e vendo outra luz como relâmpago, muito maior, vi o mesmo divino Ser, as perfeições divinas e os secretíssimos juízos de Deus, ficando pasmada por tanta imensidade, e, unindo-me o Senhor consigo, me revelou o mistério da Santíssima Trindade. Mas sempre estava em mim dizendo: 'Ó, Senhor, quão incompreensíveis são teus juízos! Quem poder conhecê-los?'. Respondeu o Senhor: 'Os pequeninos e humildes de coração, que deixam por Mim todas as coisas e visam só Me agradar'".
"Dessas visões, acrescenta ela (*ib.* § 3), fica a alma tão mudada, que parece ter outro novo ser".

fé. Então, *ouvem* claramente a voz do Amado, e O conhecem ao modo como Ele conhece o Pai, e O seguem fielmente (Jo 10, 14-15. 27-28), e sentem seu amoroso *abraço*, que dá vida eterna, e recebem seu *beijo* pacífico, a que tanto ansiavam, para devolvê-lo eternamente com indizíveis transportes de amor[1127]. Então a própria terra, que pisam sem se manchar, embora lhes cause mil penalidades, com que satisfazem pelas maldades do mundo, na realidade, converte-se para eles num céu antecipado... Pelo que dele sabem nos dizer, podemos concluir qual será a glória que nos espera[1128].

1127 "Ó, Esposo querido!, exclama Santa Maria Madalena de Pazzi (2ª p., c. 6), Vós sois nosso Pai, nosso Esposo, nosso Senhor e nosso Irmão. Mas vendo-vos tão lindo, tão amável, tão bom, tão doce e tão gracioso... me atrevo a vos chamar meu Esposo e vos considerar como tal, a vos abraçar, manter-vos e amar-vos como a meu terno e casto Esposo; pois sem Vós, ó, meu Esposo querido, não posso desfrutar de nenhuma paz. Sem Vós não posso viver; sem Vós nada sou; sem Vós nada posso, nem quero ser nem querer. Ainda que me désseis a natureza dos anjos, dos arcanjos, dos querubins e dos serafins, sem Vós eu a veria como vaidade e um nada. Se me désseis todas as facilidades e todos os prazeres que se podem gozar na terra, a força de todos os fortes, a sabedoria de todos os sábios, as graças e as virtudes de todas as criaturas, tudo isso, sem Vós, para mim pareceria um inferno. E se me désseis o inferno com seus tormentos horrorosos, se ali vos pudesse encontrar, como a um paraíso o veria".

"Ficou a alma sozinha com seu Amado e hospedada em seu Coração, diz o Beato Bernardo de Hoyos (p. 261). Bem gostaria de dar a entender uma sombra sequer do que aqui, dentro desse céu animado pela Divindade, *senti, vi, ouvi, palpei, experimentei*; mas não pode o homem expressá-lo. Só a memória me confunde e submerge num mar de doçura e confusão conjuntamente... Aquele sagrado fogo consumiu e desfez entre seus ardores todas as friezas, todas as tibiezas, todas as misturas de outras coisas até deixar puramente alma e nada mais, como o crisol separa e consome toda escória, deixando o ouro e nada mais. Aqui me pareceu que se *desnudava* a alma do *homem velho*... para receber as *impressões* do divino Coração".

"*Via* e *sentia* a Cristo abraçar a minha alma com esse braço que foi crucificado... Desde esse momento, em mim ficou um gozo e uma luz sublime, na qual minha alma vê o segredo de nossa carne em comunhão com Deus. Esse deleite da alma é inefável, esse gozo é contínuo, essa iluminação é deslumbrante acima de todos os meus deslumbres. Desde esse instante, em mim fica tal certeza, tal segurança das operações divinas que em mim se verificam, que me assombro de ter antes conhecido a dúvida, e se todos os mundos criados buscassem a uma só voz fazê-la renascer, falariam em vão" (Santa Ângela de Foligno, *Visiones* c. 36).

1128 Muitos cristãos, diz o Pe. Poulain (*o. c.* p. 83), têm uma idéia muito incompleta da glória, imaginando os bem-aventurados como simples espectadores da beleza de um Deus majestosamente sentado em seu trono. "Deus fará muito mais. Quer ser o ambiente embalsamado que respiramos, a bebida que nos embriaga, a vida de nossa vida e nosso apaixonado Amante. Ele nos dará o "beijo

§ II. – REVELAÇÕES PROGRESSIVAS. – MANIFESTAÇÃO GRADUAL DE DEUS: OS ATRIBUTOS DIVINOS COMUNICÁVEIS; OS INCOMUNICÁVEIS E A CIÊNCIA NEGATIVA. – A CEGUEIRA DO "ANIMALIS HOMO"; A RAZÃO PRESUNÇOSA E A CIÊNCIA INFUSA. – A VISÃO POR IMAGENS E A INTUITIVA. – OS ÊXTASES DOLOROSOS: A CONFIGURAÇÃO COM CRISTO.

Vimos que, nos graus anteriores à *união extática*, repousam em Deus as almas, e se submergem cada vez mais profundamente no mar de sua caridade, sentindo-O com mais viveza à medida que se purificam e se inflamam em novo amor, porém sem alcançar, todavia, *palpá-Lo*, nem *vê-Lo*, nem *ouvi-Lo* em Si mesmo. Por mais que O desejem, um *Noli me tangere* lhes impede de abraçá-Lo e possui-Lo ao seu gosto, dando-lhes a entender que ainda não estão suficientemente preparadas para tão altas comunicações[1129]. Se algo *vêem, ouvem e tocam*, são representações sensíveis – imaginárias ou exteriores – da sagrada Humanidade do Salvador, embora através dela sintam *passivamente* – e como mitigado – o espiritual contato de sua Divindade. E para isso se ordenam as *visões* e *locuções sensíveis*, para dispor a alma que ainda não está suficientemente purificada, a fim de que com essas luzes inferiores, acomodadas à sua condição, vá se habilitando para sentir diretamente os misteriosos *toques divinos*, onde se aprende a *verdadeira verdade* e se encontra a luz, a salvação, a liberdade e a vida (cf. Jo 6, 45-46. 64; 8, 31-32; 14, 6).

No êxtase, naquele desfalecimento dos sentidos – que ainda não podem resistir os ardores espirituais –, já se comunicam intelectualmente certas

de sua boca" e receberá o nosso. E não se contentará até se fundir e como identificar-se com a alma querida que se entregou a Ele. Quer a íntima e mútua compenetração. O céu não é tão somente a visão de Deus, é a fusão com Ele, no amor e no gozo. Se não houvesse essa fusão, a alma experimentaria uma sede insaciável".

1129 "O Senhor, diz Ricardo de São Vítor (*De grad. viol. charit.*), faz *sentir* sua presença sem mostrar sua Face, derrama em nós sua doçura sem manifestar sua beleza, derrama sua suavidade sem nos deixar ver sua claridade; por isso se sente sua doce presença e não se vê sua Face, porque ainda está rodeada de nuvens e obscuridades... O que se sente é muito doce e está cheio de ternura; mas o que se vê é ainda obscuro, porque, todavia, não se mostra na luz. E embora apareça no fogo, este aquece mais que ilumina... Isso faz a alma dizer: *Revela-me o resplendor de tua Face*".

notícias mais claras que permitem as almas, desprendidas do terreno, não só encontrar, mas possuir e abraçar em certo modo o próprio Deus por quem suspiram, "tendo-o com grande desejo de não soltá-lo jamais, e de introduzi-lo em sua casa para ser ali por Ele mesmo instruídas em tudo" (Ct 3, 4; 8, 1-2).

E quando assim começam a sentir claramente o Amado, a *estreitá-Lo* entre seus braços e a receber seu inefável ósculo, também começam a *vê-Lo e ouvi-Lo* (Ct 2, 10; 5, 2-6); a perceber os resplendores de sua própria luz, em que lhes são manifestados alguns dos atributos divinos, e escutar intelectual ou espiritualmente as palavras do Verbo da verdade e de vida que, sem ruído de vozes nem aparato de formas, dá-lhes a conhecer os divinos arcanos. Essa primeira manifestação espiritualíssima da divina Beleza, cuja realidade excede infinitamente a tudo que poderíamos pensar, é a que as deixa *arrebatadas* e fora de si mesmas: tal é a causa desses *raptos* violentos e impetuosos que, sem podê-los evitar, surpreende-as. Neles recebem maravilhosas notícias acerca das coisas de Deus, e conhecem a razão de ser do mundo espiritual e material. Vêem ali intelectualmente não só os objetos incorpóreos, mas também os corpóreos, com mais clareza e certeza que se os visse com os olhos materiais, penetrando-os a fundo e compreendendo-os, e tudo isso sem que intervenha nenhuma forma sensitiva nem imaginária[1130]. Assim podem ver espiritualmente a Humanidade do Senhor junto com sua Divindade. Mas às vezes essa visão espiritual da Divindade se completa com uma visão imaginária da santa Humanidade, que lhes é representada vivamente em algum mistério de sua vida santíssima, com uma beleza e

1130 Quando num profundo êxtase, diz a V. Marina de Escobar (*Obras* t. 2, l. 2, c. 34), une Deus a alma subitamente à sua Essência e a enche com sua luz, mostra-lhe num instante os mistérios mais elevados e o conjunto de seus secretos. Vê uma imensidade e uma majestade infinita... Conhece como todas as criaturas dependem da providência de Deus e são por Ele conservadas; de que maneira Ele é a bem-aventurança dos anjos e dos eleitos; como é o único princípio e fim de todas as coisas, não tendo fora de Si nem princípio nem fim, e que Ele é a Causa primeira e tem o soberano domínio de todas as coisas. Então, a alma fica submersa num vasto oceano, que é Deus e sempre Deus, onde ela não pode apoiar o pé nem encontrar o fundo. – Os divinos atributos lhe parecem como reunidos de modo que não pode distinguir nenhum em particular.

majestade incomparavelmente superior à que nós poderíamos imaginar, e desse modo se faz mais acessível, adaptando-se à presente condição humana[1131]. Do mesmo modo, as iluminações intelectuais e notícias espirituais se precisam às vezes e se fazem mais fáceis de expressar, completando-se com locuções imaginárias, que tanto papel exercem nas vidas de muitíssimos santos e, sobretudo, nas *revelações*, que, por resultarem assim mais ao alcance de todos, gozam de mais universal apreço.

Quanto aos atributos divinos comunicáveis, dos quais podemos formar analogicamente alguma idéia, vêem, com luz deslumbrante, o quanto excedem realmente a nossa pobre compreensão e a todas nossas mesquinhas apreciações. E essa beleza as deixa *cativas* e ao mesmo tempo *feridas* com indizível *dor*, por não poderem ainda suportar todos seus resplendores e até pelo fato mesmo de se verem tão elevadas e sentirem sua capacidade ampliada para percebê-los. Mas embora vêem que são incompreensíveis, todavia podem de algum modo declarar essas maravilhas por meio de certas analogias, sobretudo quando o próprio Deus lhes sugere ao mesmo tempo certos símbolos mais a propósito para representá-las. Assim é como podem celebrar com linguagem inspirada e fazer admirar a infinita bondade, justiça, poder e sabedoria de Deus.

Mas quando Ele se manifesta a elas em seu íntimo esplendor, revelando para elas alguns dos atributos *incomunicáveis*, então o excesso infinito dessa luz, tão superior e tão estranha a tudo que poderíamos suspeitar, deixa-as ofuscadas e emudecidas, envolvidas no abismo insondável da *grande treva*. Essa é a misteriosa escuridão que ultrapassa toda luz, onde, de tanto que vêem, parece-lhes que não vêem *nada*, porque o que mais vivamente sentem e percebem, é a absoluta *incompreensibilidade* que as oprime e as esmaga, e as deixa como totalmente cegas[1132]. Assim, quanto mais luzem recebem,

---

1131 Cf. Santa Teresa, *Vida* c. 28.

1132 "Se alguém, vendo a Deus, entende o que vê, diz São Dionísio (*Epist. ad Caium*), não vê realmente a Deus, mas algo do que é próximo a Ele, isto é, algo dos efeitos divino".

mais no escuro lhes parecem estar em seu total aniquilamento, em meio aos eternos resplendores das *trevas divinas.*

Mas por essas é preciso passar a qualquer custo para chegar à plena visão e posse d'Aquele que "habita na luz inacessível" (I Tim 6, 16), e está rodeado de nuvens e obscuridades, e escondido nas trevas que põe sob seus pés[1133]. Porque verdadeiramente é um *Deus escondido* (Is 45, 15; cf. I Re 8, 12; II Cro 6, 1).

E, no entanto, *Deus é todo luz, e n'Ele não há treva alguma* (Jo 1, 5). Pois *Ele é a luz verdadeira que ilumina a todo homem* (Jo 1, 9). Mas seu próprio excesso de luz, deixando ofuscados os entendimentos, faz-lhes aparentar rodeado das mais densas trevas[1134]. E estas chegam ao seu ápice ao revelar Ele os mais excelsos atributos, que, por sua condição singularíssima, de nenhum modo podem ser participados pelas criaturas; pois não cabendo nestas nada que nem analogicamente possa representá-los, nem dar deles a mais remota idéia, ao aparecer diante da alma tais quais são, fazem-na ficar em sumo grau deslumbrada e atônita, e como submersa no mais denso da *grande treva*, de que tão sublimemente se esforça em vão por falar, lutando com o impossível, Santa Ângela de Foligno.

Entre esses atributos figuram, como indicados, a eternidade, a imensidão, a *asseidade* – ou seja, o existir Deus necessariamente e por Si mesmo

"Quidquid (mens) perfecte percipere valet, observa São Gregório (*Moral.* l. 5, c. 26), Deus non est... Tunc ergo verum est quod de Deo cognoscimus, cum plane nos aliquid de illo cognoscere non posse sentimus".

"Quidquid enim, acrescenta (*In* 1 *Reg.* c. 20), de omnipotenti Deo humana mens potest cogitare, Deus non est".

1133 *Caligo sub pedibus eius... Posuit tenebras latibulum suum* (Sl 17, 10-12). – *Nubes, et caligo in circuitu eius* (Sl 96, 2).

1134 "Et ipsa visio animae, diz Alvarez de Paz (*De grad. contempl.* 5, p. 3ª, c. 13), vocatur divina caligo, quoniam est notitia quaedam Dei obscura quidem, si ad sequentes conferatur, sed ita lucida, perfecta, et admiranda, ut in ea animus abundantissime illustrationibus et affectibus satietur... Est ergo visio intellectualis Dei in caligine, cognitio illa qua, transcursis omnibus creaturis, et relictis omnibus similitudinibus mysteriorum etiam supernaturalium, in Deum, ut in comprehensibilem et nobis incogitabilem et inintelligibilem ferimur, et eo quasi pelago infinitae essentiae, quam ignoramus, penitus absorbemur".

–, a imutabilidade e a identidade real de todas as suas perfeições, que nós vemos como distintas etc. E acima de todas essas maravilhas adoráveis, está o mistério dos mistérios: a trindade de Pessoas com suas mútuas relações, dentro da absoluta unidade de natureza. Ao serem descobertos esses mais que surpreendentes arcanos, é o *grande deslumbramento* divino, naquela escuridão que ultrapassa toda ciência, e que, aparentado ser pura *ignorância*, deixa ver a plena VERDADE. Mas ao ver aquela *Realidade* soberana, tão distinta e tão infinitamente superior a tudo que poderia se dizer e pensar, a alma não pode menos que ficar *muda e cega*, como diz Santa Teresa. Mas nessa cegueira tudo vê, e nesse mutismo que reduz a adorar em silêncio, tendo por blasfêmias as mais sublimes palavras, está a mais eloqüente pregação do *Inefável*"[1135].

Essa *ciência*, embora se chame e aparente ser *negativa* – porque só pode se enunciar por negação das idéias ordinárias –, é o sumo grau do conhecimento *positivo* que nesta vida pode caber e implica a mais solene *afirmação*; a absoluto Realidade, que contempla e busca expressar, exclui limitações e, transcendendo infinitamente as realidades criadas, em sua singular eminência, *a nada se parece* e com nada pode se comparar para que se possa expressar. Só o *Verbo* da Sabedoria eterna a expressa adequadamente. Assim, a *negação* está na *forma* das expressões humanas, mas não na *intuição* espiritual; embora esta mesma, por razão da *incompreensibilidade*, pareça ser tenebrosa[1136].

1135 "Se busco falar da *vida eterna*, diz Santa Ângela de Foligno (c. 27), parece-me que, em vez de louvar, blasfemo... Mas Deus amplia minha capacidade para percebê-Lo".

1136 "Nessa escuridão, diz Tauler (*Inst.* c. 22), encontra-se mais claramente a própria luz divina, e quanto mais tenebrosa ela é, tanto mais verdadeiro é o conhecimento; se já não é que queira o próprio Deus manifestar a *Si mesmo*, o qual, quando Sua Divina Majestade quer, quem haverá que o possa negar?". Nesta *calígine* ou névoa, acrescenta (c. 26), "ilumina Deus *essencialmente*, e de um modo inefável excede todos os nomes que querem lhe dar, subsistindo pura e simplesmente em sua própria substância; porque a Essência de Deus, em Si mesma, não admite nome algum, e os que lhe foram postos, tomaram os vocábulos referentes às criaturas". "Ó, escuridão luminosíssima, exclama São Dionísio (*Mist. Theol.* 1), escuridão maravilhosa que irradia em esplêndidos relâmpagos, e que, não

Por isso a alma fica esmagada e aniquilada à vista de tanta luz, grandeza e beleza, que, se por uma parte a cativa, embeleza e regala com gozo imponderável, por outra, não podendo ainda suportar tanto peso de glória, fá-la sofrer o insofrível, um verdadeiro inferno: de modo que, sem saber como se compaginam esses estremos, inefavelmente "goza e sofre ao mesmo tempo, sem que um impeça o outro". Assim aconteceu longos anos com Santa Catarina de Gênova, e assim vi eu mesmo que acontecia com a angelical Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, que, com ânsia me perguntou na última hora sobre um modo de viver tão estranho, embora não pudesse duvidar que tudo era de Deus[1137].

Por isso, ao ser tão estupenda e tão intolerável essa pena, não querem que cesse, mas que aumente, porque com ela vêem que se configuram com Cristo e se deificam[1138].

Mas, à medida que assim aumenta a purificação e transformação, aumenta a capacidade, e, por serem menores os obstáculos, vão vendo mais claramente e com menos dor e mais gozo a *Realidade* divina, e reconhecendo melhor o inefável de seus atributos e perfeições, donde em silêncio desfrutam já da vida eterna. E, conforme os olhos da alma vão ficando mais puros e confortados, aquela grande escuridão vai sendo marcada com mais freqüência por súbitos *relâmpagos*, que parecem ser a luz da glória, como se permitissem por um momento ver o próprio Deus tal como é...[1139] Esses relâmpagos aumentam em claridade e continuidade, e a alma vem a ficar submersa naquele mar de luz e a se ver toda luminosa, transparente e... *dei-*

---

podendo ser vista nem percebida, inunda com a beleza de seus resplendores os espíritos santamente cegados, revelando-lhes os divinos mistérios".

1137 "Dentro de Deus, passa-se tudo. Mas se passa tão escondido!...", exclamava ela.

1138 Tais eram também as ardentes ânsias dessa bendita religiosa: "Que aumentem os padecimentos, que aumentem sempre!... Não posso viver sem eles... Mas que o Senhor me dê forças para levá-los, que são já irresistíveis", dizia-me, com uma expressão de paz inefável, como quem já está saboreando a Deus...

1139 "Deus aumenta a capacidade da alma para *percebê-Lo e possuí-Lo*... Quando se *revela* a ela, dilata-a e derrama nessa capacidade subitamente aumentada uns gozos e tesouros desconhecidos" (Santa Ângela de Foligno, *Visiones* c. 27).

ficada, como cheia que está da própria claridade, ciência, virtude, fortaleza e caridade de Deus... (Jo 17, 17-26)[1140].

Deste modo se dispõe, conforme foi dito, para ver a *Face* divina e descobrir no abismo da unidade de natureza o inacessível mistério da trindade de Pessoas, e ver as relações especiais que a ligam com cada uma delas, e também a misteriosa obra que cada uma realiza nela mesma e nas demais almas para adorná-las com a beleza de Deus e deificá-las[1141]. Vê as inefáveis ternuras do Pai, que a adota como filha; os encantos do Verbo, que d'Ele procede, e a toma por esposa, e a caridade do Espírito de adoção, que a vivifica, santifica e deifica, procedendo do Pai e do Filho[1142], e vê, em suma, conforme adverte Tauler, como o admirável mistério da Trindade repercute e se reproduz nela mesma[1143]. Esse é o encanto dos encantos... E tudo isso vê e *sente* com uma evidência muito superior à que poderia ter acerca das coisas percebidas pelos sentidos corporais; de tal modo que, mesmo que

---

1140 Cf. São João da Cruz, *Llama de amor viva*, canc. 3, ver. 4 e 5.

1141 "Vi, diz Santa Ângela de Foligno (c. 47), a Trindade gloriosa, e vi como habitava na alma de meus filhos espirituais e os transformava n'Ela mesma de diversas maneiras, segundo a purificação respectiva de cada qual... Vi que essa purificação tinha três graus: o primeiro, é uma austeridade e fortaleza com que facilmente se evita o pecado. O segundo, uma graça que faz deleitosa a prática da virtude. O terceiro, estabelece a alma na plenitude de sua perfeição e a transforma em Jesus Crucificado. Com todas essas graças recebiam uma beleza singular e cada vez maior... A do terceiro grau é mais que tudo o que se pode pensar, e me reduz ao silêncio. Só direi que nessa transformação de meus filhos em Deus os via desaparecer de certo modo, ficando abismados e como transubstanciados n'Ele mesmo, de modo que neles não via já senão o próprio Jesus, ora sofrendo, ora glorificado".

1142 Cf. Santo Agostinho, *Meditaciones* c. 9 etc.

1143 "Por uma bondade totalmente gratuita, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (2ª p., c. 2), Deus nos dá uma visão muito clara das adoráveis e sublimes comunicações que acontecem nas três divinas Pessoas, comunicações que a alma pode saborear contemplando-as com satisfação em silêncio... Mas essas são coisas que não podem se expressar, e mais vale se calar e admirar que querer falar. Quando a alma desfrutou por algum tempo dessa comunicação, seu amor lhe faz gerar nela milhares de vezes, de certo modo, o Verbo divino. Que favor indescritível!"

"Quando, tirados todos os impedimentos e esquecendo-te de todas as criaturas perecíveis, levantas-te com todas as tuas forças, e se elevando acima do tempo, excedes-te e és arrebatado em mim, dizia o Senhor a um servo seu (Tauler, *Inst.* c. 28), fazes-me esquecer tanto de minha excelência, que sou forçado a descer à tua alma para ser nela gerado por meu Pai celestial de modo inefável, com o qual também te adotou como filho; e dentro de ti disponho, mando e governo o céu e a terra".

nunca tivesse ouvido falar dele, conhecê-lo-ia melhor que o mais excelente dos teólogos especulativos[1144], e, ainda que todos os sábios do mundo se juntassem para contradizê-la, contra todos eles o defenderia inalterável e segura de triunfar, e, longe de vacilar diante de seus argumentos, causar-lhe-iam a mesma lástima que as insensatezes de um demente, se é que não lhe causassem risos[1145].

Por aqui se compreenderá a insensatez dos racionalistas, que, sem o menor sentido do sobrenatural, põem-se hoje com grande empenho a filosofar sobre a *psicologia dos místicos*, querendo corrigir os mais experimentados mestres e afirmando com muita gravidade que todas essas altíssimas contemplações – das quais eles não conseguem formar nenhuma idéia – devem ser puras ilusões e carecer de toda realidade objetiva. A isso tendem todas as suas especulativas, e assim, embora presumam de expor os fatos imparcialmente, mesmo sem se darem conta, como lhes advertia não há muito tempo Blondel, totalmente os desfiguram por apresentá-los sob a suposição de que admitem uma explicação natural. Pobres cegos, que têm por ilusão a luz que ilumina aos que têm visão! Há quem chegou a insensata infantilidade de afirmar que, quando os santos dizem que viram o mistério da Trindade, é que se representaram vivamente na *imaginação* como "um bloco de mármore com três pessoas ali gravadas" (!). E por isso se atrevem a discutir com o melhor teólogo e falam acerca das mais com-

---

1144 "Mesmo que não se soubesse pela Igreja quantas Pessoas há em Deus e como precedem umas com as outras, observa Poulain (p. 239), chegar-se-ia então a saber de um modo *experimental, vendo-O*". – Às vezes, no entanto, manifesta-se uma só das divinas Pessoas, sem que se vejam as outras. Assim acontecia com a V. Marina de Escobar, que refere que umas vezes via somente o Verbo (*Obras* t. 2, l. 2, c. 31), e outras, que foram a maioria, só o Espírito Santo (t. 1, l. 2. c. 21, 23, 24; t. 2, l. 1, c. 48; l. 2, c. 30). Com Santa Ângela de Foligno acontecia coisa análoga. – E sabemos que são muitas as almas que sentem de um modo especial a íntima presença do divino Espírito como Santificador, Consolador e Mestre, embora nunca tenham ouvido falar nada acerca desses mistérios da vida em Deus.

1145 Cf. S. Ângela de Foligno, *Vis.* c. 27; Blósio, *Spec. spir.* c. 11, § 1; *Inst.* c. 12, § 2-4; Santa Teresa, *Vida* c. 27; *Moradas* 7, c. 1.

plicadas questões relativas a esse mistério com essa propriedade e exatidão tão surpreendentes!...

Verdadeiramente o *animalis homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei*... Esses sábios que tanta competência – e mesmo tanta probidade – mostram em suas investigações científicas, são aqui absolutamente nulos; põem-se a examinar essas *pérolas preciosas*, como poderia um irracional *olhar e cheirar* uma página de psicologia, de metafísica ou de álgebra. Por isso está escrito: *Nolite dare sanctum canibus, neque mittatis margaritas vestras ante porcos*. Quererão apreciar carnalmente essas espiritualíssimas maravilhas do amor divino, e assim as pisam e profanam (Mt 7, 6). Não estão prontos para isso, se antes não purificam bem seus corações[1146].

No entanto, esse interesse que a mística hoje produz nos mesmos incrédulos – que não podendo negar a realidade desses fatos maravilhosos buscam explicá-los "naturalmente" e de qualquer maneira – não pode menos que envergonhar e confundir tantos católicos, e mesmo a não poucos religiosos e clérigos, que devendo conhecê-la a fundo para dirigir com acerto as almas, e para orientar a sua própria, olham-na, no entanto, com a mais vergonhosa – para não dizer criminosa – indiferença: como se nada lhes importasse conhecer os mistérios do reino de Deus, dentro de nós mesmos![1147]

1146 Muitos médicos e psicólogos racionalistas, como incapazes de apreciar essas finezas do amor divino, baseando-se nas próprias expressões com que os grandes místicos se vêem forçados a expressá-las por analogia com o amor humano, se atrevem a interpretá-las como uma "perversão" desse amor e dos instintos mais grosseiros. Seu coração não lhes permite ver outra coisa! – Mas o próprio W. James (*Expér. relig.* c. 1) se encarregou de estigmatizar esse "materialismo médico", dizendo que "poucas apreciações podiam haver mais vazias de sentido que essa". Já que "a linguagem humana necessita valer-se de imagens tomadas de nossa pobre vida". – "O amor divino, adverte G. Dumas (*Comment aiment les myst.*, em "Rev. Deux-Mondes" 15 set. 06), é infimamente mais rico que todos os sentimentos humanos... Para poder se formar alguma idéia do seu poder, não se pode esquecer que se refere às realidades eternas, que, no ânimo dos místicos, não toleram comparação com nenhuma terrena".

1147 "Ai, Senhor! – exclamava Santa Matilde (*Lux divinit.* 5, 11) –, preciso é que me queixe ao ver em tantas pessoas tão grande cegueira. São clérigos, e não obstante temem a graça da devoção interior. Nesse número vejo também religiosos, e, entre estes, muitos que se passam por prudentes e sábios. Quando a divina misericórdia derrama tantos raios de luz, que deveria a alma arder e se

Mas os incrédulos, tendo seus corações endurecidos, por muito que presumam de imparcialidade, não podem ver nem entender o mistério que se encerra nesses fenômenos (Mt 13, 9-16; Mc 4, 9-12). Vêem a uniformidade com que, no meio da incrível variedade de expressões, falam no fundo todos os místicos, embora muitos deles jamais tenham lido nem ouvido nada do que aconteceu com os demais; não podem negar sua sinceridade, penetração, delicadeza de sentimentos e perfeito equilíbrio, e, no entanto, descartam tão unânimes e tão imponentes testemunhos! Que pode lhes faltar para que esses sejam críveis?... Nada. *Credibilia jacta sunt nimis...* O que lhes falta é *disposição* para receber essas coisas e *sentido* para apreciá-las. Mas elas subsistem, e sem a única explicação verdadeira da íntima comunicação com Deus, os fatos resultarão sempre *enigmáticos*. Como se explicará, com efeito, esse fato inegável de que tantas almas simples e iletradas, num momento de altíssima contemplação, adquirem uma ciência tão prodigiosa com que logo chegam a superar os maiores teólogos? E essas almas existem em abundância, e se chamam Hildegarda, Ângela de Foligno, Catarina de Sena, de Gênova e de Bolonha; Ruysbroeck, José de Cupertino, Nicolau Factor, Teresa de Jesus, Rosa de Lima, Marina de Escobar, Maria de Agreda, Ana Catarina Emmerich, Ana Maria Taigi, Irmã Bárbara, Gema Galgani, Benigna Consolata e muitas outras, pois mesmo em nossos dias há muitas. Tivemos ocasião de tratar com algumas que, sem ler mais livros senão o de Jesus Crucificado, verdadeiro livro da vida, deixaram-nos atônitos, vendo quão sublimes e maravilhosas notícias *experimentais* tinham do adorável mistério da Trindade e da misteriosa obra do Espírito de amor nos corações justos[1148].

---

derreter, o sentido humano, obcecando-se, quer trocar o celestial pelo terreno. Necessário é, diz, que me faça útil ao mundo por meio de obras exteriores. Ai, Senhor! Cuidar do corpo e viver de tal modo que o próprio exemplo ensine o amor e a imitação do espírito mundano, eis aqui o que esses "prudentes" chamam *sensatez*".

1148 Cf. *supra*, p. 166, 243, 505 etc. "Em nossa época, observa o Dr. Goix (*Annales de phil. chrét.* março 97), esquece-se em demasiado que o método próprio da Teologia mística é o *conhecimento experimental*... A ordem da graça, como aquela da natureza, tem suas leis, que se descobrem por observação e experiência... O místico não é, como se supõe, um homem que se eleva a verdades superiores à experiência; mas, ao contrário, um homem que por experiência comprova verdades

"A alma se vê, diz Santa Teresa[1149], num momento sábia, e tão declarado o mistério da Santíssima Trindade, e outras coisas muito elevadas, que não há teólogo com quem não se atrevesse a disputar a verdade dessas grandezas". Assim, embora não possa expressar o que é inefável, ao falar daqueles atributos divinos para os quais – por serem de certo modo comunicáveis – pode achar certas analogias, e mesmo ter que indicar em *linguagem humana*, do modo que possa, os mais altos mistérios da fé – se bem fará constar as deficiência da palavra, advertindo que a realidade a transcende infinitamente –, com tudo isso, ao nosso modo de entender e apreciar, falará com uma nobreza e propriedade que assombram e confundem os mais experientes mestres[1150].[1151] E é porque numa só idéia simplíssima que Deus lhe infunde num instante, recebe a plenitude de toda uma vastíssima ciência. "Tudo acha preparado, acrescenta a Santa, como alguém que sem aprender nem ter trabalhado nada para saber ler..., acha-se toda a ciência sabida já em si, sem saber como nem onde". Essa ciência que assim recebem e de um modo permanente conservam tantas pessoas iletradas, possuem-na mediante alguma *idéia infusa* que conseguiram assimilar de modo que logo podem usá-la como coisa própria[1152].

---

superiores à razão... Hoje, em nome da própria experiência, já se afirma a existência de um mundo invisível; e a necessidade do invisível leva muitos contemporâneos ao espiritismo e ao ocultismo. Esse movimento para a superstição pagã faz mais necessário e de mais atualidade que nunca o estudo da Teologia mística".

1149 *Vida* c. 27.

1150 Por isso nossos seríssimos teólogos de São Paulo de Valladolid, como verdadeiramente sensatos, não desdenharam de figurar como humildes discípulos da V. Marina de Escobar; a qual, a pedido deles, vinha dar-lhes aulas e maravilhosas explicações de outra Teologia mais alta que àquela aprendida nas Escolas.

1151 Deste modo, *per contemplationem*, como diz Santo Tomás (2-2, q. 180, a. 4), *fit nobis quaedam inchoatio beatitudinis, quae hic incipit ut in futuro continuetur.* Cf. Santa Catarina de Sena, *Diálogos* c. 85.

1152 "É uma coisa maravilhosa de ver, escreve o Pe. Gracián (*Itiner.* c. 9), como num abrir e fechar de olhos, revela Deus tantos conceitos e luzes soberanas, que não se podem contar... Também com essa luz parece que se entendem muitas coisas dos negócios do mundo, acontecimentos e o estado de muitas almas...; e costuma acontecer que duma luz dessas, em alguma matéria pode-se escrever um grande livro e livros, e que dura todo um ano o discorrer sobre isso".

Mas de outras mais altas e substanciais notícias não podem conservar idéias tão claras. Só recordam de as ter tido, com a plena consciência que conservam de terem visto o Inefável no meio daquele grande *deslumbramento* que tão maravilhosamente experimentaram[1153]. Mas essa visão passa logo, e depois não só não a podem referir, por ser *inenarrável*, mas tampouco a podem reproduzir interiormente, como *inconcebível*; por onde se vê que essa luz não foi aquela de uma idéia infusa, *criada*, mas a *impressão imediata* da própria Realidade divina, que logo se oculta a elas e as deixa no escuro...[1154]

Isso pode esclarecer muito, e talvez mesmo resolver a tão debatida questão, de se vêem a Deus algumas vezes *intuitivamente* – como os bem-aventurados – ou se só podem vê-Lo mediante "espécies infusas". Muitos desses *teólogos especulativistas*, a quem falta experiência, devoção e mesmo verdadeiro *sentido cristão*, tão facilmente propendem a querer encerrar todas as operações sobrenaturais aos estritos moldes de sua própria psicologia (e mesmo a formulá-las *adequadamente* com um silogismo), tudo buscam reduzir a "espécies e formas", e, portanto, a "noções abstratas", e assim crêem que nesta vida *nunca* – ou só raríssima vez e como pelo mais surpreende milagre – pode a própria Essência divina se comunicar imediatamente à alma, de modo que lhe sirva de "espécie inteligível"[1155].

Mas os verdadeiros *teólogos experimentados*, e sobretudo os grandes místicos, que tão vivo sentimento têm dessas altíssimas verdades, não se contentam com falar dessas "noções abstratas" e notícias *especulativas*, mas

---

1153 Cf. Santa Ângela de Foligno, *Vis.* c. 27.

1154 Cf. Santo Tomás, 2-2, q. 175, a. 4, ad 3. – "No Espírito de Deus, diz Tauler (*Inst.* c. 22), resplandece algumas vezes um sobrenatural desejo, que se manifesta tão claro, que não se pode duvidar que é *o próprio Deus*, que se deixa *ver* como à luz de um relâmpago; porque essa visão é tão súbita e veloz que não fica imagem alguma de sua visão, e totalmente não se pode saber nem entender o que foi; conhecendo por certo só que foi algo, embora não se possa definir... A sutiliza dessa luz é tal, que o entendimento não a pode compreender; pelo qual não ficou imagem alguma sua. E se ficasse algo no homem, ou o entendimento o tivesse apreendido, sem dúvida não teria sido Deus, embora pudesse ser alguma coisa divina. – No próprio fundo da alma não pode entrar o anjo, nem o demônio, nem criatura alguma, senão aquele sumo Espírito que a criou".

1155 Cf. Blósio, *Inst.* c. 12, § 2; Dionísio Cartuxo, *De fonte lucis* a. 15.

nos falam também de verdadeiras percepções concretas e imediatas da própria Realidade divina[1156]. Embora reconheçam muitas vezes a infusão dessas idéias *permanentes*, as grandes visões passageiras da Divindade não as têm em rigor por *abstratas*, mas por *intuitivas*, como obras daquele Espírito *qui omnia scrutatur, etiam profunda Dei*, e com o qual estão como *identificados*: *Qui adhaeret Domino, unus Spiritus est*. As notícias que assim recebem não são abstratas, mas concretas, vivas e palpitantes, e essa ciência que o Espírito de entendimento e de sabedoria lhes comunica, não é *especulativa*, mas *experimental* e muito *saborosa*: verdadeiramente *sentem*, *saboreiam*, *vêem e ouvem* o próprio Deus Inefável, o Deus Uno e Trino, *sem intermédio* algum, ao modo dos bem-aventurados, embora mais imperfeitamente e por brevíssimo tempo, conforme o grau de purificação e a condição dessa vida mortal lhes permitam[1157]. *Sentem* a Deus como *realmente unido* às suas almas e inteligências; *ouvem* a voz de seu Verbo, *vêem-No* e O conhecem com essa *mesma claridade que Ele recebe do Pai*, encontram-se feitos uma coisa com Deus, e na mesma luz divina vêem a Luz verdadeira e eterna; em suma, estão certos – e com certeza absoluta – de *ver*, *sentir e tocar* por momentos o próprio Deus *immediate*, e não por intermédio de alguma imagem, representação ou *abstração*, por elevadas que estas sejam[1158].

1156 Cf. Madre Maria de Agreda, *Mística Ciudad de Dios* 1ª p., l. 2, c. 14. – "Mens humana divinitus rapitur ad contemplandam veritatem divinam *tripliciter*. Uno modo, ut contempletur eam per *similitudines* quasdam *imaginarias*:... Alio modo per *intelligibiles effectus*... Tertio modo *ut contempletur eam in sua Essentia*". – "Oportet autem, cum intellectus hominis elevatur ad altissimam *Dei Essentiae visionem*, ut tota mentis intentione illuc advocetur" (Santo Tomás, 2-2, q. 175, a. 3 ad 1; a. 4, c.). "Sciamus, adverte Alvarez de Paz (l. 5, p. 3ª c. 1), dona quibus Dominus animas ad gratiam contemplationis evectas exornat, non esse naturae limitibus coarctanda: solereque etiam cum in se sunt, et usu exteriorum sensuum non privantur, tam splendidissima luce perfundi, ad tam altam cognitionem sublimari, ut pene adiumentum cogitationis deserant, et *more Angelorum*, quorum puritatem in sua conversatione aemulantur, *intelligant*".

1157 S. Agostinho (*De Genes. ad litt.* l. 12, c. 28) afirma que São Paulo *viu a Deus com aquela visão com que O vêem os santos na Pátria*.

1158 *Cognoscunt Me... Sicut novit Me Pater, et Ego agnosco Patrem... Vocem meam audiunt.* – *Cognoscetis quia Ego sum in Patre... Manifestabo ei meipsum.* – *Claritatem, quam dedisti Mihi, dedi eis* (Jo 10,

Por isso dizem que nesses momentos gozam um presságio da glória, ou uma glória antecipada, e que mora Deus na alma como em "outro céu", de modo que "o que entendemos pela fé, ela entende como *por visão*"[1159], e assim a luz que então recebem participam já mais da gloriosa que daquela da fé ordinária, que é *per speculum et in aenigmate*[1160]. Porque embora seja com certa obscuridade – por não poderem resistir ainda ao resplendor – o que vêem ou percebem inefavelmente é, às vezes, a própria *Essência divina*, em que estão como transformados, em virtude dessa união tão íntima que os faz já *uma coisa com Deus*[1161]. Assim dizia o Pai Eterno à Santa Maria Madalena de Pazzi[1162]: "Um fruto da *comunicação da minha Essência* é um tipo de *desaparição da fé*... Por essa comunicação derramo em vós um conhecimento meu tão profundo, tão claro e tão íntimo..., que parece pertencer, mais que à fé, à *visão*". A V. Marina de Escobar[1163] assegurava ao seu confessor – o V. Luís de la Puente – ter visto a própria Essência divina, contemplando a Deus *face a face*, e ter notado que O via como os santos no céu[1164]. O mes-

14-27; 14, 20-21; 17, 22). – Cf. São João da Cruz, *Subida* l. 2, c. 26; *Cânt. espirit.* 14, 15 e 39; Blósio, *Inst. spir.* c. 12, § 2-4; São Bernardo, *In Cant.* serm. 21; e nossa *Exposición* mística *del Cant.* 2, 9.

1159 Santa Teresa, *Morada* 7, c. 1-2; cf. *Vida*, c. 27.

1160 "Supremus gradus contemplationis est..., medio modo se habens inter statum praesentis vitae et futurae" (Santo Tomás, 2-2, q. 180, a. 5).

1161 Santa Teresa, *ib.*—Perceber os mistérios inefáveis, *quae non licet homini loqui*, segundo Santo Tomás (2-2, q. 175, a. 3), *pertinet ad visionem beatorum... Et ideo convenienter dicitur quod Deum per Essentiam vidit* (quem tais coisas viu). Da mesma opinião é o famoso Arcebispo Peraldo, O.P. (*Summa virtutum* 4ª p., tr. *De Donis*, 10): "Et secundum hoc, adverte, illud Ex. 33: *Non videbit me homo, et vivet*, exponendum erit de homine *humano more vivente*, secundum illud Aug. in lib. *De Trin.*: Videri, inquit, Divinitas humano visu nullo modo potest, sed *eo visu videtur quo iam, qui vident, non homines, sed ultra homines sunt*".

"As operações misteriosas da vida mística, diz por sua vez o Pe. Monsabré (*Oración* c. 5, § 3), arrancam as almas da terra e as transportam para as praias da *visão beatífica*". Cf. *Cuest. místicas.* preámb. 4; Vallgornera, *Myst. D. Thom.* q. 3, d. 3, a. 10.

1162 P. 4ª, c. 17.

1163 *Obras* t. 1, l. 3, c. 2, § 4.

1164 "As alturas de minha vida passada são muito baixas comparadas com esta, exclamava por sua vez Santa Ângela de Foligno (c. 27). – Ó, plenitude, plenitude! Ó, luz inundante, certeza, majestade e dilatação, nada há que se pareça com a tua glória! E esse deslum-

mo afirmava de si Santo Afonso Rodríguez, e o havia assegurado muito antes a incomparável virgem de Sena; tudo isso está muito conforme com a doutrina do Doutor Angélico[1165].

Mas, embora vejam direta e imediatamente a Realidade divina, é por muito breve tempo, às vezes como um relâmpago, e só na medida em que são capazes de receber a luz que Deus se digna comunicar às suas inteligências[1166]. Assim lhes revela às vezes um atributo, às vezes outro, e só depois

---

bramento de Deus eu o tive mais de mil vezes, e nunca me parecia o mesmo, eternamente variado e sempre novo... Isso que chamo *deslumbramento de Deus, é o que têm os santos na vida eterna*".

Já na noite do espírito, diz São João da Cruz (*Noche* 2, 12), "ilumina a divina Sabedoria os homens na terra *com a mesma iluminação que aos anjos no céu*... Almas há que nesta vida receberam *mais perfeita iluminação que os anjos*".

1165 Santa Catarina (cf. *Vida*, 2ª p., 6, e Supl. do B. Caffarini, 2) afirmava energicamente ter visto a própria *divina Essência, a Face de Deus*, da qual só podia dizer: É o sumo Bem, a suma Verdade. – "Estejais seguro, dizia ao seu confessor, de que *vi a divina Essência*; e por isso sofro tanto por me achar acorrentada ao meu corpo".

O próprio Santo Tomás (1ª p., q. 12, a. 11, ad 2; 2-2, q. 175, a. 3) declara que não só é possível, mas que de fato foi concedido a alguns serem elevados na vida a essa surpreendente visão. – Ademais, sabemos já que são muitos os místicos que depõem ter visto na própria Essência divina as razões de todas as coisas. E isso, segundo ele (2-2, q. 163, a. 1), é impossível sem vê-la: *Non est autem possibile quod aliquis videat rationes creaturarum in ipsa divina Essentia, ita quod eam non videat.*

"Secundum ergo omnes scholasticos Doctores, qui res istas pressius et exquisitius tractant, diz Alvarez de Paz (*De grad. contempl.* V, 3, 15), aut verum, aut probabile est, quod nonnulli in carne viventes Deum clare et intuitive viderint... Tamen doctrina haec..., magis apud mysticos Doctores protractata est. Aliqui enim illorum indicare videntur in omni aetate viris dono contemplationis eximie cumulatis hanc gratiam a Domino fuisse concessam, ut aliquoties ipsum clare et intuitive conspexerint". "Quidam demum Sanctorum sic loqui et sentire videntur, escreve Dionísio, o Cartuxo (l. 3 *De Contempl.* a. 24), quasi aliquando ineffabiliter, raptim, quibusdam amantissimis Dei, ad punctum, huiuscemodi contemplatio in vita hac concedatur".

"Rapti, diz São Boaventura (*De lumin. Eccles.* serm. 3), non habent habitum gloriae, sed *actum*. Et sicut raptus est in confinio viae et patriae, ita est in confinio unionis et separationis a corpore".

1166 Lê-se no livro de Jó (36, 32) que Deus "esconde a luz em suas mãos e de novo a manda que se manifeste". – Conforme ao que adverte a famosa *Epistola ad Fratres de Monte Dei* – atribuída a São Bernardo – que "ao eleito e amado de Deus se manifesta às vezes certa luz da *Face divina*, como a que estivesse encerrada entre as mãos, que aparece e se oculta à vontade de quem a tem; para que por isso se permita ver como de passagem e por um momento, inflame-se o espírito para a plena posse da eterna luz. – E para que de algum modo apareça a esse tal o que lhe falta por conhecer, algumas

do matrimônio espiritual – em que já estão confortados – manifesta-se a eles de um modo mais claro e estável, permitindo-lhes certa visão quase habitual do próprio mistério da Trindade, de tal modo que, sempre que se recolhem, advertem a clara presença das três Pessoas divinas[1167]. Às vezes nem o sono nem as maiores ocupações lhes impedem de gozar dessa amorosa visão, vivendo de certo modo entre os homens à maneira dos anjos encarregados de nossa guarda.

Essa visão os faria totalmente bem-aventurados – e até certo ponto o são em meio aos maiores padecimentos (Mt 5, 11-12; Lc 6, 22-23). Mas, como muitas vezes vai acompanhada de certa obscuridade que lhes dá grandes ânsias e ímpetos dolorosos, e outras muitas se ordenam a purificá-los mais e mais, ou fazê-los servir como vítimas expiatórias e propiciatórias para o bem de toda Igreja, daí que esse inefável prazer – pelo menos até o matrimônio espiritual – vá ordinariamente associado a intoleráveis martírios de amor.

Essa participação das dores de Cristo – assim como de sua glória – é característica de todos os seus fiéis imitadores que chegaram a se configurar com Ele. Santa Teresa, no meio dos mais delicados e quase contínuos favores que chegou a merecer, afirmava não ter passado nem um só dia sem grandes sofrimentos. Assim, o próprio êxtase produzido pelo suave contato divino, e sobretudo o *rapto*, que absorve as almas na luz inacessível, embora sempre deliciosos e salutares, são às vezes, ao mesmo tempo, dolorosíssimos. Isso provém não só da condição em que se acham as próprias almas, mas também dos especiais atributos que Deus lhes manifesta, e de outros conhecimentos acessórios que acrescenta. Se, por uma parte, revela-lhes sua santidade e justiça infinitas, com a suma aversão que tem ao pecado, e, por outra, faz-lhes ver e palpar o próprio nada e misérias, enquanto que por um desfalecem de amor, pelo outro se desfazem na mais intensa dor, que lhes penetra às vezes até nos

---

vezes a graça estreita o sentido do amante e o retira, arrebatando-o ao dia que é sem tumulto, aos gozos do silêncio; e segundo sua capacidade, por um instante, *mostra-lhe o próprio Deus, para que O veja tal qual é*. Entretanto, vai convertendo-lhe n'Ele mesmo, para que seja, tanto quanto possível, como Aquele que *É*" (b).

1167 Santa Teresa, *Moradas* 7, 1.

ossos e as deixa por vários dias prostradas e sem forças. E quanto maior vai sendo a luz que recebem e o apreço que a Deus têm, tanto maior resulta a prostração, o abatimento e, sobretudo, o desprezo de si mesmas, parecendo--lhes pouco todo o inferno para satisfazer como desejam por suas ingratidões.

Assim se compreende seu profundo aniquilamento e essa humildade portentosa, tão *sentida* como sincera, que as faz se terem por *nada* em meio aos maiores engrandecimentos, que muito bem conhecem. Vêem-se *santificadas* e *deificadas*, sentem-se irradiando com a ciência e virtude divinas, e, no entanto, aniquilam-se totalmente, porque de nada se apropriam. E com os grandes favores divinos se confundem e se enchem de maiores desejos de publicar seu próprio nada e as infinitas misericórdias de Quem assim as engrandeceu. Daí que a verdadeira humildade não esteja, como adverte Santa Teresa, em ignorar a excelência dos benefícios recebidos de Deus, mas em reconhecê-los para agradecer devidamente, e não se apropriar da glória: *Quia fecit mihi magna qui potens est...*

Do mesmo modo, quando lhes mostra os grandes males da Igreja[1168] e a necessidade de expiações, os crimes de tantos cristãos, os sacrilégios dos sacerdotes indignos, o horror dos cismas e dissensões que tratam de deslocar os membros do Corpo místico, e o rigor com que todo esse peso de culpas oprimia o próprio Salvador no Horto..., participam verdadeiramente de sua agonia e suor de sangue, acompanham-No em toda sua sagrada Paixão, ajudam-No a levar a cruz e prolongam, através dos séculos, o sacrifício do Calvário[1169].

1168 "Est contemplatio de statu militantis Ecclesiae. Proponitur enim animae, insolita quadam luce, sanctae huius matris dignitas et sanctitas. Quam ardenter a Deo sponso eius diligatur, quam potenter ab omni falsitate defendatur; et columna veritatis efficiatur, quam fide liter a tentationibus et persecutionibus tyrannorum et haereticorum liberetur, quam affluenter sanctis et perfectis viris impleatur, quam misericorditer in filiis rebellibus, scilicet in peccatoribus sustineatur quam infallibiliter in praedestinatis ad praemium vocetur... Alia est enim facies Ecclesiae cum inadvertenter aspicitur, aut cum per lucem contemplationis videtur" (Alvarez de Paz, *De nat. contempl.* l. 5, p. 2ª, c. 2).

1169 "É uma dor, escreve a Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos (22 de agosto de 1872; *Vida* p. 444), ver as almas que não correm, mas voam, para se precipitarem no inferno... Isso me martiriza, pois vejo o sangue de meu Deus desprezado. Com essa dor, eu dizia ao meu Deus:

Mas se "levam sempre a mortificação de Jesus", também "a própria vida de Jesus se manifesta claramente em seus corpos mortais", e, se encontram todo seu caminho semeado de cruzes, nelas recebem para si e mesmo para os demais a salvação e a vida, que lhes permitem desfrutar, apesar de tudo, de uma antecipada glória... Com o Espírito de revelação que possuem, são a luz do mundo, e, com seus contínuos padecimentos, o sal da terra. Ai desta! O dia que lhe faltarem tais almas!...[1170]

Mas não faltarão nunca... E, apesar de toda a malícia do mundo, irão aparecendo segundo seja preciso, e cada vez em mais abundância... Que o Senhor nos dê seu *Espírito de revelação* para conhecê-Lo e amá-Lo, e saber apreciar devidamente as grandezas e magnificências que se digna depositar em seus fiéis servos! (Ef 1, 17-19)[1171].

Os santos continuam a missão do Salvador, e postos, como Ele, como sinal de contradição, ao mesmo tempo salvam e julgam o mundo[1172]. Quem os ouve e recebe, ouve e recebe o próprio Jesus Cristo, e encontra assim a luz, a salvação e a vida. Quem os despreza, a Jesus Cristo despreza (Lc 10,

---

É possível que irão se perder tantas almas, que vos custaram tanto? Dai a mim o castigo que elas merecem, e sejam salvas. Colocai-me na porta do inferno para que já não entrem mais; pois meu coração não pode com a dor de ver mais almas perdidas... Ai, Pai! Quão grande é minha dor quando vejo meu Deus tão ofendido e sem o poder remediar; pois, se eu pudesse, mil vidas daria para ganhar pelo menos uma alma para Deus... Queria fazer grandes sacrifícios para que fosse amado, adorado e glorificado por todo o mundo. Queria ter em minha mão os corações de todo o mundo, para consagrá-los todos a Deus".

Cf. Beata Ana Catarina Emmerich, *Vida*, por Brentano, p. 4; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras*, P. 4ª, c. 5; Cf. Pe. Faber, *Todo por Jesús* c. 3.

1170 *Cum prophetia defecerit, dissipabitur populus* (Prov 29, 18).

1171 "Esses, embora ocultos, diz Tauler (*Inst.* c. 38), são os verdadeiros amigos de Deus, que com suas devotíssimas orações sustentam a Cristandade; porque é tanta a compaixão que lhes causam os pecadores, que de bom grado morreriam por eles, se com sua morte os pudessem converter ao Senhor. – Por que causa pensamos que aquele justo Juiz suporta tanto tempo os pecadores, e não executa logo o castigo, senão principalmente porque esses homens, estreitando-se em espírito com as chagas do Salvador, tiram delas copiosíssimas graças?" (cf. Santa Catarina de Sena, *Diálogos* c. 143).

1172 Cf. Pe. Weiss, *Apol.* 10, conf. 24; São Gregório Magno, *Mor.* 24, 16-18.

16; Mt 10, 14-40), e não se movendo com tão heróicos exemplos incorre no juízo mais terrível; por si mesmo se julga: *Iam iudicatus est*[1173].

§ III. – IMPORTÂNCIA DAS REVELAÇÕES PRIVADAS. – PRECAUÇÕES QUE EXIGEM; A VERDADE DE FUNDO E OS ERROS DE INTERPRETAÇÃO E DE APRECIAÇÃO. – INFLUÊNCIA SALUTAR E PERENE. – ALTEZA DE IDÉIAS, SABEDORIA PORTENTOSA E ADMIRÁVEL NOBREZA DA LINGUAGEM. – O MAGISTÉRIO DIVINO E O PROGRESSO INFINITO; A RAZÃO AUTÔNOMA E A DEGRADAÇÃO.

Pelo que foi dito até aqui poderá se compreender a suma importância que na vida cristã exerce o magistério interior do Espírito Santo, manifestado não somente nas contínuas *iluminações* que recebem todos os justos e na maravilhosa *assistência* com que preserva do erro os concílios e o pontífice, mas também nas freqüentes *revelações* – sensíveis ou intelectuais – e no dom de *profecia* ou de *discernimento dos espíritos* com que favorece e seguirá sempre favorecendo a muitíssimas almas, posto que sempre há de estar *constituindo amigos de Deus e profetas* (Sab 7, 27), e *derramando-se* copiosamente sobre jovens e anciãos (Jo 2, 28-29).

Também se compreenderão as precauções com que, apesar disso, a própria Igreja e todas as almas prudentes olham essas *revelações privadas*, a fim de discernir os espíritos e ver que coisas são de Deus, para não as desprezar nem confundir com os erros humanos que entre elas podem se infiltrar, nem muito menos com as sugestões diabólicas que buscam imitá-las.

1173 "O Deus todo-poderoso, ouviu dizer uma vez Santa Ângela de Foligno (c. 29), escolheu-te e pôs seu amor em ti. Em ti tem suas delícias, em ti e em tua companheira. Que vossa vida seja, pois, luz e misericórdia para quem a considere; e que seja justiça e juízo para os que a vejam". – "E minha alma – acrescenta ela – viu em certa luz que esse juízo seria mais terrível para os sacerdotes que para os leigos; porque o desprezo que fazem das coisas divinas resulta mais horrível com o conhecimento que têm das Escrituras".

Estas poderão sempre se distinguir por atentar dissimulada e insidiosamente contra a pureza de nossa santa fé ou contra os bons costumes, e aqueles, pelo vazio e inutilidade.

Já indicamos como as visões e locuções sensíveis com que Deus favorece muitas almas piedosas para iluminá-las de um modo mais claro e distinto, acomodado à sua capacidade, apesar de serem por si mesmas fidelíssimas, podem dar ocasião a erros e enganos. Isso provém dos detalhes que cada sujeito pode às vezes acrescentar inadvertidamente, ou de tomar por realidade o que é simbólico, ou, de dar um sentido material às palavras que Deus diz num sentido muito distinto[1174]. Nas locuções que se chamam *sucessivas*, o erro e engano podem penetrar até no fundo, por ter fabricado tudo a própria alma por sua conta. Agora, nas *formais em geral* – e muito mais nas comunicações totalmente *intelectuais*, sejam *locuções* ou *visões* – em *si mesmas* não cabe o menor engano, posto que a alma as recebe de Deus sem pôr ela nada de sua parte. No entanto, cabem não poucos erros no modo de *expressá-las*, de *interpretá-las*, e mesmo de *representá-las* mentalmente; porque ao *assimilá*-las, embora seja a fim de poder compreendê-las ou expressá-las melhor, já introduz, sem se dar conta, certos *elementos humanos*, capazes de conter inexatidões. Pois, embora imagine que não faz mais que *entender* simplesmente o que Deus lhe diz ou manifesta, na realidade às vezes o *considera* e o *interpreta a seu próprio modo*. Daí que ao *traduzir* para linguagem humana algumas das próprias comunicações intelectuais traduzíveis, apesar de luminosas e elevadas que sejam, pode a alma viciá-las de alguma maneira.

1174 "As revelações ou locuções de Deus, diz São João da Cruz (*Subida* 2, 18-19), não sempre saem como os homens as entendem, ou como elas soam em si... Embora sejam certas e verdadeiras, não é preciso que o sejam sempre em nossa maneira de entender. – "Acontece de se enganarem as almas..., por tomarem a inteligência delas pela letra e pela exterioridade; porque a principal intenção de Deus, é lhes dar o espírito que está ali encerrado... E este é muito mais abundante que a letra, e muito extraordinário e fora dos limites dela. E assim é que se se ata à letra da locução ou à forma ou figura apreensível da visão, não poderá deixar de errar muito... Porque, como diz São Paulo (II Cor 3, 6): *A letra mata, mas o espírito vivifica*".

Coisa muito diferente acontece com as *notícias* espiritualíssimas que provêm de um misterioso *toque divino* que faz como palpável a verdade, porque ali a alma não interpreta nem assimila ao *modo humano*, mas, dominada por completo do Espírito de sabedoria e de entendimento, *penetra, sente, saboreia e palpa* divina e *não humanamente* as próprias realidades inefáveis. E se algum erro vem a se deslizar ao fim, não é nessa puríssima *sensação espiritual* da verdade, mas só na *comunicação* que busca fazer aos outros, dada a impossibilidade de traduzi-la fielmente em linguagem humana, pela necessária desproporção e inexatidão de todos os termos e símbolos, que, por nobres que sejam, sempre hão de se diferenciar infinitamente dessa inefável impressão do divino[1175]. E por isso todas as almas assim favorecidas sentem suma repugnância em falar, seja pelo motivo que for, dessas coisas *inefáveis*, porque vêem claramente a inexatidão e baixeza das palavras, que mais que expressões da verdade, para elas parecem como blasfêmias, e por isso repetirão com o Apóstolo: *São segredos dos quais não é lícito falar*.

Pelo que faz as *locuções* mais freqüentes, quando são muito longas e reiteradas, por não serem puramente *intelectuais*, é de supor que ordinariamente pertençam ao grupo das *sucessivas*, em que tanto intervêm as interferências humanas, suspeitas de erro. Deste podem se viciar até certo ponto mesmo algumas das *revelações* mais acreditadas, que tenham podido se fazer nessa forma, e também quando se fazem como de um golpe, em virtude de uma idéia simplíssima que logo a alma vai penetrando, interpretando e traduzindo

---

1175 "Ao querer *traduzir* essas comunicações profundas, íntimas e solitárias – observa uma alma (J.) acostumada a elas – pode se misturar algo natural; mas ao compreendê-las e saboreá-las, não; é toque divino de amor, de glória, que fica impresso na alma para mais e mais uni-la e acorrentá-las com correntes de ouro puríssimo e firmíssimo do mais inflamado amor; e por isso se conhece quem age, e que o toque é divino, pelos efeitos que sentem, que são se consumir e se aniquilar, sem já saber de *nada*: Deus de tal maneira a possui, que ela nada tem, pode nem quer senão só a seu Deus". Em outras comunicações muito inferiores, como são as sensíveis, adverte Santa Ângela de Foligno (c. 54), "permite Deus que a alma se engane; e o permite para guardá-la, para que não se vá, pois a ama com amor ciumento. Por isso a submerge num abismo donde ela encontra duas ciências, a de si mesma e a de Deus: aqui já não cabe erro; a alma vê a verdade pura... Vê simultaneamente os dois abismos, e o modo de sua visão é um segredo entre ela e Deus".

a seu modo, e às vezes tendo que refletir e comparar, e introduzindo assim muitas apreciações e maneiras próprias. Essas cabem, embora a redação se faça, como tantas vezes acontece, sem nenhum esforço, vindo por si mesmas à boca ou à pluma as palavras mais gráficas e as frases mais expressivas. Porque também estas, afinal de contas, costumam formar parte do caudal que a própria alma tinha, e por isso em cada redação se reflete o caráter natural de cada pessoa.

Daí que, apesar do merecido crédito de que desfrutam esses escritos, e mesmo do sumo apreço que na própria Igreja tem alguns deles, como deve ter interferido na interpretação ou na redação o elemento humano (sobretudo se foram redigidos, ou atrevidamente *retocados*, por mãos estranhas), estão muito longes de serem infalíveis, e podem conter certas inexatidões e mesmo falsas apreciações: pelo qual não sempre concordam totalmente entre si, mesmo os mais autênticos e autorizados[1176]. Por isso, embora tão

1176 A Beata Ana Catarina Emmerich (*Pasión*, § 28), adverte que muitas coisas narradas por diversas pessoas favorecidas com visões, são intuições simbólicas que variam segundo o estado da alma; e que esta pode talvez tomá-las por realidades. – "Daí nascem numerosas contradições". – Me foi divinamente assegurado, dizia o Beato Bernardo de Hoyos (p. 263), "que, embora em algumas coisas *acidentais* se meta o espírito próprio – como acontece quando se revela uma coisa e a imaginação acrescenta alguma circunstância –, no entanto, o Senhor *não permite esse erro em coisa substancial*, nem aqui há ofensa sua em afirmar como revelada por Deus alguma circunstância que acrescentou a imaginação, porque a alma assim se persuadiu dela; que por isso convinha que tudo passasse pelos Padres espirituais a quem Ele assiste para que saibam discernir o precioso do vil. Pois embora vulgarmente os homens pensem que o mesmo é dizer algo uma pessoa a quem Deus favorece, para ser ela profecia ou revelação, não é assim; que nem tudo o que os profetas diziam, Deus o dizia". – "E por isso, embora o Padre espiritual esteja certo de que é Deus o autor de uma revelação, deve examinar suas circunstâncias, e não aprovar senão o que a prudência, a experiência etc. ditarem: pois Deus gosta que tudo se submeta aos seus ministros visíveis".

Por isso encarrega São Paulo (I Tes 5, 20-31), ao mesmo tempo *não desprezar* as luzes proféticas, e *examinar* todas essas comunicações para só *reter o bom*. Cf. Santo Tomás, 2-2, q. 163, a. 4; q. 171, a. 2. – O mesmo Santo Doutor advertiu (*ib.* q. 8, a. 4; q. 9, a. 3; q. 45, a. 5), que, embora nunca falta aos santos a luz da inteligência no necessário para a salvação, falta-lhes às vezes em outras coisas, para que assim se mantenham humildes.

"Deus Nosso Senhor, dizia uma alma cheia de luzes (V.), alguma vez se retira e nos deixa sozinhos; e sozinhos, disparatamos.... Ele o consente..., para que nos conservemos em humildade, e nos rendamos em tudo ao juízo da Santa Igreja, para com isso adquirir maiores merecimentos".

preciosas, não podem por si mesmas essas *revelações privadas* se comparar com as *públicas* ou *canônicas*, cuja infalibilidade de *interpretação* e *redação* estão garantidas pela própria *inspiração*.

Mas não por isso deixam de serem utilíssimas para a edificação dos fiéis, e mesmo de toda a Santa Igreja (I Cor 14, 4); não só fomentando a piedade, excitando o fervor e levantando o espírito, mas também contribuindo eficacissimamente para promover o progresso disciplinar e litúrgico, e mesmo o teológico – dogmático. Daí que o *Espírito de revelação*, que tanto deseja o Apóstolo para todos os seguidores de Cristo, não possa faltar jamais na Igreja Católica (Prov 29, 18; Am 3, 7)[1177].

Assim tem suas delícias em conversar com os filhos dos homens aquele soberano Espírito de Sabedoria, que "se move pelas nações às almas santas, constituindo amigos de Deus e profetas", "fazendo eloqüentes as línguas das próprias crianças" (Sab 7, 27; 10, 21), e manifestando aos pequeninos esses prodigiosos tesouros de graça e de verdade que se ocultam aos sábios presunçosos (Mt 11, 25).

A quem não causará admiração ver as maravilhosas luzes e a sublimidade de conceitos das almas assim enriquecidas pelo divino Espírito, e mesmo a própria nobreza da linguagem que tão espontaneamente utilizam sempre que põem a palavra na boca de Deus ou da Virgem, enquanto tudo é simplicidade e candor no dito por sua própria conta? De onde pode proceder essa elevação de idéias e essa elegância e pureza de estilo, quando carecem de toda cultura humana; e que *sugestão* pôde lhes infundir num golpe toda

---

1177 "Meu divino Esposo, acrescentava a Beata Ana Catarina Emmerich (*Vie de N. S.* introd. XV), dá-me essas visões, e as deu em todos os tempos, para provar que quer estar sempre com sua Igreja até o fim dos séculos... É uma lástima que muitas delas tenham se perdido; os culpados disso, especialmente os clérigos que por falta de fé não as recolheram, terão que dar a Deus uma conta severa". – Foi-lhe dito também que "os bons efeitos que essas visões deviam produzir, comprometem-se em parte com as supressões e modificações que certos sacerdotes instruídos, mas sem a suficiente simplicidade para apreciá-las, fizeram. Muitas vezes rejeitaram coisas preciosíssimas, por não terem sabido distinguir numa visão a parte histórica da simbólica e pessoal que ali se misturavam... Viu também quantos preciosos tesouros ficaram viciados com a preocupação que levava certos confessores a acomodar as visões de seus penitentes à sua própria maneira de entender o Evangelho" (*ibid.*).

essa ciência portentosa que nunca estudaram e esses conhecimentos sublimes que de nenhum homem aprenderam?[1178] – Esse é um *fato positivo* contra o qual se chocam todas interpretações humanas, por muito que apelem à *sugestão*, ao *contágio* e mesmo à *telepatia*, ou a qualquer outra influência que não seja *sobrenatural*[1179].

Santa Rosa de Lima, aflita por ter que subtrair da oração o tempo que necessitava para aprender a ler e escrever, pede a Deus que a instrua; e de repente, para admiração de todos, encontra-se plenamente instruída[1180]. – Santa Catarina de Sena nunca tinha aprendido a escrever nem mesmo a ler: assim em sua numerosa correspondência tinha que buscar quem para ela lesse e escrevesse as cartas. E, contudo, sabia ditar duas ou ainda quatro ao mesmo tempo, sobre os assuntos mais graves e mais variados; sem perder nunca o fio, e com uma rapidez e segurança espantosos[1181]; e isso estando muito fraca, pois passava anos inteiros sem tomar uma onça diária de alimento, e longas temporadas sem outro alimento senão a Eucaristia. Mas, com a energia que esse Pão celestial lhe dava, podia, apesar de suas enfermidades,

---

1178 Refere-se de Santa Brígida (*Prólogo* de Alfonso, c. 4) que num só instante via todos os moradores do céu, da terra e do inferno, e o que uns aos outros diziam. E no mesmo lugar se assegura que recebeu de um modo instantâneo todo 5º livro de suas *Revelações* e a *Regra* de sua Ordem, que enche 40 colunas numa folha. – Santo Afonso Rodríguez afirma por sua parte (*Vida*, segundo suas memórias, ap. al. n. 275), que, tendo sido transportado ao céu, "viu e conheceu todos os bem-aventurados juntos e a cada um deles distintamente, como se tivesse passado toda sua vida com eles". – Coisa análoga diz Santa Teresa.

A Beata Ana Maria Taigi, em pelo século XIX, podia ver constantemente num tipo de sol misterioso, todos os acontecimentos, as tramas e conspirações ocultas dos inimigos da Igreja e o estado das almas. Mas embora pudesse ver ali, como num espelho, tudo que queria, não costumava se fixar nele senão quando a necessidade ou a obediência a obrigavam. Cf. Butiñá, o. c., 2, p. 100.

1179 *Dabo vobis os est sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestre* (Lc 21, 15).

1180 Cf. Hansen, *Vida* l. 1, c. 28. – Quase com igual facilidade, adverte o mesmo biógrafo (c. 3), aprendeu perfeitissimamente a fazer os trabalhos mais delicados e "se destacou na música, na poesia e no canto. De repente, ela foi vista e ouvida tocando a harpa, a cítara e a viola, sem que ninguém lhe tivesse instruído". – Sua ciência prodigiosa enchia de admiração os maiores teólogos (*ib.* c. 15).

1181 Nenhum de seus copistas, diz seu biógrafo, necessitava esperar; e o mais notável é que nenhum deles ouvia o ditado aos outros.

empreender as maiores obras e, com a luz que lhe comunicava, conseguia entender as cartas só as folheando, quando não tinha quem as lesse, embora logo não conseguisse soletrá-las. E, em certa ocasião, em que não encontrou secretário, conseguiu escrever ela mesma, segundo refere ao seu confessor[1182]. Pediu a Deus que lhe desse inteligência do latim para aproveitar melhor das orações da Igreja, e de repente ficou instruída nessa língua[1183]. Que pode fazer aqui a *sugestão* ou a *telepatia*? Pois não se creia que isso é coisa rara: em parte ao menos, é muito freqüente[1184]. São não poucas as almas que, ao ouvirem certos versículos dos Salmos ou do misterioso livro do Cântico dos Cânticos – que lhes interessam no estado em que se encontram – sem conhecerem uma palavra do latim, entendem-nos claramente; e não só no sentido literal, mas ao mesmo tempo nos místicos que se ocultam atrás da letra; ou se ao ouvi-los não entendem o latim, buscam quem lhes traduza, em seguida penetram profundamente o sentido espiritual[1185].

1182 *Epist.* 93.

1183 *Vida* 1ª p., 11.

1184 A Beata Osana de Mântua (cf. Bagolini e Farreti, 2, p. 49) aprendeu milagrosamente a ler e escrever, ensinada pela Santíssima Virgem, que ao mesmo tempo a instruiu no latim; do qual fez ela muito uso em suas preciosas cartas. – A V. Micaela Aguirre foi instruída também de um modo milagroso na leitura e na escritura; da qual prometeu não usar senão a serviço de Deus (cf. *Vida* l. 1, c. 8). – Santa Hildegarda tampouco aprendeu latim – nem mesmo sequer a ler e escrever – e, no entanto, chegou a conhecê-lo maravilhosamente. Lia globalmente, percebendo o sentido das frases, embora sem poder distinguir os vocábulos; e ditava em latim, por mais que necessitasse que lhe corrigissem o estilo. – Tomava toda sua doutrina de uma luz que sem interrupção – no estado de vigília – recebeu desde a idade de três anos; a qual chamava *sombra da luz viva*, reservando esse nome de *luz viva* para um conhecimento mais elevado que de vez em quando lhe era comunicado acerca do próprio Deus. – Tudo que sabia acerca das coisas humanas lhe era comunicado, diz ela, "como num instante". Cf. *Opera*, ed. Migne, col. 18, A; 13, D; 103, A; 104, A; 384, A. – A V. Hipólita Rocaberti, O. P., apesar de conhecer muito profundamente o latim e manejá-lo com grande facilidade, declara não o ter estudado nunca; mas "ouvindo de todo coração a Igreja, e repousando no seio do Senhor, soprando o Paráclito, a ela ensinam não só isso", mas coisas maiores, como são os mistérios contidos nas palavras da Igreja.

1185 "Vem dentro da alma, diz o Pe. Gracián (*Itiner.* c. 9, § 2), alguma figura viva e eficaz que num ponto passa algumas vezes como um relâmpago; mas sempre deixa rastro de muita doutrina e entendimento e muita moção na vontade... E algumas vezes lhe falam lá dentro palavras interiores formadas e claras com tal delicadeza e sutileza, que parece que as vai escrevendo Deus com seu di-

Mas não é de estranhar que os grandes místicos recebessem tais luzes, quando tinham por Mestre quem é Sabedoria por essência. Não é de maravilhar que tão iluminados se encontrassem, quando quase pareciam já dotados do *lumen gloriae*; nem que em meio de seus padecimentos tivessem tais energias, quando, mais bem que na terra onde peregrinavam, viviam já no céu, onde conversavam gozando continuamente de tão inefáveis delícias, que a menor delas excedia sem comparação a todas as humanas juntas e lhes parecia suficiente prêmio por todos os seus muitos trabalhos; posto que nelas viam já um prelúdio ou um gozo antecipado da glória eterna, cujo exercício consiste "em conhecer o Deus verdadeiro". E já O conheciam e O possuíam tão no fundo da alma, que n'Ele só viviam e n'Ele estavam já *transformados*[1186].

Ó, maravilhoso progresso cujo limite é o próprio Deus! Ó, evolução verdadeiramente surpreendente, que assim nos *deifica*, *transformando-nos* em Deus!

E ainda nos chamarão de "retrógrados, obscurantistas, reacionários..., inimigos da luz e do progresso"?... Pobre míopes que não vêem que sua *evolução* é *revolução* e *degradação*, e seu progresso, retrocesso; que a ponderada "evolução" os precipita no abismo que têm sob seus pés, e o cacarejado "progresso" os entorpece e os sepulta na lama e nas trevas! Pobre "razão autônoma", que pretende divinizar a si e por si mesma e ser norma absoluta de tudo, sendo incapaz de conhecer o *tudo do nada*, e de corrigir ou modificar um iota da obra divina! Pobre razão insensata que, não compreendendo nem mesmo o preto das unhas, nem um só átomo sequer, presume ser alguém

---

vino dedo no taboa do seu coração... E acontece às vezes serem palavras latinas, que o que não sabe a língua não as entende; mas sendo declaradas a ela por quem as sabe, acha nelas avisos de muita importância". – Cf. São João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo* 2, c. 26; Santa Teresa, *Vida* c. 15, n. 5.

1186 "Per *sapientem ignorantiam*, et per intimum amoris *contactum*, melius Deum cognoscit, quam exteriores oculi visibilem solem cognoscant. Usque adeo stabilitur in Deo, ut Deum sibi viciniorem esse *sentiat*, quam ipse est sibi. Unde et deiformem superessentialemque vitam iam ducit: Talem ipse Deus *docet de omnibus*, et spirituales mysticosque sensus ei aperit. Creberrime vel indisinenter eum visitat, adstringit, osculatur, illustrat, accendit, penetrat, et implet... Valde quidem sublimiter... Deus se nonnunquam animae perfectae se *revelat*" (Blósio, *Institutio spiritualis* c. 12, § 2, n. 3).

para falar sobre os mais altos mistérios! Pobre razão presunçosa e cega que, ofuscada pelos resplendores da Luz infinita, antes que confortar seus olhos com a virtude da fé, da esperança e da caridade, prefere, pronunciando sua própria sentença, fechá-los e viver nas trevas como ave noturna![1187] Pobre razão extraviada que, fugindo do grande, do nobre, do divino, que é o único que poderia elevá-la e aperfeiçoá-la, não pode menos que degenerar, estragar-se e degenerar-se, ao querer bastar a si mesma e se abandonar às suas próprias forças, ocupada em suas tolices ou bagatelas, quando não sepultada nas imundices que acabam por obscurecê-la e pervertê-la! Tudo que, afastada de Deus, consegues descobrir, quanto mais te deslumbras, tanto mais te iludes e enganas; e, no fim, de pouco poderá te servir quando, fugindo assim do Centro da luz e da vida, não puderes parar senão nas "trevas exteriores".

E se por seguir a orgulhosa bandeira cujo lema é *Non serviam*, renegastes o Pai amoroso que te redimiu e regenerou com seu sangue, e perdeste a tocha da fé divina recebida no batismo, bem podemos lamentar sobre ti, como sobre o cruel príncipe a que te entregas: *Quomodo cecidisti, Lucifer, qui mane oriebaris?... Ad infernum detraheris in profundum laci!...* (Is 14, 12-15).

"Mas nós, contemplando com a face descoberta a glória de Nosso Senhor, em sua própria imagem vamos nos transformando de claridade em claridade, como animados e movidos por seu próprio Espírito" (II Cor 18, 3).

1187 "Hoc est autem iudicium: quia Lux venit in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem" (Io. 3, 19).

CAPÍTULO IX
QUESTÕES DE ATUALIDADE

§ I – O DESEJO DA CONTEMPLAÇÃO E DA MÍSTICA UNIÃO. – LICITUDE E DEVER; TESTEMUNHOS DA ESCRITURA E DA TRADIÇÃO; CONDIÇÕES. – POR QUE A ALCANÇAM TÃO POUCOS?

É muito freqüente dizer que a contemplação infusa é um dom tão *extraordinário*, que se reserva só a pouquíssimas almas; e que mesmo para a generalidade daquelas que se chamam *espirituais*, seria presunçoso e inútil desejá-la ou pedi-la e muito mais se dispor para chegar a ela. Daí essa funesta persuasão de que, para ser bom diretor, não se necessita nenhum conhecimento especial de Mística; como se fosse a maior casualidade encontrar uma só alma metida nessas "perigosas *vias extraordinárias*". – Assim, quando encontram alguma que leva a sério seu aproveitamento, e guiada pelo divino Espírito, aspira ter uma oração algo superior à comum – pobre dela! –, chamá-la-ão de temerária ou de ilusa; e, desse modo, como adverte o Pe. Lallemant[1188], "a ela fecham para sempre a porta desses dons, o que é um *grande abuso*".

Esse *abuso* muitos são, desgraçadamente, os que hoje o cometem, imitando aqueles escribas e fariseus, de quem o Senhor tanto se lamentava, porque "nem entravam no reino de Deus, nem deixavam entrar os demais"[1189]. Se o rigorismo jansenista empregava suas sutilezas para apartar as almas da

1188 *Doctrine spirituelle* pr. 7, c. 4, a. 3.

1189 "Tulistis clavem scientiae: ipsi non introistis, et eos qui introibant prohibuistis" (Lc 11, 52). – "Vae autem vobis...: quia clauditis regnum caelorum ante hominis" (Mt 23, 13).

freqüente Comunhão; e, com pretexto de indignidade, privava-as do Pão da vida – principal remédio da própria fraqueza –, outros rigoristas, com não menos vãos pretextos de falsa humildade – com que encobrem sua própria frouxidão e baixeza de olhares –, apartam-nas quando podem dessas outras comunicações a que talvez o Senhor já as está chamando; e com esse procedimento "seguro", o que fazem é trabalhar o quanto podem para impedir as delícias que em morar com os filhos dos homens tem a divina Sabedoria.

Tudo o que seja um verdadeiro bem positivo, é por si mesmo desejável e, portanto, podemos pedi-lo a Deus. E se nos é lícito pedir, desejar e pôr todos os meios para adquirir a saúde, a ciência e a sagacidade, também o deve ser, como adverte Sandeo[1190], pedir, desejar e procurar, o quanto é da nossa parte, um bem tão superior como é aquele dessa salvação, ciência e penetração que o divino Espírito comunica (I Cor 14, 1).

Não há nisso a menor presunção, desejando-o retamente; como não há no desejo de comungar para agradar a Deus e alimentar e fortalecer nossa pobre alma. A presunção estaria em desejar esses dons por vanglória, mas não quando se desejam precisamente para apoio de nossa fraqueza, para nos fundar na humildade e em todas as demais virtudes, e poder *crescer em graça e conhecimento de Deus, e em tudo segundo Jesus Cristo*, até chegar à maturidade de *homens perfeitos* e verdadeiramente "espirituais". E já sabemos que ninguém o poderá ser sem estar *animado, dirigido e governado* pelo divino Espírito, e, portanto, enriquecido de seus precisíssimos dons[1191]. Se

---

1190 *Theol. myst.* p. 198.

1191 Segundo Sauvé (*Le culte du C. de J.* élév. 26), "não devemos desejar nos estados místicos senão o aumento de luz na inteligência, de amor no coração, e de união da alma com Deus, e não os favores extraordinários; e esse desejo deve ser humilde e inspirado pelo de nossa santificação".

Mas mesmo os próprios favores totalmente *extraordinários* poderiam às vezes se desejar licitamente, contanto que fosse por puro zelo da glória de Deus, para nosso aproveitamento e do próximo. A surpreendente humildade do Beato Diego de Cádiz não lhe impedia de desejar para esse fim o próprio *dom de fazer milagres.* "Ad aedificationem Ecclesiae, diz-nos São Paulo (I Cor 14, 12), *quareti ut abundetis*".

No entanto, "a contemplação, como adverte o Pe. Lallemant (*l. c.*), é a verdadeira sabedoria tão recomendada nos livros sapienciais. Aqueles que dela dissuadem cometem uma grande falta. *Nunca é*

o sentimento da própria indignidade contém, o da caridade alenta; e a alma fervorosa, diz São Bernardo[1192], desde um princípio deseja e pede com ânsia *o beijo da boca de seu Amado*, embora entrementes se contente com o de seus pés, exercitando-se em obras de humildade, com que mais cedo ou mais tarde alcançará ouvir a voz que lhe diz: *Ascende superius* ou *Surge, propera, amica mea..., et veni...*

A *união mística*, em si mesma, é um grandioso bem, isento de perigos, que não tem motivos para não ser em sumo grau estimável. Se os favores sensíveis, ou realmente *extraordinários*, que se traduzem em *exterioridades* às vezes chocantes, e as revelações *exdeicas* – ou seja, relativas às criaturas –, embora coisas boas e proveitosas em si mesmas, podem oferecer perigos e se prestarem à vaidade – e, portanto, *per accidens*, serem temíveis, embora não *per se* – a íntima união e *comunicação com Deus*, em que está nossa verdadeira felicidade e santidade, e todas as revelações *indeicas* – que por si mesmas produzem grandes aumentos de virtude, de graça e do próprio conhecimento, assim como do divino – nada têm porque nos serem suspeitas; em tudo e por tudo são boas e proveitosas, e, pelo mesmo motivo, amáveis e desejáveis em sumo grau.

É certo que são *dons* de certo modo *gratuitos*, e que Deus os dá – como observava Santa Teresa – a quem quer e como quer, sem que todas as nossas habilidades sejam o bastante para alcançá-los; mas também não são, como se supõe, *graças gratis datas*, porém favores que Ele não faz senão aos justos; pois mal pode se unir e se comunicar tão íntima e amistosamente com quem ainda não está em sua graça[1193]. E esses favores – que no fundo são diversas maneiras de *toques divinos* –, pelo motivo mesmo que são con-

---

perigosa, sendo acompanhada com as devidas disposições... O Apóstolo exorta os fiéis a desejar esses dons espirituais, e particularmente o de *profecia*, que não consiste só em anunciar o futuro, mas também em entender as Escrituras e saber explicá-las e instruir o povo... Certo é que ninguém deve buscar se meter por si mesmo nessas maneiras de oração; mas também não se deve resistir quando Deus as oferece, nem fazer coisa que possa impedir que Ele as infunda em nós quando for do seu agrado".

1192 *In Cant.* serm. 9.

1193 São João da Cruz, *Subida* l. 2, c. 26; Santa Teresa, *Vida* c. 34.

seqüências do *sentido de Cristo* e dos dons do Espírito Santo, que crescem com a caridade, não há de negá-los para sempre às almas que com tanta humildade e perseverança Lhe pedem, que, embora tardem em recebê-los, persistem pedindo-os ao mesmo tempo que servindo-O e amando-O com desinteresse[1194]. Ao chegar, embora seja pelas vias que passam pelas mais *ordinárias*, à certa *união de conformidade*, por pouco que se recolham em si mesmas, logo começam a *sentir* claramente o tesouro que já possuem e a misteriosa transformação que nelas está produzindo o Espírito vivificante[1195]. Conhecem já por *experiência* que aquele Deus por quem suspiravam descansa e reina em seus próprios corações; pois como fiéis ovelhas de Cristo ouvem sua voz e O seguem, e com luz superior O reconhecem e notam como lhes dá a vida eterna (Jo 10, 14-28). E a primeira declaração que essas almas, que muito O aguardaram, dele ouvem, costuma se reduzir a estas regaladas palavras: "Levanta-te e apressa-te, minha amiga, minha pomba..., vem. Pois já passou o inverno..., e apareceram as flores... Doce é tua voz e linda tua face: *En Dilectus meus loquitur mihi: Surge, propera, amica mea...*" (Ct 2, 10-14).

Embora ninguém por si mesmo deve se meter aonde ainda não foi chamado, nem mesmo se lançar à voar sem asas, todos, no entanto, podem e *devem chamar* para conseguir que lhes *abram*, e pedir "asas como de pom-

---

1194 "Quem *deseja ser visitado* por Vós, Senhor, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 20), deve antes de tudo, como Maria, conceber-vos por um *desejo ardente* e cuidadoso, e vos criar logo pela perseverança no bem. Quem deseja se elevar ao cume de vossa união deve ter uma fé tão grande que deixe de certo modo de ser fé para se converter em *certeza*. – Quando a alma chega a esquecer completamente de si mesma, logo é *admitida à união divina e confirmada na fé*". Cf. S. Bernardo, *Serm.* 32 *in Cant.*; S. Ângela de Foligno, c. 33; B. Suso, *Disc. spir.* 2; Kempis, 1, c. 11; 2, c. 1; Blósio, *Inst. spir.* c. 5 e 12, § 1; B. Bartolomeu dos Mártires, *Comp. myst.* c. 26-27; Santa Teresa, *Camino* c. 17, 19-21; *Mor.* 2, c. 1; 3, c. 1; 5, c. 1-2; 7, c. 2 etc.; S. João da Cruz, *Subida* 2, c. 15; *Noche*, 1, c. 1; *Llama* canc. 3, v. 3, § 5; Pe. Gracian, *Itiner.* c. 1, 9; Surín, *Catéch. sp.* p. 1ª, c. 1; p. 2ª, c. 2; Caussade, *Aband.* 2, c. 11; Molina, *De la oración* tr. 2, c. 6; nosso livro *Cuestiones* místicas 1ª-4ª etc.

1195 "Não se glorie a alma, diz São Bernardo (*Serm.* 71 *in Cant.* n. 6), de estar perfeitamente *unida a Deus*, enquanto não *sinta* que Ele permanece nela, e ela n'Ele". – Para que o homem bom possa se fazer melhor, isto é, interior e espiritual, necessita, diz Tauler (*Inst.* c. 27), de três coisas: 1ª, pureza de coração, que o deixe livre de toda imagem ou representação terrena; 2ª, liberdade de espírito, e 3ª, *sentir a união com Deus*. – O mesmo repete Frei João dos Anjos (*Diál.* 9, § 7).

ba" – que são os preciosos dons de sabedoria e entendimento – "para *voar* e *descansar*", estando certos de que serão saciados tão santos desejos e de que "*todo aquele* que pede, recebe; e aquele que busca, acha; e para aquele que chama, abrir-se-á" (Mt 7, 8)[1196]. E quando começam a sentir o suave sopro do Espírito, a agitação dessas místicas *asas* e o esplendor de certa luz mais sútil que dá novo brilho e primor às coisas de fé, acham-se já, embora não o advirtam, em pleno *estado místico*[1197].

Pelo motivo mesmo que tanto vale e que não podemos alcançá-lo com nossos esforços, devemos pedi-lo com grande insistência, dizendo com a Samaritana: "Senhor, dai-me de beber desta água!"[1198]. Santa Teresa, apesar de certas reticências e frases ambíguas (sem dúvida para não chocar com a contrária opinião, que então começava a estar em voga), nunca se cansa de insinuar e ponderar quão desejável é esse bem, e como, à força de humildade e perseverança, no fim se consegue, como conseguiam, para seu grande consolo, quase *todas* as suas religiosas[1199]. Ela mesma, ainda inconscientemente, desde

---

1196 "Ó, como somos curtos, exclamava uma alma experimentada (a V. Hipólita Rocaberti), em desejar as coisas celestiais, das quais diz o Espírito Santo (Sl 80, 11): *Dilata os tuum, et implebo illud*; isto é, alma fiel, abre a boca do santo desejo, que Eu, teu Deus, enchê-la-ei de graça e de glória!" – Em outro lugar (Sl 102, 5) acrescenta o Salmista que desejando verdadeiramente os bens espirituais, ficaremos *renovados* como a águia: "*Qui replet in bonis desiderium tuum; renovabitur ut aquilae iuventus tua*".

1197 Cf. Saudreau, *L'Etat Mystique* p. 218.

1198 Si enim *sapientiam* invocaveris, et inclinaveris cor tuum *prudentiae*: si quaesieris eam quasi pecuniam, et sicut thesauros effoderis eam; tunc *intelliges timorem Domini*, et *scientiam Dei invenies*; quia Dominus *dat sapientiam*: et ex ore eius *prudentia*, et *scientia*" (Prov 2, 3-6). – "Qui mane vigilant ad me, *invenient* me" (Prov 8, 47).

"Fili, a iuventute tua excipe doctrinam, et usque ad canos *invenies sapientiam*... Sapientia enim doctrinae secundum nomen est eius, et non est multis manifesta quibus autem cognita est permanet usque ad conspectum Dei... Investiga illam, et *manifestabitur tibi*... Cogitatum tuum habe in praeceptis Dei...: et ipse dabit tibi *cor*, et *concupiscentia sapientiae dabitur tibi*" (Eclo 6, 18, 23, 28, 37).

"*Sentite* de Domino in bonitate, et in simplicitate cordis quaerite illum; quoniam *invenitur* ab his qui non tentant illum: *apparet* autem eis, qui fidem habent in illum" (Sab 1, 1-2).

1199 "Bem poucas há, diz (*Mor*. 5, c. 1), que não entrem nessa morada... Há mais e menos, e por esta causa digo que a maioria entra nelas... *Todas* nós que trazemos este hábito... *somos chamadas* à oração e à *contemplação*... Alto a pedir ao Senhor, já que de alguma maneira *podemos gozar do céu na terra*, que nos dê seu favor, para que não fique por nossa culpa, e nos mostre o caminho, e nos dê forças na

seus primeiros anos, não cessava de pedir essa misteriosa água viva, de que tão sedenta se achava[1200]; e que não é outra coisa que a vida do Espírito (Jo 7, 19). Se não se pede com ardor é só porque não se conhece nem se sabe apreciar. "Se conhecêsseis o dom de Deus!..., bem seguramente o pedirias, e Ele *te daria a água viva...*, que jorra para a vida eterna" (Jo 4, 10-14).

A todos os que têm sede de justiça, Ele os convida com essa água, e a oferece gratuitamente com o *leite* de seus consolos[1201]. A todos diz: "Pedi, e recebereis; buscai e achareis; chamai e vos será aberto... Se vós sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais dará vosso Pai celestial o Espírito bom aos que lho pedirem" (Mt 7, 11; Lc 11, 9-13). "Pedi em meu nome, e recebereis de maneira que vosso *gozo* seja *pleno*" (Jo 16, 24). Que é isso senão alentarnos a todos, como aos apóstolos, a pedir incessantemente que sejamos repletos do Espírito Consolador, para nos enriquecer com

---

alma, *para cavar até chegar a esse tesouro escondido*". "Embora nessa obra que faz o Senhor – prossegue (c. 2) – não possamos fazer nada, mas para que sua Majestade nos faça essa mercê podemos fazer muito *nos dispondo...* Vês o que podemos fazer com o favor de Deus: que sua Majestade mesma seja nossa morada, como o é nessa oração de união, *lavrando-a nós mesmas*".

1200 *Vida* c. 30.

1201 "*Todos os sedentos, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, aproximai-vos logo, e comei; vinde e comprai sem dinheiro e sem nenhuma troca, vinho e leite* (Is 55, 1). Primeiro diz água, e logo *vinho* e *leite*. Água, porque mata e refrigera a sede e ardor do corpo e refresca os membros cansados, e limpa de toda sujeira. *Vinho*, porque te faz sair do seu sentido e tomar o sentido de Cristo; tira-te do teu parecer e vontade, e te dá o parecer, a vontade e o querer de Jesus Cristo, Nosso Senhor e Redentor. Quem o quer receber, que gratuitamente se dá?... E também *leite*, porque assim trata o Espírito Santo a alma daquele que o tem, como a criança que está nos peitos de sua mãe, e rege-o, governa-o e regala-o como uma criança: assim é educador nosso, defensor nosso, pedagogo de nossa infância... Quem o deseja e está metido em pecado? Quem o pede com o coração ocupado em outras coisas?... Ah, Senhor! O que é isso?... Pois vos dais gratuitamente, e não vos apreciam" (São João de Ávila, *Tratado* 4 *del Espíritu Santo)*.

"O *leite*, que é um alimento de amor, observa São Francisco de Sales (*Amor de Dios*, 5, 2), representa a *ciência mística;* quero dizer, o doce regalo que provém da complacência amorosa nas perfeições da bondade divina; tem sua origem no Amor celestial que prepara para seus filhos antes que eles mesmos tenham pensado; tem um gosto amigável e suave..., confere uma alegria sem desordem, embriaga sem embotar, e não priva do sentido, mas o levanta".

seus mais preciosos dons?[1202] Porventura não se dirige a todos (Jo 7, 37): *Se alguém tem sede, venha a Mim e beba*?[1203] A todos que se animam a levar seu jugo, oferece-lhes seu *descanso* (Mt 11, 28-29). A todos os corações está incessantemente chamando o Esposo divino, que vem desejoso de celebrar o banquete das místicas bodas (Ap 3, 20). Se não o abrimos para Ele, ou nos fazemos surdos aos seus chamados, a culpa é nossa[1204].

Mas a divina Sabedoria não cessa de chamar os pequeninos e dizer aos que não entendem: "Vinde, comei meu pão, e bebei o vinho que vos prepa-

---

1202 "Revelai-vos a mim, Consolador meu, exclama Santo Agostinho (*Solil.* c. 1); deixai que eu vos veja, luz de meus olhos. Vinde, gozo de meu espírito; que eu vos veja, alegria de meu coração, que eu vos ame, vida de minha alma... Que eu vos abrace, celestial Esposo, e minha suma alegria... Dai-me uma vista que vos veja, ó luz invisível! Criai em mim um novo olfato, ó perfume de vida! Que me faça correr atrás de Vós, atraído pela fragrância de vossos aromas. Dai-me um são paladar, com que eu saboreie, conheça e discirna quão grande é, Senhor, a abundância de vossa doçura que tendes reservada para os que estão cheios de vossa caridade... Ó, vida que me dá a vida..., vida vital, doce e amável e digna de estar sempre na memória! Onde estais? Onde te encontrarei para que em mim desfaleça e em ti viva?... Minha alma te deseja com ânsia... Percebo teu perfume, e com isso vivo e me alegro; mas, todavia, não te vejo. Ouço tua voz e recobro a vida. Por que me ocultas tua presença?... Portanto, deixa uma alma de vos amar, porque não vos conhece; e não vos conhece, porque não vos contempla... Quem vos conhece, vos ama, se esquece de si e se entrega totalmente a Vós para de Vós desfrutar".

1203 "Não vos angustieis pelo trabalho e contradição que há no caminho... Vede que convida Ele a *todos*... Se não fosse geral esse convite..., embora nos chamasse não nos diria: *Eu vos darei de beber*. Poderia dizer: "Vinde todos, que, enfim, não perdereis nada, e aos que me parecer, eu lhes darei de beber". Mas como disse, sem essa condição, *a todos*, tenho por *certo* que a todos os que não ficarem no caminho não lhes faltará essa água viva". "Não excluiu ninguém que buscasse vir a essa fonte de vida para beber" (Santa Teresa, *Camino de perf.*, c. 19-20).

1204 "Todos, diz São Bernardo (*Serm. 2 dom. I post. oct. Epiph.* n. 2), todos nós fomos chamados a essas bodas espirituais, em que Jesus Cristo é o Esposo e a esposa nós mesmos". Mas como adverte o mesmo Santo (*Serm.* 32 *in Cant.*): *Osculis et amplexibus Sponsi sola illa anima fruetur, quae multis vigiliis et precibus, multo labore et lacrymarum imbre Sponsum quaesierit. Tu tamen fletibus insta, reditum eius certissime expectans.*

Cf. Fenelón, *Sentiments de piété. - La Parole intérieure*; Pe. Lallemant, *Doctr.* pr. 4, c. 3, a. 3; V. Madre Maria de Agreda, *Mística Ciudad de Dios* 1ª p., l. 2, c. 13, n. 110; Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras*, 1ª p., c. 30; Tauler, *Inst.* 28.

rei; deixai a infância, vivei e entrai pelas *vias da prudência*" (Prov 9, 4-6)[1205]. Essa é a mística *Sabedoria* tão *amável* e *desejável*, que "se deixa encontrar por quem a procura e se adianta aos que a desejam, e que deve ser preferida a todos os tesouros; pois com ela se recebem todos os bens" (Sab 6, 13, 14; 7, 8-11). A ela devemos "amar e buscar sempre para tê-la por esposa e nos comunicar assim intimamente com Deus" (Sab 8, 2-3)[1206].

Se, pois, verdadeiramente "o desejamos, ser-nos-á dado o *sentido* do divino; e, se com fervor o invocamos, a nós virá o Espírito de Sabedoria" (Sab 7, 7).

A própria Sabedoria diz que tem suas delícias em morar com os filhos dos homens; que ama os que a amam e se deixará encontrar por todos que madruguem para buscá-la; e que todos aqueles que a encontrarem encontrarão a vida, e com ela salvação e justiça, glória, riquezas e felicidade. Assim é como se dirige mesmo aos que não entendem ou que se fazem surdos, para que todos venham a ela e a ouçam e se deixem embriagar por suas doçuras (Prov 8, 17-21, 31-36; 9, 3-6; Ct 5, 1). Todos podem se criar em seus peitos (Os 2, 14), e ser ensinados pelo próprio Deus (Is 54, 13; Jo 6, 45); pois a todos que são fiéis à graça, tudo lhes ensina a *unção* do Espírito (I Jo 2, 20-27).

Para todos os fiéis, e não somente para alguns mais privilegiados, pede o Apóstolo (Ef 1, 17) "o *Espírito de sabedoria e de revelação*, para conhecer a Deus e saber apreciar a riqueza de sua vida e herança nos santos". E em possuir esse amoroso Espírito e estar possuídos por Ele consiste a verdadeira *contemplação*, a que chegam todos que alcancem beber na fonte da água viva.

1205 "Como pode se mostrar mais claro o cordial desejo que alguém tem de que seu amigo coma bem, que enviando-lhe um convite esplêndido, como fez aquele rei da parábola do Evangelho, e depois chamando-o, exortando-o e quase forçando-o com rogos, exortações e insistências para que venha se sentar à mesa e coma?... Mas essa espécie de benefício quer ser oferecida por chamados, proposições e solicitações, sem força nem violência" (São Francisco de Sales, *Amor de Dios* l. 8, c. 3).

1206 Cf. Pe. Weiss, *Apol.* 9, cent. 3, ap. 2; Godefrid, *Vita. S. Hildegardis* 2, 2, 22 e 24; Ribera, *Vita S. Theresiae* 1, 2, 37, 38; *Vida* de Santa Catarina de Sena, por el B. Raimundo, 2, 1, 122; Ribera, 4, 3, 50.

Se são muitos os que tardam excessivamente a chegar, ou não chegam nunca, é porque presumem de si mesmos, e não correm em busca de tanto bem; porque não o pedem com bastante humildade e perseverança, porque não abrem a tempo a porta quando os chama o Amado, porque não vão atrás de seus aromas, nem lhe rogam que os atraia; e por fim, porque, em vez de invocá-Lo para que lhes envie seu Espírito, nem mesmo sequer param para escutar sua voz, e se fazem surdos aos seus reiterados chamados[1207]. Se hoje mesmo ouvirdes sua voz, diz-nos o Salmista (Sl 94, 8-11), não endureçais vossos corações, para que não aconteça convosco como com aqueles que não puderam entrar no *descanso divino*. Todos os dias, observa o mesmo Apóstolo (Heb 3, 13-14; 4, 1-12), somos convidados a entrar nesse *descanso*; para nós ficou esse *sabatismo*; "aprecemo-nos, pois, a entrar nele, e não sejamos incrédulos. Porque viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes é a palavra de Deus, que penetra até a divisão da alma e do espírito".

Mas para ouvir bem a voz divina – e sobretudo para gozar da visão e conversação amorosa do Deus de todo consolo (cf. Jo 14, 17-21) – é preciso muito recolhimento e muitíssima pureza de coração (Mt 5, 8)[1208]. Por isso, os dissipados, os inimigos da solidão, os que se derramam excessivamente em obras exteriores, por santas que sejam, não cuidando o bastante de andar na presença divina e purificar suas almas; e, enfim, todos os que são mais amigos de especular e falar com grande aparato, ou de trabalhar entre o bulício do mundo, que de sentir e experimentar em silêncio as coisas de

1207 "Ego, inquit Dominus, docui Prophetas ab initio, et usque nunc *non cesso omnibus loqui*: sed multi ad vocem meam surdi sunt, et duri" (Kempis, l. 8, c. 3).

1208 "A alma, diz Cassiano (*Collat.* 10, c. 6), eleva-se na oração segundo o grau de sua pureza. Quanto mais se afasta das coisas materiais e terrenas, tanto mais se purifica e vê interiormente a Jesus Cristo nos abaixamentos de sua vida ou na majestade de sua glória. Só é dado contemplar a Divindade com visão puríssima àqueles que se afastam das obras e pensamentos baixos e terrenos, para subir com Ele à alta montanha da solidão, onde, livres do tumulto das paixões e da escravidão dos vícios, contemplam à luz de sua fé, no cume de sua virtude, a glória e beleza de sua divina Face, que não a merecem ver senão os puros de coração".

Deus, costumam ser tão refratários à vida mística[1209]. Essa é uma sabedoria secreta que se revela aos pequeninos – que vivem na obscuridade – e se oculta aos prudentes e sábios deste mundo (Mt 11, 25)[1210].

1209 "A principal causa de que tão poucos cheguem a esse estado é, segundo adverte Tauler (*Inst.* c. 25), o não perseverar em pedir-Lhe, e pôr tão pouco cuidado na extirpação dos vícios, em alcançar a pureza de coração e se unir a Deus continuamente". "Derramamo-nos – diz no c. 5 – pelos sentidos, somos preguiçosos e tíbios na oração, não dirigimos a Deus ardentes suspiros e desejos, não observamos nosso fundo interior, nem procuramos, mediante a abnegação, corresponder às divinas inspirações; não insistimos com atenção e viveza na presença de Deus e, apartando nossa mente daquela simplicíssima luz que está dentro de nós, derramamo-nos em muitas outras coisas, e por isso não somos iluminados nem acabamos de nos conhecer, permanecemos no interior indiferentes e inconstantes, e fora, nos sentidos, insaciáveis".

"Quando a alma deseja alguma coisa exterior, diz Santo Agostinho (*Soliloq.* c. 30), é sinal de que não tem a Vós em seu interior; pois tendo-vos, nada há mais o que desejar... Mas quando deseja alguma criatura, padece contínua fome, porque embora alcance o que deseja, fica vazia, pois nada há que possa enchê-la, senão Vós".

"Não basta, afirma o Beato Suso (*Disc. espir.* 2, a Perfeição), estudar, discorrer e escrever sobre as sublimes virtudes... Aqueles que se contentam com saber isso são como os soldados fanfarrões. Passem das palavras às obras, calquem sob seus pés toda vã curiosidade, não se derramem nas coisas exteriores, mas vivam recolhidos em Deus, combatendo por seu amor todos os próprios desejos... A uma pessoa piedosa que ardentemente desejava conhecer o beneplácito de Deus, e com ferventes orações Lhe pedia que manifestasse sua divina Vontade, apareceu a ela o Senhor e lhe disse: Cativa teus sentidos, amordaça tua boca, ata tua língua, doma teu coração e sofre por meu amor todas as coisas molestas, e farás perfeitamente minha vontade. Renuncia às imagens das coisas visíveis e fixa teu olhar dentro de ti mesma para ver teu interior, e compreenderás quão verdadeira é essa sentença do Profeta (Sl 4, 7): *Fixada está sobre nós, Senhor, a luz de vossa Face*".

1210 "Si rationi tuae magis inniteris quam virtute subiectiva I. Christi, raro aut tarde eris homo illuminatus". Cui ego loquor, ait Dominus, cito sapiens erit, et multum in spiritu proficiet. Vae eis qui multa curiosa ab hominibus inquirunt, et de via mihi serviendi parum curant... Ego sum qui humilem in puncto elevo mentem, ut plures aeternae veritatis capiat rationes, quam si quis decem annis studuisset in scholis" (Kempis, l. 1, c. 14; l. 3, 43).

"Si quis quaerat de Theologis, adverte o B. Bartolomeu dos Mártires (*Comp. myst.* c. 15), cur non degustent contemplationis dulcedinem, uno verbo dicam: non ingrediuntur ad eam per ostium a Paulo ostensum, dicente: *Si quis inter vos videtur sapiens esse stultus fiat ut sit sapiens*; id est, humiliet se, stultum se reputans respectu divinae sapientiae mysticae... Simplex melius Deum cognoscit contemplatione et amore, quam doctissimus theologus subtili dumtaxat speculatione".

Isso não quer dizer que a verdadeira teologia seja um impedimento para a contemplação, como dava a entender Molinos (64ª propos. cond.; cf. Denzinger, *Enchirid.* 10ª ed., n. 1.284); antes, estudada com humildade, é grande ajuda, como advertem Santo Tomás e São Francisco de Sales.

Mas os que por dever vivem continuamente ocupados em trabalhar por Deus, e sobrecarregados de tarefas, mal encontram tempo para se recolherem; se com a prática de tantas boas obras, o exercício das virtudes que sua profissão exige, a indispensável oração – ainda que seja vocal – e a presença de Deus, vão adiantando verdadeiramente na perfeição cristã e chegam à certa *união de conformidade*; tão logo que, suspendendo essa excessiva atividade exterior que os absorvia, comecem a se recolher verdadeiramente para reparar as forças da alma, encontrar-se-ão, quase de repente, levantados a um grau muito alto de contemplação; querendo assim o Senhor que nesta mesma vida recolham de certo modo o fruto dos trabalhos que por seu nome sofreram, e comecem a saborear os prelúdios da glória que os espera[1211]. Assim confessa o Pe. Godínez[1212] que aconteceu com muitos piedosos missionários, quando, já fatigados e envelhecidos, tiveram que suspender as tarefas de sua vida apostólica, como tinha acontecido, segundo refere Santa Teresa[1213], a "um santo homem e grande letrado dominicano"[1214]. Se, pois, esses servos fiéis não perceberam até então *claramente* a doce voz do

1211 "Às vezes, diz Santa Teresa (*Camino* c. 17), vem o Senhor muito tarde, e paga tão bem e tão abundantemente, como em muitos anos foi dando aos outros. Eu estive mais de catorze que nunca podia ter mesmo meditação, senão junto com lição. Haverá muitas pessoas deste tipo... *Ficai seguras* que fazendo o que é nosso, e *nos preparando para a contemplação* com a perfeição que foi dita..., ao que creio, *não deixará* (o Senhor) *de dar*, se há verdadeiro desapego e humildade".

1212 *Teol. mist.* 3, 6-8.

1213 *Vida* c. 33.

1214 Algo assim aconteceu com o Beato Diego de Cádiz (cf. sua *Vida interior*, por Alcober, 1ª p., c. 2, 13; 2ª p., c. 23, 25; 3ª p., c. 8), que, em meio de suas contínuas tarefas apostólicas, de seus gloriosos triunfos e das honras e aplausos com que era recebido, e apesar de ter sempre aos menos duas ou três horas de oração, não costumava sentir outros afeitos íntimos mais que os de aridez, aniquilamento, confusão e temor filial. Na realidade era contemplativo sem notar. Embora abrasado no zelo pela glória de Deus e salvação das almas, raríssimas vezes pôde sentir e *saborear* até a última hora as doçuras daquela divina caridade que tanto lhe *urgia*. Em público resplandecia com o dom de *conselho, ciência e fortaleza*, sentindo-se com suma freqüência *inspirado por Deus* (*ib.* 2ª p., c. 5), para dizer ou fazer em suas pregações coisas muito distintas das que tinha pensado; mas em privado quase não resplandeciam nele senão os *de temor e piedade*. Nele se cumpria, como em todos os homens apostólicos, o *foris pugnae, intus timores*, com que se mantinha humilde e *aniquilado* diante de Deus, pondo em todas as horas, como ele dizia, *seu coração aos pés dos pecadores*, enquanto com

Senhor, foi porque não puderam ou não souberam se recolher o bastante para escutá-la e conversar com Ele sozinhos[1215]. Para reconhecê-Lo bem, há que freqüentar seu trato amoroso: *Vacate et videte*. Como *ciência experimental* que é, a Mística exige muito exercício de oração. Aqueles que se dedicam a esta muito pouco, ou não cuidam de andar sempre na divina presença, não se queixem de não serem chamados à contemplação. Por isso, os grandes mestres de vida espiritual recomendam com tanto empenho o recolhimento, a introversão, a perseverança na oração e as freqüentes e ardentes aspirações, para alcançarmos o trato íntimo com Deus, e saborearmos as doçuras da *vida mística*[1216].

Santo Agostinho[1217] quer que busquemos a Deus dentro de nós mesmos, seguros de encontrá-Lo; e em todas as suas *Meditações*, assim como nos *Solilóquios*[1218], não cessa de pedir as *asas* do Espírito Santo para voar com a contemplação e poder encontrar o místico repouso[1219].

---

fortaleza invencível repreendia e ameaçava, lutando pelo triunfo do bem e da verdade. – Cf. *Ib.*, 1ª p., c. 3, 9-11, 16; 2ª p., c. 5, 12, 16, 22; 3ª p., c. 3.

1215 "Iam non mihi per prophetas loquatur, sed per semetipsum veniat, et osculetur me osculo oris sui" (Orígenes, *Homil.* 1 *in Cant.*) – *Beatus homo quem tu erudieris, Domine, et de lege tua docueris eum: ut mitiges ei a diebus malis!* (Sl 93, 12-13).

1216 "Assidua adspirationum sive orationum iaculatoriarum et ferventium desideriorum ad Deum emissio, verae mortificationi atque abnegationi coniuncta, *certissimum est compendium*, quo cito facileque pervenitur ad perfectionem, et *mysticae Theologiae* sapientiam, unionemque divinam. Nam huiusmodi adspirationes efficaciter penetrant ac superant omnia media quae sunt inter Deum et animam. Sane quoties quis ab omnibus rebus caducis abstractus, cor suum cum humilitate et amore ad Deum integre convertit, toties illi Deus occurrens, novam gratiam infundit" (Blósio, *Inst. spiritualis* c. 5). "Ademais, convém advertir, com São Francisco de Sales (*Amor de Dios* 12, 4), que "as tolas, vãs e supérfluas ocupações de que nos enchemos, são as que nos desviam do amor de Deus, e não os verdadeiros e legítimos exercícios de nossa vocação... São Bernardo não perdia um ponto no aumento que desejava fazer nesse santo amor, embora estivesse nas cortes e exércitos de grandes príncipes".

1217 *Confes.* 1, c. 2; 10, c. 24-27.

1218 C. 1.

1219 "Ó, fonte da vida! Enchei minha alma com o transbordamento de vossos deleites, e embriagai meu coração com a santa embriaguez de vosso amor... Elevai minha alma, que está sedenta de Vós, que sois fonte viva inesgotável... Vós mesmo dissestes: *Se alguém tem sede, venha a mim, e beba...* Dai-me vosso Espírito Santo, a quem simbolizam vossas águas que prometestes aos sedentos... *Dai-me asas* como de águia, para que meu espírito voe a Vós, e não desfaleça jamais... *Descanse em Vós meu coração...*

Dionísio, o místico, – mal chamado de *Areopagita* – recomenda singularmente se despojar de todas as formas sensível para chegar à mais alta contemplação[1220]. Porque Deus concede essa ciência mística às almas já bem-dispostas que, desejosas de mais perfeição, buscam-na humildemente; e assim "o homem se eleva pela *oração* à *contemplação* das grandezas divinas"[1221].

Quase do mesmo modo se expressa São Gregório Magno[1222], advertindo que "não é por imagens e formas visíveis por onde pode se obter a luz invisível. Quem aspire a receber essa luz contemplativa, deve velar com sumo cuidado para se conservar na humildade e não se apropriar das graças que recebe".

"Quem busca a Deus, observa São Pedro Damião[1223], vá com o objeto de encontrar um dia ou outro o descanso e se submergir no gozo da alta contemplação".

Ricardo de São Vítor[1224] compara as almas desejosas de Deus com os querubins do propiciatório, e diz que "devemos, com o desejo, estender as asas de nosso coração, esperando a hora ou o momento em que chegue a revelação divina, para que, tão logo que o sopro da inspiração celeste dissipe as nuvens de nosso espírito, possamos começar a voar, contemplando, e nos elevar às alturas de onde procede esse eterno resplendor".

---

para que todas as minhas coisas alcancem serenidade e *quietude*, e eu me abrace conVosco, que sois meu único Bem, e desvanecida a obscuridade de meus inquietos pensamentos, *contemple claramente* a Vós, doce luz de meus olhos. Recebei minha alma, Senhor, sob a sombra de vossas asas... e *nessa perpétua paz dormirei e descansarei*... Concedei-me, pois, como vos suplico, as asas da *contemplação*, para que com elas possa voar ao alto e chegar até Vós" (Santo Agostinho, *Meditaciones* c. 37).

1220 Bem conhecidas são as palavras que dirige ao seu discípulo (*Myst. Theol.* 1, 1): "Exercita-te sem descanso nas contemplações místicas; deixa de lado os sentidos e as operações do entendimento, esqueça de todas as coisas sensíveis e inteligíveis, as que são e as que não são; e, elevando-te acima de todas elas, vá unir-te o mais intimamente que possas com Aquele que está acima de toda essência e de toda noção. Pois por esse sincero, espontâneo e total abandono de ti mesmo e de todas as coisas, livre e sem obstáculos, serás introduzido naquele resplendor misterioso da divina obscuridade".

1221 *Div. nom.* 1, 2; 3, 1.

1222 *Hom.* 5, n. 5, in Ez. 2.

1223 *De perfect. monast.* c. 8.

1224 *De contempl.* l. 6, c. 10.

"Não descansarei, diz São Bernardo[1225] – personificando a alma enamorada de Deus – até que tenha me concedido o *beijo de sua boca*, que é a doçura da contemplação do Verbo. Dou-Lhe graças por ter me concedido o beijo de seus pés, e logo o de suas mãos; mas, se se lembra de mim, que também me conceda o de sua boca. O que a isso me move não é presunção; é afeto. A reverência, detém-me; mas o amor, triunfa. Bem sei que a Ele cabe me convidar, mas os ímpetos do amor impedem aguardar o convite". E no sermão 32 acrescenta que a alma que com ardentes desejos, suspiros e lágrimas vela chamando o divino Esposo, não deixará de desfrutar d'Ele nesta mesma vida[1226].

Santo Alberto Magno dedica seu precioso tratado *De adhaerendo Deo* a excitar os mais vivos desejos da contemplação, dizendo que não devemos descansar até alcançá-la e saborear os prelúdios da glória; para que, afeiçoados à divina bondade, sempre andemos atrás dela: *Cor nostrum*, escreve[1227], *colligamus et ad interiora gaudia revocemus, ut aliquando in divinae contemplationis lumine hoc figere valeamus... Necesse est ut cum humilitatis reverentia, ac fiducia nimia, mens elevet se supra se et omne creatum per abnegationem omnium... Tunc fertur in mentis caliginem, et altius intra se elevatur, et profundius ingreditur. Et hic modus ascendit usque ad aenigmaticum contuitum Smae. Trinitatis. Quapropter nunquam desistas, nunquam quiescas, donec futurae illius plenitudinis aliquas – ut ita dicam – arrhas, seu experientias degustes; et donec divinae suavitatis dulcedinem per quantulascumque primitias obtineas: et in odorem ipsius, post eam currere non desinas.*

"Esse deve ser, acrescenta[1228], a tentativa, o esforço e o fim do homem espiritual: alcançar possuir, neste corpo corruptível, essa imagem de futura

---

1225 *Super Cânt.* serm. 9.

1226 Interpretando em outro lugar os desejos da Esposa, pede a Deus que lhe mostre sua Face, e se manifeste plenamente na contemplação: "Ehu!, exclama, nec clara lux, nec plena refectio, nec mansio tuta: et ideo *indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie... Vultus tuus meridies est...* O vere meridies, plenitudo fervoris et lucis, solis statio, umbrarum exterminatio!... Hunc locum, inquit, tantae claritatis et pacis et plenitudinis indica mihi ut... *ego quoque te in lumine tuo et in decore tuo per mentis excessum merear contemplari*" (São Bernardo, *In Cant.* serm. 33, n. 6-7).

1227 C. 7.

1228 C. 13

bem-aventurança, e saborear neste mundo esse penhor da glória e conversação celeste. Tal é, digo, o fim de toda a perfeição... Portanto, se perseveras em tua introversão e recolhimento, chegar-te-á a ser fácil e sem impedimentos *o contemplar e saborear*".

Santo Tomás admite a perfeita *unidade* e *continuidade* na vida devota e verdadeiramente cristã, e assim considera sempre a *contemplação* como um *estado* a que todos os fiéis amigos de Deus devem aspirar[1229], *dispondo-se* para isso com todos os exercícios ascéticos, e elevando-se gradualmente da *consideração* das maravilhas divinas, à *visão amorosa* do próprio Deus e *à contemplação da divina Verdade*[1230].

São Boaventura, em seu famoso *Itinerarium mentis ad Deum*, ensina o modo de poder alcançar a ciência mística e chegar "ao descanso da contemplação", advertindo expressamente que Deus a todos convida: *Omnes viros vere spirituales Deus invitat ad huiusmodi transitum et mentis excessum.* E, portanto, "todos os fiéis deveriam aspirar esse conhecimento de Deus"[1231]. E no opúsculo *De perfectione vitae ad Sororem*, diz: "Esquece-te por completo

1229 "Hoc videtur esse amicitiae *maxime proprium*, simul *conversari* ad amicum, conversatio autem hominis ad Deum est per *contemplationem* ipsius, sicut et Apostolus dicebat: *Nostra conversatio in caelis est* (Fil 3, 20). Quia igitur Spiritus S. nos amatores Dei facit, *consequens est quod per Spiritum Sanctum Dei contemplatores constituamur*" (Santo Tomás, *Contra Gent.* 4, c. 22).
1230 "Homo, escreve (2-2, q. 180, a. 3), *quodam processu*, ex multipertingit *ad intuitum simplicis veritatis*. Sic ergo *contemplativa vita unum quidem actum habet* in quo finaliter *perficitur*, sc. contemplationem veritatis; a quo habet *unitatem*. Habet autem *multos actus, quibus pervenit ad hunc actum finalem*"... A esses atos preparatórios com que a alma se dispõe para chegar à contemplação, pertencem a *meditação*, a *consideração*, a *lição* etc. (*Ibid.* ad 2, et 4). Cf. a. 4 ad 2, et 3, aonde aponta diversos *graus* pelos quais, da consideração das criaturas, chega-se à "sublime contemplação da divina verdade". Daí, acrescenta (q. 182, a. 4 ad 3), que até os mais inclinados à vida ativa, podem, mediante o exercício das virtudes, dispor-se para a contemplação: *Unde et illi qui sunt magis apti ad activam vitam possunt per exercitium activae ad contemplativam praeparari.*
O que está muito conforme com que diz Isaias (58, 10): "Cum effuderis asurienti animam tuam, et anima afiictam repleveris, *orietur in tenebris lux tua*, et tenebrae tuae erunt sicut meridies. Et *requiem* tibi dabit Dominus semper, et *implebit splendoribus animam tuam*". Se bem que essa passagem se aplica mais propriamente às obras da caridade em que devem às vezes as almas contemplativas, no meio de suas prolongadas obscuridades, exercitar-se para de novo recobrarem sua luz.
1231 2 *Sent.* d. 73, a. 2, q. 3 ad 6.

de todo o exterior, procurando, com todo afeto de tua alma, elevar-se acima de ti mesma, sem afrouxar nunca, mas subindo com tão ardente devoção, que alcances entrar no *tabernáculo admirável*, aonde, à força de *contemplar* o Amado e saboreá-Lo, possas ficar n'Ele *arrebatada* e *transformada*". Assim vemos que "a oração mental, conforme dizia Santa Ângela de Foligno[1232], leva à *sobrenatural*". E que todos que buscam orar e meditar como convém, acabarão por ser *contemplativos*.

A todos Deus convida, observa também Santa Catarina de Sena[1233]. E, por isso, ela não se cansa de exortar a todo tipo de almas, para que não se façam surdas, nem sejam preguiçosas nem covardes, mas busquem receber "o banho de fogo e de sangue", e submergir-se e embriagar-se no sangue de Cristo[1234].

O Beato Henrique de Suso consagra seu precioso livro *A Eterna Sabedoria* a excitar nos corações o amor e desejos por Ela, e o *União divina*, a buscá-la com todo interesse[1235].

Tauler, em seu famoso sermão sobre o tema: *Ecce Sponsus venit, exite obviam Ei* (Mt 25, 6), faz ver como a todos os fiéis se dirige essa voz, por mais que sejam tão poucos aqueles que se dignam ouvi-la e se dispor de-

---

1232 C. 62.

1233 *Diál.* c. 53; cf. c. 59, 85, 101.

1234 *Epist.* 52, 57, 58, 60, 106 etc.; cf. *Diál.* c. 60-63, 66, 73-79, 85-86 etc.

1235 "Deixa as coisas corpóreas, dizia (*Unión* 1-2), lança-te com tuas potências superiores até as alturas da contemplação, aonde toda nossa perfeição se encontra. Não vês que a vida ativa é um deserto que conduz à essa terra prometida, a essa pureza, a essa paz, que é um prelúdio da glória?... Aplica-te ao estudo da vida interior, que consiste em um abandono e um aniquilamento perfeito de si mesmos em Deus, e em uma muito íntima união da alma com a divina Essência". "Persevera com coragem nesse abandono e não descanse até chegar, segundo permite a fraqueza humana, a essa perfeita união dos santos, que é sempre presente, atual e divina". "Essa sublime união com Deus, acrescenta (7), é para ti um dever, a causa do princípio de que dependes. O Espírito supremo eleva o homem e o ilumina com uma luz divina, para que volte ao seu Deus. Mas a maior parte dos homens, desprezando essa luz, envilecem a dignidade de sua alma e obscurecem a semelhança divina, entregando-se aos culpáveis prazeres do mundo... Pelo contrário, os sensatos e prudentes, seguindo essa brilhante e divina estrela, afeiçoam-se ao que é essa e, renunciando aos prazeres dos sentidos e a todas as coisas perecíveis, unem-se com ardor à eterna Verdade".

vidamente para ir esperar o Esposo. Pelo exercício da vida interior, adverte em suas *Divinas Instituições*[1236], "vêm a se *sentir* a união do espírito com Deus... Dessa união é a alma novamente impelida ao desejo, e excitada ao trato interior, e já amando e agindo, sobe à nova união com Ele. Assim, a obra, a união e o aproveitamento em Deus se renovam, e essa renovação é a vida espiritual". "Se alguém se perguntar, acrescenta (c. 28), como poderá mais fácil e resumidamente conseguir essa vida deiforme, e chegar a ser um espírito com Deus, a esse direi que aprendendo a ser diligente morador de si mesmo, recolhendo-se dentro de si com uma perpétua *introversão*. Porque ali verdadeiramente se *sente* resplandecer a luz; ali se *ouvem* as inspirações, os movimentos e os instintos do Espírito Santo, os quais deve com diligência o homem seguir, porque esse divino Espírito sem cessar lança, insta e atrai os seus. Isso o homem exterior não entende... Mas o interior o deve advertir, porque sentindo Deus dentro de si, e vivendo continuamente com Ele, dar-Lhe-á lugar para que Ele disponha e leve sua obra à perfeição. Não é outro o lugar de Deus senão o interior, pois *o reino de Deus está dentro de nós* (Lc 17, 21). Aquele que recusa ir aonde está o tesouro, não terá razão para se queixar de ser pobre... Quem deseja achar toda a verdade, convém que dentro de si a busque, abrindo sempre a Deus o fundo interior de sua alma, por amorosas aspirações e afetuosos suspiros com humilde resignação".

Ruysbroeck[1237] afirma, por sua parte, que quando uma alma sente vivos desejos de ver Cristo, seu Esposo, e conhecê-Lo tal como é, subindo – como Zaqueu – ao mais alto da árvore da fé, alcançará *vê-Lo* passar com todos os seus dons, e *ouvir* de sua boca os mais adoráveis segredos, e senti-Lo descansar em seu coração.

"Jesus Cristo, observe Lanspérgio[1238], está dizendo para a alma: Escuta, filha minha, em todo tempo e lugar minha voz; que te repete que entres em ti mesma. Aí está essa *teologia mística* que meu Pai escondeu aos sábios

1236 C. 27.

1237 *Ornato de las bodas* l. 1, c. 26.

1238 *Alloquiorum* l. 1, c. 16.

do século para revelá-la aos pequeninos. Como supremo doutor, Eu a faço penetrar nos corações quando estão desprendidos do mundo, de si mesmos e de todas as criaturas. Clama sem cessar, filha minha, suspirando para consegui-la, deseja-a com uma humildade profunda, e na paz e no silêncio espera-a com longanimidade e confiança".

Blósio começa sua *Instituição espiritual* dizendo que "todos devem aspirar à perfeição e *à* mística união... Quem a esta alcançasse, encontraria e sentiria dentro de si mesmo Àquele cuja doce presença o satisfaria de bens e o encheria de gozos inefáveis; com o qual evitaria derramar-se exteriormente para buscar enganosos consolos nas criaturas, e teria por insípido e amargo tudo o que não fosse Deus... Quem a isso almeja, desejando chegar a ser perfeito e experimentar o íntimo abraço da união divina, deve insistir na mortificação e abnegação de si mesmo, e exercitar-se na santa introversão, suspirando por Deus com jaculatórias e piedosos desejosos, e fazendo por Ele tudo que faz, não desejando senão agradá-Lo em tudo. Esse e não outro é o caminho por onde *pode chegar à perfeição e à mística união*"[1239].

O Beato Bartolomeu dos Mártires insiste repetidas vezes nessa mesma doutrina e, com grande abundância de testemunho dos antigos doutores, procura induzir a todos a se disporem com freqüentes *introversões*, para chegarem à contemplação[1240]. Declara como todos a poderiam alcançar, se na *solidão*, com *amarga dor* e *firme perseverança*, buscassem-na, pois por

1239 Para pedi-la, ele mesmo propôs várias devotíssimas orações. Eis aqui uma (*Inst.* c. 11): "Per dignissima Vulnera tua introduc me in nudum animae meae fundum, et transfer in te Deum meum, originem meam, ut venam aquarum viventium in me *sentiam*, te clare cognoscam, te ardenter diligam, tibi sine medio uniar, et in te per tranquillam fruitionem quiescam, ad laudem nominis tui... Te solum quarere debeo: te solum quaero et concupisco. Eia, trahe me post te... Aperi mihi pulsanti: aperi orphano te inclamanti. Immerge me in abyssum Divinitatis tuae, totumque absorbe, et unum spiritum tecum effice, ut delicias tuas in me habere possis".

1240 No c. 10 de seu *Comp. Myst. doctr.* diz que seus documentos se ordenam já a inflamar as almas no desejo da verdadeira contemplação e mostrar como há de se caminhar para ela". E o c. 13 (ou 14) se intitula *Quaedam media perveniendi ad hanc mysticam Theologiam.*

esses graus *certissimamente* se pode alcançá-la[1241]: "Assignat (Guilhelmus) tres gradus quibus ad contemplationem *certissime possis ascendere*: Primus, *amara contritio*. Secundus, *otium* seu *solitudo*. Tertius, *fortis et constans perseverantia*"[1242].

Muito conforme a isso, a prudentíssima Santa Teresa não se cansa de excitar e recomendar os desejos da contemplação, procurando que suas filhas se disponham para consegui-la[1243].

Santo Inácio escrevia em 1548 à São Francisco de Borja, aconselhando-o também a aspirar aos dons da contemplação, não para se comprazer neles, mas para que com eles possam ser mais perfeitas todas as nossas ações.

"As almas exercitadas na virtude, observa o Pe. Alvarez de Paz[1244], podem desejar ardentemente a contemplação e pedi-la com humildade; pelo motivo mesmo que lhes é útil, como meio eficacíssimo de chegar à perfeição... Se, pois, te sentes impulsionado pelo amor divino e buscaste te dispor segundo permite a humana fragilidade, derrama dia e noite torrentes de lágrimas para alcançar esse dom... Não te detenhas por tua pequenez... Anima-te, e diz ao Senhor: Se achei graça diante de Vós, mostrai-me vossa Face"...

"Sem a contemplação, observa o Pe. Lallemant[1245], nunca crescerá grande coisa na virtude, nem estará em condição de fazer os outros crescerem. Não acabará a alma de se livrar de suas fraquezas e imperfeições, e permanecerá atada à terra. E, não podendo se elevar sobre si mesma, tampouco poderá oferecer a Deus um serviço perfeito. Mas com ela poderá fazer mais para si e para os outros em um mês do que sem ela poderia fazer em dez anos".

1241 "Diu laborandum est, adverte (c. 26), ut ad huius felicitatem conditionem pervenias... Tu ergo *persevera, et sustine Dominum, spe enim tua non frustraberis*".

1242 *Ib.* c. 15. – "Perambulemus ergo hanc viam, acrescenta (c. 27); purus animus pura Deum devotione frequentet, frequentando *gustet*, gustando probet, *quam suavis est Dominus*, quo tandem inebriatus amore, totam in Deum considerationem inflectat, toto in ipsum desiderio pergat, nihil dulcius, nihil iucundius in vita habeat, quam *vacare et videre quoniam ipse est Deus*. Affecta sic anima Sponsus arctissime complectitur, stringit, et tenet dicens: *Tenui eum, neque dimittam*" (Ct 3).

1243 *Camino de perfección* c. 17, 19-21 etc.

1244 T. 3. *De natura contemplationis* l. 5, p. 2ª, c. 13.

1245 *Doctr. Spirit. princ.* 7, c. 4, a. 4.

O Pe. Surin[1246] afirma rotundamente que a contemplação é o modo de oração próprio das almas perfeitas, embora às vezes, por graça singular, seja concedido a algumas ainda imperfeitas. Daí a necessidade de que todos a desejem e se disponham para recebê-la; já que sem ela não poderão conhecer bem a si mesmos nem muito menos conhecer a Deus, amá-Lo e servi-Lo perfeitamente[1247].

Por isso, o Beato Palafox publicou seu *Varão dos desejos*, procurando infundir isso em todos os fiéis de sua diocese para que se esforçassem em caminhar pelas vias do bem e atravessar com coragem as *três vias* da perfeição cristã, subindo de virtude em virtude até ver a Deus nos cumes da contemplação[1248].

O que, como assegura o Pe. Molina[1249], "*não se nega a ninguém* que persevere em fazer tudo o que é de sua parte".

Assim, pois, "a santa contemplação, conforme diz São Francisco de Sales[1250], é o fim e o alvo a que se encaminham todos os demais exercícios – lição, meditação, orações e devoções – e todos se reduzem a ela".

1246 *Catech. spir.* p. 1ª, c. 1.

1247 "Enquanto uma alma não chegar ao estado de contemplação, adverte (*ib.* 2ª p., c. 2), não estará bastante humilhada diante de Deus nem iluminada na vida espiritual. Por isso, logo que uma pessoa já está exercitada em santas meditações e lições e adquiriu suficiente instrução nas coisas de Deus, *deveria* ir se dispondo para essa venturosa contemplação, que embora não possa ser ensinada com preceitos nem adquirida por nossa habilidade, pode, no entanto, ser bastante facilmente alcançada por quem sabe tirar os muitos obstáculos que desde um princípio encontra; entre os quais está o de se agarrar ao discurso e confiar muito nesse trabalho de entendimento... A quem perseverar, Nosso Senhor lhe irá introduzindo nessa doce contemplação que é a adega de seus vinhos; adega obscura, em aparência, por causa da universalidade e indistinção do objeto – que é aquela nuvem em que entrou Moisés –, mas, na realidade, luminosa, posto que é a entrada nos segredos de Deus. Mas essa luz não se percebe enquanto está ainda nossa razão ofuscada".

1248 "Os desejos, diz (*ib.* introd.), fazem dos pecadores, bons; dos bons, perfeitos, e dos perfeitos, santos... Na primeira via se considera a alma penitente; na segunda, devota; na terceira, enamorada. Na primeira, geme; na segunda, deseja; na terceira, suspira... contempla quem encontrou... A primeira é dos principiantes; a segunda, dos aproveitados; a terceira, dos perfeitos... São os três graus de São Boaventura...: no primeiro, a alma segue o Espírito divino; no segundo, a alma vive com o Espírito divino; no terceiro, na alma já só vive o Espírito divino".

1249 *De la orac.* tr. 2, c. 6.

1250 *Amor de Dios* l. 6, c. 6.

Portanto, segundo adverte Sandreau[1251], "ela é o *termo normal* a que chegam as almas verdadeiramente fiéis". Pois, como dizia muito bem o Pe. Surin[1252], todos os que fazem as diligências que são necessárias para se mortificar e se purificar, têm em si a Deus enchendo todas as suas potências..., e se encontram repletos de seus inefáveis dons para levar uma vida divina".

Por aqui se vê, pois, como essa maravilhosa contemplação, ao ser um dom sobrenatural que nunca poderíamos alcançar com nossas próprias habilidades, não só é *desejável*, mas *acessível*, e não só podemos, mas *devemos* pedi-la e buscá-la, *dispondo-nos*, no que é de nossa parte, para a receber e não a impedir. Pois ela é como o complemento da vida espiritual, e um meio indispensável para chegar à verdadeira perfeição, e assim Deus não a nega, mas – mais cedo ou mais tarde – a concede de bom grado a todos que com boas disposições a pedem. Como argüia já muito bem o Pe. José do Espírito Santo[1253], a contemplação é um *ato* dos dons do divino Espírito, os quais, em estado de *hábitos*, em nós são infundidos com a graça; ora bem, podemos e devemos desejar o *ato* de um *hábito* que nos foi dado para nosso aproveitamento espiritual, e que permanecendo nesse estado de puro *hábito*, sem chegar a se traduzir em *atos*, seria um dom ocioso, que de nada nos aproveitaria. Devemos, pois, dispor-nos para fazer que frutifique com *atos*, que serão verdadeiros exercícios de contemplação infusa.

Mas os dons que Deus deposita em nós tendem por si mesmos a frutificar; se não o fazem, e nem mesmo sequer se desenvolvem, é porque, em vez de cultivá-los e fomentá-los, mais bem os sufocamos. Se, pois, são muitíssimas as pessoas "devotas" que nunca chegam ao *estado místico*, é porque não se violentam o bastante para deixar de resistir e contristar o Espírito Santo. Se não Lhe resistissem, e Lhe fossem dóceis, seguramente encontrariam o descanso para suas almas. Pois "este *dom de oração*, conforme

1251 *Etat. myst.* p. 185.

1252 *Fondements de la vie spir.* l. 5, c. 14.

1253 *Cursus Theol. myst. schol.* t. 2, disp. 11, n. 28.

ensina São Francisco de Sales[1254], é *livremente concedido a todos* os que de coração consentem nas inspirações divinas".

Assim mal deveria se falar de *vias ordinárias* e *extraordinárias*, senão tão só do que fala o Apóstolo, de homens *carnais*, ou *pequeninos em Cristo* – que ainda não sabem sentir e apreciar as coisas do alto –, e *espirituais*, *adultos* ou *perfeitos* – que, cheios de Deus, sentem as obras de seu Espírito –, os quais, embora sejam *poucos*, não são devotos *extraordinários*, mas os únicos verdadeiramente devotos cristãos e os *ordinários* seguidores fiéis de Cristo (Rom 8, 5; I Cor 2, 14-15; 3, 1-3; Heb 5, 11-14).

"Se o *dom da oração* é tão raro, observa o Pe. Grou[1255], não deve nos estranhar, pois se reserva para as almas que são inteiramente de Deus. Certo é que Ele previne algumas com essa graça; mas é para que melhor se entreguem a Ele. E se não o fazem, não tardará em retirá-la. Pode se estabelecer, pois, como regra segura, que *toda alma completamente entregue a Deus é favorecida com o dom da oração*, embora, por seu bem, disponha Ele às vezes que O ignore; e que, ao contrário, a alma que não é toda de Deus, não tem esse dom, ou não desfrutará dele por muito tempo, ou sua oração será uma ilusão. Assim é como a entrega total vem a ser a pedra de toque da verdadeira oração".

§ II. – A ASCÉTICA E A MÍSTICA. – COMPENETRAÇÃO E NÃO DISTINÇÃO ESSENCIAL. – IMPORTÂNCIA RESPECTIVA; MÚTUO APOIO; O PROCESSO DA VIDA ESPIRITUAL; TRANSIÇÃO OU DECADÊNCIA E RESISTÊNCIA AO ESPÍRITO SANTO. – DANOS DA SEPARAÇÃO COMPLETA DESSAS VIAS; A IGNORÂNCIA DOS CAMINHOS DE DEUS E A ESCASSEZ DE ALMAS CONTEMPLATIVAS; REAÇÃO CONSOLADORA; CONCLUSÕES IMPORTANTES.

Desprende-se do que foi dito que a vida ascética deve sempre se ordenar, e por si mesma se ordena como ao seu termo, complemento e coroamento,

1254 *O. c.* l. 3, c. 4.

1255 *Le don de soi-même a Dieu* 23.

à plenitude e esplendor da mística. Esta, ainda em sua mais estrita acepção, ou em seu estado mais característico, não é indubitavelmente outra coisa senão a própria vida cristã levada à sua plena manifestação, ou seja, ao devido desenvolvimento das graças recebidas no batismo. E, tomada na acepção mais ampla, abarca em certa maneira toda a vida sobrenatural, e assim mal pode se distinguir da ascética senão pela razão do modo imperfeito e limitado dessa, como próprio que é das primeiras fases dessa mesma divina vida da graça. Tão relacionadas estão, pois, tão compenetradas e mesmo tão identificadas a vida *ascética* e a mística, que de uma a outra vai se passando por graus insensíveis, de modo que às vezes mal podemos saber o que pertence a uma e o que é próprio da outra. Daí que até as respectivas ciências – mesmo dado que em absoluto poderiam se distinguir – na realidade andam sempre mais ou menos confundidas, invadindo sobretudo a *Teologia ascética* o domínio da *Mística*, pelo motivo mesmo que não estudam objetos distintos, mas um mesmo, que é a vida verdadeiramente cristã, por mais que a estudem de distinto modo e em distintas fases. E assim só podem se distinguir, no máximo, como diferentes ramos de uma mesma ciência[1256].

A *Ascética* – tal como hoje costuma se entender – vem a ser, pois, uma simples preparação para a *Mística* propriamente dita. O bom *asceta*, com efeito, deve se considerar ao menos em estado de graça e com sincero desejo de dominar suas más inclinações e adquirir as virtudes cristãs para caminhar verdadeiramente pelos caminhos da perfeição. E estando em graça, e aspirando à perfeição, possui já seguramente, pelo menos como em gérmen, todos os dons do Espírito Santo; que não foram comunicados a ele para

---

1256 Segundo Ribet (*Myst.* 1, 15), a *Mística* trata dos graus mais elevados da vida espiritual, enquanto que a *Ascética* trata exclusivamente dos exercícios da primeira e segunda vias. "Nesse sentido, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 9, conf. 4, 4, em nota), a diferença está bem justificada". Mas "não há motivo, acrescenta, para se afastar dos grandes teólogos antigos, segundo os quais a *Mística* é o ensino em geral de todos os exercícios que constituem a vida espiritual, e a *Ascética*, aquela parte da Mística cujos exercícios estão principalmente destinados ao principiante e ao proficiente (cf. Antônio do Espírito Santo, *Direct. myst.* 1, n. 31; Felipe da S. Trindade, *Theol. myst. prolegom.*; Schram, *Theol. myst.* § 2; Saudreau, *Les degrés de la vie spir.* 26). Segundo esse princípio está ordenada a grande obra de Alvarez de Paz, a mais completa acerca da vida espiritual jamais publicada".

que os tenha ociosos, mas para exercitá-los, aperfeiçoá-los, desdobrá-los ou fazer que se manifestem em seus próprios e legítimos frutos, que são atos de virtude cristãmente *heróicos* ou de algum modo *supra-humanos*. Mas todos os atos que assim alcance produzir, embora seja principiante, são verdadeiros *atos místicos*, pois "o *ato místico* não é outro senão aquele *realizado por algum dos dons do Espírito Santo*. E se esses atos se multiplicam e se fazem freqüentes, podemos dizer que a alma se encontra já no *estado místico*"[1257].

Portanto, não poderá resultar completo nenhum trato de *Ascética*, sem levar muito em conta esse elemento místico, e daí que realmente venham a se compenetrar e resultem inseparáveis essas duas ciências, quase o mesmo que as respectivas *vias* ou maneiras de *vida*[1258].

Assim, pois, todas as almas que estejam em graça, possuindo como possuem em certo modo os dons do Espírito Santo – por mais que devam se *exercitar* talvez longos anos, e cada vez com mais fervor, nas práticas ordinárias da *ascética* – têm já em si realmente, e para ir pouco a pouco os manifestando e desenvolvendo, os verdadeiros germens e rudimentos da *vida mística*. E se é próprio desta, como todos reconhecem, ter um modo de oração que não podemos alcançar com nossas próprias forças, embora ajudadas pela graça ordinária (porque a produz o Espírito, que inspira onde quer e quando quer, e pelo mesmo motivo se deixa sentir muitas vezes quando a alma menos pensa n'Ele ou O busca); também é inegável que essa oração pode existir, e existe às vezes, desde os próprios albores da vida ascética, e se experimenta de certo modo nos *fervores sensíveis*, que tanto costumam abundar nos principiantes, e que se têm quando se *recebem* e não quando se *buscam* ou se desejam. Pois neles há que reconhecer certa moção especial do Espírito *Consolador*, que assim vem a renovar a face de nossos corações[1259]. E se essa moção ou singular presença do amoroso Paráclito

---

1257 Boulesteix, *La définition de la mystique*, em *Revue Agustinienne*, 15 de nov. de 1906.

1258 Santo Tomás (1ª p., q. 1, a. 3) demonstra como *toda a doutrina sagrada* constitui especificamente *uma só ciência*.

1259 Quase todas as almas fervorosas costumam sentir às vezes de repente, e quando menos pensam, ora uma *viva presença de Deus*, ora um *chamado* amoroso e enérgico à solidão; e isso com tal viveza,

não se sente em si mesma, pode se sentir e reconhecer muito bem por seus especiais frutos e bons efeitos[1260].

Portanto, o verdadeiro *asceta*, o ínfimo cristão que leva a sério *a única coisa necessária* – que é a obra de sua santificação –, procurando como deve se despojar de si mesmo para se vestir de Jesus Cristo, e se mortificar para não resistir ao Espírito de adoção que o vivifica e inspira, agirá repetidas vezes sob os divinos impulsos, embora nos os advirta claramente, e, à força de segui-los, mais cedo ou mais tarde alcançará *senti-los* bem, *distingui-los* e ter cada vez mais clara *consciência* deles, até que, por fim, quase *habitualmente* se deixe mover sem resistência por esse doce Consolador, cujo sopro divino irá produzindo nele maravilhosos concertos. E sempre que assim se mova, em virtude de tais impulsos, agirá *misticamente*, exercitará um *ato místico*, mesmo quando não suponha nem se dê conta dele. E quanto já *sinta* e tenha *consciência de sentir* – embora seja de um modo muito vago e obscuro – o influxo especialíssimo do Espírito vivificante, que o incapacita para proceder

---

que não podem duvidar que é o próprio Deus que assim as chama, e que seriam muito culpadas se se fizessem surdas. Do mesmo modo podem sentir um vivo impulso a pedir certos favores, com plena segurança de alcançá-los; e com efeito conseguem então o que sob essa moção pedem, cheias de fervor e de filial confiança. – Tudo isso são insinuações do espírito de piedade ou de temor, de conselho, de ciência ou de sabedoria, que podem se notar, mesmo em meio da vida mais ativa e mais *ordinária*, desde o próprio princípio da conversão.

1260 Não aconteceu convosco, pergunta São João de Ávila (*Tr. 4º del E. S.*), de ter vossa alma seca, sem sumos, cheias de desmaios, atribulada, relutante, e que não lhe parece bem nenhuma coisa boa? E estando assim nesse descontentamento, e algumas vezes bem descuidado, vem um arzinho santo..., que te dá vida, te dá força, te anima, e te faz voltar a si, e te dá novos desejos, amor vivo, mui grandes e santos contentos, e te faz falar palavras e fazer obras que espantam a ti mesmo. Isso é o Espírito Santo, isso é o Consolador, que em soprando sopra, que vindo vem, vos encontrareis tocado como por um imã, e com alentos novos, e obras, palavras e desejos novos que antes não encontravas em coisa alguma. Tudo vos estorvava, tudo vos enojava; agora em tudo encontrais sabor e muito contentamento, em tudo vos alegrais, tudo vos ensina... Se tivésseis licença para falar, dirias maravilhas e grandezas do que o Senhor de todo o criado dá a conhecer".

"Assim como quando colocamos um imã entre muitas agulhas, observa São Francisco de Sales (*Amor de Dios* 6, 7), todas voltam suas pontas e tendem para ele, assim, logo que Nosso Senhor faz sentir à alma sua regalada presença, todas as nossas faculdades voltam seus ápices para ela, para se juntarem com essa incomparável doçura".

em sua oração na forma costumeira e o faz tê-la de outra maneira *nova*, então bem podemos dizer que já vive no *estado místico*, por mais que não se figure nem deseje andar por *vias extraordinárias*.

A *Ascética* se ordena principalmente à purificação da alma e à aquisição e prática das virtudes mais indispensáveis; o asceta se exercita para evitar o mal e fazer o bem, levando como lema o *Recede a malo, et fac bonum*. Mas, permanecendo verdadeiramente neste exercício, "busca a paz e, achando-a, segue atrás dela" (Sl 33, 15). Deste modo, insensivelmente vem a penetrar na vida mística; na qual, quando menos pensa, encontra-se já engolfado.

Essa maneira nova de vida costuma começar marcadamente na *via iluminativa*, para se completar na *unitiva*; mas se faz pressagiar com repetidos *atos* já na *purgativa*, para a qual deverá servir de complemento.

Assim essas três mal chamadas *vias* não estão separadas, como alguns imaginam, enganados talvez pela impropriedade desse nome; compenetram-se, como simples *fases* que são do desenvolvimento da vida espiritual. E os qualificativos que as designam não são tão *característicos* que indiquem algo *próprio* e *exclusivo* de cada uma delas; indicam tão somente o predomínio que nos três sucessivos estados vão tendo cada uma dessas três coisas, *purgação*, *iluminação* e *união*, que são sempre indispensáveis para o verdadeiro aproveitamento[1261].

No princípio há que insistir com preferência na purificação de todo o mal, que ainda é muito; logo, sem abandonar nunca essa purificação, há que atender principalmente a aquisição e consolidação das virtudes; e esta é a verdadeira fase do *crescimento espiritual*, que se manifesta já claramente uma vez que estão removidos os principais obstáculos; e por isso com gran-

1261 É a vida mística de tal qualidade, diz o B. Palafox (*l. c.* introd.), que "aquele que se encontra na primeira jornada há de ter presente a segunda e terceira, e aquele que se encontra na última não há de se esquecer da segunda... É necessário que esteja a alma sempre chorando como penitente, embora lhe pareça que desfruta como enamorada, que procure amar como enamorada, embora esteja chorando como penitente, que quando deseja a Deus, tema a Deus, e quando lhe pareça que tem mais altos conhecimentos de sua divina Majestade, busque maiores, para penetrar sua própria miséria".

de razão é chamada *fase progressiva* ou dos *proficientes*[1262]. Mas, ao mesmo tempo que se cresce em virtude e santidade e vai se chegando à *idade adulta*, *desenvolvem-se e iluminam-se* todos os nossos *sentidos* e *potências espirituais*, com que, deixando de ser como crianças volúveis e amigos de consolos, adquire-se a fortaleza viril e o gosto pelas verdades sólidas e pelas virtudes heróicas dos grandes e esforçados; e praticando então a verdade com toda caridade, na medida de *homens perfeitos*, ficaremos já plenamente *unidos* com Jesus Cristo, e desse modo poderemos crescer em tudo segundo Ele, e contribuir eficacissimamente para a edificação de sua Igreja (Ef 4, 13-16; Heb 5, 12-14)[1263]. Assim na fase *purgativa* tende a alma a se unir com Deus, fugindo do mal e procurando o bem; na *progressiva*, ao mesmo tempo que com o reto exercício das virtudes se enche de luz e se inflama no amor divino, que é laço de *união*, purifica-se de milhares de imperfeições que antes não via ou não conseguia arrancar; e, por fim, ao *se unir* plenamente com Deus, fica plenamente iluminada e purificada[1264].

Na fase *purgativa*, a maneira de oração com que mais ordinariamente se *iluminam* as almas e se *inflamam no amor* de Deus – ao mesmo tempo que se animam a purificarem-se, negarem-se e vencerem a si mesmas – é a *discursiva*, ou seja, a *meditação*. Ali se cumpre exatamente o que diz o Salmista (Sl 38, 4): *In meditatione mea exardescet ignis*. – Na *iluminativa* costumam já com freqüência *sobrar* – e até muitas vezes *estorvar* – os discursos; a alma ilumina-se, inflama-se e ao mesmo tempo se purifica muito

---

1262 Cf. Santo Tomás, 2-2, q. 24, a. 9; Santa Teresa, *Vida* c. 22. – "O tempo que empregastes em chorar e expiar tuas faltas, dizia o Senhor à Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 2, 8), não foi certamente inútil, posto que nele se realizou tua conversão. Mas, fora disso, nada te aproveitou... Foi um tempo perdido que, se não tivesses cometido tantas faltas, terias podido empregar em *crescer* em amor, em graça e em glória".

1263 Santa Catarina de Sena, *Epíst.* 106.

1264 "Quando a alma, diz o Pe. Gracián (*Itinerario de los caminos de la perfección* c. 1), limpou-se muito bem pela via purgativa, e chegou ao Sol divino pela via iluminativa, recebe em si mesma a figura de Cristo, pela unitiva; desta *união* lhe vem aquele *divino resplendor* que se chama *Teologia Mística*". – O ordinário, acrescenta (c. 2), "é ter andado um bom espaço na via purgativa, antes de entrar no *bom* da *iluminativa*. Mas Deus não guarda muitas vezes a ordem em fazer mercês".

melhor se deixando docemente levar pelas moções e inflamar nas chamas de amor que, sem saber como, vão nascendo sozinhas em seu coração, porque o Espírito Santo ocultamente as comunica. Essa oração é já quase toda *afetiva* – ou, como costuma se chamar, *de afetos e súplicas*, que param em certa *vista amorosa* –, vindo a ser na realidade como uma mistura de *meditação* e *contemplação*[1265]; pois ali a alma mal faz algo senão *arder* nos afetos que ela mesma havia provocado, ou que o Espírito Santo lhe sugere e excita[1266].

1265 "Aos que caminharam pela meditação, observa o mesmo Pe. Gracián (*ib.* c. 9, § 1), leva Deus à mais alta e soberana luz, que é o *fim* e *remate* da via *iluminativa*. A esta podemos chamar *espírito* ou *contemplação*... Ao que *persevera nunca lhe faltam* dessas soberanas luzes".

"Depois que alguém progrediu notavelmente na *meditação*, diz o Pe. Nouet (*Introd. a la vie d'oraison* l. 3, entr. 1), vai passando insensivelmente à *oração afetiva*, que é um *intermédio entre a meditação e a contemplação*, como é a aurora entre a noite e o dia; e assim participa de ambas... Daí que, à medida que se aperfeiçoa, vai deixando os discursos e se contentando com uma *simples vista*, uma *doce recordação* de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, prorrompendo em muitos afetos amorosos segundo os movimentos que lhe *imprime o Espírito Santo*. – E quando chegou a toda sua perfeição, *simplifica os afetos* assim como as luzes, de modo que a alma permanece às vezes uma hora, e às vezes um dia ou mais num mesmo sentimento de amor, de contrição, de reverência, ou qualquer outro que lhe tenha sido comunicado".

"A santa meditação, escreve conforme a isso São Francisco de Sales (*Amor de Dios* l. 6, c. 2), dá *princípio* à *Teologia mística*". "A oração, acrescenta (*ib.* c. 3), chama-se *meditação* até que produz o mel da *devoção*, e desde então se converte em *contemplação*... O desejo de alcançar o amor de Deus nos faz meditar, e esse amor conseguido nos faz contemplar, dando-nos *experiência* de uma suavidade tão agradável no que amamos, que não se cansa nosso espírito de vê-la e considerá-la".

1266 Daí a suma importância dessa maneira de oração, onde se cumpre o que diz o Eclesiástico (Eclo 2, 10): Vós que temeis o Senhor, amai-o, e serão iluminados vossos corações. – Assim, como adverte o Pe. Le Mason (*Introd. a la vie intér.* t. 2, c. 6), "as almas que se sintam movidas pelos afetos, deixem-se levar, sem recorrer ao discurso senão quando se vejam secas e áridas... O segredo da oração está em seguir com simplicidade os atrativos da graça..., sem andar com reparos ou sutilizas que estorvam, ocupam e inquietam... Disponham-se a começar a meditação com toda humildade e desprendimento; e, sentindo atrativo por certos afetos e atos, não resistam... Não temais ilusão nem engano, enquanto vejais vosso coração humilde e vosso espírito em santa indiferença".

"Esta oração, afirma o Pe. Massoulié (*Tr. de la véritable oraison* p. 2ª, c. 10-11), é de grande mérito; porque, excitando todos os afetos da vontade, excita o amor; o qual produz todos os demais movimentos, e é raiz de todos os méritos que podemos adquirir... A *oração afetiva* pode se chamar um contínuo e atual exercício de amor de Deus... E todas as vezes que uma alma faz atos fervorosos de amor de Deus, consegue um aumento de graça e recebe de um modo especial o Espírito Santo.

Por fim, na *unitiva*, preponderam tanto essas divinas moções e iluminações, que a oração se converte como numa *contemplação* habitual[1267].

A *Mística*, pois, sem exercícios *ascéticos* é vaidade e ilusão, e a *Ascética*, sem as místicas introversões, os *piedosos* afetos e as vivas aspirações pela verdadeira união com Deus, é quase tempo perdido; trabalho sem fruto, navegação sem porto, corpo sem alma, letra sem espírito; reduzindo-se como a uma série de exercício *rotineiros* que entretêm e não vivificam. A verdadeira Mística sempre marcha apoiada na Ascética, na contínua abnegação, em levar a cruz com Cristo e por Cristo, que é para as almas enamoradas, ao mesmo tempo que um lindo e fragrante *ramo de nardo, uma bolsinha de mirra* muito amarga (Ct 1, 12-13). E a Ascética se subordina totalmente à Mística, a encontrar por meio das privações e santos exercícios, feitos *em espírito e em verdade*, o dom secreto de Deus e a preciosa pérola de seu reino no fundo de nossos corações. A alma contemplativa "é aquela que sobe pelo deserto

---

De onde em todo o tempo da oração empregado em santos desejos, verdadeiros e eficazes, está se verificando na alma uma contínua *efusão do divino Espírito*".

1267 "Há três tipos de oração mental, adverte o Pe. Surin (*Catéch. spir.* 1ª p., c. 2): a discursiva, a afetiva e a contemplação. – A *discursiva* é própria dos *principiantes*; a *afetiva*, dos *aproveitados*; e a *contemplação*, segundo o curso ordinário, dos perfeitos, mas algumas vezes, em sua misericórdia, quer Deus comunicá-la a alguns que começam".

"O estado de *principiantes*, ensina São João da Cruz (*Llama de amor viva* canc. 3, v. 3, § 5), é *meditar* e fazer atos *discursivos*... Assim lhe convém – à alma – para habituar os sentidos e apetites às coisas boas, e alimentando-os com esse sabor que se desenraizam do século. Mas quando isso de alguma maneira já está feito, *logo os começa Deus a pôr em estado de contemplação*, o que *costuma ser muito em breve*; principalmente aos religiosos, porque mais em breve, negadas as coisas do século, acomodam à Deus o sentido e o apetite, e *logo não há senão passar da meditação à contemplação*".

"Deste modo vemos que a *oração mental*, como dizia Santa Ângela de Foligno (*Visiones e instruc.* c. 62), leva à *sobrenatural*. Há oração sobrenatural quando a alma, arrebatada sobre si mesma pelo pensamento e pela plenitude divina, é transportada por encima de sua natureza, entra na compreensão divina mais profundamente do permitido pela natureza das coisas, e nessa compreensão encontra a luz. Mas os conhecimentos que adquire nas fontes, a alma não os pode explicar; porque tudo o que vê e sente é superior à sua natureza. Nestes três gêneros de oração (*vocal, mental e sobrenatural*), a alma consegue certo conhecimento de si mesma e de Deus: ama na medida que conhece, deseja na medida que ama; e o sinal do amor não é uma transformação parcial, mas total. – Mas como essa transformação não é completa, a alma se aplica toda em buscar uma nova transformação e em entrar mais intimamente na união divina".

como coluna de fumaça de mirra e de incenso e de todos os perfumes" (Ct 3, 6); e o asceta pede ao seu dulcíssimo Salvador que o *atraia*, para poder *correr atrás d'Ele ao odor de seus aromas* (Ct 1, 3).

Jesus Cristo é o ao mesmo tempo *caminho*, *verdade* e *vida*. Seguindo suas *pegadas* ensangüentadas, logo ficaremos *iluminados* com a luz de sua *verdade*, pois "os que *agem* na verdade, vêm à luz"; e "os que O seguem não andam nas trevas, mas têm a *luz da vida*" (Jo 3, 21; 8, 12). E com essa *luz vital*, pela íntima experiência vemos que Jesus é nossa *vida*: *Mihi vivere, Christus*.

A fiel imitação conduz, pois, infalivelmente à plena iluminação e à *mística união*.

Não está Jesus Cristo dividido. Se vai se manifestando por graus – primeiro como *caminho e modelo*, logo como *verdade* absoluta e *luz de revelação*, e ao fim como plenitude de *vida* – sempre é ao mesmo tempo nosso tudo: *via, veritas et vita*, modelo dos homens, como exemplar divino, e *esplendor da glória do Pai*; *luz para revelação dos povos, virtude e sabedoria de Deus, e Verbo da Vida* que apareceu entre nós *cheio de graça e de verdade*, para que *de sua plenitude todos recebamos*. Assim *n'Ele estava a vida que é luz dos homens*. *Se*, pois, *cercamos nosso corpo com a mortificação de Jesus*, é para que também a vida de Jesus se manifest*e em nossa carne moral*; e se *morremos* ao mundo e a nós mesmos, é para que *nossa vida esteja escondida com Cristo em Deus* (II Cor 4, 10; Col 3, 3)[1268].

"Não podemos ter fogo sem sangue, diz Santa Catarina de Sena, nem sangue sem fogo"[1269]. Isto é, não há perfeita caridade, sem sacrifícios

---

1268 Cf. Santa Catarina de Sena, *Diálogos* c. 96. – "Fili, quantum a te vales exire tantum in me poteris transire. – Sicut nihil foris concupiscere, internam pacem facit: sic se interius relinquere Deo *coniungit*... Sequere me: Ego sum *via, veritas et vita*. Sine via non itur, sine veritate non cognoscitur, sine vita non vivitur" (Kempis, I. 3, c. 56).

1269 "Nosso divino Médico, adverte ela (*Ep*. 52), deu-nos um remédio contra todas as nossas enfermidades; e é um batismo de sangue e de fogo, no qual lava, purifica e consome toda escória e imperfeição da alma. – Essa deve passar pelo fogo e pelo sangue; que não falta onde arde o amor do Espírito Santo, que é o próprio fogo. Porque o amor foi aquela mão que feriu o Filho de Deus e Lhe fez derramar seu sangue; e desde então ficaram juntamente unidos e em tão perfeita união,

e mortificações; nem espírito de *sacrifício*, sem verdadeira caridade, que é fogo divino que *ilumina*, *vivifica* e *une* com Deus.

Quem é filho da verdade, ouve a voz de Jesus (Jo 18, 37). E essa voz clama a todos: "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba; e de seu coração brotarão rios de água viva" (Jo 7, 37-38). "Vinde a Mim todos vós que trabalhais e estais oprimidos, que Eu vos *saciarei*. Tomai meu *jugo e aprendei de Mim*... e encontrareis *descanso* para vossas almas" (Mt 11, 28-29). A todos os *pequeninos* sabemos que convida a divina Sabedoria. Mas se não nos *convertemos* verdadeiramente e nos fazemos como *crianças* na simplicidade e inocência, para sermos dóceis à voz da verdade; se não temos verdadeira fome e sede de justiça, "desejando como infantes este leite racional, para crescer na salvação de Jesus Cristo" (I Pd 2, 2), e crescer "até a medida do homem perfeito", se, enfim, não tomamos a cruz de Jesus, nem aprendemos d'Ele a mansidão e a humildade, não conseguiremos entrar nunca pela *estreita porta* desse místico reino de Deus, que está *dentro de nós*, nem poderemos encontrar descanso para nossas almas. *Quem não abraça sua cruz, e segue verdadeiramente o Salvador, não é digno d'Ele* (Mt 10, 38).

Se, pois, não tivemos ainda a sorte de encontrar esse "tesouro escondido", não joguemos a culpa em ninguém, senão na nossa frouxidão em buscá-lo. Não busquemos disfarçar nossa decadência espiritual, nossas negligências e tibiezas com o enganoso pretexto de não sentir vocação; coloquemos a mão em nosso peito, sondemos suas chagas..., e encontraremos as verdadeiras causas de não ouvir a voz divina. Essas são o endurecimento de nossos corações, o apego ao nosso próprio juízo, à nossa rebelde vontade e aos nossos gostos e conveniências; e nossa inveterada aversão à cruz e às humilhações de Jesus Cristo, nossas contínuas resistências às suaves solicitações de seu amoroso Espírito, e a fuga dessa mística *solidão* aonde Ele quer nos levar para

---

que *não podemos ter fogo sem sangue, nem sangue sem fogo*. – A cada dia podemos receber esse batismo que nos foi dado por graça e não por dívida. E quando a alma compreende a excelência desse bem que possui, e se vê arder no fogo do Espírito Santo, assim se embriaga no amor de seu Criador, que totalmente se perde a si mesma, e, vivendo, vive morta, e não sente em si amor nem gosto de criatura alguma, mas só da divina Bondade, com a qual seu amor se faz perfeito em Deus".

nos falar ao coração[1270]. Confessemos francamente essas tristes verdades; e reformemos nossa vida, para seguir verdadeiramente a Jesus sendo dóceis ao seu Espírito, e encontrar o descanso e as inefáveis doçuras de seu reino, tão mal conhecido e, pelo mesmo motivo, tão pouco apreciado e buscado pelos que andam perdidos atrás de vaidades e sombras passageiras[1271]. E, portanto, não agravemos nosso mal e o de outros muitos com tão nocivos paliativos; não convertamos nossas desculpas em falsas doutrinas e perniciosos conselhos, fechando, com lamentável leviandade e imprudência, a porta desses dons às almas fervorosas que vão atrás dos suaves aromas de Jesus Cristo, que tão docemente cativam a todos que têm o coração limpo e os sentidos sãos. Nosso dever, ao sermos seus ministros, é não somente convidá-las e incentivá-las, mas *compeli-las* a entrar na grande ceia das bodas do Cordeiro: *Compellite intrare!...* De outro modo, seríamos seus traidores,

1270 A muitíssimos poderia hoje repetir Santo Estevão (At 7, 51): "Ó, homens de dura cerviz, e de corações e ouvidos incircuncisos! Sempre estais resistindo ao Espírito Santo!"... Por algo a Igreja pede nas Ladainhas: *A caecitate cordis, libera nos Domine.*

1271 "Disce exteriora contemnere, et ad interiora te dare: et videbis regnum Dei in te venire... Veniet ad te Christus, ostendens tibi consolationem suam, si dignam illi ad intus paraveris mansionem. – Frequens illi visitatio cum homine interno, dulcis sermocinatio, grata consolatio, multa pax, familiaritas stupenda nimis. – Eia, anima fidelis, praepara huic Sponso cor tuum, quatenus ad te venire, et in te habitare dignetur... Si renuis consolari exterius, poteris speculari caelestia, et frequenter iubilare interius" (Kempis, l. 2, c. 1).

"Se alguém quiser me sentir dentro de sua alma, dizia o Senhor à Santa Ângela de Foligno (c. 33), não me retiraria dele; se alguém quiser me ver, Eu lhe daria com transporte a *visão de minha Face*; e se quiser me falar, conversaríamos juntos com imensos gozos... Os que me amam e seguem o caminho que Eu segui, o caminho das minhas dores, esses são meus filhos legítimos. Os que têm o olho interior fixo em minha paixão e morte, vida e salvação do mundo; em minha morte e não em outra coisa, esses são meus filhos legítimos, e os outros não o são".

"Quis Deus me mostrar, diz a V. Marina de Escobar (*Obras* t. 2, l. 2, c. 30), as almas contemplativas que põem todos os seus cuidados em agradá-Lo, e a quem Ele mantém com um alimento celestial. Sentem uma só fome, que é a de conhecer a Majestade divina; e para os bens e satisfações terrenas só têm desgosto. Aquele Deus misericordiosíssimo, que *se deixa encontrar por* todos *que O buscam* com tanta perseverança, concede-lhes nesta vida algumas migalhas dos consolos e delícias dos bem-aventurados". – "Se as criaturas desocupassem seu coração dos afetos e do amor terreno, dizia a Santíssima Virgem à V. Madre Maria de Agreda (*Míst. Ciud.* 1ª p., l. 2, c. 13), participariam sem limites da torrente da Divindade infinita por meio dos inestimáveis dons do Espírito Santo".

ou pelo menos, servos desleais, privando-Lhe das delícias que tem em morar com os filhos dos homens; enquanto Ele mesmo está incessantemente chamando às suas portas para entrar e celebrar esse místico banquete: *Sto ad ostium, et pulso; si quis audierit vocem meam, et aperuerit mihi, intrabo ad illum, et coenabo cum illo, et ipse mecum* (Ap 3, 20)[1272].

"Quem tiver ouvidos ouça, pois, o que o Espírito diz... E o Espírito e a Esposa dizem: *Vem!* E quem ouve, diga: *Vem!* E quem tem sede, *venha*; *e quem quer, receba da graça a água da vida*". Vinde, Senhor Jesus, e dai-nos de beber dessa água![1273] *Veni, Domine Jesu!...* (Ap 3, 22; 22, 17-20).

Por não atenderem a essa doce voz, por não entrarem em si mesmos e pararem para escutá-la, dizendo com o Salmista: *Ouvirei o que diz em mim o Senhor, meu Deus, porque falará palavras de paz* (Sl 84, 9)[1274]; por não terem o pensamento fixo em seus santos mandatos, e os olhos em seus caminhos; e por nem sequer se excitarem em desejos de beber a mística água viva; por

---

1272 "Meu amor infinito, dizia o Senhor à Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 2, 3), está sempre buscando almas para livrá-las da condenação... Eu as ilumino, chamo ao seu livre-arbítrio com contínuas solicitações, mais vivas e mais variadas que as irradiações do sol ao meio-dia; e quando a alma se abre à *claridade* de meu amor, prontamente fica *inundada de seu fogo*". – "A *humanidade* pode então considerar cheia de assombro, acrescenta a Santa, a triste situação que a soberba lhe reduz. No meio das trevas de sua escura prisão, ignorava suas misérias; e nessa ignorância não suspeitava o número nem a gravidade de suas chagas. Mas agora que o Senhor se digna iluminá-la – ai! –, como descobre os perigos a que tinha lhe exposto a sensualidade!"
Se são tão poucos os que chegam a merecer esses favores, também é audaz verdade o que diz o Apóstolo (Fil 3, 18-20): "Muitos são os que andam – como vos disse tantas vezes e agora vos repito chorando – com aversão à cruz de Cristo, cujo fim será a perdição; pois têm por Deus o seu ventre, e por glória sua própria ignomínia, não saboreando mais que as coisas da terra. – Mas nossa conversação está nos céus, e por isso esperamos nosso Salvador...".
O Beato Hoyos entendeu em certa ocasião que o infinito amor de Deus para com os homens O inclina a comunicar seus especiais favores a muitos, embora desgraçadamente sejam muito poucos os que se preparam para recebê-los (*Vida* p. 84).

1273 "Purifica, laetifica, clarifica, et vivifica spiritum meum cum suis potentiis, ad inhaerendum tibi iubilosis excessibus. – O quando veniet haec beata et desiderabilis hora, ut tua me saties praesentia, et sis mihi omnia in omnibus?" (Kempis, l. 3, c. 34).

1274 "Ditosa a alma, exclama o mesmo Kempis (l. 3, c. 1), que escuta a Deus que está falando dentro dela, e de sua divina boca recebe palavras de consolo".

isso, e não por outras vãs razões, como observa Blósio[1275], são tão poucos os contemplativos, e tantos os que nem sequer conhecem esse fundo íntimo da alma onde o Senhor tem seu reino e onde nos convida a conversar com Ele e nos saciar na fonte de vida eterna[1276]. Temem essa sabedoria, porque lhes parece dura e difícil; acovardados, imaginam que não é para eles; e assim vêm a perder a felicidade e descanso reservados para os que perseveram[1277].

Se os autores muito prudentes e respeitáveis, a fim de precaver os excessos do falso misticismo e das almas ilusas ou presunçosas – que querem voar sem asas e subir à mais alta contemplação sem passar pelos custosos esforços da meditação e demais exercícios e trabalhos da vida ascética – creram oportuno insistir na importância desta e prescindir muitas vezes das altas questões de Mística, que só convinham aos muito *aproveitados*, essa razão, como tantas outras, passou muito além do justo. Veio a estabelecer uma completa separação entre Ascética e Mística, com grave prejuízo de ambas, que necessitam se completar mutuamente. E chegou, por último, a fazer que caíssem em descrédito os livros que mais contribuíram e podiam contribuir para a santificação das almas. Daí os danos que com tanta razão

---

1275 *Inst.* c. 12, § 4.

1276 "Se o homem espiritual, acrescenta Blósio (*l. c.* § 1), exercita-se continuamente em tender a Deus com fervorosas aspirações; se com internos colóquios e amorosos desejos busca incessantemente se unir a Ele; e persevera constante na mortificação e negação a si mesmo, de modo que, nem pelos muitos trabalhos, nem pelas inumeráveis distrações abandone seu santo propósito, não há dúvida que chegará à mística união, senão em vida, ao menos perto da morte... Persevere, pois, o asceta pedindo, buscando, chamando e *esperando com longanimidade*". Conforme a isso nos diz São Paulo: *Sic currite, ut comprehendatis. – Omnis autem qui in agone contendit, ab omnibus se abstinet.* (I Cor 9, 24-25).

1277 "Fili, a iuventute tua excipe doctrinam, et usque ad canos *invenies sapientiam... Exiguum* laborabis, et *cito edes* de generationibus illius. Quam aspera est nimium sapientia *indoctis* hominibus!, et non permanebit in illa *excors*... In omni animo tuo accede ad illam, et in omni virtute tua conserva vias eius. –Investiga illam et *manifestabitur tibi*, et continens factus ne derelinquas eam: in *novissimis* enim *invenies requiem* in ea, et convertetur tibi in *oblectationem*... – Cogitatum tuum habe in praeceptis Dei, et in mandatis illius maxime assiduus esto: et *ipse dabit tibi cor*, et *concupiscentia* sapientiae dabitur tibi" (Eclo 6, 18-37).

lamenta o Pe. De Caussade[1278], e que são o natural resultado dos preconceitos que já existiam no tempo de Santa Teresa, com muita pena da Santa[1279].

Abandonou-se o estudo da *Mística*, como se fosse perigoso; tiraram-se os livros que dela tratam das mãos das pessoas espirituais, muito necessitadas deles; e mesmo houve quem dificilmente os deixava serem lidos mesmo por aqueles que estavam chamados a serem diretores espirituais, convertendo-os sistematicamente em... "cegos condutores de cegos..." (Mt 15, 14). O resultado foi um esquecimento muito geral da "ciência dos santos" (Sab 10, 10; Prov 30, 3), quando não um positivo desprezo pela própria "ciência dos caminhos do Senhor", a quem implicitamente se dizia: *Recede a nobis: scientiam viarum tuarum nolumus* (Jó 21, 14). E aos que isso fizeram – como reprovados (Os 4, 6) – não podiam menos que se converterem em destruidores, em vez de edificadores. Por não encontrarem na boca de tantos sacerdotes de Deus a ciência que tinham direito a buscar (Mal 2, 7), extraviaram-se, estacionaram ou retrocederam muitíssimas almas que de outro modo talvez teriam chegado em grandes alturas[1280]. A culpa esteve também nelas, que não souberam perseverar, e não acudiram ao Pai de todas as luzes para pedir-Lhe com fervor o Espírito de conselho, de fortaleza e de sabedoria, que as conduziria suavemente, livrando-as de serem enganadas (Tg 1, 5. 17)[1281]. Porém a maioria, se tivesse tido a sorte de encontrar um bom diretor, teria evitado esse engano, encontrando a luz e o alento que necessitava[1282].

1278 "Desde que por miseráveis precauções, dizia esse devoto jesuíta (*Dial.* prelim.), foi se abandonando a leitura dos místicos, não se vêem já nos claustros tantas almas interiores, desprendidas de tudo, mortas ao mundo e a si mesmas; ao passo que aonde se conserva o amor a essas leituras vemos reinar na mesma proporção o recolhimento, a abnegação, a humildade e a simplicidade evangélica".

1279 Cf. *Camino de perfección* c. 21.

1280 "Quantas almas seriam boas, exclama o V. Pe. Pozo (*Vida de la V. Micaela Aguirre* l. 2, c. 11), se tivessem quem lhes repartisse o pão da doutrina! Quantas cresceriam na perfeição, se houvesse quem por Deus e sem interesse se aplicasse a dirigi-las!... A maioria foge do trabalho; e dos poucos que se aplicam, muitos deles não levam pura a intenção... "Ah, Senhor, que ministros tens!", disse a Venerável, em ocasião que um pretendia ser seu confessor, contanto que ela lhe preparasse um cozido.

1281 Cf. São Vicente Ferrer, *Tr. vitae spiritualis* c. 4.

1282 Godínez (*Teol. mist.* 7, 1).

Onde há uma boa direção e o estímulo dos santos exemplos e dos bons livros de Mística, abundam as almas contemplativas; e onde não, escasseiam em extremo; e só algumas mais esforçadas, que navegam contra vento e maré, alcançam por fim se elevar às grandes alturas. Daí que noventa e nove por cento, segundo diz o Pe. Godínez, vai ficando nas sucessivas fases da provação. Bem sabido é o quanto prejudicaram Santa Teresa os muitos maus diretores; ao contrário, suas discípulas – assim como as de Santa Joana de Chantal – entravam muito rápido quase todas na contemplação[1283]. Por que não haviam de entrar igualmente outras muitas, cheias de santos desejos, senão porque lhes falta a luz, a direção, o exemplo ou o estímulo e apoio que por lei ordinária se requerem?

Não em vão deseja e com tanto empenho nos encarrega o Apóstolo que *não ignoremos as coisas espirituais*, que as apreciemos bem, e mesmo que *as desejemos e busquemos*, aspirando, para nosso aproveitamento e edificação da Igreja, aos melhores carismas[1284].

O resultado dessa total separação da Mística e da Ascética é o crer que só esta pode nos importar e que não temos por que aspirar às virtudes

---

1283 "A atração *quase geral* das Filhas da Visitação, dizia Santa Joana de Chantal (*Vie*, por Bougaud, c. 18), é para uma *simplíssima presença de Deus*... Notei que *todas* as que se dedicam à oração como convém, *sentem logo essa atração*".

1284 *De spiritualibus nolo vos ignorare*... Aemulamini *autem charismata meliora*...*Aemulamini spiritualia: magis autem ut prophetetis... Qui loquitur lingua semetipsum aedificat: qui autem prophetat, Ecclesiam Dei aedificat. – Volo autem omnes vos loqui linguis: magis autem prophetare* (I Cor 12, 1. 31; 14, 1. 4-5). – "*De spiritualibus* – expõe Santo Tomás (*In I Cor.* 12, lec. 1) – id est, de donis gratiarum quae sunt a Spiritus S., o fratres, *nolo vos ignorare*. Est enim *maximum genus ingratitudinis* ignorare beneficia accepta: ut Seneca dicit in libro *De Beneficiis*. Et ideo ut homo non sit Deo ingratus, non debet spirituales gratias ignorare. *Spiritum accepimus qui ex Deo est, ut sciamus quae a Deo donata sunt nobis* (I Cor 2, 12). – *Propterea captivus ductus est populus meus, quia non habuit scientiam, sc. spiritualium* (Is 5, 13).

Sobre os incríveis danos que causa essa *ignorância dos caminhos de Deus*, pode se ver no Pe. Meynard, *La vida espirit.* (1, n. 167), aonde declara o desconcerto que por aí vêm a sentir as almas diante da novidade dos primeiros atos de contemplação; e como, crendo perder o tempo *ociosas*, esforçam-se em vão para meditar, fatigando-se em resistir ao Espírito Santo. Então, os diretores, em vez de iluminá-las e animá-las, acabam por obscurecê-las e enchê-las de desalento, até o ponto de que muitas delas venham a ter desgosto da oração e, por fim, abandonem-na...

heróicas dos grandes contemplativos, não nos sentindo com vocação para subir a tais alturas. Mas, que santo há que, ao menos no fim de sua vida, não fosse ao seu modo *contemplativo*?... E que cristão não está obrigado a imitar a perfeição, não já dos maiores santos, mas do próprio Pai celestial?[1285]

Vimos que a *contemplação é desejável e acessível*. Todos somos convidados a ela, e a ela devemos aspirar todos. E, pelo motivo mesmo que tanto nos é recomendada e oferecida como coroamento da oração ordinária e da vida ascética, não pode haver uma completa separação entre a *Ascética* e a *Mística*.

Mas hoje vemos muitos que as separam obstinadamente na teoria, para logo confundi-las tão excessiva e lastimosamente na prática, que chamam "Mística" os próprios rudimentos da *Ascética*, assim como costumam chamar "místicos" todos aqueles que buscam não andar dissipados, frouxos e tíbios. E se desentendendo daquela, como de coisa "superior e *extraordinária*" a que não se crêem chamados, vêm a ficar totalmente *sem uma e sem a outra* – sem mística e sem ascética –, querendo passar por mui bons cristãos, por sacerdotes edificantes ou por religiosos modelo, sendo totalmente *mundanos*. E não podia acontecer de outro modo ao separar o que é essencialmente uno, e dividir a unidade de Cristo, *caminho*, *verdade* e *vida*. Quem verdadeiramente não busca *viver unido* com Jesus Cristo, não O *imita* como deve, não chega a conhecê-Lo e despreza sua *verdade*; e quem não aspira à verdadeira santificação, que se resume na *mística união* com Cristo – isto é, em viver

1285 "O Salvador impõe a todos que ouvem sua palavra a obrigação de buscarem ser perfeitos como seu Pai Celestial (Mt 5, 48). Note-se bem que não impôs essa obrigação somente aos Apóstolos e a algumas pessoas escolhidas, nem deu simplesmente um conselho; não, é uma ordem que se aplica a todos aqueles a quem Ele se dirige, a quem ouve sua palavra. O verdadeiramente sério da virtude sobrenatural é a santidade. – Não há homem mais cabal que o homem perfeito, nem se dá outro cristão mais cabal que o santo. Na escassez de homens perfeitos, está a razão de que seja tão pequeno o número dos verdadeiros cristãos" (Pe. Weiss, *Apologia* 9, conf. 4).

"Toda a alma que quer generosamente chegar até onde sua fé a leva, diz Sauvé (*Etats* p. 115), é uma *santa*. O Espírito Santo pôs nela, no batismo, tudo o que é preciso para chegar a ser uma; e sempre lhe está presente para fazê-la viver, se ela quer, com uma perfeição *mais que ordinária*. Basta para isso se abandonar às suas direções e impulsos. – *Todos* poderíamos *sentir* esses toques *especiais*, essas direções, esses impulsos do Espírito de sabedoria, de entendimento, de temor..., se quiséssemos, todos os dias, a cada hora, sem cessar".

totalmente animado e movido por seu Santo Espírito –, nunca chegará a ser rigorosamente *um bom cristão*[1286]. Assim vemos que essa "ascética" de nova invenção, com que se contentam os preguiçosos e em geral *todos* os desprezadores da *mística* e dos "místicos", não é outra coisa, segundo diz muito bem o Pe. Weiss[1287], mais que um tipo de "*filosofia da vida cômoda*".

Os grandes mestres antigos mal distinguiam a *ascética* e a mística; pelo motivo mesmo que aquela eles não a viam senão como o fundamento dessa; e assim empregavam os dois nomes quase indistintamente. Por isso aconselhavam o *asceta* – principiante – a se exercitar em santas "introversões" com que se prepara a entrar no segredo da contemplação; e mandam o contemplativo proceder como *perfeito asceta*.

"*Todos*, diz Blósio[1288], *deveriam aspirar* a perfeição e a *mística união*". E por isso, acrescenta[1289], "são de lamentar muito aqueles que, derramados nas coisas sensíveis, passam toda sua vida contentes com os exercícios exteriores, esquecidos do fundo de sua alma e daquela venturosa união com Deus..., dizendo com o coração, se não com as palavras: 'Una-se a Ele quem quiser; que nós não nos cuidamos disso; pois não nos sentimos inclinados'... Bons são e gratos a Deus os exercícios exteriores... Mas sem comparação valem mais os interiores, os fervorosos desejos com que a alma se dirige a Ele, não pelos sentidos e imagens, senão de um modo *sobrenatural*, para se unir a Ele

---

1286 "Assim como, enquanto homens, observa o Pe. Grou (*Le don de soi même* 10), devemos seguir em tudo a razão, sem nos permitir jamais coisa alguma que ela reprove, assim, enquanto cristãos, devemos em tudo seguir o Espírito de Deus, sem nos separar d'Ele jamais. Qualquer disposição interior, ou ação exterior, que o divino Espírito não reconheça por sua, é censurável a um cristão, ou pelo menos não merece nenhum louvor e lhe é totalmente inútil para sua salvação. Segundo essa regra, que é indiscutível, quantas obras resultariam perdidas para o céu! Quantas horas vazias na vida da maior parte dos cristãos! – E de onde lhes vem essa imensa perda, senão de não terem se entregado a Deus para serem em tudo governados por seu Espírito?"

1287 *Apol.* 9, conf. 6, 3.

1288 *Inst. spir.* c. 1.

1289 C. 5, 2-4.

intimamente... Aqueles que se descuidam dessa união, *muito terão que penar no purgatório*... Deus deseja agir neles, e espera ver se os encontra preparados e livres de obstáculos. Mas, entretanto, deixa-os em seus exercícios e pareceres; pois não quer forçar ninguém. Ele gostaria de trazer todos ao seu conhecimento e uni-los consigo, se eles não O estorvassem. Leva muito a mal que nos contentemos com tão pouco, sendo tanto o quer nos dar; pois *deseja se dar Ele mesmo a nós, e do modo mais excelente*... Quanta é, pois, nossa cegueira e preguiça, tendo sido feitos para desfrutar a Deus, conhecer o abismo de sua bondade e nos unir com Ele mesmo neste desterro de modo que comecemos já a saborear da futura bem-aventurança!".

Não desculpemos, pois, nossa frouxidão e nossa tibieza com os vãos pretextos de não sermos chamados a essas "*vias* extraordinárias"; pois Deus a todos nós chama ao seu doce *repouso*[1290]. E, portanto, não imitemos os fariseus em fechar aos outros, com nossas doutrinas *pseudo-ascéticas*, as portas do reino, depois de resolvermos não entrar. Não há senão uma só Ascética, que é aquela que ensina a *nos abnegar* e abraçar a cruz de Cristo, para nos despojarmos de nossas vilezas e *nos configurarmos e unirmos com Ele*. Aquele que faz isso verdadeiramente, nesta mesma vida receberá o centuplicado prêmio, e mais cedo ou mais tarde entrará na íntima união e comunicação com Deus[1291].

1290 Na realidade, as divinas Escrituras não falam de *vias extraordinárias*, mas só das *vias da paz, da justiça, da prudência, da sabedoria*..., ou do *estreito caminho* da abnegação e aceitação das cotidianas cruzes com que a alma se dispõe para seguir verdadeiramente Jesus Cristo, sendo dócil às *moções e inspirações* divinas que a *todos* se oferecem, e sem as quais ninguém pode se santificar. Todos devemos *nos esforçar para entrar pela única porta estreita que conduz* à verdadeira vida, ou seja, ao *repouso divino* das almas em sua união com o Salvador. Quem não se esforça para entrar, por mais que se acredite seguro nas *vias ordinárias*, figurará entre os muitos que vão pelo *caminho largo*, que leva à perdição.

1291 "Se a alma, diz o Beato Suso (*Disc. Spir.* 2), aplica-se a gravar em si mesma a imagem de Jesus Cristo, é para se aproximar do Verbo divino e por Ele se unir às Pessoas da Santíssima Trindade. – Quem não consiga essa graça em vida, a alcançá-la-á antes da morte ou na própria morte. E mesmo quando não se alcance, deve se desejar com ardor uma união tão alta, e dirigir para esse fim todos os ímpetos do coração; porque Deus nunca deixa de recompensar os ardentes desejos das almas santas". "Começa a andar, corre e não te detenhas, diz Santo Hilário. Embora saiba que

Por sorte hoje, conhecido o erro que desde alguns séculos – com muita satisfação dos tíbios, indolentes e preguiçosos – vinha se cometendo, trata-se já verdadeiramente de remediá-lo. Daí esse lindo renascimento que presenciamos dos estudos místicos, julgados já como indispensáveis para a boa direção de *todas* as almas piedosas, e mesmo para o próprio aproveitamento.

"A vida mística, observa muito bem a *Revue Thomiste*[1292], é o *coroamento normal da vida cristã.* Todo cristão deve tender aqui embaixo a viver em perfeita união com Deus; e a *vida unitiva é vida mística.* Ela é oferecida a *todos*, embora poucos a alcancem. Mas deve se crer que muitos cristãos fervorosos cheguem aos graus inferiores... O *estado místico* é, pois, uma graça eminente e *em grande maneira desejável.* Seus começos se manifestam antes do que comumente se pensa. O estado místico não costuma ser habitual senão nas almas que chegaram à perfeição da via unitiva; mas já desde a iluminativa, e mesmo desde a purgativa, a alma fiel à graça age de vez em quando misticamente... Como é possível, com efeito, que os dons do Espírito Santo permaneçam nela ociosos – como simples *hábitos*, sem produzir nenhum *ato* – até o estado unitivo?".

"A contemplação, diz por sua vez o Pe. Schwalm[1293], entra no *desenvolvimento normal* da virtude e da *perfeição cristã...* Não é, certamente, o estado geral das almas em graça; mas é o cume a que tendem com o bom exercício

---

não hei de chegar, alegrar-me-ei de ter andado. Pois quem aspira o infinito, embora não chegue ao termo, aproveitará andando: *Incipe, preecurre, persiste; et si non perventurum sciam, tamen gratulabor prefecturum. Qui enim pie infinita persequitur, etsi non contingat aliquando, tamen proficiet prodeundo*" (Santo Hilário, *De Trinit.* l. 2, 10). São Felipe Neri costumava animar à perseverança, dizendo que "o Senhor não costuma enviar a morte a nenhuma pessoa espiritual sem dar-se a conhecer a ela, ou sem comunicar-lhe um *espírito extraordinário*" (cf. *Vida*, por Bachi, "Ditos", 1950).

"Ajuda-nos muito para alcançar a perfeição, reconhece o próprio Pe. Rodríguez (*Ejerc. de perf.* 1ª p., tr. 1, c. 8), pôr sempre os olhos nas coisas altas..., conforme aquilo que nos aconselha o Apóstolo (I Cor 12, 31): *Aspirai às coisas maiores; investi e empreendei coisas grandes e excelentes.* Esse meio é de muita importância".

1292 Março 07, p. 81-82.

1293 Pref. a *La Vie avec Dieu*, pelo Pe. Faucillon, p. 33-36.

das virtudes... É efeito do amor divino triunfante... Os místicos dominicanos são unânimes em excitar o desejo dessa graça. E isso não é uma simples tradição de Escola; é uma doutrina que partilham com São Boaventura, São Bernardo, Ricardo e Hugo de São Vítor, Cassiano e São Gregório Magno. Os Padres da Igreja lhes haviam indicado o caminho... Tauler, Suso e Santa Catarina de Sena desenvolvem as conseqüências práticas e encaminham os seus leitores a se disporem para receber o dom da contemplação..., olhando de bom grado como um dever atrair a ela as almas fervorosas".

Assim, pois, bem podemos terminar, afirmando categoricamente com o Pe. Weiss[1294]: "A Mística é verdadeiramente a flor e o termo da vida cristã". É "o Cristianismo em seu inteiro desenvolvimento. Por isso concerne a todos os que querem aceitar o Cristianismo inteiro". "A Mística é para todos... Subtrair-se aos deveres dela, é descuidar da própria *salvação*... Não se dá, pois, condição, estado ou ocupação que autorize a ninguém dizer que a Mística não lhe concerne"[1295].

1294 *Apología del Cristianismo* t. 9. Cf. 5, t, 8-9.

1295 Logo, segundo Santa Teresa, todos, se nos dispuséssemos como convém, poderíamos chegar até esse altíssimo grau de oração a que se refere, que é nada menos que a *do matrimônio espiritual*. Com muito gosto vemos, ao imprimir estas páginas, que o Pe. Gárate, ultimamente em *Razón y Fe* (julho 1908, p. 235), depois de confrontar muitas passagens da Santa e de explicar e dissipar as aparentes contradições, tira delas esta importante conclusão: "Todos que se dão ao exercício santo do trato com o Senhor têm graças côngruas para chegar à *perfeição do estado místico*". Se acontecesse que alguém, fazendo o que é de sua parte, não o consegue, isso seria "por Providência extraordinária", que a Santa chama secretíssimos juízos de Deus; seria "como uma derrogação das leis místicas" (*ib.* p. 323-4). E dessa hipotética derrogação (ainda que sem admiti-la) se vale ela para alentar as religiosas que ainda não o conseguiram. "Portanto, acrescenta (p. 327), parece ser doutrina de Santa Teresa que o *modo ordinário de conduzir o Senhor à santidade* é mediante as graças do *estado místico*, ou, em outros termos, que *a contemplação é moralmente necessária* para adquirir a santidade". Cf. Poulain, *Revue du monde invisible* n. 3, 15 ag. 1898, p. 144. O Pe. Villada (*Razón y Fe*, fev. 1919) reconheceu também essa necessidade moral.

Cf. Santa Ângela de Foligno, c. 57; Kempis, l. 2, c. 1; l. 3, c. 31; V. Marina de Escobar, *Obras* t. 1, l. 5, c. 23, § 4-6; Pe. Surin, *Catech.* p. 1ª, c. 3; Pe. De Caussade, *Aband.* l. 2, c. 11; Blósio, *Instituto spiritualis* c. 12, § 4; Santa Teresa, *Moradas* 2, c. 1; 3, c. 1; 4, c. 2; 5, c. 1; 7, c. 2 e *Camino* c. 10; São João da Cruz, *Cánt. esp.* 39; Molina, *De la orac.* tr. 2, c. 6; Santo Tomás, 2-2, q. 180, a. 7.

§ III. – A QUESTÃO MÍSTICA. – UNIDADE E CONTINUIDADE NA VIDA ESPIRITUAL. – CARACTERÍSTICAS DO ESTADO E DO ATO MÍSTICO. – APRECIAÇÕES; TRANSIÇÃO E CONTRASTES. – OS DONS E OS FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO; ADVERTÊNCIAS. – O INSTINTO SOBRENATURAL E O AMOR CEGO; O SENTIDO DO DIVINO E SUA TRANSCENDÊNCIA NA PSICOLOGIA DA IGREJA.

Tão compenetradas estão a *Ascética* e a Mística e tão difícil é distingui-las com precisão e caracterizá-las, que o marcar o verdadeiro caráter diferencial veio a ser objeto de vivíssimas discussões; as quais é de se esperar que sejam fecundas em conseqüências práticas. Há hoje (1908), podemos dizer, uma "questão mística", assim como há uma questão bíblica e uma questão apologética. E o que nela se discute é o verdadeiro conceito que devemos formar do *estado místico* e a definição que mais propriamente lhe convém; para que, uma vez conhecidos bem seus elementos constitutivos, seja possível melhor reconhecer se é freqüente, acessível e desejável, e como devemos nos dispor para alcançá-lo, que é o que praticamente oferece mais interesse.[1296]

Os *estados plenos*, místico e ascético, distinguem-se bastante segundo as definições provisórias que no princípio, para irmos entendemos, demos da *Mística* e da *Ascética*. Essa dissemos que era a ciência teórico-prática das vias ordinárias da perfeição cristã, em que ainda se vive inconscientemente e de *modo humano* a vida sobrenatural; enquanto que a *Mística* é a ciência experimental das vias "extraordinárias" – ou *sobrenaturais* – em que essa vida se vive já mais ou menos conscientemente, ou seja, *supra modum humanum*. Mas ainda que, segundo essas definições, a diferença aparente ser muito grande e não permita que se confundam os *estados plenos* e característicos, no entanto, quando se estuda um pouco mais a fundo a realidade dessas coisas, percebe-se logo que não há nela descontinuidade, nem diversidade, mas perfeita unidade, mediando toda uma longa série de transições gra-

1296 Veja-se nosso livro *Cuestiones* místicas, onde tratamos por extenso dessa matéria, buscando esclarecê-la no possível, examinando antes estes capitais problemas em todos os seus aspectos.

duais e insensíveis entre esses dois estados que, à primeira vista, pareciam totalmente desconexos. Se na vida humana há perfeita continuidade desde o estado inconsciente da primeira infância até a plena consciência da idade adulta, não menor costuma haver nos correspondentes estados sucessivos da vida sobrenatural; de tal modo, que não é possível marcar com precisão o momento em que começa um ou em que termina o outro, porque na realidade a vida da graça é *uma mesma*, desde sua comunicação nas águas batismais até sua plena expansão nas praias eternas.

Ninguém, com efeito, atrever-se-á em sã consciência a dizer quando cessa o *estado ascético*, nem quando rigorosamente começa o *místico*, porque na realidade aquele nunca deve nem pode cessar completamente, nem o segundo se inicia ao terminar ele, mas com ele mesmo. O que há é somente preponderância de um e remissão no outro. Na *purgação* prepondera grandemente a *atividade* da *iniciativa ascética*, e na *união*, a *passividade* do confiante *abandono*, ou a suavidade do doce *repouso* místico; mas na *iluminação* ou *aproveitamento* há compenetração – ou interpolação às vezes – dos dois estados. E, por isso, quando falta ou cessa o sopro do divino Espírito, deve a alma – contra o que ensinavam os *quietistas* – apelar, enquanto esteja em sua mão, para todos os recursos ordinários, ocupando-se na meditação, na lição, no exame, nos santos afetos e em todos os diversos exercícios da *vida ativa*, até voltar a sentir a moção divina e encontrar o repouso da contemplação[1297].

O Padre Saudreau, que muito justamente considera a *Ascética* como preparação ao *estado místico* (e, portanto, defende com ardor que este é *acessível* e muito *desejável*), busca caracterizá-lo em todas as suas fases por estes dois elementos: um conhecimento *superior*, mas *confuso*, e um amor intenso, mas semi-inconsciente, ou *alogo*, como diriam os antigos. Essas duas coisas são as únicas que tem como essenciais em todo o processo da vida mística; as demais julga todas como acessórias. "Há, diz[1298], em *qualquer* estado místico

---

1297 Cf. Santa Teresa, *Vida*, c. 13 etc.; B. Bartolomeu dos Mártires, *Comp. Myst.* c. 18, § 5; Molina, *De la oración* tr. 2, c. 6, § 1.

1298 *L'Etat myst.* p. 111.

estes dois elementos: conhecimento superior de Deus, que, apesar de ser geral e confuso, dá uma altíssima idéia de suas incomparáveis grandezas, e amor não racional – *irraisonné* –, mas intenso, comunicado pelo próprio Deus e ao qual nunca poderia chegar a alma com todos os seus esforços".

Mas essas duas características só poderão ser constitutivas no que têm de perfeição, não nessa *forma imperfeita* do *confuso* ou *alogo*. Nessas condições só caracterizam os começos da vida mística e as fases de aridez e obscuridade. Mas quando depois se mostram em muito alto grau os dons de sabedoria e entendimento, e a alma, com *clara* visão intelectual, percebe os atributos divinos, e, amando com todas as suas forças, lamenta-se de não poder amar a Deus tanto como vê que Ele merece, seu amor já não é *alogo*, nem seu conhecimento *confuso*, e, no entanto, o próprio fundo desse *estado místico* é incomparavelmente superior. Não pode, pois, considerar-se como *acessório* o que se manifesta e consolida cada vez mais com o desenvolvimento progressivo, ainda que às vezes – nas fases de provação ou desolação – aparente se ocultar. Só podem merecer essa qualificação os fenômenos particulares de cada uma das fases, que logo vão desaparecendo em outras novas. Mas o que numas se mostra em *ato*, iniciando-se *virtualiter* nas anteriores para persistir depois *eminenter*, isso pertence ao próprio *fundo*.

Com mais acerto Boulesteix[1299], reconhecendo que a Mística pode se definir como a ciência experimental de Deus, quer que essa ciência consista "num conhecimento e num amor *misteriosos*, que nos fazem perceber a Deus de uma maneira verdadeiramente *inefável*", com efeito que é dos dons do Espírito Santo[1300]. Assim, quanto mais inefáveis sejam esse conhecimento e esse amor, tanto mais *positivos* e elevados são; pois supõem uma mais alta comunicação desses dons; a qual, quanto melhor se faz sentir, tanto pior se pode expressar, por não caber em palavras humanas.

1299 L. c.

1300 Em alguns artigos que acaba de publicar em *Razón y Fe* o Pe. Gárate, sustenta também que a *essência* do *estado místico* consiste no "*conhecimento inefável de Deus*, produzido por certa luz sobrenatural que se comunica de uma maneira estável".

O Pe. Poulain – que segue admitindo a distinção essencial entre a Mística e a Ascética, e crê que esta pode chegar até a "oração de simplicidade" – caracteriza o *estado místico*, ou seja, "o fundo comum de todos os graus da união mística", por certa *sensação espiritual*, como de *tato interior* da presença de Deus[1301]. Mas nesse só figura o elemento cognitivo, mas não o afetivo, que é tanto ou mais importante. Ademais, como replica Saudreau, essa presença não se percebe na *noite do sentido*, que segundo o próprio Poulain – de acordo nisso com São João da Cruz e o Pe. Surin – pertence já ao estado místico. E, enfim, se a oração de simplicidade leva – segundo ele mesmo confessa[1302] – "como por uma suave inclinação ao estado místico", é porque não há tal descontinuidade entre os dois estados, e essa oração é em parte adquirida e em parte infusa, pois não ofereceria a suavidade que tem nessa doce e amorosa presença de Deus, sem certa influência superior do Espírito de piedade e de sabedoria.

Assim, pois, já na oração de "simplicidade" – ou seja, de *simples atenção* ou *vista amorosa* – deve haver certo *contato*, *sabor* e *perfume* divinos, embora inconscientes, e que logo, quando na *noite do sentido* mudem de aspecto e de intensidade, começam a se notar como *privações*; pela *aridez*, *desgosto*, *aversão*, *moléstia* etc., que resultam de uma ação divina mais acentuada, que se faz dolorosa à alma ainda não bem purificada e disposta para recebê-la com prazer.

Na realidade, o que constitui o *estado místico* é o predomínio dos dons – e suas conseqüências, os frutos do Espírito Santo – sobre a simples fé viva ordinária, com as obras da caridade e esperança correspondentes, enquanto que o dessas sobre aqueles constitui, e de algum modo caracteriza, o *estado ascético*.

Mas às vezes o asceta, movido pelo divino Espírito, pode *agir*, embora ele não advirta, totalmente *misticamente*; assim como, pelo contrário, os místicos, por muito elevados que se encontrem, quando por algum tempo

---

1301 *Des grâces* p. 78.
1302 P. 12.

se lhes retira o Espírito – ainda que lhes deixe ricos de grandes efeitos e frutos que dão a todos os seus atos mais intensidade e valor –, devem até certo ponto proceder, e procedem, à *maneira dos ascetas*.

Mas os dons, em maior ou menor grau, são infundidos – segundo dissemos – com a própria graça santificante e crescem em proporção com a caridade, e, como observa o Pe. Weiss[1303], não só são necessários para chegar à santidade verdadeira e poder executar certas ações difíceis, mas também para praticar com a devida perfeição as virtudes cristãs, e mesmo para conseguir a salvação[1304]. E, mediante eles, todos os fiéis que vivem em graça podem agir às vezes heróica e misticamente[1305]. Assim, ainda que em estado muito remisso, na própria aurora da *vida espiritual* se inicia a *mística*, e esta na realidade compreende todo o desenvolvimento da vida cristã, e todo o caminho da perfeição evangélica, por mais que suas manifestações principalíssimas se reservem para a *via unitiva*, em que a alma tem já como o *hábito de heroísmo* e do *divino*, e em que, exercitando-se com perfeição nas mais difíceis práticas da virtude, age já claramente *supra modum humanum*, enquanto que na *via purgativa* e mesmo em parte da *iluminativa*, lutando com dificuldades, superando obstáculos e tirando impedimentos, tem que se esforçar à luz da fé para agir como *por própria iniciativa* e do *modo humano*, sem *sentir claro* (ou ao menos sem *notar* que *sente*) a oculta *moção* do

---

1303 *Apol.* 9, conf. 3, ap. 2, n. 5.

1304 Cf. Santo Tomás 1-2, q. 68, a. 2; q. 69, a. 1; 2-2, q. 139, a. 1; *In III Sent.* d. 36, q. 1, a. 3.

1305 "Ninguém pode dizer, adverte o citado apologista (*ib.* n. 6), que não necessita dos dons do Espírito Santo, nem que esses dons não são oferecidos com a graça, nem que sem eles seria capaz de praticar os diversos graus da virtude cristã, conforme sua própria situação exija. Não está cada um obrigado a chegar imediatamente ao cume da perfeição, mas todos devem se conformar com os impulsos do divino Espírito, esforçando-se para alcançar um grau mais alto. Todos possuem esses dons, embora em diferente plenitude, se se encontram em estado de graça. Assim todos poderiam resultar melhores, se quisessem deixá-los agir e proceder junto com eles; todos poderiam executar ações heróicas, e se fazerem perfeitos e santos, se não pusessem obstáculos aos dons do Espírito".
"Esses dons, segundo São Francisco de Sales (*Amor de Dios* 11, 15), "não somente são inseparáveis da caridade, mas, bem considerados, são as principais virtudes, propriedades e qualidades da caridade... A *sabedoria* não é outra coisa, quanto ao efeito, que o amor que saboreia, desfruta e experimenta quão suave e doce Deus é...".

Consolador e o *gosto*, saboroso ou amargo, que com o dom de sabedoria lhe infunde[1306]. Pois como esse *gosto, ou fervor*, é, todavia, tão *sensível* – por se mostrar no inferior da alma mais que no superior –, embora às vezes se perceba muito claramente, ainda não se conhece bem se é *divino* ou *natural*.

Mas de vez em quando, no meio de seus esforços, a alma nota certos *impulsos* ou *atrativos* delicados, e certos *gostos* ou *desgostos* em que já distingue, reconhece, ou ao menos suspeita como um misterioso *perfume ou sabor* divinos. E quando tiver progredido nestas vias interiores, nos próprios frutos de vida que essa moção lhe deixa, não poderá menos que já reconhecer um muito especial influxo do Espírito Santo[1307].

Assim a alma que anda ainda pelos caminhos mais *ordinários* produz às vezes verdadeiros *atos místicos*, como um místico, em muitas ocasiões, produz ascéticos, e esses atos crescem nela até que, pouco a pouco, purificada e iluminada, vêm a se converter como em habituais.

E quando isso acontecer, quando *habitualmente* produzir atos heróicos de virtude, e, negada já a si mesma, quase ordinariamente se deixa mover sem resistência pelos impulsos, toques e sopros do Espírito que, como a instrumento musical muito afinado, ao seu gosto lhe maneja, arrancando dela divinas melodias (São Gregório Nazianzeno), então poderemos dizer que se encontra já em pleno *estado místico*, embora às vezes ou por temporadas tenha ainda que descer ao ascético.

O *estado místico habitual* se inicia plenamente com a oração de *união*, embora ainda siga com grandes intermitências até que se chegue à *união*

1306 "O dom de sabedoria em seu primeiro grau, adverte Dionísio, o Cartuxo (*De contempl.* l. 1, a. 41), constitui o *primeiro grau da contemplação*". E como os dons são necessários para a própria contemplação, segue-se que mesmo para ela se necessita pelo menos de algum *ato místico*.

1307 "*Doutrina consoladora!*, exclama o Pe. Gardeil (*Dons* p. 154-6), posto que em todas as almas justas mora o Espírito Santo com seus dons, de nós depende usar deles sob o influxo da graça. *Mas quem vos dará essa graça?*, direis a mim. Já a tendes, se com sinceridade a desejais... Voltai logo os olhos para o Hóspede interior..., e quando o movimento de vossas almas *se transformar em contemplação*, descobrireis horizontes tão dilatados, e alturas, larguras e profundidades que não suspeitáveis, que a fé sozinha não vos revelava, e que chegastes a conhecer mediante os *olhos do coração*, desse coração vosso onde piedosamente deveis esperar que habita o Espírito Santo".

plena e estável; mas se *inicia* já de algum modo na *oração afetiva*, e logo, na *noite do sentido*, por mais que a alma não o consiga reconhecer, *acentua-se* cada vez mais, por uma parte, na crescente dificuldade ou impossibilidade de meditar *ordinariamente*, e por outra, na quase contínua *vista* ou presença, ora amorosa, ora dolorosa de Deus[1308]. E logo se mostrará muito claramente, ainda que por breve tempo e com longos intervalos, no *recolhimento infuso*, e muito mais e melhor na *quietude*. Esses já são estados místicos, mas breves e interrompidos, e por isso muitos autores costumam identificar a *vida mística* com a *união*, considerando as outras fases como simples preparações.

Mas desde Santa Teresa costuma se considerar como pertencentes à *Mística* todas as progressivas fases que acontecem desde que começa a se notar claramente algum modo de *oração* "sobrenatural", ou *infusa*, que é a que nunca alguém teria podido alcançar por meios ordinários, por muito que a buscasse, e onde a alma necessita já se reger por outras leis muito superiores à da ascética habitual. E essa nova maneira de oração a Santa a viu já muito caracterizada no *recolhimento* que chamam, por essa razão, *infuso*[1309], diferente do procurado por nossos esforços, que custa muito trabalho, e contudo é muito inferior e muitíssimo menos frutuoso, enquanto que aquele, como obra própria do Espírito Santo, é produzido sem nenhum esforço, e às vezes quando menos se pensa, e sempre é proveitosíssimo.

Mas como "o Espírito inspira onde quer, sem que saibamos de onde vem nem para onde vai" (Jo 3, 8), daí que em uns inspire essa oração muito rápido e com grande freqüência, e em outros – talvez mais adiantados – muito tarde ou com maiores intervalos; e que a certas pessoas – sobretudo

---

1308 "Nesta noite escura, observa São João da Cruz (*Noche* 1, c. 1), começam a entrar as almas quando Deus as vai tirando do estado de *principiantes*, que é dos que *meditam* no caminho espiritual, e as começa a pôr no dos *aproveitados*, que é já o dos *contemplativos*, para que, passando por aqui, cheguem ao estado dos perfeitos, que é o da *divina união*. Portanto, convirá tocar aqui algumas das propriedades dos principiantes, para que entendam a fraqueza do estado que levam e *se animem e desejem* que lhes ponha Deus nessa noite, aonde se fortalece e confirma a alma nas virtudes e para os inestimáveis deleites do amor de Deus".

1309 Em sua *Carta ao Pe. Rodrigo* declara, conforme vimos, que essa oração "sobrenatural" começa com a *presença habitual de Deus*.

quando não correspondem bem – depois de já a dar a elas habitualmente, retire-a por algum tempo e talvez mesmo para sempre ou por longos anos. Em todas essas ausências, a alma enamorada, que tão por experiência conhece já as finezas do Amado, procura incessantemente buscá-Lo *per vicos et plateas*, isto é, pelas obras ordinárias da vida ativa, por todo tipo de exercícios ascéticos, mas muito especialmente pela oração e freqüentes aspirações e introversões[1310].

Perguntando então por Ele aos "guardas da cidade", que são seus diretores – embora às vezes, quando for já muito perfeita, permitirá Deus que, em vez de consolá-la e orientá-la, atormentem-na, firam-na e a "despojem do manto" da boa fama, desconcertando-a e mesmo desacreditando-a[1311]–, se ela permanece fiel em buscá-Lo, desfalecendo de amor e celebrando sua beleza, não tardará em vê-Lo descer ao florido jardim de seu coração e comunicar-se a Ele mais que nunca (Ct 6, 1-12). E quando ainda não é tão perfeita que possa suportar essas provações, não lhe faltará quem a ensine encontrá-Lo. *Paululum cum pertransissem eos, inveni quem diligit anima mea* (Ct 3, 4).

Essas ausências e tardanças – às vezes definitivas, por falta de fidelidade e diligência em buscá-Lo – fizeram crer que não se comunica assim misticamente senão com certas almas privilegiadas, e não com as demais, por boas que sejam. Mas as que se encontram nesse número, que examinem bem sua consciência e ponderem suas tibiezas e infidelidades, sua surdez às divinas inspirações, sua frouxidão e sua pouca perseverança em buscá-Lo

---

1310 "Quando nos vemos obrigados a nos ocupar exteriormente, diz Tauler (*Inst.* c. 23), com a maior prontidão que nos seja possível devemos voltar ao interior... Essa introversão deve ser feita com todas as supremas e ínfimas forças, com a natureza e sem a natureza, e, finalmente, com toda a alma; o qual tanta excelência tem e tanto proveito traz, quem poderá explicar? Porque se fosse possível renová-la mil vezes ao dia, sempre em qualquer vez nasceria nova luz, nova pureza, nova graça e nova virtude".

1311 *Percusserunt me, et vulneraverunt me: tulerunt pallium meum* (Ct 5, 7). "O Verbo, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 4), foi despojado de suas vestes, e a alma o é igualmente quando é impedida de andar pelos caminhos de Deus segundo a inspiração interior e as luzes que Ele lhe comunica, e é obrigada a seguir outra direção. E se despoja ela mesma, à exemplo do Verbo, quando se mantém na humildade e age contra sua particular opinião". Cf. S. Tomás, *In Cant.* hom.1; Scio. *ib.*

durante as "obscuridades" no leito da oração, e, quando ali de nenhum modo O possam achar, apelando ao mesmo tempo para as obras de caridade e misericórdia (Ct 3, 1-2). Fazendo isso compreenderão que, se não figuram no "pequeno número dos escolhidos", não é porque não pertencem ao dos "muitíssimos chamados", que são *todos os sedentos* (Is 55, 1-9; Jo 7, 37; Ap 22, 17).

Assim, pois, a verdadeira *vida ascética* tende por si mesma, como sua flor e coroamento, à *mística*. De uma à outra há uma *transição gradual*. O fiel asceta, por impulsos inadvertidos ou inesperados do divino Consolador, vai exercitando cada vez mais *atos místicos*, até que, bem purificado "à sombra d'Aquele a quem deseja", quer essa divina Sabedoria – que "não entra em almas malévolas, nem habita em corações cativos do pecado" (Sab 1, 4) – mostrar-se a ela claramente, e "lhe introduz em seus íntimos *oratórios*, ou primeiras moradas secretas, quando já não na mística adega dos vinhos, para ordenar nele a caridade" (Ct 1, 3; 2, 4).

E logo, ao começar já essa oração francamente infusa, irão se intercalando, ou às vezes se compenetrando em certo modo, o *estado místico* e o *ascético*, até que na *união* predomine aquele, e no *desposório* se faça totalmente como habitual e, depois, quase permanente.

Mas o que de um modo *claro* e *positivo* se nota bem no *recolhimento*, isso mesmo se indicava, entre afetos contrários, na *noite* que o precede e prepara; assim como voltará a se notar nas obscuridades, securas, desolações, amarguras, temores, penas e demais *sensações dolorosas*, ao mesmo tempo que *extraordinárias* ou "sobrenaturais", que o seguem. E nelas precisamente é onde a alma costuma fazer atos mais heróicos que, como verdadeiros frutos que são do divino Espírito, testemunham a presença de seus dons. Aí exercita os de fortaleza, piedade, conselho e temor, e recolhe deles frutos de paciência, longanimidade, fé, continência, bondade, mansidão etc., que a levam logo à alegria nas tribulações, à paz nas contrariedades e lutas, e à verdadeira castidade, modéstia e benignidade, e, por último, à *perfeita caridade*, que *lança fora todo temor servil*. Com isso alcança possuir em mais alto grau o dom da ciência, aprendendo nas provações a conhecer melhor a Deus, vendo sua mão paternal mesmo no meio da mais refinada malícia

das criaturas, e adquirindo nova fome e sede de justiça; o de entendimento, com que, através das trevas, descobre e penetra os divinos arcanos, e, enfim, o de sabedoria, que antes a saturava de salutares *amarguras*, para purificá-la e fazê-la saborear logo as inefáveis *doçuras* do Deus de toda consolação.

Assim, pois, o verdadeiramente característico da vida mística – em ato ou em hábito – é o *modo supra-humano*, que se traduzirá e se poderá reconhecer: no *orar*, por qualquer manifestação especial das luzes ou afetos produzidos pelos divinos *dons do Espírito Santo*; no *agir*, por qualquer aquisição notável de seus doze *frutos*, e no *conhecer* e *apetecer*, por qualquer função positiva ou negativa, grata ou ingrata dos *sentidos* e *sentimentos espirituais*, ou seja, das distintas formas conscientes do *sensus Christi*, que nos faz perceber, apreciar, amar e desejar a Deus *inefavelmente*[1312]. E são outras tantas manifestações especiais dos dons de entendimento, ciência e sabedoria etc. Em tudo isso se mostra a alma como dirigida e movida pelo próprio Espírito Santo, procedendo assim de um *modo supra-humano*, sob *iniciativas* e *normas divinas*; enquanto que no *estado ascético* se procede *humanamente*, sob o governo da própria razão (embora mais ou menos cristianizada) e como por *iniciativa própria*[1313].

Às vezes, a alma crê não sentir a Deus, nem O apreciar e amar, nem seguir seus impulsos, por causa da aridez, escuridão, amarguras e dificuldades; mas *sente* em extremo o *vazio penoso* de sua ausência, a ardente sede de seu amor e a dolorosa impressão das próprias feiúras e fraquezas, diante da oculta luz divina que se revela a elas. O essencial é alguma especial *moção* ou *iluminação* do Paráclito, embora sejam tão dissimuladas, que mal se percebam, mas que ainda assim não deixam de se aceitar e *sentir* como por um tipo de *tato interior*, espiritualíssimo; por mais que não as creia sentir, agindo sob elas como que inconscientemente.

1312 A Teologia mística, diz conforme a isso o V. João de São Sansão (*Maximes* c. 21), *é a percepção inefável de Deus*.

1313 Cf. *supra*, 1ª p., c. 3, § 3-5.

Desse modo – sob o toque secreto de Deus – se encontra a alma tantas vezes impulsionada, movida, orientada, sem saber como nem aonde, e inclinada a amar ou temer intensissimamente, sem mal saber o porquê[1314].

Daí que tantos místicos digam com toda convicção que às vezes *amam sem entender*, e todos em geral sustentam que, ao menos, o amor vai mais além do conhecimento, e o excede incomparavelmente[1315], enquanto que os teólogos puramente especulativos, não entendendo desses mistérios, replicam invocando o axioma: *nihil volitum, quin praecognitum* (nada se ama que não seja antes conhecido). Mas aqui quem antes conhece é o Espírito, que *inspira aonde quer, sem que saibamos aonde vai*; que *derrama sua divina caridade em nossos corações*, para nos abrasar em suas doces chamas, sem que mal percebamos, e que *pede por nós*, e *com gemidos inexprimíveis, o que nós não saberíamos pedir*[1316].

1314 "À santa inspiração, dizia o Senhor à Santa Catarina de Gênova (*diál.* 3, 13), nunca deixa de acompanhar o *raio de amor* com que excito os corações a amar. Tão delicado é o místico efeito dessa luz, que o coração que o recebe não pode menos que amar, embora ainda *não sabe precisamente o que ama*. Mas, se dá mostras dessa *boa vontade* que os anjos exaltavam no meu presépio de Belém, sua crescente fidelidade descobrirá pouco a pouco meus segredos... Se os homens seguem a impressão que os afeiçoa à minha luz incriada, tornam-se cegos para o que é da terra e perdem de vista todas as coisas mundanas... Esses raios de amor não somente os faço chegar ao coração do homem, mas os lanço como flechas inflamadas que o traspassam e abrasam e o fazem suspirar ardentemente por Mim... O homem ainda não compreende o que Eu quero; mas a ferida de amor que em si leva lhe põe num piedoso assombro, que se converte num vivo fervor de desejos que lhe fazem subir de grau em grau até *a chama em que estou sentado*, até o *trono de fogo de onde sai essa grande voz: Eis aqui a morada de Deus com os homens* (Dan 7; Ap 21)".

Esse ardor e essa misteriosa atração se sentem de um modo especial diante de Nosso Senhor Sacramentado; pois ali mora conosco "para pôr fogo divino em nossos corações". "Meu coração, já fortemente *atraído* pela Sagrada Escritura, ficou como *atado* ao Sacrário... Minhas orações consistiam em *me deixar abrasar em silêncio*". – Venerável Madre Maria Teresa Dubouché, fundadora da Congregação da Adoração Reparadora, *Vie* por Hulst, c. 4, p. 98.

1315 Cf. São Francisco de Sales, *Amor de Dios* 4, 4. – "Mais comum é, adverte São João da Cruz (*Noche* 2, 13), sentir na vontade o toque da inflamação, que no entendimento o toque da perfeita inteligência". Por isso, como diz na 3ª canção da *Noite Escura*, caminha tanto tempo a alma "sem outra luz nem guia, - senão a que *no coração ardia*".

1316 "O que alguns dizem que não pode amar a vontade sem primeiro compreender o entendimento, observa o mesmo Santo (*Cant. spir.* 26), deve se entender naturalmente...; mas *por via sobrenatural*

A maior parte de suas inspirações ordinárias, nós as realizamos *inconscientemente*, agindo como por instinto, isto é, por um verdadeiro "instinto divino" – como Santo Tomás o chama –, sentindo-nos agitados por um vivo desejo sem saber o porquê, e agindo muitíssimas vezes sem ter nada mais que uma idéia vaga do objeto proposto[1317]. Assim, todo nosso bem agir se reduz então a nos deixar levar por aquele doce sopro, cooperando fielmente e sem a menor resistência ao misterioso impulso que sentimos ao sumo Bem.

---

bem pode Deus infundir amor e aumentá-lo, *sem infundir* nem aumentar *distinta inteligência...*; e está assim experimentado por muitos espirituais, que muitas vezes se vêem arder em amor de Deus sem ter maior inteligência que antes; porque podem entender pouco e amar muito, e podem entender muito e amar pouco. Antes ordinariamente, aqueles espirituais que não têm muito avantajado entendimento acerca de Deus, costumam superar na vontade... Infunde-lhes Deus a caridade e a aumenta, e o ato dela que é amar mais, embora não lhes aumente a notícia, como dissemos, e assim pode a vontade beber amor sem que o entendimento beba de novo inteligência". – Cf. Alvarez de Faz, *De inquis. pacis* (l. 4, p. 3ª, c. 8), onde entre outras coisas muito importantes, diz: "Multi eorum qui se experiri amorem sine cognitione affirmant, sunt viri sapientissimi... Tanta hi assequuntur experimento de natura et qualitate interiorum actuum, quanta nullus philosophus, tametsi in scholis nimis exercitatus, adipiscitur. Et in se vident fieri admiranda, et quasi manibus contrectant, quae inexperti deliramenta putant... Illi ergo spirituales viri tam indagatores, seu inspectores actuum interiorum absque ulla trepidatione asserunt se per experientiam scire, quia Deum interdum diligunt sine ulla cognitione, quae amorem praecedat, aut comitetur, Deo voluntatis apicem immediate tengente, et sibi per amorem ardentissimum copulante... Et quidem S. Thomas tantum de communi et naturali modo diligendi loquitur, et fortassis de hoc supernaturali amore interrogatus illum non inficiaretur".

1317 "A vida sobrenatural do homem aqui embaixo, observa o Pe. Al. Mercier (*Les actes surn.* na "Rev. Thom." de março de 1907, p. 56), é em muito instintiva e subconsciente... Em particular os dons do Espírito Santo são como puros *instintos*, análogos aos da natureza, mas que agem com uma certeza e energia muito superiores à percepção consciente dos motivos da ordem divina a que respondem. Esses motivos são conhecidos e queridos por Deus, que é quem move oportunamente a alma; e os atos por sua moção suscitados são tanto mais sobrenaturais quanto mais exclusivamente divinos sejam os motivos... Os verdadeiros motivos das ações humanas ficam muitas vezes ocultos, subtraindo-se à própria consciência de quem age. Assim é como pode acontecer que, sob certos feitos de aparência natural, que motivam nossas determinações, oculta-se uma especial moção de Deus; como, pelo contrário, pode acontecer – e muito freqüentemente acontece – que, crendo agir por razões sobrenaturais, agimos na realidade por outros motivos muito estranhos". "Pode se admitir, reconhece W. James (*L'expérience relig.* p. 205-206), que a consciência subliminar constitui um campo mais propício para as impressões espirituais que a consciência ordinária, totalmente absorvida, no estado de vigília, pelas vivas e abundantes impressões que lhe vêm dos sentidos".

Essa *sensação do divino* é a que faz que nos reconheçamos como solidários de todos os fiéis, aflijamo-nos verdadeiramente por suas perdas espirituais e nos alegremos por seu ganho; notando, mesmo inconscientemente, que modificam de algum modo todo o conjunto do Corpo místico, no qual constitui um real progresso o que experimenta qualquer um de seus membros[1318]. Daí as mútuas e misteriosas influências de uns nos outros, e que, à medida que cresce a união de caridade e santa solidariedade entre muitos, cresça neles, como nota Moehler[1319], a iluminação, podendo assim juntos conhecer sua divina Cabeça muito melhor que separados. Daí também que os grandes santos, mesmo sem terem se visto nunca, reconheçam-se tão facilmente e contraiam essas amizades espirituais tão íntimas, posto que eles são como os órgãos que formam parte do próprio *coração* puríssimo da Santa Igreja, onde o Espírito Santo mora de um modo singular, tendo ali suas delícias e derramando torrencialmente suas graças, para logo, por meio deles – como por uma mística rede cujas malhas se estendem por todo o mundo –, prender e cativar outra multidão de almas. Daí que, enfim, à medida que cresce a perfeição de um cristão, assim cresce sua caridade e solidariedade com todos, assim se sente mais ligado a eles como membro de Cristo, e assim se interessa mais vivamente por cada um de seus próximos[1320], e assim influencie com maior energia para o proveito comum, contribuindo extraordinariamente para a "edificação do Corpo de Cristo na caridade", ou seja, para a evolução da Santa Igreja em todas as formas de seu progressivo desenvolvimento.

1318 Cf. Weiss, *Apologia del Cristianismo*, 9. conf. 3, ap. 1.

1319 *L'unité dans l'Eglise*, p. 129; *supra*, l. 1, *Evol. org.* c. 1, § 6.

1320 "Assim como o Verbo é por natureza tão comunicativo, que nós dá tudo que tem, assim a graça, observa Santa Maria Madalena de Pazzi (3ª p., c. 5), faz a alma tão comunicativa, que reparte com os demais tudo que do Céu recebe, e até gostaria de se dar a si mesma pela salvação do próximo".

APÊNDICE

Breves Instruções Sobre os Graus De Oração

Orar é *conversar* com Deus, entrando em trato com Ele mediante a fé, a esperança, a caridade e os dons do Espírito Santo. A *oração vocal*, em que essa conversa se mantém com os sinais habituais de nossa linguagem, está ao alcance de todos e constitui o *primeiro grau da oração*. Há pessoas que, para expor ao Senhor seus sentimentos, mal podem prescindir das palavras; mas outras vão orando melhor só com o coração, cujos desejos e afetos ouve Deus muito bem, sem necessidade de que Lhe sejam expressos verbalmente, e essa *conversa* ou *oração mental*, que costuma se fazer já mais *em espírito e em verdade*, constitui o *segundo grau*. Aqui, no entanto, exige-se ordinariamente certos atos preparatórios de *composição de lugar*, *lição*, *meditação*, *reflexão* etc., que são como instruções para logo saber *conversar* com afetos, súplicas, resoluções e ações de graças etc., em que está o essencial da oração. Mas quando a alma sabe já bem fazer isso, e o faz expeditamente sem necessidade de aprender, sobram já aqueles atos, e deve se ater ao essencial. Assim, o Espírito Santo, como mestre de toda verdade, incapacita-a para que não perca em vão o tempo em preparativos já inúteis, como seriam os daquele que quisesse andar em busca da fonte, quando já está nela, e só lhe resta colher a água. Isso é já um princípio de *vida mística*, como também é o *fervor* que vem quando o Espírito sopra e inflama em amor, ou move a orar ou agir segundo Lhe apraz. Sendo esses afetos e súplicas o essencial, se faltam, não há verdadeira oração; e um deles bem mantido, embora não se faça outra coisa, constitui uma oração muito boa. Essa *oração afetiva* – ou de *atos de virtude*, como alguns a chamam – em que já é muito difícil ou impossível meditar, é a que constitui o *terceiro grau*. Quando nela se sinta uma grande secura, em que não acontece nenhum afeto nem resolução, deve-se voltar de novo a excitá-la com reflexões, meditações ou breves lições.

Mas se essas se esquecem, e não há meio de refletir, deve se ater a repetir um mesmo afeto que mais nos convenha, que poderá se levar preparado, ou se tomará do *Pater noster* etc. E se isso mesmo dissipa, e há como uma incapacidade para dizer a menor coisa explicitamente, e ao mesmo tempo certo oculto desejo de estar *em silêncio* diante de Deus, então fique a alma nessa doce presença *amorosa*, sem excitar as potências para que não lhe turbem a paz; deixe que o coração só fale naquela sua *linguagem muda*, e escute o que ali dentro lhe fala o Deus de seu coração, que está em segredo lhe sugerindo toda verdade e lhe ensinando a estar nessa calma dos sentidos e paixões, para que assim possa atender tão somente ao que Ele quer dela, e aprender a fazer em tudo o que é mais do seu divino agrado. Tal é o *quarto grau de oração*, que alguns chamam de *simplicidade e outros de simples vista amorosa*, e que realmente já é mais *contemplação infusa* que oração ordinária. Posto que então o divino Espírito está agindo, movendo e inspirando em silêncio, mediante seus dons de *temor, piedade, ciência, fortaleza ou conselho*. Mas para que esses dons se desenvolvam e ajam livremente, e com eles consigam se mostrar claramente os dois mais elevados, *entendimento e sabedoria*, é preciso toda a purgação da *noite do sentido*, e mesmo parte da do *espírito*; pois há que apagar as luzes inferiores, para que brilhem, ou possam se perceber, as superiores e aguardar que se oculte o sol para poder ver as estrelas, que estão no alto do céu. E essa iluminação que, mediante os dons divinos, de tal modo purifica, inflama, eleva e conforta as potências, que lhes permite conversar com Deus de um *modo* verdadeiramente celestial e *divino*, é a que começa a se ter manifestamente na oração de *recolhimento*, e muito mais na de *quietude* e *união de conformidade*, e, por fim, mesmo sem comparação melhor e como continuamente, na *união transformativa*. Aqui está o *místico repouso* a que todos nós nos convida, e onde unicamente nos é dado encontrar o verdadeiro *descanso para nossas almas*.

***

Desde que se entra plenamente nos *estados místicos*, tendo perfeita docilidade, quase já sobram as instruções humanas; pois ali o próprio Espírito

Santo se constitui em perpétuo diretor, governador e mestre; e com sua *unção* ilumina e dá vigor, acerto e facilidade para tudo, enchendo os corações de luz e de alegria santa, e, ao mesmo tempo, de fortaleza e de vida.

O que importa é que a alma se entregue a Ele totalmente e sem nenhuma reserva; que confiantemente se abandone em suas divinas mãos, e que, com toda fidelidade e constância, persevere sempre nesse abandono e aniquilamento, procurando corresponder com generosa magnanimidade às doações divinas, deixando-se levar sem resistência pelas santas moções e iluminações e moldar pela secreta ação do divino Renovador e Vivificador; que, quanto mais cegamente se entrega a Ele e menos resista, tanto melhor, mais prontamente e com menos trabalho e moléstias ficará reformada, acrisolada, iluminada e vivificada, e, por fim, *transfigurada de claridade em claridade na própria divina imagem do Verbo humanado*, chegando até a se fazer um *Espírito com Ele*...

TERCEIRA PARTE

EVOLUÇÃO MÍSTICA DE TODA A IGREJA

CAPÍTULO I

VIDA INTEGRAL E EVOLUÇÃO COLETIVA

§ I. – SOLIDARIEDADE VITAL DE TODOS OS FIÉIS CRISTÃOS. A VIDA DO ESPÍRITO: JESUS CRISTO CRESCENDO NO SEU CORPO MÍSTICO, RENOVANDO-O, AGINDO E SOFRENDO EM SEUS MEMBROS; TESOUROS E PODERES DA IGREJA; NECESSIDADE DA UNIÃO COM ELA PARA VIVER EM CRISTO; COMO CUIDA O SALVADOR DE TODOS OS SEUS MEMBROS. – DEVERES RECÍPROCOS DESTES: UNIÃO E CONCÓRDIA, ABNEGAÇÃO E COLABORAÇÃO.

Vimos já no livro I[1321], como a Igreja é o mais vasto e completo e em tudo o mais admirável dos organismos vivos; pois essa mística sociedade dos fiéis cristãos, tendo como tem por Cabeça a Jesus Cristo e por alma seu divino Espírito, goza de uma verdadeira *vida real* e não puramente *moral*, como a das sociedades humanas. Vimos também quão prodigiosamente evolui, tanto na doutrina como na organização – conforme cresce, com Jesus, "em sabedoria e em idade" – e como todos os seus maravilhosos progressos doutrinais, disciplinares e orgânicos se ordenam ao místico, isto é, ao incremento da *graça* e da *santificação*, ou seja, ao aumento da vida sobrenatural que o divino Paráclito lhe está comunicando: *Ut vitam habeant et abundantius habeant* (Jo 10, 10).

A pura doutrina, por nobre que seja, sem espírito que a anime, é palavra oca, ou letra morta, e às vezes mortífera: *occidit* (II Cor 3, 6). Todas as ciências, ainda que sejam divinas e humanas juntas, se não estão inspiradas ou informadas pela caridade, são como vãos fantasmas ou vento sem consistência: *incham*, mas não edificam nem muito menos vivificam (I Cor 8,

1321 C. 2, § 6.

1)[1322]. Mas *o Espírito vivifica e a caridade edifica*. Sem o Espírito que difunde a caridade de Deus no organismo, de nada serviria a própria organização: *Spiritus est qui vivificat; caro non prodest quidquam* (Jo 6, 64). Por isso, *se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os operários* (Sl 126, 1).

Vivificados, animados e impulsionados pelo Espírito de Jesus, desenvolvidos, edificados, adaptados, correlacionados, subordinados e consolidados pela caridade os diversos membros do Corpo místico da Igreja, toda ela cresce, desenvolve-se e assim *evolui* e progride *misticamente*.

E com a Igreja podemos dizer que evolui e cresce o próprio Jesus Cristo, como Cabeça invisível que vai estendendo sua virtude a todos os membros, incorporando-se e "formando-se neles"[1323], e que evolui também

---

1322 Cf. S. Agostinho, *Confes.* l. 5, c. 2-3; Kempis, l. 1, c. 1-3. – "Não há que buscar o pregresso na vã ciência, diz o Pe. Weiss (*Apol.* 10, conf. 18). Um progresso que consiste unicamente em conhecer melhor o que é bom e justo, sem fazer alguém mais fiel no cumprimento do dever, antes merece o nome de retrocesso que o de progresso. Porque a ciência sozinha não faz o homem melhor; não faz mais que agravar seu pecado, aumentar sua responsabilidade e seu castigo" (Lc 12, 47).
"A ciência, como tudo o que engrandece o homem, observa Santo Tomás (2-2, q. 82, a. 3 ad 3), pode ser para ele ocasião de confiar em si mesmo, e não se entregar totalmente a Deus... Mas se alguém submete perfeitamente a Deus a ciência e demais perfeições, então tudo isso renderá num aumento de sua devoção". Assim, conforme acrescenta São Francisco de Sales (*Amor de Dios* 6, 4), "a ciência não é contrária por si mesma à devoção, antes lhe é muito útil e, se chegam a se juntar, admiravelmente se ajudam uma a outra. Mas muitas vezes por nossas misérias acontece que a ciência impede o nascimento da devoção, enchendo os homens de soberba e orgulho".

1323 "Se queres chegar à verdadeira santidade, diz Santa Matilde (*Liber spec. gratiae* 1, 24-37), adere Àquele que é a própria Verdade e que tudo santifica; une-te a Ele, e o oceano de sua pureza lavará tuas faltas e curará tuas debilidades. Sim, une-te estreitamente a Ele, e seu poder divino passará ao teu interior, porque seu amor nada reserva para Ele só, mas tudo comunica aos que O amam e aceitam seus dons... Esses sentem circular dentro de si mesmos a Divindade, e suas almas se derramam ao mesmo tempo em Jesus Cristo como um canal quando se abrem para ele as eclusas. O amor ao seu Mestre de tal modo lhes abrasa os corações, que todas as obras que fazem são como lenha que alimenta essa chama, até que se eleva ao Coração divino".
"Santa Gertrudes, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 10, conf. 21), considerava-se como uma árvore crescida na chaga do lado de Jesus, e cujas folhas e ramos estavam todas tão penetradas da virtude de sua divindade e de sua humanidade, que resplandeciam como o ouro através do cristal. Tão doce perfume de Jesus Cristo difundiam seus frutos, que as próprias almas do purgatório recebiam certo adoçamento de suas penas, os justos, aumento de graça e os pecadores, o salutar remédio da penitência. Por causa dessa união, suas obras eram acolhidas pela Santíssima Trindade com tanta complacência, como se

em certo modo e se desenvolve e expande o próprio Espírito Santo nela, como alma que a vivifica, ao ir mostrando e despregando melhor sua divina energia, fazendo mais rica e abundante a efusão de seus dons à medida que os distintos membros vão sendo mais numerosos e robustos, diversificando-se, especializando-se e tornando-se mais aptos e dignos[1324]. Ao ver, pois, a Igreja crescer, progredir e se desenvolver vigorosamente, podemos dizer que o próprio Jesus Cristo progride de novo nela "em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens". E ao vê-la adulta, desenvolvida, plena de vigor e vida, e de variedade e beleza, podemos dizer que é o próprio Jesus Cristo já totalmente desenvolvido e *completo* (Ef 1, 23), estendendo até nós sua benéfica ação, prolongando sua estadia na terra e desempenhando por seus ministros e por todos os seus fiéis, como por outros tantos órgãos, todas as funções e obras de sua missão redentora. Tal é a doutrina do próprio Apóstolo[1325].

---

fossem próprias da onipotência do Pai, da sabedoria do Filho e da bondade do Espírito Santo (Cf. *Legatus divinae pietatis,* 3, 18).

Cf. Santa Catarina de Sena, *Ep.* 137; Pe. Surin, *Catéch.* p. 7ª, c. 8.

1324 "Dilatando muito nosso coração, diz Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 33), Vós, Senhor, destes ao Espírito Santo a facilidade de se dilatar em nós; porque encontra um vaso mais amplo e mais capaz de receber seus dons e favores". Cf. Frei João dos Anjos, *Conquista* diál. 10, § 11; *supra*, p. 232.

1325 Bacuez (*Man. Bibl.* t. 4, 8ª ed., p. 212-214, n. 587) faz da eclesiologia de São Paulo este interessante resumo: "Representa a Igreja como um grande corpo, que tem por cabeça a Jesus Cristo e por alma seu Espírito, πνευμα ξωοποιουν. – Entre ela e seu fundador não há só uma relação moral, como a que existe entre um príncipe e seus vassalos; há um laço *real*, uma conexão íntima, uma influência ativa, uma comunicação incessante, como a que existe entre o corpo e a alma, κοινωνία Πνεύματος (II Cor. 13, 13; Fil 2, 1). Daí que lhe dê habitualmente o nome de *corpo místico* do Salvador, τὸ σωμα χριστου (Ef 1, 23), e aos cristãos de membros dela ou d'Ele, τὰ μέλη του χριστου (I Cor 6, 15; Ef 1, 22; 4, 12. 16; Rom 12, 4-5; I Cor 6, 15; 12, 12). Assim considerada em sua totalidade, a Igreja cristã é Jesus Cristo crescido, desenvolvido, completo, estendendo e perpetuando sua vida na terra (Ef 1, 23; 4, 12)... São Paulo diz muitas vezes que Cristo se multiplica, que reside e age em todos os fiéis (Gal 2, 19. 20; 3, 27; Ef 3, 17; Col 3, 11); e que cada um deles Lhe serve para continuar sua missão. Verdade é que não estamos unidos ao Verbo como sua humanidade o estava, hipostaticamente; mas, contudo, o batismo nos une à sua pessoa e nos põe sob sua dependência. Os cristãos estão, por assim dizer, *enxertados* em Jesus Cristo e incorporados com Ele, *complantati* σύμφυτοι (Rom 6, 5; Gal 3, 28), de modo que participam de sua vida e de seu Espírito (Rom 8, 9-14; I Cor 1, 5. 30; 12, 4-14; Ef 3, 17; Fil 4, 13). Assim o Espírito divino, cuja plenitude recebe

Mas assim como a alma está ao mesmo tempo toda no corpo, e toda em cada uma de suas partes, assim também o Espírito de Jesus, que anima a Igreja, está todo em cada membro vivo dela, e a todos que não lhe resistam, renova-os e os reforma à imagem do divino Modelo, fazendo que todos e cada um se revistam de Jesus Cristo e que "em todos vá se formando Jesus Cristo" (Gal 4, 19), para que cada qual ao seu modo continue a missão do Salvador e complete sua obra, agindo e sofrendo de novo o próprio Cristo por meio de todos e cada um deles; pois tudo o que fazem e padecem na ordem sobrenatural é pela virtude e graça do Redentor, e por isso merecem vida eterna.[1326]

Toda obra agradável a Deus e todo meio de realizá-la, dizia Santa Gertrudes[1327], provêm unicamente de Jesus Cristo e de sua graça. Com sua virtude fazemos tudo que podemos fazer, como se fossem suas próprias obras, e Deus as aceita como tais. Certas ações do homem podem ser muito boas e honrosas; mas só realizando-as em íntima união com as de Jesus Cristo é como podem ter um valor infinito aos olhos de Deus.

---

a alma do Salvador, vem a ser o Espírito da santa Igreja (Jo 1, 16), e derramando em nós sua luz, penetrando em nós seus sentimentos e fazendo reinar em nós suas virtudes (I Cor 3, 16-17; 6, 11; Gal 3, 26; Ef 2, 4-7; 3, 18; Fil 1, 5), tende a chegar a ser a alma do gênero humano, sua *alma superior* e universal, sendo a vida sobrenatural de todos os seus membros (I Cor. 2, 12-16; Ef 1, 16-21; Col 3, 10-12). Pode muito justamente se dizer nesse sentido que Jesus Cristo vive, ora e habita em nós (Ef 3, 17).

1326 Assim como a história dos filhos de Adão, escreve Hettinger (*Apol.* conf. 32), é "a continuação da história do pecado, assim a história do reinado de Jesus Cristo é a história do próprio Jesus Cristo continuando a se encarnar particularmente em cada homem". Mas, por desgraça, não em todos consegue crescer e se desenvolver o bastante nem muito menos conforme Ele deseja; pois tantos há que, resistindo ao Espírito, detêm-se nas primeiras fases de sua espiritual formação. "Sunt, diz São Bernardo (*Serm.* 44), in quibus nondum natus et Christus, sunt quibus nondum est passus, quibus non resurrexit usque adhuc; aliis nondum misit Spiritum Sanctum". Mas, sem reproduzir em si todos esses mistérios, ninguém poderá se gloriar de ser *perfeito cristão*. Pois como diz Santo Agostinho: "Quidquid gestum est in cruce Christi, in sepultura, in resurrectione tertia die, in ascensione in caelum et in sedere ad dexteram Patris, ita gestum est ut his rebus non mystice tantum dictis, sed etiam gestis, *configuraretur vita christiana quae hic geritur*" (S. Agostinho, *Enchirid.* 14). Cf. Olier, *Catéch. chrét.* p. 1ª, c. 20-25.

1327 *Legatus divinae piet.* 4, 9, 13, 31, 41.

Quando um membro vivo do Corpo místico de Jesus Cristo, observa o Pe. Weiss[1328], faz uma obra boa com a virtude que da Cabeça recebe, essa é uma obra da Cabeça, feita por tal membro, e, como obra do Redentor, vai aumentar o tesouro dos méritos que para nós adquiriu em sua vida santíssima. Assim como os efeitos da redenção não cessaram com a vida de Jesus Cristo na terra, assim tampouco o tesouro de seus méritos se nutre unicamente com o que Ele realizou enquanto vivia na carne, mas aumenta sempre com o que Ele continua sofrendo em seus membros. A cabeça fez o que devia, e os membros devem realizar o que for da sua parte[1329]. Na verdade, é Jesus Cristo quem faz tudo; mas nem tudo faz pessoalmente, senão que tal coisa a fez quando vivia na terra, e as outras as realiza agora por seus membros daqui debaixo. Mas, para Ele não há diferença: de tal modo O uniu o amor ao seu Corpo. Assim põe os méritos dos seus no mesmo tesouro dos próprios, como se tudo isso não formasse mais que uma só coisa.

Desse cúmulo de méritos vem a condescendência maravilhosa com que a santa madre Igreja trata hoje os pecadores, reconciliando-os em virtude do Sangue de Jesus Cristo pela Penitência, todas as vezes que verdadeiramente o solicitam, e ainda perdoando-lhes a própria satisfação (já que a usual não é quase nada em comparação da pública dos primeiros séculos), em virtude e em vista das *indulgências* que tão facilmente podem ganhar. Essas consistem precisamente na aplicação dos sobrenaturais méritos satisfatórios dos santos – juntos com os do Salvador e da Virgem – feita aos fiéis mais necessitados, posto que todos são membros de um mesmo Corpo, e assim uns podem em grande parte suprir e satisfazer por outros[1330].

1328 *Apología* 10, conf. 16.

1329 S. Agostinho, *In Ps.* 86, 5; 100, 3; 122, 1; *Serm.* 261, 14.

1330 Santa Catarina de Ricci (*Vida*, por Marchesi, c. 10) sofreu durante quarenta dias um terrível purgatório para tirar dele uma alma, aparte do que continuamente estava sofrendo para expiar as faltas dos outros e alcançar o perdão para os pecadores. Na vida de Santa Catarina de Sena (3ª p., c. 2) podem se ver os incríveis martírios que padeceu em seus últimos dias para remediar, o quanto possível, os males do Cisma, e o que padeceu sempre para expiar pecados alheios (2ª p., c. 7-8).

Daí que Ele tenha por feito a Si mesmo aquilo feito ao menor de seus servos, que todas as obras e padecimentos deles os tenha por seus e que se queixe de ser neles perseguido (At 9, 5)[1331]. O sangue de seus mártires é seu próprio sangue novamente derramado, pois "nele lavaram e branquearam suas vestes" (Ap 7, 14), e Ele mesmo voltou a ser crucificado em seu vigário São Pedro: *Vado Romam iterum crucifigi*. Por isso, *quem* ouve seus ministros, encarregados de falar em seu nome – os seus mártires que dão testemunho de sua verdade e virtude, ou os seus confessores e virgens, que o dão de sua santidade e pureza, para glória do Pai – *a Ele mesmo ouve, e quem os despreza, a Ele despreza* (Lc 10, 16; Jo 15, 8. 16-27)[1332]. E com mais razão, quem ouve a Igreja e se une a ela, ouve e se une a Jesus Cristo; e quem não, renega-O e d'Ele se separa[1333].

Por isso, os hereges e cismáticos, como não ouvem a Igreja, ficam necessariamente separados de Jesus Cristo.

Querer estar unidos diretamente com Ele, sem formar parte subordinada de seu Corpo místico, é uma loucura; pois o membro amputado já não comunica com a cabeça, nem recebe vida da alma, nem pode – normalmente – ser por ela reanimado e reformado enquanto novamente não aderir ao corpo.

Assim, os protestantes, ao negarem a autoridade da Igreja, foram lógicos – com a lógica do erro – em negar também a necessidade das boas obras,

---

1331 "Non ait: quid sanctos meos, quid servos meos; sed: *Quid me persequeris*, hoc est, quid membra mea? Caput pro membris clamat. Quando forte in turba contritus pes dolet, clamat lingua: Calcas me; non ait: Calcas pedem meum, sed se dixit calcari" (S. Agostinho, *In Ps.* 30, serm. 2).

1332 "Ao te ofenderem, dizia Nosso Senhor à Santa Maria Micaela do Santíssimo Sacramento (*Vida*, pelo Pe. Câmara, l. 3, c. 26), ferem a Mim e sofres por Mim".

1333 "Em virtude desta união do Salvador com a Igreja, acrescenta Bacuez (*l. c.)*, estabelece-se entre ambos um tipo de solidariedade ou de comunicação de idiomas. Escutar a Igreja, é escutar a Jesus Cristo, e se entregar a Jesus Cristo, é unir-se à Igreja (I Tes 4, 8; cf. Lc 10, 18). E o mesmo entre Jesus Cristo e seus membros; quem auxilia a um cristão, auxilia a Ele mesmo, e quem persegue um cristão, a Ele persegue (At 9, 5; I Cor. 8, 12). Nada sobrenatural se faz neles, por eles ou para eles, sem que Jesus Cristo o faça, isto é, sem que seu Espírito concorra para isso como agente principal (Rom 8, 14-26; I Cor 12, 3-4; Fil 2, 13). Por isso, todas as obras dos fiéis, feitas cristãmente, têm uma dignidade supra-humana, e merecem uma parte nas recompensas do Homem-Deus".

ou seja, de *imitar* o divino Modelo. Não querem "se crucificar com Jesus Cristo", não aspiram a "se despojar do homem velho e se vestir do novo"; porque realmente é impossível que neles "se forme Cristo", estando como estão voluntariamente separados da que é "seu Corpo e sua plenitude"[1334].

Mas se permanecemos unidos na mesma fé e enraizados e fundados na caridade, então Jesus Cristo estará conosco, e nós estaremos n'Ele, como vivos membros seus, e assim Ele nos corroborará com a virtude de seu Espírito (Ef 3, 16-17), e não nos olhará como a estranhos, mas "nos nutre e regala como a sua própria carne", alimenta-nos e nos conforta com seus sacramentos, e em especial com o da Eucaristia[1335], e nos conforta com seus dons e graças e com todos os cuidados com que vela por nós, "como membros que somos de seu corpo e porção de sua carne e de seus ossos" (Ef 5, 29-30). Sob a ação de seu Espírito chegamos a ser como seus pés, suas mãos, sua língua, e, se chegamos a *separar o precioso do vil*, seremos como seus *próprios olhos* (Jer 15, 19)[1336].

1334 *Os que são de Cristo, crucificaram sua própria carne com seus vícios e concupiscências* (Gal 5, 24), para se configurarem com Ele. Mas "o protestante não diz: *Sofro o que ainda falta por sofrer da paixão do Salvador*; mas diz a Jesus Cristo crucificado: *Sofrei Vós sozinho, Senhor.* Tal é seu dogma, se não sua prática. O protestantismo é, por essência e em tudo, a abolição do sacrifício" (Gratry, *Sources*).

1335 Cf. Sta. Catarina de Sena, *Diál.* c. 112.

1336 "O Espírito Santo toma as almas que O receberam e as leva à presença do Verbo para colocá-las... Onde? Ó, amor divino! De que não serás capaz! Coloca-as em sua sagrada cabeça; outras, em sua boca venerável. Há outras tão puras e transparentes, que se compraz em colocá-las em seus radiantes olhos: que digo? Essas almas vêm a ser os próprios olhos do Verbo e, o que é mais, as meninas de seus olhos, de modo que vêem tudo o que vê o próprio Verbo, na medida que a uma criatura convém. A essas em particular aplica estas palavras: *Aquele que toca em vós, toca na menina dos meus olhos* (Zac 2, 8). Os desejos de uma dessas almas são tão inflamados, que estaria pronta a dar mil vezes sua vida, se fosse preciso, por cada um de seus próximos... Cria-os em seu coração com ardentes suspiros, como aquele que desejava *ser anátema* pela salvação de seus irmãos (Rom 9, 3), e dizia: *Filhinhos meus, a quem de novo dou à luz até que se forme Cristo em vós* (Gal 4, 19). Mas quais eram as agudíssimas dores desse parto? As indicados por estas palavras: *Quem é aquele que sofre sem que eu participe de suas penas? Quem é escandalizado sem que eu me consuma?* (II Cor 2, 29). E essas dores não duram pouco, pois apenar criou uma alma, quando já se concebem, pelo ardor dos desejos, não já milhares, senão milhões de outras. O zelo das almas é tão grande, que não se contenta com uma, duas ou três cidades, mas que ambiciona todo o mundo, e não lhe bastam as criaturas presentes,

Deste modo "crescerá em nós Jesus Cristo, pela vida e pela morte; porque Ele é nossa vida" (Fil 1, 20-21); e a Igreja é seu corpo e a plenitude d'Ele mesmo, *que é quem tudo completa em todos* (Ef 1, 23), e em todos ao mesmo tempo vem a resultar *completo*. "Sem a cabeça, observa a propósito disso Bacuez (p. 405-406), os membros não poderiam ter movimento nem vida, e, sem os membros, a cabeça não poderia realizar todas as suas funções. Eles são, pois, seu complemento ao mesmo tempo que seus órgãos: *Omnia in omnibus adimpletur*. São Paulo diz que Deus quis reunir e resumir – *restaurar e recapitular* – tudo em Cristo[1337], e que O fez cabeça não só dos homens, mas também dos anjos". Daí que toda a virtude com que agimos para a vida eterna provenha d'Ele e que só n'Ele possamos viver para Deus.

Por isso devemos pedir-Lhe "que nos encha do conhecimento de sua santa vontade, para procedermos dignamente agradando a Deus em tudo, frutificando em todo tipo de obras boas, à medida que crescemos na ciência divina" (Col 1, 9-10). E por isso temos também que mortificar nosso amor-próprio e própria vontade, e suportar alegres, ou ao menos resignados, todos os padecimentos necessários para nos purificarmos e nos adaptarmos perfeitamente ao ofício ou ministério que nos estiver confiado, pois só assim "completamos em nossa carne o que ainda falta aos padecimentos de Cristo para a prosperidade de seu Corpo, que é a Igreja" (Col 1, 24)[1338].

---

pois se estende a todas as que hão de existir: tanto é o que o amor dilata o seio do coração onde as gera" (Santa Maria Madalena de Pazzi, *Obras* 1ª p., c. 29).

1337 "In Christo omnes crucifixi, omnes mortui, omnes sepulti, omnes etiam sunt suscitati" (S. Leão Magno, *Serm.* 64, 7).

1338 "A coroa de espinhos que fez sofrer o Esposo, é para a esposa, diz propósito disso Santa Maria Madalena de Pazzi (1ª p., c. 17), um doce refrigério... Aquela augusta cabeça não foi transpassada por todos os espinhos de sua coroa; ficaram alguns para fora. E estas – ó, Esposo amadíssimo! – as reservastes para os escolhidos, a fim de que possam participar de vossos sofrimentos, e alcançar para suas penas méritos e valor unindo-as com as vossas. Se as tivesse guardado todas para Vós, não poderiam eles tomar parte em vossas penas e ficariam privados dos imensos tesouros encerrados em vossa cabeça divina. Mas os espinhos que nela entraram fizeram aberturas por onde as almas piedosas podem ver os tesouros de vossa sabedoria".

Este é um mistério escondido que se revela tão somente aos santos; que vêm assim a reconhecer as surpreendentes riquezas e a oculta glória dessa vida de Jesus Cristo nas almas pias e justas. A missão de seus ministros é empregar a virtude que d'Ele receberam para "corrigir e ensinar *em toda sabedoria a todo homem*, para que *todos* – e em tudo – cheguem a ser *perfeitos* em Jesus Cristo (Col 1, 26-28). E, por isso, "ninguém deve presumir de seu espírito privado, não se atendo à Cabeça de que provém toda a direção, administração, solidariedade e construção do Corpo para crescer em Deus" (Col 2, 18. 19).

Daí que ninguém deve sair do seu respectivo posto, nem assumir as funções de outros membros que parecem mais nobres. A perfeição de cada qual está em se adaptar fielmente ao seu destino segundo a divina vontade; em se harmonizar com os demais membros para não os impedir, mas secundar o quanto seja possível sua ação, como eles a dele[1339]. Assim reinarão a harmonia, a saúde e prosperidade, se todos nós nos "conduzimos dignamente, segundo nossa vocação, com toda humildade, mansidão e paciência, suportando-nos com caridade uns aos outros, solícitos em conservar com o vínculo da paz a unidade do Espírito. Pois um mesmo corpo formamos, um mesmo Espírito temos e uma mesma esperança nos alenta em nossa vocação. Um é o Senhor, uma a fé, um o batismo. Um mesmo Deus é nosso Pai, que distribui a cada um as graças segundo a medida da doação de Cristo; que desceu à terra – e aos próprios infernos – e logo subiu aos céus

---

1339 Por isso, Santo Inácio Mártir dizia (Eph. 4) que o colégio presbiteral devia estar em conformidade com seu Bispo como as cordas com a lira. – O Senhor prometeu (Mt 18, 20) estar no meio daqueles que se congregam em seu nome. Daí que as orações feitas em comum são mais eficazes que as privadas. Em virtude dessa solidariedade, quando uma alma procura se encomendar às orações de outras, mesmo quando estas se esqueçam de cumprir o encargo, ela é realmente apoiada pelas demais; e assim caminha muito mais segura, conforme revelou Nosso Senhor à Santa Gertrudes. "Vi, acrescenta a Beata Ana Catarina Emmerich (*Vida de Nuestro Señor* introd., 10), que as pobres almas que, não sabendo a quem se dirigir, imploram, no entanto, as orações de seus irmãos, são mais prontamente ouvidas que os que falam ou escrevem a uma pessoa conhecida para se encomendar a ela".

para fazer *perfeitas todas as coisas*[1340]; a uns fez apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas e a outros pastores e doutores, para que seja *consumada a perfeição dos santos* nas obras do respectivo ministério, e assim *cresça prosperamente todo o Corpo de Jesus Cristo*, até que, unidos pela fé e conhecimento do Filho de Deus, ofereçamos *todos* à imagem do *Homem perfeito*, e não sejamos já como crianças volúveis que se deixam levar por qualquer vento de falsas doutrinas" (Ef 4, 2-14).

Deste modo vemos que, como adverte Scio[1341], "no Corpo místico de Jesus Cristo e em cada um de seus membros deve acontecer o mesmo que aconteceu em seu corpo natural. É necessário que os fiéis cresçam em fé e em caridade, até chegar a serem *perfeitos cristãos*... E esse aumento de forças em cada um de seus membros fará que o corpo da Igreja chegue à sua última medida e perfeição"[1342].

Posto que fomos batizados *em Cristo* para nos regenerarmos, observa Terrien[1343], n'Ele nascemos para a vida divina, e só n'Ele a podemos viver. Se, pois, queremos achar o novo filho de Deus, que sai vivo e puro das águas batismais, não o busquemos fora de Cristo; porque n'Ele está, vivificado por seu Espírito como carne de sua carne, osso de seus ossos e parte integrante seu Corpo místico. Se nesse Corpo há tantos tipos de órgãos como enumera o Apóstolo é "para que todos contribuam para a perfeição dos santos, desempenhando bem as funções de seu respectivo ministério, para edificação

---

1340 "A descida de Jesus aos infernos, diz a Beata Ana Catarina Emmerich (*Pasión* 60), é a plantação de uma árvore de graça destinada a comunicar seus méritos às almas que padecem. A redenção contínua dessas almas é o fruto que dá essa árvore no jardim espiritual da Igreja. A Igreja militante deve cuidar dessa árvore e recolher seus frutos para comunicá-los à padecente, que não pode fazer nada por si mesma. O mesmo acontece com todos os méritos de Cristo; para participar deles é preciso trabalhar para Ele". Cf. Faber, *Todo por Jesús* c. 5.

1341 *In h. l.*

1342 "A Igreja em geral, diz Moehler (*L'unité dans l'Eglise* p. 73), é o protótipo de cada um de seus membros em particular; e assim cada um destes deve ir tendo consciência de seu próprio caráter, que consiste em reproduzir em si mesmo o conjunto. Assim como uma necessidade interior – o amor em Jesus Cristo pelo Espírito Santo – une cada fiel com a comunidade de seus contemporâneos, assim o une também com os fiéis que o precederam e o obriga a manter a identidade com eles".

1343 1, p. 316-7.

do Corpo de Cristo". E quando terminará esse trabalho? Quando "todos tivermos chegado, na unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homens perfeitos, à medida da idade da plenitude de Cristo". Isto é, "quando seu corpo, pela reunião e desenvolvimento de todos os seus membros, tiver chegado à plenitude de sua perfeição prefixada. Entrementes, esse corpo de Cristo está ainda incompleto, acha-se em via de formação... Seu corpo natural já alcançou todo seu desenvolvimento, e já não pode mudar, crescer nem se aperfeiçoar mais desde que saiu glorioso do sepulcro. Mas... esse outro Corpo mais grandioso, em vista do qual se dignou vestir-se do primeiro, deve se formar através dos séculos. Assim Jesus Cristo se forma e cresce em nós, e nós crescemos em Cristo (I Pd 2, 2); e pode se dizer com muita verdade que o sobrenatural crescimento dos membros em união com sua Cabeça é como um incremento de Deus, de Deus encarnado: *Incrementum Dei* (Col 2, 19)... Se andamos pelos caminhos de Deus e estamos firmes na fé, vivendo da caridade, em Cristo vivemos (Col 6, 7); e reciprocamente, Ele é quem padece e é perseguido em nós".

Por isso, devemos oferecer a Deus "nossos corpos como uma hóstia viva, santa e agradável, que é o culto racional"; não nos conformando com este século, mas nos reformando na novidade do Espírito, para podermos "*experimentar* qual é a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita"; não aspirando ao que não nos toca, mas nos contentando com a graça que Ele nos deu; "porque assim como num só corpo temos muitos membros, e estes não têm a mesma função, assim todos somos um só corpo em Cristo, e cada um é membro dos demais, tendo destinos diferentes segundo a graça que nos foi dada" (Rom 12, 1-6). Assim agirá sempre Jesus Cristo em nós e por nós, se fielmente buscamos seguir a moção de seu Espírito em todos os nossos respectivos ministérios, e desse modo se completará em cada um sua obra, e em todo o organismo sua ação irá sendo cada vez mais plena e perfeita. O próprio São Paulo nos declara expressamente que "as funções sagradas e os dons espirituais estão repartidos entre os ministros do Salvador de tal modo, que todos contribuam para a edificação da Igreja e para a formação dos santos; e que esse ministério tem por objeto unir as almas numa mesma fé, dar a conhecer por todas as partes o Filho de Deus feito

homem, comunicar seu Espírito a todos os seus membros e fazer de cada um deles e de toda a Igreja um *Cristo completo*, *Virum perfectum*, em plena posse de sua vida, de sua força e de suas virtudes"[1344].

§ II. – A ORGANIZAÇÃO E A DIVERSIDADE DE FUNÇÕES. – SUBORDINAÇÃO, DEPENDÊNCIAS RECÍPROCAS E MÚTUOS SERVIÇOS. – O ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO; O PRÊMIO E O MÉRITO; IMPORTÂNCIA DAS VÍTIMAS EXPIATÓRIAS; A COMPAIXÃO CRISTÃ.

Posto que a organização pressupõe desigualdade, diversidade de elementos e subordinação, a perfeição de um organismo não consiste num só membro, por nobre que seja, nem em vários equivalentes, senão na combinação harmônica de muitos desigualmente nobres e com ofícios muito diversos. Na Igreja, os membros que servem ao movimento estão representados pelos fiéis consagrados à vida ativa, e entre eles deve haver inferiores e superiores, assim como há em nosso corpo pés e mãos. Os órgãos sensitivos que servem à percepção, representam os fiéis de vida contemplativa: os *olhos* são os grandes doutores, os sábios verdadeiramente iluminados, que vêem e contemplam a verdade; os mestres ordinários encarregados de ensiná-la, são como a *língua*; e os *ouvidos* são os discípulos que a escutam, e também os que ouvem a voz do Espírito (Ap 2 e 3). Na Igreja deve haver mestres e discípulos; de outro modo seria um organismo incompleto, como aquele em que tudo fosse olhos, sem lugar para o ouvido. E se tudo se reduzisse a esses dois órgãos, onde estariam os demais sentidos necessários, isto é, o olfato, o tato e o paladar? Na Igreja, há muitos que são incapazes ainda de compreender as palavras da divina Sabedoria, e, no entanto, percebem-nas como de longe e se sentem atraídos pela suavidade de sua fragrância (Ct 1, 3); como aconteceu por algum tempo com o próprio Santo Agostinho[1345], quando *non secum ferebat nisi amantem me moriam, et quasi olfacta desiderantem,*

1344 Bacuez, p. 410.
1345 *Confes.* l. 7, c. 17.

quae comedere nondum posset. Mas outros não só *cheiram*, mas *experimentam* e *saboreiam* em silêncio a suavidade e doçuras de Deus, sentindo-se incapazes de expressar tais maravilhas; e, *saboreando* por experiência, é como chegam a adquirir uma inteligência prodigiosa: *gustate et videte.* Outros, por fim, *mudos* e *cegos* na presença do inefável, ofuscados por tanta luz, esmagados por tanta grandeza, aterrorizados por tanto poder e *desgostados* por toda a amargura de suas próprias misérias, não *vêem*, nem *ouvem*, nem *saboreiam*, nem mesmo sequer podem *cheirar* a verdade divina; mas a *palpam* como uma infinita realidade cujo peso as aniquila, e cuja bondade e verdade ainda assim lhes cativam e se lhes impõem com evidência *tangível*... E Deus dispôs que no Corpo místico de sua Igreja houvesse toda a diversidade prodigiosa de membros que são necessários para desempenhar devidamente suas complexíssimas e variadíssimas funções; quis que houvesse uma linda variedade de sentidos internos e externos, com seus respectivos centros cerebrais e cardíacos – que são muito particularmente as almas ocultas aos olhos do mundo, mas muito ativas e cheias de vida diante dos divinos; e os fez tão múltiplos e diversos, não para que estivessem ociosos nem separados, mas unidos e correlacionados em ação harmônica, de modo que uns a outros se completem e nenhum baste a si mesmo, para que todos se vejam mutuamente como solidários, e todos contribuam mais eficazmente à comum edificação. O mérito e o prêmio serão proporcionais à vitalidade, atividade e influência real de cada um. Assim, "os contemplativos, diz Santa Maria Madalena de Pazzi[1346], virão descansar nos olhos do Verbo; os doutores, em sua boca; os misericordiosos, no seu seio; os justos, em suas mãos; os ativos, em seus pés; os pacientes, em suas costas; as virgens, suas esposas totalmente abrasadas de amor e perfeitamente resignadas com sua vontade, em seu coração sempre aberto, a fim de que possam entrar ali continuamente para repousar".

Para que seja perfeito um organismo, deve constar de muitíssimos e variadíssimos membros, e assim a Igreja deve os ter de mui distinta ordem e de todo tipo de estados e condições, a fim de poder manifestar melhor

1346 3ª p., c. 5.

todo tipo de virtudes e graças. Desse modo, com a diversidade de carismas, aparece *vestida de variedade* (Sl 44, 15); e com a subordinação hierárquica e a perfeita disposição do conjunto, *terrível como um exército bem ordenado* (Ct 6, 3). Todos os membros são, pois, necessários, embora alguns sejam ou pareçam menos nobres, e estes precisamente costumam ser os mais insubstituíveis, como acontece com as vísceras. Nenhum, por nobre que seja, pode dizer ao outro: *Não necessito de ti.* Nem o olho pode dizer isso para as mãos, nem o ouvido para os pés, nem a própria cabeça para os membros; pois os contemplativos, simbolizados pelo ouvido e pela visão, necessitam dos pés e mãos dos ativos, que buscam para eles o necessário alimento (Lc 10, 39 ss.), e os ativos necessitam do calor, luz e direção dos contemplativos. Do mesmo modo, a cabeça está obrigada a se valer dos membros para agir, e na multidão e diversidade deles está sua própria glória (Prov 14, 28).

Se em nosso corpo, observa o Apóstolo, tratamos com mais honra e cuidado os membros que parecem menos decorosos, adornando-os ou cobrindo-os por decência, o mesmo acontece na Igreja de Deus. Temos por menos nobres as orelhas que os olhos, e aquelas se adornam com brincos, enquanto nos olhos não há nenhum adorno. Cobrem-se os pés com ricos sapatos, cobertos às vezes com pedras preciosas (Ct 7, 1), e as mãos se levam descobertas. Assim também na Igreja é necessário dar aos membros imperfeitos maiores consolos e regalos que aos muito perfeitos, que já não os necessitam (Is 40, 11; I Pd 3, 7). E se os membros menos decorosos exigem cuidados e ocultamentos que os decorosos não necessitam, do mesmo modo na Igreja, os que cometeram alguma culpa necessitam ser admoestados e guardados, enquanto os inocentes não necessitam disso[1347].

Todos são membros de Cristo, e por mais que não sejam igualmente dignos, não por isso deixam de ser solidários. A caridade nos ensina a tratar todos os nossos próximos, sejam bons ou maus, estejam sadios ou enfermos, do modo que cada um requer ou necessita. Daí que muitas vezes há que tratar com mais consideração os pecadores que os justos, e mesmo os

1347 Cf. Commer, *L'Essenza della Chiesa* p. 34.

indignos ministros do santuário – que com sua conduta o desonram – que os sacerdotes digníssimos cujas virtudes cativam os corações. Mas no fim todos são membros, órgãos ou ministros de Jesus Cristo, e somente enquanto tais – pelo que em ordem a Ele têm ou podem ter – merecem ou exigem de nós o amor de caridade. E claro está que exigem mais cuidados os membros enfermos, frágeis ou moribundos, que os sadios, robustos e cheios de vida. Verdade é que quanto mais unidos estejam atualmente com Cristo, tanto melhor agirá Ele por eles, e tanto mais plenamente redundará n'Ele o que a eles façamos; e, por isso, os justos e santos merecem tanta veneração, pelo que neles resplandece o próprio Jesus Cristo. Mas também é verdade que muitos desses membros ou órgãos que estão prejudicados, enfermos ou acaso totalmente mortos e mesmo corrompidos, com a virtude ministerial – que age com certa independência da *vida*[1348] – desempenham às vezes funções muito interessantes para o bem comum, e, apoiados nos que estão sadios e robustos, poderão preenchê-las suficientemente; enquanto que, sem essa ajuda, agirão tão mal, que se não houver quem os supra ou os compense, produzir-se-á um desiquilíbrio, por falta de uma função mais ou menos necessária[1349].

Se, pois, no corpo humano há já tão numerosos órgãos e tão inumeráveis elementos orgânicos ou anatômicos, com funções tão variadas, que deverá acontecer no vastíssimo Corpo da Igreja? – Só no cérebro temos muitos milhões de *células* ou *neurônios*, sem que nenhum sobre nem deixe de ter sua maneira de função especial; pois cada ínfimo elemento tem seu peculiar ofício, com algum matiz que o distingue dos outros; e todos são necessários para que a vida natural possa se mostrar plenamente e para que dessa variedade resulte a solidariedade e harmonia. – Logo com mais razão no portentoso organismo da Igreja, para que a vida divina se manifeste plenamente, é preciso que cada elemento, cada simples fiel, tenha sua

1348 Cf. S. Tomás, *In* 3 *Sent.* d. 13, q. 2, a. 2.

1349 Cf. Santa Gertrudes, *Revel.* l. 3, c. 76; Santa Catarina de Sena, *Diál.* c. 166; cf. *ib.* c. 86; *Vida* 3ª p., 3.

maneira de missão especial a que em tudo deve se ater para ser perfeito em sua ordem, ou segundo sua medida, e contribuir assim por sua parte a que o seja *todo o Corpo místico*[1350].

Cada membro, pelo mero fato de o ser, deve contribuir o quanto possa para a harmonia e bem do conjunto, adaptando-se e se especializando mais e mais para o próprio ofício ou ministério particular que – pela confirmação, pela ordem ou por um *carisma* oculto – lhe está confiado, a fim de ser tão perfeito e útil quanto possível (I Cor 12, 4-30; I Pd 4, 10); subordinando-se e, se preciso for, *sacrificando-se* pelo bem comum, que no fim redundará em

1350 "Contentemo-nos, diz, de acordo com Tauler, o Pe. Denifle (*La Vida espir.* c. 3), ao examinar a que fim nos destina Deus e que graça se digna nos outorgar; pois qualquer ministério ou qualquer talento, por humildes que sejam, são outras tantas graças que o Espírito Santo distribui para o bem das almas... Deve cada qual se aplicar àquele ofício para o qual Deus lhe deu aptidão... O pé e a mão não devem substituir o olho. Trabalhemos cada um na obra que Ele nos marcou; pois, por ínfima que seja, poderá ser que sejamos os únicos aptos a realizá-la".

"A Igreja, adverte São Francisco de Sales (*Amor de Dios* 2, 7), canta na festa de qualquer confessor pontífice: *Nenhum se achou semelhante a ele*. E como no céu ninguém sabe o *nome novo*, se não quem o recebe, porque cada um dos bem-aventurados tem o seu particular, segundo o ser novo da glória que adquire; do mesmo modo na terra cada um recebe uma graça particular, que não tem semelhança com alguma outra... Como uma estrela é diferente de outra em claridade, assim serão diferentes os homens uns dos outros na glória: sinal certo de que o foram na graça... A Igreja é um jardim plantado de diferentes flores, em cujo número infinito há vários tamanhos, cores e perfumes, e em suma, de diferentes perfeições; todas têm seu preço, sua graça, seu esmalte, e todas, na união de suas diferenças, são uma agradabilíssima perfeição da beleza".

"Sicut nullum membrum est in corpore quod non participet aliquo modo sensum vel motum a capite; ita, adverte Santo Tomás (*In I Cor.* 12, lect. 2), *nullus est in Ecclesia qui non aliquid de gratiis Spiritus Sancti participet*, secundum illud (Mt 25): *Dedit unicuique secundum propriam virtutem*. Et Eph. 4: *Unicuique nostrum data est gratia*". Essa distribuição de graças alcança mesmo os pecadores, apesar de carecer da santificante, que é a que nos faz *gratos* a Deus. "Pertinet ad gratiam *gratum facientem*, acrescenta, quod per eam S. S. *inhabitet*; quod quidem non pertinet ad gratiam *gratis datam*, sed solum ut per eam S. S. *manifestetur*, sicut interius motus cordis per vocem... Manifestatur autem per huiusmodi gratias S. S., dupliciter: Uno modo ut *inhabitans* Ecclesiam, et *docens*, et *sanctificans eam*: puta cum aliquis peccator, quem inhabitat S. S., faciat miracula ad ostendendum quod fides Ecclesiae quam ipse praedicat, sit vera... Alio modo manifestatur per huiusmodi gratias S. S., ut inhabitans eum cui tales gratiae conceduntur. Unde dicitur (Act. 5), quod *Stephanus, plenus gratia, faciebat prodigia et signa multa*... Sic autem non conceduntur huiusmodi gratiae nisi sanctis. Unde et infra (14, 12): *Ad aedificationem Ecclesiae, quaerite ut abundetis...*"

proveito de todos em particular; porque até os órgãos que parecem sacrificados saem ganhando com a nova solidariedade, vigor e aumento de vida; enquanto que, se alguém serve mal, prontamente ressentirá ele mesmo, como os demais, pelo desequilíbrio causado. E os que receberam maiores talentos, dons, graças, carismas ou dignidades, são os que estão mais obrigados a trabalhar e se sacrificar pelos outros; sob pena de passar por *servos infiéis* que se apropriaram do que não é seu, ou que não buscaram cuidar bem da propriedade do Senhor.

Aqui está a razão de ser e o fundamento dessa heróica abnegação cristã, desse espírito de sacrifício e das excessivas torturas e aflições de todo tipo, que com tanta preferência costumam sofrer – e aparentemente sem fruto – muitas almas inocentes; enquanto outras, menos perfeitas e mesmo tíbias ou frágeis, com poucos trabalhos aparentam produzir frutos copiosos. Essas almas tão puras são as verdadeiras "hóstias vivas, santas e agradáveis a Deus": seus padecimentos, mais que *purgações*, são *propiciações*, ou mais bem são como um tipo de *sinapismo* que a faz sofrer para que outros membros sejam aliviados, curados e ajam com mais comodidade. Se parece que esses produzem fruto, para aquelas, por ocultas e abatidas que se vejam, reservar-se-á quase todo, ou talvez todo o prêmio; pois "cada um receberá o proporcional ao seu trabalho" (I Cor 3, 8).

A missão principal, embora oculta, de todas essas vítimas, é continuar a obra expiatória, propiciatória e reparadora do Calvário; aplacar a ira de Deus e merecer perdões e graças; fazer o que fez Maria ao pé da cruz: cooperar na obra de nossa redenção, regeneração, vivificação e santificação. Pois consolam e aliviam misticamente a Jesus, associando-se às suas penas; reparam os agravos, esquecimentos, desdéns e blasfêmias dos mundanos; impedem os castigos e os trocam em bênçãos; alcançam o perdão para os pecadores, a constância para os justos, a saúde para os enfermos, o consolo para os aflitos e o oportuno remédio para todas as necessidades[1351]. Essas

---

1351 A Beata Ana Catarina Emmerich as sentia e remediava mesmo durante o sono. E muitas vezes se viu invadida por enfermidades muito diversas para alívio daqueles que as padeciam; ficando

almas são a benção da terra, porque em seus puros e abatidos corações tem suas delícias Aquele que é como "uma bolsinha de mirra" e "apascenta entre as açucenas". Uma só dessas vítimas inocentes alcança do céu mais bens que milhares e mesmo milhões de justos ordinários que não fazem mais que purgar suas próprias imperfeições e culpas[1352].

Tais foram uma Santa Catarina de Sena, sempre sofrendo, orando e operando maravilhas; uma Santa Liduína, que prostrada num leito de dor, coberta de chagas, sem poder comer nem dormir, passa alegre a vida, sendo o

---

logo livre delas como por encanto. E a bendita Madre Maria da Rainha dos Apóstolos declarou para mim que os terríveis sofrimentos de sua última enfermidade eram exigidos por Nosso Senhor para o bem de certas almas que resistiam muito a Ele. À V. Francisca do Santíssimo Sacramento (*Vida* l. 3, c. 12) o Salvador se apresentou coberto de chagas e derramando sangue, e lhe disse "que os pecados dos cristãos O puseram assim; e que não devastava o mundo, pelas boas almas que tinha em sua Igreja, que mantinham suas mãos como que atadas para não o destruir".
"As orações de meus servos e amigos que, com a graça do Espírito Santo, que é minha Clemência, buscando minha glória e a salvação de seus próximos, pedem com inestimável caridade sua salvação, contêm-me, aplacam minha ira e atam as mãos de minha justiça, sob as quais devia sucumbir o pecador. Com suas lágrimas e rendidas súplicas contínuas, com que se esforçam para me desagravar, obrigam-me a me conter". Assim falava o Pai Eterno à Santa Catarina de Sena (*Diálogos* c. 143).

1352 "É indubitável, diz Santa Catarina de Gênova (*Diál.* 3, 11), que, se os homens soubessem apreciar o valor dessas intercessões, todo o apreço e agradecimento que pudessem mostrar a esses servos de Deus, parecer-lhes-ia pouco. Tributariam a eles um culto de honra, de louvor e invocação, que seria conseqüência das adorações que ao Senhor dirigem. Mas esses santos privilegiados, que encerram em si como um paraíso de paz e de benção (Eclo 40), permanecem quase sempre ignorados... Deus oculta a eles mesmos a virtude de que lhes encheu; e enquanto os quer embriagar de seu santo amor, não os poupa de nenhum tipo de contradições. Esmaga-os sem compaixão na prensa de sua justiça, para que não lhes sobre nenhum sinal das manchas do pecado". "Verdadeiramente, observa Tauler (*Inst.* 26), aqueles que tais se acham são os homens mais nobres: numa breve hora causam mais proveito à Igreja santa que todos os demais justos em muitos anos, porque nesse fundo da alma e Deus mesmo, uma só introversão é mais vantajosa e excelente que fora dele muitos e grandes exercícios e obras. Só nesse fundo e centro da alma se encontra a paz segura e a verdadeira vida deiforme" (cf. *ib.* c. 38). – Assim é como a vida *mística*, segundo escreve o Beato Bartolomeu dos Mártires (*Comp. Mysticae* c. 13), "purgat, illuminat, ac perficit animam, delectat, satiat, stabilem reddit, iuvat proximum, non unum aut alterum, sed *mysticum totius Ecclesiae corpus vivifico quodam nutrit influxu*, et capacissimo maternae benevolentiae sinu *omnia Ecclesiae membra*, suaque opera complectitur, ea Deo offerens et pro his supplicans ac postulams tanquam sequestra gratissima pro indigentiis inopum spiritualium sublevandis".

consolo de todos; uma angelical Rosa de Lima, ou Margarida Maria Alacoque, ou também podemos acrescentar a Ana Catarina Emmerich, cujas vidas são contínuos holocaustos pacíficos. Aquelas, embora tantos martírios tenham sofrido, inocentes, contudo viam de algum modo o fruto de seus trabalhos; essas apenas o começaram a ver ao final de sua vida. Outras o recolhem depois da morte: tal podemos piedosamente supor da Serva de Deus Irmã Bárbara de Santo Domingos que, cândida e inocente, passou uma vida de angústias e prolongados martírios, que lhe pareciam sempre pequenos com as ânsias que tinha de padecer pelo Amado. E padeceu horrivelmente no exterior e muito mais no interior, até o último suspiro exalado na florida idade de trinta anos. – "Não estais já satisfeita de tanto sofrer?", dizem a ela naquele momento. "Não! – responde – Mais! Ainda mais!". E assim expira.

Então toda Sevilha, como impulsionada por uma mola misteriosa, acode a venerar o cadáver da "monja santa", que em vida era ignorada por todos; e ao pé dele permanecem as multidões dia e noite uma semana inteira, sem permitir dar-lhe sepultura. – E aquele corpo tão mortificado parecia vivo: estava fresco, lindo e cheio de celestial fragrância, que se propagou a... muitas almas, que desde então se esmeraram para imitar tais virtudes. – Não há que esquecer que, quando maiores eram seus sofrimentos, celebrava-se longe dali, mas com grande fruto, o Concílio Vaticano I[1353].

"Que almas são essas – perguntam os racionalistas – que se desfazem em lágrimas diante de um crucifixo e ouvem impassíveis uma grande calamidade pública?" – Impassíveis... as que verdadeiramente vivem crucificadas com Cristo! As que diante do crucifixo choram e clamam pelo remédio de todos os males do mundo! As que, amando a Deus com todo seu coração,

1353 Quase outro tanto nos atrevemos a dizer da referida Serva de Deus Madre Maria da Rainha dos Apóstolos, falecida com a idade de vinte e cinco anos, depois de se oferecer como vítima expiatória das ofensas de Nosso Senhor e sofrer por esse motivo terríveis desolações e angústias internas, junto com rigores voluntários e martírios que assombram. – Embora com eles encontrava alívio e descanso para sua alma, e sem eles desfalecia. – Morreu sofrendo atrozmente pelos pecadores – como ela mesma confessou para mim – tendo anunciado quinze dias antes que o dia da Assunção (1905) o celebraria na glória. – Um menino de quatro anos viu como era levada ao céu.
Cf. Beata Ana Catarina Emmerich, *Vie de N. S.* introd., 11 e 12.

sentem como próprios todos os males do próximo e podem com o Apóstolo dizer: *Quis infirmatur et ego non infirmor?*[1354]... Quem busca e encontra remédio oportuno para todas as calamidades públicas e privadas, senão a santa Igreja, em cujo Corpo místico aquelas almas formam os órgãos mais sensíveis, mais vivos e delicados?[1355] Remediam-nas por acaso esses "livres pensadores inteligentes", com sua frieza, seu orgulho e refinado amor-próprio? – Sim, comentando-as como uma notícia sensacional e as agravando e fomentando; celebrando quem triunfa e censurando e escarnecendo o oprimido. Seu espírito de sacrifício, e mesmo sua gratidão em nada se conhecem. Choram acaso diante de um herói de teatro ou de romance; mas não se alteram diante da virtude perseguida, nem muito menos diante da sangrenta imagem d'Aquele que por nosso amor carregou com o peso de nossos pecados, e com suas chagas nos deu a vida, regenerou a humanidade e fez mudar a face da terra...

1354 "A alma transformada, adverte Santa Ângela de Foligno (c. 63), ama todas as criaturas como Deus as ama; pois em toda criatura só vê a Deus e só lê seu nome. Assim partilha das alegrias e das dores do próximo. As faltas dos homens não a envaidecem nem a inclinam ao desprezo; longe disso, ajudam-na a entrar em seu próprio abismo... Sente também os males que o próximo sofre em seu corpo, e se compadece como o Apóstolo".

"Ai, Senhor! – exclama Santa Catarina de Sena (*Vida* pról. 15). Como poderia eu descansar, enquanto uma só alma, criada à tua imagem, estiver exposta a perecer? Não valeria mais se todos os homens se salvassem e eu sozinha me condenasse, com a condição de seguir te amando?"

1355 "Como o amor ao próximo, traduzido em obras, observa Chauvin (*Qu'est-ce qu'un Saint* p. 34), é o melhor critério da perfeição, todos os santos foram em certa maneira grandes benfeitores da humanidade. Nenhuma necessidade física ou moral se ocultou do seu zelo: a proteção da infância, o ensino em todas as suas formas, a cultura intelectual e moral, a agricultura, a indústria, o cuidado com os enfermos, velhos, órfãos e oprimidos, a assistência aos pobres e operários, os montes de piedade e caixas populares; tudo isso previram e fundaram. A maior parte das instituições filantrópicas foram organizadas por santos; e agora não fazemos mais que continuar sua obra, e às vezes com menos amplitude e êxito".

CAPÍTULO II

PROCESSO DESSA EVOLUÇÃO

§ I. – AS CAUSAS DO PROGRESSO E AS DE RETROCESSO. – A PERFEIÇÃO INDIVIDUAL E AS FUNÇÕES COLETIVAS. – OS MEMBROS DANIFICADOS, CORROMPIDOS, PARALISADOS OU MAL ADAPTADOS. – A REAÇÃO VITAL RENOVADORA; AS DORES DA IGREJA E DE SEUS FIÉIS FILHOS.

O processo integral da evolução coletiva da Igreja é sumamente complexo, e depende dos múltiplos fatores que no livro seguinte buscamos explicar. Por agora, basta-nos saber que essa evolução resulta do aperfeiçoamento individual de cada um dos fiéis, de sua especialização e adaptação como elementos ou órgãos do Corpo místico de Cristo, e das funções coletivas que por todos eles são desempenhadas, ou seja, da reta administração dos sacramentos – que são como os canais por onde circula através de todo o organismo o Sangue vivificador do Salvador – e do bom emprego dos talentos divinos, e dos carismas e graças que se ordenam antes de tudo ao bem do conjunto. Essas funções da vida coletiva, sejam visíveis ou invisíveis, *ministeriais* ou *carismáticas* – suposta a *consumada perfeição dos santos nas obras de seu respectivo ministério* –, são o que mais diretamente influi na *edificação do Corpo de Cristo*; assim como por serem mal utilizadas, por falta da dita perfeição ou das necessárias disposições nos órgãos ou ministros, provêm graves transtornos ou uma *desedificação* muito geral.

A progressiva adaptação, diferenciação e especialização de todos os membros sob as compassadas moções do Espírito Santo, que por todos eles vai distribuindo suas graças, dons e carismas, produz a solidariedade e harmonia, aumentado cada vez mais o vigor e a beleza e solidificando tudo

com os doces vínculos de perfeição, que são a paz e a caridade. Quando estas reinam, há são crescimento, prosperidade, expansão e propagação, com uma frutificação copiosa: tudo contribui então para a *formação de muitos santos*, que são os legítimos frutos da Esposa do Cordeiro. Um só que produzisse em perfeita conformidade com o Modelo divino, bastaria para honrá-la e mesmo para justificar a obra da criação e da redenção[1356]. E em todos os séculos, apesar dos males que lamentamos, consegue enviar ao céu grande multidão deles, que são a alegria do mundo, a salvação da terra e a incomparável glória da verdadeira Igreja de Cristo[1357].

Como sementeira de santos e meios de reforma, produz ou germina de vez em quando, sob o influxo do divino Espírito, certas *organizações* que parecem *novidades* e que na realidade são simples expansões de alguma palavra de vida que brotou dos lábios do Salvador; e assim vêm como a encher um vazio no plano orgânico da própria Igreja, e a desempenhar uma *função nova*, ou de muito nova importância para o bem de todos. Os órgãos ou elementos que constituem cada uma dessas organizações, estão unidos entre si com os laços de uma solidariedade mais íntima e singular; e todos eles, sendo fiéis à sua vocação, participam de certa comunicação especialíssima do Espírito que suscitou e anima a sua corporação. Sendo assim, o objeto delas é contribuir de um modo novo e especial para a *edificação da Igreja*, sem o qual careceriam de razão de ser e se extinguiriam. Tais são as Congregações religiosas que, não por vontade humana, mas por disposição divina, vão aparecendo progressivamente conforme sejam necessárias. Essas são as flores da divina Sabedoria, de onde saem os frutos de honra e

---

1356 "Um santo só basta para iluminar um século. E se de tiver feito Deus do mundo tão admirável fábrica, com a multidão de homens que nele nasceram e nascerão, não se tirasse outro fruto mais que criar nele um só Santo, seria tudo muito bem empregado. E mesmo se da vida e morte de Jesus Cristo Nosso Senhor, não se ganhasse mais que um Santo, sendo obra digna de sua grandeza, morrer para fazer tal" (M. Fr. Hernando del Castillo, *Historia de Santo Domingo y de su Orden*, l. 2, c. 22).

1357 Já vimos como entre as atuais causas de canonização ou beatificação, que são 287, a metade delas pertencem a Servos de Deus que viveram no próprio século XIX.

honestidade (Eclo 24, 23). Daqui que a Igreja possa julgar infalivelmente na solene aprovação das Ordens religiosas – como na canonização dos santos; porque isso é julgar quais são as legítimas expansões da árvore de vida e as verdadeiras frutificações do sagrado *depósito* que ela deve custodiar e cultivar.

Mas mesmo assim, apesar de tais e tantos frutos de benção que está produzindo, essa Santa Mãe anda sempre triste e chorosa; e suas tristezas, lamentos, dores e amarguras lhe vêm não tanto das perseguições de fora quanto do mal-estar e desordem que de dentro lhe causam, por uma parte, tantos filhos infiéis, ingratos ou indignos, que vivem em tudo segundo a carne, ou se regem segundo a prudência mundana, com horror à cruz de Cristo e à prudência do Espírito; e por outra, tantos ministros e servidores preguiçosos e negligentes, que não se cuidam tampouco de se desprender do homem velho nem de expurgar os vãos ou venenosos elementos do mundo, para desempenhar dignamente suas respectivas funções. Assim uns e outros são a causa de milhares de enfermidades, transtornos, desequilíbrios orgânicos, mal-estares e tensões, que costumam ser a oculta ocasião das próprias perseguições que Deus envia, precisamente para purificar tudo, excitando as atividades mortas e provocando salutares e enérgicas reações[1358]. Os servos infiéis que não utilizam bem as graças recebidas, tendo ociosos os divinos talentos ou utilizando-os só como proveito próprio, segundo os olhares egoístas e terrenos, são como órgãos parasitários que consomem em vão a vital energia, causando assim em todos os órgãos vizinhos como um estado de anemia ou debilidade. Esses, quanto maiores dons tiverem recebido de Deus e mais benefícios sigam recebendo dos demais membros, tanto mais responsáveis se tornam dos males da Igreja, que por causa de sua preguiça não se puderam remediar; aparte dos que diretamente produzem debilitando ou contagiando com seu mal exemplo.

1358 "Quanto mais abunda a Igreja em tribulações e amarguras, tanto mais promete a divina Verdade – diz Santa Catarina de Sena (*Ep.* 93) – fazê-la abundar em doçuras e consolos. E esta será sua doçura: a reforma de santos e bons pastores. Mas não tem necessidade o fruto dessa Esposa de ser reformado, porque não diminui, nem cai, nem se destrói jamais por seus maus ministros".

E aqueles que, sem viverem ociosos nem observarem má conduta, por se deixarem levar por seu *espírito privado* não se subordinam o bastante nem buscam se adaptar bem ao respectivo ministério, esses, quanto mais ativos, tanto mais costumam perturbar e prejudicar. Por outra parte, todos os filhos infiéis e desleais que não fazem mais que resistir e contristar o Espírito de adoção, depois não se despojarem do homem velho com suas más tendências, logo se infeccionam com os vícios mentais e morais do mundo; e assim vêm a se debilitar e *enfermar gravemente* com esses pecados que se dizem *leves*, só porque por si mesmos não *matam*, mas que ainda assim são *enfermidades* que dispõem para a morte, ou obstáculos que impedem as vitais influências do divino Consolador. Daí que em breve chegam a perder a inestimável vida da graça, *morrendo* com o pecado mortal. E acumulando logo pecados e pecados, *corrompem-se* de modo que tudo *contagiam* e gangrenam.

A Igreja, como piedosa Mãe, procurando imitar seu Esposo – o Bom Pastor que vai em busca da ovelha perdida, e alegre a traz sobre seus ombros, embora por causa dela tenha tido que deixar as 99 no *deserto* (isto é, a muitas almas fiéis, no *desamparo*) – busca não afastar, antes atrair por todos os meios possíveis e estreitar contra seu seio todos esses filhos pródigos, esperando curá-los e revivificá-los... Só em casos estremos, quando vê que já não a ouvem nem a reconhecem – e assim perde toda esperança de reconduzi-los ao bom caminho – ou quando o prejuízo que causam é tal que produz graves contágios, é quando se vê forçada a retirar de seu seio esses filhos de perdição; e então, com a espada do *anátema*, com grande dor de suas entranhas, corta e retira de si esses membros podres.

Entretanto – oprimida com o peso dos inumeráveis que em seus braços leva enfermos, feridos, agonizantes ou mortos..., oprimida com o cuidado que todos esses e que os muitos *pequeninos* exigem, e estorvada pela paralisia ou distúrbio de todos os órgãos preguiçosos ou mal adaptados – avança lentamente, desfigurada sua divina beleza, com a face manchada, o corpo salpicado pelo lodo que seus inimigos lhe lançam, e o coração rasgado pela dor ao ver como, entre as burlas, escárnios e perseguições, dizem-lhe:

Onde está teu Esposo? – Mas ela, embora triste, mantém-se serena; pois, por *enegrecida* que se encontre, sempre é *linda* (Ct 1, 4); e com as contínuas lágrimas de seus filhos fiéis, com o próprio sangue dos que tem dentro de seu coração – todo cheio da caridade do Espírito Santo –, e enfim, com o que tantas vezes lhe fazem derramar torrencialmente seus perseguidores, lava suas machas e se purifica, ou se renova totalmente, vindo como a renascer – qual verdadeiro fênix – de suas próprias cinzas, para recomeçar seu caminho a passos de gigante ou se elevar num vôo glorioso. – Mas por muito que se erga nesse lugar de nossa peregrinação, sempre tem que levar como arrastando todos aqueles membros que, ao estarem vivos e saberem *andar*, não se resolvem a negar a si mesmos o bastante para se deixarem levar pelo sopro do divino Espírito e poder *voar* com suas místicas *asas*; e por muito que se alegre com suas prosperidades e triunfos, enquanto sua língua entoa hinos de júbilo e louvor, seus olhos se enchem de lágrimas pela perda de tantos filhos infelizes, como são todos os desertores e aqueles que com sua refinada malícia se tornam seus cruéis perseguidores. Seu coração se despedaça e "um desfalecimento se apodera dela toda, por causa dos pecadores que abandonam a lei do Senhor"[1359].

Ela sofre essas dores principalmente nos membros mais sãos, cheios de vida e sentido, que constituem como suas maternais entranhas ou estão dentro de seu próprio coração. Esses têm que padecer como vítimas expiatórias da malícia ou tibieza dos demais; sofrem incessantemente para que todos se curem e a Igreja se purifique[1360]; e perdem às vezes seu vigor para

1359 Cf. Bougaud, *L'Eglise* p. 262, 266; infra, l. 4, c. 2, § 5; c. 4, § 6. – "Veja, minha filha – dizia o Senhor a uma serva sua (Santa Catarina de Sena, *Ep.* 93) – como tem a Igreja sua face como manchada pela soberba e avareza daqueles que em seu peito se apascentam. – Mas toma tuas lágrimas e suores fazendo que saiam da fonte da caridade, e lava sua face; porque Eu te prometo que não lhe será devolvida sua beleza com a faca, nem com a crueldade nem com a guerra, mas com a paz e humildes orações, com suores e lágrimas de meus servos; pois eu cumprirei seus angustiosos desejos, e em nada lhes faltará minha providência" (cf. *Diálogos* c. 86).

1360 "Minha alma, diz Santa Ângela de Foligno (c. 70), foi mais favorecida por Deus quando pelos pecados dos outros chorava e sofria mais que pelos meus. O mundo riria se me ouvisse dizer

comunicá-lo aos outros, a fim de que todos melhorem, restabeleçam-se e se alegrem no Senhor[1361]. E, portanto, os que assim alimentam os demais com o pão das palavras santas e os confortam com o *perfume de Cristo*, são comparados a "um monte de trigo cercado de açucenas" (Ct 7, 2).

A perfeição da Igreja e seu verdadeiro progresso medem-se pelos frutos de vida, benção e santificação que produz; isto é, pelo número, grandeza e excelências singulares dos santos e das santas instituições que em seu seio encerra. Esses são os que, com sua superabundância de vida e energias divinas, mais se opõem ao mal e promovem o bem; e os que de um modo misterioso, oculto – como oculto e misterioso é tudo o que é mais fundamental na vida –, provocam essas grandes reações vitais em que não só se restabelece o equilíbrio e se recobra a saúde perdida, mas que se renova o vigor e aumentam seu bem-estar, sua energia, beleza e prosperidade.

Esses santos membros, órgãos ou organismos tão influentes na comum edificação, podem ter visivelmente um posto e um ofício qualquer; e quanto mais humilde, melhor; pois o que tão grandes e tão vigorosos os faz, é o estarem como mortos para o mundo e configurados com Cristo para viverem com Ele escondidos em Deus e agirem em tudo com a invisível e insuperável virtude do divino Espírito, que é o selo vivo de sua fortaleza.

Conforme forem sendo purificados, iluminados, corroborados, selados, transformados e especializados para a obra divina todos os principais membros e órgãos da santa Igreja, assim irá todo esse Corpo místico en-

---

que chorei mais os pecados alheios que os próprios, porque isso não é natural. Mas a caridade não é filha do mundo".

"Ó, eterno Deus! Recebei o sacrifício de minha vida nesse corpo místico da santa Igreja. Eu, Senhor, não tenho outra coisa que dar, senão o que Tu me destes; e assim tira meu coração e aperta-o sobre a face desta Esposa tua" (Santa Catarina de Sena, *Epist.* 105).

1361 "Se alguém quer saber até que ponto é agradável a Deus, poderá reconhecê-lo pelo gosto que encontra em comunicar aos outros seus bens, tanto espirituais como temporais, os que possui e os que deseja" (Santa Maria Madalena de Pazzi, 1ª p., c. 6).

raizando-se, fundando-se e edificando-se na caridade (Ef 1, 18; 3, 16-19; 4, 15-16); desenvolvendo-se são, robusto, lindo e radiante de graças, purgando-se mais e mais das manchas, imperfeições, fraquezas e enfermidades que enfeiam e inutilizam os membros frágeis ou mal adaptados; até que no fim, renovando-se completo, possa já ela se apresentar ao Esposo divino totalmente pura e imaculada, sem a menor mancha ou ruga, oferecendo em todo o conjunto e em cada um de seus membros a viva imagem do Homem perfeito, que é o próprio Verbo de Deus humanado (Ef 4, 12-13; 5, 26-27).

São Paulo, segundo vimos, ensina (I Cor 12-14), que o divino Espírito distribui mui diversamente seus dons aos fiéis, conforme a medida da doação de Cristo, para que todos eles se adaptem ao respectivo ministério, e, especializados, necessitem um do outro e se ajudem mutuamente, formando um organismo solidário, perfeito e harmônico, onde todos possam ser consumados na santidade, alcançando plenamente seus próprios destinos e contribuindo, segundo as leis vitais da divina graça, para a edificação do Corpo do Salvador.

E como essa edificação se faz sobretudo mediante a graça e a caridade, daí que o fim principal da Igreja seja a *santificação* de todos os seus membros.

Esse sagrado Corpo, como complemento e plenitude que é do próprio Jesus Cristo, deve progredir, com mais razão que Ele, em sabedoria e em graça, ao mesmo tempo que em idade; pois todo ele deve ir crescendo sempre *em tudo e por tudo*, segundo diz São Paulo; e muito particularmente *em graça* e *conhecimento* experimental do Filho de Deus, como manda São Pedro. Deve, pois, crescer em paz, solidariedade, caridade, harmonia e beleza divina; e, portanto, em *justiça* e *santidade*, conforme se purifica de todas as suas manchas, retifica e ordena os membros defeituosos, reanima ou restabelece os que estavam mortos ou enfermos, elimina ou substitui os danificados e regenera os amputados; de modo que, vindo a estarem já todos limpos, sãos, robustos e bem adaptados, em todos eles possa manifestar plenamente os tesouros de dons e graças do *Espírito de renovação e santificação que nela mora a animando, ensinando, governando e santificando.*

§ II. – CORRELAÇÃO E SOLIDARIEDADE. – OS MISTÉRIOS DA VIDA; A ADAPTAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO E DIVERSIFICAÇÃO; A PRÓPRIA LEI INTERNA. – A RESISTÊNCIA AO ESPÍRITO SANTO E A MÁ ADAPTAÇÃO; OS MÚTUOS SERVIÇOS, A ATIVIDADE EXTERIOR E A INTERIOR; OS ÓRGÃOS PARASITÁRIOS; INÉRCIA E COMPENSAÇÃO. – A SUBMISSÃO À IGREJA E O APREÇO DE SUAS PRÁTICAS; A BOA DIREÇÃO E A AUTONOMIA ESPIRITUAL. – O CRIME DE REBELDIA; OS FRUTOS DO SANGUE DO REDENTOR; A COMUNHÃO DOS SANTOS. – RESPONSABILIDADES DOS MINISTROS DE DEUS, E AMOR QUE TODOS DEVEMOS TER PELA IGREJA.

Dada a perfeita solidariedade orgânico-fisiológica de todo o Corpo místico da Igreja, veremos que nele, como num corpo humano, não têm porque se invejar, senão muito porque se ajudar e aliviar mutuamente, uns membros aos outros. Uns têm um posto nobre, outros o têm oculto e humilde; mas nenhum pode dizer ao companheiro que não lhe faz falta: o olho tem necessidade das mãos, e a cabeça dos pés. Se uns são principais, nenhum é desprezável, pois todos são úteis e necessários; e precisamente os mais necessários costumam ser os mais ocultos e aparentemente mais humildes[1362]. Aqueles que trabalham sempre em silêncio, e cujo fruto mal se nota, são os mais vivos e ativos que sempre estão influenciando no bem comum. Todos os grandes mistérios da vida se realizam em silêncio e obscuridade; o muito visível é consumo de trabalho e energia; é, como diz Claudio Bernard, "um fenômeno de morte", e não "uma síntese vital"; uma dissolução, e não uma verdadeira evolução. E "a vida consiste na evolução, na silenciosa criação ou constituição orgânica".

1362 "Os grandes, diz São Clemente (*Ep. I Cor.* c. 37-38), não podem nada sem os pequenos, nem estes sem os grandes. Todos os membros estão ligados para se ajudarem mutuamente. A cabeça nada é sem os pés, nem estes sem ela. Até os membros mais humildes são necessários ao organismo; e todos conspiram para seu bem e agem harmonicamente para mantê-lo são. – Desse modo, pela mútua dependência dos fiéis, conserva-se o Corpo místico de Cristo: cada um, segundo o *dom* que d'Ele recebeu, deve estar submetido ao seu próximo. O forte não despreze o fraco, mas o fraco respeite o forte...".

Preciso é que todos os membros se ajudem e se compadeçam mutuamente, e que se especializem para trabalhar cada um em proveito dos outros; porque, se um adoece, sentirão todos os demais; e se um prospera, isso redunda em proveito de todos; e quanto mais se especializem – deixando-se moldar pelo *selo* do Espírito Santo – melhor se servem e menos se estorvam, mais se necessitam e mais solidários se fazem. Não importa que um leve o trabalho e outro a glória; porque, "se todos quisessem ser olhos, não haveria ouvidos", nem olfato, nem paladar, nem tato, nem organização, nem vida, nem frutos de vida; e toda nossa glória está em ser membros de Cristo e formar juntos seu Corpo. Assim, "os membros devem ser muitos" e muito variados, para que esse Corpo místico forme um todo perfeito e harmônico; e nele "pôs Deus cada membro aonde quis", que é aonde mais convinha; "para que não haja entre eles dissidência, mas que todos conspirem para o bem comum, ajudando uns aos outros. De modo que, se um padece, os demais sofrem com ele; e se um é honrado, os demais se congratulam" (I Cor 12, 12-27)[1363].

Deste modo, aperfeiçoando-se, adaptando-se, diversificando-se e especializando-se mais e mais todos os membros, é como progride o Corpo místico da Igreja; e quando se manifestar a oculta glória dos filhos de Deus se verá que os mais gloriosos são os que, com seus sofrimentos, trabalhos e privações, mais contribuíram para esse comum progresso, embora muitos deles só pensassem em melhorarem a si mesmos, cumprindo em tudo o dever de sua própria missão.

Que cada um procure ser perfeito em sua ordem e no fiel desempenho de todas as suas funções, e com isso chegará ao grau e forma de santidade

---

1363 Os diversos membros de um corpo não só influenciam uns aos outros, mas têm natural tendência a se ajudarem para conservar a unidade e harmonia; assim vemos que as mãos espontaneamente vão proteger a cabeça e aliviar os demais membros. Do mesmo modo devem fazer os da Igreja (Gal 6, 2; Eclo 17, 12), e o fazem quando estão cheios do Espírito de Jesus Cristo: se um sofre, os outros buscam aliviá-lo e sofrem com ele, compadecendo-se dos males do próximo (Jó 30, 25). Pois, quando um membro está muito enfermo, todo o organismo se debilita e as forças vitais se concentram para curar o ponto lesionado.

a que está destinado e contribuirá no que é possível à santificação comum. O verdadeiro progresso individual sempre influi muito eficazmente no coletivo; e é uma vã quimera tentar alguém grandes reformas sociais, que dele não dependem, enquanto descuida do que está na sua mão, que é a própria reforma; com a qual, primeiramente, teria impedido não poucos males e dado alguns bons exemplos. Que se reformem e se aperfeiçoem muitos membros de uma sociedade; e bem logo esta começará a sentir o benefício dessa reforma. Quando uma alma aspira verdadeiramente à perfeição cristã, sempre arrasta com seu bom exemplo e leva atrás de si outras muitas; e tantas mais, quanto mais eficazes forem esses exemplos, quanto maior for a configuração dessa alma com os padecimentos do Salvador[1364]. E melhorando com isso toda a Igreja, esse progresso coletivo redundará por sua vez no de todos os seus membros, e muito particularmente no de quem o provocou.

Deixem-se, pois, todos levar pela ação e inspiração de Deus, que em cada momento lhes determina o que então devem fazer ou padecer para irem se reformando e configurando à imagem do *Homem novo*, e realizar assim plenamente os adoráveis desígnios da Providência. Deixem-se penetrar pela unção do Espírito Santo, que os amolecerá, suavizará e fortalecerá, fazendo-os dóceis à voz da verdade e firmes em praticá-la. Ponham-se nas mãos de Deus, dizendo-Lhe a todo momento com São Paulo: *Senhor, que quereis que faça?* Ou com o Salmista: *Ensinai-me a fazer vossa vontade*. E tendo assim *preparado o coração* para entoar com todas as obras e pensamentos um perpétuo *hino de louvor* (Sl 56, 8; 107, 2), logo o Soberano Artista – "o Espírito do Senhor que enche a face da terra, e, contendo todas as coisas, tem a ciência da voz" (Sab 1, 7) – começará a ferir todas as suas fibras com divina delicadeza, arrancando delas, como da mais afinada lira, umas melodias tão inspiradas, tão originais e tão celestiais, que não são próprias desse mundo.

1364 "Se aquele que começa a se esforçar com o favor de Deus para chegar ao cume da perfeição, diz Santa Teresa (*Vida* c. 11), creio que jamais vai sozinho para o céu; sempre leva muita gente atrás de si; como bom capitão lhe dá Deus quem vai em sua companhia".

Em cada coração suscita Ele um *cântico novo*; e todos unidos, deixando-se afinar e pulsar por quem assim o maneja, produzirão sem dissonâncias, como "coros dos exércitos celestes" (Ct 7, 1), o maravilho concerto da glória de Deus. Cada qual tem que ir dando sua própria nota no momento em que é ferido pelo *Dedo* divino; se resiste, produzirá uma dissonância. Não se relaciona com o caso o que Deus quer e dispõe aos demais, pois não é ele quem deve dirigir o concerto; basta-lhe saber o que se pede a ele e estar atento para não o recusar.

Assim é como o eterno Mestre da verdade está nos fazendo ouvir em cada momento a voz que nos há de libertar da escravidão do erro e do pecado, de tal modo que, ouvindo-a, não andemos nas trevas, mas tenhamos a *luz vital*. E "assim vê e julga o eterno Juiz a profunda raiz, doce ou amarga, da intenção de que procedem nossas obras que por fora parecem belas"[1365] e por dentro podem estar muito viciadas pelo amor-próprio e pelos olhares terrenos. Assim fala a eterna Verdade a cada um e em cada momento a única palavra que necessita e lhe convém, que é a *palavra de Vida*; e todos devem estar atentos para ouvir a sua, se querem ser discípulos da Verdade, ensinados pelo próprio Deus: *Docibiles Dei* (Jo 6, 45. 64. 69; 8, 12. 31-36. 47; 10, 26-27). E assim, enfim, é como nosso Senhor grava sua doce lei em nossos corações (Heb 10, 16) com os caracteres de amor, que são os toques de seu Espírito; e todos estamos obrigados a ver o que em cada caso nos é *pedido* ou *exigido*, para não seguir nosso capricho, mas *nossa lei interna*. Não basta que uma coisa seja em geral de *conselho* e que não se imponha aos demais, para que possamos nos eximir dela; se a voz interior a *impõe* a nós num momento dado, estaremos *obrigados* a cumpri-la, sob pena de resistir à vontade de Deus e nos fazer indignos de entrar em seu descanso, por ter assim o coração *endurecido*. Outros não têm esse *dever*, porque a vontade de Deus não lhes impõe, ou porque acaso lhes impõe todo o contrário; pois não hão de dar a mesma nota todas as cordas de uma lira; e a nós não nos importa saber o que Deus exige dos demais, mas só estar prontos

1365 Santo Agostinho, *Solilóquios* c. 14, n. 4.

para executar o que de nós dispõe: *Sic eum volo manere...; quid ad te? Tu me sequere* (Jo 21, 22). Assim é como, seguindo cada qual sua *vocação*, ou seja, a divina moção e inspiração, chegaremos a ser dignos membros de Jesus Cristo, mantendo-nos no posto que nos está designado e desempenhando fielmente a respectiva *missão*[1366].

Deste modo, procederam e procederão sempre os verdadeiros santos; sem se copiarem uns aos outros, e oferecendo cada qual seu aspecto original e singularíssimo, chegaram todos a ser dignos filhos de Deus; porque souberam se deixar fazer, levar, mover, dirigir e animar em tudo por seu Espírito: *Espiritu Dei aguntur*. Eis aqui o grande segredo da santidade: negar-se a si mesmo para fazer em tudo e por tudo a vontade divina, tal como a cada um e em cada caso lhe for manifestado[1367]. E assim é como todos eles vêm a ser e a se sentir tão solidários, porque realmente uns a outros se completam e se exigem; e juntos formam um maravilhoso todo

---

1366 Assim explica que possa ser em alguns notável *falta* o que em outros não passa de *imperfeição*, se é que chega a ser. – O que na criança ou no adolescente *está bem* – ou no máximo constitui "imperfeições *próprias da idade*", que com ela desaparecem – seria no adulto muito repreensível *falta*. O mesmo acontece nas distintas idades e condições da vida espiritual.

1367 "A ação divina, diz o Pe. De Caussade (*Aband*. l. 2, c. 12), vai nos modelando à imagem do Verbo, segundo o que convém a cada alma. A Escritura contém algo do que devemos fazer, e a operação do Espírito Santo no interior das almas completa o restante... A sabedoria de uma alma simples consiste em se contentar com o que lhe é próprio, em seguir fielmente seu caminho, sem sair dele. Não tem a curiosidade de saber os outros modos com que Deus age... Escuta a palavra do Verbo quando se deixa ouvir no fundo de seu coração; não pergunta ao Esposo o que diz às demais; e, contentando-se com o que se refere a ela, tudo, sem advertir como, vai a divinizando por momentos. O Esposo lhe fala com a linguagem real de sua ação, que ela aceita com amor, em vez de investigá-la com curiosidade... Devemos nos ater ao que Deus nos manda sofrer e fazer; aqui está a substância da perfeição. Mas nos acostumamos a nos ocupar mais em considerar as maravilhas históricas da obra de Deus, que em buscar aumentá-las com nossa fidelidade... Perdão, meu Amor! O que escrevo são meus próprios defeitos; porque ainda não sei o que é vos deixar agir... Recorri todas as vossas oficinas e admirei de todas as vossas imagens; mas ainda não me abandonei às vossas divinas mãos para receber os traços de vosso pincel... No fim aqui me tendes... Quero me ocupar no único negócio que me incumbe em cada instante, para vos amar, cumprir meus deveres e vos deixar agir em mim".

harmônico, que é o Corpo já quase transfigurado da Esposa de Cristo[1368]. E daí que os muitos cristãos que não se entregam verdadeiramente a Deus, e, portanto, resistem à voz e às moções do Espírito Santo, sejam sempre um gravíssimo peso para os demais e para toda a Igreja; que, à semelhança da mulher apocalíptica – que *clamabat parturiens, et cruciabatur ut pariat* (Ap 12, 2) – está sempre sofrendo as dores desse parto em que de novo busca que renasçam para Deus os inumeráveis filhos que, por resistirem sempre ao Espírito vivificador, não acabam nunca de se formarem espiritualmente, e permanecem sempre raquíticos ou monstruosos, por não deixarem que neles se forme *Jesus Cristo* (Gal 4, 19).

O membro mal adaptado que, carente de espírito de caridade e de abnegação, não se amolda aos outros para contribuir com eles para o bem comum, em tudo tropeça: trabalha e sofre com escasso fruto, fazendo sofrer muitos os demais; e, não os ajudando como deve, não cessa de estorvá-los. Por isso, quando tão mal adaptado está que não vale para seu destino, tem que ser substituído por outros; e, se está sadio, poderá às vezes, *reduzindo-se*, ser utilizado para um destino *inferior*; ou, se não, terá que ser eliminado ou amputado para que não prejudique nem estorve.

Ao contrário, entre os bem adaptados, uns sofrem pouco e agem muito com a ajuda que dos demais recebem; enquanto outros, perfeitíssimos em seu gênero, sofrem e trabalham continuamente, sem que neles se veja o fruto; porque sua missão é padecer e agir pelos demais: são bons órgãos protetores, boas "defesas orgânicas", tão necessárias como obscuras. – Uns presidem e ordenam com glória, outros se subordinam e obedecem com docilidade e proveito. Uns estão ocultos no cérebro ou no coração, velando pelo bem

1368 "Na vida da Igreja, observa Joly (*Psychol. des saints* c. 2, p. 54), vêem-se linhagens de santos que personificam, uns a ação afetuosa e terna, e outros a ação enérgica e o vigoroso espírito de propaganda. Acaso não contrapomos São Francisco de Assis a São Domingos, São Boaventura a Santo Tomás, São Vicente de Paulo a Santo Inácio, como contrapomos Bossuet a Fenelón? A diferença está que, nos santos, a diversidade não se traduz em lutas e controvérsias, mas mais bem na necessidade que sentem de contar uns com os outros e de se apoiarem mutuamente. Se Bossuet e Fenelón, ademais de serem grandes gênios, tivessem sido verdadeiros santos, em vez de escreverem um contra o outro, teriam sentido a necessidade imperiosa de se juntarem e tomarem cada um do outro o que lhe faltava".

comum e desempenhando invisivelmente uma prodigiosa atividade vital; e outros, sob seu impulso, agitam-se e até se consomem em trabalhos exteriores. Mas todos esses ofícios e ministérios são necessários; e cada órgão tem seu mérito proporcional aos seus serviços. Aquele que não serve para nada – para nada diante dos olhos divinos, pois os humanos costumam julgar isso muito ao contrário – esse, como *servo infiel*, será lançado nas trevas exteriores, e como devedor dos benefícios de seus companheiros e sem entranhas de misericórdia para se compadecer deles e os corresponder, terá que pagar em sua obscura prisão até o último centavo (Mt 18, 32-34; 25, 24-30).

Cada órgão deve se sacrificar por sua própria função, e viver só por ela, posto que nela tem sua razão de ser; e só para que, desempenhando-a fielmente, contribua para o bem do conjunto, recebe tanta variedade de serviços de todos os demais membros. E se isso já se passa em certo modo com os simples fiéis ordinários, muito mais com os que expressamente estão consagrados, de qualquer modo que seja, ao divino serviço, e para isso recebem especiais *benefícios* ou *esmolas*. Mas se em vez de se identificarem com seu *ofício*, para não pensar senão em realizar bem o ministério que na casa de Deus têm, pensam em si mesmos e se tomam por *fins*, ao invés de meios, apropriando-se para seu crescimento pessoal e humano dos *serviços* que recebem, então quantos mais benefícios acumulem, tanto mais se degradam, tanto mais inábeis se fazem para os respectivos *ofícios*. *Hipertrofiam-se* como órgãos humanos e se *atrofiam* como divinos, convertendo o espírito em carne e trocando a graça de Deus *in luxuriam*. Quanto mais importante e central for o órgão ou organismo parcial que acumula *benefícios* com prejuízo dos *ofícios*, tanto mais se perverte e tanto maior é o desequilíbrio, o transtorno e a debilidade que no Corpo místico produz[1369].

1369 Tal vemos que acontece em muitas sociedades humanas corroídas pelo câncer funesto da *burocracia*, onde aqueles que deviam ser simples *meios* se erguem como *fins*; acumula-se uma enorme variedade de *empregos* inúteis e se consumem grandes somas, não em proveito do bem comum, mas tão somente para manter e aumentar o prestígio de certos órgãos, antes acaso notáveis, mas hoje sem

Pelo contrário, o órgão identificado com sua função, que só com ela e por ela cresce, está transbordando de energia; possuído pela vida do conjunto, funciona de uma maneira espontânea e como automática; porque essa é sua razão de ser, o estar pendente de sua função. E assim não tem tempo para refletir, dobrando-se ou reinvestindo-se sobre si mesmo: não pensa em si, não conhece seus próprios méritos e só está absorto no fiel desempenho de sua missão, na qual está toda sua glória. Assim acontece nos organismos naturais com os órgãos centrais, reguladores: funcionam *automaticamente*, para atenderem só o seu objeto, esquecidos de si mesmos. Assim vem a acontecer de certo modo nos sociais, à medida que se assemelham aos naturais. E assim deveria acontecer sempre no místico organismo da Igreja, como verdadeiramente real e *fisiológico* que é, à diferença desses últimos. Nos sociais, como puramente *psicológicos*, a excessiva especialização pode fazer um indivíduo inábil para outras funções indispensáveis na realização de seu próprio fim, do qual nunca pode abdicar, posto que só se associa para alcançá-lo melhor, e não para impedi-lo. Mas na Igreja, onde a singularidade iguala e supera mesmo aquela dos organismos naturais, tanto melhor alcança cada membro seu próprio fim – realizando toda sua perfeição individual – quanto mais solidário for do conjunto orgânico, quanto mais intimamente e melhor viva da vida total e, pelo mesmo motivo, quanto mais identificado estiver com a ordem da própria função, que é o que lhe faz ser solidário de todos os outros membros. Precisamente os maiores males que a Igreja pôde padecer provêm de que certos órgãos muito importantes pensem demasiado em si mesmos, em seu engrandecimento *humano*, esquecendo-se com isso dos sacrifícios que para honra de Deus e bem da Cristandade lhes impõe seu ministério; em acumular benefícios e esquecer o reto desempenho dos ofícios; em se degradarem, em suma, como órgãos ou como membros da Igreja, para figurarem como *homens grandes* conforme o século. Com o qual, com respeito a ela, convertem-se *em parasitas* ou em *falsos pastores*,

---

função. – Quanto mais esplendor ofereçam em vão esses órgãos e quanto mais importantes tenham podido ser, tanto mais perniciosos resultam como *parasitários*.

que, em vez de darem a vida por suas ovelhas, exploram-nas para lucrar e engordar a si mesmos, sem nenhum proveito do rebanho do Senhor. A esses tais Ele ameaçava terrivelmente pelo profeta Ezequiel (34, 2-10), dizendo-lhes: *Ai dos pastores de Israel!...* Não apascentais meu rebanho... *e vos alimentais com seu leite e vos cobris com sua lã...* Já vos pedirei estreita conta de meu rebanho!

Mas a inércia desses órgãos degradados pela *hipertrofia humana* a compensam outros, totalmente cheios do espírito de caridade e de sacrifício, suprindo com suas virtudes e graças superabundantes muito do que falta em seus próximos. Deste modo se restabelece o equilíbrio orgânico quando tiver chegado a se perturbar, e, enquanto isso, mantém-se todo o organismo em santa harmonia.

Os que tanto acusam a Igreja de "paralisar a piedade com as práticas exteriores e com os intermeios humanos", e pensam que isso "impede a adoração *em espírito e em verdade* e o trato direto da alma com Deus", ignoram não somente essa admirável economia da organização do Corpo místico de Jesus Cristo, tão ponderada pelo Apóstolo[1370], mas as próprias exigências da condição humana. Deus age imediatamente em todos fiéis, como a alma em todo o corpo; mas com a condição de que os membros estejam unidos e se subordinem aos seus órgãos diretores e se exercitem cada qual em seu ministério, em obras proporcionais à respectiva condição.

Prescindir das práticas exteriores que mantêm nossa atividade, suscitam o fervor e estreitam visivelmente as relações existentes entre os fiéis é apagar o fogo do espírito e afrouxar ou romper os laços da paz e da caridade; porque o homem, normalmente, não pode agir sem o corpo, e em todas as suas operações mentais necessita se valer da ajuda dos sentidos. Assim, como dizia Pascal, "aquele que quer se fazer de anjo vem a se fazer de animal". Que protestante, com todas as suas pretensões de espiritualismo puro, chegou à

1370 Cf. Faber, *Todo por Jesús* c. 4, sec. 3.

liberdade de espírito e à altíssima contemplação de nossos místicos, que tão afeiçoados eram às práticas da Igreja e tão submissos à sua autoridade? [1371]

Os verdadeiros santos viveram intimamente unidos e subordinados à Igreja, porque sabiam muito bem que nela encontravam a vida, e que só nela está o Espírito Santo com todas as suas graças[1372].

Manifestava-me Deus em sua luz inacessível, dizia Santa Catarina de Sena ao Beato Raimundo[1373], "a necessidade da santa Igreja, e como ninguém pode chegar a desfrutar a beleza divina no abismo da Trindade

---

1371 Os grandes contemplativos costumam seguir fielmente o curso do *ano litúrgico*, possuídos pela contemplação daqueles mistérios que vai celebrando a Igreja; e, no entanto, neles reconhecem já os próprios protestantes a mais fiel expressão do espírito cristão. E é porque, com nota Fonsegrive (*Le Catholicisme* p. 45), os ritos, as fórmulas e os sacramentos têm por objeto aumentar a vida religiosa. E os místicos, chegando aos mais altos graus da contemplação, estão unidos à vida da Igreja, que seus sacramentos e todo seu formulário exterior não fazem mais que introduzir e reavivar sua chama interior. Gozam de suprema liberdade e da autonomia mais admirável, porque sua comunicação com Jesus Cristo e com a Igreja é tão completa e plena, que sua vontade é a da própria Igreja; vêem a Filho no Pai, e em sua união imediata com o Pai celestial sentem a razão de estarem unidos com a Igreja. Assim é fácil ver nos grandes místicos quão ampla é sua liberdade no meio de sua perfeita docilidade". "Não vos fieis dos que pretendem ter o espírito de liberdade, dizia Santa Ângela de Foligno (c. 62), sendo sua vida a contradição viva do Cristianismo. Jesus Cristo, ao ser fundador da lei, submeteu-se a ela, e sendo livre se fez servo; seus discípulos não devem buscar a liberdade na licenciosidade que quebra a lei divina".

"Qui se substrahere nititur ab obedientia, ipse se substrahit a gratia: et qui quaerit habere privata, amittit communia" (Kempis, I. 3, c. 13).

1372 "Vivificada a Igreja pelo Espírito Santo, diz Santo Ireneu (*Adv. Haer.* 3, 24), tem a missão de vivificar por sua vez todos os seus membros. Por ela, estabelece-se a contínua comunicação entre Jesus Cristo e os homens. Ela possui o Espírito Santo, penhor de imortalidade e de salvação; e ela fortifica nossa fé e nos guia e ajuda em nossa ascensão a Deus.

Deus, como diz São Paulo, estabeleceu em sua Igreja em primeiro lugar os apóstolos, em segundo os profetas, em terceiro os doutores e demais órgãos da operação do Espírito Santo, de que necessariamente estão excluídos os que se separam da Igreja, e com sua conduta pronunciam sua própria condenação. Porque onde está a Igreja, ali está o Espírito de Deus, e onde o Espírito de Deus, ali está a Igreja e o manancial de todas as graças... Os que não têm parte nesse Espírito, não são admitidos a beber do leite de vida nos peitos dessa mãe comum, nem provar as águas da fonte inefável da imortalidade". "De Spiritu Christi, acrescenta Santo Agostinho (*In Ioan.* 24, 13), non vivit nisi Corpus Christi... Qui vult vivere, habet ubi vivat, habet unde vivat. Accedat, credat, incorporetur ut vivificetur" (cf. *Epist.* 185).

1373 *Ep.* 105.

senão por meio desta doce Esposa. Porque todos devemos entrar pela porta de Cristo crucificado, e essa porta não se encontra em outro lugar senão na santa Igreja. Via eu que essa Esposa dava vida, porque tem em si tanta, que ninguém há que a possa matar. E via que ela dava fortaleza e luz, e que ninguém há que a possa enfraquecer nem escurecer em si mesma. E via, enfim, que seus frutos nunca faltam, antes sempre crescem". "Os santos, observa o Pe. Weiss[1374], foram sempre os mais fiéis filhos da Igreja, os mais zelosos guardiões de seus direitos e os que observaram seus menores preceitos do modo mais escrupuloso... Quanto mais unido está alguém com a Igreja, tanto mais seguro está da união com seu Fundador e Senhor, autor de todas as graças e modelo e fim de toda santidade. A virtude sobrenatural e a certeza da salvação diminuem no mesmo grau em que alguém se afasta da Igreja. Quanto mais estreitamente ligado está alguém com o Corpo místico de Jesus Cristo, mais adere a essa divina 'cabeça, da qual todo o corpo recebe a influência por suas junturas e articulações para crescer conforme Deus' (Col 2, 19)".

Por outra parte, nem todos os membros estão dentro do cérebro, nem todas as almas pode subir desde logo, nem ao seu arbítrio, às alturas da contemplação. E mesmo as poucas que de fato sobem, quando lhes faltam as luzes que lhes permitem agir como anjos, têm que descer para trabalhar como homens, valendo-se dos recursos que estão ao seu alcance, sob pena de não fazerem nada e se entorpecerem, deixando que se extinga o espírito.

A subordinação cristã não coage, mas dirige, estimula e fomenta: faz que cada órgão ajude e não impeça os outros, e que todos prossigam se especializando e se aperfeiçoando segundo seu respectivo destino. Enquanto assim procedem, a boa direção se contenta em observar e deixar que continue o progresso, velando só para o estimular quando for preciso, ou o canalizar se se desorienta[1375]. O bom diretor espiritual está atento para não coagir os legítimos

---

1374 *Apol.* 10, conf. 13.

1375 "Nesse estado (*Varón de deseos* 3ª p., sent. 3), a alma terá tão bom Mestre, que, com se deixar governar por seus santos impulsos e divinas inspirações, sobra-lhe tudo o que possamos lhe advertir".

impulsos com que se sentem animadas as almas, uma vez provadas para se convencerem de que se movem pelo Espírito Santo, cuja obra ele impediria, no que é de sua parte, se andasse com novas práticas inúteis, *provando-as* e *resistido*[1376]. Vendo-as assim animadas e em bom caminho, contentar-se-á com alentá-las, sem se intrometer em nada que as possa perturbar. Pelo mesmo motivo que sabe que não vão todas pelo mesmo caminho, a cada qual, enquanto vai bem, deve deixar seguir o próprio, não pondo para elas demasiadas travas e regras, embora estas fossem muito úteis aos principiantes. De outro modo, expor-se-ia a levá-las a reboque contra o vento do Espírito e impedi-las de progredir em vez de ajudá-las. Assim, intrometendo-se na obra do Espírito Santo, obrigá-la-ão a se queixar dizendo: *Destruíram minha vinha!...* (Is 3, 14; Jer 12, 10). Por isso, Santo Inácio, com tanta prudência, aconselha "deixar a alma com Deus", e em tudo, como observa o Pe. Lallemant[1377], "atendia mais à lei interior que o Espírito Santo escreve nos corações que às constituições e regras externas". Os que buscam submeter todas as almas, por adiantadas que estejam, a idênticos procedimentos, são péssimos diretores: ignoram a especialização[1378]. As almas, já especializadas, têm, sob uma direção ou vigilância prudente, admiráveis iniciativas, em que "não se deve contristar o Espírito" e onde "o espiritual julga tudo retamente e não tem porque ser julgado" (I Cor 2, 15). Só quando advertem uma desordem, é quando os centros superiores têm

---

1376 Com razão dizia já a *Didaché* (*Doctrina Apostolorum*): Não proveis o profeta já bem provado, mas ouvi-o com respeito e recebei-o como ao Senhor uma vez que imita suas obras.

1377 *Doctr.* pr. 2, c. 6, a. 5.

1378 "Não condenamos, diz muito bem o Pe. Surin (*Catéch.* p. 2ª, c. 2), os preceitos e métodos, que são muito úteis para formar as almas e acostumá-las aos santos exercícios. Mas não devem ser empregados com violência nem se apegar a eles quando o Espírito Santo com sua graça as mova a proceder mais livremente. Assim acontece quando as chama a um doce repouso, que é o verdadeiro fruto do espírito de piedade, e faz que cesse a ação própria para deixar que aja Deus. Então é preciso que a alma aceite essa liberdade que o divino Espírito lhe concede e entre nessa sua familiaridade, tão recomendada pelos santos... Isso lhes fará doce e agradável o trato com Deus..., e fácil o adiantar mais. – Assim em pouco tempo virão a adquirir o *dom de oração*; porque esse proceder as torna dóceis às moções e inspirações do Espírito Santo, o qual, não encontrando nada determinado mais que uma grande vontade de agradar a Deus e tratar com Ele, sopra onde quer e move conforme é do seu agrado".

o dever de moderar ou inibir os inferiores, assim como devem lhes estimular e impulsionar quando neles notem frouxidão ou entorpecimento.

Mas as almas espirituais mostram estarem animadas pelo verdadeiro Espírito ao ouvirem e obedecerem aos legítimos representantes de Deus: *Qui novit Deum, audit nos* (I Jo 4, 6). Embora estes às vezes por descuido possam se equivocar, tudo contribuirá no fim para maior proveito de quem de boa-fé os segue; porque o obediente sempre está cantando vitórias (Prov 21, 28), e a submissão da própria vontade é o melhor dos sacrifícios, ao passo que a desobediência vem a ser como um crime de idolatria (I Sm 15, 22-23), posto que prefere o próprio querer ao divino, e com a insubordinação tende a rasgar o Corpo místico do Salvador, e derrama, inutiliza ou despreza seu Sangue; o qual nos é comunicado pelos órgãos sacramentais à condição de estarmos em perfeita união com esse Corpo, de cuja Cabeça invisível recebem toda a autoridade e poder com que nos mandam os nossos superiores hierárquicos. Quem não lhes está bem subordinado e aderido – e, sobretudo, quem não respeita sequer o Sumo Pontífice –, ao próprio Jesus Cristo despreza e resiste positivamente (Lc 10, 16; I Pd 4, 10-11; I Cor 4, 1; II Cor 3, 6; 5, 20; 13, 3)[1379].

Por isso os grandes servos de Deus, cheios do Espírito de sabedoria e de sentido cristão, sabem sentir os males da Igreja, como os da mais terna e santa das mães; ou os de todos os seus próximos, como se fossem próprios, como de membros de um mesmo corpo, em que todos têm que tomar parte.

1379 "Se tu és contra a Igreja – dizia Santa Catarina de Sena (*Carta* 210, a um florentino), como poderás participar do Sangue do Filho de Deus? Pois a Igreja não é outra coisa senão *o próprio Cristo*. Ele é quem nos dá e administra os sacramentos, que nos vivificam pela vida que receberam do Sangue de Cristo; pois, antes que este nos fosse dado, nem a virtude nem nenhuma outra coisa era suficiente para nos dar vida duradoura. Como seremos, pois, tão rebeldes que desprezemos aquele Sangue? E se disséssemos: 'Eu não desprezo o Sangue', digo que não é verdade; porque quem despreza esse Vigário (o Papa), despreza o Sangue, e quem age contra um age contra o outro, porque um está unido e incorporado com o outro. Como poderás tu dizer que, se ofendes a um corpo, não ofendes o sangue que está nele? Não sabes que a Igreja – de quem ele é a cabeça visível – é um corpo místico que tem em si o Sangue de Cristo?". – Ao contrário, se vos reconciliais com o Papa – acrescenta – "tereis feito de vós um enxerto, plantando-vos e vos inserindo na árvore da vida".

E em coisa alguma sofrem tanto como nessas insubordinações que causam como uma deslocação e desagregação dos membros de Jesus Cristo[1380]. As mais terríveis penas e os mais terríveis desamparos que padecem lhes vêm de se configurarem com Ele na série dos mistérios de sua sacratíssima Paixão[1381]. Já no Horto chegou nosso amoroso Redentor até a suar sangue, vendo como o haveriam de desprezar e derramar, com suas dissensões e rebeldias, tantos filhos ingratos, e como haveriam de profanar o Sacramento de seu amor, que é como o centro de união das almas e o coração de sua santa Igreja[1382]. Ao contrário, ali mesmo foi confortado pelo anjo conforme Lhe mostrava os copiosos frutos de benção que esse preciosíssimo Sangue haveria de produzir em todos aqueles que com amor o recebem; e Lhe fazia ver como sairiam de suas chagas, qual de outras tantas fontes de vida, mananciais de graças com que se encheriam para sempre de vigor e fortaleza e mereceriam a eterna coroa tantos milhares e milhões de mártires e confessores, virgens e piedosas viúvas, e com que se refrigerariam e abreviariam sua purificação as almas do purgatório[1383].

As três Igrejas, militante, padecente e triunfante, formam o Corpo total de Cristo; e recebendo, na forma que a esses diversos estados convém, os

---

1380 "Os santos, observa o Pe. Weiss (*Apol.* 9, conf. 3, ap. 1), sentiam a graça de uma maneira tão viva, que sua alma lhes parecia transfigurada. Todos os seus membros estremeciam de emoção interior na presença de Deus (S. Gertrudes, *Legat. div. piet.* 3, 12), e sentiam em si as pulsações do Coração de seu Salvador (S. Matilde, *Liber sp. gratiae* 1, 5; 2, 20). Estavam de tal modo unidos a Jesus Cristo, que o pecado, o grande destruidor dessa união, parecia-lhes um ato que arrancava um membro ao Salvador (S. Camila Batista de Varano, *De mental. dolor. Christi* 1, 4). Qualquer injustiça ou violência cometida contra um fiel era aos seus olhos um crime cometido contra o próprio Jesus Cristo".

1381 "Aquela soberana luz que revelou para mim, diz o B. Hoyos (*Vida* p. 297), o que padeceu o Coração sagrado, foi tão contínua em mim, como imponderável a dor que em meu coração produzia... Minha alma estava inundada por um mar de penas e submersa num abismo de amargura tal que muitas vezes teria me tirado a vida, se o Senhor não tivesse me fortalecido. Mas *tudo era paz naquela amargura tão amarga* (Is 38, 17); porque jamais tive maior consolo que experimentando até a última gota desse cálice, que para mim era a maior doçura. Ao mesmo tempo que se estremecia a natureza, oprimida por um ápice imenso de dores, angústias e tristezas mortais, não queria por todo o mundo apartar os lábios desse cálice de amargura".

1382 Cf. B. Ana Catarina Emmerich, *Dolorosa pasión*, 1, pp. 114-118.

1383 *Ib.*

influxos de sua divina Cabeça e a vivificação de seu Espírito, resultam totalmente solidárias – com essa solidariedade superior que se chama *comunhão dos santos* – e assim participam todas elas dos mesmos bens[1384]. O que aqui e agora fazemos ou sofremos cristãmente, aproveita para todos os filhos de Deus aonde quer que estejam; nossas boas obras, orações e privações, por mínimas que sejam, ajudam os nossos próximos, alegram os moradores do céu e aliviam as benditas almas[1385]; e as orações destas, e sobretudo das já triunfantes, socorrem por sua vez a nós que estamos em perigo em nossa peregrinação[1386]. E, enfim, os méritos de todos os justos se acumulam com os próprios de Jesus Cristo – com cuja virtude foram ganhos –, e servem juntamente para nosso proveito. Por isso, o Romano Pontífice, como supremo dispensador dos tesouros divinos, pode decretar as honras que são devidas aos santos e aplicar indulgências às almas do purgatório, posto que, o que ele atar ou desatar na terra, atado ou desatado ficará no céu (Mt 16, 19; 18, 18).

1384 "Se nada há mais sublime, diz Sauvé (*Le culte* élév. 46), que esse fluxo e refluxo de orações ou de graças que vai do Coração de Jesus à Igreja militante, à triunfante e à padecente, das três Igrejas ao Sagrado Coração de Jesus, e de uma Igreja às outras. Certamente que o aspecto do purgatório não é o menos sublime desse mistério, e é o mais comovedor, posto que ali se sofre ainda mais que neste vale de lágrimas. Poucas almas foram tão imoladas aqui embaixo como Santa Margarida Maria, que dizia, no entanto, que as terríveis impressões nela feitas pela Santidade infinita não era mais que 'uma pequena mostra do que sofrem aquelas pobrezinhas almas'". – Sua dor, maravilhosamente profunda e resignada, comover-nos-á tanto mais quanto melhor participemos do *Coração de Jesus*".

1385 Cf. Santa Gertrudes, *Revelaciones* l. 4, c. 12.

1386 Na *Vida* da V. M. Francisca do Santíssimo Sacramento, tão favorecida com visões dos santos, pode se ver muito bem quanto estes se interessam por nós e em especial pela missão que em vida receberam de Deus. – Assim os apóstolos e doutores lhe encomendavam muitas vezes pedir pelas necessidades da Igreja. – A mesma recomendação lhe fazia Santa Catarina de Sena, como apóstola e doutora, tão interessada sempre numa reforma geral. Os santos fundadores lhe encarregavam de pedir por suas respectivas Ordens; e Santo Tomás de Canterbury, pela conversão da Inglaterra (Lanuza, l. 1, c. 3; l. 3, c. 1 etc.). – Também se pode ver ali (livro 2) os muitos favores, conselhos e alentos que recebia das próprias almas do Purgatório, e como bem lhe agradeciam e pagavam os contínuos sacrifícios que por elas fazia. "Têm, diz ela (*ib.* c. 12), tão grande cuidado de mim, que não sei como retribuir. Quando vêem que estou triste..., vêm me consolar, animar e me chamam de *amiga e benfeitora nossa*. Muito é o que devo às santas almas do Purgatório".

Por isso mesmo, também pedirá o Senhor aos seus ministros e servos infiéis estritíssima conta da má administração de seus tesouros, das graças que puderam aproveitar e fazer frutificar, e por seus descuidos resultaram vãs ou pouco frutuosas; e, enfim, das almas que por sua negligência, imprudência ou culpável ignorância se perderam ou não adiantaram o que deviam, reivindicando de suas mãos o sangue de todos que por sua culpa pereçam[1387]. Ao contrário, recompensará com generosidade divina os servos diligentes e fiéis que souberam fazer frutificar os talentos que lhes tinha confiado. O menor serviço feito à Igreja terá uma recompensa gloriosa, assim como o menor dano merecerá gravíssimos castigos. Não permite o Senhor que à sua santa Esposa olhe alguém com *indiferença*; castigará terrivelmente a todos que não a amem; porque esses odeiam a Ele mesmo, Salvador de todos os homens, que os salva por meio dela. O que à Igreja se faça, faz-se a Ele, que é sua cabeça, e se faz a todos os cristãos, que são seus membros. E aquele que a ela não ama, não pode amar como deve os seus próximos, nem desejar verdadeiramente sua salvação, e assim mostra carecer por completo da caridade divina[1388].

§ III. – A IGREJA COMO JARDIM E COMO TEMPLO VIVO DE DEUS. – A IRRIGAÇÃO E O CULTIVO DAS ALMAS; BENEFÍCIOS QUE UMAS ÀS OUTRAS PRESTAM. – OS OPERÁRIOS DA CASA DE DEUS; A MÍSTICA TORRE DE HERMAS; AS PEDRAS BRUTAS, AS REDONDAS E AS QUEBRADIÇAS; COMO SE LAVRAM TODAS AS DA CELESTIAL JERUSALÉM: OS CONSTRUTORES, AS DECORAÇÕES E O CIMENTO.

Pudemos ver repetidas vezes ao longo desta obra o quanto se compraz o Apóstolo no símbolo *orgânico-antropológico* e como se estende em mostrar a grande diversidade de ministérios que deve haver na Igreja de Deus. De

1387 Cf. Bretano, *Vida de Emmerich* p. 44.

1388 "Não podes ter desejo pela salvação das almas, diz Santa Catarina de Sena (*Epíst*. 33), sem que o tenhas pela santa Igreja; porque ela é o Corpo universal de todas as criaturas que participam do luzeiro da santa Fé... Sendo a Igreja reformada, segue-se o proveito de todo o mundo... Ninguém haverá que com reverência a sirva que não seja bem recompensado mesmo pelo menor serviço".

onde procura deduzir os deveres de todos os fiéis, e com esses toda a moral cristã e todo o progresso da vida espiritual, pois tudo pode se reduzir a esta consideração: "Portai-vos como vivos membros de Cristo, animados por seu Espírito". Não temos porque insistir agora no processo visível dessa mística organização, tendo-o já exposto bastante ao longo do livro I. Convém-nos, no entanto, recordar aqui brevemente alguns dos outros símbolos da Igreja – já que uns aos outros se completam e esclarecem – para que melhor se veja como deve crescer ela em tudo, e quão necessárias lhe são a solidariedade, as mútuas dependências e múltiplas correlações e a perfeita subordinação hierárquica.

No símbolo *sociológico* aparece como um *reino* – o *reino dos céus* ou o *reino de Deus* na terra – onde deve haver um perfeito governo com os correspondentes ministros, e um representante visível do próprio Deus[1389].

No *agrícola* figura como um campo plantado pelo celestial Pai de família, que envia seus operários a cultivá-lo. Nesse campo está a *vinha escolhida* e o *jardim das delícias do Senhor*. E também está a mística *adega dos vinhos*, onde as almas totalmente espirituais se embriagam com aquela divina caridade que ali se lhes ordena. E nesse *campo*, nesse *jardim* e nessa *vinha* há plantas e flores para cuidar, e há quem delas cuide e as cultive. O verdadeiro agricultor e jardineiro é o Pai celestial, que as faz *crescer*; mas mesmo assim envia operários com o poder de plantar e transplantar, enxertar, podar e limpar, regar e prodigalizar outros muitos cuidados a tudo (Jer 1, 10); embora tudo seja, apesar disso, agricultura do Senhor, de quem são também as plantações suas cooperadoras (I Cor 3, 6-9). O justo é sempre como uma árvore plantada junto às correntes das águas (Sl 1, 3; Jer 17, 8).

As almas que pelas flores de sua virtude mais se distinguem, costumam ser transplantadas ao jardim das delícias, para que ali floresçam e frutifiquem com maior frescor e exalem essa celestial fragrância (Eclo 24, 17-23;

1389 *Sic nos existimet homo ut ministros Christi, et dispensatores mysteriorum Dei* (I Cor 4, 1). – *Pro Christo ergo legatione fungimur, tamquam Deo exhortante per nos... An experimentum quaeritis eius, qui loquitur in me Christus?* (II Cor 5, 20; 13, 3).

39, 17-19), que é o *perfume de Cristo*, com que embalsamam o mundo e o preservam de corrupções.

Todas as plantas que crescem e frutificam nesse campo, e sobretudo nesse jardim, são copiosamente regadas com as místicas águas que brotam das fontes do Salvador (Is 12, 13); e elas mesmas, como *associações orgânicas*, protegem-se e fomentam umas às outras. As mais vigorosas cedem algo de seu vigor em proveito das demais, porque o sopro do Espírito Santo, que a todos elas dá vida, assim o distribui em comum benefício.

Daí que algumas plantas do *jardim* sejam levadas ao *campo*, não como descartadas, mas por já serem vistas por Deus – pelo muito que d'Ele participam – como fontes de salvação para as demais. Elas se crêem distantes d'Aquele que apascenta entre os lírios, e não advertem que estão já configuradas com quem é a *Flor dos Campos e o Lírio dos Vales*, que fazem seu ofício salvador, indo viver *entre espinhos...* (Ct 2, 1-2). Ele mesmo, enfim, é a *verdadeira Videira*, em que estão enxertados todos os ramos ou sarmentos que podem produzir fruto (Jo 15, 1-16). Assim voltamos plenamente à perfeita união e solidariedade de uns fiéis com os outros, e de todos eles com o comum tronco, que é nossa divina Cabeça, Jesus Cristo, Filho de Deus vivo. Os sarmentos secos ou estéreis são arrancados e lançados no fogo. E as plantas do jardim que não florescem em abundância para o embelezar e perfumar todo, como indignas de permanecerem ali, são jogadas no campo, onde, privadas de cuidado, estão em grande perigo de se secarem ou serem pasto dos animais... (cf. Is 5, 1-6). E, ao contrário, outras muitas silvestres são transladadas ao jardim para ocupar melhor seu lugar: *Qui habet auris audiendi, audiat* (Lc 8, 8).

Com suma freqüência é a Igreja considerada também como *casa espiritual* ou templo vivo do Espírito Santo, que o vai edificando pouco a pouco para morada de Deus (I Pd 2, 5; I Cor 3, 16; Ef 2, 20-22). O Arquiteto – que a si mesmo se constitui ao mesmo tempo como *pedra fundamental* – é o Verbo humanado, e a Ele se associam muitos operários e outros arquitetos secundários que, sob sua direção e influência, edificam tanto melhor quanto mais se edificam a si mesmos, incorporando outros com Cristo e aderindo eles cada vez mais a essa *Pedra angular*. Todos devem edificar

solidamente sobre o único cimento dos *apóstolos* e dos *profetas* do Senhor, que já formam com Ele uma mesma coisa. E esses apóstolos e profetas subsistem ainda e subsistirão sempre; pois sempre haverá na Igreja quem, por sucessão ministerial e virtude sacramental, herdem o poder apostólico, e sempre haverá também muitas almas cheias de Deus que, por comunicação carismática, herdem, como Eliseu a Elias, o espírito daqueles profetas que tanto abundaram, tão copiosamente enriquecidos se encontravam e tanto influenciaram na comum edificação na primitiva Igreja, onde tantas vezes figuram ao lado dos próprios Apóstolos (Ef 2, 20; 3, 5; 4, 11; I Cor 12, 28). E esses mesmos profetas de Jesus Cristo são hoje mesmo o invisível sustento de sua santa Igreja, enquanto os sucessores dos doze apóstolos, e todos os demais ministros do santuário a apóiam visivelmente. Esses têm a missão de governar; mas os que estão cheios do Espírito Santo – sejam do estado e condição que forem – são os que mais verdadeiramente *edificam*[1390].

Para que o edifício cresça solidamente segundo o plano divino e não haja nele nada que descartar, é preciso que as distintas pedras ocupem o local que lhes pertence, e que para isso se deixem talhar e polir de modo que se ajustem bem e não decaiam, e que ao mesmo tempo se apóiem e adiram mutuamente, suportando-se com paciência e estreitando-se com os laços da paz e o cimento da caridade. Pois só assim pode haver solidez, unidade e beleza[1391]. E só assim também podem ser "co-edificadas as almas – como

---

1390 *Qui autem prophetat, Ecclesiam Dei aedificat* (I Cor 14, 4). Cf. Tauler, *Inst.* c. 26 e 38; *Tr. de l'amour de Dieu* p. 3ª, c. 7, § 5. Sobre essas almas, diz o Beato Suso (*Diál.* 13, 9ª), como sólidas colunas, sustenta Deus sua Igreja: sem elas pereceria o Cristianismo e o mundo inteiro cairia nas redes do demônio.

Esse apoio lhe prestam principalmente aquelas que tão em alto grau possuem certos carismas do divino Espírito, que podem como que transmiti-los a toda uma descendência espiritual (Is 59, 21), formando uma Congregação religiosa que se perpetua para o bem da Cristandade e *edificação* de toda a Igreja. Por isso, os grandes fundadores vão sendo colocados nas colunas do Vaticano, como verdadeiros sustentos do templo de São Pedro.

1391 "Para construir um belo edifício, dizia Nosso Senhor à Santa Maria Madalena de Pazzi (4ª p., c. 11), é preciso que as pedras sejam colocadas umas sobre as outras, que se suportem mutuamente e que sejam unidas entre si por meio de um cimento. Assim, para construir a mística Jerusalém,

pedras vivas – para digna morada de Deus no Espírito Santo, firmemente apoiadas no fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular a Jesus Cristo, em quem toda a edificação *cresce* para templo santo no Senhor" (Ef 2, 20-22).

Hermas – discípulo dos apóstolos – desenvolve admiravelmente essa comparação na famosa visão da *Torre*, que simbolizava a Igreja. Essa torre ia se levantando sobre as águas, edificando-se pouco a pouco sobre Jesus Cristo e os apóstolos, que juntos formam um só fundamento monólito. A construção prosseguirá enquanto durar o mundo, porque este deve acabar ao terminar-se ela[1392]. Para essa obra manda o Senhor seus ministros a buscar novas pedras em pedreiras distantes e inacessíveis, encarregando-lhes de as arrancar, escolher, transportar, talhar e polir bem. E para tudo isso, há operários especiais que vão descartando o inútil e aproveitando o bom. Logo as *Virtudes* vão dando às pedras, já preparadas, o brilho e cor necessários para que possam figurar na construção e fazem que todas entrem pela única *Porta* da mesma Torre. Colocadas em seus respectivos postos, todas essas pedras aparentam encaixar tão bem, que assim fundidas parecem já uma bela construção monolítica, toda brilhante e da mesma cor.

Mas de vez em quando vem o Senhor examinar a obra, e com a vara de sua virtude vai tocando uma a uma todas as pedras. Algumas com essa prova resultam ainda mais finas, mais brilhantes e melhor unidas, de modo que já

é necessário que as almas, que são suas pedras, estejam unidas por meio da paz, e que também se suportem agüentando umas os defeitos das outras".

1392 Viu Hermas (*Pastor* vis. 3, sim. 8-10) que essa misteriosa Torre se edificava sobre as águas, porque a água do batismo é a única fonte da vida e da salvação. Estava construída por pedras quadradas, brancas e perfeitamente unidas, que "representavam os apóstolos, os Bispos, os *didáscalos* (doutores) e os diáconos que desempenharam com pureza seu ministério, e dos quais uns tinham falecido e outros ainda viviam". Logo, outras pedras figuravam os mártires e os fiéis santos. Ao pé da Torre se viam as pedras descartadas por inúteis, que são os falsos fiéis, isto é, os que creram com hipocrisia, sem abandonar suas más obras, os que creram e não perseveraram, e os que, tendo fé, renegaram o Senhor no momento da tribulação. Para esses, diz, não há salvação. Mas entre os santos e os reprovados estão os fiéis que, tendo pecado, desejam se converter; esses, se se converterem logo, serão aceitados na Torre. Mas se esta acaba de se construir antes de que tenham se convertido, já não haverá lugar para eles.

não fica entre elas nenhum sinal de junção nem de contraste ou diversidade de cores. Outras, pelo contrário, desfazem-se e escurecem tanto, que o Senhor manda lançá-las no abismo, como totalmente inúteis. Outras, enfim, por serem mais ou menos finas, decaem ou não se ajustam bem: aparecem descoloridas, manchadas, arredondadas ou com alguma pequena fratura, e o Senhor manda tirá-las dali e pô-las de lado, para ver se depois poderão ser utilizadas. Entrementes, envia a buscar novas pedras muito longe, pelos montes e abismos, e de onde menos se esperava se encontram muitas muito excelentes. Contudo, vendo os ministros que algumas abandonadas dali de perto parecem bastante boas, pedem ao Senhor que lhes permita poli-las e lavrá-las com cuidado, para ver se podem fazê-las servir, sem necessidade de irem para outras em pedreiras distantes. Conseguida a permissão, põem mãos à obra, e logo vêem que as quebradas ou manchadas não são finas. Muitas estalam e se fazem inúteis e outras não são capazes de lustre, mas algumas se deixam lavrar e polir, e, no fim, acabam por valer para algum posto menos importante do interior da Torre.

Ao contrário, as arredondadas costumam ser muito finas, como provadas que estão com a água de muitas tribulações. Mas, como vivas, resultarão em demasia voluntariosas: não querem perder nada de sua natureza boa, e assim é impossível que se ajustem bem e valham para a construção. Mas as encontrando tão finas, esmeram-se os ministros para poli-las com sumo cuidado, e desse modo, ainda que com muito trabalho, conseguem as desgastar e amoldar de modo que, no fim, a maioria delas vem a figurar muito bem na Torre, seja no exterior, seja no interior, e ainda que muito reduzidas de tamanho e em local menos importante, já resistem à provação da vara divina. Mas algumas que nem mesmo se deixam polir e amoldar, mas estalam e se tornam inúteis, têm que ser descartadas definitivamente e lançadas no abismo.

Eis aqui, nessa admirável comparação, representado vivamente o que se passa nas almas que hão de formar essa mística Torre da Igreja, que resiste a todos os embates do século e do inferno; esse templo vivo do Senhor, essa Jerusalém celestial, mansão e Esposa ao mesmo tempo do Cordeiro divino, repleta e radiante de sua eterna claridade. Só à força de golpes,

torturas e pressões é que se preparam dignamente essas pedras vivas para poderem ocupar o lugar designado[1393]. E as que não valem para esse posto, terão que se desgastar mais para se amoldar a outro inferior, sob pena de serem descartadas. As que figuram na parte exterior da Torre, ou seja, nos muros da nova Jerusalém, são ao mesmo tempo as mais lindas e resistentes (Ap 21, 10-24): sofrem todas as provações e golpes sem padecer o menor detrimento, sem se manchar nem mesmo se embaçar. Sofrem porque sua missão é sofrer e proteger, mas os sofrimentos aquilatam sua preciosidade.

A união das pedras é estabelecida pelo Sangue do Cordeiro divino misturado com a caridade e sofrimentos das almas encarregadas de se associarem à sua Paixão: as pedras são todos os fiéis, que virão a ocupar um posto tanto mais importante quanto mais consagrados estejam ao divino serviço, ou mais adornados de virtudes e graças se encontrem; os construtores são os ministros do santuário. "Porque sabe Deus bem edificar e pôr aquilo de que temos necessidade, escrevia Santa Catarina de Sena[1394], vendo que a água não era boa para apertar e misturar a cal e reforçar as pedras, deu-nos por água o sangue de seu Unigênito... Admiremos a inestimável caridade de Deus, que, vendo que a água dos santos profetas não era viva nem nos dava vida, enviou-nos o seu próprio Filho com o poder e virtude de seu amor, e O pôs em nosso edifício como pedra, sem a qual não podíamos viver... E o fez conjuntamente Mestre, servidor e trabalhador desse edifício, e misturou com seu Sangue a cal, de maneira que nada falta para nossa edificação. Portanto, exultemos e nos alegremos, pois temos tão doce Mestre, pedra e trabalhador, e nos fez muro com seu Sangue. E fez esse nosso muro tão forte,

---

1393

Tusionibus, pressuris
Expoliti lapides,
Suis coaptantur locis
Per manus Artificis...

(*Offic. Dedic. Eccles.*)

1394 *Ep.* 34.

que nem os demônios, nem as criaturas, nem o granizo, nem a tempestade, nem o vento poderão movê-lo, se nós não o queremos".

"Para reedificar a mística Jerusalém, diz por sua vez Santa Maria Madalena de Pazzi[1395], vem o Espírito Santo e escolhe diligentes mestres, operários animados e hábeis pedreiros... O arquiteto é o Verbo eterno. Os mestres de obras são os sacerdotes, sem os quais nenhuma pedra pode se colocar. Os operários que continuamente levam os materiais são os confessores, e as pedras que devem servir de ornamentos são os religiosos contemplativos. O cimento que há de uni-las se compõe da cal das santas virgens, da areia dos santos eremitas e do Sangue do Cordeiro imolado. Mas quantos inimigos se levantam para derrubar esse edifício, cuja solidez desafia todos os seus esforços! Se em parte é movido, a culpa não deve se jogar tanto nas pedras como nos pedreiros e na cal... Ai, ai! Pois vossos sacerdotes e vossas esposas, meu Deus, crêem vos honrar amando-se a si mesmos e torpemente se enganam...".

§ IV. – O CRESCIMENTO EM SANTIDADE. – PROGRESSO INTEGRAL. – UMA DIFICULDADE ENGANOSA. – O EMBRIÃO E O ADULTO; O FUNDAMENTO E O EDIFÍCIO; A ÚLTIMA PERFEIÇÃO; A FERMENTAÇÃO DEÍFICA; VITALIDADE CRESCENTE; PRESSÁGIOS DE GRANDES CRESCIMENTOS; A OBRA DO AMOR DIVINO; A PURIFICAÇÃO TOTAL E O CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS. – A EDIFICAÇÃO CONTÍNUA; O TÉRMINO DA TORRE; OS MATERIAIS DESCARTADOS; OS INIMIGOS AJUDANDO. – EM QUE CONSISTE O FALSO E O VERDADEIRO PROGRESSO.

O progresso místico é o único e verdadeiro progresso integral, o único em que a natureza consegue realmente adquirir a plenitude de suas perfeições, ao mesmo tempo que com esplendores divinos se eleva. É um contínuo aumento de vida e de energias em que, crescendo em tudo segundo o verdadeiro Exemplar, podemos chegar à medida do *Homem perfeito*. Com

---

1395 3ª p., c. 4.

esse progresso se explicam todos os que pode haver na Igreja, sem perigo de incorrer nessas aberrações modernas que tratam de reduzi-los a outras tantas séries de contradições e destruições, pois todo progresso real é a crescente manifestação de algum aspecto da vida cristã, que sempre cresce e nunca se destrói ou desmente; e assim no próprio progresso vital ou místico estão encerrados todos. Esse é o princípio, fim e a suprema razão de todos os demais, e o que não seja crescer de algum modo em graça e conhecimento do Filho de Deus, é fugir da luz e da vida, e avançar no caminho das *trevas* ou das *sombras da morte*. Nosso único progresso está em participar cada vez mais da plenitude d'Aquele em que estava desde um princípio a vida que é luz dos homens; d'Aquele que veio a esse mundo para ser o único *caminho* que leva à perfeição do progresso, a única *verdade* que ilumina e liberta, e a única *vida* com que verdadeiramente se vive sem andar nas trevas, mas procedendo como filhos da luz, que fogem das sombras da morte (Rom 13, 12; Ef 5, 8-11).

Crescendo na vida divina, em tudo se cresce, e sem esse crescimento, como não cabe aqui estacionar-se, tudo é retrocesso e degeneração.

No entanto, pensam alguns que, embora todos nós, os membros da Igreja, devamos crescer em vida – o que é o mesmo que em virtude e santidade –, ela não pode neste ponto crescer nem, pelo mesmo motivo, *evoluir* misticamente, já que desde um princípio era *santa*, e que não é de se supor que venha a ter maiores santos nem mais abundância de carismas dos que já teve.

Mas então tampouco poderia crescer em *unidade* e *catolicidade*, já que sempre foi também – pelo menos *virtualiter* – *una* e *católica*. E, no entanto, cresce nisso conforme se estende e se propaga, e conforme, com os grandes progressos orgânicos, estabiliza e estreita os laços de união e solidariedade de todos os membros entre si e com a Cabeça.

Deve crescer *em tudo*, porque sempre deve estar *se edificando* mais e mais. E essa *edificação* se faz principalmente na *caridade* e, portanto, na santidade e justiça. Este é seu fim principal: a progressiva *santificação* de todos os seus membros. O próprio Salvador veio para nos dar a todos – e pelo mesmo motivo ao conjunto do Corpo místico – uma vida cada vez mais

abundante, e pôs na terra o fogo de seu Espírito, desejando que se estendesse e crescesse nela cada vez mais esse divino incêndio. Assim, derramou seu precioso Sangue por amor de sua Igreja, para *santificá-la* e *purificá-la* mais e mais até deixá-la totalmente pura e linda. Por isso, ela mesma pede em suas orações oficiais – por exemplo, na do Beato Gregório X – "receber *sempre* novos *incrementos* de fé e de *santidade*". Aquele que é já santo deve ainda se santificar, e o justo se purificar progressivamente (Ap 22, 21), sem esmorecer nunca em sua justiça (Eclo 7, 17). O ideal cristão não é nenhuma perfeição limitada, mas a verdadeira DEIFICAÇÃO, ou seja, a mais plena assimilação e união com Deus Pai. Para isso devemos buscar nos identificar em certo modo com sua própria santidade infinita, deixando-nos possuir plenamente por seu Espírito de santificação e nos configurando totalmente com seu Verbo humanado.

Conforme for maior o número de membros que, realizando esse ideal grandioso, santificam-se verdadeiramente, claro está que cresce a vida integral, e, portanto, a verdadeira santidade de todo o Corpo místico. Por muito santos que fossem seus primeiros órgãos, que lhe haviam de servir como de base firme para os desenvolvimentos ulteriores, não deixava por isso de ser ainda rudimentar como um *grão de mostarda*, e ao se desenvolver vai desdobrando e manifestando cada vez melhor sua *vitalidade*, que antes de tudo consiste na *santidade* verdadeira. Os primeiros órgãos daquele corpinho por necessidade eram como "embrionários", e estes, por muita vitalidade que tenham e muita atividade que desempenhem, não podem manifestar a plenitude de vida que está ali latente ou condensada, esperando que os novos órgãos apareçam, desenvolvam-se e se diversifiquem segundo o plano vital, para ir em todos esses se manifestando progressivamente. Assim vemos como "crescia a palavra do Senhor" com a criação de novos operários, segundo refere São Lucas (At 6, 7)[1396].

1396 "A instituição dos sete, adverte Rose (*Actes* ib.), é para a Igreja uma *nova fase*: acrescentando sua atividade à dos doze, *aumenta o fervor da própria Igreja* e sua propagação".

Durante todo esse desenvolvimento, sempre vai "se consumando mais e mais a perfeição dos santos nas obras de seu ministério", e sempre vão aparecendo e amadurecendo nessa árvore da vida novos e preciosíssimos frutos de santificação. Já vimos como progrediram as devoções e todos os meios de fomentar o progresso místico[1397] e vimos também como esse íntimo progresso da configuração das almas com o Salvador se traduz no exterior no crescente número de pessoas estigmatizadas. Em cada novo santo bem podemos dizer que aparece uma nova forma de Santidade, e em todos os santos juntos vai sendo cada vez mais completa a manifestação dos tesouros de virtude e vida que estão encerrados em Jesus Cristo[1398].

Assim é como o organismo total da Igreja *vai crescendo em tudo segundo Aquele que é sua Cabeça, de quem todos os órgãos recebem a virtude com que crescem e influenciam uns aos outros, estreitando os laços de união para ir se edificando plenamente em caridade* (Ef 4, 16).

Animado como está pelo Espírito de renovação e santificação, prossegue sempre se *renovando e santificando*, e, como vai crescendo sempre em progressão geométrica, ao desaparecer dele visivelmente algum órgão – alguma *célula* muito vital que se transfigura passando ao estado glorioso –, logo, por uma misteriosa *germinação*, vão aparecendo outros vários que ocupam o lugar vazio e se distribuem os ofícios e virtualidades do que desapareceu (assim como os poderes e carismas dos apóstolos foram por lei vital ficando como repartidos entre os pastores, doutores e profetas), vindo desse modo a se manifestar de uma maneira mais plena, ampla e variada a virtualidade antes condensada no primitivo órgão. E deste modo, com cada renovação vai o organismo adquirindo um aumento de *vida atual*, e,

1397 L. 1.

1398 "A festa de Todos os Santos, dizia conforma a isso o V. Olier (*Lettres* ed. Lecoffre, 2, p. 475), me parece em certo modo maior que a da Páscoa ou da Ascensão, porque esse mistério faz perfeito Nosso Senhor: Jesus, como cabeça, não está perfeito e acabado senão em união com todos os seus membros, que são os santos... É muito gloriosa essa festa, porque manifesta exteriormente a vida oculta do interior de Jesus Cristo. Pois toda a excelência da perfeição dos santos não é mais que uma emanação de seu Espírito, derramado neles".

portanto, de *santidade* verdadeira: *Ut vitam habeant et abundantius habeant.* Por outra parte, esses órgãos que desaparecem visivelmente, por terem se *transfigurado*, não por isso rompem seus laços com o Corpo místico nem deixam de terem influencia nele; antes pelo contrário, então é quando, já perfeitos, influenciam de um modo invisível com suas intercessões e com todo o cúmulo de seus méritos, sem já estorvar em nada nem poder causar o menor desequilíbrio.

Não basta, pois, dizer que "nunca haverá maiores santos que os primitivos nem ninguém que possa se comparar com Jesus Cristo, a Virgem, os apóstolos e os primeiros discípulos", para concluir que a Igreja não progride em santidade nem evolui misticamente. Porque isso seria como reduzir todo o edifício aos seus solidíssimos cimentos; a celestial Jerusalém, às suas portas e seus muros; a frondosa árvore que com suas folhas e maduros frutos embeleza, alegra e deleita toda a terra, ao seu primitivo gérmen ou à simples semente, tão pequena como um "grão de mostarda"; o numeroso rebanho de Jesus Cristo, embelezado com o sangue de tantos mártires e as virtudes de muitíssimos confessores e virgens, ao *pusillus grex* primitivo. Numa palavra: é reduzir todo o lúcido Corpo místico da Igreja, adulto e robusto, com seus variadíssimos órgãos e toda sua diversidade e preciosidade de funções, aos simples membros principais ou embrionários. Como é possível que, conforme foi crescendo o número de membros santos, com as prodigiosas e variadas formas de virtudes heróicas que oferecem, não crescesse realmente a santidade de todo o Corpo? E como é possível que não siga crescendo ainda à medida que aumenta esse número e que vão se curando e purificando os membros enfermos ou manchados, e que todo o organismo fique são e puro, "sem mancha nem ruga"?

Jesus Cristo, único Fundador da Igreja, foi e é sempre a Cabeça de todo esse Corpo místico, que Ele dirige, ordena e mantém unido, e distribui as energias e graças, e vela por sua prosperidade, e com seu Espírito o anima e impele a se desenvolver e crescer em tudo. Conosco está *hoje* como *ontem*, e permanecerá *sempre* (Heb 13, 8), segundo sua promessa: *Vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem saeculi* (Mt 28, 20). Ele deu solidez ao firmíssimo cimento dos apóstolos; mas estes não são toda a Torre ou a

casa santa do Senhor, nem mesmo todo o fundamento: com eles a estão apoiando – sobre a *Pedra angular* – todos os novos apóstolos e profetas no Espírito (Ef 2, 20; 3, 5). Ele concentrou neles e nos primeiros fiéis, como em órgãos embrionários, toda a energia vital ou as *primícias* da virtude de seu Espírito, mas as primícias, ao serem tão estimáveis, não são toda a maturidade, riqueza, variedade e preciosidade dos frutos, e esses primeiros órgãos, tão cheios de vida, por virtude condensada ou potencial que tenham, são muito diferentes do *Organismo perfeito*, com toda essa virtude já atualizada, desdobrada, diversificada e manifestada em toda a prodigiosa variedade de funções que agora vemos, e que ainda se verá melhor no fim dos séculos, quando a frondosa árvore da vida tiver acabado de dar todos os seus frutos terrenos e só lhe reste florescer eternamente[1399]. Nada há nessa árvore que não estivesse já virtualmente contido no gérmen; mas, para crescer e frutificar tanto, foi-lhe preciso assimilar muitas coisas, absorvendo-as e vivificando-as.

1399 Apesar de que a presente economia há de durar sempre, sentença é de Santo Tomás "statum novae legis *diversificari secundum* diversa loca, et *tempora*, et personas, in quantum gratia Spiritus Sancti *perfectius habetur... Tanto est unumquodque perfectius, quanto est ultimo fini propinquius*" (q. 106, a. 4). De onde se deduz que, quanto mais se acerque todo o Corpo da Igreja do fim último – *donec occurramus omnes in virum perfectum* –, tanto mais perfeita irá sendo em tudo, embora dentro da mesma lei da graça. Assim é como, apesar de ter recebido em tanta plenitude o *Espírito de santificação* no dia de Pentecostes, ainda voltou a recebê-lo novamente ao dar um solene testemunho do Salvador (At 4, 31); e sempre seguiu recebendo-O de um modo invisível. E para isso mora e vem morar nela esse soberano Espírito; para *ensiná-la* e *santificá-la* (S. Tomás, in 1 *Cor* 12, lec. 2), *dirigindo-a* continuamente pelos caminhos da verdade e do bem, e derramando novos córregos de graças em toda a diversidade de seus membros. Por isso ela põe esta oração na boca de seus ministros: "Deus, cuius Spiritu *totum Corpus* Ecclesiae *sanctificatur* et *regitur*: exaudi nos pro *universis Ordinibus supplicantes...*" (*Orat pro omni gradu Eccl.*). Replicar-se-á por acaso: "Quem amou Jesus Cristo como os doze apóstolos, como os primeiros mártires e como as primeiras virgens da primitiva Igreja? Onde se voltará a ver aquela auréola do Cristianismo primitivo, quando os fiéis não tinham mais que um só coração e uma só alma e viviam num tipo de êxtase, o êxtase do amor em sua primeira hora?". "É verdade que esse começo é inefável, como todos os do amor. Mas, no entanto, ouço Renan dizer: 'Jesus Cristo é mil vezes mais amado hoje que quando viva', e Havet repetir: 'Jamais se amou Jesus Cristo tanto quanto hoje é amado'". "Há, pois, certo progresso no amor de Jesus Cristo e das almas, e esse progresso muito evidente deve ser quando assim o puderam notar tais cegos" (Bougad, *L'Eglise* p. 231).

O divino *fermento* vai invadindo pouco a pouco a massa da humanidade, e transformando-a em si mesmo; e essa deífica fermentação sempre deve prosseguir em aumento. Aquele que de pedras sabe fazer filhos de Abraão, vai continuamente arrancando-as da pedreira humana, e lavrando-as e fazendo-as vivas, polidas e perfeitas, para ajustá-las na Torre do Reino, onde eternamente brilharão com perfeita santidade e justiça. E até que isso aconteça, a Igreja irá sempre crescendo e progredindo, ainda mais propriamente que Jesus, *sapientia et aetate, et gratia apud Deum et homines*; e, portanto, *in sanctitate et iustitia coram Ipso, omnibus diebus*, dirigindo Ele mesmo nossos pés pelos caminhos da paz, ou seja, da santidade e perfeição (Lc 1, 75-79). Nesses caminhos não temos outra norma, nem outra luz, nem outra energia que a do divino Mestre, que é *caminho*, *verdade* e *vida*, nem outro limite prefixado aos nossos progressos, senão a própria perfeição do Pai celestial, encarnada naquele *Exemplar* que "é esplendor de sua glória e figura de sua substância", cuja glória vimos que era como de verdadeiro Unigênito, "cheio de graça e de verdade" e "de cuja plenitude vamos recebendo todos", "até que seja consumada a perfeição dos santos nas obras de seu ministério e fique todo o Corpo bem organizado ou edificado na caridade".

Mesmo que a santidade dos apóstolos, como fundamentos da Igreja, não chegasse de fato a ser por ninguém superada, não por isso deixaria de seguir crescendo continuamente aquela de todo o Corpo místico, segundo vai se desenvolvendo e se completando *em tudo*. Pois, como dissemos, por uma parte, nesse progresso integral, a Igreja militante forma corpo com a triunfante, e os novos santos se acrescentam à comunhão dos antigos; e por outra, por cada membro ou cada "elemento anatômico" que se transfigura ou se torna glorioso, vemos aparecer de novo dois ou mais que vêm ocupar seu lugar no organismo ainda passível, e desempenhar assim com mais variedade e perfeição suas funções, dividindo-se o trabalho fisiológico. E a *atividade vital*, que com essa contínua e progressiva especialização e repartição de funções entre todos eles desenvolvem, é muito maior e mais plena e perfeita da que um só poderia desenvolver, por muito *concentrada* que a tivesse. Assim, a *atualidade vital*, e, portanto, a verdadeira *santidade atual*, não pode menos

que ir sendo cada vez maior na Igreja, conforme progridem a diferenciação, a especialização e o conseqüente progresso orgânico e fisiológico.

Por isso, Santa Hildegarda[1400] via como esse maravilhoso Corpo da Igreja devia ainda acabar de se desenvolver, completar, aperfeiçoar, purificar e santificar até o fim dos tempos. "Nondum – escreve – ad *fortitudinem constitutionis* suae neque ad *summum nitorem completionis* suae deducta est; quoniam circa tempus filii perditionis, qui mundo errorem inducet, ignitam et sanguinolentam crudelissimae perversitatis angustiam copiosissime in membris suis patietur, per quam calamitatem sanguineis vulneribus *ad perfectum deducta*, prope curret in caelestem Ierusalem". Também o Beato Bernardo de Hoyos[1401] viu em espírito aqueles tempos felizes em que, tendo pleno cumprimento as profecias, "todos os povos sirvam o Senhor". Em outra ocasião lhe foi dado a entender como, com as novas devoções que vão brotando na Igreja, revela-nos o Salvador novos tesouros de sua bondade e novas perfeições suas, que devemos copiar em nós, para podermos nos fazer mais semelhantes a Ele e chegarmos a uma perfeição mais parecida à dos bem-aventurados. Assim refere como lhe manifestou Nosso Senhor a glória que esses teriam "conhecendo e amando aquelas inestimáveis riquezas depositadas nos afetos e movimentos desse deífico Coração; o qual revelava agora para sua Igreja *para que os fiéis formassem seus corações a essa semelhança*, e por isso *mais semelhantes à perfeição dos bem-aventurados*, por haver de aprender *muitas almas* desse divino Coração *uma perfeição mais alta* no amar e padecer".

Conforme a isso, já o próprio São Vicente Ferrer[1402] anunciou como viriam tempos em que grande multidão de cristãos não teria outras palavras nem outros gostos e afetos senão os de Jesus Cristo. E ultimamente, a Beata Ana Maria Taigi – a quem o Beato Pio IX declarou "mulher providencial"

1400 *Scivias* l. 2, visio 3ª.
1401 *Vida* p. 188 e 341.
1402 *Vitae Spirit.* c. 19.

– profetizou para não muito distante um maravilhoso engrandecimento da santa Igreja[1403].

Assim é como a santidade vai sempre aumentando, pelo motivo mesmo que a caridade não pode estar ociosa.

"O amor, observa muito bem o Padre Perreive, não pode viver senão com a condição de ir *crescendo*. Preciso é que cresça, que se eleve, que se fortaleça por alegrias ou por sofrimentos, que se enraíze por sua felicidade, ou mais seguramente ainda aqui embaixo, por suas provações e seus provações; numa palavra, que *progrida e avance sempre* e que aumente a cada passo na grandeza de suas conquistas e de seus dons".

Assim o amor da Esposa de Jesus Cristo sempre vai aumentando e sempre acha novas invenções para comprazer o Amado. Sempre estará *oferecendo-Lhe novas flores de virtude e santidade que em nada renegam as antigas. Por que não deveria haver agora santos tão grandes como os de* qualquer tempo – e se é o caso, ainda maiores – quando o progresso geral da própria Igreja (sobretudo o realizado na disciplina e teologia sacramentais, e no maior conhecimento da Ascética e da Mística e de todo o processo da vida espiritual) facilitou e multiplicou os meios de santificação? Agora, como sempre, está Deus convidando as almas à sua íntima amizade; e na grande facilidade que lhes dá de se purificarem freqüentemente com a Penitência e de se robustecerem e renovarem com a Comunhão diária, oferece-lhes meios eficacíssimos para chegar muito rápido a altíssimos graus de santidade, se querem corresponder às invenções de seu amor e não se fazerem surdas aos seus doces chamados. Saibamos corresponder-Lhe com amor e generosidade, e em nós mesmos saberá Ele realizar maravilhas inauditas,

---

1403 "Depois dessa época efeminada, escrevia também Santa Hildegarda (*Epist.* 94), chegarão tempos varonis. Então se sustentarão grande combates. Os homens não serão já como meninos, que não pensam mais que nos entretenimentos: haverá homens vigorosos. Voltarão a reinar o temor de Deus e a severa disciplina, e muitos leigos viverão como santos. Essa aspiração à santidade persistirá longo tempo. O clero será modelo de todas as virtudes. A saúde, o vigor e a fortaleza reinarão no povo de Deus à tal ponto que se verão numerosos mártires".

pois seus tesouros nunca se esgotam e deles vai fazendo sair novos prodígios com que continuamente renova sua santa Igreja[1404].

"Ó, *Amor desconhecido!*, exclama o Pe. De Caussade[1405]. Dá-se a entender que estão já esgotadas vossas maravilhas, e que não nos resta senão copiar as dos primeiros tempos. Como se vossa ação inesgotável não fosse um perene manancial de novos pensamentos, novos sofrimentos e novas ações, de novos patriarcas, novos profetas, novos apóstolos e novos santos, que não necessitam copiar a vida nem os escritos de seus antecessores, senão viver como eles num perpétuo abandono às vossas operações secretas! De tempos em tempos ouvimos dizer: *Os primeiros séculos: o tempo dos santos!...* Mas, como? Acaso não são todos os tempos uma continuação dos efeitos da operação divina que se renova em todos os instantes para santificá-los? Havia antigamente algum modo de se abandonar a essa ação que não seja próprio de agora? Tiveram os primeiros santos algum segredo especial para o serem, mais que o de se abandonarem em cada instante ao que deles exigia a ação divina? E deixará essa ação de prosseguir até o fim do mundo, derramando sua graça em todos que a ela se abandonam sem reservas?... Se quereis, pois, *pensar*, *escrever* e *viver* como os profetas, os apóstolos e os santos, como eles abandonai-vos à inspiração divina".

***

Assim é como se edificaria grandemente a Casa espiritual de Deus, onde não cabe outro fundamento mais que o estabelecido – que é Jesus

---

1404 "Vivi nos apóstolos, dizia o divino Paráclito à Santa Ângela de Foligno (*Vis.* c. 20), e não me sentiam como tu me sentes. Entra em ti, e sentirás um gozo sem igual: não será o som da minha voz na alma, serei Eu mesmo... Amo com um amor imenso a alma que me ama sem mentira. Se encontrasse numa alma um amor perfeito, a ela faria ainda *maiores graças que aos Santos dos séculos passados*... Deus não pede à alma senão amor... e Ele mesmo é o amor da alma". "Pesai essas últimas palavras, acrescenta a Santa, pesai-as; são profundas... Minha alma compreendia com evidência que n'Ele não há nada que não seja amor. Queixava-se de encontrar agora poucas em quem depositar sua graça, e prometia fazer aos seus novos amigos, se os achasse, *maiores graças que aos antigos*".
1405 *Aband.* l. 2, c. 9.

Cristo com seus apóstolos e profetas – sobre o qual todos nós devemos ir edificando para completar e aperfeiçoar a construção, no que é de nossa parte. Mas temos que olhar bem como edificamos; pois o fogo haverá de provar as obras de cada um. E só aqueles materiais tão nobres que resistam a todas as provas do fogo, poderão ali subsistir. O fogo das tribulações dessa vida irá purificando cada vez mais essa obra; e só permanecerá eternamente nela o que com o próprio fogo do purgatório não sofra já detrimento, mas mais bem adquira novos realces (I Cor 3, 10-15). Assim, pois, durante a existência terrena, o edifício espiritual irá continuamente crescendo, não só em grandeza e magnificência, mas também em esplendores de virtude e santidade.

Somente aí está a razão desta existência passageira: dura ainda a Igreja e resiste a todas as perseguições, porque ainda deve se desenvolver e progredir mais em tudo, e principalmente em santidade. Para isso, Jesus Cristo a fundou, "para a lavar, purificar e santificar mais e mais, a fim de encontrá-la algum dia gloriosa, sem manchas nem rugas nem imperfeição alguma, mas *santa* e *imaculada*" (Ef 5, 26-27). Verdade é que isso não se alcançará plenamente até a glória, mas para poder se reunir toda ali, é preciso que toda ela tenha "consumado seu curso progressivo" (II Tim 4, 7), que se tenha completado o número e a perfeição de todos os seus membros, que todos "estejam se transformando na própria divina imagem, de claridade em claridade" (II Cor 3, 18); e que todos se santifiquem (I Jo 3, 3), para que em todos eles esteja sã, purgada e santificada. E vemos, todavia, como nesse Corpo místico há ainda muitíssimos membros "enfermos, frágeis ou totalmente mortos" (I Cor 11, 30).

Parece mesmo que falta bastante para o pleno cumprimento das profecias acerca da geral efusão dos dons do Espírito, segundo anunciou Joel e começou a se cumprir no cenáculo; e para que cheguem à sua plenitude as comunicações do Espírito Santo e reine a perfeita justiça: *ut impleatur visio et prophetia et stabiliatur iustitia sempiterna*, conforme nos diz Daniel, "adorando a Deus todos os reis e nações" (Sl 71, 11) e reinando em todas as partes a paz e a santidade, segundo os magníficos vaticínios de Isaías.

Mas antes terá que se realizar a "congregação de Israel", e logo todas as nações se congregarão também para servir o Senhor.

Hoje, em vez dessa adoração unânime, mas bem presenciamos a "geral apostasia" anunciada. E vemos a razão tão cheia de orgulho, que se "diviniza a si mesma e se levanta contra todo o divino" (II Tes 2, 3-11).

Mas, não obstante as perseguições e apostasias, o número de católicos segue crescendo em progressão geométrica, e a freqüência de sacramentos e o fervor de muitíssimas almas não deixam de consolar no meio de tantas deserções.

Apesar de tudo, a mística *Torre* irá se levantando incessantemente; e no dia em que termine sua construção, cessando com isso a razão de ser desse mundo, será a consumação geral. Os servos diligentes serão constituídos sobre os bens do Senhor; as virgens, preparadas com o óleo da caridade, entrarão com o Esposo nas bodas eternas; os descuidados e as não preparadas se queixaram de fora e serão lançados nas "trevas exteriores".

Nossos inimigos nos perseguem com fúria crescente. E, crendo nos prejudicar, não fazem mais que trabalhar, sem se darem conta na construção da casa de Deus. Eles contribuem para lavrar e polir bem as pedras úteis e fazem que mais rápido quebrem e sejam descartadas as inúteis. Se inutilizam as de uma nação, excitam o zelo dos operários evangélicos para irem mais longe buscar pedras melhores. Se algumas nações se fazem indignas do reino de Deus, delas "será tirado e se dará a outros povos que dêem frutos dignos de penitência" (Mt 21, 43): verdade terrível para muitos povos da Europa!

Mas também muitas vezes castiga Deus seu povo pela mão dos inimigos. E os castigados e corrigidos serão filhos muito amados que entram na glória de Deus Pai, enquanto os verdugos serão simples "varas de sua indignação", que depois não valem senão para o fogo (Is 10, 5-27; Jer 48, 17). O sangue dos mártires está pedindo vingança, mas devem aguardar que se complete o número de seus irmãos (Ap 6, 10-11).

Então aparecerá o sinal do Filho do homem, que vem renovar todas as coisas e dar a cada qual segundo seu merecido...

***

Assim parará o falso progresso, tão cacarejado pela razão presunçosa, que, por não reconhecer ninguém acima de si, fecha os olhos diante do foco de luz e de vida, Jesus Cristo, Salvador nosso, em quem está a perfeição e consumação de todas as coisas. Então, ao ver reinando com Ele os justos, será o clamor dos ímpios: *Nós, os insensatos, acreditávamos que sua vida era uma loucura e seu fim desonroso. E eis aqui como são contados entre os filhos de Deus!... Logo erramos o caminho da verdade e a luz da justiça não nos iluminou* (Sab 5, 4-6).

Hoje, entretanto, os "insensatos" aos olhos do mundo vão "crescendo em graça e conhecimento de Nosso Senhor e Salvador" (II Pd 3, 18); e "saboreando e vendo quão suave é", podem já dizer confiantes: "Tal caridade nos mostrou o Pai, que nos chamamos filhos seus e realmente o somos. O mundo não nos conhece, porque tampouco conhece a Ele. Mas já desde agora somos filhos de Deus, embora não apareceu ainda o que seremos; quando aparecer, seremos semelhantes a ele, pois o veremos tal qual é. E *todos* os que têm n'Ele esta esperança, *santificam-se* para serem, como Ele, *santos*" (I Jo 3, 1-3).

***

Santifiquemo-nos, pois, *na Verdade*, seguindo fielmente as moções e inspirações do amoroso *Espírito de adoção e santificação*. Assim contribuiremos eficazmente para a *edificação* da santa Igreja, *crescendo em todo tipo de perfeições*, segundo Jesus Cristo, nossa Cabeça, *de quem todo o corpo recebe, por suas junturas e articulações, as influências necessárias para crescer em aumento de Deus* (Col 2, 19).

Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro
e impressa pela Gráfica Rotaplan em offset sobre papel Pólen
Soft 70g para a Editora CDB em agosto de 2019

SCHOLA DOMINICI SERVITII

SCHOLA DOMINICI SERVITII